
SERIE COMPLETA
East Valley
DEISY MONTEIRO

DEISY MONTEIRO

bOX

EAST VALLEY

SÉRIE EAST VALLEY COMPLETA

COPIRRAITE © 2016-2090

DEISY MONTEIRO

Coordenação Editorial

Deisy Monteiro

Revisão

João Garcia

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de um revisor, que poderá citar breves passagens incorporadas em artigos críticos ou em uma revisão.

Nomes de marca registrada aparecem ao longo deste livro. Ao invés de usar um símbolo de marca registrada com cada ocorrência de um nome de marca registrada, os nomes são usados de maneira editorial, sem intenção de violação de marca comercial do respectivo proprietário.

As informações contidas neste livro são distribuídas "como estão", sem garantia.

Embora toda precaução tenha sido tomada na preparação deste trabalho, nem o autor nem a editora terá qualquer responsabilidade perante qualquer pessoa ou entidade com respeito a qualquer perda ou dano causado (ou supostamente causados) direta ou indiretamente pela informação contida neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Revisado conforme novo acordo ortográfico.

Sumário

bOX EAST VALLEY

COPIRRAITE © 2016-2090
DEISY MONTEIRO
Sumário

Romance EM EAST VALLEY

Dedicatória
Prólogo
Reencontros
Sorrisos e Café
Nicholas
Primeiro dia em East Valley
Páginas Para Ele
Monólogos
Como Estranhos
Pouco Rebelde
Livin’on a Prayer
Roubado Conta Como Beijo?
Prometa-me
Areia e Água
Sempre Intenso
Meu Melhor Segredo
Estado de Choque
Discutir a Relação
Vista das Montanhas
Doce Claridade
Sem mais Brigas?

Apenas Três Palavras
Devo Escolher?
Enquanto chove
Tudo Tem Sua Primeira Vez
Sabores das Doces Mordidas
Então é ela?
Como Amo Dançar
Chame de Paraíso
Manhã de Descobertas
Alguém Me Ajude
Verdadeira Face
Somente Romance
Para Todo Lado
Número Desconhecido
Simplesmente Ele
Temores Noturnos
Algumas Notícias
Água Mole...
Dias de Liberdade
Recomeço Bagunceiro
Mais Que Nós Dois
Ametistas e Safiras
Amo Meu Trabalho
Nuvem De Organza
Check List
Beijo com Chocolate
Cores Neutras
Jantar para Casais
Eis a Felicidade
A terra dos lençóis
Chamada Final
Insuportáveis Sons
Sonhos Indistinguíveis
Últimas Palavras

Final Alternativo

Sons insuportáveis
Sonho Indistinguível
Últimas palavras
Sob o sol de East Valley

RecomeçO EM EAST VALLEY

COPIRRAITE © 2016
Dedicatória
Prólogo
Os diamantes são frios
Meu primeiro beijo
Diamantes partidos
Pasto de homens
Primeiro dia em East Valley
Ninguém é de ferro
Dois Frappuccinos, por favor!
Duas da manhã
Morna como um abraço
Livin’on a Prayer
Um abraço para mim
Mas o que são os sonhos?
Lidando com maus sinais
Tudo em Família
Um plano perfeito
Castelo de Cartas
Luzes Indianas
Verdades imperfeitas
Linhas Brancas
O 13 da meia noite
Amor amigo
De volta ao ciclo
Adorável distração
Pés sob pés
Dança perigosa
Más palavras

Faces da mesma emoção
Primeira Tentativa
Somos Adultos
Bela Adormecida
Cape cod
Faça-me voar
Rainha má
Valsa à italiana
Não era ele
Uma única lágrima
Trégua e paz
Adeus aos fios
Negócios pendentes
Somente romance
Apaixone-se por mim
Dois dias
Além de você
Uma dose de fé
Esta sou eu
Primeiro encontro
Água mole em pedra dura
Adeus finalmente
Idas e vindas
Primeiros novos passos
1+1=2
Listas
Vivendo à espera
Cristalizado
O grande dia
DEISY MONTEIRO

Renascer EM EAST VALLEY

COPIRRAITE © 2016
Dedicatória
Prólogo
Espero-te na eternidade
Uma força descomunal
Canção de ninar

Uma voz conhecida
Apenas o silêncio
Corra, querido. Corra!
Começamos errado
Uma luz no fim do túnel
Uma aceno para minha alma
Excesso de irritação
Uma menina perfeita
Uma sugestão desastrosa
Tudo tem uma explicação
Mas que droga aconteceu?
Alguns muros derrubados
Por trás da máscara
Se tudo fosse mais simples
Quando as máscaras caem
Como se fosse real
Confusão de sentimentos
Reminiscências
Um dia para falar de saudade
Pequenas notícias, enormes alegrias
Algumas mudanças necessárias
Ainda te sinto aqui
Teorias sem sentido
Teorias sem sentido esquecidas
Um ponto final na história
Uma visão do escuro

Quebrando os hábitos?
Concede-me a honra desta contradança?
Por que me importo tanto?
Aquela sensação estranha
Eu não queria te deixar
Finalmente
Isso foi uma chantagem
Um beijo não evoca nada
Uma visão da inocência
Uma nova luz sobre a verdade
Memórias nunca morrem
Que não seja isso!
Construindo barreiras
Soluções iniciais
Esperanças frustradas
Talvez tenha sido engano
Uma manhã ligeiramente diferente
Uma festa peculiar
Uma comemoração encerrada
Corpos sem controle
O meu olhar azul perdido
Irreconhecível
Quando tudo mudou?
Uma estátua sem vida
Mais um dia no esquecimento
Primeiras verdades perfeitas
Do que você tem medo?

Um adeus definitivo
Uma verdade esquecida
Culpados revelados
As palavras não ouvidas
Uma visão do passado
Não quebre sua promessa
Um dia a cada vez
Caminho de volta
O que eu sinto?
Eterna em minhas lembranças
Epílogo
Para sempre ela
Para sempre ele
Para sempre nós

Redenção EM EAST VALLEY

DEDICATÓRIA
PRÓLOGO
APACHE WELLS
OPS, FOI MAL
EU SOU DO MAL
SÓ MAIS UMA PROVOCAÇÃO
CAFÉ COM LEITE
OLÁ, BRASILEIRO!
ISSO É VIDA
E QUANDO A NOITE TERMINA?
SEM CONFUSÃO, PLEASE
UM SHOW PARTICULAR
EU PRECISO DE AJUDA!
SEM BRIGAS, OK? OK.
EU NÃO SEI AMAR E NEM VOCÊ
BACARTI 151
UM MENINO QUEBRADO
BEM VINDO AO TIME
EU FUI MÃE DE UMA ESTRELA
ELE ME ACHOU
ELA AINDA É A MAIS BELA
ADEUS, MENINO QUEBRADO
NALGUM LUGAR EM GLENDALE
ALGUMAS PISTAS
CIAO, AMICCI!
ADEUS, EAST VALLEY

EU VOLTEI POR ELE
MINHA HISTÓRIA
LA MIA BELLA
ESTRANHA SENSAÇÃO
É, EU SEI, SOMOS QUENTES
OUTRA VEZ INTERROMPIDOS
SAI DAQUI (MENTALMENTE)
EU ESTOU EM SEUS RETRATOS
PORTRAIT EM TINTA D'ÁGUA
EU JÁ SEI O QUE SINTO
LAÇOS DE SANGUE
PROMESSAS FALSAS
O FIM DE UM SONHO?
NÃO É O FIM, NÃO AINDA!
ESCAPADA
PLANOS, MUITOS PLANOS...
SÓ UMA DISCUSSÃO A MAIS
EU FALEI QUE IA TE ACHAR
MAIS PLANOS AINDA
DIA D: FUGA
DIA D: CAPTURA
DIA D: A ARTE DA GUERRA
DIA D: CAÇADA
DIA D: FIM DA LINHA
UM ABRAÇO APÓS TUDO
DIAS DE CALMA
O LUGAR A QUE PERTENÇO
EPÍLOGO
ATÉ A VISTA, EAST VALLEY

Adeus EM EAST VALLEY

Dedicatória
Prólogo
Ela é um sonho
Manhã seguinte
Um dia sem sol
Um abraço feliz
Pequeno desastre
Promessas
Quebrando regras
Visitante indesejada
Desastre ambulante
Uma garota fugida
Onde é meu lar?

Amores que doem
Tratamento de gelo
Cumplices e rivais
Mudança de cenário
Emergência
Péssimas notícias
De volta para casa
Madrugada
Não chore por mim
Pedidos de ajuda
Laços reatados
Especialistas
Possíveis esperanças
Você é importante
Paredes brancas e frias
Triste partida
Uma nova esperança
Estou com você
Epílogo
Bônus

SOBRE A AUTORA

DEISY MONTEIRO

Romance

EM EAST VALLEY

EMILY

LIVRO I

Dedicatória

Dedico este escrito ao poderoso Deus que me tem mostrado como é bom estar em suas mãos, ainda que eu esteja sempre falhando, e pelo seu poder redentor. Ao meu amado, João Garcia, por ter me dado a grande honra de chamá-lo de meu. Aos meus amados leitores, eu escrevi este livro, cada linha dele, para ser lido por ti, espero que aprecie.

Aquilo que provamos quando estamos apaixonados talvez seja o nosso estado normal. O amor mostra ao homem como é que ele deveria ser sempre.

ANTON TCHEKHOV.

P rólogo

— Fica comigo... Fica comigo...

Ela olhava para mim, e não dizia nada... Eu não queria que ela dissesse nada, ela nem precisava dizer nada... Só precisava continuar comigo... Com aquele jeito de anjo que não sujou as asas ao passar pelo mundo...

— Emily, eu a amo.

Eu disse, esperando não ser tarde demais. De nada adiantou... Ela era tudo que eu queria...

Ela era tudo.

Reencontros

Quando desembarquei no aeroporto eu quase não sabia o que esperar para meu futuro. Tudo parecia estranhamente novo. Eu estava pela primeira vez por conta própria no mundo. Quando digo – por conta própria – é porque ainda tenho o meu irmão, James Carter. Sempre que tenho um problema, é para ele que corro, e ninguém mais. Ele é meu norte, e em toda minha vida, sempre me ajudou em tudo que eu precisei fazer. Ele se desdobrava em dois para que eu tivesse tempo livre para aproveitar todos os meus momentos, a cada fase da minha vida.

Quando estudava, James contraiu muitas dívidas de financiamento estudantil. Essas dívidas da época da faculdade que James trabalhava muito, quase vinte e quatro horas por dia para pagar, foram o motivo de ele ter me deixado “solta” no mundo. Então, ele ficou em Yellowstone Hill, nossa antiga cidade. Eu até estou acostumada com mudanças, já foram tantas, e agora estou aqui, chegando nessa nova cidade, nova para mim pelo menos. Eu acabei de ganhar uma bolsa para estudar na East Valley College, a Universidade particular mais importante da cidade de East Valley e do sudoeste dos Estados Unidos. Quando minhas notas me aprovaram para o programa de gratuidade deles, eu mal acreditei, corri para contar para James.

Desde que perdemos nossos pais, num acidente de carro, James cuidou de mim. Ele tinha pouco mais de vinte e dois anos e eu tinha apenas dez. Lembro-me que ele se virava como podia para não nos deixar faltar nada. Eu ainda estudava, por consequência, passava toda a manhã e parte da tarde na escola pública de tempo integral. Depois de algum tempo de batalha com a assistência social, para que ele não perdesse minha guarda, finalmente James conseguiu arrumar um trabalho com uma remuneração adequada ao perfil que eles exigiam.

Ainda não dava para folgar no orçamento, mas tinha suas vantagens, era mais perto da minha escola, assim ele me buscava sempre que acabavam minhas aulas.

Durante as manhãs, James ia à faculdade local. Ele estudava com muito foco, estava se graduando em direito e logo se tornaria um grande advogado. Quando ele saía da faculdade, ao meio dia, ele já ia direto para o novo trabalho de auxiliar de cozinha. E era de lá, do restaurante onde ele trabalhava no período vespertino, que ele me pegava na saída da escola. Ainda lembro que, quando eu chegava ao trabalho dele, ficava escondida entre as prateleiras de panelas, fazendo minhas tarefas e lendo os livros que James pedia que eu lesse. Tenho a lembrança vívida em mim do sotaque do cozinheiro não sei de que país, o calor do ambiente, a união de todos os cheiros e temperos, o modo pesado como meu irmão trabalhava, o modo como ele, mesmo cansado, sempre checava meu progresso nas atividades.

— Faça seus deveres, Emily, na nossa casa nunca aceitaremos qualquer nota menor que... – James vinha até mim com sorriso e suor das panelas quentes estampados no rosto, e sempre esperava que eu completasse a frase.

— Dez! – eu dizia e, me via refletida no carinho dos seus olhos azuis superprotetores.

— Isso mesmo, Emily – ele me dava um beijo no alto da cabeça, me ajudava a corrigir qualquer erro que porventura eu houvesse cometido na

atividade, e voltava ao trabalho.

Eu ficava alí, distraída estudando, eu sabia que era isso que ele queria de mim, que eu estudasse e fosse o melhor que eu pudesse ser no futuro, e eu o seria por ele.

Quando o restaurante fechava, nós íamos caminhando até a nossa casa. Meu irmão levava uma parte do que não era vendido para comermos, algumas vezes, se tudo era vendido, ele levava das sobras. Quando chegávamos, sempre tarde da noite, eu já estava cansada, então tinha energia apenas para jantar, tomar um banho, e de vez em quando assistir um pouco de TV (ainda que eu sempre acabasse caindo no sono no meio do programa).

Quando já na minha cama, eu acordava na madrugada, com saudade dos meus pais ou por algum pesadelo, eu ia pé após pé, bem devagar, até a sala. Do corredor mal iluminado, eu ficava observando James estudando até muito tarde, até meus olhos pesarem de sono outra vez, e ele me encontrasse dormindo no corredor e me carregasse até minha cama. Eu guardei aquela imagem para mim, ele sempre estaria ali, incansável e firme, como uma rocha, e nele eu poderia sempre me apoiar.

Aos meus dez anos eu não compreendia metade de tudo que estava acontecendo, mas já entendia que meu irmão era meu herói, e sem ele, eu não estaria aqui hoje.

Quando formado, James e três amigos: Eric, Nicholas e Matheo, juntos fundaram um pequeno escritório de advocacia. Mesmo com todas as dificuldades que eles encontraram no começo, ninguém ousou desistir, e logo, os casos que o escritório ganhava tornaram-se notórios. Fazendo o pequeno escritório de esquina de antes, despontar para um prédio de quatro andares que hoje se mantinha entre as principais referências em direito comercial e cível, de toda cidade de Yellowstone Hill.

Foi só depois que ele se tornou um advogado reconhecidamente bem-sucedido que as coisas, finalmente, começaram a mudar. Começando pela casa, não éramos mais obrigados a mudar de endereço sempre que não tínhamos mais condição de pagar, ou atrasávamos o aluguel. Também não trazíamos mais as sobras do restaurante para casa.

James comprou uma casa grande o suficiente para nós dois. Ele sempre me prometeu que eu teria um quarto enorme lilás e branco, um closet de princesa, além de uma cama com dossel, e cumpriu tudo fielmente. Eu sentiria tanta falta daquele lugar...

Dessa vez minha mudança de casa não seria tão difícil como nas primeiras vezes (por falta de opção), nem tão feliz quanto da vez que fomos para uma casa própria (que era finalmente nossa). Ainda assim, a mudança desta vez era diferente, eu estava mudando sozinha.

Como me recusei firmemente a morar na república da faculdade, pois eu

não conseguiria concentrar-me em meus estudos se ficasse rodeada de meninas de irmandades e afins, e a outra solução era eu morar em um apartamento alugado pelo meu irmão (e eu me recusava veementemente a aumentar mais ainda o trabalho dele); decidimos, quer dizer, na verdade eu decidi que iria morar com o melhor amigo dele, Nicholas, por um tempo.

Nicholas era um daqueles caras para quem meu irmão sempre pedia dinheiro quando estávamos sendo despejados, quando eu precisava de um remédio ou de uma consulta médica. Os dois se conheceram na faculdade, e ele era um dos sócios da Prime Advogados e Associados, ou seja, um dos amigos que trabalhava com meu irmão, mas que recentemente veio trabalhar na expansão do escritório de East Valley.

— Olha só! Como você cresceu!

Fui interrompida dos meus pensamentos quando vi o sorriso de Nicholas. Levantei da poltrona do saguão do aeroporto onde estava sentada esperando por ele, e Nicholas prontamente me deu um abraço de urso. Eu não pude me conter e sorri junto.

— Quando te vi pela ultima vez você parecia menos chato – brinquei apontando para o terno e gravata que ele usava – você parece muito sério nesses trajes.

— E você era menos insuportável – replicou não tirando o sorriso do rosto — você tinha quantos anos mesmo?

— Dezoito na época, mas agora eu já tenho 20, então é lógico que eu tinha que mudar pelo menos alguma coisa.

Ele fez uma careta e um gesto exasperado, disse irônico.

— Vinte anos, eu quase consigo ver uma ruga no canto dos teus olhos, você está ficando muito velha.

Eu, no fundo, sabia que Nicholas estava brincando, mas não pude parar de me preocupar, e ergui minha mão até o canto dos olhos, procurando a tal ruga; o que só o fez sorrir mais.

— Vamos indo – ele disse – aposto que você quer descansar. E eu ainda tenho uma audiência hoje às três horas, então não podemos demorar muito tempo por aqui.

Eu olhei para o relógio, era ainda uma da tarde.

Morrendo de fome, sono e sede, eu peguei minha bolsa enquanto Nicholas pegou o carrinho com minha bagagem e foi empurrando, enquanto eu o acompanhava. Ele me observava de vez em quando para ter certeza que eu não tinha me perdido, e eu não podia deixar de comparar o Nicholas da minha mente com o Nicholas que estava ali na minha frente.

Em primeiro lugar, finalmente ele tinha cortado o cabelo louro comprido que ele insistentemente prendia num rabo de cavalo, por um corte mais na altura dos olhos. Isso o fez parecer um pouco mais sério, e não mais um baterista de banda de rock ou surfista. Talvez as roupas de agora ajudassem também. E com certeza ele estava malhando um pouco, pois agora ele tinha um porte mais elegante, eu quase conseguia distinguir os músculos do braço dele flexionando sob o tecido da manga do blazer enquanto ele levava minhas malas. Muitas coisas passaram por mim nesse momento, e bem, eu não sei, mas ele parecia de certo modo – diferente.

Chegamos ao carro dele, que deve ter percebido no tom verde-de-fome da minha pele o que estava acontecendo. Assim que eu entrei no veículo, ele disse:
— Um minuto, não saia daqui, não abra a porta para ninguém, e me espere – ele fechou a porta do carro.

— Tudo bem – falei feito uma tola para o nada, ele já tinha ido, e eu aguardei sua volta.

Alguns minutos depois ele voltava com um saco de papel e o estendeu para mim.

— Aqui, coma isso antes de desmaiar.

Eu já ia revidar e dizer que eu não precisava, e que eu poderia aguentar mais um pouco para comer apenas em casa, mas ao abrir o pacote e ver batata frita e um milk-shake, a minha língua travou, e quando provei do lanche, meu estomago sorriu comigo.

— Ovomaltine ainda é seu favorito? – me perguntou enquanto me olhava pelo retrovisor do carro.

— Sim – falei de boca cheia sem me preocupar nem um pouco com educação – ainda lembra?

Ele me encarou por um minuto antes de virar para pegar o volante e acelerando respondeu ironicamente – Até parece que eu já tenho rugas iguais as tuas.

Nós dois sorrimos. East Valley parecia ser uma cidade calma. A maioria dos prédios era de tijolinhos vermelhos, me fazendo pensar muito em sua idade apesar da aparência conservada deles. Havia alguns arranha céus cujas janelas refletiam o céu da cidade também, e de algum modo, eles se encaixavam na paisagem. Além de muitas árvores, muita gente, e um sol tímido que apesar de estar a pino, não agredia a pele, pois o clima automaticamente ficava agradável com tantas árvores e vento.

Quando chegamos ao apartamento dele, fiquei boquiaberta. Não, o apartamento não era imenso, de luxo, ou finamente decorado como uma casa de um milionário, apesar de eu ver varias peças de bom gosto ali. É que o apartamento tinha uma vista absurdamente linda para o parque da cidade, e janelas imensas que me faziam ter a sensação de que eu poderia mergulhar no espaço. Logo me vi aproveitando cada centímetro daquela vista para desenhar. A decoração do lugar era tipicamente masculina, com um ou outro toque de cor. Havia dois quartos grandes no apartamento. Nicholas levou minhas malas para aquele que seria o meu, me mostrou o banheiro, o escritório, e me autorizou a utilizá-lo para meus estudos.

— Tem sorvete na geladeira e algumas comidas congeladas – ele disse se desculpando – eu não tive tempo ainda para comprar muita coisa, mas amanhã nós podemos fazer compras, tudo bem?

Acenei com a cabeça em concordância.

— Boa menina! – só faltou ele bagunçar meu cabelo como se eu fosse uma filhotinha – tenta descansar um pouco. Eu tenho que ir agora para o fórum, não vá se aventurar ainda, por favor.

Fiz outra vez que sim com a cabeça, apesar de não ter sido uma pergunta.

— O que foi? Ficou muda agora? – agora sim foi uma pergunta.

— Não, bobo, é que eu tenho que te agradecer, por tudo, e especialmente por me deixar ficar aqui.

Nicholas voltou da porta do apartamento, onde ele já estava, até onde eu estava parada e pegou minhas mãos. Alí, de frente para mim, ele parecia tão enorme, sei lá, realmente alto. Nicholas olhou para mim por alguns segundos e falou: — Veja bem, você sabe o quanto eu gosto de você e do seu irmão, na verdade eu os admiro muito – respirou fundo, tornou a falar – eu sei que vai ser um pouco difícil para você se encaixar no começo, e para mim também, mas saiba que pode contar comigo para tudo, eu prezo muito pela tua felicidade, e a gente vai fazer isso aqui funcionar – ele disse soltando minhas mãos e acenando para o local e para nós dois.

— Eu sei disso, eu só quero agradecer assim mesmo.

— Eu sei, agora vai descansar, você parece exausta.

Sim, eu precisava urgentemente descansar. Nicholas me mostrou onde tinha uma chave extra e sorriu antes de desaparecer pela porta que trancou. Eu fui, às pressas, tomar um belo de um banho, depois me joguei na cama de casal branca e quentinha do quarto que ele tinha apontado como meu, onde descansei. Por algum motivo, sonhei com os olhos castanhos de Nicholas encarando os meus olhos azuis na sala. No sonho, no entanto, ele não saia pela porta dizendo adeus.

Sorrisos e Café

Só quando a luz do sol invadiu o quarto na manhã seguinte, pude perceber quão cansada eu realmente estava, afinal, dormira desde o fim da tarde de ontem até a manhã de hoje. Sem querer perder mais tempo. Levantei-me e fui ao banheiro, levando algumas coisinhas que eu precisaria para fazer a minha higiene.

Apressei-me, eu não queria encontrar Nicholas no caminho, pois com certeza eu estava devastada. Afinal de contas, sabia bem como meu cabelo ficava pela manhã. Ao alcançar o banheiro no fim do corredor entrei e fechei a porta. Eu conseguia ouvir a voz de Nicholas falando com alguém ao telefone, felizmente não fui pega.

Como ainda eram sete da manhã eu teria bastante tempo para dar uma organizada no meu cabelo, passar uma maquiagem para disfarçar meu rosto inchado de tanto dormir, e dali ir às compras, depois para a faculdade terminar os tramites da minha matricula.

Banho tomado, dentes limpos e o meu cabelo longo e preto finalmente organizado com pomada e muita paciência, terminei de me vestir e fui à sala. Finalmente podendo apreciar a decoração que ontem eu não percebi por que eu estava muito focada na paisagem.

Aqui tinha uma impressão de Nicholas em quase tudo, desde o linóleo que revestia o piso de madeira, até a escolha da pintura da laje nervurada, tudo se tornava uma extensão realmente da sua personalidade, grave e leve ao mesmo tempo, forte e sofisticada.

Dois grandes sofás de cor cinza em “L” estavam virados para uma parede coberta de pastilhas vítreas negras. De um painel falso que se abria na parede, eu podia notar que se revelava uma tela para que o projetor pudesse ter uma superfície lisa para lançar a imagem. Sobre mesa de centro tinham alguns vasos leves feitos de algum metal avermelhado que eu julgava ser cobre; além de um cinzeiro e um isqueiro prateado, dispostos elegantemente. Eu sabia que Nicholas não fumava e me perguntava para quem aquilo estaria posicionado.

Também na parede principal por trás dos sofás, via-se desde a entrada do apartamento e até a grande janela ornada de cortinas de linho, uma enorme estante de madeira castanha, que ia do chão ao teto, repleta de livros que em sua maioria, eu podia imaginar, eram de direito e afins. Aproximei-me dela para observar, e que grata surpresa, ali não havia apenas livros técnicos, mas também tinha alguns títulos discrepantes, romances e poesias. Sendo mais exata, as lombadas dos livros me revelavam títulos tais como: Valsa nº 06, de Nelson Rodrigues, O livro dele, de Florbela Espanca; acho que todos os títulos de José de Alencar, além de uma coletânea de poesias que passava por autores nacionais e internacionais. Era uma coleção que verdadeiramente causava inveja.

Próximo à janela, uma poltrona Eames Lounge Chair incrível, de couro marrom com base em madeira, convidava para um descanso, e eu não conseguia parar de me perguntar se era tão macia e confortável ao sentar quanto parecia.

A cozinha e a sala eram integradas, todos os armários tinham tons de madeiras castanhas que contrastavam com as paredes claras. Finalmente vi Nicholas, depois de ficar vendo tantos detalhes feito uma boba. Ele ainda não havia notado minha presença, ocupado como estava. Ele estava a dispor algumas travessas repletas de frios e pães, sucos e café sobre a mesa de jantar.

Com certeza ele não tinha feito nada daquilo, por que eu vi as embalagens de uma padaria jogadas de qualquer modo sobre o canto da cozinha, mas não quis comentar, apenas puxei um sorriso e o interrompi, fazendo-o quase derrubar a bandeja que ele segurava.

— Bom dia! – aproximei-me por trás dele, e falei num tom elevado, com o susto ele virou-se, sorrindo e com os olhos abertos demais, e eu sorri de volta inocente.

— Bom dia – ele cumprimentou de volta e me apontou a cadeira para que eu sentasse, enquanto sentava-se do outro lado da mesa. Feito isso, começou a discorrer sobre as tarefas do dia enquanto eu saboreava deliciosos sanduíches preparados por um estranho, mas que ele teve o trabalho de comprar.

— Então Emily – ele começou – como disse ontem, a gente bem que pode ir agora pela manhã ao supermercado, comprar coisas para você. Tenho que ser sincero, eu não estava preparado para você vir morar aqui, então não sei quais coisas você gosta; e também tem essas coisas de menina que você precisa ter a partir de agora no banheiro de casa. Podemos ir juntos.

Continuou – E depois almoçaremos e partimos direto para sua faculdade terminar de preencher a sua papelada, depois nós dois voltaremos para casa, e vou direto para a cama, por que não consegui dormir direito ontem.

— O que houve? – perguntei enquanto engolia um pedaço do sanduíche, que por sinal, estava muito bom.

— Resumindo tudo, foi mais complicado lá do que eu achei que seria. Eles encontraram uma testemunha que foi aceita pelo júri, e cujo testemunho era bastante relevante, e eu só pude conseguir que a audiência fosse adiada, enquanto preparava novas perguntas para invalidar a tal.

— Tenho certeza que você foi excelente – eu disse — não deveria se martirizar por isso, são ossos do trabalho, e se estiver cansado demais, pode descansar hoje, eu consigo fazer isso tudo que você disse e ainda chego a tempo de fazer o almoço.

Nicholas tentou, mas não conseguiu disfarçar o sorriso, acho até que queimou os lábios com o café que estava tomando. Depois falou irônico.

— Você não sabe cozinhar.

— Claro que eu sei – disse meio ofendida, meio rindo – não se esqueça de que, nem sempre eu e James, tivemos empregada.

— Não é sobre isso, é que você sinceramente não tem jeito que sabe lidar com nada da cozinha – ele disse e não retirava o sorriso presunçoso do rosto.

— Por quê? Tenho cara de inútil?

— Desculpe, eu não quis te ofender – Nicholas disse um pouco embaraçado, um pouco se desculpando e um pouco incrédulo ainda.

— Não ofendeu, eu menti – mas completei – é só uma das muitas coisas que você não sabe sobre mim, senhor Nicholas Theodoridis.

Nicholas ficou sem reação por um minuto. Preso pelo meu movimento, enquanto eu levava de um modo sedutor a xícara de café à minha boca e, tomava um longo gole do líquido preto. Eu não baixava os meus olhos e ele não baixava os olhos dele. Silenciosamente ele observou o meu gesto finalizado em depositar a xícara pacientemente na mesa. Ele parecia como que fascinado, e quando ele ficou visivelmente perturbado, precisou piscar duas vezes para poder clarear os pensamentos, e disse já se levantando.

— Vou me arrumar para sairmos, sem chance de você tentar se virar sozinha na cidade, não sem ao menos conhecer o básico dela, assim eu uno o útil ao agradável e te mostro algumas coisas que você vai precisar saber.

Aproveitei que ele saiu, e enfiei dois pães de queijo na boca e provei um pouco de cada coisa. Acho que não ia caber mais nada dentro de mim até o almoço.

Tendo em vista que ele demorava a se arrumar, e eu não queria ocupar minha cabeça com a imagem de Nicholas no banho, eu levantei e comecei a organizar a mesa, procurei nos armários da cozinha por vasilhames para guardar uma boa parte da comida que não tocamos. Lavei também as xícaras e o que ficou sobre a mesa, também coloquei as benditas sacolas da padaria no cesto de lixo.

Nicholas ainda não tinha terminado de se arrumar. Fiquei andando pela sala, sem ter muito que fazer a não ser esperar, passando os dedos na estante de livros, vendo quase que cada um e analisando, por ali, um pouco mais da personalidade de Nicholas. Parando em um ou outro titulo que me interessava, e assim eu já tinha andado desde o começo da estante e já estava em seu fim, perto da janela.

Sentei-me na poltrona, que sim, era estupidamente confortável, e a desfrutei por alguns minutos. Estendi a mão e peguei um livro aleatório da estante e comecei a folheá-lo, vez por outra parando de admirar as rimas do poeta para

admirar a poesia da cidade de tijolinhos e concreto.

O apartamento ficava num desses prédios de estilo georgiano antigo, só tinha quatro andares. O apartamento de Nicholas ficava no último andar. Apesar de estar mais que na cara que o interior do edifício tinha sido todo reformado, as linhas clássicas foram mantidas. Ele era bastante espaçoso, prova de que havia sido feito antes de empilharem pessoas em locais que parecem caixas de sardinha, e a varanda dele ficara intacta, somente algumas das paredes que tinham janelas na fachada foram quase todas substituídas por vidro temperado.

Além disso, as cortinas que pendiam do teto ao chão, davam um clima clássico e romanesco ao ambiente, fazendo que ele combinasse com o perfil do dono dos livros. Apenas os véus escassos das cortinas sempre que recolhidos, protegiam a nossa intimidade dos vizinhos de frente, ou de algum pedestre que incauto passeando lá embaixo, olhasse para cima, nesta direção.

— Estou pronto – Nicholas disse já à porta, me roubando outra vez dos meus pensamentos.

Eu virei para ele abruptamente, ainda bem que eu tinha o coração forte, e nenhum café na boca senão teria ido tudo pelos ares, dessa vez foi ele quem me assustou.

Em roupas casuais, ele parecia totalmente diferente de como eu me lembrava do Nicholas recém-conhecido do aeroporto, ou do Nicholas dos meus pensamentos antigos.

Um jeans, uma camisa cinza de flanela e chinelos, o cabelo despenteado e espetado para todos os lados, pois ainda estava meio molhado, era tudo que ele usava. Com certeza ele era um dos homens mais bonitos que eu veria em toda minha vida.

Levantei-me desejando ter vestido algo além de um short folgado e uma bata amarela velhinha, quase de estimação. Pelo menos ambos estávamos de chinelo, ainda que isso me deixasse com uma ligeira desvantagem de cerca de vinte centímetros de altura. Encaminhei-me para a porta, e saímos para comprar as coisas de menina como ele tinha sugerido, eu fiquei contente ao ver que ele não ficava bisbilhotando enquanto eu escolhia o melhor O. B. e todas essas coisas vergonhosas de se comprar com um desconhecido.

Ri mais ainda quando na sessão de hidratantes ele, já cansado da minha demora, pegou um de cada, colocou no carrinho enquanto implorava para que fossemos embora. Coitadinho, isso por que ele nunca me viu escolhendo sapatos.

Quando fui à faculdade com ele, percebi que James já tinha preparado a maior parte dos meus documentos que ele recebeu por correio e e-mail, na noite anterior. Só me restava assinar tudo, então foi bem rápido. Conseguimos terminar tudo pela manhã.

Quando voltamos para o apartamento, eu estava exausta, apesar de ser ele quem estava carregando minhas sacolas de compras. Ele as levou para o meu quarto e jogou encima da cama.

Quando voltou para a sala Nicholas, perguntou-me com um olhar confuso ainda: — Desculpe, mas aconteceu alguma coisa? Você pensa em ir embora?

— Não, por quê? – respondi confusa também.

— Suas malas, não foram desfeitas, e seu closet ainda está vazio – ele disse – não que eu estivesse bisbilhotando, é que elas estão no chão, ainda fechadas.

— Não, eu apenas dormi ontem o dia todo, lembra-se? Hoje eu desfaço as malas, eu prometo.

Nicholas me sorriu, e eu sorri de volta, como se estivéssemos selando um contrato. Seus olhos foram para o pacote de cogumelos e o queijo na minha mão, que eu separei depois de guardar uma parte das compras na geladeira.

— Para que isso? – questionou, apontando para os itens. Apenas sente-se e aproveite seu belíssimo sofá, enquanto eu faço o almoço – Nicholas me olhou num misto de surpresa e diversão, e eu continuei – relaxa que eu sei que você é carnívoro, já vi seu freezer, e não se preocupe, eu vou agradar todos os paladares presentes aqui essa noite.

Ainda sorrindo, foi sentar-se no sofá que eu indiquei, pegou o notebook para fazer qualquer coisa que fosse que ele estivesse fazendo, trabalho talvez.

Enquanto eu cozinhava, e de vez em quando roubava dos cogumelos a atenção e dispensava olhares furtivos para ele, quieto e tão concentrado. Eu percebi. Definitivamente pela manhã eu estava errada, ele não era um dos homens mais bonitos que eu já vi. Ele era o mais bonito.

Nicholas

Nicholas, quando mais jovem era bonito, mas assim como os melhores vinhos, a sua verdadeira essência veio com a maturidade. Era como se cada meneio dele tivesse sido moldado com o tempo. Pelo que James me falava, ele até tentou manter o visual roqueiro que ele adquiriu na adolescência (o cabelo comprido e camisas de banda) até um pouco depois do fim da faculdade, mas ao perceber que não era levado a sério no trabalho, se reciclou totalmente. E passou das notas estridentes da guitarra para o som complacente de um violino. Eu mal consigo imaginá-lo cantando Sistem of a down.

Ainda assim, apesar de já ser um homem feito, no auge dos seus 34 anos, Nicholas ainda contemplava muito da sua jovialidade. A personalidade dele faz com que ele pareça todo tempo relaxado, sem preocupações. Ele sempre foi uma pessoa muito fácil de lidar, com seus conselhos bem fundamentados e a calma que nunca vai embora, um ganhador impassível dum jogo de pôquer.

Nicholas, o típico retrato de um cara bem sucedido, sua total imagem liberava um quê de confiança. Eu acho que em parte se devia ao fato de eu ter que erguer a cabeça para encara-lo de baixo para cima, eu tinha apenas um metro e sessenta, o que o deixava com uma boa vantagem. Mesmo assim, de algum modo, quando ele falava do trabalho no tribunal ou quando dava palestras, ou ainda de coisas que julgava importantes, como as obras de Pablo Neruda, Nicholas parecia conseguir se sobressair ainda mais da multidão.

Ele tinha um rosto másculo, e olhos castanhos, profundos e intensos, que

pareciam prender uma mulher, subjuga-la e levá-la cativa por onde quer que fosse. Uma boca belamente esculpida, cada curva dela parecia ter sido desenhada à mão. Sua pele era branca, mas não como a minha, que me rendeu um apelido que ele mesmo havia me colocado, Snow White. Não, a dele era meio dourada, quase como se ele tivesse pegado um bronzeado não intencional numa viagem às escondidas para a praia. Além disso, eu particularmente achava também o cabelo dele lindo como eu já disse: loiro, mas não um loiro apagado, acinzentado. O cabelo dele era de um tom de loiro quase da cor da areia da praia no pôr do sol, num tom de dourado, se é que isso é possível.

Eu fazia essas observações mentalmente enquanto observava o perfil dele, que se distraía com a TV. Nós estávamos assistindo um filme, à noite, após termos feito pipoca. O almoço que eu fiz foi ótimo, fiz um risoto de arroz selvagem com pedaços de carne e champignons. Acho que provei que sabia cozinhar, e ao que me pareceu ele adorou. O risoto era um dos pratos favoritos do meu irmão também, e um dos muitos que o próprio James me ensinou a fazer enquanto trabalhava ainda naquele restaurante.

Meu celular começou a tocar dentro do meu bolso, e Nicholas se virou do outro sofá para olhar na minha direção, talvez pensando que eu ainda estivesse dormindo. Eu acenei com o celular e disse: — É o James, tenho que atender – levantei-me – pode continuar assistindo sem mim, já volto.

— Claro, mande lembranças para ele – ele disse – e se ele quiser falar comigo, me dá o celular.

Lancei um sinal de joia para ele, levantei-me para ir para o quarto, para ter mais um pouco de privacidade, e tranquei a porta, atendi finalmente a ligação.

— Alô? James?

— Oi Emily, como está tudo por ai?

— Está tudo tranquilo, estou aproveitando os últimos momentos do meu sábado – eu disse – aliás, desse fim de semana, já que na segunda feira já começam as aulas.

— Que bom, aproveite mesmo, e não se esqueça de pegar os materiais corretos pras aulas.

— James, eu tenho vinte anos, pai do céu – eu sorri.

— Força do hábito – ele completou – Como o Nicholas está te tratando?

— Ah, você sabe, como o Nicholas.

— Diversão nota dez... Negativo.

James sorriu e eu o acompanhei.

— Eu estou nervosa – eu disse.

— Eu imagino – ele falou com aquela voz séria de repente. "Tão adulto" pensei comigo mesma – mas não há necessidade, pense bem Emily, o importante é que se concentre, aproveite a oportunidade que está tendo e, usar o Nicholas sempre que tiver dúvidas, ele pode te ajudar sempre que precisar de qualquer coisa, depois de mim, ele é o mais esperto – ele sorriu outra vez, esse era o modo dele tentar me fazer relaxar, sorrindo.

— Sim, sim – concordei, a questão era eu aceitar a ajuda.

— À proposito – ele disse, e preparou-se por um instante antes de continuar – eu depositei um valor na sua conta, e nem adianta brigar dizendo que não quer,

já vou logo dizendo que será sem efeito, pois eu continuarei a depositar um valor mensalmente, isso pelo menos até você conseguir um estagio que pague bem, ou um trabalho de meio período, já que sei que é orgulhosa.

— Mas James, eu te disse que não queria te dar mais trabalho, você já trabalha tanto.

— Eu sei disso, mas pense que você terá algo para você também, no caso de uma emergência, e também para não ficar somente nas costas de Nicholas. E é só temporário, sei que logo você vai conseguir alguma coisa.

— Tudo bem, obrigado, você é excepcional, eu te amo tanto – eu disse, sem poder evitar que meus olhos fossem invadidos por um mar de lágrimas.

— Eu amo você também.

Ficou um silencio na linha por um minuto apenas, ele o quebrou.

— Passe o celular para eu falar com esse cara um pouco e depois eu vou

dormir. Amanhã o dia está cheio, e não esqueça que a qualquer hora, não importa quando, e nem como, diante de qualquer emergência, não deve hesitar em me ligar, ok?

— Tudo bem, você também pode me ligar se meter-se em encrenca – despedi-me ainda sorrindo.

Corri para sala e dei o celular para Nicholas, que se levantou do sofá e foi para o escritório falar lá. Eu não consigo imaginar o que os dois falaram, mas demorou um pouco. Quando terminaram, Nicholas trouxe meu celular e sentou-se no outro sofá. Eu me esticava completamente no que eu estava.

— Pizza? – ele perguntou.

— Mas são – eu olhei no celular – duas e quinze da manha.

— Benefícios da cidade grande – ele disse e ligou para algum numero que ele conhecia. Meia hora depois nossa pizza chegava, ele veio para o mesmo sofá que eu e nós quase devoramos metade da pizza em apenas vinte minutos, ele guardou o que sobrou na geladeira enquanto explicava que já tínhamos café da manhã, e sorriu da careta que eu fiz.

Quando ele voltou para sala, e sentou no mesmo sofá que eu estava, eu me deitei e aconcheguei minha cabeça em seu colo. Ele pareceu, por um segundo, nervoso, mas logo relaxou e em seguida começou a correr os dedos pelo meu cabelo, não sabia ele que esse era o meu ponto fraco.

Eu não sei em que parte da massagem, ou da noite, eu cai no sono. E lá estava eu, outra vez sonhando com ele, no meu sonho ele corria a mão para minha nuca, apertava-me forte e depois a tirava para deslizar um dedo macio por meu lábio, eu me surpreendi em sonho quando ele se inclinou para beijar-me.

Acordei, era madrugada, a tevê já estava desligada. Ainda meio sonolenta, me vi sozinha no sofá, levantei os olhos para procurá-lo.

— Nicholas? – eu chamei por seu nome.

Devido ao escuro que estava no apartamento, apenas iluminado pelas luzes da rua, eu não consegui distinguir se era real ou imaginária a figura sentada na poltrona bebericando um liquido qualquer num copo para uísque.

Se fosse apenas isso, tudo bem, mas a figura era extremamente parecida com Nicholas, e olhava na minha direção. Apenas metade do seu rosto iluminado pela luz que vinha do lado de fora. Ainda que na penumbra fora

possível distinguir seu olhar intenso, quente como mel derretido, precioso como um diamante amarelo, cheio de alguma coisa que eu não sabia decifrar, perdido em uma contemplação interior enquanto olhava para mim. Eu chamei o nome dele mais uma vez, não houve resposta antes de eu submergir novamente no mundo dos sonhos.

Primeiro dia em East Valley

À medida que a manhã de segunda feira se aproximava, eu me preparava mentalmente para tudo o que estava por vir. Apesar de eu ser boa em relações sociais, a qualidade da minha interação só era reconhecidamente aceita com as pessoas do meu circulo de amizades (e que devo confessar, não era tão grande assim). Eu nunca tinha saído da casa de James ou da minha zona de conforto para saber se eu seria realmente boa em expandir meu circulo de amigos, exceto para meu intercambio, mas nele eu tinha companhia de outras três alunas da minha antiga escola e que tinham ganhado uma bolsa de estudos assim como eu.

Separei o meu notebook, eu já tinha feito o download dos livros e estava um pouco adiantada em relação aos outros alunos, pelo menos era o que eu acreditava, pois sempre que podia eu lia as anotações de James. Para completar, meu cabelo não parecia funcionar hoje. Eu o pus para trás, para frente, para o lado, e nada funcionava; no final decidi deixar ele se mover sozinho para direção que ele quisesse.

Andei até a sala, onde Nicholas já me esperava acordado, ele insistiu em levar-me no primeiro dia de aula. O que me dava duas sensações distintas, a primeira, eu me sentia protegida por isso, e talvez resultante disso vinha uma segunda sensação, a de que exatamente por isso, ou por que eu ainda tinha um rosto infantil, todo mundo sempre iria ter uma ânsia de que precisava cuidar de mim o tempo tudo.

— Pronta? – ele perguntou antes de virar-se para mim, e parou um pouco

estupefato quando me viu, ele engoliu em seco ainda antes de falar – você está linda.

Eu enrubesci instantaneamente, e sei que ele percebeu, mas apenas sorriu e continuou falando.

— Tem café, e algumas coisas na geladeira, eu vou terminar duas ligações e já descemos – Nicholas ia saindo, mas se deteve no passo e voltou, e me apontou uma cesta encima da mesa de centro enquanto me falava – Ah, e aquilo ali chegou para você há pouco.

Eu sorri e logo me veio à cabeça "James", havia uma cesta encima da mesa de centro para mim, sentei-me no sofá, e peguei a cesta e pus no colo, dentro tinha um bilhete dele, que dizia "Para a futura maior advogada do país – de James". Um ramalhete de tulipas, eu não pude deixar de esmagá-las um pouco contra o peito.

James se preocupava tanto comigo, ele era um dos principais motivos de eu querer ser advogada, pois com ele se iniciou uma tradição familiar que eu seguiria honradamente.

Quando olhei melhor a cesta, qual não foi minha surpresa, ainda tinha um

pacote quadrado ao fundo. Eu o peguei com cuidado, apesar do tamanho era leve, analisei por alguns momentos o papel pardo que o embrulhava, imaginei que seriam chocolates, mas não via motivos para que eles tivessem embrulhados, deviam estar derretidos. Rasguei gentilmente o embrulho que parecia resistente, dentro tinha um novo notebook, bem mais fino, em uma caixa da Dell, quando me livrei do embrulho pude ler na caixa, Ultrabook Dell. Sem dúvida era bem mais moderno que o meu, e bem mais leve. Eu não devia reclamar com James, afinal era um bom presente, e eu realmente o queria, eu amava meu notebook usado, e tinha um monte de coisas salvas nele que eu precisava para viver, inclusive os rascunhos dos meus livros que eu nunca terminava. Então o antigo serviria para que eu o utilizasse para escrever, e este novo, mais moderno, me permitiria ter uma cara mais séria, poderia leva-lo para a faculdade.

Liguei-o, e rapidamente conectei ao Wifi, mandei um e-mail e mais sete mensagens agradecendo James pelo presente. Pedi que ele acrescentasse o valor à lista de tudo que eu lhe retribuiria um dia.

Contente, fui guardar o restante das coisas no quarto, coloquei as flores num vaso, pus o meu novo Ultra na minha bolsa, e fiquei aguardando, tomando um café, e esperando Nicholas terminar suas ligações infinitas para podermos sair. As horas não indicavam atraso, na verdade eu estava bem adiantada, então podia dar a ele esse tempinho para terminar seus negócios.

Não muito tempo passou e ele veio pelo corredor que dava para os quartos balançando as chaves dizendo num sinal que estava pronto para irmos. Eu apanhei minha bolsa e uma fruta da geladeira, e saímos pelo hall do apartamento para o elevador antigo.

No carro Nicholas fazia questão de me dizer minuciosamente todos os pontos de ônibus e táxis que ele achava que eu devia saber, e apontava às vezes para direita às vezes para esquerda me dizendo "ali fica o posto da policia" ou "ali é um hospital" ou ainda, "ali tem um veterinário". Claro que ri disso, e eu percebi que ele só tentou fazer uma piada para aliviar a tensão. Nunca tinha estado tao nervosa assim na minha vida e ele estava tentando me ajudar a relaxar, e gostei dele um pouco mais por isso.

— E chegamos! – ele disse enquanto puxava o freio de mão e me indicava a porta, eu sorri ainda não tão confiante, e ele pegou minha mão e disse – calma, vai ficar tudo bem, não precisa ficar com esses olhos enormes e assustados, acho que ninguém ai vai te morder, então calma, e qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, você pode me ligar – ele completou – ou para o seu irmão também, sei que ele saberá confortá-la.

— Eu sei, eu só, não conheço ninguém ainda – eu disse.

— Precisa entrar lá para conhecer – ele ironizou.

Respirei fundo e disse – Certo – sai do carro acenando de volta um tchau nervoso para ele, isso parecia tão ensino médio.

Recompus-me, fechei os olhos, contei até três e fui de passos resolutos para dentro da construção antiga. Contemplei tudo um pouco, o que era um pouco dificultoso, pois pela primeira vez desde que cheguei o sol dava as caras realmente queimando a pele e ofuscava a visão. Eu coloquei a mão para proteger os olhos e pude ver melhor, a construção tinha cerca de sete andares, tinha toda sua estrutura em tijolos vermelhos num estilo georgiano e as janelas e portas brancas resultavam num contraste incrível, as colunas greco-romanas que sustentavam a estrutura eram uma obra de arte à parte, a construção era enorme. Naquele momento, eu tive certeza, se Nicholas não tivesse feito questão de me mostrar parte das dependências do prédio no dia da minha matricula, eu teria me perdido fácil.

Dirigi-me para uma das mesas ocupada pelos estudantes do comitê de boas vindas para os calouros, segurei com mais força a minha bolsa debaixo do braço, uma das jovens sentadas disse para mim com um sorriso afetado assim que me viu.

— Bem vinda à universidade de East Valley, aqui... – disse ela pegando umas fichas de sobre a mesa e dando-as par mim – estão os mapas da universidade e das salas, qual o seu curso?

— Direito – respondi.

— Certo— ela disse para mim como que surpresa pelo meu curso. Qual é? Eu não tinha cara de burra tinha? – siga por aquela mesa ali – ela disse enquanto

me apontava uma direção – e na terceira mesa, você ira pegar a sua grade curricular, e as pastas com as listas de livros que você deve ler no semestre.

— Ah, eu já fiz isso – eu disse interrompendo-a e por algum motivo ela me olhou com raiva nos olhos e eu me vi obrigada a justificar – é que já fiz minha matricula, eu só quero o horário das aulas.

A garota ruiva e que tinha um ar de líder de torcida com seu cabelo criteriosamente esticado para trás num rabo de cavalo, sorriu para mim e disse: — Sim é naquela mesa também.

— Obrigada – disse, e quando me virei ouvi um riso estridente da ruiva, para o cara que estava junto com ela no atendimento e que eu nem me dei ao trabalho de notar, e juro que a ouvi dizendo em alto e bom tom para ele: "Nerds".

Como assim? Eu sei que quando me levantei pela manhã e não conseguia decidir o que vestir, eu queria impressionar, então eu coloquei uma calça preta jeans boca de sino, uma camisa vinho apertada e um blazer azul claro, o que eu achei que me deixaria com uma cara mais adulta, mas nem por isso eu era nerd, ou era?

— Não se preocupe. Eles são os populares, se você achava que isso

acabaria no ensino médio, estava totalmente errada.

Disse para mim uma loirinha quase do meu lado já, parei para dar atenção a ela, parecia uma fadinha com seu cabelo claríssimo refletindo o sol dessa manhã. Ela era linda, o seu cabelo loiro ia um pouco abaixo da altura dos ombros, e ela tinha uns olhos castanhos, era um pouco só mais alta que eu. Ela sorriu para mim e estendeu a mão, dizendo: — Meu nome é Vivian Driscoll, me desculpe eu ouvi sua conversa e também irei fazer o mesmo curso, então achei que seria bom, pelo menos para mim, já conhecer uma pessoa aqui.

— Claro, eu sou Emily Carter — disse para minha salvadora pessoal, e não pude deixar de sentir simpatia instantânea por ela, que estava com os mesmos olhos assustados que eu.

— Você é daqui mesmo? – ela me perguntou.

— Não, sou de outra cidade, não sei se você conhece, lá é o fim do mundo – eu sorri – chama-se Yellowstone Hill.

— Não conheço, mas iria adorar que falasse sobre ela depois.

— E você? – perguntei.

— Eu sou daqui mesmo, nunca sai daqui, mas como pode ver isso não me tornou a mais popular.

— Eu não ligo para esse tipo de coisas – era verdade, mas não o melhor jeito de começar uma amizade.

— Nem eu, acho que por isso não consegui – ela disse, e ambas sorrimos e voltamos a caminhar.

Dessa vez pegamos os horários e nos encaminhamos para a primeira aula, como ainda tínhamos meia hora, chegamos a uma sala praticamente vazia. E depois que eu e ela discutimos por longos quinze minutos sobre o melhor lugar da sala para não ficarmos entre os nerds e nem no fundão com os excluídos, sentamos em duas cadeiras próximas a parede, o que nos dava uma boa localização, poderíamos espiar os alunos à frente, ou os alunos do lado de fora, pelas janelas, e ainda assim ter uma boa visão do corredor para checar a chegada dos professores.

A coisa boa dali, uma vez sentado, esta seria sua cadeira permanente, a má coisa, você não sabia quem sentaria do seu lado então sua escolha dependeria

muito da escolha dos outros. Para nossa sorte, ao meu lado sentaram um rapaz e uma moça bem agradável, e a única cadeira que sobrou na sala, bem à minha frente, ainda estava vazia.

O primeiro professor entrou na sala, ele era um senhor rechonchudo de um pouco mais de cinquenta anos, que com certeza não sabia se vestir muito bem. Felizmente não parecia tão carrasco. Peguei meu novo Notebook da bolsa e abri na mesa, para começar a anotar os tópicos importantes e toda a sala fez o mesmo quando ele mandou.

A aula já tinha começado há meia hora quando todos nós ouvimos baterem na porta. O professor ficou com a cara um pouco vermelha de raiva e levantou-se para abri-la. Quando a porta foi aberta, eu o vi, melhor dizendo, todas as meninas da sala o viram, enquanto os meninos soltavam uns muxoxos de inveja. Eu fui engolindo em seco e abrindo os olhos cada vez mais, enquanto passo após passo ele se aproximava de onde eu estava sentada, eu senti todos os olhos da sala o acompanhando, e inclusive minha nova amiga, Vivian, que estava ao meu lado, começou a me dar umas pisadas para me alertar do que estava acontecendo, como se eu já não estivesse notando.

O último aluno que faltava para completar a sala sentava-se bem à minha frente, e ainda deu um sorriso de canto de rosto para mim e Vivian enquanto ele jogava um caderno na mesa dele, e o professor lhe lançava um olhar de reprovação enquanto todas as garotas da sala suspiravam enamoradas, tudo isso em pouco menos de vinte segundos.

Páginas Para Ele

Eu queria ser uma boa aluna oras! Eu lembro-me de que prometia sempre ao meu irmão que nunca iria tirar nenhuma nota que não fosse um dez, e tinha cumprido isso do mesmo jeito que ele cumpriu todas as coisas que me prometeu. Se isso fazia de mim uma nerd, eu não me importava muito, eu queria desse modo agradecê-lo por todo empenho que ele teve em cuidar de mim.

A questão é, ficava realmente difícil de eu me concentrar no professor enquanto Vivian continuasse me mandando mensagens instantâneas pelo Messenger do Gmail. Pode ter certeza que eu não era totalmente culpada por respondê-las rápido demais. Nove em cada dez mensagens eram sobre o garoto à nossa frente. Apesar de garoto não ser um termo apropriado.

Mensagens do tipo: "Você já viu o cabelo dele?", ou então, "Os olhos dele não são lindos?" já estavam me deixando enjoada. Ela falava tanto dele que eu já podia jurar que ela estava tendo uma quedinha por ele.

Fisicamente, ele era realmente belo, o que poderia explicar o fato de noventa por cento da presença feminina da sala estar com o pescoço virado para a mesa à nossa frente, observando o cara.

Vejamos, ele é alto e forte, ok, branquelo a lá Marlon Brando antes da

obesidade, ok, tem uma cara de badboy, ok, se veste com roupas que mostram que ele quer mostrar que é um badboy, ok, e arrogantemente insiste em olhar para frente da sala sem ao menos notar que as meninas estão olhando para ele, confere.

Pra mim isso só fazia dele um egoísta autossuficiente e narcisista. Mas cada um com seu cada qual. Como James dizia para mim, sempre há um chinelo velho para um pé cansado.

Mais uma vez o ícone de uma nova mensagem saltou à tela, mas desta vez não era da Vivian. Oh, não! Era James na foto do remetente:

“Eu pensei que você estivesse na aula”.

Ele escreveu e, quando eu li, parecia até que eu conseguia imaginar a voz dele zangado.

“E eu estou”, Respondi esperando a bronca.

“Então eu ficarei extremamente contente e agradecido, quando desconectar o Wifi, e prestar atenção nela”.

“Ok”, respondi e desconectei o bendito e tentador sinal de Wifi.

Vivian ainda virou para mim sem entender o que houve para eu ter desconectado repentinamente, e eu fiz um sinal de depois para ela, contar agora que tinha levado uma bronca, seria vergonhoso. Acho que ela entendeu.

Então, finalmente, eu comecei a prestar atenção na aula, e anotava os tópicos importantes no Word, ao final do semestre eu imprimiria tudo e faria apostilas, como eu sempre faço desde que ganhei minha primeira impressora.

Mas a aula estava tão chata, o professor a qualquer minuto iria dormir encima da mesa enquanto passava aquela infinidade de slides. Tentei me enganar por mais uns minutos, crendo que a aula robótica dele iria me capturar, mas não adiantava. E vez ou outra, eu era levada a pensar sob o cara à minha frente, sobre o jeito dele, sobre o quão realmente bonito ele era, e eu não queria, mas não resisti, e então abri uma nova janela de texto e comecei a poetizar para ele:

Fica calmo, dorme e sonha minha doce companhia...

Tirar-te-ei deste mundo injusto Trar-te-ei para o mundo que eu criei Um mundo inteiro para você ficar em paz...

— Não acorde, não abra os olhos ainda...

Deixa-me te tocar

Meu mundo não parece real sem você...

Deite-se e eu te conduzirei...

Conduzir-te-ei até que chegues nele...

Iluminarei teus passos

Aquecer-te-ei, se tiver frio, entre meus braços, Só a distancia, parede de vidro, nos separa.

Não me odeie se eu não chegar...

Não me deixe sozinha se eu vier Tudo fica tão escuro sem você aqui
Acredite que nos sonhos teremos um ao outro Dorme, vem meu anjo!

Há um lugar que será só seu em meu coração Não importam as dificuldades do caminho Nunca estarás sozinho... Eu te espero meu anjo...

Diz que vem e eu te espero.

Quem é você, anjo?

Por que a terra toda para no instante em que chegas?

Por que a gravidade existe somente ao teu redor?

Fechei o notebook com raiva, se eu começasse a escrever para ele, não iria ajudar. Eu ia acabar cometendo o mesmo erro de sempre. Eu iria apaixonar-me pelo cara que eu descrevia nas poesias, até o dia em que eu tivesse que compará-lo com a realidade. E aí então, nesse dia, pronto! Todo o pedestal ornamentado que eu mesma criei desabaria, e ele passaria simplesmente a ser o mais novo cara que arruinou as minhas fantasias, e de novo e de novo, num ciclo interminável.

Então, mudei minha conduta e, resoluta, eu ouvi cada palavra que saia da boca do professor, apegando-me a cada uma delas, como um náufrago apegando-se a última esperança. E sim, eu consegui. Finalmente consegui me desconcentrar do dito cujo, e o mundo parou de existir quando as palavras que eram ditas pelo professor começaram a fazer algum sentido.

Não demorou muito após isso, e o sinal tocou. Em uníssono todos recolheram seus notebooks, deram um suspiro de felicidade, e começaram a levantar-se. Eu era parte deste “todos”. E por isso pude observar no momento em que o cara a minha frente, pegou seu caderno para fechá-lo, com um verdadeiro desapontamento, que a folha estava completamente em branco, ou seja, ele era um péssimo aluno, não tinha anotado nada, sequer a data das provas que ainda estavam no quadro. O que já contava como um ponto a menos para o cara das minhas fantasias, e o que me deixava mais confortável com toda a situação.

— E então o que você acha? – disse Vivian minutos após o belo estranho ter desaparecido da nossa frente.

— Sobre o que? – respondi tentando parecer que não sabia do que ela estava falando.

— Sobre o tudo-de-bom que sentou na nossa frente.

— Ah... Isso... – soei desinteressada.

— Por favor, você é imune a esse tipo de caras ou o que? – ela abriu os olhos um pouco e disse – oh, meu deus, você não gosta de caras.

— Claro que gosto de caras, é que ele simplesmente – até eu me surpreendi ao tentar procurar um adjetivo que o diminuísse, e não o achando eu comentei – não faz meu tipo.

— Ele faz o tipo de qualquer uma – ela disseme um pouco ofendida.

O restante do caminho passou-se em silencio, pelo menos até a próxima aula, aproveitei e peguei o meu celular do bolso e mandei uma mensagem de texto para James agradecendo pelo conselho de mais cedo, e já ia guardar no bolso quando pensei em mandar uma para Nicholas também, rapidamente eu digitei.

"Quando eu precisar ser socorrida eu irei chamar, ao que me parece, pelo menos por enquanto, eu sobrevivi ao primeiro tempo".

Quando eu ia guardando o celular no bolso eu o senti vibrar na minha mão, era a resposta de Nicholas quase imediata. Parecia até que ele estava esperando que eu mandasse uma mensagem.

"Estou pronto para ser seu herói quantas vezes você precisar".

Sorri pela resposta e guardei o celular no bolso outra vez.

A aula seguinte foi bem melhor que a primeira, a professora de filosofia era bem excêntrica, ela tinha uma pele de cor azeitonada, geneticamente perfeita, e dreads na cabeça coroando um rosto oval delicado. Além disso, eu podia jurar que por debaixo daquele jaleco de professora ela estava com uma roupa de capoeira, ou não, podia ser só parecida, afinal eu não sabia nem explicar o que era uma roupa de capoeira direito a não ser com base em filmes.

Assustei-me com a velocidade com que a aula acabou. Finalmente uma professora que eu estava gostando de prestar atenção na minha primeira manhã, e igualmente, o carinha-da-cadeira-da-frente e Vivian não tinham esse horário comigo, o que facilitava bastante meu aprendizado, afinal, eu não tinha lidar com um determinado tipo de coisas, como: mensagens instantâneas e chutes por debaixo da mesa.

Quando finalmente minha manhã na Universidade de East Valley acabou eu decidi que almoçaria em casa. Chega de novos contatos por um dia.

Despedi-me rapidamente de Vivian, e curti um pouco o visual do campus enquanto caminhava para ir ao ponto de ônibus que Nicholas tinha me indicado na última visita a Universidade. Perdida em meus pensamentos, distraída com a

facilidade com que compus aqueles versos.

Foi quando ouvi um carro desacelerando ao meu lado. Eu continuei caminhando, pensando numa maneira de correr caso fosse um sequestro. Sei lá, podia ser um desses casos de polícia em que simplesmente nos puxam para dentro do veículo e somem sem deixar rastro. Até que o motorista buzinou para mim, então virei-me depressa para ver quem era, qual não foi minha surpresa ao ver um par de olhos azuis me encarando de dentro do carro: — Você quer uma carona? – ele perguntou.

— Não obrigado – eu procurei uma desculpa – é que eu já tenho – eu menti.

— Ah, claro, desculpe, do motorista do ônibus – o cara sorriu para mim, o cara-da-cadeira-da-frente, ou o tudo-de-bom, como Vivian chamava, pisou no acelerador e sumiu da minha frente tão repentinamente quanto chegou.

“Oh, Deus, o que foi isso?", perguntei-me, me amaldiçoando mentalmente por não ter pensado em uma desculpa melhor.

Um tempo depois, deixei de pensar nisso distraída com o som que saia dos meus fones de ouvido, mergulhada em mais uma de minhas musicas favoritas: Eet, da Regina Spektor, e depois de longos 45 minutos de uma viagem tranquila

de ônibus e uma maratona de Regina Spektor e Kings of Leon, eu estava entrando pela porta do apartamento de Nicholas com minha chave reserva.

Ele não estava em casa, guardei minhas coisas no quarto, e fui até a geladeira. Preparei uma refeição para mim e deixei um prato para ele dentro do aparelho de micro-ondas, junto a um bilhete que dizia: “Tem comida para você, esquentar por sessenta segundos”, pendurado na porta da geladeira.

Então tomei um longo banho e fui para o escritório que ele me havia dito que eu poderia usar. Liguei o velho notebook e fiquei olhando para o ponteiro do cursor piscando por alguns minutos na tela em branco, enquanto eu lutava para tirar da minha mente o que a ocupou a manhã inteira.

Após estes longos minutos de batalha, eu não sei se fui vencida ou se decidi me render, e comecei a digitar novas páginas para ele. Descrevendo detalhadamente o que me aconteceu esta manhã, não tão cruamente, de um jeito mais poetizado, e deixando sair de mim para a tela aquilo que tanto ocupava minha mente para ocupar umas boas quatro paginas de documento de texto: *O sol existe por que existe o dia O sol existe por que sinto teu calor O sol existe ainda que esteja frio O sol existe mesmo que não brilhe O sol existe ainda que seja noite O sol existe dentro dos teus olhos O sol existe no teu lindo sorriso O sol existe ainda que tranquemos o nosso quarto E apaguemos a luz...*

Ah, o sol existe, esse meu sol é você!

Eu estava poetizando outra vez, culpa dele, o cara-da-cadeira-da-frente e seus hipnotizantes olhos azuis.

Monólogos

Um verdadeiro tesouro, sim, era disso que eu poderia chamar os títulos literários que eu encontrava na biblioteca particular de Nicholas. Eu estava praticamente fascinada contemplando cada um deles, já tinha lido a orelha de cerca de vinte e cinco, e marcado mentalmente cada um deles como o próximo a ser lido. Finalmente eu tinha escolhido um deles, a muito custo, para ler. Eu estava perdidamente apaixonada por Álvares de Azevedo, eu amava o som doce e cadenciado das suas rimas, como futura poetisa que eu queria ser, era nele que eu me inspirava, era esse o tipo de poesia que eu queria escrever um dia. Embora eu ainda fosse meio fraca para escrever sonetos cheios de tercetos e quartetos, cada uma daquelas estrofes, parecia para mim, algo que quiçá eu poderia construir. Só faltava achar alguém que me fizesse querer escrever poesia em vez de prosa.

— Oi para quem está em casa – disse Nicholas ao entrar no apartamento. Ele tinha umas sacolas ocupando as mãos, e as colocou sobre a bancada da cozinha. Veio caminhando na direção da sala de estar, onde eu já estava sentada em sua poltrona favorita e que agora era a minha poltrona favorita também. Enquanto eu lia as poesias de Álvares de Azevedo, cumprimentei-o de volta: — Boa noite, desculpa estar de novo na sua, e por sua quero dizer, "nossa" poltrona preferida, mas não posso evitar, ela é simplesmente demais.

— Não tem problema algum, eu já disse que pode se sentir totalmente à vontade aqui, temos que fazer isso funcionar – me falou, e olhando para o livro que eu segurava, perguntou – o que está lendo?

Fechei o livro para mostrar-lhe a capa, ao reconhecer o autor e a obra, ele sorriu em aprovação, levantou-se para deixar a pasta dele que ainda segurava sobre a bancada da cozinha, e começou a contar-me: — Sabe, quando eu era mais jovem, e isso já faz bastante tempo – ele sorriu para mim, eu não achei graça e fiz uma careta para ele – Lira dos Vinte anos, era um dos meus livros favoritos, e esse cara aí, bem, ele era um dos meus autores favoritos – isso dizia enquanto ele tirava as abotoaduras douradas do punho do terno, e continuou – acho que ele estragou meu coração para sempre.

— Por que estragar? Não diga isso – eu briguei.

— Por quê? Oras, digamos que ele me fez idealizar um amor romântico, que eu nunca encontrei até então, nem me julgo capaz de merecer encontrar – ele disse retirando o terno.

Eu tentava disfarçar, contorcendo minhas coxas na cadeira, e ele nem percebia, animado demais como estava com a ideia de eu estar amando o seu livro favorito. Embora eu tenha que admitir, eu estava amando o meu show privado. E quando Nicholas retirou o terno jogando-o no sofá e começou a retirar a gravata, sem perceber o quão sensual aquilo parecia, eu parei de ouvir o que ele dizia, e tenho certeza que outra vez fiquei com alguma cara de embasbacada olhando para ele.

Nicholas se movia com uma inerente elegância, a calça preta social que ele usava, revelava a estreiteza dos quadris, e umas coxas definidas sob o tecido, e a

camisa branca agora com três botões abertos revelava uma faixa de pele lisa e dourada como se beijada pelo sol, ele tinha a aparência de um conquistador inglês que recém chegara à Índia, para desbravar a terra, imagino que elas, as índias, o encarariam fascinadas do mesmo modo que agora eu o olhava. O cabelo dele, agora desalinhado pela forma rude que retirou a gravata caia dourado perto dos olhos, em camadas, dando-lhe um aspecto selvagem e másculo.

Eu engoli em seco enquanto ele falava ainda fascinado, sobre o modo como aqueles textos lhe tocaram antes, e continuava andando para perto de mim, com aquelas pernas tão demarcadas, e com os olhos perigosos sustentando os meus. Eu não podia me deixar vacilar nesse momento, eu tinha que ser firme, eu tinha que me concentrar em não babar e em não parecer uma jovem boba suspirando.

Nicholas se aproximou, ele cheirava tão bem, ele tinha um cheiro de almíscar e madeira, ele estaca tão perto que eu quase senti vontade de fechar os olhos para inalar mais profundamente.

Ele então ergueu a mão para mim, e eu vi que ele pedia o livro que eu segurava, eu perguntei então, repentinamente retirada do meu transe: — Quer o livro? – e eu agradeci a Deus por não ter me deixado gaguejar.

— Sim, a não ser que não queira me dar – ele disse com uma voz perturbadoramente quente e macia – eu sempre fui o melhor aluno de literatura no ensino médio, também fiz teatro por algum tempo na faculdade, atividades

extracurriculares, eu acho que ainda tenho memorizados os meus favoritos.

— Claro, que quero — estendi o livro para ele.

Nicholas tomou o livro da minha mão, ele estava concentrado buscando uma página, qualquer e única, e quando a encontrou devolveu-me o livro.

Caminhou até o centro da sala, diminuiu a luz do ambiente. A meia penumbra dava-lhe um aspecto quase fantasmagórico, clássico e refinado nesse momento.

— O que eu tenho que fazer agora? — eu olhei para o livro e para ele e questionei.

— Só acompanhe – ele disse balançando os braços para que relaxasse – eu apenas quero ver se ainda lembro-me de alguns.

Então ele ia fazer um monólogo bem ali no meio da sala, para mim? Era bem mais do que eu poderia pedir para receber dele em uma noite, sorri

agradecendo entusiasmada o novo presente.

Nicholas fechou os olhos por alguns segundos, apertando-os bem, como se buscasse no fundo de sua mente concentração e as palavras exatas. Quando os abriu outra vez, aqueles olhos hipnotizantes tinham uma intensidade que desconcertava. Ele começou a recitar.

— Pálida, à luz da lâmpada sombria. Sobre o leito de flores, reclinada. Como a lua por noite embalsamada. Entre as nuvens do amor ela dormia!

Enquanto soltava estas últimas linhas, Nicholas olhava para a posição do sofá onde outro dia eu dormira, quase junto a ele. A imagem do fantasma que eu pensei ter visto naquela noite reapareceu para mim.

E se ela não era nada senão realidade? Teria sido tudo real?

Decidi não pensar muito nisso e continuei ouvindo-o declamando as poesias como Shakespeare ou como o próprio Álvares de Azevedo.

— Era a virgem do mar, na escuma fria pela maré das águas embalada! Era um anjo entre nuvens d'alvorada que em sonhos se banhava e se esquecia!

Desta vez falava olhando para algum ponto dentro de si, rememorando algo, uma sensação de adoração. Eu mesma não sabia se ele falava agora para mim ou para ele mesmo, mas percebi que ele se agitou um pouco ao falar as próximas linhas.

— Era a mais bela! Seio palpitando... Negros olhos as pálpebras abrindo... Formas nuas no leito resvalando... Não te rias de mim, meu anjo lindo!

Era quase uma súplica,

— Por ti - as noites eu velei chorando, Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo...

Então Nicholas curvou-se como se estivera num teatro e eu dei para ele os aplausos que ele merecia. Quando ele ergueu-se aqueles olhos castanhos, ainda indecifráveis, continuavam com aquela intensidade latente. Mas dessa vez eles tinham um alvo, todo o mistério da intensidade daquele olhar tinha um ponto certeiro. Ele olhava diretamente para mim.

— Foi lindo, Nicholas... – eu disse ainda sem palavras – lindo não, foi... Estupendo, você é um ótimo ator.

E foi apenas um comentário, e a intensidade dos olhos dele sumiu. Ele ajeitou a postura, e pigarreou duas vezes antes de voltar para a direção da bancada da cozinha.

— Obrigado – ele disse sem ousar olhar-me novamente aos olhos. Ele pegou sua maleta e foi para o seu quarto, desejou-me antes “boa noite” sem sentido. E eu, pega de surpresa só lhe lancei uma “boa noite”, tímida enquanto ele já saia.

Continuei ali na sala, rememorando cada palavra que ele disse, cada sensação que ele soube passar, e tentando de algum modo entender o porquê da reação dele após o meu elogio. Não era para ter sido assim.

Inclinei-me sobre a poltrona de modo a ver a rua lá fora, coloquei as mãos sob meu queixo e apoiei-me nelas, enquanto observava os transeuntes que perderam o espetáculo que havia acabado de acontecer para mim.

Como Estranhos

Quando o café da manhã foi minuciosamente silencioso, eu estranhei, mas decidi não importunar ninguém com isso, vai que era mau humor matinal. Porém, quando Nicholas me levou hoje para faculdade e ficou quieto por quase todo o caminho, eu comecei a pensar que tinha feito alguma coisa errada. A certa altura, quando eu desisti de continuar contando minhas piadas sem graça, então o silencio reinou absoluto no carro.

A mão dele apertava o volante com tanta força que fazia os nós dos dedos ficarem salientes e brancos sob a pele dele. Eu não quis estressá-lo mais, então eu desviei o olhar da mão dele para janela, observando o movimento lá fora. Isso tudo para tentar desligar-me um pouco da tensão que me rodeava.

Meu celular vibrou no bolso e eu vi uma mensagem de Vivian.

“Vou te esperar com um café para cada, bem onde desço sempre”.

Não demorou muito e o carro de Nicholas estacionou atrás de uma fileira de veículos e eu pude descer. Despedi-me acenando um adeusinho para meu acompanhante silencioso, que respondeu apenas com uma leve inclinação de cabeça.

Vivian já me esperava, sem conseguir tirar os olhos de Nicholas, eu tive que esperar cerca de um minuto até ela deixar de ficar salivando por ele e se concentrar em mim novamente. Logo após o carro dele ter acelerado para seguir para onde quer que ele fosse, apressadamente, no dia de hoje.

— Somente três letras U-A-U – ela disse entusiasmada.

— Como assim?

— Como assim?! – ela dramatizou com um gesto, e me acompanhou enquanto eu já caminhava e aproveitava meu cappuccino – Emily, se esse aí é o cara com quem você divide o apartamento, você é uma baita de uma sortuda.

— Que bobagem – eu disse e completei – e mais, eu não divido o apartamento com ele. O apartamento é dele. Eu é que sou quase uma intrusa ali. Antes de eu chegar, ele tinha uma vida toda e uma rotina que eu acho que tô começando a atrapalhar... – eu terminei a frase me dando conta de quão verdadeiro ela soava. Será que a atitude dele, desde a noite de ontem e até momentos atrás, se devia ao fato de ele ter se dado conta que eu era um empecilho?

— Hei, tenho certeza que qualquer cara que dividir o apartamento com

você é um sortudo também – ela disse piscando um olho, tentando ajudar, mesmo não sabendo como.

Caminhamos até nossa sala. Quando entramos, o cara-da-cadeira-da-frente já estava lá. E eu tive que andar cuidando dos passos, pois sempre que ficava nervosa eu metia os pés pelas mãos e acabava caindo e passando vergonha. Apertei a bolsa embaixo do braço e respirei fundo esperando que Vivian passasse à minha frente. O que ela fez, majestosamente, enquanto eu fui atrás dela, praticamente me escondendo.

Quando sentamo-nos, ele ainda estava com aquele ar de garoto rebelde com um braço apoiado no encosto da cadeira e o outro batucando com uma caneta na mesa. Hoje pelo que eu percebi, ele não tinha sequer levado o caderno, muito bem, posso subtrair outro ponto, já são menos dois.

Faltando alguns minutos para a aula começar, eis que ele vira-se para nossa mesa, que ficava atrás da dele e como a sala tinha cadeiras estilo estádio, nós o olhávamos de cima para baixo, ele sorri para Vivian e para mim, e pede: — Poderiam me emprestar algumas folhas? Aconteceu um acidente a caminho da faculdade e eu não lembro onde meu caderno foi parar – falou num tom de ironia.

Mais do que depressa Vivian baixou os olhos para pegar um caderno universitário que ela não usava na bolsa para dar-lhe. Enquanto ela fazia isso, ele ficou me olhando sem baixar os olhos. Que mania feia essa que esse povo tem de

encarar-me, qual é? Meu rosto está sujo ou o quê? Eu também não baixei o meu olhar, eu não ia dar essa vitória para ele.

— Aqui – Vivian disse oferecendo-lhe um caderno e uma caneta. Quando ele pegou o mesmo da mão dela, até forçou um toque “acidental” na mão dela que fez a boba suspirar. Será que ela não percebia que ele só queria bancar o galã? Eu fiquei ligando meu próprio notebook para não atrapalhar os dois. Quando eu estava abrindo meu Dell, ele põe a mão em cima, e diz para mim.

— Sobre a carona de ontem, eu não quis parecer um louco, eu só achei que seria legal, sabe. Falar com alguém daqui, quebrar alguns pré-julgamentos – então ele sorriu e disse – eu não mordo apesar de gostar, e é claro, pelo menos não sem permissão.

Infelizmente meu cérebro não foi capaz de formular uma resposta a tempo, ele tornou o corpo para frente, me dando as costas. Eu estava irritada e eu não aguentava mais o olhar de Vivian que estava me questionando. Então eu cutuquei o ombro dele forte o que o fez virar para trás e olhar para mim, e para Vivian de novo, então eu falei-lhe: — Bom, eu não sei em que planeta você vive, mas de onde eu vim não se entra no carro de alguém que mal se conhece, alguém estranho, alguém que não se sabe pelo menos o nome.

— Ah, isso – ele quis soar surpreso, mas não conseguiu, então disse – eu acho que não disse por dois motivos, primeiro você não perguntou, segundo, você não disse o seu, eu diria o meu por quê?

— Muito bem, diga seu nome.

— Trevor Collins, e o seu? – disse ele olhando fixamente não para mim, mas para Vivian.

— Vivian Driscoll — ela respondeu batendo as pestanas.

— E o seu? — ele perguntou para mim agora.

— Emily — respondi.

— Certo... Emily sem sobrenome – ele sorriu e virando-se para frente disse – agora não somos mais estranhos.

Vivian sorriu, que traidora! E eu arrumei minha postura na cadeira enquanto o professor entrava na sala e lançava um olhar de reprovação para Trevor à nossa frente. Acho que ele era expert em causar antipatia nas pessoas.

Pouco Rebelde

Vários dias se passaram sem que o tratamento que Nicholas dispensava a mim mudasse. Ele continuava irritantemente estranho comigo. Ele até tentava disfarçar, mas eu percebia quando evitava que nos encontrássemos sempre que possível. O único contato que tínhamos era quando ele me levava para faculdade, o que já estava me deixando desconfortável.

Quando no horário do almoço, eu entrava num ônibus para ir para o apartamento dele, e conseguia cozinhar algo para nós dois, o que eu deixava para Nicholas no aparelho de micro-ondas, diferente de antes, permanecia intocado até o dia seguinte. Onde eu, me sentindo uma intrusa, era obrigada a jogar no lixo a comida, algo que me doía.

Felizmente eu tinha Vivian para me alegrar na faculdade; E era engraçado como, em cerca de duas semanas, ela já conseguia chamar a atenção de vários meninos ali, que igual filhotinhos a seguiam por toda parte.

Nesta manhã, no entanto, as coisas seriam diferentes. Eu estava cansando de ser tratada com frieza, por parte de Nicholas, e se ele me queria fora dali, que era o que eu achava que ele queria, a menor das decências que ele poderia ter era a de me dizer isso à face.

Eu levantei mais cedo do que de costume e fiz café e suco, ovos mexidos e panquecas, isso seria um excelente apaziguador. E bem disposta, aguardei que ele se dispusesse também a levantar.

Peguei o meu celular do bolso e baixei o aplicativo do banco. Não demorou muito. Cadastrei a minha conta e pesquisei o saldo dela. Recebi um presente inesperado.

James tinha depositado o valor que prometera mandar mensalmente, já que ele não quer que eu me dedique a outra coisa, senão aos estudos e meus hobbies. Mas não era apenas isso, o histórico da minha conta tinha várias movimentações, de diferentes valores, que datavam desde quando eu tinha doze anos, desde pequenos depósitos de dez e doze dólares a outros mais recentes, bem maiores de centenas de dólares, que ele lançava mensalmente.

Instantaneamente lembrei-me dele trabalhando naquela cozinha quente, também de mim, escondida no meio das prateleiras de panelas e utensílios, do modo como ele contava uma parte do salario dele toda vez que recebia e guardava num envelope e dizia que era para o meu futuro, lembrei-me ainda das vezes que nós fomos despejados e, ainda assim, ele não tocava nessas minhas economias, buscando resolver de outro jeito a situação. Eu não sei o que ele esperava para nosso futuro, mas ele fazia questão que eu tivesse alguma forma de sustento caso algo lhe sobreviesse.

Meus olhos encheram de lágrimas por um instante e eu tive que piscar para

desanuviar minha visão. Mandei uma mensagem com um texto de quase mil caracteres em agradecimento, e na falta do meu irmão, esmaguei o celular contra o peito. Esse dinheiro que ele sempre me depositava daria para que eu vivesse, e com folga, num apartamento alugado por algum tempo. Isto, pelo menos até eu encontrar um estágio remunerado. E eu ainda poderia comprar um carro usado bem barato ou uma scooter. As possibilidades me pareciam tamanhas naquele momento que eu me peguei fantasiando sobre uma decoração barata no sonhado apartamento.

— Já acordada? — disse Nicholas vindo em direção da cozinha.

E eu juro, bem que eu quis ficar olhando na altura dos olhos dele, mas meus olhos instintivamente desceram para o corpo dele à mostra enquanto o bendito homem ficava ali, só com a parte de baixo do pijama, sem consciência do quão estranhamente quente poderia ser toda aquela cena. E mais ainda do quão lindo ele era somente nesses trajes.

Eu desviei o meu olhar do corpo dele enquanto ele andava até a bancada da cozinha e se servia de um café, sorrindo para mim, de uma forma convencida, como se nada houvesse acontecido. O que tenho que dizer me irritou bastante, e eu nem sei por quê.

Comentei num tom irônico.

— Finalmente alguém notou que eu existo!

Nicholas sorveu com um grande gole todo liquido preto de sua xícara, depois de colocá-la sobre a mesa, me olhou e começou a dizer, calmamente.

— Finalmente está acontecendo, eu sempre soube que esse período do mês iria chegar.

— Do que está falando? — eu disse, mas ao me dar conta do que ele falava eu corei, e comecei a gaguejar quando respondi. Então esperei e recomecei — eu não estou com TPM Nicholas!

— Então a que se deve essa sua mudança brusca de humor? – ele questionou dando de ombros, mas com um olhar de evidente divertimento.

— Ah! Sério isso? — eu respondi surpresa, e praticamente cuspi nele — então vai me dizer que você é doido o suficiente para que esse seja o seu normal?

— Do que está falando, Emily? – ele perguntou sem mais nenhuma pontada de divertimento, apenas uma ruga de preocupação.

— Eu estou falando de quando eu cheguei aqui, nós tínhamos pelo menos a polidez de falarmos um com o outro, mas veja bem, faz quase dez dias que você me trata como se eu fosse um ser invisível, eu sei que eu decidi morar aqui sem te consultar direito... — eu falei lembrando a verdade, mas mesmo assim eu não deixaria que ele tivesse a razão na discussão — mas você aceitou, poderia ter dito não! E se você se arrependeu é só me dizer, eu tenho dinheiro suficiente para ir embora... E eu sei me virar.

Enquanto eu terminava esta última frase, Nicholas tinha se levantado, e veio para meu lado, cruzou os braços e ficou me observando com curiosidade para ver como eu ia terminar meu pequeno discurso e desabafo. Ele esperou paciente que eu falasse tudo que eu tinha para falar. Então, outra vez calmo (será que nada abalava sua calma?) ele inquiriu: — Você crê sinceramente que se eu não quisesse você estaria morando aqui? Acha que alguém conseguiria me obrigar a algo que eu não quero?

— Eu não sei Nicholas.

— Então não fale do que desconhece, nem lance teorias sobre mim – ele continuou — eu só não quero que você perca seu tempo comigo, você está começando um novo momento da sua vida, terá logo todo um rol de gente ao seu redor, terá um cara por quem vai se apaixonar e eu não quero ser o cara que vai

empatar isso.

— Nicholas — eu disse — você não está me dizendo toda a verdade, eu tenho certeza. Seja sincero comigo, você sabe o quanto você é importante para mim, e essa desculpa é barata demais para eu comprar. Veja bem, você sequer toca na comida, não me dá um bom dia no carro, e não finja que eu não sei que você alterou seus horários para não me encontrar.

Nicholas engoliu em seco, deu dois passos para trás, não falou nada por um tempo. Quando eu achei que ele me daria uma resposta, ele voltou sua atenção para uma nova dose café. Eu achei que ele ficaria novamente em silencio, mas após algum tempo pensativo, ele apenas disse: — Seria demais para você entender tudo isso se eu fosse explicar isso agora.

— Você me trata como se eu fosse uma criança, isso tem que parar! – falei irritada.

Então ele jogou a cabeça para trás num riso sonoro. Eu pensei logo: "É de mim que esse cara tá rindo assim?". Depois ele olhou-me por um longo minuto, sem falar nada. Desceu o olhar de um jeito caloroso que eu nunca tinha visto antes por cada centímetro do meu corpo, e parou sua análise, dessa vez olhando-me na altura dos olhos. Então, com um tom de voz misterioso, ele disse: — Tenha certeza Emily, há algum tempo eu não te enxergo mais como uma criança.

Percebi o sangue fluindo para as minhas bochechas e creio que corei irremediavelmente. Se essa era a reação que ele queria, ele conseguiu. Pois Nicholas deu um sorriso vitorioso pouco antes de me dar as costas. Caminhando para o quarto dele. Para se arrumar, talvez, ou talvez para que eu ficasse admirando a curva da linha das espaduas dele enquanto ele caminhava.

"O que isso queria dizer?" ainda fiquei pensando, por algum tempo. Então para não ter que olhar para ele quando saísse do quarto vestido, e morder os lábios imaginando o local onde o tecido que o cobria começava e a pele terminava. Ou com aquela cara de sério, ou aquele olhar de determinado que me causava sei lá o que. Eu peguei minha bolsa, meu notebook, e sai do local, descendo pelas escadas.

Liguei para Vivian, para que ela fosse mais cedo hoje à aula. Queria saber se ela tinha interesse em um negócio que eu proporia. E enquanto eu esperava o ônibus fiquei pensando em como faria o tal negócio. Eu já estava resoluta, apesar de saber que provavelmente levaria uma bronca ou duas de James por isso. Mas, que droga, eu já tinha vinte anos e estava cansando de todo mundo me tratar como se eu fosse de vidro e sempre estivesse prestes a fazer alguma besteira. O que era exatamente o que eu ia fazer agora. Afastei os sentimentos de acusação brotavam em minha mente.

Quando cheguei ali, que grata surpresa! Não apenas Vivian, mas Trevor também, me aguardava. Eu acenei para os dois. Vivian me jogou um beijo e ele sorriu para mim (apesar de Trevor ter se tornado nossa melhor companhia no almoço. Eu acreditava que eles não tinham contato quando eu não estava por perto). Deu-me um pequeno choque de ciúmes assisti-los juntos e longe de mim.

— Então vamos conseguir um carro para você hoje? — ele perguntou quando me aproximei.

— Sim, mas não do jeito que você está acostumado — respondi, e ele colocou a mão no peito fingindo um pequeno choque, eu sorri.

— Eu concordo — Vivian disse — eu trouxe a minha metade, e você tem a sua, vamos dividir um carro! — ela segurou minhas mãos e nós duas ficamos dando gritinhos juntas.

— Um carro não é um bebê! — Trevor quis fazer piada.

— E você, não foi convidado — eu disse séria.

Bem antes que o caos se instaurasse, Vivian intercedeu.

— Veja bem, nem eu e nem você sabemos qualquer coisa sobre motores e parafusos. Eu achei que seria bom nós termos alguém para ajudar com isso, além disso — ela pôs a mão no ombro dele, como se o defendendo — ele conhece um

lugar onde podemos encontrar carros baratos e bons.

— Por que aposto que são roubados.

— Aposta perdida, eu não sou esse tipo de maluco.

Caminhamos para fora do campus como três mafiosos escondendo segredos, apesar de que comprar um carro não é nenhum crime. Mas, senti como se estivesse traindo a confiança de Nicholas e mais ainda do meu irmão; O que James diria? Apesar de eu saber que ele não iria brigar por eu usar o dinheiro que ele tinha me dado, eu tenho certeza que ele iria querer ser consultado antes de eu comprar um automóvel. Definitivamente eu estava virando uma rebelde pós-adolescência.

"Deve ser a companhia", pensei olhando para Trevor em sua jaqueta de couro ao meu lado e aquele típico ar de que a juventude nunca acaba, e para a saltitante e fascinada Vivian.

— Com certeza deve ser a companhia — resmunguei baixinho.

Livin’on a Prayer

Tudo parecia passar num borrão, meu seio palpitava, eu estava zonza, e parecia que a qualquer momento eu podia desmaiar. Eu sei que parece uma reação exagerada, quase um ataque de pânico, mas tendo em mente que era a primeira vez que eu faria alguma coisa que poderia decepcionar alguém, eu já me apavorava.

Especialmente se esse alguém era meu irmão, ou Nicholas.

— Calma – disse Trevor olhando para o meu nervosismo aparente pelo retrovisor – nós não vamos assaltar um banco.

— Verdade Emily – disse Vivian – somos pessoas adultas, com dinheiro, indo comprar um carro para facilitar nosso acesso à faculdade – ela disse isso com uma voz séria querendo soar responsável, eu não resisti e sorri.

— Boa menina – ele disse se endireitando no banco a frente – além disso, agora você vai ter uma desculpa melhor para recusar as minhas caronas, não acha?

Eu revirei os olhos para ele. Trevor já havia feito uma dúzia de piadas sobre o dia que eu recusei a carona, para mim não tinha graça, mas Vivian estava visivelmente caída por ele, então eu acho que ela sorriria com qualquer coisa que ele fizesse. Olhei para minha amiga sorrindo e juntei-me a ela.

Meu sexto sentido me fez olhar para frente na direção do retrovisor, e num centésimo de segundo talvez, no momento certo, aquele que se sente que está sendo observada, e percebi que Trevor estava me olhando fixo demais. Eu percebi naquele olhar algo mais, não era um simples olhar de amigo, havia um quê de admiração, ou alguma coisa que não soube identificar. Eu desviei do olhar dele um pouco desconcertada, sem saber como reagir.

Eu não me deixaria ser hipnotizada por aqueles olhos azuis assim como Vivian já parecia estar. Eu não tinha jeito para isso, ficar correndo atrás de um menino, e muito menos vontade.

Alguns minutos silenciosos dentro do carro transcorreram até finalmente Trevor estacionar em frente a uma dessas lojas de carros usados bem típica. Era um grande pátio, cheio de bandeirinhas penduradas em linhas que cobriam todo o terreno, tinha alguns vendedores circulando no meio dos carros de um lado para outro atrás de clientes. Chegamos num dia que tinha um bom movimento. Alguma espécie de feirão, devido ao numerário de pessoas. No meio do pátio ficava o escritório central, uma pequena estrutura com enormes janelas de vidro, e enormes letras pintadas nessas janelas, informando descontos progressivos, como se alguém pudesse comprar mais de um carro no mesmo ferro velho, e no mesmo dia. Ou será que isso acontece com frequência?

— Bom dia, para quem é o carro? – disse o vendedor para Trevor, apesar de repentinamente o olhar do vendedor se desviar e já estar fixado na minha amiga, que se encolheu praticamente do meu lado. Ela segurou meu braço, nervosamente. Acenei para Trevor dar andamento ao pedido. Trevor pigarreou e se inflou na frente do vendedor.

— Então é para você, meu jovem? — com um sorriso forçado demais — Finalmente o vendedor olhou para Trevor.

— Isso mesmo, elas irão escolher, eu apenas irei dar o meu aval.

O vendedor fez um gesto exagerado como se tivesse esquecido alguma coisa batendo a mão na testa e estendeu a mão para Trevor dizendo – Ah, à proposito eu sou Adam Mitchell, campeão de vendas por três meses consecutivos, o que significa que vocês levarão um grande carro.

— Eu sou Trevor, esta é Emily – ele disse apontando para mim e soltando a mão do vendedor que segurou a minha mão tempo demais com a mão suada dele. E ainda se demorou em notar o que eu estava vestindo. Apesar de eu usar uma roupa social séria, me senti despida. Sei que deve ser parte do código de vendas olharem para o cliente para checar o nível e oferecerem algo adequado, mas eu não estava à vontade. Talvez por que eu achava que estava fazendo algo errado e ele poderia perceber.

— E esta é – Trevor começou a dizer, mas foi interrompido.

— Vivian Driscoll, já faz algum tempo! – ele disse olhando para minha amiga e estendendo a mão para ela, que se recusou a cumprimenta-lo. Eu fiz uma nota mental de perguntar para ela mais tarde sobre isso. Provavelmente Trevor percebeu, e chamou Adam, para que o olhasse.

— Nós estamos dando uma olhada apenas, se algo nos interessar, chamaremos você – e pondo a mão no ombro de Adam e apertando a mão dele com a outra – ou outra pessoa, você não vai se importar com um pouco de competição esse mês, não é?

O vendedor pareceu irritado por alguns segundos, mas sorriu o riso mais amarelo que eu já vi na vida, enquanto fuzilava Trevor com o olhar. Ao meu lado as unhas de Vivian estavam machucando um pouco meu braço, mas eu permanecia imóvel, pelo tempo que ela precisasse. Quando Adam, o vendedor, caminhou de volta para o escritório, Vivian soltou o ar preso e eu percebi finalmente que ela mal estava respirando. Trevor aproximou, ele também havia percebido que algo estava errado, pois passou de leve a mão nos cabelos dela parando nos ombros e perguntando se tudo estava bem.

Vivian concordou com a cabeça, mas logo disse: — Tem algum outro lugar para irmos? Eu não estou me sentindo bem aqui.

— Nem precisa pedir duas vezes — disse Trevor colocando um braço protetor por cima dela e o outro por cima de mim, e dando um beijo no alto da cabeleira de cada uma.

Eu estranhei um pouco esse contato repentino, mas entendi que esse era o jeito dele de ser protetor. Enlacei minha mão pela cintura dele, como Vivian já tinha feito, e seguimos para o carro. Quando entramos ali, ele colocou uma música animada no radio e baixou automaticamente a capota do carro, que só agora nós percebemos que era conversível, e acelerou para outro lugar que ele conhecia. Vivian, ele e eu começamos a cantar "Livin’on a prayer" ou algo parecido com isso. Agradeci mentalmente por termos Trevor ali e por ele fazê-la sorrir.

Quando chegamos a uma nova loja. Vivian e eu mais animadas, saltamos do carro por cima da porta. Trevor quase teve um infarto ao ir procurar algum arranhão que porventura nossos sapatos pudessem ter deixado. Caminhamos para o pátio e, ao mesmo tempo, nós duas olhamos para um Hyundai Elantra de cor vinho e nem procuramos mais qualquer outro.

Trevor chamou uma das vendedoras que estavam por perto e perguntou vários aspectos técnicos que nem eu e nem Vivian estávamos interessadas. Nós duas só ficávamos dentro do carro, mexendo em varias coisas e descobrindo porta-copos, e porta-canetas, e decidindo que cor seriam os dados de pelúcia brega que penduraríamos no retrovisor.

Duas horas mais tarde e pronto, tínhamos um carro, tínhamos os documentos, as chaves e, com a barganha de Trevor, conseguimos o tanque cheio. Mal podíamos esperar para estreá-lo, entramos no nosso carro. Trevor apareceu pela janela do motorista, ele ficou apoiando os braços e olhando para dentro sorridente. De onde eu estava eu conseguia notar finalmente o quão bonito ele era, bonito demais para ser acreditável.

— Eu não sei vocês duas, mas eu estou morrendo de fome, que tal hambúrguer com fritas? – perguntou.

— Perfeito! – respondemos bastante entusiasmadas – onde?

— Tem uma lanchonete perto daqui a Rocky Bar, apesar do nome não é um bar, e não toca rock, mas é bastante legal.

— Eu não sei onde é – respondi.

— Beleza, eu saio na frente e você segue o caminho por onde eu for, pode ser assim? – ele disse olhando para mim diretamente e eu percebi que no centro dos olhos dele, coroados por uma densa e espessa camada de cílios negros havia um girassol esverdeado.

— Ok – respondi.

Ele saiu do carro indo para o conversível dele que seguimos um pouco atrás. Vivian disse finalmente ao meu lado.

— Desculpe pela cena de hoje.

— Não tem problema moça, quando eu der uma cena quero você por perto também.

— Eu sei...

— Que tal falarmos sobre isso hoje? – falei olhando para ela com um sorriso gigantesco, assim ela não poderia recusar.

— Hoje? Eu ligo mais tarde?

— Não, que tal... – eu disse concentrada na pista à frente e no caminho que Trevor pegava – eu e você, esse fim de semana comigo? E praia no domingo?

— Seria perfeito – ela disse saltitando no banco, e eu juro que quase ela bateu palminhas.

— Pronto, terminado o almoço passamos na sua casa e pegamos algumas coisas, a não ser que você queira ir direto para minha, e vista algo do que eu tenho.

— Eu prefiro a segunda opção.

— Combinado.

Trevor estacionou, e eu fiz o mesmo numa vaga perto da dele. Entramos numa lanchonete que apesar do ambiente, era bem limpa, onde tudo parecia bem gostoso, ou seria a fome?

Sentamos numa mesa próxima à janela e fizemos nossos pedidos. Passamos

bastante tempo assim, sorrindo e jogando papo fora, e sentindo um pouco de nojinho de menina quando Trevor colocou duas batatas fritas na narina e fez careta e depois as comeu. Com direito a gritinhos e tudo!

Eu tenho que admitir: essa tarde estava perfeita. Já eram quase cinco da tarde quando finalmente nos despedimos, não sem antes Vivian convidar Trevor para a nossa praia do fim-de-semana, algo que ele aceitou prontamente e combinou que nos encontraria na portaria do meu prédio.

— A belezura do meu carro não foi feita para pegar areia – ele disse pouco antes de ser convencido a levá-lo, caso contrário ele andaria num Elantra nem um pouco customizado.

Concordamos todos, e Trevor nos deu outros beijos no alto da cabeça enquanto nos despedíamos. Depois, ele saiu jovem e livre pela estrada, com seu conversível e seus óculos de estilo aviador, enquanto Vivian e eu iriamos ter “aquela conversa” no apartamento de Nicholas.

Roubado Conta Como Beijo?

Pensando no grande passo que demos hoje, eu percebi. O veículo nem era a sensação mais importante nesse momento, e sim a sensação de que eu tinha feito algo sem me importar com o que os outros iriam pensar. Essa sim era uma ótima sensação.

Apesar dos meus vinte anos, James nunca me deixou ter um carro, ele sempre me levava para todo lugar que eu fosse. Quando, no ensino médio, eu viajei para fazer um curso de italiano em Milão, mesmo em outro continente, onde eu fiquei quase um ano, eu não me senti tão livre quanto me senti hoje.

Apenas um momento ruim no dia queria estragar a alegria que eu tinha sentido. Eu não gostei do que aconteceu naquela primeira loja, e eu tinha que perguntar o que aquele homem da loja de carros fizera para Vivian.

Ela estava de pé experimentando minhas roupas enquanto pendurávamos tudo em cabides, finalmente eu estava desfazendo as minhas malas e organizando o closet, ainda que no caso de Nicholas me expulsar eu tivesse que reorganizar tudo de novo. Isso era algo que eu não estava certa se aconteceria ou não.

Olhei então para minha nova melhor amiga de pé admirando-se no espelho

do quarto, linda, divertida e tão forte, mas tão amedrontada quando aquilo aconteceu. Eu senti naquele momento como que um ímpeto de protegê-la, mas do que? Ou quem?

— Vivian — chamei-a — nós temos uma conversa pendente.

Ela deixou cair um pouco os ombros e perdeu a postura de supermodelo que fazia em frente ao espelho, e veio sentar-se comigo na cama. Ponderou um pouco, mas deu-se por vencida e passou a dizer tudo que houvera. Olhando para algum ponto fixo em sua mente, olhando para suas próprias mãos, como se ela estivesse vislumbrado bem ali o passado que ela estava prestes a me contar, começou a falar.

— Bom, foi há bem pouco tempo, eu conheci ele em uma festa dos meus pais, você sabe — sim eu sabia, Vivian tinha comentado comigo há pouco sobre as suntuosas festas beneficentes do Driscoll, ela continuou — eu estava entediada de tanta gente ao meu redor e eu decidi ir para a varanda da casa, eu fiquei ali algum tempo e finalmente ouvi alguém quase atrás de mim — quando ela viu-me arregalando os olhos me acalmou um pouco — não se preocupe, ele não tentou nada, ele apenas falou um pouco mal dos meus pais e eu sorri com ele. Bom, ele é o herdeiro daquele deposito de ferrugem que nós visitamos hoje à tarde.

— Sim, continue... — eu disse.

— Bom, conversamos algum tempo. Você viu, apesar de ser meio mais velho que eu, ele era bonito, e tinha um jeito divertido. Com o tempo ele começou a passar as mãos por lugares impróprios do meu corpo e eu pedia que não, mas mesmo assim ele insistia. Um dia digamos, ele perdeu a paciência.

Ela lançou essas ultimas palavras já se erguendo da cama para não olhar para mim, ou para não me deixar olhar para ela.

— Você está me dizendo o que acho que está me dizendo?

— Sim, ele me obrigou e me violentou, ou como queira chamar, e ainda por cima me drogou.

— Por que não o denunciou? — eu disse já exasperada.

— Acha que eu não quis? Meus pais quiseram evitar um escândalo envolvendo o nome da família, especialmente minha mãe — ela riu um riso meio histérico — assim, seria a minha palavra contra a dele, e digamos que eu nunca fui uma filha muito exemplar enquanto ele é um respeitado herdeiro de um monte de depósitos de ferrugem iguais aquele e casado — ela sentiu uma ligeira repulsa antes de completar — e membro do conselho de pureza de quase dois terços das igrejas locais.

Eu levei a mão à boca, não pude evitar o choque e levantei praticamente correndo para ela. Abracei-a, ela parecia tão frágil, e eu a senti enxugando as lágrimas mesmo sem ter que olhar para ela.

— Tudo está bem agora — eu falava calmamente afagando o cabelo dela — ele não pode mais fazer nada, nem eu e nem o Trevor, e Deus queira, até o Nicholas não iremos deixar nada parecido com isso acontecer outra vez.

— Eu sei — ela disse rindo e chorando ao mesmo tempo — mas veja o que você fez! — Falou enquanto limpava o olho borrado do rímel que não era à prova d'água — eu devo estar parecendo um urso panda.

— Está sim — eu disse e sorri.

— Vou tomar um banho, pode ser?

— Claro, eu vou assim que você acabar, enquanto isso eu vou fazer algo para jantar, sei lá, o que você gosta?

— Me surpreenda — desapareceu pela porta e foi ao banheiro.

Terminei de pendurar as roupas que já estavam todas no cabide no closet, e fui para a cozinha. Tirei meu relógio de pulso e depositei-o encima da bancada da mesa, antes ainda dei uma ultima olhada na hora, seis e vinte. Quase a hora que Nicholas chega.

Decidi preparar filé à parmegiana, com arroz e salada, não era nada muito elaborado, mas eu tinha certeza que iria agradar todo mundo. Arrumei a mesa de jantar para três, hoje teria um jantar com companhia em vez de comer na bancada da cozinha solitária, seria uma refeição em família, decidi.

Peguei o celular que estava carregando e mandei uma mensagem para Nicholas. Quer ele falasse comigo, quer não, eu iria fazer as coisas do meu jeito agora; digitei por voz:

“Nicholas, melhor que não se atrase para o jantar hoje, temos visita, Vivian, uma amiga da faculdade, traga qualquer bebida que combine com filé a parmegiana, e traga também Coca-Cola”.

Coloquei novamente o celular para carregar olhando a hora, seis e quarenta e cinco. Vivian já tinha terminado o banho há algum tempo, e eu felizmente sei fazer um prato sair rápido; coloquei tudo já pré-montado no forno só no ponto de aquecer e corri para tomar banho. Vivian estava secando o cabelo, eu nem me

importei, entrei assim mesmo e fui para o Box, pouco depois ela terminou e seguiu porta afora, já arrumada.

Eu fiquei alguns bons minutos no banho, curtindo a água morna na nuca, sentindo-a escorrendo por mim inteira, me tirando o suor e o cansaço de um dia inteiro, e aproveitei o momento. Depois, enrolada na minha toalha, andei pelo corredor, e entrei no meu quarto, vesti um short preto confortável e uma regata qualquer, e sequei o cabelo bem rápido com uma toalha. Pronta, fui para a sala, para minha surpresa quando cheguei ali estavam Vivian e Nicholas conversando, bastante calorosamente. Ele, esquentando o jantar, e Vivian dispondo os talheres.

Quando me viram, eles se calaram e eu me senti uma intrusa, até que Vivian abriu os olhos e indicou que eu olhasse para baixo. Eu não entendi, pelo menos não até Nicholas virar e olhar para mim meio sorrindo e meio “eu não sei explicar”.

Finalmente meus olhos baixaram e eu vi, essa regata que eu vesti não era a minha, era a regata que Vivian usava mais cedo sob o casaco. Lembro que eu e Trevor sorrimos demais dela, e que até mesmo o professor pediu que ela a virasse do avesso.

Estava pintada sobre o tecido, em letras garrafais, a frase — I WANT IT IN THE ASS! — Acompanhada do desenho de um membro masculino e um bumbum, eu voltei pro meu quarto correndo, ouvindo as risadas de Vivian e Nicholas atrás de mim.

Quando depois voltei, comportada, para a sala com uma camiseta branca que eu verifiquei duas vezes se não tinha qualquer coisa escrita, o incidente já tinha passado e jantamos em paz.

Depois disso fiquei feliz em ver que Nicholas tinha trazido uns filmes para assistirmos, bem antigos, mas que faziam rir. Colocamos travesseiros no tapete depois de colocarmos a mesa de centro para o canto e deitamos ali, Nicholas estava mais sorridente do que nunca. Tudo encenação? Não sei.

Vivian caiu no sono ao nosso lado depois de algum tempo, então Nicholas calou-se outra vez, e eu percebi que todo o tempo ele só estava tentando ser gentil com ela. Eu estava deitada bem no meio dos travesseiros, Nicholas à minha esquerda e Vivian estava deitada de lado à minha direita, de costas para nós, eu decidi ter uma conversa definitiva.

— Você tem que parar de fazer isso! — falei moderando o tom de voz para não acordar Vivian.

— Isso o que? – ele perguntou confuso.

— Ignorar-me, veja só, você já está em silencio de novo, e eu sei que faz só dez minutos que estávamos rindo das piadas desse filme.

Ele sorriu então se abaixou um pouco para encostar a cabeça em meu ombro, ficou ali deitado um pouco, e disse.

— Eu não estou te ignorando, só estou irritado.

— Se for por minha causa pode me dizer, eu posso sair se...

— Nada disso — ele interrompeu – eu já disse que só estou tentando facilitar as coisas para você, para você não ter nada que te impeça de viver plenamente essa fase da sua vida.

— E justo você acha que me impediria de qualquer coisa?

Ele olhou para mim. Por que esses homens de East Valley têm a necessidade, quase doentia, de olhar tão de perto as pessoas, são todos míopes?

— Você tem razão — ele disse, e demorou um pouco de tempo antes de voltar a olhar para frente. Nesse tempo ele olhava todo o meu rosto, como que me avaliando para que eu permitisse alguma coisa, mas o que? Seus olhos

demoraram algum tempo em meus lábios e depois voltaram para os meus olhos novamente. Nicholas parecia tão lindo daqui. Os seus olhos estavam enegrecidos pela escuridão da sala, seu rosto, novamente, parcialmente iluminado pela luz que vinha da projeção do filme. O olhar dele no meu estava tão intenso que um choque de eletricidade praticamente saiu dele para mim.

Eu forcei-me para não fechar os olhos, aproximar-me dele para sentir essa corrente mais de perto e suspirar. Então olhei para frente novamente, me desvencilhando do olhar abismal dele. Eu não podia deixar que ele me hipnotizasse assim outra vez. Nicholas se aconchegou mais ao meu ombro, visivelmente inquieto. E eu apenas o deixei descansar.

Algum tempo e ele começou a pesar no meu ombro, percebi que ele tinha caído no sono, e devagar, consegui tirar o meu ombro debaixo dele e apoiar sua cabeça num travesseiro. Dormindo ele parecia tão sereno, eu deitei-me de modo que conseguisse apreciar o rosto dele. Não sei que vontade foi essa que eu tive de analisá-lo, mas eu me surpreendi ao vê-lo dormindo assim, tão pacífico.

Fiquei observando-o por inteiro, as sobrancelhas fortes e desenhadas os cílios marrons-dourado que em conjunto emolduravam os olhos dele, a tonalidade da pele dele levemente bronzeada, o nariz afilado no rosto másculo e a boca, que parecia tão macia, tão bem delineada, que estava levemente entreaberta. Nicholas respirava calmo, eu senti novamente uma onda do mesmo impulso elétrico de antes, mas dessa vez mais forte, e me surpreendi com eu faria. Só não o suficiente para eu parar.

Enquanto eu me aproximava, mantinha os olhos abertos para que a qualquer movimento dele mais acentuado, eu parasse e fingisse qualquer coisa.

Ergui minha mão e de leve tirei os fios de cabelo que caiam desalinhados, sobre o rosto precioso dele. Aproximei-me mais e tão levemente, que eu nem sei se foi real ou sonho, eu toquei os meus lábios nos dele. Afastei-me um pouco. E vendo que ele não se moveu, eu mais uma vez juntei meus lábios aos dele. Dessa vez o beijei um pouco mais forte, sugando o lábio inferior dele. Ele respirou forte dessa vez, e moveu-se um pouco.

Eu, rápida, deitei sobre meu braço e fingi que estava dormindo. Mantendo os olhos fechados e a respiração calma, por um longo tempo para que eu tivesse certeza que ele não tinha acordado. Eu acabei sendo vencida pelo meu próprio disfarce e cai no sono ali mesmo.

Prometa-me

Quando amanheceu, eu não sabia onde me esconder. Vivian repousava silenciosa de um lado, e Nicholas, dormia quieto e lindo do outro. Eu abri os olhos quando os primeiros raios de luz começaram a atravessar, frouxos e tremeluzentes, a vidraça da janela. Fiquei olhando para o teto desde esse momento, pensando no que tinha feito na noite anterior.

Eu temia olhar para o rosto de Nicholas que agora estava deitado com o rosto para cima, com medo que ele pudesse ter percebido o que ocorreu. Eu não saberia me portar. Eu só ficava pensando naquele frio na barriga que eu estava sentindo, e em como a cada vez que eu o olhava pelo canto do olho, parecia que tudo dentro de mim gelava, considerei que isso era o nervosismo.

Levantei-me devagar e fui até a cozinha para tomar água e morder um pedaço de fruta qualquer, aproveitei também para ligar a cafeteira. Depois de fazer café, separei algumas coisas em cima da bancada para que qualquer um que acordasse pudesse se servir fazendo seus sanduiches.

Eu estava cansada e sonolenta ainda, e só percebi que não estava mais sozinha quando a porta da geladeira abriu e fechou, virei-me do susto e vi Nicholas de pé, tomando suco de laranja da boca da garrafa, e depois guardando a garrafa de volta na geladeira, a cena pareceria rotineira (e nojenta), mas tinha algo nele diferente. Ele parecia mais bonito. Também tinha o jeito que ele estava olhando para mim, com um brilho sugestivo no olhar. Ele caminhou para perto, eu pude perceber toda sua altura, ele ficou quase encostado a mim. Eu dei um

passo para trás, minhas mãos tiveram que buscar apoio as minhas costas para eu não cair, mas esbarrei nos armários da cozinha. Eu estava encurralada, tive que engolir em seco e finalmente esperar o que quer que ele fosse me dizer.

Nicholas abaixou-se então, encurvando-se um pouco sobre mim, olhando nos meus olhos, e aproximando os lábios dos meus. Eu não entendia bem o que ele queria ou talvez estivesse tentando não entender. Só sei que devo ter ficado apavorada e mostrado que estava assim, pois ele desistiu no meio do caminho quando percebeu meu pavor, abaixou a cabeça, como se vencido, e ficou por uns segundos assim antes de retomar a postura e olhar para mim de volta, agora com o rosto sério, disseme: — Eu não irei tocá-la, sem sua permissão, mas, por favor, prometa-me uma coisa.

— Sim – eu sussurrei, não estava confiante que se eu falasse alto, eu não iria gaguejar.

— Quando sentir vontade de me beijar outra vez vai me dizer?

Corei sem duvidas. Ele tinha sentido, ele sabia que eu o tinha beijado "Oh! Meu Deus!" ele deve estar me achando uma louca, uma criança, uma não sei nem o quê. Baixei a cabeça para desviar dele e da minha vergonha, eu não conseguia encará-lo.

Nicholas colocou um dedo gentilmente sob meu queixo e ergueu-me para olhar diretamente em seu rosto, e falou outra vez: — Você não prometeu.

— Eu prometo – aquiesci baixinho.

Ele aproximou de mim, me envolvendo num abraço terno, ainda beijou-me a testa tão delicadamente que eu fechei os olhos e inspirei profundamente, incapaz de decidir se era real ou uma fantasia minha. Então Nicholas desprendeu-se de mim, e foi dessa vez para o quarto dele. Voltei para o tapete onde Vivian estava e deitei perto dela. Como estava ainda cansada decidi dormir mais um pouco. Eu também queria tentar esquecer o ocorrido, não queria ficar pensando demais, e maquinando demais.

Eu tinha esse defeito, quando eu não sabia a verdade sobre alguma coisa, eu ficava criando teorias e mais teorias. Eu acabava sempre esperando demais e me decepcionando, ou afastando as pessoas quando eu não gostava do que a minha própria cabeça criava. Eu queria cavar um buraco e me esconder, eu queria ir para china, eu queria virar nômade no deserto, eu queria estar em Yellowstone Hill, sei lá. Eu só não queria ter que ficar encarando o cara que eu roubei um beijo escondido enquanto ele estava dormindo, e que, ainda por cima, o sabia.

Consegui dormir, quando fui acordada eram cerca de duas da tarde. Eu tinha me mexido tanto que já estava próxima do sofá e totalmente descoberta; meu ombro doía um pouco e eu passei a mão no meu cabelo que estava parecendo uma selva inexplorada. Pisquei duas vezes para me adaptar a

claridade da sala, dessa vez mais forte, e busquei a origem do barulho que me tinha acordado; encontrei-a na direção da cozinha, onde Vivian me olhava com olhos grandes e sorridentes, enquanto picava alguns legumes, e Nicholas semivestido como ele sempre ficava, apenas com a parte debaixo de um moletom cinza, mexia em uma panela.

Ele sorriu levemente para mim, o lampejo de alguma emoção passou pelo seu olhar, mas eu ainda não tinha tomado minha cota de café diário para defini-la então a deixei passar. Ergui-me confusa, alisando meu cabelo como pude e fui para o banheiro coçando as costas deixando os dois rindo atrás de mim. Diante do espelho, no banheiro escovei os dentes e prendi o cabelo com um elástico, e voltei para cozinha.

— Como vai essa menina que mais fala dormindo?

— Oi? – perguntei enquanto eu me servia de café.

— Você fala demais enquanto dorme, deu vontade de eu colocar um gravador para eu mostrar, mas você estava dizendo coisas muito impróprias para alguém da sua idade.

— Como assim? – eu disse relaxando na banqueta da cozinha e olhando

para os dois, com a bagunça que se espalhava pela bancada eu esperava que viesse algo mirabolante como receita.

— Você fala nomes enquanto dorme – disse Nicholas, não muito sorridente – e conversa com alguém que você está sonhando, em parte é engraçado.

Já que era engraçado, por que não havia diversão ou humor em sua voz? Fiz a pergunta que temia, mas que precisava de resposta.

— O que eu falei?

— Um monte de coisas – disse Vivian – a maioria era indecifrável, mas você chamou meu nome duas vezes, e o do Nicholas aqui umas três vezes.

Eu olhei para ele, Nicholas me olhou de volta e sorriu um pouco, mas o sorriso não chegou aos seus olhos, eu insisti — E o que mais?

— Bom – agora foi Nicholas quem falou, mas eu ainda não conseguia definir a emoção dele naquele momento, ele disse – você aparentemente estava

tendo um primeiro encontro com alguém chamado Trevor.

— Sim – deu um gritinho, entusiasmada, Vivian – e eu acho que vocês se beijaram por que você disse que ele beijava bem. “Mais essa agora!”, pensei.

Olhei para Nicholas que evitava meu olhar, agora sim, a emoção tinha um nome definido, ciúmes. Não sei se foi o café ou por lembrar-me do sonho. No sonho eu via Trevor ao longe, numa escola, e éramos namorados num encontro e nos beijamos e continuamos até... “Oh, meu Deus!”. Arregalei os olhos, será que eu também gemia alto enquanto dormia?

— Você também disse que nunca tinha se apaixonado – completou Nicholas quase que confirmando o que eu tinha pensado e desviando o foco da conversa.

— Se isso for verdade amiga, é triste! – disse Vivian.

— Era verdade, mas não sei se é mais – eu disse, mas Nicholas não olhou mais para mim, ele continuou de cabeça baixa com o maxilar travado, terminando de preparar o que só agora eu percebi que era um ratatouille.

Eu deixei os dois ali e fui deitar-me no sofá, eu não devia ter deixado minha visita cozinhando, mas ela e Nicholas pareciam que sempre estavam se divertindo mais sem mim do que comigo. Fiquei com a mão cobrindo os olhos, não queria a luminosidade ferindo minhas pupilas envergonhadas.

Areia e Água

Domingo chegou mais rápido que de costume. Vivian e eu levantamos cedo para nos organizarmos e ir à praia, por fim encontrar Trevor como havia sido planejado. Não sei quanto tempo ficamos decidindo o que cada uma iria vestir, tendo em vista que eu não tinha planejado ir à praia por algum tempo e estava sem todo esse tipo de coisa que se leva à praia.

Acho que fizemos um pouco de barulho demais, pois quando tínhamos nos organizado e pretendíamos sair às escondidas para o hall, encontramos Nicholas sentado no sofá da sala, com uma enorme xícara de café na mão e um olhar ainda sonolento no rosto, o cabelo dele estava totalmente bagunçado e ele parecia tão juvenil.

— Fugindo as duas? – ele perguntou.

— Ah, claro que não, fugir exige cautela, nós vamos à praia!

— Desculpa não avisar, Nicholas, achávamos que você estivesse dormindo – eu disse finalmente.

— Não parece que não queriam acordar a alguém com toda aquela risadinha do outro lado do corredor.

Sorrimos uma para outra, eu iria me desculpar novamente, mas a campainha tocou. Olhamos uma para outra, nervosas, enquanto Nicholas se levantou para atender antes que reagíssemos. A porta foi aberta, pela cara de decepção de Nicholas, imaginamos, acertadamente, que era Trevor. Havia uma quase que confrontação entre os dois. Nicholas olhou para nós e sorriu gentilmente.

— Acho que é para vocês – ele disse.

E Trevor, em todo seu estilo de garoto rebelde, adentrou o apartamento e acenou para nós sorrindo, sem ao menos cumprimentar Nicholas.

— Olá para as duas, tudo pronto para irmos?

— Elas ainda nem tomaram café – disse Nicholas após fechar a porta e ficar lado a lado com Trevor – e Emily não é gente antes do café, não é mesmo?

— Claro, se você puder esperar só alguns momentos Trevor, eu realmente preciso do meu liquido precioso pela manhã, senão tenho dor de cabeça.

— À vontade – disse Trevor andando até a sala e sentando-se no sofá, batendo com a mão na espuma alguma musica que estava só na cabeça dele, e olhando para todo o apartamento – esse lugar é legal, tá de parabéns cara.

— Obrigado – disse Nicholas com um sorriso amarelo que enganou a Trevor, mas não a mim, que olhava nervosamente de um para outro.

Assim, com os dois juntos, eu podia observá-los melhor e compará-los também. Nicholas já homem, quase sempre tão sério, do topo dos seus um metro e oitenta e cinco, com o cabelo louro desalinhado na altura dos olhos, vestido com uma regata branca e um moletom cinza (que eu percebi que deve ser o favorito dele, pois em casa ele praticamente não mudava) encarando com alguma raiva interna os olhos azuis de Trevor, enquanto os dele castanhos não piscavam.

E Trevor, por sua vez, não percebendo que estava sendo fuzilado com um olhar. Sorrindo com um jeito de quem ainda não tem a mesma desenvoltura e confiança que um homem consegue apenas quando passa da fase jovem para a adulta. Ainda assim conseguia exalar um quê de inocência fingida.

Ele era um pouco mais baixo que Nicholas, eu acho que devia ter mais ou menos um e setenta e cinco, os cabelos pretos contrastavam com a pele branca. Os dois eram lindos, sim, eu concordo, mas não seria bonito se eles dois saíssem nos socos pouco antes de eu ir à praia.

— Eu terminei – disse enquanto pousava ruidosamente a xícara na bancada e depois a jogava na pia.

Olhei para o lado, Vivian parecia estar se divertindo com a situação e não falava nada, aposto que ela também os estava comparando e não queria ser interrompida pelo barulho que fiz por que olhou para mim de cara feia.

— Vamos? Já? – perguntou com um pequeno desapontamento.

— Já! – eu disse.

Trevor levantou-se finalmente do sofá e pegou sua bolsa, que minutos antes ele tinha jogado no chão, e colocou-a na costa, estendeu as mãos para se despedir do anfitrião que permanecia visivelmente irritado.

— Vamos, por favor! – eu praticamente implorei fazendo ambos olharam para mim, eu lancei um olhar exasperado para meu convidado.

— Divirtam-se – Nicholas começou a dizer enquanto ia para o corredor, ainda olhávamos para ele quando ele se virou e completou – mas não tanto.

Vivian sorriu ao meu lado e eu bati a mão na testa morrendo de vergonha. Trevor virou para nós duas perguntando o que havia sido isso, mostrando que, ou fingia que não era com ele, ou então foi burro demais para não perceber que o recado foi para ele.

— Eu aposto, os melhores lugares já estão ocupados.

— Não diz isso – disse Vivian dando um cascudo nele.

E saímos finalmente do edifício. Partimos para a praia, não sem antes brigar um pouco sobre dirigir os dois carros e sermos convencidas que era melhor todos usarmos o carro dele, pois já estava equipado com tudo e não queria ter que carregar tudo de um porta-malas para o outro, talvez tivesse mudado de ideia.

Na estrada, com a capota erguida, o vento correndo solto. Vivian e eu no banco de trás, e Trevor à frente dirigindo. Percebemos quando o vento começou a ficar com um cheiro distinto de maresia, era a praia se aproximando. Nós erguemos os óculos de sol para observar tudo. Eu não conhecia aquela praia, e estava encantada, na verdade eu estava extasiada com sua beleza. Eu amava o mar, o cheiro único que ele tinha, e a sensação do vento meio grudento na pele. Além do azul do céu refletido no mar dando-lhe infinitas tonalidades.

Quando Trevor estacionou, nós duas corremos para a areia, pouco antes de ele berrar para que voltássemos ajuda-lo. Quando Vivian e eu acordamos, nós apenas nos preocupamos em pegar a carteira com dinheiro e uma bolsa com bloqueador solar para mim e Bronzeador com filtro para ela, enquanto Trevor tinha pensado em todo o resto, pois o víamos retirando do porta-malas: dois grandes cestos térmicos, onde tinha comida e bebidas; um deck montável, em tamanho grande, de madeira; e uma cadeira de praia, que eu supus era para ele.

Então nada mais justo que uma ajuda. Ajudamos a carregar os plásticos para a areia, e finalmente, após uns vinte minutos montando um guarda sol dobrável para que ele não desmontasse, demos um mergulho. Vivian e eu, por que Trevor ficou sentado em sua cadeira, típico cara da praia, com uma bermuda de surfista, regata praiana, óculos escuros e bebendo uma Heineken, enquanto olhava de um lado para outro, não sei o que ele estava procurando.

Eu já parecia criança, como disse antes, amo o mar; eu sabia nadar e apostava quem ia mais rápido de um lado para outro com Vivian, até ficarmos exauridas e irmos para debaixo do guarda-sol.

Sentamo-nos ali. Engraçado, eu estava só de biquíni perto de um cara que eu mal conheço, e sei que isso deveria me deixar pouco a vontade, mas Trevor fazia a experiência de ficar ao lado dele, não ser desconfortável. Ele até tinha até erguido os óculos para que a gente pudesse ver para onde ele estava olhando e ter certeza que ele não olhava para algum lugar inapropriado.

— Eu quero uma dessas – disse Vivian acenando para a garrafa verde na mão dele, ele abriu a tampa de um dos troços de plástico que ele trouxe e que eu não sei como se chama, e tirou uma Heineken para ela também, eu olhei para frente.

— E você não quer nada? – Trevor disse.

— Eu não bebo, e vocês sabem – Sim! Eles Sabiam!

— Eu sei, e por isso... – ele disse enquanto vasculhava mais a fundo e tirava para mim duas latas, sendo uma de Coca-Cola diet e outra de Coca-Cola original, perguntou-me qual das duas eu queria.

— Normal – eu disse, e fiquei feliz ao ver que ele tinha pensado em tudo mesmo.

— Quando eu trago alguém numa praia, ninguém vai embora sem ter um bom momento – ele disse, e se levantou da cadeira, colocou a bebida dele nela, e tirou a camiseta. Eu fiquei satisfeita ao perceber que eu não era a única tarada ali, pois Vivian e eu ficamos embasbacadas olhando para Trevor em seus trajes de praia (posso dizer assim?).

— Naquele outro ali tem umas coisas que eu pedi para prepararem, coisas de comer, não sei o que é então se divirtam descobrindo, eu vou dar um mergulho — disse antes de ir.

Vivian olhou para mim e sorriu, fez um aceno dramático fingindo um desmaio e eu fiquei sorrindo dela, apesar de olhar novamente para direção em que Trevor tinha ido, só para garantir um pouco mais de imaginação quando eu escrevesse as paginas para ele mais tarde.

Perduramos ali até a noite. Fomos embora só quando o vento se tornara frio o suficiente para ser insuportável, e eu dirigi todo o caminho de volta, deixei primeiro Vivian na casa dela, afinal de contas, uma hora ela teria que dar notícias aos pais, e depois eu fui para meu recinto, já que Trevor insistiu em me levar para casa, não sem antes pontuar por diversas vezes o quanto gostou do dia. Quando o carro parou na frente do prédio ele desceu para me acompanhar até a entrada, eu disse meio tímida: — Na próxima vez que sairmos eu pago, hoje você fez tudo.

— Já está marcando outra? Gostou então.

— É claro – disse. E me surpreendi ao vê-lo me acompanhando até dentro da estrutura e depois até o elevador, e ainda, até a porta do apartamento de Nicholas, então ele disse.

— Fico feliz que tenha gostado de hoje.

— Gostei muito – eu concordei.

Eu segurava minha copia da chave na mão.

— Então vai querer fazer isso de novo? – perguntou.

— Provavelmente sim – respondi.

— Apenas nós dois, algum dia? — Ele deu um passo para mais perto, e o espaço de dois passos que nos separava ficou menor.

— Quer que sejamos apenas nós dois? – perguntei.

— Não é que eu não goste da Vivian ou algo do tipo, mas você sabe que eu gosto mais de você.

Outro passo, a distância que nos separava tornou-se nula. Ele baixou o rosto devagar em minha direção, e eu pensei: "Ele vai mesmo me beijar?”.

Eu não me afastei. Parecia que o tempo tinha congelado enquanto ele baixava os lábios para tocarem os meus, ainda bem que os olhos dele estavam fechados senão ele perceberia que eu estava praticamente surtando. Eu fechei os olhos e entreabri os meus lábios, nossas bocas mal tinham se tocado, mas ele pousou as mãos no meu rosto para aprofundar o beijo, e eu segurava a cintura dele de volta. A porta se abriu ruidosamente, e separamos nossos lábios quando ouvimos a voz de Nicholas dizendo com calma: — Acho que já chega por hoje não?

Trevor me sorriu, e fez um aceno militar ridículo para se despedir de Nicholas, enquanto virava para mim novamente.

— Até amanha... – ele disseme numa pose de Dom Juan.

Adentrei o apartamento com passos derrotados, fui direto para o banho, e depois do banho, direto para o quarto. Aquilo que eu achava que eu iria apenas fantasiar e escrever, tinha realmente acontecido.

Enfiei-me sob os lençóis e decidi que não sairia dali hoje, não sob o risco de encontrar o olhar fulminante de Nicholas vagando pelo apartamento.

Sempre Intenso

Resumindo minha vida, eu tenho vinte anos, deveria ser madura. Pelo menos o suficiente para discernir entre o certo e o errado, e todas essas coisas de uma pessoa adulta normal. Contudo, eu fui superprotegida demais, talvez o medo do meu irmão em me deixar sofrer pela falta dos nossos pais tenha ajudado, por que eu me sentia infantil demais às vezes, e careta demais em outras.

Em vinte anos eu nunca havia me apaixonado. Não sou nenhuma santa, eu já fiquei com dois garotos com quem namorei por algum tempo no ensino médio. Mas paixão, paixão mesmo, eu não sabia o que era. Quando eu assistia a filmes românticos, não conseguia entender o que levava o casal do filme a se apaixonar em menos de vinte minutos, nem mesmo o porquê depois de expostos a situações mirabolantes, eles sempre ficavam juntos. Para mim era totalmente clichê. Até nos livros, para mim nada mais piegas do que o típico casal estereotipado nas páginas amarelas. Ainda assim, eu insistia em acreditar naquilo, aliada à minha crença de que eu iria me apaixonar num estalo estava o poder de superproteção de James, que eu particularmente adorava. Por quê? Simples, por que eu podia culpá-lo quando eu não queria ir mais fundo num relacionamento. Eu dizia ao rapaz que meu irmão tinha descoberto tudo, e assim James tornara-se uma ótima e eficiente desculpa, isso antes, e com ele por perto.

Por que agora, ah! Agora estou aqui, deitada de lado na cama, olhando pela janela o mundo lá fora. Tentando distrair-me do mundo confuso que se criava dentro de mim. Em dois dias eu tinha sido beijada duas vezes, bom na verdade um dos beijos fui eu quem deu, mas contei assim mesmo. Mas isso é irrelevante, o caso, é que eu não sabia como lidar com isso. Primeiro, eu não sabia como dizer a Trevor que não deveríamos ter nos beijado, e segundo, Nicholas, o cara

de quem eu roubei um beijo, com certeza já tinha se levantado, e numa hora dessas estaria na cozinha, tomando café, com aqueles olhos castanhos e perscrutadores, intimidantes e acalentadores ao mesmo tempo, e eu teria que encará-lo.

Insisti em ficar ali tanto tempo quanto pude. Pelo menos até eu perceber que me atrasaria para a faculdade, e que logo Vivian iria ligar dizendo que me esperava lá embaixo. Então me aprontei o mais rápido que pude e fiquei a esperar que ela me buscasse.

Nicholas estava de costas para mim, ele não estava arrumado para ir ao trabalho, chequei meu relógio outra vez, sete em ponto, eu não estava adiantada. Abri a geladeira fazendo um barulho involuntário, e mesmo assim ele não virou para mim, nem me cumprimentou. Apenas continuou fazendo os ovos mexidos como se fosse uma ciência, e depois de alguns minutos em que o silencio só era quebrado pelo barulho da colher na panela, me enchi, e falei finalmente.

— Nicholas, me desculpe tá? Eu sei que foi uma falta de respeito ficar beijando alguém ali à porta, ainda mais na sua porta, e do seu apartamento, eu não devia ter feito isso.

Ele virou para mim finalmente, com cuidado despejou os ovos mexidos em um recipiente na mesa, ele serviu dois copos de suco de laranja, um para ele e outro para mim; sentou-se e apontou a outra cadeira indicando que gostaria que eu me sentasse ali. Aceitei e sentei ali onde ele tinha indicado.

— Emily, não precisa se desculpar; você me disse que pediria quando quisesse que eu a beijasse. Lembra? — Nicholas falava pacientemente e se servia do café da manhã, e também colocava um pouco no meu prato.

— Eu sei, mas, eu achei que ficaria no mínimo estranho esse negócio de ciúmes e tal.

— Eu não sou um menino dado a esse tipo de intempéries sentimentais.

— Mas... Nicholas...

— Não tem “mas”, Emily, o fato de eu ter pedido que entrasse é por que estou cuidando de você. E senti que isso é o que deveria ser feito, além disso, eu nem poderia chamar aquilo de beijo.

— Como é? – perguntei um pouco ofendida.

— O que eu quero dizer é que, há trabalhos para garotos, e trabalhos para homens, e não se deve pedir a um garoto para fazer o trabalho de um homem.

Fiquei olhando para ele por alguns instantes, agora ele me encarava divertido, parecia até que saboreava alguma piada particular, e eu era a protagonista. Então eu mudei de assunto, não ia dar para ele a oportunidade de se meter mais nesse.

— Comprei um carro.

— Eu sei – Nicholas disse calmamente.

— Como sabe?

— Seu irmão me incumbiu como seu procurador, eu tenho acesso ao movimento das suas contas.

— Então você estava me bisbilhotando? – falei me levantando da cadeira.

— Não, não fiz isso – disse, e pegou meu braço com cuidado, para que eu sentasse novamente. Quando eu sentei ele continuou – só soube por que o uso que você fez do dinheiro pareceu estranho e eu recebi um torpedo informando da

movimentação, o banco envia torpedo a cada movimentação, e eu liguei para o banco preocupado.

— Há quanto tempo isso?

— Desde que se mudou para cá.

— E você nunca iria me contar?

— Eu achei que você já soubesse, não achei que devesse contar algo que não cabe a mim e sim a seu irmão.

Irritada eu levantei, sem ao menos tocar no café da manha e me encaminhava para sair pela porta, pegando minha bolsa no caminho. Irritada demais com Nicholas, com James, com o Trevor e comigo mesma. Quando eu ia abrir a porta e sair, a mão de Nicholas já estava nela, não permitindo que eu a movesse.

Virei-me para encará-lo. Nicholas estava perto demais de mim, outra vez eu

conseguia sentir o cheiro dele, era tão bom, tão masculino, e tão característico. Eu me sentia encurralada e exaltada ao mesmo tempo, mas não conseguia pedir para que ele saísse dali, a outra mão dele livre apoiou-se na porta, e ele pressionou de leve seu corpo contra o meu. Meu olhar encontrou o dele, ele desceu o olhar para minha boca, e os meus também acompanharam a sugestão e desceram para contemplar seus lábios que pareciam sedentos e quentes. Nicholas aproximou-se um pouco mais, eu estava presa pela cadeia dos braços dele. Ele pediu com uma voz rouca que me fez quase derreter: — Por favor, peça que eu a beije...

Eu imaginei os lábios dele se aproximando, imaginei como seria finalmente enrolar o cabelo loiro dele em minhas mãos, imaginei como seria aprender aquilo que ele acabara de referir por trabalho para um homem, imaginei-o prendendo-me mais, praticamente me esmagando contra a porta, imaginei as mãos dele correndo por meu corpo e as minhas pelas suas costas. Mas eu demorei um pouco, meu corpo inteiro dizia que sim, até a minha respiração, mas saiu apenas um "não quero" fraco da minha boca.

Imediatamente Nicholas se afastou de mim, confuso com minha reação adversa, e com a sua própria por não saber se controlar diante de mim, ele passou as mãos nos cabelos, respirando fundo, e se recusando a olhar-me dessa vez.

— Não ainda, pelo menos... – eu comecei a dizer.

— Apenas vá – ele atalhou, com uma voz endurecida, tão diferente da voz que me acendeu momentos atrás.

Precipitei-me porta afora, sem querer ficar mais tempo ali, onde o ar parecia escasso. Logo, desci para a portaria do prédio, repensando com cada fibra do meu ser o porquê dele ser assim, um homem com uma placidez em todos os seus comportamentos numa hora, e em outra, um homem com tal intensidade.

Como Vivian ainda não tinha chegado, eu precisei ficar esperando por alguns minutos. Observar o movimento dos pedestres, indo e vindo, até o carro dela chegar, e foi o que me acalmou. Quando entrei no carro, após ela chegar, se ela percebeu o afogueamento nas minhas faces não falou nada. Apenas falamos de coisas triviais, e eu fiquei feliz por ela não me perguntar sobre o que tinha acontecido quando Trevor me trouxe da praia, e seguimos para a universidade.

Quando chegamos, Trevor estava recostado numa reluzente Harley Davidson preta, cheia de detalhes prateados, e acenou para nós duas. Vivian acenou para ele alegremente e eu fiquei pensando se as coisas seriam diferentes entre mim e ela, caso ela descobrisse que eu beijei Trevor.

Quando ela se aproximou lhe dando um beijo na bochecha e um abraço, eu não me incomodei, mas na minha vez de cumprimentá-lo, ele ergueu a mão para mim, e eu a sacudi meio decepcionada. Não sei o que eu esperava. Talvez algo parecido com o cumprimento dela segundos atrás, mas não falei nada.

Seguimos para as aulas do dia, depois nós dois almoçamos, ali mesmo, na faculdade. Após isso, eu fui para a biblioteca terminar algumas pesquisas de um trabalho de Latim.

Quando dei por mim, era quase a hora aproximada da noite, decidi voltar para casa. Vivian não quis ficar até tarde comigo, ela tinha visita de alguém, e levou o carro. Eu concordara em tomar uma condução, também fiquei meio ofendida por Trevor não ter me oferecido a carona, mas não comentei com ele, deixei-o ir.

Procurei a carteira na minha bolsa sem sucesso, eu não a encontrava, refiz mentalmente o caminho que eu fiz até a biblioteca pensando se por acaso não teria caído no caminho. Mas logo me lembrei de que à hora que chegamos à faculdade eu estava procurando um brilho labial na bolsa, e tinha despejado todo o conteúdo no meu colo, no banco do carro. Provavelmente caiu ali, e eu não senti falta por que no almoço quem pagou foi Trevor.

“Que droga! Pelo menos meu celular está comigo”. Disquei rapidamente um numero e pedi assim que atenderam a chamada.

— Você pode vir me buscar, por favor?

— Você está com problemas? – uma voz preocupada inquiriu.

— Eu esqueci minha carteira com a Vivian, estou na biblioteca, não tenho como voltar.

— Estou indo – disse.

— E, Nicholas...

— Sim? – ele perguntou.

— Obrigada.

Ele encerrou a ligação. Algum tempo mais tarde, já me deixava de volta no apartamento, sã, e salva. Eu poderia ter pegado um táxi, mas meu intimo se alegrou por estar perto dele mais uma vez, ainda que ele estivesse com uma cara que mostrava que estava muito, mas muito, bravo.

Meu Melhor Segredo

Os dias passavam apressados e tudo continuava igual e senão igual, pior. Eu ficava no escritório a escrever quando Nicholas não estava, e quando ele estava eu ficava no quarto a escrever. Tornamo-nos dois estranhos na mesma casa, talvez ele tenha sentido isso um pouco menos, já que passava a maior parte desse tempo fora, diferente de mim. Pensei por muitas vezes nas coisas que aconteceram e o porquê de elas terem acontecido. Pensei que eu não deveria tê-lo beijado escondido, pois aquilo tinha dado falsas esperanças para ele; ao mesmo tempo eu queria que ele tivesse me beijado na última vez, mesmo sem eu pedir, ainda que eu tivesse dito que não. Quanto a Trevor, bom, ele estava agindo muito estranho, quando estávamos juntos, ele era todo amores. Mandava mensagens pelos aplicativos de celular, ficávamos, por vezes, a noite inteira em claro. Na escola, no entanto, ele era indiferente, quase como se quisesse esconder das pessoas o que acontecia. Eu achava que estávamos nos encaminhando para algo sério à noite, e pela manhã, tudo ficava frio outra vez, num ciclo. Se eu fosse mais aventureira poderíamos ter passado dos beijos fácil, mas não sendo, limitamo-nos a beijos no banco de trás do carro.

Quando eu chegava ao apartamento de Nicholas. Eu ia correndo para o escritório, se ele não estivesse em casa, e ali eu ficava escrevendo tudo o que acontecia comigo e com Trevor, romantizando um pouco. Com Trevor eu me sentia emburricada.

Por que apesar de às vezes eu me sentir quase incomodada quando ele não me tratava como sei-lá-o-que-éramos, em publico, ainda assim ao terminar eu tinha essa mania escrota de vir escrever para ele, ainda que fosse tudo uma fantasia, ou na crua palavra, uma mentira. Pois eu descrevia nossos encontros como eu gostaria que tivessem sido, e não como foram na realidade.

O celular tocou, era Vivian, eu fiquei pensando entre ignorar e continuar escrevendo. Ou perder minha linha de raciocínio, e assim manter a amizade. Segunda opção.

— Adivinha? – estava eufórica no outro lado da linha.

— Sabe que eu não sou boa em adivinhar, Vivian.

Era sábado à noite, eu estava sozinha no apartamento o que era incomum, pois geralmente aos sábados Nicholas estava em casa, ou então James me ligava e ficávamos horas e horas nos falando. E agora também tinha Trevor com quem eu trocava mensagens. Hoje, nenhum deles me fez companhia, o dia inteiro. Prestei atenção ao que ela falava.

— Deixa de ser chata, Trevor me beijou.

Eu deixei o maxilar cair por um minuto, me imaginei igual aos desenhos animados, mas consegui articular ainda.

— É... Uau... Como assim? Então vocês dois estão juntos agora? – incrível como eu conseguia disfarçar minhas emoções, pelo menos era o que eu achava, eu poderia fazer fortuna no pôquer, se eu um dia eu aprendesse a jogar pôquer.

— Não agora, eu estava saindo com um cara, aquele que eu te falei, lembra?

— Sim – eu lembrava-me bem, de um surfista meio esquisito que ela conhecera pelo Tinder.

— Então, ele parecia muito estupido e grudento, e mentiu a altura, apesar de ele ser lindo, eu nunca mais poderia usar saltos...

— Nossa, que tragédia – ironizei.

— Pois bem – ela continuou — eu liguei para o Trevor vir buscar-me, nós dois conversamos, eu disse para ele que gostava dele e ele me beijou.

— Simples assim?

— Sim, ué...

— Ele não te disse se estava saindo com outra pessoa? Se ele tinha uma namorada? Ou um rolo?

— Não, ele não me disse, você acha que ele tem?

Droga! O jogo virou para mim.

— Estou apenas perguntando, eu não sei.

— Então... – ela começou a contar todos os detalhes. Foram doze minutos sem parar de falar. Nesses doze minutos eu me perguntava se ela não iria parar para respirar em nenhum momento.

Eu tinha que voltar a escrever, estava sentindo uma pequena raiva crescendo dentro de mim, mas não era nela que eu deveria despejar. Como uma adulta, eu soube me controlar, assim bem mais tarde eu teria uma conversinha com alguém que merecesse ela. Mas eu também não queria ficar fingindo que

aquilo me interessava e não magoava, lancei uma mentira então.

— Que droga! Terei que desligar, Nicholas chegou.

— E desde quando você desliga por que ele chegou?

— É que ele está me chamando...

— Eu não ouvi

— Vivian, beijos, até segunda.

Ela ainda iria falar alguma coisa, mas eu não queria mais ouvir. Fechei o notebook também e fui para a sala, preparar alguma coisa para o jantar, achei um pedaço de carne para assar e para descontar minha frustração.

Quando terminei o jantar, minha raiva ainda não tinha passado; sentei na poltrona favorita e fiquei observando o movimento dos carros. Eu queria roubar minha mente da conversa que tive com Vivian, então fiquei me apegando a cada pequeno detalhe da rua. Escrever estava fora de cogitação no momento, então eu fiquei apenas esvaziando a mente.

Algum tempo depois, eu ouvi a chave girando na fechadura, mas não virei-me para olhar quem era abrindo a porta do apartamento, apenas fiquei ali parada. Lagrimas queriam inundar meus olhos, mas eu as segurei, não valeria a pena chorar por isso, Nicholas se aproximou e sentou no chão perto de mim, a mão repousando na minha perna levemente. Eu o olhei então, ele devia ter saído para correr, pois estava com uma regata, uma calça de listra lateral da marca Adidas, e apenas meias, pois ele deixava todos os sapatos ao lado da porta.

Nicholas ficou me observando por um tempo, eu virei novamente para frente, depois de olhar para ele, eu não queria me abrir com ele naquele momento, não sobre Trevor.

— O que aconteceu? – ele perguntou, e realmente tinha uma preocupação desinteressada em sua voz.

— Nada importante – atalhei, mas ele não se deu por vencido, e foi direto ao cerne da questão.

— O que aquele imbecil fez para você?

Virei para ele outra vez. Claro que ele iria saber, por que outro motivo uma mulher ficaria chorosa?

— Não é nada demais, eu vou resolver isso.

— Ele tentou alguma coisa com você? – ele disse, mas dessa vez já havia um pouco de raiva em seu olhar.

— Não foi nada disso – eu olhei para ele.

Eu teria que falar, sob o risco de ele ligar para policia achando que Trevor houvesse tentado fazer sexo à força comigo.

— Nicholas é uma bobagem, é só que... Bom, eu apenas soube que ele andou saindo com outra pessoa – não citei o nome de Vivian, não valeria a pena criar uma discórdia entre os dois.

— Lamento por isso, Emily – disse sincero.

— Obrigada, tudo ficará bem – eu disse.

Nicholas se levantou, tomou seu banho e comeu silencioso. Eu sentia o peso do olhar dele sobre mim, mas não queria mais conversar sobre isso, nem queria me mover na verdade. Fiquei apenas formulando a resposta para as mil hipóteses na minha cabeça, é por isso então que ele não me apresentava para ela como namorada, por que no fim ele queria as duas, ou sabem-se lá quantas ele ainda tenha escondidas umas das outras. Se não fosse a Vivian me contar, será que ele me contaria? Claro que não! Eu já o desenhava pior que um monstro na minha cabeça.

Quando finalmente eu consegui refrear meus pensamentos eu olhei para direção da cozinha, Nicholas já tinha ido para seu quarto, e eu fui para o meu. Fiquei me olhando ao espelho por algum tempo. O que Vivian tinha que eu não tinha? Claro, a personalidade dela era mil vezes mais cativante e ela tinha um corpo escultural, de modelo de biquíni, e eu por outro lado ficava sempre à sombra das pessoas, não querendo ser notada pela minha timidez, eu queria ficar escondida, e ela não, ela brilhava, mas tudo isso era suficiente para trair alguém e minar a sua confiança?

Joguei-me na cama frustrada, eu não poderia ter raiva de Vivian, ele não tinha contado nada, ela era inocente na historia, se alguém tinha culpa nisso tudo era Trevor, ele foi quem mentiu para mim sem se importar com o que eu

passaria. Ele tinha jogado comigo como quis, mas ele não sabia que dois podem jogar esse jogo.

Eu ergui-me na cama, olhei na direção da porta e lembrei que ali, em frente ao meu quarto, tinha outra porta, que eu poderia bater, e que quando ela se abrisse, dentro do quarto estaria um homem mais do que perfeito, a quem eu poderia beijar assim como Trevor beijou minha melhor amiga.

Eu então tirei o meu short e a blusa que eu estava, fiquei nua no quarto e passei hidratante no corpo, um pouco de blush e um pouco de batom cor de boca, vestime apenas de uma camisola fina, e fui para o quarto dele.

A porta estava entreaberta, a luz que vinha do corredor iluminava o quarto de Nicholas, jogando um feixe de luz sobre ele que estava deitado, olhando para o nada, pensativo. Ele percebeu-me entrando e virou-se para a direção da porta. Eu estava um pouco apreensiva, e ele, muito surpreso. Eu percebi quando ele travou o maxilar, e ficou observando enquanto eu me aproximava.

Não sei de onde eu reuni coragem, mas à beirada do seu leito, ergui um pouco a camisola e subi na cama, andando sobre ela, pus uma perna de cada lado do corpo dele e me ajoelhei sobre ele, sentando exatamente onde tinha um volume na calça jeans. Inclinei-me um pouco mais sobre ele, olhei em seus olhos. Eu beijei a boca dele duas vezes, bem de leve.

Nicholas, ainda meio aturdido com o que acontecia, não sabia como corresponder, eu então sussurrei aos ouvidos dele: — Eu quero que você me beije.

Naquele momento foi como um clique dentro dele. Nicholas tomou meu rosto nas mãos e me beijou como eu nunca antes fora beijada. Ele tinha razão, não se deve confiar a um garoto o trabalho de um homem. O beijo era tão diferente, ele sabia exatamente o que estava fazendo e me comandava. Aquele beijo fazia-me sentir que ele tomava posse de mim, e me enviava ondas de calor por todo o corpo. Eu senti como se o mundo inteiro não existisse antes desse beijo, senti também que o mundo inteiro não existia agora, éramos somente nós dois ali, presos naquele beijo, que nenhum dos dois queria que acabasse nunca.

Nicholas colocou uma mão na minha cintura e me moveu de modo que agora eu estava por baixo e ele por cima, em momento algum separando nossos lábios, o beijo continuava doce e terno, mas também possessivo. Ele estava com um só beijo, reivindicando todo o meu folego para si. Nicholas segurou meu queixo com força, me obrigando a expor o meu pescoço no qual ele se embebeu, dando levíssimas mordiscadas. Não pude resistir, gemi.

De repente, porém, eu o senti tenso, parando em cima de mim. Eu ainda tentei beijá-lo, mas Nicholas não mais me respondeu. Em vez disso, olhando para mim gentilmente, apoiado nos cotovelos para que ele não me esmagasse, ele disse: — Você não sabe o quão louco para fazer isso estou, mas eu não quero ser a segunda opção, Emily. Eu preciso que você se entregue a mim quando tiver certeza que me quer, e não por que está com raiva do seu namorado.

Fiquei com muita raiva no momento, me senti humilhada de novo, e quando eu quis fazer menção de levantar da cama, soltando-me dele, Nicholas me prendeu ainda mais sob si e disse: — Dorme aqui comigo hoje?

Ele viu a confusão em meus olhos e então explicou.

— Não há de acontecer nada, eu não vou tentar nada, mas fica aqui, sei que você não conseguirá dormir se for para o seu quarto, e aqui eu posso te fazer descansar.

Quando ele viu em meu rosto que eu não iria mais fugir. Finalmente ele saiu de sobre mim, e se deitou ao meu lado, esticou o braço para que eu apoiasse minha cabeça. Ficamos num tipo raro de conchinha, afastados, e ele passava os dedos numa pequena massagem (tão leve que eu quase não os sentia) no meu pescoço e por minha costa, parando quase próximo à minha nudez absoluta.

Eu estava pensativa no começo, sobre o que tinha acabado de acontecer, sentindo um frio na barriga diferente. Por que, apesar de ter começado por raiva, eu não queria que ele tivesse parado. Eu queria que ele tivesse continuado, mais e mais. No meio desses pensamentos eu estava relaxando e Nicholas finalmente conseguiu me fazer dormir.

Estado de Choque

Eu tive que piscar várias vezes até que meus olhos se acostumassem à luz da cidade. Para minha vergonha, eu me dei conta de onde eu estava. Olhei ao redor e lembrei-me da noite passada. Eu estava no quarto de Nicholas. Ele fora cavalheiro o bastante para não permitir que eu fosse adiante com o meu plano. Apesar de eu querer muito ter ido adiante, ele estava certo.

Eu não deveria usá-lo como um estepe apenas quando as coisas estivessem erradas entre mim e Trevor. Ele não merecia isso e nem mesmo o Trevor merecia isso. Eu não iria jogar o mesmo jogo que ele, eu iria simplesmente confrontá-lo com a verdade e esperar uma resposta, e eu esperava, do fundo do meu coração, que ela fosse verdadeira. Não que eu achasse que eu reuniria coragem suficiente para confrontá-lo, mas eu sabia que isso era o que eu deveria fazer.

Consegui retirar a mão de Nicholas que repousava na minha cintura, em algum momento da noite tínhamos nos aproximado e ele me abraçara. Quando afrouxei a mão dele de cima de mim fiquei na beirada da cama sentada por alguns momentos. Organizei a montanha de cabelo que parecia uma confusão, e ajustei-o num coque frouxo.

Depois disso, acabei pensando ainda mais sobre a noite anterior. O que eu estava pensando? Que Nicholas simplesmente sucumbiria a mim e eu conseguiria a minha vingança contra Trevor? Ou que depois de entregar-me a ele eu simplesmente iria confrontar Trevor orgulhosa do meu feito, machucando os dois?

Não. Felizmente Nicholas não era assim, como ele mesmo disse, ele não estava mais sujeito às intempéries que um jovem está, ou como eu chamava, a essas oscilações de humor que são constantes em qualquer "aborrecente".

Nicholas era um homem, responsável, sabia bem o que queria e como conseguir isso, e era exatamente por isso que ele não usaria das armas que a natureza lhe tinha dado. Ele sabia que era bom o bastante, e apetecível o suficiente, para esperar que aquilo que ele queria se oferecesse por livre e espontânea vontade, como eu fiz, apesar de ter sido recusada.

— Bom dia – ele cumprimentou-me, quase um sussurro, o cabelo dourado espalhado sobre os travesseiros brancos, e os olhos castanhos, sonolentos e amáveis, me encarando fixamente.

— Bom dia... – cumprimentei-o também, com uma ternura na voz que não existia antes.

— Está acordada há muito tempo?

— Mais ou menos, levantei há pouco – fazia quase meia hora que eu estava divagando em pensamentos — desculpe por ontem.

Comecei a dizer, envergonhada, pois apesar de eu saber que o gesto de Nicholas fora completamente altruísta, eu não conseguia deixar de me sentir um pouco constrangida ainda por tudo, e até mesmo idiota.

— Eu não quero ouvir isso, não precisa viver se desculpando.

Nicholas falou enquanto se apoiava no braço para erguer o corpo um pouco mais para perto de mim. Eu percebi o bíceps dele se flexionando, e engoli em seco enquanto ele mostrava o corpo descoberto, parei um pouco de tempo demais em seu abdômen definido. Com certeza aquilo não era só a genética, havia um monte de certeza em mim que tinha que se trabalhar duro para conseguir aquilo. Meus olhos desciam lentamente para a linha profunda que indicava um caminho para um tesouro mais embaixo.

— Eu espero que esteja apreciando a vista.

Pega em flagrante, eu corei, olhei para seus olhos finalmente. Nicholas me encarava divertido, convencido e infinitamente sexy.

— Não se preocupe, caso acontecesse o contrário, eu também apreciaria a vista, e bastante – ele disse enquanto parava um tempo olhando para minha camisola que era cor de rosa e semitransparente e que eu usara para tentar

seduzi-lo. Apoiei meu queixo em meus joelhos, meio para tentar me ocultar, e meio por que fiquei pensativa. Ele levantou-se da cama e foi ao banheiro, demorou um pouco lá, então eu cri que era a minha deixa para sair dali e ir buscar um pouco de dignidade no meu quarto.

Levantei-me e precipitei-me apressadamente pelo corredor, organizando meus pensamentos para o dia que viria a seguir. Um dia cheio de olhares constrangidos meus para Nicholas e olhares cheios de mil ideias obtusas dele para mim.

Eu vi que a luz de aviso do meu celular piscava em cima do meu criado mudo. Antes de qualquer coisa, sentei-me na beirada da minha cama e o peguei. Vi que tinham doze chamadas perdidas e quatro mensagens de texto. Comecei a ver primeiro as chamadas, três de Vivian, duas de James e sete de Trevor. Eu não sabia o que aquelas chamadas de Trevor significavam, acessei as mensagens ignorando as chamadas. Primeira mensagem:

Domingo de manhã e você dormindo até uma hora dessas, não cansa de descansar não? Eu e Você, shopping as 16? Avisa-me. Sua melhor amiga.

Segunda mensagem:

Emily

Estou viajando para East Valley na segunda feira, não sei se Nicholas te contou, mas vou ajuda-lo a escolher uma casa. O dono do apartamento que ele aluga vai vender o imóvel e o camarão de praia quer mais espaço, te ligo assim que sair daqui hoje. Bom dia cara de gia.

Terceira mensagem:

Preciso falar com você. T.

Eu a apaguei e abri a próxima mensagem:

Eu sei que você esta zangada, e sei que Vivian te contou sobre o beijo, mas me deixe explicar, não é o que você está pensando.

Respondi de volta que não queria ouvir explicações e que tudo estava bem claro, mas ele em vez de dar o assunto por encerrado insistiu e me ligou, me vi obrigada a atender.

— Trevor – cumprimentei secamente.

— Emily, eu não a beijei.

— Não acredito que a Vivian mentiria sobre isso.

— Escute, eu tenho que te explicar isso, mas não pode ser por telefone, estou saindo aqui para falar com você.

— Trevor...

Em vão chamei seu nome. Ele já tinha desligado, eu vesti um short e uma camisa do meu irmão que eu roubei dele quando eu vim para East Valley, e fui ver se Nicholas já tinha terminado de usar o banheiro, que já estava livre. Entrei, escovei os dentes, passei um pente de madeira nos cabelos, e lavei o rosto, logo segui para a sala, queria me preparar mentalmente para o meu encontro de daqui a pouco com meu ex alguma coisa.

— Estou fazendo café – Nicholas disse enquanto eu sentava no sofá, ou me jogava nele, para ser bem mais clara – ovos mexidos ou queijo quente?

— Estou sem fome, Nick.

— Ovos mexidos – ele insistiu, sem ligar para minha negativa.

Fiquei aguardando ali. Ouvindo Nicholas assobiando uma canção desconhecida enquanto preparava o café. Pensando que logo Trevor iria bater à porta e o sorriso que ele conservava desde a manhã se desfaria. Eu odiava essa sensação nova de que eu poderia fazer algo para entristecê-lo, e tentei evita-la, mas quando dei por mim, antes que eu negasse a permissão, Trevor já tinha desligado. Eu tinha que ser mais rápida em uma próxima vez.

Vinte minutos depois, eu já tinha beliscado o café da manhã. A campainha tocou. Nicholas como se já soubesse quem era lá fora, me lançou um olhar do tipo "eu já sabia" e ficou me observando enquanto eu ia atender o chamado insistente. Quando abri a porta fui atingida por uma torrente de palavras.

— Emily, eu sei que você deve estar zangada, mas me deixe explicar primeiro, não beijei a Vivian, quer dizer, tecnicamente não fui eu quem começou o beijo, foi ela, mas é culpa sua também.

— Minha culpa? – eu disse realmente surpresa – como você beijar minha amiga pode ser culpa minha?

— Especialmente por isso, veja – Trevor disse enquanto se apoiava na parede com um braço e se chegava mais perto de mim. Eu não queria irritar Nicholas mais do que de costume, então fechei a porta, apesar de que eu tinha certeza que ele tinha ouvido o começo da nossa discussão. Mas, ainda que visse a irritação estampada na minha cara, Trevor continuou.

— Depois daquela primeira noite, quando eu te beijei bem aqui mesmo – ele apontou o lugar – você devia ter dito a ela, afinal, você era a melhor amiga dela; no dia seguinte você foi tão fria, e você sabe que ela tinha uma queda por mim desde sempre, então achei que eu deveria aguardar você se decidir.

Bom, em parte, o que ele dizia fazia algum sentido. Mas, ainda assim, não explicava o porquê dele também não ter contado nada, ou recusado a investida. Eu ignorei o que ele disse, e apenas falei: — Trevor, isso para mim, não explica nada. O que importa é que você poderia ter evitado isso, mas não o fez, e tenho quase plena certeza que não foi só essa vez – eu lancei como armadilha, para ver se ele caia ou não.

— Sim, houve outras vezes, mas...

— Então tiveram outras vezes, seu idiota? – questionei indignada quase aos berros e quando ele não respondeu eu entendi tudo – Então me diz, era isso que você queria? Ficar com as duas? Bancar o gostosão por ai desfilando com duas mulheres?

— Emily, me escuta.

— Não venha dizer para mim que era meu trabalho avisá-la, você jogou à

surdina achando que nenhuma de nós duas ficaria sabendo, mas você perdeu.

— Emily, que droga! – ele disse e me empurrou, e depois deu mais um passo, socando a parede com tanta força e a centímetros do meu rosto, que eu saltei para trás de susto. Eu me calei imediatamente, ele percebeu o medo no meu olhar e seus olhos passaram de ira para vergonha em dois segundos.

— Deus, Emily, me desculpe, eu não queria, eu...

De repente Nicholas saiu porta afora, segurando Trevor pelo colarinho da jaqueta de time de futebol que ele usava, e olhando para ele com uma raiva que eu nunca o vi mostrar antes, falou-lhe.

— Escuta aqui, seu merda, você não vai bancar o covarde com ela, entendeu? Da próxima vez que quiser dar uma de homem com alguém, venha para cima de mim, e resolveremos isso do modo antigo – ele empurrou com força Trevor, fazendo-o cambalear quatro passos para trás até se equilibrar novamente – saia da porra do prédio, e se você aparecer por aqui de novo, eu juro que farei você não sorrir por um bom tempo depois que eu arrancar teus dentes com meu punho.

Trevor olhou para Nicholas derrotado e irado, então para mim, como se

pedindo que eu tomasse alguma atitude, mas eu estava nervosa demais para pensar em alguma coisa, e não iria defendê-lo. Ele realmente me assustou.

— Não olhe para ela seu lixo! Segue teu caminho, filho da puta.

Nicholas disse, envolvendo a mão em meu ombro, carinhosamente, e me levando para dentro, mas antes de entrarmos ouvimos Trevor sorrindo, viramo-nos e ele estendeu o dedo acusadoramente para nós dois.

— Então eu não sou tão errado assim, teu irmão sabe disso? Ele sabe que isso tá acontecendo? – ele continuou ainda que soubesse onde isso ia dar – ele sabe que tu tá dando para esse cara?

Engoli em seco. Nicholas me soltou e foi para perto do elevador, onde Trevor estava de pé, e em menos de um piscar de olhos, Trevor estava no chão, com a mão massageando o maxilar. Nicholas o tinha socado. Trevor vacilou por um momento antes de falar alguma coisa, então Nicholas disse antes de precisar arrebentar o outro lado da cara dele.

— Nunca mais repita isso, entendeu?

Ele apertou o botão do elevador e ficou esperando que o mesmo chegasse. Quando as portas abriram, Nicholas empurrou Trevor para dentro e apertou algum botão que eu não vi e ficou ali observando até as portas fecharem e meu ex, agora, agressor, desaparecer. Quando as portas finalmente se fecharam Nicholas voltou-se para mim e me envolveu outra vez, levando-me finalmente para dentro. Eu estava assustada, sangue sempre me fazia passar mal e desmaiar, ver o sangue de Trevor, me enojou mais que enjoou. Eu estava tremendo, e provavelmente chorando feito uma desesperada. Quando pensei que ele ia me levar para o meu quarto, eu me dei conta que íamos para o fim do corredor, ao banheiro.

Nicholas ligou a torneira da banheira e esperou que ficasse quase cheia, cuidadosamente se aproximou de mim. Disseme cautelosamente.

— Escute Emily, você não para de tremer, eu vou dar um banho quente em você, tenho que aquecê-la, eu estou cuidando de você apenas, nada além, tudo bem?

Eu devia estar em estado de choque, pois não me lembro de reagir enquanto ele me despia e me carregava. Depois me colocava com cuidado na banheira. Ele até lavou meu cabelo. Após isso me enxugou tão de leve que eu percebi que ele não queria me assustar. Eu devia estar um caco.

Nicholas me carregou envolta numa toalha para meu quarto, colocou-me na cama.

— Você tem que contar isso para a Vivian – ele disse.

— Eu sei – eu disse – eu só não sei como.

— Terá que arranjar um meio de contar sem magoá-la, ela parece estar iludida por ele também.

— Eu vou tentar, eu juro.

— Mas terá que contar para mais alguém – ele viu meu olhar confuso e completou – para seu irmão.

Olhei para ele assustada. Eu não sei bem como James reagiria. Eu nem sei se ele não ficaria tão bravo quando contasse para ele, a ponto de me castigar. Eu nem mesmo tinha falado sobre Trevor, eu pensaria nisso mais tarde. Então finalmente avisei para Nicholas.

— Eu vou sair hoje à tarde com a Vivian. Vamos ao shopping, tentarei contar tudo para ela.

— Certo – ele disse, enquanto tirava meu roupão, pegava um vestido do meu closet e erguia-o para que eu pudesse me vestir — e James chega hoje à noite, ele vem para te ajudar a escolher a casa.

Por essa, Nicholas não esperava, pois ele engoliu em seco, me olhou por dois segundos com uma apreensão no olhar e avisou que me daria um tempo para eu me vestir. O que para mim não fazia mais diferença, afinal, ele acabara de me ver nua. Lembrei-me do olhar dele enquanto eu citei o meu irmão, ele pareceu legitimamente preocupado, devo confessar, eu também estava desde que soube que ele viria à East Valley.

Discutir a Relação

— O que você comprou? – Vivian me perguntava. Hoje ela parecia mais menina do que nunca, com um short jeans esfolado, sandálias e uma bata rendada. Eu olhei para mim mesma, saia preta cinturada e regata de alças finas, eu sempre parecia desarrumada perto de Vivian. Abri a sacola para ela enquanto mostrava as coisas que tinha comprado: um tubinho preto com alguns detalhes de rendas, um salto preto, e três camisolas de seda de marca.

— E você? – perguntei.

Ela me mostrou dois vestidos e duas blusas, todos de cores alegres. Combinavam com a personalidade dela. Mesmo rindo, eu não deixava de pensar no que tinha acontecido. Eu não queria ser a primeira a trazer o assunto à tona, mas sabia que se eu não fizesse isso logo, ela começaria a ficar falando descontrolada. Preferi arriscar e deixei que ela puxasse o assunto, depois de tomarmos milk-shakes foi justamente o que aconteceu.

— Não me deixa no escuro, diz o que acha – disse Vivian.

— Sobre o que? – eu sabia do que se tratava, só ganhei tempo.

— Trevor e eu?

A simples menção do nome dele me trouxe novamente aquela sensação ruim, sensação de adrenalina e medo, a imagem dele me empurrando e depois socando a parede a quase exatos cinco centímetros do meu rosto.

— Posso ser sincera com você? – perguntei.

— Eu não espero outra coisa.

— Eu não sei se é uma boa ideia, vocês ficarem juntos assim – eu comecei meio que procurando as palavras certas – tem o quê? Apenas dois meses que as aulas começaram, e vocês mal conhecem um ao outro.

— Claro que nos conhecemos! – ela disse – ande, vamos, me pergunte alguma coisa sobre ele.

— Muito bem... – eu busquei uma pergunta – qual o seriado favorito dele?

Ela me olhou surpresa, sem uma resposta, e se justificou.

— Eu sei que é cedo, mas eu gosto dele, e nossa, por um tempo eu achei que ele gostava de você, mas quando ele me beijou...

Eu percebi que ela não ia dar-se por vencida, nem me ouvir, enquanto eu estivesse usando o modo sorrateiro, então eu fui direto ao ponto: — Nicholas o expulsou do prédio hoje – Ela calou a boca e me deu a atenção. Eu continuei – Antes de vocês dois ficarem, Trevor me beijou, e estivemos juntos algumas vezes depois disso. Quando você me contou que ele tinha beijado você, e eu perguntei a ele, Trevor me disse que você quem o tinha beijado, e que ele apenas correspondeu, então ele quis ir ao apartamento explicar-me, mas quando eu não acreditei, ele ficou violento, e quis me socar...

— Você está mentindo – ela disse.

Surpreendi-me, sem entender bem o que acontecia, esperando que ela dissesse mais alguma coisa. Quando ela não disse nada e levantou-se para ir embora, eu percebi que ela falava a sério.

— Pergunte ao Nicholas, ele pode confirmar tudo.

— Ah! – ela soltou uma exasperação — como se ele não fosse fazer qualquer coisa que você quisesse, feito um cão treinado.

Levantei-me para não deixá-la me ofendendo assim aleatoriamente, mas ela apontou o dedo na minha cara e disse.

— Eu acho que você está mentindo, Trevor não faria isso, ele é encantador comigo, cada uma recebe do homem aquilo que merece.

— O que você quer dizer com isso? – perguntei.

— Acho que você quis oferecer-se para ele – ela disse soando raivosa — pode ser que ele tenha ficado com você, mas não isso que está me dizendo, isso é quase um crime, uma calúnia.

— Eu não tenho por que mentir sobre isso para você — eu disse com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu não sei se você tem ou não tem por que mentir, eu sinto que não

posso confiar em você, não se aproxime dele novamente – Dizendo isso ela se foi, apanhando suas sacolas, e levando nosso carro junto.

Eu fiquei ainda um tempo estupefata. Outra vez obrigada a ligar para Nicholas buscar-me. Pouco antes de ligar, lembrei que ele ficaria esperando James em casa, caso ele chegasse antes do horário previsto. Então fui até a porta do shopping, lembrando que vi um posto de taxi na entrada; não sem antes sacar algum dinheiro no autoatendimento do meu banco. Segurei minhas sacolas inclusive uma que eu não tinha mostrado para Vivian e que continha um presente para o meu irmão e um para Nicholas, e saí dali.

No táxi, o caminho inteiro estive pensando no que tinha acontecido. Eu praticamente tinha acabado de perder a única amiga que eu tinha aqui na cidade; a pior parte era que eu seria obrigada a sentar-me perto dos dois nas aulas que tínhamos em comum, o que me deixava realmente a ponto de trucidar alguém.

Quando o taxi parou na frente do prédio eu ainda estava irritada sobre o que tinha acontecido, mas tive que me controlar, a fim de que Nicholas não percebesse. Dirigi-me aos elevadores. Ao adentrar o apartamento, Nicholas estava falando com alguém, esse alguém de costas eu reconheceria em qualquer lugar. Larguei tudo no chão e me precipitei para ele. James virou bem a tempo de me pegar nos braços, ele era bem mais alto que eu, tinha o cabelo preto, da cor do meu, cortado num corte clássico; e tinha a mesma cor dos meus olhos. Ele parecia cansado, tinha algumas olheiras, mas mesmo assim ficou me apertando por alguns minutos enquanto eu passava a mão no rosto dele com saudade. Nicholas sorria para nós dois com carinho. Quando James me pôs no chão, eu dei um soco no braço dele e uma bronca na consciência.

— Por que você não me ligou? Eu teria vindo mais cedo, ou então eu nem mesmo teria saído.

— Eu gosto de entradas grandiosas – ele disse puxando meu cabelo de um jeito bem moleque – eu acho que a vida na cidade está te fazendo mal, você engordou.

— Eu não engordei! Seu bronco – disse enquanto cobria minha barriga com as mãos – isso foi ansiedade.

James então me puxou para sentar com ele no sofá, e quase como um pai, virou-se para Nicholas, pediu.

– E então, diga-me como esta sujeitinha está se comportando.

Nicholas deve ter lido a mensagem que lhe passei com o olhar pedindo que ele não citasse o incidente de hoje de manhã, e falou sobre outras coisas, inclusive sobre o carro que eu nem sei mais sabia se eu tinha. James ouviu tudo atentamente, porém eu via que ele estava cansado, e insisti que ele dormisse um pouco. Antes jantamos pizza. Nicholas ofereceu o seu quarto para ele, e depois de alguma insistência James aceitou que Nicholas dormisse na sala.

Planejamos sair na sexta feira num jantar formal, os três. Depois agradeci a meu sexto sentido que me disse para comprar uma roupa social hoje. James já dormia, eu estava na cozinha, era tarde. Nicholas se aproximou de mim, passando a mão gentilmente no meu pescoço enquanto disse.

— Você sabe que tem que contar para ele sobre o que ocorreu hoje, não sabe?

— Eu sei – respondi meio tonta, pela proximidade dele e pelo toque repentino – eu só não queria enche-lo justo hoje, você o conhece, ele iria a pé à casa do Trevor, só para terminar o que você começou pela manhã.

— Eu sei – ele disse pensativo – e como você está? Como foi com a Vivian?

— Não foi... Ela não acredita em mim – agora que a raiva tinha passado eu me sentia realmente triste por ela não ter acreditado nas minhas verdades.

Nicholas como se percebendo minha tristeza; puxou-me para si, me abraçando e plantou um beijo na minha cabeça e acalmou-me – ela só foi surpreendida, logo vocês estarão bem.

— Eu não sei Nicholas, ela parecia tão irritada, eu nunca a vi assim.

— Olha para mim – ele disse enquanto pegava meu rosto entre as mãos fazendo-me olhar para ele, o toque tinha um tato peculiar e bom – Vocês são amigas, eu já vi vocês duas juntas, esse tipo de amizade não acaba assim; você não pode ter raiva dela por que logo ela precisará de você inteira, esse sujeito a machucará também.

Pensei nisso, eu sabia que Nicholas estava falando sobre o Trevor partir o coração dela. Sentime enjoada imediatamente respirei forte buscando ar em minha volta. “E se ele fosse violento com ela também?”.

— Calma – Nicholas consolou-me — você tem a mim, e ao seu irmão também, logo que fale com ele, eu tenho certeza que ele nos levará a falar com ela, ele a saberá convencer, e ela acreditará – continuou — E a propósito, será uma longa noite sem você, por que você não me pede para beija-la agora?

Eu sorri um pouco, e então eu pedi.

— Sr. Theodoridis, eu quero que me beije.

Fui surpreendida por um beijo terno e profundo, m beijo que foi ficando cada vez mais intenso à medida que nossas respirações entrecortadas se chocavam. Minha mão foi instintivamente para o cabelo dele, puxando alguns fios em minhas mãos, e as mãos dele para a minha cintura, puxando-me para mais perto, bem mais do que eu achei que seria possível, a ponto de quase nenhum ar passar entre nós. O beijo ficou mais quente à medida que ele sugava meus lábios com mais vontade, então ele me afastou um pouco, deixando-me ainda com a boca entreaberta e a respiração vacilante.

— Você é simplesmente maravilhosa...

— Eu quero mais... – eu pedi puxando-o para mim, querendo mais dos seus beijos outra vez.

Nicholas apenas sorriu e afastou-se. Pois, diferente de mim, ele não era um inconsequente. Apontou para o quarto dele, me fazendo lembrar que não estávamos sozinhos, e hoje, ainda não estaríamos definitivamente juntos.

Vista das Montanhas

A semana passou praticamente correndo. Vivian estava brava comigo, então mesmo sentando perto de mim nem ela ou Trevor falavam comigo. Pelo visto, eles devem ter se resolvido e eu fiquei sendo a mentirosa da história. Nicholas continuava me aconselhando a sempre ficar com um olho neles e que qualquer comportamento estranho dela, como andar meio entristecida, ou com marcas, eu deveria falar para ele ou para James.

Na segunda feira, Vivian jogou a chave do carro na minha mesa, na faculdade, e apenas disse: — Aqui, eu espero um cheque com a parte que investi no carro.

Eu acenei positivamente, apesar de no fundo estar meio machucada. Eu não queria que ela desistisse da parte dela por causa de alguém, especialmente se esse alguém era eu, e o motivo era por ter raiva de mim. No fundo ainda tinha esperanças que ela acreditasse em mim, pelo menos um pouquinho, e reconsiderasse.

No começo James não ficou muito confortável com a ideia de eu estar dirigindo um veiculo próprio por aí (já falei que ele é superprotetor?) ao final ele concordou que seria pior se eu ficasse dependendo de Nicholas para sair para todo lugar, pois isso poderia atrapalhar os negócios.

Então eu mal pisquei e já era quinta-feira. Fomos visitar as casas que Nicholas tinha em vista. A primeira era bem espaçosa, mas James percebeu que havia muitos comércios por perto, o que resultaria em bastante barulho na noite proveniente dos caminhões de carga e descarga; a outra não tinha quatro quartos, que era o que Nicholas queria, numa outra o banheiro não tinha banheira, e assim por diante. Quando estávamos quase desistindo e faltava apenas uma casa, tentados a voltar para casa, James insistiu em ver a última casa, depois de ganhar de Nicholas no impar-ou-par.

A residência ficava perto dos montes de East Valley, eu poderia dizer que ela era quase bem escondida na paisagem se não fosse o fato de ela se destacar ali, com suas enormes janelas, e suas trabalhadas paredes rústicas. Eu me apaixonei de imediato por cada detalhe da fachada dela. Quando o corretor começou a nos mostrar o interior fomos conferindo a lista: barulho noturno – inexistente – o próximo vizinho estava há cerca de dois quilômetros de distancia; quartos – quatro, e mais um espaço que poderia servir tranquilamente de escritório; banheiro – todos três eram espaçosos, um deles inclusive era máster.

O lugar era totalmente perfeito, e por estar longe da zona cosmopolita, tinha um preço, relativamente mais barato. Quando eu entrei fascinada passando as mãos pela parede e nos móveis, e olhando para a paisagem através das enormes janelas, capturei Nicholas num canto, me observando. Ele se aproximou então.

— Você gostou dessa?

— É perfeita – eu disse — mas acho que não é minha opinião que vale, mas sim a sua, afinal, a casa é sua.

— Sim, mas você ainda vai morar comigo, não é?

— Sobre isso – James interviu se aproximando e falando para Nicholas – caso você queira, eu posso alugar um apartamento para ela perto da faculdade, assim você poderá ter a sua privacidade de novo, eu sei que você não escolheu esta casa no meio do nada somente por escolher, sei que gosta do seu espaço.

— Não! – dissemos eu e Nicholas ao mesmo tempo, e nos olhamos, eu acenei disfarçadamente para que ele continuasse.

— James, a Emily não é problema algum, na verdade eu gosto de dividir o espaço com ela. E aqui ela teria mais segurança e comodidade do que num prédio com um monte de desconhecidos.

— Em parte concordo, mas...

— Não tem “mas” – atalhou Nicholas – é um prazer fazer isso por você e pela Emily, assim como no passado você me ajudou, lembra? Eu só espero que isso me ajude a redimir um pouco da minha divida.

James apoiou a mão no ombro de Nicholas e eu percebi ali uma amizade antiga. Finalmente eles concordaram com o esquema atual, eu continuaria morando ali.

Subi as escadas para o segundo andar enquanto os dois acertavam os pormenores com o corretor, e fui visitando cada cômodo, a imobiliária incluiria no preço final da casa a decoração que tinha ali. Não eram tantos móveis, mas pelo menos eles eram de qualidade. Cheguei à suíte máster, que lógico, seria de Nicholas. Ela era enorme, os móveis de madeira escura contrastavam com as paredes claras, gigantescas janelas de madeira branqueada estavam revestidas por cortinas cinza, tudo se encaixava.

Fechei a porta e fui escolher aquele que seria o meu quarto, ele ficava a poucos passos da suíte principal, era bem menor que o de Nicholas, mas também tinha seu próprio banheiro e um closet bem maior do que aquele que eu tinha no apartamento de Nicholas. Olhei para a cama de casal, envolta em uma camada de edredons que parecia muito confortável. Então meus pensamentos rumaram para um caminho já conhecido, imaginei-me beijando Nicholas ali, os lençóis espalhados ao redor de mim, e ele suspenso sobre mim, com o cabelo dourado caindo sobre seus olhos, e apenas a luz da lua iluminando o quarto, testemunhando nosso ato através das enormes janelas abertas.

— Então é esse que você escolheu? – perguntou Nicholas à porta – poderia escolher o maior, no andar de baixo, e sabes disso.

— Não, eu achei este perfeito – eu disse — e gostaria de ocupa-lo enquanto eu estiver aqui, se você não se importa.

— De modo algum, ele é perfeito para você, assim como disse, e... – ele disse plantando um beijo rápido, porém firme, em meus lábios – é bem perto do meu.

— Pronto Nicholas, essa já é definitivamente sua casa – disse James se aproximando da porta e desligando o celular.

Rapidamente nos afastamos e eu virei de costas para James para que ele não pudesse ver meus lábios inchados e vermelhos pelo beijo repentino.

— Agora só falta o mais importante, pagar as prestações – respondeu Nicholas, calmo e recomposto, para James, e ambos sorriram. Enquanto eu me aproximava da janela ainda tentando disfarçar o fogo sob a pele. Eu fiquei olhando para a imensidão verde que rodeava a propriedade. James se aproximou e disseme: — Se você quiser redecorar, ou fazer qualquer coisa aqui, como trocar os móveis, por exemplo, só me diz, e eu mando o dinheiro.

— Você já tem me mandado dinheiro suficiente James.

— Não é nada menos do que eu devo fazer, você é minha irmãzinha caçula e mimada – ele sorriu.

— Mas você ainda tem que pagar o financiamento da sua faculdade, do edifício, e sabem-se lá quantas coisas mais.

— Você ainda está pensando nisso Emily? – explicou-me – Eu não tenho tantas dividas assim, a maior parte já foi paga. O financiamento da minha faculdade e do edifício idem.

Olhei para ele com ar desconfiado, ele nunca mentiu para mim, acreditei. Ele continuou: — Eu prometo que isso já se foi há algum tempo.

— Está tudo bem então – eu disse, e completei – mas eu quero trabalhar também, não quero ficar me sentindo como uma menina mimada o tempo todo, como você mesmo acabou de me chamar.

— Mimada foi apenas provocação – perguntou-me — Lembra quando levávamos sobras para casa? Ou quantas vezes eu tive que pedir dinheiro emprestado para Nicholas ou aos pais dele para eu te comprar um lanche? Você pode ser tudo, menos mimada.

Eu me enterneci lembrando-me das muitas vezes que pegávamos sobras dos clientes do antigo restaurante em que James trabalhava, para ser nossa refeição por vários dias, do modo como ele olhava triste para mim quando éramos ameaçados de despejo e ele tinha que me distrair para não fazer barulho e fazer o senhorio saber que estávamos em casa.

Talvez por isso eu fosse tão controlada sobre dinheiro, por que eu via a luta do meu irmão para sustentar-me e a si, ele poderia ter me levado para um abrigo e me buscado de volta quando se estabelecesse, mas não, ele lutou por mim. Ele se alegrava com qualquer trocado que conseguisse. Por isso eu era controladora com dinheiro, por que eu sabia como podia fazer falta.

— Emily, eu te prometi quando você era pequena e reitero, eu não vou deixar faltar nada para você.

— Mas James, o valor que você tem me dado é alto.

— O que eu dou para você não é nada perto do que o escritório tem rendido mensalmente, nós só perdemos um caso desde que abrimos as portas. Mas já que quer trabalhar tudo bem eu consigo algo para você.

— Não James, eu quero conseguir por mim mesma, isso se você não se importar.

— Eu não me importo – James disse.

— Eu tive uma grande ideia – Nicholas nos fez prestar atenção nele — que tal se em vez de sairmos para jantar na sexta, não deixemos para fazer um jantar aqui no domingo à noite, convidamos os clientes daqui da cidade, também alguns amigos íntimos. Você pode ficar mais um dia, James?

— É uma ótima ideia – disse James – você só esquece que já é quinta feira, só terá três dias para tal.

— Contratamos um Buffet – disse – e mesmo pagando um pouco mais caro, tenho certeza que qualquer um desta cidade adoraria realizar o evento.

— Eu consigo mais um dia então, nós temos que apressar a mudança de vocês, e Emily, eu vou passar para você a tarefa de contatar os organizadores da festa – disse James.

— Para mim? – assustei-me.

— Claro! Você quer ou não trabalhar? Tenho certeza que o sucesso desse evento poderá refletir bem à hora que apresentarmos você para alguns clientes – ao ver meu olhar assustado ele disse – Nicholas vai ajudar não se preocupe.

— O que você acha Nicholas? – perguntei.

— Eu acho que seu irmão tem toda razão.

Era quase noite, e nós iriamos contatar primeiro a empresa de mudança para pegar os moveis do antigo apartamento na tarde seguinte e trazer tudo para cá.

Não teríamos muito tempo, então, decidimos apressar toda a mudança. Enquanto eu olhava para eles dois tão amigos, conversando sobre a tal festa, me

perguntei se um relacionamento com Nicholas não abalaria essa amizade que parecia ter raízes.

Doce Claridade

— Antes que você desligue, ouça-me, por favor.

Eu praticamente implorei, esperava ter mais alguns minutos de conversa com Vivian. Eu não queria ficar brigada com ela. Não quando eu não sabia praticamente nada do que estava lhe acontecendo, e mais ainda quando eu pensava que ela poderia estar tendo algum problema, eu tinha uma sensação esmagadora de angustia por ela, no meu peito.

— Muito bem, fale – ela falou.

Eram duas da manhã de sexta feira. Eu já tinha conseguido ligar para o Buffet que ficaria responsável por toda comida que seria servida, também já tinha contratado os decoradores da festa; decidimos juntos que a festa ficaria melhor na área ao redor da piscina. Contratamos o serviço de entrega rápida do Fedex para que os convites chegassem ainda hoje, no máximo até às dez horas da manhã. Estávamos esperando os móveis do antigo apartamento para essa tarde. Tudo estava se encaminhando bem até o momento, mas essa festa, não seria uma verdadeira festa se Vivian não estivesse nela.

— Não estou mais vivendo naquele apartamento que você conhece, mudei-me há pouco.

— Certo, e? – Vivian disse, e a ouvi bufando.

— Bom... – eu continuei – Nicholas comprou uma casa nova, fica um pouco afastada do centro da cidade.

— Você pode apressar? Já é quase manhã! – ela exagerou.

— Vivian, eu quero que você venha para a festa – fui direto ao ponto – pode até trazer o Trevor se quiser – falei, no entanto eu sabia que Nicholas não iria gostar – nós duas precisamos comprar um vestido decente, eu preciso de sua ajuda pra escolher...

— Espera ai, você está me convidando para uma festa, mesmo depois de tudo?

— Sim, eu não quero perder sua amizade, de modo algum, ainda que tudo tenha acontecido para nos afastar.

— Você é ainda mais legal do que eu pensava – disse Vivian por sua vez.

— O que quer dizer?

— Você tinha razão tá? Eu descobri umas coisas sobre o Trevor que não vale a pena contar agora.

— Você tem que me contar algum dia, sabe disso.

— Eu sei, só não quero estragar meu humor.

— Tudo bem.

— Baby, melhor dormirmos, daqui a pouco você vai ter que vir me buscar para nós irmos comprar seu vestido arrasador.

— Não exagera! – eu briguei de mentirinha e sorri um pouco, como eu sentia falta de ter uma amiga, de Vivian.

— Até amanha? – lancei a dúvida no ar.

— Até amanhã, bom descanso.

Desligamos. Finalmente uma pequena parte do enorme problema tinha se resolvido. Eu tinha que descansar agora, não podia ficar pensando muito no assunto e correr o risco de ficar acordada a noite inteira. Rolei um pouco de um lado pra outro da cama, não acostumada ainda com a nova casa, até que uma ideia repentina veio à mente.

Levantei-me devagar e segui, passo a passo, até a porta do meu quarto. Na nova casa os dois quartos principais que ficavam no andar de cima eram: o meu e o de Nicholas, e no andar de baixo tinham dois quartos interligados por um banheiro. Em um deles estava James, que eu não tinha como saber se estava dormindo ou não; então todo cuidado era pouco. Abri a porta, e segui até a outra porta, quando coloquei a mão na maçaneta, eu percebi que ela estava aberta. Abri devagar, para fazer o menor barulho possível, e entrei no quarto do dono da casa.

Nicholas ainda estava acordado, levantou-se da cama e se aproximou, me beijando voluptuosamente. Em nenhum momento da minha vida lembro-me de ter sido beijada do jeito que ele me beijava. Eu correspondi como conseguia, quase perdendo o ar, sendo envolvida pelo cheiro dele, pelo toque. Eu me embriagava com o gosto dele. Tudo era mais intensificado ainda pelo fato de estarmos nos escondendo.

— Eu sabia que você viria para mim, me deixou esperando um bom tempo... – ele sussurrou entre beijos, sem ao menos pará-los para falar. Só quando ele se deu por satisfeito me apertou contra si num abraço. Eu não sabia o que dizer, pois estava ainda tonta e sem fôlego, mas lembrei-me, James estava no andar abaixo deste, eu não poderia demorar, então eu apenas disse para Nicholas, meio triste.

— Eu só tenho algum tempo, está tarde, eu não conseguia dormir e eu, bem, eu tinha que sentir isso - eu disse dando mais um beijo em seus lábios agora avermelhados pela minha fome deles de há pouco. Nicholas me deu um sorriso meio torto ao se libertar, o meu favorito, pegou-me pela mão, disse: — Vamos para o seu quarto, eu consigo te fazer dormir e quando você fizer isso eu volto para o meu.

— Tem certeza?

— Confia em mim? – perguntou olhando para mim.

— Confio, vamos.

Passadas sorrateiras nos levaram para o meu quarto novamente, sentíamo-nos igual a adolescentes escondidos dos pais. Precisávamos disso. Quando

entramos ali, ele trancou a porta. Andei até o meio do aposento. Apenas a luz da lua iluminava o ambiente, fazendo com que eu ficasse com a pele mais clara ainda. Quando Nicholas se aproximou de mim, os olhos dele na semiescuridão conseguiam mostrar todo o elenco de sentimentos e mistérios que ele guardava.

Aproximando-se, passou as costas da mão no meu rosto. Eu fechei os olhos instintivamente sentindo uma onda de tensão se espalhando por todo meu corpo. Eu estava nervosa, e ele percebeu, pois perguntou: — Está tudo bem?

Eu iria ter que falar isso aqui mesmo? Para Nicholas logo? Não acreditava em mim mesma, ou na situação em que fui me meter, mas eu precisava falar.

— Eu nunca fiz isso.

Nicholas me avaliou por uns instantes tentando entender o que eu disse. Então eu vi o momento em que ele foi do questionamento até a surpresa e depois à serenidade. Ele se aproximou de mim, passos temerosos ainda, como se eu fosse um bichinho ao qual ele não queria assustar.

— Eu não estava pensando nisso ainda. Bom, quer dizer, é lógico que eu penso nisso – ele olhou para meu corpo numa camisola de algodão como se eu estivesse nua – se você se guardou até aqui, é por que quer algo diferente e

especial. E você está certa, não vou tirar isso de você.

— Mas eu quero que tire de mim – eu disse, e me surpreendi com a firmeza e ansiedade na minha voz – eu quero sentir isso, e eu quero que seja com você.

Nicholas sorriu de leve, não sei por que achou engraçado o que eu disse, e deu-me um beijo na testa e disse para mim.

— Existem outras formas de eu te dar prazer sem que eu precise, como posso dizer? Tirar sua virtude.

— Como é?! Você quer por trás?! – eu perguntei assustada, nós dois rimos – Nicholas! – eu bati no braço dele um soco leve, morrendo de vergonha.

— Não estou falando disso, não ainda pelo menos – pelo visto ele ficou constrangido com o meu choque, mas disse – venha, vou mostrar.

Caminhei com ele na direção da minha cama, ele me fez deitar sobre ela e abriu minhas pernas. E começou a depositar beijos ao longo dela. Quando eu vi

para onde tudo estava caminhando eu cobri os olhos com as mãos, meio tímida. Nicholas então se ergueu e ficou sobre mim, beijou as minhas mãos de leve dizendo.

— Não precisa ficar com vergonha de mim. Eu só farei isso se você quiser – ele pediu – Emily, olha para mim.

Respirei fundo, e retirei as mãos que me cegavam. Olhei finalmente para ele, a luz da lua que antes clareava minha pele, agora iluminava o cabelo dele, fazendo com que ficasse numa tonalidade quase prateada, quase branca. O rosto dele com a barba por fazer era uma obra prima que até os anjos implorariam para ter, cada centímetro do corpo dele era um pedaço de uma escultura pronta a ser desvendada.

— Eu quero – eu disse enquanto puxava o rosto dele para um beijo. O espaço entre minhas pernas era perfeito para ele.

O perfume de Nicholas, de almíscar e âmbar, envolveu-me por inteiro, acendendo cada um dos meus sentidos. Quando ele se apertou contra mim mais forte, entreabri os lábios, ele se afastou. Eu não queria que o beijo acabasse nunca, eu quis protestar, mas ele fez sinal de silêncio para mim colocando o dedo indicador nos meus lábios.

As mãos de Nicholas correram pela borda do tecido da minha camisola não tão elaborada, procurando minha calcinha. Ela não era tão bem trabalhando quanto a que eu usei quando tentei seduzi-lo na primeira vez, mas ainda assim ele me olhava como se eu fosse alguma preciosidade envolta em papel para presentes finos.

Quando ele encontrou o tecido da calcinha que o impedia de ter acesso a mim, livrou-se do obstáculo, trazendo-o consigo pelo caminho das minhas pernas, enquanto eu as erguia para facilitar seu trabalho. Ele a colocou no bolso do jeans que ele usava.

Nicholas continuou depositando beijos e pequenas mordidas em mim, até chegar ao ponto que ele queria. Quando finalmente ele abocanhou-me ali, de uma vez, senti uma sensação como nunca antes, eu não sabia se eu caminhava descalça sobre o gelo da neve ou sobre madeira em brasa, porém sentime derreter contra ele. O beijo mais íntimo possível era delicado e forte, prazeroso e ao mesmo tempo trazia uma pontada de dor e uma agonia.

Nicholas estava beijando-me na carne, a sensação dos lábios dele desvendando minha identidade feminina era algo inenarrável. Minhas mãos torceram os lençóis da cama. Até mesmo ouvir a respiração dele entrecortada me acendia mais.

Minhas mãos procuraram os cabelos dele, eu tive que olhar para baixo para eu ter certeza que aquela sensação era real, e encontrei o olhar dele sobre mim,

intenso e faminto.

Era aquela cena o que me faltava, e foi jogando minha cabeça para trás que eu senti uma onda enorme de prazer me percorrendo. Imediatamente cobri minha boca com as mãos, para eu não gritar, ou gemer alto, enquanto eu tinha meu primeiro prazer ali, com ele, embora gritar e gemer fossem a minha vontade.

Quando cai suada e exausta sobre a cama ele ergueu-se sobre mim outra vez, e beijou-me, senti meu gosto agridoce nos lábios dele.

— Você ganhou muitos pontos hoje – eu disse.

Ele sorriu convencido e deitou ao meu lado, pegou o lençol e cobriu-nos. Senti meus olhos ficando pesados.

— Desde quando você está contando? – ele perguntou meio divertido.

— Nem lembro mais, não sei de nada agora, pssss... – fiz o gesto de silêncio – me deixa curtir isso – eu disse, fazendo o sorrir.

Ficamos assim deitados por um tempo, eu com os olhos fechados sentindo a doce claridade da lua. E ele ao meu lado, a mão dele deslizando macia por minha barriga. Eu estava imóvel, mas sentia que ele estava me olhando.

— E você? – eu perguntei.

— Estou sofrendo, quer me ajudar com isso? – ele sorriu, pegou minha mão e me provou que ele estava realmente com vontade de ter prazer tanto quanto eu tive, mas disse – eu vou te dar prazer assim quantas vezes você quiser, até eu ter certeza que foi a mim que você escolheu.

— Ainda não tem certeza? – questionei-o com o olhar.

— Confie em mim apenas – Nicholas disse. Eu assenti.

Deitei-me sobre ele e me aconcheguei, Nicholas tentou manter uma distancia segura ainda, provavelmente para poder se controlar. Ele permaneceu no quarto algum tempo, esperando que eu dormisse. E quando fui arrastada para os sonhos, eu não estava livre desse homem ainda. Nos meus sonhos Nicholas me atormentou por mais alguns longos e intensos minutos antes de eu dormir.

Sem mais Brigas?

Desci até a garagem da casa e peguei o Elantra, comecei a dirigir meio cansada. O sol estava a pico e machucava a vista. Adicione a isto o fato de eu ter dormido muito pouco, e também o modo como eu me sentia estranha. Eu precisei usar óculos escuros, parecia que todo cidadão de East Valley conseguia ver tatuado em meu rosto ou numa tela de projeção acima da minha cabeça, tudo o que aconteceu na noite passada.

E que bela noite fora a noite passada.

Lembro-me ainda dos olhos quentes de Nicholas em mim, dos lábios dele famintos, e dos seus fios de cabelo, parecendo prata derretida, iluminados apenas pela claridade vinda das janelas. Lembro-me de tudo em detalhes, e só essas simples lembranças já me faziam corar e sentir-me desejosa outra vez. Mais cedo, antes de levantar-me, eu ainda conseguia sentir as reminiscências do prazer que ele me deu. Só acordei devido ao barulho do caminhão da empresa de mudança trazendo os móveis do antigo apartamento.

Eu adoraria ficar ajudando, mas não poderia, estava com uma preguiça absurda. Então antes que me chamassem para ajudar a carregar caixas, tomei um curto banho para sair.

Eu tinha que ir com Vivian comprar algo apropriado para mim, afinal, se eu seria apresentada num jantar formal eu tinha que estar nada menos que apresentável. Depois, ainda tinha que ir ao Buffet, ver se tudo estava indo bem, e responder aos e-mails dos convidados que tivessem duvidas sobre o local da festa. Dúvidas essas que para mim eram bem fundamentadas, estávamos escondidos por uma vegetação abundante e circundados por uma cadeia de montes.

Decidimos de última hora encontrar-nos no shopping. Eu ainda não sabia como ela estava após todas essas semanas distante de mim. Por isso, quando eu estacionei e me encaminhei para a entrada principal, que é onde ela disse que me encontraria, eu não sabia como seria minha recepção, uma coisa é estar falando por telefone, outra é falar pessoalmente.

Mal desci do veiculo e Vivian veio em minha direção, me surpreendendo com um abraço de urso e dizendo para mim: — Eu senti tanto sua falta, nunca mais suma desse jeito.

— Não vou sumir – eu disse enquanto a abraçava de volta.

Apesar de parecer uma bronca, eu entendi que ela apenas brincava, pois nós duas sabíamos como tudo que levou à nossa separação tinha acontecido. Logo ela já me puxava pela mão para algumas lojas que conhecia e que não tinha preços tão exorbitantes. Demoramos mais que o necessário para escolher os vestidos, tudo que eu escolhia era recatado demais segundo Vivian. Não que ela

tenha usado essas palavras, mas eu entendi o conceito.

Ela já tinha decidido o que usar quando vimos um longo vermelho perfeito, o tecido era costurado em crepe Georgetti, tinha uma fenda generosa, a costura marcava delicadamente na cintura antes de abrir em uma camada esvoaçante até o chão e a cor assentou perfeitamente com meu tom de pele. Eu passei os nossos vestidos no meu cartão de débito, esse seria o meu presente para ela para comemorar nossa “reconciliação”. Combinamos ainda que ela iria conhecer a casa hoje, afinal de contas eu sabia muito pouco sobre essas coisas de produção feminina e ela era expert nisso.

Talvez essa seja a única coisa que eu senti falta na criação que recebi: o tato feminino para receber as pessoas, é que por não ter uma mãe, ou uma presença feminina constante na família, até as coisas mais simples, como maquiagem, eu aprendi com amigas mais tarde, não naquela conversa a fundo que se poderia ter com uma irmã, por exemplo, ou principalmente com uma mãe.

Já tínhamos terminado toda essa maratona quando paramos para almoçar, ambas estávamos famintas, e eu tentava aproveitar meu almoço enquanto Vivian falava sobre Trevor. Ela não me parecia totalmente à vontade, eu não conseguia explicar, mas alguma coisa parecia não se encaixar com a descrição que ela me dava dele e o jeito rude que ele me tratou. Para evitar conflitos apenas assentia, tentando mostrar interesse para não ofendê-la.

Não demoramos muito após isso e saímos dali para a casa dela, onde

finalmente eu conheci os Driscoll. Não me estranhou o fato de Vivian não gostar muito de ficar em casa, mal eu entrei na casa eles vieram com um discurso sobre o porquê minha camisa de banda de rock era influência maligna, e que meu sobrenome não trazia nenhum prestigio. A mãe dela sugeriu até que eu fosse embora. Se eles soubessem de alguma forma, acessar minha memória e vissem o que eu fiz ontem durante a noite iriam me apedrejar com toda certeza. Vivian trouxe em sua bolsa tudo que ela achou que nós precisaríamos para nos estarmos apresentáveis, ou seja, um verdadeiro arsenal de cremes que iam desde hidratantes até spray de fixação para maquiagem, que eu nunca tinha usado. Dizia ela que tudo era para a nossa preparação antes da festa.

A noite chegou sorrateira, e nós duas estávamos do lado de fora da casa de Nicholas, com uma mascara de limpeza profunda no rosto e um tratamento de choque de queratina no cabelo, enquanto indicávamos aos montadores dos arranjos de flores e luminárias onde deveria ficar cada coisa. Eu não acreditava que uma festa pudesse dar tanto trabalho assim.

Passamos uma boa parte da madrugada fazendo todo tipo de procedimento para a pele, desde esfoliações até clareamento, tantos que eu não conseguia contar. Por fim, quando terminamos tudo, eram nove da noite, e os rapazes, Nicholas e James, não demorariam a chegar. Eu me apressei para que ele não me olhasse com uma gosma verde no rosto. Só foi uma pena eles terem ido da cidade para entregar as chaves do apartamento ao seu legítimo dono e regressado tarde, quando eu e Vivian já tínhamos nos recolhido para dormir. Ela insistiu em dormir comigo ainda que tivesse um quarto inteiro de hospedes à sua inteira disposição. E eu me vi obrigada a ficar afastada do quarto de Nicholas, por um tempo, esperando que ele tivesse entendido.

Quando eu senti que ela tinha caído no sono, levantei-me devagar,

esforçando-me para não fazer barulho, e sai pela porta do quarto cuidadosamente. Dirigi-me para a porta em frente, abri e invadi lentamente. Nicholas ainda estava acordado, era tarde e ele estava trabalhando no notebook em sua escrivaninha, concentrado e sério. Eu corri para ele, que quando me viu, girou meu corpo para que eu sentasse em seu colo, eu dei-lhe um beijo.

— Só para saberes que eu não te esqueci – sussurrei contra os lábios dele.

— Você nem poderia – ele disse após o beijo enquanto brincava com os dentes, no meu pescoço – eu costumo ser constantemente irritante para não dar a oportunidade de me esquecerem.

— Larga de bobagem, Sr. Theodoridis – eu disse fechando os olhos para sentir com mais efeito o arrepio que aquilo me causava, procurei seu rosto e dei nele outro beijo.

— Eu tenho que ir — disse entristecida – tenho visita hoje, Vivian está no meu quarto, eu volto assim que eu puder.

— Eu sempre estarei esperando por você – disseme em tom de despedida, e eu voltei para o meu quarto antes que Vivian, por um acaso do destino, decidisse acordar.

Quando eu pensava que estava segura e já estava me deitando para tentar dormir, apenas ouvi a vozinha dela rouca, sob dez quilos de cobertas, me dizendo.

— Eu adoraria perguntar sobre tudo isso agora, mas amanhã não quero estar com olheiras – ela virou para mim levantando a quantidade de tecido que a cobria e completou – você não é boba nem nada, né moça?

Cobri-me e estava sorrindo ainda. Ela tinha razão, uma olheira estragaria tudo. Fechei os olhos para dormir, mas também por que eu queria me esconder um pouco. Eu não queria contar tudo agora, não sabia se Trevor lhe tinha contado algo sobre aquele dia e sobre suas suspeitas, afinal ele tampouco sabia o que acontecia entre eu e Nicholas. Preservei, pelo menos por esta noite, a minha inocência.

Quando amanheceu, nos levantamos mais cedo que os outros, afinal de contas, eu era a responsável pelo sucesso do evento, e Vivian, minha fiel escudeira, não quis me deixar dormir mais tempo, agitada como estava para que eu contasse tudo.

— Vamos lá, entrega o jogo – ela disse.

Estávamos sentadas à mesa, tomando um forte café, ela estava quase saltitando na cadeira de tanta empolgação. Ao ver que eu não falava ela insistiu: — Eu já sei que alguma coisa está rolando entre você e o Nicholas, deu para perceber pelo jeito que ele te olhava desde a primeira vez que eu vi vocês dois juntos, só não tinha certeza até ontem. A propósito, vocês deveriam falar mais baixo se não querem ser pegos, seus safadinhos.

Quando eu vi que não tinha alternativa, respirei tomando coragem e contei a ela com escassos detalhes o que, e principalmente como, tudo vinha acontecendo.

— Por favor, não conta nada ainda para o James, eu ainda não tive tempo e nem coragem suficientes para pensar em um jeito minimamente razoável para contar isso.

Ela fez um gesto de uma chave trancando um cadeado na boca e me entregando a chave invisível disse apenas: — Não sabia que o James estava aqui, quando eu vou finalmente conhece-lo?

Mal falamos o nome dele e ele surgiu quase como se tivesse sido invocado, vindo do quarto para a mesa de café da manhã, apenas com uma bermuda e uma regata de boxeador que deixava uma boa parte do tronco dele à mostra, eu olhei para Vivian e apresentei-os finalmente: — Pronto, já estão se conhecendo, James conheça Vivian e Vivian conheça James.

Eu percebi que o olhar de Vivian demorou um pouquinho de tempo a mais do que o necessário admirando meu irmão, eu fingi que não liguei. Eles ficaram conversando entusiasmados sobre o trabalho dele e um caso importante que eles tinham recém ganhado. Então ouço a voz de Nicholas por trás de mim.

— Bom dia, todos, James, Emily – e acrescentou — e Vivian, eu espero que tenha dormido bem.

Quando nós três olhamos para ele, notei que o mesmo estava apenas com a parte de baixo do moletom novamente. O corpo esculpido exposto até o quadril, o restante apenas ocultado pelo moletom cinza que para mim já era uma de suas marcas registradas. Vivian me cutucou por baixo da mesa e quando a olhei ela fez o sinal para eu fechar a boca. Eu não fiquei parecendo uma boba olhando para ele, fiquei? Ali, de boca aberta?

— Vá por uma camisa, senão eu vou vomitar sobre essa mesa de café – James brincou com ele.

— Igual a esse pedaço de pano que você tá usando ai? – Nicholas indicou com os dedos o pedaço de pano — Não, obrigado, eu gosto de roupa para homem.

Nicholas sentou na cadeira ao meu lado, e deslizou o pé para baixo do meu, que ficou descansando sobre o pé dele. Tínhamos ainda seis horas até a hora da festa, nosso café corria ali, como se nada mais estivesse acontecendo, o que não era verdade. Lá fora as mesas eram organizadas ao redor da piscina, os pilares de madeira com luzes eram colocados, a plataforma de dança era construída, e o cheiro das flores e do ar da montanha enchiam a casa.

Apenas Três Palavras

As pessoas já ocupavam as mesas do lado de fora, todas elas conversando animadamente e acenando umas para as outras. Eu ainda não conhecia quase ninguém ali, e já tinha treinado várias formas de cumprimentar as pessoas devido ao tamanho do meu nervosismo. A maioria das mesas já estava ocupada, assim como toda a área ao redor da piscina, devia ter cerca de cem pessoas ali.

A banda que contratamos para animar tudo tinha como vocalista uma linda mulher, devia ter um pouco mais de vinte e cinco anos, ela era uma ruiva com algumas sardas e uma personalidade cativante. E fazia seu trabalho muito bem, cantando com uma voz adocicada algumas músicas de Adele, acompanhada por quatro instrumentistas.

Vivian estava terminando de por os últimos grampos para fixar o meu cabelo numa trança desconstruída. Tenho que admitir, ela é ótima nesse trabalho, e em todas essas coisas de maquiagem que geralmente as mulheres são ótimas. Minha maquiagem era um olho marrom esfumaçado e um batom vermelho profundo com o contorno bem desenhado. Meu vestido estava perfeito, e agora enquanto eu me admirava ao espelho com o conjunto montado, eu não parecia mais tão deslocada.

Eu me sentia realmente linda em meu vestido de fenda generosa apropriadamente colocada, que se abria para revelar minha perna quase inteira enquanto eu andava. A tonalidade do vestido em contraste com a minha pele fazia com que eu me tornasse ainda mais alva, quase como leite, e eu amei esse

efeito.

Perguntei-me se Nicholas aprovaria o conjunto quando me visse. Ele nunca me viu assim tão arrumada, ou maquiada adequadamente. Andei para perto da janela, eu não conseguia enxerga-lo daqui, não sabia onde ele poderia estar.

Dei uma boa olhada também em Vivian, ela parecia tão feliz, e ela estava tão linda que eu senti um pouco de ciúmes ao perceber que Nicholas iria olhar para ela assim deslumbrante também. O vestido dela tinha um tom perolizado, ia até a altura dos joelhos em seda, mas por cima uma longa camada de renda bordada o fazia parecer mais longo do que realmente era. O cabelo dela estava solto, apenas penteado para o lado e a maquiagem dela era leve e natural, combinando com os tons do vestido.

— O que foi? – ela me perguntou quando eu fiquei tempo demais olhando para ela pelo reflexo do espelho.

— Não sei, eu estou insegura. Eu não pareço comigo mesma nessas roupas. Eu não sei explicar. – disse por fim.

— Do mundo inteiro eu nunca poderia imaginar que logo você tem problema com aparências – Vivian disse.

— Eu devo estar parecendo uma tola, você tem razão.

Eu disse, mas ela percebeu as emoções em minha voz e me levou para frente do espelho outra vez, se posicionou atrás de mim enquanto disse: — Quero que você olhe para si mesma nesse reflexo – ela segurou meus ombros, endireitando-os para que eu assumisse uma postura altiva, assim eu fiz, olhei para mim mesma ali – você sinceramente acha que não está linda? Olha para você, parece uma princesa nesse vestido, que oculta e revela na medida certa, parece com a inocência num provocante vestido vermelho – ela sorriu – e com esse olhão azul! Ainda por cima!

Nós sorrimos, eu limpei com cuidado uma dessas lagrimas de felicidade que se cria no canto dos olhos perguntei por fim: — E se Nicholas me julgar ridícula ou vulgar?

— Por que você, sua, tonta acha que ele faria uma coisa dessas? – disse ela vindo para minha frente dessa vez para me olhar aos olhos – de onde surgiu isso?

— Olha só ali embaixo – eu disse levando-a para observar pela janela – todas essas mulheres tão elegantes, todas finas, MULHERES – eu enfatizei a palavra – enquanto eu tenho vinte anos com cara de dezessete, e não sou nada ainda, apenas uma estudante desempregada.

— Hei, hei, vamos parando – ela disse ao me interromper – você está vendo o copo meio vazio, deixa eu te explicar como eu vejo que é o copo meio cheio.

— Prossiga.

— Primeiro: você é uma ótima amiga, a pessoa mais amável e doce que eu já conheci. O que faz de você uma pessoa linda por dentro também. Segundo: nenhuma daquelas mulheres lá embaixo está no seu longo vermelho, perceba que a grande maioria desfila em seus tubinhos Chanel preto, clássicas, mas sem inovação, enquanto você, Uh-la-la!

— Sim, mas Nicholas...

— Se Nicholas não achar você deslumbrante essa noite, ele é um completo idiota, e eu mesmo tratarei de internar ele num hospital psiquiátrico – Vivian disse determinada.

Quando íamos descendo as escadas, eu me surpreendi com James esperando ao pé da escada, ao olhar para nós duas ele tinha um olhar de completa aprovação, quando nos aproximamos ele finalmente disse: — Vocês duas estão lindas.

Vivian corou, se eu não fosse tão lerda para tudo poderia jurar que ela estava tendo uma quedinha pelo meu irmão. James disse olhando-a com carinho.

— Está absolutamente fantástica essa noite, Vivian.

— Posso dizer o mesmo de você – respondeu ela.

Realmente ele estava, em um terno preto, e gravata preta, ele parecia uma pessoa organizada, o cabelo cuidadosamente penteado, a barba feita, ele estava lindo. Finalmente James virou-se para mim e me cumprimentou.

— E você Emily, está... – ele procurou as palavras – tão admirável, e nossa, você está tão elegante, e tão...

— Acho que a palavra que você está procurando é adulta – Vivian interviu.

— Adulta sim, e é pouco para o que ela está – disse James – está inacreditável.

Eu dei um sorriso tímido lembrando que eu não deveria chorar, mas aceitei o elogio do meu irmão que, para mim, era uma das opiniões mais importantes do mundo. Eu o adorava por ter cuidado de mim, por ter-me feito quem sou, e não ter desistido dos sonhos dele, eu o abracei, ele me apertou um pouco com cuidado para não amassar o vestido, e disse.

— Temos que ir logo, os convidados têm que saber quem organizou tudo, é hora de apresenta-la aos clientes.

— Não esqueça que Vivian me ajudou – eu disse.

— Não esquecerei – James disse, mas não era mais para mim que ele estava olhando, e sim para Vivian.

James estendeu o braço direito para que Vivian fosse apoiada a ele, e o esquerdo para mim, quando eu ia tomá-lo ouvi a voz de Nicholas que entrava pela entrada principal da casa, sua voz não expressou nada que eu pudesse nomear.

— Pode deixar que eu a levo, James.

— Cuidado com ela – James disse entregando-me para ele num gesto simbólico, mas como estava bastante entretido com Vivian ao seu lado completou – deixo por que ficar com as duas mulheres mais bonitas da festa comigo seria egoísmo.

Sorri um pouco, e observei James indo para o exterior com Vivian. Eles ficavam bem juntos, mas não era momento para eu ficar pensando neles, e sim me concentrar em Nicholas a minha frente.

Nicholas estava inegavelmente lindo essa noite, lindo na verdade era pouco, ele estava perfeito. Usava um terno preto com um colete cinza por baixo, além de uma gravata cara com uma estampa geométrica. A barba estava bem desenhada em seu maxilar, o cabelo penteado para traz bem organizado. Ele parecia mais um modelo de grife do que um homem comum, o próprio Davi de Michelangelo não se comparava.

Ele permanecia muito silencioso, se aproximando de mim, passo após passo, tal qual fera faminta espreitando a caça. Nicholas me olhava, com algo de desejoso em seu olhar. Eu me sentia praticamente desnuda em sua frente devido ao modo como ele me encarava. Ele andou um pouco ao meu redor, e eu sentia minha pele queimar por cada centímetro que ele observava, até que finalmente tomou minhas mãos.

— Eu não achei que seria possível – ele disse — mas hoje você está ainda mais linda do que eu sempre a achei.

Então estendendo o braço e me fazendo dar um giro, igual a uma dança, e me analisando ângulo por ângulo num olhar contemplativo e silencioso.

— Eu não sei como o vermelho pode parecer uma cor tão provocante em você – ele se aproximou e falou com uma voz sedutora enquanto a mão livre dele fez um desenho na minha perna à mostra até o início da fenda – parece-te com a tentação do pecado me atraindo para alguém que parece um anjo quando sorri.

Sim, eu definitivamente corei após essa, eu nunca havia sido elogiada assim, somente elogios baratos de época de ensino médio, nada comparado ao trabalho de um homem, como Nicholas disse.

— Até que você dá para o gasto – eu brinquei.

— Eu tenho várias formas de te fazer mudar de ideia – ele sussurrou – nenhuma delas apropriadamente seguras agora – a mão dele estava buscando o tecido da minha calcinha sob o vestido. Aquela fenda tinha realmente uma função que eu não imaginava. Ele parou a busca por ela, abaixou-se para plantar um beijo leve nos meus lábios, e mim e comentou com um pequeno sorriso, lançando um pequeno arrepio onde o hálito dele roçou.

— Eu sou um filho de uma mãe muito sortudo.

Sorri para ele, e saímos.

Fui apresentada a todos ali. Nicholas me introduzia como a futura advogada da empresa que tinha organizado este evento maravilhoso, além de ajudado na escolha da casa. "Qual é? Eu só dei uns telefonemas". Pensei.

A voz da cantora era doce e envolvia o ambiente numa atmosfera suave, não era para ser uma noite romântica, mas eu percebi vários casais erguendo-se de suas mesas para dançar na plataforma que foi montada mais cedo. Nicholas então se despediu das ultimas pessoas que faltavam para me apresentar e me levou para dançar. Bom eu não sabia dançar, mas decidi me manter controlada e deixar que ele me conduzisse.

— Emily, você não sabe o trabalho que está me dando.

— Desculpa, eu não sei dançar – eu disse, imaginando que ele falasse das minhas habilidades na dança.

— Eu nem imaginei isso, está se saindo muito bem – ele disse.

— Do que falas então?

— Não imagina como estou tendo que ter muito controle sobre mim para não beijá-la aqui mesmo, ou para não sair tomando satisfação com todos os caras que te olham.

— Acha que não estou na mesma situação? – eu disse, admirando minha própria coragem – todas essas mulheres lindas ao seu redor com seus decotes, e suas carreiras brilhantes, e sua experiência, e seus lábios de Botox, e suas contas recheadas.

— Sempre haverá mulheres em todo lado, só uma me interessa – ele disse olhando diretamente para mim.

— Ah, Nicholas – eu recostei minha cabeça no peito dele e inspirei um pouco mais do cheiro dele que era tão atraente. Ele, por sua vez, diminuiu um pouco o ritmo da dança.

— Pode dizer Emily – ele disse.

— Eu não sei o que eu tenho Nicholas, eu só fico encantada demais quando você está perto de mim, parece-me que não há mais ninguém ao meu redor. Nesse exato momento estar perto de você, tocando você, sentindo esse cheiro que só você tem, e sentido que você está aqui por mim, me dá um frio na barriga e um medo – continuei – é como se estar perto de você fosse isso, uma sensação dolorosa e prazerosa ao mesmo tempo, e eu só não quero que você vá embora nunca, por que eu não quero mais deixar de sentir isso.

Quando terminei de falar, encarei-o outra vez, os olhos dele repletos de uma complexidade de sentimentos e os lábios dele selados sob um silêncio paciente. Eu não sabia exatamente como continuar, mas ao contemplar seu olhar em mim, eu vi uma certeza no olhar dele, e foi essa certeza que fez com que tudo tivesse feito sentido de repente, inundada por uma sensação desesperadora e reconfortante eu falei para ele, mas foi como se falasse para mim também, em constatação.

— Eu acho... Eu acho que eu te amo.

Nicholas fechou os olhos por dois segundos, como se saboreando cada uma das palavras que eu acabara de lhe falar. Quando tornou a abri-los, eles pareciam como mel derretido e brilhante, iluminados e quentes e tão intensos como sempre.

— Eu te peço perdão por te amar assim tão de repente, embora o meu amor seja uma velha canção em teus ouvidos – cochichou os versos de Vinicius de Moraes ao meu ouvido, e continuou dessa vez olhando para mim – depois disso, eu acho que não preciso dizer que a amo.

E apenas essas palavras bastaram para acalmar a febre dentro de mim. Foi como se todas as duvidas e barreiras que me impediam, desmoronassem de repente. Ele me amava e não tinha maior certeza no mundo do que essa. Ele me amava, e era tudo o que eu precisava saber.

— Você, vem falar comigo agora! – a voz de James nos interrompeu. Ele parecia calmo e controlado, mas o olhar dele era furioso na direção de Nicholas. Olhei para procurar de onde ele tinha surgido assim tão de repente, e encontrei Vivian, me lançando um olhar de desculpas do meio da multidão. Nicholas me soltou e acompanhou James para dentro da casa grande. Eu vi os dois se afastarem e caminhei até Vivian, ela já começou dizendo: — Me desculpa, quando nós estávamos dançando, sem querer nos aproximamos de vocês, ele ouviu uma parte da conversa, eu tentei distraí-lo, mas não consegui.

— Tudo bem – eu disse colocando a mão no ombro dela, amigavelmente – eu deveria ter resolvido isso mais cedo, bem mais cedo. Eu só espero que não seja tarde demais – ordenei – você fica aqui, vendo se tudo corre bem, circule por entre as mesas, não deixe que os convidados notem que há algo errado acontecendo dentro da casa.

— E você? – ela me perguntou.

— Eu vou encontrá-los – eu disse já me encaminhando para dentro da casa. Com o coração palpitando, pensando na intensidade da raiva que vi nos olhos de James, que só não era mais intensa do que o pânico que se instalava dentro de mim.

Devo Escolher?

Eu corri para alcançá-los. Quando entrei na sala, a confusão estava instaurada. James vociferava uma quantidade indecente de obscenidades para Nicholas, ele estava com um olhar de puro desprezo no rosto, passando as mãos freneticamente nos cabelos ele até tentava vez ou outra racionalizar, mas o ciúme falava mais forte e ele estava perdendo o controle.

— Você fica fora disso! – disse James apontando um dedo para mim enquanto eu entrei na sala, virando para olhar novamente para Nicholas, ele disse.

— Eu confiei em você – James quase cuspiu as palavras, e continuou – sabe o que é mais engraçado? Eu desconfiava, Emily estava cheio de suspiros, pensativa, e ficava estranha quando você estava por perto, eu pensaria em qualquer outra coisa, mas isso?

— James, eu não sei que teoria absurda você está criando na sua cabeça, mas não há nada errado no que eu sinto pela Emily – Nicholas tentou se justificar — você sabe do respeito que eu tenho por você, simplesmente aconteceu: eu amo a sua irmã, e sua raiva e falta de destempero, não irão mudar isso.

— Esse tipo de coisa não simplesmente acontece, e você sabe que ela é minha irmã, Nicholas, você sabe que ela é praticamente uma menina e você se aproveitou da minha confiança e da dela, que estava sob seu teto, isso tudo para seduzi-la...

— Não foi nada disso – eu gritei para James, finalmente, fazendo com que ele retrocedesse um pouco com a raiva e notasse que eu estava ali. Era de mim que ele estava falando desse jeito. Aproximei-me de James, passo após passo, Nicholas observava meu avanço lento.

— Ele não tentou nada, James, fui eu. Eu quem pediu que ele ficasse comigo, e fui eu quem se apaixonou primeiro – respirei olhando para Nicholas e continuei falando – Nicholas tem me protegido de tanta coisa, ele não queria, fui eu quem insistiu.

— Não o defenda, Emily, eu sei quando você está mentindo – James disse me empurrando para a direção das escadas, e eu quase caí ao me desequilibrar – vá arrumar suas coisas, você não fica mais um só dia aqui.

Choque passou pelo meu rosto, eu olhei para James outra vez, mal reconhecendo meu irmão ali. Ele realmente estava decidido a me fazer ir embora, justo agora? Será que ele não via que era exagero da parte dele? Eu não queria ir embora, eu simplesmente não poderia partir assim, e deixar Nicholas para trás.

— James, por favor, não faça isso comigo – eu implorei, com lágrimas nos olhos, observando Nicholas e James, de indecisão.

— James, seja sensato, não force a situação desse jeito para Emily, não faça com que isso tome proporções gigantescas quando não precisa – disse Nicholas.

James estava em choque ao ver o meu braço machucado, com uma nódoa arroxeada, pelo modo rude com que ele o pegou ao me empurrar, tentou se acalmar e falou para Nicholas.

— Depois de tudo, você simplesmente vem e dorme com minha irmã? Era assim que queria cobrar minha dívida? Eu devia ter deixado você morrer – disse James friamente.

Eu me arrepiei pela raiva contida naquelas palavras, eu lembrei que o modo como os dois se conheceram tinha alguma coisa grave envolvida e não sabia o que era. Ouvi enquanto Nicholas falava: — Mas não deixou – ele falava calmamente – quando você viu aquele carro se afastando da cena do acidente você foi lá, ficou fazendo pressão no meu braço que estava com um corte profundo, para que eu não perdesse sangue, ficou esperando a ambulância.

— Não me lembre disso – disse James ainda com raiva.

— Quando eu fui para o hospital — Nicholas continuou — eu não tinha ninguém, eu precisava de sangue, você me doou o teu. Não se lembra disso? Será possível que a sua raiva nesse momento esteja maior do que a tua razão?

— E ainda assim você não honrou isso – James disse.

— Não? Se depois daquilo viramos irmãos de sangue lembra? Querendo você ou não, seu sangue está correndo aqui – disse Nicholas batendo num braço – acha realmente que eu o trairia a esse ponto? A ponto de seduzir sua irmã lascivamente? Sem querer algo sério com ela? Crê que eu brincaria com alguém desse jeito?

James pareceu ponderar, por alguns minutos. Eu ainda lutava contra minhas lágrimas, surpresa pela historia e pela atitude nobre do meu irmão, pela amizade deles, por eu estar arruinando tudo. James olhou para mim finalmente, aparentemente mais controlado.

— É isso mesmo? O que aconteceu entre vocês dois?

Eu não conseguia falar direito, minha voz estava embargada, eu lutei com a falta de ar que eu tinha e finalmente consegui falar: — Ele nunca transou comigo se é o que quer saber – eu disse – antes ele quis que eu descobrisse o que eu

sentia, queria que eu tivesse certeza, e hoje eu tive.

— Emily, você não precisa mentir para mim, não precisa proteger ninguém. Tem certeza que foi apenas isso?

— Eu tenho certeza, James! Eu me apaixonei por Nicholas, e até onde eu sei, ele por mim – expliquei-lhe — Pela primeira vez na vida eu realmente sinto que eu gosto de alguém, sinto como é amar de verdade, e você torna tudo mais difícil.

— James, a Emily tem razão, veja o estado em que a deixou. Você se preocupa tanto que eu não vá machucá-la, que eu não vá ferir os sentimentos dela, e olha só! Você foi o responsável por isso, é você quem a está machucando.

— Já chega Nicholas! Cala a tua boca – disse James e, virando-se novamente para mim, me obrigou a olhar para ele, curvando-se um pouco para me encarar no mesmo nível – Me desculpe Emily, eu nunca no mundo quis fazer você chorar, e eu prometo que isso nunca mais vai acontecer – ele pôs a mão no meu braço.

Eu passei a mão no rosto limpando minhas lágrimas. Olhei minha mão com manchas da minha maquiagem que estava derretendo pelo choro. Eu começava a

sentir dor de cabeça pela comoção que a cena me causou e eu não iria mais conseguir forçar um sorriso depois de tudo que aconteceu hoje.

— Eu vou me recolher, quero tomar uma aspirina, minha cabeça está a ponto de explodir, e quero descansar. Você pode chamar a Vivian para ir ao meu quarto, por favor?

— Emily, quer que eu a acompanhe? – disse Nicholas, já se dispondo a ficar ao meu lado, James lhe lançou um olhar irritado, mas não disse mais nada.

— Não, Nicholas. Eu prefiro ficar sozinha, só quero a Vivian comigo – segurando a beirada do vestido me encaminhei para escada e antes de subir para o meu quarto virei para olhar para os dois. Eles estavam quase lado a lado. Talvez jamais fossem amigos como antes, talvez James estivesse decepcionado comigo depois dessa briga, ou ainda, talvez Nicholas me amasse menos quando pesasse as suas escolhas. Se eu soubesse como tudo isso iria acabar eu ainda me apaixonaria por Nicholas outra vez?

Para não pensar muito sobre isso, e para lutar contra as lágrimas que outra vez insistiam em me vencer, subi as escadas. Entrando no quarto fechei a porta e me apoiei nela por uns momentos. Quando me recompus, fui para o banheiro do meu quarto. Liguei a banheira e esperei encher um pouco. Abri o zíper lateral do vestido, retirei os sapatos, os grampos do cabelo, a roupa intima e mergulhei ali, submergi por uns segundos, tudo que eu precisava era ficar quieta enquanto esfriava minha cabeça. Ergui-me de novo e fiquei numa posição mais cômoda.

Vivian bateu à porta do banheiro.

— Posso entrar? – ela perguntou.

— Sim, entre – eu disse.

Ela entrou, eu não me senti envergonhada, mesmo estando nua. Afinal, nós já tínhamos esse tipo de intimidade. Ela ajoelhou ao lado da banheira e conversou comigo.

— E então como foi?

— Horrível – eu disse por fim – eu fui burra, deveria ter me controlado, me refreado, isso nunca teria acontecido, eles ainda seriam os dois amigos de antes.

— Não se culpe, quando gostamos de alguém, não é planejado, acontece de repente. E quando você percebe já está envolvida demais para largar – disse com um toque de melancolia no olhar.

— Onde eles estão?

— Foram lá para fora, o jantar está sendo servido, eu vou pegar alguma coisa para você e para mim daqui a pouco.

— Eu estou sem fome — era verdade.

— Mas nem que você queira vou te deixar ficar sem comer hoje. Você me chamou para te cuidar, e eu estou aqui, se você não me obedecer, eu te afogo nessa banheira.

Eu ri ainda que meio triste. Vivian tinha esse dom de fazer as pessoas sorrirem, mesmo quando era por uma besteira e com uma nota de tristeza, como agora. Ela sempre me fez sorrir. Lembrei-me do modo como quase nós fomos afastadas, eu tinha que perguntar: — O que aconteceu, de verdade, entre você e Trevor?

Ela piscou duas vezes, não esperando que eu perguntasse algo assim de repente. Por ter sido pega ela não teve tempo de inventar uma mentira ou apenas explicar melhor a historia, então ela foi clara e concisa.

— Ele é um idiota.

— Me explica melhor? – pedi.

— Bom, aparentemente ele não gostou do fato de eu não querer que ele tivesse outra namorada, e um dia, ele estava agindo estranho. Quando eu o confrontei com a sua historia, ele ficou digamos meio violento.

Levei a mão à boca, o movimento espalhou um pouco de água ao meu redor, quase molhando o vestido de Vivian que baixou o olhar para que eu não a visse direito.

— Você estava certa, Emily, eu devia tê-la ouvido. Eu só fui orgulhosa demais para admitir isso antes.

— Você também não estava errada – eu disse para ela – ele foi o errado da historia, das nossas histórias.

— Eu sei, mas agora, ele fica me mandando mensagens a toda hora, tenho

quase certeza que quando eu for ligar o meu celular, terá umas mil ligações dele – ela exagerou, mas eu entendi o que ela queria dizer.

— Oh, Vivian, eu lamento tanto.

— Não se preocupe mais comigo baby, eu vou conseguir me livrar disso, ele não me põe medo, cuide um pouco de você.

Levantando-se ela foi em direção à porta, virou para trás e disse com um sorriso que não atingiu seus olhos — Eu ficarei bem, prometo — e saiu pela porta.

Enquanto ela esteve ausente eu fiquei pensando em tudo o que acontecera, Culpando a mim mesma por ser tão descuidada, culpando James por não entender, culpando Nicholas por me fazer amá-lo, e até culpando as estrelas pelo desenrolar da noite.

Na tarde do dia seguinte, James iria embora, eu não queria que ele fosse brigado comigo, e nem queria que ele me levasse para Yellowstone Hill. Eu só queria que tudo se resolvesse e que eu não precisasse escolher. Por que eu não tinha duvidas sobre quem eu deveria seguir.

Enquanto chove

O café da manhã foi silencioso, parecíamos quatro estranhos sentados à mesma mesa. Nicholas olhava para mim, me sorria, mas eu evitava o seu olhar. Vivian tentava me animar, colocando comida no meu prato e fazendo uma ou outra piada, mas desta vez eu não sorria. James por outro lado ficava olhando de mim para Nicholas bufando de vez em quando. A tensão estava praticamente insuportável. Nicholas estava sentado ao meu lado, Vivian do outro e James à nossa frente.

— James isso tem que parar – disse Nicholas finalmente quando a tensão se tornou quase tangível.

— Realmente tem que parar – James disse – basta a Emily escolher, e pronto.

— Vamos parar vocês dois! Ok? – berrou Vivian fazendo com que todos nós olhássemos para ela – vocês ficam manipulando a Emily, como se ela não estivesse bem aqui, ouvindo tudo. Acham que estão sendo adultos deveriam se comportar? Então basta.

— Vivian... – começou James, mas Vivian interrompeu.

— Não quero mais nenhuma palavra. Deus! Cresçam os dois, e parem logo com essa guerra de xixi tentando marcar território, ninguém vai sair para lugar nenhum, oras.

Eu dei um leve sorriso finalmente. Admirando a coragem e a personalidade de Vivian. Ela me defendia assim de um jeito tão autentico que eu fiquei pasma ao vê-la colocar dois homens feitos em seus devidos lugares.

— Vamos tomar nosso café em paz – Nicholas pediu.

— Por mim, tudo bem – disse James.

O café da manhã transcorreu silencioso desde então, James logo partiria, e eu pedia aos céus que não permitissem que ele me levasse embora. Ele não tinha o direito de fazer isso, tinha? Eu tinha vinte anos, e não mais dez para precisar ser levada de um lado a outro pela mão, sem direito de escolha. Mesmo com todo o esforço que ele teve para cuidar de mim, eu não era mais uma menina, eu era uma mulher, capaz de decidir sozinha.

Eu também sabia que a maior parte do que James estava sentindo era raiva, não só pelo fato de eu ser caçula e toda essa historia, mas por que ele odiava não saber das coisas; ele sentia-se como que passado para trás. Eu o entendia em

parte, mas no mais, eu não gostaria que ele me afastasse de Nicholas, nem que ele se afastasse de mim. Levantei-me da mesa, passando antes o lenço em meus lábios e falei para James.

— Precisamos conversar, seriamente.

— Fala – ele disse devorando um pedaço de croissant.

— Em particular, e por um longo tempo.

James levantou da mesa, percebi que Nicholas mal tinha tocado em seu café da manhã. Então antes de eu sair com James para dar uma volta na propriedade e ter uma grande conversa, falei primeiro: — Nicholas...

A simples menção do seu nome fez ele me olhar, sentimentos pareciam aflorar dele: dúvida, medo, paixão. Tudo isso vinha de encontro a mim, em cheio, por que eu sabia que eu sofreria se eu tivesse que partir, só não queria que ele sofresse antes, em antecipação, não sem eu lutar primeiro. Provavelmente ele passou a noite em claro pensando assim como eu, pois as mesmas olheiras que pontuavam sob meus olhos estavam ali presentes nos dele.

— Coma meu amor, eu conversarei com James, farei com que tudo fique bem, eu prometo.

James assistiu a cena, mas não falou nada, apenas saiu pela porta antes de me ver dando um beijo leve em Nicholas. Um beijo terno, cheio de promessas e de temor.

Encaminhei-me para a porta, finalmente Nicholas estava com um olhar mais animado, creio que meu beijo lhe passou a mensagem, eu não iria desistir de nós, pelo menos não sem lutar, e não quando nem eu ou ele queríamos. Eu não iria deixá-lo e ir embora com meu irmão.

Sai pela porta, o dia tinha amanhecido frio, quase sempre é frio em East Valley, mas hoje estava bem mais frio do que de costume. Então peguei o meu casaco e calcei uma galocha segui para a área da piscina para encontrá-lo sentado em uma das poltronas da área externa, me aproximei e ele se ergueu para acompanhar meu andar.

— Eu sei que está zangado comigo – eu disse enquanto caminhávamos – e tem razão em estar. Por um lado, eu deveria ter te contado tudo, mas tenha em mente que eu queria ter certeza do que eu sentia, eu não quis me precipitar, eu não tive total intenção de esconder de você.

James esteve me analisando por uns minutos, ouvindo atentamente, até que ele soltou por fim: — Sinceramente, eu nunca achei que você fosse gostar dele. Se eu soubesse que havia essa mínima chance, você não estaria aqui, isso eu garanto.

— James, só tenta entender.

— Eu estou tentando – disse ele dando de ombros – mas não há um prisma pelo qual eu olhe e que me faça achar essa situação toda confortável.

— Eu achei que minha felicidade fosse um lado desse prisma que importasse para você.

— E importa Emily, é justamente por isso que estou tentando te proteger. Os homens são experts em ficar com uma mulher vulnerável. O sonho de qualquer um é ficar com uma menina jovem e inocente, isso é quase um jogo, sei que ele está jogando.

— Não diga isso James, não me faça ter mais raiva.

— É a verdade, Emily, aceite ela ou não.

— Não é a verdade, quer saber qual é a verdade? – falei elevando o tom de voz um pouco, eu já estava a ponto de explodir – a verdade é que eu sempre fui boa, comportada, sempre fiz tudo como você me pedia, até meu modo de vestir era você que sugeria através de suas namoradas. Eu sempre tirei as melhores notas, fazia os melhores trabalhos, isso para que? Para conseguir tua confiança.

— E para perdê-la na primeira oportunidade – comentou em tom azedo.

— Não, para que você me apoiasse. Olha para mim, James – eu gesticulei – eu tenho vinte anos, eu valorizo cada gota de suor que você derramou por mim, cada madrugada que você estudava por que trabalhava o dia inteiro, cada hora de fila num hospital quando eu estava doente, e eu não faço isso por obrigação. Eu tenho que apreciar isso, você sempre foi o meu norte, e é por isso que eu dependo tanto de sua aprovação. Você é a pessoa mais importante do mundo para mim. Eu não quero me afastar de você.

Quando eu terminei de falar tudo já estava com lagrimas rolando por meu rosto, elas nasciam mesmo contra a minha vontade. Eu não queria que ele pensasse que era uma estratégia minha, que eram lágrimas falsas, então eu as limpei.

— O que você quer que eu diga Emily? O que quer que eu faça? Diz-me, por que eu não sei.

— Eu não sei o que você vai fazer James. Eu só sei o que eu não vou, e o que eu não quero fazer. Eu não vou voltar para nossa cidade e perder minha bolsa de estudos, e eu não quero ficar longe de Nicholas, e nem de você.

— O que me sugere então? Que eu apenas ignore isso? Que eu saia por ai fingindo que aceito toda essa situação?

— O que eu quero é que me dê esse voto de confiança. Um dia você teria que me deixar fazer as minhas próprias escolhas. Teria que me deixar sofrer as consequências delas, boas ou más.

— Eu vou tentar, que droga Emily, eu nem acredito, mas eu vou tentar – disse ele por fim – ele terá uma só chance, uma só! E se ele falhar, eu acabo com ele.

— Obrigada James – eu me joguei em seus braços assim como eu fazia quando eu tinha apenas dez anos. Eu sorria contra o tecido grosso do casaco dele. James me envolveu um tempo, até ele sugerir que entrássemos.

A temperatura caía vertiginosamente, uma boa chuva devia estar prestes a vir por aí, com muita insistência James aceitou não fazer a viagem nessa tarde, não enquanto o tempo não melhorasse. Eu estava com uma inquietação, como se soubesse que algo iria acontecer, então fiquei mais tranquila quando à noite estávamos todos quatro na sala de TV, assistindo filmes, enquanto caia um temporal lá fora. Nicholas estava sentado no sofá e eu com a cabeça apoiada em seu colo, no outro estavam James e Vivian.

Vivian estava aborrecida, tinha perdido na votação para escolher o filme, então estava com os braços cruzados sobre o corpo, inquieta, irritada até, eu diria, enquanto assistíamos corações de ferro. Ela se moveu para perto de James, repousando a cabeça no colo dele, assim como eu estava recostada em Nicholas. Eu sorri. Sim, ela definitivamente tinha uma queda pelo meu irmão.

Quando o filme acabou, já era quase madrugada. Eu estava exausta, então chamei Vivian, que tinha caído no sono, para irmos dormir. Chegando lá, apenas nos jogamos na cama, exauridas de todas as emoções do dia. Nicholas e James disseram que iriam checar as portas e as janelas antes de deitarem-se, mas eu os ouvia conversando alguma coisa, eu só estava exausta demais para descer e tentar me fixar no que poderia ser. Quando notei que a conversa tinha acabado, e que eu não conseguiria descansar sem dar boa noite para Nicholas, eu cutuquei Vivian.

— Hummmmm – ela sibilou irritada.

— Assim que James for para o quarto dele, eu vou para o quarto de Nicholas.

Ela abriu os olhos de repente, tanto assustada por um trovão repentino quanto pelo que eu lhe falara.

— Você tá doida? E se te pegarem?

— Não irão.

— Como você sabe? Por que não?

— Por que você vai me cobrir.

Dei um beijo na testa dela e a fiz me acompanhar até a porta. Ficamos observando o momento em que James foi para o quarto dele, e eu vi quando Nicholas subiu as escadas também. Só esperei um pouco mais de tempo. Logo eu estava indo ao quarto de Nicholas, silenciosa e irrequieta, enquanto Vivian trancava a porta do quarto atrás de mim.

Tudo Tem Sua Primeira Vez

Provavelmente o medo de perder Nicholas era o grande fundamento para o que eu estava prestes a fazer. Eu não queria ficar pensando que, na possibilidade iminente de tudo acabar, eu não teria cada centímetro dele tatuado em minha memoria. O simples pensamento de me afastar dele já me trazia uma dor insuportável, aquele medo que eu senti, eu não queria sentir nunca mais. Era como se eu estivesse sendo empurrada para o meu mundo de antes, um mundo onde eu só o via quando ele ia visitar James em minha antiga casa de Yellowstone Hill.

Meus passos eram cautelosos, mas eu não tinha duvidas, eu o amava, e se Nicholas me amava na mesma intensidade, ele iria me querer-me agora, sem desculpas, sem culpa, sem ninguém na nossa cabeça, apenas nós dois. Apesar de todas as minhas certezas, eu temia a resposta dele.

Quando coloquei a mão na maçaneta da porta dele, eu gelei um pouco, nervosa. Sim, eu era virgem. Nicholas fora o primeiro e único homem a me dar prazer, e meu primeiro prazer já fora de um modo não convencional. Nicholas é o único homem que eu olhei com desejo, que eu realmente quis, sem nenhuma reserva. Ele não pulou o muro que eu construí ao redor de mim, ele foi convidado. Eu tinha me apaixonado por ele tão facilmente, entre nós tudo fluía. Ao mesmo tempo em que isso assustava, trazia paz. Esse conjunto de anseios e receios era o que me fazia querê-lo mais.

Girei a maçaneta da porta com cuidado. Ela não fez nem o clique

costumeiro. Entrei no quarto e fechei a porta por dentro. O quarto de Nicholas tinha uma sala intima que dava acesso para um banheiro que ficava antes do quarto, e eu olhei em todo o redor, ele não estava ali. Apressei meus passos para o quarto, olhei ao redor, também não estava. Juro que eu quase me abaixei para olhar embaixo da cama, mas contive minha vontade. Ele provavelmente estava no banheiro. Cheguei perto da porta e colei o ouvido nela, ouvi uma corrente de água. Senti um pouco de inveja da água que o tocava nesse momento, antes de mim, enquanto tudo que havia em mim ansiava por ficar a sós com Nicholas.

Eu retirei minha roupa, estava com um robe sobre uma camisola vermelha que ia até meu joelho, então eu retirei o robe e pendurei na maçaneta da porta do banheiro. Desse modo quando ele a abrisse ele já saberia que eu estava ali. Retirei a camisola depois e a joguei na entrada do quarto, e por fim retirei a calcinha e joguei bem perto da cama. Liguei apenas uma luminária que lançava uma luz amarela difusa por todo o quarto. Deitei na cama dele assim, despida, vestida apenas com a camada espessa de longos cabelos negros que se derramava à minha volta.

Eu não sei quanto tempo se passou. Eu parei de contar quando na minha mente já tinham se passado quatorze minutos. Só um pouco mais de tempo e eu ouvi a maçaneta da porta do banheiro girando. Meu coração acelerou um pouco quando eu percebi que os passos se retiveram, provavelmente quando Nicholas encontrou a primeira peça, o robe. Ouvi um pouco mais dos passos, Nicholas tinha encontrado a camisola. Eu sabia que ele estava se aproximando da cama, mesmo de costas para ele, eu conseguia sentir a presença dele inundando todos os meus sentidos ainda que eu não pudesse tocá-lo ou vê-lo.

O quarto ficou em silencio por alguns momentos. Eu soube que ele estava retirando suas roupas quando ouvi as peças sendo jogadas ao chão. Ele deitou na

cama ao meu lado, e começou a passar devagar a mão pelas minhas pernas até a curva na minha cintura. Quando ele encostou-se a mim por trás ele falou com uma voz calma, mas sedenta.

— Se eu soubesse que eu tinha uma companhia me esperando, eu não teria demorado tanto.

— Está tudo bem — eu disse.

Nicholas me fez deitar direito na cama, olhando para ele, e ficou me contemplando silencioso por alguns momentos. Eu não sabia o que dizer, eu deixaria que ele conduzisse tudo.

— Você é perfeita – ele disse olhando para mim, a mão dele correndo por minha pele, deixando uma sensação de formigamento por onde passava. Ele fez com ela o caminho que ia desde o meu umbigo até meu seio. Segurou-o com a mão e apertou-os delicadamente, quando eu suspirei, ele sussurrou perto de mim.

— Vê? Perfeito para minha mão. Assim como você por inteira é perfeita para mim, nossas almas conversam e nossos corpos rimam.

Finalmente arrisquei passar as mãos no rosto dele, do seu maxilar forte, e subi até seus cabelos, que caiam desalinhados. Tão macios de tocar, a meia luz que clareava o quarto tornava o seu cabelo num véu dourado. Eu não conseguia distinguir direito os olhos dele, pareciam tão negros nesse momento, com as pupilas dilatadas pelo desejo veemente que ele incubava.

— Eu quero você, Nicholas, como eu nunca quis ninguém. Eu me sentia sua antes mesmo de você dizer que me amava, eu já me sentia hipnotizada ao teu redor... É como se eu precisasse sentir que você me quer para si, não me diga que não me quer...

— Como eu poderia não querer algo que me pertence? Você é minha – Nicholas sussurrou poucos segundos antes de o lábio dele tomar os meus finalmente.

O beijo dele tinha se intensificado, elevado à milésima potencia e depois multiplicado por mil. Era como se até aquele momento ele ainda não tivesse me mostrado tudo o que eu tinha que saber sobre ele, ou sobre seu beijo, sobre o modo como o corpo dele pesava sobre o meu nesse momento, me fazendo puxá-lo mais de encontro a mim. Nicholas soltou-me os lábios, e desceu plantando beijos e leves mordiscadas, por todo meu pescoço até encontrar meus seios, que ele bebeu como se fossem um cálice. A essa altura eu não tinha mais acordo de mim, eu era apenas uma coisa dele que ele moldava ao seu bel dispor.

Nicholas sentou sobre os seus joelhos na cama, e me pôs no colo dele, de

frente, enquanto suas mãos me percorriam inteira. Encaixamo-nos perfeitamente. Quando o senti assim, dentro de mim, finalmente preenchendo-me com sua totalidade, eu fechei os olhos, uma pequena dor me consumindo, gemi.

Nicholas parou por um momento, para que eu me acostumasse ao seu tamanho, retirou uma mecha de cabelo que caia sobre o meu rosto e beijando-me, sussurrou: — Eu sou seu primeiro e serei seu último, somente eu.

Eu concordei apenas com um aceno de cabeça. Enquanto ele conduzia com as mãos o meu movimento. Suas mãos envolviam-me pelos quadris. Cruzando-se atrás de mim, as minhas mãos se enroscavam no cabelo dele, nossos corpos colidiam conduzidos pelo ritmo que nosso desejo marcava. A sensação dele entrando em mim, contínuo e cadenciado, era algo que não se explica. Eu comecei a sentir uma urgência crescendo dentro de mim, querendo mais dele. O suor já nos envolvia como um leve manto. O cabelo de Nicholas enroscado na minha mão, apenas algumas mechas loiras displicentes sobre seus olhos.

Os olhos dele brilhavam como se tivessem fogo próprio. Ele aumentou a urgência dos movimentos para algo mais forte, apenas por prever que o momento da eternidade se aproximava. E eu me perdia ali, nos braços dele, no olhar dele, que refletia o meu com tal intensidade que era difícil distinguir onde começava o desejo dele e onde o meu terminava. Fechei os olhos e inclinei-me mais contra ele. Ele sabia que eu teria meu prazer ali e cobriu com uma das palmas da mão livre a minha boca. No fundo da minha mente minha consciência soprou para mim que era apenas para evitar que eu fizesse barulho demais e acordasse alguém.

De repente, a onda de prazer que eu sentia se intensificou a tal ponto que me lançou um arrepio que me percorreu inteira, uma sensação de quase que um formigamento doloroso encheu-me o ventre, eu gemi alto contra a mão de Nicholas, e me contrai contra ele ainda mais, repousando minha cabeça em seu ombro.

— Isso... Apaixone-se por mim, assim... – ele sussurrou outra vez, e derramou-se em mim.

Devagar ele me deitou sobre a cama e puxou o lençol sobre nós dois, aconchegou-me ao peito dele. Eu não sabia o motivo, mas sentia uma ligeira timidez após tudo ter acontecido. Nicholas sentindo isso me aconchegou mais ainda junto dele e me deu outro beijo, intensificado pelas endorfinas do prazer recente.

— Não é de se estranhar que todos queiram isso – eu disse calma e meio sonolenta – é viciante.

Nicholas sorriu genuinamente, um riso realmente verdadeiro, que balançou seu peito um pouco. Ele ergueu meu rosto e me fez encará-lo e então disse.

— Ainda não é nem a ponta do iceberg, eu tive que me controlar bastante

aqui. Para não machuca-la.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que dessa vez foi para você, a próxima vai ser para mim.

A próxima vez, a que ele se referia, foi diferente, não era a descoberta de algo novo com Nicholas. Ali era o Nicholas homem, em seu ritmo animalesco. Sussurrando de vez em quando em meu ouvido enquanto eu estava de quatro – é assim que um homem faz – as suas mãos enlaçavam minha cintura puxando-me forte para si.

Ele tinha razão, a primeira vez foi fragmentada, isso era ele. Esse era o jeito de Nicholas amar. E se ele fosse assim sempre, com certeza eu iria querê-lo centenas, senão milhares de outras vezes.

Fim da Plenitude

Por mais que eu não quisesse, meus olhos abriram-se. O sol iluminava uma boa parte do quarto. Mesmo através das cortinas ele adentrava trazendo um mormaço para o ambiente, sinal que mais tarde a chuva voltaria. Eu não queria levantar, mas algo me incomodava, eu tinha que levantar, por quê?

— Oh, meu Deus! – eu levantei tropeçando no lençol e quase caindo de cara no chão, apressei-me e de qualquer jeito fui me vestindo.

Eu caí no sono! Eu deveria ter voltado para o quarto. James, se ele notasse minha ausência eu estaria ferrada. Olhei para o criado mudo ao lado da cama de Nicholas, o relógio despertador apontava que faltavam quinze minutos para uma da tarde. Nicholas finalmente se movimentou na cama olhando em minha direção, abaixei-me sobre ele apressada e dei um beijo em seus lábios e saí pela porta, não sem antes espiar pelo corredor, verificando se alguém estava passeando desavisado por ali, eu não queria ser pega.

Corri para a porta do meu quarto. Entrei, sem ninguém perceber, pelo menos era o que eu achava.

— Acha isso bonito? – disse Vivian lá de dentro.

— Desculpe, eu dormi.

— Você não apenas dormiu, mas tudo bem – ela completou – só não foi bonito ter me deixado ficar aqui até uma hora da tarde, com fome por que eu não poderia descer sem correr o risco de ser questionada sobre você e seu par.

— Você é simplesmente a melhor amiga do mundo – eu disse me aproximando e beijando a bochecha dela.

— Hei! Calma babe, não precisa esfregar sua felicidade pós-sexo na minha cara.

— Ele é incrível – eu disse me lançando na cama com os braços estendidos, na posição de quem faz anjos na neve.

— Não saia espalhando sobre o material dele, senão atrai pessoas invejosas, bate na madeira.

— Você tem razão, eu sei dessas coisas, mas para você eu posso. Eu me

sinto tão plena — disse com um sorriso bobo na cara, nada conseguiria tirá-lo hoje.

Tomei um longo banho, Vivian desceu na frente para comer alguma coisa, eu desci mais atrás ainda animada pela noite anterior, tive que me controlar para não ficar cantarolando. Quando cheguei à mesa não tinha mais café—da—manhã, mas sim almoço, eu procurei desesperada por uma xicara de café preto, meu combustível, para me ajudar a não ter dor de cabeça e não matar ninguém durante o dia todo.

Vivian sentada de um lado da mesa perto de James. Dei um beijo nele e um abraço. E sentei-me numa das cadeiras vazias. Pouco depois Nicholas desceu as escadas do quarto dele, e se aproximou de mim, deu-me um beijo leve, com cheiro de hortelã. Provavelmente do creme dental dele.

— Bom dia, minha pequena.

— Boa tarde, na verdade – eu disse risonha.

Almoçamos em paz, Nicholas do meu lado. Trocávamos olhares sempre que necessário, apesar de estarmos sob a supervisão de James. Chovia bastante, o clima não amenizara desde ontem e a chuva continuava a lavar toda a

paisagem. Nem Vivian, ou eu, conseguimos acordar a tempo hoje, resultado: perdemos aula na faculdade. A previsão do tempo também não me dava boas noticias, de acordo com eles estávamos enfrentando uma frente fria que causaria chuvas pelo menos até o final de semana.

Para Vivian não tinha nada melhor, ela não precisaria ir para casa e enfrentar os seus temíveis pais, além disso, ela estava adorando fazer companhia para James.

— E foi desse jeito que eu conheci o idiota do Nicholas – completou James.

Como eu não estava mesmo prestando atenção, o final do que ele dizia eu entendi que foi quando ele citou o nome de Nicholas. Pensei um pouco, era a primeira vez que ele falava abertamente sobre como ele conheceu o Nick. Eu conhecia os outros amigos dele de vista, mas não sabia como eles se conheceram, achei que poderia ser a oportunidade.

— E os outros? Como se conheceram? – perguntei.

Estávamos sentados no tapete da sala nesse momento. Nicholas ao meu lado como sempre, e Vivian e James sentados quase do lado um do outro. Ela detestava o frio, então estava com uma camada grossa de cobertores envolvendo-

a completamente. Todos nós prestamos atenção, James começou a falar. Claro que Nicholas já sabia como tudo tinha ocorrido, mas ele ficou ouvindo assim mesmo.

— Por onde eu começo? – perguntou James para si mesmo – certo, vamos lá – disse ele divertidamente enquanto encontrava uma posição melhor para se colocar.

— Meu Deus, mas como é fresco – sibilou Vivian.

James sorriu, e ergueu o dedo do meio para Vivian. Ela fez um gesto teatral, erguendo a mão sobre a testa num desmaio, para fingir que estava ofendida, e respondeu com o mesmo dedo do meio para ele.

— Pois bem – finalmente James começou a falar – como você sabe Emily, nossa vida não foi fácil no começo. Quando Esse cara ridículo ai do teu lado sofreu o acidente, o qual eu me prontifiquei a ajudar, ele quis me recompensar com algum dinheiro. Eu não aceitei, pois não vejo motivo para por preço em boas ações.

— Mesmo com minha insistência, já que não queria ficar devendo favores a um idiota desse – completou Nicholas.

— Fazer o quê? Era parte de mim, não meter um preço nisso – disse James – então algum tempo depois eu descobri que ele tinha se mudado para Yellowstone Hill, a pedido dos pais dele, para expandir um negocio que os pais dele tinham.

— Qual negócio? – perguntei.

— O restaurante – Nicholas respondeu.

— Espera, está me dizendo que foi Nicholas que te arranjou o emprego no restaurante? – perguntei meio surpresa e meio sabendo que isso só poderia ter vindo dele.

— Isso mesmo – James confirmou – Nós já tínhamos conversado um pouco, e ele soube que eu corria risco de perder a sua guarda, pois o dinheiro que tínhamos estava acabando. Se a assistência social descobrisse, você teria ido direto para adoção.

— Lembro perfeitamente – eu disse, olhando de James para Nicholas.

Mesmo antes de me conhecer Nicholas já tinha sido importante na minha vida, tinha me ajudado, ajudado meu irmão que era minha família. Não sei se era possível, mas era como se naquele momento eu tivesse amado ele um pouco mais.

— Continuando, eu mal tinha saído do ensino médio, eu não tinha cursos, ele conseguiu para mim o cargo mais alto que eu poderia ter. Que foi o de auxiliar de cozinha. Foram os pais dele que se tornaram meus fiadores na faculdade, se eles não tivessem assinado aquele papel, eu nunca teria conseguido meter um pé para dentro daquela porta.

— Isso é lindo, e tocante, muito gay também da parte de vocês dois – brincou Vivian.

— Quando as aulas começaram, tinha esses dois outros caras, um aluno de intercambio chamado Matheo, nós nos tornamos amigos quase instantaneamente – continuou James.

— Matheo é um nome diferente – disse Vivian – de onde ele é?

— Região da Campânia, província de Nápoles, Itália — respondeu Nicholas.

— E o outro era Eric – disse James – mas a historia desse aqui é meio longa e Nicholas não gosta muito dela.

— Por que Nicholas? – perguntei curiosa.

— Por que ele roubou minha ex—mulher – ele disse sem um pingo de emoção na voz.

Um pequeno choque passou por mim. Claro que Nicholas teria tido outras mulheres antes, mas casado? Bom, eu não tinha perguntado, então não tinha como eu saber. E eu ainda falava sobre Vivian não saber nada do Trevor. Mas ele bem poderia ter contado isso para mim. Vendo a surpresa nos meus olhos, Nicholas passou a mão por cima do meu ombro e me plantou um beijo rápido nos lábios; — Já acabou isso, ela não está em mais nenhum espaço na minha vida, nem mesmo no meu passado.

James comentou então.

— Enfim, mas apesar de tudo nós devemos muito a ele ainda. A ideia de montar o pequeno consultório jurídico fora dele. Ele tinha os melhores contatos, tinha mais perfil de liderança, além disso, ele poderia conseguir o que ele quisesse. Foi assim que ele conseguiu a mulher de Nicholas.

— Vou ter que intervir sempre nas brigas de vocês? – interviu Vivian outra vez – eu não quero ter que sair debaixo dessa coberta para dar uma lição nos dois.

Todos nós rimos, o clima aliviou um pouco. Assim que eu tivesse a primeira oportunidade eu perguntaria para Nicholas um pouco mais sobre essa ex—mulher. Não queria sentir esse incômodo que eu estava sentindo, o incômodo tinha um nome – ciúmes.

Permanecemos ali falando mais um pouco, James queria espetar Nicholas, disso eu tenho certeza.

— Tenho uma sugestão – falou – já que a ideia do primeiro jantar foi de Nicholas, que tal convidarmos os dois para vir para cá? Passar uns dias, eu mesmo faria o jantar, seria algo menos suntuoso.

Nicholas olhou para James com algum tipo de raiva no olhar, mas manteve a calma, ele era tão bom nesse negócio de manter a calma. Nunca explodia de raiva. Alias só uma vez eu o tinha visto perder o controle, e foi quando ele socou Trevor, mas logo retomou o controle sobre si assim que toda a situação havia sido resolvida.

— Pode convidá-los – Nicholas disse me deixando boquiaberta “Mas, o quê?” – lembre-se que a casa só tem quatro quartos e o espaço que poderia ser usado como quarto extra é onde está funcionando o meu escritório.

— Qual o ponto? – James perguntou.

Parecia que eu e Vivian estávamos assistindo um jogo de ping-pong a nossa cabeça movendo de um lado para o outro à medida que um deles falava.

— Vivian está dormindo com Emily, você em um quarto, eu no outro. Como vamos colocar um casal e Matheo espremidos em um quarto?

— Ah, esse é o ponto – entendeu James, ele pensou por um instante e falou – Vivian pode continuar dormindo com Emily, eu cedo o quarto que eu estou que tem cama de casal para os dois, e Matheo e eu, bem, nós ficaremos no outro quarto que tem duas camas de solteiro.

— Que seja – Nicholas concordou.

Vivian falou divertida no meio de nós – Isso é melhor que novela, tampouco uma mexicana ganha.

Eu sorri para ela, o pânico crescendo um pouco dentro de mim, a ex— mulher dele viria mesmo para a mesma casa que ele estava agora. Será que ele ainda tinha sentimentos por ela? E se ela fosse linda? E se ela não estivesse mais apaixonada por Eric? E se eles dois quisessem reatar?

Empurrei as minhas duvidas mais para o fundo dos meus pensamentos e decidi me concentrar na conversa.

— Será muito divertido, os quatro juntos de novo – James comentou sarcástico – como nos velhos tempos.

Nicholas bufou entediado ao meu lado.

– Muito, será um poço de diversão – ironizei por fim.

Sabores das Doces Mordidas

O clima não melhorava. A chuva que continuava castigando East Valley era uma ótima desculpa para que eu não fosse às aulas por alguns dias. Em compensação, era mais difícil ter momentos a sós com Nicholas quando James ficava com o olhar sobre mim cerca de vinte e quatro horas por dia.

Claro que eu adorava a presença do meu irmão, mas tenho que admitir, estava com um pouco de raiva dele. Em parte pelo fato de ele ter sido o dono da ideia de trazer a ex—mulher de Nicholas para nos fazer uma visita, e em outra parte por... Bom não tinha outra parte, esse fato apenas já me fazia ter raiva. Ele tinha sido culpado. Eu já estava determinada a não tocar mais no assunto com ninguém até que eu tivesse algum tempo a sós com Nicholas para que ele pudesse me explicar melhor toda a situação.

Eram aproximadamente sete da noite, Nicholas ainda não tinha saído do escritório. James o acompanhava. Como o clima não deu aos dois a oportunidade de sair de casa, eles estavam terminando o trabalho da melhor forma que podiam com os recursos disponíveis. Os recursos, neste caso, eram os livros de Nicholas que ainda não tinham sido totalmente desembalados desde que chegamos à nova casa, o notebook de cada um e um sinal de internet sem fio oscilante devido ao mau tempo que parecia com meu humor neste momento.

Enquanto eles terminavam o trabalho dele, Vivian e eu terminávamos o nosso. Que se resumia em pegar pela internet todo o material que havia sido utilizado na aula desses dois dias e por fim fazer nossas redações, relatórios,

pesquisas, e tudo o mais que os professores tivessem ordenado.

Notei-a pensativa por um tempo. Vivian estava quieta demais, mesmo para os meus padrões de comportamento. Senti que alguma coisa a incomodava, e se ela não queria falar, eu teria que perguntar.

— O que você tem?

— Como assim? – tentou disfarçar – tenho montes de coisa, senão eu não seria eu.

— Vivian, eu posso fazer isso do jeito fácil, ou do jeito difícil, de um jeito ou de outro você vai terminar falando.

— Tudo bem – ela disse – eu acho que você está ficando meio parecida comigo, não acha?

— Então diz, você está com o pensamento longe, o que está habitando essa cabecinha loira? – brinquei a cutucando.

— Nossa! Isso é tão estranho – ela baixou um pouco o olhar, mas continuou falando – eu acho que estou gostando do James, sei que ele é meio metido e desprezível todo o tempo, mas mesmo assim, eu não sei explicar.

— Gostando do James?! – falei surpresa, mas não tanto assim. Lógico que eu vi que ela tinha um jeito de corar quando ele estava por perto. Mas não achei que era isso que estivesse incomodando-a, não achei que fosse sério.

— Fala baixo – ela disse – é isso mesmo, eu não sei como aconteceu. Ele é lindo e tudo o mais, mas não é só por isso, ele às vezes é tão legal.

Fiquei muda por alguns instantes, eu não sabia o que dizer, eu não ficaria contra ela, lógico. Mas também não acreditava que James fosse do tipo que ficaria com uma mulher mais nova. Ele sempre era tão sério, brincando apenas com os conhecidos. Eu não iria me interpor em uma provável relação entre os dois. Caso acontecesse, seria estranho, mas eu ficaria feliz por ambos.

— Ai, fala alguma coisa – ela falou lançando os braços para cima.

— Eu não sei o que você quer que eu fale – eu disse – mas tem todo meu apoio, eu só não sei se James está sozinho.

— Nem eu – ela disse – você tem certeza que ele nunca comentou nada sobre isso com você?

— Absoluta, se tivesse comentado eu a teria conhecido.

— E se for ele?

— Você é louca? Tá sugerindo o que?

— Nada, eu só tô nervosa. Medo de ser rejeitada no final das contas, nunca aconteceu, mas já estou antecipando.

— É só cerca-lo aos poucos, vai perguntando aos poucos, e então ele fala, não seja invasiva senão ele vai fugir.

Nós duas saímos do meu quarto, para a sala de estar, nenhum dos dois tinha acabado o serviço ainda. Eu fui para a geladeira, separei alguns ingredientes e coloquei sobre a bancada. Então peguei duas facas, uma, coloquei perto de mim, e a outra eu estendi pela ponta para que Vivian pegasse.

— Quem nós vamos matar? – ela brincou.

— Ninguém – eu sorri ao responder-lhe. "Ainda" meu inconsciente sussurrou – só vamos preparar o jantar.

— Eu não sei cozinhar – ela disse e segurava a faca com confusão como se fosse uma tabela periódica.

— Você não vai cozinhar, só vai me ajudar.

Eu estava quase terminando de preparar o prato principal e Vivian ainda lutava com uma cebola. Quando Nicholas e James apareceram na cozinha. Um após outro foram se aproximando da bancada, com certa estranheza, ficaram observando nosso trabalho.

Quando James sentou-se em um desses bancos altos qualquer Vivian estendeu a faca apontando para ele, em modo de brincadeira é lógico e perguntou.

— Você, rapaz, tem namorada?

— Não! – respondeu James erguendo as mãos brincando junto com ela.

— E namorado?

Nicholas sorriu que quase entortou.

— Olha bem para mim e vê se eu tenho cara de que gosta de homem – ele disse num tom ofendido.

— Só queria saber, perguntar não tira pedaço.

— Mas isso aqui tira– disse já retirando a faca da mão dela – você é muito sutil mesmo, hein?

— Sou a sutileza em pessoa – ela deu de ombros.

Aproximei-me de Nicholas e dei-lhe um beijo rápido.

— Precisa de ajuda? – ele perguntou.

— Não, obrigada. Só vou colocar para assar, minha parte está pronta. Vivian está fazendo a salada, acho que até isto aqui terminar de assar ela terminou com aquela cebola.

— Hei, eu estou bem aqui – ela disse.

— Deixa-me te ajudar – disse James já indo para o lado dela e pegando algumas folhas verdes, lavando-as e rasgando-as com as mãos, enquanto explicava para ela como se fazia e como não se fazia para cortar os legumes.

Não muito tempo depois, tínhamos finalizado o jantar, James e Vivian conversavam animadamente. Chamei Nicholas para o meu quarto, deixei a porta entreaberta, assim James não iria se sentir tentado a entrar para ver qualquer

coisa que estivéssemos fazendo. Nicholas sentou na beirada da cama.

— O que quiser, estou pronto – ele disse.

— Bom Nicholas, eu não quero parecer uma dessas namoradas que são obcecadas pelo passado dos namorados, mas eu acho que algumas coisas eu tenho que saber.

— Você pode saber qualquer coisa, só perguntar.

— Então, sua ex—esposa...

— Ah, sobre isso... Por que eu não adivinhei? – brincou.

— Isso não tem graça – eu disse corando – é sério, me conta o que eu tenho que saber.

— Vem aqui, não há muito para saber – ele disse estendendo a mão para mim e puxando-me para sentar ao lado dele, quando eu estava acomodada ele começou a falar.

— Emily, quando eu ainda estava na faculdade eu encontrei a Christie, nós ficamos juntos, noivamos, casamos, e ela me largou por um amigo, isso é tudo que tem para saber.

— Não é Nicholas, você resumiu tudo.

— O que você quer saber exatamente?

— Não sei. O que fez você gostar dela? Ou ainda, você era apaixonado por ela? Ela é bonita?

— Emily – disse Nicholas, tomando meu rosto nas mãos e olhando para mim fixamente – Eu gostei do que eu achava que ela era, e não de quem ela era. Ela é bonita, eu me apaixonei, mas acabou, passou. Tudo bem?

— Eu não sei Nicholas.

— Minha pequena, você não vê que está se preocupando demais por algo que já está no passado? É contigo que eu estou agora, é a ti que eu quero.

Ele disse enquanto pontuava cada palavra com um beijo rápido em meus lábios. Os beijos dele anestesiaram por uns instantes a dúvida em minha alma. E eu decidi ignorar isso pelo menos até o sábado. Que era o dia em que eles viriam para cá. Nicholas não parecia abalado por saber que ela estaria aqui, ele parecia tranquilo. Perguntei-me se era apenas uma fachada, mas decidi não ficar ouvindo esse lado inseguro de mim que estava ficando verdadeiramente chato.

— Eu quero que você me beije Nicholas – eu pedi – me faça esquecer isso, me faça pensar apenas em você.

Eu não precisei pedir duas vezes, Nicholas beijou-me tão sedento que eu não pude me conter e gemi contra a boca dele. Ele deu um sorriso cínico e falou perto de mim – gostou disso?

— Muito – eu sussurrei – muito mesmo.

Ele beijou-me mais uma vez então, enquanto uma mão dele me segurava na cintura, a outra segurou meu cabelo, fazendo uma leve torção. Aos poucos ele ia me ensinando em doses homeopáticas, as habilidades dele.

A boca dele abocanhou meu lábio inferior finalizando numa leve mordida e após separou nossas bocas.

— Mais tarde no meu quarto eu continuo com isso, contarei os segundos — ele disseme com um olhar intenso no rosto e mil promessas nessas poucas palavras.

Então é ela?

Dia cinco de abril de dois mil e quatorze. Eu até anotei no meu computador pessoal para que eu não esquecesse essa data. Ainda estava cedo, eram seis da manhã, e eu realmente gostaria de estar dormindo ainda.

Era o sábado em que Eric e Matheo iriam visitar—nos. Por consequente, também viria para a mesma casa que Nicholas, a ex—mulher dele. Essa manhã de sábado seria absolutamente triste. Eu queria ter tempo para pelo menos estar apresentável quando ela chegasse, sei lá, pentear melhor o cabelo e passar um batom e um blush. Todavia desde as cinco da manhã eu estava acordada com James, ele iria preparar alguma coisa elaborada e eu tinha me oferecido para ajudar. Não imaginei que ele fosse me acordar tão cedo e nem que ele quisesse impressionar tanto.

— Que horas eles chegarão? – perguntei para James.

— Não sei. Creio que daqui a pouco Nicholas vai buscá-los no aeroporto, acho que eles chegam por volta das dez.

— Eu mereço – resmunguei baixinho.

Continuei ajudando James na cozinha até terminarmos os comes e bebes, montamos uma mesa de café da manhã suntuosa para nós mesmos e especialmente para os convidados. Eram cerca de oito da manhã. Vivian finalmente desceu as escadas, toda saltitante, para ela não tinha tempo ruim. Ela ainda não estava arrumada totalmente também, estava de pijama, literalmente pijama, uma calça de bolinhas rosa e uma blusinha combinando de algodão.

— Bom dia – ela falou ainda com a voz preguiçosa de sono – bom dia, Emily, James – ela pontuou a última palavra.

— Bom dia – respondeu James sem desviar os olhos da torta de limão que ele acabava de colocar na geladeira e que seria sobremesa para depois do almoço.

— Amore! – ela se aproximou de mim e plantou um beijo forte na minha bochecha.

— Animada hoje? – perguntei.

— Absolutamente – respondeu ela – a noite de ontem foi memorável.

James olhou para ela um pouco rápido demais e depois desviou o olhar, Vivian ficou olhando para ele com uma cara de adolescente sedutora, e eu ficava apenas olhando de um para o outro sem entender nada. Como os dois não falaram mais nada, eu decidi ignorar este clima estranho que ficou entre os dois.

Lavei finalmente as mãos, retirei o avental e reorganizei o coque no alto da minha cabeça do jeito que eu pude. James também tirou o avental que ele usava e o jogou numa das gavetas dos armários da cozinha. Estávamos tomando café quando Nicholas desceu as escadas saudando— nos. Ele trajava uma calça preta jeans, uma camisa social e um casaco longo preto. Estava mais que lindo. Eu olhei para ele sorrindo em aprovação e ele me sorriu de volta. Se aproximando de mim ele beijou-me forte, ignorando James.

— Procurem um quarto – disse Vivian

— Nada de procurar quarto – James atalhou.

Então Nicholas percebeu a deixa para soltar finalmente meus lábios, ele olhou fundo nos meus olhos. Eu não conseguia entender o que foi aquilo, então eu fiquei apenas observando seu rosto, em busca da sombra de alguma emoção que revelasse o motivo desse beijo. Não consegui identificar, fiquei um pouco sem entender.

— Eu vou pegar o carro agora para ir ao aeroporto.

Ah, agora entendi. Sorri para ele e segurando a mão dele que estava em meu rosto eu disse.

— Nicholas, está tudo bem, nós conversamos sobre isso ontem, eu confio em você.

— Eu sei – ele disse – mas saiba, eu amo você, mais do que eu achei possível, e mais do que amei qualquer outra pessoa, mais do que eu possa suportar.

— E eu a você – eu disse, e beijei rápido os seus lábios.

— Você não está sendo convocado para a guerra – disse James depois de pigarrear do outro lado da mesa – serão apenas amigos reunidos, pelo menos meus amigos.

Nicholas virou-se para James, ele parecia estar verdadeiramente com raiva.

— James, como você mesmo disse, esse jantar é seu e não meu. Não fui eu quem planejou tudo, nem mesmo sei por que eu aceitei isso.

— Eu sei – disse James – mas a mulher é sua.

— Ex—mulher – Vivian pontuou.

— Deus do céu, que é isso? – eu disse para os dois – James, você está sendo infantil, e Nicholas, não responda às provocações dele, está sendo mais infantil que ele.

Quando os dois viraram para mim surpresos e Vivian soltou um gritinho de "uhuu", eu completei.

— James, essa mulher que vem aqui, é ex—mulher de Nicholas, “Ex” ouviu bem? Eu sou o presente e o futuro dele agora – e virando-me para Nicholas completei – eu confio em você, nunca me deste qualquer motivo para duvidar de você, e não creio que os terei agora.

Um sorriso genuíno passou pelos lábios dele, parece que eu tinha tirado um peso de suas costas. Pouco tempo depois ele se dirigia à porta.

— Você não vai com ele? – perguntou Vivian para James.

Ele que parecia emburrado desde a hora que eu falei a sério com os dois, respondeu: — Não haverá espaço suficiente no carro para todos na volta, e o ambiente não estará de todo agradável.

— James tem razão, melhor que ele fique aqui – concordou Nicholas que saindo soprou-me um beijo e lançou um eu te amo.

Eu não sabia por que eu ainda me sentia inquieta, não sabia mais se isso se devia apenas ao fato de eu não gostar da visita que teríamos mais tarde, devia ser algo mais. Não sei.

Vivian finalmente conseguiu me roubar dos meus pensamentos, sugerindo que fossemos nos preparar para a chegada dos convidados, nas palavras dela, homem nenhum na terra além de James a veria sem maquiagem.

Subimos as escadas para meu quarto, que graças a Vivian eu sabia que faria um bem enorme empinando nossos bumbuns. Sorri um pouco com o pensamento. Chegando lá, ela foi para o meu closet e ficou vasculhando cada uma das minhas roupas, dizendo uns sonoros não, não, não, para cada uma que era reprovada.

Ao final ela selecionou um vestido de renda branco para mim, as mangas dele iam até os pulsos e ele era forrado, então eu ficaria confortável, além disso, o aquecedor estava ligado isso iria me ajudar a não sentir frio.

— Agora, vamos dar um jeito no seu cabelo – ela disse, e quando eu dei por mim, ela estava escovando ele e enchendo de bobs de cabelo gigante, ela fez o mesmo com o dela. E escolheu uma calça e uma blusa de seda do meu armário para vestir, segundo a própria, ela amava minhas roupas.

Tomamos banho e depois de uma boa dose de hidratante, e uma maquiagem leve, vestimo-nos para descer as escadas. Ao ler as horas, percebi, faltava apenas meia hora para as dez, a hora em que James disse que eles chegariam.

Dito e certo.

Não demorou muito tempo e a Dodge RAM já buzinava lá fora. James

levantou-se para ir atender, creio que no meio tempo em que nos preparávamos ele também fez o mesmo, pois parecia bem mais apresentável, com um jeans azul escuro e uma camisa social branca para fora da calça.

Vivian e eu levantamos também, alisei um pouco o vestido e me preparei.

O primeiro a entrar pela porta foi Matheo, eu o reconheci de imediato. Era possível ver em todos os seus traços a origem italiana dele. O cabelo Castanho que caia meio longo quase tocando os ombros, os olhos verdes, a pele quase cor de mel, linda, que eu queria ter quando mais nova. Ele entrou abraçando James e então se encaminhou para mim e Vivian. Primeiro ele me abraçou me erguendo do chão, todo o cuidado com meu vestido por água abaixo.

— Come sei cresciuto – disse Matheo “como você cresceu” e tentando usar o português comentou – nem parece com a mesma bambina que há pouco tempo usava trancinhas.

Eu sabia que ele estava exagerando.

Matheo era bem próximo comigo, e a última vez que ele me viu foi no aeroporto. Pouco antes de eu vir para East Valley. Matheo então se virou para Vivian e disse.

— E você quem é mia picolina principesa? – usando todo seu charme italiano ele beijou as duas faces de Vivian e a abraçou, ternamente.

— Vivian Driscoll – ela disse – melhor amiga desta aqui – disse ela apontando para mim – e uma princesa mesmo.

— Agora eu sou esta aqui? – eu brinquei.

Matheo sorriu e deu mais dois beijos no rosto de cada uma, então foi para sala, jogando a mochila dele de costa no chão no meio do caminho e se jogando no sofá, com umas botinas meio sujas ainda nos pés.

Foi ai que eu a vi, Nicholas não mentiu quando ele disse que ela era bonita, mas omitiu, na verdade ela era linda. Beirava a perfeição. A ex—mulher dele entrou pela sala, ela era alta, loira, impecável. Eu sei que Nicholas não estava mais com ela, mas ele deveria pelo menos ter me preparado para um choque emocional melhor, dizendo algo como "Emily, ela parece uma supermodelo". Eu agradeceria o alerta.

Estava frio, e mesmo assim ela usava um vestido de alças finas, que caia tão bem nela que eu estava a ponto de perguntar onde ela o comprou. De repente me senti ridícula, como se eu estivesse toda enfeitada. Se Nicholas já tinha dormido

com essa mulher... Quem, ou o que era eu para surpreendê-lo de alguma forma? Mil e uma imagens se formaram na minha imaginação e começaram a fervilhar, os dois juntos. Tive que me esforçar para deixar de olhar para ela e me concentrar em Eric, que estava ao lado dela.

Ele era um homem de beleza normal, não tinha nada grandioso nele; ele não tinha a beleza hipnotizante de Nicholas, ou a beleza formal e séria de James, tampouco o charme e a personalidade cativante de Matheo. Para mim ele era normal. E mesmo sabendo que no fundo eu tinha que agradecê-lo por ter levado a mulher de Nicholas embora, eu não gostei da traição que ele fez para com os seus amigos.

Finalmente ela se aproximou de mim e de Vivian, estendeu a mão delicadamente para Vivian que retribuiu com um oi grosseiro. Ela se aproximou de mim.

— Você deve ser a Emily, James falou muito sobre você.

Até a voz dela era linda, não era justo. E ela era tão mais alta que eu. E James falou sobre mim? Só ele?

— Sim, Emily, irmão de James.

— Você é bem mais linda do que ele desenhava, sou Christie, acho que nunca fomos devidamente apresentadas.

“Eu sei bem quem é você, vadia”. Pensei.

— Concordo – limitei-me a dizer enquanto Christie me analisava dos pés a cabeça.

— Excelente vestido, eu o adorei – ela disse.

— Obrigada – eu repeti, e fiquei observando ela mover-se para o sofá da sala para sentar-se ao lado de Eric que apenas nos cumprimentou com um aceno ligeiro e começou a realizar algumas ligações.

Finalmente Nicholas entrou pela porta depois de estacionar, enquanto ele se aproximava de mim. Vivian, Christie, James, Eric e Matheo, olharam para ele, todos estupefatos, quando ele me deu um longo beijo depois de me saudar calorosamente.

— Que saudade, meu amor.

Como Amo Dançar

Quando ninguém mais conseguia respirar diante da cena devido à estranheza da situação nunca antes presenciada, Nicholas finalmente virou na direção de todos e falou sorrindo genuinamente.

— Eu e a Emily estamos namorando.

Houve um longo e constrangedor momento de silêncio, ninguém ousava falar nada, todo mundo olhava para James e para nós dois meio sem saber o que fazer. Menos Matheo, ele levantou-se do sofá para cumprimentar nós dois, via-se que ele estava verdadeiramente feliz; eu podia ver isso no olhar dele quando ele veio me abraçar e quando ele abraçou Nicholas. Vivian já sabia então ela ficou onde estava, mas estava animada batendo palmas como se fosse uma novidade. Eric mal se moveu, eu não sabia nem como ele estava respirando, ele respirava né? Ou ele era vampiro ou outra aberração desse tipo? James e Christie, nenhum dos dois parecia muito feliz com a notícia. James ficou sentado com uma mão descansando no sofá e a outra massageando a têmpora. Christie foi rápida, ainda que eu tenha notado a ruga de raiva que surgiu na face dela, ela soube rapidamente disfarçar toda a situação, levantou-se e veio parabenizar—nos.

— Fico feliz por você Emily, apesar de eu achar que você deveria ficar com alguém mais da sua idade – ela comentou sorrindo. Só eu percebi o veneno por detrás das palavras dela? Tonando o rosto para cumprimentar Nicholas ela disse num timbre de voz que indicava que ela tentava ser sexy.

— E você Nicholas, fico feliz que finalmente tenha conseguido me superar.

Ela estava passando dos limites, eu esperei reunir um pouco de coragem para falar alguma coisa, mas eu não tinha nenhuma resposta à altura, então me limitei a esperar uma atitude de Nicholas. Ele fez, em um gesto protetor ele me aproximou, colocou um braço sobre mim e olhando para mim como se eu fosse algum prêmio, comentou.

— Na verdade Christie, eu não achei que havia qualquer coisa importante a teu respeito para esquecer, afinal, com Emily ao meu lado, eu nem lembrava mais que você existia – ele virou para encará-la – não até James insistir em convidá-los para vir jantar e conhecer a casa.

— Que a proposito é linda – ela comentou tentando disfarçar o embaraço.

— Emily me ajudou a escolher – Nicholas disse.

Christie torceu de leve o nariz, mas virou-se finalmente indo para o sofá da sala, sentando ao lado de Eric, que não falava nada, ele não iria controlar a mulher dele? Percebi que ele tampouco dirigia o olhar para a nossa direção quando nos aproximamos para sentar e conversar também. Em vez disso, ficava sempre falando apenas com James. Matheo conversava conosco animadamente,

e também conversava com Vivian que perguntava para ele detalhes da sua cidade de origem.

Na posição em que eu estava sentada no sofá eu podia ver pela minha visão periférica que duas, ou mais, vezes Christie se moveu para olhar para Nicholas, e eu juro, eu estava a ponto de riscar com as unhas a pele perfeita dessa mulher, se não fosse meu autocontrole, como ela se atrevia? Ela parecia uma pomba com o peito estufado.

Algum tempo passou, James se levantou para reorganizar a mesa do café, que depois de tanto trabalho, somente Matheo quis tomar. Mas tudo bem, guardamos as coisas e reorganizamos os pratos para o almoço. Nicholas se ofereceu para vir me ajudar, mas eu não julguei necessário então o deixei conversando com os “amigos” dele, eu estava ficando brava e descontando nele também.

Uma das coisas que eu amava sobre Matheo era o modo que ele tinha de captar as coisas rapidamente. A vivacidade e energia dele, sempre me ajudaram quando eu estava triste ou deprimida e eu nem sabia ao certo por que e como, mas ele sempre me fez sentir bem quando o mundo parecia que iria desmoronar.

Dessa vez não era diferente, ao perceber que o clima estava meio estranho ele começou a contar umas historias sobre ele, tão engraçadas que combinavam perfeitamente com ele, mas também tão mirabolantes, que nos faziam duvidar. Todos já estavam sorrindo quando Nicholas e eu terminamos de organizar a

mesa. Nicholas sentou à cabeceira da mesa, e eu ao lado dele, Vivian, como uma felina se esgueirou para a cadeira em frente a mim e do lado de Nicholas antes que Christie a pegasse. Matheo e James sentaram frente a frente seguidos pelo casal da “química perfeita”.

Sério, eu não conseguia imaginar os dois juntos. Em parte por que eu não conseguia imaginar Eric sendo legal com ninguém, eu não o conhecia bem, mas pelo pouco que eu conhecia, ele nunca me provara o contrário.

— Um brinde ao mais novo casal – disse Christie erguendo a taça de vinho de modo que todos nós erguemos para brindar com ela – pelo menos um lado do casal é novo – ela tinha que dar uma agulhada nisso.

O comentário foi ignorado, o que resultou nela rindo sozinha da própria piada particular.

— Um brinde ao amor verdadeiro – Nicholas disse – e a Emily que me fez encontrá-lo.

Agora sim, todos brindaram até mesmo meu irmão, então começamos a nos servir da refeição, que estava deliciosa. James preparou medalhões de carne assada de um modo especial e que fazia com que ela praticamente derretesse na

boca, acompanhados de uma salada césar, legumes cozidos no vapor, arroz integral e um molho que ele intitulou de "à moda do James".

Matheo falava sobre ele, e perguntava também sobre Vivian, ele pareceu interessado nela. Eu não sei se foi impressão minha e pode muito bem ter sido, mas do outro lado da mesa James pareceu um pouco ciumento.

Terminamos o prato principal. Eu levantei para pegar a sobremesa, Nicholas ajudou-me e colocou a torta no meio da mesa. Matheo pegou um pedaço generoso e colocou em seu prato, Nicholas cortou um pedaço e colocou no meu prato, no de Vivian e no dele por fim. Passando a sobremesa para James e o casal. Meu irmão ofereceu um pedaço para Eric, que aceitou. Quando ele ofereceu para Christie ela disse num tom que parecia um conselho, mas na verdade era uma crítica.

—Não, obrigada, e tenha cuidado Emily, sempre começamos com um pequeno pedaço, depois aumentamos as porções e quando percebemos, temos um enorme quadril, e adeus tamanho trinta e oito.

— Você só esquece – interviu Vivian – que ela tem 20 anos, ela pode comer o que quiser nessa idade, diferente de você – e completou – e o tamanho dela é trinta e seis.

Obrigado Deus, por uma amiga tão desbocadinha assim, sorri para ela em agradecimento quando Christie ficou em silencio observando o marido dela comendo o doce, acho que ela estava desejando um pedaço. Nicholas disfarçou uma risada como pode, colocando um pedaço enorme de torta na boca. James tentou ajudar Matheo que se engasgou com um pedaço de torta quando começou a rir. Foi épico.

O almoço, apesar de tudo, foi um sucesso, James e Nicholas levaram as malas dos hospedes para os quartos, eles ficariam aqui o fim de semana inteiro, e Matheo os acompanhou. Outro momento de silencio constrangedor reinou na sala.

— Então o que você faz? Digo, já saiu das fraldas há pouco tempo, sei que não tem formação, mas, tem algum objetivo de vida? – perguntou Christie para mim.

— Eu estudo direito na East Valley – eu disse—Vivian estuda comigo. Meu plano até então é me formar e fazer o Nicholas muito, mas muito feliz.

— Ah, sim – ela disse fingindo uma surpresa pelo meu modo atrevido de responder – por isso não me lembrava de você, Vivian, eu nunca a tinha visto antes. Mas não me culpe querida, é que você tem um rosto muito comum.

Na minha cabeça eu imaginei Vivian levantando de onde estava e se aproximando da mulher até arrastá-la pelos cabelos até lá fora, mas tudo que aconteceu na verdade foi que Vivian olhou para ela com um ar desinteressado e comentou.

— É mesmo? Por que então o seu também deve ser, já que eu não me lembro de você.

— Muito difícil – Christie respondeu enquanto observava as unhas bem feitas – eu estou em todas as revistas.

— Você faz o que? – não contive minha curiosidade em perguntar, eu e minha boca enorme.

— Eu sou modelo, acho que não é difícil de notar.

“Sua maldita vadia” eu pensei.

Ela era linda por fora disso não poderia fugir nem de olhos fechados, e

apesar da rudeza com que ela me tratava e também tratava a minha melhor amiga, eu sabia que no fundo, devia ainda existir algum resquício da pessoa por quem Nicholas tinha se apaixonado, e era apenas essa parte dela que poderia me amedrontar. Por que se eu por um acaso, ele ainda a quisesse, eu não teria como competir.

Um pouco de tempo passou e a noite de sábado chegava, Matheo pegou o celular dele e encaixou num docstation que Nicholas tinha na sala para reproduzir umas musicas de uma cantora italiana que ele adorava. E eu sorria enquanto ele tentava ensinar Vivian a dançar. Nicholas estendeu a mão, me convidando para dançar também, e no final, tínhamos afastado os sofás e a mesa de centro para que fizéssemos ali um pequeno palco.

— Você está bem? – ele me perguntou enquanto me embalava em seus braços.

— A que parte de estar bem você se refere?

— Você sabe. Christie, aqui em casa.

— Tudo bem – eu menti – para de ficar me perguntando sempre sobre isso, já está chato, mas um aviso de que ela era absurdamente linda teria ajudado.

— Você vê o que está por fora, eu vi o que estava por dentro, que é o que realmente importa, e não era bonito.

— Se está dizendo – comentei.

— Sim, estou – ele disse – você tem as qualidades que eu sempre julguei importante, inteligência, calma, bondade, e para mim, não há outra mais linda que você.

— Perto de você eu sempre pareço tão menos...

— Menos?

— Sim Nick, menos bonita, menos imponente, menos gostosa... – falei a ultima palavra bem baixinho e fiquei com vergonha imediatamente depois que a falei.

— Você não é menos – ele disse e se aproximando do meu ouvido falou baixo para que somente eu escutasse – eu não conseguiria descrever a metade

sobre o quão gostosa você é mesmo que eu tentasse.

Do modo que estávamos dançando com meu rosto encostado no ombro dele e o dele perto do meu cabelo, parecia que estávamos apenas nos balançando de um lado para o outro, aos olhos dos demais.

Mas eu era quem ouvia o que Nicholas falava.

— Emily, você tem um jeito inocente que deixaria qualquer homem louco por você. Se soubesse as ganas que tenho de praticar toda sorte de posições com você. A visão de você nua para mim, em minha cama, foi simplesmente perfeita, e o modo como eu encaixo em você...

Eu suspirei profundo contra ele, tudo que ele falava ligava um botão dentro de mim que me deixava imediatamente em chamas.

— Hoje? – perguntei timidamente.

— Hoje, com certeza! Eu te espero no meu quarto, ansioso, preciso estar

dentro de ti mais uma vez.

Disseme, e depois procurou meus lábios para um beijo, como se para provar que o desejo dele não era mentira.

Chame de Paraíso

Desta vez quando eu entrei no quarto de Nicholas ele já estava me esperando na antessala, era madrugada. Provavelmente todos os outros estariam dormindo. O linho das cortinas das janelas escondia a vista da paisagem noturna do lado de fora. Fechei a porta e virei-me de frente para ele, ainda sem me aproximar. Meu coração estava aos saltos dentro do meu peito, e todo o meu ventre estava em antecipação.

Nicholas estava sentado em uma poltrona de frente para a porta, ele usava uma calça de moletom preta (onde estava a cinza que eu amava?) tinha os braços apoiados no encosto da poltrona, e uma das mãos apoiando o maxilar definido, e os dedos cobriam de leve o desenho dos seus lábios. Nicholas não disse uma só palavra desde que entrei, em vez disso, ficou me observando, como se o olhar dele fosse feito de chamas e meu corpo o material que ele queria incendiar. Ele me fazia contorcer-me apenas olhando-me dos pés a cabeça.

Eu tinha me preparado. Escolhi para hoje uma combinação de renda turquesa e preta que eu comprei há algum tempo, mas nunca tinha usado. Por cima eu tinha um robe curto de seda preta, com o laço desfeito, o tecido balançava ao redor do meu corpo.

Eu não usava sapatos para que meus passos não acordassem a ninguém; meu cabelo estava caindo em cascatas negras ao meu redor, indomáveis, selvagens, cuidadosamente preparados para serem enrolados nas mãos dele e repousar tranquilos sobre seu peito.

Nesse espaço de tempo, em que eu mal conseguia respirar, nenhum de nós falou nada. Eu não queria ser a primeira a romper com o silêncio. Enquanto eu olhava para Nicholas, à minha frente, parcialmente vestido, meus olhos também delinearam com cuidado cada uma das saliências e reentrâncias do seu corpo, seus braços definidos, seu corpo esculpido por anjos, o desenho de suas coxas sob o tecido, e o volume guardado para mim e que estava no meio de suas calças.

Corei quando inadvertidamente ele percebeu meu olhar correndo por ele inteiro, e se deliciando a cada detalhe.

— Retire o robe – ele disse.

A voz dele falava tão intimamente comigo, que eu me perguntei se haveria sido apenas minha imaginação.

Minhas mãos obedeceram ao seu comando, e deslizando o robe pelos meus ombros, eu senti a fria seda resvalando aos meus pés. Minhas mãos pararam lado a lado do meu corpo.

Eu estava ansiosa, eu queria que ele viesse logo para mim, olhei para ele com desejo, a tensão que ele produzia em mim era dolorosa demais, essa espera

me angustiava, eu poderia tocar a atmosfera de sensualidade que ele exalava a qualquer momento.

Finalmente Nicholas, percebendo a urgência em mim, veio para perto. Os pés descalços dele também não faziam barulho no chão de madeira do quarto. Os fios de ouro do seu cabelo loiro e desalinhado pareciam seda movimentando-se a cada passada, a pele dele tinha uma cor mais viva ainda à meia luz. Os lábios dele pareciam água para os meus lábios sedentos de desejos, e o corpo dele era o mistério em que eu queria me perder e me encontrar.

"Mais perto" eu implorava mentalmente, e ele atendeu.

Nicholas puxou-me para si, com força, e apertou-me contra seu corpo perfeito. Beijando-me a boca de modo faminto Nicholas mostrava a intensidade do seu desejo. Com uma mão apenas, que ele deslizou pelas minhas costas, ele retirou a parte de cima da minha roupa intima, e a deixou cair ao chão enquanto com voluptuosidade embebeu-se nos seios que se desvendaram para o seu deleite.

Eu não sabia o que fazer com minhas mãos, então eu enlacei-as em seu cabelo, que eu amava. Eu o senti abaixar-se mais um pouco ali mesmo. Ele se punha de joelhos diante de mim, enquanto beijava dos meus seios até a marca onde minha calcinha começava e então deslizou as mãos ao redor do meu corpo, retirando-a devagar, ele deu um beijo em minha pele lisa que se revelou e olhou para mim sorrindo, um olhar malicioso e um sorriso cínico na face.

— Lisa e perfeita – disseme apenas um segundo antes de começar a beijar-me ali.

Este foi primeiro contato mais intimo que eu tive com Nicholas há dias atrás, e que eu amava, encostei-me à parede, minhas pernas não aguentariam muito tempo, aquilo era tão prazeroso que chegava a amolecer-me inteira. Nicholas aprofundou mais ainda a carícia que me fazia, utilizando a língua, e depois os dedos. Eu tive que cobrir minha boca outra vez para não gemer alto.

Eu queria mais dele, eu não queria que acabasse assim, não agora. Ele ergueu-se, beijando-me a boca, o sabor dos lábios dele sempre me dava prazer, quando ele tinha meu gosto, quando eu sabia que ele tinha me tocado com eles, eu os desejava mais ainda.

Nicholas ergueu-me e eu enlacei as pernas ao redor de sua cintura, eu queria e precisava dele logo. Em mim, preenchendo-me. Ele me levou consigo, as mãos seguravam minha cintura me apoiando e esmagando-me contra si. Ele deitou comigo na cama, e sobre mim sustentou-se, a visão dele sobre mim, enquanto ele fazia amor comigo, era semelhante ao paraíso. O olhar de prazer que ele tinha ao olhar para mim, era algo impossível de descrever, era como encarar um anjo destruidor.

Nicholas entrou em mim com fome e com fúria, movendo-se sobre mim ele não parecia humano. Por vezes devagar e calmo, e às vezes forte e rude, ele me mostrava pouco a pouco o que eu ainda tinha para descobrir sobre ele. Depois,

segurou firmemente minha cintura, e girou na cama, agora eu estava por cima, movi-me sobre ele...

Era simplesmente linda a visão de Nicholas daqui, ele segurando a minha cintura, ou meus seios, quando ele curvava a cabeça para ligeiramente para trás e o cabelo dele espalhava nos lençóis refletindo a luz no quarto semiobscurecido. Ele parecia um anjo mau, sedutor e irresistível, ao qual eu estava corrompendo. A cada dia meu desejo por ele só aumentava e nesse ritmo olhando para o meu homem ali, perdido em meu movimento, e eu perdida no dele. Foi então que eu me inclinei mais, meu cabelo tocando minhas costas já iluminadas por uma fina película de suor que eu tive meu prazer.

Deitei-me sobre Nicholas que segurando meus quadris continuou o movimento, dando-me mais uma onda de deleite, enquanto fechava os olhos e afundava-se em mim com vontade, ele gemia prazerosamente, até derramar-se dentro de mim.

Fiquei ali por um momento, nenhum dos dois queria levantar-se, Nicholas continuava beijando meus lábios, agora mais calmo. Gentil.

— Nicholas...

— Fala minha pequena...

— Eu posso dormir aqui com você?

Ele olhou para o meu rosto diretamente, ele não tinha como saber o que se passava na minha mente, então concordou assentindo com a cabeça.

— Quer tomar um banho comigo? – ele sugeriu.

— Agora? – reclamei.

— Eu garanto que você vai gostar.

Olhei para ele, conhecia aquele olhar cheio de segundas intenções, aceitei de imediato.

Seguimos para o banheiro, nus. Nicholas abriu as duas torneiras da banheira, o resultado foi uma água morna deliciosa ao entrarmos nela. Nicholas entrou primeiro e se encostou e erguendo a mão para que eu entrasse com ele, me equilibrou enquanto eu sentava entre as pernas dele.

Ele começou a passar o sabonete liquido dele em mim, lavando-me por inteira. O atrito entre a mão, o líquido e minha pele, fazia criar uma camada de espuma. Eu fechei os olhos para aproveitar a sensação, por longos minutos.

As mãos de Nicholas tinham algo mais do que simplesmente músculos, elas se comunicavam com uma parte de mim que fazia minha pele arrepiar imediatamente sob seu toque. As mãos de Nicholas que estavam nas minhas costas passaram para meus seios, e gentilmente desceram o caminho para meu ventre. Ele puxou-me para recostar contra o peito dele, e enquanto ele me beijava, fazia uma massagem íntima que conseguia reacender em mim uma vontade que eu achei que meu prazer teria já extinto. Mas não, foi ai que eu entendi, que com ele eu iria sempre querer mais, ainda que imediatamente após o sexo.

Estar com ele era o que meu corpo implorava, como se eu precisasse das mãos dele bem ali, onde ele estava massageando para livrar-me do torpor que era estar longe dele. Eu comecei a mover-me contra a mão dele, aumentando a intensidade do movimento, num ritmo ainda incauto, despreparado, mas que fez com que eu atingisse novamente o clímax. Sim, isso eu queria, e queria com ele, sempre com ele.

Nicholas sorriu, ao perceber o quão rápido tinha sido dessa vez, um sorriso convencido, daqueles que dizem que ele sabia bem o que estava fazendo. Eu não poderia reclamar, eu estava como que envolta em uma névoa densa e calorosa. Eu virei-me para ele então, ele a principio não entendeu quando eu pedi que ele ficasse sentado à beira da banheira, mas obedeceu depois sabendo o que eu tentaria. Eu envolvi com minha boca seu membro, eu não sabia direito o que estava fazendo, mas sabia a mecânica, beijei todo seu comprimento e alternava uma massagem com os meus lábios e lambidas enquanto tentava engoli-lo inteiro sem sucesso. Eu ergui meus olhos para cima e encarei Nicholas que olhava para mim, um olhar cheio de prazer e surpresa, e uma expressão de quem realmente estava gostando, eu soltei-o da minha boca por um momento e dei para ele o conjunto de olhar e mais sorriso safado do melhor modo que eu sabia e que poderia fazer.

Parece que funcionou. Ele sorriu de canto, bem desejoso, e segurando meu cabelo para coordenar o movimento, e teve seu prazer ali, comigo, em minha boca.

Ergui-me e ele beijou de leve minha boca e sussurrou.

— Você não imagina, o quão delicioso foi isso.

— Delicioso é provar você – eu disse.

Alguns minutos depois fomos para a cama, exaustos, e deitamos juntos, olhando um para os olhos do outro, em contemplação, não percebemos o sono se aproximando.

Creio que nenhum de nós dois percebeu quando invadimos a terra dos sonhos, onde eu o encontrei novamente.

Manhã de Descobertas

Em algum lugar no fundo da minha mente eu lutei para abrir os olhos, as batidas na porta se tornavam mais fortes. Olhei para Nicholas deitado ao meu lado, ele dormia tão pacificamente e eu não queria que ele acordasse. Estava deitado de lado com um braço envolvendo-me a cintura. Eu iria ignorar as batidas se continuasse olhando assim para ele, então cuidadosamente eu removi a mão dele de cima de mim. Eu não tinha roupas, apenas um conjunto de lingerie que se eu usasse para abrir a porta revelaria em um rápido olhar o que acontecera na noite passada. Então me aproximei da porta, eu ainda estava nua, tentei ouvir algo do lado de fora, nada. Caminhei para o closet de Nicholas e peguei um suéter de corrida, abri a porta temendo que fosse James.

— O que você está fazendo aqui? – era Christie.

— O que VOCÊ está fazendo aqui? – perguntei pontuando bem a palavra, uma coisa era ela me criticar socialmente e suportar seus comentários ácidos, coisa que eu até relevava. Outra coisa bem diferente era ela bater à porta do quarto do meu namorado tão cedo, e ainda querer questionar minha presença ali.

— Eu vim pedir a Nicholas que me levasse para fazer umas compras na cidade – ela explicou.

— E por acaso, você não tem marido para te levar? – respondi ainda surpresa. Se ela queria apenas uma carona por que ela não estava vestida para uma carona? Eu tenho quase certeza que uma camisola rosa longa, e um penhoar de seda não eram apropriados para isso.

— Ele não sabe o caminho da cidade ainda, lembra? Cheguei aqui ontem, eu achei que você fosse mais inteligente.

— E eu achei que você fosse mais esperta.

— O que quer dizer com isso? – ela falou meio alto, temi que ela tivesse acordado alguém.

— Acha que eu sou cega? – apontei para a roupa que ela usava – você obviamente não está querendo apenas uma carona, sua ridícula.

— Pode me dizer o que eu estou querendo então? – ela disse se aproximando, ficando com o rosto praticamente colado ao meu.

— Está querendo consertar seu passado, eu não tenho culpa de você ter escolhido outro homem além de Nicholas, isso foi sua escolha! Mas aviso uma coisa, se você tentar se meter entre mim e ele, ou se você outra vez tentar usar esse jogo barato de sedução para cima dele. Eu juro, eu vou fazer você se arrepender de ter me conhecido.

Não sei de onde eu tirei toda essa coragem, mas eu tirei. Eu queria deixar para ela bem claro que eu não iria deixar esse tipo de coisa acontecer. Para meu mérito eu não baixei o olhar quando ela ficou me encarando, com uma cara de quem não tinha sido ofendida.

— Você está avisada – eu disse e fechei a porta, com força, na cara dela.

Uau, eu gostei disso, da adrenalina percorrendo meu corpo, então era isso que a Vivian sentia quando ficava com aquele jeitão de brigona? Não era de se estranhar, isso dava autoconfiança e me fazia sentir poderosa.

Voltei para a cama, Nicholas tinha se mexido de posição, agora ele estava deitado de bruços, os braços fortes esmagando o travesseiro, o lençol tinha descido um pouco quando ele se mexeu deixando a mostra toda a costa dele, fiquei observando a curvatura das espaduas dele, a linha profunda que descia no meio das suas costas, aquela reentrância que os homens têm na altura da cintura.

Lembrei-me do dia que Nicholas me disse que ele era um filho da mãe muito sortudo, mas ao ficar admirando ele ali, eu percebi que se tinha alguém sortudo por aqui, esse alguém era eu.

Se a parte boa da adrenalina era te deixar se sentindo poderosa, a parte ruim era que te deixava completamente sem sono. Uma examinada rápida no relógio de mesa de Nicholas me mostrou que não eram ainda nem seis da manhã. Depois de me mexer um pouco na cama de um lado para o outro eu desisti de encontrar o sono. Levantei-me, e andei um pouco pelo quarto dele.

O casaco de Nicholas chegava quase aos meus joelhos, eu ergui as mangas para dobrá-las quase à altura do cotovelo. Andando pelo quarto eu fiquei observando os quadros dele na parede da antessala, os retratos de quando ele era mais jovem, um deles datava de dez anos antes, ou seja, Nicholas tinha ainda vinte e quatro anos, e eu apenas dez. Ele parecia tão lindo, apenas de cuecas numa praia, posando para câmera ao lado de uma prancha de surfe. Eu não conhecia aquele lugar da foto, mas ele parecia tão a vontade ali, inclusive ele ainda tinha o cabelo longo. Percebi uma inscrição à caneta na foto e aproximei-me para ler, estava escrito: Valtos Beach, Parga, Grécia.

Continuei olhando as fotos, nalgumas ele estava sorrindo, umas da época da faculdade com meu irmão e os amigos deles. Outras em que ele estava com um semblante sério. Ele estava absolutamente lindo em cada uma delas.

Andando para o closet dele novamente passava a mão suavemente pelas

roupas dele, inalando toda a essência dele que eu encontrava ali, o particular cheiro de almíscar e amadeirado. Todas as roupas dele estavam elegantemente organizadas, por cores, por tipo. Lembrei-me do meu closet cujas roupas se penduravam por cabides desiguais e sorri.

— Qual é a graça? – ouvi a voz de Nicholas que me observava da porta, há não sei quanto tempo.

— Desculpe Nicholas, eu não estava espionando, eu só...

— Calma... – ele disse se aproximando de mim – não tem problema algum mexer nas minhas coisas, foi apenas uma pergunta boba.

Ele me abraçou, eu senti o cheiro dele, o cheiro de Nicholas, que eu tanto amava. Ele me deu um beijo rápido do qual eu fugi quase instantaneamente lembrando que não tinha escovado os dentes ainda, e corri para o banheiro dele, agora quem estava sorrindo era ele.

Eu não tinha uma escova de dente reserva no quarto dele, então tive que me contentar com duas lambidas no creme dental.

Quando ele se aproximou da porta do banheiro, eu estava enxugando meu rosto, após lavar, numa das toalhas dele. Nicholas comentou: — Você fica melhor nele do que eu – apontou para o suéter dele que eu usava.

— Obrigada – limitei-me a responder.

Nicholas percebeu que algo estava estranho, só com o olhar provavelmente, então ele perguntou.

— O que houve?

— Como assim? – tentei desconversar.

— Está estranha, algo deve ter acontecido.

— Nicholas, esqueça isso, por favor.

— Emily, você sabe que não deve esconder nada de mim, qualquer coisa que estiver te fazendo ficar assim, retraída, tem que me falar para que eu a ajude.

Eu realmente esperava não ter que fazer isso, esperava que esse incidente ficasse apenas para mim. Pelo visto eu não era tão misteriosa quanto eu gostaria de ser. Decidi falar.

— Christie, esteve aqui mais cedo.

Eu observei bem o rosto dele ao falar isso, queria tentar ver se a lembrança dela traria alguma emoção diferente ao rosto dele, mas não. Ele apenas disse.

— Por que não me chamou?

— Não precisei – eu disse dando de ombros.

— O que você fez? – ele perguntou com um ar divertido.

— Eu posso ter dado a entender que se ela se aproximasse de você, as coisas ficariam feias por aqui.

Nicholas sorriu, aproximando-se de mim plantou um beijo no alto da minha cabeça, depois disse.

— Eu pagaria para ter visto a cena.

— Por quê?

— Nunca vi você brigando, nem mesmo zangada, acho que eu iria sorrir tanto mais do que eu sorri agora.

— Não queira me colocar zangada Sr. Theodoridis. – eu disse – eu posso ser verdadeiramente cruel.

— Ah, então durante uma ameaça, eu sou tratado pelo sobrenome, se isso era para soar ameaçador, lamento, mas você não conseguiu Srta. Carter.

— Funcionou há pouco com aquela lá.

— Eu acredito que sim, minha pequena – ele disse rindo.

Eu tomei um banho com ele, e corri para pegar uma roupa em meu quarto. Ao descemos para a sala de estar, pudemos notar que o dia finalmente estava agradável, o sol saiu por detrás das nuvens, o que era um ótimo sinal.

Quando eu vi James descendo as escadas com um olhar furioso no rosto, eu tive que pensar duas vezes.

Alguém Me Ajude

Felizmente a raiva de James não era direcionada a mim. Eu ganhei um bom dia, e Nicholas até ganhou um aceno com a cabeça. Graças ao sol, nós poderíamos sair um pouco, e foi o que eu e Nicholas fizemos, finalmente. Ele colocou um casaco preto azulado e saímos para um passeio pelo terreno da casa. O terreno não era de milhares de hectares como as propriedades vizinhas, mas ainda assim era grande. Nós ainda não tivéramos a oportunidade de, por exemplo, ir até uma lagoa que ficava a algumas centenas de metro dali, aos fundos da casa, e como era cedo, era bem provável que chegássemos lá e voltássemos antes do tempo decidir mudar.

Assim saímos desbravando com nossos pés o terreno. Não pudemos pegar o carro para chegar lá, a chuva tinha deixado as estradas de terra, que conduziam até o local, bem escorregadias. Quando conseguimos chegar ao nosso destino pudemos perceber o quão lindo era o local. O lago era rodeado por pedras cinzentas que contrastavam com o verde das arvores que circundavam toda a região, ele se situava ao centro do conjunto de montes fazendo com que ficasse protegido. Ao longe eu podia ver as fachadas de algumas casas dos nossos vizinhos, construídas para que ficassem com uma vista privilegiada da região.

Sentamos em um local para apreciar a vista, após Nicholas ter ido experimentar a temperatura da água com as mãos e constatar que ainda estava muito fria para que nadássemos. Ele me puxou para perto de si, alguns momentos de silêncio como esse poderiam deixar qualquer casal constrangido, mas comigo não, ficar ao lado dele me trazia uma paz tão grande que eu não me importava, a única coisa que eu queria e precisava, era tê-lo ali comigo. Ele me envolvia em seu abraço protetor, apesar de eu já estar agasalhada ele me apertava com a desculpa de que era para espantar o frio.

— Agora que o clima melhorou, você e Vivian poderão voltar para as aulas, e repor os atrasos.

— Já quer me expulsar? – brinquei com ele.

— Nunca – ele disse – eu só fico preocupado.

— Preocupado com o que? – eu perguntei, estava realmente curiosa – minhas notas?

— Não, com a distância daqui para lá, sua segurança ao dirigir, se aquele garoto imbecil não vai dar em cima de você novamente e tentar alguma coisa.

— Isso é realmente sério? – eu disse – eu não quero ver aquele idiota na minha frente nem pintado de ouro.

— Não falo de você querer Emily – explicou-me — eu falo dele, de ele tentar roubar você.

— Ainda que ele tente — disse eu olhando para ele – é você que eu quero, é você que eu amo.

— Eu estou com um sentimento ruim, apenas isso.

Eu o beijei, furiosa e apaixonadamente, queria provar a ele que não existia ninguém, e nem nada na terra que seria capaz de afastá-lo de mim. Eu ficaria brava até com os céus se quisessem levá-lo. Nicholas correspondeu com a mesma paixão, ou mais.

Quando finalmente voltamos para a residência depois de um tempo ao ar livre, vimos que James tinha preparado o almoço, com a ajuda de Vivian que a cada dia mais levava menos jeito para a cozinha. Ainda que sob o olhar profissional e atento de James, além das suas orientações, ela não conseguisse abrir uma lata de ervilhas.

Christie estava sentada ao lado de Eric, os dois conversando entusiasmados, e o olhar ferino dela me analisando. Virei-me para Nicholas e sussurrei — vou lá em cima um minuto – ele acenou um sim com a cabeça e ficou conversando com Matheo que estava ao lado da bancada da cozinha vendo o progresso vago de Vivian e sorrindo.

Quando subi para o meu quarto e dirigi-me ao banheiro, eu vi refletido em meu espelho o porquê aquela mulher ficara me analisando por um tempo e com aquela expressão no olhar.

Provavelmente em algum momento enquanto eu beijava Nicholas nós rolamos pelo chão. Resultado, meu cabelo estava uma loucura, e um observador, até mesmo um menos atento poderia facilmente ver os pedaços de grama presos no meu cabelo, e julgar o que fazíamos lá.

Decidi tomar um banho antes de descer para o almoço. Felizmente faltava apenas um dia para eles irem embora, e eu agradecia aos céus por não estar chovendo e não haver nada que os impedisse de partir. Quando eu digo isso, eu não incluo meu irmão, e tampouco Matheo. Só aqueles dois, o casal sem química, que estava lá embaixo com aquele olhar altivo e um jeito esnobe.

Retirei minha roupa e entrei no chuveiro, sentindo a água deliciosamente morna caindo sobre mim. Usei um pouco do shampoo para lavar os cabelos, depois o condicionador, apenas do comprimento para baixo, como Vivian tinha me ensinado, para não causar volume e sujar rápido. Parecia que tinha saído quase um quilo de sujeira do meu cabelo de tão leve que eu me sentia.

Quando eu terminei de me enxaguar, e fechando o chuveiro eu abri os olhos, meu coração quase parou. Não foi a grama presa sendo levada pela água corrente que deixou o meu cabelo mais leve, tampouco a sujeira da terra lamacenta que porventura tivesse grudado em mim. Eu passei a mão outra vez

no meu cabelo freneticamente.

— Não! Não pode ser!

Comecei imediatamente a chorar, a parte em que eu passei o condicionador no meu cabelo caia aos tufos, meu cabelo estava tendo um corte químico exatamente na altura dos ombros, que foi de onde eu comecei a passar o condicionador; o cabelo continuou caindo ao chão do chuveiro igual a uma papa sem forma. Foi ai que eu finalmente percebi que minha mão também ardia, estava ardendo anormalmente, e meus dedos ardiam especialmente na área das cutículas e debaixo das unhas.

"Meu cabelo! Meu cabelo!" eu pensava.

Eu estava em pânico, não sabia como reagir. Minha respiração estava acelerada, meu peito sufocando-me, eu olhava para os maços de cabelo rebentando facilmente na minha mão, esticando igual um chiclete e depois arrebentando, e eu não sabia o que fazer.

— James! Nicholas! – eu gritei finalmente, meu berro parecia tão assustado que eu ouvi os passos deles imediatamente subindo as escadas.

Eu ainda estava no banheiro, nua, olhando para o meu cabelo caído no chão com uma expressão de dar dó quando James arrombou a porta que eu tinha trancado por dentro.

— O que aconteceu? Você está bem? – disse James se aproximando de mim, tão preocupado que nem notou minha nudez. Nicholas, no entanto pegou o meu roupão rosa pendurado no cabide perto do Box do banheiro e estendeu para mim. Nenhum dos dois havia notado ainda o que tinha acontecido. Eles achavam que eu poderia ter caído, até que eu apontei para o chão, eu não conseguia falar, eu achava até que eu estava alucinando.

— Oh Deus! Emily – disse Nicholas, e pegou um sabonete liquido de cima da minha pia para lavar rapidamente o resíduo de qualquer coisa que estivesse corroendo os meus fios. Ele curvou-me para que a agua não molhasse o roupão, e eu só conseguia chorar, meus olhos ardiam agora. Quando Nicholas me tirou do chuveiro e me levou para o quarto, James ficou retirando os pedaços do meu cabelo caídos no chão do banheiro e colocando num saco de lixo.

— O que aconteceu Emily? O que houve? – perguntava James para mim após terminar de ajuntar a papa disforme que tinha se tornado meu cabelo.

— Eu não sei, eu só... – e não conseguia completar, por que eu estava chorando quase descontroladamente.

Não era que eu fosse extremamente vaidosa, mas aquilo me assustou para caramba. Além disso, eu deixava meu cabelo comprido na altura da cintura para que eu ficasse parecida com o retrato da minha mãe nas fotos.

— Emily, nos diga o que houve... – pediu Nicholas, calmamente, James me fez sentar na cama e estava ao meu lado, e Nicholas abaixado na minha frente, eu o olhava de cima. Eu devia estar horrível, eu pensei. Com o nariz vermelho, os olhos inchados de tanto chorar, os dedos feridos e o cabelo borrachudo.

— Eu estava tomando banho, e quando eu percebi meu cabelo estava todo no chão – eu disse, e então eu pensei – oh, meu Deus, eu vou ficar careca, para de me olhar.

— Você não vai ficar careca – me consolou James, mas ele estava sorrindo de mim.

Nicholas mal ouviu, ele já tinha se encaminhado ao meu banheiro novamente, cheirava cada um dos frascos e depois veio com o frasco do meu condicionador em mãos. Mostrou para James o conteúdo. James cheirou rapidamente a emulsão que tinha dentro e piscou forte, então olhou para mim perguntando.

— Você usou isso no cabelo?

— Sim, eu usei.

— Até que ponto do cabelo? – Nicholas perguntou.

Eu fiz o gesto com a mão mostrando um pouco acima da altura dos ombros, exatamente onde meu cabelo tinha se partido. Nicholas respirou fundo, olhou para James, e depois para mim. Eu não estava entendendo o que estava acontecendo. James não falava nada, em vez disso, ficava com aquele olhar para Nicholas que significava que eles dois sabiam do que se tratava.

— O que está acontecendo? – eu perguntei para os dois.

— Nicholas chame Vivian para vir ajudar aqui, por favor – pediu James e Nicholas saiu apressado para chamá-la.

— Me diz James, o que houve comigo? – perguntei.

— Acho que alguém colocou soda cáustica no seu condicionador.

— O que?!

— Sim, sinta o cheiro – ele disse estendendo a garrafa na sua mão para mim.

Sim era verdade, ainda tinha um resquício de um cheiro forte no fundo, eu não consegui identificar no banho, pois o meu shampoo tinha um cheiro forte de morango que cobria o cheiro do condicionador.

— Quem faria isso? — ele perguntou.

Mas olhou para mim com uma certeza no olhar, ele e eu sabíamos muito bem quem tinha feito isso.

Quando Vivian entrou no quarto ela conteve o susto, provavelmente Nicholas a tinha advertido.

— Sem preocupação, nós vamos dar um jeito – disse ela pegando na minha gaveta uma tesoura de tecido – eu vou tentar cortar o mínimo possível, depois, se você quiser, eu também corto meu cabelo, ficaremos gêmeas.

Eu sorri um pouco, eu devia estar em frangalhos para ela ameaçar imolar a linda cabeleira loira dela para mim. Para o meu bem estar.

Nicholas chegou carregando uma cadeira da sala de jantar a colocou dentro do banheiro, ele veio então para mim novamente e perguntou-me.

— Você precisa de alguma coisa? Água? Remédio? Tá sentindo dor de cabeça?

— Não, só meus dedos ardem – eu disse.

James, que ainda não tinha saído do meu lado, se levantou, pegou um hidratante no banheiro e quando voltou passou rapidamente na minha mão. Tanto o olhar dele quanto o de Nicholas era de preocupação e raiva ao mesmo tempo.

— Vocês dois rapazes – Vivian pediu – deixem—nos a sós, por favor, tenho que leva-la de volta ao banho e jogar muita água para tentar diminuir o efeito de corte do cabelo dela.

E empurrou os dois para fora, que apesar dos protestos obedeceram. E eu só fiquei ali, parada sob a água, enquanto Vivian tentava ajustar pelo menos um pouco do caos que eu estava naquele momento.

Verdadeira Face

Enquanto eu me olhava no espelho eu chorava baixinho. Era como se eu estivesse olhando para alguém completamente diferente de mim mesma. Não era mais eu ali? Quando eu olhava para o meu próprio reflexo eu via que eu ainda tinha os mesmos olhos azuis do meu pai, a pele clara do meu pai, mas o cabelo longo e negro, única coisa que eu herdei da minha mãe, havia ido embora.

Nunca imaginei que alguém seria capaz de tremenda maldade, e eu sabia exatamente quem fizera isso. Eu não queria descer as escadas e olhar para todo mundo, eu não queria ser a estranha, a coitadinha. Mas eu fiquei tão assustada que eu gritei.

Vivian atrás de mim me observava, eu sabia que ela queria me abraçar e dizer que tudo ficaria bem, mas eu não achava que iria ficar. Ela finalmente me abraçou. Alguns minutos haviam passado e ouvimos alguém bater a porta.

— Quem é? – ela perguntou.

— Matheo – responderam – eu posso entrar?

Assenti, e Vivian foi para a porta do quarto e a abriu.

— Estarei lá embaixo – ela disse e saiu, fechando a porta atrás de si.

Matheo se aproximou, sentando na cama perto de mim, ele me observou algum tempo. Eu me sentiria igual a um bicho de zoológico sendo observado, se fosse o casal sem química, mas com Matheo não. Ele tinha um jeito de fazer qualquer pessoa sorrir, e eu queria que ele me fizesse sorrir. Por uns instantes ele não falou nada, apenas ficou observando, talvez procurando as palavras. Finalmente ele comentou.

— Eu não imagino alguém que queira fazer mal a uma menina tão boa quanto você, e isso foi terrível.

Como eu não disse nada, eu apenas desviei o meu olhar dele, ele completou.

— Mas você está sendo infantil.

— Ah? Eu sendo infantil? – eu olhei para ele surpresa.

— Sim, você mesma – ele disse.

— Por quê?

— Se escondendo aqui igual uma criança, quando tem que erguer o rosto e esquecer isso.

— Mais essa agora? Estou cansada das pessoas me dizerem o que eu sou e o que eu não sou. Chega! Todo mundo acha que sabe o que é melhor para mim, mas eu vou contar uma novidade para vocês. Vocês não sabem.

Eu falei isso aos gritos. Matheo, em vez de ficar furioso comigo, sorriu. Então ele disse.

— Era isso que eu queria. É disso que eu estou falando, joga essa raiva daí de dentro para fora, principesa.

Foi então que eu vi, não era uma critica que ele me tinha feito, apesar de parecer uma; ele só queria me provocar. Ao fazer isso, e me fazer ficar com raiva, e gritar, eu liberei uma raiva que estava dentro de mim, crescendo, e que eu confundia com autocomiseração. Matheo com o jeito dele de ser, me mostrou isso.

— Obrigada, seu bastardo – eu disse rindo e chorando ao mesmo tempo me jogando nos braços dele.

— Bastardo? É isso que eu recebo depois de tudo?

— Não, recebe isso também – disse apertando-o ainda mais num abraço carinhoso.

Ele me abraçou de volta. Quando percebeu que eu não estava mais tão chorosa, ele disse.

— Todos estão te esperando lá embaixo, todos querem falar com você. Foi por isso que eu vim primeiro, para eu te mostrar que você sabe reclamar, gritar, e até se impor.

— Acha que eu consigo? – eu perguntei.

— Tenho certeza, acabou de me chamar de bastardo, isso tudo sem tremer um músculo.

Matheo me mostrou com seu conselho o quanto eu era rodeada de amor, tanta gente que me importava e que se importava comigo. Eu não deveria ficar sentindo pena de mim mesma. Vivian, James, Nicholas e até mesmo Matheo, vulgo bastardo, iriam me ajudar sempre.

— Já sabe quem foi? – eu perguntei.

— Não disseram nada ainda, mas creio que todos já sabem sim. Afinal, não há alternativa meramente possível.

— Eu tenho que descer então.

— Eu vou te esperar lá embaixo – disse Matheo – acho que você pode mostrar que isso não te abalou. Veja bem, você sempre será mia picolina

principesa, mas mostre-se adulta, você tem vinte anos, isso dá ponto conosco, os homens.

— Isso é o melhor a fazer? – perguntei.

— Sim, muito melhor do que dar um showzinho ridículo e regado a lágrimas.

— Você tem razão.

Matheo me lançou um beijo e saiu do quarto. Eu então percebi que esse incidente na verdade faria contar pontos a meu favor. De quebra eu ainda poderia mostrar para o Eric, apesar de ele não me inspirar nenhum afeto, que ele estava com alguém ruim.

Eu me preparei, sabia que era quase hora do almoço, com certeza ninguém ainda teria almoçado, devido ao que acabara de acontecer, eu não sabia como estaria o clima lá embaixo.

Usei o secador com difusor para secar meu cabelo de baixo para cima rapidamente, e assim dar volume, vesti uma blusa branca com jeans, já que o clima estava ameno. Uma sandália baixa enfeitada e um pouco de maquiagem. Respirei fundo e me encaminhei para a porta.

Ao descer as escadas meu cabelo fazia um movimento de ir para frente e para trás do meu rosto, era estranho. Contudo a pena que eu sentia de mim mesma tinha ido embora. Parecia até que eu estava mais madura em relação aos sentimentos, depois da discussão com Matheo.

Nicholas e James estavam num sofá, assim que me viram descendo eles procuraram no meu rosto o sinal de tristeza de minutos antes e não encontrando, cada um teve uma reação diferente.

James parecia procurar em mim algum fragmento da menina chorosa de minutos atrás. Nicholas olhava para mim com um olhar de admiração, com certeza ele estava orgulhoso de eu ter parado de ficar chorando feito uma menina “melequenta” e estar sendo superior a ofensa. Aproximando-me dele por trás eu segurei seu rosto, de forma leve e carinhosa e o ergui em minha direção, então lhe dei um beijo firme. Então sentei em uma das poltronas da sala.

— Gostou do meu corte de cabelo Christie? – perguntei.

Ela não soube o que responder por um tempo, e pareceu avermelhar quando todos olharam para ela, mas respondeu.

— Combinou com você.

— Por que não diz para o Eric o nome da cabeleireira.

— Eu pensei que sua amiga tivesse cortado ele.

Eu sorri, surpresa pelo meu autocontrole e disse.

— Não Christie, foi você.

— Eu? Como assim? – ela disse começando a parecer ofendida – eu não sou cabeleireira.

— E tampouco química – eu falei séria – que truque perigoso e desprezível, soda caustica no condicionador.

— Do que ela está falando? – Finalmente Eric pareceu se interessar na conversa.

— Escute Eric – disse Nicholas – e tire suas próprias conclusões.

— Obrigada amor – eu disse para Nicholas – eu continuo daqui.

Voltei-me novamente para Christie e comecei a falar novamente.

— Você se julga tão superior a qualquer um. Tão mais esperta. Sim, você poderia facilmente ter me deixado sem nenhum fio de cabelo hoje, mas minha amiga ali – disse eu acenando para Vivian – já me salvou hoje duas vezes.

— Isso é uma acusação séria – disse Eric – lembre-se que é da minha esposa que você está falando.

— Eu não falaria se eu não tivesse certeza— eu disse sem perder meu tom seguro na voz – por que não pergunta a ela o quanto ela sabe sobre isso? Ou melhor, por que não pergunta onde ela estava hoje antes das seis da manhã?

— Isso é ridículo – Eric disse – é melhor você se retratar mocinha – ele levantou-se apontando o dedo acusadoramente para mim – Christie poderia processá-la por muito menos.

De repente Matheo já estava ao lado dele, dizendo baixinho – é melhor se sentar mi amicci.

Nicholas e James que tinham se levantado quando ele elevou o tom de voz, voltaram a sentar-se também.

— Ela estava à porta do quarto de Nicholas, e trajava nada menos que uma bela camisola de seda. Na porta do ex—marido? Isso mesmo! E enquanto o atual marido repousava tranquilamente.

— Isso é verdade? – ele finalmente a questionou.

Ela não falou nada por algum tempo, dava quase para ouvir as engrenagens girando dentro da cabeça dela. Ela parecia vermelha de raiva.

— O que você acha? – ela se limitou a responder – todo mundo sabe o motivo de eu estar contigo, e não é amor.

Quando ele ouviu isso, pareceu em choque, por um ou talvez dois minutos. Eu não achei que ele iria ficar ali muito tempo sem explodir. Felizmente Matheo estava ao lado dele para prevenir qualquer tipo de explosão de raiva.

— Eu não gostaria que fosse assim, deveria ter sido uma decisão minha, mas tenho que admitir: Estou começando a gostar do novo corte. Se perder um bom pedaço do meu cabelo foi o preço necessário para fazer cair a sua mascara perante todos aqui, bom, o preço foi barato até.

Levantei-me, aproximei-me dela, e falei — eu daria até o meu ultimo fio de cabelo para ver esse olhar de derrota estampado em seu rosto outra vez.

Dito isso, falei para todos – E agora, meus queridos! Chega de dramas desnecessários, que tal almoçarmos?

Somente Romance

O almoço correu silencioso, Nicholas continuava com aquele sorriso bobo e orgulhoso no rosto. O mesmo sorriso bobo que eu encontrava na cara de Vivian. Aposto que ela deve ter se divertido com a cena. Eric ao final das contas decidiu que não permaneceria ali, que ele iria voltar com Christie para Yellowstone Hill. Ela não me pediu desculpas, nem perdão, nem nada. Eu não esperava que isso acontecesse mesmo, então não foi uma surpresa.

James se ofereceu para leva-los, no entanto, Eric recusou veementemente.

— Nicholas, eu posso falar com você – Disse Eric, pela primeira vez, desde que chegou e talvez em anos. Dirigindo-se diretamente para Nicholas.

— Claro – respondeu Nicholas com um olhar surpreso, os dois se encaminharam para o escritório. James sorriu vendo os dois juntos. E Christie, que se recusou a almoçar conosco, estava fazendo as malas no quarto de hospedes.

— James – disse Matheo – eu também terei que ir, sabe que no final das contas, esse evento apenas adiantou a partida em algumas horas.

— Totalmente compreensível – disse James – eu não acompanho vocês, entretanto.

Vivian deu um pequeno sorrisinho ao meu lado, Matheo, que parecia não entender, lançou a ele um olhar questionador ao que James respondeu apenas.

— Ainda tenho negócios pendentes.

Eu não sabia quais eram esses negócios pendentes, mas imaginei que meu relacionamento com Nicholas devia ser parte deles. Vivian me cutucou e eu virei para ela, deixando os dois conversando.

— Estou orgulhosa de você, eu não teria feito melhor.

— Obrigada, eu acho – eu disse.

— Você tinha que ver sua expressão, parecia tão adulta, tão sofisticada, estava gostosona.

— Ah, não exagera – eu disse.

— É a verdade, queria eu ter metade dessa sofisticação, se fosse comigo eu ia raspar a cabeça dela inteira com um estilete e depois tocar fogo no cabelo.

— Mas, isso é um crime, né? – perguntei.

— Eu não sei, mas se fosse eu iria tornar presa sorrindo.

Ela continuou me falando sobre como eu fiz umas caras e bocas, e como meu cabelo tinha me deixado adulta, e como eu tinha feito Christie querer esconder a cara num buraco igual a um avestruz, até Vermos Nicholas e Eric descendo as escadas, a atual postura dos dois não nos deixava nenhum indicio do que tinha acontecido lá encima. Eu fiquei analisando o rosto de Nicholas, não havia duvidas de que eles tinham se resolvido, ele estava com uma expressão leve.

— Emily – Eric se dirigiu a mim – me desculpe por ter permitido que isso acontecesse.

— Não foi culpa sua – eu respondi.

— Ainda assim, saiba que estou profundamente envergonhado pelo comportamento da Christie.

— Desculpas aceitas – eu disse.

Eric me deu um pequeno sorriso. Christie saiu do quarto dela arrastando uma mala. Que eu imediatamente reconheci sendo a dela. Eric virou para nós todos e falou.

– Bom, acho que eu tenho que ir agora.

Ele deu a mão para cada um de nós, na vez de Nicholas, eles se abraçaram e deram aquelas tapinhas nas costas, tipicamente masculino. Matheo se levantou correndo e em menos de três minutos ele voltou com a mochila dele, deu um beijo nos dois lados do rosto de Vivian, e um abraço em todos nós. Na minha vez ele disse ao meu ouvido – viu só, jogou tudo para fora, mia piccola principesa.

Sorri para ele e agradeci. Depois de uma nova rodada de discussão, Eric aceitou, depois de muita insistência, que James os levasse para o aeroporto. Christie não falou com ninguém ao sair, não sei se por vergonha, não sei se por medo, raiva. Eu só sei que ela não falou com ninguém, nem ao menos com o próprio marido ou o anfitrião da casa. Eu e Vivian ficamos observando enquanto o carro ia ao longe.

Mãos envolveram minha cintura e eu senti Nicholas me abraçando por trás, afetuoso me dizendo.

— Não sabe o quanto me impressionou hoje.

— Mesmo? – eu disse virando de frente para ele e estendendo as mãos em seu pescoço.

— Muito, e esse cabelo te deixou muito quente.

— Quão quente? – perguntei com um olhar malicioso.

— Numa escala de um a dez, cerca de duzentos milhões.

— Nossa! Como você é exagerado – eu brinquei com ele.

— Falando sério! – ele disse — juramento do escoteiro.

Eu soltei o pescoço dele para ver melhor o juramento. E ri quando ele só acertou na terceira tentativa.

— Piscina? Quem quer piscina? – disse Vivian se aproximando por trás de nós dois e já tirando a própria roupa para mergulhar.

— Vamos? – eu sorri para ele – por favor?

— Claro, vamos.

— Espera só um momento – eu disse.

— Como assim? Por quê? – Nicholas disse confuso.

— Se você vai tirar essa roupa, e ficar só de cuecas, eu quero ter certeza que terei uma visão privilegiada.

Então eu rapidamente fiquei só de sutiã e calcinha, igual à Vivian e dei um mergulho de bomba d'água bem perto de onde ela estava. Nadei só um pouquinho até a beirada e apoiei meus braços na borda da piscina para observar. Ela ficou quase ao meu lado, olhando também, a espertinha.

Nicholas retirou a camisa que ele usava agora, chutou os sapatos para longe, e sorriu de uma forma que abalaria até a mais fiel das mulheres, enquanto tirava a calça. A cueca dele era de alguma marca conhecida, diferente de nós duas, ele foi primeiro no chuveiro da beirada da piscina e se molhou, jogando com as mãos os cabelos para trás. Depois se aproximou da beirada, flexionando de leve os músculos; e finalmente mergulhou na piscina, num salto tão bem desenhado, que eu fiquei com vergonha de ter saltado feito uma louca na piscina. Então ele ficou submerso, nadando, até que apareceu perto de mim. E ficou me encurralando na borda da piscina com os braços ao meu redor, para que eu não fugisse antes de ele me dar um beijo.

Como se por algum motivo, por mais forte que fosse, e de toda a terra, eu fosse querer fugir.

— Nossa! Com vocês dois é sempre romance e melação – reclamou – eu estou quase ganhando diabetes de tanto doce.

Eu sorri para Nicholas que começou a nadar na direção dela enquanto ela dava alguns gritinhos de pavor exclusivo das menininhas, e tentava fugir. Ele a pegou, porém, e a erguendo para fora da água a jogou com força de novo dentro da piscina, e depois veio atrás de mim para fazer o mesmo.

Uns vinte minutos depois, já estávamos saindo da piscina. Nicholas nos levou para dentro da casa. Eu peguei uma roupa rápido no meu armário, minha escova de dente, e um conjunto de lingerie e fui para o seu quarto. Tomar banho com ele. Logico que eu não estava indo ali só pelo banho, entrei trancando a porta do quarto, já que a do banheiro fora arrombada. Quando eu entrei no banheiro ele estava no chuveiro, e me olhou com um olhar tão molha calcinha, que eu me vi ansiosa a tirar logo o meu lingerie molhado; e nua me aproximei para entrar ali com ele.

Ele abriu a porta do Box para que eu entrasse, a agua do chuveiro correu por nós. Logo que eu entrei o choque térmico da temperatura fez os bicos dos meus seios ficarem intumescidos. Nicholas segurou minha cintura e beijou-me a boca, massageando-os com o polegar. Eu só percebi que ele estava me encostando à parede quando minhas costas sentiram as pastilhas de vidro frias do

revestimento.

Ele mergulhou no meu pescoço, e nos meus seios, depois me virou de frente para a parede meu rosto encostando-me a ela, e desse modo ele me possuiu, segurando minha cintura, e deslizando as mãos pelo meu quadril. Ele me enchia por completo ali, não era para ser calmo, nem para ser romântico, nesse momento éramos apenas instintos, ritmo e desejo, esperando por ser saciado.

Nicholas estendeu sua mão por baixo de mim para me estimular enquanto eu o sentia duro em mim, e movendo os dedos habilmente, forte e fraco num ritmo sequenciado, fez-me outra vez perceber o quanto ele dominava meu corpo e minha mente, antes de eu me sentir recebendo prazer, e sentir quente derramar-se em mim o prazer dele.

Para Todo Lado

Voltar para a aula depois de uma boa temporada em casa não era tão animador quanto eu gostaria. Agora que a frente fria que cobria a região de East Valley desapareceu e as atividades da cidade tinham voltado ao normal, tudo tinha que voltar para seus devidos lugares. A começar por nós duas que estávamos indo à aula. O que era não só recomendável, mas exigível. James ficaria mais dois dias na cidade, e eu não sabia ao certo que “coisas” ele resolveria. Fiquei feliz por ele ficar mais um pouco aqui.

Trevor não foi à aula neste dia. Pelos bons tempos em que éramos amigos, fiquei preocupada, mas decidi não pensar muito no assunto e criar uma ruga de preocupação, eu não iria querer brigas com Nicholas. Eu também ainda não tinha contado ainda para James sobre o que tinha acontecido naquele dia fatídico em que Trevor saiu do antigo hall do apartamento com o canto da boca sangrando. Nem sabia quando eu teria coragem, e principalmente, se teria coragem.

O dia passou praticamente voando. Os professores nos encheram de materiais para estudarmos em casa e pilhas de livros para lermos. Eles achavam que dessa forma poderiam correr atrás do tempo e repor as aulas perdidas nos dias frios. Mas na verdade, a única coisa que eles estavam fazendo, era nos deixar cheios de papelada e estressados.

No horário de almoço eu estava procurando o meu celular na bolsa, queria mandar uma mensagem para Nicholas e James e dizer que eu iria levar meu currículo a alguns escritórios hoje em busca de uma vaga de estagio. Não o

encontrei. Fucei ainda mais um pouco, mas não, eu realmente o tinha esquecido em casa.

— Vivian, você pode me emprestar seu celular?

Vivian, que comia uma porção de bife com batata frita de almoço, falou de boca cheia.

— Eu não uso mais.

— Não usa mais? – perguntei.

— Sim, há algum tempo.

Era verdade, eu há algum tempo não via ela com o celular na mão, nem mesmo para ficar trocando mensagens com possíveis futuros namorados.

— Qual o motivo por trás dessa mudança? – perguntei.

— Nada importante – ela comentou desinteressada.

Mas eu não achava que fosse nada. A primeira hipótese que eu formulei foi a de que os pais dela pudessem ter retirado o celular nalguma espécie de castigo. Mas não faria sentido, isso não explicaria o fato de ela não tê-lo levado para casa de Nicholas quando ela esteve lá. Será que ela não tinha pagado a conta? Impossível. Nesse momento mesmo ela usava um relógio da Diesel que custava mais de quatrocentos reais. Decidi dar uma folga para o meu cérebro e partir para o enfrentamento.

— Eu já formulei umas mil teorias aqui na minha cabeça – exagerei – e estou a ponto de criar outras mil se você não me falar o motivo, olha só até criei um cabelo branco.

Vivian parou de mexer nas batatas fritas e prestou atenção em mim. Respirou fundo, coçou uma sobrancelha, mexeu na unha, e finalmente criou coragem para me falar.

— Acontece que ele continua me ligando.

— Ele quem? – perguntei.

— Ele quem? Trevor, quem mais?

— Por que ligar para você se nem estão mais juntos?

— Ah, nada demais, ele ligava querendo reatar.

— Você está sendo muito escorregadia, Vivian, seja mais especifica, por favor.

— Ok – ela falou – é o seguinte, ele ligava quase cinquenta vezes ao dia para mim, ou mandava mensagens, querendo reatar o namoro. Eu achei que trocar de numero seria o suficiente, mas aí, oh! É mesmo, ele estuda conosco. Então eu simplesmente larguei o telefone num canto qualquer da minha casa.

— E onde ele está agora? – perguntei.

— Quem Trevor?

— Não, seu telefone. Temos que mostrar para Nicholas isso, ele pode conseguir uma ordem judicial para o Trevor mudar de sala, ou para ele não se aproximar.

— Eu não acho que isso seja necessário – ela disse – prefiro voltar a comer em paz minha batata e te sugiro que faça o mesmo. Daqui a pouco vamos procurar empregos.

— Você também vai? – perguntei.

— Bom, se depender do dinheiro dos meus pais, eu não preciso, mas estou pensando em juntar um dinheiro para planos futuros, além disso, eu não depender deles para sempre, eu quero fazer mais por mim mesma, me dignificar.

— Compreensível – disse e tomei um gole do meu suco.

— Ah, e a proposito, eu fiquei com seu irmão.

Nesse momento o suco foi para todo o lado, e eu ainda tossi um pouco, precisei recuperar o folego antes de voltar a falar, e quando consegui.

— Quando foi isso?

— Digamos apenas que quando você ia para o quarto do Nicholas à noite, eu ia para o do seu irmão também.

— Mas, isso já faz vários dias — eu falei após desistir de fazer o cálculo na minha cabeça – por que não contou antes?

— Por que ele me pediu que não contasse.

James estava escondendo as coisas de mim? Há quanto tempo? E ele tinha mandado ela não falar também? Por quê?

Sinceramente eu precisava de respostas.

— E por que ele mandaria você não me contar?

— Alguma coisa do tipo: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço, eu acho – ela disse despreocupada – e a primeira vez foi no dia que eu apontei aquela faca para ele.

— Eu sei que parece estranho, mas você vai me contar?

— Bom, aparentemente ele não gostou da sugestão que eu fiz de que ele namorava rapazes, e decidiu me provar que não curtia estes tais caras.

Nossa! Eu pensei que eu era esperta e, no entanto eles estavam fazendo isso mais escondido do que eu e Nicholas. Tentei buscar na minha mente algo de revelador que pudesse ter sugerido que os dois tinham algum envolvimento. Não, nada. Pelo menos nada além de olhares fundamentados, pois os dois eram lindos de se olhar.

Analisando um pouco Vivian, no entanto, eu achei que ela não estava feliz. Não sei, será que James não a tratara bem.

— O que aconteceu com vocês dois? Vocês dormiram juntos? – perguntei.

— Emily! Quer me deixar constrangida aqui? – ela falou enquanto o sangue subia pelas bochechas dela.

— Eu só quero entender, não me leve a mal, mas ele não parece mostrar nem um pouco de afeição.

— Ele não tem que mostrar – ela disse – ele deixou bem claro para mim que seria apenas por um tempo.

— Quanto tempo? – perguntei.

— Até amanhã, pelo menos é o que eu acho, já que ele está voltando para cidadezinha pacata dele.

Apesar de Vivian falar isso tentando fazer piada, eu podia jurar que em um momento ou dois os olhos dela encheram de lágrimas. Ela era só orgulhosa demais para derramar lágrimas por qualquer homem. Sendo James meu irmão

mais velho, ou não, em breve ele iria me ouvir. Eu tentei mudar o assunto para trivialidades, para que ela esquecesse o assunto que eu mesma puxei.

Quando eu fui entrevistada à tarde, três dos quatro escritórios em que eu fui, nem sequer me fizeram as perguntas básicas depois de saber quem era meu irmão.

De acordo com as pessoas do setor de recursos humanos, eu tinha as exigências necessárias, mas ser parente de um dos maiores concorrentes parece que não contava bem para o currículo. A outra empresa disse que entraria em contato, mas não me prometeu nada. Saldo do dia: zero emprego.

Levei Vivian para a casa dela, e acelerei para voltar para casa. Era engraçado como eu me referia a casa de Nicholas como minha casa também. Além de James, Nicholas era a outra única pessoa a me permitir sentir em um lar.

Até o modo como ele permitiu que eu escolhesse o quarto que eu queria, ou como ele me pediu para trocar o papel de parede do quarto dele e do meu, para ter uma atmosfera mais particular.

Tudo isso, esses pequenos detalhes, me faziam ter vontade de estar com ele,

e de estar ali.

Eu consegui chegar bem em casa, parecia que eu tinha até decorado o caminho, sendo que só uma vez eu o fiz. Quando estacionei e entrei na sala depois de girar minha copia da chave na fechadura, encontrei James na sala, que disse olhando para mim diretamente.

— Agora, mocinha, que finalmente temos um tempo em particular, nós iremos conversar.

Número Desconhecido

Eu sabia que James estaria esperando a primeira oportunidade para falarmos sem interrupções, e quando ele a teve, a segurou com mãos ferrenhas. Assim que ele me chamou, meio que vencida, aceitei conversar. Eu retirei os sapatos, deixando-os perto da soleira da porta, e então entrei. Sentei-me no sofá de frente para a poltrona onde ele estava. Sentado, com os braços apoiados nos joelhos, ele inclinava-se um pouco para frente, eu odiava essa posição dele durante as conversas. Sempre que ele a usava era por que algo importante estava por vir. Geralmente uma bela repreensão.

— James, pode começar– eu disse enquanto me ajustava numa posição que não mostrasse a insegurança que estava sentindo.

— Pois bem, Emily – ele disse – eu não vou mentir para você dizendo que eu estou contente com toda situação, eu não estou sequer acostumado com ela.

— James... – eu ia falar, mas ele ergueu a mão para que eu não o impedisse.

— Como eu estava dizendo, será difícil para mim me acostumar com essa ideia de vocês dois juntos. Mas quando você conseguiu se portar daquela maneira depois do que aconteceu com você – ele se referia ao fato de mais da metade do meu cabelo ter virado papa – parece que escamas caíram dos meus

olhos, você não é mais minha menininha.

— James, eu sempre serei sua menininha.

— Não Emily, você não está entendendo, o que eu quero dizer, é que fiquei orgulhoso. Toda vez que você aparecia antes com algum bilhete de rapaz, ou quando você teve aqueles dois namorados, eu via em seu olhar uma insegurança, era seu modo inconsciente de me pedir ajuda.

— Era?

— Sim, era como se você pedisse com o olhar que eu os expulsasse – ele sorriu um pouco talvez rememorando aqueles momentos, e continuou – desta vez não, desta vez quando você olha para ele, você parece sinceramente apaixonada. Pelos céus! Parece que ele a faz feliz.

— E ele faz James, eu nunca achei alguém como Nicholas.

— Eu não vou mais me interpor como venho fazendo, e nem irei mais ficar

com alfinetadas, como também venho fazendo. Nem colocando sal no café dele...

— Você fez isso? – eu perguntei exasperada.

— Foi só uma vez, eu juro.

Rimos da situação, finalmente estava ali, o voto de confiança legitimo que eu esperava. Apesar de eu não querer mais entrar em atrito com James, eu tinha que perguntar para ele sobre Vivian, afinal de contas, ela tinha sido minha amiga desde o primeiro dia, fazia tanto sentido que eu quisesse o bem dela, tanto quanto ela queria o meu.

— James, tem outra coisa que preciso falar com você.

— Fique a vontade – ele disse assumindo uma postura mais confortável.

— O que você fará sobre a Vivian? – eu perguntei diretamente, com ele não era bom ter rodeios.

— O que quer dizer? – perguntou depois de uma pequena surpresa, e eu percebi que ele estava apenas querendo ganhar tempo.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Um pequeno choque passou pelo seu rosto, tão rápido que qualquer pessoa que não o conhecesse bem não teria notado, felizmente, eu não era uma desconhecida, eu era irmã dele, sangue de seu sangue.

Eu teria notado mesmo de olhos fechados.

— Não há o que fazer – ele disse com voz mais fria do que o normal – nos estivemos juntos, aproveitamos o tempo, e agora acabou. Apenas isso.

— Não acha que eu mereço mais de detalhes?

— Deixa-me explicar de um modo mais direto, Vivian e eu, sabíamos o que estava acontecendo quando nos envolvemos, sabíamos que seria apenas por um curto período de tempo, eu tenho minha vida, ela tem a dela.

— Mas James – eu disse – ela é minha amiga.

— A mesma coisa que eu pensei quando vi você e Nicholas juntos. Ela é minha irmã.

James parecia resoluto, e aparentava estar ficando irritado com a direção que o assunto tinha tomado, então eu levantei e pousando a mão no ombro dele eu disse.

— Você não é essa pessoa egoísta que está tentando parecer, nunca foi e creio que nunca será.

James pousou a mão dele sobre a minha e ficou silencioso. Eu daria qualquer coisa para que ele me falasse o que estava pensando. Quando eu percebi que ele não falaria mais nada, eu me soltei do toque dele. Então subi as escadas e pegando meu celular eu liguei rapidamente para um restaurante e ordenei um jantar.

— Em quanto tempo chega? – perguntei.

— Pelo menos quarenta e cinco minutos – respondeu a atendente do outro lado da linha.

— Obrigada – disse e encerrei a ligação.

Ai que eu percebi, meu celular tinha cerca de vinte mensagens. Eu passei o fim de semana inteiro curtindo desde o meu paraíso até meu inferno pessoal. Que esqueci que tinha um celular. Abri as mensagens.

Havia algumas da operadora me oferecendo pacotes de serviços. Duas da faculdade avisando que não teria aula nos dias em que a frente fria fez o céu desabar sobre East Valley. Outras de Nicholas e James que eu arquivei. Duas, porém eu não reconheci o remetente. Em uma delas o texto dizia.

"Você não devia ter feito isso, agora que você ferrou comigo, eu vou ferrar com você".

E a outra dizia:

"Tudo que acontecer com você será sua culpa, somente sua, ouviu bem?"

Eu revi o numero do remetente, e eu realmente não o reconhecia, então apertei o botão de chamar e fiquei ouvindo. O único som na linha era o tom que faz a discagem ao chamar. Quando não atenderam e a chamada encaminhou-se para a caixa postal, eu desliguei. Isso estava me causando certa agonia. Apertei o botão de chamar novamente. Só houve um toque e então atenderam.

— Alô? – falei baixinho.

No outro lado da linha, apenas a estática da chamada me fazia perceber que tinham atendido. Eu tive que me concentrar para perceber que também se ouvia uma respiração forte de alguém silencioso. Quem quer que tenha mandado as mensagens para mim estava do outro lado da linha, apenas curtindo meu pânico momentâneo.

— Alô? – dessa vez eu falei mais alto – quem está aí?

E a ligação ficou muda. Joguei meu celular encima da cama, pensando em quem poderia ter sido. Então veio a minha cabeça a imagem de Christie. Com certeza, a única que teria motivos para me querer mal. Senti uma sensação de segurança falsa, que se foi tão rápida quanto chegou, e partindo, fez-me sentir

nauseada, fui ao banheiro. Lavei o rosto, e pude notar minha pele pálida no reflexo do espelho, enxuguei-me com a toalha apertando bem meu rosto para ver se o sangue subia e me deixava um pouco vermelha. Parece que funcionou, por algum tempo.

Decidi então tomar um banho rápido, assim quando Nicholas chegasse eu estaria apresentável. Passei apenas um elástico no cabelo para que ele não molhasse e entrei no chuveiro, com um pouco de pressa eu sai. Vesti um vestido meio rodado de estampa floral preto e branco com um cardigã cor de vinho por cima. Pelo menos eu estava apresentável agora. Mexi na minha bolsa, tirando um pouco de dinheiro da carteira e fui lá para baixo novamente, esperar o jantar e Nicholas, que não demoraram muito para chegar.

Simplesmente Ele

Na manhã seguinte enquanto ia à universidade eu não conseguia deixar sobre aquelas mensagens ou mesmo aquele número. Eu não queria acreditar que Christie não tinha recebido a verdadeira lição dela. Será que eu tinha que ter apelado e dado umas tapas nela como Vivian sugerira? Será que ela não sabia que o que ela estava fazendo era crime? Ela era obrigada a saber, já que o marido dela era advogado, pelo menos deveria suspeitar disso usando o mínimo de inteligência que talvez tivesse.

Eu tinha que passar pela casa de Vivian e busca-la primeiro, para após isso nós duas irmos para a aula.

Assim que cheguei, ela já me esperava à porta. E veio na direção do carro quando buzinei uma modinha qualquer.

— Bom dia, querida! – cumprimentou-me.

— Bom dia, amore! – respondi-lhe e continuei, referindo-me às mensagens — eu tenho que te falar uma coisa.

— O quê? Que você falou com James? – ela disse – eu já sei, ele ligou para casa dos meus pais ontem à noite.

— Ligou? – perguntei.

— Sim – disse – parece que ele vai amanhã à noite para casa dele, estou certa?

— Sim, é isso mesmo.

— Vou sair para jantar hoje com ele – contou-me – bom, eu sei que James nunca iria namorar comigo, ou coisa desse tipo, mas eu fiquei realmente feliz ao ver que ele quer pelo menos me fazer sentir melhor antes de partir.

— Você realmente estava gostando dele, não é?

— Eu estava ou estou; ainda não sei ao certo – falou baixinho, os ombros caídos, como se estivesse rendida – não tem nada nele que qualquer mulher se recuse a gostar.

— O que pretende fazer? – perguntei.

— Nada — disse dando de ombros – vou apenas deixar rolar, só por que eu sei que não iremos namorar, não significa que não podemos ter um bom momento juntos.

— Isso pode vir a dificultar as coisas mais tarde.

— Emily – Vivian disse desta vez olhando-me aos olhos – eu sei onde estou me metendo, eu sei que não poderei inspirar uma paixão nele sequer parecida com a que você inspirou no Nicholas, mas eu não quero fugir sem tentar.

Eu dei um sorriso tímido para ela, não sabia o que dizer. Eu achei que a melhor alternativa para aliviar o clima ruim no carro seria fazê-la sorrir, então brinquei.

— Se eu fosse ele, com certeza te pegaria.

Funcionou, e ela sorriu um pouco.

Vivian já tinha problemas demais por um dia, eu decidi que esperaria primeiro ela se resolver com James e só depois, quando tudo estivesse tranquilo entre os dois, eu iria falar sobre as mensagens no celular. Não queria ela correndo até Yellowstone Hill para dar as tão famosas tapas em Christie. Não, era melhor que eu a fizesse se sentir bem pelo dia de hoje, talvez quando James fosse embora e ela não estivesse com esse jeito tristonho, ainda que demorasse um tempo, ai sim, eu falaria disso. Eu não queria dar mais importância às mensagens do que a que eu já estava dando a elas, apesar de terem me deixado com medo naquele momento.

Trevor tinha voltado às aulas, e como não se poderia mudar de lugares, ele sentou à nossa frente como costumeiro. Tentamos ignorá-lo, mas parecia não ser isso que ele tinha planejado para nós.

— Então, que tal almoçarmos juntos hoje? Pelos velhos tempos? – ele disse após virar-se para nós duas.

Eu e Vivian entreolhamo-nos. Eu não sabia sobre como seria a reação de Vivian, mas eu não era uma pessoa vingativa, eu já o tinha desculpado há algum tempo, tinha até esquecido tudo que tinha se passado. Apenas não confiaria tão cegamente nele novamente. Quando ela não falou nada e ficou me olhando eu percebi que ela não queria aceitar o convite. Eu inventei a primeira desculpa que me veio à mente.

— Na verdade eu não posso – eu disse – eu tenho que ir a uma entrevista de

emprego hoje, e depois a uma agência de secretárias do lar, contratar uma diarista.

— Quem sabe na próxima? – disse e virou-se para prestar atenção ao professor à frente.

Não entendi nada, então voltei a digitar no notebook os apontamentos do professor. Teríamos que estudar para as provas que se aproximavam, e aquilo seria necessário.

Quando chegou a hora de irmos para casa, Vivian esperou primeiro que quase todo mundo saísse da sala, e então falou para mim.

— Desculpe por ter que fazer você mentir, é que eu fiquei sem reação.

— Eu percebi, desculpe por ter demorado a notar.

— Tudo bem – ela disse.

— Mas eu não menti em tudo, quer dizer, eu não tenho uma entrevista de emprego hoje, mas Nicholas me pediu ontem para contratar uma diarista para a casa. Ele disse que se eu gostar da pessoa eu posso contratá-la definitivamente — Olha só! – ela disse – quase como pessoas casadas.

— Não exagera – eu disse.

— Mas é verdade, para casar só falta uma coisa.

— O quê? – perguntei sem interesse.

Ela pegou minha mão e ergueu-a para mim apontando o meu anular.

— Um anel nesse dedo.

Ela sorriu para mim, mostrando que estava brincando. Apesar de eu ter gostado da brincadeira, senti meu dedo vazio, quase despido, sem o anel cuja ausência ela apontou. Pelo que Nicholas me contou, a paixão por Christie havia sido tão repentina que eles casaram quase que imediatamente, em menos de uma

semana ela tinha um diamante no dedo. Eu não queria me comparar, mas será que isso me deixava ligeiramente em desvantagem?

Depois do almoço fomos à agência, eu informei como seria o trabalho e preenchi um questionário sobre as condições do trabalho, salário, e informações sobre preferencia acerca da nacionalidade do empregado que eu nem sabia que existia. Isso era ilegal, não era? Mas o preenchi de qualquer forma. Disseram que após analisar minhas respostas, em vinte e quatro horas iriam mandar alguém ao endereço para ser entrevistado pelos contratantes. Neste caso seria eu mesma.

Depois de deixar Vivian em casa, com ela praticamente gritando ao meu ouvido que não teria tempo de se preparar como imaginara para o encontro com James, por que eu demorei tempo demais preenchendo aquela ficha, voltei para casa. Nicholas tinha chegado cedo, então quando eu cheguei, ele já estava no sofá da sala, sentado e com o notebook no colo trabalhando, enquanto uma música meio agitada preenchia o ambiente, Nicholas ouvindo Trapcity? Nunca pensei que aconteceria.

Ao ver-me chegando ele me sorriu e retirou o notebook do colo. Eu corri em sua direção, me jogando no colo dele que ele apontou livre. Ele me abraçou e beijou-me, deliciosamente agridoce, vinho e o gosto de mar que ele carregava em seus lábios desde a eternidade.

— Senti tua falta – ele disse.

— Eu também a tua, mal vejo a hora de chegar o fim de semana, para ter você para mim o dia inteiro, outras tantas vezes.

— E eu também, essa casa é terrivelmente triste quando não tenho teu olhar azul me perseguindo.

Então eu me movi para cima dele, de um modo mais ousado, e retirando minha blusa, fiquei apenas de calça jeans e sutiã em seu colo. Ele olhou para mim com fascínio, mas diferente da reação que eu esperava ele apenas pegou a blusa que eu tinha jogado ao lado dele e me disse: — Se vista Emily.

Em principio, eu não entendi, fiquei um pouco constrangida, varias coisas para abalar minha autoestima passando na minha cabeça. Mas peguei a blusa que ele estendia e fiz o que ele pediu.

Sai de cima do colo dele e me sentei no sofá, apoiando minha cabeça em seu ombro, constrangida demais para olhar em seus olhos. Tenho que confessar, estava me sentindo insegura, era a primeira vez que ele me recusava assim.

— Então você já está ai? – ouvi a voz de James.

Eu achei que ele já teria saído a essa altura. E por isso eu tive todo aquele atrevimento.

— Sim, cheguei há pouco – Eu disse.

O constrangimento caindo sobre meus ombros, Nicholas na verdade estava me protegendo. E para que meu irmão não me pegasse em uma cena ridiculamente inapropriada, ele me devolveu a roupa. Eu fiz uma nota mental para confiar um pouco mais nele.

James apareceu finalmente vindo pelo corredor que levava aos quartos de hóspede. Ele ainda estava terminando de arrumar-se para sair com Vivian, com uma roupa casual, ele estava tão lindo quanto sempre. Após alguns minutos, ele me deu um beijo rápido na bochecha e então foi para a porta se despedindo de nós dois. Só quando o carro sumiu da nossa vista é que eu olhei para Nicholas de novo.

— Obrigada – eu disse.

— Agora a casa será só nossa.

Então ele colocou o notebook no chão e avançou para cima de mim no sofá. Retirou minha blusa juntamente com meu sutiã de uma só vez, retirou minha calça também, e deitou-me no sofá. Eu sorria de tudo, meio constrangida pela ansiedade que ele mostrava.

Então Nicholas retirou a própria camisa, depois a calça que ele usava, após se levantar. Assim que o fez, deitou-se sobre mim, o peso dele esmagando meu corpo num doce sufocar. Nossas bocas que não se separavam mais depois de longas horas de saudade acumulada.

O modo como ele se encaixou em mim ali, faminto e despudorado, me fazendo soltar um sorriso leve de prazer em meio à dor. Os braços dele seguravam minha cintura, enquanto eu me apoiava nos braços do sofá para não bater a cabeça. O olhar dele completamente selvagem enquanto ele continuava forçando-se contra mim.

— Quanta fome de você, pequena – ele sussurrou em meu ouvido, afundando-se em meu corpo outra vez. Agora buscando o fundo mais fundo dentro de mim, forçando-se até o fim, eu diria até meio rude, mas ainda assim tão delicioso, tão Nicholas, que eu não poderia reclamar.

Fechei os olhos, a sensação de pertencer-lhe, sem temores e sem pudores, era deliciosa. E estar presa no meio dos braços dele era a mesma coisa que estar livre.

— Abra os olhos e olhe para mim, olha para quem está te dando prazer – ele disse, e continuou no seu ritmo, agora mais devagar.

Enquanto eu o olhava, forçando-me para não fechar os olhos de tão bom que aquilo estava. Via-me extasiada com o olhar dele, que sustentava o meu enquanto eu atingia o ápice do amor com ele. O modo como fui atingida dessa vez foi tão deliciosamente devagar que me trouxe lágrimas aos olhos.

Nicholas beijou as lagrimas que rolaram sobre minha face, passando a língua sobre os lábios logo em seguida e beijando-me mais ainda, enquanto tornava a aumentar seu ritmo, desta vez para si.

— Emily... – Ele me chamou e foi como um urro baixinho. Ele me prendia em seus braços e eu o prendia na cadeia das minhas pernas que o enlaçavam. Ele mordeu devagar meu ombro quando me preencheu com uma sensação quente e molhada.

Eu me sentia perfeita para ele quando o ouvia chamar meu nome antes de perder-se dentro de mim. Sentia-me preciosa, dentro desses momentos quando estávamos nos beijando. Momentos esses, em que eu me apaixonava ainda mais por ele, enquanto me via pequena, rendida e amada, em suas mãos.

Temores Noturnos

“Este é o meu jogo, e nele eu estou ganhando".

Acordei com o sinal de mensagem do celular, e quando abri, foi isto que li. Nicholas estava dormindo comigo em meu quarto. Ontem, depois do jantar, desistimos de esperar James acordados. E viemos dormir em meu quarto. Se James chegasse ele viria provavelmente ver como eu estava, então, dormindo no meu quarto nós tínhamos um motivo plausível para ficarmos comportados e vestidos até o amanhecer. Dormir nos braços dele, como sempre, foi perfeito, não havia nada que pudesse me impedir de ficar ali para sempre, e eu faria qualquer coisa, qualquer coisa que estivesse ao meu alcance, para não perdê-lo. Por isso, quando pela madrugada o celular começou a tocar um jingle repetitivo da fabricante, eu levantei com cuidado para não acordá-lo. Ele parecia tão em paz dormindo. Quando peguei o celular, minhas mãos congelaram por um instante. Então lutei contra o medo inicial, e decidi ler uma por uma, as mensagens que recebi nesta madrugada.

"Não sabia que era tão vadia assim!"

"Tic-tac, tic-tac, seu tempo está acabando...".

Eu não iria mais continuar aguentando as brincadeiras da Christie, eu já

estava começando a ficar com os nervos à flor da pele. E se fosse Nicholas quem tivesse lido as mensagens para não me acordar? E se ele visse que eu não estava contando que as estava recebendo? Ele ficaria decepcionado comigo, e além de contar para James, iria com certeza se deslocar daqui até a casa do Eric em outra cidade para tomar satisfações. Eu não queria ser o motivo para uma briga nova entre ambos, não depois que eles tinham acabado de selar as pazes novamente.

Eu apaguei todas as mensagens, eu não contaria para James, Nicholas, tampouco para Vivian. Se aquelas mensagens eram direcionadas a mim, eu teria que dar um jeito de resolver isso sozinha. Tenho que confessar, eu estava começando a ficar assustada, não que eu tivesse medo do que ela faria para mim, mas pensando em até que ponto ela seria capaz de ir para me separar de Nicholas.

Por eu estar chorando, Nicholas acordou, e ligando a luz do abajur se aproximou de mim. O rosto dele confuso ainda pelo sono, o cabelo dele revolto, o olhar dele de preocupação. Ele estava dolorosamente lindo. Senti um calafrio quando o pensamento de que eu não o teria assim perto de mim por muito tempo passou em minha mente. Eu não pude resistir, chorei um pouco mais, o simples pensamento de estar em qualquer lugar sem ele, era uma dor tão profunda que não consegui aguentar. O que seria o céu sem ele meu Deus?

— O que aconteceu? – perguntou, me puxando para um abraço protetor, um abraço dele.

— Eu só... – respirei um pouco — Eu só tive um pesadelo – eu disse, mesmo correndo o risco de parecer infantil, eu não poderia falar sobre o que tinha acontecido ali, e nem agora.

— Foi só um sonho, minha pequena. O que houve para você ficar desse jeito?

Ele me perguntou enquanto eu chorava feito uma boba, e com tal intensidade que comecei a soluçar.

— Eu sonhei que tinha perdido você – eu disse, e era a verdade, embora uma escondida sob a máscara de um sonho.

— Eu não vou nunca te deixar me perder – ele disse – quantas mulheres no mundo me fazem sentir desse jeito que me sinto com você?

Eu não sabia responder, não sabia nem mesmo se ele queria que eu respondesse.

Nicholas me encarou como se eu fosse a coisa mais preciosa em todo o mundo dele, e disse.

— Eu não imagino o que você sonhou Emily, então saiba que mesmo em sonhos, eu sempre vou encontrar meu caminho de volta para você.

Eu ainda chorava, Nicholas me beijou, um beijo salgado pelo sal de minhas lágrimas. Ele queria provar, através de um beijo, que eu era o centro do seu mundo. E naquele momento eu me senti sendo o mundo inteiro para ele. Ele mal fazia ideia que era todo meu universo, onde eu tinha me encontrado. Encontrei também o meu próprio caminho em meio às minhas lagrimas, eu o amava, e não importava o que acontecesse, eu sempre iria amá-lo com tudo que havia em mim, desde a minha pele, até os ossos. Retribui seu beijo tanto quanto pude. Ele me beijava e eu retribuía, por que sentia em mim como se nunca mais fosse vê-lo novamente, esse sentimento me fazia querer entrar nele, ficar dentro dele, quietinha, para que eu não pudesse perder-me nunca mais.

— Eu te amo, Emily – ele sussurrou contra meus lábios – e ainda que eu não conhecesse você, se você nunca tivesse entrado em minha vida, ou se eu não tivesse conhecido James, eu sempre sentiria falta de alguma coisa. Quando você apareceu, pela primeira vez para mim, naquele dia eu senti que algo estava faltando na minha vida, algo que sempre tinha faltado, e esse algo, era você.

— Não fala assim, Nicholas – eu pedi – parece que estamos nos despedindo.

— Você tem razão – Disseme e me puxou para deitar de conchinha com ele. Eu não queria dormir agora, Nicholas ia ter que me desculpar, apesar de eu saber que ele levantaria cedo, eu não queria ficar acordada sozinha.

— Nicholas? – eu chamei.

— Oi? – ele respondeu.

— Eu não quero dormir – eu disse – não ainda.

— Tudo bem, só hei de fechar meus olhos depois de você.

— Me desculpa por tanto drama...

— Tu não tens que se desculpar Emily – ele disse – eu bem queria saber quando seria e, principalmente, como seria o seu segundo drama.

— Como assim? Segundo drama? – perguntei.

— Sim, o segundo.

— E quando foi o primeiro?

— Dois anos atrás.

Eu tentei buscar na minha mente o momento preciso a que ele se referia. Lembrava-me de algumas datas vagas, mas nenhuma delas se mostrou como sendo o primeiro dia em que nos conhecemos. Ao perceber meu silencio, começou a falar.

— Há dois anos, seu irmão e eu tínhamos bastante trabalho a fazer, como sempre, e como o dia seguinte seria um sábado, decidimos terminar de discutir o trabalho na casa de vocês na época.

— Ok... – eu disse ainda não me lembrando.

— E ai, que aparentemente você tinha um encontro com um cara que foi meio idiota, e quando você se trancou no quarto, depois de passar em disparada pela sala e nem cumprimentar—nos, e recusar abrir a porta para seu irmão. Bem, eu fui lá, e ao invés de bater à porta, eu simplesmente entrei.

— Ok... – nossa, eu não me lembrava disso mesmo!

— Quando eu entrei; você estava observando lá fora pela sua janela, o quarto estava apenas com a luz de uma luminária antiga qualquer, eu sentei na cama, fiquei silencioso por um tempo, e você ficou lá, contemplando a noite em alguma profunda sorte de meditação interior.

— E o que aconteceu? – perguntei curiosa.

— E ai, em dado momento, você virou para mim, me olhou com os olhos ainda marejados, o teu cabelo resplandeceu com um brilho prateado da luz da lua, e a pele tão clara, chegava a parecer diáfana, como a de um anjo de pureza. Lembra-se do que me perguntou?

— Eu acho que eu perguntei o que tinha de errado comigo – disse, talvez começando a me lembrar.

— Exato, e eu respondi para você que não tinha nada de errado com você, que os meninos que você saia é que não eram espertos.

— Eu lembro sim – eu disse lembrando finalmente – conversamos um pouco depois disso.

— Naquele momento, eu senti uma estranha atração por você, mas eu ainda era casado, e não poderia... Bom... – disse Nicholas – foi naquele dia que eu decidi com seu irmão que eu viria para East Valley, para trabalhar aqui, em lugar de Matheo, e foi o que eu fiz.

— Sério?

— Sim, e quem diria, que algum tempo depois, você iria bater justamente à minha porta, sem ao menos consultar-me, e que quando eu a visse, eu iria acha-la tão mais linda do que na minha mente, ou que da primeira vez.

Fiquei em silencio por algum tempo, não imaginava que os sentimentos de Nicholas fossem tão mais enraizados que os meus. Ele continuou contando mais algumas coisas sobre aquele dia, como o fato de que ele estava com um ridículo rabo de cavalo, até que eu acabei caindo no sono, com a imagem de Nicholas sorrindo para mim.

— Eu sempre vou encontrar meu caminho até você.

Ele me disse em sonhos e eu acreditei.

Algumas Notícias

Quando amanheceu eu logo peguei meu celular, nenhuma nova mensagem. Isso me aliviou um pouco. Levei-o comigo e deixei Nicholas deitado mais um pouco na cama, ele parecia exausto. Calcei um chinelo de pelúcia que eu tinha ao lado da cama. Fui para o andar inferior. O quarto de James continuava fechado. Dois motivos prováveis para isso, ou ele ainda estava dormindo, ou não tinha dormido aqui, eu acreditava mais na segunda opção.

Deixei o celular na bancada da cozinha e preparei uma xicara de café forte para mim. Peguei uma porção de pão de queijo congelado e coloquei no forno. Assim, quando Nicholas acordasse, e James também, se ele tivesse (por algum acaso) dormido em casa, teriam algo para comer.

O celular vibrou em cima da bancada. Um arrepio frio me percorreu enquanto eu o pegava para checar a mensagem.

"Bom dia, vagabunda, você ficou com tudo e eu fiquei com nada, não esqueça, o mundo gira...".

Eu tive vontade de jogá-lo numa parede e espatifá-lo todo. Mas o que eu diria quando Nicholas descesse as escadas afoito para saber o que acontecera? Com certeza ele não acreditaria que eu tentei matar uma barata.

Eu não iria à faculdade hoje, tinha que entrevistar as prováveis diaristas que a agência ficou de mandar. Fiquei tentada a ligar para Vivian para perguntar a ela se poderia ficar comigo essa manhã, mas decidi não fazê-lo, pois se ela estivesse com James, era bem provável que tivesse dito aos pais dela que estaria comigo.

Quando o café da manhã ficou pronto, eu voltei para o quarto, para chamar Nicholas. Já estava claro, e confirmei que era hora de acordá-lo quando olhei no relógio que me confirmou que eram seis horas e meia da manhã. Se eu não o chamasse agora ele provavelmente se atrasaria.

— Nicholas – eu disse baixinho – já são seis e meia da manhã, é hora de acordar.

Em vez de levantar-se, Nicholas me puxou e eu caí na cama próxima dele.

— Acho que eu vou comprar esse despertador para mim – ele disse.

— Ah! Então eu já sou uma mercadoria? – brinquei.

— E das mais caras – ele respondeu.

— Você tem que ir trabalhar. Não pode ser galante pela manhã e querer chegar ao trabalho cedo, essas duas coisas não combinam – eu lhe disse de forma irônica.

— E nem devem combinar quando eu sou acordado por uma bela morena pela manhã.

Disse ele enquanto me puxava para um abraço de urso matutino.

— Você precisa de um banho – eu reclamei – e de um café, depois trabalho – eu disse enquanto me levantava, apesar dos protestos de Nicholas para que eu ficasse mais um pouco com ele.

Eu sinceramente adoraria ficar ali mais um pouco, mas eu não poderia me sentir bem enquanto ele ficasse aqui, correndo o risco de ficar e presenciar-me recebendo mais uma daquelas mensagens horrorosas.

— Você é má – brincou ele.

— há não pouco tempo eu era valiosa – ironizei – nunca imaginei que nosso amor chegaria a esse ponto.

E sai correndo e batendo a porta atrás de mim quando ele ameaçou levantar-se para me agarrar. Sorrindo ainda eu desci as escadas, preparei um bloco de notas com algumas perguntas que eu faria para as candidatas da agência de empregos e fiquei esperando-o no andar de baixo.

— Bom dia — James saudou-me ao entrar pela porta, me dando um susto, eu virei-me rápida na direção do som. Ele provavelmente percebeu meu susto, pois se apressou em levantar as mãos para o alto e dizer: — Não se preocupe, estou indefeso e com fome.

— Não faça isso novamente – eu disse.

Não sei o que passou na minha cabeça, mas parecia que desde que aquela mensagem ridícula tinha chegado pela madrugada eu estava andando amedrontada, ridiculamente amedrontada. James se aproximou plantando um beijo na minha bochecha, e sentando-se numa das cadeiras altas da bancada serviu-se de uma xicara de café.

— Como foi tua noite? – eu perguntei.

— Encantadora – se limitou a dizer.

Fiquei observando seu comportamento por algum tempo enquanto ele saboreava o meu café e a minha curiosidade estampada no meu rosto. Finalmente eu disse.

— Sério? Só isso que vai me dizer?

— Eu tenho certeza que, como minha irmã, você não apreciaria os detalhes.

— O que isso quer dizer? – eu sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Pulando toda a parte proibida para menores, Vivian e eu tivemos um ótimo jantar, conversamos, e decidimos, em conjunto, que é bem possível dar uma chance um ao outro.

— Você quer dizer o que acho que está querendo dizer? – Droga! Eu parecia uma adolescente.

— Se o que você está pensando é que eu e Vivian estamos namorando a resposta é, ainda não, mas em breve.

— Em breve? Quando? – eu perguntei com um sorriso que ia de orelha a orelha.

— Depois de você me dizer o que você acha.

— Vocês tem minha benção – eu disse. Estava orgulhosamente feliz por James ter dado uma chance a Vivian, e por ele levar minha opinião em consideração. Ainda que eu soubesse que nunca proibiria nada entre os dois, ou entre ele e qualquer outra pessoa. Fiquei feliz em saber que o que quer que eu pense, ele gostaria de ouvir.

— Bom dia, James – disse Nicholas descendo as escadas, ele estava absolutamente sexy com aquela calça de moletom cinza, que para mim, já era a sua marca registrada. Ele percebeu meu olhar e piscou para mim no meio do caminho, apesar de eu já ter visto bem mais que isso, eu corei e baixei os olhos, tímida outra vez.

— Bom dia, amor – disse me dando um rápido selinho.

E então se sentou ao meu lado na bancada, eu me apressei para lhe contar a novidade.

— Adivinha quem é o novo casal?

— Quem? – Nicholas perguntou.

— James e Vivian – eu disse.

— Culpado – James falou.

— Parabéns cara – Nicholas disse erguendo a mão para cumprimenta-lo.

De repente me veio à cabeça que hoje seria o dia que James iria para casa, ele precisava retomar as coisas em Yellowstone Hill.

— James, mas hoje você vai para casa.

— Sim, mas nós já falamos sobre isso.

— E então? – perguntei.

— Bom! Vivian já quer sair da casa dos pais há um tempo, ela decidiu que irá alugar um apartamento, e eu a verei aos fins de semana.

— James, vocês podem ficar aqui, caso queiram.

Eu sorri para Nicholas, contente pela sua oferta.

— Nicholas, não me leve a mal – disse James – mas eu não acho que seria muito confortável.

Nicholas sorriu, e então adicionou.

— Você sabe que tem uma residência aos fundos da propriedade, está desocupada, caso queiram, é de vocês, não é muito grande, tem um quarto, uma pequena cozinha, uma sala média e banheiro, mas pense que vocês a usarão apenas nos fins de semana, já que no resto da semana ela poderá ficar aqui na casa grande, enquanto você não estiver.

— Obrigada Nicholas – James disse – ficarei muito aliviado com isso, não a deixando isolada num local com estranhos, e perto da Emily.

— Perfeito então – Nicholas disse.

— Ah, e Emily – James me chamou.

— Sim? – disse.

— Eu conversei com um amigo meu que trabalha numa empresa de seguros, a Ark Insurance, ele tem uma entrevista com vocês duas na segunda pela manhã. Está tudo meio caminho andado, só falta vocês irem lá e a vaga será de vocês.

— Obrigada James — eu disse, apesar de ter negado ajuda antes. A questão era que eu não faria essa desfeita a ele, não quando ele tinha esse bom humor.

Eu estava ao lado dos dois grandes amores da minha vida, além disso, minha melhor amiga viria morar ao meu lado. Nem os eventos de mais cedo poderiam, retirar a alegria que agora meu sorriso continha.

Água Mole...

— Que tal me dar os parabéns? – disse Vivian assim que eu abri a porta do carro para ela entrar. Concordei que ela os merecia, e a parabenizei bem ali.

Vivian então se lançou sobre mim meio desengonçada para dar-me um abraço apertado e ligeiro. Depois de ter contratado uma diarista que atendia pelo nome de Sra. Gomes, fiquei extremamente feliz quando ela me disse que teria tempo de ficar para começar imediatamente. Nicholas me disse que ia deixar esse trabalho chato na minha mão, pois hoje, o escritório teria uma audiência importantíssima, e que era bem provável que levasse alguns pares de horas para ter uma resolução, se chegasse a uma.

Após nós levarmos James para o aeroporto, e por nós eu incluo Vivian, Nicholas e eu. Deixamo-la em casa, para organizar as coisas dela, roupas e toda sorte de objeto que ela quisesse trazer para o novo espaço que seria dela. Combinamos de pegá-la no fim de semana, seria o tempo necessário para que os funcionários da empreiteira que Nicholas contratou, conseguissem fazer uma rápida manutenção nas instalações da casa.

Não era para ela saber sobre isso, mas eu não soube disfarçar quando ela perguntou por que eu estava ligando para marceneiros e pintores escondida. Era necessário estar ali para ver o sorriso de genuína felicidade que ela me deu, em primeiro lugar por estar "namorando" meu irmão, James (ou seja, lá como eles chamam isso) e segundo por finalmente estar saindo da casa da mãe dela, que eu tenho que admitir, apesar de sonhar em ter meus pais comigo novamente, e saber

a falta que fazem, eu não trocaria a memória dos meus pela realidade com os dela, mas nunca.

— Também temos uma entrevista hoje à tarde – eu disse – espera só eu confirmar o horário, aqui...

Minha voz morreu na boca, tinha uma nova mensagem vinda daquele celular. Tentei disfarçar e fingi um pigarro. Parece que Vivian acreditou, por que logo se soltou do cinto, e bateu nas minhas costas, para me ajudar.

— Já estou bem – disfarcei – deve ter sido algum inseto.

Ela sorriu, que bom, pelo menos assim ela não teria que ficar olhando para meu celular. Peguei o aparelho e guardei no bolso da minha calça, mesmo sentada no carro, eu fiz um esforço para me erguer e guarda-lo ali. Assim ela não teria desculpas para usá-lo.

Na aula, perto do horário de almoço, Trevor se aproximou da gente, trazendo uma bandeja com quatro cafés. Então ele colocou na nossa mesa e foi apontando e servindo um a um para nós.

— Este é um cappuccino com chantilly para Vivian – ele estendeu o copo para ele, e estendeu outro para mim, dizendo – café expresso duplo com pouco açúcar e espuma de leite desnatado.

— Obrigada – eu disse, e provei o café, percebi que Vivian sequer tocou no copo que ele deu para ela.

— O que houve Vivian? – Trevor perguntou – esse não é mais seu café favorito?

— É sim, mas quero saber o porquê de tudo isso.

— Como você não atendia minhas ligações, eu pensei comigo mesmo "ela deve estar muito zangada comigo" então eu estou tentando fazer as pazes.

— Com nós duas? – eu perguntei.

— Claro que sim, eu errei tá, eu admito, mas vocês tem que admitir, nós tivemos um bom tempo juntos. Não me refiro ao fato de estar beijando as duas,

mas sim ao fato, de que antes de eu meter os pés pelas mãos, eu estava sendo um bom amigo.

Que droga, ele tinha razão, não havia mais motivos para culpa-lo, sendo que agora ambas tínhamos relacionamentos, não havia nada que nos impedisse de perdoar e seguir em frente. Se eu explicasse bem direito para Nicholas, acho que ele iria entender.

— Eu não vejo problema algum – eu comecei a dizer – temos que ver se o namorado da Vivian concorda.

— Por favor, Vivian, tente – Trevor disse a ela.

— Muito bem Trevor, mas saiba que se você ousar dar em cima de mim, eu imediatamente hei de romper relações, mesmo um oi meu, não será possível, além disso – ela disse – nós duas já temos namorados agora.

— Mas isso é muito bom para vocês – disse Trevor – e eu só quero me retratar, que droga, nós agitávamos.

Eu sorri. Vivian não segurou seu jeito durão por muito tempo, e conversamos normalmente os três, como se nada do que houve no passado tivesse acontecido. Afinal era isso que amigos têm que fazer: perdoar, dar uma chance. Sentindo-me mais humana do que nunca sai pelo corredor quando o horário terminou.

— Uma carona? – ainda ouvi Trevor dizer.

— Não, nós temos uma entrevista de emprego hoje.

— Tomara que dê tudo certo – ele disse.

— Dará – respondi.

— Nós estamos ficando atrasadas — disse Vivian – vamos.

Despedi-me dele, e fomos para o carro. Eu tive que acelerar para que não perdêssemos mais nenhum minuto. Vivian chamou meu estilo de corrida como "faça ou morra" ou no nosso caso "dirija ou morra".

Enfim conseguimos, e como James disse: o caminho já estava todo preparado. Apenas pediram nossos documentos e disseram que entrariam em contato na segunda feira, para que pudéssemos começar a trabalhar.

Após sairmos de lá deixei Vivian em sua casa, e então eu poderia dirigir de volta para a casa de Nicholas. Onde sã e salva, eu o encontrei. Ele estava dando ordens sobre a reforma na pequena casa para os marceneiros, apenas os últimos ajustes a serem feitos na lareira da pequena casa, assim os dois teriam aquecimento em caso de uma frente fria, como a última que teve em East Valley.

Nicholas tinha preparado o jantar, que no conceito dele era, comprar as coisas em um restaurante e ir despejando o conteúdo de cada um dos embrulhos separados em uma panela diferente.

— É assim que um homem faz – ele brincou.

Mais tarde estávamos na sala, assistindo um filme chamado: Melancolia. Ao final do filme eu chorei demais por não aguentar a pressão de a terra ser destruída, e sem chance para ninguém. Bem, digamos que Nicholas me consolou do melhor jeito que ele sabia. Um jeito que foi prazeroso, muito mais do que prazeroso, para nós dois.

Dias de Liberdade

Na sexta—feira, quando finalmente a casa que pertenceria a James e Vivian, estava totalmente reformada, eu levei o carro para frente da casa dela. Vivian e eu entramos na casa para pegar as malas feitas dela, além de algumas caixas com toda a sorte de bugigangas. Senti pena de Nicholas enquanto ele ficava lá embaixo no carro sob o olhar severo dos pais de Vivian, que provavelmente achavam que ela estava fugindo com ele, coitadinho.

— Pai e mãe – disse Vivian parando em frente a eles, a última e pequena caixa, com as coisas dela estavam em sua mão e ela tinha o olhar baixo – eu estou indo, eu quero muito agradecer a vocês por tudo que fizeram, por ter me educado, por ter me dado tudo o que uma moça pode sonhar em ter, por terem me ajudado a ser quem sou, enfim por tudo.

A mãe dela, que para permanecer jovem parecia com alguma Barbie de plástico, olhou para ela com um ar de evidente superioridade e disse.

— Não se despeça, é obvio que quando se arrepender disto tudo irá voltar para casa, e nós teremos que limpar toda a sujeira de novo.

— De modo algum – o pai dela interviu, apesar da boa aparência, as palavras dele mostraram um coração de gelo – a partir deste instante não é mais

minha filha, pode sair e fazer com a própria vida o que quiser, não será mais bem vinda nesta casa.

Vivian deu dois passos para trás, as palavras dele chocaram—na mais do que a frieza de antes, também a mim, que a aguardava próximo do carro, chocaram.

— Vá lá – Nicholas disse para mim.

Eu dei alguns passos na direção dela, e falando para os pais dela eu disse.

— Eu espero sinceramente que os senhores repensem a sua decisão, ela não está desistindo de vocês, está apenas dando um passo na vida, escolhendo algo que será bom para si. E espera contar com o apoio de vocês, indubitavelmente.

— E eu espero sinceramente que ela não precise – disse o pai tomando a mãe em um abraço e indo para dentro da enorme casa.

— Vamos, nós já demoramos tempo demais aqui – Vivian disse – e eu

achando que no último momento eles teriam algum gesto de humanidade.

— Eu queria que eles tivessem dado isso para você.

— Não se preocupa babe – disse Vivian – você me defendeu na melhor parte da noite, fiquei chocada e descobri que sim, alguém me ama.

Ela me deu um sorriso sincero e um abraço confiante.

Nicholas buzinou no carro e gritou para a gente.

— Se ainda quiserem surpreender James, temo que nos apressar, falta pouco para que ele chegue.

Era verdade, a casa estava pronta, e apenas faltava retirar alguns pequenos moveis novos da caixa e montar, teríamos que nos apressar para terminar tudo até amanhã pela manhã, e antes das dez.

Nicholas poderia ter contratado uma empresa para fazer essa parte do trabalho, mas nós duas insistimos que seria divertido ficar acordados a noite inteira, rodeados de parafusos. Quando Nicholas foi voto vencido e se rendeu, nós decidimos passar toda a tarde acompanhando-a em umas lojas de decoração, assim ela pode escolher o sofá do jeito que ela queria, e uma estante de madeira escura alguns eletrônicos, um novo colchão, entre outras pequenas coisas. Nicholas considerou isso um presente para os dois e pagou tudo.

A estrada estava obscurecida, a única coisa que a iluminava debilmente eram as luzes dos postes a cada cem metros, por incrível que pareça, essa era uma das principais coisas que eu gostava no caminho quando eu voltava para casa, era que eu podia me concentrar apenas na estrada, no silêncio que só uma vez ou outra era rompido pela passagem de um carro.

Nicholas dirigindo tão concentrado ao meu lado era um bônus. Eu tinha que me concentrar para não suspirar feito uma boba a cada vez que eu o via. Ele usava um suéter branco e preto, com um desenho meio antiquado e uma bermuda apenas.

"Isso vai facilitar a minha movimentação", foi o que ele disse. E eu ri quando ele começou a mostrar como seria a tal da movimentação.

Quando chegamos a sua casa, Nicholas desceu e deu a volta ao carro para começar a descarregar as caixas de Vivian, e leva-las para dentro, Vivian e eu fazíamos o mesmo percurso com as que estavam mais leves.

Quando descarregamos todas as caixas de Vivian e as malas com suas roupas, nós finalmente começamos a organizar tudo dentro da casa. A primeira coisa a ser feita foi colocar o sofá, que estava na carroceria da Dodge, no lugar definitivo dele. Como o sofá era de canto cinza e enorme, nós o empurramos para um canto onde ele ficasse de frente para a área onde ficaria a TV. Nicholas nos ajudou a trocar o colchão velho da cama no quarto pelo novo. E enquanto Vivian e eu organizávamos as coisas dela no closet tendo cuidado para deixar um espaço livre para que James pudesse guardar alguma coisa também, Nicholas ficou montando a estante na sala e a mesinha de centro também.

O trabalho seria longo, Nicholas era bem técnico e metódico, seguindo as orientações do manual ele conseguiu terminar tudo num tempo relativamente razoável. Então começamos a retirar os eletrônicos das caixas, colocando nos seus devidos lugares, um aparelho de som pequeno, um blu-ray, uma TV de trinta e duas polegadas, entre outras coisas. Começamos a organizar também as compras que tínhamos feito nos armários da cozinha.

— Você sabe que o espaço na outra casa sempre vai estar aberto para vocês – eu disse.

— Eu sei, eu achei que a casa seria menor, mas olha para isso – disse ela olhando para o local – é muito maior do que qualquer apartamento que eu poderia pagar com o meu salário atual.

— Sim, mas quando você quiser, a qualquer momento, você pode ir ficar

comigo.

— Claro que eu vou – ela disse – eu com certeza vou atrapalhar alguns planos de vocês a noite.

— Não é para tanto – fingi uma irritação, e sorrimos.

Vivian olhou para Nicholas, concentrado, pendurando nas paredes os porta —retratos recheados de fotos que Vivian tinha escolhido à tarde. Ela olhou para mim com um olhar de agradecimento.

— É sério! – ela disse – vocês dois combinam, eu nunca encontrei duas pessoas mais legais e perfeitas que vocês dois.

Senti um tremendo orgulho de Nicholas quando ela disse isso, e também de mim, eu sempre me achei tão pouco perto de Nicholas. Qual é? Ele era um cara formado, tinha um estrondoso sucesso no escritório, era notado pelo seu trabalho em toda a cidade, era espetacularmente lindo, e ainda tinha um ótimo e generoso coração. Eu não poderia pedir mais nada. Mas ai, o que acontece? Esse cara perfeito se apaixona por mim, e acabamos juntos. Eu uma estudante bolsista de direito, com um estágio recente. Apenas isso.

Como se ouvisse meus pensamentos Vivian disse.

— Vocês dois são tão lindos, quando olho para vocês dois juntos eu penso, eu quero ser como esses dois quando eu crescer – brincou – parecem duas estátuas gregas. Dói olhar para vocês.

Eu dei um soco de leve no braço dela, e baixei o olhar para disfarçar minha timidez.

— Venham para cá, a gente tem caixas para jogar fora – disse Nicholas me envolvendo pela cintura e me carregando.

Eu só conseguia gritar histericamente, enquanto ele me sacudia para cima e para baixo, e Vivian tentava de algum modo me salvar dali.

Recomeço Bagunceiro

Estávamos exaustos, e em vista que James só chegaria ao final da tarde devido ao fato de ele não ter conseguido um lugar no voo que planejara. Nós poderíamos acordar depois de meio dia. E foi exatamente isso que fizemos.

Depois de conseguirmos organizar tudo para os dois, Vivian insistiu que ficássemos para assistir um filme e ajuda-la a não se sentir tão só na primeira noite, já que ela ainda não tinha se acostumado, o argumento era válido, então nós ficamos. E acabamos dormindo os três no tapete da sala outra vez, como já havíamos feito no passado.

O sono estava tão bom, eu estava sonhando, e só consegui mesmo abrir os olhos por que Vivian já estava de pé, abrindo as janelas, jogando a luz de fora para o ambiente, além do cheiro das arvores ao redor da casa. Nicholas devia estar bem cansado, pois apenas se mexeu um pouco e soltou alguns resmungos baixos, então virou de bruços, envolvendo o travesseiro e voltou a dormir.

Dei um beijo na costa dele, e levantei-me.

— Bom dia – eu disse para Vivian enquanto ia para perto dela, ela estava procurando algo nos armários da cozinha.

— Bom dia, flor do dia – ela respondeu me dando um sorriso lindo que alegrou minha manhã.

— O que está fazendo? – perguntei ainda confusa de sono e tentando organizar a bagunça que era meu cabelo com os dedos.

— É meu primeiro dia em um lugar novo, e olha só! Eu já tenho visitas, acho que eu devo preparar um café para todos, seria de muito bom tom – ela disse tentando fingir uma cara de séria.

— É mesmo? – eu respondi rindo – e qual será o cardápio do desjejum?

— Bom, estava pensando em leite e cereal, com isso aqui – ela pegou uma calda de chocolate da geladeira – o que acha?

— Nada seria mais perfeito – eu disse.

— Eu não sei cozinhar, mas abro uma caixa de cereal como ninguém, observe – ela disse enquanto abria devagar a caixa de Sucrilhos.

— Para a sua sorte, James cozinha muito bem – eu disse.

Ela levantou as mãos num agradecimento e disse – é que hoje, eu realmente queria fazer alguma coisa com essas minhas mãos de lenhador.

— Como assim? Suas mãos são lindas.

— Só modo de dizer. Mas, é aí que você entra.

— Eu?

— Sim, você vai me ajudar a fazer alguma coisa.

— O que você tem em mente?

— Não sei... Algo que seja fácil e que ele goste, e que ele perceba que eu poderia fazer, ou seja, nada muito elaborado!

— Pode ser – eu disse olhando os armários e observando os ingredientes selecionei alguns, eles eram trigo, ovos, manteiga, uvas—passas... – veja se temos frango na geladeira, por favor, ah! E queijo.

— Sim, temos – ela disse pegando os dois.

— Perfeito – eu disse virando-me para ela – iremos fazer um quiche de frango com queijo, e salada para acompanhar, depois eu peço para Nicholas escolher um Vinho que combine.

— Primeiro café?

— Sem dúvidas – eu disse – eu não sei nem como eu estou sendo gente antes do café, eu preciso do meu precioso.

Preparei uma xicara de café instantâneo para mim e deixei uma no aparelho

de micro-ondas para oferecer quando Nicholas acordasse.

Passar a receita para Vivian até que foi fácil, o difícil foi nós fazermos pouco barulho e pouca bagunça. Especialmente quando Vivian tentou abrir um ovo com tanta força que quebrou na mão dela e sujou tudo a nossa volta. Quando Nicholas se mexia reclamando do barulho nos comportávamos um pouco, mas logo em seguida era quase automático voltar a sorrir.

— Sobrou massa, o que vamos fazer? – Vivian perguntou quando sobrou quase meio quilo de massa, isso depois de termos feitos duas quiches, uma de frango com queijo e legumes, e outra de queijo e presunto com tomatinhos. A salada estava pronta, e tudo estava organizado, dentro do forno e dentro da geladeira para mais tarde.

Fiquei pensando uns momentos, então novamente fomos nos sujar para remodelar a massa e fazermos um pão salgado recheado. Ao final, tínhamos comido muito mais do que metade dele, e cortamos as outras partes em fatias para que Nicholas tomasse com café ao acordar.

Já ia dar três da tarde, Nicholas já tinha colocado o travesseiro na cabeça para abafar nosso barulho, mas era hora de acordar. Aproximei-me dele e deitando encima das costas dele comecei a falar bobagens ao ouvido dele, sacanagens mesmo, bem baixo, assim Vivian não ouviria.

— Acho que eu não posso mais levantar agora... – ele reclamou baixinho.

— Por que amor? – perguntei irônica.

— Você quer que vejam minha barraca armada?

Eu sorri alto, cobri a boca com as mãos, mas eu já tinha chamado à atenção de Vivian, que olhou para nós dois, confusa, e não ligou por que tinha que ir para o quarto dela escolher o que vestiria mais tarde.

— Não tem ninguém mais aqui – eu disse.

— Melhor assim – ele disse, e ao levantar-se eu percebi o porquê ele não queria que ninguém mais olhasse sua "barraca armada", eu dei um riso malicioso para ele, que apenas passou a mão no cabelo e se espreguiçou, sem notar para onde o meu olhar estava indo.

Dando-me um selinho rápido ele foi para a cozinha e viu a bagunça que tínhamos feito – Vivian? – ele perguntou. Eu apenas ergui as mãos e assenti para

ele.

— Tem um café para você bem ai – eu disse apontando para o aparelho de micro-ondas.

— Ah! Emily, você é a melhor – ele disse tomando a xícara inteira de uma vez. E depois pegou um pedaço do pão que tínhamos feito e ficou beliscando.

— Que tal irmos tomar um banho? – eu disse abraçando-o por trás — Eu acho que seria perfeito – ele disse, olhando para mim por sobre os ombros com um olhar atrevido.

— Avise a Vivian – ele disse.

Fui para o quarto, e avisei-a que estávamos indo tomar um banho, e que assim que terminássemos de nos arrumar voltaríamos.

— Banho... Sei... – ela disse rindo – mas tudo bem, eu também vou precisar de um tempo de menina sozinha.

Eu sorri e já ia sair alvoroçada, ela pegou minha mão e me puxou num abraço forte, eu fui pega de surpresa, mas abracei-a de volta até ela se sentir segura.

— Você só é simplesmente a melhor amiga da face da terra – ela disse.

— Eu não fiz nada – eu disse – Nicholas fez tudo, mas eu aceito o elogio.

— Eu agradecerei a ele também – ela disse se afastando um pouco – mas para o que você precisar, quando precisar, não importa, eu estou aqui. Tá bom?

— Perfeito – eu disse – vou cobrar essa promessa, viu?

— Tu podes cobrar – ela disse – eu serei nada menos que a melhor amiga, e melhor cunhada do mundo.

— É verdade, agora você é minha cunhada – eu disse e brinquei – o que será que eu fiz de errado na outra vida.

Ela me beliscou forte, e eu fui sorrindo para a sala, tomei a mão de Nicholas e o levei para a casa grande, onde aproveitamos nossa cama e nossos corpos, por tanto tempo quanto nos foi possível.

Mais Que Nós Dois

Eu mal podia acreditar na ansiedade que estávamos. Nicholas era o único normal, enquanto Vivian e eu parecíamos duas doidinhas no aeroporto. Esperar alguém que se ama chega a ser emocionante. Apesar de a distância entre as duas cidades ser curta, a euforia não era apenas pela chegada de James em si, mas também pela surpresa que tínhamos para ele, a qual todos esperávamos que fosse agradável. Até Nicholas tinha desistido nesse momento e deixado de lado um pouco aquele jeito dele de sério, e já correspondia com a mesma intensidade meus sorrisos.

Quando o voo aterrissou e os seus passageiros desembarcavam Vivian pegou minha mão por dois minutos, e eu apertei a mão dela, passando um pouco de segurança. Não sabíamos como ele iria reagir, sendo que o plano dele era pegar um táxi e nos encontrar lá.

— James! – Vivian o viu primeiro e o chamou. Soltando minha mão ela correu em direção dele que acabava de aparecer entre os passageiros, e acenou ao ouvir seu nome. Ela correu quase a plenos pulmões, e chegando perto deu um salto e enlaçou-se na cintura dele. Alguns passageiros ficaram chocados com a cena, mas eles dois não se importaram.

Não entendia o porquê Vivian parecia tão insegura antes, estava na cara que os dois se gostavam a valer, talvez eles só precisassem de um tempo para se adequar um ao outro. Parecia que os dois não se viam há séculos, apesar de só fazer uma semana. Pode até parecer exagero, mas eu sei bem o que ela sentia.

Toda vez que Nicholas tinha que sair, ainda que por dois minutos, meu maior desejo era poder me projetar e ficar ali, escondidinha, ao redor dele, assim, ele não iria nunca me dar sua ausência.

— Emily, minha linda – disse James me abraçando depois de finalmente soltar Vivian. Ele me deu um beijo na testa e estendeu a mão para Nicholas o cumprimentando com um sorriso genuíno – Nicholas, como vai amigo?

Meu mundo sorriu naquele momento, os dois pareciam os mesmos bons amigos de antes, creio que finalmente James tinha aceitado nosso relacionamento após pesar o dele mesmo na balança, fiquei tão feliz. Nicholas provavelmente percebeu, pois após soltar a mão de James, ele segurou a minha com um aperto leve para me confidenciar com o toque o que recém acontecera. Eu sorri para ele mostrando que eu tinha percebido.

Dirigimos, James estava exausto, mais pela semana dele, que propriamente pelo voo. Quando chegamos ficamos todos conversando um pouco, comemos a maravilhosa quiche, e depois, eu e Nicholas decidimos nos retirar, era bem provável que o novo casal quisesse um tempo a sós.

— Bom, já estamos indo – eu disse.

— Sim, muito obrigada pelo jantar, e pela conversa, estavam maravilhosos – Nicholas completou.

James levantou-se e veio nos acompanhando e dando um abraço em nós dois, e disse: — Obrigado por tudo, amigo, eu não entendia até algum tempo atrás, mas agora eu estou vivendo e eu entendo.

Eu pude entender na conversa que James falava sobre sentimentos, sobre o seu relacionamento com Vivian e ainda sobre ele estar na mesma situação que Nicholas, apaixonado por alguém mais jovem.

— Sem ressentimentos – Nicholas disse – eu estou aqui sempre, e fico feliz que tenha entendido.

— E ainda, obrigado por tudo isso aqui – ele disse apontando para o local – eu não poderia esperar de Nicholas Theodoridis, menos que a excelência.

— Meu presente – ele disse – não é grande coisa, mas é algo meu e da Emily para vocês.

— Você fez tudo amor – eu disse.

— Ainda assim – James disse – está tudo quase perfeito.

— O que faltou para ficar perfeito? – perguntei preocupada — será que nós esquecemos algo?

— Sim, vocês dois me deixarem um pouco sozinho.

Ele sorriu e nos empurrou para fora, praticamente. Eu não iria insistir para ficar, eu queria que os dois se acertassem, então com o braço dado ao de Nicholas nós fomos para o quarto dele. Mal fechamos a porta do quarto e Nicholas já me enlaçou pela cintura, me puxando para um beijo.

— Eu preciso de um banho – eu disse, esperando que eu não estivesse com mau hálito pela salada do jantar.

— Juntos? – perguntou embora já soubesse a resposta.

— Não sei – eu disse para deixá-lo confuso – acho que vou ter um pouco de dificuldade hoje.

Nicholas não tinha entendido, então eu comecei a desabotoar a minha blusa que eu usava, deixei a peça cair enquanto me afastava lentamente dele em direção ao banheiro. Para cada passo que ele dava, eu dava um mais para trás, lentamente.

— Que dificuldade? – Nicholas perguntou com a voz rouca, ele precisou engolir em seco depois, para não gaguejar.

— Bem... – eu disse retirando minha saia preta rodada e deixando-a cair aos meus pés – eu provavelmente vou precisar de uma "mãozinha" em um lugar específico.

Nicholas me lançou um sorriso perfeito ao perguntar – e onde seria esse lugar?

— Por que não vem descobrir? – e retirando a calcinha e inclinando-me igual eu vira em alguns filmes do passado, deslizando a calcinha pelas pernas, e me mostrando, tudo isso para parecer bem sensual, encarando ainda os olhos dele.

Andei então somente com os saltos para o banheiro, retirando-os bem à entrada. E delicadamente entrei na banheira. Completamente nua, assim ele poderia assistir enquanto a agua caia devagar e cobria-me. Os olhos dele não podiam esconder toda a vontade que ele tinha naquele momento, eu girei a manivela da água com os pés, e nua fiquei ali, sob o seu olhar que me devorava.

Nicholas retirou a própria roupa, entrou na banheira. Ele me pôs em cima de si, eu estava sentada em seu colo, enquanto os lábios ávidos dele procuraram os meus lábios afoitos. Os beijos de Nicholas eram perfeitos, doces e rudes na medida certa, para não ser romântico demais, e nem totalmente carnal, quando os lábios dele tocavam os meus, eu chegava a gemer de tão bom que era senti-los.

Nicholas se aconchegou dentro de mim, ele era perfeito, quando ele o fez eu fechei meus olhos, para senti-lo em sua totalidade, senti-lo me preenchendo e me completando, totalmente meu ali, e eu dele.

— Você é deliciosa – ele disse, apertando-me mais contra ele, enquanto ele se forçava para entrar mais em mim. Eu não precisaria me controlar, nós não tínhamos mais ninguém em casa, além de eu e ele.

Cada forte movimento dele, era um pequeno grito meu, a água continuava a subir, e já espalhava pelas bordas, meu corpo contra o de Nicholas ao se chocar fazia com que derramasse ainda mais rápido, provavelmente todo o chão do banheiro estava molhado, mas nada mais importava. Não quando ele me olhava

desse jeito, não quando eu parecia ser todo o centro do universo para ele.

— Nicholas... – eu gemi finalmente me entregando.

— Isso, minha pequena, chama meu nome – ele disse segurando meu rosto para que eu continuasse olhando para ele – só eu te darei prazer assim – e ele continuou mais forte.

Eu pude apenas gemer concordando, eu não sabia se era uma pergunta, mas eu acenei com a cabeça, ele continuava se movimentando debaixo de mim, o modo como ele segurava meu rosto entre os dedos era rude, mas ao mesmo tempo era bom. Ele me fazia sentir tão devassa com isso que eu acabei por amar esse toque.

O rosto de Nicholas estava tão, com o perdão da palavra, safado, que me excitei mais ainda a ponto de outra vez me sentir contraindo ao redor dele, tão rapidamente que Nicholas colocou um sorriso convencido no rosto e me puxou para um beijo.

— Amo quando você fica entregue assim, tão minha...

— Eu sou sua... – eu sussurrei para ele

— Repita isso – pediu com uma voz de ordem.

— Eu sou sua – eu repeti.

Nicholas continuou desvendando-me, pura e carnalmente, até que inclinou a cabeça para trás, a boca dele abriu levemente, ele gemeu e finalmente eu o arrastei ao prazer como ele arrastou a mim também.

Ametistas e Safiras

Existiam várias coisas que eu gostava no mundo, e eu não trocaria nem pelos maiores dos tesouros nenhuma delas. No entanto, acordar nos braços de Nicholas, era indescritível, não tinha preço, e se tivesse eu tinha medo que logo me viessem cobrar e eu me assustasse com o enorme valor da conta. Era uma sensação tão particular, que descrevê-la seria quase impossível, mas eu vou tentar. Eu poderia dizer que é como se sentir forte e fraca ao mesmo tempo, por que ao mesmo tempo em que você se sente perfeita por saber que alguém como ele a ama, ao mesmo tempo, sente-se que é quase impossível que ele seja realidade, como se a qualquer momento você pudesse abrir os olhos e descobrir que é tudo um sonho, que ele não está mais ali.

Eu me mexi um pouco me aconchegando mais a Nicholas, na posição em que eu estava eu não conseguia saber se ele estava dormindo ou não, então levei um pequeno susto quando ele falou comigo: — Bom dia... Hora de acordar dorminhoca.

— Bom dia, já está acordado tão cedo? – eu perguntei enquanto me espreguiçava.

— Levantei há algum tempo, e nem é tão cedo, são quase dez da manhã.

— Sério? – perguntei surpresa.

— Sim, e como eu estava sendo mimado demais, hoje eu preparei o café, tem um pouco de tudo.

— Você preparou ou comprou? – perguntei risonha.

— Não acaba com meu encanto agora – disse Nicholas – você tem que ver antes de tentar adivinhar.

— Tá bom – eu disse levantando.

Envolvime no lençol da cama e fui arrastando o tecido até a porta do banheiro. Soltei o lençol ali, lavei meu rosto, e escovei os dentes.

— Eu te espero lá embaixo! – Nicholas me disse já da porta do quarto antes de descer as escadas.

— Já estou indo – eu disse.

Penteei rápido aos cabelos, a única coisa boa do meu corte forçado era a facilidade de penteá-lo. Abri a porta do meu quarto e peguei um vestido longo. Ele tinha uma estampa tribal e me deixava com um ar elegante, seria aquele mesmo. Desci as escadas, a mesa de café que Nicholas tinha preparado estava elegantemente arrumada, não tinha nada muito cheio de frufru, em vez disso ele dispôs várias frutas, inclusive mangas picadas, que eu amava, além de pães e frios, sucos, café, chocolates e um bolo.

— Você fez tudo? – perguntei.

— Quase tudo – ele disse – isso aqui eu não pude fazer – ele apontou para as frutas – por que até onde eu sei, eu não sou uma árvore.

— Deixa de ser bobo – eu disse e assentei-me, Nicholas sentou em uma cadeira de frente para mim. Foi só na hora de me servir do café que eu percebi, tinha alguma coisa brilhante na minha mão. Olhei direito, minha mente não querendo assimilar o que aquilo significava, e querendo, ao mesmo tempo, que fosse o que eu estava pensando.

— O que é isso Nicholas? – falei erguendo a mão, e mostrando para ele, o

solitário anel no meu dedo anular.

— Finalmente você percebeu – ele disse tranquilamente – é um anel de noivado.

— Como assim? Eu aceitei? – eu não estava entendendo.

Nicholas se levantou, se aproximou de mim, e ficou de joelhos na minha frente, não como um cavalheiro a moda antiga, em uma pose heroica, ele simplesmente se abaixou nos dois joelhos, e ficou olhando para mim enquanto disse.

— Emily, eu nunca antes, me senti impelido a fazer tal loucura, nunca antes por que desta vez eu tenho certeza do que quero – ele ressaltou bem a palavra – e eu quero você, todos os dias, e quero que sejas apenas minha, e quero ser apenas seu enquanto você me quiser.

— Nicholas não seja bobo, não existe outra pessoa no mundo que eu queria mais – eu disse, eu estava tímida.

— Pode até ser que eu seja bobo, como você diz, mas se eu estou tolo assim é pela cor da sua pele – disse ele passando a mão em meu alvo pulso – ou ainda pelo som da sua voz, ou mais ainda pelo gosto da sua boca, eu simplesmente amo você Emily, com todas as suas qualidades e defeitos, eu amo sua inocência, eu amo o modo como a muda para febre durante nossos beijos.

— Você não pode estar falando sério – eu disse.

— Totalmente sério – ele sorriu para mim.

Eu coloquei as duas mãos no meu rosto para esconder minha surpresa, eu ria baixinho, eu comecei a chorar ao mesmo tempo, naquele momento era como se eu fosse explodir de felicidade, eu só queria... Deus! Eu só queria esmagar o meu Nicholas contra mim, ele era tão perfeito.

— Acho que tem que me dar uma resposta – ele disse.

Eu me ajoelhei próxima dele, eu dei nele um beijo só, cheio de felicidade e amor, eu queria dar nesse beijo para ele, toda alegria que teríamos na nossa vida juntos. Eu só queria unir-me a ele para sempre, eu disse – tem a sua resposta.

Ele me apertou mais contra si, eu estava tão feliz. Mal via a hora de Vivian acordar, e James, eu nem sabia se eles dois estariam acordados há mais tempo ou não, eu queria contar a eles.

— Eu tenho que mostrar para Vivian e para o James – eu disse – ela vai ficar extasiada.

Eu praticamente disparei pela porta deixando Nicholas sorrindo na sala, quando cheguei à casa dos dois, eu fiquei muito feliz por perceber que eles já estavam de pé. Eu bati, logicamente, e assim que Vivian acenou para que eu entrasse, eu a abracei dando um beijo nela.

— Que felicidade! – ela disse — a que devemos isso?

— Não sei – eu disse – o que um brilhante no anular significa?

— Oh, meu Deus! O que? Você está querendo dizer o que acho que está querendo dizer?

— Isso aqui?! — eu disse enquanto mostrava a minha mão para ela, onde reluzia um anel de noivado de ouro branco, com um solitário de diamante nele.

— É lindo! Emily, você está noiva, Oh, Deus! – ela disse.

— As duas papagaiando cedo hoje hein – James disse.

— James, olha! – eu corri para ele mostrando o anel.

— O filho da mãe cumpriu mesmo – ele falou e sorriu.

— Como assim? – perguntei.

— Ele disse que iria pedir a sua mão em casamento antes de eu pedir a de Vivian.

Eu olhei para Vivian e então para ele com uma expressiva cara de confusão, então ele se apressou a explicar.

— Digamos que nós dois escolhemos juntos as pedras.

— Que pedras? – Vivian perguntou.

— A da Emily – ele disse apontando para o meu anel e tirando do bolso outro anel ergueu para que nós duas víssemos – e essa aqui.

— E o que significa isso? – Vivian perguntou meio sem reação ainda, tentando absorver o que aquilo significava.

James ergueu o dedo indicador chamando-a para perto dele, quando ela se aproximou, ele tomou a mão dela e colocou o anel em seu dedo de noivado, assim como o meu repousava no meu, o dela repousou no dela tranquilamente.

— Isso significa – James disse – que somos uma espécie de noivos agora.

— Oh, Babe! – Exclamou Vivian – seremos a melhor espécie de noivos que existe! Sem ofensas Emily.

Isso tudo ela disse enquanto se lançava nos braços dele quase de um salto só. Beijaram-se, eu fiquei meio constrangida de ficar ali, mas eu ia fazer o que? Correr? Esperei os dois terminarem, quando ela estava no chão, já veio correndo para perto de mim.

— O que acha? – ela me perguntou mostrando o anel dela, e pegando minha mão para ficar ao lado da dela enquanto observávamos. Os meninos tiveram a delicadeza de escolher um anel no mesmo formato, a diferença entre eles era que as pequenas pedras que rodeavam o meu anel eram ametistas de uma cor quase roxa, e as que rodeavam o anel de Vivian eram safiras azuis.

— Acho que são lindos – eu disse.

— É só isso que você acha? – Vivian olhou para mim quase indignada.

— Como assim? – perguntei receando tê-la ofendido.

— Eu acho que temos um monte de trabalho pela frente.

Ela tinha razão, um noivado exigia muito. Felizmente nenhum dos dois casais tinha marcado data, isso ajudaria a ter tempo de planejar, e de tomar decisões acertadas.

Nós duas estávamos tão jovens, e devo dizer tão apaixonadas, isso seria o certo? Eu pensava, mas quanto mais eu pensava, mais eu me via forçada a reconhecer, o mundo com o sobrenome de Nicholas num contrato dizendo que ele era meu, e o amor dele juramentado por mim, parecia um mundo completamente perfeito.

Amo Meu Trabalho

— Aqui estamos – eu disse para Vivian assim que chegamos ao nosso local de trabalho, se tudo desse certo. Seriamos “entrevistadas” ainda que estivesse tudo resolvido, como James disse, era emocionante. Ele já tinha voltado para Yellowstone Hill, era uma segunda feira pouco ensolarada, e se tudo desse certo, nosso primeiro dia no trabalho.

Olhamo-nos e demos os braços, precisaríamos entrar de pé direito para que tudo desse certo, e sim, precisávamos disso. Adentramos o prédio, estávamos nervosas. Chegamos á recepção e uma bela e educada recepcionista nos atendeu.

— Em que posso ajuda-las? – a recepcionista perguntou.

— Sou Emily Carter, e esta é minha amiga Vivian Driscoll, nós viemos por recomendação de James Carter.

Ela acenou positivamente, mostrando que sabia do que estávamos falando. E levantando-se disse: — Claro, sejam bem vindas, sigam-me, por favor – e a passos firmes foi pelo corredor em direção à sala de recursos humanos, onde nós entregaríamos nossas documentações para começarmos imediatamente, foi o que ela disse.

— Obrigada – eu agradeci antes de entrar na sala.

— Tenha um bom dia, obrigada – Vivian também a agradeceu ao meu lado.

Quando entramos na sala Trevor estava lá dentro também, não pude disfarçar a minha surpresa.

— Trevor? Também vai começar a trabalhar aqui? – eu o cumprimentei com um sorriso.

Quando ele olhou para nós, o olhar foi de mim a Vivian rapidamente, uma sombra de algum sentimento passou por seus olhos, mas não fui capaz de identificar, ele sorriu — Olá! Como estão? – ele disse me dando um abraço.

Quando ele foi abraçar Vivian ela não aceitou, e estendeu apenas a mão para ele, que constrangido, aceitou friamente.

— O que está fazendo aqui? – eu perguntei.

— Vim buscar uma papelada – respondeu olhando-me.

— Você trabalha? É o Office boy deles? – eu sorri.

— Não, na verdade eu fui meio que demitido semana passada, eu passei aqui hoje para buscar o meu pagamento.

— Lamento Trevor – eu disse passando a mão em seu braço – eu sei que logo arranjará outro trabalho.

— Sim, e preciso fazer isso rápido – ele disse, mais para si, do que para mim.

— Como disse? – eu perguntei.

Nesse momento, a secretaria do RH chamou o nome dele, e ele teve que ir. Ficamos apenas Vivian e eu na sala de espera, cada uma segurando uma pasta com sua respectiva documentação. Cerca de vinte minutos depois Trevor saia, despediu-se de nós duas, e mais rápido do que podia notar, ele já tinha ido

embora. A secretária fez um sinal para esperarmos mais um tempinho e fechou a porta.

— Eu não gosto dele – Vivian disse.

— Oi?

— Eu não gosto do Trevor, nem acredito que pude ficar com ele.

— Como assim? Do que está falando? – perguntei.

— Ele me dá nojo – ela disse com tanta certeza que eu tive que olhar para ela, questionando-a, até ela falar.

— Eu não fiquei mais com ele, não só pelo fato de ele ter ficado com nós duas naquela época.

— E então? – perguntei esperando que ela prosseguisse.

— Na verdade – ela disse – houve uma noite, há algum tempo, em que eu perdi uma grande amiga, eu a culpei, eu não achei nada demais culpar alguém que eu achava que era culpada, quando na verdade deveria ter culpado a ele. Eu fui furtada num hotel, a única coisa que eu lembro é que não tinha dinheiro na minha bolsa, e meus cartões de credito tinham sumido, nem meu remédio de dor de cabeça estava ali, e eu estava precisando mesmo! Acredita que eu tive que dar meu sapato da Prada para poder sair dali?

— Vivian, por que nunca me contou isso?

— O que eu diria? Que você estava certa? Eu tinha um orgulho bobo àquela época.

— O que você acha que aconteceu?

— Essa é a pior parte eu sei que ele me roubou – ela disse – mas não tenho como provar nada, simplesmente nada do que aconteceu.

— Você foi a policia? – eu perguntei.

— Claro que sim, mas o que eu iria dizer? – Vivian falou – Meus pais iriam me matar se eu desse um escândalo, eu apenas registrei o fato como furto.

— Vivian... – eu falei perdendo a voz – eu nem sei o que dizer...

— Só prometa que terá cuidado com ele, por favor. Não tente ser boa, não o deixe te enganar, não goste dele.

— Prometo, e não se preocupe, não sinto nada por ele.

— Você tem que prometer uma coisa a mim – eu disse.

— O que? – Vivian perguntou.

— Você já saiu de casa, não tem mais que se preocupar com a recriminação dos seus pais — eu falei – isso significa que você tem que contar toda a verdade sobre o que aconteceu nesse dia para a polícia.

— Mas... Eu não sei...

— Apenas prometa-me! Leve o tempo que precisar, apenas faça; ok? – eu disse.

— Prometo.

Fomos interrompidas pela senhora que era a secretária do RH, ela chamou Vivian primeiro. Vivian então se levantou, alisou a roupa e foi para a sala, me dando um sorrisinho por cima do ombro. Fiquei esperando, minha mente divagando por tudo que ela me falara. Eu não poderia fazer nada, se ela não queria culpar Trevor por qualquer coisa que tenha acontecido naquela noite. Apenas umas imagens mentais de antes de tudo ter acontecido, não eram provas suficientes.

— Senhorita Carter – a senhora abriu a porta, Vivian saiu sorridente, quase comemorando, e eu fui pelo caminho de onde ela acabara de sair.

Depois de uma rápida entrevista e de entregar meus documentos ela me perguntou quando eu poderia iniciar.

— Agora mesmo – eu respondi contente.

— Perfeito – disse a Senhora do Rh que só agora eu sabia se chamava Donna – venha comigo, eu irei leva-las até a estação de trabalho de vocês.

Sai pela porta sorrindo para Vivian, e ela nos levou para nossos postos, Vivian foi encarregada de ser estagiária do Sr. Lafontana. Um Especialista em licitações. E Eu fiquei sendo estagiária da Sra. Palmell, uma perita criminal.

No primeiro dia apenas fomos orientadas sobre as funções do cargo, que incluía como sempre aquela velha rotina de que o estagiário sempre pega o café para o chefe. Foi assim que encontrei Vivian duas vezes no caminho até a Starbucks, loja de café, no outro lado da rua.

Horas mais tarde, já estávamos saindo do trabalho. A coisa boa dali era que as seis em ponto, tudo fechava. Então nós poderíamos ir para casa relativamente cedo.

Era um horário em que Nicholas ainda não teria chegado tampouco James, que só vinha aos finais de semana. E também teríamos tempo de fazer qualquer sorte de trabalho de faculdade que nos fosse proposto.

Além do fato de Vivian ter me contado finalmente o real motivo do rompimento dela com Trevor. O dia estava absolutamente perfeito.

Nuvem De Organza

Cerca de dois meses tinham se passado, já estávamos acostumadas com o trabalho que na maior parte do tempo consistia em fazer o trabalho que os chefes não queriam fazer. Como, por exemplo, fazer as leituras de arquivos de processos com cerca de duas mil páginas. Ou ainda, como disse antes, buscar o café do outro lado da rua.

Foi no caminho para casa que resolvemos fazer algo que devíamos estar planejando há algum tempo, mas que estávamos protelando. Dar início a organização de uma festa de casamento, deveria ser pequena, pois conforme Vivian já tinha me dito, os pais dela dificilmente viriam à festa, achando que era apenas mais um passo errado da filha deles, apesar de eu não acreditar nisso, pois eu via nos olhos de Vivian um sentimento profundo em relação a James.

— Aqui! – ela me disse enquanto parávamos em frente a uma pequena loja.

— Aqui? – perguntei nervosa.

— Sim, vamos entrar – ela me disse entusiasmada.

Entramos, ela praticamente me puxando, não era que eu estivesse desanimada, eu só estava me sentindo com um frio no estomago, provavelmente o nervosismo.

Bride's Dress era uma loja pequena, e como o próprio nome diz, era uma loja de vestidos de noiva. O meu nervosismo apesar de estar querendo boicotar minha experiência, não pode me proibir de vivenciar o momento. Encantada eu me movi, olhando com cuidado as manequins, elas pareciam quase que encantadas em seus vestidos brancos, brancos-gelo, branco-neve, total branco, e de cor de madrepérolas.

Um olhar mais cuidadoso veria que cada um dos vestidos era único, ainda que tivéssemos a sensação de estarmos emersas em um mar de rendas e babados que quase formavam uma espessa nuvem de organza clara; cada um dos vestidos tinha um detalhe que os diferenciava dos demais.

— Boa noite. Posso ajudá-las? – cumprimentou—nos uma atendente da loja, ela aparentava ter a minha idade, e tinha quase meu tamanho, o cabelo dela tinha uma cor de ruiva água de salsicha, que ficavam irritantemente bem nela.

— Boa noite – eu cumprimentei-a e Vivian veio se por ao meu lado e estendeu a mão para ela também.

— Queremos ver os vestidos mais lindos que vocês tiverem – disse Vivian.

— Claro – a vendedora disse – eu tenho um que eu posso dizer que é perfeito para você.

E andou um pouco, enquanto Vivian a seguia, visivelmente animada, poderia dizer que ela estava quase pululando de alegria. Eu sentei-me um pouco numa das cadeiras para clientes que estavam dispostas ao longo do corredor de vestidos. Eu vi Vivian rodopiando com um vestido longo bordado de pequenos pontos que pareciam cristais. Eu até sorri para ela, mas de repente nos cantos da minha visão eu comecei a ver uns pontos brancos. Lembro-me de Vivian correndo para mim assustada, estendendo os braços para tentar me apoiar enquanto eu ia de encontro ao chão.

Quando eu abri os olhos o primeiro rosto que eu vi foi o de Nicholas, ele estava visivelmente preocupado, eu senti uma dorzinha na cabeça, provavelmente do local de onde eu tinha batido, e eu quis erguer a mão para tocá-lo, mas Nicholas segurou minha mão carinhosamente e me disse: — É melhor não mexer aí agora, tem uma concussão feia aí, pode doer mais se você tocar.

— Onde está Vivian? – eu perguntei meio confusa.

— Está esperando lá fora – disse Nicholas – você deu um susto terrível nela, ela provavelmente vai querer acertar as contas com você quando entrar aqui.

Eu tentei sorrir, mas minha cabeça doía, então desisti.

— O que foi que aconteceu? – perguntei para Nicholas.

— Você desmaiou, Vivian me ligou para que eu viesse direto para cá, e eu me apressei para chegar o mais rápido que pude. Eles estão fazendo alguns exames nesse momento, acho que você vai ter que ficar em observação por algum tempo.

— Não quero, eu quero ir para casa – eu disse, eu estava me sentindo bem, só tinha dor de cabeça.

— Melhor esperarmos mais um pouco – ele disse – por favor, por mim, me preocupo com você.

— Tudo bem... – eu disse me movimentando para ficar sentada na cama.

— Aqui – disse Nicholas pegando uma bandeja com alguma comida de hospital – deixa-me alimentar você.

— Tá bem – eu estava faminta, não sabia quantas horas tinham se passado desde o almoço, e, além disso, o quarto em que eu estava contava com janelas vedadas por persianas, eu não podia me guiar pela claridade lá fora, mas parecia que fazia um século desde que eu tivera uma refeição decente.

— Vejo que já está melhor – disse o médico entrando no quarto em que eu estava.

— Espero que o senhor me confirme isso também – Nicholas cumprimentou ao doutor que entrara – e então doutor Mills, como ela está?

Ele perguntou e olhou para mim, confortando-me, já que eu estava quase grogue demais para entender qualquer prognóstico médico.

— Eu estou doente? – eu perguntei, sem saber se eu realmente queria ouvir a resposta.

— Só se a doença que está acometendo você tiver perninhas e bracinhos – ele sorriu.

Nicholas parecia tão confuso quanto eu, apesar de ele não ter tomado os meus remédios. Ele começou a olhar para o doutor, com uma duvida no olhar, mas depois ele quase arregalou os olhos, e olhou para mim firmemente. Eu podia até estar lerda sob o efeito dos analgésicos, mas quando ele colocou a mão encima da minha barriga protetoramente, Eu sabia muito bem o que aquilo significava.

— Emily... – ele começou a dizer, mas tomado por violenta emoção ele apenas se aproximou de mim e me deu um beijo nos lábios.

— O que? – eu perguntei apesar de saber bem do que se tratava, Oh! Deus, eu realmente sabia o que estava acontecendo.

O médico se aproximou de mim, me mostrando uma espécie de caderneta com as vacinas e alguns exames que eu teria que fazer; ele disse que eu estava com aproximadamente dez semanas.

— A senhorita está esperando um bebê – ele disse tranquilamente.

Nicholas sorriu para mim e disse emocionado – Emily, teremos um filho, um filho nosso meu amor.

— Então eu terei uma cabecinha de joelho mesmo? – eu sorri e minhas mãos seguraram as de Nicholas no meu ventre.

— Cabecinha de joelho? – Nicholas perguntou.

— Sim, por que eles são enrugados e carecas iguais a um joelho, quando nascem, igual uma jujuba.

— Creio que ainda é efeito do remédio, ela deve estar um pouco confusa – O doutor disse.

— Eu vou fazê-la descansar – disse Nicholas se prontificando a ficar ao meu lado até que eu descansasse e assimilasse tudo o que o médico acabara de me falar.

Check List

“Eu não me esqueci de você”.

Eu estava experimentando meu vestido de casamento quando eu recebi a mensagem, por sorte Vivian não abriu o texto para ler, senão eu teria que ficar me explicando para ela, e eu só queria colocar uma pedra encima disso tudo, e esquecer, mas eu não conseguia.

Um dos motivos para eu não levar tão a sério essas mensagens era justamente quem as estava enviando, Christie com certeza adorava fazer bullying com as pessoas, mas eu duvidava muito que ela passasse disso, a diversão dela era principalmente fazer com que as pessoas sentissem a agonia de serem perturbadas, e não a de executar as promessas dela.

Lembrei-me do que ela fez com o meu cabelo, ela deveria procurar tratamento, isso sim.

— Você parece uma linda ninfa nesse vestido – disse Vivian – aposto que Nicholas concordará comigo.

Devolvi o celular para ela após apagar a mensagem, e passei as mãos no corpete do vestido, ele era realmente lindo, espetacularmente lindo e eu teria que usá-lo antes de minha barriga de grávida ficar aparecendo. Eu olhei para o reflexo do espelho, não aparecia nada ainda, só sentia um inchaço. De acordo com o médico o volume iria começar a ficar um pouco mais visível a partir do próximo mês. Então, isso tudo significava que eu teria pouco mais de um mês para organizar tudo acerca da festa.

Vivian tinha desaparecido para o fundo da loja, e quando voltou estava carregando um vestido de cor pérola, com rendas e um decote nas costas arredondado que quase mostrava demais.

— Eu não vou casar usando esse daí – eu disse para ela.

— Não é para você, chata, é para mim – e pondo o vestido em frente ao corpo e olhando-se no espelho também, perguntou-me – não é perfeito?

— Sim, fica perfeito em você – eu disse, e era a verdade, o tom de pérola do vestido fazia com que a pele dela ficasse com uma cor de bronzeado incrível, além disso, o cabelo loiro dela caindo próximo ao corpo do vestido ficava mais acentuado ainda, contra a pele dela, ela tinha achado o vestido perfeito.

— Eu escolhi – ela disse – e você?

— Já também – eu disse.

Tínhamos os vestidos, que apesar de eu não saber o cronograma de um casamento comum, achava que não era o primeiro item da lista das noivas, eles já estavam escolhidos. Vivian me ajudou a retirá-lo, e as vendedoras embrulharam os vestidos em caixas enormes, depois dos ajustes e do pagamento, então os levamos imediatamente.

Enquanto estávamos indo para casa, Vivian marcava numas fichas que ela tinha imprimido da internet o que já tinha sido feito.

— Vestido?

— Ok – eu respondi, e ela marcou um "x" no quadradinho da lista.

— convites?

— Foram enviados – eu disse, tínhamos feito os convites numa gráfica em outra cidade, mas eles chegaram e foram enviados a tempo, eles eram retangulares, e as bordas deles eram revestidas com uma renda endurecida, fazendo que o convite fosse todo ornamentado, as letras eram douradas como manda o figurino. Ela marcou o "x".

— Bolo?

— Temos uma prova no fim de semana – eu avisei para ela, eu não conseguia me decidir entre um recheio de ganache de chocolate e morangos, ou o clássico com recheio de baba de moça e cocada fina. O formato da decoração dele ia ser clássico, pasta americana e flores de marzipã com glitter comestível.

— Cadeira e mesas?

— Vai ser pequeno lembra? – eu disse – usaremos a mesa da cozinha para jantarmos e a bancada da cozinha será decorada para dispor os comes e bebes.

— Garçons?

— Disso eu faço questão — eu disse – com certeza eu não quero ninguém se servindo, precisamos de pelo menos dois, assim ficamos conversando sem interrupções.

— Lua-de-mel? – perguntou com um sorrisinho no rosto.

— Nicholas vai decidir isso – respondi – ele fez questão.

— Que fofo! – ela disse e continuou– iluminação, música?

— Você é a responsável – eu disse.

— Sim, e eu vou marcar um "x" por que eu já resolvi isso, chega tudo em uma semana, nem acredito que você vai casar no próximo sábado, isso nos dá o que? Só quinze dias para preparar tudo.

— Mas está tudo dando certo – eu disse – além disso, eu não iria querer mesmo um casamento enorme e cheio de desconhecidos, prefiro a nossa intimidade.

— Vai dar tudo certo – ela disse.

— Tudo está tão perfeito – eu disse – que chega a me assustar.

— O casal perfeito, casando num casamento perfeito, e os dois terão um bebê perfeito – ela comentou – eu não vejo nada fora do comum.

— Tem razão – eu disse.

— Continuando nossa lista – ela olhou para o papel de novo – sapatos?

— Sim – eu respondia.

— Lembrancinhas?

— Estarão prontas na tarde de sexta.

— Vestido da madrinha?

— Eu deixo a seu critério – eu disse – mas não se preocupa, eu quero que você fique linda, então nada de tentar usar aqueles vestidos que parecem com um cupcake.

— Quem vai decorar? – ela perguntou.

— O que o cupcake?

— Não boba, o ambiente – ela me deu língua.

— Amanhã nós duas chamaremos alguém, eu não quero ter que fazer isso, e eu quero o local cheio de flores, rosas brancas e vermelhas e aquela rosa de pétalas coloridas, que parecem um arco íris, lembra?

— Sim, não vai gastar alimentando 200 pessoas, mas vai comprar dúzias de rosas arco—íris que custam sessenta reais a unidade.

— Só se casa uma vez – eu disse sorrindo.

Beijo com Chocolate

Vivian jantou conosco, e quando eu pensei que ela iria dormir na casa grande, ela bocejou dizendo — Eu estou indo gente, amanhã prometo que eu ofereço o jantar, não prometo que estará delicioso.

— Já? – perguntei – mas ainda nem acabou o filme.

— Eu estou cansada – Vivian disse – e convenha comigo eu sou uma péssima vela.

— Você pode dormir – Nicholas disse – se quiser, é claro.

— Não, não – Vivian disse – eu vou para o meu território, embalar-me com os feromonios das camisas de James, enquanto ele não está.

— Qualquer coisa – disse Nicholas – é só chamar.

Eu levei Vivian até a porta, dei um beijo nela e depois de desejar boa noite, voltei para a sala e fui deitar com Nicholas no tapete.

— Quero chocolate – eu disse.

Nicholas levantou-se e trouxe chocolate da geladeira, e também um pacote de batata chips para ele — Já é desejo? – ele questionou.

— Não sei – eu falei enquanto devorava o chocolate e prestava atenção no filme. Nossa, ou aquele chocolate estava muito bom, ou eu não sei, coloquei um enorme pedaço na boca.

— Para que tanto chocolate? – Nicholas diz brincando e apontando para os meus dedos lambuzados, eu lambo os dedos e sorrindo de volta respondo: — Gosto de branco, e meio amargo, e ao leite e etc... De todos – e como se para confirmar a resposta dou uma pequena mordida na barra de chocolate em minha mão olho para Nicholas que está espetacularmente incrível apenas com uma boxer preta no tapete da sala e digo — eu sou chocólatra comeria tudo.

Ele se aproxima de mim, achando que ele estava cheio de segundas intenções após o filme, fecho os olhos, mas ele passa o polegar no canto dos meus lábios que estavam com uma pequena lasca, ele então leva o dedo até a

própria boca: — Eu também — Ele diz me olhando — Mas nada me ganha mais do que ruffles de cebola e salsa.

Fiz uma cara de nojo, eu não achei que seria possível, mas sim, eu estava enjoando de cebola durante a gravidez, respondi atravessado: — Não gosto mais de cebola

— Eu gosto, mais para mim... – Ele responde pegando um punhado do salgado do pacote, e colocando um monte na boca, depois dá um gole na coca cola gelada.

— Se me encher jogo tudo no chão, vai provocando – eu o ameaço.

— Duvido – Nicholas diz desafiadoramente.

Pra que desafiar, eu o empurro no chão, e quando ele cai eu pego o pacote de batatas chips e jogo longe, sorrindo, e tão adulta, eu ainda dou língua para ele.

— E minha coca? Vai derrubar? – Nicholas me pergunta sorrindo.

Pego a coca cola dele, e sento perto dele, enquanto ele me observa eu dou um gole nela, Nicholas tem um brilho de diversão nos olhos, e como um pequeno menino, eles não contem o impulso e aperta o fundo do copo me molhando inteira, o liquido escorre pelos cantos da minha boca, e molha o chão, o tapete e a blusa de algodão, o sorriso dele não diminuiu a me ver nesta situação, na verdade Nicholas me dá um olhar de satisfação e diversão e me diz:
— Isso foi por derrubar minha batata.

— Eu sei disso, cresci com um menino, sei como funcionam as coisas – respondo – sei como meninos são vingativos...

— Então sabe que eu revido – ele disse, não perdendo o sorriso dos lábios, parecia tão feliz.

— E o senhor... Sr. Theodoridis, sabe que quem tem medo de consequências não vive... – faço-lhe um olhar febril e enigmático.

E em um minuto, estou agarrando-o molhada, rimos iguais a dois bobos. Então eu beijo-lhe o pescoço, Nicholas inclina o pescoço para que eu tenha melhor acesso a ele, eu o mordo forte.

— Essa sua mordida, isso não dói... – ele diz — me causa outro efeito... Ele

segura minha cintura e me puxa para cima do colo dele, ele me beija mordendo o meu lábio devagar, eu não consigo resistir, por que a boca dele tem que ser assim tão perfeita? Eu gemo devagar, adoro os dentes dela na minha boca.

Ele solta minha boca, é a vez dele procurar meu pescoço, ele vai me mordiscando do pescoço até chegar ao meu ponto fraco. Nicholas também geme enquanto me segura e me coloca de costas no tapete, ele me prende com os braços e o peso do seu próprio corpo.

– Baixinha não me provoca – ele diz, mas sabe bem que não sou eu quem está mais provocando, e sim ele, eu tento fugir debaixo dele, sem querer fugir na verdade, enquanto ele sorri eu desço minhas unhas por suas costas, arranhando-as de alto a baixo, quase sem pena.

— Me rasga se quiser – sussurra ao meu ouvido– isso só mostra a intensidade do teu desejo. Ele então me gira para cima, ele já havia me dito uma vez que adorava a visão que ele tinha de mim enquanto ele estava por baixo, como eu parecia etérea.

"Minha fada menina". Assim ele me chamara.

— Tira a blusa – ele me diz. E apesar de estarmos no chão da sala, com as

portas de vidro sem nenhuma cortina fechada, ou seja, se alguém chegasse poderia nos ver ali mesmo, eu retiro a blusa, Nicholas admira enquanto a pele clara se revela para ele, ele toca meus seios, o que imediatamente lança um arrepio pelo meu corpo.

— Estava molhada mesmo – respondo atrevida.

Contemplando-me com um olhar sério, intenso, e quente ao mesmo tempo, ele diz para mim como se fosse uma verdade profunda — Eu acho que você com chocolate seria minha sobremesa favorita...

As mãos dele percorrem o caminho da minha cintura, eu sigo o olhar dele, Nicholas está admirando o contraste entre a pele dourada dele e a minha pele, clara como marfim. Ele segura minha cintura com força, as pontas dos dedos possivelmente deixarão marcas, mas não me importo, eu quero que ele me faça dele, sempre dele.

Os olhos dele refletiam pálidos à luz das luminárias, ele pega minhas mãos e beija cada dedo, depois a mão inteira, meu braço, e com uma ameaça implícita no olhar, abaixa-me para que ele fale em meu ouvido e diz entre dentes — Você vai ser minha aqui e agora.

— Venha – eu abro os braços e sorrio para ele, eu me movimento para encaixar-me nele, sentindo-o dentro de mim, tão endurecido pelo próprio desejo.

— Você é perfeita, Emily – Ele diz enquanto eu cavalgo nele, apertando-se contra mim, e eu contra ele, a mão dele percorre minha cintura, e ele me encara com uma espécie de adoração profunda — você me perturba demais – ele sussurra entre gemidos. E eu me sinto dele, fisicamente, deliciosamente dele. Não deve haver uma sensação melhor do que pertencer a algum lugar, enquanto estamos juntos assim, em busca do mais fundo, tentando buscar a completude de pertencer um ao outro em todos os sentidos.

Apesar de eu querer ficar ali mais tempo, ele me move, deitando-se no tapete totalmente, ele me puxa para cima dele, e começa a explorar minha intimidade com a boca, isso é delicioso. As mãos dele percorrem minhas pernas, me apertando forte, seguro os cabelos de Nicholas, enquanto ele continua a desvendar-me pelo paladar... Eu sinceramente não quero que ele pare agora, ele me dá prazer ali, enquanto eu olho para ele, praticamente alimentando-se de mim.

Ele então me move para baixo dele, e se encaixa em mim outra vez, estende meus punhos para cima e me arrasta consigo para mais um ultimo e violento clímax, enquanto eu apenas gemo timidamente.

Caímos os dois ofegantes no chão da sala... Nicholas vira-se um pouco de lado e fico observando-me, os dedos dele fazendo pequenos círculos na minha

pele nua, branca e pálida, Eu o encaro de volta com as faces avermelhadas do prazer repentino, ele me beija mais uma vez, agora seu beijo tem o gosto de chocolate e Emily.

Cores Neutras

— Brasil ou Itália? – perguntou Nicholas.

— O que? – eu não estava prestando atenção, estava procurando por uma decoradora de quarto para bebês na internet.

— Nossa lua-de-mel – ele falou tranquilamente enquanto retirava minhas coisas do closet e ia e voltava, enquanto colocava minhas roupas no quarto dele – onde prefere?

— Você me disse que seria surpresa – eu disse para ele.

— Surpresa vai ser o que vai acontecer lá, e não o lugar, além disso, não disse onde seria especificamente – ele disse piscando para mim enquanto desaparecia pela porta.

— Brasil definitivamente – eu disse.

Mal podia acreditar que estávamos a apenas cinco dias do casamento. James iria chegar hoje, e eu ainda não tinha falado para ele que ele seria tio, ainda não sabia a reação dele, e eu esperava que Vivian não tivesse colocado tudo a perder na surpresa com aquela boca grande dela.

Eu olhei para os contatos que me apareceram e liguei para uma arquiteta que me pareceu bem eficiente, e ela tinha um estilo de decoração que eu gostava. Eu não sabia se seria menino ou menina ainda, apesar de os exames terem dito que eu teria oitenta por cento de chances de ser menina, eu iria escolher tudo em tons de verde, amarelo e cores neutras, assim eu teria um quarto unissex, lindo e a espera do nosso filho ou filha.

— Já escolheu? – Nicholas perguntou enquanto se aproximava de mim.

— Sim, veja – mostrei para ele um exemplo de como seria mais ou menos o quarto que eu tinha em mente – que tal?

— Lindo – ele disse plantando um beijo na minha cabeça – a parte boa é que este quarto aqui fica próximo ao nosso, assim qualquer coisa estaremos bem do outro lado caso ele chore.

— E qual a parte ruim? – eu disse intrigada.

— Não tem parte ruim – disse Nicholas – tem uma parte melhor ainda, você vai dormir comigo.

— Isso é tão bom assim? – perguntei me fingindo de desinteressada.

— Isso significa sexo todo dia – ele falou se aproximando de mim e me dando um beijo de roubar o folego.

— Não quero atrapalhar, mas já atrapalhando – disse Vivian entrando no quarto, ela estava me ajudando a organizar as minhas roupas no closet de Nicholas, que felizmente era grande o suficiente para nós dois – está quase na hora de irmos buscar James no aeroporto, e eu já fiz minha parte, vou tomar um banho e fazer meus rituais de pele antes de irmos, beijinho para os dois.

— Mais alguma coisa daqui que queiras levar? – ele me perguntou.

— Seu quarto tem tudo – eu disse, e era verdade, o quarto dele tinha espaço suficiente para nós dois, mas os móveis eram tão bem equilibrados que qualquer coisa que eu levasse iria parecer fora do lugar.

— Nosso quarto – ele acentuou – ele já era nosso mesmo antes de você mudar para lá, ele já era nosso quando eu escolhi essa casa.

— Sério? – eu perguntei incrédula.

— Sim, quando você finalmente gostou de uma casa, e olhou para este quarto e o achou lindo – ele disse – eu automaticamente o escolhi, afinal, eu queria agradar você.

— Nicholas, você é tão... – eu não conseguia achar as palavras – não sei... Lindo.

— Obrigado – ele disse sorrindo para mim tranquilamente – e você é espetacular.

— E isso aqui? – ele disse apontando para meu notebook velho, que eu tinha antes de ganhar um novo de James.

— Isso sim, eu vou levar – eu disse – tem meus projetos de livros ai.

— Eu posso ver? – ele pediu.

— Claro – eu disse – vem cá

E sentamos na cama para que ele olhasse comigo, alguns livros eram de poesia, a grande maioria deles, e tinha um de contos e o livro em andamento sobre Trevor "droga, eu tinha que ter apagado isso" eu pensei "que Nicholas não veja... que Nicholas não veja!".

— O livro dele? – ele perguntou apontando diretamente para a tela no arquivo do Word sobre Trevor.

— É sim – eu disse – desculpa, eu deveria ter apagado.

— Está tudo bem – Nicholas disse – calma, isso aí é um texto apenas, não é ele dentro do seu computador.

— Mas... – eu ia dizendo.

— Não tem "mas", você gosta de escrever, e você pode escrever sobre qualquer coisa que queira, eu confio em você.

— Nicholas, você é tão lindo.

— Além disso, eu mal vejo a hora de você escrever sobre mim, eu adorarei ler.

— Eu vou precisar de muita inspiração – eu disse dando um olhar para ele bem cínico.

— Eu posso te ajudar com isso – ele disse e já estava se aproximando de mim sorrindo.

— Pena que não podemos agora – me fingi de desentendida.

— Por quê?

— James, temos que ir busca-lo – eu falei dando de ombros – que peninha.

— Mais tarde, você não tem escapatória.

— Você vai ter que pagar para ver – eu disse já levantando da cama.

— Eu criei um monstro – Disse Nicholas com um sorriso de puro divertimento.

Jantar para Casais

— Emily! – disse James depois de ter dado um beijo e abraço em Vivian e vir em minha direção – que saudades! Mal vejo a hora de tirar férias.

— Senti sua falta também – eu disse, e era verdade.

— Então? – Nicholas disse – que tal irmos para casa e depois sairmos para jantar? Eu pago.

— Seria perfeito – disse Vivian – o que você acha amor?

— Por mim tudo bem – disse James – eu acho que seria realmente perfeito.

Nicholas me levando pelo braço segurava-me, me passando uma confiança, como se quisesse que eu percebesse que ele estaria ali para mim, por mim, para dar a noticia a Nicholas. James já sabia que eu iria me casar é lógico, pois a ideia de fazer uma festa de casamento conjunta partiu dele, o que ele ainda não sabia era que eu tive que adiantar tanto os meus planos, e ainda por cima, vinha um

bebê por ai.

Além de ter que aguentar o casal apaixonado no banco de trás do carro, eu ainda tinha que aguentar o meu próprio nervosismo que insistia em me fazer querer enjoar. Eu também não podia ficar pensando sobre enjoar já que eu enjoava ainda mais. Oh, droga!

— Nicholas para o carro – eu disse para ele, e assim que ele encostou-se ao acostamento eu abri a porta do carro e sai, vomitando bastante. Nicholas chegou perto de mim e ajuntou meu cabelo para que não sujasse e também me apoiando para eu não cair, de tanto que eu me curvava.

— O que houve Emily? – James disse se aproximando também.

"Ótimo, agora todo o mundo vai ver-me vomitando" pensei “nada mais sexy”.

— Ela só está passando mal – disse Vivian se aproximando, e graças a Deus ela trazia uma toalhinha de rosto e o comprimido contra enjoo que o médico tinha me receitado e que eu trazia na minha bolsa.

— Está doente? – James perguntou.

— Acho melhor levarmos ela para casa James, assim ela poderá descansar um pouco, e tomar água para repousar – Nicholas falou.

— Você está certo – disse James – vamos Emily – e me apoiando, ele me ajudou a entrar no carro e como se eu fosse alguma criança, ele mesmo afivelou o cinto e fechou a porta, checando se estava bem trancada.

O carro seguiu um pouco seu caminho, Nicholas dirigia com cuidado, dando-me olhadelas e perguntando se eu estava bem a cada cinco minutos pelo menos. James e Vivian estavam silenciosos no banco de trás, acho que eles finalmente perceberam que eu não precisava ver os dois se agarrando.

— Filho da mãe, você engravidou ela, não foi? – disse James de repente alto demais para todos nós que estávamos dentro do carro.

— Amor, calma – disse Vivian – eles vão se casar e tudo, não precisa ficar zangado.

— Sim, James, isso é normal num relacionamento de um casal – Nicholas disse.

— Eu não estou zangado, nem beira isso, eu nem sei o que sentir – ele disse – eu estou chocado, na verdade.

— Como assim? – eu perguntei virando para ele, mas não rápido demais, pois eu poderia passar mal de novo, afinal de contas, meu enjoo ainda não tinha passado.

— Minha irmãzinha, está tendo um filho antes de mim – ele disse – só isso que é estranho.

— Não vai ser depois de um tempo – eu disse para ele – pelo menos você vai ajudar a cuidar.

James riu ruidosamente – eu não vou limpar nenhum cocô se é o que você tenta me dizer, isso é coisa para o pai.

— Eu farei sim – disse Nicholas imaginando a cena e fazendo uma ligeira cara de nojo.

— Eu não sei vocês, mas se vocês não pararem de usar a palavra com "c" nesse carro eu é que vou vomitar – disse Vivian dando fim a essa discussão.

— Emily – disse James para mim – não importa o que aconteça, eu sempre, sempre, vou ter orgulho de você, e agora do meu sobrinho ou sobrinha, cara, nem acredito, vou ser tio.

Passei a mão no rosto dele, com a barba meio por fazer, eu o amava tanto e estava tão feliz por ele me apoiar, ele era simplesmente incrível.

Algum tempo depois, James já tinha descansado um pouco, e estávamos esperando ele e Vivian para sairmos para jantar. Eu estava vestida no tubinho preto com renda que tinha comprado há um tempo e vendo Nicholas colocando os botões da camisa vermelha, ele estava simplesmente encantador usando jeans azul escuro e um blazer preto por cima, nosso jantar seria num restaurante árabe que tinha sido inaugurado há algum tempo, e que estávamos doidos para ir. Quando descemos para a sala Vivian já estava nos aguardando, ela estava linda num vestido roxo apertado que a fazia ficar com a cintura mais fina que eu já havia visto. E James, lindo num jeans e camisa social, ambas pretas.

— Vocês dois, parece que acabaram de sair da capa de uma revista – eu disse.

James para fazer graça puxou Vivian e fez uma pose com ela, eu fingi que segurava uma câmera.

— Vocês dois também, não estão nada mal – disse Vivian – nem parece que tem um bebe ai dentro.

Eu sorri, mas mesmo assim passei a mão na minha barriga, fazendo um quase carinho na vidinha dentro de mim.

— Então, todos prontos? – disse Nicholas – melhor irmos, temos reservas.

— Que horas você fez reservas? – perguntou Vivian — Digamos que eu tenho a mente meio operacional – disse Nicholas – e enquanto vocês sonham, eu planejo, e enquanto vocês planejam eu executo.

O jantar foi simplesmente maravilhoso, sem duvida a culinária árabe tinha

um tempero único, o cordeiro assado estava maravilhoso. Conversávamos animados, e eu preferi tomar apenas vinho sem álcool para não fazer mal ao bebê.

— James – disse Nicholas – eu e a Emily temos que te dizer que não iremos casar no mesmo dia que vocês dois, na verdade, tivemos que adiantar um pouco a data do casamento.

— Como é? Agora que ela engravidou não quer mais casar? – perguntou James meio irritado.

— Acidente de percurso — disse Vivian apontando para minha barriga.

– E quando vocês estão pensando, dê uma data então?

— Bom – eu disse – que tal, daqui a quatro dias?

— Vocês estão loucos? Como assim quatro dias? E todas essas frescuras que se fazem num casamento?

— Bom, eu e o Nicholas vamos fazer algo menor, em compensação iremos para o Brasil na lua-de-mel.

— Concorda com isso Emily? – perguntou James – você sempre dizia quando brincava que queria um casamento enorme, cheio de convidados.

— Eu também dizia que queria entrar na igreja de unicórnio – eu disse – eu não a acho que vá doer cortar algumas coisinhas.

— Mas, você não vai querer uma festa?

— Eu creio que o mais importante eu já tenho – disse eu olhando para Nicholas – sentir-me amada, e um belo noivo.

Nicholas sorriu, James ergueu suas mãos num típico gesto de "faça—como —quiser", e eu tomei outro gole do meu vinho sem álcool após brindar com Vivian.

Eis a Felicidade

Eu não achava que cinco dias poderiam passar tão rápido, mas sim, passaram, e quando dei por mim, era a manhã do dia do meu casamento. Vivian estava frenética batendo à porta do quarto de Nicholas, que agora era nosso, e chamando por mim.

— Já vou... – eu disse realmente sonolenta.

— Apresse-se e aproveite para chamar o senhor perfeito para pegar os trapinhos dele e ir se arrumar junto com James lá na outra casa.

— Mas por quê? – eu perguntei abrindo a porta.

— Por que dá azar ver a noiva vestida antes do casamento – ela disse – pelo menos é o que eu assisti dizendo em todos os filmes românticos desde que me entendo por gente, então, deve ser verdade.

Ela entrou no quarto arrastando uma maleta enorme com ela, depois de

arrastá-la para o centro do banheiro do casal, ela voltou para perto de mim, que preguiçosamente tinha voltado para a cama, e sorria baixinho com Nicholas enquanto Vivian se descabelava.

— Ah! Não! Eu não quero ter que jogar agua fria em vocês dois.

— Tudo bem – Nicholas disse – tudo bem, eu estou me levantando.

— Sua mala já está pronta? – Vivian pergunta.

— Já e a da Emily também – Nicholas responde.

— Perfeito, leve as duas lá para baixo e coloque-as no carro, tem café—da —manhã lá embaixo, e não se esquece de levar sua roupa para a outra casa, pelo amor de Deus.

— Sim senhora — Nicholas respondeu divertido, e me dando um beijo rápido saiu pela porta.

Eu estava verdadeiramente feliz por ter alguém cuidando de mim, Vivian era melhor que um exército, tão cheia de energia, e apesar de eu estar extremamente cansada ela estava me motivando.

— Lava esse rosto e escove os dentes e se prepare para uma manhã de cuidados – ela sorriu – eu já volto com seu café.

Minha festa seria no fim da tarde, então quando ela voltou para o quarto ela não estava só, ela trouxe uma depiladora, uma maquiadora, uma massagista, uma cabeleireira e mais alguém para ajudar—nos a nos vestir.

Eu estava preocupada com o rumo que as coisas estariam levando lá embaixo, mas ela pediu que eu não me preocupasse, já que ela tinha contratado alguém para cuidar de tudo, com o aval de Nicholas.

Depois do meu café aí sim, eu estava revigorada, me mandaram ficar na banheira enquanto me enchiam de abrasivos de pele, espumas de banho, óleos perfumados, mascara hidratante nos cabelos, depois depilação, massagem unhas artísticas, cabelo, quando eu percebi já era hora do almoço, preocupada se James e Nicholas teriam o que comer Vivian me acalmou.

— Eles têm tudo o que precisam lá, inclusive cabeleireiros também, relaxe

– ela disse.

Acalmei-me um pouco, algum tempo depois era a hora do vestido e da maquiagem, a maquiadora se chamava Aline Hueter e fez um excelente trabalho, eu estava bem mais que apresentável, digamos assim. Tinham feito pequenos cachos no meu cabelo, e meu vestido estava tão perfeitamente colocado que eu mal o sentia.

O relógio tocou às cinco da tarde, provavelmente Matheo já estaria lá embaixo com a nova namorada dele, que decidiu vir junto de ultima hora, Eric também veio, e diferente do que eu pensava, ele não apenas voltou a ficar com a Christie, como foi capaz de trazê-la para meu casamento. Alguns amigos de Vivian, o juiz de paz, e pronto. Um minúsculo casamento, bem do jeito que eu pretendia.

— Está na hora – Vivian me disse.

Ela também estava linda num vestido de rendas até o joelho marfim e azul claro.

— Estou nervosa – eu disse, finalmente confirmando, para mim mesma aquilo que eu estava sentindo.

— Se você estiver ficando assim, lembre-se que lá embaixo tem dois caras maravilhosos, um esperando por você e outro para mim.

— Como assim? – perguntei.

Você vai ver.

— Prontas? Em três... Dois... Um... – contou o mestre de cerimonias que Vivian tinha contratado, para a quantidade de pessoas lá embaixo, não fazia sentido todo esse povo trabalhando.

As portas se abriram, e enquanto eu descia as escadas eu tive a minha maior, e melhor surpresa.

Olhei para Vivian que olhou para mim dizendo um "me culpe" e sorri feito uma boba, lutando contra as lagrimas que queriam me invadir os olhos.

Eles tinham organizado tudo pelas minhas costas, eu não sei o que tinham feito com as coisas que eu tinha escolhido, mas essa não era a festa que eu tinha

organizado. Além das pessoas que eu já esperava tinham pelo menos mais 120 pessoas, amigos de Nicholas, de Vivian, algumas pessoas do trabalho e amigas minhas da antiga cidade, que eu achava que não veria tão cedo.

Quando eu parei na escada não foi James, mas sim Matheo quem veio me pegar por um braço, ele estendeu para mim um buque de flores, as rosas arco—íris que eu queria. Do outro lado Eric pegou o braço de Vivian, no começo eu não entendi nada, mas quando ele deu para ela um buquê com lírios brancos, eu me surpreendi.

— Não pode ser – eu disse.

— Claro que pode – ela me garantiu – dissemos que faríamos isto e faremos juntas – rapidamente ela retirou a faixa azul claro do vestido e o restante do comprimento do vestido se revelou, eu percebi que era o vestido que ela tinha escolhido quando fomos à loja de noivas.

Ela me deu um abraço rápido e começou a tocar a música “Anywhere” do Evanescence, era a deixa para nós andarmos entre as fileiras de convidados que olhavam sorrindo para nós calorosamente.

Lá na frente James estava lindo esperando por Vivian, ele estava em um

terno acinzentado, sem gravata, já que eles tinham organizado tudo para ser ao ar livre, por isso a insistência de Vivian para que eu não usasse véu à tarde, apenas um enfeite de flores, como as antigas gregas.

Olhei para o homem esperando por mim, Nicholas estava encantador, ele vestia o conjunto de terno preto mais finamente passado que eu já vira, dava para notar que tinha sido feito para seu molde. O cabelo dele penteado formal, ele até usava uma gravata borboleta preta para combinar, mas eu sabia que o motivo era por que eu tinha dito que ele ficaria lindo em uma dessas.

Meus passos iam um após um até minha felicidade, eu não esperava que eu pudesse fazer meu nervosismo sumir tão rápido, mas como Vivian disse, eu tinha um homem esperando por mim ali, e era um homem estonteantemente lindo. Eu cheguei ao seu lado, ele beijou minhas mãos rapidamente. E nós quatro tocamos as mãos, eu e Nicholas, Vivian e James, como se estivéssemos abençoando um à união do outro.

O Juiz de paz começou a falar, discorreu sobre o que era o verdadeiro significado do amor, nos fez rir até contando uma piada, e meia hora depois nos fez levantar e pegar cada um nossas alianças, para que fizéssemos os votos.

Vivian e James fizeram seus votos primeiro, uma lágrima veio aos meus olhos, era costume que o homem fizesse uma poesia para a mulher, e eu não sabia como Nicholas se viraria com isso, mas quando na vez dele, eu não tive como conseguir me controlar, as lágrimas desciam devagar, quase como se

expelidas pela alma, e um par delas rolou lentamente pela minha face ao ouvi-lo dizer.

"Jamais imaginava que seria o seu olhar a fonte de minha força. Que seria a sua alma que enfeitiçaria a minha. Que seria seu coração que desvendaria meus segredos. Que seriam os seus olhos a luz de meu destino... Mergulhei em seus olhos, Me encantei com seu olhar e virei refém de seu coração. Desvendei um mistério Que busquei a vida inteira desvendar. O mistério que o amor pode nascer quando olhos se cruzam, Uma alma mergulha em outra e um sentimento chamado amor se torna imortal, quando o coração e a alma se rendem aos olhos! Por isso minha Emily, eu prometo buscar o amor dentro do seu coração. Prometo cultivá-lo. Prometo lhe dar consolo quando precisar. Prometo te amar, Prometo fazer dos problemas momentos insignificantes. Prometo te dar apoio, Compreensão. Prometo—te acima de tudo A minha amizade. Prometo estar sempre ao seu lado. Prometo encontrar seus sorrisos e enxugar suas lágrimas. Prometo ficar acordada velando por teu sono. Prometo que vou buscar toda a forma para lhe fazer feliz. Prometo que as estrelas serão suas e que a lua será nossa... São milhões de promessas De um Verdadeiro Amor sem limites, que jamais terá fim. Prometo!"

Minhas próprias palavras pareceram tão sem graça depois de ele ter escolhido os meus dois poemas favoritos, eu então fiz os meus.

"Você é a brisa depois da tempestade. Eu não queria acreditar que era meu esse sorriso estampado no seu rosto. Eu não quis acreditar que eu deveria estar ali, de certo modo, eu não queria acreditar que poderia fazer alguém tão feliz assim. Mas, a sua felicidade é inegável. E a minha também. Hoje celebramos a alegria de estarmos juntos, de enfrentarmos tantas coisas e ainda assim, permanecermos de pé. Eu me comprometo a manter este sorriso enquanto eu

existir...".

Dali, valsamos a primeira valsa de casados, meus amigos vieram me cumprimentar, cumprimenta-lo, Nicholas parecia encantado e extasiado com tudo, e eu também, com ele, por ele, pois agora eu era dele, pela eternidade e além, além o quanto Deus me permitisse.

— Eu estou tão feliz – ele sussurrou ao meu ouvido – eu amo você.

A terra dos lençóis

Eu nunca tinha visto um lugar tão lindo e tão ensolarado ao mesmo tempo. Parecia que eu estava num cenário de filme com fotografia minimalista. Tudo parecia tão somente azul e branco, chegava a ficar difícil distinguir onde começava um e terminava outro. Nicholas parecia em casa, eu sempre soube que a cor dele combinava com o sol, e eu me sentia completa por ser parte dessa felicidade.

— Vem, minha pequena – ele dizia para mim enquanto me incentivava a subir numa prancha enorme – eu prometo que cuido de você.

— Eu sei que você vai cuidar de mim, mas eu tenho medo de cair – eu disse, sorrindo e nervosa ao mesmo tempo, enquanto ele sorria para mim.

— Eu nunca vou te deixar cair – ele disse – confia em mim.

— Certo... – eu falei, mas ainda estava relutante, stand up paddle, não é para qualquer um, especialmente quando esse “um” tinha medo de águas desconhecidas – mas me segura, se eu cair...

— Você não vai, eu não deixo.

Subi na prancha, primeiro fiquei de joelhos, e depois, com as pernas bambas, comecei a me equilibrar enquanto Nicholas segurava minha mão. Ele me fez sentar na parte da frente da prancha, com as pernas cruzadas, pegou o remo e começou a levar a prancha por todo o caminho ao redor da lagoa.

— E então? Caiu?

— Não, foi como você disse, você não deixou – olhei para ele, que apenas com uma bermuda leve de surfista, parecia mais jovem do que nunca, o bronzeado natural da pele dele tinha se renovado, e os olhos dele brilhavam sempre que ele sorria – você parece tão feliz aqui.

Eu pensei que tinha pensado a última frase, mas eu tinha falado em voz alta, e ele respondeu: — Eu estou feliz – ele moveu o remo a favor da água para mudar a prancha de direção enquanto falava – eu tenho você, nosso bebê, eu amo vocês dois mais que o ar que eu respiro. Eu não preciso de mais nada.

Envolvida pelas palavras de Nicholas e pelo sol maravilhoso de perto da linha do equador, eu fechei os olhos, mergulhando na estranha sensação de calor, e na certeza de que eu era amada.

— Quer tentar? – Nicholas me perguntou, arrancando-me dos meus pensamentos – é fácil.

— De modo algum! Eu prefiro ficar aqui mesmo, e apreciar a vista. Eu amei o lugar que escolheu.

— Eu apenas pensei em algum lugar que você simplesmente não esperasse, devo confessar que foi inesperado até para mim. É tão mais lindo que as fotos que eu vi na internet.

Ficamos dando algumas voltas na lagoa, só quando o sol já estava alto o suficiente para ser perigoso, Nicholas insistiu para que fossemos de volta para o hotel.

— Bom dia, senhora Monteiro – Nicholas disse para a dona do hotel – uma linda vista a senhora tem aqui, imagino como é viver num lugar paradisíaco desses.

— É verdade – eu me intrometi – olha esse lugar! A senhora realmente vive num pedaço do paraíso.

— Sim, senhor e senhora Theodoridis, é um pedaço do paraíso, daqui surgem as melhores histórias – ela disse. E ficou olhando para nós dois com um carinho tão profundo, que eu senti como se ela nos conhecesse tão bem quanto nós mesmos.

— Com sua licença – Nicholas pediu – nos retiramos agora.

— Á vontade, tenham um bom descanso.

Nicholas levou-me para o quarto, ele já tinha pedido, nalgum momento, que o almoço fosse servido na varanda do quarto. Meu marido pensava em tudo com maestria.

— Marido... – eu repeti em voz alta.

— O que foi? – Nicholas perguntou com um sorriso no rosto, o bronzeado lhe caia perfeitamente bem, os dentes dele pareciam refletir as nuvens do céu de tão brancos.

— Marido... Ainda não me acostumei com essa palavra... É tão estranha, íntima, e...

— E?

— E inapropriadamente adequada.

— Inapropriadamente adequada – ele repetiu sorrindo – pois para mim, as palavras: esposa, mulher. Encaixam-se perfeitamente com você, especialmente por saber que você é minha.

Fiquei admirando aquele olhar da cor do mel por mais alguns instantes. Nicholas não somente parecia feliz, ele parecia pleno. Eu poderia dizer, sem sombra de dúvidas, que ele nunca esteve mais lindo. E isso nem era humanamente possível, pois eu mesma já tinha dito isso mil vezes, mas ele nunca cansava de me surpreender. Em sua eterna juventude, Nicholas, e seus cabelos dourados, sendo acariciado tranquilamente pelo vento, seu sorriso de um milhão de dólares, seu corpo perfeitamente desenhado e sua alma leve. Ele, por inteiro, era o meu paraíso pessoal.

— Você parece feliz...

— Eu não pareço feliz – ele cruzou os braços na frente do corpo, sobre a mesa – eu estou feliz. E me atrevo a dizer que a senhora – ressaltou a palavra – senhora Theodoridis, também está.

— Não sei... – uma sombra de preocupação passou pelo rosto de Nicholas, eu continuei – acho que felicidade é pouco para o que sinto, na verdade, eu não imagino uma definição para isso. Por isso apenas fico parada, contemplando essa sensação, apreciando cada segundo dela.

— Eu farei o possível, com tudo que há em mim, para que você nunca deixe de se sentir assim.

— Ah, por falar nisso – eu disse – eu tenho uma surpresa para você.

— Que seria?

— Espera.

Andei até o quarto e voltei, trouxe um envelope branco, com o logotipo da

clinica obstétrica que estava me consultando, e estendi para ele.

— Do que se trata?

— Apenas uma notícia boba... – tentei disfarçar – algo para no adiantarmos. Sei lá, escolhermos um nome.

— Nome?

— Sim, qual seria o nome do nosso bebê?

— Eu não sei, tenho algumas opções, mas tenho que saber se você concorda – ele disse – caso fosse menino, creio que Henri seria bem colocado. E se menina...

— Nicole.

— Nicole?

— Sim, a miniatura daquela coisa que eu mais amo nessa terra. É um belo nome, não acha?

— Completamente – ele me sorriu – É o que eu acho que é?

— Provavelmente.

Nicholas abriu o envelope, parecia até que o conteúdo era antraz, com extrema cautela. Leu as palavras alí impressas, e virou para mim com um sorriso.

Nicholas levantou-se da cadeira e veio até mim, tomando-me pela mão, me fez adentrar no quarto outra vez. Apenas o barulho do vento que balançava as cortina, foi testemunha dos prazeres indizíveis que nos envolveram naquela tarde.

Chamada Final

Nossa lua de mel no Brasil foi incrível, apesar de não poder ter sido prolongada, pois Nicholas teria que viajar em breve para uma audiência que não seria no foro da nossa cidade. Ele passaria cerca de um mês lá e James também iria junto, e isso faria com que eu e Vivian, depois de aproveitarmos 10 dias de lua de mel nos lençóis maranhenses, tivéssemos que ficar um mês sem os respectivos maridos.

— Tudo bem – ela dizia – pelo menos nós poderemos decorar o quarto do bebê nesse meio tempo.

E foi o que nós fizemos. Perto da data de eles voltarem, o quartinho já estava pronto, seria uma surpresa.

Minha rotina estava ficando difícil devido a minha barriguinha que já estava sobressaindo, a única parte boa era que os enjoos tinham acabado, mas só, agora eram meus pés que inchavam. Ainda assim eu tinha que ir daqui para a faculdade, da faculdade para o trabalho, do trabalho para casa, e muitas vezes passar por uma bateria de exames pré-natais.

A vida é corrida, e quando eu pensava que não, já estava faltando uma semana para que eu completasse seis meses. Nicholas chegaria nesse começo de

noite, e Vivian estava organizando as coisas dela na casa dela para receber James também.

Meu celular vibrou.

"Eu te disse que seu tempo estava acabando, finalmente eu te encontrei".

Eu não queria me estressar com isso, mas eu estava ficando nervosa. Durante a festa, Christie não parecia estar zangada comigo, eu pensei que estaria tranquila finalmente, eu pensei que estava livre, foram quatro meses aproximadamente sem receber esse tipo de mensagens.

O celular vibrou novamente.

"Você tem uma bela casa, escolheu bem".

Que droga, eu não queria me irritar. Olhei para o relógio, eram cinco e quarenta e cinco, Nicholas chegaria logo, James também chegaria logo, e isso era tudo o que eu queria.

O celular vibrou outra vez, eu não queria abrir a mensagem, mas ainda assim fui impelida.

"viu só?" era uma mensagem com esse texto simples, mas o mais chocante não era o que tinha sido escrito, mas sim a foto, quem quer que fosse que estivesse ali, falando comigo por texto, estava na frente da propriedade, pois a foto tinha sido recém—tirada, não tinha outro jeito de o pôr—do—sol ter a mesma tonalidade.

Mandei uma mensagem para Vivian.

"Onde você está? Feche a porta de casa, eu acho que tem algum invasor aqui".

"Ok" ela respondeu segundos depois.

Eu fui correndo na direção da cozinha, tranquei as portas, e fiz o mesmo com a porta da sala de estar “péssima hora para ter porta de correr de vidro" eu pensei.

Estava tudo anormalmente silencioso.

Outra mensagem.

"Eu estou chegando perto...", a foto mostrava a frente da casa de Vivian, com a porta aberta e Vivian de costas para quem quer que tenha tirado a foto.

Eu peguei o celular para ligar para ela, assim que ela atendeu eu dei para ela um alô débil.

— Vivian, você está bem? Por favor, sai daí.

Ela não disse nada, eu apenas ouvi um barulho de um soco, e um grito, e a ligação caiu.

Eu corri até lá para ver o que estava acontecendo, a noite já estava caindo devagar, o dia assumia uma frialdade da noite, que o obscurecia.

Eu girei a chave na maçaneta da porta de vidro e percebi que tinha uma parte do vidro quebrado praticamente ao meu lado, não iria mais adiantar eu me trancar, não assim.

Nunca senti tanto medo em minha vida.

Até que todos os telefones da casa e meu celular começaram a tocar ao mesmo tempo.

O telefone não parou de tocar, não foram uma e nem duas vezes, mas insistentemente que eu tive que desistir de contar para manter a sanidade. Nicholas ainda não tinha chegado, eu tinha que manter o celular ligado, assim, quando ele me ligasse eu poderia dizer finalmente para ele o que estava acontecendo. Em meio a tudo eu só conseguia passar a mão levemente em minha barriga "meu bebê...", eu pensava, e meus olhos enchiam de lágrimas.

O celular parou de tocar finalmente. Parecia um segundo de paz em meio ao pesadelo que estava sendo a minha noite. "Nicholas, chegue logo, era tudo o que eu pensava". O sinal de mensagem avisou que eu tinha acabado de receber um texto no meu celular. Eu abri. Minhas mãos estavam suadas, eu tremia de forma exagerada, eu me sentia enjoada, intranquila, mas eu não iria me dar por vencida, não quando não era só eu quem estava em jogo.

Eu abri o texto.

"Finalmente, eu não achei que esse dia chegaria...".

Lágrimas inundaram meus olhos, mas eu não podia, e eu nem queria me dar por vencida, justo quando tudo parecia caminhar para a perfeição. Quando finalmente tudo estava certo. Lembrei-me de Vivian, será que ela estava bem? Quando eu entrei na casa de hóspedes que agora era dela e de James, a única coisa que ela conseguiu dizer foi – corra! – antes de desmaiar.

Mais outro sinal, outra mensagem.

"Eu estou chegando mais e mais perto...".

Insuportáveis Sons

Eu corri, fui para o quarto de hospedes que ficava no andar de baixo, o que tinha duas camas de solteiro. Quando eu entrei, eu percebi que ele estava sem a chave, só me restava prender a porta com alguma coisa, qualquer coisa pesada. Arrastei uma das camas até a porta, mas ela não era tão pesada, e eu percebi que eu mesma tinha me colocado num beco sem saída.

Se eu tentasse escapar pelas janelas, corria o risco de ser pega lá fora, se eu ficasse eu seria pega aqui. Eu já estava exausta, mal conseguia dar um passo, minhas pernas parecia que iam a qualquer momento perder as forças.

Meu corpo estava exausto, mas eu tinha que me esconder, não por mim, mas pelo meu bebê, por Nicholas, James, Vivian, ela estava caída no chão, desmaiada, tinha que ligar para ela.

Disquei o número da polícia.

— Departamento de Policia de East Valley, em que posso ajudar?

— Por favor, me ajuda, tem alguém na minha casa, atacaram minha amiga ela está desmaiada.

— senhora, mantenha a calma, já rastreamos seu endereço, estamos nos deslocando para o local.

— por favor, venham rápido — eu implorei.

Eu queria que ela ficasse ali e me desse uma direção, sobre o que eu deveria fazer, mas quando percebi o telefone tinha ficado mudo. "a bateria, que droga!". Eu não sabia o que isso significava, eu só queria me esconder.

Corri para o fundo do closet, que era o lugar mais protegido que eu tinha para mim. Silencio mortal se instalou, eu pensava que o barulho de todos os telefones da casa fosse o pior pesadelo que eu poderia ter, mas não, o silencio de agora era muito pior, era uma tortura silenciosa, como se eu estivesse esperando que a qualquer momento alguém saltasse da escuridão para me pegar, envolvi meus braços ao redor do meu ventre, eu temia por mim, temia pela vida que estava dentro de mim mais ainda, e eu não sabia como eu faria para fugir daqui agora.

O silencio foi rompido, a porta do quarto provavelmente foi chutada com

força, os pés da cama que tentavam prendê-la e mantê-la bloqueada começaram a arrastar. Os chutes prosseguiram, um barulho ensurdecedor de madeira rangendo revelava que o bloqueio que tentei fazer na porta tinha sido em vão, e estava sendo arrastado com facilidade.

Eu não tinha mais saída talvez, comecei a implorar mentalmente para que Nicholas chegasse, mas também ao mesmo tempo eu implorava o contrário, por que se ele viesse e se ferisse; eu não iria suportar. A porta do closet onde eu estava me escondendo abriu de uma vez, ali estava ele, finalmente, eu nunca poderia imaginar, depois de ter tentado por vezes, sem sucesso, culpar Christie pelas mensagens eu nunca poderia imaginar.

— Então, é aí que você está se escondendo... — disse, com um sorriso perverso no rosto.

— Trevor? — foi só o que eu pude articular.

Trevor estava com o rosto totalmente desfigurado, provavelmente estava sob o efeito de alguma coisa, entrou no fundo do closet onde eu me escondia e pegando meus cabelos arrastou-me para fora, enquanto eu gritava, ele só conseguia falar cada vez mais alto seguido de um sorriso de puro sadismo.

— continue gritando, isso está ficando cada vez melhor.

Ele me arrastou para fora dali, eu lutava para tentar me desvencilhar, mas a cada vez que eu fazia isso, ele puxava-me com mais força, e uma vez chegou a desferir uma pancada violenta nas minhas pernas me forçando a me arrastar e facilitar o trabalho dele, como ele disse.

Ele me arrastou até o meio da sala, eu não sabia o que fazer, eu não tinha opção mais, era isso então? Eu iria morrer ali? Sem poder pelo menos me despedir de alguém?

Enquanto ele dava passos firmes na minha direção eu tentava me afastar mais dele, eu tinha que saber pelo menos o porquê, eu não poderia partir assim, quanto mais perto ele se aproximava, mais eu me afastava, minhas pernas estavam bambas de pavor, mas eu não poderia me deixar vacilar, se eu caísse, seria um adeus sem ao menos a chance de me defender.

— Quanto mais você tentar fugir, princesa, mais difícil vai ser para você quando eu te pegar.

Eu sabia que ele não estava blefando, o que ele tinha a perder? Insisti e dei mais dois passos para trás, até que bati na bancada da cozinha, o único jeito de

me esconder agora era dando a volta, mas quando eu olhei para o lado, e calculei o tempo que eu levaria para rodear o móvel e me abaixar atrás dele, foi o tempo necessário para que Trevor tirasse da parte de trás da calça, onde estava provavelmente escondido, um objeto metálico, cujo brilho mortal foi acentuado pela pouca iluminação que havia na sala.

"Uma arma".

— Você não vai querer fazer isso — disse ele para mim.

— Eu não vou fugir — eu disse, impressionada com a clareza na minha voz — eu vou ficar quieta, eu só preciso entender, por quê? Por que eu?

Trevor riu diabolicamente. Achando minha pergunta ridícula. Ele pegou o revólver, coçou a beirada da cabeça com ele e como se eu precisasse de mais detalhes ele disse.

— Você me arruinou desde que você se mudou para essa maldita cidade, você fez de tudo para que as coisas dessem errado para mim.

Eu não sabia do que ele estava falando, eu nunca tinha feito isso, mas eu não iria confrontá-lo nesse momento, eu não queria que ele se irritasse ainda mais.

— As coisas não deram certo entre mim e você, o que você fez? Foi lá e mandou que a Vivian se separasse de mim. Eu tentei relevar, eu tentei ser teu amigo, mas o que você fez? Roubou meu trabalho de mim, só por causa do maldito do seu irmão, que foi lá me denunciar. Quando eu estava me reerguendo, tentando conciliar minha vida tudo de novo, pronto, a miss certinha achou-se no direito de defender a amiga me denunciando. Sabe o que está acontecendo comigo agora Emily? Tem ideia do quão perigoso é o pessoal que está atrás de mim?

Eu não fiz nada, não acenei, não concordei, não tinha ideia do que fazer. Ele olhou para mim como se esperasse alguma reação, quando eu não dei nenhuma, ele disse.

— Acha que não é um bom motivo?

— Não Trevor — eu disse — não é, por favor, se for dinheiro que você estiver precisando, se é isso que você quer, Nicholas pode dar para você.

— Não é isso que eu quero — ele berrou — o que eu tenho que fazer é acabar com você, e depois, a sorte dirá.

Atrás de mim minhas mãos tateavam cegamente algo que eu pudesse usar, eu queria uma faca, alguma coisa, mas o máximo que eu encontrei foi uma estatueta pequena, a mesma que eu ganhei de Vivian no meu aniversário, uma obra barata de um artista de rua, mas que era única por que foi o primeiro presente que ela me deu com seu trabalho, então para mim valia muito, eu pedi desculpas a Vivian pelo que estava prestes a fazer, mas eu não tinha escolha.

Ao longe eu vi um farol entrar na propriedade e desligar "Nicholas não! Agora não!" eu pensei. Se Trevor o visse sem duvidas iria mata-lo, eu não poderia permitir isso, se era a mim que ele queria, era a mim que ele teria, eu partiria daqui, e eu levaria o meu bebê comigo, a mãe dele seria o túmulo dele. Eu seria dele para sempre. Tentei me concentrar para não errar, Trevor continuava falando sobre os motivos pelos quais ele me tinha como sua inimiga principal. Eu não teria outra chance. Eu vi Nicholas abrir a porta malas do carro, ele estava descarregando a mala, meus olhos encheram de lágrimas, eu não queria que ele se machucasse. Não, não Nicholas.

Meu olhar me enganou, Trevor olhou para a direção que eu estava olhando, ele moveu então o revolver para frente dele, fazendo mira, eu imaginei um dos olhos dele fechado, mirando para acertar Nicholas de primeira. Foi ai que com toda força eu lancei a estatua na direção dele, eu não poderia errar a mira, não poderia. A pequena e pesada porcelana girou no ar, o movimento dela parecia gracioso, as duas amigas esculpidas se abraçavam enquanto rodopiavam, Trevor engatilhou a arma, e quando ele ia apertar o gatilho, a escultura o atingiu na cabeça, gerando um pequeno corte, e fazendo com que ele cambaleasse alguns passos.

Eu aproveitei e corri a plenos pulmões, passando por ele, a única coisa que eu conseguia pensar era em proteger Nicholas, eu gritei o nome de Nicholas, que veio correndo na minha direção enquanto eu corria para ele, o olhar dele era assustado, eu pedi para ele se proteger, mas ele não me ouviu, em vez disso, continuou correndo para mim, mas os olhos dele nesse momento pararam de olhar para mim, e se fixavam em alguma coisa além. Eu ouvi um barulho forte ecoando pelos montes que rodeavam a nossa casa em East Valley. Eu estava cansando rápido demais de repente. Eu tinha que correr mais, mas eu não conseguia. Nicholas continuou correndo mais, o olhar dele estava perdido em algum ponto na minha roupa, eu não queria olhar para baixo, ele iria brigar comigo por estar sem casaco com todo esse vento frio, mas eu tinha que olhar.

Quando eu olhei, foi bem a tempo de Nicholas pegar-me em seus braços, eu tinha uma enorme mancha de sangue escorrendo pela minha blusa branca. Eu olhei para o rosto de Nicholas, ele estava sofrendo, ele estava chorando. Eu nunca tinha o visto chorar antes. Não, eu tinha que buscar alguma coisa dentro de mim para dizer para ele. Qualquer coisa. Mas eu não conseguia mais achar minha voz. Tudo estava ficando tão frio. Nicholas chorava para mim pedindo-me que ficasse com ele. Meu Deus, como eu queria confortá-lo e dizer que tudo ficaria bem. Eu ouvi a voz de várias pessoas, Nicholas não desviou o olhar de mim para olhar para elas, ele ficou me olhando. As pessoas pareciam fantasmas negros correndo ao meu redor, uma delas parou perto de mim, e gritou.

— Chamem uma ambulância!

"Ah! Meu amor! como eu te amei desde sempre, como eu te amei desde o primeiro momento em que eu te vi!". Eu queria dizer para ele. O frio estava ficando insuportável, Nicholas me abraçava cada vez mais forte contra ele, eu podia jurar que eu estava escutando as batidas do coração dele de tão forte que

ele me abraçava.

Ele parecia simplesmente lindo em seu desespero, eu consegui reunir forças, o frio tomava conta de mim e não queria me deixar falar com ele. Eu lutei e estendi minha mão para tocar no rosto dele. Ele parecia tão exausto, então eu vi uma certeza no olhar dele, uma certeza que eu não iria querer para mim no lugar dele. Foi como se eu pudesse me enxergar através dos olhos dele, e me ver naquele momento.

"Eu estou morrendo?".

Eu achei que eu tinha apenas pensado, mas ele me respondeu.

— Não, meu amor, você não está, você vai ficar comigo, eu e você e nosso bebe — ele disse, e eu vi que ele não estava acreditando no que ele mesmo dizia — por favor, fica comigo...

Ele pediu com uma voz tão partida que meu próprio ser partiu-se em mil pedaços, eu queria, eu realmente queria ficar ali com ele, para sempre. Mas eu não conseguia... Eu estava tentando não fechar os olhos, mas eu nunca tinha sentido sono como dessa vez, eu estava tão cansada. Eu teria que pedir desculpas para Nicholas, por que eu não iria conseguir fazer o que ele me pedia dessa vez.

Continuei olhando para o rosto dele enquanto o sono tomava conta de mim, e quando os meus olhos fecharam o rosto de Nicholas entristecido, como um anjo de mármore sobre uma sepultura, tornou-se a última coisa que eu vi.

Sonhos Indistinguíveis

Daqui de onde estou agora, eu ainda consigo ouvir os sons das sirenes, os carros de policia e as ambulâncias. Eu tinha que avisá-los para ajudar Vivian, ela estava ferida, eu não queria que ela ficasse alí sozinha.

Mas de repente, Vivian era só um nome, eu não conseguia dar um rosto para ele, era como se eu tivesse esquecido como ele deveria ser, ele tinha que ser algo mais e não ser apenas um nome.

Eu estava sonhando? Era bem possível.

De repente um nome apareceu ainda mais forte — James.

Eu queria tanto abraçar aquele nome, ele parecia brincar comigo sempre, como numa brincadeira infantil, mas ele fugia de mim. Não importava o quanto eu o perseguisse, ele sempre ficava fugindo, e ganhando.

Então apareceu outro nome, tão mais branco que as próprias nuvens que

emolduravam o céu que eu via – Nicholas.

Quando eu vi o nome parecia que eu tinha sido envolvida em um só abraço. Nicholas era o único nome que para mim tinha um rosto, tinha forma, cor, sabor, cheiro... Era o único nome que fazia lembrar-me de fios de cabelo dourados como o sol, e de um olhar marrom como as avelãs.

Eu não precisei correr atrás dele. Ele veio e se aproximou de mim, me envolvendo, me enchendo de uma saudade, uma saudade tão profunda que de repente a grande verdade caiu sobre mim como um milhão de rochas.

"Eu nunca mais irei vê-lo".

Nunca mais Nicholas, nunca mais o cheiro de Almíscar, nunca mais... Nunca mais o gosto de mar salgado em seus lábios, nunca mais... Nunca mais eu estaria perto dele.

Eu não sabia onde eu estava agora, mas de repente sentime terrivelmente só. Olhei para todos os lados à procura de uma saída. Eu queria acordar desse sonho, queria voltar à realidade onde eu poderia dar um rosto para cada um daqueles nomes que fugiram de mim e captura-los de volta numa pequena rede, como borboletas, mas eu não conseguia.

— É uma menina, meu amor, é uma menina... — eu ouvi uma voz dizer, e instintivamente eu levei as minhas mãos para o meu ventre, ele estava liso. Eu sentia falta de alguma coisa que deveria estar ali, mas eu sabia que essa coisa estaria bem.

Eu sabia que Nicholas a cuidaria até eu chegar, eu queria chegar, eu só precisava acordar deste sonho.

Num momento singular, eu parei de olhar para os nomes, eu comecei a olhar para o lugar, a beleza dali me chamou a atenção, os campos eram tão verdes que eu não conseguia enxergar direito sequer a linha do horizonte, as árvores eram tão enormes, e suas copas eram altas a perder de vista, eu precisava focar muito a minha atenção para que eu pudesse distinguir seus limites, o céu era de um tom tão azul e branco que pareciam meus próprios olhos refletidos.

Olhei para baixo, minha roupa não tinha mais a mancha de sangue que eu sabia que estivera ali, ela estava tão alva quanto a mais clara neve, tão alva que eu tinha que fazer uma careta para vê-la resplandecer direito. Ali era tão cheio de paz, tão cheio de vida, tudo tão calmo que eu de repente não queria mais sair dali, eu queria ficar ali, ali meu coração não doeria mais.

Os nomes passaram, um a um, ao meu lado para se despedir. Primeiro passou o nome de Vivian, o qual eu tentava segurar, mas ele era agitado e fugiu de mim, parecia até zangado.

James foi o segundo, ele me envolveu tão forte, mas tão forte que eu quase senti vontade de ficar com ele, mas eu estava tão feliz aqui.

Nicholas veio acompanhado de outro nome — Nicole.

Eu queria esmagar aquele pequeno nome em meus abraços, mas eu não poderia, por que ele parecia tão frágil. O nome de Nicholas dançou comigo, rodopiou como cigano ao redor de mim, seu cheiro e presença me invadindo.

Ele me envolveu tão docemente.

Ele tinha um rosto, o único nome que tinha rosto, um rosto tão belo quanto o dos mais belos anjos, mas o rosto também começava a sumir da minha mente.

Eu beijei o rosto por trás do nome em despedida. E eu ouvi um choro dolorido quando ele sumiu.

Ele não queria me deixar ali, ele não queria ficar sozinho. Mas eu estava tão em paz! Como se eu tivesse feito alguma coisa pela qual eu deveria me orgulhar.

Eu fiquei naquele campo verdejante, onde nem o céu e nem o chão se encontravam por que ali nada parecia ter limites.

Quais eram mesmo os nomes que eu tinha me despedido? Eu já não lembrava, eu queria lembrar, mas não conseguia.

Só o que importava era o clarão que era aquele lugar, eu abri os braços, eu queria voar, eu queria correr naquele espaço de imensidão, banhada pela luz do paraíso.

E eu corri, corri naquele espaço, parecendo criança.

Eu estava sorrindo.

Eu estava feliz.

A esperança do céu sem ele... Mas quem era ele?

Eu não sabia mais, mas eu sabia que um dia, quando fosse a hora certa, iriamos nos reencontrar.

Últimas Palavras

NICHOLAS

Quando os policiais chegaram o assassino dela, Trevor, já tinha fugido daquele local. Mas não foi muito longe, horas mais tarde quando encurralado pelos policiais que o perseguiram, ele tentou resistir à prisão e efetuou disparos na direção dos policiais que revidaram, levando-o à morte ali mesmo.

Eu não conseguia pensar mais nada, só conseguia chorar, até que eu percebi que tinha que ser forte, assim como ela estava sendo. Mesmo naquele ultimo instante ela estava sendo forte, como sempre foi em toda vida.

Quando ambulância chegou imediatamente cortaram o tecido da camisa dela. Um dos enfermeiros deles ficou fazendo pressão no peito dela. O outro enfiou algum aparelho por sua garganta. "ressuscitador" eu ouvi chamarem o nome, mas eu não sabia o que era esse objeto, eles estavam demorando, eu queria saber o que era e eu mesmo pegava.

Enrolaram—na em algum papel metálico e a colocaram em uma maca que imediatamente carregaram para a ambulância. Eu não sei a que horas eles chegaram ali, mas não me permitiram entrar com ela na ambulância, em vez disso a polícia me colocou em uma viatura e me levou para lá, as outras duas viaturas ficaram vasculhando o terreno em busca de mais possíveis invasores.

Eu odiava Trevor naquele momento, era muito bom que ele não estivesse ali mais de pé, senão eu mesmo o mataria, com as próprias mãos.

Vi dois homens trazendo outra pessoa, eles a carregavam, era Vivian, ela estava desmaiada, eu pensei logo no pior, mas a policial que estava perto de mim colocou a mão o meu ombro e disse que eles a levariam para o hospital e que ficaria tudo bem, como iria ficar tudo bem? Emily não estava bem, eu nunca mais me sentiria bem na minha vida.

No hospital os médicos me perguntaram se eu estava bem. Eu parecia bem? Eu odiava o modo como eles ficavam me mostrando o ambiente, me falando da situação, sobre como o estado da Emily era grave, que droga, eles estavam falando da minha mulher, minha esposa, que tinha o meu bebê. Eles deveriam pelo menos saber que ela iria gostar que eu estivesse perto dela.

— Eu tentei — eu dizia — eu tentei chegar o mais rápido possível, mas não consegui. Se eu tivesse chegado um minuto mais cedo. Pelo menos um minuto mais cedo, eu me martirizava.

— Senhor — outro médico chegou perto de mim dizendo — Senhor, sou o Dr. Lindbergh, eu estou responsável pelo centro cirúrgico que irá operar a paciente. Qual a sua ligação com ela?

— Sou marido dela — eu consegui responder em meio a crescente agonia que me sufocava o peito.

— Qual o seu nome senhor? — disse ele olhando para mim como se eu estivesse doente, eles não deveriam estar lá dentro? Cuidando dela em vez de estar aqui?

— Meu nome é Nicholas, meus documentos — eu estendi meu cartão de advogado para ele.

— Senhor Nicholas, como parente mais próximo no momento, temos que alertá-lo sobre o estado da sua senhora, a atividade cerebral dela é nula.

— O que querem dizer com isso? — eu disse cheio de raiva.

— Estamos lhe avisando que a equipe de obstetrícia está nesse momento fazendo um parto induzido através de cesárea, conseguiremos salvar a vida de seu bebê.

— Muito obrigada! — eu agradeci verdadeiramente — E minha esposa? Como irão ajuda-la?

Eu não queria que eles me dessem a resposta que eu estava temendo.

— Senhor Nicholas — o Dr. Lindbergh disse — a projetil que saiu da arma atravessou o corpo da sua senhora, fazendo com que ela tivesse uma parada cardiorrespiratória, felizmente a equipe conseguiu agir rápido e manteve as funções estáveis por um curto período de tempo, que foi o necessário até ela chegar neste hospital, onde felizmente, conseguimos retirar a sua filha com vida.

As palavras não queriam fazer sentido na minha cabeça, eu não queria acreditar no que ele estava me dizendo. Eu tentava, mas as palavras não faziam sentido para mim.

Eu percebi dois enfermeiros se aproximando para ficar cada um de um lado, eu não sabia o que eles queriam, mas eu também não queria que eles se aproximassem de mim, não até ele terminar de falar.

— Doutor, o que o senhor está querendo dizer?

— Senhor Nicholas, lamento informar que a senhora sua esposa não resistiu aos ferimentos, apesar dos nossos esforços, e veio a falecer.

As palavras me atingiram feito um soco no estomago, eu não queria, eu realmente não queria que elas fizessem sentido para mim, não tanto quanto faziam agora.

Os enfermeiros se aproximaram de mim, eu tentei lutar, por vários minutos eles tiveram dificuldade em me segurar, mas então eu senti uma espetada em meu braço, e comecei quase que imediatamente a relaxar. Eu ainda estava tão bravo, mas tão bravo, com o mundo inteiro, mas um sono me fazia querer dormir e eu apaguei.

Já era manhã quando uma enfermeira me acordou, eu ainda tinha uma esperança de que ao abrir os olhos eu veria minha pequena Emily ao meu lado, e então ela me sorriria como sempre, e eu perceberia que tudo tinha sido um pesadelo. Mas não, as paredes brancas e estéreis me apontavam justamente o contrario.

— Minha esposa? Minha filha? — eu perguntei.

— O seu cunhado, o senhor James, foi avisado, ele deu a autorização para

os procedimentos básicos de liberação, a senhora Vivian, a esposa dele, está com sua filha.

Eu me levantei apoiando-me na cama, minha cabeça latejava, eu tinha que ir vê-las, eu precisava.

— Senhor Theodoridis — disse a enfermeira se aproximando para segurar-me o braço — o senhor tem que descansar.

— Não me diga o que tenho que fazer, eu preciso ir ver minha filha, minha mulher está morta, se afaste de mim.

Ela se afastou instintivamente, eu tentei forçar a vista para olhar o nome no crachá dela, mas não consegui, minha cabeça doía demais. Voltei-me para ela.

— Alguma coisa para dor de cabeça?

Ela rapidamente separou os copos com comprimidos que ela trazia na bandeja com meu café e me deu, eu os engoli em seco e pedi para que ela me

levasse até onde elas estavam.

Quando eu me aproximei de um hall de entrada James foi o primeiro a me ver, ele se levantou e veio correndo em minha direção, abraçou-me forte, nós choramos ali por um tempo, chorei mais naquele momento do que já tinha chorado em toda a minha vida. Quando as lagrimas deram lugar ao silencio eu perguntei.

— Onde ela está?

— Ela foi preparada, está no necrotério.

— Eu preciso vê-la — eu disse.

— Os médicos não permitem — James me disse.

— Ninguém vai me dizer o que fazer ou não.

Eu comecei a andar pelos corredores, me guiando pelas placas penduradas nas portas e as setas que indicavam o caminho. Uma delas dizia necrotério.

Eu abri e entrei de qualquer modo. Os funcionários que trabalhavam no local me pediram para sair, mas eu implorei a eles, que me dessem algum tempo, que eu só precisava me despedir.

Um deles era mulher, e tocada, me deu cinco minutos, mas ficou na sala vigiando meu progresso.

— É este — ela apontou-me para um dos lençóis que cobriam um dos vários cadáveres que estavam ali.

Eu descobri a parte de cima do lençol. E o choque me fez chorar mais forte. Era minha Emily ali, minha pequena, minha esposa. Jazendo no seu leito sepulcral de morte. Ela parecia estar dormindo. Em paz. Eu chorei sobre ela tanto quanto pude.

— Eu amo você, Emily — eu disse — eu nunca irei deixar de amar você, eu prometo — sussurrei contra ela, e dei um ultimo beijo que ficou imóvel em sua boca fria, para que ela pudesse levar para sempre o meu beijo nas eternidades.

— Ela foi uma guerreira senhor — a enfermeira disse.

Eu não queria desviar o meu olhar para ela, eu queria continuar guardando a minha Emily, embalsamando-a com o meu olhar para que ela se lembrasse de mim em sua partida.

— Ela conseguiu ser forte até retirarem a sua bebe dela — ela disse — e eu posso jurar que uma mulher tão forte, iria querer que o senhor fosse forte suficiente por vocês dois agora.

Ela tinha razão, eu poderia lamentar o quanto eu quisesse, mas em algum lugar nossa filha estava viva, o coraçãozinho batendo, como ela seria? Minha Emily, sempre preocupada comigo, e que mesmo ao partir ainda me deixou um presente, o melhor presente que ela poderia me dar. Por que apesar de agora ela estar distante, uma parte dela ainda vive, ainda viverá para sempre.

— Senhora — disse um dos enfermeiros abrindo a porta — os cinco minutos já passaram, ele não está nem usando proteção.

— Senhor Nicholas, acabou o tempo — ela disse, e iria se mover para cobrir o rosto de Emily, mas eu me apressei, e peguei o lençol de sua mão, e suavemente cobri-a novamente, dando um ultimo beijo sobre sua testa fria, para

sentir uma ultima vez, a suavidade que mudou meu destino.

Saí da sala, derrotado, meus passos pareciam estranhos, eu não os controlava, mas eu sabia que eu estava caminhando de volta para o local onde eu havia visto James antes.

Agora James estava com um olhar derrotado, mas ainda assim com um pouco de esperança, ele sabia como eu a amava, ele não duvidou mais de mim por nenhum segundo, desde quando ele prometeu a minha Emily, ele tinha se mantido fiel a palavra.

— Ali... — ele me indicou através do vidro, em uma das incubadoras estava uma linda menina, vestida com um conjuntinho rosa fino, os olhinhos fechados, ela repousava tranquila, havia um pequeno respirador nela, mas não era nada fora do comum, ela era linda como toda carinha de joelho que nasce deveria ser. Eu recobrei ali minhas forças, minha Emily teria gostado que eu fosse forte por ela, para ela, e que cuidasse da nossa filha como se fosse ela mesma quem estivesse cuidando, e isso eu faria, eu seria o porto seguro para essa menina, que era o meu ultimo pedaço de Emily na terra.

Final

Alternativo

Sons insuportáveis

Eu corri, fui para o quarto de hospedes que ficava no andar de baixo, o que tinha duas camas de solteiro. Quando eu entrei, eu percebi que ele estava sem a chave, só me restava prender a porta com alguma coisa, qualquer coisa pesada. Arrastei uma das camas até a porta, mas ela não era tão pesada, e eu percebi que eu mesma tinha me colocado num beco sem saída. Se eu tentasse escapar pelas janelas, corria o risco de ser pega lá fora, se eu ficasse eu seria pega aqui.

Eu já estava exausta, mal conseguia dar um passo, minhas pernas parecia que iam a qualquer momento perder as forças. Meu corpo estava exausto, mas eu tinha que me esconder, não só por mim, mas pelo meu bebê, por Nicholas, por James, por Vivian, ela estava caída no chão, desmaiada, eu tinha que ligar para ela.

Disquei o número da polícia.

— Departamento de Policia de East Valley, em que posso ajudar?

— Por favor, me ajuda, tem alguém na minha casa, atacaram minha amiga ela está desmaiada.

— Senhora, mantenha a calma, já rastreamos seu endereço, estamos nos deslocando para o local.

— Por favor, venham rápido – eu implorei.

Eu queria que ela ficasse ali e me desse uma direção, sobre o que eu deveria fazer, mas quando percebi o telefone tinha ficado mudo.

"A bateria, que droga!".

Eu não sabia o que isso significava, eu só queria me esconder. Corri para o fundo do closet, que era o lugar mais protegido que eu tinha para mim. Silencio mortal se instalou, eu pensava que o barulho de todos os telefones da casa fosse o pior pesadelo que eu poderia ter, mas não, o silencio de agora era muito pior, era uma tortura silenciosa, como se eu estivesse esperando que a qualquer momento alguém saltasse da escuridão para me pegar, envolvi meus braços ao redor do meu ventre, eu temia por mim, temia pela vida que estava dentro de mim mais ainda, e eu não sabia como eu faria para fugir daqui agora.

O silencio foi rompido, a porta do quarto provavelmente foi chutada com força, os pés da cama que tentavam prendê-la e mantê-la bloqueada começaram a arrastar. Os chutes prosseguiram, um barulho ensurdecedor de madeira

rangendo revelava que o bloqueio que tentei fazer na porta tinha sido em vão, e estava sendo arrastado com facilidade.

Eu não tinha mais saída talvez, comecei a implorar mentalmente para que Nicholas chegasse, mas também ao mesmo tempo eu implorava o contrário, por que se ele viesse e se ferisse; eu não iria suportar.

A porta do closet onde eu estava me escondendo abriu de uma vez, ali estava ele, finalmente, eu nunca poderia imaginar, depois de ter tentado por vezes, sem sucesso, culpar Christie pelas mensagens eu nunca poderia imaginar.

— Então, é aí que você está se escondendo... – disse, com um sorriso perverso no rosto.

— Trevor? – foi só o que eu pude articular.

Trevor estava com o rosto totalmente desfigurado, provavelmente estava sob o efeito de alguma coisa, entrou no fundo do closet onde eu me escondia e pegando meus cabelos arrastou-me para fora, enquanto eu gritava, ele só conseguia falar cada vez mais alto seguido de um sorriso de puro sadismo.

— Continue gritando, isso está ficando cada vez melhor.

Ele me arrastou para fora dali, eu lutava para tentar me desvencilhar, mas a cada vez que eu fazia isso, ele puxava-me com mais força, e uma vez chegou a desferir uma pancada violenta nas minhas pernas me forçando a me arrastar e facilitar o trabalho dele, como ele disse.

Ele me arrastou até o meio da sala, eu não sabia o que fazer, eu não tinha opção mais, era isso então? Eu iria morrer ali? Sem poder pelo menos me despedir de alguém?

Enquanto ele dava passos firmes na minha direção eu tentava me afastar mais dele, eu tinha que saber pelo menos o porquê, eu não poderia partir assim, quanto mais perto ele se aproximava, mais eu me afastava, minhas pernas estavam bambas de pavor, mas eu não poderia me deixar vacilar, se eu caísse, seria um adeus sem ao menos a chance de me defender.

— Quanto mais você tentar fugir, princesa, mais difícil vai ser pra você quando eu te pegar.

Eu sabia que ele não estava blefando, o que ele tinha a perder? Insisti e dei mais dois passos para trás, até que bati na bancada da cozinha, o único jeito de

me esconder agora era dando a volta, mas quando eu olhei para o lado, e calculei o tempo que eu levaria para rodear o móvel e me abaixar atrás dele, foi o tempo necessário para que Trevor tirasse da parte de trás da calça, onde estava provavelmente escondido, um objeto metálico, cujo brilho mortal foi acentuado pela pouca iluminação que havia na sala.

"Uma arma".

— Você não vai querer fazer isso – disse ele para mim.

— Eu não vou fugir – eu disse, impressionada com a clareza na minha voz – eu vou ficar quieta, eu só preciso entender, por quê? Por que eu?

Trevor riu diabolicamente. Achando minha pergunta ridícula. Ele pegou o revólver, coçou a beirada da cabeça com ele e como se eu precisasse de mais detalhes ele disse.

— Você me arruinou desde que você se mudou para essa maldita cidade, você fez de tudo para que as coisas dessem errado para mim. Eu não sabia do que ele estava falando, eu nunca tinha feito isso, mas eu não iria confrontá-lo nesse momento, eu não queria que ele se irritasse ainda mais.

— As coisas não deram certo entre mim e você, o que você fez? Foi lá e mandou que a Vivian se separasse de mim. Eu tentei relevar, eu tentei ser teu amigo, mas o que você fez? Roubou meu trabalho de mim, só por causa do maldito do seu irmão, que foi lá me denunciar. Quando eu estava me reerguendo, tentando conciliar minha vida tudo de novo, pronto, a miss certinha achou-se no direito de defender a amiga me denunciando. Sabe o que está acontecendo comigo agora Emily? Tem ideia do quão perigoso é o pessoal que está atrás de mim?

Eu não fiz nada, não acenei, não concordei, não tinha ideia do que fazer. Ele olhou para mim como se esperasse alguma reação, quando eu não dei nenhuma, ele disse.

— Acha que não é um bom motivo?

— Não Trevor – eu disse – não é, por favor, se for dinheiro que você estiver precisando, se é isso que você quer, Nicholas pode dar para você.

— Não é isso que eu quero – ele berrou – o que eu tenho que fazer é acabar com você, e depois ele, e depois seja o que Deus quiser.

Atrás de mim minhas mãos tateavam cegamente algo que eu pudesse usar,

eu queria uma faca, alguma coisa, mas o máximo que eu encontrei foi uma estatueta pequena, a mesma que eu ganhei de Vivian no meu aniversário, uma obra barata de um artista de rua, mas que era única por que foi o primeiro presente que ela me deu com seu trabalho, então para mim valia muito, eu pedi desculpas a Vivian pelo que estava prestes a fazer, mas eu não tinha escolha.

Ao longe eu vi um farol entrar na propriedade e desligar.

"Nicholas não! Agora não!" eu pensei.

Se Trevor o visse sem duvidas iria mata-lo, eu não poderia permitir isso, se era a mim que ele queria, era a mim que ele teria, eu partiria daqui, e eu levaria o meu bebê comigo, a mãe dele seria o túmulo dele. Eu seria dele para sempre. Tentei me concentrar para não errar, Trevor continuava falando sobre os motivos pelos quais ele me tinha como sua inimiga principal. Eu não teria outra chance.

Eu vi Nicholas abrir a porta malas do carro, ele estava descarregando a mala, meus olhos encheram de lágrimas, eu não queria que ele se machucasse. Não, não mau Nicholas. Meu olhar me enganou, Trevor olhou para a direção que eu estava olhando, ele moveu então o revolver para frente dele, fazendo mira, eu imaginei um dos olhos dele fechado, mirando para acertar Nicholas de primeira. Foi ai que com toda força eu lancei a estatua na direção dele, eu não poderia errar a mira, não poderia.

A pequena e pesada porcelana girou no ar, o movimento dela parecia gracioso, as duas amigas esculpidas se abraçavam enquanto rodopiavam, Trevor engatilhou a arma, e quando ele ia apertar o gatilho, a escultura o atingiu na cabeça, gerando um pequeno corte, e fazendo com que ele cambaleasse alguns passos.

Eu aproveitei e corri a plenos pulmões, passando por ele, a única coisa que eu conseguia pensar era em proteger Nicholas, eu gritei o nome de Nicholas, que veio correndo na minha direção enquanto eu corria para ele, o olhar dele era assustado, eu pedi para ele se proteger, mas ele não me ouviu, em vez disso, continuou correndo para mim, mas os olhos dele nesse momento pararam de olhar para mim, e se fixavam em alguma coisa além. Ele me alcançou, me envolveu e virou o corpo dele comigo, me colocando de frente para a casa, enquanto ele dava as costas para a direção em que Trevor estava.

Eu ouvi um barulho forte ecoando pelos montes que rodeavam a nossa casa em East Valley.

— Corra Nicholas, corra, ele está armado.

Mas Nicholas olhou para mim, o olhar dele estava anuviado e perdido, ele olhou para baixo, uma enorme mancha de sangue molhava o tecido do casaco dele, ele olhou para mim outra vez com um olhar amedrontado.

— Entre no carro Emily, e saia daqui... – ele disse enquanto ficava pesado em meus braços, caindo devagar, eu tentava lutar contra o peso do corpo dele para que eu conseguisse leva-lo comigo, eu não consegui movê-lo nem um centímetro. O olhar dele estava perdido, e o meu ainda mais, estava também dolorido, meu Nicholas estava machucado, eu não poderia perdê-lo, não assim. Deus! Eu sentiria tanto sua falta. Eu não corri, eu sabia que eu tinha que fugir, mas eu não poderia, não assim, não quando era deixa-lo para traz, ainda que eu fosse ferida também, ainda que eu morresse, eu jamais conseguiria viver sem ele, se ele partisse eu partiria também. Seriamos uma família no céu.

Ajoelhei-me ao lado dele, coloquei a cabeça dele no meu colo, e minha mão fez pressão no local do ferimento, eu tentava a todo custo estancar o sangramento.

— Beija-me – Nicholas pediu – beija-me porque nunca mais poderás me beijar.

— Não diz isso seu estúpido – eu disse entre lágrimas – nunca mais repita isso.

Eu olhei para o rosto de Nicholas, ele estava sofrendo, ele estava chorando. Eu nunca tinha o visto chorar antes. Não, eu tinha que buscar alguma coisa dentro de mim para dizer a ele. Qualquer coisa. Tudo estava ficando tão frio. Nicholas chorava para mim pedindo-me que fugisse, por ele, por nosso bebe. Mas Deus sabe que nem mesmo um exército seria forte o suficiente para tirar-me

daqui. Eu estaria com ele. Meu Deus, como eu queria confortá-lo e dizer que tudo ficaria bem.

— Eu não queria estragar esse momento, mas eu não poderia estar mais feliz – Trevor disse, ele já estava ao meu lado, eu não podia parar de fazer pressão no peito de Nicholas, mas não pude me impedir quando Trevor me chutou para longe dele. Minha mão suja do sangue de Nicholas protegeu meu bebê. Nicholas tentou mover-se, mas quando ele tentou um fio de sangue escorreu pelo seu lábio.

“Não, meu amor” eu pensei. E quando Trevor estendeu outra vez o cano do revolver em minha direção, apontando diretamente para a área entre meus olhos, e recuou com o polegar o cão da arma, eu apenas fechei os olhos e pedi a Deus que me permitisse encontrar com Nicholas no céu.

O som de um disparo foi ouvido.

Novamente as aves gorjearam enquanto fugiam das copas das arvores das montanhas de East Valley. O Silencio que se seguiu me deixou amedrontada. Só foi partido quando ouvi um barulho de algo pesado caindo próximo a mim. Eu não senti dor, teria eu sido ferida? Arrisquei-me, abri os olhos, eu estava viva, olhei para o chão. O corpo de Trevor jazia aos meus pés, os olhos abertos, frios, ainda olhavam para o vazio. Olhei para a direção de Nicholas, ele tinha os olhos fechados. Então eu ouvi a voz de várias pessoas, Não desviei o olhar dele para olhar para elas.

As pessoas pareciam fantasmas negros correndo ao meu redor, uma delas parou perto de mim, e gritou.

— Chamem uma ambulância!

-Ah! Meu amor! – eu dizia para ele — Como eu te amei desde sempre, como eu te amei desde o primeiro momento em que eu te vi! Eu te amei por séculos nestes dias, eu te amei por toda uma vida – dei um beijo em seus lábios.

Frio, ele estava frio. O frio estava ficando insuportável, eu o abraçava cada vez mais forte, eu podia jurar que eu estava escutando as batidas do coração dele de tão forte que o abraçava.

Nicholas reabriu os olhos para olhar para mim, ele parecia simplesmente lindo em seu desespero, ele conseguiu reunir forças, o frio tomando conta, ele não queria me deixar. Lutando, ele estendeu a mão para tocar-me o rosto. Ele parecia tão exausto, então eu vi uma certeza no olhar dele, uma certeza que eu não iria querer para mim no lugar dele. Foi como se eu pudesse enxergar através dos olhos dele, e me ver naquele momento.

— Eu estou morrendo... – O pensamento passou fugaz, rápido e mortal como o mais potente dos venenos.

— Não, meu amor, você não está, você vai ficar comigo, eu e você e nosso bebe – disse, e eu vi que ele não estava acreditando no que eu dizia – por favor, fica comigo... Eu pedi com uma voz tão partida que meu próprio ser partiu-se em mil pedaços, ele queria, ele realmente queria ficar ali comigo, para sempre, mas não conseguia...

Ele estava tentando não fechar os olhos. Eu o movia, para que o sono não o abatesse, ele tinha o rosto cansado. Continuei olhando para o rosto dele enquanto o sono o arrebatava, eu não o deixei. E quando os olhos de Nicholas se fecharam, o meu rosto entristecido, como um anjo de mármore sobre uma sepultura, tornou-se a última coisa que ele viu.

Sonho Indistinguível

Eu abri os olhos, estava num lugar diferente, eu não conhecia o lugar, mas mesmo assim não me sentia perdido. Ao longe, eu ainda conseguia ouvir o som das sirenes dos carros de polícia e das ambulâncias. Eu tinha que pedir para que eles cuidassem dela, ela estava ferida. Mas, quem era ela?

Eu sentia falta de alguma coisa, eu tinha que voltar para algo, ou alguém, mas quem?

Comecei a caminhar por ali. Eu lembrei minha infância, quando meu pai ajoelhava ao meu lado no quarto e cruzava minhas pequenas mãos para que eu fizesse minha oração antes de dormir, ele me contava como era o céu. Um imenso campo verdejante, um céu mais limpo e mais puro do que o mais claro algodão. Toda sorte de cores brilhavam num ocaso eterno. Eu andei por ali, perdido, mas encontrado.

Bem no meio, daquele enorme campo, havia uma arvore, extremamente frondosa, eu caminhei até lá. Não sei quanto tempo passou, quando eu cheguei perto dela, percebi. Ela estava situada no meio de uma enorme clareira. Alguém sentado à sala sombra.

— Achei que você nunca viria – Ela disse para mim, ela sorria, mas ainda

assim o sorriso não parecia verdadeiro – sente-se aqui – ela gesticulou para o local vago perto dela.

— Você me conhece? – Eu perguntei. Olhando para ela, de modo que eu pudesse, de algum modo, recuperar no que havia em mim algo que eu associasse com a imagem dela. Nada me ocorreu. A pele dela era alva parecia leite fresco, os cabelos tão negros em contraste com sua cor faziam com que eles parecessem ébano sobre o marfim.

— Claro que eu o conheço Sr. Theodoridis – ela disse – e a voz dela tinha algo de mavioso e cadenciado que me fazia querer fechar os olhos para ouvir.

— E o que faz aqui? – perguntei curioso.

— Vim procurar você – ela disse — tenho que te cobrar uma promessa.

— De mim? Mas não a conheço.

— Uma vez você disse que sempre encontraria o caminho para voltar para

mim, mesmo nos seus sonhos, que nunca me deixaria te perder.

Eu lembrava-me disso, mas eu não conseguia lembrar-me, não tinha um nome, ela não tinha um nome, mas eu sabia que esse nome importava.

— Você está feliz aqui? — ela perguntou.

— Feliz? – eu disse – eu não sei – e aquela afirmação me fez sentir terrivelmente só.

— Mãe! – uma voz chamou ao longe.

E eu vi uma vozinha chamando ao longe, uma pequena menina, vestida como uma pequena princesa, com um vestido rosa pálido bufante brincava no jardim.

— Quem é ela? – eu perguntei, a dor ficava maior em meu peito.

— Você tem que voltar para saber, Sr. Theodoridis.

— Voltar para onde?

— Voltar para mim.

Dito isto ela se levantou, pegou a mão da menininha e lançou um olhar para mim, que permanecia sentado sob a árvore, ela tinha lágrimas nos olhos, a roupa dela era clara, um longo vestido claro que parecia diáfano, tanto quanto a mais alva nuvem.

Eu procurava por um nome dentro de mim, minha cabeça ameaçava doer, eu tinha que lembrar, eu queria voltar, mas para onde? Para quem?

— Emily! – o nome saltou com um grito dos meus lábios quando ele surgiu em minha mente – Emily!

Chamei outra vez, ela tinha ido, eu tinha que sair daqui, eu não poderia ficar sem ela, eu preciso dela. Eu corri para o caminho onde ela tinha seguido, eu

teria que encontra-la, demorasse quanto tempo fosse necessário, eu a encontraria, minha amada, minha pequena.

— Emily... – eu chamei com meu último resquício de voz.

Últimas palavras

Eu não conseguia pensar mais nada, só conseguia chorar, até que eu percebi que tinha que ser forte, assim como Nicholas estava sendo. Mesmo naquele ultimo instante ele foi forte, como sempre foi em toda vida. Quando a ambulância chegou imediatamente cortaram o tecido da camisa dele. Um dos enfermeiros deles ficou fazendo pressão no peito dele, depois de retirar minha mão. O outro enfiou algum aparelho por sua garganta. "ressuscitador" eu ouvi chamarem nome. Enrolaram-no em algum papel metálico e o colocaram em uma maca que imediatamente carregaram para a ambulância.

Eu corri para acompanha-lo, mas não me permitiram entrar com ele na ambulância, em vez disso a polícia me colocou em uma viatura e me levou para lá, as outras duas viaturas ficaram vasculhando o terreno. E colocando uma fita amarela e preta, ao redor de onde eles achavam que tinham evidencias, alguém cobriu o corpo de Trevor no chão. Eu o odiava naquele momento, era muito bom que ele não estivesse vivo, senão eu mesmo o mataria, com as próprias mãos.

Vi dois homens trazendo outra pessoa, eles a carregavam, era Vivian, ela estava desmaiada, eu pensei logo no pior, mas a policial que estava perto de mim colocou a mão o meu ombro e disse que eles a levariam para o hospital e que ficaria tudo bem.

Como iria ficar tudo bem? Nicholas não estava bem, eu nunca mais me sentiria bem na minha vida.

No hospital a mesma pergunta, toda hora, “você está bem?”. Que droga! Eu parecia bem?

Eu odiava o modo como eles ficavam ao meu redor, me cuidando, meu marido estava ferido, Deus! Eu não queria pensar no pior, e eles continuavam ali, amontoando-se ao meu redor.

— Eu quero vê-lo! — Eu pedia, eu estava descontrolada.

— Senhora, a senhora não pode no momento, temos que avaliar a sua situação também, seu bebê – uma mulher vestida de branco, que eu acho que era médica me dizia – eu tenho certeza que está preocupada com seu bebê também.

— Eu tentei – eu dizia – eu tentei avisá-lo, eu tentei correr o mais rápido possível, eu queria dizer para ele fugir, mas não consegui.

— Senhora – outro médico chegou perto de mim dizendo – Senhora, sou o Dr. Lindbergh, eu estou responsável pelo centro cirúrgico que irá operar o paciente. Qual a sua ligação com ele?

— Sou esposa dele – eu consegui responder em meio a crescente agonia que me sufocava o peito.

— Qual o seu nome senhora? – disse ele olhando para mim como se eu estivesse doente. Eles não deveriam estar lá dentro? Cuidando dele em vez de estar aqui?

— Meu nome é Emily Theodoridis.

— Senhora, como parenta mais próxima no momento, temos que alertá-la sobre o estado do seu marido, a cirurgia dele é complicada, ainda não sabemos a intensidade do ferimento, estamos fazendo o melhor possível, para dar a ele e à senhora, o melhor atendimento.

— O que querem dizer com isso? – eu disse cheia de raiva.

— Sra. Theodoridis – o Dr. Lindbergh disse – o projetil que saiu da arma ainda está alojado no corpo do seu esposo, a cirurgia será delicada, temos que estar preparados para todo e qualquer resultado, sendo ele positivo – ele disse – ou negativo.

As palavras não queriam fazer sentido na minha cabeça, eu não queria acreditar no que ele estava me dizendo. Eu tentava, mas as palavras não faziam sentido para mim. Eu percebi dois enfermeiros se aproximando para ficar cada um de um lado, eu não sabia o que eles queriam, mas eu também não queria que eles se aproximassem de mim, não até ele terminar de falar, mas os enfermeiros se aproximaram ainda mais de mim, eu tentei lutar, por vários minutos eles tiveram dificuldade em me segurar, mas então eu senti uma espetada em meu braço, e comecei quase que imediatamente a relaxar.

Eu ainda estava tão brava, mas tão brava, com o mundo inteiro, comigo mesma, mas um sono me fazia querer dormir e eu apaguei.

Já era manhã quando uma enfermeira me acordou, eu ainda tinha uma esperança de que ao abrir os olhos eu veria Nicholas ao meu lado, com o cabelo dourado desalinhado no travesseiro, a pele dele dourada em destaque contra os lençóis brancos da cama, ele então abriria os olhos e me diria um bom dia sorridente, e então ele me sorriria como sempre, e eu perceberia que tudo tinha sido um pesadelo.

Mas não, as paredes brancas e estéreis me apontavam justamente o contrario.

— Nicholas? Nicholas? – eu chamei.

— O Senhor James, foi avisado, ele deu a autorização para os procedimentos cirúrgicos, a senhora Vivian, a esposa dele, está com ele também.

Eu me levantei apoiando-me na cama, minha cabeça latejava, eu tinha que ir vê-los, eu precisava.

— Senhora! – disse a enfermeira se aproximando para segurar-me o braço – a senhora tem que descansar!

Desvencilhei-me dela, e berrei.

— Não me diga o que tenho que fazer! Meu marido está internado neste maldito hospital! Ferido! Não pense em me fazer ficar longe dele agora!

— Mas senhora... – ela se interpôs novamente.

— Se você tentar me impedir, juro, você não vai ficar viva pra contar.

Ela se afastou instintivamente, eu tentei forçar a vista para olhar o nome no crachá dela, mas não consegui, minha cabeça doía demais. Voltei-me para ela.

— Alguma coisa para dor de cabeça?

Ela rapidamente separou os copos com comprimidos que ela trazia na bandeja com meu café e me deu, a mão dela estava tremula. Eu os engoli em seco e pedi para que ela me levasse até onde eles estavam.

Quando eu me aproximei de um hall de entrada James foi o primeiro a me ver, ele se levantou e veio correndo em minha direção, abraçou-me forte, nós choramos ali por um tempo, chorei mais naquele momento do que já tinha chorado em toda a minha vida. Quando as lagrimas deram lugar ao silencio eu perguntei.

— Onde ele está?

— Ele está na UTI neste momento, os médicos fizeram tudo o que podiam, agora é com ele, ele tem que sair dessa, ele precisa sair dessa.

— Eu preciso vê-lo – eu disse.

— Os médicos não permitem – James me disse.

— Ninguém vai me dizer o que fazer ou não.

Eu comecei a andar pelos corredores, me guiando pelas placas penduradas nas portas e as setas que indicavam o caminho. Uma delas dizia UTI. Eu abri e entrei de qualquer modo. Os funcionários que trabalhavam no local me pediram para sair, mas eu implorei a eles, que me dessem algum tempo, que eu só precisava vê-lo, saber que ele estava bem, que ele estava à salvo. Um dos funcionários era mulher, e tocada, me deu cinco minutos, mas ficou na sala vigiando meu progresso.

— Venha comigo– ela chamou-me para segui-la até o leito de número vinte, haviam vários outros leitos com cortinas fechadas, dois deles com cortinas abertas estavam vazios. Isso gelou meus ossos, os pacientes que ali estavam ou viveram, ou..., eu não queria pensar.

— aqui – ela disse abrindo a cortina para que eu visse Nicholas deitado numa cama com cobertas verde-claras – você tem cinco minutos, nada mais que isso, sob o risco de eu mesma ser demitida.

— Muito obrigada, muito obrigada – agradeci.

O choque me fez chorar forte. Era meu Nicholas ali, minha alma, minha vida, meu amor. Ele parecia estar dormindo. Em paz. Eu chorei sobre ela tanto quanto pude.

— Eu amo você, Nicholas – eu disse – eu nunca irei deixar de amar você – eu sussurrei contra ele, você me disse que sempre voltaria para mim, você prometeu, por favor, por favor, não quebre suas promessas agora – eu implorei – eu não saberei viver sem você, eu não sei mais, volta para mim, meu amor.

Eu dei um ultimo beijo que ficou imóvel em sua boca fria, para que ele pudesse ter para sempre o meu beijo durante o seu sono.

— Senhora – a mulher me chamou outra vez – os cinco minutos já passaram, a senhora não está nem usando proteção.

Eu não me movi, eu beijei-lhe a mão, em desespero, com cuidado para não bater na agulha que lhe transmitia soro e remédios.

— Senhora, acabou o tempo – ela disse.

Saí da sala triste, mas esperançosa. Meus passos pareciam estranhos, eu não os controlava, mas eu sabia que eu estava caminhando de volta para o local onde eu havia visto James antes. Agora James estava com um olhar derrotado, mas ainda assim com um pouco de esperança, ele sabia como eu o amava, ele não duvidou mais de mim por nenhum segundo, desde quando ele prometeu que me daria um voto de confiança, ele tinha se mantido fiel à sua palavra.

Vivian me abraçou, passando para mim a força que eu achei que eu não mais teria, ela não conseguia imaginar a intensidade e o tamanho do amor que eu sentia por Nicholas, mas naquele abraço que ela me dava, ela mostrava que eu sempre teria o apoio dela, incondicional, mesmo sem total compreensão.

Sob o sol de East Valley

— Mãe, mãe – Nicole me chamava – olha o que eu tenho.

E ela estendeu o dedinho para mim com um tipo de besouro na ponta.

— É lindo – eu disse – que cor é ele?

— Verde brilhante – ela respondia apesar de ter soado mais como “vede bianti”.

— Isso mesmo – eu sorri para ela.

Logo ela começou a correr por todo o quintal. Eu mal podia acreditar como dois anos e meio passavam rápido. Ela parecia uma pequena ninfa correndo por todo lado, o cabelo dela louro dourado brilhava sob o sol de East Valley, ela tinha o cabelo dele. E os olhos dela quase fechadinhos pela luminosidade mostravam seus tons de azul iguais aos meus. Logo ela perdeu o bichinho e se jogou na grama para procurar outro, sorrindo e me fazendo sorrir com ela.

— O que eu perdi? – Nicholas disse sentando ao meu lado, ele estava lindo com um moletom novo, cinza como de costume.

— Só mais uma descoberta dela, outro inseto.

— Eu devia estar aqui, queria fotografar.

— Você já tem quase dez mil fotos, não acha que tá bom?

— ainda não, me avise quando chegar a vinte mil.

— Pai! – Nicole correu e se jogou no pai que ficou rodopiando ela no ar enquanto ela balançava as perninhas e os bracinhos.

— Conta a história outra vez – ela pediu.

Então Nicholas colocou ela sentada ao meu lado no lençol sobre o qual fazíamos um piquenique, e deitou-se sobre o tecido, enquanto apontava para a cicatriz em seu peito e começou a contar a história sobre o ocorrido outra vez.

— Um dia, o papai se feriu, e ele dormiu por um tempo – ele disse fazendo voz de mistério – ele se perdeu de você e da mamãe, ele queria muito voltar, mas ele não sabia como.

— E? — ela perguntou ansiosa.

— E o papai teve que seguir esse caminho – ele disse deslizando o dedo sobre a cicatriz – para achar vocês duas, e ele só encontrou vocês quando ele entendeu que vocês eram tão especiais, mas tão especiais, como duas heroínas com superpoderes.

Nessa parte, Nicholas sempre fazia cocegas nela e a fazia sorrir, mesmo sendo para mim uma história triste.

Quando ela se desvencilhou outra vez e foi correr no quintal sob nossa vigilância atenta, eu deitei no braço dele, e disse-lhe.

— Eu tive tanto medo...

— Hei – ele disse – eu prometi, não prometi? Eu voltei, e serei tão chato quanto eu puder para ser inesquecível.

— Não seja tolo – eu disse para ele – se fizer isso perderá todo o encanto.

— Ah! Então eu já estou perdendo o encanto?

— De maneira alguma – eu sorri e dei-lhe um selinho.

— Sabe que eu posso retirá-la, com cirurgia.

Olhei para ele confusa, ele apontou para a cicatriz.

— Ela não me incomoda Nicholas, para mim, ela é mais que uma marca, é a prova viva do quanto você me ama, do quanto você foi capaz por mim, e eu só posso agradecer por isso – eu disse tocando-a – quando eu olho para ela, para você, eu só consigo pensar em quão sortuda eu sou, e no quanto eu amo você, que chega a doer.

— Então acho que você está me devendo – ele disse brincando.

— Eu? Mas, o que?

— Não sei, há tanto a cobrar – ele disse olhando para meu corpo inteiro com um olhar malicioso e quente — há tanto a ensinar ainda.

— Acha que eu já não sei coisas suficientes? – respondi à altura com um olhar quente também.

— De modo algum – ele disse – eu terei prazer em ensinar coisas novas.

— Não sei se conseguirá me surpreender mais – eu disse fingindo-me de

inocente.

— Isso eu farei questão de tentar – ele disse se aproximando de mim e me dando um beijo, que era comportado e provocador ao mesmo tempo.

— Depois? – eu perguntei acenando para a nossa bebê que ainda se distraia com suas descobertas.

— Sempre... – Nicholas respondeu, um milhão de promessas em uma só palavra.

E ficou me encarando, um olhar quente, verdadeiramente amoroso e divertido, do homem que mudou minha vida (os cabelos dele sempre pareceriam como fios de ouro sob o sol? E os lábios dele, sempre pareceriam tão convidativos?).

E eu fiquei olhando para ele, com um olhar perdidamente devotado, honrado, e acima de tudo apaixonado, um olhar extremamente dedicado à ele, o amor da minha vida, que eu encontrei num romance qualquer em East Valley.

DEISY MONTEIRO

Recomeço

EM EAST VALLEY

VIVIAN

LIVRO II

COPIRRAITE © 2016

DEISY MONTEIRO

Coordenação Editorial

Deisy Monteiro

Revisão

João Garcia

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de um revisor, que poderá citar breves passagens incorporadas em artigos críticos ou em uma revisão.

Nomes de marca registrada aparecem ao longo deste livro. Ao invés de usar um símbolo de marca registrada com cada ocorrência de um nome de marca registrada, os nomes são usados de maneira editorial, sem intenção de violação de marca comercial do respectivo proprietário.

As informações contidas neste livro são distribuídas "como estão", sem garantia.

Embora toda precaução tenha sido tomada na preparação deste trabalho, nem o autor nem a editora terá qualquer responsabilidade perante qualquer pessoa ou entidade com respeito a qualquer perda ou dano causado (ou supostamente causados) direta ou indiretamente pela informação contida neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Revisado conforme novo acordo ortográfico.

Dedicatória

Dedico este escrito ao poderoso Deus que me tem mostrado como é bom estar em suas mãos, ainda que eu esteja sempre falhando, e pelo seu poder redentor.

Ao meu amado, João Garcia, por ter me dado a grande honra de chamá-lo de meu. Aos meus amados leitores, eu escrevi este livro, cada linha dele, para ser lido por ti, espero que aprecie.

Sofri e desacreditei no amor, mas quero vivê-lo em uma nova história. Onde eu a protagonize, e que não haja sofrimentos nem mentiras. Que eu possa amar e desfrutar toda a limpidez do amor. Um amor que seja só o amor...

ALINE PINHEIRO

Prólogo

Eu sempre achei que não era capaz de despertar um sentimento nobre de alguém, na verdade, eu nunca me julguei capaz de despertar qualquer sorte de sentimento. Do que me adiantava ser uma Driscoll, o sonho de consumo de toda população masculina de East Valley, se eu tinha uma mancha negra no meu passado?

— Eu não sei como isso aconteceu... – Ele disse – eu não queria, mas aconteceu. Agora nós temos que aguentar as consequências disso.

— Não se apaixone por mim.

— Eu estou apaixonado por você...

— Não, não faça isso – eu o interrompi – não me ame.

— Por que, Vivian, você insiste em não querer dar um nome para o que temos?

— Por que sempre que eu dou um nome para um sentimento, eu o perco, ou acontece qualquer outra coisa.

— Vivian – ele se aproxima de mim e toca meu rosto, a sensação é tão boa e toca tão íntimo em minha alma, que eu temo que ele leia todos os meus segredos e medos – eu não sou ele, e aquela menina frágil que você foi um dia, você não é mais ela.

— Até parece que é fácil esquecer a pessoa que marcou sua vida – eu me afastei de perto dele – todas as noites eu gritei por socorro, eu chamei por alguém para me ajudar, mas ninguém nunca me ouviu.

— Eu a ouvi, eu estou aqui.

Virei-me para olhá-lo outra vez. Os olhos azuis dele, que sempre parecem janelas para o céu, são minha calmaria e minha perdição. Abri os braços e, timidamente, pedi: — Então me traz calmaria, eu preciso de alguns dias de paz.

Os diamantes são frios

As festas na casa da família Driscoll poderiam ser menos suntuosas. Esse era um grande defeito dos meus pais. Quando eles faziam alguma coisa, mesmo que fosse apenas um jantar simples, se tivesse algum modo de tornar aquilo exagerado demais e caro, eles o encontrariam.

Hoje não seria diferente.

Era para ser um jantar beneficente, ou seja, as pessoas ali presente estariam abrindo suas carteiras para tirar alguns míseros duzentos ou trezentos dólares, do que sobejava, para dar aos menos afortunados. E como os esbanjadores sem juízo, meus pais conseguiam fazer aquilo não passar de ostentação.

Como? Explico.

Cada um dos pratos servidos na festa custava caro, nada menos que cento e setenta dólares. A decoração, extremamente requintada, mostrava para todos que os Driscoll poderiam (sempre que quisessem) comprar novos lustres de cristal Bacará. Nenhum dos duzentos convidados desceria de seu assento “real” para lançar uma moeda a um necessitado, ainda que disso dependesse a vida deles.

— Vivian! O que faz aí?

— Vim refrescar-me. Eu não tinha como continuar naquela atmosfera de charutos sem passar mal nos próximos minutos.

— Escute aqui, mocinha – Elizabeth Driscoll se aproximou e pegou-me pelo braço, falando num tom moderadamente calculado para que os outros não percebessem o que acontecia – coloque um sorriso no rosto e circule entre as mesas, você não vai estragar outra recepção nesta casa.

— Sim, mamãe – eu respondi irônica.

— Não me chame de mãe, você sabe muito bem que eu já a proibi de me chamar de mãe na presença de convidados.

Dito isto, ela se recompôs, alisou o vestido *Yves Saint Laurent*, e saiu caminhando, dispensando um sorriso fugaz para cada um dos que cruzassem seu caminho.

Acho que eu deveria tentar justificá-la, pelo menos um pouco. Eu era o terror das festas. Desde que descobri que colocar laxante nas comidas fazia que as festas encerrassem mais cedo, ou ainda, que o poder da pimenta *Trinidad Scorpions* no molho das massas era “de outro mundo”, as festas na mansão nunca mais foram iguais.

Hoje, pelo menos, eu estava comportada, ou deveria estar, já que eu estava planejando não estragar a minha noite.

Subi as escadas de mármore *Caves du Carrara*, apoiando-me ao corrimão de madeira Teca indiana, e me encaminhei para a sacada do segundo andar. Apoiei meu corpo na proteção da sacada e fiquei observando o movimento das pessoas lá embaixo.

Do que me adiantava ser rodeada disso tudo, se eu não era feliz? Eu era da firme opinião de que aquilo, não me pertencia. Eram coisas que meus pais tinham conseguido, e não eu. Logo, aquilo de que tanto eles se orgulhavam, o império feito de: campo de golfe, empresas de táxi aéreo, uma fábrica de iates e quatro concessionarias além de dois hotéis, e uma carteira diversificada de investimentos; nada disso é meu, é deles.

Soltei uma lufada de ar, exasperada e categórica, mostrando o quanto eu estava descontente com aquilo tudo. Havia melhores maneiras de empregar o dinheiro utilizado para decorar todo o jardim, com milhares de tulipas, do que num jantar ridículo.

— Olá – disse uma voz masculina bem próxima, e eu virei-me do susto repentino na direção de onde fui chamada e o observei.

— Quem é você? – perguntei, me afastando um pouco.

— Mil perdões, eu não queria tê-la assustado.

— Acho que não conseguiu, não é mesmo?

— Desculpe – ele disse, aproximando-se de mim, mas ficou a cerca de um metro de distância. Apoiou-se na sacada olhando para baixo, do mesmo modo que eu estava antes, e rompeu o silêncio – isso tudo é tão sem sentido, deve ser frustrante viver num local assim, tudo parece tão artificial.

— É, é isso mesmo – eu respondi. Sentime feliz por alguém entender a maneira que eu via as coisas – parece um enorme castelo cheio de vida por fora, mas, do lado de dentro, tudo é tão frio quanto o mais frio cristal.

— Ou como o diamante...

— Desculpe? – perguntei sem entender.

— Sim, o diamante. Ele parece tão lindo, lustroso, com seu brilho que ofusca qualquer outra joia de valor. Envolto no brilho sutil de suas nuances leitosas, quando é visto de perto. E que é apenas uma pedra fria que se carrega junto ao peito, para pôr valor às coisas. Como se fosse uma etiqueta com um preço.

— Você entendeu tudo tão perfeitamente... – eu disse encantada – desculpe, você não me disse seu nome.

— Adam Mitchell – ele respondeu passando as mãos pelos cabelos e, depois, estendendo uma delas para mim – e o seu?

— Vivian Driscoll – respondi – é um prazer.

— Você é a filha dos Driscoll? – Adam perguntou interessado.

— Isso não é nenhuma sorte – limitei-me a responder – quantos anos você

tem?

— Trinta e cinco – respondeu, e se aproximou um pouco mais, olhando para mim – e você?

— Tenho quinze – respondi.

— É uma menina – ele comentou.

Aquele comentário me irritou, eu queria provar que eu era mais mulher do que minha idade sugeria, não sei ao certo por quê.

— Que tal um cinema um dia desses? – ele perguntou.

— Eu não sei, teria que pedir aos meus pais...

— Está com medo? – ele comentou num tom sarcástico.

— Amanhã – Aquilo me irritou, eu tinha que mostrar que eu não tinha medo dos dois, eu completei – eu tenho aula de piano à noite. Eu não a assistirei. Você me pega na frente do conservatório da cidade, e nós sairemos.

— Perfeito... – ele disse com um brilho de malicia nos olhos.

— Perfeito! – respondi.

Em minha ainda meninice, eu chamaria até de comportamento pueril de criança, eu não compreendi tudo o que havia naquele olhar.

Meu primeiro beijo

Eu não sabia exatamente como lidar com o sentimento estranho que me apertava o peito. Era como se eu soubesse que algo aconteceria e não pudesse evitar. Eram cinco da tarde, eu estava arrumando-me para ir ao conservatório da cidade. Minha aula de piano começaria em cerca de duas horas, e eu estava ansiosa. Perguntando-me desde que amanheceu, se sair com o Adam era uma boa ideia. Ele era bem mais velho que eu, isso é certo, mas ele tinha me entendido, em meio minuto de conversa, mais do que todos os meus amigos juntos.

Eu me vesti de forma simples, mesmo que as minhas roupas mais simples ainda fossem mais caras que a maioria das roupas das minhas amigas.

Assim que terminei, desci as escadas. Encontrei meu pai lendo o Jornal local, sentado em sua poltrona, com um charuto na boca. Eu não sei que fixação é essa que os adultos têm com cigarros e charutos. Aquele faz mal e esse deixa um cheiro horrível.

— Estou de saída – eu disse me aproximando e depositando um beijo no rosto dele – bom dia, pai!

— Tenha uma boa aula – ele disse, mas ao perceber a minha escolha de

vestuário acenou negativamente e falou baixo – não deixe que sua mãe a veja.

— Ver o quê? – ela perguntou, mas assim que notou do que meu pai falava, utilizou seu tom de voz frio e habitual – querida, estas roupas são adequadas para uma Driscoll? O que a cidade irá falar?

— Eu não me importo com o que a cidade pensa ou deixa de pensar, Elizabeth. Eu deixo este trabalho para você – respondi sorrindo e sai porta afora – bom dia a todos.

Andei na direção da garagem, Mathias, o meu motorista estava aguardando ao lado do carro.

— Vamos, não quero me atrasar – apressei-o.

— Sim, senhorita Driscoll.

Mathias encaminhou-se para o endereço já conhecido, ele era motorista antigo da família, me levava ao conservatório desde que eu tinha quatro anos de

idade. O tal conservatório ficava no centro da cidade. No caminho, de casa até lá, eu fiquei pensando se Adam realmente estaria me esperando.

Adam Mitchell... O cabelo dele tinha um tom marrom acobreado, fino e curto. Os olhos dele eram de um tom de verde apagado, quase cinzento. Uma sombra de barba por fazer se via em seu maxilar. Ele não era um “Mister universo”, portanto não tinha sido a beleza dele que me atraiu. Ainda assim, eu queria conversar com ele, com alguém que me entendesse, que falasse comigo realmente interessado no que eu diria, ou pelo menos ouvisse quando eu quisesse reclamar.

O único problema era Mathias. Sim, o meu motorista. Ele sempre ficava do lado de fora do conservatório, dentro do carro, me esperando, ou na sala de espera dos funcionários.

Uma ideia repentina surgiu.

— Mathias?

— Senhorita. – ele respondeu enquanto dirigia o Cadillac.

— Assim que você me deixar na aula, eu vou precisar que compre algumas coisas para mim. Poderia me fazer este favor?

— Mas, senhorita...

— Não tem “mas”, Mathias. É algo realmente necessário, e eu vou te dar um bom pagamento pelo serviço extra, como sempre.

Eu tinha quinze anos, mas já sabia como o dinheiro tem o poder de converter um não em sim num estalar de dedos, ou no tinir das moedas.

Mathias residia conosco durante a semana. Aos fins de semana, voltava para casa. Ele já tinha família, esposa e duas filhas, mas ainda assim, passava a maior parte do tempo na nossa casa, afinal, ele tinha que estar à disposição sempre que a família precisasse. Sua responsabilidade, no entanto, sempre era abalada diante da oportunidade de levar mais dinheiro para casa no fim de semana.

— Pois não, senhorita Driscoll.

— Dê-me o bloco de notas que está no porta-luvas.

Ele estendeu para mim o que eu tinha pedido, e, eu anotei uma lista longa de coisas que ele deveria comprar. Tomando o cuidado de anotar coisas de lojas diferentes e distantes. Para que eu tivesse algum tempo sem supervisão. Coloquei o bloco no banco da frente, e procurei na minha bolsa o cartão de débito da minha conta corrente individual (que foi o presente que meu pai me deu no meu aniversário de quinze anos).

Chegamos ao bendito prédio onde eu teria minha aula de piano. Desci do carro e pedi: — Quando estiver chegando, me liga.

— Claro, senhorita Driscoll.

— Ah, e Mathias, por favor, compre alguma coisa para as suas filhas, qualquer coisa que elas estejam precisando. Eu sei que a época de escola está para chegar, você poderia comprar algum material para elas, o que acha?

— Mas, senhorita...

— Não é um pedido. Quero nem ouvir mais nada.

Soprei um beijo para ele em despedida. Entrei no prédio, sentei-me na sala de recepção, e fiquei ganhando algum tempo, enquanto Mathias encaminhava-se para as compras.

Eu estava ansiosa, minhas mãos suavam frio. Minha bolsa tinha algumas maquiagens que eu tinha comprado escondida da minha mãe. Eu fui ao banheiro tentar disfarçar minha ansiedade com algum cosmético. Terminei passando uma sombra azul escuro nos olhos e um batom vermelho. Eu achei que estava bem, mas na verdade eu estava ridícula. Saí, e fiquei esperando na entrada do prédio, onde marquei de encontrar Adam.

Quando Adam chegou, abriu a porta do carro e se aproximou de mim. Ele estava num terno cinzento muito mal feito, a testa dele estava suada. Tanto, que ele carregava numa mão um lenço amassado para secar as gotículas de suor. Na outra, um papel que ele me estendeu disfarçadamente.

— Eu vou te esperar nesse endereço, pegue um táxi, aqui está o dinheiro – Ele disse e, saiu.

Fiquei segurando aquela nota de cinquenta dólares na mão e olhando para o

endereço anotado no papel. Disfarcei por alguns minutos, não estava gostando do meu primeiro encontro ser às escondidas, mas por fim, minha falta de bom comportamento venceu. Acenei para um táxi que ia passando. Meia hora depois, o taxi parou num hotel velho e sujo à beira da estrada.

“Onde ele está?” eu me perguntava.

Não demorou muito, meu celular tocou.

— Vivian Driscoll – eu disse.

— Quarto duzentos e três.

Reconheci a voz dele. Andei até encontrar o quarto que ele me indicou. Entrei. Havia um mau cheiro, impregnado, na parede velha e descascada, e um barulho estranho que eu não sabia de onde vinha. Adam estava sentado à beira da cama. Bateu com a mão no colchão indicando que eu sentasse ao seu lado.

— Você está linda, Vivian.

— Obrigada – eu disse – não quero sentar.

— Eu insisto – ele falou, sorrindo de leve.

Sentei-me ao lado dele, que ia se aproximar de mim, mas o telefone dele tocou, impedindo-o. Adam, sobressaltado, atendeu a chamada, e começou a reclamar com alguém do outro lado da linha. “Querida”, “amor”, eu ouvi a palavra diversas vezes, mesmo com ele tentando falar baixo para que eu não ouvisse.

Depois que ele desligou, ele virou para mim. Sorrindo ainda, ele plantou um beijo leve em meus lábios. Eu não tive reação. Ele entendeu que minha falta de reação era consentimento, e continuou a beijar-me, driblando minha inexperiência com uma calma esquisita.

Em todo tempo, não importava o quão eu achasse incrível que ele estivesse me dando o meu primeiro beijo, perpassava dentro de mim uma sensação temerosa, eu não confiava nele ainda, talvez eu nem devesse confiar.

— Você não deveria usar shorts – ele disse se afastando um pouco – da próxima vez, tem que usar um vestido bem delicado, promete-me?

Acenei positivamente.

Adam não podia demorar-se muito ali. Segundo ele, ainda tinha trabalho extra a realizar na noite daquele dia. Conversamos bastante, ele me fez prometer mais de uma vez que, nas próximas vezes que eu o encontrasse, eu usaria um vestido.

Depois de tudo o que eu vivi ali, a única coisa que consigo pensar, é que as próximas vezes, nunca deveriam ter acontecido.

Diamantes partidos

Um dia o sonho tende a acabar para todos, eu tinha consciência. Eu já me encaminhava, solitariamente, para o bendito quarto duzentos e três. Em todas essas vezes, eu trajava o vestido que Adam tinha me pedido. Em todas essas vezes, ele estava me esperando ansiosamente. Tanto quanto eu estava por ele.

Eu não me importava com nossa diferença de idade, eu nem sabia ao certo o que ela significava. Eu o via como alguém que me compreendeu. Alguém que, bem antes de ter um número sobre si indicando quantas décadas de vida somava, tinha ouvido verdadeiramente as reclamações juvenis.

Minhas listas de comparas para o Mathias estavam ficando sem criatividade, em breve ele não acreditaria mais nisso. Hoje eu disse para ele que havia uma encomenda, para que ele buscasse para mim, em outro bairro. Ganharia algum tempo, amanhã eu teria que inventar outra coisa.

Assim que ele virou o Cadillac na esquina, eu contei o espaço de tempo de cinco minutos e assobiei para o táxi que passava naquele instante. Assim que o taxista parou, indiquei para ele o caminho que deveria seguir. Chegamos lá tranquilamente, paguei-o e desci.

Caminhei com passos firmes em direção ao quarto duzentos e três querendo

ver Adam. Percebi que ele não estava depois de entrar e trancar a porta.

Eu tinha usado meu vestido favorito para ele, um vestido branco com desenhos de girassóis. Eu gostava do efeito que ele fazia quando eu rodava. Sentei na cama imunda, tomando cuidado de sacudir antes os lençóis e fiquei esperando que ele chegasse.

Uma batida forte na porta me fez saltar sobressaltada.

— Vivian? Sou eu, abra!

Corri em direção a porta, finalmente ele tinha chegado, abri-a, meio esbaforida.

— Adam, que bom que chegou – eu disse sorrindo-lhe calorosamente.

— Saia da frente – ele disse – saia! – ele repetiu, e sua mão me tirou do seu caminho.

— Eu fiz alguma coisa errada? – perguntei temerosa enquanto virava-me para olhá-lo, após trancar a porta com a chave.

Adam não respondeu, ficou apenas passando as mãos nos cabelos, algo que eu já tinha percebido que era um costume, que podia tanto indicar que ele estava tentando flertar quanto poderia indicar que ele estava bravo.

— Apenas se afaste – ele disse – por um momento.

Eu fiquei com as mãos atrás das costas, esperando que ele dissesse o que eu devia fazer. Eu não sabia o que tinha acontecido, minha consciência (que eu nem sabia até então que eu tinha) mandava-me esperar até ele ficar calmo e sair dali.

O tempo passou devagar, eu que antes girava igual a um girassol, buscando o sol desde o crepúsculo até o ocaso, me sentia agora ridícula no meu vestido favorito.

Finalmente ele me chamou:

— Vem aqui — ele disse – sente-se aqui

Ele me chamou e me fez sentar em seu colo. O hálito dele tinha cheiro do uísque que meu pai sempre tomava, eu virei o rosto para não sentir o cheiro, isso o enraiveceu.

— Está se negando? Está se negando para mim?

— Não, é só que...

Eu tentei dizer, mas logo a mão dele me prendia embaixo de si, e não queria mais me soltar. Não era mais Adam ali, ou talvez este bicho maldoso sempre tenha sido ele.

Adam desfez meu vestido com uma mão apenas, meu vestido favorito e me possuiu pela primeira vez. Ele não foi gentil, ele sequer tomou cuidado para usar preservativos (como a professora de educação sexual pontuou em uma de suas aulas). Ele simplesmente se satisfez, e saiu de cima de mim.

Eu não ousava olhar para ele.

Adam tocou meu rosto e falou para mim com a mesma voz gentil de antes que, agora, parecia com a de um monstro.

— Nunca mais diga não para mim, vadiazinha.

Ele sentou na cama e me deixou deitada nela. Buscou entre os pertences perdidos na maleta dele alguma coisa, até que ele achou um recipiente prateado e o estendeu para mim. Eu fiz que não com a cabeça, amedrontada demais para mover-me um centímetro a mais que isso.

— Eu não estou pedindo – ele disse e, colocou o recipiente metálico em meus lábios para que eu sorvesse o líquido que me oferecia. O líquido desceu frio em minha garganta, o gosto era amargoso e queimou–me por dentro enquanto descia pela minha laringe. Meu corpo começou a ficar leve, e de repente eu não tinha mais acordo do que estava acontecendo.

— Assim mesmo, eu ainda não terminei com você.

Eu ainda o ouvi dizer enquanto ele se movia para cima de mim outra vez.

Um grande som de algo partindo se ouviu no quarto. Eu me esforcei e olhei na direção de onde vinha o barulho. A porta que eu tinha trancado há algum tempo, agora estava totalmente aberta. Dois homens armados entraram no local. Adam ergueu as mãos para o alto, eu achei que fosse a polícia prendendo-o, mas não era. Reconheci os vultos como sendo dos seguranças da minha mãe, que entrou logo após eles.

Eu sei que a reação normal de qualquer mãe nesse momento seria envolver sua filha num abraço, prometer-lhe que tudo ficaria bem e buscar ajuda. Fazê-la esquecer-se de tudo. Eu até me peguei fantasiando com isso. Mas não uma mãe igual à minha. Não Elizabeth Driscoll.

Ela apenas se aproximou de mim depois que Adam já estava controlado, olhou de alto a baixo para avaliar minha situação, talvez imaginando, acertadamente, que eu estava sob o efeito de drogas (apesar de não ter sido minha vontade). Não sei, ela apenas disse: — Mais uma vez, Vivian. Mais uma vez você insiste em manchar a reputação da nossa família, não importa o que façamos – ela começou a falar num tom mais agressivo, sem gritar, com uma raiva contida – sabe quanto terei que pagar a este homem — ela disse apontando para Adam — para que ele fique calado? Ou para toda a equipe do hospital? Sabe o trabalho que você está me dando com essa sua irresponsabilidade?

— Mãe... — eu tentei falar, mas os meus lábios estavam rígidos, e saiu

apenas um murmúrio.

— Nada de mãe! Hoje mesmo você vai para um colégio interno na Suécia – ela praticamente cuspiu as palavras – ninguém jamais saberá disso, ouviu mocinha? Não te quero perturbando o seu pai com essa história.

Ela andou pelo quarto minúsculo, deu alguma ordem aos seguranças e voltou a mim: — Se acha esperta demais, não? Seus gastos repentinos foram o maior rastro para encontrá-la nesse motel barato. Mathias será demitido – ela virou outra vez para os seguranças, retirou o talão de cheques da bolsa e rabiscou num deles depois o estendeu para um dos seguranças dizendo – Você, divirta-se um pouco com seu novo saco de pancadas e depois entregue isto para ele – ela virou-se para o outro segurança – e você, leve-a para o carro, sairemos disto aqui o quanto antes.

O segurança veio até perto de mim e cobriu-me com o paletó dele. Carregou-me na direção do veículo, tomando o cuidado de esconder meu rosto para que ninguém me identificasse. (Algo que já devia ter ocorrido nos dias anteriores).

Fomos ao hospital, minha mãe desembolsou algum dinheiro para que os enfermeiros não vazassem a notícia do ocorrido para a mídia. Ela não me levou à polícia, ela sequer olhou para mim por mais de dois minutos para avaliar meu real estado.

Eu fechei os olhos e descansei um pouco. Quando acordei, eu já estava em casa. Devo ter dormido pelo menos por duas horas. Tudo passava tão rápido que eu cogitei que fosse tudo uma fantasia, porém não passava de pesadelo, que não importava o quanto eu quisesse, eu jamais poderia acordar.

Meu pai ainda não estava em casa naquele horário. Minha mãe não deu oportunidade sequer de despedir-me dele. Eu estava zonza do efeito dos remédios combinados com aquela bebida que o monstro me deu.

Elizabeth berrou para que as empregadas fizessem minhas malas. Ligou para o piloto particular reservar um voo para o mais depressa possível, o que resultou em pouco mais de duas horas até ele conseguir a rota de voo.

Malas prontas, ela ligou para algumas pessoas, e abriu outra vez a carteira. Em meia hora, eu estava matriculada numa escola para meninas no sudoeste da Suécia. Mais meia hora, estávamos no aeroporto. Mais meia hora, eu estava dentro do jato particular da empresa do meu pai, sentindo a aeronave taxiando na pista. Mais meia hora, e eu não veria East Valley pelos próximos cinco anos.

Pasto de homens

O tempo que eu passei fora não foi difícil. Na verdade, ele me ajudou a construir a minha personalidade. Eu já era horrível em casa, eu virei um terror no colégio interno.

Eu deveria culpar minha mãe? Não sei, talvez. Depois de tanto tempo, eu a agradecia. Ficar longe foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para mim. Eu pude enxergar toda a situação de fora da caixa. Distanciei-me dos pensamentos negativos e, quando eu pensei que poderia ficar tudo extremamente ruim após o incidente, viajar e perceber que ninguém da nova escola sabia do que eu tinha passado, fez tudo parecer um pesadelo longínquo. Sim, tudo parecia uma coisa vaga, uma sensação apenas. Que me deixava inquieta às vezes, mas ainda assim, era libertador.

Nestes cinco anos longe de East Valley, eu tinha a cidade desenhada como um simples capricho da minha memória. E pretendia viver e morar na Suécia, tanto tempo quanto me fosse possível. Fiquei forte, mais do que pude imaginar, estando longe.

— O que você está fazendo aí?

— Nada. Estou pensando na vida – eu respondi enquanto observava minha

melhor amiga subir o muro que separava o alojamento dos meninos e das meninas – presta atenção aí, Julianne, eu não quero que você se machuque.

— Eu não vou cair – Julianne respondeu e ficou de pé caminhando equilibrada sobre o muro de um lado para outro.

— Isso mesmo! – eu ironizei – fica de pé e faz com que todo mundo nos veja, será perfeito para nós duas sermos pegas um dia antes de irmos para casa.

Ela soltou uma bufada e apoiou-se no muro para descer do outro lado deste, foi minha vez de escalar o local. Meus pés já conheciam o caminho e minhas mãos já até tinham calos da escalada quase diária. Eu peguei impulso e cerca de dois minutos depois eu estava me equilibrando e pulando para o outro lado.

— Cuidado! – Julianne me preveniu sem razão, logo eu estava caindo na grama do outro lado leve tal qual uma pluma.

Corremos em disparada para o quarto de Daniel e John, eles dois estavam nos esperando. Como sempre, eu não estava com boas ideias na cabeça.

Era meu costume uma boa vinda "diferente" aos calouros, costume esse que eu passei para minha amiga. Nós duas namorávamos algum rapaz, e quando a coisa se tornava séria o suficiente para haver “coito”, dávamos este prazer para eles e no dia seguinte passávamos a ignorá-los. Podia ser considerado cruel, mas, não havia regra para maltrato com os "animais", eu pensava. Por que era isso que os homens eram para mim, uns animais sem sentimentos. Eu dava meu corpo a quem eu quisesse, afinal de contas, um dia eu morreria e meu corpo seria pasto dos vermes assim como estava sendo pasto dos homens.

Batemos à porta, três batidas espaçadas e duas batidas rápidas mais três batidas espaçadas, esse era o nosso código secreto.

Daniel abriu a porta, ele era um espanhol lindo, com uma pele cor de caramelo e olhos de verde água. Se não fossem as espinhas da adolescência, ele seria lindo. Sim, adolescente, ele tinha dezessete anos e eu tinha vinte. Tudo consensual, o que havia de mal?

— Que bom que você chegou, Vivian – ele me disse enquanto eu entrava no quarto – senti sua falta.

— Não seja bobo, Daniel – eu respondi tocando-lhe o queixo como se eu fosse sua dona – eu já avisei para que não se apaixone por mim.

— Desculpe – foi o que ele se limitou a responder apesar de eu saber que ele queria dizer bem mais que isso.

— Veja, eu comprei isto para você – ele pegou um buque de flores e as deu para mim – espero que goste.

— Elas são uma gracinha – eu respondi mesmo sem ter dado para elas uma olhada que durasse mais de um segundo. Eu não me julgava merecedora delas.

Olhei para o fundo do quarto. Julianne tinha me empurrado, assim que eu abri a porta, para passar. E já estava aos beijos com John, um belo negro dos olhos claros proveniente da Inglaterra.

A única privacidade que teríamos era uma parede construída com lençóis que separaria uma cama da outra.

— Vamos – eu disse para ele e o peguei pela mão levando-o para o nosso canto "privativo".

Daniel se deitou na cama. Ganhei alguns beijos numa preliminar de dois minutos. Eu não queria rir, mas não tinha como, ele estava nervoso demais e tinha inclusive se depilado. O que me machucava, pois a pele dele ficava grossa e pinicando. Ele havia ido bem mais devagar do que a maioria dos meninos com quem eu já tinha ficado antes, o que me deixava extremamente irritada, eu queria que acabasse logo.

Talvez esse fosse o preço que eu pagava por não querer ninguém um ano sequer mais velho que eu: a inexperiência. Eu nunca tive prazer com nenhum desses meninos, e provavelmente não seria hoje que eu iria ter.

Mais cinco minutos e ele já estava satisfeito. Tudo bem, após isso eu me sentia suja, estranha, vazia, sim, vazia era a palavra certa. Por que apesar de tentar bancar a durona todo o tempo, eu ainda esperava sempre um pouco mais de mim, e por consequência, um pouco mais dos outros.

— É... Foi bom para você? – Daniel perguntou.

— Não, não foi – eu respondi – mas o que importa é que você teve seus cinco minutos de diversão.

— Não fala desse jeito – ele disse baixinho – você sabe que eu posso

melhorar, é que você é muito gostosa... Veja, eu posso namorar você se quiser, eu mesmo já propus.

— De maneira alguma! – exclamei – veja só onde estamos... Não existe nada melhor que isso, e todo sentimento se resume a isso: Sexo. Pensa comigo, toda a humanidade gasta seu dinheiro com bombons e flores para que? Para ganhar sexo, ou no seu caso, cinco minutos de uma coisa vazia e barata.

— Nossa! – ele disse estupefato – essa doeu.

— Acostume-se – eu falei mais para mim do que para ele – a vida não é fácil. Ela nos enche de pancadas que devemos aguentar com o peito aberto. A vida não foi fácil para mim, e provavelmente não será para você.

— Se você diz. – ele disse e ficou deitado comigo na cama, ambos a uma distância segura. Ficamos olhando para o teto da sala, sem ter o que fazer, sem ter o que conversar sem ter nada além de sexo para nos ligar.

Algum tempo depois, ele tinha caído no sono, e eu continuava com os olhos fixos em algum ponto no forro do quarto, tentando não ter o som dos gemidos de Julianne como som ambiente.

Quando, finalmente, os dois pararam de acasalar igual animais, julguei que seria seguro para mim e para ela sairmos. Levantei-me, escrevi um bilhete explicando que não havia nada errado com ele, e que eu era o problema, e deixei sobre o criado-mudo ao lado da cama de Daniel. Chamei Julianne, que tinha caído no sono, para irmos para o nosso quarto.

Ela se vestiu e seguimos de volta pelo mesmo caminho por que viemos. Logo estávamos sentadas sobre a cama dela, conversando sobre o que havia ocorrido para uma e para a outra, e falando coisas gentis a respeito de Daniel.

Ele não precisava ficar manchado com ela, tampouco precisava de uma má reputação que o perseguiria quando na verdade tudo que ele tinha era inexperiência. Amanhã eu estaria longe daqui, e ele teria toda uma jornada ainda pela frente na escola, para mim não faria diferença se todos achassem que ele era um garanhão.

— Vamos arrumar as nossas malas? – Perguntei para Julianne.

— Sim, sim – ela respondeu – a minha já está quase pronta.

— Jogar as coisas de qualquer modo na mala não é arrumá-la.

— Nem dobrar tudo organizadamente, isso é trabalhoso demais – ela respondeu me dando língua.

Eu sorri, mas não foi um sorriso sincero, ela percebeu.

— Você está bem? – ela perguntou.

— Estou perfeitamente bem.

Passei confiança para ela, porém estava mentindo.

Minha mãe já tinha planejado minha vida outra vez. Eu estava matriculada na faculdade de East Valley, iria cursar economia (algo que ela julgava importante para que eu auxiliasse nos trabalhos do meu pai). Eu não conhecia mais nada da cidade. Eu tinha cinco dias para me organizar, e recomeçar meus estudos lá. Depois disso, seria lutar para que eu me readaptasse, e rezar para que ninguém se lembrasse do meu triste passado.

Primeiro dia em East Valley

Cinco dias pareceram passaram rápidos como cinco minutos. Eu tinha que perceber, nalgum momento, que o tempo não conspirava a meu favor.

Confesso: eu não estava ansiosa para meu primeiro dia de aula.

O tempo não permitiu que minha história fosse esquecida. Mil e uma teorias foram criadas para o meu sumiço repentino. Desde uma gravidez indesejada até uma fuga com um namorado rebelde. Todas elas eram mais aceitáveis do que aquilo, que eu que eles não sabiam, os Driscoll estavam escondendo.

— Vivian, você vai se atrasar! Adiante-se! – minha mãe, mesmo com toda sua elegância, rompia em gritos – você não vai ficar dormindo o dia inteiro outra vez.

— Eu já vou! – berrei de volta.

Não há nada que eu deteste mais do que ser acordada cedo. Meu sono é levíssimo, dormir é uma dadiva, portanto, ser acordada é ser arrancada do paraíso.

Levantei-me, e fui ao banheiro. Deu trabalho arrumar-me, meu cabelo parecia palha-de-milho. Eu não queria demorar muito então eu vesti apenas uma bata estilo praiana com uma saia comprida.

Desci as escadas, não me esquecendo de pegar minha bolsa e meu notebook, coloquei-a nas costas. Encontrei Elizabeth na cozinha (eu não poderia chamá-la de mãe, já que ela tinha me proibido então, Elizabeth, seria suficiente).

— Aonde pensa que vai nestes trajes?

Ela estava de costas para mim, como pode ter me visto? Revirei os olhos ao ouvir a voz irritada dela, quando virei-me para encará-la, eu já estava com um sorriso polido na face.

— Bom dia para você também, Elizabeth.

— Nada de bom dia até trocares essa roupa.

— Então eu retiro meu bom dia – eu disse e dei-lhe as costas.

— Vivian Driscoll! – ela exclamou.

— Sim, mamãe – respondi em um tom irônico.

— Não estrague isso – ela disse – não faça do seu primeiro dia na faculdade um dia tipicamente terrível, como é seu dom. Por favor.

— Por que eu faria isso?

— Porque você... É você – Elizabeth respondeu, como se aquilo explicasse tudo.

— Muito bem, Elizabeth, hoje eu serei um anjo. Prometo.

Saí, estava sem ter tempo a perder com mais reclamações. O motorista abriu a porta do carro assim que eu saí da casa.

— Bom dia, senhorita.

Eu o olhei com cautela. Notando, pela primeira vez desde que cheguei a East Valley, que ele era bem mais velho que eu. Um frio me percorreu, eu não queria ter que ficar com alguém estranho, ainda por cima homem feito, outra vez.

— Não, obrigada! – acenei para ele – eu irei de ônibus.

— Mas, senhorita – ele intentou falar, olhando para mim. Havia algo de súplica no olhar, como se ele soubesse que iria ficar em apuros devido a minha decisão.

— Não insista – eu disse – eu não irei utilizar seus serviços, mas você não

será demitido, isso eu garanto.

Andei até o portão principal, o segurança o abriu e eu saí. Havia um ponto de ônibus há duas quadras, era para lá que eu iria.

Foi muito bom andar pela cidade, os ventos de outono de East Valley eram maravilhosos. Depois de cinco anos na Suécia eu ainda não tinha me acostumado ao frio, que lá era constantemente abaixo de seis graus, então o clima de East Valley, que no outono somava cerca de vinte graus Celsius, para mim parecia quase verão.

Quando cheguei à universidade minha alegria só ficou maior ao perceber que poucas pessoas ou nenhuma me reconheciam. Isso era o paraíso na terra.

Eu estava sentada num dos canteiros, próximos das mesas onde se recebiam as fichas com o mapa das salas, horários, *etc.* Quando vi uma dessas calouras vestida exageradamente formal para um primeiro dia. A roupa a deixava adulta demais para o rosto de menina que ela tinha.

Eu iria ficar sentada na minha, mas quando vi o modo como uma ruiva falsa a tratou, eu levantei e fiz uma cara de brava para a ruiva quando a garota deu as costas para essa.

— Da próxima vez espero que trate melhor as pessoas sua chihuahua desidratada.

— Como é? – a ruiva respondeu.

— Isso mesmo que você ouviu. Eu posso ser bem mais convincente caso queira.

A ruiva ficou boquiaberta e eu andei para acompanhar a menina que foi maltratada.

— Não liga para elas – eu a chamei – eles são os populares, se você achava que isso acabaria no ensino médio, estava totalmente errada.

A menina era linda, acho que a assustei por que ela arregalou um pouco os olhos e quase saltou quando falei com ela, eu lhe sorri amigavelmente.

— Meu nome é Vivian Driscoll, desculpe eu ouvi sua conversa, vou fazer o mesmo curso – eu disse, apesar de estar matriculada em economia, eu mudaria

minhas disciplinas – então achei que seria bom, pelo menos para mim, já conhecer alguém aqui.

“Por favor, que ela não me ache uma doida, ou saiba meu passado, eu preciso de uma amiga”.

— Sou Emily Carter – ela sorriu de volta.

— Você é daqui mesmo?

— Não, sou de outra cidade, não sei se você conhece, lá é o fim do mundo, chama-se Yellowstone Hill.

— Não conheço – assenti – mas adoraria que me falasse sobre ela depois.

— E você?

— Eu sou daqui mesmo, nunca sai daqui – eu menti – como pode ver isso não me deixou mais popular – agora não menti.

Nós conversamos ainda um pouco, depois, fomos para a sala de aula que ainda era dela, logo eu iria mudar toda minha grade curricular, por dois motivos, primeiro, para irritar minha mãe, segundo, Emily era recém-chegada, e daria uma ótima nova melhor amiga.

A difícil tarefa de escolher um local para sentar foi concluída com êxito. Todo mundo já prestava atenção no professor, tanto eu quanto Emily, anotávamos ao notebook tudo o que o professor falava, ela pelo menos fazia isso, eu estava no Messenger do Gmail. Ouvimos batidas à porta.

Um típico garoto problema entrava ali. Ele não era altíssimo como os caras da Suécia (com quem eu estava acostumada a ficar), mas ele ainda era alto, e mesmo de longe dava para perceber que ele tinha belos olhos claros, não sei ao certo se verdes ou azuis.

Emily já tinha se distraído com o computador outra vez, eu é que estava agora tentando distraí-la com o Messenger. Enviei uma mensagem para ela.

“VOCÊ VIU O CABELO DELE?”.

Em letras garrafais. Quando ela não percebeu que eu tinha mandado uma

mensagem eu dei uma pisada no pé dela e mostrei-lhe o ícone piscando do bate-papo. Mandei outra mensagem:

“Os olhos dele não são lindos?”.

Ela respondeu rapidamente com um:

“Eu mal notei”.

Pelo tom nas bochechas dela eu poderia afirmar com toda certeza que sim, ela tinha notado, e sim, ela estava envergonhada por ele estar ali sentado na nossa frente.

Eu estava observando-a digitar a mensagem de resposta quando um ícone novo de uma cor diferente saltou na tela. A foto era pequena, mas o cara era bem bonito, isso no computador da Emily. Eu acho que o cara estava bravo com ela, eu não sei quem era, mas não tinha idade para ser pai dela. Ela desconectou o Wifi e sentou endireitada na cadeira prestando atenção à aula, e obedecendo “quem quer que fosse aquele cara” que tinha lhe mandado.

Já que ela não iria conversar comigo eu não tinha nada para fazer a não ser prestar atenção também, e foi o que eu fiz, mesmo notando de vez em quando que Emily se remexia na cadeira incomodada com a presença do cara à frente.

-Quando terminou meu dia eu caminhei para casa, e fiquei em extremo feliz quando eu vi que Elizabeth não estava. Eu teria um pouco de liberdade para almoçar em paz. Eu aproveitei para comer o que eu quisesse direto da geladeira, um salaminho cru com suco, sim, parece ruim, mas eu gosto.

Eu subi para meu quarto, joguei-me na cama como eu estava e peguei meu celular para mandar uma mensagem para Julianne. Ela respondeu de imediato, pelo que me falou ela estava em casa também, como os pais dela eram normais, ela teria pelo menos um tempo para escolher qual curso faria e não seria empurrada para um que os pais mesmo escolhessem. Ela era uma guria de sorte.

Quando eu cansei de teclar, ela me ligou.

— E você como tá?

— Eu? – eu respondi – eu tenho uma nova melhor amiga, e eu também tenho um carinha no meu alvo.

— Conte mais! Conte como você já me esqueceu em apenas uma reles semana! – Julianne pediu.

— Exagerada! – Brinquei com ela – bom, ele é novo, não sei a idade, não sei o nome, acho que só quando eu tiver mais informações para eu te falar mais detalhes.

— E sobre essa sua nova melhor amiga – ela falou num tom irônico – devo temer.

— Totalmente! – eu disse – ela parece um anjo, calma e tranquila e bem bonita.

— Ah, sim... – ela resmungou.

— Eu só a conheço há um dia, dá uma chance também.

— Eu? Você que tem uma nova melhor amiga, não?

— Sim, preciso me juntar com gente de boa reputação para eu não ficar com má fama, já basta a que eu já tenho e que me persegue.

— E se você leva-la para o mau caminho?

— Então eu terei uma nova e ótima companheira.

Ambas sorrimos e conversamos, até minha mãe chegar e me tomar o celular.

Ninguém é de ferro

Só quando eu estava em casa, cercada do meu marasmo de costume, eu realmente procurei alguma coisa para fazer. Estava assistindo o filme melancolia de Lars Von Trier, e ele foi o salto que eu precisava para que não ficasse curtindo a solidão e o desespero que é se sentir impotente frente a algo que não se pode mudar. Decidi naquele momento, esquecer definitivamente o meu passado, deixá-lo um pouco de lado, queria esquecer-me de tudo o que um dia me afligiu e usar isso como inspiração, sim, inspiração. Peguei o Ipad da mochila e abri um arquivo de texto onde comecei a digitar por voz.

— Passo um: checar quanto dinheiro ainda tem na minha conta; passo dois: procurar uma casa com um valor acessível; passo três: procurar uma ONG para vítimas de violência física e psicológica; passo quatro: mobiliar o local, passo cinco: contatar vítimas de violência para elas encontrarem um local seguro para residir; e passo seis: encaminhá-las a um emprego.

Parei por um pouco de tempo, orgulhosa do modo como as coisas tinham seguido, se eu conseguisse tirar meu plano do papel, seria simplesmente fantástico. Eu poderia fazer por elas, o que eu não tive para mim, ajuda. Peguei o celular e disquei um número.

— Prime Banking, em que posso ajudar? – falou a voz do outro lado da linha.

— Eu gostaria de consultar meu saldo, por favor.

— Confirme os seus dados, por gentileza – a atendente pediu.

E após eu confirmar uma imensidão de números, ela enviou para mim um e-mail com o valor. Agradeci e desliguei. Sim, eu ainda tinha dinheiro na conta, os duzentos mil que meu pai deu-me no aniversário continuava intocado, pelo menos desde minha partida, e rendia com uma boa taxa de juros. Procurei casas à venda em East Valley e encontrei uma casa de tamanho médio, um pouco afastada do centro, mas que iria servir aos meus propósitos. Separei minha documentação e liguei para uma imobiliária. O corretor garantiu-me que até o final da semana eu seria dona da propriedade, para alguma coisa o sobrenome Driscoll servia, agradeci e desliguei com um sorriso.

Imediatamente comecei a ligar para ONGs pedindo contato desse tipo de pessoas, que como eu, já passaram por situações parecidas, e fiquei feliz ao perceber que tudo o que eu planejava seria de imensa ajuda. Eu marquei uma visita minha para a ONG em dois dias.

Depois disso, contente, eu desci as escadas e fui à cozinha.

— Mercedes?

— Sim, querida – nossa cozinheira me respondeu, ela era uma senhora de cerca de cinquenta anos, via-se no seu rosto as marcas de uma beleza que o tempo não consegue apagar, ela tinha um rosto calmo e compassivo, eu sempre gostei dela desde criança.

— Preciso da sua ajuda – pedi – depois de amanhã, pela tarde, eu farei uma visita a algumas amigas, e eu gostaria de levar algumas coisas para elas, algo para lanchar, e gostaria da sua ajuda.

— Vivian – ela me chamou, eu sempre havia lhe dado permissão para me chamar pelo primeiro nome – que tal uma torta invertida, algumas dúzias de salgados e biscoitos de gengibre?

— Perfeito, Mercedes! Quando sair da aula, eu venho por aqui pegar, e obrigada.

— Claro, se me permite uma observação, Vivian – ela disse com um ar de suspeita – eu creio que está aprontando alguma coisa, tenho medo de perguntar o que é, mas tome cuidado.

— Dessa vez prometo que não é nada mau, Mercedes – falei erguendo os dedos e jurando como uma escoteira – mas, por via das dúvidas, esconda suas

pimentas – pisquei para ela e saí da cozinha.

— Ah! Você está aí... – minha mãe estava me procurando, mas por quê?

— Pois não, Elizabeth?

— Venha comigo ao meu escritório, precisamos falar seriamente.

Ela andou alguns passos a minha frente, com aquela postura aristocrática que às vezes me dava uma irritação, e eu segui após ela, em silêncio e cheia de incertezas. Será que ela descobriu meus planos? Alguém da imobiliária ligou para ela? Ou da ONG? Não, da ONG provavelmente não, senão ela estaria me esfolando viva neste momento. Entramos no seu local de trabalho, a sala toda era revestida em tons claros, os móveis de madeira clara, até os itens de decoração eram claros, tudo limpo e calmo demais, o conjunto poderia ser resultado de duas coisas, uma mente serena, ou uma personalidade obsessiva, todos sabem qual era a minha aposta.

— Então, Vivian – ela começou a falar – como você sabe, aconteceram muitas coisas das quais não repercutiram marcas maiores devido às nossas influências.

Olhei para ela contrariada e pensando: “Não, esse assunto não, por favor!”, mas ela continuou.

— Como você pôde perceber não se falou nisso nesta cidade, nada que alguns milhares de dólares não fossem suficientes para resolver.

— Vá direto para a parte onde eu começo a me importar – falei.

— A questão é – ela falou como se falasse do tempo – todo o meu esforço não foi apenas para te poupar de um embaraço, o fato principal de eu não ter permitido manchar sua “honra” – ela usou o sinal dos dedos para indicar as aspas – é que a família Trevisan quer unir seus negócios com os nossos, e nada melhor que um casamento para consolidar a união das duas famílias.

Olhei para ela por alguns minutos, realmente forçando os olhos para ver se eu conseguia notar quando o sorriso começasse e eu entendesse a piada, quando o rosto dela continuou impassível como sempre, devido à seriedade da notícia e ao tempo de uso do BOTOX, quem começou a sorrir fui eu.

— Você só pode estar brincando – eu sorri a plenos pulmões.

— Eu não brinco, Vivian, já deveria saber.

— E onde pensa que estamos mamãe, na idade média?

Elizabeth não respondeu nada.

— Mamãe – eu pontuei bem a palavra – eu sou sua filha, mas não cederei a este capricho, se quer tanto unir as famílias, case-se a senhora com o filho dos Trevisan, eu não farei isso.

— Vivian – ela levantou da cadeira que estava sentada batendo as duas mãos na mesa em sua frente – cuidado com o tom.

— Só o que me faltava, agora vai começar a gritar também? Bater nas coisas? Só faltará bater em mim, é isso que a senhora quer? – fiquei bem próxima a ela, para que ela tivesse livre acesso ao meu rosto.

Fiquei nervosa por alguns segundos quando a mão dela fechou sobre a mesa, pensei, “Qual é? Ela vai me bater mesmo?” Quando ela não o fez, eu me

afastei ajeitando a postura, por mais que eu odiasse admitir, eu tinha muito do jeito da minha mãe, talvez por isso nunca demos certo uma com a outra.

— Se quiser me expulsar de casa me expulse – eu disse numa pose austera – eu não farei o que quer, e duvido que algum dia eu venha a casar. Se já acabou mamãe, eu estou de saída.

— Isso não acabou – Elizabeth disse.

— Para mim, sequer existiu – falei pausadamente e sai da sala dela, calma e tranquila.

Onde isso iria parar? Fui para meu quarto outra vez, o único lugar que parecia realmente meu ali naquela casa, e deitei na cama. Lágrimas queriam brotar dos meus olhos, eu detestava discutir, eu detestava ainda mais chorar, pisquei com força e afastei os pensamentos tristes da cabeça. Voltei para o Ipad e fiquei procurando móveis na internet, anotando os sites favoritos e os melhores preços, assim quando eu pudesse colocar tudo em funcionamento, ainda teria dinheiro para ajudar a manter tudo por alguns meses.

Meu telefone tocou.

— Fala! Minha linda! – era a voz de Julianne do outro lado.

— Oi... – eu falei baixinho, meio triste, mas respirei fundo, não queria que todo mundo ficasse sabendo de como era a situação dentro de casa – Minha Linda! Como está?

Ela conversou comigo por algum tempo, quando eu contei para ela tudo que me aconteceria, ela sorriu já sabendo que eu não iria deixar nada disso barato. Contei meus planos, ela concordou que eram valiosos e me incentivou a não contar para ninguém por algum tempo, pois minha mãe poderia descobrir tudo e acabar com meu projeto.

Era quase hora do jantar quando terminamos de falar, o jantar foi silencioso, meu pai não tinha voltado para casa ainda, assim que terminou, subi para meu quarto e fui encontrar um par no Tinder, por que ninguém é de ferro.

Dois Frappuccinos, por favor!

Quando acordei pela manhã, senti como se eu tivesse levado uma surra. Eu acabei dormindo de qualquer modo na cama, resultado: uma dor de torcicolo horrível, meu braço adormecido, que começava a formigar, e meu celular que caído no chão. Catei-o do chão e enviei uma mensagem para Emily após verificar o horário. Vestime, corri para não chegar atrasada e saí sem tomar café mesmo.

"Te espero na cafeteria próxima a faculdade, beijo! P.S. Achei seu número na sua rede social, coloca esse número só para você ver, branquela!"

Ontem à noite, o papo no Tinder rendeu. Eu marquei um encontro com um surfista de dezessete, acho que ele ficou bem feliz ao saber que eu era mais velha e universitária. Duas fantasias em uma. No ponto de ônibus, chequei outra vez minhas mensagens, o surfistinha tinha mandado mil bons dias para mim.

Corri para a cafeteria e pedi dois cafés com chantili e raspas de chocolate, e fiquei próxima ao local onde os carros estacionavam para que os estudantes descessem. Não demorou muito e vi o mesmo carro que deixou Emily noutro dia. O carro não tinha janelas fumês, então, se via claramente minha amiga chegando junto com um motorista, e que motorista! Provavelmente deve ser o cara com quem ela divide o apartamento, qual era o nome dele mesmo? Sorte dela eu não gostar de caras velhos, senão, eu me sentiria atraída por ele irremediavelmente.

Assim que ela desceu e deu um aceno de despedida para ele eu percebi que as coisas não deviam estar muito bem entre os dois. O cara mal olhou para ela,

pisou no acelerador e disparou com o carro, se eu não tivesse visto que ele tem uma cara de menino comportado, eu acharia que ele estava desovando um corpo.

— Somente três letras U-A-U! — sorri e me aproximei. Emily estava desconcertada e não percebeu a intenção do meu comentário, ou então a ignorou por completo, por que apenas disse.

— Como assim?

Acho que ela estava brava, tentei fazê-la sorrir um pouco.

— Se esse aí é o cara com quem você divide o apartamento, você é uma baita de uma sortuda — gesticulei com os cafés para todos os lados, correndo risco de derramá-los, como a exagerada que sou.

Ela desconversou, quis mostrar que não tinha acontecido nada, disse: — Que bobagem, e mais, eu não divido apartamento com ele, eu sou quase uma intrusa ali, por que ele tinha uma vida toda e uma rotina, e eu acho que eu estou começando a atrapalhar.

Emily terminou a frase num tom tão triste, que eu mesma não sei se ela percebia, senti vontade de abraçá-la, mas o toque era uma coisa para mim que era bem estranha, eu não sabia ao certo como agir, meu jeito de dar carinho para as pessoas era fazendo-as sorrir, e foi isso que eu tentei novamente.

— Hei, eu tenho certeza que qualquer cara que dividir o apartamento com você é um sortudo também.

Ela deu um sorriso leve que não foi totalmente verdadeiro, aparentemente, a rejeição, ou o que há entre os dois, doía mais nela do que ela queria admitir, e eu não sei se ela mesma estava se dando conta disso.

Estendi o café para ela, e andamos para a sala, ela estava silenciosa demais. Quando chegamos, o lindo, belíssimo, cara dos olhos de cores misteriosas, estava lá, outra vez, em frente a nós duas. Quando Emily percebeu se encolheu toda ao meu lado, e eu tive a chance de aparecer uma vez. Eu não queria assim, todavia não queria aparecer enquanto ela ainda estava triste. O menino à nossa frente virou para nós duas e pediu algo para escrever, Emily não estava para conversa, eu estendi para ele um caderno sobressalente e esperei que ele ficasse de frente para a turma de novo, a presença dele estava incomodando ela, e esse era meu jeito de resolver.

Ele falou alguma coisa para ela sobre uma carona, e eu não estava entendendo nada. Até que ele finalmente pareceu se apresentar para nós duas.

— Trevor Collins, e você? — ele disse estendendo uma mão para mim.

— Vivian Driscoll — respondi.

Depois ele virou-se para ela — E você?

— Emily.

— Muito bem, Emily sem sobrenome – Trevor disse – eu acho que não somos mais estranhos.

Sinceramente eu tive que sorrir com essa. Mas como Emily fez uma cara feia eu engoli o riso.

Finalmente o professor nos chamou a atenção e tivemos que virar para frente. Eu percebi que ele não ficou virando para trás como antes, e se minhas suspeitas estavam certas e a Emily estava com algum rolo com o louro divino que veio deixá-la, o caminho entre eu e o cara de olhos hora verde, hora azuis, estaria desimpedido.

Sorri para mim mesma outra vez com a ideia.

Como eu ainda não havia conseguido trocar minhas disciplinas, não por haver qualquer impedimento, mas por que eu mesma não tinha me focado nisso enquanto eu cuidava dos planos para minha casa de apoio, eu decidi ignorar essa parte da tarefa. A parte boa de ter ignorado tudo e empurrado com a barriga minhas obrigações eu só conheceria em alguns minutos.

— Ah, oi! – senti alguém me cutucar. Virei-me e me deparei com Trevor.

— Ah! Sim, o que houve? – perguntei surpresa.

— Você esqueceu isso aqui comigo – ele estendeu meu caderno – e eu sinceramente não quero ser conhecido na faculdade como o cara que usa um caderno da... – ele olhou para a capa – qualquer coisa que essa gata sem boca seja.

— Não é uma gata – eu o corrigi, sorrindo com vontade – é uma menina.

— De modo algum – Trevor arguiu – menina nenhuma tem orelhas assim.

Olhei para ele e peguei meu caderno protetoramente no peito, eu não acreditava que eu realmente tinha deixado minha empregada escolher um caderno da Hello Kitty para a faculdade. Como nem eu e nem ele dissemos mais nada, e eu estava atrasada para minha próxima aula, eu perguntei-lhe.

— Você ainda tem aula hoje? Qual? – corrigi-me – quero dizer, é por que eu estou atrasada para a minha aula.

— Sim – ele disseme – eu tenho aula agora, acho que é metodologia da pesquisa científica.

— Eu também – eu praticamente gritei, mas controlei meu tom de voz e continuei — quero dizer, puxa, que coincidência, você está indo para lá?

— Sim, e se quiser eu te acompanho, somente se não tiver ninguém mais para fazer isso, ou se não tiver mais nada que queira fazer antes...

Trevor terminou a frase coçando a cabeça, meio confuso e ao que me pareceu, lindamente encabulado. Eu decidi tornar o martírio dele mais longo depois de alguns segundos de suspense.

— Claro, pode me acompanhar, mas tem que levar isso para mim – eu falei jogando minha bolsa e o caderno na direção dele que agarrou tudo antes que caísse. Para minha sorte, e dele também.

O caminho para uma aula onde a professora no primeiro dia já tinha implicado comigo, e a qual eu já tinha absolutamente declarado como uma das minhas preteridas, nunca foi antes mais agradável. Trevor tratou de me contar um pouco sobre ele, e sempre que eu queria saber alguma coisa, era só eu perguntar e ele já tinha uma resposta pronta, independente do que fosse. Desde perguntas simples tais como: “Por que você escolheu o curso de direito?” ou “Onde você mora?” até “Qual a cor indefinida dos seus olhos?” e “Você é gay?”.

Para essa última, devo dizer, a resposta dele foi um longo e sonoro sorriso que lhe roubou o ar. Ele teve que encostar-se à parede para se recuperar, literalmente.

— Ninguém nunca me perguntou isso antes.

— Então talvez, e só talvez. Você nunca tenha me conhecido antes.

— Não, tens razão, eu não conhecia.

— Pois então responda.

— Você quer que eu responda ou que eu mostre? – ele sorriu de canto.

— Opa! Parando aí que eu não te dei esses tipos de liberdade, não ainda.

— Pois bem – ele disse – eu não sou, e se você não tivesse dito que não. Bom, eu provaria isso do melhor jeito que eu sei.

— Mas como eu disse não – eu falei – o senhor vai ficar bem comportado e carregar meus livros para a sala como está incumbido de fazer.

— Perfeitamente – eu respondi lhe sorrindo – acho que eu posso me acostumar perfeitamente com isso.

E como o bom garoto que ele era, carregou meus livros obedientemente e ainda me ofereceu uma carona para casa, que eu neguei. Devido a tudo que aconteceu em minha vida, eu não confiava em ninguém facilmente. Na verdade a única pessoa que eu confiei de primeira foi Emily, eu só não sabia se ela estava tão afim da minha amizade quanto eu a dela. Mas, com mulheres era sempre mais fácil me abrir, o problema era ficar com um homem.

Apesar de eu ficar com rapazes, eles para mim tinham que ser inexperientes. Assim eu assumiria o controle de tudo, eu não deixaria outra pessoa ficar por cima de mim tão rápido. Meu lema tornara-se: Me aceite como eu sou, ou assista-me enquanto eu vou. E assim sempre, por mais que eu quisesse, eu acabava partindo.

Duas da manhã

– Oi, como você tá?

Sorri para mim mesma ao reconhecer a voz do outro lado da linha.

– Estou bem, Trevor, e você?

– O que posso dizer? – ele perguntou com uma voz preguiçosa – estou maravilhosamente bem, agora.

– E então o que você quer?

– Tenho duas perguntas para te fazer Vivian – Trevor pausou por um momento – antes de tudo. Estou sozinho em casa e profundamente entristecido, então, gostaria de sair para algum lugar?

– Qual a segunda pergunta? – questionei.

– Um meteoro cairá na terra hoje?

– Como é? – perguntei realmente curiosa, meu cérebro deu nó – como assim?

– Bom! Você só tem duas respostas, um sim e um não, para qual das perguntas será o sim, e para qual será o não.

– Sério isso, Trevor? – perguntei – esse é realmente o convite para sair mais estúpido que eu já recebi, e pode ter certeza que eu já recebi vários.

– Eu acredito nisso, mas ainda não me respondeste. Qual levará um sim?

– Lógico que a primeira – eu respondi – seria muito burra se tentasse prever uma catástrofe na terra, geralmente quando eu tento a sorte eu sempre acerto.

– Isso é um sim?

– Isso é um sim, totalmente aborrecido pela sua falta de criatividade.

Trevor sorriu do outro lado da linha, sonoramente, e questionou.

– À que horas? Onde?

– Deixa-me ver, as sete, você me busca na minha casa, mandarei uma mensagem com o endereço.

– Perfeito – ele disse e desligou.

Definitivamente eu tinha um encontro. O que era bom em parte, eu me distrairia, e esqueceria um pouco do meu mundinho. Cada coisa, minha mãe continuava colocando na minha volta para casa, toda culpa do meu pai ter sumido por alguns dias. O que eu sabia, era que, eu sequer tive contato com ele, em todos esses dias, e eu também não sabia o que tinha acontecido, não sabia o que ele estava fazendo.

Vesti uma roupa não muito complicada, eu não estava tão preparada para me maquiar por duas horas, então só passei uma maquiagem simples mesmo, rímel incolor e brilho labial, além de um pouco de blush. Já eram seis e meia, e eu não estava tão atrasada.

Desci para a cozinha, Mercedes me viu pronta perguntou logo o que eu iria aprontar.

– Tenho um encontro – respondi tranquila.

– Sua mãe sabe?

– Não, ela mal sabe que eu existo, lembra? Em que planeta você vive, Mercedes?

– Vivian, o que acontece é que eu não quero ter que me explicar com ela depois.

– Por mim tudo bem, eu mesma explico.

A campainha tocou, e nossa empregada foi atender a porta. Olhei o relógio cuco na parede da cozinha, marcava seis e cinquenta e cinco. Ele estava adiantado.

– Adeusinho, Mercedes, não se preocupe que eu mesma me entendo com ela.

– Chama-a de mãe, Vivian – ela me deu uma bronca.

– Não posso chamá-la do que ela não é. Beijos.

E fui em direção à porta, a empregada já estava voltando para me chamar, eu fiz um sinal para ela, bem ao estilo “eu assumo daqui” e fui atender meu convidado.

– Trevor, oi!

– Oi – ele deu um sorriso para mim – você está linda, desculpe, eu trouxe isso para você – ele me estendeu uns chocolates – se eu soubesse que você

provavelmente já tem de tudo, eu tentaria trazer uma coisa mais à sua altura.

– Não fique impressionado com isso – eu falei dando de ombros, e gesticulei para a casa – é apenas uma grande casa para pessoas pequenas.

– Tentarei não ficar – ele respondeu sorrindo.

Peguei minha carteira e coloquei no bolso da minha jaqueta Jeans.

– E então, para onde vamos?

– Bom, eu conheço vários locais legais, mas, hoje, a noite está para um pub. Que tal?

– Por mim está perfeito.

Peguei o braço que ele me estendia e fomos para o carro dele, dali partiríamos para o tal pub, e em breve eu estaria afogando minhas agonias numa piña colada ao estilo caribenho.

O local tinha um som ambiente agradável. Ele era iluminado por luzes de tonalidade amareladas, as mesas ficavam encostadas às paredes, e as poltronas tinham um couro vermelho contrastando com a cor da madeira cor de caramelo. Eu adorei o ambiente barulhento, as pessoas com cara de que pertenciam a gangues de motoqueiros, era tudo bem legal.

Trevor de aproximou de mim e falou num volume pouco acima da música bem perto do meu ouvido.

– Você quer sentar ou quer dançar?

– O quê? – eu não tinha entendido direito.

– Dançar ou sentar? – ele disseme outra vez.

– Dançar, é claro! –eu falei pegando a mão dele e me dirigindo para o local onde tinha umas pessoas meio animadas numa dança de corpos suados, tudo bem intenso. Quando paramos no local, Trevor colocou a mão em minha cintura, e puxou-me para perto de si, as nossas pernas se entrelaçando, e então ele começou uma ginga meio sensual, me conduzindo, e não me deixando baixar o olhar. Eu coloquei minhas mãos nos ombros dele e acompanhei a ginga dele, vez ou outra eu jogava minha cabeça para trás e ele sorria comigo, estávamos animados, suados, e eu tenho que admitir, estava me atraindo por ele.

– Bebida agora? – ele perguntou para mim algum tempo depois de ficarmos dançando ali.

– Claro! – exclamei, estava suava e com a garganta seca, pelo nosso ritmo e pela vontade de beijá-lo que tomava conta de mim.

– Vem então – ele disse me levando pela mão para a direção do bar.

– Um absinto e uma... – ele virou para mim.

– Piña colada – completei.

A barmaid com seus enormes peitos falsos numa blusinha branca apertada e minissaia preta, sorriu para nós dois, e começou a preparar nossas bebidas.

Depois de cerca de quatro rodadas, finalmente Trevor tinha desistido de competir, e eu ganhei o tornei de virar copos. Eu me aproximei dele, eu não ia deixar ele tomar a iniciativa, e pulei praticamente em seu pescoço, apoiando minhas mãos nele, dei-lhe um beijo forte, que ele correspondeu com vontade. As mãos dele pousaram em meus quadris e enquanto ele se apoiava com o quadril na banqueta onde ele estava sentado, eu ficava pendurada nele.

– Que tal se nós dois nos comportarmos um pouco? – ele perguntou-me entre beijos, mas eu vi que ele estava sorrindo.

– Não, nada de se comportar hoje – respondi com a voz embargada, o álcool com certeza estava batendo à minha cabeça.

– Vem aqui – ele me puxou mais perto, entremeando as mãos no meu cabelo e puxando só um pouco – vamos para um canto mais reservado?

– Já? – perguntei, percebendo o que aquilo sugeria, foi como se o álcool sumisse do meu organismo e eu voltasse a ser sã, o enrolei – não sabe diferenciar a realidade de um blefe?

E sorri para ele, de um modo que o deixou meio irritado, e chamei a garçonete, pedi mais duas *piñas* coladas e um *bloody mary*, e continuei com minhas jogadas de charme, investidas e recusas, até bem perto das duas da manhã. Quando, depois de muita insistência, Trevor conseguiu me levar de volta para casa.

– Eu venho te buscar para irmos à aula amanhã, espero que não esteja de ressaca – Trevor disse.

– Eu também – respondi com uma vontade incontrolável de ir ao banheiro fazer xixi e vomitar.

Ele se despediu com um beijo, e eu retirando meus sapatos, e cambaleando embriagada, entrei pela porta da garagem, e fui pela cozinha, para que ninguém me visse.

Morna como um abraço

Minha alegria não durou muito tempo. Quando eu pensei que nada havia acontecido e subi as escadas, sentindo-me vitoriosa, notei que minha mãe estava no meu quarto, andando por ele, e o observando. Assim que eu entrei, ela se aproximou de mim a passos largos, uma fúria no rosto e me desferiu uma sonora tapa na face. A mão dela provavelmente ficou ardida, pois ela imediatamente a recolheu e começou a massagear com a outra mão. Eu respirei fundo, virei meu rosto para ela novamente, pois a tapa que ela me deu o fez virar para o lado, e sem mostrar ter perdido meu orgulho recém– ferido, disse– lhe.

– Então, ignorar uma a existência da outra parece não mais funcionar, a senhora agora insistirá em descer a este nível. Baixíssimo até mesmo para uma Driscoll.

– Não me desafie, Vivian – Elizabeth esbravejou – Não vê o quanto eu me esforço por você? Diz– me o que te falta? O quê? O que falta para você se comportar com o mínimo de decência? Não me estranha você ter puxado ao seu pai mesmo.

– Felizmente eu puxei ao meu pai – resmunguei – mas olha para mim, mãe – eu pedi para ela, me aproximando, a voz quase uma súplica – o que eu tenho de errado? Por que a senhora não me quer ou não me quis? Eu tento, eu juro que tento facilitar sua vida, eu mal entro em seu caminho, às vezes, durante a noite, eu tento imaginar sua voz sendo carinhosa comigo, me dando conselhos, me fazendo ver que eu sou alguém querida.

– Ora, Vivian – ela atravessou– me – não te ensinei a ser menos dramática?

– Não é isso, mãe, eu não quero fazer drama, eu só queria... Ah, esqueça, nunca adiantaria mesmo. Diga– me o que quer que eu faça? Quer que eu case com o filho dos seus amigos? Quer que eu volte para outro internato, qualquer um que me aceite? Se for apenas isso que você quer, se for isso o que eu tenho que fazer para te agradar, me diz, eu faço, eu juro que faço.

– Casamento? – ela anda até a minha escrivaninha onde o *Blackberry* dela estava e eu não percebi e mexe os dedos afoita, então vira o celular para mim para que eu veja a foto que ela me mostra – Com essa foto aqui, acha que alguém ainda vai te levar a sério? Já mandaram um e–mail para mim informando que não há mais interesse.

– O quê? Mas, como? – eu tentei formular alguma coisa, mas não havia explicação, era eu ali na foto, bêbada, beijando o Trevor, enquanto a mão dele estava apertando minha bunda sob a calça, e eu estava praticamente engolindo ele, num site de fofocas qualquer. Minha mãe interrompeu os meus pensamentos.

– O que você acha Vivian? Paparazzi, pessoas que vendem essas fotos para tabloides, ou para qualquer revista de fofoca.

– Mas, eu...

– Mas nada, você está de castigo, até que eu diga o contrário.

– Como é? – perguntei incrédula, quantos anos ela acha que eu tinha? Dez?

– Castigo, isso mesmo! – e saiu do meu quarto, não antes de me lançar essas palavras – se eu soubesse que você seria um dia isso que você se tornou, eu nunca a teria trazido para casa.

Não tive respostas, eu fiquei calada e deixei ela bater à porta com força, até mesmo todo o álcool que eu tinha tomado parecia de repente ter deixado de fazer efeito. Corri para o banho, eu estava enjoada, mas não pelo álcool, pelo nervosismo. Abri a tampa do vaso achando que a qualquer momento eu poderia vomitar, mas não, nada saia. Retirei minha roupa e fui para o chuveiro.

Enquanto a água caia em mim, morna como um carinho de mãe que eu nunca tive, eu revivia as memórias da discussão recente. Que droga, eu era uma boa filha. Apesar das minhas traquinagens quando criança, e devido ao modo como eu fazia questão de bagunçar as recepções da família, eu era boa, eu não fazia tudo por maldade, eu apenas queria sorrir.

Eu nunca me envolvi com drogas, eu estudava, eu nunca fui a mais inteligente da turma, mas eu também nunca trouxe nota menor que oito para casa, eu não gastava dinheiro loucamente, como qualquer pessoa rica e mimada faria, ao contrário, em vez disso eu sempre comprava coisas baratas, relativamente baratas para usar, a fim de não gastar tanto. Meus vestidos de gala, era a minha própria mãe quem comprava, por que eu não tinha coragem de gastar dez mil em uma coisa que eu usaria uma vez apenas.

E apesar do que aconteceu com o Adam no passado, coisa da qual eu me arrependo verdadeiramente, eu percebo que eu era apenas uma menina, iludida pelo que eu achava ser sentimento quando na verdade era apenas um crime.

Não, a culpa não era minha, eu era apenas a infeliz Barbie num castelo de plástico.

Nem mesmo minhas lembranças, por mais que eu quisesse me mostram qualquer momento de carinho, eu sempre tive babás, ela não me carregava ao colo, se quer tomei leite dos seios dela, só mais tarde eu descobri o motivo, ela não queria deformá-los. Eu sempre me senti apenas uma coisa rejeitada, talvez por isso eu sempre fui tão bagunceira, eu só queria chamar a atenção, eu só queria o olhar dela em mim de alguma forma, sem saber como.

As lágrimas desceram, irremediavelmente, eu chorei por anos, em poucos minutos. Enquanto a água morna me aquecia e me fazia sentir abraçada. Voltei para minha cama, e fechei os olhos um pouco para dormir. Nos meus sonhos, eu

era uma menina de colégio público com apenas um tênis descente para ir estudar, mas ainda assim, minha mãe me amava, e meu pai não estava ausente, e eu era, de algum modo feliz.

Um bom tempo após o sonho acabar, eu ainda estava com os olhos abertos pensando se eu iria ou não para a faculdade hoje e o dia já raiava. Meu celular tocou, era Emily.

– Vivian, eu posso confiar em você?

– Oi? Bom dia pra você também, claro que pode.

– Que tal, eu, você e um carro? – ela disse apressada – eu sei que não será um carro muito bom, afinal eu não posso gastar muito dinheiro, mas se você conseguir inteirar alguma coisa comigo, pelo menos eu não precisarei ir de ônibus para casa, e você a pé, como já cansou de me falar. E também, se você não tiver dinheiro, eu posso cobrir sua parte, e assim você me paga depois quando puder. O que acha?

– Acho incrível – eu disse, ela ainda não tinha visitado minha casa e por ser nova na cidade, provavelmente não sabia que os Driscoll tinham mais dinheiro do que poderiam gastar em mais de uma vida, era só ler qualquer matéria na

Forbes – eu só, bem... Estou meio cansada hoje, não sei se irei à aula hoje.

– O que aconteceu? – ela disse com uma voz preocupada ao telefone – por que sua voz tá meio triste?

Pareceu uma bobagem, mas eu senti um carinho tão verdadeiro e desinteressado vindo dela que senti vontade de chorar mais, mas engoli o choro e sorri de leve.

– Vivian, você está ai? Não pode faltar à aula, seu futuro depende disso, será sua profissão, tem que levar as coisas à sério, se eu soubesse onde você mora eu mesma iria aí te buscar, oras, eu preciso de você ao meu lado no dia que eu me formar, loura, não pode desistir já bem no comecinho.

– Larga de ser boba – eu disse – eu não vou desistir, eu só...

– Eu sei que acontecem coisas que nos desanimam, mas pode contar comigo para falar e reclamar dessas coisas quando quiser, você é uma menina legal, me ajudou no meu primeiro dia, e já veio ser minha amiga sem nem me conhecer, você é linda Vivian, mas além de linda, você tem um coração de ouro.

– Você mal me conhece – eu bufei.

– Justamente por isso posso dizer com propriedade, eu não te conheço para fazer pré-julgamentos, então posso falar minha opinião livremente sem ter que me basear em nada além do modo como me tratou.

– Obrigada – eu disse – vou me levantar, onde me espera?

– Na faculdade como sempre, e é bom a mocinha ir, senão eu te rastreio e você não vai querer me ver zangada – ela sorriu e eu sorri junto.

– Tudo bem, eu estou morrendo de medo do que uma menininha com rosto de boneca pode fazer.

– É só o rosto – ela disse num tom cômico – eu estou de olho em você.

Quando eu desliguei, eu ainda estava sorrindo.

Olhei para o celular para ver as horas, e tinha uma mensagem.

"Vivian, passo para te pegar em meia hora, mal dormi, espero que não esteja de ressaca, T.".

– Ah, Trevor, minha ressaca foi curada com uma bofetada – eu resmunguei e corri para me arrumar. Desci as escadas e sem tomar café fui me encontrar com Trevor, assim eu evitaria uma cena ridícula por parte da minha mãe.

Não demorou muito tempo, ele chegou. Eu estava encostada ao muro que circundava a casa, ele buzinou e eu entrei no carro.

– Temos uma missão – eu disse para ele – precisamos ajudar a Emily a comprar um carro.

– Um carro, legal – Trevor disse depois de me dar um selinho – eu conheço uns lugares.

– Perfeito – eu disse – e eu queria te pedir um favor.

– Claro, até dois.

– Eu não quero que você comente com ela qualquer coisa sobre valor, vamos sacar algum dinheiro num caixa eletrônico, uns dez mil eu acho que dará para comprar minha metade. Assim ela não fica, digamos, constrangida, deixe– a escolher.

– Por mim tudo bem – ele disse já com os olhos na estrada – mas não acho que ela seja interesseira, não parece o jeito dela.

– Não é por isso – eu o corrigi – é por que eu realmente não quero que ela me olhe com outros olhos, como se ela fosse inferior, ela é bem legal.

– Sim, ela parece ser – Trevor arguiu. Não muito tempo depois, esperávamos Emily na faculdade, eu já estava devidamente alimentada e menos irritada, com um maço de dinheiro na bolsa. Emily chega com um olhar confuso e irritado ao notar Trevor ao meu lado.

– Então vamos conseguir um carro pra você hoje? – Trevor começou.

– sim, mas não do jeito que você está acostumado – Ela respondeu atravessado.

– Eu concordo – Eu disse – especialmente com tudo o que você disse – lancei um olhar bravo para Trevor, ele tinha que parar de provoca-la – eu trouxe a minha metade, e você tem a sua, seria bom dividirmos um carro – eu sorri – vamos ter um carro!

– Calmem ai, um carro não é um bebê! – Trevor quis fazer piada.

– Eu ainda não entendi o que você está fazendo aqui – Emily disse séria.

– Bom, calma, veja bem, nem eu e nem você sabemos qualquer coisa sobre motores e parafusos, eu achei que seria bom se tivéssemos alguém pra ajudar com isso, além disso – pus a mão no ombro dele, como se o defendendo – ele conhece um lugar onde podemos encontrar carros baratos e bons.

– Por que aposto que são roubados – Emily falou carrancuda.

– Nada disso – Trevor disse – eu não sou esse tipo de maluco.

– São usados – eu falei instaurando a paz entre os dois e sorrindo diante da novidade, eu tinha dois melhores amigos, sendo um deles misto (amigo e caso).

Livin’on a Prayer

Eu estava animada, não simplesmente pelo motivo de estar indo comprar um carro, na verdade eu tinha condições de comprar um carro a qualquer momento, e um realmente bom carro. Eu estava me sentindo bem, por que me sentia parte de um grupo, me sentia parte de uma “galera”, digamos assim. Emily, ao contrário, parecia nervosa demais, bem mais branca do que de costume. Parecia até que tínhamos um corpo no nosso porta-malas. Trevor ia no banco da frente, e eu e ela íamos atrás, eu apertei o joelho no banco do motorista até ele sentir meu empurrão e olhar pelo retrovisor. Quando nossos olhares se encontraram eu gesticulei na direção de Emily, Trevor com certeza percebeu o quanto ela estava apreensiva e entendeu o recado de “alivia o clima” que eu passei.

– Calma! – ele disse – nós não vamos assaltar um banco.

– Verdade Emily – eu disse– somos pessoas adultas, com dinheiro, indo comprar um carro para facilitar nosso acesso à faculdade – falei séria querendo soar responsável, eu não resisti e sorri.

Eu não conseguia ficar séria nem fingindo? Eu tinha que deixá-la aliviada, ela era uma menina legal, mas tinha um jeito ainda bem infantil, acho que medo do que os outros diriam para ela, ou então ela estaria em apuros caso comprasse o carro. Eu também queria aliviar a tensão entre os dois, que merda! Esses meninos tem cada comentário. Quando eu achei que ele não podia provocá-la mais, ele continuou.

– Boa menina! – ele disse se endireitando no banco a frente – além disso, agora você vai ter uma desculpa melhor pra recusar as minhas caronas, não acha?

Ai Deus, como eu queria dar com o martelo de Thor na cabeça desse menino, assim ele parava de provocar. Então eu fiquei cochichando no banco de trás com Emily e ignorando totalmente Trevor no banco da frente, apesar de ele continuar contando mil e uma piadas sem graça sobre o dia em que Emily recusara uma carona dele. Eu tentava não sorrir, mas sorria, que droga, pelo menos ele tinha algum senso de humor. Quando ele parou de tentar fazê-la relaxar, eu fui vasculhar minha mochila em busca de um pouco de brilho labial, ofereci um pouco para Emily, mas ela não quis, eu guardei de volta. Peguei meu celular e mandei uma foto minha na estrada para meu onedrive, eu amava colecionar fotos, de tudo que imaginar, desde bichinhos fofos, até imitações de obras de arte, eu tinha muitos arquivos.

Quando eu ergui meu olhar para os dois, o clima entre eles parecia estranho outra vez. Será que os dois nunca ficariam em paz?

Muitos momentos se passaram dentro do carro, paramos antes do chegar à bendita loja, no banco onde Emily era correntista, assim ela poderia fazer um saque. Eu vi quando ela sacou três mil e quinhentos dólares apreensivamente, Trevor nos esperava no carro. Coloquei a mão gentilmente no ombro dela e tentei entender o que estava acontecendo, perguntei.

– Ei, o que há de errado?

– Eu não sei, eu só... – Emily procurava as palavras – não sei o que o meu “senhorio” vai pensar.

– Quem? – questionei outra vez.

– Nicholas. Ele está tão bravo comigo, e eu nem sei por que. Se eu fizer isso e ele contar para meu irmão, me delatar, eu não sei o que James irá pensar de mim.

– Amiga, deixa eu te falar uma coisa – eu endireitei os ombros para falar-lhe – não vive a tua vida baseada na opinião alheia, as pessoas tem mania de julgar tudo, até mesmo as pessoas que estão fazendo coisas boas, se você viver para agradá-las não irá viver.

– Obrigada – ela me sorriu e disse– eu devia ter recebido um corte desses antes.

– Não foi corte. Isso nem mesmo passou perto – eu expliquei com medo de tê-la magoado – eu só não quero que você seja tão severa consigo mesma. Relaxe, e seja a adulta que tem que ser.

– Você tem razão – ela disse adquirindo novo ânimo – vamos acabar logo com isso.

– Isso mesmo, manda o foda-se! – ela passou o braço sobre meu ombro e caminhamos de volta para o carro de Trevor.

O tempo passou, e finalmente chegamos a uma loja tipicamente americana de carros usados, um grande pátio cheio de frufrus e firulas, para tentar chamar a atenção dos que passavam na estrada em frente, também tinha um daqueles bonecos de ar que parecem que estão tendo convulsão, mas eu nem liguei, também tinham vendedores circulando atendendo sob o sol escaldante as pessoas que ali passavam. Numa placa grande lia-se – Queima de estoque – eu mesmo sendo muito boa de coração, não acreditava que todos aqueles carros seriam vendidos, a não ser que a queima de estoque fosse feita com gasolina de um palito de fósforo.

– Bom dia, pra quem é o carro?

Aquela voz, eu reconheceria essa voz em qualquer lugar. Pedi mentalmente a todas as energias do universo que não fosse quem eu estava pensando, mas infelizmente não fui atendida. Quando olhei ao rosto do vendedor as lembranças do meu passado borbulharam em minha mente. A explicação dele sobre os diamantes, as tantas juras asquerosas de amor entre beijos, o dia em que ele me fez mal e ainda me drogou.

Adam Mitchell.

Assim que me viu, reconheceu-me de imediato, e estava tão perto de mim que eu podia sentir o cheiro do suor dele, como se eu ainda estivesse naquele dia. Eu não queria me dar por vencida, eu queria poder encará-lo de frente e mostrar que o que ele fez não tinha me abalado, que eu não tinha mais medo, mas eu não consegui. A verdade era que eu estava morrendo de medo, o bastante para sequer conseguir tornar a olhá-lo aos olhos depois de ter lhe reconhecido. Diferente dele, que não conseguiu tirar os olhos de mim. Parecia até que os olhos dele cintilavam como naquele dia, o dia em que a máscara dele caiu. Ele até mesmo mexeu na calça. Depois de um tempo eu o ouvi falar para Trevor.

– Então é para você, meu jovem.

– isso mesmo, mas as meninas irão escolher e eu apenas irei dar o meu aval – Trevor falou.

– À proposito eu sou Adam Mitchell, campeão de vendas por três meses consecutivos, o que significa que vocês levarão um grande carro.

– Eu sou Trevor, esta é Emily, e esta é...

– Vivian Driscoll, já faz algum tempo! – Adam disse para mim, captando finalmente minha atenção, e estendeu a mão para mim, que não a peguei, eu não queria mais nenhum tipo de toque desse homem. Trevor olhou para mim, e eu não sei se meu olhar entregava o que eu sentia, eu só sei que ele chamou a atenção do vendedor para si e falou em tom categórico para que ele nos deixasse à vontade.

– Nós estamos dando uma olhada apenas, se algo nos interessar, chamaremos você – ele disse pondo a mão no ombro de Adam e apertando a mão dele com a outra – ou outra pessoa, você não vai se importar com um pouco de competição esse mês, não é?

O rosto de Adam mudou, sua expressão fechou-se e ele olhou para mim com verdadeira irritação, como se ele tivesse entendido que eu e Trevor estávamos juntos, eu poderia dizer até que pareceu que ele estava com ciúmes. Com um sorriso ridiculamente fingido ele virou-se e caminhou na direção de qualquer lugar que seja de onde ele veio.

Trevor se aproximou de mim. Passou a mão no meu ombro, de leve, acarinhou o meu rosto, me analisando, então ele parou de me analisar e perguntou se tudo estava bem. Apenas assenti com a cabeça, mas o medo era maior, e eu pedi.

– Tem algum outro lugar pra irmos? Eu não estou me sentindo bem aqui.

– Nem precisa pedir duas vezes – disse Trevor colocando um braço protetor por cima de mim e o outro por cima de Emily, e dando um beijo no alto da cabeleira de cada uma.

Voltamos para o veículo e ele viu no mapa que a próxima loja ficava não muito distante dali. Para alegrar um pouco o meu clima de velório ele me virou e disseme, quando já estava sentado no banco da frente.

– Agora, especialmente do DJ Trevor Collins, uma canção que nos fará sentir um pouco da liberdade...

Ele apertou alguns botões no painel, o primeiro desceu a capota do conversível, e o segundo fez começar a tocar uma música cuja letra eu reconheci imediatamente.

"Livin’on a prayer".

Emily virou para mim com um sorriso e começou a cantar os primeiros versos, e me cutucou tanto que eu comecei a cantar também. Trevor cantando era um show também, ela com muito esforço poderia até soar afinado.

Quando nós chegamos a uma nova loja, eu tinha me recuperado e já estava bem. Saltamos do carro por cima da porta, e Trevor quase teve um infarto ao ir procurar algum arranhão que porventura nossos sapatos poderiam ter deixado.

Então ao mesmo tempo nos duas olhamos para um Hyundai Elantra, de cor vinho e nem procuramos mais nenhum outro carro, a não ser um pequeno arranhão que ele tinha sobre o capô, nada mais de defeito havia nele, não para nós duas pelo menos.

Trevor tentou nos convencer sobre questões técnicas sobre as quais tampouco eu ou Emily tínhamos conhecimento, e ao desistir, chamou uma das vendedoras que estavam por perto e perguntou vários aspectos técnicos que nenhuma de nós duas estávamos interessadas.

Eu e Emily, só ficávamos dentro do carro, mexendo em várias coisas e descobrindo um porta copos, e um porta caneta e decidindo que cor seriam os

dados de pelúcia brega que penduraríamos no retrovisor.

– Rosa – foi decidido por mim.

– Amarelo – Emily contra argumentou.

– Um amarelo e um rosa? – Selamos a paz.

Duas horas mais tarde e pronto, tínhamos um carro, tínhamos os documentos, as chaves, ele usado custou cinco mil e quinhentos dólares, e com a barganha de Trevor conseguimos o tanque cheio.

Deixamo-lo resolvendo as últimas questões com a vendedora e voltamos para dentro do nosso novo bem. Não demorou muito ele apareceu pela janela do motorista, onde Emily estava. Apoiou os braços e olhando pra dentro sorridente.

– Eu não sei vocês, mas eu estou morrendo de fome, que tal hambúrguer com fritas?

– Perfeito – respondemos em uníssono, bastante entusiasmadas – Onde?

– Tem uma lanchonete perto daqui a Rocky Bar, apesar do nome não é um bar e nem toca rock, mas é bastante legal.

– Eu não sei onde é – Emily respondeu.

– Beleza, eu saio na frente e você segue o caminho que eu for, pode ser assim? – Ele perguntou para Emily, e apesar de sermos amigas, eu não gostei do modo que ela ficou toda nervosinha e sorridente com o rosto dele há cerca de dez centímetros do dela.

– Ok – ela disse, e ele saiu do carro indo pra o conversível dele que seguimos mais atrás.

– Desculpe pela cena de hoje.

– Não tem problema moça, quando eu der uma cena quero você por perto também – ela me disse gentilmente e eu me senti mal por ter sentido ciúmes a

meio segundo atrás.

– Eu sei...

– Mas que tal falarmos sobre isso hoje? – rapidamente ela me olhou com um sorriso gigantesco, assim eu não poderia recusar, e sinceramente, eu não queria recusar, seria bom ficar um pouco afastada de casa, mesmo com o castigo da minha mãe.

– Hoje? Eu ligo mais tarde? – perguntei.

– Não, que tal – ela respondeu sem olhar para mim, concentrada na pista à frente e no caminho que Trevor pegava – eu e você, esse fim de semana comigo? E praia no domingo?

– Seria perfeito! – eu falei meio alto demais.

– Pronto, terminado o almoço passamos na sua casa e pegamos algumas coisas, a não ser que você queira ir direto pra minha, e vista algo do que eu

tenho.

– Sim, eu prefiro assim – eu atalhei – prefiro ir direto para sua casa, se não se importar.

– Combinado.

Trevor estacionou e nós atrás dele. Sentamos numa mesa próxima à janela e pedimos. Eu mal podia acreditar que estava me comportando, mesmo com as nojeiras que Trevor fazia. Infelizmente eu passaria esses dias longe dele, mas por outra parte, felizmente eu estaria fora de casa. Já eram quase 5 da tarde quando finalmente nos despedimos. Eu convidei Trevor para a nossa praia do fim-de-semana, algo que ele aceitou prontamente.

Combinamos de nos encontrar no prédio onde Emily morava. Outra vez Trevor nos deu um beijo no alto da cabeça enquanto nos despedíamos. E eu ia para o apartamento do Nicholas, o cara que dividia o apartamento com Emily, esperando que ela tivesse esquecido sobre a bendita conversa.

Um abraço para mim

Nicholas não estava em sua casa, o que era uma pena, mesmo com meu sexto sentido dizendo que tinha alguma coisa rolando da parte da Emily com esse cara, olhar não tira pedaço né? E ele era uma coisa linda de se olhar. Quando chegamos, ela me ofereceu uma roupa dela e me apontou o banheiro compartilhado para eu tomar banho. Fui para lá e me aprontei antes que o dono da casa chegasse. Quando voltei para o quarto dela, encontrei-a remexendo uma mala no canto do quarto.

– O que está fazendo aí?

– Procurando algo para eu vestir.

– E essas, suponho, são suas malas? – ironizei.

– São sim, ué, de quem mais? – ela deu de ombros.

– Vamos organizar suas coisas? – eu disse – assim matamos o tempo, e eu

te ajudo um pouco também.

– Ah, mas você é visita, não pode.

– Eu vou fingir que não ouvi isso, tá? – eu disse – onde temos cabides?

– Provavelmente no armário de Nicholas, ou na dispensa, sei lá.

– Eu vou pegar – eu disse e saí procurando na pequena despensa do apartamento, nada, eu teria mesmo que invadir o quarto do Nicholas, nem pensei duas vezes, entrei e achei o closet dele, tinha uma caixa com várias dúzias de cabides sobrando, peguei toda ela e levei para o quarto de Emily – aqui, achei um monte.

– Obrigada – agradeceu – onde estavam?

– No quarto do Nicholas – respondi.

– Você entrou lá? – perguntou surpresa.

– Não tinha cerca elétrica, soldados, nem nada me impedindo, nem mesmo uma daquelas placas baratas de não perturbe, então eu entrei.

Sorrimos juntas, depois carregamos a mala dela para cima da cama, despejamos todo o conteúdo sobre a cama, colocamo-la no chão de volta, e começamos a colocar as peças organizadamente no pequeno closet de Emily.

Ela tinha algumas coisas que eu usaria com certeza, tipo uns vestidos longos florais, que eu não imagino quando ela usaria de novo no clima frio de East Valley, mas que eram lindos. Eu experimentava alguns antes de colocar nos cabides.

– Vivian, você sabe que temos uma conversa pendente – Emily me chamou a atenção.

“Que droga, eu não queria ter que falar disso agora, e se ela se afastasse? Ou ainda, se me expulsasse daqui?”

Não tinha jeito, eu sentei na cama, e rememorando tudo, comecei a contar–lhe tudo, como tinha ocorrido.

– Bom isso foi há bem pouco tempo, tipo uns cinco anos. Eu o conheci em uma festa dos meus pais, você sabe? – eu já havia comentado com ela, pouco antes de eu ir tomar banho, sobre meus pais, e as festas deles – eu estava entediada de tanta gente ao meu redor e eu decidi ir para a varanda da casa, eu fiquei ali algum tempo e finalmente ouvi alguém quase atrás de mim, mas não se preocupe ele não tentou nada, pelo menos não ainda... – respirei fundo e continuei – ele apenas falou um pouco mal dos meus pais e eu sorri com ele, bom, ele é o herdeiro daquele deposito de ferrugem que nós visitamos hoje à tarde.

– Sim, continue... – ela me apoiou com um leve pousar de mãos sobre as minhas.

– Bom, conversamos algum tempo, e ele você viu, apesar de ser meio mais velho que eu, ele tinha um jeito divertido, mas com o tempo ele começou a passar as mãos por lugares impróprios do meu corpo, e eu pedia que não, mas mesmo assim ele insistia, um dia digamos, ele perdeu a paciência – eu despejei tudo de uma vez, eu não queria contar os detalhes minuciosamente, então resumi tudo, assim contei a história antes de perder a coragem, não consegui encará-la, não queria ser julgada. Sempre culpam a vítima, com frases do tipo: “Ah, mas você sabe o que um homem adulto quer”, “Você com certeza deu oportunidade!” ou ainda “Por que você não gritou ou mordeu ele?”, e eu não queria que ela me dissesse qualquer uma destas coisas, eu queria alguém que entendesse a minha dor.

– Você está me dizendo o que acho que está me dizendo?

– Sim, ele me obrigou.

– Por que não o denunciou? – eu disse já exasperada, batendo as mãos na cama.

– Por quê? – eu ri, eu bem poderia contar – lhe tudo sobre mim agora, sobre minha família despedaçada, sobre minha mãe que não me quis, mas não era tempo, contei-lhe parcialmente as coisas – por que seria a minha palavra contra a dele, e digamos que eu nunca fui uma filha muito exemplar enquanto ele é um respeitado herdeiro de um monte de depósitos de ferrugem iguais aquele e casado, membro do conselho de pureza de quase dois terços das igrejas locais.

Emily levantou– se e veio praticamente correndo para mim, me abraçou. Eu nunca tinha sido abraçada com tanto carinho antes, ela também chorava, não me lembro de alguém já ter chorado por mim.

– Tudo está bem agora – ela me consolava, afagando meu cabelo, o que devo dizer, me fez sentir tão bem – ele não pode mais fazer nada, nem eu e nem o Trevor, e Deus queira, até o Nicholas não iremos deixar nada parecido com isso acontecer outra vez.

– Eu sei – eu ri e chorei ao mesmo tempo, alguém não tinha me julgado, alguém me compreendia – mas veja o que você fez! – Falei enquanto limpava o olho borrado do rímel que não era à prova d'água – eu devo estar parecendo um urso panda.

– Está sim – ela disse, e sorriu– me ao perceber que eu estava bem.

– Vou tomar um banho, pode ser? – mais outro, ela iria estranhar eu sei, mas só o fato de lembrar– me do que tinha acontecido me deixava sentindo suja. Felizmente ela não me questionou sobre isso.

– Claro, eu vou assim que você acabar, enquanto isso, eu vou fazer algo pra jantar, sei lá, o que você gosta?

– Não sei, me surpreenda – pisquei para ela e desapareci pela porta para ir ao banheiro.

Eu li uma vez em algum lugar que pessoas deprimidas tomam banhos mais longos, será que esse era meu caso? Saí quase imediatamente ao perceber isso, eu não deixaria isso me abater, eu precisava sinceramente lutar, não só por mim, mas pelos planos que eu tinha, a ONG, era tudo o que eu queria realizar nesse momento.

Eu secava o cabelo quando Emily entrou e tirou a roupa para ir tomar banho no box, nem sabia que já estávamos nesse tipo de intimidade, mas nem liguei. Quando terminei fui para a sala e estava sentada no sofá folheando uma revista quando Nicholas chegou.

Eu me acostumaria fácil com a visão dum loiro desses entrando na minha casa todos os dias, ele só era velho demais para mim. Sei lá, qualquer coisa acima dos vinte, não fazia mais o meu tipo.

– Olá, você deve ser a Vivian. Estou certo? – Ele falou aproximando– se de mim, logo após colocar as comprar na bancada da cozinha.

– Sim, e você é o Nicholas, correta?

– Corretíssima, que bom que está aqui – ele disse “que voz é essa, meu Pai!” eu pensava o tempo inteiro.

– Obrigada – eu disse me aproximando dele – Quer ajuda?

– Ah, não tem muita coisa para fazer, mas se quiser me ajudar a dispor os pratos, seria de grande valia – ele disse e me sorriu gentilmente.

– É claro! – eu fui ajudá-lo a organizar as coisas.

– E então, se eu não me engano, foi você que estava aguardando ela na porta da faculdade há alguns dias, me corrija se eu estiver enganado, por favor.

– Não está, era eu mesma.

– O que estuda lá?

Bem nessa hora Emily vem caminhando na direção da cozinha, eu ia responder, mas fiz silêncio e arregalei os olhos gesticulando para a blusa que ela estava usando. Eu fiz o gesto para ela se cobrir antes de Nicholas olhar, mas meu gesto chamou a atenção dele e ele olhou para onde eu olhava. E notou, a blusa que ela estava usando era a que eu usava minutos antes de ir tomar meu primeiro banho, e em letras garrafais tinha escrito “I want it in the ass” – ou seja – “Eu quero na bunda!” o pior nem era isso, o pior era o desenho nas costas de uma seta formada por um membro masculino. Ela voltou correndo para o quarto, Nicholas e eu sorrimos com vontade, não dela, mas da cena, e eu posso até dizer, ele gostou da cena que ele viu.

Após o jantar fomos assistir a um filme, eu estava meio cansada pela falta de sono da noite anterior, então bem antes do final do filme eu já estava dormindo ali mesmo, apenas resmungando de vez em quando por causa do cochicho dos dois.

Mas o que são os sonhos?

– Onde raios eu estou? Ah, é mesmo, apartamento do Nicholas.

Acordei com uma mão sobre minha cintura, num cômodo exageradamente iluminado. Olhei para a mão sobre mim era de Emily, em algum momento enquanto ela ainda estava dormindo ela se aproximou e me abraçou. Levantei, retirando a mão dela, se eu dormisse mais eu teria dor de cabeça, então o dia definitivamente tinha começado para mim.

De acordo com meu celular já era meio-dia, e mesmo assim eu me sentia cansada. Levantei-me coçando a cabeça, vi uma mesa com alguns pães integrais, queijo, presunto e mortadela, iogurte grego, café, suco, frutas variadas e leite. Eu sei que não se comparava em nada do que minha mãe costumava montar todas as manhãs, mas ainda assim, parecia que aquilo sim, era tão mais verdadeiro. Era assim que deviam ser os cafés da manhã, sem xicaras de porcelana chinesa com detalhes em ouro vinte e quatro quilates, sem garfos importados da Inglaterra, e principalmente, sem discussões matinais e falta de apetite. Sentei-me na bancada da mesa e servi-me do iogurte grego, com frutas e um pedaço de queijo com suco de groselha. Como eu imaginava delicioso.

Nicholas apareceu, deu um bom dia e sentou na cadeira próxima a minha para tomar café.

– Dormiu bem, Vivian?

– Sim, Nicholas, obrigada. Apesar de hoje pela manhã eu não fazer ideia de onde estava quando acordei.

– Aconteceu comigo também no primeiro dia, não se preocupe – ele sorriu.

Foi aí que começou um pequeno falatório.

– Me desculpa...

– O que foi isso? – perguntei olhando meu celular. Vai que ele estava possuído, acho que Nicholas foi ver se o dele também estava.

– Sua boca é tão linda...

Olhamos os dois ao mesmo tempo do lugar de onde vinha o falatório, Emily estava falando dormindo. Ou melhor, tagarelando dormindo, por que eram frases inteiras.

– Você é tão lindo...

Eu sorri e me aproximei sentando no sofá ao lado de onde ela estava deitada, esmagando os travesseiros. Nicholas fez o mesmo, mas sentou-se no outro sofá. Emily continuou falando.

– Eu nunca me apaixonei, Nicholas, eu tenho medo...

Ao ouvir o nome dele, eu olhei para ele, que tinha no olhar um misto de satisfação e surpresa, ao ouvir seu nome povoando os sonhos dela. O olhar dele brilhava até.

– Não, não vá Nicholas, espere... – Emily continuou reclamando no sonho, soltando um muxoxo de tristeza, ao que parecia, ela estava sendo abandonada.

Vi que quase Nicholas se levantava para acalmá-la, e mostrar que ele estava ali, mas ele continuou ouvindo, controlado.

– Eu quero que você me beije...

Nicholas respirou fundo “que bonitinho”, eu pensei. Ela tem realmente uma queda por ele, mas o nome que ela chamou agora foi diferente.

– Trevor, você beija bem...

Nicholas levantou-se e eu também, ele irritou-se com o comentário dela, apesar de ela estar dormindo, eu não sei o que aquilo significava para ele, mas foi meio estranho ouvir minha amiga chamando o nome de Trevor, independente do que ele fosse para mim.

– Quem é Trevor? – Nicholas perguntou me roubando dos meus devaneios.

– É um rapaz da faculdade, com quem a Emily provavelmente estava sonhando – Nossa... Isso foi estranho, pensei – e sabe– se lá o que aconteceu

nesse sonho.

– Vivian... – Emily reclamou no chão da sala, alto dessa vez – eu te protejo Vivian...

– Meu nome, que fofa! – eu exclamei, sinceramente foi bonitinho, fez até esquecer-me do recém-ocorrido.

– Eles estão namorando ou não sei, se conhecendo? – Questionou-me outra vez.

– Acho que não, até onde eu sei pelo menos – eu respondi, e então entendi tudo – você gosta dela.

– Oi? Não! Quer dizer...

– Isso não foi uma pergunta – eu disse enquanto mordia um pedaço de fruta – você gosta dela, eu não acho que o Trevor seja um impedimento para você.

– Como sabe? – ele perguntou com um rosto adoravelmente confuso.

– Digamos apenas que eu sei, pode ser assim?

– Perfeitamente – ele disse enquanto observava Emily dormir. Ele parecia gostar tanto dela, eu queria algo assim um dia.

Não muito tempo depois Nicholas decidiu fazer o almoço, nós tínhamos conversado bastante sobre a minha família, e ele afirmou que conhecia os Driscoll, e que ouvira falar muito sobre nós. Eu agradeci gentilmente, mas ainda não me sentia totalmente confortável em abrir-me com ele, seria demais contar para mais de uma pessoa sobre isso em dois dias. Emily finalmente começou a se remexer e ergueu– se, levantando-se para despertar para um novo dia. Observou-nos cortando vegetais na bancada, e a cena deve tê-la deixado com ciúmes, pois fez uma carranca. Eu sorri para ela, Nicholas fez o mesmo. O cabelo dela parecia uma selva, e eu ri da cena, ela ainda sonolenta indo para o banheiro coçando o bumbum.

– Por favor – Nicholas pediu – Não comente sobre o que conversamos, pelo menos não ainda, eu não quero estragar tudo, e não quero que ela vá embora.

– Fique tranquilo, eu não faria isso – pisquei para ele.

Emily surgiu bem mais organizada, eu a cumprimentei.

– Como está essa menina que mais fala dormindo durante a noite?

– Oi? – ela disse meio perguntando enquanto entupia uma xícara de café.

– Você fala demais enquanto dorme, deu vontade de eu colocar um gravador para mostrar, mas você estava dizendo coisas muito improprias para alguém da sua idade.

– Como assim? – Ela sentou próxima de nós, observando nossa revolução gastronômica.

– Você fala enquanto dorme – disse Nicholas – e conversa com alguém que você está sonhando, em parte é engraçado.

“Tão engraçado que você nem sorri para disfarçar” eu pensei brava.

– O que eu falei? – ela perguntou olhando para Nicholas e para mim.

– Um monte de coisas – eu disse tentando não expor demais a situação do meu novo coleguinha – a maioria era indecifrável, mas você chamou meu nome duas vezes, e o do Nicholas aqui três vezes.

Ela ainda não parecia satisfeita, talvez por que o humor do Nicholas tenha mudado em dois minutos.

– O que mais?

– Bom – Nicholas falou – você aparentemente estava tendo um primeiro encontro com alguém chamado Trevor.

– Sim – eu falei entusiasmada demais, tentei soar risonha, mas eu estava nervosa, não queria desfazer nossa amizade, caso ela gostasse dele, por que eu sei que eu perderia – e eu acho que vocês se beijaram por que você disse que ele beijava bem.

– Você também disse que nunca tinha se apaixonado – completou Nicholas.

– Se isso for verdade amiga, é triste! – eu disse, finalmente soando normal, pelo menos o meu normal.

Emily foi para o sofá, deitou– se ali, e nos deixou cozinhando. Nicholas vez ou outra olhava para ela com medo de perdê-la, e por incrível que pareça eu também. Finalmente eu estava me encaixando num grupo onde não tinham pessoas malucas, ou problemáticas (além de mim) e não queria perder uma amiga por causa de homem. Também não queria que Trevor fosse o motivo da separação, eu achava que gostava dele, até aqui. E também não queria ver Nicholas triste, ele parecia um bom sujeito. Era cedo demais para eu dizer para ela que eu e Trevor estávamos namorando quando nenhum dos dois disse isso, e também não sabia se eu estava solteira.

Eu sinceramente não sabia o que e nem como fazer para resolver minha (nossa) situação.

Lidando com maus sinais

O celular despertou bem cedo, e fui eu quem colocou mesmo para despertar cedo. Por quê? Esqueceram que é dia de praia? Eu estava no colchão reserva no chão e apenas joguei um travesseiro na cabeça de Emily que estava dormindo tranquilamente, ela levanta assustada.

– O que foi isso? Para que isso sua ridícula?

– Calma babe, praia, Trevor, areia e água lembra?

– Mas que horas são? – ela estava confusa e sonolenta ainda e se jogou outra vez na cama – me chama em dez minutos, ainda nem amanheceu.

– E nem vai enquanto estivermos com as cortinas fechadas – eu disse aproximando-me e puxando as cobertas dela – Vamos Emily, levanta! Eu não quero que ele chegue sem ao menos termos limpado o rosto.

– Por que não? – ela resmungou cobrindo a cabeça com o travesseiro

felpudo que eu joguei há pouco tempo nela.

– Por quê? Oras, por que sim – eu atalhei – e vamos logo, ainda temos um longo trabalho pela frente.

– Ah, tá bem – respondeu-me coçando os olhos e chateada, mas eu tinha um motivo, e se nenhum dos biquínis dela ficasse bem em mim? Eu teria mesmo que ir até em casa, ou até uma loja e comprar alguma coisa decente. Como eu imaginava, ela não tinha nada muito sofisticado ou caro, ou pelo menos que ressaltasse meu bronzeado como eu queria, mas iria servir. Fiz uma nota mental de comprar uns maiôs e biquínis para ela de presente. Apesar de tudo, essa foi a parte fácil, encontrar um short para ela que combinasse, e uma blusa comprida o suficiente para que ela pudesse ficar à vontade, mas com as pernas à mostra.

– Para de rir alto assim, doida – Emily reclamou – vamos acordar o Nicholas antes de sairmos, e está muito cedo.

– Que bonitinha! Preocupada com ele! – eu exclamei.

– Não, não é isso – ela disse – quer dizer, é isso também, mas eu chamo de gentileza.

– Eu também seria bem “gentil” com ele – fiz o sinal das aspas em gentil – se fosse comigo que ele morasse.

– Boba – ela deu-me língua.

Ainda pouco tempo passou e finalmente estávamos prontas, saímos do quarto até a sala-de-estar/cozinha do apartamento. Nicholas já estava acordado, servindo-se de café, e o olhar que ele nos deu era um misto de duas coisas, curiosidade e mais curiosidade ainda, eu podia até jurar que ele tinha ouvido tudo, pelo modo como ele olhava para a minha amiga.

– Fugindo? – ele perguntou acenando para nossas mochilas de costa, não era minha culpa que Emily não tivesse pequenas bolsas de praia, teríamos que nos virar com essas JHONJHON.

– Ah, claro que não, vamos à praia – eu expliquei.

– Desculpa não avisar, achávamos que você estivesse dormindo – Emily falou finalmente.

– Não parecia que as senhoritas não queriam me acordar com toda aquela risadinha do outro lado do corredor – nossa! Sério que ele vai nos dar uma bronca aqui mesmo? Mau humor matinal, nós vemos aqui.

Emily apenas sorriu para mim, e eu correspondi, quando ela ia pedir desculpas a campainha tocou. Ela ficou com um olhar nervoso, e quando eu pensei que ela iria atender antes de Nicholas ver quem seria nossa companhia, ele se levantou e foi abrir a porta do apartamento para ver quem era. Quando ele viu quem era e olhou para mim e para Emily com um olhar severo, mas um sorriso gentil, eu pensei logo: “Com certeza é o Trevor...”.

– Acho que é para vocês – Ele abriu a porta para que o estranho entrasse “Trevor” e eu percebi que tinha acertado.

O doido do Trevor entrou no apartamento sem limpar os sapatos, sem ao menos desejar um bom dia para nós duas, sem nem mesmo estender a mão para Nicholas, o dono do local, num cumprimento, eu quase bati com a palma da mão na testa para provar meu desapontamento.

– Olá as duas, tudo pronto pra irmos? – ele olhou para mim piscando um olho.

– Elas ainda nem tomaram café – disse Nicholas após fechar a porta e ficar lado a lado com Trevor – e Emily não é gente antes do café, não é mesmo? – ele não estava nem um pouquinho feliz.

– Claro, se você puder esperar só alguns momentos Trevor, eu realmente preciso do meu liquido precioso pela manhã.

Quando Emily disse o nome de Trevor, Nicholas arregalou os olhos e finalmente pode conhecer o seu rival, ou seja, o outro cara que ela sonhou ontem à noite, e que porventura, era o cara que eu estava pegando.

– À vontade – Trevor entrou no apartamento e se jogou no sofá, colocando os pés sobre a mesa de centro, ele era muito folgado mesmo – esse lugar é legal, tá de parabéns cara.

– Obrigado – disse Nicholas gentilmente, mesmo a educação que eu via que ele tinha não conseguiu disfarçar o fuzilamento que acontecia com Trevor, que se raiva e ciúmes matasse, já estaria morto.

– Se apressa, sua tonta – eu disse para Emily – ainda há tempo de evitar um crime, ou uma guerra mundial.

– Você tem razão – ela disse após ficar um tempo observando os dois como se estivesse considerando as opções. Qual é? Trevor não era uma opção, era? Ele era meu.

Tomamos às pressas uma xicara de café preto que Nicholas havia preparado, e enquanto ela comia um bolo que alguém comprou, eu comia uma banana com mel.

– Eu terminei – ela disse e se levantou jogando as coisas na pia, eu nem tinha terminado ainda. A cena, se não fosse trágica seria cômica. Fiquei brava apenas por não poder terminar minha fruta, mas entendi a cena dela, não sem provocar primeiro.

– Vamos? Já?

– Já! – Emily disse com uma cara de brava.

Trevor deu as mãos para um Nicholas chateado e ciumento, enquanto Emily implorava para sair daquela situação.

– Divirtam-se – Nicholas despediu-se da gente – mas não tanto.

Eu sorri finalmente ao lado dela, será que ela não percebia que ele estava louco por ela? Pelo menos, eu não era a menina que estava sendo ignorada pelo cara com quem ela tinha sido flagrada num pub.

– Eu aposto que quando chegarmos lá todos os melhores lugares já estarão lotados.

– Não diz isso – dei um cascudo nele, por falar que não conseguiríamos e também para retirar um pouco da raiva que eu estava sentindo dele no momento por mil motivos, mas especialmente por ele não ter tomado nenhuma atitude sobre nós dois, e não parar de olhar para o decote da minha amiga.

Trevor pegou o carro dele para nos levar, o que me pareceu ser um grande sacrifício, e depois de uma breve discussão, concordamos que não precisaríamos estrear nosso Elantra hoje.

Pouco tempo depois, finalmente, água, mar, vento, gente, adolescentes por todo lado se oferecendo para os universitários, alguns doidos na carroceria de seus Pick-ups, e universitárias tomando shots de tequila, aquilo sim, era diversão. Ajudamos Trevor depois de brigar de novo, a carregar uma das caixas

que ele trouxe para a praia. Ele tinha preparado toda a parte funcional, mas qual é? Pelo menos nós tínhamos protetores solar.

Assim que descarregamos tudo, apostamos uma corrida até a água, Emily saiu na frente e eu virei para dar um adeusinho para Trevor que parecia um cara de propagandas Cacharel, bem praiano. Mergulhos depois, e muito sal no cabelo, voltamos para o guarda sol.

– Eu quero uma dessas – apontei para a cerveja na mão dele, assim eu atraí o olhar dele para mim. Indulgente, ele lançou uma bebida para mim.

– E você, não quer nada? – ele perguntou para Emily.

– Eu não bebo, e vocês sabem – ela deu de ombros.

– Eu sei, e por isso... – ele disse enquanto vasculhava mais a fundo e tirava para ela uma lata de coca cola diet e uma original perguntando qual das duas ela queria, ele estava tentando agradá-la, parecia inofensivo, mas podia não ser também, eu preferi escolher a segunda opção.

– Normal

– Quando eu trago alguém pra praia– Trevor começou a discursar – ninguém vai embora sem ter um bom momento.

Ele terminou de tomar a cerveja dele de uma vez e retirou a camisa para ir para a água. “Ops, olhe para o rosto dele Vivian!”, me adverti mentalmente. Ele foi para a água.

Deitamos na areia, os cabelos protegidos por toalhas de praia, e os olhos por um par de óculos de sol.

– Sabe – Emily começou a dizer – eu não entendo os homens, sério!

– Como assim – eu respondi, envolta pelo calor praiano.

– Nicholas, não fala comigo por um bom tempo, e hoje, age estranho quando vê o Trevor, quase como se fosse meu pai.

– Acha mesmo? – “Pai, é a última coisa que ele quer ser para você, Emily” pensei.

– Sim, e eu sinceramente, não sei o que fazer mais.

– Dá uns tabefes nele, sempre resolve – eu disse fazendo piada.

– Não seja doida – ela disse – não faço isso com ninguém.

– Oras, Emily, vai ver ele ainda não se acostumou – eu disse apaziguadora – homens mais velhos podem ser estranhos, sei lá, não sabemos o que eles querem por que as vezes nem eles mesmos sabem o que querem.

– Obrigada – ela disse.

– Pelo que? – perguntei.

– Hoje, é você quem tá me aguentando.

Trevor voltou da água e ficou no meio de nós duas. Ainda conversamos bastante, só quando a noite chegou, e não tínhamos roupas para nos manter aquecidas o suficiente para um luau, saímos dali. Esse domingo estava sendo épico, a não ser pela parte em que quando eu pedi para ir para casa, Trevor insistiu em me levar primeiro, totalmente contramão, e depois deixar Emily em casa, sabe lá Deus por que motivo, eu aceitei. Um mau sinal isso.

Tudo em Família

Eu abri a porta de casa, entrei, sei que eu estava de castigo, e sei que eu não deveria desobedecer à minha mãe nesse tempo, mas simplesmente não dava, era mais forte do que eu. Felizmente dessa vez ela não me pegou, mesmo que eu tenha estado fora quase todo o final de semana, acho que ela preferiu evitar uma briga nova a encarar o fato que eu não obedeci a sua ordem. Eu vesti um pijama e voltei para a cozinha, assim qualquer pessoa que não atentasse para o meu bronzeado novo, pensaria que eu tinha recém acordado.

– Pai? – minha voz falhou quando eu chamei por ele, finalmente meu pai estava em casa, sentado à mesa, na cozinha, minha mãe estava sentada quase de frente para ele, os dois tinham uma expressão severa no rosto.

– Vivian – ele abriu os braços para mim, e eu saltei para me encaixar dentro deles, o cheiro dele era tão bom, tão conhecido, me trazia tantas memórias boas à tona, que eu precisei me esforçar para não me emocionar.

– Onde o senhor estava? – eu perguntei colocando as mãos do lado do rosto dele, acarinhando a barba que despontava, embora antes eu nunca o tenha visto deixar um só dia a barba por fazer.

– É preciso que se sente, eu e sua mãe temos que conversar com você – ele

disse num tom grave.

– Claro, sou toda ouvidos, pai – eu assenti para ele e virei-me para minha mãe – Elizabeth.

– Sem provocações Vivian, seja mais adulta que isso, é apenas o que eu espero – Minha mãe falou enquanto gesticulava um sinal de tédio.

– Eu não quero ter que repetir o que irei fazer agora, então peço que as duas parem com essas brincadeiras com agulhas que no final podem machucar alguém, e prossigamos.

– Claro, pai, desculpe.

– Vivian, você sabe o quanto eu e sua mãe temos lutado para conseguir te dar tudo, do melhor jeito que sabemos – ele falou praticamente se desculpando – muitas vezes erramos, e erramos de um modo tão grave que quando tentamos consertar, infelizmente não há mais jeito.

– Certo... – eu assenti.

– Minha filha, quando eu conheci sua mãe, nós tínhamos outro tipo de pensamento, outra ideologia, outras vontades, outras ambições, que de algum modo conversavam entre si – ele respirou fundo encontrando as palavras e continuou – chega um momento em que os desejos mudam, e podem haver discrepâncias, o caminho antes traçado não parece mais ser o ideal e nos vemos diante de uma mudança...

– Ora, Alexei, não seja tão pedante – minha mãe interrompeu-o – Vivian, não é mais uma menina, sabe muito bem encarar esse fato sem que você precise criar metáforas para ela.

– Que fato? Que metáforas? – eu pedi – por favor, pai fale algo.

– Eu tentei fazer isso de um modo mais fácil – meu pai disse – mas você não deixou, não é mesmo Elizabeth?

– Ela saberia mais cedo ou mais tarde a verdade, ainda que você queira pintá-la com aquarela – ela falou num tom esnobe.

– Vivian, o fato é que eu estou deixando a casa – ele disse – eu encontrei uma companhia que me entende, alguém que me fez perceber que faltava algo em mim que eu nem mesmo conhecia.

– Pai? Isso quer dizer que...

– Quer dizer que estou separando-me da sua mãe, eu a partir de hoje, passarei a viver com outra pessoa.

– Mas e eu? Como eu fico no meio disso tudo? – eu parecia calma, mas estava na verdade em estado de choque – não me admira que você a tenha abandonado, essa mulher é simplesmente terrível – me aproximei dele – pai me leva com você? Eu também não tenho nada a fazer aqui.

– Vivian... Eu simplesmente não posso, eu lamento muito, minhas malas já estão no carro, eu provavelmente não aparecerei durante um mês ou dois, mas prometo manter contato.

– Não prometa nada – eu disse me levantando, o coração frio como gelo, mas ainda assim funcionando, e meu rosto calmo – não quero mais ouvir nenhuma promessa vazia, se é um adeus, será um adeus, se é um até logo, tornaremos a nos falar quando voltar. Pai, Elizabeth, eu me retiro agora.

Dito isto sai, e deixei na cozinha, um pai traidor entristecido e uma mãe calada e impassível que sequer lutou para convencê-lo a ficar. Eu não chorei, estava cansando de ter sentimentos bons e de viver levando rasteiras da vida. Eu seria boa, feliz, alegre, apenas com quem o fosse comigo. Se eu não tinha ninguém, eu não contaria com mais ninguém.

A adrenalina da cena me ajudou a fervilhar ideias para o meu projeto. A papelada da casa já estava praticamente pronta, eu iria com certeza começar a reforma em dois dias, mesmo sem ter visitado o local, só vi a planta por vídeo, numa filmagem improvisada e aceitei a mudança sugerida pela arquiteta, correndo o risco de ser enganada, eu paguei tudo à vista. Restou ainda algum dinheiro para a decoração e para manter a casa por um tempo.

Apenas essa notícia, e uma mensagem de Trevor na madrugada, foram o suficiente para me acalmar e me fazer dormir bem.

Acordei cedo, não queria encontrar minha mãe antes de sair sob o risco de acabar mais ainda com o meu dia. Peguei o carro, e fui para o caminho da casa de Emily busca-la. Antes rodando sem destino, pensando na vida, no amor, em tudo, e lastimando sua existência.

Quando cheguei à porta do edifício ela já me esperava, estava radiante como sempre.

– Como foi seu dia? – Emily perguntou.

– Não está sendo dos melhores – eu disse – mas eu espero que não fique entre os piores também.

– Como assim? O que houve? – questionou – algo que eu possa ajudar?

– Não é nada demais, pelo menos por enquanto, e eu prefiro esquecer, se não se importa.

– Claro – eu disse – Gostou da minha capa nova do celular? – e mostrei para ela que ficou rindo ao ver a capa de Pikachu do meu celular.

Trevor nos aguardava, ele a cada dia estava com um veículo diferente, hoje estava com uma moto, quando nos viu, acenou e fez um gesto para que nos aproximássemos. Acenei para ele, contente porque na madrugada ele me havia ajudado, mas só o que tive foi um tratamento de amigos. E eu não estava mais entendendo nada.

– Bom dia, Trevor – eu beijei-lhe as duas faces, como os franceses fazem, seguido de um abraço. Trevor, por sua vez, mal me tocou durante o abraço, e nem para me abraçar. Ele tinha uns olhares diferentes para Emily hoje, e ela estava esperando alguma reação dele, assim como eu estava, isso era perceptível. E me deixava confusa e estressada.

Qual não foi minha surpresa quando ao sair do último horário da minha aula, e depois de almoçarmos, ele disse que se ocuparia, e que não poderia me levar para casa hoje. Emily também disse que eu poderia levar o carro, pois tinha algumas coisas a fazer na biblioteca. Ela me convidou, mas eu sinceramente não estava com cabeça para isso. Despedi-me e deixei os dois juntos, mais uma vez.

Um plano perfeito

– Vivian, temos que conversar – minha mãe me disse assim que eu voltei da faculdade no dia seguinte, eu estava evitando todo mundo, e meu humor não estava dos melhores, então para evitar brigas e outra tapa, eu me enclausurava no meu próprio mundo, refugiada de verdades que eu buscava a todo custo evitar.

– Eu não gostaria – eu respondi – não agora, eu sinceramente não gostaria.

– É muita sorte minha então não ligar para o que tu gostarias ou não, não acha? – disseme secamente – te espero em cinco minutos no meu escritório.

– Sim, senhora – eu reclamei – nunca há outro jeito.

Acompanhei-a pelo caminho até seu enorme escritório estéril como sua alma. E assim que entrei sentei-me, mesmo não tendo sido convidada como na última vez em que estive aqui.

– Não irei me demorar muito – começou ela – seu pai foi embora, foi

perceptível que para ele manter as aparências não importam, o nosso acordo pré-nupcial foi quebrado, uma traição dele faz com que em vez dos cinquenta por cento habituais dos nossos bens e direitos, ele tenha direito à apenas vinte e cinco por cento – ela abriu a gaveta da sua escrivaninha e retirou uma caixa de cigarros, pegou um cigarro e acendeu-o com um isqueiro longo e fino – o que ainda assim é uma grande fatia.

Eu ouvia aquilo tudo perplexa, como ela conseguia falar do meu pai, marido dela, como se estivesse tratando de negócios.

– Seu pai queria esta casa, que era algo que estava para ele no acordo, mas conversamos e eu decidi que ficaremos nesta casa, e ele ficará com a sua casa, a que fica em Boca, e ele também ficará com o seu percentual das ações na linha de táxi aéreo.

– Sabe muito bem que nada dessa droga me importa – eu respondi irritada – nada disso me importa, mesmo.

– Engraçado, eu não te ouvi reclamar uma só vez sobre isso enquanto recebia presentes, ou quando seu pai lhe trazia gemas de Abu Dhabi.

– Você nunca ouvir – eu disse – não quer dizer que eu não reclamei.

– Escute aqui, Vivian.

– Não! – eu levantei batendo na mesa – escute aqui você! Eu não ligo para nada disso, a senhora bem sabe, eu sempre gasto o mínimo possível, tenho me mantido apenas com o que eu recebi de presente, eu mal gasto, eu apenas como e durmo nessa casa – ela ficou em silencio me observando, eu continuei falando – não resuma tudo a negócios, todos sabemos que você é a rainha do gelo, mas você está falando do meu pai, MEU PAI! – eu delineei bem as sílabas – você não teve capacidade de amá-lo e por isso ele foi embora, você é fria, Elizabeth, não me admira ele ter ido embora.

Sai da frente dela, que parecia estar inabalada, e caminhei em direção à porta, mas ela me fala.

– Você se acha muito esperta não é, Vivian? – falou como se falasse do tempo – não acha que eu lutei? Não acha que eu quis restaurar isso?

– Não acho que tenha tentado de verdade – eu disse dando de ombros e voltando-me para ela.

– Não seja burra, menina, seu maldito pai me trocou por um maldito homem? Acha que eu não tentei de todas as formas? Há cerca de dez anos o

maldito do seu pai sequer me olhava e ainda acha que eu não tentei? Não há modo de competir – ela disse histérica, finalmente mostrando algum tipo de sentimento, fosse o descontrole de um ódio desenfreado – como eu competiria com isso? Se ainda fosse uma mulher, eu saberia que eu tinha algo de ruim, algo que ela tinha que eu não tinha, mas, um homem? O que sugere que eu fizesse? Mudança de sexo?

– Não seja ridícula – eu disse. Por dentro meu ser estava em pedaços, meu pai ter abandonado minha mãe era uma coisa, não ter me contado era outra, eu não queria ser preconceituosa, mas naquele momento, foi como se uma parte da personalidade amarga dela tivesse sido justificada aos meus olhos, no entanto eu estava machucada, e eu queria machucar tantos quantos eu pudesse, eu só disse – e não desconte mais suas frustrações em mim, eu não tenho culpa de teres um corpo e alma tão maus e tão amargos que seu par prefira um homem – bati a porta e sai espavorida para meu quarto enquanto ainda ouvia minha mãe gritando meu nome após perder a compostura.

Deitei na cama olhando para o espaço vazio na minha própria alma decepcionada e reclamei com Deus por um minuto ou dois – Tá na hora de maneirar, não acha? Tá ficando demais até mesmo para mim.

Meu celular toca e era Julianne, minha amiga esquecida, que mal falara comigo esses dias.

– Oi gostosa – ela fala comigo quando eu atendo.

– Oi gata – eu respondo meio alegre e meio triste.

– Estou chegando na cidade amanhã, eu queria fazer uma surpresa – ela diz apressada – o quanto provável é que eu possa dormir na sua casa?

– Zero provável – eu disse – tá acontecendo umas coisas aqui, melhor contar quando eu a vir pessoalmente.

– E agora, tô indo apenas com a roupa do corpo.

– Você fugiu outra vez? – eu perguntei já sorrindo – não acredito.

– Sabe como é, eu não quero que ninguém, por mais legal que seja me mande fazer qualquer coisa, amanhã tem um aniversário de uma pessoa passível de pena para eu ir, mandaram-me ir, e eu estou viajando para provar que quem me manda sou eu.

– Queria saber ser assim...

– E você é gata – ela disse – eu que te construí, lembra?

– Claro – disse e questionou – mas diz aí, onde eu fico? Se eu usar meu cartão de crédito meus pais irão me rastrear e me pegar pelos cabelos me arrastando até em casa.

– Eu dou um jeito, tive uma ideia – eu disse – o clima aqui tá insuportável, eu acho que vamos para um hotel por alguns dias, o que acha?

– Minha loira preferida como companhia?! – exclamou – eu irei adorar, sairemos na noite, acharemos uns caras, e deixaremos um rastro.

– Nem posso, lembre-se que estou me comportando.

– Verdade – ironizou ela – então nós sairemos na noite, encontraremos uns pastores e levaremos comida aos sem tetos.

– Perfeito – eu disse – esse parece um bom plano – sorri com ela.

– Amanhã meu voo chega às três da tarde, acha que tá tranquilo você me buscar?

– Por mim, sim – eu disse – vou cuidar de tudo hoje, nos vemos amanhã.

– Beijo gata – despediu-se.

– Beijo Julianne – me despedi.

Esse parecia um bom plano, Julianne tinha esse dom de me fazer agir igual a uma louca irracional, então seria bom esquecer os bons comportamentos por alguns dias. Levantei-me da cama e arrumei uma bolsa com algumas coisinhas, inclusive biquínis, e já que o tratamento de Trevor para mim era como o de alguém que não tinha nenhum relacionamento, a não ser quando estávamos sozinhos, era isso que ele iria ter de volta, e se viesse reclamar ainda levaria um suco de traição.

Esperei que a madrugada chegasse. Minha mãe provavelmente já teria tomado alguns remédios para dormir, discutir sempre a deixava com dor de cabeça, e fumando ainda por cima? Eu sempre odiei o cheiro de cigarros, e de tudo que faz fumaça. Desci as escadas, fui para a garagem, coloquei minhas duas bolsas de roupas. Entrei no carro e depois que girei a ignição e fugi dali com

destino a qualquer lugar que não aquela casa. Pela manhã eu buscaria Emily para ela ir à faculdade, estudaria normal, estava decidida a ignorar Trevor, e a tarde, pegaria minha amiga, e a noite, provavelmente sairíamos para tomar todas, sim, esse me parece um plano perfeito.

Consegui alugar uma suíte num hotel não muito caro, tinha uma cama de casal e uma de solteiro, provavelmente faríamos bastante bagunça ali. Paguei por uma semana, e depois, sorri satisfeita.

Castelo de Cartas

– Gataaaaaaaaaaa – esse foi o som da minha amiga me berrando do meio do portão de desembarque até me alcançar entre os passageiros do aeroporto. Ela até me abraçou e ficou dando aqueles saltinhos iguais aos de uma adolescente de quatorze anos num show de uma banda.

– Você está linda – eu disse para ela – e seu cabelo? O que você fez com seu cabelo? – perguntei enquanto pegava o cabelo dela nas mãos – de uma linda loirinha, bem ao estilo do Texas com aqueles cortes ondulados iguais aos de uma cantora de música sertaneja, ela tinha mudado para um cabelo, longo, liso e azul claro. Estava parecendo uma pinup, com maquiagem pesada, jaqueta de couro, e um piercing no nariz, toda rebelde.

– Não gostou? Não me faça te fazer mudar de ideia aqui mesmo – ela falou erguendo os punhos no ar e chocando um contra o outro – eu sei fazer isso muito bem.

– Nada disso – eu falei erguendo as mãos e sorrindo – não esquece que eu tenho “seguro” para cada centímetro meu, se você me ferir será processada, e a verdade é que eu adorei.

– Jura?

– Juro – eu beijei os dedinhos e ela finalmente acreditou.

– Pronta para tudo hoje?

– Nem tudo – eu disse – mas, para uma boa parte deste tudo, estou sim.

Ela sentou no carrinho de malas do avião, sem ligar para o que as outras pessoas que circulavam no aeroporto pensassem, nem mesmo ligou para o fato de estarem já cochichando, e me fez empurrá-la até o carro.

Não se passou muito tempo e já eram dez da noite – estamos prontas para qualquer coisa – foi o que ela disse, e eu não me opus. Hoje à noite seria como ela tivesse que ser. Para minha sorte. Nenhuma de nós duas tivemos sorte, o cara que eu ia ficar conhecia o Trevor, e o cara que ficou com ela terminou as "coisas" dele com ela, numa esquina qualquer, ela apenas voltou para o clube e ficamos dançando até quatro da manhã. Por que não amanhecemos? Por que eu não queria faltar na aula na manhã seguinte e dar mais oportunidades para que o cara que eu pegava, Trevor, e a minha nova amiga angelical, Emily, ficassem mais tempo sozinhos do que o necessário.

Minha confiança era igual a um castelo de cartas, um sopro mais forte ou um simples resfolegar eram necessários para abalá-la. Cada peça, devidamente

ajustada, era como meu próprio ser, pedaços encaixados correndo o risco iminente de desmoronar. Era assim que eu me sentia, eu precisava sorrir, precisava ser alegre sempre que podia, e com quem eu pudesse, senão eu entraria num caos.

Voltamos para o quarto de hotel, de carro mesmo, ainda que eu tenha bebido, eu consegui não bater em nada. Ok, a velocidade de vinte e cinco quilômetros por hora ajuda, mas eu também era uma boa motorista, desde os meus dezesseis anos.

– E então, quando vou conhecer a minha rival? – Julianne perguntou assim que chegamos, ela estava meio bêbada, por isso eu não dei tanta importância a este ciumezinho ridículo.

– Amanhã, eu já disse – tive que repetir – amanhã você me encontra na faculdade no horário de almoço, e aí você a conhece.

– Eu não vou deixá-la se apropriar da minha única amiga – ela disse pouco antes de desabar na cama e ficar roncando feito um trator. Eu tomei apenas um banho e deitei na cama de solteiro, já que Julianne tinha ficado com a cama de casal. Eu não iria acordá-la. Deitei na cama, sorri um pouco do modo como minha noite tinha terminado, mesmo depois de tantos planos, e me preparei para tudo que ela poderia aprontar no dia seguinte na universidade.

Sabe aquela sensação que você tem que apenas pisca e uma noite inteira passa? Pois é, era eu nesse momento. Eu sei bem que só tinha tempo para dormir três horas, mas pareceram apenas três segundos, e eu estava exausta. Coloquei o celular da doida da Julianne para despertar às onze da manhã, para garantir coloquei mais seis nos próximos seis minutos seguintes, e a deixei dormindo. Arrumei-me e fui para a aula, passando antes para buscar Emily na casa dela.

– Bom dia – eu disse.

– Bom dia – ela me respondeu timidamente, algo acontecera, mas sem meu café matutino, eu era burra demais para perguntar o que era. Seguimos a viagem inteira em silêncio. Ela mais que eu, com o olhar perdido pela janela do veículo, quase sem piscar, quase sem se mover. Nunca a vi assim antes, apesar do tempo relativamente curto que nos conhecemos.

Quando saímos do carro, Trevor nos aguardava, enquanto eu fui cumprimentá-lo, ela passou direto por nós, sem ao menos falar conosco. Eu não entendi nada, mas também não fui atrás dela. Vai que era algum problema pessoal, se ela quisesse que eu soubesse ela teria me contado. Eu acho.

– O que houve? – perguntei.

– Sobre o que? – ele me perguntou de volta.

– A Emily e você brigaram? Ela sequer falou contigo hoje, o que você fez?

– Eu? Por que acha que eu fiz alguma coisa? Pergunta para ela. Vai que ela te conta.

Ele colocou o braço por sobre mim e caminhamos para a aula, tendo que lidar a manhã inteira com uma Emily silenciosa e pensativa.

– Você vem almoçar conosco? – perguntei.

– Oi? – Emily disse ainda aérea.

– Se você vem almoçar conosco, vem?

– Não, na verdade, eu tenho uma coisa para fazer, tenho que ir para casa.

– Eu te levo – Trevor disse rápido demais.

– Tudo bem – eu disse para mim mesma enquanto já estava saindo para o almoço.

Emily e Trevor saíram caminhando juntos, e eu fiquei feito boba olhando os dois.

– Ei, sua chata! – Julianne puxou por trás de mim meu cabelo.

– De onde você surgiu?

– Eu estava bem aqui, você que estava distraída demais olhando para aqueles dois.

A essa altura, já estava na saída da escola, caminhando para o estacionamento, eu ainda conseguia olhar Emily e Trevor falando alguma coisa daqui.

– Quem são eles? – Julianne perguntou.

– Aquela é a Emily – eu disse – e aquele é o Trevor, o cara que eu acho, até onde sei, que eu estou namorando.

– E por que você não me disse? – ela perguntou – e outra coisa, por que ele não está aqui com você?

– Longa história – eu disse.

– E o mais importante, por que ele está lá com ela? Vivian, você já foi mais esperta.

– Como assim? – perguntei finalmente me virando para ela.

– Tá na cara que alguma coisa está rolando ali.

– Não seja exagerada – eu disse – ela não faria uma coisa dessas comigo.

– Ou faria? – ela perguntou enquanto nós duas olhávamos para ela subindo na garupa da Harley de Trevor e o abraçando enquanto ele a levava, creio eu que para casa.

– Como eu saberei se sim, ou não? – perguntei.

– Vamos almoçar, e ligaremos para ela, eu te digo o que falar.

Terminado o almoço, fomos para casa. Ela não tornou a tocar no assunto até no sábado à tarde, quando eu liguei para Trevor e ele não atendeu, antes desligou na minha cara, Julianne deu um jeito de fazer que eu duvidasse mais dos dois. Muita conversa depois, já era noite. Julianne anotou no guardanapo do restaurante onde estávamos jantando, as perguntas que eu deveria fazer. Disquei o número de Emily, e comecei fazendo-me de animada.

– Adivinha?

– Sabe que eu não sou boa em adivinhar – ela respondeu chateada.

– Deixa de ser chata – eu disse, e então lancei a isca – Trevor me beijou.

– Err... Uau... Como assim? Então vocês dois estão juntos agora? – ela disse meio gaguejando.

Que droga, reação errada Emily.

– Não mais agora – eu disse – eu estava saindo com um cara, aquele que eu te falei, lembra?

– Sim – limitou-se Emily, a responder.

– Então, ele parecia muito estupido e grudento, e mentiu à altura, apesar de ele ser lindo, eu nunca mais poderia usar saltos...

– Nossa, que tragédia – ela falou com tom de desdém.

– Pois bem, eu liguei pra que Trevor viesse me buscar, nós conversamos, eu disse pra ele que gostava dele e ele me beijou.

– Simples assim? – surpresa demais, irritada demais.

– Sim, ué...

– Ele não te disse se estava saindo com outra pessoa? Se ele tinha uma namorada?

– Não, ele não me disse, você acha que ele tem? – “Filha da mãe” eu pensava, eu devia ter suspeitado, todo esse tempo ela estava tomando ele de mim.

– Estou apenas perguntando, não sei.

– Então... – comecei a ler o script que Julianne tinha me dado.

– Que droga, eu vou ter que desligar, Nicholas chegou – ela disse rapidamente.

– E desde quando você desliga por que ele chegou? – “fingida”, eu pensava, – É que ele está me chamando...

– Eu não ouvi – “e ainda por cima ela mente”, acusei mais uma vez.

– Vivian, beijos, até segunda.

Eu ainda queria continuar, até ela me dizer quando os dois tinham ficado a primeira vez, como e onde. Mas, pelo visto nem ela mesma aguentou a própria verdade. Pois desligou.

– Eu avisei que não se deve confiar em ninguém, só em mim e olhe lá – Julianne comentou, e eu percebi que talvez eu nunca vá ter nenhuma amizade verdadeira, senão a dela.

Luzes Indianas

– Eu avisei – Julianne me dizia – quando eu sinto alguma coisa, geralmente tem.

– Eu fui tão burra, tão burra – eu me martirizava – Finalmente uma pessoa em quem eu tinha confiado até o pior dos meus segredos, uma pessoa que eu confiava, e para que? Para que às minhas costas ela roubasse o meu cara? E ainda por cima com uma cara de santa daquelas.

– Gata, é como eu ouvi um ditado na minha viagem à Bahia, sabe, no Brasil, terra de homens de verdade, camarão que dorme a onda leva.

– Não é hora para piadinhas Julianne – briguei – eu realmente não quero sorrir.

– E o que quer então? – perguntou-me – ficar amassando esse guardanapo até ele desfazer na tua mão? Não, você tem que tomar uma atitude.

– E o que me sugere? – perguntei.

– Bom, sabe aquela história que falam por aí, que você deve ir atrás dele por que é ele quem namora você, não ela, e esse papo?

– Acho que sim, mas continue.

– Esqueça, você tem que ir atrás dela, e depois, continuar com ele, assim você prova quem é a melhor. Se você brigar com ele o que acha que acontecerá? – Ao perceber meu silencio ela falou – ele ficará com ela, e você chupando dedo. Então, apavora a menina, e depois é só correr para o abraço – Julianne disse enquanto abria os braços.

Minha amiga tinha razão. Eu tinha que fingir desinteresse sobre isso com o Trevor, primeiro eu iria atrás dela, não sem antes fazer uma passagem pelo caminho que levava a ele.

– Para quem você irá ligar? – Julianne perguntou quando me viu pegando o celular.

– Para o meu namorado, oras, para quem mais? – perguntei – essa noite você vai ter que ficar algumas horas no saguão do hotel, eu tenho, digamos, que uma confissão para arrancar.

– Por mim tudo bem – ela deu de ombros – o recepcionista do edifício parece ser bem gatinho mesmo, eu espero do fundo do meu coração que ele não seja gay, eu já estou cheia de planos para ele e não quero ser frustrada.

– Deixa o coitado do cara em paz – eu disse – você não sabe que se provocar ele podemos ser expulsas daqui? Só quero ver conseguirmos outro quarto na alta estação.

– Muito bem – ela disse – mas perguntar não ofende, eu serei uma dama.

– Disso duvido muito.

Disquei um número.

– Oi gato, estou morrendo de saudades – eu disse – por que não me visita

hoje?

– Claro, quando quiser sempre – ele disse – onde te pego?

– Não Trevor, hoje você vem direto para o Residence Inn Spokane, estou te esperando ansiosamente, você sabe onde fica?

– Se eu não soubesse eu encontraria em dois minutos – ele disse.

– Às oito horas – lancei as palavras devagar sob o olhar de aprovação de Julianne – eu estou preparada para dar um passo a mais com você hoje à noite, não demore, eu posso desistir.

O imbecil, traidor, safado, ainda estava sorrindo calorosamente quando desligou.

Eu já tinha a primeira parte do plano, se tudo desse certo eu teria a segunda em breve.

O tempo parecia não passar rápido o suficiente para mim, eu já estava em nervos. Quando a tarde virou noite, e finalmente eu poderia começar a me arrumar calmamente para que ele chegasse, agradeci aos ponteiros do relógio por terem se movido ligeiramente mais depressa.

– Vivian, eu já estou descendo, qualquer coisa me liga, use camisinha, e outra – ela disse antes de sair pela porta – caso eu não voltei até a meia noite, é por que a cinderela aqui estará nos braços de um príncipe selvagem e luxuriante.

– Não seja dramática – eu disse – e vá logo, ele está para chegar.

Finalmente estava sozinha, a cama tinha sido arrumada pela camareira do hotel, ela até colocou umas velas perfumadas como eu pedi em lâmpadas indianas pelo quarto. O clima estava agradável, e se Trevor acha que essa noite ele se daria bem, ele estava muito enganado. Mandei uma mensagem para ele.

"A cópia do cartão do quarto está na recepção na mão de uma menina que tem o cabelo azul, é só procurá-la que você a encontrará, o número do quarto está no verso dele, beijos".

Acho que isso seria o suficiente.

Eu não tinha como adivinhar, antes de eu fugir por esses dias de casa, que eu iria ter que seduzir alguém, então eu não estava nos conformes para tal. Optei pelo meu vestido de nascimento. Ele seria infalível. O que é vestido de nascimento? A roupa que você usava quando nasceu. Isso mesmo, nada. Enrolei-me no lençol e esperei sentada na cama.

Meia hora, uma mensagem no celular chega, Julianne me avisava que ele já estava subindo, e que ela não tinha reparado bem nele na primeira vez, que ele era um gato e tudo mais, que estava explicado o porquê de quererem roubá-lo de mim. Ignorei os comentários para eu não deixar tudo ir por água abaixo no papel que eu construí essa noite e esperei-o com um sorriso calmo.

– Alguém aí? – a porta se abre e ele chama.

– Oi, vem aqui – eu chamei – estou na cama.

O quarto estava iluminado apenas pelas velas, o que justificava o fato de ele estar se forçando para me olhar direito.

– Vivian? – ele chamou – o que foi? Está bem?

– Claro, por que não estaria?

– Te vi aí, deitada sob os lençóis, achei que tivesse ficado doente.

– Não seja bobo – eu disse sorrindo – é que eu quero que você venha aqui sem nenhum impedimento, o que faremos hoje não necessita de roupas mesmo. Sente-se aqui – apontei o lado da cama livre – estive esperando muito tempo por isso.

Trevor sorriu de um jeito quente, se por dentro eu não estivesse absurdamente zangada com ele, eu já estaria me entregando de verdade a ele, e fácil.

– Eu adoraria que você começasse com uma massagem, Trevor, pode ser?

– C– claro – ele gaguejou ao ver-me descendo o lençol até o quadril e virando de bruços na cama – onde está o creme?

– Creme? Ah, você deve estar se referindo ao meu hidratante, está sobre a

bancada do banheiro, fica ali – apontei a direção para ele que apressado, foi e voltou em dois tempos.

Trevor colocou algumas gotas na minha costa nua e começou a passar a mão em mim, esperei até a respiração dele estar acelerada e profunda. Prova evidente de sua excitação, e comecei a falar despreocupadamente.

– Sabe? Hoje eu estava pensando...

– Pensando sobre? – ele perguntou ainda concentrado na massagem.

– Sobre a fantasia de onze em cada dez homens – eu disse.

– E qual seria? – ele perguntou sorrindo.

– Duas mulheres – eu disse – e acho que tenho uma candidata perfeita para nós dois – Do que você está falando e de quem? – ele quis soar ofendido, mas saiu mais como ansioso e curioso mesmo.

– Bom, a Emily me disse que adoraria isso, e que faria com nós dois se quiséssemos – eu comentei – eu sei que pelo rostinho de santa dela você não pode medir as loucuras que ela já fez na cama.

– Isso é impossível – ele disse – não a Emily, você só pode estar brincando.

– É a verdade, por isso eu deixo vocês juntos, quero que se conheçam, ela também acha que vai acabar ficando com o Nicholas um dia desses.

– Como é? – ele irritou-se.

– Trevor, não se julga uma personalidade por um rosto – eu disse – as mulheres são como as rosas que têm perfume até nos próprios espinhos, umas mais, outras menos. Adoramos espalhar nosso perfume por aí.

– Só pode ser mentira – arguiu-me, a essa altura, ele já estava de pé, o hidratante caído no chão por ele ter se levantado bruscamente ainda balançava.

– Por que, Trevor, se ela até gostou de saber.

– Saber o quê? – ele perguntou.

– Que tínhamos nos beijado.

Trevor assustou-se, meio eufórico por saber que ambas sabíamos uma da outra. Eu, no entanto não iria dispensá-lo, não quando ela poderia tomar-lhe para si. Não quando os conselhos me indicavam que eu poderia tê-lo para mim, e que quem sabe um dia, ele percebesse que somente eu poderia ser o suficiente para ele.

– Vem para cá – eu disse virando-me de frente e retirando o resto do lençol da minha frente – acho que ainda temos bastante tempo para praticar antes de convidar mais alguém.

– Minha Emily nunca fará isso – ele disse, aproximando-se de mim, segurou meu punho apertado entre os dedos, e finalmente revelando – ela não é como você.

E dito isto saiu porta afora, batendo-a atrás de si. Deixando-me ofendida e enraivecida sobre a cama. Morta de ódio dele por ter me comparado a alguém que tinha aquilo que eu mais queria ter e que me roubaram bem cedo, uma inocência velada, e por ele recusar a única coisa que eu sabia que funcionava,

meu corpo. Uma Vivian constrangida e despedaçada ficou enrolada nos lençóis, até dormir. Uma Vivian vingativa e desesperada mandou uma mensagem de texto para Emily logo após acordar.

"Domingo de manhã e você dormindo até uma hora dessas, não cansa de descansar não? Eu+Vc shopping as 16? Avisa-me. Sua melhor amiga"

Verdades imperfeitas

Vestime tal qual uma menina inocente, eu queria parecer o mais alegre possível. Eu queria parecer normal também, e o mais importante, eu queria que tudo se resolvesse de modo que nenhuma de nós duas saísse ferida. Eu gostava da Emily, esse tempo que ela me ouviu e me aconselhou, foi o tempo que eu menos fiz bobagens na vida. E olha que foram poucas semanas e ainda assim considero um recorde.

Minha companhia, no entanto, não parecia tão animada para compras, e eu também estava por mais que tentasse controlar, ansiosa para parar e finalmente conversar. Eu cria que minha amizade dependeria exclusivamente dessa conversa.

– O que você comprou? – perguntei-lhe gentilmente, eu não sabia como começar a conversa, como puxar o assunto. Eu nem sabia se eu queria mesmo saber mais sobre isso, de repente a vingança parecia tão pequena, nem sabia se Trevor merecia isso.

Mostrou-me algumas poucas coisas, mas dentre elas eu percebi de longe várias camisolas, sei que não devia, mas não deixei de me perguntar se elas seriam usadas com o Trevor. Eu mordia tanto o lábio em apreensão que começava a machucar.

– E você? – Emily perguntou. A voz dela parecia triste, e eu tive um impulso de fazê-la sorrir como sempre, o mesmo impulso que eu tinha quando via qualquer pessoa triste, humilhada ou constrangida. No primeiro caso, eu a alegrava; no segundo, eu a exaltava; e no terceiro caso, eu a apoiaria. Maldito orgulho que não me deixava fazer isso. Abri-lhe as sacolas, mostrei o desperdício ali em minhas mãos. Aquelas roupas tinham sido caras, eu poderia viver um bom tempo com o dinheiro que gastei com elas, mas minha ansiedade, outra vez ela, me fez consumir.

– Estou com fome – eu disse – que tal irmos comer alguma coisa.

– Mas é quase hora do jantar – Emily disse olhando para o relógio de pulso, o que eu já percebi era uma mania dela – achei que ficaríamos mais tempo, e só iriamos depois do jantar, pensei num filme, sei lá.

– Sim, mas é que eu realmente preciso de algum açúcar circulando no meu sangue, senão entrarei em abstinência – eu disse – vamos lá – ergui a mão para ela e caminhamos assim, de mãos dadas, que poucos passos depois, viraram braços dados.

Eu fazia barulho com o canudinho no copo enquanto sugava a última gota de milk-shake de chocolate, eu teria espinhas em alguns dias, mas, dane-se, eu tinha que compensar meu estresse em alguma coisa. E ainda mais vendo que Emily não puxaria um assunto decente, e seria eu, a má outra vez da história, decidi começar a interrogação velada de uma vez.

– Por favor, não me deixa no escuro, me diz o que você acha...

“Não me magoe...” eu implorava mentalmente.

– Sobre o que?

– Trevor e eu? – “Vamos, por favor, diz que foi tudo um engano, que ele te obrigou, que eu sou burra, fica aqui, seja minha amiga”.

– Posso ser sincera com você? – ela pediu com cuidado.

– Eu não espero outra coisa – falei por fim, isso não terminaria bem.

– Eu não sei se é uma boa ideia vocês ficarem juntos assim. Fazem o que? – ela procurou a resposta mentalmente – Apenas dois meses que as aulas começaram, e vocês mal se conhecem.

– Claro que nos conhecemos! Ande, vamos, me pergunte alguma coisa sobre ele.

– Muito bem, qual o seriado favorito dele?

Como caramba eu ia saber o seriado favorito dele, eu nem sabia qual o tamanho do sapato dele, nem o nome do pai ou mãe. Percebi nesse momento que eu estive a ponto de me deitar ontem com um cara de quem eu não sabia nada, outra vez, e logo eu que sempre estive disposta a querer mudar assim que tivesse uma oportunidade, na primeira, ferrava com tudo.

Uma ruga de raiva surgiu na testa dela quando eu falava. E eu comecei a perceber o quão efêmero e superficial era o meu jeito de gostar, não só dele, mas de todas as pessoas. Um gênio mau, porém, começou a cochichar para mim que aquilo poderia ser uma estratégia dela para que eu me afastasse, e assim, nada impedisse os dois de ficarem juntos.

– Eu sei que é meio cedo, mas eu gosto tanto dele, e nossa, por um tempo eu achei que ele gostava de você, mas quando ele me beijou...

– Nicholas o expulsou do prédio hoje.

“O quê?” pensei. Finalmente prestando atenção a ela.

– Antes de vocês dois ficarem Trevor me beijou, e estivemos juntos algumas vezes depois disso, quando você me contou que ele tinha te beijado, e eu perguntei a ele, Trevor me disse que você quem o tinha beijado, e que ele apenas correspondeu. Então ele quis ir ao apartamento explicar, mas quando eu não acreditei, ele ficou violento, e quase me deu um soco...

Eu não queria ouvir mais nada, essa era a história mais ridícula e mentirosa que eu já ouvira sobre uma traição, e sou especialista em complicar tudo, mas isso era realmente terrível.

– Você está mentindo! – meu tom raivoso a assustou, não era raiva especialmente dela, mas sim por tudo ter fugido ao meu controle, e por após segundos, o que ela me contou fazer algum sentido. O modo como meu punho estava com marcas arroxeadas era uma prova cabal.

– Pergunte ao Nicholas, ele pode confirmar tudo.

– Ah! Como se ele não fosse fazer qualquer coisa que você quisesse – Emily se levantou e eu levantei-me também, para falar na altura do rosto dela, eu até apontei o dedo para a face dela – eu acho que você está mentindo, Trevor não

faria isso, ele é encantador comigo, cada uma deve receber dele aquilo que merece.

– O que você quer dizer com isso? – retrucou num tom ofendido.

Pronto, ciúmes, orgulho, ira, e devo admitir jeito de adolescente mimada que eu sempre reprovei além de uma atitude de meninas de ensino médio, falaram por mim.

– Acho que você quis oferecer-se para ele, ele pode até ter ficado com você algumas vezes, mas não acredito nisso que está me dizendo, isso é quase um crime, uma calunia.

– Eu não tenho por que mentir sobre isso para você.

– Eu não sei se você tem ou não tem por que mentir, eu sinto que eu mal te conheço, não se aproxime dele novamente – ela ia chorar, e eu não queria ter pena dela, como toda leonina, sou orgulhosa demais para voltar atrás, passar por cima do meu ego inflado e admitir um erro. Peguei minhas sacolas, e fui embora, deixando-a de pé no meio da praça de alimentação sob os olhares de todos os outros que ali estavam. Levei o carro, percebendo que eu deveria tê-lo deixado com ela, mas era tarde demais, outro dia eu o devolveria. Hoje não.

Chorei todo o caminho de volta, eu nem mesmo parecia normal. Acho que foi a quantidade de açúcar que eu recém comi, parecia que eu estava vivendo mil TPM's ao mesmo tempo. Liguei o cd player do carro apenas para encontrar o Pendrive de Emily conectado. As músicas chorosas dela me deixariam em mais frangalhos do que eu já estava. Joguei o Pendrive pela janela do veículo em movimento e mandei a siri do meu Iphone tocar "you make me wanna die". Cantei aos berros essa música no carro, enfim, eu parecia uma doida.

Assim que cheguei ao hotel, ignorei os outros hospedes que olhavam para meu estado calamitoso. Afinal, janelas abertas, altas velocidade, rock and roll, choro livre, e uma loira aos berros. Só poderiam resultar em uma coisa: uma loira descabelada com olhos de panda envolvida por uma aura de quem acabou de cometer um crime.

– Muito bem, você tinha razão – eu disse entrando no quarto de hotel – eles estavam juntos, e eu sou uma imbecil por não ter notado.

O quarto estava vazio, e não somente vazio, mas todas as coisas estavam reviradas. A gaveta do criado mudo estava jogada no chão do quarto, corri até lá.

– Oh não, não, não, não... – eu repetia como um mantra desejando que isso fizesse meu desejo se realizar – que não tenham feito isso, que não tenham, por favor.

Mas apesar de ter desejado que tudo estivesse acontecendo de maneira normal, eu não consegui realizar o pedido. Quando eu procurei o envelope com o dinheiro que saquei do banco para as nossas despesas, ele não estava lá. Nem mesmo meu cartão bancário. Nem um centavo furado tinha restado da quantia.

Peguei o celular, descarregado, péssima hora para descarregar, conectei o carregador e consegui ligá-lo somente após os próximos dez minutos mais longos da minha vida.

Liguei para o banco cancelar o cartão, tarde demais, o saque tinha sido feito em algum caixa eletrônico, e tudo que restava na conta eram cerca de quinhentos dólares. Perguntaram se eu queria abrir uma queixa, me indicaram fazer isso logo, assim teria mais chances de pegar a pessoa que fez isso, mas eu neguei. Neguei especialmente por três motivos. Primeiro, o dinheiro que eu tinha ainda seria suficiente para pagar o quarto onde estávamos hospedadas. Segundo, uma denúncia e minha mãe saberia que o dinheiro que ganhei tinha se reduzido drasticamente nas últimas semanas, ela descobriria meu projeto e o encerraria. E o terceiro motivo, mas não menos importante, eu não queria que Julianne fosse presa.

Linhas Brancas

Se há dois dias, alguém me contasse que isso aconteceria, eu não acreditaria. E após chamar a pessoa de louca umas dez vezes, eu ainda daria uns cascudos nela. Eu ainda estava no bendito quarto de hotel, sentada no chão, massageando as têmporas com os dedos, em busca de alívio para todo o desespero que parecia querer tomar conta de mim, mas que eu não deixava. Esperando que um milagre acontecesse repentinamente e que eu acordasse desse pesadelo, ou ainda que o banco ligasse para mim dizendo que o saque do dinheiro não passou de um erro, e que cada centavo ainda estava ali, intacto. Mas não, tudo permanecia desesperadoramente igual.

Um barulho na porta, e batidas, chamaram minha atenção.

– Vivian? Você está aí?

– Eu não acredito! – reconheci a voz, levantei e fui em direção da porta para abri-la e comecei a gritar – como você ainda tem coragem de voltar aqui? Como é possível tamanha falta de consideração?

– Do que você está falando? – Julianne não entendia meu acesso de raiva – está doida?

– Ah? Doida? – ironizei – quem me dera fosse isso.

– Então qual foi o problema? – ela perguntou irritando-se também.

– Eu não vou repetir duas vezes, então preste atenção – eu falei pausada e enraivecida – Julianne, o que você fez com o meu dinheiro?

– E como eu vou saber do seu dinheiro? Bebeu?

– Não se faça de desentendida – eu já estava tremendo – onde você ficou esses dois dias? E talvez o mais importante, com quem e se sustentando com o que?

– Vivian, eu não sei o que fizeram para te irritar por aí, mas você sinceramente está começando a me dar nos nervos – reclamou – se quer me acusar de alguma coisa, acuse-me agora.

– Pois muito bem, eu não queria precisar fazer isso, eu esperava mais hombridade sua – respirei fundo e acusei – eu quero de volta o dinheiro que você

sacou do banco, o meu dinheiro.

Primeiro. Julianne ficou uns bons segundos com um sorriso desconfiado no rosto, talvez esperando que eu amolecesse, sorrisse e mostrasse que tudo era uma brincadeira. Mas não, o olhar dela mudou de questionamento para raiva no segundo que ela percebeu que eu não titubearia no que disse, e que sim eu acreditava piamente que ela tinha sido culpada disso.

– Olhe aqui – Julianne começou a dizer-me – eu chego aqui, tudo bem que depois de dois dias e isso por que eu estava com companhia, e você mal pergunta como eu estou e já vem me acusando de uma coisa séria dessas?

Eu não respondi, permaneci com os braços cruzados, irada demais para falar, irredutível.

– Vivian, eu não pensei que isso aconteceria nunca, mas não esqueça, foi você quem começou. Eu nunca faria isso simplesmente por que eu não preciso, eu tenho dinheiro. Esqueceu? Você não é a única rica por aqui. Só por que eu fugi por uns dias de casa não quer dizer que eu sou uma criminosa. Eu jamais roubaria dinheiro seu, nem um centavo. Eu realmente achei que você era minha amiga, achei que você me conhecia. Mas me enganei. Deus! Como me enganei.

Nesse momento, apesar do meu orgulho não deixar que eu descruzasse os braços e corresse para pedir desculpas para ela, eu já não mais acreditava que ela pudesse ter feito aquilo de que eu a acusara. Vi uma Julianne furiosa chutar as coisas em busca de alguma coisa, que eu não sabia o que era. E fiquei observando seu progresso com olhos ressentidos.

– O que está fazendo? – perguntei finalmente.

– O que acha? Estou procurando minha bolsa. Você se julgou tão violada, que sequer se deu ao trabalho de notar que minhas coisas também sumiram. Bela amiga a que eu fui arrumar.

– Julianne, espera... Eu... – sinceramente eu não sabia como continuar.

– Não diga nada, Vivian – ela disse – eu vou procurar algum lugar para eu ficar, ligarei para meus pais mandarem alguém me buscar aqui, ou então pagarem minha passagem para eu voltar. Não sei, só sei que eu nunca mais quero ver sua cara outra vez.

– Gata, desculpe, eu só... Nossa, eu só fui tão machucada no passado, que é difícil para mim confiar em tudo e em todos.

– Primeiro, Vivian, não me chame mais de gata – respondeu-me – só por que te machucaram você machuca todo mundo também? Até a mim? Deixa eu te contar uma novidade que talvez você ainda não saiba: o mundo não gira ao redor do teu umbigo. Você não é a única rica, nem a única bonita, nem a única amada, nem a única que já foi machucada. E nem por isso, você me vê jogando a culpa do que me acontece em você.

– Julianne, eu iria pensar em quem mais? Diz-me, se só estamos eu e você aqui?

– Eu não sei Vivian, pensasse que foi o Bin Laden que ressuscitou e fez isso, mas não eu. Eu mal consigo acreditar que você realmente me julgou capaz disso.

Finalmente Julianne jogou para fora sua raiva, dando lugar às lágrimas. E eu fiquei em silencio, tentando me imaginar em seu lugar. Caso a situação invertesse. Será que ela me acusaria? Doía-me mais ainda saber que a resposta seria um sonoro: não.

– Adeus, Vivian, eu espero que não precise te encontrar outra vez. E faz um favor para mim, quando descobrir quanto foi levado, me manda a conta. Eu pagarei cada centavo, e também cobrarei cada um quando você encontrar quem fez isso e tiver que me devolver.

Ela bateu a porta com força ao sair. E eu permaneci alguns momentos tentando organizar meus pensamentos conflitantes. Eu estava errada ou não? Fazia sentido eu achar que ela tinha sido culpada? Nós roubamos algumas garrafas de vinho tinto de uma mercearia numa de nossas férias no colégio interno em que eu fui para a casa dos pais dela, mas foi só. Eu fiz uma grande merda, disso eu não tinha dúvidas. Eu não sabia como consertar, isso era fato. Talvez não tenha sido ela.

Quando eu finalmente paguei o hotel e voltei para casa, minha mãe estava jogada de qualquer modo no sofá da sala de TV. Ela parecia triste e abatida, quase como se tivesse chorado por muito tempo. Eu me aproximei devagar para que ela não acordasse e a cobri com a manta que repousava sobre o recamier. Ela não se moveu, mas respirou pesado. Tornei meu caminho para meu quarto. Em pouco tempo o sol chegaria. Eram cinco da manhã, eu decidi não mais dormir. Em vez disso, mandei um e-mail para a ONG, informando sobre uma mudança nos planos. Infelizmente o plano que eu tinha de ajudar com uma bolsa financeira quinzenal a eles teria que ser adiado, expliquei a situação, esperei que eles entendessem. Meu projeto não poderia parar, eu teria que devolver o carro para Emily, e andar de motorista, como eu não gostava de fazer, para que eu economizasse o dinheiro do ônibus. Eu não queria ter que pedir nada para minha mãe. Ela me daria um enorme sermão, e meu pai, bom, ele nem mesmo estava aqui. Assim, com a metade do valor do carro que eu recuperaria, eu poderia pôr em funcionamento minha casa de apoio.

Quando deu a hora de ir para a Universidade, eu chamei o novo motorista e pedi que ele me buscasse no horário da saída. Retirei as coisas que me pertenciam do veículo e guardei em casa, depois me encaminhei para a aula. Trevor me aguardava outra vez, felizmente ele não parecia mais zangado, em vez disso, finalmente ele me tratava como algo sério, à vista de todos. Assim que tive uma oportunidade, aproximei-me de Emily e disse-lhe.

– Aqui, eu espero um cheque com a parte que eu investi no carro.

Ela concordou. Eu não queria ter que desistir do carro assim, mas era em função de algo maior. Vinte minutos depois ela me perguntou os dados da minha conta. Passei para ela os numerais e ela depositou os onze mil cento e cinquenta dólares que eu paguei, na minha conta.

Quando a aula acabou, fui direto comprar as coisas que faltavam para a rotina da minha ONG entrar em funcionamento. Depois deixei na casa de apoio, e fui conhecer as primeiras meninas que seriam atendidas. Obriguei o motorista a ficar de bico calado, dizendo-lhe que se ele contasse para minha mãe qualquer coisa, eu o faria perder qualquer chance de emprego na cidade enquanto eu vivesse, parece que funcionou.

As meninas que conheci, como posso explicar? Bom, todas pareciam comigo de algum modo. Fortes demais por fora para parecermos fracas, e fracas demais por dentro para parecermos fortes. Nem sei se isso faz sentido, mas era assim o tempo inteiro. Juntas, conseguiríamos fazer valer pelo menos a companhia umas das outras.

– Obrigada, Vivian – Lucia disseme. Ela era uma jovem de apenas vinte e quatro anos, e apesar de mais velha que eu, tinha ainda traços ingênuos que se ressaltavam pela sua timidez. Ela tinha uma história triste, que não partilhou por completo, pois as lágrimas não permitiram.

– Não tem porque agradecer, eu só estou fazendo o que é minha obrigação.

– Ainda assim – ela disse – eu não consigo imaginar alguém em sua posição, saindo do luxo para vir ajudar alguém aqui, é diferente.

– Todos nós temos nossas histórias tristes – eu falei para Lucia – a diferença é que algumas pessoas tem coragem de mostrar.

– A minha não precisou de coragem para ser mostrada, está escrita na minha pele nessas marcas – ela apontou para algumas linhas brancas em sua pele, finas cicatrizes de algum ferimento que eu não sabia o que provocara – também no meu cabelo curto que o ciúme infundado cortou.

– Essas marcas devem ser lidas com amor para serem entendidas – eu disse – eu sei como deve doer olhar para aquilo que se abomina dia e noite, para a lembrança de quem te feriu. Mas acredite, são essas marcas que te tornarão mais fortes.

– Obrigada, eu acredito nisso.

– E eu também – eu disse e sorri.

O 13 da meia noite

– Trevor, eu não sei se poderei ir.

– Vem e eu pago – Trevor repetia do outro lado do telefone – não será o mesmo sem você.

– Eu vou tentar fugir aqui, se eu não estiver por aí até as duas é por que não irei mesmo.

– Certo.

– Que horas começa o show ai?

– Meia-noite.

Pouco depois nos despedimos. Eu não queria sair, mas qualquer coisa era melhor do que ficar em casa. Qualquer coisa era melhor que ouvir o barulho que meu pai e minha mãe estavam fazendo durante mais essa discussão. Meu pai, aparentemente, reconciliou-se com minha mãe. Quando eu digo aparentemente é por que, ela simplesmente o tolera, assim como ele faz. Afinal, a separação seria a dissolução de uma boa parcela dos investimentos de ambos, e Elizabeth conseguiu colocar em cheque a alegação de incompatibilidade de gênios entre os dois, e mudou para abandono de lar. Isso o faria perder três quartos de todo o dinheiro que ele teria.

Lembre-se, minha mãe é o cérebro por traz dessa relação.

E meu pai, bem, dizem que por trás de todo grande homem há uma mulher, mas, não no caso dele. Além de não ser uma mulher atrás, ainda tem uma mulher à frente, intelectualmente e nos demais sentidos. Jesus, ainda bem que eu não tenho mais dois anos, senão cresceria traumatizada além do que estou.

Arrumei-me de qualquer modo (como sempre) e corri para ir para o tal bar que Trevor me falara. Eu não sabia onde ficava, então, como ele me prometeu que pagaria o táxi, eu passei a anotação que fiz num papel da minha agenda para o motorista, e ele seguiu pelo caminho indicado.

– É aqui – o taxista me apontou com o dedo quando chegamos.

– Sério que é aqui? – perguntei apreensiva.

– Sim, veja – ele apontou para mim a placa meio escondida nuns arbustos onde se lia Utah Leminski, que era a rua que constava no papel. Liguei pelo celular para Trevor e não demorou dois minutos e ele saia pela porta do clube, se é que podemos chamar assim, para me encontrar.

– Que bom que chegou – ele disse e aproximou-se de mim, eu quase fechei os olhos preparada para um beijo, mas percebi que ele não estava vindo me beijar e sim dar uma nota de cinquenta dólares ao motorista – pode ficar com o troco.

– Obrigado – o motorista disse e saiu, não sem lançar um olhar de preocupação para nós dois – desculpe a intromissão, mas tome cuidado.

– Tudo bem, bom trabalho – eu disse já me virando e seguimos para o grande galpão abandonado que agora fazia as vezes de ponto de encontro bem tenebroso.

A música ficava mais alta a medida que nos aproximávamos da entrada, eu conseguia ver muitas meninas do lado de fora com umas roupas góticas, meio vampirescas, meio provocantes. Trevor, como de costume, caminhava cerca de

cinco passos à minha frente. Nem mesmo quando uma das moças na entrada o parou e deu um beijo na bochecha dele, que quase pegava no canto da boca, ele virou-se para mim, e disse qualquer coisa do tipo “está aqui está comigo” ou “ela é minha namorada”. Em vez disso, continuava andando, sorrindo, e dizendo para cada um que ele encontrava.

– Pega no bar umas cervejas com o Frank, eu pago.

Primeiro, eu nem sabia quem era esse tal Frank, mas já tinha raiva dele também por ter mais atenção que eu na noite. Segundo, a vida devia estar muito boa para ser comemorada assim, esbanjando dinheiro, e era ridículo sentir que eu não era parte disso.

– Trevor – falei um pouco alto demais, devido ao barulho, para que ele me ouvisse. Mesmo que nós dois estivéssemos ainda perto da entrada do local, em frente a um portão com as letras RP enormes pichadas na porta, e próximos demais da parede que tinha uma enorme mancha esverdeada perto do chão que parecia e cheirava como urina.

– O que? – ele finalmente virou para mim, e aparentemente, não gostou de eu ter interrompido sua conversa com quem quer que fosse o cara que falava com ele. Já chega.

– O que? – falei mais alto – o que nada, você me convidou para vir para cá, o mínimo que eu mereço é sua atenção, eu estou num local desconhecido, cheio de gente desconhecida, quase vomitando pelo cheiro desse lugar, e você nem mesmo me apresenta a ninguém, nem mesmo diz o que queria comigo aqui – eu respirei fundo e continuei – me trata direito, ou irei embora.

Finalmente eu tinha a atenção dele, mas eu também tinha a raiva dele, e do cara que estava com ele que me olhava irritado, como se eu fosse um inseto impertinente e ele quisesse me esmagar contra a parede.

– Vivian, dá para se acalmar dois minutos? Eu realmente preciso terminar essa conversa.

– Eu gostaria de me acalmar, mas não dá, sinceramente. Eu tenho que ir embora, eu nem mesmo sei por que eu vim para cá, isso não é meu estilo, e você é um péssimo conviva.

– Se quiser ir, vá – Trevor disse dando de ombros – boa sorte tentando encontrar um táxi.

Era isso mesmo? Ele me chamou para cá e agora ia ficar agindo feito um idiota comigo? Respirei fundo, preparada para sair e dei meia volta. Pensando

em como eu faria para pagar o táxi já que não tinha nada de valor comigo, e não queria pedir para minha mãe.

– Hei, belezinha, calma...

Eu não conhecia a voz, por isso recolhi a mão quando fui tocada, o cara que estava com o Trevor, tinha se aproximado e segurou minha mão para eu não ir embora, toque que eu recusei de imediato. Ele tinha um sorriso maldoso nos lábios. Trevor se aproximou e o cara colocou uma mão no pescoço dele, eu podia jurar que ele estava sendo machucado, apenas pelo modo como a mão do cara estava com os nós dos dedos salientes.

– O Trevor aqui – ele apertou ainda mais a mão dele na pele de Trevor, eu conseguia ver a unha dele machucando de leve – não soube fazê-la se sentir bem no meu espaço, mas eu conseguirei fazer isso rápido – ele perguntou para Trevor – é desse jeito que se trata uma dama?

– Não, senhor – Trevor respondeu e havia medo na voz dele, apesar de disfarçado.

– Peça desculpas – o cara disse outra vez.

– Desculpe-me Vivian – Trevor disse sem nenhum resquício de arrependimento na voz, apenas por estar sendo forçado por esse tal cara que eu não sabia o nome.

– Viu só, você não precisa ir, nosso amigo já se desculpou – ele continuou – e a propósito, eu sou Juan, conhecido também como 13, você pode ficar e me fazer companhia, se quiser.

– Tudo bem, eu já iria mesmo, não foi muito inteligente de minha parte ter saído hoje, amanhã tenho aula, e eu estarei com uma disposição horrível...

– Eu insisto – ele cortou mostrando um sorriso com alguns toques de metal, provavelmente os implantes dentários dele eram de ouro branco.

– Deixa para a próxima, eu realmente não me acostumei com o ambiente.

– 13, eu tomo conta dela, sério – Trevor disse – eu farei questão que ela não se comporte mal outra vez, deixa ela comigo cara.

Qual é ele realmente estava com medo desse tal cara? Tudo bem, a aparência dele era meio assustadora, com umas roupas ao estilo: “Salva Maratrucha”, meio forte e cheio de tatuagens de números por toda área de pele que me era visível.

– Muito bem, eu te espero outra vez – ele disse querendo pegar minha mão outra vez, eu não a retirei – boa menina.

– Vamos – Trevor saiu me puxando e fomos para o lado de fora, apressados, finalmente ele me tocava, apesar de a mão dele estar fechada forte ao redor do meu braço.

– Calma aí, para de apertar meu braço.

– Ok – ele passou a mão na cabeça frustrado – você tem ideia do que fez lá dentro?

– Não, eu não tenho ideia, e por que não me fala?

– Nem tem como falar nada, só saiba que você me meteu em sérios problemas, sérios mesmo – ele bateu forte no volante do carro – que droga, que merda.

Fiquei quieta um pouco, pensei um pouco no que ele disse, eu tinha que me comportar para que ele não ficasse com raiva de mim. Só então percebi que ele não estava pegando o caminho da minha casa, ele estava indo para algum outro lugar, nem mesmo para o caminho da casa dele estava. Eu tinha que perguntar.

– Para onde está indo? Não conheço esse caminho.

– Calma aí. Estou indo para o local onde estou morando.

– Mudou-se de casa?

– Sim, eu mudei sim.

– Nem me disse nada? – eu perguntei – um aviso seria legal.

– Por que eu diria alguma coisa? – ele deu de ombros.

– E por que eu iria para lá? – provoquei.

– Por que, depois do show ridículo na frente do 13, ele vai estar com um olho em você por um tempo, e eu não quero ser culpado pela polícia caso você dê uma sumida.

Então era com esse tipo de gente que ele andava? Cada vez mais o conselho de Emily ressoava na minha cabeça: “ele não é bom para você”, que droga, minha razão queria me dizer que ela estava certa, meu orgulho insistia em teimar. Então, como se alguém tivesse me mostrado numa pintura clara, a ideia veio a minha mente.

– Onde está o cartão-chave do quarto de hotel?

– Como é? – ele pareceu engolir em seco – você falou essa merda para alguém?

– Não, eu estou perguntando para você.

– Por que eu roubaria seu dinheiro do banco?

– Você sabe muito bem, você não me devolveu a chave do quarto naquele dia, e agora está vivendo num novo lugar, cheio de dinheiro no bolso, e num carro novo, isso sem ter um emprego.

– Trevor, foi você quem tomou escondido meu dinheiro?

Eu pensei que ele fosse refutar a ideia, me encher com uma torrente de palavras obscenas e cheias de raiva pela acusação, mas ele apenas freou o carro. Abriu a porta e mandou-me descer. Desafivelei o cinto e desci obediente.

– Eu nunca achei que seria capaz de tanto – Ele disse para mim, enquanto fechava de volta a porta do quarto e me deixava numa avenida qualquer, sem um centavo para voltar para casa.

O carro acelerou, eu achei que fosse uma piada, mas não, quando vi o carro

virando a esquina eu tive duas certezas. Ele não voltaria para me buscar e eu teria que voltar andando; e ele tinha me furtado, afinal de contas eu nunca, em momento algum, disse para ele que o furto foi da minha conta, e não em espécie. Cada passo meu para casa soava como um “eu te avisei” da Emily, ela tinha razão. E eu não poderia contar para ninguém isso, ele sabia tudo de mim, e eu não queria sentir mais medo.

Amor amigo

Depois de caminhar por mais tempo do que eu achei que eu conseguiria, eu finalmente cheguei a minha casa. Devido à dor intensa que eu sentia nos pés achava que talvez não fosse possível ir à aula hoje. Nunca achei que eu conseguiria andar tanto, e ainda por cima fingindo que eu era corajosa, quando estava sozinha no meio da cidade noturna, numa área desconhecida. Eu me metia em cada uma mesmo. Assim que cheguei fiquei descansando meus pés na banheira por um bom tempo, e fui deitar-me ainda molhada na cama. Antes tranquei a porta.

“Acho que eu não preciso dizer que depois de ontem, não há mais nada entre nós dois”.

Digitei e mandei o texto para Trevor.

Meu telefone tocou de imediato.

– Alô?

– Você sabe que não pode terminar assim.

– Você sequer justificou Trevor, você simplesmente me deixou lá. E eu estou cansada de ser tratada igual a um estorvo toda minha vida.

– Não foi isso – ele quis se explicar, mas não havia explicação.

– E o que foi então? Você não ficou satisfeito de ter levado os setenta e cinco paus que tinham na minha conta? Quer mais o que?

– Eu não sei... Eu só... Estou tão atolado em problemas.

– E eu não quero ser mais um deles, e nem quero partilha os teus comigo.

– Vivian, é só uma chance...

– Eu já dei essa chance, e você acabou com ela. Eu só espero que você saia disso e me pague. Aquele dinheiro tinha um destino.

Trevor apenas sorriu e antes de desligar disse num tom soturno.

– Pode ter certeza que eu irei pagar o que quer que eu ache que deva.

Somente isso, tudo acabou tão rápido como começou.

A sensação de estar só outra vez chegou para me acompanhar. Eu não queria me sentir assim, mas também não queria mais ficar pensando em ficar com ninguém. Não depois do que tinha acontecido comigo hoje e do que aconteceu com minhas finanças. Talvez meus pais estivessem certos em não me amar, talvez eu não merecesse ser amada. Não quando eu era a primeira a me detestar. Não quando eu mesma me achava sempre tão pouco útil.

Cochilei o melhor que pude, mas eu me sentia tão cansada e “quebrada” que até para dormir eu me sentia cansada, então fiquei gemendo e me remexendo de um lado para outro na cama, em busca de algum alívio para minha consciência pesada e minha perna inchada.

Mal pisquei os olhos e o celular toca, achei que fosse Trevor, e atendi de vez.

– O que é? – falei num tom cortante.

– Antes que você desligue, ouça-me, por favor.

– Muito bem, fale – falei ainda sem querer dar muito na cara que eu estava errada. O que ela queria me ligando agora? Ela nunca me ligou tão tarde. Será que tinha acontecido alguma coisa?

– Não estou mais vivendo naquele apartamento que você conhece.

– Certo, e? – Eu estava preocupada, mas também terrivelmente cansada, nem um pouco a fim de perder o tempo, que eu poderia gastar dormindo, com trivialidades.

– Bom... – Emily tropeçou na palavra. Acho que fui ríspida demais. Por mais que eu queira afirmar o contrário, ela estava certa, continuou – Nicholas

comprou uma casa nova, fica um pouco afastada do centro da cidade.

– Você pode apressar? Já é quase manhã! – exagerei um pouco, outro defeito de leoninos, além do exagero e tendência a teatralidade, o orgulho.

– Vivian, eu quero que você venha para a festa, pode até trazer o Trevor se quiser falei e, além disso, precisamos comprar um vestido decente, eu preciso de sua ajuda pra escolher...

– Espera ai, você está me convidando para uma festa, mesmo depois de tudo?

Eu não queria ter que admitir, mas ela era muito melhor do que eu.

– Não, eu não quero perder sua amizade, de modo algum, ainda que tudo tenha acontecido para nos afastar – Ah, não, ela estava com a voz chorosa de novo.

– Você é ainda mais legal do que eu pensava – falei antes que, por culpa da

minha impulsividade, eu desligasse o telefone ou fizesse algum comentário sarcástico.

– Como assim? O que quer dizer?

Eu tinha que admitir, mas não poderia denunciá-lo. Hoje ele pareceu tão perigoso, e todo aquele povo lá que ele anda. Bom, eu não queria coloca-la em perigo também. Inventei o que me veio à mente.

– Você tinha razão tá? Descobri coisas sobre o Trevor que não vale a pena contar agora.

– Você tem que me contar algum dia, sabe disso.

– Eu sei, só não quero estragar meu humor – que estava melhorando magicamente depois de conversar um pouco com ela.

– Tudo bem.

– Baby, melhor dormirmos – eu estava morta – daqui a pouco você vai ter que vir me buscar para nós irmos comprar seu vestido arrasador.

– Não exagera! – ela pausou um pouco, depois continuou – até amanhã?

– Até amanhã, bom descanso.

Era tudo que eu precisava: ter alguém que me fazia bem de novo. Alguém que não havia se aproximado por interesse, ou por motivos criminosos. Agora que eu tinha estragado tudo com Julianne. Peguei o celular que eu já tinha guardado e digitei um pedido de desculpas para ela. Apesar de eu saber que nesse momento ela não estaria mais querendo me ver em sua frente nem pintada de ouro. Eu me precipitei? Sim, me precipitei. E agora eu não sabia como consertar tudo.

Muitas vezes as pessoas mais machucadas são as mais orgulhosas. Elas fazem de tudo para não ter que se machucar outra vez, e se fecham, se enclausuram por detrás de um muro de orgulho e autossuficiência para não precisar de ninguém, mas na verdade, tudo que elas querem é alguém que não minta para elas, alguém que tenha coragem de olhá-las aos olhos e dizer: eu sou assim mesmo, eu sou desse jeito; e não alguém que minta fingindo ser o que não é, que viva prometendo o mundo inteiro, e que só traga decepções. Eu sou assim, eu me fechei, eu queria me abrir outra vez para tentar ser a menina adorável e mimada que todos querem que eu seja, mas eu não consigo. Toda vez que eu tento sou decepcionada. Toda vez que ouso minhas próprias verdades me

machucam. E eu me vejo obrigada a sorrir para o mundo inteiro enquanto meu coração sangra.

– Talvez o amor não tenha sido feito para mim – sussurro para as paredes que me cercam.

Outra vez não tenho resposta. Melhor assim, senão além de machucada, eu me veria seriamente compelida a buscar apoio psiquiátrico para esquizofrenia.

Eu tinha arranjado uma amiga nova, tinha-a perdido e agora recuperado.

Diferente de Julianne que me mostrava como ser uma louca da vida, como conquistar rapazes em troca de poucos minutos de uma sensação passageira, e como ser terrível para os pais. Emily sempre buscou o melhor de mim, ela sempre me mostrava que esperava mais de mim do que os outros, parecia se importar mais comigo que a minha própria mãe.

Agora não era diferente, ela sabia que eu estava errada, mas mesmo assim era ela quem dava o primeiro passo para uma desculpa. Era ela quem me fazia ficar por cima. Talvez eu nunca soubesse o que é o amor, mas definitivamente eu tinha provas concretas da existência da amizade.

De volta ao ciclo

– Mãe! Outra vez? Eu não quero discutir, eu estou cansada de discutir. Vamos comigo.

– Eu tampouco quero discutir – Elizabeth disse – eu só quero falar com alguém que me responda, cansei de falar com as paredes.

– Mãe? A senhora está bêbada? – eu me aproximei dela segurando-a enquanto ela cambaleava um pouco, o cheiro era adocicado, parecia licor. Eu nem mesmo sabia quanto era necessário para se embriagar com licor, mas Elizabeth tinha conseguido.

– Não, você está amassando meu vestido, criança – ela reclamou, mas sem soltar-se das minhas mãos que a auxiliavam pela cintura.

Quando, pouco antes de amanhecer, eu tinha decidido vir a cozinha tomar um chá fresco para tentar acalmar meus nervos e pegar no sono. A imagem de Elizabeth sentada no chão da cozinha, com o rosto banhado em lágrimas, era a última coisa que eu achei que iria encontrar.

– Vamos mãe, fique calma, eu te levo para o seu quarto.

– Não, não para lá... Eu me sinto tão só ali – Então vamos para o meu quarto, tomaremos um banho e depois a senhora descansa um pouco, parece cansada...

– Sim, sim... – ela resmungou enquanto subíamos as escadas.

Fiz força para leva-la para o andar superior, apesar de em forma, ela era bem pesada. Consegui chegar, e apesar da minha insistência, a única coisa que consegui foi molhar o rosto dela e estender para ela uma das minhas camisas gigantes e confortáveis que eu usava para dormir. Ela deitou-se na minha cama com minha ajuda.

– Descanse um pouco, eu vou ter que sair daqui a pouco, você pode ficar dormindo aqui se quiser, eu estou bem aqui – eu disse enquanto me agachava perto da cama – para lhe fazer companhia até que durmas.

Elizabeth fechou os olhos, alguns minutos de silencio passaram e eu achei que ela tinha dormido, mas ela começou a falar baixinho. Achei que era um sonho, mas na verdade era para mim.

– Você tem que me perdoar minha filha...

“Oi? Filha?” pensei, e aproximei-me para ouvir.

– Quando você era pequena, eu prometi que nunca deixaria nada acontecer contigo – ela disse, abrindo os olhos e olhando para mim – eu tinha prometido que nunca deixaria nenhum mal te acontecer, mas veja...

– Isso já é passado... Eu sequer lembro – confortei-a. Mas eu sabia o que ela se referia, eu tinha sonhos maus com isso quase sempre. Eu só não queria lembrar tudo de novo.

– Quando seu pai começou a diminuir a sua procura por mim... – começou a falar outra vez, a voz embargada me obrigava a forçar o ouvido para entender – eu transferi a culpa para você, eu achava que seu nascimento tinha me feito menos desejável. Mas isso foi só até eu descobrir o real motivo, ele mentiu para nós duas, Vivian...

– Mãe, eu...

– Não, querida, ouça... Eu quis tentar te alcançar outra vez, eu quis tanto voltar para você, mas eu não sabia como. Quando eu percebi, era tarde demais. Eu não sabia mais como fazê-lo. E nós nos desencontramos para sempre... Quando aquilo aconteceu e eu te afastei, era por que eu não conseguia lidar com o meu próprio fracasso.

– Não mãe, eu ainda estou aqui. Eu até tenho me comportado, a senhora não tem que se preocupar, eu só quero esquecer isso tudo. Desculpe-me pelo que eu disse outro dia, a senhora e linda, e eu só quero ser como você um dia.

– Não, você será melhor, você se tornou mais linda do que eu poderia imaginar; você é tão forte, mais do que pensas... – ela disse e afagou meu rosto – eu vou tentar dormir, sugiro que faça o mesmo enquanto há tempo.

– Mãe...

– Sim?

– Por favor, tenta lembrar-se disso pela manhã? Lembra que estivemos como mãe e filha pela primeira vez em anos?

Não houve resposta. Ainda chamei duas vezes, mas ela já tinha dormido. E eu estava mais desperta do que nunca. Andei em círculos pelo quarto, surpresa pelo fato de o álcool ter precisado derrubar todas as barreiras que existiam entre nós, surpresa por que o sol já tinha chegado, e surpresa pelo fato de a manhã já estar chegando.

“Encontre-me na entrada do shopping, eu estou indo cedo, então se apresse”, mandei a mensagem para Emily. Felizmente o Shopping Center ficava perto da minha casa. O motorista me deixou bem perto da porta de entrada, comprei um café simples no Starbucks, e fiquei aguardando que ela chegasse.

Assim como minha paciência, o café já estava terminando, e para minha sorte, vi o Elantra estacionando. Acenei para Emily, mas talvez ela não tenha notado. Pois saiu do carro, e olhando por cima dele, até me encontrar. Caminhei para perto dela, Emily, por sua vez, deu a volta no carro e eu corri para abraçá-la. Minha amiga estava de volta. Minha mãe estava de volta. Tudo parecia se encaixar. Eu era azarada, acontecia um monte de coisas ruins na minha vida. Mas finalmente, parece que as coisas boas estavam vindo bem devagar, mas vindo.

– Eu senti tanto sua falta, nunca mais suma desse jeito.

– Não vou sumir – ela respondeu me abraçando de volta.

Eu quase chorei, não fosse eu lembrar que não tinha colocado rímel à prova d’água.

– Vamos, temos mil lugares para ir. Eu te ajudo a escolher teu vestido, tem algumas lojas no corredor b– norte daqui, que não tem os preços muito altos, mas que tem bons vestidos.

Tomei-a pela mão e fomos para lá, eu não iria comprar nada para mim, tendo em vista o “rombo” que tinha acontecido no meu orçamento. Eu só iria ajudar, e depois, usaria algum dos vestidos antiquados da minha mãe. Ela nem iria notar a ausência de um deles no closet enorme dela.

Mas, qual não foi minha surpresa quando ela me ofereceu um vestido como presente de reconciliação (palavras dela). Para que as duas arrasassem no baile. Quis recusar, mas ela lançou aquele olhão azul de cachorrinho pidão e eu tive que aceitar sem refutar.

– Dorme lá comigo hoje, eu tenho certeza que Nicholas não se importa, e eu preciso da sua ajuda para não destruir toda a festa, sério, você não vai gostar do trabalho que eu estou fazendo.

– Por mim tudo bem, se você diz que não tem problema – eu disse – acho

que posso sim, mas eu quero primeiro pegar algumas coisas do meu arsenal de beleza, e vou pegar uma muda de roupa. Mas tem suas roupas também, se você puder me emprestar suas roupas legais outra vez.

– Quantas precisares desde que não deixe seu cheiro particular nelas – Emily disse fazendo uma careta para mim, e torcendo o nariz.

– Eu não sou fedorenta – falei alto demais, e sorri ao dizer – larga de provocar sua branquela.

Depois das compras almoço. Emily me perguntava sobre Trevor e eu, mas não tinha mais isso, Ele e eu. O que eu iria dizer? Disfarçadamente mudei de assunto. E contei sobre nossos primeiros dias, sobre eu e ele no passado, quando para mim ele era apenas mais um universitário gato e inocente, e não um doido, ladrão e “de gangue”.

Eu dirigi no caminho para minha casa, e entrei toda feliz, com Emily à tira colo.

– Vivian?

– Pois não? – respondi, era Mercedes quem me chamava.

– Aonde vai com essas malas? – ela perguntou preocupada.

– Eu não estou fugindo, fique tranquila, só irei dormir na casa da Emily aqui, teremos um evento no domingo.

– Sua mãe sabe?

– Irei avisá-la daqui a pouco.

– Avisar-me sobre? – minha mãe falou olhando em minha direção, assim que olhou para Emily o olhar emanava desaprovação – e você, se estiver vendendo alguma coisa, não queremos, a saída é pela porta dos fundos.

– Não mãe, essa é minha amiga da East Valley, Emily.

– É um prazer senhora – Emily estendeu a mão para minha mãe, ela até sorria, como ela era inocente – sou Emily Carter.

– Com essa camisa pagã, não me surpreende que ande com a Vivian mesmo. Surpreende-me não estarem traficando entorpecentes.

Eu parei de sorrir, perguntando onde a mulher da madrugada tornou-se essa de agora, tão fria e seca. Emily parou de sorrir, constrangida.

– Eu estou de saída – eu disse para encerrar o assunto – volto na segunda, tenho um evento para ir.

Minha mãe, ou Elizabeth, eu não sei se ainda poderia chama-la por aquele nome. Apenas deu-me as costas e caminhou elegantemente para a sala de estar, enquanto eu saia pela saída dos empregados com Emily, pelos fundos da cozinha.

Quando chegamos à casa dela, que devo falar, apesar de ser campestre demais para mim, era de tirar o fôlego começamos a dar ordens aos funcionários da decoração. A organização do local da festa estava impecável, se não chover. Tudo estará perfeito. O trabalho se estendeu até bem tarde, onde, devo falar, parecíamos guerreiras máscaras de hidratação à base de algas no rosto, e

hidratante no cabelo. Nicholas não voltou até a noite para eu poder dar um alô para ele, então eu fiquei pouco a vontade de dormir sozinha. Vai que ele entra no quarto e eu estou lá. Dormi com a Emily, como nos velhos tempos. Quando caí no sono, ela acorda e se levanta. Eu não me mexo, não quero alardear ninguém. Ouço a voz dela e a de Nicholas, cheia de risinhos. Entendi tudo. Ela voltou para o quarto, eu me virei um pouco para ela e comentei.

– Eu adoraria perguntar sobre tudo isso agora, mas amanhã não quero estar com olheiras. Você não é boba nem nada, né moça?

Adorável distração

– Emily! Emily! – eu batia na porta do banheiro insistentemente – saí daí e vem me falar logo! Fugir não vai adiantar em nada.

– O que, Vivian? – ela respondeu – eu não sei o que quer ouvir.

– O que acha? Detalhes, muitos detalhes.

– Não há o que contar, não sem meu café, meu precioso e delicioso ouro negro – Emily reclamou, eu ouvi a fechadura da porta do banheiro girar e ela saiu – me dê tempo para um café e pensarei no seu caso.

– Tudo bem – disse – mas se eu morrer de curiosidade daqui até a cozinha, a culpa será apenas sua, e eu voltarei para assombrá-la – sorri.

Descemos as escadas, até tentei ajudar a preparar o café (não deu certo), e nada do coração da minha amiga angelical amolecer.

– Vamos lá, entrega o jogo – inquiri durante o café-da-manhã. Não me importava o quanto ela quisesse negar. Meu “ouvido de tuberculosa” tinha conseguido ouvir uma boa parte da conversa da noite anterior. Apesar de eu não ter entendido a maior parte. Emily continuava fazendo ar de mistério sobre isso e eu precisava de detalhes, insisti – Eu já sei que alguma coisa está rolando entre você e o Nicholas, deu pra perceber pelo jeito que ele te olhava desde a primeira vez que eu vi vocês dois juntos, só não tinha certeza até ontem. A propósito, vocês devem falar mais baixo se não querem ser pegos, seus safadinhos.

– Por favor, não conta nada ainda para o James, eu ainda não tive tempo e nem coragem suficientes para pensar em um jeito minimamente razoável para contar isso.

Nem imagino por que ela cogitaria essa ideia boba de que eu falaria alguma coisa para alguém. Minhas observações sempre foram feitas para mim, encenei o gesto de segredo e disse-lhe apenas, atenta a recém-recebida informação.

– Não sabia que o James estava aqui – tomei um gole do meu suco de laranja – quando eu vou finalmente conhecê-lo?

Não demorou um segundo após eu fechar minha boca e um cara metido a galã apareceu na sala. Metido por que ele tinha um jeito meio irritado. Tá bom, talvez “metido” não seja o termo certo. Ele era um galã. Como aqueles homens dos livros que quando você termina de ler, fica chorosa e se perguntando, por que ele não existe? Ou ainda, por que eu não vou viver dentro dessas páginas? E

chora uma noite inteira.

Ele era alto, e andava totalmente imponente. A roupa que ele usava mostrava que ele gostava de se exibir, afinal, bermuda e camiseta são o traje oficial de frequentadores de academia país afora. E ele podia se mostrar, não havia nada nele que não fosse apetecível. O rosto dele conseguia ser de másculo e suave ao mesmo tempo, a ausência dos fios longos da barba o fazia ter um rosto de anjo. Os lábios dele tinham aquela curva inferior cheia, que fazia ter vontade de morder. E os olhos dele eram de um tom de azul céu tão peculiar, tão único, que me fizeram entender o que significava a expressão “Janelas da alma”. O cabelo dele, num corte social, contrastava com a pele clara. E eu não conseguia imaginar, neste momento, alguém mais lindo.

Os tons dos olhos dele era uma das coisas que mais me chamava atenção, eu só tinha visto um tom igual em alguém, e esse alguém estava praticamente na minha frente. Emily, e ele só poderiam ser irmãos. Esse era o James, e ele era estupidamente gato.

– Pronto, já estão se conhecendo, James conheça Vivian e Vivian conheça James.

James aproximou-se e puxou uma cadeira ao meu lado para ficar conversando comigo. Em parte para me fazer ficar bem, e por outra por que ele parecia realmente animado esta manhã.

– Então, você é a Vivian? Emily me falou muito de você.

– Sério? – fingime de misteriosa – apenas metade é verdade. Não esqueça que todo lado tem duas histórias.

– Você quer dizer: toda história tem dois lados?

– Acho que é isso aí mesmo – respondi sorrindo. Eu errei a frase apenas por que a proximidade estava desconcertante. Qual era a necessidade de ele virar com o corpo inteiro na minha direção? Agora eu tinha que me sentar comportada igual a uma boa moça.

– Eu tenho que te agradecer muito – James dizia – você ajudou a Emily a se sentir acolhida, ela é tudo que sobrou para mim de família – ele olhou para ela rapidamente e virou para mim outra vez – talvez eu tenha exagerado um pouco, mimado demais, mas é que para mim ela sempre parecera a minha menina.

– Fez um bom trabalho, James – eu disse – é bom que ela seja assim, ingênua, não num sentido pejorativo – atalhei em explicar – de um jeito bom, é bom que ela seja mulher no caráter e menina nas demais coisas. O que muitas pessoas não dariam para ter a inocência dela.

– Obrigado – ele disse sorrindo – mas me diz, você é a Vivian dos Driscoll?

– Isso mesmo – deixei os ombros caírem cansados ao lado do meu corpo, meu passado voltando – por quê?

– Nada em especial, conheço seu pai e sua mãe de colunas sociais e também de revistas voltadas ao empreendedorismo, parecem ser boas pessoas.

Felizmente não tive que responder, por que bem nesse momento Nicholas “aparece” no meio da nossa conversa. Deus do céu, o que é essa casa? Eu sei que o Nicholas é da minha amiguinha, mas olhar não tira pedaço né?

– Bom dia, todos, James, Emily – e acrescentou – e Vivian, eu espero que tenha dormido bem.

– Vá por uma camisa senão eu vou vomitar sobre essa mesa de café – James provocou.

– Igual a esse pedaço de pano que você tá usando ai? Não, obrigado, eu

gosto de roupa para homem – Nicholas provocou de volta, e sentou na cadeira ao lado da de sua amada, deixando uma Emily sorridente e uma Vivian admirada.

– E me diz mais uma coisa... – James tomou minha atenção outra vez.

– Duas, três, quatro – respondi – e isso nem é uma cantada, caso tenha parecido com uma.

– Isso sequer passou pela minha cabeça – ele sorriu e meu coração falhou por um segundo.

– Vivian – Nicholas me chamou do outro lado da mesa – eu espero que tenha se sentido confortável, eu não pude recebê-la ontem à noite, mas sinta-se em casa.

– Obrigada Nicholas, você é muito gentil.

– Daqui a pouco os demais funcionários do Buffet chegarão para começar a organizar as ilhas de disposição para o menu da noite, foram indicação de Vivian

– Emily disse.

– Obrigado por estar ajudando em tudo, acho que dará tudo certo – Nicholas comentou.

– Dará sim, tenho certeza – cruzei os dedos.

Nicholas voltou sua atenção para Emily e eu voltei outra vez minha atenção para James que insistentemente perguntava sobre os planos para a festa de hoje, checando um a um. Querendo chamar atenção para detalhes que passariam despercebidos por alguém menos treinado, mas não por mim, que já tinha pensado em tudo. Não faltava muito, então não estava muito preocupada. Afinal, apesar dos meus receios remanescentes de tempos passados, eu tinha uma bela distração à minha frente. E ela atendia pelo nome de James.

Pés sob pés

Eu provavelmente estou ficando ferrada outra vez. E tudo por que eu não estou tendo mais acordo de mim. Eu jurei para mim, eu me repreendi mentalmente, eu tentei me fazer retroceder naquilo que minha mente estava apontando.

“Ele é velho demais, eu repetia para mim. Ele é ridiculamente velho demais”.

Do que adiantava? Se o simples fato de ele estar desse modo perto de mim me fazia com que eu ficasse toda desconcertada? Se meu coração já tinha falhado mais vezes do que eu julgava ser possível quando ele sorria para mim? Droga, eu estava em maus lençóis.

– Eu gostei da decoração das mesas, simples e funcional, os arranjos baixos permitirão que as pessoas conversem sem precisar quebrar o pescoço – James me disse e sorriu. Outra falha.

Já tínhamos andando ao redor da casa, verificando se a iluminação seria suficiente para clarear todo o local, já que estávamos cercados por árvores e nenhuma civilização. Agora, estávamos sentados num banco de madeira, observando os últimos ajustes da decoração das tendas que protegeriam os

convidados de uma possível garoa. Ouvindo a banda ajustar o som do violino, que ia de agudo a grave agilmente. E um contrabaixista arrancando das cordas curvadas um choro grave. Aquilo tudo estava parecendo tão mágico. E que droga, eu poderia jurar que o cenário era perfeito para alguém se apaixonar. Eu não sabia o que responder. Não que ele tivesse me perguntado como calcular derivadas e integrais, mas se ele continuasse olhando para mim com esses olhos azuis de tirar o fôlego. Mil anos poderiam se passar, e eu não teria acordo.

– Quer dançar? – James perguntou de repente.

– Como é? – perguntei – dançar?

– Sim, venha – ele estendeu a mão para mim, e me ergueu de vez sem cuidado, ele não queria ser romântico, James queria ser divertido. Entrei na brincadeira. Sorrindo, o acompanhei.

– Aqui – ele nos parou no meio do gramado – dançaremos aqui.

Ele estava de chinelos, então para si não tinha nenhum problema. Eu estava com um sapato com um ligeiro salto, e o salto afundava no solo, eu tinha que fazer força para arrancar meu sapato do chão fofo a cada vez que ele afundava. Para mim tinha problema.

– O que foi? Não sabe dançar? – ele perguntou.

– James, eu fui criada para ser uma bonequinha de cristal, não há nada cheio de frescuras o suficiente que eu não saiba fazer – respondi em tom de provocação.

– Sapateado? Balé?

– Tudo isso aí, e também tango.

– Tango? Jura? – perguntou ainda meio incrédulo.

– Eu posso mostrar para você, deixa só eu tentar desatolar meu pé daqui... – e eu fiz um pouco de força para arrancar o meu sapato que tinha ficado preso, e finalmente ele percebeu que eu tinha problemas.

– Oras, eu não entendo vocês mulheres, sabem que estão num lugar cheio de grama e insistem em usar sapatos altos.

– Qual é? Vai brigar agora? Não acha que sabemos disso, prefere então que eu fique descalça?

– isso mesmo – ele disse e envolveu minha cintura de um jeito forte, me erguendo, o sapato ficou preso no chão como se tivesse sido cimentado. O outro sapato no pé que não estava preso, caiu quando eu sacudi um pouco o pé. Aquele contato repentino fez com que meu corpo inteiro ficasse em estado de alerta, eu me retraí um pouco, ele não tinha como saber que eu não gostava de ser tocada sem autorização. Mas ainda assim, ele tendo invadido meu espaço, eu não senti medo da proximidade, meu retraimento não me deu aquela descarga de adrenalina paralisante de medo, mas sim uma sensação totalmente nova, uma sensação boa, que deixava todo o meu corpo preparado para mais. Como se cada pedaço de pele exposta ou não exposta estivesse totalmente concentrada para mais daquilo.

– Coloca os pés sobre os meus – ele falou num tom de ordem.

– Como uma criança? – consegui articular, num tom ácido, minha resposta automática para tudo que me era desconhecido.

– Por que é isso que você é, uma criança.

Ai! Essa doeu. Tudo bem, Vivian, faça o que ele pede, eu me ordeno mentalmente. Apoio os pés nos dele e ficamos assim, por um tempo, se embalando de um lado para outro enquanto o violinista toca um pouco de André Rieu para meus pés descalços.

Ficamos ainda assim por um tempo, eu respirava profunda e lentamente, eu buscava a todo custo não olhar para o rosto dele para não dar aquela vontade insana de fazer uma porção de coisas proibidas para menores. Então eu ficava apoiada praticamente ao braço dele, olhando para o nada, e analisando a confusão que crescia cada vez mais dentro de mim.

“Ele é velho demais, você prometeu”, eu ainda tentava me convencer.

– Acho melhor irmos para dentro, vocês tem que se arrumar, e eu ainda tenho trabalho a fazer – James disse cortando a proximidade que ele mesmo impôs a nós dois – muito trabalho.

– Está bem, você fala como se vir dançar no meio da lama igual a dois porcos tivesse sido ideia minha – provoquei, sarcasmo era mais saudável para mim do que sentimentalismo, ou culpa.

Caminhamos de volta para a recém-adquirida casa de Nicholas, eu não

queria parecer, mas me sentia sim, meio humilhada pelo modo abrupto que ele me afastou. Peguei meu sapato que ele não fez questão de desatolar, e a passos duros andei para a porta que dava para os lados da piscina, entrei de vez na cozinha, irritada com o que quer que fosse que eu quisesse que tivesse acontecido.

– Vivian! – ouvi a voz de Emily me chamar.

– Pois não? – fui em direção a voz, nós duas entramos quase que ao mesmo tempo na cozinha – estava te procurando! Falta relativamente pouco tempo, e você disse que tinha um milhão e meio de coisas para fazermos.

– Ok, ok – ergui as mãos – faremos tudo isso.

Subimos para o quarto dela, dispusemos os vestidos que escolhemos na loja em cabides, roupas íntimas, sapatos, e toda sorte de coisa que iriamos usar para nos preparar sobre a cama.

– Vamos lavar o cabelo, eu tenho que hidratar nossos fios antes de escovarmos o cabelo – eu disse.

– O que foi? Parece desanimada – Emily sentou na beirada da cama após apontar meu comportamento, e continuou – não acho que isso seja sobre a festa, você parecia animada. Quer me dizer o que aconteceu?

– Nem eu sei – eu disse me dando por vencida – pode ser o local ermo, o sol, a lua, a conjuntura das estrelas, vai saber – dei de ombros – eu sou assim mesmo, mil Vivians em uma.

– Eu gosto de cada uma delas – Emily provocou – mas estou com vontade de surrar essa até ela desaparecer – ela explicou – eu gosto de te ver sorrindo e não assim.

– Você tem razão – respirei fundo, assumi uma pose heroica, e deixei de lado essa sensação que eu não sabia sequer dar nome – agora me fala de vocês.

– Vocês?

– Sim, Nicholas e tu.

– Hum, não há nada para falar, ou melhor, quase nada – ela disse.

– Acho que você pode melhorar significativamente isso aí, por exemplo, o que vocês dois fizeram enquanto eu não estava por perto?

Emily contou várias coisas, dentre elas, coisas bobas e rotineiras, e eu fiquei feliz por distraí-la de mim. Detesto ser assunto, detesto estar em foco.

Ainda estávamos terminando de nos arrumar quando os primeiros convidados começaram a chegar. A voz da cantora enchia todo o local, inundava o ambiente, os ouvidos e a alma de tal maneira, que eu me via soprando alguns versos de Edith Piaf junto a ela. Eu ainda estava terminando de arrumar o cabelo de Emily, não tinha dificuldade o penteado, era apenas uma trança solta e fluida no cabelo longo dela, e maquiagem clássica. Depois disso, foi minha vez, fui para frente do espelho e fiz minha maquiagem leve, tons perolados e cremes que combinavam com meu vestido, meu cabelo em ondas de babyliss para um lado, um brinco que preenchia toda a orelha. Era a única joia que eu usava. Emily me olhava de um modo estranho.

– O que foi? – perguntei.

– Não sei, estou, sei lá, insegura, não pareço comigo mesma nessas roupas.

Eu não sei explicar – disse por fim.

– Do mundo inteiro eu nunca poderia imaginar que logo você tem problema com aparências – disse depois de dar uma boa olhada nela, Deus, ela estava incrivelmente linda, não havia razão para isso.

– Eu devo estar parecendo uma tola, você tem razão.

– Quero que você olhe para si mesma nesse reflexo – a trouxe para frente do espelho e ajustei a postura dela – você sinceramente acha que não está linda? Olha pra você, parece uma princesa nesse vestido, que oculta e revela na medida certa, parece-se com a inocência num provocante vestido vermelho – e tentei fazê-la sorrir – e com esse olhão azul! Ainda por cima!

– E se Nicholas me julgar ridícula ou vulgar?

– Por que você sua tonta acha que ele faria uma coisa dessas? De onde surgiu isso?

– Olhe só ali embaixo – ela apontou pela janela após me arrastar para ver seus medos potenciais – todas essas mulheres tão elegantes, todas finas, mulheres! Enquanto eu tenho 20 anos com cara de 17, e não sou nada ainda, apenas uma estudante desempregada.

– Hei, hei, vamos parando – interrompi – você está vendo o copo meio vazio, deixa eu te explicar como eu vejo que é o copo meio cheio. Primeiro. Você é uma ótima amiga, a pessoa mais amável e doce que eu já conheci. O que faz de você uma pessoa linda por dentro também. Segundo, nenhuma daquelas mulheres lá embaixo está no seu longo vermelho, perceba que a grande maioria desfila em seus tubinhos Chanel preto, clássicas, mas sem inovação, enquanto você, Uh-la-la!

– Sim, mas Nicholas...

– Se Nicholas não achar você deslumbrante essa noite, ele é um completo idiota.

Ajustamo-nos uma em frente a outra, antes de sairmos pela porta e encaminharmo-nos para a escada. Onde eu tive que me controlar para não ficar mais nervosa, pois, assim como Jack esperava Rose apoiado ao pé da escada no filme Titanic, assim James esperava por mim.

Dança perigosa

Caminhamos para o local da festa, James parecia alegre cumprimentando os outros convidados. E eu me sentia bem todo o tempo, quando ele me apresentava as pessoas. Quando ele me olhava com uma admiração velada, ou quando ele simplesmente sorria alegrando minha noite.

Foi num desses momentos, onde ele sorria e me olhava, que eu tive que perguntar: – O que foi?

– Eu nem sei o que dizer – James coçava a ponta da sobrancelha num misto de descrença com ansiedade – você está fantástica demais para colocar em palavras.

– Não precisa dizer nada, continue olhando com essa cara abobalhada para mim – eu falei enquanto me apoiava ao braço dele – isso me deixa lisonjeada.

– Eu não concordo, mas também não me oponho.

– E o que faremos? Ficaremos aqui dispensando elogios um ao outro, ou vamos aproveitar os comes e bebes, ou a música – olhei para ele mais firmemente – a noite.

Eu percebi que ele não entendeu, então não estiquei o assunto. Continuei andando com ele de um lado para outro, cumprimentando dezenas de rostos desconhecidos por mim. Quando eu perguntei o que faríamos, eu nunca imaginei que a resposta dele seria um sonoro e frustrante “tenho trabalho a fazer”, eu achei que... Bem, na verdade eu nem sei o que eu achei.

James me deixou no meio do pessoal desconhecido, afinal, os convidados me eram indiferentes. Como assim? Isso é educação? Não. De qualquer modo, caminhei até a ilha de bebidas e pedi ao garçom que me servisse de espumante. Minha noite não iria acabar comigo bebendo solitária. Meus olhos correram pela multidão procurando meu acompanhante em algum lugar, justamente nesse momento o vi. A cena passou despercebida por todos os que estavam na festa, mas não por mim. James estava com uma mui bela moça agarrada ao braço onde antes eu estava. E num milésimo de segundo talvez, apesar de ter parecido que tudo aconteceu em câmera lenta. Ela inclinou-se para trás, fazendo o cabelo longo e negro esparramar-se como um véu de noite por sobre as costas nuas pelo decote do vestido, ela olhou para James, havia algo de íntimo naquele olhar dela para ele, e havia uma resposta silenciosa no olhar dele para ela, e também no modo como ele deslizou a mão por sobre suas costas, calmo e tranquilo.

A cena fez uma pontada de dor aparecer em mim, eu sempre achei que no dia que meu coração fosse magoado doeria no meio do meu peito, mas não, doeu na altura do meu estomago, me senti fria e chocada ao mesmo tempo.

Eu sabia que eu não devia gostar de ninguém, eu sabia que eu não devia querer me arrumar para chamar a atenção dele. Ele parecia tão feliz com ela que eu virei meu olhar da direção deles, eu não queria ficar mais tempo olhando a cena tão feliz. Virei a taça com o espumante no chão e pedi para o garçom uma dose de uísque sem gelo, assim o calor da bebida me faria não sentir a pontada fria de ciúmes dentro de mim. Entornei o copo e caminhei sozinha para o meio da pista de dança. Eu tinha uma resolução dentro de mim de esquecer essa paixonite. Eu queria dançar até meus pés sangrarem, eu queria dançar até dar um vexame, eu queria dançar até a imagem de James junto aquela mulher sair de mim.

Outros casais estavam dançando, muitos deles romanticamente, e eu sabia que eu iria parecer uma doida dançando sozinha ali no meio deles, mas não me importei. Andei até o meio da pista, fiquei ali parada por apenas um minuto, sentindo a música correr por mim, as notas depositavam pequenos arrepios por sobre minha pele como se fossem beijos. A voz macia da cantora me fazia relaxar.

Fechei os olhos e comecei a me mover ao ritmo da música. A pegada sensual da música me guiava, minhas mãos deslizavam por meus quadris a cada movimento deles, como uma pantera meu movimento era cuidadosamente calculado. Minhas mãos subiram dos meus quadris para minha cintura, devagar, e logo perdiam-se nos meus cabelos, eu continuava com meu gingado lento e ritmado ao som da música, mesmo sabendo que eu provavelmente estava assustando e escandalizando os casais. Os versos cantados à meia voz falavam comigo.

Eu deixei minha garota em casa, eu não a amo mais E ela nunca saberá disso” ...

Meu corpo se movia devagar, eu lutava contra lágrimas que queriam brotar, mas eu prometi nunca mais chorar, nunca mais.

Traga seu amor querida, Eu posso trazer minha vergonha Traga as drogas querida, Eu posso trazer minha dor Eu tenho meu coração bem aqui, Eu tenho minhas cicatrizes bem aqui Traga os copos querida, Eu posso trazer a bebida Traga seu corpo querida, Eu posso te trazer fama...

Eu dançava de olhos fechados, eu não queria ver os outros olhando para mim e pensando “Quem é essa doida? Quem ela pensa que é dançando igual a uma vadia?”. Eu não queria olhar para a multidão e correr o risco de ver James agarrado àquela mulher outra vez. Eu não queria que ele se afastasse, e eu também tinha medo de me aproximar. Ele era um homem adulto, ele poderia ser tão mau para mim quanto aquele outro fora.

Essa é a minha maldita palavra também, apenas me deixe amar você porra...

Mãos apoiaram minha cintura, eu quase as repeli de imediato, eu quase gritei, eu quase corri, se não fosse a voz que as acompanhou, me ser tão querida.

– Posso acompanha-la nessa, Vivian?

-Você já está acompanhando, não é? Já estava acompanhando há muito tempo – abri meus olhos e encarei o seu rosto glorioso a me encarar – eu podia sentir seu olhar em mim.

– Não só o meu – James sorriu – mas a de toda espécime masculina aqui presente.

Agora foi minha vez de sorrir, eu fechei os olhos para sentir a música outra vez e pedi – apenas dance comigo e me faça esquecer todos os medos que vivem dentro de mim.

James segurou-me mais forte e apertou-me contra si. Movendo-se também ao ritmo da música, lento e cadenciado. Delicado e forte, provocante e recatado.

Os versos continuaram falando comigo, como se soubessem tudo que se passava dentro de mim, como se eles fossem o retrato da confusão em que eu me encontrava.

Me escute, eu te darei tudo o que eu tenho Me dê tudo isso, eu tenho confiança em mim mesmo Me escute, eu te darei tudo de mim Me dê tudo isso, eu preciso disso tudo pra mim...

Ergui meus braços e rodeei seu pescoço, forçando assim uma aproximação. Meu rosto estava a centímetros do dele. Ele respirava pesado, e eu também respirava pesado como se estivesse levando em cada fôlego um pedaço dele para dentro de mim.

Então me diga que você me ama Apenas essa noite Apenas me diga que você me ama Eu vou te dar tudo de mim, Eu vou te dar tudo de mim Mesmo que você não me ame

“Ah, James, será que eu vou ter que desenhar para que você entenda que eu quero que você me beije?”. A música ressoava em minha mente.

Deixe-me ver você dançar Eu amo assistir você dançar...

– James... – eu sussurrei contra os lábios dele que estavam a centímetros do meu – eu...

– Sim, Vivian? – ele esperou que eu falasse mais.

Eu queria apenas ter certeza que ele entendia tudo que se passava em mim sem que eu precisasse falar nada. E como eu estava com vontade de beijá-lo ali mesmo, como eu tinha vontade de morder os lábios dele que pareciam tão macios, mas eu tinha que me controlar. Talvez fosse a música, talvez fosse seu perfume, não sei. A atmosfera estava perfeita demais para eu tentar algo e ser rejeitada, eu queria que ele desse o primeiro passo.

Te levo para outro nível Pego você dançando com o diabo Tome um gole disso Mas eu estou te avisando Eu estou nessa merda Você não pode farejar, querida Então coloque o seu perfume...

Os dedos dele faziam pequenos círculos na minha cintura, apertavam-me de um modo quase imperceptível. Eu queria apenas que ele não fosse tão medroso quanto eu. Eu não queria ter medo, mas eu tinha. Ele poderia ser igual a todos os outros homens da minha vida que me mataram aos poucos. Eu machucava-os por que tinha um enorme medo de me machucar, eu os machucava antes que eles me machucassem. Eu não queria machucar James, e eu não queria que ele me machucasse. Eu estava por dentro morrendo de medo, mas Deus sabe, eu iria

beijá-lo agora.

Eu vi quando James me repeliu, eu estava me aproximando dele, com os olhos e os lábios entreabertos. Ele me afastou forte que eu precisei me equilibrar. Ele sequer olhava para mim. Olhava para o casal quase ao nosso lado, olhava com olhos de fúria. Nicholas e Emily, que se declaravam um para o outro.

James foi em direção a eles, e eu pensei que eles dois iriam brigar ali mesmo, mas felizmente ambos se controlaram. Emily caminhou até mim, ela estava mais branca do que de costume.

– Me desculpa, quando nós estávamos dançando, sem querer nos aproximamos de vocês, ele ouviu uma parte da conversa, eu tentei distraí-lo, mas não consegui.

– Tudo bem – disseme – eu deveria ter resolvido isso mais cedo, bem mais cedo. Eu só espero que não seja tarde demais.

Eu a abracei rapidamente, alguma pessoas notaram o acontecido e começavam a cochichar entre si.

– Você fica aqui, vendo se tudo corre bem, circule por entre as mesas, não deixe que os convidados notem que há algo errado acontecendo dentro da casa – mandou.

– E você? – perguntei, e percebi como ambas tínhamos medo.

– Eu vou encontrá-los – Emily me lançou enquanto ia em direção a casa.

Eu estava outra vez sozinha no meio do palco, apesar dos olhos em mim quase que esperando uma explicação.

– Está tudo bem, gente – eu apressei-me a mudar a direção que aquilo tomava – apenas continuem aproveitando, aconselho que todos estejam em suas mesas logo, serviremos o jantar, tudo ficará bem.

Pelo menos é o que eu espero.

Más palavras

Eu achava que os escândalos nas festas eram uma coisa que só envolvia os Driscoll, mas eu estava enganada. Os burburinhos não puderam ser contidos, apesar da música alta e dos meus esforços, algumas pessoas começaram a perceber que alguma confusão acontecia dentro da casa. Paredes de vidro são um inconveniente nesse momento. Eu pedi que servissem o jantar logo, assim as pessoas poderiam ir embora. Eu acho até que algumas já estavam chocadas pela situação, já que algumas estavam levantando e indo para seus carros, que pena.

Pensei nas vezes que eu me comportava deliberadamente mal nas recepções da família, será que minha mãe se sentia como eu nesse momento? Envergonhada e de mãos atadas?

Não demorou muito, James se anda a passos duros da casa, e caminha furioso na minha direção. Dá para perceber que ele está com muita raiva. Seu rosto está vermelho, até seu olhar mostra uma raiva incompreensível. Ele me pega pelo braço e me afasta de perto das pessoas da mesa onde eu estava.

– O que é isso? Me solta, eu não te dei autorização para me tomar assim.

James largou meu braço e suspirou fundo, ainda assim sua raiva não se dissipou.

– Você sabia não é? Sabia dessa palhaçada que acontecia sob meu nariz?

Ajustei minha postura, eu não ia deixar que ele achasse que poderia me tratar assim, e mais ainda, que poderia destilar a raiva que sentia em mim. Eu já tinha suportado coisas demais em toda minha vida.

– Em primeiro lugar James, me respeita. Nunca mais na sua vida me toque sem minha permissão, e principalmente, não queira me envergonhar desse jeito. Por que na próxima vez que fizer isso, eu juro, você vai ser envergonhado o dobro – respirei fundo, ajustei minha postura e continuei – e segundo, isso não é algo para conversar assim, isso é algo familiar, não misture as outras pessoas nisso, todos estão ouvindo, e comentando.

E era verdade, além do que já tinha acontecido, mais o comportamento de James agora, tudo chamava a atenção dos convidados que já estavam eriçados.

– Talvez ela não precisasse mentir, ou omitir, se soubesse que você não iria se comportar assim, igual a um homem das cavernas, pior.

– Esse tipo de traição foi imperdoável, tanto da parte dela quanto da sua Vivian, eu não poderia esperar tal comportamento de nenhuma de vocês duas.

– É mesmo? – respondi sarcasticamente – então me diga qual tipo de comportamento esperava dela? Ou melhor, de mim? Eu não sou nada seu para que você me controle, James. Seja o adulto que quer parecer e analise os fatos, eu te conheço há menos de uma semana, entre uma omissão e um comportamento grosseiro, acho que foi você quem surpreendeu mais, não acha?

– Não tente distorcer os fatos, Vivian, eu não sou criança, diferente de você.

– Ah? Então eu sou criança? – me enraiveci, essa era uma das coisas que eu mais detestava ser chamada – muito bem – aproximei-me dele olhando para seus lábios – não esqueça que não faz uma hora que você estava prestes a beijar essa "criança" no meio de todo mundo.

Ele ficou um tempo parado, eu já me regozijava. Achando, dentro de mim, que eu o tinha calado. Até que a raiva no rosto dele transformou-se em um sorriso, e de um sorriso em deboche.

– Então é isso que está pensando? Acha mesmo que eu perderia meu tempo com uma menina mimada igual a você? – ele aproximou mais ainda seu rosto do meu – eu gosto de mulher, e não de criança.

Afastei-me um pouco dele, um passo para trás não parecia suficiente para

me distanciar dele, eu estava morrendo de raiva. Eu queria ter o que responder. Mas não, eu não tinha. Enquanto eu dançava com ele, eu achava que ele estava correspondendo, estava enganando a mim mesmo. Ele não tinha sentido, entendido, e nem nada parecido. Ele me via como uma menina, o julgamento dele acerca da irmã e Nicholas, afetava o julgamento que ele tinha de mim.

Eu poderia ficar chateada, irritada, e me fechar para ele e para os homens mais uma vez, mas eu não faria isso. Eu simplesmente irei fazê-lo engolir cada uma dessas palavras. Ele vai ficar comigo, e vai implorar por mais. E eu irei tratá-lo como tenho tratado todos os que me magoam, como um estorvo.

– Perfeito. Agora me diga, você veio para cá apenas me ofender, ou o que? Por que enquanto você fala suas ofensas eu estou calada para não te ofender também, mas eu também sei revidar.

– Emily está te chamando – ele disse – ela subiu para o quarto, acho que precisa da sua ajuda para alguma coisa.

– Certo, cuide dos seus convidados, eu me retiro.

E saí de perto dele, com o coração quebrado e remendado com meu orgulho. Eu conseguia sentir que o olhar dele me acompanhava, mas eu não iria

olhar para trás. Caminhei a passos firmes para dentro da casa.

Nicholas estava sentado na poltrona perto da lareira, o nó da gravata frouxo e o cabelo bagunçado por passar a mão nele, lhe dava um ar derrotado. Ele tentou sorrir para mim, mas eu notei o quão triste ele estava. Apenas acenei para ele com a cabeça e subi para o quarto de Emily, ela precisava de mim no momento.

Entrei no quarto, não a vendo, encaminhei-me para o banheiro. Bati a porta.

– Posso entrar? – perguntei preocupada e temerosa.

– Sim, entre – ouvi a voz embargada da minha amiga do outro lado.

– E então como foi? – perguntei enquanto me aproximava dela na banheira.

– Horrível! Eu fui burra, deveria ter me controlado, me refreado, isso nunca teria acontecido, eles ainda seriam os dois amigos de antes.

– Não se culpe, quando gostamos de alguém, não é planejado, acontece de repente. E quando você percebe já está envolvida demais para largar – falei percebendo o quão verdadeiro soava, talvez querendo falar para mim também.

– Onde eles estão? – ela perguntou por eles, mas eu sabia que era sobre Nicholas que ela perguntava.

– Foram lá para fora, o jantar está sendo servido, eu vou pegar alguma coisa para você e para mim daqui a pouco.

– Eu estou sem fome.

– Mas nem que você queira vou te deixar ficar sem comer hoje, você me chamou pra te cuidar, e eu estou aqui, se você não me obedecer, eu te afogo nessa banheira.

Finalmente consegui arrancar um sorriso dela, e outro de mim.

– O que aconteceu de verdade entre você e Trevor?

Eu não imaginei ser pega assim de repente numa pergunta que eu não queria ouvir. A rapidez com que a mudança de assunto ocorreu não me permitiu pensar em uma resposta mais agradável. Ela precisava saber a verdade, e eu lhe diria a verdade.

– Ele é um idiota – resumi.

– Me fala o porquê – pediu.

– Bom, aparentemente ele não gostou do fato de eu não querer que ele tivesse outra namorada, e um dia, ele estava agindo estranho. Quando eu o confrontei com a sua história, ele ficou digamos meio violento – continuei – você estava certa, Emily, eu devia ter te ouvido. Eu só fui orgulhosa demais.

– Você também não estava errada. Ele foi o errado da história, das nossas histórias.

– Eu sei, mas agora, ele fica me mandando mensagens a toda hora, tenho quase certeza que quando eu for ligar o meu celular, terá umas mil ligações dele – ela exagerou, mas eu entendi o que ela queria dizer.

– Oh, Vivian, eu lamento tanto.

– Não se preocupe baby, eu vou conseguir me livrar disso, ele não me põe medo.

Eu queria ser corajosa, mas eu tinha medo. Não apenas por mim, mas pelas pessoas que eu ajudava. Agora nenhum de nós tinha dinheiro. Levantei-me para sair do quarto.

– Eu ficarei bem, prometo – sai porta afora.

Controlei um pouco a respiração, não mais pensando em Trevor, mas em não encontrar com James lá embaixo. Desci as escadas.

– Como ela está? – Nicholas já me esperava no fim da escada.

– Ela não está bem, mas ficará.

– Eu não sei o que fazer, eu não quero julgar que foi tudo um erro, eu não quero acreditar que eu estava errado – ele falou baixo. A mão dele apoiada ao corrimão da escada mostrava nós brancos nos dedos, ele tinha medo e raiva. O mesmo lugar onde a noite começou tão bem, agora, terminava numa reviravolta drástica.

– Mas vocês não estavam errados – aproximei e me coloquei na altura do olhar dele – vocês dois se amam, é lindo e é doce de se ver. Só é errado quando alguém sofre, só é errado quando alguém faz mal ao outro.

– Ela está sofrendo – ele falou numa voz seca.

– Mas não é por sua causa, é pelo medo de ter que desistir de você.

– Acha que ela desistiria? – ele perguntou com uma voz capaz de partir até o mais duro dos corações – ela desistiria de mim?

– Não acredito nisso, eu já não consigo imaginar você sem ela. Ou ela longe de você – sorri lhe encorajando. Eu acreditava nos dois, eles eram minha referência de romance, se acabassem o relacionamento, tudo que eu vinha acreditando também acabaria.

– Eu vou buscar algo para comer, para mim e para Emily – eu disse – quer algo?

– Não, obrigada – Nicholas respondeu, e acrescentou – me avise sobre qualquer decisão que ela venha a tomar, por favor.

– Com certeza o farei.

Do lado de fora, pedi ao garçom que montasse dois pratos, um para mim e outro para Emily, e levei para dentro apressada. Assim, eu não teria que trocar uma só palavra com James, que ficou atrás de mim sem resposta, após eu perceber o quanto ele me chamava.

Faces da mesma emoção

“Que Deus me segure, por que a qualquer momento eu jogo esse café na cabeça desses dois. Como homens feitos podem ser tão birrentos assim?”.

Meu café-da-manhã estava sendo interrompido pela discussão de Nicholas e James, até aí, nada demais. Se não fosse o fato de eu estar com a cabeça latejando de tanta dor. Depois que eu finalmente consegui conversar com Emily, e fazê-la se acalmar, que nada estava perdido, e depois ter ido informar sobre os progressos para Nicholas, eu ainda tive que evitar James, e para mim essa foi a pior parte.

Quando eu pensava que teria um pouco de paz, eles recomeçam, e aí sim, eles verão a Vivian zangada durante a manhã.

– Vamos parar vocês dois! Ok? – gritei para que os dois ouvissem – vocês ficam manipulando a Emily, como se ela não estivesse bem aqui, ouvindo tudo. Acham que é assim que adultos devem se comportar? Não né? Então basta.

– Vivian... – começou James, mas o interrompi, não queria nem saber de ouvir a voz dele.

– Não quero mais nenhuma palavra, Deus, cresçam os dois, e parem logo com essa guerra de xixi tentando marcar território, ninguém vai sair para lugar nenhum, oras.

Eu sempre tive que parecer mais durona do que realmente sou, então os dois acreditaram na minha braveza, e assentiram. O silencio finalmente reinou, e ainda consegui colocar um sorriso no rosto da minha melhor amiga, bom, eu já fiz minha boa ação da manhã, quase já posso ir para o céu.

– Precisamos conversar, seriamente – Emily falou para James após levantar-se.

– Fala – ele respondeu dando de ombros, e devorando um pedaço de croissant.

– Em particular, e por um longo tempo.

Eu fiquei olhando a cena dos dois, não era o momento, mas os sentimentos conflitantes de dentro de mim voltaram a surgir. Raiva pelo jeito robótico dele, raiva pelo modo como ele falou comigo ontem, ressaltando a cada minuto o adjetivo “criança”, raiva pelo modo quente como as veias do braço dele ficavam desenhadas sob a pele, raiva, e mais ainda, pelo modo como os olhos azuis dele

pareciam dois oceanos claros e convidativos.

– Nicholas... – a voz de Emily chamando por seu amado me trouxe de volta a realidade – Coma meu amor, eu conversarei com James, farei com que tudo fique bem, eu prometo.

Observamos os dois saindo porta afora, foi o tempo de eu conseguir conversar outra vez com ele. Não que eu fosse contar algo que ele não soubesse, eu só não queria me sentir uma intrusa na casa, ainda que a casa não fosse de James, e sim de Nicholas, a rejeição dele fazia sentir-me sempre meio “desconvidada”.

– Como você está? Tudo bem? – falei-lhe com voz calma, ele parecia um naufrago perdido nas próprias sensações. Assim como eu.

– Eu não posso dizer que estou bem, como você pode ver.

Dei-lhe um sorriso gentil, passando para ele o restante da serenidade que eu ainda possuía – é só fazer como eu – completei quando ele me olhou intrigado – mente.

– O que? – perguntou confuso.

– Ninguém precisa saber que você está assim, para baixo, não deixa isso te abater. Um homem não deve mostrar tristeza, ainda se o seu peito dilacerar.

Estendi a mão sobre a dele por cima da mesa, logo ele cobriu minha mão com a dele.

– Obrigado – Nicholas sorriu-me de leve – eu não podia me imaginar recebendo um melhor conselho, obrigado mesmo.

Eu confiava nele, eu não tinha medo de Nicholas, não tanto quanto tinha medo de James, ou do que sentia quando ele estava perto de mim. A presença de Nicholas me transmitia calma, como se fosse a de um irmão mais velho (um irmão gato, mas ainda assim irmão), era quase como se eu me sentisse protegida ali. Com ele, com todos eles, na verdade.

– Eu vou ligar o aquecedor – Nicholas falou-me enquanto se levantava e com carinho se desvencilhava do meu toque – pode fazer um favor para mim?

– Dois, três, quantos quiser.

– Pega o meu celular e liga para o restaurante La Isla e pede porções para almoço e jantar? Para nós quatro.

– Sim, senhor – levantei com um aceno típico que o fez sorrir um pouco – onde está seu celular?

– No escritório, sobe as escadas até o mezanino do segundo pavimento.

– Sei onde é – eu respondi já indo pelo caminho o qual me indicara – já volto.

Seria mais fácil achar se ele me dissesse onde ele tinha deixado, mas tudo bem. Comecei a procurar o aparelho pelo lugar mais lógico, sobre a mesa de trabalho. Remexi alguns papeis e achei um Black Berry torch, só poderia ser esse. A tela não estava bloqueada, então eu só comecei a procurar nos contatos o número do tal restaurante, pouco antes de chegar ao número do La Isla, o nome de James saltou aos meus olhos. Eu não deveria, mas peguei um bloco e uma caneta da mesa de Nicholas e anotei o número para mim. Só depois é que finalmente liguei para o tal restaurante.

Desci assim que ouvi a voz de Emily e James.

– Pedi Nicholas, prometeram que em uma hora o almoço chega.

Emily aproximou-se de Nicholas e o abraçou calma e tranquila. Pelo visto, eu ainda podia acreditar no amor, parece que os dois tinham se resolvido. James torceu um pouco o rosto numa expressão de desgosto, mas conteve-se, em vez de discutir com os dois, virou para mim.

– O que pediu, pirralha? – o idiota perguntou.

– Para você, quiabo com veneno – sorri delicada – eu espero que aprecie.

– Depois de você se servir, eu apreciarei – ele sorriu provocador – mas infelizmente não almoçarei aqui, eu vou voltar para Yellowstone Hill hoje, na verdade era para eu ter ido desde bem, mais cedo, se não fossem os contratempos.

– Não! – eu e Emily praticamente berramos, fazendo com os rapazes

virassem para nós curiosos, e James colocasse um sorriso presunçoso no rosto.

– E por que não? – ele perguntou.

– Por quê? É, hum, Emily diz para ele – eu disse quando nada me veio à cabeça.

– Bom, é que eu não quero que você vá assim, enquanto o clima mostra que ficará instável, eu não quero que aconteça nada, estou com um mau pressentimento.

– Eu não acredito em superstições bobas.

– Então não aceite como um pedido, mas uma ordem – eu intervi – pelo menos assim vocês tem tempo de aparar arestas entre vocês – gesticulei para Nicholas e ele.

Eu só não queria que ele fosse agora, eu primeiro o faria engolir palavra por palavra do que ele tinha dito. Eu tinha que humilhá-lo igual ele tinha feito, eu

tinha que mostrar para ele que eu não era uma criança como ele imaginava, e eu o faria com maestria.

Quando a noite chegou, tínhamos jantado e assistíamos a um filme, e que eu estava odiando por sinal, decidi começar a agir. A chuva caia pesadamente lá fora, se não fosse o aquecedor eu estaria congelando. Enquanto Nicholas e Emily pareciam um casal apaixonado no outro sofá, eu parecia uma estranha no meu, com James numa ponta e eu em outra.

– Ah, que se exploda – eu falei enquanto me movi sobre o sofá até ficar próxima do colo de James. Então virei-me para repousar a cabeça em seu colo, erguendo meu cabelo com as mãos e depositando sobre as pernas dele. Então olhei para o rosto dele e vi uma linda confusão, sorri-lhe de volta do modo mais inocente que eu poderia e comentei: – Obrigada, eu estava com frio.

O comentário o fez olhar para a roupa que eu usava: um short fino e uma camisa de dormir. O olhar dele ficou tempo demais nas minhas pernas, mas quem disse que eu me importei?

– Espero que não se importe – comentei baixinho – meu rosto está aqui encima.

Ele não me tirou do seu colo e nem reclamou do meu comentário, em vez disso ficou sério, olhando para a tevê, sem olhar de volta para meu rosto nem mais uma vez.

O tempo passou, o filme terminou, e eu não percebi que eu tinha cochilado até Emily me chamar para ir dormir. Subimos as escadas e eu me joguei na cama. Eu mantinha os olhos fechados, tentando buscar o sono outra vez, mas ele fugia de mim. Emily me cutucou: – Hummmmm – resmunguei.

– Assim que James for para o quarto dele, eu vou para o quarto de Nicholas.

O que? Levantei para ver se era verdade, pegadinha ou sono.

– Você tá doida? E se te pegarem?

– Não irão.

– Como você sabe? Por que não?

– Por que você vai me cobrir.

Ela me deu um beijo na testa e saiu pela porta que eu fechei atrás de mim. Mil e uma ideias surgindo na minha mente. Agora sim, eu começaria a jogar. Fui ao banheiro da suíte, e tomei um banho cuidadoso, uma dose razoável de hidratante depois eu vesti uma calcinha e sutiã combinando e joguei um robe leve e longo, até o chão por cima, era tudo da cor branca. Passei uma maquiagem levíssima e pouco perfume. Emily não seria pega no quarto de Nicholas essa noite. Não no que dependesse de mim.

Primeira Tentativa

Eu primeiro tinha que ter certeza de como agiria, cada passo deveria ser milimetricamente calculado. Afinal, James parecia se fechar a qualquer investida minha. Saí pela porta e fui a passos lentos caminhei pelo corredor, minha mão esquerda apoiada à parede revestida com papel de parede marrom claro. Os dedos livres da minha outra mão apressaram-se para se ocupar com o meu penhoar, segurando os dois lados do tecido e prendendo-os a minha frente, no corpo, para ocultar a minha nudez parcial.

Antes de descer as escadas procurei me esforçar um pouco para tentar ouvir qualquer movimento no andar de baixo – nada. Não havia um som sequer para que eu pudesse imaginar se ele estava acordado ou não. Desci as escadas meio frustrada.

– Eu não consigo imaginar uma roupa mais inapropriada para circular pela casa.

Virei meu rosto no momento certo para capturar o olhar de irritação evidente no olhar de James. Ele andou a passos tão calmos que eu não ouvi sua aproximação. James usava apenas uma toalha envolta no corpo, parecia que ele tinha acabado de sair do banho, tanto que dava até para ver que a pele dele ainda estava avermelhada da água aquecida. Ele moveu a mão para apertar um pouco mais o nó que segurava a toalha em si, e meu olhar acompanhou o movimento. Até eu perceber que tinha que começar a agir.

– Na verdade, eu consigo sim – comentei sem mostrar qualquer nota de interesse na voz – as suas, mas isso nem mesmo é da minha conta.

– Por mim tudo bem, eu só vim mesmo buscar uma bebida quente.

– Uísque? Não sabia que tinha problemas com alcoolismo – provoquei.

– E não tenho, falo de algo quente como um chá.

– Hummm... – resmunguei – então deixa que eu preparo, e sirvo, para você e para mim.

– Não precisa se dar ao trabalho...

– Eu insisto – interrompi quando percebi que ele iria começar a dissertar sobre o porquê eu não precisava fazer isso para ele, que não era meu trabalho, e continuei – fique sentado e assista.

Visivelmente contrariado ele sentou-se numa cadeira da bancada da cozinha e ficou observando-me colocar duas canecas no aparelho de micro-ondas.

– Você está doida? Isso vai dar errado, eu sempre faço no fogão.

– Felizmente, não é você que está fazendo, então caladinho – adverti – além disso, eu sempre achei que no dia que eu surgisse assim na frente de um homem, eu seria recebida diferente – gesticulei para minha roupa e abri de leve o penhoar num movimento leve com os quadris, qualquer pessoa acharia aquilo tão natural quanto respirar, ainda que eu soubesse o esforço que eu fazia para não me sentir nervosa.

– E como esperava ser recebida?

– Não sei. Talvez uma frase de efeito, por exemplo – pigarreei para engrossar um pouco a voz – eu nunca imaginei que veria uma deusa na minha cozinha no meio da noite.

James sorriu, e apoiando os braços um pouco mais para frente da mesa disseme – eu nunca diria uma coisa brega dessas.

Fingi não ligar para o comentário e retirei as duas canecas com auxílio de um guardanapo. James levantou-se e me ajudou para que eu não me machucasse com a água quente, ele mesmo abriu as gavetas para procurar os pacotes de chás que abriu e terminou de preparar os chás para ambos. Serviu-me e depois se serviu.

O silencio reinou por dois minutos enquanto eu bebia o liquido quente. Não era isso que eu queria, nem era esse o plano que eu tinha em mente. Quando desci as escadas eu imaginei que eu iria direto para o quarto dele e o faria meu, ali, mas ele reduziu meus planos a um chá amargo de camomila. Eu tinha que fazer alguma coisa para mudar isso.

– O que você vai fazer quando terminar o chá?

– O que acha? – apontou para o que trajava, fazendo-me outra vez olhar para o corpo dele, que eu lutava para não ficar encarando – eu vou dormir, por quê?

O jeito seria tentar tocar o lado paternal dele, e depois tentar tirar proveito disso.

– Eu não estou me sentindo muito bem, desci justamente por isso, sinto

uma palpitação – abri mais um pouco o robe para pôr a mão no meu seio, agora sim ele tinha uma visão sem empecilhos de toda minha roupa de baixo – sente aqui... – e antes que ele se movesse para longe de mim, eu peguei a mão dele e coloquei no meio dos meus seios, claro que tentando não assustá-lo – viu só? O que pode ser?

– Não sei Vivian, sou advogado e não médico – ele disse retirando a mão.

– E por acaso eu te chamei de doutor? – respondi atrevida.

– Não, e mesmo que chamasse eu não... – James foi ficando falando mais baixo e por fim não falando mais nada a cada passo que eu dava para me aproximar dele – o que você está fazendo?

– Eu? Nada – eu já estava perto dele e apoiei o braço na bancada da mesa da cozinha observando o jeito dele.

– E por que está se aproximando? Assim?

– Assim? Assim como? – fiquei mais perto.

– Oras, Vivian – James levantou-se da cadeira que estava e saiu de perto de mim, andou alguns passos para o centro da sala, olhou novamente para mim, finalmente a armadura do seu auto controle sendo danificada por uma faísca de atração, o olhar dele traiu os seus lábios quando ele outra vez olhou para meu corpo nu entre as sedas.

– Por que está nervoso? – perguntei com voz doce, outra vez indo para perto dele – sabe que eu não posso tocar em você.

– Vamos, pare com isso – ele reclamou – já está sendo infantil.

– Infantil? – retruquei – isso é ser infantil? – joguei o penhoar do meu corpo para trás de mim, agora só a roupa intima cobria meu corpo nu.

James engoliu em seco e não falou nada enquanto mais uma vez eu aproximava-me dele, sua respiração e a minha, ambas pesadas pela luta travada dos olhares raivosos. Toquei na toalha dele e fiz menção de desatar o nó.

– Não acho que esteja nervoso pelo fato de eu tocar você, James – falei baixo – acho que está nervoso por que está percebendo que quer me tocar também.

Minha mão ia escorregar para dentro do tecido felpudo da toalha branca que o envolvia, e o olhar dele parecia finalmente entregue.

– Vivian, você não sabe que eu... – ele sussurrou com o rosto a centímetros do meu.

– Diga James – pedi.

– Você não sabe que eu jamais cairia num truque velho desses? – James segurou minha mão para me impedir de avançar mais e a retirou de onde estava – Isso foi uma tentativa bem fraca.

Primeiro um choque momentâneo, do qual me recompus rapidamente para não dar-lhe o gostinho de me ver sem reação. Segundo, uma raiva por ele ter descoberto o que eu queria e ficar me dando corda para ver até onde eu iria.

– Você é um idiota, um estupidamente gigante idiota! – esbravejei.

– E por quê? Por eu não querer sexo com você? – debochou – ou por não ter me deixado levar pelo momento e não ter ficado nu com você aqui na cozinha mesmo? Ou então ali, na mesa de jantar?

Eu estava com raiva, e a cada comentário eu ia ficando com mais raiva ainda.

– Eu não me prestaria a um papel ridículo desses, Vivian.

Minha raiva começou a evaporar, ela parecia tão forte que eu estava a ponto de engatar as unhas no belo rosto do homem a minha frente, e mudou a ponto de me fazer começar a rir. Dizem que isso é sinal de desespero, mas para mim não passou de uma epifania quando meu cérebro me explicou o motivo da minha rejeição. Gargalhei mesmo, com vontade, tanto que meus olhos encheram de lágrimas, me senti então ridícula, realmente ridícula, mas não por minha tentativa de sedução ridícula, e sim por que finalmente tudo começava a fazer sentido.

– Ou! Do que tá rindo garota? Está louca?

– Louca? – ri enquanto falava – nem um pouco – respirei fundo e peguei meu robe do chão me envolvendo nele outra vez, ajeitando com as mãos o meu cabelo ao redor de mim outra vez.

– E então? – James cruzou os braços na frente do corpo em espera da resposta.

– Nada, só me desculpa tá? – respirei forte para conter um novo acesso de risos – eu não tentarei fazer isso outra vez.

James parecia confuso, eu quase conseguia ouvir as engrenagens no cérebro dele em funcionamento. Ele não mudou a posição e aguardava uma explicação.

– Calma, pode desfazer essa ruga de irritação da testa – falei sorrindo-lhe como amiga – seu segredo está a salvo comigo. E James, eu não sabia mesmo, viu?

– Não sabia o que? – ele queria de qualquer modo entender.

– Que você era gay – falei lutando para não sorrir de novo – se eu soubesse, teria evitado tudo isso – sorri agora, incapaz de conter-me – realmente foi tudo muito ridículo.

– Mais essa agora, Vivian...

– Me desculpe mesmo, James.

– Não precisa se desculpar mesmo, garota.

Mas eu não estava mais ouvindo, eu já estava subindo as escadas correndo apressada para esconder-me no quarto, com vergonha da minha tentativa frustrada, e de um novo ataque de riso que ameaçava surgir.

Somos Adultos

Há momentos na vida em que sentimos raiva de nós mesmos, sentimos uma vontade de mudar alguma coisa, ter agido diferente, ter falado algo diferente. Infelizmente ainda não inventaram a máquina do tempo, e enquanto isso não acontece, eu continuo aprendendo com os meus erros. Como o erro gigantesco que foi eu tentar conseguir algo ontem do James.

O que eu estava pensando? Sinceramente, eu mereço um Oscar de pior tentativa de sedução a uma pessoa. A maçaneta da porta girou e eu sabia que era Emily após ouvir os passos dela afoitos no corredor.

– Acha isso bonito? – cruzei os braços assim que ela entrou pela porta, e fingime de brava.

– Desculpe, eu dormi.

– Você não apenas dormiu, mas tudo bem – relaxei a postura – só não foi bonito ter me deixado ficar aqui até uma hora da tarde, com fome por que eu não poderia descer sem correr o risco de ser questionada sobre você e seu par.

– Você é simplesmente a melhor amiga do mundo!

– Hei! Calma babe, não precisa esfregar sua felicidade pós-sexo na minha cara.

– Ele é incrível – Emily suspirou lançando-se na cama com os braços estendidos, na posição de quem faz anjos na neve.

– Não saia espalhando sobre o material dele, senão atrai pessoas invejosas, bate na madeira.

– Você tem razão, eu sei dessas coisas, mas para você eu posso. Eu me sinto tão plena.

Deu-me um sorriso feliz, e eu não tive alternativa a não ser sorrir com ela.

– Vou descer agora, estou morrendo de fome – falei já me encaminhando para a porta.

– Tudo bem, tomarei banho e depois desço.

O cheiro que vinha das panelas aguçava os sentidos, eu já podia prever que James estava cozinhando. E eu não sabia como ele iria me recepcionar depois de ontem. A vergonha passou quando vi uma mesa sendo ricamente coberta com acompanhamentos, e o principal, coq au vin.

– Bom dia, James – cumprimentei – o que meu cozinheiro favorito está preparando hoje? – claro que eu sabia o que era, mas eu queria puxar assunto, assim não ficaria tudo tão estranho.

– Vem aqui ver – ele me respondeu sorrindo, o que me surpreendeu – e, por favor, experimente isso.

Aproximei-me, James pegou minha mão e depois de soprar para esfriar a comida, despejou um pouco do caldo. Levei a mão aos lábios e provei. Além do aroma indescritível, o sabor era divino, conseguia sentir todas as notas da pimenta, dos torresmos, o sabor estava no ponto certo, o vinho aparecia tranquilamente sobre os outros temperos.

– Está delicioso! Coq au vin, é um dos meus pratos favoritos.

– Este é um Coq au vin d’Alsace, a diferença deste para o prato normal é que eu tive que ir a cidade muito cedo encontrar um vinho especifico para usar.

– Sério?

– Sim, eu precisava de vinhos a base de uva Riesling.

– Não estou falando disso.

– Desculpe, do que falava então? – James expressou uma pequena confusão enquanto virava para mim, a fim de esperar pela explicação.

– Você não dormiu também?

– Na verdade... – James virou-se para olhar para a panela novamente, apesar de eu saber que isso era apenas para evitar meu contato visual – não, não consegui dormir muito, após ontem.

Eu queria tanto saber que tipo de coisas ele tentava esconder de mim, que quantidade absurda de coisas eu poderia perceber se ele olhasse para mim, mas o olhar dele me evitava.

– James, olha para mim.

– Espere – ele mexeu nos botões do fogão e limpou as mãos numa toalha, então afastou-se do fogão, apoiou-se na bancada da mesa e olhou para mim, finalmente.

– Sobre ontem, não precisa ficar assim todo arredio, eu fui irresponsável ontem, e apenas isso, felizmente você teve um pouco de noção por nós dois, evitou algo que poderia ter acontecido.

– Não aconteceria – James me interrompeu,

– Como tem tanta certeza?

– Por que eu não queria.

Um pequeno desapontamento mesclado a choque pungiu meu peito, mas eu ignorei.

– Eu já sei que você não queria, e eu agradeço por isso, afinal eu também poderia me arrepender depois, e eu não quero me arrepender.

– Então sejamos adultos, não falemos mais nisso.

– Agora eu sou adulta... – murmurei enquanto virava-me para ajudar a dispor os pratos e talheres na mesa. Por um momento ou outro, a tensão no ar tornava-se insuportável, e eu sabia que James estava me observando, mas eu não o procurava com o olhar. Continuava fazendo o que quer que eu estivesse a fazer, esse cara já me esnobou demais, e é hora de parar de ser trouxa. Apesar de eu não conseguir deixar de sentir o magnetismo que ele me arrastava, eu não sabia como, era como se eu me movesse com a ajuda do movimento dele. Por que eu fui conhecê-lo mesmo?

– Quer almoçar comigo? – ouvi a voz dele atrás de mim.

– Como é?

– Como é o que? Como se almoça?

– Não seja idiota.

– Ok, eu estou convidando você, a almoçar comigo, pelo menos até a Emily acordar, podemos ficar conversando, sem brigas.

– Tanto faz.

– Vou encarar isso como um sim – comentou.

– Encare como você quiser.

Após despejar o conteúdo da panela num refratário, e colocá-lo no centro da mesa, James puxou uma cadeira para mim e me fez sentar, também colocou um guardanapo no meu colo e sorriu olhando para mim ao dizer – viu só, estamos conseguindo – e eu tive que me segurar para não ficar hipnotizada por seus olhos azuis outra vez.

Conversávamos as famosas trivialidades cotidianas, e vimos Emily descer as escadas, depois de tomar uma xicara de café, ela deu-me um beliscão, um abraço e um beijo em James.

– Bom dia todo mundo, qual é o assunto?

– Nada em especial – comentei.

– Obrigado por chamar minha companhia de nada em especial – James provocou.

Sorri para ele um riso forçado, e ele percebeu, tanto que o riso que iluminava seu rosto e a resposta esperta na ponta da sua língua, morreram ali.

A chegada de Nicholas surpreendeu James, que logo ficou irritadiço.

– Bom dia, minha pequena – Nicholas cumprimentou Emily.

– Boa tarde, na verdade – ela respondeu sorridente.

– Vivian, boa tarde.

– Boa! Nicholas, tudo em cima?

– Tudo sim – Nicholas respondeu sorrindo.

Almoçamos em paz, ainda chovia bastante, o clima não amenizara desde ontem e a chuva continuava a lavar toda a paisagem. Sem sono, sem disposição, sem disposição, sem aula. E por mim, poderia continuar assim por um bom tempo, assim eu poderia pelo menos desfrutar da presença de James, já que a sua ausência me doeria tanto, e eu nem ao menos sei por quê.

– Eu vou me retirar, preciso resolver algumas coisas que deixei pendentes – levantei-me rápido o que chamou a atenção de todos – Nicholas me olhou aquiescendo, Emily me perguntou “que coisas?”, e James ficou esperando que eu falasse que coisas eram essas, só com um olhar – algumas coisas pessoais, logo eu volto.

Passei toda a tarde até o começo da noite resolvendo as questões da ONG, tinha que ver se tudo estava bem e aproveitei para conversar com as meninas que estavam passando por uma prova de fogo, depois que meu dinheiro foi roubado. Quando voltei para a sala, estavam sentados sobre o tapete da sala de estar conversando, aproveitei e me juntei a eles, com uma energia renovada, afinal, eu tinha falado com minhas meninas, e apesar dos pesares, tudo estava caminhando bem.

Bela Adormecida

– O que está fazendo? Vai acabar se machucando! – Emily correu esbaforida para dentro do quarto enquanto eu me segurava com uma mão no batente da janela, e meu corpo ficava parcialmente do lado de fora do quarto.

– Nada Importante – voltei com meu corpo para o quarto e parei de ficar me pendurando janela afora.

– O que era? – Emily se aproximou por trás de mim e me empurrando para o lado sorriu ao dizer – eu quero ver também.

– Eu juro que não era nada – tentei distraí-la, falhei. Ela iria perceber que eu estava me equilibrando perigosamente daquele jeito por que eu estava espiando James na piscina. Coisa de adolescente, sim, mas eu não consegui me conter.

– Não há nada ali – Emily cochichou – estava espiando os vizinhos?

– Só se eu fosse uma águia – sorri, mas percebi a chance de não falar, ainda, a verdade – eu estava espiando sim, mas eu não consegui enxergar direito, como você viu, está muito longe.

– E o que estava tentando ver? Parecia interessante.

– Nem sei, achei ter visto alguma coisa, mas não era o que eu pensei, melhor esquecermos.

– Não sei, Vivian, mas a cada dia que passa te acho menos normal, imagino aonde você vai parar.

– Relaxa, isso me faz apenas mais interessante.

Consegui distraí-la do foco, obrigada, Deus. Afinal, ela me ver babando por James, seria meio estranho. Mesmo por que ele nem estava de cuequinha e nem nada, o frio não tinha passado ainda na cidade, eu só tinha ouvido a voz dele e fui espiar o que ele estava fazendo. Não sinto que contar a ela mudasse alguma coisa quanto ao que ela sente por mim como amiga. Eu só não quero ficar falando sobre ele todo tempo, certa vez ouvi de um dos psicólogos que me acompanharam durante minha vida, que quanto mais se fala de alguém para outras pessoas, mais você se apaixona. Bom, eu não quero cometer mais este

grave erro. Caminhei e sentei-me na cama para continuar meus trabalhos.

– E o que está fazendo aí?

– Que perseguição comigo hoje, não é? – apontei para o notebook ligado sobre a cama – vem aqui – bati na cama para ela sentar ao meu lado – acabei de mandar e-mails para umas amigas, e fiz o trabalho de introdução ao direito constitucional, coloquei seu nome também.

– Obrigada, muita gentileza da sua parte.

– Você já me salvou duas vezes antes lembra? – Emily deu de ombros, e eu sorri-lhe. Não me esquecendo das duas vezes em que ela colocou meu nome em trabalhos da faculdade que eu não havia feito – sim, e eu sou agradecida, quando eu posso ajudar eu ajudo.

– Bom para mim, menos um – ela me deu língua.

– Mas agora me diz – fechei o notebook e sentei direito sobre a cama – o

que foi que você veio fazer aqui mesmo, me espionar?

– Até parece! – sorrimos juntas – eu estou indo à cidade, tenho uma lista de compras enorme para zerar, afinal teremos convidados.

– Olha, garota. Eu não tenho nada contra, até por que a casa nem é minha, mas esse seu irmão deu uma ideia muito estupida, para não dizer burra. Onde já se viu? Isso foi pura provocação.

– Eu sei, mas...

–Mas?

– Se alguém podia se interpor a tal ideia era Nicholas, se ele não o fez, eu quem vou fazer? Se a casa não é sua, tampouco é minha.

– É quase como se fosse gata – puxei-a amigavelmente para mais perto de mim – pode ter certeza que não saio do teu lado. Meus olhos vigiarão cada um dos movimentos da falecida.

– Só você – Emily sorriu gostosamente e levantou-se para ir em direção à saída – se você tem alguma coisa a pedir, peça agora ou cale-se para sempre, eu já estou indo.

– Vá tranquilamente, e aproveite a viagem, se é que me entende.

Coloquei o notebook encima do criado-mudo e esparramei-me na cama, aproveitando a vista que eu tinha da janela e me espreguiçando, se James queria ficar lá fora no frio era problema dele, eu iria ficar aqui quentinha. Mesmo que meu pensamento não parasse de passear pela imagem dele.

Por que ele tinha me chamado tanta atenção assim? Logo de mim que jurei num momento de raiva que nunca mais seria de ninguém, apenas minha, e de quem eu quisesse me dar. Eu cumpria isso tudo tão bem, até ele aparecer.

No dia em que o vi pela primeira vez eu senti uma revolução dentro de mim, uma verdadeira confusão. Um medo irracional e uma esperança crescente, uma sensação diferente surgiu em mim e ficou repousando, quieta e silenciosa, até que crescesse e virasse um sentimento. E agora que esse sentimento cresceu, ele se voltou contra mim mesma, e está em constante guerra comigo, por que esse sentimento me diz o quanto eu tenho que querer James, e ao mesmo tempo, minha razão tenta me dizer o quanto isso não pode acontecer.

Batidas na porta.

Apenas ergui a cabeça, Emily era a única que entrava neste quarto, e tinha saído. Nicholas, o único que teria motivos para chamar, também fora com ela. Não poderia ser.

– Vivian, está aí?

Não me mexi, era de uma infantilidade tamanha, mas eu fingi estar dormindo.

– Vivian? – James tinha girado a maçaneta da porta e ficou algum tempo parado. Eu queria poder saber se ele me olhava. Por que eu podia jurar que sentia o olhar dele em mim.

Algum tempo se passou, e eu continuei com os olhos fechados, respirando calmamente, fingindo que dormia. Tudo que eu conseguia pensar era que eu não tinha ouvido os passos dele ao sair, e também não tinha ouvido a porta trancar. Ele estava comigo, no mesmo quarto, e muito possivelmente estava me olhando. Mais um longo momento passou, e eu finalmente ouvi a maçaneta da porta trancar. Abri os olhos e olhei na direção da mesma. James tinha saído.

“O que ele queria aqui? Comigo?”, eu me perguntava.

Nenhuma resposta suficientemente convincente passou por mim, uma ansiedade me invadiu. Eu não sabia bem o que fazer. Eu provavelmente teria que ficar mais um longo tempo no quarto, para não parecer que eu tinha acordado logo após o momento que ele saíra. Eu não sabia explicar o porquê de não ter respondido, ele provavelmente iria me explicar o ocorrido naquela fatídica noite, ou então ele iria querer dizer que não tinha ficado comigo por que curtia o mesmo que eu.

É como se eu não soubesse qual das mil faces de James eu iria encontrar agora.

James era um comigo durante o café, era outro quando conversava, conseguia ser diferente quando trabalhava, e mais diferente ainda quando dançava. Conseguia me fazer imaginar que as faces dele nunca terminariam. Eu gastei a meia hora, a que eu tinha que fingir que eu estava dormindo, pensando em cada uma das faces dele, em como eu me sentia irremediavelmente atraída por cada uma delas, e eu nem sabia por quê.

Finalmente levantei, fiz questão de molhar o rosto para parecer que ele estava recém-lavado. Agora sim, eu desceria as benditas escadas.

– Olá pessoa – cumprimentei James – boa tarde.

– Boa tarde, Vivian – ele disse e voltou a atenção para o seu celular outra vez.

– café? – perguntei enquanto me servia de uma xícara.

– Não, obrigado.

Servi-me então, e fiquei me perguntando quanto tempo ele permaneceria sem falar o porquê de ter ido até mim antes.

– E então, o que tá fazendo aí? – perguntei enquanto já me aproximava para sentar no sofá ao lado dele e espionar a tela do celular enquanto tomava meu café. James virou a tela do celular para minha direção e mostrou o que estava vendo.

– Jura? Vídeo de gatinho? Quantos anos você tem mesmo?

– Oh, sua insuportável. Eu estou fazendo um favor de te mostrar o que eu estou vendo, apenas sorria ou ignore.

– Não quis ofender uma pessoa seria como você – eu provoquei – eu só achei que você estava em alguma videoconferência, sei lá.

James não falou nada por um tempo depois, continuou vendo o vídeo de gatinho e inclinando a tela do celular para que eu visse também. Coloquei a xicara vazia sobre a mesa de centro e voltei para perto de James, me ajustando para ficar mais perto dele, encostei minha cabeça em seu ombro, minha aproximação fez o silêncio reinar por um tempo, até James quebrá-lo.

– O que você está fazendo? – falou numa voz grave.

– O que estou fazendo? Não entendi – virei-me de frente para ele e fiquei observando seus olhos azuis, confusa – eu fiz alguma coisa?

James não respondeu, não disse nada por um longo tempo, o olhar dele continuou perpetrado no meu, o meu confuso e o dele uma mistura de sensações indecifráveis.

O olhar dele baixou para meus lábios, e eu podia jurar que por um segundo a mais, ele perderia sua resistência e me beijaria, mas ele levantou-se e apenas perguntou– me meio bravo.

– O que está tentando fazer comigo, Vivian? Onde acha que isso vai acabar?

– Sinceramente, eu não sei do que está falando.

– Como não sabe? Você fica dançando daquele jeito que não sai da minha cabeça, anda pela casa apenas de roupas intimas, se insinua e aproxima-se de mim assim, como não sabe?

– E como eu me aproximei de você? – questionei embravecida – vamos baixar a bola que você não está com isso tudo, eu só sentei para assistir uma droga de um vídeo com você, arranquei algum pedaço seu? Constrangi-te? Não, então vamos parar de neura.

– Vivian, eu...

– Não quero ouvir mais nada, James. Para mim aquilo tudo era passado, se você quiser continuar se revirando sobre isso, não sou eu quem vai ficar assistindo tudo. Até mais.

Fui para o quarto outra vez, fiquei descontando minha raiva nos estudos. Não demorou muito até Emily chegar, os meninos guardaram as compras e eu fiquei estudando com ela, logo depois os dois subiram para o escritório e eu pude, finalmente, me sentir menos acuada.

– O que você tem? – Emily me perguntou ao notar meu silencio contemplativo.

– Como assim? Tenho montes de coisa, senão eu não seria eu – tentei disfarçar outra vez.

– Vivian, eu posso fazer isso do jeito fácil, ou do jeito difícil, de um jeito ou de outro você vai terminar falando.

– Tudo bem – eu respirei fundo para continuar, eu precisava falar, senão explodiria – eu acho que você está ficando meio parecida comigo, não acha?

– Então diz, você está com o pensamento longe, o que está habitando essa cabecinha loira?

– Nossa! Isso é tão estranho – procurei as palavras– eu acho que estou gostando do James, sei que ele é meio metido e desprezível todo o tempo, mas mesmo assim, eu não sei explicar.

– Gostando do James?! – Emily repetiu perplexa, nuns bons decibéis acima do aceitável para a saúde.

– Fala baixo – atalhei – é isso mesmo, eu não sei como aconteceu. Ele é lindo e tudo o mais, mas não é só por isso, ele às vezes é tão legal – confessei lembrando-me dos primeiros dias, mediante o silencio dela, eu só pude pedir – ai, fala alguma coisa!

– Eu não sei o que você quer que eu fale, mas tem todo meu apoio, eu só não sei se James está sozinho.

– Nem eu – falei temendo que isso fosse verdade, e se ele estivesse me recusando por ter alguém? – você tem certeza que ele nunca comentou nada sobre isso com você?

– Absoluta, se tivesse comentado eu a teria conhecido.

– E se for ele?

– Você é louca? Tá sugerindo o que?

– Nada, eu só tô nervosa. Medo de ser rejeitada no final das contas, nunca aconteceu, mas já estou antecipando – e como aconteceu.

– É só cercá-lo aos poucos, vai perguntando aos poucos, e então ele fala, não seja invasiva senão ele vai fugir.

Acenei positivamente, já era quase hora do jantar então descemos para a cozinha. Emily se aproximou da bancada e estendeu uma faca para mim.

– Quem nós vamos matar? – perguntei com um olhar maldoso no rosto.

– Ninguém... Só vamos preparar o jantar.

– Eu não sei cozinhar – eu mal sabia ferver água.

– Você não vai cozinhar, só vai me ajudar.

Não muito tempo depois, o prato principal estava sendo finalizado e os dois desceram para juntar-se à nós duas, Emily já tinha feito a maior parte do serviço enquanto eu lutava com uma cebola e minhas lágrimas.

– Você, rapaz, tem namorada? – apontei a faca para James.

– Não! – respondeu James erguendo as mãos brincando. Uma de suas mil faces.

– E namorado?

Nicholas sorriu que quase entortou.

– Olha bem para mim e vê se eu tenho cara de que gosta de homem – ele disse num tom ofendido.

– Só queria saber, perguntar não tira pedaço.

– Mas isso aqui tira – Emily reclamou e já veio retirando a faca das minhas mãos – você é muito sutil mesmo, hein?

– Sou a sutileza em pessoa – dei de ombros.

Nicholas ofereceu ajuda para Emily, que recusou: – Não, obrigada. Só vou colocar para assar, minha parte está pronta. Vivian está fazendo a salada, acho que até isto aqui terminar de assar ela terminou com aquela cebola.

– Hei, eu estou bem aqui – disse.

– Deixa-me te ajudar – disse James vindo para perto e pegando algumas folhas verdes, lavando-as e rasgando-as com as mãos, enquanto explicava como se fazia e como não se fazia para cortar os legumes. Observei o progresso com olhos vítreos, o comportamento perpendicular e bipolar de James estava começando a me encher.

Cape cod

Eu não sei, só estou cansada de estar presa entre quatro paredes segurando vela para um casal. Então nada melhor que deixar a casa apenas para os dois. Se amanhã, logo bem cedo pela manhã, teríamos companhia, nada melhor que aproveitar essa noite fora. O clima frio não iria me impedir de descongelar meus ossos com uma dose saudável de suco de cranberry e limão, regados com absolut vodka, num lindo cape cod.

– Emily! – chamei-a, ela estava outra vez trancafiada com Nicholas em algum canto, então eu tive que berrar. Logo a vi descendo as escadas do escritório.

– Precisa gritar? Não, né? – ela entrou no quarto e parecia irritada – o que foi?

– Nada, poxa – tentei tornar o clima mais leve – só queria avisar que eu pegarei alguma coisa emprestada do seu closet, provavelmente – sorri-lhe angelicalmente – hoje eu vou sair para beber.

– Sério? – perguntou – e com quem?

– Ainda duvida de mim mesmo depois de tanto tempo? Acho que não tenho sido a mesma.

Emily andou até a porta do closet e abriu, remexeu em alguns cabides e dentre a variedade de cores e tecidos selecionou dois vestidos curtos, um vermelho e um preto.

– Eu não sabia que uma menina certinha como você podia ter vestidos assim – peguei os vestidos que ela me mostrou e analisei-os, o vestido vermelho era justo no corpo até a cintura, de um tecido elástico que mostraria qualquer saliência e reentrância, a saia dele era curta e ligeiramente rodada, com uma camada de renda preta por cima, dando-lhe um toque sensual e sem vulgaridades. O preto, por outro lado, era apenas uma faixa de pano tomara-que-caia que iria cobrir as partes que deviam ser cobertas, e apenas isso.

– Sobre eu ter esses vestidos... – começou minha amiga – eu nunca digo não para nenhuma possibilidade, vai que um dia alguém me chama para sair para um lugar que eu precise deles.

– Garota esperta – eu não estava decidida ainda, mostrei-lhe os dois, um em cada mão – preciso da sua ajuda.

– Bom, lembra na festa? Você me disse que qualquer mulher fica poderosa de vermelho, então, eu sugiro vermelho.

– Então será o vermelho – joguei o vestido preto de volta para ela, que logo retornou o cabide para o seu closet – obrigada, e agora deixa eu me arrumar.

– Beleza, eu estou escrevendo – falou – ou pelo menos tentando, se precisar de mais qualquer coisa, sinta-se livre para pegar. E leva as chaves reserva que ficam dentro da primeira gaveta da cozinha.

– Ok, não se preocupe, dará tudo certo.

E assim ela saiu me deixando sozinha para arrumar-me, e foi o que eu fiz. Primeiro, um ótimo e cuidadoso banho, esfoliação no rosto, depois águas termais, e por fim hidratação. Vesti uma roupa intima confortável e inocente, e por cima o vestido vermelho curto que me faria chamar atenção hoje. Deixei meu cabelo em ondas que caiam pelos meus ombros, e caprichei num olho esfumado. Eu dançaria hoje? Sim. Beberia? Sim. Pareceria um urso panda ao voltar para casa? Sim, contudo, faria essa noite memorável.

Bati à porta de um quarto que eu não tinha batido antes e esperei pacientemente o ser que estava lá dentro se dignar a abrir. As sandálias azuis-

marinhos de salto alto e tiras finas, que eu usava, não foram feitas para dançar, o que não iria me impedir hoje, mas elas não incomodavam tanto quanto eu incomodava.

– Vivian? O que quer? – a tranquilidade em seu rosto não conseguiu disfarçar o olhar que quase me devorou quando a porta se abriu. Era uma motivação extra, ver o modo como ele tentava não olhar para meu decote.

– Preciso de uma carona, eu vou sair e gostaria de uma carona – ele fez uma cara feia – James, eu não pediria se não fosse importante. E um táxi está fora de cogitação, eu não conseguiria... – os fantasmas na minha memória quiseram surgir outra vez, mas eu não permiti e espantei-os para longe – a questão é que eu preciso da sua carona, você vai poder ou não?

James abriu a porta do quarto e fez um gesto para que eu entrasse. Ao ver o meu rosto questionador, explicou.

– Espere aqui por um momento, tenho pelo menos que vestir alguma coisa, e então eu te levo até lá.

Finalmente atentei para o que ele estava vestindo, uma calça preta de corrida. E uma camiseta branca – Por favor, não demore – pedi.

– Relaxa, sua companhia saberá aguardar por mais alguns tolos minutos, eu esperaria.

Olhei na direção em que ele estava caminhando, apenas a tempo de vê-lo retirando a camisa quase que num só movimento e entrando no banheiro. A porta continuava aberta, sinal para os que estavam ali fora de que nada aconteceria aqui dentro, nem mesmo se eu tentasse. Aproveitei o tempo para andar pelo aposento, o computador de James estava aberto sobre a cama. Li um pouco do que havia ali escrito – requerimento judicial – e logo notei que se tratava de trabalho, será que ele nunca relaxava? Abri um novo documento em branco e escrevi – James, por que você se faz de difícil? Esta é a última chance – e salvei o documento na área de trabalho do computador.

Levantei-me e andei mais um pouco, sentei-me na poltrona perto da janela e cruzei as pernas esperando. Admirando a paisagem noturna, devia estar muito frio lá fora, só não tão frio quanto o aperto no peito que eu tinha dentro de mim. Eu não sei mais o que fazer para chamar atenção, mais sinais do que eu já dou impossível, a não ser que eu acenasse como um sinalizador para aviões, nada adiantava. Ele continua distante, e eu o querendo, querendo James tão perto quanto me fosse permitido e possível.

James saiu do banheiro enrolado apenas na toalha, eu não virei para olhá-lo diretamente, mas eu consegui notar tal ato pelo meu campo de visão. Continuei olhando para a paisagem lá fora. James abriu uma cômoda perto da sua cama e retirou uma calça Jeans, depois abriu a porta que dava acesso para seu armário e coletou algo, que só depois eu pude perceber, era uma camisa preta que jogou sobre a cama. Tornou a entrar no banheiro e ficou ali por alguns minutos, quando saiu estava sem camisa e caminhou para a frente do espelho que ficava praticamente de frente para o local onde eu estava, e eu o observava nesse

momento.

Pegou a camisa de sobre a cama e colocou os braços, depois ele começou a abotoar cada um dos botões com calma, e cuidou de alisar a dobra da camisa até os punhos para que não ficasse malfeita. Eu parecia até hipnotizada por cada movimento, sentindo uma nova sensação à cada gesto. Foi então que James surpreendeu meu olhar, e longe de ele tentar me recriminar ou desviar, ele manteve contato visual comigo, através do espelho. O olhar dele não me mostrava julgamento, ele parecia até ter gostado de me pegar olhando para si.

– E então, estou bonito? – perguntou com a voz num tom grave e comedido.

Demorei um pouco a responder, por fim articulei.

– Tenho medo de dizer... – falei com uma sofreguidão desconhecida, perceptível e não planejada.

– Por que medo? – James virou de frente para mim, livrando-me de sua imagem sedutora no reflexo, me encarando com todo o poder dos seus olhos azuis, meio surpreso e meio arrancando a verdade da minha alma à força, ainda que eu não quisesse, por orgulho tolo, revelá-la.

– Sim, medo, medo de dizer a verdade e você se afastar de mim, como já fez tantas outras vezes, por que você já está expert nisso.

Por um momento ele pareceu recompor-se e disse: – É melhor assim.

Tentei disfarçar meu alvoroço, em vão.

– Mas eu estou apenas exagerando como sempre, sou uma criança e você não se importará com minha opinião, então posso dizer que você está lindo.

James caminhou até mim, e ajoelhou-se em minha frente, não pude esconder a surpresa, quando sua mão delicadamente passou por meu rosto, o contato primário me fez ficar sem reação no momento.

No espaço da eternidade que durou aqueles dois segundos em que o toque dele esteve em mim, eu não senti medo, nenhuma sensação que não fosse boa me ocorreu.

– Eu preciso terminar de me vestir – disseme, e apesar disso, não se afastou

de mim, e hesitou em continuar o toque, agora do outro lado do meu rosto. Eu o observava, perguntando-me “Será que isso está mesmo acontecendo?”.

Ajustei meu corpo na ponta da poltrona e pus minha mão sobre a dele, meu rosto estava a centímetros do dele, e ele estava me tocando. Ele estava olhando para meus olhos, e para meus lábios. Aproximei-me devagar dele, e o beijei.

James não retribuiu o beijo, senti seus lábios imóveis e frios, junto aos meus, envergonhada, levantei-me e pretendi sair, ele segurou meu braço e me fez sentar outra vez.

– Podemos conversar um pouco? Por favor?

– Não posso agora – falei envergonhada.

– Eu realmente preciso falar com você, por favor! – ele insistiu.

– James, o que você vai me dizer? Que isso foi errado? Eu já posso imaginar. Então eu dispenso, na verdade eu dispenso qualquer justificativa por

que não foi você. Eu quem avancei.

James parou finalmente, abaixou-se à altura dos meus olhos. Observava tudo de confuso que acontecia neles e em mim. Depois ajustou sua postura que era um tanto imponente, amedrontadora e encantadora.

Receei em falar, mas segui em frente.

– Eu estou gostando de você.

– Não pode e nem deveria.

– Mas eu estou realmente, apaixonada por você, muito.

– Sinto muito, Vivian – respirou fundo e continuou – como eu disse: você não pode, eu não posso. Isso – ele disse apontando para nós dois – não acontecerá, não é certo.

– Mas não tem problema, não para mim – eu insisti.

– Vivian, não complica mais as coisas – disse antes de me olhar com uma expressão ininteligível – que moral eu teria para falar para a minha irmã sobre não ficar com um homem mais velho, se eu mesmo ficasse com uma menina mais nova? Que honra eu teria?

– E o que eu faço agora? – esbravejei – por que não posso ser mais eu mesma com você, se eu tentar ser eu mesma, pois eu irei cada vez mais me machucar. O que eu você quer que eu faça?

John fugindo do assunto disse:

– E o que você quer que eu faça?

– Não pergunte isso.

James irritado cortou-me.

– Para encerrar esta conversa, não insista, não mais. Eu tenho um papel a cumprir, e esse papel me torna o homem responsável por alguém, e esse alguém não é você.

Deu-me as costas, e foi para perto da janela. Ele respirava pesado, irado comigo, irado consigo mesmo.

– James, por que você faz isso? – perguntei com voz fria tanto quanto o som dos mil mármores do meu coração partido – se fizeram o teu coração de ferro, o meu fizeram bem carnal, e bem sensível, para sangrar, e muito. Você ferra com meu psicológico.

Ele ainda me deu uma última olhada antes de eu sair pela porta, não havia uma lágrima em meu rosto apesar de haver em minha alma, acabou. Ainda dói, e nem sei por que dói, já que nunca tivemos nada, mas posso dizer acabou. Pesquisadores dizem que superar uma paixão é igual a superar um vício, um monte de gente consegue. Por que eu não conseguiria também? Andei para a cozinha e peguei uma garrafa de vinho da adega, abri-a cheia de raiva, e embebedei-me até dormir no chão do lavabo.

Faça-me voar

Não que eu estivesse bêbada, mas quando os pequenos gráficos dos azulejos na parede começaram a girar e desenhar figuras indistintas na minha mente, eu sabia que era hora de parar. Ergui-me, meio tonta, e derramei o resto do conteúdo na cuba do lavabo. Lavei o rosto, e confirmei com tristeza que eu estava um estrago. Minha boca ainda tinha o gosto azedo do vômito, e eu estava começando a enjoar outra vez.

Batidas na porta.

Olhei para meu reflexo no espelho outra vez e senti pena de mim mesma quando briguei com ele, para que fizesse silêncio.

– Vivian? Está tudo bem aí?

Agora tudo vai ferrar de vez. Permaneci quieta por mais um par de minutos, cruzando os dedos para que ele desistisse e fosse embora.

– Vivian, não adianta fingir, eu sei que está aí – James bateu na porta outra vez – abra a porta.

– Por que eu abriria? – respondi finalmente, vendo que ele não me deixaria em paz – Não já falou tudo o que queria falar? Seja um homem e enfrente as consequências agora.

– Não é isso... – o ouvi bufando alto, ele estava perceptivelmente irritado – mas que droga, eu não quero falar com uma porta, abra a porta e conversaremos como duas pessoas civilizadas.

Aproximei-me da bendita porta, imaginando que do outro lado dela, ele tinha sobre ela a fronte encostada e a mão espalmada. E toquei a madeira quente exatamente onde imaginei onde as mãos dele estavam. Pelo menos na minha imaginação.

– Vivian, por favor... – ouvir-lhe chamando meu nome, trazia sensações diferentes para mim. A cada vez que ele me olhava, uma nova sorte de sensações me era imputada. E sempre que eu estava em um lugar e ele chegava, a atmosfera mudava. Era como se a presença dele tivesse uma aura de magnetismo que me subjugava, vencia e me levava cativa. Ouvir sua voz grave me chamando nesse momento, era a mais doce tortura.

Abri a porta, e não o deixei entrar no cômodo. Saí e fechei a porta atrás de mim, ele me deu espaço para que eu me ajustasse da maneira que eu quisesse. Recostei-me a porta, e apoiando-me em minhas mãos às costas, olhei finalmente para seu rosto.

– Estou aqui, pode falar...

– Você estava chorando? – perguntou enquanto vasculhava meu rosto em busca de qualquer rastro de emoção semelhante à tristeza – você está bem?

Empurrei a mão dele do meu rosto, não que eu não ansiasse por seu toque, mas por que se o tão sonhado toque só viesse por pena, ele era totalmente dispensável.

– Não James, eu não choro – lhe sorri – viu só? Nenhuma lágrima.

– Vivian, eu não sei o que você quer que eu faça – James falou-me com voz baixa, não sei se por não querer me assustar, ou se por que não queria que os outros ouvissem. Preferi acreditar na primeira opção – isso tudo não é simples, não é apenas sim ou não. Não é, tem todo um mundo de consequências. Eu estou fazendo o que é certo.

– E o que raios você veio fazer aqui? Veio apenas confirmar na minha cara que não me quer outra vez? Não está cansado disso não?

– Se soubesse o quanto estou cansado – ele me olhou com intensidade – mas não é disso.

– Eu não quero saber do que então – ignorei-lhe – é melhor para mim assim, não saber de nada, não querer mais nada, enfim, não acreditar em mais nada.

– Vivian, você não entende, acho que nunca entenderia...

– Realmente eu não entendo – andei para o caminho da sala, passando por ele, ignorando o fato de eu saber que ele me acompanhava a cada passo, e o fato que eu estava resvalando e tropeçando nos meus próprios pés, enquanto caminhava, virei para ele outra vez – e como você sabia que eu estava aqui? Estava me procurando?

James não teve reação por algum tempo. Então ele estava me procurando, mas para que?

– James, responda.

Quando o olhar de James pousou em mim logo em seguida, ele estava vencido. Não derrotado, mas rendido. Como se tivesse lutado com mil exércitos antes de chegar até aqui.

– Eu posso ser um erro James, mas posso ser o seu melhor erro. Você pode me elevar às alturas, só dizendo que me quer.

– E se eu te fizer cair?

– Meu querido, mas e se você me fizer voar?

– Que se foda...

James se aproximou de mim de uma vez só, com uma mão ele envolveu meu rosto e a outra envolveu minha cintura apertando-me contra si. Ele observou primeiro cada centímetro do meu rosto esperando qualquer gesto que pudesse parecer uma negativa, e não encontrando nenhuma resistência ou temor,

buscou com seus lábios os meus.

Se eu pudesse em algum momento antes, em minha existência, compreender o quão prazerosa seria a sensação de ter os lábios dele nos meus pela primeira vez, eu teria guardados os meus beijos para este primeiro contato. E assim os meus lábios só conheceriam os dele.

Minhas mãos passaram por seu peitoral, desabotoando sua camisa até expor seu corpo másculo e forte para mim. Os lábios dele não largaram os meus quando minhas unhas deixaram um rastro vermelho sobre sua pele. Em vez disso ele apenas apertou-me mais ainda contra si. A cada vez que os lábios dele circulavam os meus, ou quando nossas línguas se tocavam, eu parecia mais e mais perdida nele. James finalmente libertou os meus lábios da cadeia dos seus e desceu depositando beijos por toda extensão do meu pescoço, da beirada do tecido e até onde a faixa entre este e a pele, se encontravam. Como se ele mesmo estivesse bebendo de mim, e matando sua sede tanto quanto eu estava. Eu não sabia se era fingimento, eu só me importava em viver o agora, e neste agora, bom, James estava prestes a me comer.

– Para o quarto – ele sussurrou pouco antes de eu mover minha mão indecentemente para desabotoar a sua calça jeans.

Fiz que sim com a cabeça. James então me ergueu e enlacei as pernas em sua cintura. Minhas mãos agora repousavam em seu pescoço, e ele tornou a torturar meus lábios com seus beijos. O caminho para o quarto pareceu demorar

mais tempo que o previsto, pois ele ia encostando-se a cada parede até chegarmos lá. Forçando o volume em sua calça contra minha intimidade. Forçando seu cheiro cada vez mais contra mim, até que ele se perpetuasse em minha memória. Forçando-me a querer dar nome aos diferentes sentimentos que surgiam.

Quando entramos no quarto ele me jogou sobre a cama, literalmente. E voltou atrás para trancar a porta. As luzes permaneciam ligadas, o que não me incomodava, já que eu iria ver cada centímetro do corpo dele tão nu quanto eu desejava que ele visse o meu.

James se aproximou da beirada da cama e eu me ergui para sentar-me próxima dele, e assim terminar de desabotoar a roupa dele. Que foi o que eu fiz. Não retirando os meus olhos castanhos dos seus olhos azuis, enquanto eu baixava o zíper e abaixava a calça dele junto com a roupa intima, e deixava-lhe apenas vestido com os pelos do corpo e mais nada. Contive-me para não soltar um “uau” quando o contemplei nu. James fechou os olhos enquanto eu timidamente depositava sobre os músculos de seu abdômen. Sua excitação era visível, ele me queria, e se não me queria, pelo menos me desejava.

James me fez deitar na cama, puxando minhas pernas, e então me virando de costas, assim o zíper do vestido ficaria a mostra. Ele deitou sobre mim, e eu pude sentir seu peso sobre mim. Cada movimento dele parecia milimetricamente calculado para me acender, e para me deixar mais desejosa. James se apoiou na cama com os joelhos e deslizou o zíper do vestido. Ergui-me quando ele deslizou as alças por meus ombros e deixou o tecido apenas até a altura da minha cintura.

Logo ele deitou-se na cama e me fez virar de frente, ele passeou com a boca por todo meu busto nu, mordiscando minha pele e seios, beijando-os avidamente. Tatuando com os dentes as marcas do seu desejo. Duas mãos se perderam debaixo do tecido da saia do vestido e encontraram minha roupa intima que logo foi retirada. Ele jogou a peça retirada sobre sua poltrona, e sorriu para mim do modo mais tentador possível, deitou-se sobre mim e sussurrou-me entre beijos.

– Você não sabe metade de tudo que eu imaginei fazer com você hoje... – ele sorriu e continuou comentando enquanto seu dedo buscava meu ventre para preparar-me.

– James, por favor... – pedi que ele parasse de me torturar.

– Fique sobre seus joelhos, Vivian.

E foi o que eu fiz, ajustei-me em quatro apoios, e endireitei-me numa pose provocativa. James beijou minha cintura enquanto a mão dele alisava meus quadris. Ele outra vez se apertou contra mim, e então com cuidado, e em pelo, entrou em mim. Eu me senti preenchida em cada centímetro por ele. James moveu-se primeiro devagar, e depois mais forte, conforme a sua necessidade crescia, mesclada à minha. E nesse momento eu queria apenas perder-me nele.

James permaneceu por muito tempo em mim, preso ao meu corpo e eu ao dele. Dispondo de mim, e repetindo comigo, uma a uma as posições lascivas que nossa mente insinuava. Mantendo-me presa entre seus braços. Mantendo-me com a sensação de fogo, e encerrando nossa noite com o gozo voluptuoso, estremecendo ambos os corpos.

Ele recostou-se na cama, em uma posição quase sentada, e me chamou para ir para perto dele com um gesto. Aquele homem que antes me possuíra, e que agora eu admirava. Era um amante nato, e um homem esplendoroso.

– Você parece uma princesa desse jeito – ele disse enquanto me observava de pé sobre a cama, com alguma admiração interna.

– Uma princesa? – perguntei fazendo charme, segurando o vestido que ele me pediu que eu não retirasse – tem certeza?

– Sim, e uma das melhores – ele sorriu de um modo quente e sedutor, que tocou no mais fundo de mim – posso afirmar com certeza, bate qualquer outra.

Sorri-lhe, e deitei-me sobre ele. Eu me sentia plena, satisfeita, completa, e todos os outros sinônimos imagináveis. Ele era um homem quente, e desejável.

– Eu vou para o quarto – disse-lhe – eu não posso amanhecer aqui se teremos visitas. O que pensarão de mim? – sorri.

– É melhor – James respondeu – assim não precisaremos explicar nada a ninguém.

Sério? Ele seria esse tipo? Fingi que não me ofendi e ergui a alça do vestido nos meus braços, e virei de costa insinuando que eu queria que ele fechasse o fecho, o que ele logo fez. Levantou-se, enrolou-se num lençol e circulou a cama para abrir a porta. Não falou nada mais da nossa noite, não me deu um beijo de despedida. Apenas abriu a porta e permaneceu num silencio constrangedor enquanto eu saia por ela. Ou talvez nada tenha acontecido, e eu só estou bêbada demais para perceber.

Rainha má

Se eu pudesse escolher, eu estaria nos braços dele neste momento, e não sob a água fria do chuveiro às quatro da manhã. Enquanto eu lavava meu corpo, eu tentava calar minha consciência. Por que como é a consciência de toda menina que não se sente segura sobre algo, a minha lotava meus pensamentos com ideias repulsivas. Se tudo aconteceu rápido demais, como minha mente insistia em acusar, também foi intenso. Eu não mudaria nada do que aconteceu. A simples lembrança de que há pouco eu estava presa na cadeia dos braços de James, causava em mim um constrangimento íntimo. Eu fechava meus olhos para relembrar as sensações, como se saboreasse mais uma vez o gosto daqueles beijos, e meu corpo se arrepiava, como se em espera por mais.

Saí do banho avermelhada pelo vapor da água quente, e pelo meu nervosismo interno; e vesti o pijama mais confortável que achei. Coloquei o vestido dobrado no cesto com as outras roupas que iriam para a lavanderia, e deitei-me sobre a confortável cama de casal para dormir. Nos meus sonhos, perdida em meus devaneios, os olhos azuis de James ainda me encaravam enquanto ele pairava soberano sobre mim.

Poucas horas depois acordei, um sonho apenas, e se passaram quase quatro horas. Apesar de não ter sido tempo suficiente de descanso para mim, eu não me sentia exaurida. Procurei na minha bolsa por aspirinas e não achei, minha cabeça latejava um pouco. Achei apenas meu remédio para dor nas costas, que eu usava para quando tinha cólicas – tandropitamol – e o tomei. O único efeito adverso que ele me causa, além do típico rebote, é me deixar meio lerda e sem filtro social nenhum. O que às vezes é legal, já que o dia passa e eu não sinto.

Lavei o rosto, escovei os dentes e desci, afinal, se as visitas chegariam hoje, eu tinha que estar arrumada. E se eu conhecia bem a minha amiga, ela precisaria de uma ajudinha também. Eu andei rápida, em parte por que estava feliz, e por outra, por que eu queria ver James com urgência.

– Bom dia – cumprimentei Emily que se ocupava na cozinha com suas desventuras, cozinhando algo elaborado – bom dia, Emily... James... – olhei para ele e falei de modo que ele olhasse para mim, mas ele não o fez.

– Bom dia – James levantou-se e respondeu sem me encarar, passou por mim e colocou um recipiente de vidro na geladeira, não havia um só vestígio das emoções da noite anterior em si.

– Amore! – beijei Emily em sua bochecha.

– Animada hoje? – perguntou.

– Absolutamente – respondi-lhe com um toque de sugestão na voz, para ver se o bendito homem olhava para mim – a noite de ontem foi memorável.

Funcionou por pouco tempo, ele me olhou com um toque de repreensão e não demorou mais que o tempo suficiente para me passar uma bronca não verbal. Tomei meu café silenciosamente a partir de então. Ele me ignorava, eu o ignorava. E a vida seguia, de mal a pior, mas seguia. Pouco depois de eu ter terminado de ajudar com a louça, Nicholas desce as escadas, bem vestido como sempre. Ao passar por mim me dá um cumprimento amigável, um toque caridoso em meu ombro, um bom dia, e com um brilho evidente no olhar, beija a sua amada.

Eu queria que James me olhasse assim, com essa adoração velada que Nicholas tinha por ela, eu não tenho inveja dela, nem um pouco, puxa, ela é minha melhor amiga de verdade. Eu estou apenas reclamando mesmo, por que eu queria ter a mesma sorte que ela.

– Procurem um quarto – disselhes.

– Nada de procurar quarto – James cortou o assunto.

Eu sentia que ele estava me olhando agora, mas não queria olhar para ele de volta.

– Eu vou pegar o carro agora para ir ao aeroporto – Nicholas avisou-nos,

em especial a Emily.

– Nicholas, está tudo bem, nós conversamos sobre isso ontem, eu confio em você.

– Eu sei, mas saiba, eu amo você, mais do que eu achei possível, e mais do que amei qualquer outra pessoa, mais do que eu possa suportar.

– E eu a você.

Eu baixei os olhos mais ainda, envergonhada, sim. Era um momento dos dois, aliás, dos três, e eu estava atrapalhando, senão sobrando. Eu não seria nada para quem realmente eu queria, nada além de uma “refeição rápida”.

– Você não está sendo convocado para a guerra – disse James depois de pigarrear do outro lado da mesa – serão apenas amigos reunidos, pelo menos meus amigos.

– James, como você mesmo disse, esse jantar é seu e não meu. Não fui eu

quem planejou tudo, nem mesmo sei por que eu aceitei isso – Nicholas respondeu furioso.

– Eu sei – disse James – mas a mulher é sua.

– Ex-mulher – corrigi James, ele estava adorando ver o circo pegar fogo.

– Deus do céu, que é isso? James, você está sendo infantil, e Nicholas, não responda às provocações dele, está sendo mais infantil que ele.

– Uhuu! – comemorei.

Emily reclamou e fez os dois se calarem, ela estava crescendo, minha menina, que orgulho.

– James, essa mulher que vem aqui, é ex-mulher de Nicholas, “Ex” ouviu bem? Eu sou o presente e o futuro dele agora – virou-se para Nicholas – Eu confio em você, nunca me deste qualquer motivo para duvidar de você, e não creio que os terei agora.

Nicholas sorriu-lhe e saiu a caminho da porta.

– Você não vai com ele? – perguntei para James.

– Não haverá espaço suficiente no carro para todos na volta, e o ambiente não estará de todo agradável.

– James tem razão, melhor que ele fique aqui.

Eu consegui ver o momento que a confiança de Emily se desfez, afinal, não era todo dia que se recebia a visita da ex-mulher do cara que se gosta, então eu tratei de animá-la.

– Garota, eu tenho um plano para nós. Primeiro: banho, e depois: quarenta minutos de tratamento VIP para esperarmos a mocreia. O que me diz?

– Não tenho cabeça – Emily comentou – eu não sei se quero.

– Mas eu quero, que outra boneca eu tenho para vestir? Insisto.

– Mas Emily...

– O que? Acha que faço apenas por você? – tentei dissuadi-la – eu quero me arrumar também, nenhum outro homem, a não ser seu irmão – olhei para James que olhava para nós duas com interesse – me verá sem maquiagem. Por favor, é por mim também.

– Muito bem, muito bem – deu-se por vencida e subimos as escadas.

– Sabia que esse sobe e desce é ótimo para o bumbum? Ficaremos com o bumbum tão empinado que ficará na nuca.

Pronto, ela sorriu. E minha primeira boa ação do dia foi contada agora. Abri o closet dela e comecei a mexer nos vestidos atrás de mais tesouros como os que ela me mostrou ontem. Ergui para que ela escolhesse, uma infinidade de vestidos, nenhum a agradava.

– Quer saber, eu escolho. Você está azeda hoje.

– E não tenho razão? – perguntou chateada.

– Se quiser parecer uma menina emburrada sim, ou ainda se quiser parecer uma namorada carrancuda. Você tem que brilhar hoje, eu nunca poderia imaginar usar uma frase da minha mãe, mas aqui vamos nós – respirei – uma dama só chora em silêncio, em seu quarto, quando ninguém a ouve. Assim, ela não dá cartas aos inimigos, e nem mostra suas fraquezas.

– Você tem razão.

– Endireite sua postura, nada de ombros caídos hoje – falei num tom autoritário, e mexi novamente nos cabides, selecionei um vestido branco de renda – você usará este.

Depois escolhi algo para que eu usasse também. Nada exagerado demais, não era eu quem tinha que aparecer hoje, e sim ela – Agora, vamos dar um jeito no seu cabelo.

Pouco tempo depois de estarmos vestidas, cerca de meia hora, e as visitas chegavam. James estava arrumado também, não deixei de admirar o modo como um jeans escuro e uma camisa social branca ressaltavam a sua beleza.

Entrou em primeiro um belo espécime masculino, provavelmente europeu, ele tinha uma cor latina, como se beijado pelo sol, e cabelo castanho claro e médio. Os olhos claros dele, com uma nuance indefinidamente vaga que passeava entre o verde e o azul, ressaltavam a sua cor de mediterrâneo. Ele entrou abraçando Emily alegremente.

– Come sei cresciuto – disse a ela.

– E você quem é mia picolina principesa? – virou-se me cumprimentando e questionando um pouco, o olhar atrevido dele passou dos meus pés até meu rosto, analisando-me por inteira, usando todo seu charme italiano, beijou-me as duas faces de Vivian e me abraçou, ternamente.

– Vivian Driscoll – respondi – melhor amiga desta aqui – acenei para Emily – e uma princesa mesmo.

– Agora eu sou “esta” aqui? – minha colega reclamou.

Matheo sorriu e deu mais dois beijos no rosto de cada uma, então foi pra sala, jogando a mochila dele de costa no chão no meio do caminho e se jogando no sofá, com umas botinas meio sujas ainda nos pés. Meu sexto sentido sempre me mostrando que alguém estava me olhando, e era ele. Matheo me olhando, provavelmente ele tinha uma personalidade atirada. Afinal, não se continha nem mesmo no meio das pessoas que ali estavam, e piscava para mim, me paquerando sem pudor, evidentemente. Isso seria uma ótima ferramenta para fazer ciúmes para uma pessoa.

A outra pessoa a entrar foi com certeza uma surpresa. Eu nunca, em mil anos, imaginaria uma mulher mais linda. A ex-mulher de Nicholas era quase um anjo dos lingeries importadas. Ao seu lado alguém que parecia ser sua companhia atual, um sujeito que não era nem bonito e nem simpático, nem mesmo despertava a atenção. Era alguém comum.

A dita cuja se aproximou de mim, e estendeu a mão, como se fosse de vidro, para que eu a cumprimentasse, retribui apenas com um oi grosseiro. Ela então virou-se para Emily.

– Você deve ser a Emily, James falou muito sobre você.

Como é? Essa piranha tem contato com James? James já deu encima dela também? Ou o contrário? Como eu estava me controlando para não parecer uma doida e perguntar. Ignorei totalmente o fim a conversa, eu estava sentindo ciúmes a valer, e para frear minha língua, nada melhor que a indiferença; e só

ela. Eu era um oceano de calmaria por fora, e um vulcão de ciúmes em erupção, por dentro.

Valsa à italiana

A mais nova revolução que tomava conta dos ora presentes fora causada por um simples beijo entre Emily e Nicholas. Permaneci no mesmo lugar onde eu estava, afinal, não caberia a mim julgar ninguém, muito menos este casal que era meu referencial. Ninguém falou nada, o silêncio e o constrangimento de todos já estava pesando demais o ar.

– Eu e a Emily estamos namorando – Nicholas deu a notícia.

Os olhinhos da minha amiga brilharam, e eu vi o momento em que ela analisava a reação de cada um à notícia. Portanto, quando os olhos dela me analisaram, acenei positivamente e bati palmas, reforçando sua confiança, e mostrando que eu estava realmente feliz por eles. James quis falar qualquer coisa, com certeza para causar tumultuo, mas eu o repreendi com um olhar, e ele silenciou, caiu no sofá e massageou a cabeça irritada.

Antes que eu pudesse fingir uma surpresa e cumprimentá-los, Matheo já o tinha feito, e a ridícula da Christie caminhou majestosamente até os dois.

– Fico feliz por você Emily, apesar de eu achar que você deveria ficar com alguém mais da sua idade – ela comentou sorrindo, e virou-se para Nicholas – e você Nicholas, fico feliz que finalmente tenha conseguido me superar.

– Na verdade Christie, eu não achei que havia qualquer coisa importante a teu respeito para esquecer, afinal, com Emily ao meu lado, eu nem lembrava mais que você existia, não até James insistir em convidá-los para vir jantar e conhecer a casa.

– Que a proposito é linda – ela comentou tentando disfarçar o embaraço.

– Emily me ajudou a escolher – Nicholas disse.

Caminhei para ir até James, e já estava me aproximando dele, que ao me notar, disfarçadamente evitou-me, e foi organizar a mesa do café-da-manhã, que mal foi tocada. E pelo olhar dele, percebi que ele estava bravo. Comigo? O que eu tinha feito desta vez? Sentei-me no sofá de onde ele tinha acabado de levantar.

– *Mi scusi*? – Matheo falou no seu tom de voz grave e sensual, ao assentir para seu pedido de licença, ele sentou-se ao meu lado – *Come stai*?

– *il perdono , io non parlo italiano* – desculpei-me pela minha falta de conhecimento da lingua. Em vez de cortar o assunto, ele apenas me sorriu mostrando uma fileira de dentes brancos e perfeitos.

– *Io* posso tentar *la sua* língua, mas caso erre, não sorria de mim – o sorriso não se desfez em nenhum momento, e eu podia até jurar que eu era a causa dele – você Vivian, correto?

– Isso mesmo, você Matheo, correto? – sorri-lhe também.

– Não sorria da minha falta de gramática – ficou meio envergonhado e coçou a sobrancelha num gesto de confusão realmente adorável – questo é un male.

– Prometo que não acontecerá novamente.

– Fala-me um pouco sobre você.

E então comecei a contar-lhe um pouco sobre minha vida academica, nem um pouco a mais, e nem a menos, para não dar margens a perguntas desnecessárias. E sorria mais a cada vez que ele não compreendia alguma palavra e pedia que eu lhe repetisse ao pé do ouvido. Nicholas interrompeu-nos.

– Vivian, não faça isso.

– Isso o quê? – perguntei evidentemente curiosa.

– Esse cara aí – apontou para Matheo – sabe nossa língua tão bem quanto qualquer nativo, isso é apenas uma desculpa para puxar assunto. Eu não achei que essa ainda funcionava.

– Nem eu... – reclamou James da direção da cozinha.

Primeiro fiquei um pouco constrangida, já que pelo visto todos estavam me olhando há tempo; depois zangada, e dei um belo de um empurrão no ombro de Matheo, retirando-o de perto de mim e reclamando – Ah, seu *maledetto*, *bugiardo*, *bracconiere*, *ingannevole*, e quantas mais palavras existirem para mentiroso em seu idioma.

Longe de ficar ofendido, Matheo se divertia, e ainda sorria enquanto eu lhe “agredia”.

– Desse jeito eu me apaixono fácil – falava, e fazia todos sorrirem dele, e de mim. Todos, exceto James.

– Então quer dizer que isso é um truque? E dá mesmo certo? – perguntei, agora menos zangada, realmente curiosa.

– Sim, dá, e se não fosse por esse aguado aí, nós dois estaríamos conversando até agora – sorriu para mim outra vez de forma encantadora, e continuou – me deixa contar...

E assim começou a narrar sobre algumas vezes que a tal estratégia deu certo, por tempo suficiente para que a mesa do almoço estivesse pronta e organizada, e fossemos interrompidos por James com seu modo sério de dizer – o almoço está servido – e cortar a diversão que eu sentia com um olhar de repreensão. Qual é? Ele acha que vai ganhar o que com isso?

Eu levantei-me para seguir à sala de jantar, queria sentar perto de James, apesar de meu orgulho pedir que eu fizesse o contrário, e iria fazê-lo, se não tivesse percebido que Christie estava planejando se sentar ao lado de Nicholas. Eu tinha que sentar ali, me apressei e só não me lancei na cadeira por que os bons modos me impediram, mas evitei que ela o fizesse, pelo menos. Nicholas à cabeceira da mesa, Eu e Emily ao seu lado, James e Matheo frente a frente, sendo Matheo ao meu lado, e Christie e sua sombra (não consigo imaginar apelido mais apropriado para um homem tão sem personalidade) logo em seguida.

– Um brinde ao mais novo casal – Christie chamou a atenção para um brinde, e eu queria muito que a taça estilhaçasse em seus preciosos dedos – pelo menos um lado do casal é novo.

E riu sozinha, para felicidade geral da nação.

– Um brinde ao amor verdadeiro – Nicholas brindou – e a Emily que me fez encontrá-lo.

E um conjunto com três pares de taças de cristal e mais uma, brindaram, alguns alegres, alguns apaixonados, e alguns ciumentos, além de uma incógnita – James – que não parecia se encaixar na descrição de nenhum destes sentimentos.

O centro das atenções continuava sendo Matheo, que como todo bom italiano, não se importava em ter uma conversa animada durante as refeições, e até acenava com um pedaço do pão de uma pessoa para outra.

Nicholas pegou a sobremesa tão logo acabou o almoço, e ofereceu para Christie, que recusou. Todos, exceto ela, não se preocuparam com as calorias, e comeram o doce.

-Não, obrigada, e tenha cuidado Emily, sempre começamos com um pequeno pedaço, depois aumentamos as porções e quando percebemos, temos um enorme quadril, e adeus tamanho trinta e oito – Christie alfinetou.

– Você só esquece – precisei intervir, ela já estava me irritando – que ela tem 20 anos, ela pode comer o que quiser nessa idade, diferente de você – dei-lhe um olhar comparativo e continuei – e o tamanho dela é trinta e seis.

Nicholas sorriu disfarçadamente, Matheo se engasgou com o pedaço de torta que tentava engolir a qualquer custo e teve que ser ajudado por James, que lhe deu dois bons murros na costa até ele desengasgar, acho que ele queria fazer isso há algum tempo.

Não cansada de passar vexame, creio eu. Christie continuou a conversar sobre Emily e suas aptidões. O almoço tinha findado, e todos nós estávamos na sala de estar, assistindo as espadas em atrito silencioso nessa guerra de egos.

– Então o que você faz? Digo, já saiu das fraldas há pouco tempo, sei que não tem formação, mas, tem algum objetivo de vida? – Ela se dirigia à Emily.

– Eu estudo direito na East Valley – respondeu-lhe Emily – Vivian estuda comigo – e numa posição mais altiva completou – Meu plano até então é me

formar e fazer o Nicholas muito, mas muito feliz.

– Ah, sim, por isso não me lembrava de você, Vivian; eu nunca a tinha visto antes. Mas não me culpe querida. É que você tem um rosto muito comum.

– É mesmo? Por que então o seu também deve ser, já que eu não me lembro de você – respondi calmamente.

– Muito difícil, eu estou em todas as revistas.

– Ah, então deve ser orgulho para você gabar-se de alguma coisa que não fez nada para merecer. Mas você tem quantos anos? Aposto que é o dobro da minha, já está ficando sem trabalho? Por que esse é seu futuro.

Apesar de eu saber que a deixei com o orgulho ferido, não briguei. Ela fingiu que ignorou minha resposta.

– Você faz o que? – Emily perguntou.

– Eu sou modelo, acho que não é difícil de notar.

– Olhando para você – Comentei – eu a classificaria como acompanhante de luxo.

Infelizmente ninguém ouviu, e se ouviu ignorou.

– Que tal música? – Matheo perguntou, e mexendo em sua mochila de costas, achou o seu celular. Levou-o até o aparelho de som de Nicholas, e o conectou por *bluetooth*, o som da canção ... e eu me diverti enquanto dançávamos juntos, Matheo tentava me ensinar a dançar, passo a passo, apesar de eu saber, e eu me divertia com isso, e também com o olhar zangado de James, que me desaprovava enquanto eu me perdia noutros braços.

Não era ele

Se eu estava gostando de provocar ciúmes em James? Eu estava adorando. Já que ele estava amando me tratar do modo como tratava, eu iria mostrar para ele que no jogo que ele estava jogando, era eu quem ditava as regras.

Mesmo quando todos estavam se retirando para seus respectivos quartos, eu e Matheo continuávamos conversando. Talvez utilizar-me dele para provocar o tal ciúme em James não fosse honesto de minha parte, e poderia até ser de uma infantilidade fora do comum, afinal eu não gostava do italiano, mas era a melhor ferramenta que eu tinha até o momento, e ela estava realmente funcionando.

Eric e Christie se retiraram para um dos quartos de hóspede, Emily já tinha subido, e pelo que eu posso imaginar, ela não estaria no nosso quarto. Somente eu, James e Matheo, restávamos acordados até tarde na sala, ouvindo velhos cancioneiros da Itália, e divertindo-nos. Pelo menos eu estava, e Matheo também. James, parecendo um velho carrancudo não iria se divertir tão cedo.

– Acho que vou me retirar – disse James evidentemente cansado.

Do outro sofá, onde eu e Matheo estávamos, apenas lhe dei um olhar vago, queria mostrar que a presença dele ali me era insignificante, sendo que era por ele que eu ainda estava acordada até agora, e por ele que eu tão animadamente

conversava com Matheo. Eu queria mostrar para ele, e para mim também, que eu poderia me divertir, que eu poderia gostar de outra pessoa, que eu saberia ficar bem quando ele não estivesse por perto, mas a verdade era que eu só conseguia sorrir em resposta a provocação que eu fazia, e minha maior recompensa era a raiva que nele eu provocava. Eu só queria deixá-lo sem juízo, era pedir muito?

– Tudo bem – comentei após olhá-lo rapidamente – eu acho que eu e seu amigo continuaremos conversando por mais algum tempo, o que me diz Matheo?

– Por mim tudo bem, sua companhia me é muito divertida – Matheo aquiesceu.

– Neste caso, eu irei me retirar – James caminhou para a direção do corredor que dava acesso aos quartos de hospedes – eu espero que continuem se divertindo.

Assim ele caminhou para sair do ambiente de provocação e desdém que eu criara para ele e para mim. Já que agora eu também estava presa na minha teia de mentiras.

– O que acha de darmos uma volta na propriedade? – Matheo sugeriu, e os

olhos dele pareciam tão ansiosos que eu não pude negar.

– Tudo bem – consenti – eu só não poderei demorar muito, está tarde.

– Sem problemas, caso não queiras ir também estará tudo bem para mim.

– Eu quero sim – disse-lhe – só irei pegar um casaco.

E levantei-me para o armário que dava para a porta de entrada, abri uma de suas pequenas portas e peguei dali um casaco de algum dos que estavam na casa, poderia tanto ser de James, Nicholas ou Eric, já que não tinha qualquer identificação. Prendi o cabelo num coque rápido e coloquei o casaco para proteger-me do frio que poderia estar congelando tudo lá fora. Matheo me ofereceu suas luvas, diante de minha negativa, calçou-as e encaminhou-se para a porta de entrada.

Quando ele as abriu para mim, a primeira coisa que senti foi uma pequena lufada de ar frio, que apesar de frio, não estava de todo desagradável. Andamos um pouco na frente da casa, até que chegamos à área coberta ao lado da piscina, a agua estava calma, a única luz que iluminava o local vinha da casa e da iluminação interna da piscina, que ressaltava a transparência da água com um tom de azul quase impossível.

– Quer sentar-se? – perguntei para Matheo. Ele fez que sim com a cabeça e sentou-se numa das cadeiras de madeira próprias para área externa. Sentei-me numa próxima a esta.

Por algum tempo ficamos em silêncio, ele não pareceu se incomodar. Em vez disso permaneceu olhando para meu rosto por um tempo indefinível, e só quando eu o encarei de volta, e o silêncio começou a tornar-se constrangedor, foi que eu tive coragem de falar algo.

– O que? Tem alguma coisa no meu rosto? – o tom era divertido, mas talvez a diversão não tenha atingido meus olhos.

– Seu rosto me passa várias sensações neste momento – Matheo comentou – mas para nenhuma delas eu teria um nome pronto agora.

– Como assim? – sorri encabulada.

– É que você mudou de repente, estava risonha, alegre de verdade, e num momento – fez o sinal de uma concha se fechando com as duas mãos – você se retraiu, e se esconde de mim.

– Desculpe-me, Matheo – pedi – não sei o porquê de isto ter acontecido.

– Não precisa desculpar-se, precisa apenas falar, o que quer que seja – seu olhar era carinhoso – sei que mal nos conhecemos, mas pode falar o que quiser para mim. Apesar do meu habitual jeito de irresponsável, sou a melhor opção entre todos aqui.

Sorri um pouco, eu sabia que ele se comparava apenas por brincadeira, mas não deixei de imaginar o quanto tudo poderia ser mais fácil se eu me apaixonasse por Matheo, e não por James. De uma coisa pelo menos eu tenho certeza, eu nunca poderia reclamar de rotina. E quem sabe não era disso que eu precisava? Talvez eu precisasse parar de ser masoquista e gostar de alguém que me fizesse sorrir. Não, eu não estou apaixonada por Matheo, seria imprudência demais, e mentira, se eu dissesse tal coisa. Porém, eu precisava questionar meus próprios sentimentos, eu precisava saber se o que eu sentia por James era mesmo aquilo que eu achava. Eu precisava saber se o nome que eu dei para o sentimento era mesmo aquele que eu escolhera – paixão – sim, eu descobriria agora.

– Está tudo bem? – ele insistiu – tudo bem mesmo?

– Ainda não, mas vai ficar – e me levantei da minha cadeira, andei até ele. Matheo recuou um pouco ao ver-me aproximar, retirei a mão dele que estava sobre sua coxa, deixando o caminho livre para mim, e sentei em seu colo, ainda que de modo comportado. Reclinei-me sobre ele, e aproximei meus lábios dos seus. Se eu achava que eu apenas iria beijá-lo, eu estava errada. Matheo logo

dispôs suas mãos em meu rosto, e aprofundou o beijo.

Eu sentia o seu beijo, eu sabia que meus lábios estavam se movendo junto aos dele, mas eu não conseguia sentir nada. Eu não conseguia sentir aquela centelha divina que começava um grande incêndio com labaredas famintas, como quando James me beijou. Eu não conseguia sentir aquele choque inicial que me fazia perguntar – isso está mesmo acontecendo? – eu não conseguia sentir nada além do toque de dois corpos sem conexão, sem um desejo reciproco, e isso tudo por que eu não estava sendo fiel a mim mesma, nem a James. E além de tudo, Matheo não era James. E nunca seria. Por que nenhum dos dois sabia o que acontecia em mim neste momento.

Por que agora, tudo que era capaz de acender qualquer fogo em mim, necessitava do toque de James. Antes, eu o desejava com uma atração rápida e fugidia, tal qual uma adolescente encantada por um primeiro amor, mas agora, agora não. Agora, minha carne sabia exatamente o que desejava, sabia como desejava, e principalmente, sabia quem desejava. E desejava tanto, a ponto de causar repulsa do homem que agora eu estava beijando. Por que ele não era James, e jamais seria.

– Desculpe, desculpe – eu disse me afastando – eu não devia ter feito isso, eu não devia!

Primeiro Matheo pareceu surpreso, e eu esperava o momento que ele pareceria irado, mas não. Ele não ficou nem ofendido, simplesmente me chamou

para perto, e ao ver que eu não me aproximava. Puxou minha cadeira para perto de si, e pediu-me educadamente para sentar ao seu lado. O que logo fiz.

– Quer falar sobre isso? – ele perguntou.

– Sobre o que?

– Bom, digamos apenas que tenho vários anos de experiência a mais – comentou – e eu não quero parecer presunçoso, e nem mesmo desrespeitoso, mas foi como beijar minha irmã – sorriu de leve – não que seu beijo não tenha sido bom, mas é que ficou bem claro que não é por mim que seu coração almeja. Não sei se quis provar alguma coisa para si mesma, mas pelo visto não conseguiu.

– Ai! Matheo, também não é assim né? – dei-lhe uma bronca – você não pode simplesmente ler assim tudo que está dentro de mim como se eu fosse uma revista numa banca.

– Então estou correto? – perguntou inclinando a cabeça para olhar meu rosto que eu tentava inutilmente esconder entre meus dedos.

– Acho que não posso confirmar isso – comentei finalmente descobrindo meu rosto da vergonha – não há uma verdade exata para sua pergunta.

– Eu imagino bem como é isso, mas não é assim que você conseguirá resolver as coisas para si. O certo é você resolver seu problema com o cara que o causou – e como se fosse um sábio de dois mil anos de idade comentou – você não conseguirá dar um passo à frente enquanto a presença dessa pessoa estiver tão presa a você. Não vai adiantar, por que todas as outras pessoas, sempre te farão lembrar-se dele. Seja por uma característica em comum, ou pela ausência delas. Todos serão espelhos para refletir o teu próprio desejo.

– Uau – disse-lhe apenas – você tem certeza que é advogado? Tá mais para psicólogo.

– Sim, eu tenho certeza – ele me respondeu após uma risada gostosa – é bem como eu disse, apenas tenho um caminho de alguns bons anos de experiência à frente.

– Para mim está de bom tamanho. Eu só queria que eu não me sentisse tão culpada.

– Não precisa, tudo fica bem no seu tempo.

Ele ergueu-se da cadeira, e estendeu-me a mão. Entendi que era hora de irmos para dentro de casa. E não me importei, eu precisava desse “erro” para acertar minha vida. Se há pouco eu duvidava dos meus sentimentos por James, classificando-os como uma irresistível atração, agora eu sabia que eles não eram. O que eu sentia por James era bem mais.

Adentramos a casa, e não só um choque de medo atravessou meu rosto, como também de pavor. James estava sentado no sofá da sala, e da direção que ele estava ele conseguia enxergar perfeitamente o local onde eu e Matheo há pouco estávamos. O olhar dele provava que ele não tinha ido para o quarto como disse. Na verdade, acredito que ele sequer tenha cogitado essa ideia. Estava ali, claramente estampado em seu olhar um bom delineado de raiva. Eu achei que ele iria falar alguma coisa a mais, que ele iria reclamar comigo e com Matheo ali, mas não. Ele cumprimentou-nos com um – boa noite – gélido. E finalmente desapareceu pelo corredor após lançar-me um olhar de veemente desprezo.

– A pior coisa sobre a traição, é que ela nunca vem de um amigo – falou baixo ao meu ouvido, de forma que apenas eu ouvisse.

Matheo despediu-se de mim, apesar dos “anos de experiência” que ele tanto se gabava, ele não percebeu nada. Mas eu sim. Naquele mesmo momento percebi que ele assistiu meu beijo. Naquele momento percebi que ele estava verdadeiramente magoado. Não queria, mas naquele momento percebi que a sorte estava contra mim, e que eu o tinha perdido.

Uma única lágrima

Talvez quando o isso tudo passar eu parta, ainda não sei para onde. Por que gostar de James é um naufrágio dia após dia. A lista de paixonites que passou por meu coração é grande. Eu me tornei uma pessoa que não me valorizava, sim, tornei-me, e acabei enfiando os pés pelas mãos diversas vezes. Não obstante, tudo que me mostrava qualquer sombra de uma afeição, tornava-se sentimento para mim, foi isso que me fez ser assim, um desastre ambulante. Como se meu coração fosse um passageiro passeando por diversos portos com um bilhete vitalício, mas eu estou ficando cansada de desbravar novas águas, e meu coração está cansado de viver em diferentes barcos. Eu só quero um novo amor, um novo barco para um novo naufrágio.

Outra vez passo a madrugada acordada, uma madrugada boba e descompromissada, onde eu tento refazer, na mente, os passos que me trouxeram até a confusão onde me situo hoje. Eu não deveria ter alimentado a atração que senti por James desde o primeiro dia que o vi. Eu deveria ter sido como sempre sou – fria e distante – e afastá-lo aos poucos, como sempre fiz com todo mundo. Mantendo-os a uma distância segura, por que eu creio, dentro de mim, que se alguém me olhar bem de perto, começará a enxergar as minhas feridas; e eu quero tudo, menos pena.

Certa vez li em algum lugar que por trás de toda mulher forte, reside uma menina machucada, que teve que aprender como ser dura e a não depender de mais ninguém. E é exatamente assim que me sinto, como se o verniz de autoconfiança que me reveste fosse uma tentativa desesperada de silenciar seus suspiros chorosos.

Remexi na minha bolsa que estava ao lado da cama, procurando as chaves do carro. A tensão neste quarto estava insuportável, eu estava sozinha, e o pior de tudo, eu me sentia sozinha. Logo, eu precisava ir para algum lugar onde essa solidão me pesasse menos. Coloquei o casaco que eu peguei anteriormente, cujo dono eu ignorava, e coloquei-o sobre a roupa de dormir que eu usava. Passei mais uma vez pelas escadas, e procurei na primeira gaveta da bancada da cozinha uma das chaves reserva da casa. Procurei no molho de chaves a que abriria a porta que dava acesso para os fundos da casa, e saí dali. O frio ainda não tinha passado, então aconcheguei mais a mim o tecido grosso do casaco, e assim permaneci até encontrar meu carro. Assim que entrei imediatamente liguei o aquecedor e comecei a soprar e esfregar as mãos uma na outra, para que as pontas dos meus dedos não congelassem. Dei a partida, mantive o pé firme na embreagem, engatei a primeira, soltei devagar a embreagem e acelerei pouco a pouco. Logo, eu já estava além dos limites dos portões de entrada da casa de Nicholas. Longe da minha amiga, longe dos convidados que não eram meus, e principalmente, longe de James.

Na estrada havia apenas eu, o movimento das pessoas que estão indo para seus respectivos trabalhos ainda não tinha começado, então, eu sentia-me como a única pessoa acordada. As densas árvores que circuncidavam um lado e outro da intermunicipal, por onde eu dirigia, davam aspectos assustadores à madrugada silenciosa. Eu estava amedrontada sob o manto de coragem que me acobertava, eu estava desolada por imaginar que James nunca mais olharia para mim com os mesmos olhos, e eu estava profundamente partida diante dessa possibilidade.

As árvores finalmente deram lugar a pequenas casas, que surgiam esporadicamente através das janelas do carro, e logo eu comecei a me sentir menos sozinha. Eu só precisava estar em algum lugar onde eu não precisasse pensar em mais nada, um lugar onde quem me abraçasse compreendesse, sem perguntar nada, o oceano de solidão que havia em mim. E eu inconscientemente dirigi para esse lugar, assim que a fachada da casa de apoio, iluminada pela luz difusa de algumas lâmpadas iluminava a entrada, eu sabia que ali era onde eu

deveria estar.

– Alguém aí? – bati a porta, já que não havia campainha – sou eu.

Achei que eu precisaria voltar todo o caminho sem conversar com ninguém, e já me preparava mentalmente para isso, quando ouvi a voz de alguém do outro lado da porta.

– Quem está aí? – e continuou outra vez – vamos, diga.

– Sou eu – Voltei para perto da porta e falei num tom audível – Vivian Driscoll.

– O que está fazendo aí fora? E a estas horas? – a vozinha reclamou e logo ouvi a maçaneta destravando – e neste frio! Vamos, entre – acenou para que eu entrasse – o que há na sua cabeça?

Meu peito se aconchegou com o simples fato de ver Lúcia outra vez, entrei sem me preocupar muito em sacudir os pés e a abracei.

– Você está congelando – brigou comigo – o que tem nessa cabeça?

– Eu não sei – falei devagar – eu precisava apenas conversar...

– Venha, sente-se aqui – ela me apontou um dos sofás – converse comigo.

Sentada do outro lado do sofá, eu observava seu rosto. Ela parecia tão mais madura, mas não que estivesse mais velha, ela apenas parecia segura em si. Como se uma calma e serenidade tivesse lhe invadido. Eu precisava dessa paz também, precisava serenar minhas ondas.

– Pode parecer uma bobagem – sorri constrangida – não aconteceu nada além de uma bobagem quase adolescente, nada além, eu nem sei por que vim atrapalhar o sono de vocês.

– Vivian, eu tenho todo o tempo do mundo para ouvir-te, todas as meninas daqui tem estudado um pouco os livros de psicologia que você disponibilizou – continuou – não somos psicólogas, mas pelo menos aprendemos, ou melhor, eu aprendi que ouvir é essencial. Fale, vamos.

– Lúcia, é minha vida inteira – falei depois de perceber que não seria julgada – tem um rapaz, rapaz não – corrigi-me – homem, que tem me feito ir do mais alto dos céus, até o mais profundo inferno, e eu não estou conseguindo lidar com isso. Eu achei que estava, mas não estou... Não estou.

– Conta-me mais – pediu gentilmente.

Contei-lhe então, todos os pormenores do que me acontecia, desde o mais maldito dos homens que passou por minha vida, até James. Eu nem sabia por que, mas simplesmente falar estava me aliviando. Ela não me lançaria mil e uma terapias a serem feitas, ela simplesmente ouvia sem julgar e sem querer me curar, apenas ouvia, e ouvir é a maior dádiva que se pode dar a alguém que tem um problema.

Quando voltei para a casa de Nicholas eu estava sinceramente melhor. O dia estava quase amanhecendo, e eu regressei para casa. Assim que o carro estava sendo estacionado, um James irritado cruzou os braços e me esperou sair da garagem.

– Você tem ideia do quão preocupado eu estava?

Talvez na metade do caminho eu tenha passado por algum portal que me

levou para uma realidade alternativa, uma realidade onde James se importava comigo, e não tinha notado. Por isso apenas lhe respondi confusamente.

– Como é que é?

– Onde você esteve até agora? Não imagina as coisas que passaram na minha cabeça.

Alguma coisa não estava encaixando, a imagem de James ontem à noite, e a imagem dele agora irritado e preocupado, não eram peças do mesmo quebra-cabeça. Então apenas estendi-lhe a mão para que parasse de falar.

– Te acalma aí, primeiro que eu não te devo satisfação da minha vida, e segundo que eu não te pedi para ficar acordado até agora me vigiando. Se bem me lembro, anteriormente eu não prestava, então explica você, que revolução é essa agora?

James não falou qualquer coisa por algum tempo, deu até um passo atrás por tê-lo confrontado. Eu esperava que ele falasse qualquer coisa, mas ele permaneceu bem quieto.

– E então, James? – tive que reiterar a pergunta – estou esperando.

– Vivian, eu não sei o que quer que eu diga.

– A verdade é o suficiente – ainda que ela me machuque mais, pensei.

– Não tenho nenhuma verdade a falar no momento, tudo isso está acontecendo por que eu vi seu carro saindo acelerado na madrugada, e não, eu não estava dormindo. Eu pensei logo que você estava indo encontrar-se com alguém.

– Então é isso mesmo que sou para você? – aproximei-me dele para olhar bem aos seus olhos – uma louca que sai na madrugada para encontrar homens?

– Não disse isso.

– Você é burro ainda por cima, por que isso foi exatamente o que acabou de dizer.

– Vivian, se existe uma pessoa cuja inteligência não está em seu nível normal aqui, é você. Não coloque palavras na minha boca – respirou profundamente e disseme – não vê que não dormi morrendo de ciúmes de você? Que a noite inteira fiquei girando na minha cama, de um lado para outro, revivendo nitidamente a cena de beijo entre você e outro que eu presenciei.

Não falei nada, se há pouco tempo eu precisava que eu fosse ouvida, ouvir-lhe-ia também.

– Em pensar que por alguns momentos eu cogitei a possibilidade de estar com você – olhou para mim – mas você acabou se mostrando como era verdadeiramente, uma menina imatura que passava de mão em mão até chegar a mim.

– Você não deveria falar isso, você não sabe nada sobre mim, absolutamente nada – bati em seu peito com as duas mãos cerradas, e foi como tentar mover uma parede – você não sabe o quão machucada estou, você não sabe o esforço sobre-humano que eu faço todos os dias para não desabar, e você simplesmente vem aqui e acaba com ele por inteiro.

– Vivian, eu... – ele pareceu chocado com minha reação.

– James, cala a porra da boca, e ouve – briguei – ou você assume o seu papel de homem e decide de uma vez por todas o que quer de mim, ou então você desaparece da minha vida, simples assim. Cansei da sua mente fraca, cansei de você querer projetar em mim suas inseguranças.

E dito isto procurei sair dali, se eu continuasse olhando para o rosto alvo dele, e encarando toda a potência daqueles olhos azuis da cor do céu sem nuvens, toda minha resolução iria por água abaixo, e eu imploraria por mais alguns bons minutos entre seus braços.

– Você ficará bem? – Ele ainda perguntou.

– Claro que sim! – berrei sem olhar para ele.

– Está mentindo? – perguntou, mesmo assim sem ousar dar um passo para mais perto de mim enquanto eu física e mentalmente me afastava.

– Claro que sim! – repeti, e olhei para ele.

E pela primeira vez em algum tempo, um bom tempo, uma lágrima salgada e dolorida rolou por meu rosto. Como se espremida à força por meu coração sofrido, ela não pode ser contida. Se não fosse por essa única lágrima que displicentemente começou a rolar por meu rosto, talvez ele não adivinhasse o quanto, para mim, ele significava.

Trégua e paz

Nem consigo lembrar-me de uma noite que eu tenha dormido direito desde que minha vida se tornou essa confusão. E outro dia já surgiu no horizonte, o sol está brilhando tímido por detrás das densas nuvens, e eu continuo aqui. Sem saber ao certo como agir, por que é ruim pensar em James e em mais nada. Eu não quero sentir que estou perdendo minha sanidade, mas é quase isso que ele está fazendo comigo.

Desisti de dormir e fui para a cozinha comer alguma coisa. Seria gentil de minha parte fazer o café hoje, não é possível que um líquido preto fosse tão difícil de preparar. Analisei por alguns minutos a cafeteira como se ela fosse um motor V8, e entendi que na jarra de vidro deveria ficar a água, e que na parte inox que abria, deveria ser despejado o café. Vasculhei os potes metálicos que ficavam no armário suspenso e encontrei o café em pó, despejei cinco colheres cheias na parte onde eu achava que deveria ir. Depois enchi a vasilha de água e liguei o botão alaranjado.

Bom, na minha cabeça era assim que se fazia café: de algum modo mágico, o pó ia começar a cair na água e misturar-se, e então o café ficaria pronto. Sentei na cadeira da cozinha esperando, e só soube que o que eu estava fazendo era errado quando um cheiro de metal aquecido, e do pó de café torrando começou a ficar estranho. Em vez de desligar o botão eu apenas abri a parte inox superior, como resultado o calor que tinha ficado exagerado naquela área, subiu rapidamente pelos meus dedos. Soltei um gritinho de dor pela minha quase queimadura e me afastei rapidamente.

– O que raios você está fazendo? – a voz de James surgiu na cozinha, e eu me encolhi um pouco, assustada – Deus do céu!

– Ah, cala a boca, já chega brigando – eu massageava os dedos ardidos.

Observei James desligar o botão da cafeteira, e retirar o fio que a ligava na tomada. Então ele pegou um pano numa gaveta do armário e abriu a tampa da cafeteira para que o vapor se dissipasse. Então ele virou para mim e se aproximou tomando minhas mãos.

– O que você estava tentando fazer? – analisou as pontas vermelhar dos meus dedos – colocar fogo na casa?

– Ah, James – reclamei – deixa-me que eu resolvo isso, não precisa se importar – intentei tirar minha mão do contado das dele, mas ele me travou os pulsos – o que está fazendo?

– Calma, eu não quero afrontá-la – James falou baixinho sem deixar e olhar em meus olhos – eu só estou cuidando de você. Que tal uma trégua? – perguntou.

Não falei mais nada, e esperei que ele terminasse sua análise minuciosa, o que não levou muito tempo. Logo ele pediu que eu me levantasse e o acompanhasse até a pia da cozinha, me orientou a estender minhas mãos para frente e ligou a torneira, o água fria corrente causou um pequeno choque térmico, aliviando a ardência. James massageava a ponta dos meus dedos enquanto a água os lavava.

– Quando não souber fazer alguma coisa, não faça – ele começou a reclamar – chame alguém que saiba, pode ser qualquer um, Nicholas, eu, ou mesmo Matheo.

– Achei que estávamos em trégua – ironizei.

– Erro meu, desculpe – desculpou-se e continuou – O que estava tentando fazer mesmo? Além de queimar os dedos e incendiar a casa?

– Eu queria preparar café – respondi envergonhada – e eu estava indo bem, só faltava ficar pronto, acho que abri a máquina antes do tempo.

James riu, e que risada leve e gostosa ele tinha. Até encurvou-se um pouco para respirar melhor. Depois desligou a torneira e enxugou de leve a minha mão. Pediu que eu sentasse e o fiz.

– Uma Driscoll não deve precisar saber preparar seu próprio café – perguntou – estou errado?

Não sei por que a do infeliz comentário, mas como estávamos em trégua decidi não responder-lhe com ironia – Na verdade uma Driscoll tem que saber várias coisas, café realmente não é uma delas.

Ele olhou para mim calmo, não perguntou mais nada. Mediu a temperatura da cafeteira com as mãos e trouxe-a para o seu lugar – vem aqui, Driscoll, eu vou te ensinar a preparar o seu café – aproximei-me. Primeiro ele despejou o pó que eu tinha colocado no lugar errado fora. E então lavou a parte plástica. E passo a passo foi me mostrando o modo certo de fazer as coisas. Meia hora depois tomávamos o café com ovos mexidos, linguiças e bacon. Que ele preparou. Parecíamos até duas pessoas civilizadas.

– Posso perguntar algo, James? – pedi-lhe ainda indecisa se era o certo a fazer.

– Evidentemente – assentiu – estamos em trégua.

– Você não vai ficar bravo ou coisa assim?

– Não, prometo.

– Então lá vai – concentrei-me momentaneamente para encontrar as palavras corretas e lancei – por que você não quis nada sério comigo? Por que sempre parece que com você eu dou um passo à frente e dois para trás? Se não quiser responder esteja livre, é que eu só quero entender.

James olhou para meu rosto, em busca de não sei qual resposta. Talvez ele também estivesse escolhendo bem as palavras, ou talvez ele já as tivesse escolhido e não quisesse ainda lançá-las. Eu só sei que foram os trinta segundos mais eternizados que vivi.

– Bom – James começou a se explicar – caso eu dissesse que não estou sordidamente atraído por você, eu estaria mentido para nós dois – olhou para as próprias mãos e depois tornou a olhar para mim para continuar – mas olha para você, você é uma Driscoll, sua família tem um sobrenome de quase trezentos anos, seu sobrenome figura entre os dez mais ricos das américas, e sinceramente, você é linda demais para ser acreditável.

Não falei nada, esperando que ele continuasse a se abrir comigo, assim ele fez.

– Vivian, o que eu traria para você? Você tem tudo. Diferente do que você vê aqui – ele apontou para a casa de Nicholas – esse não é meu lugar. Eu não nasci rico, eu não tive sorte de nascer numa família onde eu não precisasse aprender a fazer um simples café. Eu tive, e ainda tenho que trabalhar dobrado na empresa. Por que eu sou um dos que tem mais dívidas, algumas remanescentes da época que financiei minha faculdade. Eu tive que parar a minha juventude muito cedo, eu não tive a fase de erros e acertos juvenis, eu precisei cuidar de Emily e de mim como um adulto. E é por isso que eu erro tanto agora.

– Eu sei você só tem tamanho – sorri-lhe. E fiquei feliz de arrancar um sorriso meio encabulado dele. James pareceu ponderar as seguintes palavras.

– Então me diz, Vivian, o que eu poderia oferecer a você? Uma casa de dois quartos em Yellowstone Hill? Uma vida sem os luxos com os quais você está acostumada? Uma vida sem idas ao shopping em todo final de semana? Por que é isso que eu tenho a dar. Você já tem tudo, Vivian, tudo.

– Engana-te – finalmente falei – eu não tenho você. E para mim, esse sobrenome é uma chaga que eu tenho a carregar. Se você soubesse, se soubesse tudo que eu já passei por tê-lo. Sim, eu tive sorte por nascer numa família que pode me criar em meio ao luxo, James, mas a que preço?

– Se quiser, pode falar – ele sorriu gentil – eu estou pronto para ouvir.

Levantei-me da cadeira com um ar divertido e peguei-lhe pela mão – Hoje não, hoje você está com um humor extremamente agradável, e eu não quero mudar isso.

– E o que queres? – perguntou tranquilo.

– Não sei, que tal uma hora de desenhos animados? – sugeri.

James me acompanhou até a sala, e eu fiquei calmamente repousando a cabeça em seu colo enquanto assistia hora da aventura. Eu sei que é uma bobagem infantil, que só poderia fazê-lo me ver como mais menina ainda, mas eu estava tão feliz de ter esse momento com ele, que eu não me importava. Se ele tinha perdido a juventude dele, bom, talvez meu papel fosse ajudá-lo a resgatar.

O tempo passa rápido demais quando fazemos algo com quem se gosta, e logo James lançou para mim após olhar o relógio de pulso – é hora do almoço, vamos.

– Para onde? – perguntei preguiçosa.

– Você não quer aprendeu um pouco de mim? Isso é algo que sempre amei fazer.

– O quê? Acabar com a diversão? – provoquei.

– Não, cozinhar.

E voltamos à cozinha onde tão bem começamos o dia. James retirou alguns ingredientes da geladeira. Legumes e verduras para uma salada, carne, dentre outros. E gentilmente me ensinava a cortar cada um deles. Apesar de demorar, meu progresso era visível.

– Buongiorno, donna piu bella – Matheo surgiu sorridente próximo à bancada da cozinha e contornou-a para me dar um beijo no rosto – Buongiorno James il suo fidanzato – e me deu um olhar de compreensão. Ele sabia bem por quem meu coração palpitava.

James não falou nada, ele poderia dizer “não, não sou namorado dela” mas ficou quieto. Se era parte da trégua eu não sei, mas foi muito gentil de sua parte. Eric a sombra e Christie, apareceram também na sala, e diferente de Matheo que veio tomar seu café proximo à mim e James, e ficou conversando. Os dois ficaram sentados na mesa de jantar, e depois foram para a sala. Eles mal

conversavam entre si, quem dirá conosco.

Pouco tempo depois, Nicholas e Emily também surgiam vindos da rua, de algum passeio. Emily piscou para mim e falou algo para Nicholas. E então subiu as escadas. Nicholas veio para perto da bancada ajudar com o almoço também. Então, assustando a todos.

– James! Nicholas!

Os gritos assustados de Emily ecoaram por toda a casa.

Adeus aos fios

Os gritos de Emily me assustaram. De algum modo o eco deles lembrou-me dos meus, naquela fatídica ocasião. E por isso larguei a faca sobre a mesa, minha mão tremia demais. Matheo não subiu para ver o que tinha acontecido. Mas James e Nicholas subiram as escadas correndo. Matheo pegou um copo de água e deu para que eu bebesse. Em algum lugar no fundo da minha mente eu sabia que ele estava me perguntando se eu estava bem, mas eu não sabia responder. Minha mente estava agitada, e só quando ela se acalmou mais um pouco foi que eu consegui acenar positivamente com a cabeça.

– Eu vou lá, eu quero ver o que houve, se ela está bem – mas Matheo não deixou, ele fez com que eu sentasse.

– Não suba as escadas agora, você está pálida e pode ter uma tontura e cair – brigou comigo.

Na minha mente retratos de Emily caída no banheiro me assombravam. E se ela tivesse caído no banheiro e batido a cabeça? E se ela estivesse com um corte feio? E se ela estivesse desmaiada ou pior?

Nicholas surgiu outra vez na cozinha e disseme que me chamavam. Acompanhei-o bem mais aliviada, pelo menos ela estava viva. Eu sei, eu fico

pensando bobagens, mas é que me assustei mesmo. Nicholas provavelmente viu meu estado de palidez, e minha mão gelada e tremula e procurou me acalmar.

– Não precisa ficar nervosa, não aconteceu nada grave com ela, felizmente – Ele passou a mão sobre meu ombro e me ajudou a subir as escadas, isso também fez com que ele falasse bem baixinho para ninguém mais ouvir – alguém colocou algo nos cremes de cabelo dela, o que fez o cabelo dela ficar bem fraco, quase como uma borracha, e uma boa parte caiu, ou quebrou sei lá. Precisamos mostrar para ela que não é nenhum grande problema. Tudo bem? Foi James quem te chamou, ele sabe que você é capaz de ajudar.

Acenei positivamente. James me chamara, e confiou em mim como capaz de ajudar num momento crítico. Respirei fundo, e imaginei o quão devastada Emily estaria. Eu não queria vê-la triste, ela estava tão vivaz estes dias.

Quando entrei no quarto contive um olhar de susto, a situação não era o que minha mente desenhava, mas também era de caos. Emily estava sentada na cama, enrolada num roupão azul enorme. E James tentava pentear os cabelos da irmã com os dedos, e a cada passada saia um maço de cabelos em sua mão. O olhar dela era perdido, o de James atônito e o de Nicholas enraivecido.

– Sem preocupação, nós vamos dar um jeito – comentei vasculhando as gavetas, procurando uma tesoura de tecido – eu vou tentar cortar o mínimo possível, depois, se você quiser, eu também corto meu cabelo, ficaremos gêmeas.

Ela conseguiu sorrir um pouco.

– Alguém, por favor – pedi – pegue uma cadeira e luvas, eu vou precisar.

Nicholas foi pegá-las e logo as trouxe, apontei para o banheiro e ele as levou para lá.

– Onde? – perguntou primeiro.

– Sob o chuveiro – orientei-o – e também encha uma vasilha com água, por favor.

Assim que dispôs as coisas como pedi, Nicholas voltou para o quarto, e preocupado, passou as mãos pelo rosto de Emily, perguntando-lhe se precisava de mais alguma coisa.

– Você precisa de alguma coisa? Água? Remédio? Tá sentindo dor de cabeça?

– Não, só meus dedos ardem – ela disse.

James, que ainda não tinha saído do seu lado, se levantou, pegou um hidratante no banheiro e quando voltou passou rapidamente na mão dela. Assim como ele tinha feito comigo mais cedo. Tanto o olhar dele quanto o de Nicholas agora mostravam preocupação e raiva, ao mesmo tempo.

– Vocês dois rapazes – pedi – deixem-nos a sós, por favor, tenho que leva-la de volta ao banho e jogar muita água para tentar diminuir o efeito de corte químico do cabelo dela.

Empurrei os dois para fora. Nicholas insistiu perguntando se eu conseguiria fazer tudo sozinha, e eu reiterei que conseguiria. Eu não sei cozinhar, tudo bem, mas no colégio interno de meninas que estudei, nós vivíamos cortando o cabelo umas das outras. Nicholas saiu primeiro, e James depois, agradecendo meu gesto, o cuidado que eu tinha com a irmã dele, apenas com um olhar. Sorri-lhe calmamente, agora menos assustada, agradecendo também a confiança.

– Vamos, Emily, para o banheiro – eu pedi – precisamos lavar seu cabelo.

Levei-a para o banheiro e a fiz apoiar as mãos à parede – isso, assim mesmo – logo liguei o chuveiro e passei duas, depois três vezes shampoo, para lavar

qualquer resquício de produto químico, e também retirar de vez os fios borrachudos de sua cabeça.

Terminado isso, a fiz sentar na cadeira que Nicholas ali colocou, passei uma boa dose de creme de tratamento, que estava ali no banheiro dela, e massageei o seu cabelo. O couro cabeludo dela estava vermelho e irritadiço e me preocupei que fosse ficar ferido nos dias seguintes.

– Como isso aconteceu? – perguntei.

– Eu estava tomando banho, normalmente, e lavava meu cabelo, das pontas para cima, como você me ensinou, lembra? – ela perguntou olhando para mim, e eu pude notar que os olhos dela também estavam irritados, além disso, ela chorava – e quando eu enxaguei, simplesmente começou a cair tudo, e olha só meus dedos – ela mostrou-os para mim – estão ardendo e está criando uns machucados, eu nem sei como eu pude ser tão tola e não percebi o que acontecia.

– É normal – comentei – você estava assustada, eu também ficaria.

– E o pior – falou chorosa – é que isso é tudo que eu herdei da minha mãe. Cada vez que eu me olhava no espelho eu olhava um pouquinho dela em mim, e

isso me fazia sentir bem menos a ausência dela – corrigiu-se – eu sei que pode parecer uma besteira, mas era tudo que eu tinha.

– Me conta um pouco sobre ela – pedi, também para distraí-la do que acontecia, já que eu já começava a cortar seu cabelo na altura do queixo.

– Ela era linda, absolutamente linda – falou sorrindo de leve como se recordasse não apenas a imagem dela, mas todas as coisas boas que já viveram – ela tinha a cor de Matheo, uma cor de café com leite rica e delicada, os olhos azeitonados negros como a noite, era um pouco mais alta que eu e o cabelo dela era longo, até o quadril, e negro também. Ela parecia uma índia.

– E seu pai, como a conheceu? – continuei forçando-a a conversar, assim ela continuaria distraída – você nunca me contou tudo.

– Eles foram vizinhos, é o que James sempre me conta, e ele sempre gostou dela. Cresceram juntos e estudaram juntos, ela teve que parar de estudar para trabalhar, já que eles decidiram morar juntos. Meu pai continuou trabalhando, e com muita luta ele conseguiu comprar uma pequenina casa em minha cidade natal, então veio James, e a situação ficou um pouco mais difícil. As contas apertaram com mais uma criança, mas ainda assim eles se amavam.

– Continua – pedi – estou amando saber.

– Depois de um tempo, eu nasci. Ela reclamou muito, por que nenhum de nós dois puxamos para ela. Somente a cor dos nossos cabelos, o meu e o de James, que é da cor dos dela. Mas todo o restante, a cor da pele, dos olhos, puxamos para meu pai – a tristeza tomou conta dela outra vez – e quando tudo parecia que ia ficar bem, eu já estava crescida, meu irmão tomava conta de mim, então ela conseguiu voltar a estudar e trabalhar, para terminar o ensino médio – ela respirou doído – bom, foi aí que meu pai começou a leva-la para trabalhar. Todos os dias. Naquele dia, no entanto, tinha nevado, e ele perdeu o controle do carro. James foi o primeiro a saber o que tinha acontecido quando ligaram para ele, ele me prometeu que cuidaria de mim, e o fez – umas poucas lágrimas silenciosas tornaram a descer por seu rosto entristecido – e agora, eu perdi a única coisa que eu tinha que era dela, eu mal consigo lembrar seu rosto, eu mal consigo lembrar do som da sua voz. Perdi quase todas as fotos que eu tinha dela nas mudanças que fizemos. Agora eu não tenho mais nada dela, nada.

– Não seja tola – fiquei de frente para ela depois de deixar a tesoura na pia – você sempre terá tudo dela, dentro de você, por que você é filha dela – briguei – não diga isso de não ter nada, você já é o tudo que ela deixou, ela sempre vai existir por que você existe.

Eu queria tê-la convencido de que isso era suficiente, mas ela não pareceu acreditar. Apenas ficou silenciosa. Quando terminei de cortar o cabelo dela, ajeitei seu rosto para que ela olhasse no espelho. Emily não pareceu gostar do que via no reflexo. Então eu peguei a tesoura outra vez e numa só mão peguei meu próprio cabelo, e cortei uma boa parte também na altura do queixo.

Por uns segundos ela pareceu estupefata pelo que eu acabara de fazer, e então se levantou e brigou comigo – o que você fez? Por que fez isso? Seu cabelo era tão lindo...

– É apenas cabelo, eu também tenho lembranças associadas a ele, mas elas não desaparecerão, ele irá crescer outra vez, e novas lembranças serão construídas após elas.

Sentei-me na cadeira que ela tinha acabado de desocupar e ergui a tesoura com cuidado para ela.

– Agora é a sua vez de acertar o meu também.

Emily cortou meu cabelo em meio à protestos de – você é doida! – e de – por que mesmo você fez isso? – e eu vi que brigando pelo menos ao brigar comigo ela esquecia um pouco do que acontecera a si. Tomei um banho após o corte, secamos nossos cabelos e peguei mais roupa emprestada das dela, as minhas já tinham acabado.

Não foi um acidente, e eu sabia. Só não sabia com certeza sobre quem o tinha provocado, mas quando eu descobrisse, eu iria quebrar toda a cara, e que Deus me ajude!

Negócios pendentes

– Eu gostaria de ficar sozinha, por favor – Emily pediu.

Eu não sei se era a melhor coisa a fazer, mas resolvi dar-lhe espaço. Sempre que eu precisei de um tempo para mim, era por que minha confusão interior estava tão grande, que eu me tornava um triângulo-das-bermudas ambulante, e estar cercada de gente seria o mesmo que arrastá-los para o labirinto onde eu também estava perdida. Bateram à porta.

– Quem é? – perguntei antes de abrir.

– Matheo – responderam – eu posso entrar?

Com a afirmativa de Emily, abri a porta.

– Estarei lá embaixo – ela disse e saiu, fechando a porta atrás de si.

Meu objetivo era descer para o andar inferior e sentar-me um pouco, para desanuviar os meus pensamentos, mas fui impedida. James me esperava recostado à parede do lado de fora. Parecia que ele carregava o mundo às costas de tão tenso que estava. Assim que ouviu a porta abrindo-se e trancando após mim, ergueu o olhar. E sem frear a si mesmo, James aproximou-se de mim e ávido, sorvendo dos meus lábios os beijos que necessitava para acalmar-se. Eu correspondi como pude, esforçando-me para respirar entre um movimento e outro, e aproveitando para sentir cada traço do sabor que ele continha. Só quando ele afastou-se por completo pude respirar melhor.

– O que foi isso? – perguntei ainda sem fôlego.

– Eu não sei... – explicou-me – eu só precisava.

As mãos dele tatearam o meu rosto gentilmente e encontraram o meu cabelo cortado – você não precisava fazer isso – ele sussurrou ainda com o rosto praticamente colado ao meu.

– Não, mas fiz – sorri-lhe – me diz se eu não fiquei bem gostosa?

James sorriu e eu pude sentir um pouco da tensão que lhe cercava sendo dissipada, afastou-se um pouco de mim e analisando-me de um modo divertido

se cima a baixo, concordou – acho que essa palavra não é suficientemente capaz de englobar tudo o que poderia dizer agora.

Minha vez de sorrir, entre tímida e convencida.

– Como ela está? – perguntou finalmente, cessando o assunto.

– Ela pediu que eu saísse um pouco, Emily precisa desse tempo sozinha, ela tem que entrar num acordo consigo mesma e aceitar a perda.

– Entendo – disse-lhe – e eu espero que esteja feliz.

– Como é? – perguntou confuso – por que eu estaria feliz?

– James, não se faça de desentendido – briguei um pouco – sabe que isso tudo não aconteceria se não tivesse a ideia idiota, que por acaso é sua, de trazer a ex-mulher do namorado da sua irmã para a mesma casa.

– Está mesmo brigando comigo após ter sido beijada?

– Por quê? Acha que um beijo me impediria de dizer umas boas verdades para você – eu lhe lancei um olhar zangada – isso tudo se deve ao seu comportamento mais que infantil de trazer aquela lá – apontei para o final do corredor em direção à sala – para esta mesma casa, o que achou que aconteceria? Que iriam lançar flores uma à outra e tricotar juntas? Não, né?

– Acha que não me arrependo? Está sendo injusta, não acha? Fui eu quem fez tudo isso?

– Se estou sendo injusta ou não, não sei – reclamei – só estou cansada, assustada demais com tudo isso, e não quero descer as escadas agora e acabar brigando com aquele ser ridículo.

– Então, fique aqui – ele aproximou-se e eu deixei – eu irei me desculpar com Emily pela minha imbecilidade, mas também preciso me desculpar contigo. Perdão, tá bom?

– Menos mal – não me dei por vencida mesmo com aqueles olhos azuis tão carinhosos a esperar minha resposta – eu só espero que sirva de lição, para todos nós.

Intentei descer as escadas, James, no entanto, tinha outro plano, e eles não eram de esbofetear Christie até ela desmaiar, como era o meu. Talvez fosse a tensão e o medo que ele sentiu, assim como eu, que o fez ficar mais maleável, mas quando as mãos dele outra vez me prenderam à parede, e os lábios dele, mais uma vez (de muitas, espero) devoraram os meus, eu esqueci o que eu tinha que fazer lá embaixo, eu mal lembrava meu nome.

– Desculpa interromper – a voz de Nicholas atrapalhou-nos – mas acho que temos outras coisas mais importantes a lidar agora.

James afastou-se de mim rápido, como se um criminoso pego em flagrante delito, e eu apenas fiquei ali ainda de boca aberta, tentando entender tudo.

– Não podemos agir sem que antes Emily diga algo, ela tem que aprender a se resolver – eu disse – ela precisa disso para amadurecer.

– e Matheo está conversando com ela, não acho que poderemos fazer mais que isso, senão iremos apenas deixá-la acuada – James concordou.

– Então vamos descer – Nicholas disse – o clima já está suficientemente estranho aqui em cima – olhou para nós dois.

James e Nicholas sentaram-se perto, e assim que viram Emily descer as escadas moveram-se quase ao mesmo tempo para observá-la melhor. Eric como sempre aéreo a tudo, trancafiado atrás de uma expressão esnobe e mal-humorada, e Christie com uma camada fina de desespero por baixo de toda a camada de maquiagem. Após um beijo de marcar território em Nicholas, Emily sentou-se numa das poltronas, ela parecia tão segura de si, bem diferente da menina quebrada de pouco tempo atrás.

– Gostou do meu corte de cabelo Christie? – perguntou.

– Combinou com você – a víbora comentou sem dar sinal de remorso.

– Por que não diz para o Eric o nome da cabeleireira – Emily sugeriu.

– Eu pensei que sua amiga tivesse cortado ele.

– Não Christie, foi você.

– Eu? Como assim? – ela disse começando a parecer ofendida – eu não sou

cabeleireira.

– E tampouco química. Que truque perigoso e desprezível, soda caustica no condicionador.

– Do que ela está falando? – Finalmente Eric pareceu se interessar na conversa.

– Escute Eric – disse Nicholas – e tire suas próprias conclusões.

– Obrigada amor – Emily agradeceu – eu continuo daqui.

Eu apenas observava tudo, intranquila, esperando o momento em que ela se levantaria dali para arranhar Christie por inteiro, mas pelo visto, ela realmente era bem mais evoluída que eu.

– Você se julga tão superior a qualquer um. Tão mais esperta. Sim, você poderia facilmente ter me deixado sem nenhum fio de cabelo hoje, mas minha amiga ali – apontou para mim – já me salvou hoje duas vezes.

– Isso é uma acusação séria – disse Eric – lembre-se que é da minha esposa que você está falando.

– Eu não falaria se eu não tivesse certeza. Por que não pergunta a ela o quanto ela sabe sobre isso? Ou melhor, por que não pergunta onde ela estava hoje antes das seis da manhã?

– Isso é ridículo – Eric disse – é melhor você se retratar mocinha – ele levantou-se apontando o dedo acusadoramente para Emily – Christie poderia processá-la por muito menos.

De repente Matheo já estava ao lado dele, dizendo baixinho – é melhor se sentar, *mi amicci* – Nicholas e James que tinham se levantado quando ele elevou o tom de voz, voltaram a sentar-se também.

– Ela estava à porta do quarto de Nicholas, e trajava nada menos que uma bela camisola de seda. Na porta do ex-marido? Isso mesmo! E enquanto o atual marido repousava tranquilamente.

– Isso é verdade? – Eric voltou o rosto frio, e agora, pasmo para Christie, e finalmente a questionou. Christie não falou nada por algum tempo, dava quase para ouvir as engrenagens girando dentro da cabeça dela. Ela parecia vermelha

de raiva.

– O que você acha? Todo mundo sabe o motivo de eu estar contigo, e não é amor.

Eric finalmente permitiu que o seu semblante fosse marcado por algo além de o desprezo contumaz que ele tinha por todos, ele pareceu até mesmo machucado. Com raiva, obviamente, mas principalmente magoado. Christie deu de ombros e olhou para as próprias unhas.

– Eu não gostaria que fosse assim, deveria ter sido uma decisão minha, mas tenho que admitir: Estou começando a gostar do novo corte. Se perder um bom pedaço do meu cabelo foi o preço necessário para fazer cair a sua máscara perante todos aqui, bom, o preço foi barato até – Emily se aproximou dela – eu daria até o meu último fio de cabelo para ver esse olhar de derrota estampado em seu rosto outra vez – dito isso, virou-se e falou a todos – E agora, meus queridos! Chega de dramas desnecessários, que tal almoçarmos?

Bati palminhas, extremamente orgulhosa, e levantei-me. Não era para ser assim, mas entre ver minha amiga triste, sendo pisada ou pisando, preferi a segunda opção.

O almoço correu silencioso, Nicholas continuava com aquele sorriso bobo e orgulhoso no rosto. O mesmo sorriso bobo que eu tinha. Eric, no final das contas, decidiu que não permaneceria ali, que iria voltar com Christie para Yellowstone Hill. James se ofereceu para levá-los, no entanto, Eric recusou veementemente.

– Nicholas, eu posso falar com você – Disse Eric, dirigindo-se diretamente para Nicholas, o que foi uma surpresa geral.

– Claro – respondeu Nicholas meio surpreso. Os dois subiram para o escritório para conversar, e Christie, que se recusou a almoçar conosco, estava fazendo as malas.

– James – disse Matheo – eu também terei que ir, sabe que no final das contas, esse evento apenas adiantou a partida em algumas horas. Você virá também?

Meu coração falhou por um minuto, mas eu não olhei para a direção dos dois. Não queria implorar atenção, nem suscitar pena.

– Totalmente compreensível – disse James – eu não acompanho vocês, entretanto – pausou um segundo e continuou – ainda tenho negócios pendentes.

Somente romance

Ouvir que os tais “negócios pendentes” que James ainda tinha a resolver seria o motivo de ele permanecer na cidade de East Valley por mais algum tempo, deu-me ao mesmo tempo esperanças e apreensão, por que se ele tinha tão pouco tempo aqui, o que me restaria? Algumas tentativas desesperadas de chamar-lhe a atenção enquanto contra mim, o relógio do tempo não parava? Agora pouco eu achei que estaríamos bem, e eu vinha vivendo bem com isso, com esses poucos minutos que me mostraram que – sim, nós dois daríamos certo – até que o choque repentino da realidade veio a invadir-me. A vida dele não era aqui, e não era comigo, logo ele voltaria a sentar-se e trabalhar atrás de uma mesa cheia de pilhas e mais pilhas de processos, e eu logo seria apenas uma mancha no seu passado. Eu poderia ter sorte, tornar-me um pouco mais que isso, quem sabe uma lembrança alegre que plantasse um modo diferente de sorrir quando de mim recordasse. Olhei para James por um espaço de tempo curto o suficiente para delinear em minha mente todas as suas feições, e longo o suficiente para perceber que eu ficaria em pedaços quando ele partisse.

Afastei estes pensamentos para o mais fundo que consegui encontrar em minha mente, e pedi ao meu inconsciente que só os trouxesse à tona bem mais tarde, para eu ainda ter uns bons momentos de sanidade.

Cheguei para perto de Emily, com um sorriso renovado no meu rosto, apesar do peito apertado, e a cumprimentei.

– Estou orgulhosa de você, eu não teria feito melhor.

– Obrigada, eu acho – respondeu-me meio encabulada.

– Você tinha que ver sua expressão, parecia tão adulta, tão sofisticada, estava gostosona – e realmente ela estava.

– Ah, não exagera – mostrou-me a palma da mão.

– É a verdade, queria eu ter metade dessa sofisticação, se fosse comigo eu ia raspar a cabeça dela inteira com um estilete e depois tocar fogo no cabelo.

– Mas, isso é um crime, né? – perguntou-me fingindo um susto.

– Eu não sei, mas se fosse eu seria presa sorrindo.

– Duvido muito – continuou – na cadeia não tem noite das meninas com cremes da La-Roche-Posay, e você jamais sairia cedo por bom comportamento.

– Sim, babe, você tem razão – respondi-lhe – para manter esta pele, e somente por isso, tenho que manter bom comportamento.

Emily sorriu um pouco, e eu me vi um pouco mais aliviada ao perceber que ela estava bem. Continuei a elogiando, eu sabia que o susto tinha sido grande, e talvez até traumático, mas deveria fazer-lhe se sentir melhor como novo corte, que combinava com o meu.

– Já percebeu? Como estamos tão adultas assim, acho que era o que faltava para sermos levadas à sério – toquei o cabelo negro dela e depois o meu cabelo dourado – combinamos perfeitamente.

– Verdade... – comentou distraída.

– O que você tem? – perguntei – preocupada com mais alguma coisa?

– Eric e Nicholas, eles não desceram ainda, e eu estou esperando o momento em que os dois rolarão as escadas a desferir socos e xingamentos um ao outro.

– Isso não acontecerá, não faz o feitio de Nicholas – dei de ombros.

– Com ele eu não me preocupo, é o feitio de Eric que permanece uma incógnita.

Mal terminou de cerrar os lábios, e os dois surgiram de descer as escadas, os dois conversavam tranquilamente como velhos conhecidos, e acho que finalmente resolvidos dessa encrenca de vários anos.

– Emily – Eric chamou-a, e eu me afastei um pouco para dar-lhes espaço, apesar de ele falar alto e eu continuar ouvindo – me desculpe por ter permitido que isso acontecesse.

– Não foi culpa sua – respondeu.

– Ainda assim, saiba que estou profundamente envergonhado pelo comportamento da Christie – não é que a sombra da víbora parecia ter sentimentos? E uma voz bonita até.

– Desculpas aceitas – Emily falou por fim.

Num timing quase perfeito, Christie veio para a sala, em sua posição altiva e esnobe, típica de garotas mimadas que ainda não levaram um choque da realidade que é a vida, e estalou os dedos chamando a atenção de Eric.

– Bom, acho que eu tenho que ir agora – ele disse, e cumprimentou a cada um de nós.

Matheo, que conversava com James, em menos de cinco minutos, já tinha voltado com sua mochila de costa que ele não desfizera. Aproximando-se de mim e beijando-me com vontade as duas bochechas, comentou baixinho – eu espero que fique tudo bem entre você e James, ele é meio durão, mas debaixo de todo aquele gel para cabelo, ele ainda é apenas um adolescente amedrontado com a vida.

Aquiesci e sorri-lhe devagar, nem sei como, mas em menos de três dias, Matheo já tinha sido mais amigo meu do que quase todas as minhas outras "amizades" da vida. O jeito dele, extrovertido e extravagante, era praticamente irresistível, quem sabe ele não tinha uma parte cigana?

– Eu os levarei ao aeroporto – James falou ao surgir repentinamente ao meu

lado – acho que é o melhor a fazer.

O que parecia uma oferta generosa era uma desculpa para ficar ao meu lado e marcar seu território com Matheo. Eu fingi que não me importe.

– Não acho que seja necessário, James – Eric interviu – creio que nossa presença causou transtornos demais – ele deu um olhar severo para Christie que não ligou, e saiu pela porta, malditamente elegante.

– Eu insisto – James comentou – eu os trouxe, e eu os levarei, colocaremos uma pedra nesse assunto, para mim já é passado.

Pouco tempo depois desta breve discussão, apenas os faróis do carro que os levava eram visíveis de onde eu os observava. Emily estava ao meu lado, e quando os faróis desapareceram da minha vista, uma pequena dor no meu peito, surgiu, e nem soube explicar direito por quê.

As nuvens tinha deixado o céu, e o clima estava levemente mais agradável, e como Nicholas estava conversando com Emily, e eu não estava com ânimo para ser vela, eu me afastei um pouco dos dois. Talvez o que eu precisasse era lavar minha cabeça das preocupações, limpar o tecido onde estavam sendo costuradas minhas ideias.

– Piscina? Quem quer piscina? – eu disse empurrando os dois da minha frente e saindo, minha blusa já tinha sido retirada e a calça era o próximo obstáculo a ser removido. Apenas em roupas íntimas mergulhei de uma vez só na água da piscina que ainda não estava na melhor temperatura para banho.

– Vamos? – Emily pediu para Nicholas – por favor?

– Claro, vamos – respondeu-lhe.

– Espera só um momento.

– Como assim? Por quê? – Nicholas perguntou para ela.

– Se você vai tirar essa roupa, e ficar só de cuecas – fez um rosto inocente e mau ao mesmo tempo – eu quero ter certeza que terei uma visão privilegiada.

Logo Emily tinha se juntado a mim, e espalhando a água para todos os lados, tornou-se uma bela bomba d’água.

– Aproveite o show – Emily disseme – hoje eu estou bem boazinha.

– Show? – fingime de desentendida – onde?

Ela apontou com o queixo na direção onde eu deveria olhar.

Nicholas retirou a camisa que ele usava agora, chutou os sapatos para longe, e sorriu de uma forma que abalaria até a mais fiel das mulheres, enquanto tirava a calça. A cueca dele era de alguma marca conhecida, diferente de nós duas, ele foi primeiro no chuveiro da beirada da piscina e se molhou, jogando com as mãos os cabelos para trás. Depois se aproximou da beirada, flexionando de leve os músculos; e finalmente mergulhou na piscina. O cabelo dele parecia uma lamina de ouro maleável debaixo da água azulada da piscina. Ele ficou submerso até surgir bem em frente a Emily, cercá-la com os braços, e dar-lhe um beijo.

– Nossa! Com vocês dois é sempre romance e melação – reclamei me afastando – eu estou quase ganhando diabetes de tanto doce.

Mas a verdade, é que o modo como os dois ficavam juntos, me mostrava algo que eu não teria. E que se eu fosse muito positiva e acreditasse que iria ter, seria por quanto tempo? Dois dias? James logo voltaria para sua cidade, e eu,

inconsequente como sou, ficaria nesta cidade, voltaria para a casa da minha mãe, e perderia muitas noites minhas relembrando o momento em que estive perdida entre aqueles braços.

– Pega ela, Nicholas – Emily sorriu para ele. E logo o dito cujo estava nadando em minha direção, e a cada vez que me alcançava, me erguia para fora da água sem nenhum esforço e me lançava um pouco mais longe, apenas para ir atrás outra vez. Os gritinhos de uma menina se divertindo, eram meus mesmo.

Só quando o frio mostrou que ia dar as caras outra vez, saímos da piscina. O namorado da minha melhor amiga foi até a saleta da área coberta da piscina, e trouxe de lá algumas toalhas, enrolou-me numa e Emily em outra, e levou-nos para dentro de casa.

Apressei-me para o quarto a fim de não manchar o piso de madeira e linóleo, e deixei os dois com sua privacidade, afinal, já bastava o show na piscina, e estava de bom tamanho. A água morna do chuveiro foi usada apenas para me aquecer um pouco. Enrolei-me no roupão felpudo e vermelho que era para meu uso, e sentei-me no *futon* próximo à janela. Escovando devagar os cabelos, e silenciosamente esperando que James chegasse.

Não sei se era a ansiedade que era grande, ou se ele realmente demorou, mas assim que eu vi os faróis outra vez entrando na propriedade, desci para a entrada da casa correndo.

James fechou a porta do carro, e ao olhar-me ali, esperando por ele, um pequeno e leve sorriso de canto brotou de seus lábios. Corri até ele, não mais disposta a perder tempo, e envolvi meus braços ao redor do seu pescoço.

– O que é isso? – ele perguntou surpreso, mas não me afastou de seu abraço.

– Não sei, eu só percebi que eu não posso mais perder tempo – precisei de dois segundos para realinhar meus pensamentos depois de encarar seu olhar no meu – eu só acho que o tempo está correndo contra mim, e ele é precioso demais para deixar passar.

Aproximei meus lábios dele, roçando-os de leve, esperando que ele entendesse o recado.

– O que quer, Vivian? Que futuro nós teríamos? – perguntou-me embora soubesse a resposta.

– Não sei o que me espera no futuro – beijei seus lábios de leve, mordendo-os delicadamente, e então me afastando devagar dele, segurando-lhe uma das mãos, soprei-lhe estas palavras – mas hoje à noite, eu quero você.

Apaixone-se por mim

– Para onde? – Perguntou, parecia surpreso, sabia o que se passaria, sabia como se passaria, mas insistia em perguntar.

– Para o paraíso – disse-lhe – e sem escala – Ele sorriu de leve.

– Então somos namorados? – Perguntou-me, e eu não respondi por algum tempo, talvez procurando as melhores palavras, não encontrando-as mantive o silêncio.

– Responda, por favor – James pediu.

– Não sei – respondi finalmente, agora sim as palavras vieram – acho melhor não darmos nome para isso, finjamos que somos uma espécie de pessoa que não tem medo das consequências e se entregam à atração sem rótulos.

– E qual o fim disso?

– Sem nomes não há cobranças – explico-lhe – além disso, os nomes estragam as coisas, seremos apenas pessoas vivendo o presente, e só.

Os passos de James seguiam os meus passos silenciosamente. Desta vez seria tudo diferente, eu precisava, dentro de mim, sentir o peso do corpo dele sobre o meu corpo outra vez. Eu só precisava senti-lo por inteiro, assim eu conseguiria ultrapassar o limite do vazio que ele deixaria em mim, assim que partisse. Eu ia à frente, alguns passos, a distância que ainda separava nossos corpos, logo seria vencida, assim que chegássemos ao quarto onde ele dormia, por enquanto, só a vencia os dedos enlaçados das nossas mãos. Olhei para trás, e o olhar de James se prendeu em meu rosto, ele estava vencido, como se tivesse lutado com mil exércitos, ele estava rendido, finalmente, e seu olhar provava isso, como se tivesse resistido por tempo demais, e finalmente, fossemos estar realmente juntos. A porta foi aberta.

– James – comecei a falar, devagar o suficiente para não perder minha resolução – eu preciso de você mais uma vez, nem que seja a última, eu só preciso sentir você em mim outra vez.

– Vivian... – falou, mas calou-se por um tempo, talvez encontrando as palavras certas para continuar – se eu disser que não senti vontade, ou que não senti falta de cada curva do seu corpo – ele tocou de leve minha cintura por sobre o robe, descendo a mão até meu quadril – eu estaria mentindo.

– Então, não minta – aproximei-me gentilmente dele – durma comigo, e

mate essa vontade, ou sinta mais falta.

James acenou para que eu sentasse na cama, ele ainda estava vestido, parou no meio do quarto, a alguns passos de onde eu estava, retirou os sapatos dos pés calmo e tranquilo. Sua própria respiração era leve, contida, seu olhar era sério, mas de modo algum frio, era como se o céu calmo dos seus olhos tivesse dado lugar a nuvens tempestuosas, ou ainda como se fosse o próprio mar, arrebentando em ondas belas e perigosas. James retirou seu casaco, e o movimento fez os músculos do seu peito saltarem mais a vista, sua camisa também já não era empecilho, e logo sua calça também tinha sido deixada para trás. James então a retirou, e gloriosamente despido, aproximou-se de mim, o olhar nunca deixando o meu. Meu rosto avermelhado contemplando o seu.

– Levante-se – pediu, e eu o fiz.

As mãos dele encontraram o laço do meu roupão felpudo e desfizeram o nó, também afastaram o tecido para os lados, fazendo com que ele caísse com um som oco e pesado no chão. James admirou meu corpo por tempo o suficiente para me fazer corar outra vez, era perceptível que ele se deliciava a cada centímetro. Seus olhos vieram para os meus, e ele comentou com um sorriso cínico e safado ao mesmo tempo.

– Que grata surpresa – os dedos dele acariciaram de leve a fina camada de pelos que cobria meu ventre – uma loura natural.

– Como se você não tivesse percebido da última vez – comentei embaraçada – seu idiota.

– Da última vez, bem – ele não parou de acariciar-me – eu estava bem hipnotizado pela sua bunda naquele vestido, não me culpe.

– Uma loura natural é demais para você? – brinquei – Venha que mal pior do que fiz aqui na última vez – digo apalpando o volume que eu mesma causei no meio das suas pernas – não faço mais...

– Lembro bem disso – levanta-me para si outra vez, e então sinto a colchão da cama embaixo de mim – e mordendo meus lábios com um desejo tangível sussurra contra mim – mas o que fizemos na última vez, não será nada melhor do que podemos fazer aqui – esmaga um beijo em minha boca ainda mais sedento, não resisto e mordo de leve sua língua.

– Sim – respondo-lhe perdida no meio dos seus lábios – é o que quero agora.

James apoia-se em seus joelhos, e eleva-se um pouco mais sobre mim, curva-se e começa a beijar-me os seios, desde a curva até abocanhá-lo por inteiro. A curva das suas costas parece-se com o movimento da fera precipitando-se para a presa, e devo admitir, eu estava adorando ser a presa dele neste momento. Meus dedos agarram-se ao seu cabelo, e prendo-lhe a cabeça

mais a mim como consigo, e a boca dele em contato com minha pele me lança descargas elétricas por todo o corpo. “Deliciosamente perigoso”, penso comigo mesma, e me inebrio nas sensações que ele desperta.

James desce um pouco mais, os beijos dele cobrem toda minha barriga, até minha intimidade, sinto sua língua, sua boca em mim, seu movimento pedindo por mais, forçando-me contra ele, fazendo com que eu gema sem cuidados.

– Isso... – falo baixinho – isso mesmo, porra.

– Essa sua boca suja é uma das coisas que admiro – interrompe a carícia e comenta irônico.

– Não para, alguém mandou você parar? Continua! – forço-o a voltar para a carícia – só pare quando eu mandar, ou quando eu me derreter na sua boca – fecho os olhos e experimento com mais intensidade cada um dos proveitosos minutos.

Quando acaba, vem e beija-me, o prazer me fez bem mais leve, eu aproveito o máximo que posso de todas as suas reminiscências. Abro os olhos e lhe sorrio, suas pupilas negras são quase um reflexo para o meu desejo, como um abismo negro e sensual.

– Minha vez... – alcanço seu sexo com a mão e o faço ajoelhar na cama até conseguir saboreá-lo também, com cuidado, mas, acima de tudo, com sede.

A visão que tenho de James, é divina, o olhar que ele me lança, bem, apenas aumenta minha autoestima, ele me deseja, isso eu já sabia, mas o olhar dele agora, revela a intensidade.

James sai de mim, e eu fico meio: “Por quê?” – mas ele apenas se senta, apoiado com as costas no espelho da cama, e me faz sentar em seu colo. Suas mãos passeiam em minhas costas, o caminho dos seus dedos me causa um arrepio, é uma mistura de endorfinas e frio, mas eu nem sinto, pois ele está abraçado a mim. James comanda o movimento, por pouco tempo, mas logo eu retiro suas mãos de mim, e o conduzo como eu quero. Claro que minhas mãos não conseguem prender seus punhos com força, como eu estou tentando, mas ele entra na brincadeira e deixa-se prender. Sua pele também está arrepiada. Ele está divertido e lindo, e não tem como resistir quando ele está com esse humor. Sua boca está desejosa, e eu o beijo.

– Vem cá – puxo-o mais para perto, para que ele me aperte com vontade, e ele me abraça, fico tão pequenina aconchegada a ele, e ele enorme me prendendo entre seus braços. Finalmente o calor dos nossos corpos sobrepuja o frio da cidade, e os seus cabelos de ébano, molhados e desfeitos, começam a grudar levemente em sua testa, ele parece extasiado com a visão que tem de mim também, e eu não o culpo. Beijo de leve sua orelha, e empurro-me mais contra si.

James arrepia-se inteiro com isso... Alisando meus braços, beija o colo com mais vontade...

Olhá-lo assim, entregue, lindo e excitado apenas me deixam mais desejosa. E eu queria ter essa visão para sempre, mas James segura-me os quadris, e ergue-se da cama, encosta-me à parede do quarto. Nem importa que minha costa esteja sendo açoitada pela textura da tinta que me arranha inteira, a pressão gentil dos lábios dele e dos meus seios em si, aplaca tudo. Sua mão corre livre pelas minhas pernas e ao redor de meu quadril, chegam à cintura que aperta sem dó. Entre dentes gemo e ele vai se ajustando em mim.

– Vai querer isso aqui mesmo? – falo entre beijos, é irrelevante, ele está resoluto, não liga pra ninguém, apenas para o desejo que nos cerca.

– Quero em todos os lugares, toda hora, desde a primeira vez que a tive – responde argumentando enquanto seus lábios passeiam nos meus. Só o acompanho, e deixo-me levar.

– Venha, derrame-se em mim – murmuro devagar aos seus ouvidos.

James puxa-me para si pelos quadris, mais ainda, quase como se fossemos nos fundir, uma mão me segura e a outra procura meu seio, aperta-o quando o

acha, e eu gemo. James me sorri malignamente. James também geme contra mim a cada movimento, sente-me, estamos ambos maravilhados pela sensação de estarmos um no outro. Meu corpo estremece a cada suspiro, sinto sua entrega e me entrego. Mordo seus ombros, e sinto seu sangue. Não me importo com as marcas, continuo mexendo-me contra ele.

– Quero rasga-la ao meio de tão gostosa que é – ele fala ao meu ouvido e afunda-se mais duramente – Pode bebê-lo inteiro se quiser...

Suas palavras atiçam-me, sugo-o mais forte, amo esse gosto dele em meu ser. Gosto dele e seu sangue, e apenas pelo que ele me ajude a cavalgar mais. Enrosco as pernas ao redor do seu quadril, James me abraça e diz.

– Eu ainda me apaixono – Ele afunda-se em mim mais, quer-me para si, quer meu prazer, cada gota dele, sinto o arrepiar-se e contorcer-se.

– Está apaixonado, e eu também – sussurro contra ele – especialmente depois de hoje.

James ainda murmura algumas palavras ininteligíveis em meu ouvido e encosto a cabeça sofregamente em meu pescoço enquanto tem seu prazer e me arrasta consigo – Sim, apaixones por mim... Assim – digo baixinho em seus

ouvidos, e creio que ele sabe que é inevitável.

Dois dias

Aula, eu nem acredito nisso. Dia de aula! Eu estava tão acostumada a ficar debaixo de milhares de camadas de edredons com um friozinho bom, que nem percebi que o clima melhorando seria sinal de volta às aulas. E a pior parte, era lembrar que ontem havia alguns dias que eu saí escondida do quarto de James à noite, depois de uma relação amorosa fenomenal, e nunca mais voltei lá. Não que eu não quisesse, mas por que meu útero me deu o presente de saber que eu não estava grávida. Então, acabei dando um gelo não intencional nele, já que estava numa TPM terrível.

Trevor não foi à aula hoje. E eu não comentei nada com Emily, não queria nem citar o nome do cara que quase nos separou. E eu queria aproveitar os últimos dois dias de James na cidade, depois disso, não sei. Não sei como seria viver na minha casa, na minha vida abastada, mas medíocre, lembrando-me dele e de cada um dos seus detalhes. Eu estava mais calada do que o normal, e Emily até foi gentil de perguntar bem cedo o que eu tinha, eu apenas desconversei, não era a hora. Não era a hora de eu falar, não era a hora de eu voltar para a aula, não era a hora de ele ter surgido na minha via, enfim, não era hora de James ir embora.

A pior parte era que ninguém entendia meu “sofrimento”, os professores continuaram me enchendo de papeis, de trabalhos, e de conteúdo atrasado. Não tem como pular essa parte e fingir que estudamos em casa? Por isso, quando chegou o horário do almoço, eu e Emily saímos para almoçar, já que a tarde levaríamos currículos para algumas empresas, eu decidi que seria melhor dividir minhas bobagens, que os outros chamam de sentimento, com alguém.

A garçonete me sorriu ao dar o prato de bife com batatas fritas, e eu quase corri até ela para abraçá-la. Mas não liguem, não. Eu sou um drama naqueles dias.

– Vivian, você pode me emprestar seu celular? – Emily interrompeu meu abraço mental.

– Eu não uso mais – dei de ombros.

– Não usa mais? – perguntei.

– Sim, há algum tempo.

Eu tinha tanta coisa a pensar, e celular e conta nesse momento era um luxo. Eu estava pedindo aos céus que eu encontrasse um estágio, ou mesmo emprego, que pagasse um valor razoável para eu alugar um quarto e sala para eu viver.

– Qual o motivo por trás dessa mudança? – perguntou interessada.

– Nada importante – respondi desinteressada. Mas na verdade eu só estava falida.

Abri uma casa de apoio que eu não tinha mais condições de sustentar, fui roubada do único dinheiro que eu me dava ao luxo de gastar, o meu almoço de hoje seria um dos últimos dos moicanos, e logo eu não teria um centavo. Sério, minha vida tá um lixo. Vou acabar vendendo esse relógio que eu ganhei do meu avô. Ou abrir uma loja de segunda mão com minhas roupas, não sei, eu só quero não precisar voltar para aquela casa.

– Eu já formulei umas mil teorias aqui na minha cabeça – Emily exagerou – e estou a ponto de criar outras mil se você não me falar o motivo, olha só até criei um cabelo branco.

Parei de mexer nas batatas fritas e prestei atenção nela finalmente. Respirou fundo, cocei uma sobrancelha, mexi na unha, e ganhei tempo até lembrar o verdadeiro motivo.

– Acontece que ele continuava me ligando.

– Ele quem? – perguntou preocupada.

– Ele quem? Trevor, quem mais? – respondi irritada.

– Por que ligar para você se nem estão mais juntos?

Eu também queria saber por que ressuscitei esse assunto lá dos confins, mas tinha que seguir em frente, até que de Trevor o assunto mudasse para o irmão dela.

– Ah, nada demais, ele ligava querendo reatar.

– Você está sendo muito escorregadia, Vivian, seja mais especifica, por favor.

– Ok – respondi-lhe rememorando a minha última conversa com Trevor – é o seguinte, ele ligava quase cinquenta vezes ao dia para mim, ou mandava mensagens, querendo reatar o namoro. Eu achei que trocar de numero seria o suficiente, mas aí, oh! É mesmo, ele estuda conosco. Então eu simplesmente larguei o telefone num canto qualquer da minha casa, há tempos.

– E onde ele está agora? – perguntei.

– Quem Trevor?

– Não, seu telefone. Temos que mostrar para Nicholas isso, ele pode conseguir uma ordem judicial para o Trevor mudar de sala, ou pra ele não se aproximar.

– Eu não acho que isso seja necessário – não queria dar mais trabalho do que estava dando, além de eu realmente não saber onde o tal aparelho estava – prefiro voltar a comer em paz minha batata e te sugiro que faça o mesmo. Daqui a pouco vamos procurar empregos.

– Você também vai? – perguntou surpresa.

– Bom, se depender do dinheiro dos meus pais, eu não preciso, mas estou pensando em juntar um dinheiro para planos futuros, além disso, eu não quero depender deles para sempre, eu quero fazer mais por mim mesma, me dignificar.

– Compreensível – disse e tomou um gole de suco.

O silêncio imperou por apenas dois minutos, e tinha que ser agora. Eu tinha que falar, tinha que ter alguém para chorar no ombro quando ele fosse embora. Eu tinha que falar olhando para o rosto dela, apesar de os olhos dela sempre lembrarem-me dos de James.

– Ah, e a propósito, eu fiquei com seu irmão.

Nesse momento o suco foi para todo o lado, ela tossiu um pouco, e eu a soprei do outro lado da mesa. Abanei o guardanapo quando comecei a ficar tonta, e pensei: que ideia de jerico, matar a menina engasgada. Emily precisou recuperar o fôlego antes de voltar a falar, e quando conseguiu, era toda dúvidas.

– Quando foi isso? – ela ainda estava vermelha.

– Digamos apenas que quando você ia para o quarto do Nicholas à noite, eu ia para o do seu irmão também – resumi sem pôr muitos detalhes.

– Mas, isso já faz vários dias – ela parecia em choque e brava ao mesmo tempo – por que não contou antes?

– Por que ele me pediu que não contasse – e era verdade, apesar de vergonhosa.

– E por que ele mandaria você não me contar?

– Alguma coisa do tipo: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço, eu acho – comentei despreocupada – e a primeira vez foi no dia que eu apontei aquela faca para ele.

Emily rememorou aquele dia rapidamente, e eu vi o momento em que ela estava começando a acreditar que era verdade.

– Eu sei que parece estranho, mas você vai me contar?

– Bom, aparentemente ele não gostou da sugestão que eu fiz de que ele namorava rapazes, e decidiu me provar que não curtia estes tais caras –

completei – depois de um pouco de insistência.

Eu sei que fui eu quem começou a provocá-lo, eu sei também que fui eu quem dei o primeiro passo, mas falando assim, nossa história parece cada vez mais sem sentido. Sem base, sem um fundamento sólido. Eu estava mendigando atenção, literalmente. E eu nunca teria todos aqueles passos bonitinhos que eu sempre quis, de conhecer, ficar, namorar, *etc*. Por que eu mesma sempre me boicotava, e desta vez, eu era a menina oferecida para o cara mais velho.

– O que aconteceu com vocês dois? Vocês dormiram juntos? – perguntou em voz alta.

– Emily! Quer me deixar constrangida aqui? – o sangue subia pelas minhas bochechas constrangidas.

– Eu só quero entender, não me leve a mal, mas ele não parece mostrar nem um pouco de afeição.

Bem no alvo, e isso doeu. Doeu perceber que todos notavam isso além de mim.

– Ele não tem que mostrar – me fiz de forte, e completei erguendo o queixo mais alto que pude – ele deixou bem claro para mim que seria apenas por um tempo.

– Quanto tempo? – perguntou.

– Até amanhã, pelo menos é o que eu acho – ignorei a pontada de dor que surgiu no meu peito – já que ele está voltando pra cidadezinha pacata dele.

– Você vai ficar bem?

– Claro que eu vou ficar bem – sorri, mas não convenci nem a mim mesma – eu sempre fico bem, não é à toa que sou uma Driscoll, orgulhosa, sem medo, sem coração.

Passamos o restante do almoço em silencio. E eu não sei se preferia a situação de antes de Emily saber, ou a de agora, quando ela me olhava como se eu fosse um cachorrinho abandonado. Felizmente saímos dali para entregar os currículos. Enquanto Emily foi para as entrevistas que ela tinha no dia, eu coloquei currículos meus em cafés e restaurantes também, informando ao gerente que eu aceitava o que viesse.

Dali eu voltei para casa, apesar da insistência de Emily para que eu ficasse lá por mais alguns dias, é como eu disse, cortar o mal pela raiz, e me tornar fria aos poucos, talvez assim doesse menos.

Eu apenas entrei pela porta dos empregados e subi para o meu quarto. Sem interesse por nada, por ninguém. Quando cheguei lá, minhas coisas estavam embaladas, em caixas velhas, pelo menos metade delas. Provavelmente alguém começou o trabalho de me expulsar de casa e desistiu no meio do caminho, e eu lamentava isso, por que ver as caixas assim só me fazia sentir menos querida.

Separei algumas peças que estavam ainda em meu closet, algumas pulseiras e cordões, além de poucos anéis, e guardei numa nécessaire. Eu os levaria a uma loja de penhores no dia seguinte, ou ao banco, por que eu não queria ficar muito tempo mais nesta casa.

Além de você

– O que você está fazendo aqui? – uma voz gritava e do fundo da minha consciência eu consegui entender que era a voz de Elizabeth – Vamos! Acorde!

Abri os olhos assustada, ainda era bem escuro, o dia sequer tinha raiado. Na verdade eu nem tinha como saber se a madrugada já tinha chegado, ainda estava confusa do sono, e infelizmente não sabia se eu estava num pesadelo ou se era real.

– Mãe? – respondi ainda meio confusa do sono, belisquei-me para que eu acordasse, e quando doeu, percebi que era realidade mesmo – o que houve?

– O que houve? – torceu o rosto – eu e seu pai sem notícias suas por séculos, e você simplesmente entra assim em casa, sem avisar, sem nenhuma notícia.

– Eu achei que eu ainda vivesse aqui, e que eu poderia entrar sem ter que pedir permissão – respondi sarcástica, mas ela não gostou e puxou a coberta de sobre mim, me obrigando a sentar na cama.

– Alexei! Alexei! Vivian resolveu aparecer – minha mãe gritou da porta aberta para a direção do corredor, chamando por meu pai, que eu sequer sabia, estava aqui. Desde quando? Ele tinha voltado e sequer tinha tentado contato comigo?

Ouvi os passos pesados do meu pai ecoando no corredor, quando ele entrou no quarto, uma fúria fremente estava em seu olhar, meu pai andou em minha direção e eu recuei um pouco quando vi que não era para me abraçar. Ele pegou nos meus dois braços e me sacudiu forte, e começou a ralhar comigo.

– O que você tem na cabeça, Vivian? O que tem nessa maldita cabeça? – me sacudiu mais forte e por fim me jogou de volta na cama da qual tinha me levantado esperando um abraço – tem noção do problema em que meteu a família desta vez?

Parecia ironia ouvir o nome família depois de uma recepção dessas, isso é uma família? Continuei olhando do meu pai para Elizabeth, tentando entender do que ele falava, e o motivo por trás dessa agressão. Eu tinha raiva, mas mais do que raiva, eu estava em choque. Como era possível alguém que nunca ergueu a mão para me ferir, reagir desta maneira?

– Eu não sei do que está falando! – gritei de volta – eu não sei.

– Não me surpreende que não saiba – minha mãe ralhou comigo também – mais uma vez você chafurda com nosso nome na lama, mais uma vez.

Eu realmente não sabia do que se tratava, e nada do que passava em minha mente me parecia forte o suficiente para tal reação da parte deles, fiquei calada. Não queria que eles continuassem se descontrolando, e era a segunda vez que eu apanhava de um dos meus pais, e isso, no que dependesse de mim, não aconteceria mais.

Meu pai continuou andando por algum tempo de um lado para outro, Elizabeth já estava olhando para a paisagem do lado de fora pela janela, e eu aguardava o agir deles. Finalmente Alexei puxou a cadeira da minha escrivaninha e arrastou-a para sentar mais perto de mim, desta vez controlado, mas apenas superficialmente. Ainda era possível ver que ele estava raivoso sob a aparente calma, e as palavras dele eram proferidas com calma.

– Vivian, eu vou perguntar uma vez apenas – falou devagar – o que você fez com o dinheiro que fora seu presente?

Não sabia o que responder, e tinha medo de que se falasse a verdade me metesse em problemas com Trevor, com o 13, e com, sabe Deus, quem mais estivesse envolvido nessa história.

– Eu achei que era um presente para mim – articulei vagarosamente – eu gastei.

– E com o que gastou, Vivian? – minha mãe perguntou.

– Coisas que eu achei que eram necessárias – falei calma, sem vacilar, pois as mãos do meu pai apertavam o banco da cadeira com visível raiva, e eu não queria que ela tornasse para mim outra vez.

– Achou necessário então, comprar uma casa num subúrbio e enfiar gentes lá dentro?

Era sobre isso? Minha mente se aliviou um pouco, mas eu ainda não me permiti relaxar.

– Eu achei que estava fazendo algo certo, eu só queria ajudar – Falei como se me desculpasse, mesmo sem saber ainda do que estava sendo acusada – eu não sei.

– Vivian, eu sinceramente achei que você fosse mais inteligente, mas pelo visto, me enganei – Elizabeth comentou ácida, como sempre – o que fazemos aqui, todo ano, em épocas festivas, é ajudar, ganhamos uma parte de dinheiro, juntamos com alguma parte nossa, e damos para pessoas cuidarem de outras, sem nos envolver.

Olhei para ela esperando que continuasse, não queria falar qualquer outra coisa, queria saber até onde isso tudo levaria.

– Mas você, colocou seu nome à frente de um abrigo para marginais, num local perigoso, e agora – passou as mãos nos cabelos – Meu Deus, a justiça está cobrando dos Driscoll uma irresponsabilidade sua.

– Do que você está falando? – perguntei finalmente.

– Sua garota tola, uma casa sem vigilância, num local ermo – respirou raivosamente – o que acha que aconteceu? Um companheiro revoltado foi lá, e assassinou uma delas, sua idiota.

– Quem delas? – perguntei horrorizada.

– E eu guardo nomes? Isso é tarefa do advogado.

Meu Deus! Eu não podia acreditar! Como fui burra! Burra e egoísta, enquanto me preocupava apenas em arranjar um homem, as meninas estavam desprotegidas, e eu como se tivesse cega, pensava apenas em mim. As meninas desprotegidas, tendo que se trabalhar, numa área perigosa, longe de um posto policial. Enquanto eu apenas me divertia, eu devia ter lutado mais, mais por elas, e menos por meu próprio bem.

– Milhares de ONG’s estão revoltadas – meu pai retomou a fala – culpando os Driscoll por ter dado um abrigo desprotegido para essas mulheres, e tudo está recaindo sobre nós. Fala-se em indenizações milionárias, em boicote à empresas, enfim, você sabe o mal que causou?

– Eu apenas estava tentando dar à elas alguma proteção, só isso.

– Vivian, as leis americanas são infinitamente cautelosas a esse respeito. Restringem o alcance de organizações desse tipo, especialmente sem autorização das forças militares. O que você fez, não importa sua intenção, foi crime. E agora, por aquela casa operar na ilegalidade, toda nossa casa está culpada pelo sangue daquela mulher.

Eu mal conseguia pensar direito, e eu estava tremendo, eu finalmente queria chorar, eu precisava chorar, mas não conseguia. Meu corpo e minha alma imploravam para que eu rompesse as barragens que construí ao meu redor, e eu não conseguia, e por mais que eu quisesse, não caiu uma única lágrima.

– Não achávamos que fosse voltar – Elizabeth comentou – a maior parte da suas coisas já foi doada, e restam algumas coisas nessas caixas, escolha o que quiser levar, e faça um favor a si mesma e a nós dois, deixe esta casa.

– Elizabeth... – meu pai ficou tanto em choque quanto eu, mas não ousou defender-me.

– O quê, Alexei? – ela falou como se despejasse veneno dos lábios – eu acho que essa garota já nos deu trabalho suficiente por uma vida, e eu não quero que você se meta em meus assuntos, lembre-se que os seus ainda estão pendentes comigo – e ameaçou de forma velada – não acha que seria mais feio ainda eu mandar nos ares tudo que está escondido nessa família? A começar dos seus segredos?

– Elizabeth, é demais... – meu pai levantou-se para me defender, mas eu o impedi.

– Não, pai, deixe estar – acalmei-o – eu irei sim, peço apenas que me dê mais alguns dias – pedi para Elizabeth – eu apenas procurarei um lugar para morar. E não preciso de ajuda para isso, eu mesma me viro.

Meu pai que parecia finalmente ter retornado a si, ainda tentou falar algo, mas eu não quis ouvir. Lembrei-me do momento em que ele me agrediu, assim eu não conseguiria ficar triste, não por isso pelo menos, quando tanta coisa maior que isso acontecia ao meu redor.

– Por favor, poderiam me dar alguns momentos a sós? Eu preciso começar a me organizar, e não se preocupe Elizabeth, eu irei fazer todo o possível para incomodar o mínimo nesta casa.

Dito isso, os acompanhei até a porta, nenhum dos dois ousou olhar para meu rosto por mais nenhum momento, e a cerrei. Virei meu corpo para o quarto e desabei sobre minha cama, num estado que nem eu mesma conseguia definir. Vagarosamente, com apenas o resto da força da minha alma em frangalhos, comecei a dobrar minhas roupas nas caixas de papelão que estavam espalhadas por toda parte.

Batidas na porta outra vez, eu já pensava em não abrir achando que eram meus pais, mas era Mercedes. Como eu não percebi que ela ainda estaria ali? E provavelmente ouvindo tudo.

– Querida, abra – pediu.

Abri a porta, e ela estendeu para mim o telefone. Eu apenas não gostei do olhar de pena que ela me lançou, eu odiava, mas não a culpava. Até eu estava tendo pena de mim mesma. Agradeci, e não permiti que ela entrasse quando ela pediu, eu precisava de quietude. Apenas iria atender a ligação por que achava que era Emily, para saber se eu estava bem.

– Alô?

– Alô, tudo bem? – A voz me invadiu e quase, por muito pouco, eu não desabei ali.

– James? O que quer?

– Acho que já chega de brincarmos de gato e rato, não acha? Eu estou me apaixonando por você, e quero poder falar isso olhando nos teus olhos.

– Eu já mandei não colocar nomes nas coisas, senão tudo irá estragar, e eu

realmente não poderei agora, me desculpe.

– Escuta, eu sei que eu tenho sido infantil demais, e já me culpei por isso, você está no seu direito, mas por favor – ressaltou a palavra – amanhã eu irei embora, e não quero ir sem me despedir.

– Então se o que você quer é sexo, contrate uma profissional – ralhei.

– Não, Vivian – ele respondeu sem se alterar – eu não quero qualquer outra pessoa além de você, e preciso vê-la à noite.

O som do você durou mais tempo ressoando em minha cabeça do que um concerto de Bach, ou todo o restante da frase. Talvez fosse o que eu precisasse, de um tempo longe desta casa que já tinha sugado toda a minha animação.

– Eu irei – consenti – mas não planeje nada, há um lugar que quero ir hoje.

Uma dose de fé

Eu já tinha me vestido, o sol mal tinha levantado, e sem nem mesmo tomar café, eu desci as escadas para esperar Emily me buscar do lado de fora da casa. Não queria que minha mãe a tratasse mal mais outra vez. Não demorou muito tempo, e ela surgiu no portão principal do terreno buzinando, eu apenas entrei no carro, colocando um novo sorriso no rosto.

– Bom dia, querida! – cumprimentei-a com um sorriso na voz, e um peso na alma.

– Bom dia, amore! – cumprimentou de volta – eu tenho que te falar uma coisa.

– O quê? Que você falou com James? – chutei, eu já imaginava que ela quem tinha falado com ele, na verdade foi a um dos meus muitos pensamentos quando ele me ligou – eu já sei, ele ligou para casa dos meus pais ontem à noite.

– Ligou? – perguntou curiosa.

– Sim – respondi – parece que ele vai amanhã à noite para casa dele, estou certa?

– Sim, é isso mesmo.

– Vou sair para jantar hoje com ele – falei sem muita animação na voz – bom, eu sei que James nunca iria namorar comigo, ou coisa desse tipo, mas eu fiquei realmente feliz ao ver que ele quer pelo menos me fazer sentir melhor antes de partir.

– Você realmente estava gostando dele, não é? – perguntou empática.

– Eu estava ou estou; ainda não sei ao certo – eu simplesmente não queria gostar dele, não queria ter que gostar tanto de alguém que não me valorizou, mas só de pensar que eu iria perdê-lo – não tem nada nele que qualquer mulher se recuse a gostar.

– O que pretende fazer?

– Nada – recusei-me a pensar no assunto – vou apenas deixar rolar, só por que eu sei que não iremos namorar, não significa que não podemos ter um bom momento juntos.

– Isso pode vir a dificultar as coisas mais tarde.

– Emily – olhei-a aos olhos, eu estava bem com isso, e eu queria esquecer esse assunto por um tempo, pelo menos até mais tarde – eu sei onde estou me metendo, eu sei que não poderei inspirar uma paixão nele sequer parecida com a que você inspirou no Nicholas, mas eu não quero fugir sem tentar.

– Se eu fosse ele, com certeza te pegaria.

Sorri e repliquei – te dou uns “pegas” mentalmente, e você nem sabe.

Emily me sorriu compreensiva, vendo minha tentativa de fazê-la sorrir também, e sabendo que eu provavelmente poderia me machucar tanto quanto eu mesma sabia. Só que dessa vez era tudo ou nada, eu já sabia como seria a vida sem ele, e compreendia que teria forças para vivê-la, afinal, em meio a tanto desapontamento eu ainda estou de pé. Eu não tenho mais medo das minhas verdades, eu nem consigo mais guardá-las quietas dentro de mim. E eu realmente estou cansando de tentar fazer a vida das pessoas ao meu redor mais

confortável, enquanto eu mesma me equilibro à beira do abismo. Hoje James iria me conhecer como eu realmente sou. E teria que decidir o que iria querer comigo. Hoje ele teria que decidir se queria ser parte do meu futuro, ou parte do meu passado.

Andei pelos corredores de East Valley hoje como se não estivesse andando, meus passos silenciosos acompanhavam meus pensamentos tristes. Eu estava pesarosa por tudo, ainda não conseguia deixar de pensar que alguém havia morrido por minha culpa, e eu realmente não conseguia não me culpar por isso. Eu só queria não ter que ser tão forte e desabar, nem que fosse aqui, no meio do corredor à caminho da sala, desde que me fizesse sentir algo mais que este torpor.

Quando entrei na sala, e vi que Trevor já tinha voltado às aulas, meu dia apenas piorou. O cara que fodeu com meu psicológico, que fodeu com meu bolso, e com meu juízo, sentado ali, como se nada tivesse acontecido. Ignorei-o o quanto pude.

– Então, que tal almoçarmos juntos hoje? Pelos velhos tempos? – ele disse após virar-se para nós duas.

Continuei ignorando a tentativa dele de reatar assunto conosco, eu não sei Emily, mas eu não o perdoarei tão cedo. E agradeci ao vê-la negar o pedido.

– Na verdade eu não posso – Emily disse – eu tenho que ir a uma entrevista de emprego hoje, e depois a uma agência de secretárias do lar, contratar uma diarista.

– Quem sabe na próxima? – disse e virou-se para prestar atenção ao professor à frente.

Ninguém entendeu nada, e eu não queria que Emily se sentisse mal por mentir.

– Desculpe por ter que fazer você mentir, é que eu fiquei sem reação – disse-lhe.

– Eu percebi, desculpe por ter demorado a notar.

– Tudo bem.

– Mas eu não menti em tudo, quer dizer – corrigiu-se – eu não tenho uma entrevista de emprego hoje, mas Nicholas me pediu ontem para contratar uma

diarista para a casa. Ele disse que se eu gostar da pessoa eu posso contratá-la definitivamente – Olha só! – felicitei-a, não havia motivos para não ressaltar sua pequena conquista – quase como pessoas casadas.

– Não exagera – ela disse.

– Mas é verdade, para casar só falta uma coisa.

– O quê? – perguntei sem interesse.

Peguei sua mão e mostrei-lhe do que falava.

– Um anel nesse dedo.

Quando o professor nos liberou, informando que o horário já tinha findado, eu ainda estava sem fome, e não tinha vontade de comer nada, mas Emily insistiu que eu comesse pelo menos uma fruta, e o fiz. Partimos para a agência de empregos, onde Emily conversou com a senhora dos recursos humanos, e depois de preencher uma extensa ficha, foi informada que receberia um contato

com indicações.

– Emily, com licença – chamei sua atenção – eu vou ter que sair por dez minutos, talvez menos, me espera. Tá bom?

– Tudo bem – perguntou – aonde vai?

– Bem aqui ao lado – respondi – bem rápido.

Saí e andei até a agência bancária que ficava em frente ao prédio onde estávamos. Falei com o gerente e perguntei o que era necessário para empenhar minhas joias. Informou-me que meus documentos pessoais, além de esperar pela avaliação do valor das peças. O que levaria mais de dez minutos, no entanto entreguei uma pulseira de ouro e dois pares de brincos. Todos eram presentes do meu avô. No final recebi cerca de oitenta e cinco por cento do valor das joias em retorno. O que me rendeu um bom valor. Escolhi um prazo de quatro meses para pagar, pedindo que o universo conspirasse ao meu favor e me ajudasse a conseguir um emprego para pagá-lo em tempo, sem risco de perdê-los ao final. Mas caso não conseguisse também, já tinha me despedido delas. Eu ainda tinha alguns outros presentes que ganhei dos meus pais, mas eu não iria usá-los, nem pedi-los para mim, seria humilhação demais, e eu iria conseguir me virar sem precisar pedir mais ajuda, ou mesmo dar mais trabalho aos dois.

Saí dali com a quantia de dois mil dólares na mão. Eu só precisaria encontrar um apartamento pequeno para alugar e pagar pelo menos dois meses adiantado enquanto arrumava um trabalho. Ou então dar um jeito de fazê-lo durar até conseguir um quarto na residência estudantil pagando pouco mais de três dólares por dia de aluguel. Isso sim, seria vantajoso.

Emily estava me esperando ansiosa na frente do prédio onde ela estava há pouco, e assim que voltei, ela brigou logo comigo.

– Onde você estava? Estava preocupada, você disse dez minutos e já passaram mais de quarenta.

– Desculpe, eu estava pagando umas contas – é obvio que ela não acreditou, mas preferiu não comentar.

Andamos para o carro, e ela me levou até em casa outra vez. Despedi-me depressa para que não notassem minha chegada, e depois subi para o quarto. Tomei um longo banho e reabri algumas caixas procurando algo decente para vestir mais tarde. A maior parte das roupas que minha mãe tinha comprado para mim tinha sido doada, como ela mesmo falou, e eu tive que me virar com as roupas que tinha. Separei sobre a cama uma calça de alfaiataria preta e uma blusa de seda, além de um casaco.

O tempo passava devagar dentro do quarto, e cercada pelo silêncio gritante que me cercava, mas quando chegou a hora de sair, eu já estava pronta. Andei para a porta da casa, e fiquei outra vez ao lado do portão, pedindo que alguém que me salvasse.

Talvez eu tenha pedido com uma dose de fé suficiente, pois menos de cinco minutos depois, as luzes de um farol de carro, piscaram algumas vezes, acenando para que eu entrasse.

Esta sou eu

– O que está fazendo aqui fora? – perguntou com ar de preocupação, afinal, eu estava do lado de fora de casa. Apesar da segurança em East Valley ser suficientemente boa, não se deve vacilar – entre – disseme após abrir a porta do carro.

– James, é incrível como você já consegue chegar sendo chato – reclamei – onde está meu “boa noite”?

– Boa noite – sorriu para mim assim que deu a volta no carro e colocou o próprio cinto – apenas isso?

Eu imaginei que bem cedo o nosso assunto iria resumir-se a nós dois, e talvez tudo iria se resolver na horizontal mais tarde, mas ainda não era hora. Ainda havia tanto a fazer, tinha que ser hoje, já que ele estava ao meu lado, e sozinha eu não aguentaria.

– Para onde vamos? – James perguntou – você pediu que eu não planejasse nada, e eu estou realmente curioso.

– Apenas dirija, eu te darei as coordenadas – falei sentindo um aperto no peito – tudo bem?

– Sim, mas você está bem? – deu uma boa olhada em meu rosto – você parece abatida, até mesmo pálida.

– Estou sim – menti – pelo menos por enquanto, agora acelera a droga do carro.

James ainda olhou para meu rosto por um ou dois momentos, esperando que eu lhe explicasse o que havia comigo, mas não conseguindo, e vendo que eu não falaria nada, apenas fez o que eu pedi. Ele dirigiu por cerca de cinquenta minutos sem me questionar onde iriamos, apenas acolhendo minhas direções. Já tínhamos saído do centro de East Valley e estávamos na zona limítrofe com a cidade vizinha. Viramos apenas mais duas esquinas e pedi que James parasse.

Era triste ver um sonho meu indo por água abaixo, assim, sem justificativa, devido a um maldito sentimento de propriedade que as pessoas julgam ter sobre as outras a ponto de tirar-lhes a vida. Eu não queria que tivesse sido assim, e me perguntava se havia qualquer coisa na terra que eu pudesse fazer para que tudo tivesse sido diferente. Mas nada me despontava como solução.

– Vivian... – James chamou-me – acho que é hora de me dizer o que está acontecendo não acha? Eu mereço um pouco de verdade.

À esta altura eu já tinha saído do carro, e estava parada observando a casa que abrigava as minhas meninas, o que parecia já fazer um século. E eu não resisti vê-la assim vazia, e o pior de tudo, depredada. As janelas e portas estavam quebradas, e em toda sua fachada, que com cuidado havia sido reformada, encontravam-se pichações. Milhares de impropérios marcados à tinta na parede que pareciam direcionados a mim. Cobri meu rosto com vergonha, vergonha de continuar aquelas palavras que me acusavam, acusavam minha imperfeita família, mas mais que tudo, acusavam as meninas que moravam ali das piores obscenidades.

– Vivian... Por favor, fala comigo – James pediu – o que é esse lugar? Por que você está desse jeito? – questionou.

– Ah, James... – comecei – eu nem sei por onde começar... sinceramente, eu estou tão destruída por dentro que mal consigo encontrar palavras para definir-me.

– Tenta, por favor – tomou minhas mãos com cuidado – senta aqui comigo – pediu enquanto me levava para sentar nos degraus da pequena escada que levava até a porta central do antigo lar das minhas meninas, agora perdidas.

– Aqui é perigoso... – reclamei olhando para os lados, mas ainda me deixando ser conduzida.

– Não comigo aqui – James envolveu seu braço ao meu redor e falou calmo – agora me fala o que está te deixando assim, leve o tempo que precisar.

Se eu tivesse que explicar as coisas que me levaram a estar sentada na porta de uma casa alheia para ele, a fim de que fizessem sentido, eu teria que falar tudo. E quando eu falo – tudo – eu quero dizer até mesmo aquelas partes que eu queria esquecer.

– James, vai ser uma longa história – comecei – e sei que depois disso você poderá se afastar de mim, é o que sempre fazem, culpam-me como se eu fosse a responsável pelo caos que minha vida se tornou, mas ainda assim irei falar tudo, toda a verdade, independentemente de sua reação, você só precisa ouvir, e não falar nada até eu terminar.

Como se para mostrar que tinha entendido, James permaneceu em silêncio, olhando diretamente para meu rosto, e depois olhando para as próprias mãos, que cruzou sobre os joelhos, para não me constranger mais. Eu agradeci mentalmente por isso, seria demais tentar falar algo com os olhos dele me encarando, e nem estavam azuis como o mar ou o céu, mas negros pela noite que nos rodeava, e pela projeção dos meus próprios medos.

– Minha família nunca foi o que parece ser nos jornais ou revistas, eu sei que eu também nunca ajudei muito, nunca fui a melhor filha, apesar de ser única, eu queria apenas atenção. Quando criança, eu aprontava todas para chamar atenção – um pequeno sorriso de memória se moldou em meu rosto, mas logo sumiu – Eu não lembro quando tudo começou a mudar, se é que mudou, se não era eu como criança que não percebia as coisas.

Olhei para James, ele ainda ouvia-me, mui quieto.

– Acho que minha mãe nunca me quis, eu nunca fiz algo bom o bastante para que ela me parabenizasse, pelo menos não aos seus olhos. Meu pai era muito mais amigo meu que minha própria mãe – controle meu tom de voz que começava a exasperar-se – e acostumei-me com isso.

– Continue... – ele pediu quando eu fiquei algum tempo temerosa sobre como continuar.

– Então um dia conheci um ser – nojo envolvia-me enquanto relembrava a história – ele parecia me compreender, alimentava minha rebeldia, e eu achava que gostava dele, achava que era o homem da minha vida, Adam. Ele tinha trinta e cinco anos, e eu tinha quinze.

Finalmente James teve alguma reação, eu não sabia se ele conseguia entender a direção que tudo estava tomando, e eu nem sabia se eu conseguiria ir até o final. Ele respirava pesado, parecia com raiva, ou ciúmes.

– Ele foi perfeito até o momento em que eu me neguei em fazer algo para ele – falei com um toque de severidade na voz – aparentemente eu não era mais dona de mim, e ele tomou o que queria à força.

A mão de James fechou com tanta força, ele estava raivoso, que os dedos estalaram. Eu já tinha começado a falar, não iria me permitir parar agora.

– Minha mãe encontrou-me, e tudo que eu precisava naquele momento era um abraço, um carinho verdadeiro, mas não tive, ela me afastou de vez, me mandou para a Europa, para estudar num colégio interno. E eu não a vi, e nem a meu pai, por meia década. Eu nem sabia se queria voltar, fiquei rebelde, as coisas e as pessoas se tornaram descartáveis para mim. E eu comecei a ser essa confusão que sou.

– Onde está esse tal Adam? – James perguntou com uma voz grave e raivosa.

– Eu não faço a menor ideia, por mim, espero que tenha morrido.

James pareceu estar a ponto de explodir, imagino o que aconteceria se o monstro do meu passado estivesse agora, em meu presente, conosco.

– Essa casa – continuei – foi um jeito que eu achei de encontrar para ajudar pessoas na mesma situação que eu, e eu achava que estava tudo certo, até descobrir que um ex ciumento de alguma das meninas que moravam aqui, veio e fez com uma delas, o que Adam não teve tempo de fazer comigo.

– Você está dizendo que...

– Sim, James, alguém matou uma das meninas que moravam aqui – a tristeza parecia formar um nó na minha garganta – e o pior é que eu nem soube qual delas, para poder ter um rosto para me despedir, a não ser pelo advogado da minha mãe.

– Qual delas foi?

– Lúcia – falei – eu queria de algum modo me despedir dela – lembrei-me das linhas brancas nos frágeis pulsos de Lúcia, ela tantas vezes buscou o próprio fim e não conseguiu, e agora, que tudo parecia bem, um monstro roubou-lhe a vida.

– Vivian! – de modo abrupto James me tomou em seus braços, e me abraçou me envolvendo forte. Eu queria abraçá-lo, eu queria me sentir protegida em seus braços, mas à minha mente veio repentinamente a imagem de Adam, imagem que eu tanto lutei para esquecer, mas não consegui, e eu me imaginei como se abraçada por ele, ao invés de James. E sem poder controlar-me, gritei e comecei a empurrá-lo para que me soltasse. Parecia que era Adam quem me sufocava ali, com o peso do próprio corpo, parecia que eu era Lúcia, não querendo morrer.

– Calma, está tudo bem – James repetia, mas não adiantava – Vivian, sou eu.

– Me larga – eu pedia.

James abriu os braços me libertando, e eu corri em direção ao carro. Entrei e tranquei-me dentro, eu precisava de ar, precisava respirar direito, repentinamente parecia que o ar tinha se tornado rarefeito. James bateu na janela de vidro ao meu lado, me fazendo saltar de susto no banco do carro, eu comecei a chorar finalmente.

O choro parece ser algo que lhe prende a uma tristeza que será eterna, mas não esse. Minhas lágrimas, há tempos contida, pareciam libertar-me de mim mesma, era como se a cada uma delas que eu liberasse, meu passado fosse sendo lançado para fora de mim.

James apoiou as duas mãos na porta do carro, e olhando para dentro, ele fez o gesto para que eu abrisse o vidro, e eu o fiz. Ele parecia cuidadoso em cada movimento para não me repelir outra vez.

– Me desculpe – pedi enquanto saia do carro e me deixei finalmente ser abraçada por ele – eu não sei o que aconteceu, eu não queria te ofender, ou magoar.

– Não precisa pedir desculpas, Vivian – consolou-me – não há do que se desculpar, nada disso foi sua culpa, nada. Você é uma pessoa boa, quis ajudar. Infelizmente existem pessoas más no mundo, mas eu farei o que estiver em minhas mãos para protegê-la.

– James, você mesmo já brincou comigo por diversas vezes – virei o rosto.

– Vivian, me escuta – tomou meu rosto entre as mãos e olhou em meus olhos – aquela menina machucada, é passado, e eu não sou aquela coisa monstruosa que te machucou.

Beijou-me de leve nos lábios depois de sussurrar.

– Você não é mais ela, e eu nunca fui ele.

Primeiro encontro

– Vamos sair daqui – James me pediu depois que ficamos abraçados tempo suficiente para que eu achasse que éramos um só – está tarde, e estamos aqui sozinhos.

– Tudo bem – balancei a cabeça – eu só não sei mais o que faremos, eu achei que depois de eu contar tudo você iria sair correndo, e me deixar para trás, e eu iria voltar para minha vida.

– Então é isso que pensa de mim? – perguntou ofendido.

– Você não tem me dado muito para que eu pense diferente – dei de ombros – na verdade, não sei nem quem é você de verdade ainda.

– Não há nada sobre mim que você já não saiba, na verdade eu quem estava em desvantagem – comentou – mas não a culpo.

– Tudo bem, me diz, para onde vamos?

– Para um hotel – James falou – não conseguiremos um restaurante a esta hora, e creio que você não quer voltar para casa agora, pensei em irmos para um quarto, pediremos algo por telefone, e conversaremos sobre coisas.

– Que tipo de coisas? – perguntei curiosa, apesar de eu saber que ele estava me levando para um hotel para fazer sexo, eu não quis desagradá-lo.

– Bobagens, você verá.

Olhou para mim de canto, e sorriu-me de modo que aqueceu meu coração nesta noite fria.

Passou algum tempo dirigindo, e depois estávamos parando em frente ao mesmo hotel onde algum tempo antes eu fui roubada. Não falei sobre isso por não julgar relevante para o momento, e agora, bom. Eu não queria mais estragar minha noite. Sentei-me numa poltrona na recepção enquanto James fazia o pedido do quarto, perguntei se ele queria rachar o valor, mas ele negou. Menos de quinze minutos e James voltou com o acesso para o quarto. Não tínhamos bagagem, então tudo era mais fácil. Subimos para o tal quarto pelo elevador.

James pagou por um quarto conjunto. Funcionava assim, havia uma sala grande com decoração clássica, sofás, canapés, um frigobar, e acesso para dois

quartos separados, cada quarto com uma cama de casal e seu próprio banheiro. Frustrei-me um pouco, o que isso queria dizer?

James retirou meu casaco de sobre os meus ombros e pendurou-o no gancho atrás da porta, fez o mesmo com o seu. Então indicou o sofá para que eu sentasse, e me ajudou a retirar minha bota. Comecei a desabotoar o botão da minha blusa já pensando em fazer sexo novamente com ele, mas ele segurou minhas mãos e me parou. Olhei para ele confusa.

– Hoje não – ele disse – Pulamos muitos passos, e dessa vez tenho que dividir a culpa entre nós dois, já que nenhum de nós quis andar devagar, então hoje faremos tudo de uma vez.

– Não havia tempo a perder – respondi atrevida – mas o que isso tem a ver com hoje? Ainda acho que podemos transar tranquilamente.

– Menina, eu não farei isso hoje – acentuou bem a última palavra – não antes de pontuarmos algumas coisas, mal nos conhecemos, e antes que me corrija, só por que nos vimos nus algumas vezes não quer dizer que já nos conheçamos.

– E o que sugere, senhor monotonia?

– Primeiro, que comamos algo – respondeu sem levar em conta meu escárnio – o que já pedi que fizessem, e logo trarão algumas coisas para comermos, e depois conversaremos.

Sério que ele não iria me querer hoje? Só podia ser pelo que eu tinha falado, eu não deveria ter contado! Isso o fez ter pena de mim, e agora, com certeza, vai me olhar como uma coitadinha.

– James, não sei como fazer isso.

– Nem eu – sorriu-me, apesar disso não acalmou minhas dúvidas – aprenderemos os dois.

– Começa você então – pedi.

– Sei lá, o que gostou em mim?

Sorri um pouco, e isso era bom. Sério que iriamos ficar com essas perguntas bobas juvenis? Tudo bem, eu pensei um pouco e respondi.

– Com um sorriso lindo desse; esse teu olhar azul que me deixa perdida; e essa voz gostosa, pode cantar até o hino nacional em meu ouvido que eu não deixo de gostar de nada em você.

James soltou a risada gostosa que eu tanto gostava, e olhou para mim com uma alegria convencida em seu rosto.

– Sério, é só isso que quer de um namorado?

– Já manei não dar nomes às coisas, acho que já foram três vezes – reclamei – sempre estraga tudo, e eu não quero estragar tudo.

– Então, ok – James recomeçou falar ainda com o mesmo sorriso no rosto – então continuaremos sendo essa espécie de alguma coisa sem nome, mas diz o que você quer de um namorado.

– Eu não quero que ele seja perfeito – comecei a responder – pode até ter um ou dois defeitos que eu não vou me importar, ele só tem que cuidar de mim quando eu não conseguir cuidar. Deve ter um brilho intenso nos olhos ao me olhar, e querer ficar comigo mais que qualquer outro – continuei – agora você, o que espera?

– Eu? Hum... – James se recostou na cadeira e cruzou a mão atrás da cabeça pensando por uns segundos e então começou a falar outra vez – Ela tem que ser uma loura natural doce como o paraíso e quente como o inferno – comentou olhando para mim e me fazendo corar – que ela nunca perca sua classe tentando ser sexy, por que ela inteira é sexy quando age com classe.

– E se um dia brigarmos, ainda achará sexy?

– Brigar? – sorriu um pouco – Com mulher não se briga, não se discute, mulher a gente pega de jeito, encosta na parede, beija na boca e lhe dá razão.

– É, ser um cavalheiro nunca sai de moda – ironizei.

Bateram à porta do quarto, eu nem tinha percebido o tempo passar, já era o serviço de quarto. Trouxeram uma caixa de pizza e mais duas sacolas cheias. James estava querendo me engordar, só pode. Deu uma gorjeta ao rapaz que nos entregou a comida e voltou para perto, para despejar o conteúdo das sacolas sobre a mesa.

– Isso é comida demais – reclamei – não comeremos tudo.

– Não sabia o que você gostava, então pedi que trouxessem um pouco de cada coisa – apontou as embalagens – tem pizza, hambúrgueres, ali tem saladas caesar, caso esteja de dieta, e aqui tem bolo e chocolate. Também tem isso – abriu uma lata de Coca-Cola – se quiser.

– Claro, quero sim – Era meu primeiro encontro oficial com James, e a gente estava comendo *fast food*. Tinha como ser mais legal que isso? Peguei uma fatia de pizza para comer com Coca-Cola. Comemos até eu não conseguir mais, James sorria da minha tentativa frustrada de não estragar comida. Depois que vimos que era impossível, guardamos as coisas de volta na embalagem.

– Já quer deitar? – perguntei sonolenta, mal tinha dormido no dia anterior.

– A pergunta é: você quer? – disseme enquanto colocava as comidas sobre o frigobar – eu estou com muito pouco sono.

– Quer me comer? – perguntei como quem pergunta sobre o tempo. Eu estava me sentindo insegura ainda, eu não queria me sentir assim. Precisava que ele fizesse algo comigo para me provar que ele pelo menos ainda me desejava. E ele iria embora à noite seguinte.

– Hoje, não – respondeu.

– Por quê? – lancei meus braços ao alto – já cansou de mim? Já enjoou?

– Não é nada disso – disse enquanto vinha para meu lado – apenas acho que já foram emoções demais hoje para você. E creio que precise de um tempo para coloca-las em ordem. Hoje você não precisa ser desejada, mas amada, cuidada.

– Até parece que é fácil estar no mesmo quarto que você e não querer nada.

– Por isso dormiremos em quartos separados.

James disse isso já indo em direção ao quarto que seria dele, por hoje. E eu fui frustrada para o outro quarto. Entrei no chuveiro para molhar o corpo, e demorei alguns tempos ali, sentindo a água correr por mim. Eu amava a sensação, como já disse antes, era quase um abraço.

Saí do banho e me sequei. James provavelmente já estaria dormindo. Eu tinha que pelo menos tentar uma última vez. Saí do quarto e andei até o quarto que era dele, apenas enrolada no lençol da cama, bati a porta, e como ele não respondeu, entrei. Pensava que ele estava no banho, mas me deparei com ele na cama, olhando diretamente para mim enquanto eu entrava em seu quarto. Ele parecia estar divertindo-se.

– Você não quer facilitar as coisas para mim mesmo, não é?

– Na verdade, eu só não quero dormir sozinha – respondi – não quero desperdiçar esta última noite, por favor – James estendeu a mão para que eu deitasse sobre o seu braço e eu desenrolei o lençol de mim me deitando sob as cobertas de sua cama.

Ele respirou pesadamente ao sentir-me abraçando-o, com meu corpo despido. Percebi que ele estava apenas sem camisa sob as cobertas. Ele abraçou-me gentilmente, e começou a fazer um leve carinho em minhas costas.

– Eu já te disse que te amo? – James me perguntou.

– Não faça isso, não me ame – briguei baixinho com ele pouco antes de dormir.

Água mole em pedra dura

– Vivian... – eu escutava uma voz me chamar baixinho. Eu sabia exatamente quem me chamava, mas relutei por abrir os olhos, assim eu não precisaria encarar esses dias por mais algum tempo. Não me mexi e nem sequer fiz menção de mostrar que estava ouvindo tudo. A voz grave e gentil continuou a falar comigo.

– Olha só para você, criança, uma bagunça em forma de gente – ouvi James se inclinando um pouco mais sobre o colchão do quarto, cujas molas rangeram baixinho sob seu peso – eu não poderia imaginar o quão mau eu estava sendo, mas eu irei me redimir, eu prometo – ele sussurrou baixinho e beijou meu rosto de leve – e em pensar que todo esse tempo eu não a julgava madura o suficiente, quando na verdade eu é que não conseguia perceber o quanto você foi obrigada a amadurecer tão cedo.

Continuei respirando devagar, fingindo que eu estava dormindo. A voz de James falando calmamente comigo logo pela manhã, era algo que eu conseguiria me acostumar. Eu conseguia sentir que ele analisava meu rosto, mas não sabia a que conclusões ele chegava.

Um longo período de silêncio se fez, e eu fiquei em dúvida, será que ele tinha dormido? Devagar abri os olhos, e lá estavam, os apaixonantes e contemplativos olhos azuis de James me encarando. Quando olhei para ele finalmente, foi como se o sol tivesse iluminado todo o quarto, ele parecia realmente contente em me ver ao seu lado pela manhã, pelo simples modo que

sorriu.

– Bom dia, desculpe acordá-la – falou baixinho.

– Não tem problema – falei – o que está fazendo aí? Parecendo um zumbi na madrugada? – perguntei cobrindo meus lábios com o lençol disfarçadamente, vai que eu estava com um bafo horroroso? Não está na hora de perder o encanto ainda.

– Na verdade nem dormi – reclamou um pouco – eu não consegui, apesar de tentar.

– Bem se vê – estendi a mão e toquei embaixo de seus olhos, no lugar exato onde uma sombra de cansaço parecia contrastar contra sua pele alva – que horas são?

– Talvez quatro da manhã, creio eu, ou perto disso.

– O que?! – sentei-me exasperada na cama – quer dizer que eu dormi

mesmo isso tudo? Se as coisas lá em casa já estão difíceis, imagina quando eu pedir que abram o portão às quatro da manhã! Considere-se viúvo antes do tempo.

– Eu acho que o melhor a fazer é dormir aqui, e irmos cedo para sua casa.

– Eu não posso, James – prendi o meu cabelo em um coque rápido no alto da cabeça – as coisas estão terríveis lá em casa, e eu preciso ir mesmo, ontem eu só vim para cá por que achei que faríamos sexo e depois eu iria embora, como sempre tem sido – baixei um pouco meu tom de voz que tinha se elevado – eu estou procurando loucamente um trabalho para isso, eu tenho que ir embora daquela casa, eu já vendi uma parte das coisas que ganhei do meu avô, eu conseguirei pagar um aluguel por dois meses, e viver independente, talvez abrir um brechó com minhas roupas. Mas por enquanto, eu preciso realmente obedecer às regras dos donos da casa.

– Você nunca me contou isso – ele também se sentou na cama, imitando meu movimento – eu poderia ter ajudado com isso há muito tempo, com uma indicação para trabalho, ou mesmo poderia emprestar algum dinheiro.

– É que eu estava tentando fazer as coisas sozinhas, e sem lutar de verdade, mas agora eu preciso mesmo. A vaga de emprego, eu aceito que você me indique, mas nenhum outro tipo de ajuda, que não seja gratuita. Eu não quero ter mais dívidas.

– Tudo resolvido então, eu irei indicar-te para um escritório de um amigo, não paga muito bem, mas pelo menos você irá conseguir se sustentar, e pagar um aluguel.

– Obrigada – era tudo que eu tinha a falar para resumir o quanto eu estava grata. Tempos desesperados pedem medidas desesperadas.

– E James, você está indo embora hoje – perguntei fazendo beicinho – tem certeza que não quer mesmo transar?

Ele ficou fingindo-se de pensativo por algum tempo, como se avaliasse a proposta, e olhando para meu corpo. A vontade que eu tinha era de dar na cabeça dele, como os homens das cavernas faziam, e obrigá-lo a deitar comigo. Mas esperei sua atitude. Retirei o lençol, que me envolvia, de sobre mim, e deitei na cama com os braços estendidos.

– Como eu poderia dizer que não hoje? – perguntou-me se dando por vencido – afinal, já é outro dia, e você está perigosamente sedutora – ele disse já sobre mim, enquanto me beijava.

– Para – reclamei – deixa primeiro eu me lavar, eu estava dormindo, devo estar com um bafo horrendo.

– Está – ele disse sem tirar os lábios do meu pescoço...

– Ah, seu ridículo – tentei tirá-lo de sobre mim, mas ele estava rindo, e eu também, logo eu estava sem forças – então não me beija.

– Mas eu não ligo – e ainda assim ele procurou meus lábios. Logo estávamos os dois nus, sobre os lençóis, perdidos no olhar um do outro enquanto nossos corpos se confundiam.

Antes que o dia raiasse, ele já tinha me deixado em casa, esperei até o momento que o jardineiro chegava e entrei junto com ele, assim eu não precisaria tocar o bendito interfone. Quando entrei em meu quarto, eu tinha perdido totalmente o sono. E logo seria hora de ir para a faculdade.

“Vamos dar uma chance um ao outro, será difícil, por que eu não moro aqui, mas virei sempre que eu conseguir, e se eu não vier, darei um jeito”, foi o que James me falou no carro pouco antes de chegarmos à minha casa. Eu precisei respirar fundo, talvez para oxigenar meu cérebro chocado, e perguntei sobre o que ele tinha acabado de falar. “Seremos uma espécie de namorados” ele falou sorrindo daquele jeito que me derretia por dentro.

Então era isso, eu oficialmente estava namorando, e mais ainda, à distância.

Ou melhor, estava numa espécie de namoro à distância. Aguardava ansiosamente o momento de Emily me buscar para contar a novidade, e devo dizer, talvez tenham sido as horas mais longas da minha vida. Mas finalmente ela chegou.

– Que tal me dar os parabéns? – comecei a falar assim que entrei no carro.

– Meus parabéns! Eu não sei como foi que você fez, mas continue fazendo. Ou melhor, eu sei como você fez, mas nem quero pensar nisso.

– Larga mão de ser boba – repliquei – estou muito feliz, nem imaginas o quanto.

– Imagino sim, e estou feliz também.

– Quais os planos para o dia? – perguntei animada.

– Hum, entrevistar a tal diarista, depois fazer compras e eu tenho algumas ligações para fazer. Nada demais.

– Nada de aula hoje, tem como esse dia melhorar ainda mais? – sorri-lhe realmente feliz.

– Na verdade, não sei se é melhorar para você – ela pigarreou – mas daqui a pouco eu irei levar James ao aeroporto, não sei se gostará de ir comigo.

– Ele prometeu vir sempre que puder – respondi com um sorriso alegre e triste ao mesmo tempo – isso me basta por enquanto.

Eu nunca achei que sentiria o que é ver alguém que você realmente gosta partindo. Quando James embarcou naquele avião, foi como se uma metade da minha alma tivesse ido com ele, e eu ficaria incompleta até ele voltar. Nicholas me ajudou com palavras gentis, e Emily era tudo que eu precisava de uma amiga nesse momento. Tratou de encher minha tarde de tarefas, assim eu não passaria muito tempo pensando sobre isso.

No final da tarde, percebi que Emily estava usando demais o telefone, e isso era diferente do comportamento que ela tinha. Tomei o celular da mão dela enquanto ela falava com alguém apenas para ouvir que era um marceneiro.

– Ah, pensei que era algum segredo sórdido – comentei.

– Bom... é, sórdido não... hum

– Vai, desembucha – virei para ela – o que está escondendo de mim?

– Ah, eu nunca vou conseguir ser boa em esconder nada de você, não é mesmo?

– Vai ter que aprender muitos truques ainda, cara-pálida.

– Nicholas está reformando a casa de hóspedes da propriedade, para você e James terem um lugar para ficar, quando estiverem aqui, e para você morar perto de mim, enquanto ele não está.

– Como é? – perguntei ao mesmo tempo curiosa e chocada.

– Bom, James contou para Nicholas sobre o apartamento que você quer alugar, e ele ofereceu a residência para vocês dois. Na verdade mais para você, já que James vai ficar em Yellowstone Hill, acho que ele está te dando o local.

– Como assim? Me dando uma casa?

– É, foi o que ele disse – ela continuou falando – mas não se surpreenda, Nicholas é perfeito demais até para ser acreditável – sorriu convencida – Também temos uma entrevista hoje à tarde – disse – espera só eu confirmar o horário, aqui...

Tossiu um pouco, engasgando-se com algo. E eu bati um pouco em suas costas. Emily se recuperou e me forçou a assistir os últimos dois horários de aula, que eu julgava que não daria tempo. Resumo do dia: uma casa, um estágio, um namorado, uma melhor amiga engasgando-se com um inseto. É, acho que esse dia foi estranhamente corrido, e bom, para mim.

Adeus finalmente

Como me foi prometido, e cumprido. A casa que eu moraria, junto a James, estava totalmente reformada, pronta para ser mobiliada, na sexta-feira. E na residência Driscoll, eu me despedia das paredes que me cercaram desde a infância. Era triste, mas também era uma felicidade sair de casa. Quase impossível que estes dois extremos casassem tão bem para qualquer pessoa, como casavam para mim agora. Eu não levaria nenhum móvel, afinal, nem que eu dormisse num colchão no chão, mas se eu me sentisse mais num “lar” do que eu me sentiria agora, acho que seria mais confortável que o melhor lençol egípcio de oitenta fios.

Peguei meu celular, para mandar mais algumas mensagens para James pelo aplicativo de texto. Era assim que estávamos nos falando. Toda noite, desde que ele se foi para casa, o que parecia uma eternidade, ele me mandava mensagens ou e-mails, e eu já perdi a conta de quantos minutos de ligação ele gastou comigo. Mas logo, isso tudo acabaria. Logo ele estaria perto, e eu o esmagaria com meus abraços de uma forma que eu o deixasse quase sem respirar.

Um carro buzinou à entrada da propriedade e eu recebi uma nova mensagem.

“Chegamos, você tem que autorizar que abram o portão – Emily”.

Como foi pedido, liguei para o segurança da guarita, e ele abriu o portão. Desci as escadas para abrir a porta, e encontrei um Nicholas e uma Emily sorridentes, encostados à uma caminhonete quatro portas, com carroceria, pronta para se encher com minha mudança.

– Oi! – Emily se aproximou de mim – está tudo pronto lá, só falta você.

– Eu já estou indo, preciso de ajuda com as caixas.

– Eu posso ajudar se quiseres – Nicholas se ofereceu.

Eu sabia que resultaria em problema levar um homem para dentro do meu quarto, ainda que fosse namorado da minha melhor amiga, e que fosse como um irmão para mim. Então neguei, explicando que se tratava apenas de caixas de roupas, sem necessidade de ajuda com coisas mais pesadas. Ele pareceu entender.

Entramos na casa, e eu mal coloquei o pé no primeiro degrau da escada e Elizabeth apareceu perto de mim. Também pude ver Alexei, meu pai, andando em direção à porta. Ele provavelmente tinha ido ver quem era que estava me aguardando, e pelo pouco que eu pude perceber no rosto raivoso dele, haveria discussão entre ele e Nicholas.

– O que essa menina está fazendo dentro dessa casa? – Elizabeth perguntou num tom de desdém, com um olhar frio no rosto e um toque frio na voz.

– Ela me ajudará com minhas caixas, eu estou partindo, como a senhora pediu. Eu tenho um lugar para morar, e uma pessoa muito boa – corrigi-me – na verdade, pessoas muito boas, estão me ajudando.

– Então era isso que você queria para a sua vida?

– Isso? – perguntei confusa – o que?

– Viver amasiada? Sair de casa para se colocar como uma mulher qualquer na casa de um homem?

– Escuta, mãe – a interrompi – eu não estou indo para a casa de um homem viver como “uma qualquer”, eu estou indo viver com o meu namorado – não fiz questão de explicar que não seria a maior parte do tempo – e foi a senhora mesma quem pediu que eu saísse, não estou entendendo o porquê de sua intervenção.

– Você foi criada para muito mais que isso, Vivian, você foi criada para ser como eu.

– E que bom que eu não aprendi isso, não é? – ignorei as suas tréplicas e subi as escadas, puxando Emily pela mão, eu não queria que ela presenciasse mais da arrogância de Elizabeth.

Apanhamos as primeiras caixas, Emily conseguiu carregar algumas, e eu também carreguei uma, enquanto arrastava duas malas. Deixamo-las no carro, e eu pude perceber que, tanto Elizabeth quanto meu pai, estavam observando Nicholas de alto a baixo, julgando que era ele o meu namorado. Algo que ele não pareceu se importar (Eu tinha que aprender a ser calma com ele) e não dava sinal de estar irritado ou algo do tipo.

– Só faltam mais três caixas – Emily informou a ele, e voltamos para a frente da casa, carregamos duas, e depois eu voltei só para pegar a última. Uma caixa com algumas lembranças da minha infância, que a depender de hoje, seria guardada ou queimada.

– Pai e mãe – olhei para os dois, esperando que de alguma forma eu conseguisse me comunicar com a parte paternal deles que eu havia perdido, eu só precisava de uma despedida digna, não precisava chorar, nem me abraçar, nem nada parecido, apenas um olhar de condolências, seria o suficiente – eu estou indo, eu quero muito agradecer a vocês por tudo que fizeram, por ter me educado, por ter me dado tudo o que uma moça pode sonhar em ter, por terem

me ajudado a ser quem sou, enfim por tudo – calei-me quando vi que não adiantaria. Minha mãe continuava a mesma boneca de porcelana, fria e cara, para uma criança pobre como eu, e o meu pai, com o braço pendurado ao seu, não era mais nem a sombra do grande homem que eu achei que era.

– Não se despeça, é obvio que quando se arrepender disto tudo irá voltar para casa, e nós teremos que limpar toda a sujeira de novo.

– De modo algum – Alexei interrompeu-a – a partir deste instante não é mais minha filha, pode sair e fazer com a própria vida o que quiser, não será mais bem vinda nesta casa.

Como se atingida por um soco no estomago, dei dois passos para trás ao ouvir estas palavras; era óbvio que eu seria taxada por todos, mas imaginava que algum dia eles viriam a me perdoar por simplesmente ser eu. Era uma mentira, talvez minha vida toda tenha sido uma mentira.

Emily, como uma luz quente dissipando densas e escuras trevas, surgiu ao meu lado, defendendo-me.

– Eu espero sinceramente que os senhores repensem a sua decisão, ela não está desistindo de vocês, está apenas dando um passo na vida, escolhendo algo

que será bom para si. E espera contar com o apoio de vocês, indubitavelmente.

– E eu espero sinceramente que ela não precise – meu pai disse tomando a mãe em um abraço e indo para dentro da enorme casa.

E eu pude por um segundo observar como a realidade era. O rei e a rainha de gelo, afastaram sua única filha, deram-lhe as costas, e negaram-lhe apoio, apesar de todos os pesadelos por ela já vividos. E entraram outra vez no seu castelo, de diamantes e mentiras, trancando a porta após si. Eu finalmente tinha descoberto que a solidão de fora do “castelo” não era tão ruim, por que os verdadeiros monstros, aqueles que causavam os maiores pesadelos, viviam do lado de dentro daquelas portas.

– Vamos, nós já demoramos tempo demais aqui – disse recuperando meu estado de ânimo, não valeria a pena ficar aqui a espera de uma resposta – e eu achando que no último momento eles teriam algum gesto de humanidade.

– Eu queria que eles tivessem dado isso para você – Emily me disse, e eu percebi que havia umas lágrimas salientes querendo brotar de cada um de seus olhos.

– Não se preocupa babe – consolei-a – você me defendeu na melhor parte

da noite, fiquei chocada e descobri que sim, alguém me ama.

– Se ainda quiserem surpreender James, temos que nos apressar, falta pouco para que ele chegue – Nicholas buzinou no carro e gritou para a gente.

Entrei no carro, espremendo-me no banco de trás da caminhonete, e os dois foram nos bancos da frente. Havia um vazio quase insignificante dentro de mim, mas ainda havia. A estrada para a pequena casa nunca me pareceu mais estranhamente familiar do que hoje. Eu provavelmente não seria mais uma Driscoll, para meus pais. A partir de hoje eu estava destinada a ser da mesma classe média laboriosa de James. Eu precisaria trabalhar para viver, cortar alguns luxos, comprar roupas mais baratas, mas isso só enquanto eu estivesse estudando aqui, em East Valley, por que quando eu me formasse, aí sim, eu conseguiria minhas coisas com minhas próprias mãos. E seria como ganhar brinquedos no natal outra vez.

Quando chegamos em sua casa, Nicholas desceu e deu a volta ao carro para começar a descarregar as caixas de Vivian, e leva-las para dentro, Vivian e eu fazíamos o mesmo percurso com as que estavam mais leves.

Descarregamos as caixas quando chegamos à frente da casita onde eu iria viver, e Nicholas começou a montar alguns pequenos móveis que ele mesmo tinha me presenteado. Apesar do jeito relativamente simples, só hoje à tarde, quando associei o sobrenome dele a algo que eu tinha lido há algum tempo, foi que percebi, a família Theodoridis, da qual Nicholas fazia parte, era uma das

mais ricas da região da Itália. Emily provavelmente não sabia disso, e Nicholas não fazia questão de mencionar.

– Você sabe que o espaço na outra casa sempre vai estar aberto para vocês – Emily falou, interrompendo meus pensamentos enquanto eu dobrava algumas roupas que tirava das caixas e as guardava no armário.

– Eu sei, eu achei que a casa seria menor, mas olha para isso – apontei o local – é muito maior do que qualquer apartamento que eu poderia pagar com o meu salário atual.

– Sim, mas quando você quiser, a qualquer momento, você pode ir ficar comigo.

– Claro que eu vou! Eu, com certeza, vou atrapalhar alguns planos de vocês à noite.

– Não é para tanto – ela cortou meu barato, e sorrimos juntas.

Olhei para Nicholas batendo alguns pregos na parede de madeira da casa, e pendurando os quadros, com sua simplicidade e calma, e depois para Emily com sua inocência cativante, o que mais eu poderia pedir, eu tinha os melhores amigos do mundo inteiro.

– É sério! Vocês dois combinam – comentei – eu nunca encontrei duas pessoas mais legais e perfeitas que vocês dois.

Emily olhou para ele com um olhar extremamente devotado.

– Vocês dois são tão lindos, quando olho para vocês dois juntos eu penso, eu quero ser como esses dois quando eu crescer – brinquei – vocês se parecem com duas estátuas gregas, chega a doer olhar para vocês – Emily corou sob as densas pestanas.

– Venham para cá, a gente tem caixas pra jogar fora – Nicholas carregou-a pela cintura e a jogou nos ombros, causando um ataque de novos gritinhos histéricos femininos, como no dia da piscina, e eu tentava, de algum modo, salvá-la dali.

Idas e vindas

Meu coração batia descompassadamente em meu peito, eu bem sabia que a hora de James chegar se aproximava. Os passageiros passando de um lado e outro, por mim, confirmavam. Finalmente ele chegaria. O que eu mais queria era poder envolvê-lo num abraço que perduraria tempo suficiente para preencher o vazio que parecia crescer em mim.

Estar ao lado de Emily e Nicholas, em coisas triviais do dia a dia, era ao mesmo tempo bom e mau. Bom, por que nunca, em toda existência, eu encontrei amizade mais leal que a deles, e mau, por que o carinho de um pelo outro era sempre um lembrete das coisas que a distância sempre me negaria. Não, não era inveja, mas cara, isso dói.

Deve existir alguma coisa de bela na imagem de uma mulher que espera o ser amado, é como se toda ela se envolvesse num só mistério, o coração, como disse antes, batendo descompassado, mil e um suspiros que ligeiros escapam de lábios sedentos de beijos, e centenas de pensamentos saudosos que a revestem como um véu.

Emily veio para meu lado e segurou na minha mão, solidária, sorrindo ao perceber o quanto minha mão estava gelada, e talvez, até o quanto eu estava insegura. Eu tinha até um balão de gás cor-de-rosa para que ele pudesse me notar mais facilmente ali no meio de todo o mundo e a distância, que pareciam querer me afastar.

Finalmente ele surge no meio da multidão, imponente, belo, com o cabelo sempre penteado à escovinha, os olhos vagando por entre as pessoas, me procurando? Corri por entre as pessoas, chamei seu nome, e ele, ouvindo meu chamado, olhou em minha direção.

– James! – chamei-o, e corri para seus braços, enlacei-me em sua cintura, e abracei-o apertado, doído mesmo, como se daquilo dependesse minha vida.

Ele andou comigo assim mesmo, enrolada na cintura dele como se eu fosse um bichinho, e foi na direção de onde tinha visto Emily e Nicholas acenando, ela rindo de mim mais que acenando, mas estava perdoada. Afinal, tinha-me feito conhecer o irmão dela.

– Emily, minha linda – James cumprimentou a irmã depois de me colocar cuidadosamente no chão e virando-se para o companheiro da irmã, estendeu a mão – Nicholas, como vai amigo?

– Bem, obrigado – Nicholas respondeu-lhe, e eu me aproximei de Emily, tocando-lhe a mão de leve, mostrando para ela, com apenas isso, que finalmente os dois tinham se entendido.

Pegamos o carro, James parecia exausto, mas conseguiu ficar ainda algum

tempo acordado conversando conosco. Jantamos uma quiche que Emily me ensinou a cozinhar mais cedo, depois, finalmente, eles nos deixaram a sós.

James aproximou-se de mim finalmente, tomando meu corpo e meu beijo, com o seu toque peculiar. Reivindicando tudo o que tinha em mim e que era seu.

– Senti sua falta – sussurrou para mim pouco antes de começar a retirar minha roupa com pressa – senti falta de você inteira. E com a mesma sede de um ébrio que desponta perante o vinho, arrastou-me outra vez para a cadeia prazerosa que era estar entre seus braços. Primeiro arrancando minhas roupas, depois arrancando de mim os suspiros que já eram dele.

Quando o sol nasceu outra vez sobre a cidade de East Valley, e a onda de frio que a assolara já tinha se dissipado, a luz dele envolveu, quase magicamente, os lençóis onde nossos corpos nus ainda se enlaçavam.

– Eu posso facilmente me acostumar com isso – sussurrou mostrando para mim que estava acordado.

– Com o que? Com carinho? – sorri-lhe.

– Sim... – aconchegou-se mais um pouco a mim, apertando minha cintura com seu braço forte, ele abriu os olhos me encarando. Havia muita coisa ali, muitas mesmo, mas era incrível como atrás de cada uma delas eu conseguia facilmente ler uma – amor – eu não quis acreditar por algum tempo, na verdade eu nem sei se conseguirei me entender com essa sensação estranha que é ser amada, mas era uma realidade chocante, James me amava, e eu não queria em tempo algum, mudar isso. Eu também o amava, mesmo quebrada, partida, eu o amava. Ele poderia ajudar-me a me consertar, quem sabe?

Levantei-me, apesar da imensa vontade de continuar alisando o rosto másculo de James, e caminhei para o banheiro.

– Quero ir também! – exclamou baixinho.

– Fica aí, eu sei que se você vier para cá, não resultará em algo que preste – sorri-lhe – preciso de um tempo, e sozinha, já volto para cama.

No banho, eu sorria e corava timidamente, enquanto a água corria por cada uma das marcas da noite anterior, fazendo-me rememorar cada uma das suas nuances. Quando voltei para o quarto, James tinha voltado a dormir, e eu não quis acordá-lo, afinal, ele mal tinha descansado da viagem.

Vestime e coloquei o suco de uma caixinha numa jarra de vidro, assim parecia pelo menos que eu tive algum trabalho, e abri um pacote de pão de queijo congelado, e coloquei no forno. É, eu estava até me saindo bem, nem consigo imaginar o que aconteceria caso Emily não tivesse me ensinado a ligá-lo ontem. Eu já tinha tomado meu café quando a ouço batendo a porta. Acenei para que ela entrasse, e ela apenas correu para mim me abraçando e dando-me um beijo.

– Que felicidade! – perguntei – a que devemos isso?

– Não sei – Emily me sorriu – o que um brilhante no anular significa?

– Oh, meu Deus! O que? Você está querendo dizer o que acho que está querendo dizer?

– Isso aqui?! – perguntou e estendeu a mão para mim, vi o anel reluzindo em seu dedo, um anel de noivado de ouro branco, com um solitário de brilhante perfeitamente lapidado ao centro.

– É lindo! Emily, você está noiva, Oh, Deus! – cumprimentei-a.

– As duas papagaiando cedo hoje hein – James disse surgindo lindo e semivestido na sala de estar/jantar.

– James, olha! – Emily correu a mostrar-lhe o seu novo anel.

– O filho da mãe cumpriu mesmo – ele falou e sorriu.

– Como assim? – perguntou, e eu também fiquei curiosa.

– Ele disse que iria pedir a sua mão em casamento antes de eu pedir a de Vivian – quando ele viu a confusão no rosto de Vivian, e também no meu, explicou – Digamos que nós dois escolhemos juntos as pedras.

– Que pedras? – perguntei me aproximando.

– A da Emily – ele disse apontando para Emily, enfiou a mão no bolso, e retirou do bolso outro anel ergueu para que nós duas víssemos – e essa aqui.

– E o que significa isso? – perguntei com o meu coração outra vez acelerando, eu acho até que eu fiquei tonta por um segundo. Não podia ser!

James ergueu o dedo indicador, com um típico gesto de chamamento, sorrindo. E eu andei até ele em piloto automático, James ainda sorrindo colocou o anel em meu dedo anular. Olhei para a joia ali, parecia estranha, e ao mesmo tempo estranhamente minha. Olhei para seu rosto, os olhos azuis dele pareciam gloriosos esta manhã, ele realmente estava feliz.

– Isso significa – James disse – que somos uma espécie de noivos agora.

– Oh, Babe! – saltei em seu pescoço, beijando-o e envolvendo-o outra vez num abraço que eu queria que durasse a eternidade. Era cedo, era, mas ao mesmo tempo era tão certo, que o tempo parecia irrelevante – seremos a melhor espécie de noivos que existe! Sem ofensas Emily.

Aproximei-me de Emily, mostrei-lhe o anel, eles combinavam, eram perfeitos.

– O que acha? – perguntei com uma pontada de orgulho.

– Acho que são lindos – respondeu-me.

– É só isso que você acha? – fiquei quase indignada.

– Como assim?

– Eu acho que temos um monte de trabalho pela frente.

Pensei na enorme lista de coisas que ainda teríamos que fazer, convites, vestidos, buffet, entre tantos outros, e no enorme trabalho que daria.

Primeiros novos passos

– Aqui estamos – Emily estacionou em frente ao prédio onde seriamos entrevistadas. Tudo caminhava bem, pouco antes de James voltar para a outra casa dele, ele me disse que tudo estava garantido, e que não era para nos preocuparmos, já que o amigo dele confirmou nossa vaga. Saí do carro, estavamos arrumadas demais para a ocasião? Não dava para saber, só quando entrassemos, apesar de eu achar que iriamos derreter sob nossos terninhos.

– Em que posso ajuda-las? – a recepcionista perguntou assim que entramos.

– Sou Emily Carter, e esta é minha amiga Vivian Driscoll, nós viemos por recomendação de James Carter.

– Sejam bem vindas, sigam-me, por favor – andou à nossa frente, e mostrou-nos uma sala onde deveríamos aguardar.

– Tenha um bom dia, obrigada – agradeci após Emily.

Sentamo-nos numa das cadeiras da sala onde esperávamos, e Emily, antes de mim, notou que tínhamos companhia.

– Trevor? Também vai começar a trabalhar aqui? – Ela o cumprimentou com um sorriso. Quando ele olhou para nós, havia raiva contida em seu olhar, e eu não confiava nele, não depois do quanto ele me fez – Olá! Como estão? – ele deu um abraço em Emily, e sorriu, mas percebia-se a frieza sob seu sorriso. Apesar de estar abraçando-a com um sorriso que parecia legitimo, a mim, ele não enganava, eu via o quanto era falsidade. Ele tentou abraçar-me, mas eu me afastei.

– O que está fazendo aqui?

– Vim buscar uma papelada – respondeu a Emily.

– Você trabalha? É o Office boy deles?

– Não, na verdade eu fui meio que demitido semana passada, eu passei aqui hoje para buscar o meu pagamento – ele respondeu gaguejando. Eu preservei meu silencio, odiava-lhe tanto.

– Lamento Trevor, eu sei que logo arranjará outro trabalho – Emily consolou-o.

A pessoa que eu julgava que seria a mesma a nos entrevistar o chamou, e eu fiquei sentada na sala de espera com Emily outra vez. Eu tinha que contar-lhe tudo, antes que houvesse mais intimidade, e ela fosse enrolada como eu, outra vez.

– Eu não gosto dele – disse finalmente, baixo, e cheia de raiva.

– Oi?

– Eu não gosto do Trevor, nem acredito que pude ficar com ele.

– Como assim? Do que está falando? – perguntou.

– Ele me dá nojo – falei com escárnio e repugnância – Eu não fiquei mais com ele, não só pelo fato de ele ter ficado com nós duas naquela época.

– E então?

– Na verdade – contei baixinho – houve uma noite, há algum tempo, em que eu perdi uma grande amiga, eu a culpei, eu não achei nada demais culpar alguém que eu achava que era culpada, quando na verdade deveria ter culpado a ele. Eu fui furtada num hotel, a única coisa que eu lembro é que não tinha dinheiro na minha bolsa, e meus cartões de credito tinham sumido, nem meu remédio de dor de cabeça estava ali, e eu estava precisando mesmo! Acredita que eu tive que dar meu sapato da Prada pra poder sair dali?

– Vivian, por que nunca me contou isso?

– O que eu diria? Que você estava certa? Eu tinha um orgulho bobo àquela época.

– O que você acha que aconteceu?

– Essa é a pior parte eu sei que ele me roubou – a dúvida era a pior parte – mas não tenho como provar nada, simplesmente nada do que aconteceu.

– Você foi à polícia?

– Claro que sim, mas o que eu iria dizer? Meus pais iriam me matar se eu desse um escândalo, eu apenas registrei o fato como furto.

– Vivian... Eu nem sei o que dizer...

– Só prometa que terá cuidado com ele, por favor. Não tente ser boa, não o deixe te enganar, não goste dele.

– Prometo, e não se preocupe, não sinto nada por ele – continuou falando não como um pedido, mas uma ordem – Você tem que prometer uma coisa a mim.

– O que? – Vivian perguntou.

– Você já saiu de casa, não tem mais que se preocupar com a recriminação dos seus pais, isso significa que você tem que contar toda a verdade sobre o que aconteceu nesse dia para a polícia.

– Mas... Eu não sei... – agora não era mais aos meus pais que eu temia, mas a reação dele.

– Apenas prometa-me! Leve o tempo que precisar, apenas faça; ok?

– Ok, eu prometo.

Não passaram muito tempo dentro da sala, logo a mesma senhora que o entrevistou chamou-me, e eu, nervosa como estava, entrei temerosa que algo desse errado. Emily nem percebeu minha confusão. Sorri-lhe para passar-lhe força, e entrei na sala onde fui entrevistada.

– Agora vamos chamar sua amiga – a senhora, que só agora eu sabia que se chamava Miranda, abriu a porta e a chamou. Agora sim eu sorria, e quase comemorando, deixei que Emily fosse pelo caminho de onde eu acabara de sair.

Fomos levadas ao nosso posto de trabalho, sim, começamos imediatamente, bem como James havia dito. Fui encarregada como estagiária do Sr. Lafontana. Um Especialista em licitações de meia idade, não havia risco para mim, ele era homossexual.

No primeiro dia apenas fomos orientadas sobre as funções do cargo, que incluía como sempre aquela velha rotina de que o estagiário sempre pega o café para o chefe. Foi assim que encontrei Emily duas vezes no caminho até a Starbucks, loja de café, no outro lado da rua.

O salário não era tão alto, mas era digno, pelo menos isso. O tempo passava rápido dentro das paredes do moderno escritório, e o Sr. Lafontana, me ensinou uma boa parte dos tramites dos processos licitatórios, e realmente me interessei pela área. Outras vezes, ele apenas me pedia para fazer o trabalho chato que ele não queria, sem problemas, sou paga para isso.

Foi numa dessas saídas, do trabalho para casa, que resolvemos fazer algo que devíamos estar planejando há algum tempo, mas que estávamos protelando. Dar início a organização de uma festa de casamento, deveria ser pequena. Eu não tinha convidados para uma festa grande, nem Emily, pelo menos não na cidade. Meus pais não viriam, na verdade nesses dois meses que já se passaram, eles sequer me enviaram uma mensagem de texto.

– Aqui! – disse enquanto parávamos em frente a uma pequena loja.

– Aqui?

– Sim, vamos entrar – puxei-a pelo braço, entusiasmada.

Bride's Dress era uma loja pequena, e como o próprio nome diz, era uma loja de vestidos de noiva. Um olhar mais cuidadoso veria que cada um dos vestidos alí era único, ainda que tivéssemos a sensação de estarmos emersas em um mar de rendas e babados que quase formavam uma espessa nuvem de organza clara; cada um dos vestidos tinha um detalhe que os diferenciava dos demais.

– Boa noite. Posso ajudá-las? – a atendente veio nos atender, com um sorriso educado no rosto, depois de nos ver “babando os vestidos”.

– Boa noite! – Emily a cumprimentou.

– Queremos ver os vestidos mais lindos que vocês tiverem – disse e a fiz sorrir.

– Claro, venha por aqui, eu tenho um que eu posso dizer que é perfeito para você.

A vendedora me mostrou um vestido que estava pendurado num dos cabides, havia no vestido de cor perolada, pontos espaçados de cristais, rodopiei o vestido medindo-o em mim e chamei por Emily, apenas para vê-la despencando, com a testa de encontro ao chão.

1+1=2

– Nicholas, fica calmo – eu pedi – a Emily passou mal, estamos numa loja de noivas próxima do centro.

– Qual o endereço? – perguntou – eu estou indo agora.

Assim que eu passei para ele o endereço ele desligou, eu devia ligar para uma ambulância também, por precaução. A ambulância foi rápida, e Nicholas também, ele conseguiu chegar um pouco antes dela chegar. Emily permanecia deitada no chão, parecia dormir, mas a respiração calma demais comprovava o desmaio.

– O que aconteceu? – Nicholas perguntou – ela está bem?

Os paramédicos não lhe davam atenção, antes cuidavam dela. Eu estava assustada, nunca tinha visto alguém perder tanta cor do rosto como dessa vez, Emily devia estar com problemas, talvez a pressão? Estresse? Alguma coisa estava acontecendo com minha amiga.

Finalmente Nicholas veio em minha direção, me segurou o braço e me tirou do meu transe, me arrastando até o carro dele, sem falar palavra alguma, e seguimos a ambulância. O rosto de Nicholas estava tenso, ele não só parecia preocupado, ele mostrava isso. Eu não sei que ideias absurdas passavam pela cabeça dele, mas todas elas causavam uma ruga de preocupação nele.

Quando chegamos ao pronto-atendimento, Nicholas foi com ela para o atendimento. Fiquei ocupando meu tempo pensando entre ligar ou não para James, a noite passou, Nicholas sugeriu que eu fosse para casa, mas eu não queria ficar só, não queria ficar longe da minha amiga.

Acordei com uma enfermeira me chamando para ir até ela, que ela já estava bem. Dormi demais num sofá na sala de espera, meu corpo doía inteiro como se eu tivesse sido esmagada por um rolo compressor, e meu pescoço estava mais duro que o bife que eu tentava cozinhar, mas pelo menos Emily estava bem, e isso importava demais.

Segui-a pelo corredor até o quarto onde ela estaria. Meu cabelo provavelmente estava uma festa e minha cara toda amassada, mas encarei o casal perfeito assim mesmo.

– Oi... – eu disse espiando para dentro do quarto.

– Olá, Vivian – Nicholas se mexeu rápido, e eu não entendi bem o motivo.

– Vivian, veja só, eu tô vivíssima – Emily falou sorrindo, e meu peito aliviou um pouco ao vê-la bem. Aproximei-me dela e dei-lhe um beijo na testa, enquanto Nicholas nos observava. Eles pareciam estranhos, como se escondessem alguma coisa.

– E então, o que aconteceu contigo? – enchi-a de perguntas – Estava sem comer outra vez né? – Misturei as perguntas com uma bronca – Do que adianta saber cozinhar se não come quase nunca? Olha só, toda esquelética.

Então os dois começaram a sorrir, "como assim?" me perguntava "eles não veem que eu estou em nervos?".

– Agora respira! – Emily sugeriu calmamente – Isso, muito bem...

– Me fala alguma coisa – ordenei a ela, e virando para Nicholas com um dedo inquisidor mandei – e você também seu cumplice.

– Melhor a Emily contar – Nicholas disse sorrindo.

– Babe, me fala antes que eu passe mal aqui – falei sem ordenar nada dessa vez, apenas aguardando.

Emily se arrumou sobre a cama, com dificuldade, por um momento, olhou para mim ainda com um ar divertido, e eu fiquei aguardando ela parar de sorrir de mim para falar tranquilamente.

– Bem, você não é minha irmã de sangue, mas para mim é mais que isso, é de coração. Quanto por cento você está preparada para...

– Para o que meu Deus? – reclamei tentando apressá-la.

– Para ser titia?

A mensagem levou bem mais segundos do que o normal, para ser processada. Culpei minha noite de sono mal dormida. Quando as letras começaram a se organizar na minha mente, e fazer algum sentido, arregalei os

olhos, e olhei para a mão dela que repousava tranquila sobre o ventre. "Um bebê?!" me perguntava e exclamava ao mesmo tempo.

— Não acredito! Não acredito! – fiquei repetindo igual um relógio velho com os ponteiros quebrados repete sempre o mesmo minuto – Como assim? Mas, como assim?

– Acho que você sabe bem como foi, Vivian – Nicholas comentou sarcástico.

– Claro que eu sei – eu disse – mas, oh! Meu Deus! – parei repentinamente no meio do pensamento, outro vindo mais forte. Em pouco tempo Emily ostentaria um barrigão, e não conseguiria sequer ficar de pé muito tempo sem que os tornozelos inchassem, pelo menos foi o que aprendi nos livros do colegial. Como ela iria casar? Teríamos que apressar as coisas.

– O que? – Nicholas perguntou.

– Vocês tem que casar antes de a barriguinha aparecer.

– Ela tem razão – disse Nicholas dando de ombro – se fosse por mim teríamos casado há tempos.

– É verdade, nossa, eu tenho tanta coisa a fazer... – Emily disse, notando finalmente que teríamos que realizar um casamento às pressas. Ela e eu atrasamos a organização do casamento por algum tempo, empurrando com a barriga por bem mais que dois meses, e agora tudo seria uma corrida contra o tempo.

– Podemos contratar uma equipe – disse Nicholas querendo ajudar – assim você não fica tão preocupada sobre isso – passou a mão no rosto da futura esposa, tentando agradá-la.

– Meu amor, eu não vou fazer um grande evento – ela disse – eu sei que você provavelmente iria adorar fazer uma festa enorme, pra trezentos convidados, mas eu gostaria de algo mais intimo – falou olhando para cada um de nós – você e eu, Vivian e James como padrinhos, os meninos quem sabe – referiu-se a Eric e Matheo – e suas respectivas acompanhantes.

– Emily, eu me caso até em Las Vegas escondido com você – ele disse.

– Com licença – disse o doutor entrando no quarto e novo – apenas vim

informar que a senhorita Carter já está de alta, os exames dela foram marcados, a enfermeira vai dar para vocês as datas das consultas na saída.

– Obrigada – ela agradeceu.

– Por nada – ele falou acenando para mim e chamou Nicholas para conversar sobre a medicação dela.

– Está com medo? – eu perguntei baixinho, me aproximando mais dela e sentando num banco que tinha ao lado da cama do hospital – sei lá, isso é tão estranho, pensar que tem uma pessoa dentro de você.

– Eu estou feliz – ela disse – muito mesmo.

Não passou muito tempo e saímos dali. Nicholas estava com olheiras sob os olhos mas permanecia incansável ao lado de Emily, como se só quando ela estivesse em casa em paz, ele pudesse finalmente descansar. Perguntei-me o que aconteceria comigo se fosse o contrário, se fosse eu quem ficasse acamada num hospital, se James estaria ao meu lado dessa forma, a resposta não era agradável. James morava em outra cidade, parecia mais interessado em sua carreira do que em nosso relacionamento, centrado em si mais do que em nós. Eu sei que ele fazia de tudo para vir para esta cidade sempre que podia, mas ainda não era o

suficiente. Se num dia eu desmaiasse e batesse a cabeça naquela casa sozinha, eu ficaria alí mesmo até Emily, provavelmente, me achar.

O carro deslizava pelas estradas da rodovia principal, a velocidade era suficientemente boa para que Emily não enjoasse, numa das curvas hábeis que Nicholas fez, vimos numa esquina Trevor, conversando com algumas pessoas mal-encaradas, e eu conhecia uma delas de algum lugar, tentei trazer da memória de onde aquele sujeito cheio de tatuagens me era familiar. "13" o número saltou à minha mente, era o cara que ele me apresentou há não sei quanto tempo atrás. Eu percebi, quando Trevor foi empurrado com força, que era uma séria discussão.

– O que Trevor estará fazendo ali? – Emily me perguntou do banco da frente – você sabe?

– Não faço ideia – a respondi, como raios eu iria saber? – eu pensei que você não tivesse visto ele.

– Eu o vi bem rapidamente, mas o reconheci.

Nicholas pigarreou no volante, ele não estava gostando da direção que a conversa estava tomando, então isso foi um sinal para pararmos. Sinal que Emily

não entendeu.

– Será que ele está bem? – perguntei.

– Tomara que sim – eu disse – não lhe desejo mal.

– Mas eu fico feliz que ele tenha se afastado de vocês duas – disse Nicholas – vamos mudar de assunto?

Olhamos uma para a outra e ficamos em silencio a partir de então.

Listas

– Cadê a Emily? – perguntei para Nicholas quando tive a oportunidade de vê-lo sozinho, ele estava chegando de fazer compras, e carregava duas sacolas cheias.

– Está lá dentro – ele meneou a cabeça na direção da casa – eu a deixei dormindo, ainda é cedo, e fui comprar algumas coisas, por falar nisso, isto é para você – ele me estendeu uma das sacolas – comprei num vendedor de beira de estrada, são frutas, verduras e legumes.

– Obrigada, Nicholas, é muita gentileza da sua parte – estendi o braço para pegar a sacola, mas ele não me deu.

– Deixa que eu a levo. Está realmente pesada – andou lado a lado comigo até a minha quase cabana.

– Será melhor assim, o que temos para conversar levará algum tempo.

Andamos mais um pouco e eu abri a porta para que ele entrasse. Nicholas sacudiu os pés no tapete e entrou, colocou a sacola sobre a pequena mesa de jantar e a outra no chão, próximo de uma das cadeiras. Abriu as sacolas e começou a estender o seu conteúdo para mim, de pouco em pouco, para que eu fosse guardando na geladeira e na cesta de frutas.

– Como você sabe Nicholas, você vai casar com minha melhor amiga de todas as eras.

Ele sorriu com meu exagero, mas continuou me ouvindo.

– E ela insiste que quer um casamento rápido e pequeno, quase como se fosse às escondidas, mas eu não acho que seja o melhor.

– Continue – ele pediu.

– O sonho das mulheres românticas é casar com seu amor, independente se vai ser na abadia que casou a duquesa de Cambridge ou se será em Las Vegas por um cover de Elvis Presley, ela só pensa em casar.

– Ainda não entendi aonde quer chegar.

– Está mais do que claro que você é o amor da vida dela, eu ouço sinos tocando quando vocês estão perto um do outro, mas acho que você pode dar mais do que isso para nossa garota, ela pode não sentir falta agora, mas um dia, ela sentirá falta de não ter casado com uma cerimonia tradicional, e eu não falo de casar-se na igreja, falo de uma festa onde ela seja o centro das atenções.

– Entendi o ponto, mas ela deixou bem explícito que não quer assim, apesar de minha insistência – já tínhamos guardado tudo, e ele estava agora sentado numa das cadeiras, e eu em frente a ele – ela está bem firme nesse pensamento.

– Nessas horas que eu não dou ouvidos a ela, e faço o que quero – eu disse tranquilamente – eu quero organizar, às escondidas, o casamento, algo médio, e vou precisar de sua ajuda. Para não falar nada a ela, e para financiar todas as minhas extravagancias nem tão extravagantes assim.

Nicholas ficou me olhando, pensando no que eu acabava de falar, e ponderando em seus pensamentos, sério. Sem deixar transparecer uma emoção.

– Fala alguma coisa, homem!

– Vivia, eu achei tudo genial – disse – mas com uma condição.

– E qual seria?

– Que o casamento seja duplo – ele explicou – você falou muito sobre isso, e eu posso estar errado, mas senti que também era algo que você queria, e acho que eu faria minha menina feliz se eu fizesse isso por você também. Eu pagarei qualquer despesa sua também, será o presente do padrinho. Basta que fale com James.

– Eu não sei se ele já quer casar...

– Eu não seria tão pessimista, tente.

– Certo, se assim diz – concordei – eu vou começar a planejar hoje mesmo, vou te mostrando o passo a passo, e as escolhas.

– Perfeito, e sempre que precisar realizar um pagamento, me avise que eu irei fazê-lo.

– Sim, senhor.

Nicholas saiu, e eu fiquei só com meus pensamentos, aguardando a hora de irmos experimentar o vestido de casamento de Emily, e pelo que ele deixou claro, o meu também. O que não demorou muito tempo. Quando ela acordou, eu já a chamei para irmos a loja, e ela aceitou, dei uma desculpa sobre os ajustes e ela não desconfiou de nada.

– Você parece uma linda ninfa nesse vestido – eu disse enquanto a via em frente a um espelho enorme, com um vestido branco-gelo, tomara-que-caia – aposto que Nicholas concordará comigo.

Ela me deu o celular que tinha tocado e eu dei para ela, guardei o aparelho. Ela me sorriu, parecia nervosa, e aposto que com duvidas sobre a aparência.

Andei até o fundo da loja para pegar o vestido que eu tinha escolhido, ele tinha um decote atrás, um tom perolado dourado claro, quase bege, e não eram tão caros quanto os vestidos brancos, que eu nunca julguei que seriam mais caros.

– Eu não vou casar usando esse daí – ela disse quando eu mostrei o vestido para ela.

– Não é para você, chata, é para mim – disse e pondo o vestido em frente ao meu corpo e olhando-me ao espelho também, perguntei – não é perfeito?

– Sim, fica perfeito em você – ela disse.

– Eu escolhi, e você?

– Já também – Emily disse.

Tínhamos os vestidos, eu estava apaixonada por eles. Esperamos cerca de quatro horas até terem sido feitos todos os ajustes, depois, com eles devidamente embrulhados e pagos, os levamos em enormes caixas para o carro.

Hora de conferir o "Checklist" enquanto Emily dirigia.

– Vestido?

– Ok – ela respondia, e eu marcava com um "x" o quadradinho da lista.

– Convites?

– Foram enviados – Eu marquei o "x".

– Bolo?

– Temos uma prova no fim de semana – ela nem imaginava as coisas que eu estava planejando.

– Cadeira e mesas? – perguntei.

– Vai ser pequeno lembra? – ela disse – usaremos a mesa da cozinha para jantarmos e a bancada da cozinha será decorada para dispor os comes e bebes.

"Vai sonhando", pensei.

– Garçons?

– Disso eu faço questão – ela disse – com certeza eu não quero ninguém se servindo, precisamos de pelo menos dois, assim ficamos conversando sem interrupções.

– Lua-de-mel? – Perguntei com um sorrisinho no rosto.

– Nicholas vai decidir isso – respondeu corando – ele fez questão.

– Que fofo! – James nem sabia ainda que casaríamos em breve, e eles já estavam escolhendo o lugar para viajar. Continuei – iluminação, música?

– Você é a responsável – ela disse.

– Sim, e eu vou marcar um "x" por que eu já resolvi isso, chega tudo em uma semana, nem acredito que você vai casar no próximo sábado, isso nos dá o que? Só quinze dias para preparar tudo.

– Mas está tudo dando certo – ela disse – além disso, eu não iria querer mesmo um casamento enorme e cheio de desconhecidos, prefiro a nossa intimidade.

– Vai dar tudo certo – eu disse.

– Tudo está tão perfeito que chega a me assustar.

– O casal perfeito, casando num casamento perfeito, e os dois terão um bebê perfeito – comentei – eu não vejo nada fora do comum.

Vivendo à espera

Finalmente o mundo estava com jeito de que ia dar certo, porém quanto mais eu pensava nisso, mais eu via o quanto eu precisava ser corajosa e pedir, outra vez, para que James casasse comigo. Ele ainda estava em outra cidade, e provavelmente só chegaria à noite, se tudo desse certo.

O lado ruim de noivar um cara em um relacionamento à distância é que há dias em que se deve ser forte o suficiente para cumprir dois papeis na casa. O de homem e mulher da relação. Há dias, em que James não está, e eu fico chorosa, pensativa, jogada pelos cantos como se os dias, em que a vida acontecia, fossem os finais e semana; havia dias em que eu tinha que ser corajosa para matar os besouros que a mata trazia para dentro de casa.

Hoje não tinha nenhum inseto na casa, grande ou pequeno me azucrinando. Na verdade, o que tinha mesmo, era uma porção de borboletas no meu estomago. Voando inquietas, quanto mais o tempo chegava, quanto mais e aproximava a hora de James chegar aqui outra vez.

Ele estava estranho nestes dias, ele tinha toda a pressão do trabalho, que eu sabia ser enorme, mas eu sabia que tinha algo mais, e era esse algo que me impedia de imediatamente ligar para ele, e dizer. "Hei, faltam menos de duas semanas para nós casarmos, eu tenho até o vestido".

Alguma hora eu teria que fazer isso. Tomei um banho longo, me perfumei e me hidratei. O clima do dia nem parecia com o clima costumeiro de East Valley, era final de tarde, e ainda tinha uma brisa tranquila passeando pela pequena varanda que circundava minha casinha. Hoje ele não tinha desculpas para não vir para cá, já era sábado ele não trabalhava, e na sexta à noite ele não pode vir.

Se, há um ano, alguém me dissesse que um dia eu estaria morando numa casa de madeira, menor que a sala de estar dos Driscoll, em um fundo de quintal, noiva, eu não teria acreditado. Eu teria acreditado muito menos ainda se alguém me contasse que eu estaria noiva e, de um homem feito, tipo James.

Por mais louco que isso possa parecer, e tão louco que eu sequer conseguia imaginar, esse era o meu modo de sentir o que era a felicidade, mesmo que não maior parte do tempo eu ficasse apenas olhando para as paredes, esperando que James chegasse.

Peguei o celular que James tinha deixado comigo, eu agora era dependente da conta dele e tinha que controlar meus gastos, e mandei uma mensagem para ele.

“Espero você... Assim que puder me dê um sinal de vida, pode ser de fumaça, beijo na boca”.

Fiquei olhando para a tela do celular, como uma tonta, esperando uma resposta, mas nada. James permanecia estranhamente silencioso o dia inteiro. Parecia até que o fazia de propósito.

— Vivian? – me chamaram à porta, e eu vi a cabeça loura de Nicholas espiando pelo vidro da janela. Fiz sinal para que ele entrasse.

— O que manda, chefe? – perguntei-lhe.

— Tudo bem? – ele me perguntou, e eu fiz que sim com a cabeça – eu vim apenas confirmar se está tudo de pé? Como tínhamos planejado.

— Tudo está indo perfeitamente bem, Emily não desconfia de nada, e eu me controlo especialmente bem, quando estou com ela, para não sair falando besteiras, ou deixar transparecer alguma coisa – andei até a bancada da cozinha, e coloquei leite, achocolatado, açúcar, em duas xicaras, e esquentei no aparelho de micro-ondas, depois, deixei um marshmallow flutuante navegar no chocolate quente malfeito – por falar nisso, cadê ela?

— Dormindo, ela tem enjoado bastante, e sentido um sono exagerado durante as tardes.

— Já tem um nome em mente? – perguntei curiosa.

— Eu mentiria se dissesse que não tenho, mas não depende apenas de mim – ele disse e provou um tanto do chocolate quente – tenho dois nomes em mente, Nicole, para menina, e Enzo, se for menino – Nicholas falou com um rosto feliz e sorridente, e eu que já o achava lindo, percebi o quanto ele era adorável e apaixonado. Sentei-me ao lado dele, no sofá da sala, e ficamos conversando sobre os preparativos do casamento, e a possibilidade de fazer um chá de bebê para Emily.

Mostrei a ele os papéis e notas fiscais dos preparativos do casamento, com insistência ele ficou informado dos valores, já que afirmava confiar em mim plenamente. Ele também me perguntou sobre James, se eu já tinha falado com ele, se já tinha comprado meu vestido, meu sapato. Parecia até que nós dois é que nos casaríamos. Quando ele foi para casa, há alguns bons passos de distância, eu percebi que ele tinha feito perguntas demais.

A noite caía, e eu estava com um aperto no peito, não sei por que estranha razão, mas sentia como se algo muito ruim estivesse para acontecer, e eu quase morri um pouco por dentro nesse momento, foi como se um péssimo pressentimento tivesse passado por mim e eu senti um arrepio que me assombrou até os ossos. Foi a primeira vez que senti um medo assim tão sem explicação.

“James” foi o primeiro pensamento que me veio à mente “alguma coisa acontecerá com James!”, era a primeira vez em tempos que eu voltava a falar

com Deus, e com o coração partido em minúsculos fragmentos eu sussurrei para os céus.

— Por favor, Deus, traga-o em paz, são e salvo.

Olhei na direção da porta, sentia como se alguém estivesse me olhando e fui até o lado de fora, esperando que minha sensação estivesse errada, e meu medo passasse, não tinha ninguém alí.

Fiquei sentada um pouco, encostada na porta da casa, e olhando toda a luminosidade dos últimos raios de sol desaparecer do horizonte. O frio finalmente começou a dar as caras, e eu entrei em casa. Fiquei sentada no tapete da sala, enrolada em dois grossos edredons e tentando ligar para James desesperadamente, mas a chamada caia apenas na caixa postal.

— Amor! – James chamou-me após abrir a porta, e o medo foi-se embora tão cedo quanto havia chegado – que saudades – ele disse ao meu ouvido assim que desenrolei-me dos lençóis e me envolvi nele num abraço saudoso.

— Eu também senti saudades, enormes! – o apertei mais contra mim – tantas!

— Eu já estou aqui – ele me falou e deu-me um beijo apaixonado – eu disse que chegaria.

— Você é um idiota, isso sim! – falei mudando totalmente o tom da conversa.

— Quê? Cadê minha noiva saudosa que estava aqui há um segundo?

— Desapareceu por um tempo – respondi – por que não atendia seu celular? Não sabe o aperto que me dá no coração de saber que você pode não estar bem, e nem sequer atende a droga do telefone?

A cada momento que eu falava James chegava mais perto, e eu me via praticamente encolher perto dele.

— Calma, eu já estou aqui – ele disse enquanto me segurava pela cintura, e me apertava contra si, desejoso – eu sempre, sempre, vou estar aqui, com você, e para você – ele me beijava forte a cada vez que terminava uma palavra.

Não pude mais resistir, mas ainda estava zangada, e perguntei em meio a beijos.

— Por que não atendeu o celular então?

— Estava sem bateria – ele disse dando de ombros e cessando os beijos – e eu deixei o celular reserva na outra cidade, eu não podia voltar para buscar, e eu queria fazer uma surpresa.

— Alguém mandou você parar de me beijar para falar? – eu reclamei puxando ele para mais um beijo – eu acredito, cala a boca e me beija.

— Eu vou fazer mais que isso... – ele disse com um sorriso malvado no rosto.

James começou a retirar o paletó que usava, depois de ter retirado o casaco, isso sem deixar meus beijos sedentos, e eu já não sabia se eu retribuía o beijo ou sorria.

Ele pegou minhas mãos e colocou-as no cinto que usava, mostrando que queria que eu o ajudasse a despir-se, e ficou retirando os botões da camisa de suas respectivas casas, enquanto me olhava com o olhar mais devasso que se viu. Esse homem seria minha perdição, e eu agradecia por tê-lo comigo, eu queria que ele fosse o caminho no qual eu iria me perder.

James aproveitou os lençóis que estavam jogados no chão da sala, e me deixou alí. Voltou até a porta e a trancou por dentro, e aproveitou para fechar as cortinas da janela.

— O espetáculo que protagonizaremos será apenas para nós dois.

— Que espécie de espetáculo pensa em protagonizar, James?

— Um daqueles que se faz numa lua-de-mel com a futura esposa.

Engoli em seco, e fiquei de joelhos no chão, olhando para ele com um ar de curiosidade.

— Então você? – comecei a perguntar.

— Eu o quê? – perguntou enquanto olhava para mim com um sorriso no rosto e continuou – se eu sei que iremos nos casar?

— Oh, meu Deus! – cobri o rosto de vergonha – você sabe?

— Claro que eu saberia, eu te aconselho a conseguir um cumplice melhor na próxima vez – ele disse – você sabe bem que eu sei de muito mais coisas do que pareço, eu sou muito esperto, loura.

— Eu estava tentando arrumar um modo de falar – eu disse envergonhada.

— Nicholas achou um modo de falar primeiro.

— Você não precisa fazer isso se não quiser.

— Eu quero, alguma vez insinuei o contrário?

— Isso vai implicar em muita coisa, James, você nem tem ideia.

— Eu sei, mas por hoje, ainda não te contarei as minhas novidades.

— Parece que eu te obriguei a isso, parece que é por pena, e se for por isso, eu não quero assim.

— Se estamos noivos, é para casar, loura – ele disse se ajoelhando perto de mim e dando um beijo em minhas mãos – eu honro meus compromissos, e eu tenho um com você, sinceramente, quem está ganhando – ele disse dando uma boa olhada em meu corpo inteiro – sou eu.

Voltando a mim, ele retirou minha roupa e permaneceu em mim, amando cada parte do meu corpo, até a ponta do dedo dos pés, por tanto tempo, que a distância que sempre existia entre nós, pareceu nunca ter existido.

Cristalizado

James dormia pacificamente, e eu o observava. Quieta, sentada na cadeira de balanço próxima da janela, dividida entre olhar para o sol nascente atrás das copas das árvores, ou para ele. Era tão bom tê-lo aqui, que quando ele ia embora, era como se ele sempre levasse um pedaço de mim consigo. Qualquer dia desses, ele estaria voltando para cá comigo inteira.

Eu não tinha dúvidas que o amava, eu mesma não sabia nem o que era amar antes de conhecê-lo, então eu não tinha nem como comparar. Eu sempre busquei relacionamentos onde eu pudesse pisar na pessoa ao meu lado, apaixoná-la e fugir, sumir no mundo para assim destruir tantos corações quanto eu pudesse, se eu não era feliz eu não queria que ninguém fosse.

Era a primeira vez que eu é que tinha o coração nas mãos de alguém, e eu morria de medo que James o fizesse sangrar, que em algum tempo ele percebesse que não gostava mais de mim, ou que nunca tinha gostado. Que ele tinha cansado de tudo, de mim, do meu modo de fazer amor, do meu frango com purê de batata salgado demais, do meu cabelo louro de palha.

Eu só queria que ele ficasse aqui, cristalizado, congelado, para sempre. Muito diferente de todos os outros homens que um dia passaram pela minha vida e me destruíram por inteira, minando minhas esperanças de achar um amor gentil e calmo, pelo menos até a primeira vez que eu vi James, e pensava olhar, nos olhos azuis dele, o próprio céu.

Eu o amava, sem saber como ou o porquê, afinal dessa vez fui eu quem foi pisada, por várias vezes, e talvez por que ele foi tão difícil de conquistar, é que eu tenha ganhado tanto medo de vê-lo definitivamente partir.

Levantei-me e praticamente me joguei na cama, eu não queria perder nenhum minuto dos que eu podia ter com ele.

— Acorda, seu preguiçoso – eu balançava James para ver se ele acordava – não fica dormindo até a tarde não, eu ainda tenho muito a fazer contigo antes que tu vás embora.

James reclamou baixinho, mas abriu os olhos para olhar para mim, com um sorriso fascinante, eu amava o contraste dos dentes dele, brancos como marfim, contra os lábios dele, avermelhados pelos meus beijos. Deitei ao lado dele na cama, e fiquei olhando para o rosto dele por alguns minutos.

— O que foi? – ele perguntou baixinho, preocupado com o silêncio que tinha se instaurado.

— Nada, só estou olhando para seu rosto e pensando que se você fosse de comer, eu já tinha comido você – sorri-lhe.

James sorriu também, e ficou envaidecido pelo elogio. Eu mal podia acreditar quão sortuda eu era por tê-lo, finalmente alí, comigo. Passei por tantas coisas para consegui-lo, e agora o que mais me surpreendia, era que ele também queria ficar comigo.

— Eu tenho três, na verdade quatro notícias, Vivian, nem todas são boas – James ficou sentado na cama, e me arrastou para ele, me aconchegando aos braços dele, como se eu fosse um bebê.

— Bom dia para você também – eu disse irônica – me diz apenas a boa.

— Como eu gostaria... – ele disse me apertando mais entre os braços dele – mas eu não posso deixa-la ser pega de surpresa.

— Então fala logo, mas vou logo avisar, minhas habilidades culinárias sempre ficam abaladas quando eu recebo más notícias.

— Suas habilidades culinárias estão abaladas todo o tempo, loura – ele sorriu – digamos que todo o resto compensa, afinal, eu não vou casar para conseguir uma cozinheira.

Dei um soco no braço dele, para ver se ele tomava juízo, e fiquei esperando ele começar a me dar as tais notícias. Sentei de volta na cama, cruzei as pernas em minha frente, quase como numa pose de ioga, e me preparei mentalmente para as más notícias.

— Comece então pelas más notícias.

— Muito bem – James disse – eu soube, muito por alto, que seus pais cancelaram os depósitos mensais na sua faculdade, isso cancela sua matricula.

— Isso eu já imaginava, não me surpreende nem um pouco – eu disse dando de ombros – eles já tinham me alertado sobre isso antes de eu sair de casa, mas como soube?

— Essa é a parte estranha, eu recebi uma ligação de Alexei, ele me disse que agora você estava em minhas mãos.

— Eu gosto de estar em suas mãos – eu disse sorrindo para James, assim eu disfarçava, para ele e para mim, o buraco enorme no peito que a notícia me causou.

— A outra má notícia – James disse enquanto observava com cuidado meu rosto, tentando captar as emoções – é que eu tenho que ir para Yellowstone Hill, hoje, então eu vou precisar deixar você quieta por algum tempo aqui, até sexta que vem.

— Ah, muito bom isso – eu disse, desta vez sim, sem precisar reprimir minhas emoções – então eu só tive você neste fim de semana por algumas horas, que maravilha de bosta.

— Olha a boca, loura – ele sorriu, apesar da minha cara de carranca, ele sorriu de um modo que aqueceu meu coração só um pouquinho e me deu alguma esperança quanto às próximas notícias.

— Fala logo, as outras notícias boas antes que eu fique mais estressada.

— A primeira é que, o motivo de eu ter que voltar de imediato para a outra cidade, é que Nicholas e eu pegamos alguns casos maiores, que provavelmente nos farão viajar bastante pelos próximos meses.

— E onde isso é bom para alguém, além de você?

— Você é minha futura esposa, parte de mim agora, e tudo o que eu fizer, será por nós dois.

— Prossiga – falei ligeiramente menos irritada.

— Casos maiores, significam maiores pagamentos. A casa onde Emily e eu vivemos uma parte da vida está sendo reformada, o que levará pelo menos uns seis meses. Estou construindo mais um andar, e uma suíte máster no andar superior para nós dois – ele falou um tanto tímido – Lembra que você me disse que queria abrir uma loja para si?

— Lembro sim, eu já te falei isso mil vezes, acho.

— Eu já consegui comprar uma loja próxima ao pequeno centro comercial de Yellowstone Hill – ele falou enquanto acariciava meu rosto gentilmente – não é tão grande, mas já é um começo, ela também está sendo reformada, você precisará dar alguns detalhes sobre a decoração ao final, tanto da loja quanto da casa, além da disposição dos móveis, mas sei que não tomará muito tempo.

— Espere aí – eu disse querendo fazer as palavras se organizarem em minha cabeça – você está querendo dizer que comprou uma lojinha para mim, além de estar reformando a casa para nós dois, e que não tinha me falado nada

disso?

James, apenas de cuecas, sentou-se na mesma posição que eu e ficou olhando para mim e analisando cada uma das minhas emoções, que foram desde incredulidade até um misto de choque e surpresa.

— Era para eu te contar apenas depois do casamento, como uma surpresa, mas eu sabia que a notícia sobre seu pai poderia deixa-la um tanto abalada, e adiantei a surpresa, eu já agradeci a Nicholas por ter nos ajudado no começo, e assim que tudo estiver pronto, eu levo você para lá, assim eu ficarei perto de você sempre, e nunca mais te deixarei sozinha.

— Nossa, isso é... Muita informação.

— Nem tanto, nem se compara a um casamento surpresa.

— Não iria ser surpresa, eu ia te contar mais cedo ou mais tarde.

James me jogou na cama e ficou suspenso sobre mim, apoiado nos braços,

enquanto admirava meu rosto, parecia simplesmente encantado com o que via.

— Você tem me feito um homem feliz, Vivian, sem nem perceber – ele me beijou com o sabor agridoce de beijo amanhecido – é bom finalmente ter uma razão por que levantar todas as manhãs, por que trabalhar arduamente, por que ficar feliz com cada pequena conquista – ele disse – você é a razão de tudo.

Outra vez ele mergulhou em mim. Ansioso por cada um dos meus beijos e abraços, minha cabeça girava, e eu não sabia se era pelo beijo dele que mal me permitia respirar, ou se era pelo modo que ele tinha me jogado num redemoinho de notícias.

O grande dia

— Acordem os dois, ou eu mesma irei aí acordá-los!

Nada, ninguém abria a porta.

— Emily, se não abrir essa porta, eu entrarei pela janela.

— Já vou... – ouvi a voz dela, sonolenta, reclamando do lado de dentro do quarto do casal. Sim, eu tinha “invadido” a casa deles, mas eu tinha um ótimo motivo, eles tinham que arrumar-se. Era o grande dia, o dia do casamento.

Eu já tinha deixado James de pé em casa, ele tinha feito café da manhã, e as pessoas que os ajudariam a vestir-se, estavam na nossa casinha.

— Apresse-se e aproveite para chamar o senhor perfeito para pegar os trapinhos dele e ir se arrumar junto com James lá na outra casa.

— Mas por quê? - Emily perguntou abrindo a porta com uma adorável cara de sono.

— Por que dá azar ver a noiva vestida antes do casamento – expliquei – pelo menos é o que eu assisti dizendo em todos os filmes românticos desde que me entendo por gente, então, deve ser verdade.

Arrastei a mala de cremes e loções corporais comigo, e entrei no quarto, coloquei a mala no banheiro e tornei em seguida para perto da cama do casal. Por pura preguiça, Emily voltou à cama, enlaçou o braço ao redor de Nicholas e eu reclamei imediatamente.

— Ah! Não! Eu não quero ter que jogar agua fria em vocês dois.

— Tudo bem – Nicholas disse – tudo bem, eu estou me levantando.

— Sua mala já está pronta? – perguntei.

— Já e a da Emily também – ele respondeu enquanto se levantava da cama

e calçava chinelos.

— Perfeito, leve as duas lá para baixo e coloque-as no carro, tem café-da-manhã lá embaixo, e não se esquece de levar sua roupa para a outra casa, pelo amor de Deus.

— Sim senhora - Nicholas respondeu divertido, e deu um beijo rápido em Emily, depois saiu pela porta.

Virei-me para Emily, teríamos um dia puxado pela frente, fechei as cortinas do quarto, com a desculpa de que teríamos mais privacidade, mas na verdade era para que ela não percebesse a grandiosa movimentação do lado de fora.

— Lava esse rosto e escove os dentes e se prepare para uma manhã de cuidados – eu sorri e pisquei para ela – eu já volto com seu café.

A festa seria no final da tarde, e apesar do que Emily possa pensar, uma manhã de cuidados é pouco para uma noiva. Lembro-me das amigas da minha mãe reservando spas de luxo por até sete dias antes do casamento. Nicholas e James cuidariam dos toques finais no casamento, e eu tinha que confiar nos dois para que eles não fizessem nenhuma bobagem com a decoração.

Dava trabalho esconder um casamento surpresa, ainda mais quando ele iria acontecer no seu próprio quintal.

Terminado o café da manhã, nossa peregrinação em busca da beleza efêmera das noivas começou, desde horas numa banheira repleta de emolientes corporais, depilação, até esfoliações, cuidado com as sobrancelhas, hidratações e testes de maquiagem.

Eu tinha que distrair Emily de alguma forma.

Almoçamos no quarto, algo leve, mas saboroso, assim nos sustentaríamos até a noite. Aproveitei enquanto cuidava dela, para repetir os procedimentos em mim. James e Nicholas iriam almoçar juntos, e eu imaginava o tipo de conversa que os dois teriam, talvez estivessem acertando os últimos ponteiros.

- Eles têm tudo o que precisam lá, inclusive cabeleireiros também, relaxe – eu disse para Emily, a fim de tranquilizá-la, jamais deixaria os dois com fome.

Aline Hueter foi a maquiadora contratada para maquiar-nos finalmente, ela também ajudou Emily e eu a nos vestirmos junto com sua equipe. E fez um excelente trabalho, Emily tinha cachos e ondas no cabelo, assim ela ficava como uma pequena ninfa dos cabelos curtos e encaracolados. O meu próprio cabelo foi

alisado, e estava bem liso partido ao meio, comportado. Emily por nenhum minuto desconfiou que o meu vestido de “madrinha” seria o meu vestido de noiva, talvez pela cor de pérola, azul claro e marfim dele.

Quando se aproximava mais a hora, desci para espiar os convidados lá embaixo. Os amigos de James já estavam presentes, até mesmo a bruxa que acabou com o cabelo da minha amiga estava alí. Uma menina se destacava da multidão com seu cabelo azul e seus piercings na sobrancelha e no nariz.

— Julianne? – perguntei para mim mesma, olhei com mais atenção os convidados, e alguns amigos meus da época do internato estavam alí. Pelo visto Emily não seria a única a ter surpresas na noite.

— Eu achei que você gostaria de rever seus amigos – a voz de Nicholas surgiu ao pé da escada.

— Eu não estou entendendo.

— Não fique confusa – Nicholas falou e passou a mão em meu rosto com carinho – Emily me contou sobre o período que você passou alí, no internato, e eu consegui o contato de alguns amigos seus da época, pelo menos assim você não se sentiria entre estranhos.

— Mas, Julianne aceitou vir? Todos eles?

— Muitas pessoas a amam, Vivian, eu sou uma delas. Você é a melhor amiga da minha, em poucos momentos, esposa, como eu poderia não desejar seu bem?

— Obrigada – eu abracei Nicholas.

— Apenas não chore, tenho certeza que você não vai querer ter todo o trabalho de arrumar-se outra vez.

— Maquiagem à prova de água, mas você tem razão, por agora, eu não irei chorar.

— Vou chamar James para nos posicionarmos no nosso local, eu vim apenas buscar o meu par de alianças.

Nicholas ia saindo, mas eu o chamei de volta.

— Nicholas, você chamou meus pais?

— Chamei sim, mas eles não aceitaram o convite – falou com um olhar calmo e compreensivo.

— Não importa, eu não vou permitir que nada venha a ofuscar o meu dia perfeito.

— Isso mesmo – ele deu um beijo no alto da minha cabeça e voltou para a porta – lembre-se que a pessoa que realmente importa hoje para você, está ansiosamente te esperando no altar.

— Está na hora – eu disse enquanto entrava no quarto.

— Estou nervosa – Emily disse.

— Se você estiver ficando assim, lembre-se que lá embaixo tem dois caras maravilhosos, um esperando por você e outro para mim.

— Como assim? – Emily perguntou sem entender.

— Você vai ver.

— Prontas? Em 3...2...1... – contou o mestre de cerimonias que eu tinha contratado, e acenou para que as portas se abrissem.

Emily não conseguiu conter a surpresa quando finalmente pode olhar a riqueza da decoração do lado de fora. Era o casamento dos nossos sonhos, era o casamento dos sonhos de qualquer mulher.

Olhei para ela com um ar satisfeito ao estilo “me culpe”, e ela sorriu, lutando contra as lágrimas que pareciam querer surgir.

Matheo e Eric nos esperavam aos pés da escada, Eric me acompanharia, e Matheo acompanharia Emily até o altar. Assim que chegamos perto dele, Eric estendeu para mim um buquê de lírios brancos, e para Emily, Matheo estendeu o buquê de Jasmins.

— Não pode ser – ela disse surpresa.

— Claro que pode – ela me garantiu – dissemos que faríamos isto e faremos juntas – rapidamente eu retirei a faixa azul claro do vestido, que ocultava uma parte do tecido e o restante do comprimento do vestido se revelou, Emily percebeu que era o vestido que eu tinha escolhido quando fomos à loja de noivas.

Nos abraçamos, começou a tocar a música “Anywhere” do Evanescence, e essa era a deixa para nós andarmos entre as fileiras de convidados que olhavam sorrindo para nós calorosamente.

Lá na frente James estava lindo me esperando por Vivian, ele estava em um terno acinzentado, sem gravata, já que tínhamos organizado tudo para ser ao ar livre.

Ele esperava por mim, e ele estava tão lindo que se eu pudesse, eu viveria acendendo círios diante dele. Ele me sorriu, e foi como se nada mais no mundo importasse, foi como se ele curasse toda a dor do meu passado, me mostrando as portas recém-abertas para um futuro diferente, um futuro onde eu estaria feliz.

A cabeça de Emily era coroada por um enfeite de flores, como as antigas

gregas. E a minha tinha um enfeite semelhante.

Emily olhava para Nicholas como se ele fosse a pessoa mais linda da terra. E eu olhava para James como se ele fosse a última tabua de salvação para o naufrago, como se ele fosse os primeiros dias de paz após a guerra.

Nós quatro tocamos as mãos, Emily e Nicholas, James e eu, como se estivéssemos abençoando um à união do outro.

O Juiz de paz começou a falar, discorreu sobre o que era o verdadeiro significado do amor, nos fez rir até contando uma piada, e meia hora depois nos fez levantar e pegar cada um nossas alianças, para que fizéssemos os votos.

— James, quando eu te conheci tive a certeza de que tinha que ir atrás daquilo que eu queria. Deixei meus medos e enfrentei tudo e a todos, só para estar com você. Ultrapassei obstáculos, cidades e países, mas meu amor só aumentou, e cada dia mais, e cada dia de uma forma diferente. Eu te amei sem perceber, quando você sorriu, te amei sem perceber, quando você me mostrou como viver melhor, te amei sem perceber, no primeiro olhar – peguei a aliança e coloquei devagar em seu dedo - Com esta mão espantarei as suas tristezas, sua taça nunca estará vazia, pois eu serei o seu vinho. Com esta vela iluminarei seu caminho. E com esta aliança peço a você que seja meu.

James começou a ler os votos dele:

— Nós somos muito diferentes, mas somos diferentes de um jeito que eu acho perfeito, porque a gente se complementa. Você é tudo o que estava faltando na minha vida. E eu espero, sinceramente, poder ser o mesmo pra você. Com você ao meu lado nunca vou estar sozinho – continuou - Apesar do mundo ver essa mulher forte e independente, eu nunca conheci uma mulher tão graciosa e com um coração tão puro. Quando estive perdido, você sempre esteve lá pra me ajudar. Então nesse dia e nesse momento, prometo o resto da minha vida a você. Você sempre acreditou em mim, e quando se acredita em alguém não é só por um minuto ou um momento, é por toda vida – ele pegou a aliança e começou a deslizar no meu dedo – A partir de agora, vou me tornar o homem que eu sempre deveria ter sido. Serei mais romântico e aproveitarei ao máximo o tempo que temos. Em cada um desses preciosos momentos, espero conseguir fazer ou dizer algo que a faça entender que eu jamais poderia ter amado outra mulher como amo você.

Dali, valsamos a primeira valsa de casados, meus amigos vieram me cumprimentar, cumprimentar a James. James parecia encantado e extasiado com tudo, eu também, com a ideia de pertencer-lhe pela eternidade, e viver de hoje em diante, cada dia como se fosse o último.

— Eu amo você, Vivian – ele me disse enquanto me beijava – como eu nunca imaginei amar alguém.

DEISY MONTEIRO

Renascer

EM EAST VALLEY

TERCEIRO LIVRO DA SÉRIE EAST VALLEY

COPIRRAITE © 2016

DEISY MONTEIRO

Coordenação Editorial

Deisy Monteiro

Revisão

João Garcia

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de um revisor, que poderá citar breves passagens incorporadas em artigos críticos ou em uma revisão.

Nomes de marca registrada aparecem ao longo deste livro. Ao invés de usar um símbolo de marca registrada com cada ocorrência de um nome de marca registrada, os nomes são usados de maneira editorial, sem intenção de violação de marca comercial do respectivo proprietário.

As informações contidas neste livro são distribuídas "como estão", sem garantia.

Embora toda precaução tenha sido tomada na preparação deste trabalho, nem o autor nem a editora terá qualquer responsabilidade perante qualquer pessoa ou entidade com respeito a qualquer perda ou dano causado (ou supostamente causados) direta ou indiretamente pela informação contida neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Revisado conforme novo acordo ortográfico.

RENASCER EM EAST VALLEY

COPIRRAITE © 2016

Dedicatória

Prólogo

Espero-te na eternidade

Uma força descomunal

Canção de ninar

Uma voz conhecida

Apenas o silêncio

Corra, querido. Corra!

Começamos errado

Uma luz no fim do túnel

Uma aceno para minha alma

Excesso de irritação

Uma menina perfeita

Uma sugestão desastrosa

Tudo tem uma explicação

Mas que droga aconteceu?

Alguns muros derrubados

Por trás da máscara

Se tudo fosse mais simples

Quando as máscaras caem

Como se fosse real

Confusão de sentimentos

Reminiscências

Um dia para falar de saudade

Pequenas notícias, enormes alegrias

Algumas mudanças necessárias

Ainda te sinto aqui

Teorias sem sentido

Teorias sem sentido esquecidas

Um ponto final na história

Uma visão do escuro

Quebrando os hábitos?

Concede-me a honra desta contradança?

Por que me importo tanto?

Aquela sensação estranha

Eu não queria te deixar

Finalmente

Isso foi uma chantagem

Um beijo não evoca nada

Uma visão da inocência

Uma nova luz sobre a verdade

Memórias nunca morrem

Que não seja isso!

Construindo barreiras

Soluções iniciais

Esperanças frustradas

Talvez tenha sido engano

Uma manhã ligeiramente diferente

Uma festa peculiar

Uma comemoração encerrada

Corpos sem controle

O meu olhar azul perdido

Irreconhecível

Quando tudo mudou?

Uma estátua sem vida

Mais um dia no esquecimento

Primeiras verdades perfeitas

Do que você tem medo?

Um adeus definitivo

Uma verdade esquecida

Culpados revelados

As palavras não ouvidas

Uma visão do passado

Não quebre sua promessa

Um dia a cada vez

Caminho de volta

O que eu sinto?

Eterna em minhas lembranças

Epílogo

Para sempre ela

Para sempre ele

Para sempre nós

SOBRE A AUTORA

Dedicatória

Dedico este escrito ao poderoso Deus que me tem mostrado como é bom estar em suas mãos. O Deus que nada que eu faça poderá Lhe fazer me amar mais, e nada do que eu faça poderá fazer que Ele me ame menos.

Ao meu amado, João Garcia, meu amor e meu melhor amigo. Que sua mão direita esteja debaixo de minha cabeça, e a sua mão direita me abrace.

Aos meus amados leitores, muitos tem se tornado meus melhores amigos, me inundam de uma alegria e uma força tão incrível, que eu nunca mais me senti entristecida.

Ah! Um recado, todos irão querer matar a autora em algumas partes, mas não desistam do livro, garanto que o final os surpreenderá!

Despedir-se de um amor é despedir-se de si mesmo. É o arremate de uma história que terminou, externamente, sem nossa concordância, mas que precisa também sair de dentro da gente.

MARTHA MEDEIROS

Prólogo

Dê-me uma razão pra crer que você foi embora Vejo sua sombra, aí eu sei, estão todos errados Luz da lua leva-me pra onde ela repousa Levaram você pra longe de mim, mas agora, Eu estou te trazendo de volta pra casa.

Alguns dizem que eu sou louco pelo meu amor, Mas não há cadeia para me prender longe de ti Oh, meu amor!

Eles não sabem que você não pode me deixar Eles não sabem que você está aqui, ao meu lado!

Eles não ouvem você cantando pra mim...

Vou ficar aqui para sempre com você, meu amor!

As suaves palavras faladas que você me deu Mesmo na morte o nosso amor vai durar E eu não posso te amar mais do que eu já te amo (As pessoas morrem, mas o verdadeiro amor é para sempre).

(adap.)

Espero-te na eternidade

Eu não saberia como começar a contar minha história se ela não tivesse surgido em minha vida. Enquanto estou sozinho, sentado num canto de quarto, sinto que ela me observa. Sinto como se a qualquer momento, se eu virar um pouco rápido demais a cabeça e focar o olhar, eu a pegarei, pelo canto de olho, se escondendo de mim.

Emily foi o tesouro mais precioso que eu pude encontrar em minha vida inteira. Eu continuo, dia e noite, pedindo, que ela não suma de mim. Que ela não me deixe apenas com a falta que eu sei que sentirei. Eu apenas quero, todos os dias, que ela seja real em minhas memórias.

As montanhas de East Valley estão tranquilas e as árvores não balançam, nem mesmo os pássaros cantam. Parece que entendem a minha tristeza e sentem falta dela tanto quanto eu.

Vivian ainda tem um curativo na cabeça, que será trocado em poucos dias, e que apenas me traz mais lembranças. Ela está apoiada ao braço de James, quieta, olhando para o nada, respirando tão baixo quanto possível, esperando que de alguma forma ela desperte desse pesadelo e consiga nos livrar disso. Ela não pode.

James está ainda mais quieto, algumas lágrimas furtivas inundam seus olhos, mas ele não as deixa cair. Sinto que já choramos tudo o que tínhamos para chorar. Ele permanece inabalável, e eu o invejo por isso. Por que mesmo eu estando aqui de pé, enquanto as pás de terra cobrem o caixão de Emily, eu sinto que meu próprio corpo está sendo enterrado junto e que todo o planeta está a desabar.

— Senhor Theodoridis.

Eu até ouvi meu nome, mas não ergui os olhos até me chamarem uma segunda vez.

— Senhor Theodoridis – avistei o pastor com uma roupa escura, que combinava com a minha, ele falou num tom gentil – o senhor gostaria de falar alguma coisa?

“Falar?” pensei “o que eu poderia falar que aliviaria minha dor?”. Pensei um pouco, então olhei para o rosto das pessoas alí, a maioria esperando ansiosamente por uma resposta minha, eu não tinha que falar algo que me agradasse, mas algo que os acalentasse. Talvez eles não imaginassem a profundidade da minha dor, mas eu, com certeza, faria um pouco para aliviar a deles. Fiz que sim com a cabeça e peguei uma petúnia dum vaso perto de mim, andei alguns passos até o caixão suspenso num apoio metálico que, a qualquer momento, desceria para seu último leito. Respirei lenta e profundamente.

— Emily foi a mais maravilhosa pessoa que eu encontrei na minha vida – comecei baixinho – ela é tão linda que se eu pudesse eu viveria acendendo incensos diante dela – ela sempre amou esta frase desde que a leu a primeira vez – Minha mente se perde ao calcular quantos passos me separam dela agora.

“Eu não me importo com a distância, eu caminho até você se não tiver outra maneira” pensei comigo mesmo.

— Eu apenas espero que ela sinta, de alguma forma, que eu falo com ela neste momento: Você é a alegria que faltava em mim. Eu conto estes passos, conto as horas, conto os minutos que faltam até que eu te encontre outra vez, e eu perco-me neles, neles e em ti... E eu ainda te amo... E sinto que vou te amar por todo o sempre.

Duas lágrimas, contadas, ainda conseguiram brotar mesmo eu me sentindo já seco.

— Emily, eu não sei mais o que esperar, ou ansiar... Eu te vejo partindo por entre as conversas que não teremos mais. Eu te vejo cristalizada nas fotos que você não mais verá, entre os sussurros que não mais ouvirei. Eu ainda te vejo desviando os olhos, tímida, evitando meu olhar apaixonado, e te vejo rodeada de estrelas mortas. Eu te vejo fugindo de mim enquanto eu fico aqui, de pé. Apesar de estar doendo, eu sei, logo passa. Eu espero... Você cuidou de mim mesmo ao partir, me dando o melhor presente que eu poderia desejar além da sua vida. Apesar de doer agora, amanhã irei renascer.

Nesse momento as lágrimas já estavam descontroladas, beijando o chão que ocultaria de mim a beleza de Emily para sempre.

— Obrigado, meu amor, pelo amor que me dedicou, pela nossa filha, e pelas horas que vivemos juntos. Um bom adeus seria este, se adeus não fosse.

Eu beijei a petúnia e a depositei sobre o caixão sussurrando, apenas para mim: — Teu gosto estará em mim perpetuamente, você foi minha, e eu sempre serei seu. Terei entre meus lábios sempre o sabor dos teus beijos e na minha pele a marca do nosso desejo. Serei sempre, sempre, apaixonado por ti.

James se aproximou, e eu nem tinha percebido, colocou a mão no meu ombro, como se suspeitando que meus pés fraquejassem a cada pá de terra que alí era colocada.

— Vamos para casa, você não precisa ficar mais tempo aqui – ele falou calmo, era muito mais um pedido que uma ordem.

— Não, eu preciso ficar. Eu não seria capaz de deixá-la só por mais tempo.

— Mas você não precisa...

— Mas eu quero – eu o interrompi antes dele falar mais alguma coisa. Eu realmente precisava ficar alí. Eu nem sabia o motivo, talvez ainda tivesse esperança de que algum milagre acontecesse.

O céu chorou também. Uma garoa fina começou a cair, e Vivian surgiu perto de nós com dois enormes guarda-chuvas. Um ela estendeu para James, e o outro, ela segurou para mim.

— Acho que, se ele quer ficar, não podemos impedi-lo, meu amor – ela disse para James – eu sei que você está preocupado conosco, e te amo tanto por isso, mas acho que isso é importante para ele, e para mim também.

Sentamos num banco de mármore que ficava quase de frente para alí, e esperamos até o final do trabalho daqueles homens.

Meu coração pesou mais do que tudo quando fui para casa. Minha filha não poderia mais receber visitas nesse dia, e eu só poderia ir ao hospital na manhã seguinte, bem cedo, encontrá-la na incubadora.

Tomei um dos mais longos banhos da minha vida, voltei para o quarto, sem fome, deitei na cama e tentei fechar os olhos. Esperando que nalgum momento, um sono profundo me abatesse.

Eu poderia acabar com a dor, eu poderia simplesmente acabar com tudo de uma vez, mas eu seria um estúpido e egoísta. Eu não encontraria Emily no lugar aonde eu iria, e ainda por cima, deixaria minha filha sem proteção. Sem ninguém, e isso era algo que eu não poderia simplesmente permitir.

Minha mente tentou viajar para algum lugar tranquilo, algum lugar onde eu ainda a tivesse comigo, porque, no fundo, mas bem no fundo, eu me sentia culpado por ela não estar mais aqui.

Eu não percebi quando dormi, eu nem mesmo percebi quando comecei a sonhar, lembro apenas do momento exato em que a vi, naquela mesma janela, aos dezoito anos, banhada pela luz da lua, branca e macia como papel de seda, olhando para mim com aqueles enormes olhos de calmaria e um sorriso quente no rosto.

— Deve ter alguma coisa errada comigo – ela reclamava.

— Não há nada, simplesmente nada de errado com você – eu tentava

mostrar a ela o quanto ela era linda, sem parecer que estava atraído.

— Eu tenho que ir – levantei-me rápido e sai pela porta do quarto, fugindo de lá e de toda a cidade.

Escondendo-me em East Valley, me escondendo dela. No meio do caminho, eu entendi que não tinha motivos para correr, que ela era minha esposa, e que tínhamos uma filha. Quando tentei voltar, no entanto, eu estava num lugar completamente desconhecido, vazio. Não tinha mais casa, ou quarto, ou Emily. Eu ainda ouvia a voz dela, suspensa no ar por barbantes invisíveis, mas não conseguia encontra-la mais.

Aquele sonho se repetiu por muitas outras noites, eu já até tentava não dormir para não sonhar. Ao mesmo tempo, eu precisava sonhar, mesmo sentindo o frio e o suor lavando meu corpo quando eu acordava. Eu ainda via Emily nos meus sonhos, nos meus sonhos ela ainda tinha tanto movimento quanto na minha imaginação (apesar de eu não saber distinguir os dois), nos meus sonhos minha Emily ainda era minha. Mesmo que longe.

— Você está longe – eu falava para ela em sonhos.

— O que importa? – ela respondia – meu amor por ti ainda me devota. A

distância vai de mim até você, senhor Theodoridis.

Uma força descomunal

Seis e meia da manhã, uma manhã calma e tranquila. Meu corpo se levanta, mas sinto que meu pensamento ainda está deitado na cama, e eu nem sei como isso é possível.

Antes de o despertador tocar, eu já estava acordado, de olhos fechados, porém. Eu os mantinha assim aproveitando as reminiscências do sonho que tive, e que queria se dissipar. Então continuava observando Emily por detrás dos meus olhos fechados. Temendo, que quando eu abrisse os olhos, ela não estivesse alí, ao meu lado.

Não tem como por em palavras toda a potência da dor que me invade a cada vez que abro os olhos e não a enxergo alí.

Caminho até o banho, outra vez. E a força que me move chega a ser descomunalmente maior do que a minha vontade de ficar deitado. Tem sido essa força o que não me deixa enlouquecer.

Toda ela cabe num corpinho de menos de um quilo, menos de trinta e cinco centímetros. Nessa hora, ela deve estar dormindo tranquilamente, sem saber que estou louco para encontrá-la em pouco tempo. Ela nem sabe que o pai dela está completamente hipnotizado por ela, e que se não fosse por ela, ele já teria

sucumbido tempos atrás.

Ouço barulhos no andar inferior, e sei que James está tentando fazer qualquer coisa para que eu coma. Eu vou tentar fazer isso hoje, por que ele tem feito muito. Vivian também está alí, antes eu a reconhecia pelo riso argentino que ela sempre tinha. Nestes dias ela está bem quieta, e eu a entendo.

Vestime, um jeans uma camisa de algodão, confortável, e um casaco por cima. Sentei um pouco na cama, antes de sair do quarto, e contemplei a solidão que era aquele cômodo agora. Tudo, absolutamente tudo, tem o cheiro dela. Emily deixou as impressões digitais por todo o quarto, o cheiro, e até fios de cabelo.

Desço as escadas, antes que eu enlouqueça, e me despeço do fantasma dela que eu sei que está alí, mas meus olhos não veem.

— Nicholas – James olha para mim e fala – você tem que comer cara, olha só, está muito abatido e parece que vai desmaiar a qualquer momento. Você não sai daqui hoje sem se alimentar.

— Eu não vou brigar hoje – aquiesço enquanto me sento na banqueta da cozinha e tomo suco de laranja com ovos e bacon. Eu não posso adoecer, se eu o

fizer, não poderei visitar Nicole.

— Sei que não é a melhor coisa a se perguntar... – James começou outra vez – mas como se sente hoje?

— Você tem razão, não é a melhor coisa a se perguntar – eu digo, e me amaldiçoo internamente por estar sendo um imbecil com ele. James deve estar fazendo um esforço quadruplo para cuidar de mim, de Vivian, de si, e de Nicole, quando ele a visita – mas eu estou bem, eu vou ver minha filha em breve, tenho que dar a ela o que tenho de melhor.

— Eu lamento não poder ir com você hoje, alguém tem que dar ordem a tudo que ficou parado. Eu viajo hoje, minha licença terminou, e volto no sábado.

— Tudo bem – eu disse, e estava mesmo.

James se adaptou à perda irreparável dos pais dele, e a vida já tinha sido muito injusta com ele, agora, depois de ter perdido Emily, ele devia estar à beira de um colapso. Por isso, se abrigava na rotina de trabalho, aquilo era o esconderijo preferido dele, assim como sentir a dor em sua totalidade era o meu.

— Eu quero ir com você – Vivian disse ao nosso lado.

— Vamos – James aceitou.

— Não, com você não – ela disse – com você – ela se virou para mim – eu quero ver Nicole hoje, se você não se importar.

Olhei para James, não queria ser o responsável por qualquer discussão entre os dois, e ele olhava para ela, esperando por uma explicação, que não veio.

— Eu vou esperar no carro por dez minutos – eu disse – daqui a pouco começa o horário de visitas, e eu não vou me atrasar. Conversem entre si e resolvam se Vivian vai ou não.

Saí de lá e deixei os dois conversando baixo, algum assunto que não me dizia respeito e que eu não gostaria de ouvir e invadir a privacidade de ambos.

Nem cinco minutos se passaram, eu vi Vivian, vindo em direção ao carro, colocando um casaco, aparentemente zangada. Ela entrou no veículo e bateu a

porta do carro.

— Está tudo bem com vocês? – eu perguntei Não que me dissesse respeito o assunto, mas porque sei que falar faz bem quando uma mulher está irritada.

— Sim, James só está sendo estranho comigo – ela disse – e eu não sei o que fiz. Na verdade, nada do que eu faço parece estar agradando ele.

— Você tem que dar um tempo para ele, Vivian. Ele acabou de perder a irmã.

— Até você? – ela olhou para mim com uma sobrancelha erguida, em incredulidade – eu acabei de perder minha melhor amiga!

— Isso não é uma competição, não tem como saber para quem dói mais ou menos. Cada pessoa tem seu tempo para voltar ao normal, apenas respeite o tempo dele.

— Eu estou tentando.

— Apenas entenda, Emily era a única pessoa que ele tinha na família.

— E quanto a mim? – ela perguntou com uma pontada de desapontamento na voz – eu sou o quê para ele? Achei que eu já fosse família dele.

— Não faça isso, Vivian; não queira ser mais importante que a perda dele, não agora. Você é a melhor amiga da minha esposa... – consertei a frase depois de tê-la proferido – quer dizer, era. Ele espera de você nada menos que compreensão e empatia. E posso ser muito sincero?

— Pode.

— Isso é o que todos esperamos, inclusive eu.

Vivian pareceu engolir qualquer outra palavra que estivesse prestes a dizer e olhou para frente. Ela estava se comportando de forma infantil, e aposto que tinha se dado conta disso.

O caminho até o hospital foi silencioso. O vento tranquilo do caminho

acenava levemente. O sol ainda não tinha surgido em sua totalidade, não desde aquele dia... Mas eu não podia pensar muito nisso agora. Minhas mãos começariam a suar outra vez, minha visão ficaria turva e eu não conseguiria me concentrar no caminho à frente.

Limpei os pensamentos e me concentrei no meu proposito para aquela manhã, e ele era, cuidar da minha filha do melhor jeito que eu pudesse.

O caminho até o hospital durou cerca de uma hora e meia, eu recusei o pedido de Vivian de dirigir o carro para que eu descansasse. Não que eu não confiasse nas habilidades dela como motorista, mas é que se eu ficasse muito tempo sem ocupar minha mente com uma tarefa (por mais simples que fosse), como dirigir um carro, aquela sombra esmagadora de tristeza me envolveria outra vez, e isso era o que eu menos queria agora.

— E você, como está? – Vivian perguntou, quebrando o silêncio que reinava no carro.

— Feliz, porque estou indo ver minha filha.

— Estou perguntando para a parte que não está sorrindo.

— A parte que não está sorrindo, ainda não sabe lidar com isso tudo. E precisa de alguns dias, na verdade, precisa de muitos dias, para se reestabelecer.

— Eu espero que você fique bem logo.

— Eu também, mas eu entendo a mim mesmo, se demorar. Porque eu não perdi apenas uma esposa, eu perdi o amor de uma vida. Almas como a de Emily, eu sei, o céu não permite que se encontre duas vezes na mesma vida.

— Muito profundo.

Mais algum silêncio, onde um respeitou o tempo do outro.

— Como se sente? – perguntei a ela, quando o silencio começou a ficar constrangedor.

— Eu não sei explicar.

— Tenta.

— Eu ainda não acredito que isso aconteceu. Eu... – ela respirou de forma profunda e deu um suspiro dolorido – eu ainda não entendi que essa é a realidade que eu tenho que encarar. Eu juro, parece que ela ainda está por aqui, só escondida, pronta para brigar comigo porque passo tempo demais no computador, como sempre fez.

— Eu também.

— Você também?!

— Sim. Eu sinto que se eu fechar os olhos, e desejar com força. Quando eu os abrir, será dela o primeiro rosto que eu verei. E é essa esperança que me deixa desesperado. Porque eu sei que ela é terrivelmente infundada.

— É isso que tem te feito tanto mal?

— Não, é isso que tem me deixado vivo. Se não fosse isso, se não fosse por

Nicole, se não fosse por eu saber que ela existiu, e que nós outrora vivemos, é que eu não me permito enlouquecer. Nós temos um fruto do breve período que vivemos juntos, Nicole. Eu podia muito bem ficar pirando nesse meio espaço entre a realidade e aquilo que eu enxergo como um sonho, mas ela não permite. Emily não permite, ela me obriga a estar racional quase todo o tempo para que eu cuide de nossa filha, e isso me faz ter que pender para a realidade. Eu a sinto me observando com olhos preocupados e vigilantes, me fiscalizando para cuidar direito de Nicole.

— Isso é tão doce, Nicholas.

— É tudo que eu posso ter por agora, não tem sido suficiente, mas é tudo que me resta. É a tábua a que me agarro, como se eu fosse um naufrago.

— Eu estou aqui, você pode contar comigo também.

— Obrigado – sorri de uma forma gentil e concentrei-me outra vez no caminho que findava.

Canção de ninar

Antes de entrar na unidade neonatal de terapia intensiva, eu precisei passar por uma sala esterilizada. Troquei o casaco e a camisa por outro feito de tecido de algodão verde, coloquei uma touca no cabelo e uma máscara descartável.

Nicole é o que se chama de prematuro extremo. Por ter nascido tão cedo, os médicos me disseram que ela ainda não tem os sistemas totalmente prontos, especialmente o respiratório e imunológico. E é por isso que eu passo por essa sala antes de entrar, para não levar uma bactéria para o lado de dentro da UTI, o que comprometeria, e muito, a saúde da minha pequenina.

— Amarre as costas da tua roupa – Vivian disse para mim, ela se referia ao laço nas costas que eu nunca conseguia alcançar, não sem um pouco de malabarismo primeiro.

Estávamos de costa um para o outro, eu trocando a roupa de um lado e ela do outro, sem problema nenhum, acho que nudez parcial nunca foi um problema para ela. Nunca foi para mim também. Estiquei o braço para tentar alcançá-lo e ela se apressou.

— Espera, deixe que eu faça isso – ela pegou os fios e amarrou. Quando terminou, veio para minha frente, já vestida. E ficou olhando bem no meu rosto.

— O que foi? – perguntei.

— Você já está com outra cara. Isso é ótimo.

Dei um sorriso tímido, para animá-la, e depois cumprimentei a médica que tinha acabado de entrar na sala.

— Senhor Theodoridis – ela retirou a máscara do rosto para falar.

— Sim, senhora – eu respondi e apertei a mão que ela estendia para mim – já posso ver minha filha?

— Claro – ela assentiu – mas só poderá entrar uma pessoa por vez, temos outras mães também no horário de visitas. A sala não pode ficar muito cheia, isso não é bom para os bebês.

— Ok... É... Vivian, você pode ir primeiro, eu espero. Apenas não demore muito.

— Deixa de ser tonto, claro que você vai primeiro. Eu espero, pode deixar só os últimos cinco minutos para mim, eu apenas quero olhar aquela coisinha. Sei que você precisa disso.

Acenei positivamente e acompanhei a médica até o local.

— Como ela está? – eu perguntei.

— Comportando-se bem, temos conseguido mantê-la a salvo. Peço que não se deixe abalar pela quantidade de tubinhos que o senhor verá ligados ao corpo dela. Precisamos manter alguns aparelhos funcionando por ela enquanto os pulmões dela, por exemplo, ainda não se desenvolveram.

— Entendo perfeitamente.

Eu a acompanhava, surpreso pela minha própria ansiedade. Como eu queria ver aquele pedacinho de gente.

Entramos na sala, algumas mulheres que alí estavam surpreenderam-se ao

ver-me entrando. Corri os olhos pelo local e percebi que eu era o único caráter masculino. Agora estava explicado o motivo de todos me olharem como se eu fosse um ser de outro planeta.

— Acompanhe-me, senhor Theodoridis – a médica me indicou com o braço o caminho por aonde iriamos.

A sala tinha vários barulhos diferentes. Algumas canções cantadas à meia voz, o som das máquinas e passos dos enfermeiros e médicos de um lado para outro. Ao todo, doze crianças ficavam naquela sala, contando com a minha filha, cada uma na sua incubadora, protegida do mundo por um casulo de vidro, esperando que seu corpo ganhasse asas que as tirasse de lá.

Nicole estava na incubadora de número oito. No começo, foi difícil distingui-la no meio de tantos tubos brancos. Ela tinha uma tira de algo que parecia esparadrapo segurando um tubo que era o responsável pela respiração dela. Outro tubo que ia pela boca, era responsável pela alimentação dela. Fios medindo as funções vitais dela, alguns outros fios transparentes que eu não sabia para o quê eles eram usados, e uma fralda descartável que por mais que fosse pequena, ainda permitia que duas "Nicolezinhas" coubessem ali dentro.

Assim que a vi, mais de perto, foi como se uma lufada de vida se apossasse de mim, e eu tive um sorriso genuíno naquilo que parecia ter sido séculos. Coloquei uma mão sobre a redoma que a protegia e a cumprimentei baixinho: — Oi meu amor... – comecei a falar enquanto a observava, memorizando cada

pedacinho dela para guardar na lembrança – oi minha vida... O papai veio te ver.

Abaixei-me um pouco para ver o rostinho dela. Nicole estava muito vermelha, o que a médica tinha me explicado anteriormente que era bom, pois significava que o coração dela estava trabalhando direito e ela estava aquecida.

— Você não imagina o quanto eu senti a sua falta – eu disse baixinho, emocionado e saudoso – você é a coisa mais linda do mundo inteiro, mais do que tudo que eu já vi.

Coloquei as mãos pelos orifícios da incubadora, com cuidado, e toquei a faixa de pele à mostra da barriguinha dela. Era fina e delicada. Tão delicada que eu tinha que ser muito cuidadoso para não machucá-la. A outra mão acarinhou devagar a cabecinha dela, com nada além de uns poucos fios de cabelo dourado. Se eu esticasse bastante a mão, ela teria quase o tamanho de Nicole naquele momento.

— Você está enorme – eu falei baixinho – já cresceu o quê? Acho que um centímetro. Papai tá medindo você.

Era bobo, e era óbvio que ela não devia entender nada do que eu estava falando, mas eu precisava falar com ela. A simples idéia de ela me ouvir fazia-a

parecer mais real quando o meu tempo de visita acabava e eu tinha que ir para casa.

— Você tem que ser forte, minha vida – eu continuei –Pelo seu tio, que te adora, e pela sua tia, Vivian, que morre de amores por você. Por você, pela mamãe e por mim. Eu não vou saber viver sem te ver crescer comigo.

Coloquei o dedo mínimo perto da mão minúscula dela e dei um sorriso maior que o mundo quando, quase sem forças, ela envolveu os dedos dela ao longo do meu.

A doutora Maynard apareceu ao meu lado. E eu limpei os meus olhos emocionados disfarçadamente.

— Senhor Theodoridis – ela disse – desculpe interromper. Como, o senhor pode ver, as outras mães já estão se preparando para o método mãe canguru. Imagino que o senhor ainda não conheça, pois estávamos esperando que Nicole ganhasse algum peso antes de podermos coloca-lo em prática, o que já foi conseguido.

Olhei para ela sem entender nada, esperando que ela terminasse de explicar.

— Nós colocaremos a Nicole em contato com o senhor, diretamente. Pelo maior tempo possível para a condição dela. Isso ajuda a estabelecer melhor o vínculo entre vocês dois. O senhor irá carrega-la assim – ela ilustrou como seria o jeito – contra o peito, ela precisa do contato humano.

— Mas ela é tão pequena – comentei temeroso – e esses fios, ela não precisa deles? É claro que eu quero carregar minha filha, mas isso não é perigoso?

— Não, senhor Theodoridis...

— Nicholas.

— Certo. Nicholas, isso não é perigoso. Na verdade, é altamente recomendável. Nicole não conhece ainda o que é carinho, pelo menos não em sua totalidade. Entenda, ela vive uma rotina maçante. Ela é vacinada com frequência, trocamos as agulhas dos aparelhos todos os dias. Isso tudo é desgastante, ela ficará melhor, mais rápido, com esse contato.

— Muito bem – passei a mão suada, repentinamente, contra aquele pano que me cobria, e perguntei – o que tenho que fazer?

— Primeiro, eu preciso que tire a roupa.

— Desculpe? – perguntei confuso.

— Apenas a camisa e a camisola hospitalar. O contato se dá pele contra pele. Assim que ajustarmos Nicole na posição correta, as enfermeiras a envolverão ao senhor por panos, para que ela fique aquecida.

— Certo.

— E segundo, as outras mães também serão colocadas na mesma posição, a não ser que o senhor tenha algum problema com isso, poderemos levá-lo a uma sala específica, o que não é recomendado.

— Não, prefiro aqui. Eu sequer olharei em direção a elas, apenas Nicole me importa neste momento.

Retirei a camisa e o tecido verde pelo alto da cabeça e aguardei as enfermeiras. Elas me pediram que eu sentasse na poltrona que ficava ao lado da

incubadora, e então a trouxeram para mim.

Nicole era minúscula. Contra o meu peito então, ela parecia um bolinho de carne, por falta de uma analogia melhor. Segurei-a com as mãos da forma que as enfermeiras indicaram, e ergui um pouco os cotovelos quando elas passaram um pano envolvendo nós dois.

Aquilo era mágico. Nicole era a minha primeira filha. Era a primeira vez que eu carregava minha filha. Era a primeira vez que eu me sentia realmente pai. Agradeci mentalmente a Emily, ela também tinha me proporcionado várias primeiras vezes.

O rostinho de Nicole, encostado ao meu peito, estava bem quentinho, e eu sentia o peito dela subindo e descendo rapidamente. Os olhinhos dela ainda estavam fechados e protegidos por uma máscara de dormir da Hello Kitty, mas eu sentia, no fundo de mim, que ela me reconhecia pelos outros sentidos.

Ela nem chorou quando eu a peguei. Apenas ficou quieta enquanto eu a aconchegava.

— O senhor pode conversar com ela, baixinho, ou cantar. As mães geralmente cantam. Isso ajuda a relaxar os bebês – a enfermeira mais jovem me

disse. Eu sorri para ela em agradecimento, por que diferente da médica, ela parecia estar falando aquilo com alma, não apenas como uma tarefa.

— Ok... – comecei – Nicole, você vai ter que perdoar seu pai, ele é um péssimo cantor – eu sorri baixinho – mas vamos lá.

Primeiro comecei apenas soltando uns "huns" num ritmo calmo. Então pensei, porque não cantar para ela. Independente da minha desafinação, Nicole precisa conhecer minha voz. Comecei com uma música que Emily adorava ouvir enquanto escrevia, e que de tanto ela repetir, eu acabei memorizando, e era como se a própria mãe dela tivesse escolhido a canção.

— Eu tenho estado sozinho há tanto tempo. Então aí está você, uma mente silenciosa com uma beleza que eu, entretanto, nunca acharia. Alguma coisa estranha está acontecendo e eu não sei o que fazer. Eu não tenho sentido meu coração bater por 90 anos. Eu amo o jeito como você olha para mim quando você pensa que ninguém mais pode ver. Eu me sinto uma pessoa diferente quando você está perto.

Respirei baixinho e continuei:

— Então, durma agora e me abrace apertado. Tudo ficará bem. Só avise e

descanse seus olhos cansados, se acalme... você está segura comigo. Eu a amo mais do que você pode ver.

Nicole soltou um muxoxo quando eu parei. Talvez tenha sido só minha mente, mas eu continuei cantando: —A eternidade pode esperar por enquanto. Eu sentirei falta da maneira que você fica vermelha ao sorrir — Olha, você canta bem.

Vivian disse já ao meu lado. E eu me espantei de leve.

— Aprendeu a mentir agora?

— Não, é a mais pura verdade – ela disse.

Eu nem tinha percebido que tanto tempo tinha se passado, só agora olhei para o relógio da UTI e ele mostrava que tinha se passado quase duas horas.

— Como entrou?

— Eu invadi – Vivian brincou.

— Que?

— Não, alguém saiu e eu pude entrar na sala, nada demais. Só é uma pena que eu não vá poder segurá-la hoje. A médica disse para eu não interromper o momento de vocês dois. Eu nem quero isso.

Ela sentou num pufe que colocou em frente a nós dois e ficou me olhando enquanto eu continuava colocando Nicole para dormir.

Uma voz conhecida

Voltar para casa tem sido uma tortura. Eu ainda ouço a risada de Emily em cada um dos cantos da casa. As fotos dela ainda estão penduradas na parede da sala. Logo acima da parede, uma foto de nós dois, enorme, mostra para mim aquilo que eu não mais terei.

Vivian desce do carro junto comigo, e como ela anda rápido demais, eu tenho que acompanhá-la para não ser mal-educado.

Assim que a porta de vidro se abre, eu sou bombardeado por uma nuvem de sensações e cheiros jamais esquecidos. Emily definitivamente deixou sua marca em cada um dos móveis. Olho para a minha poltrona favorita, e que acabou se tornando a favorita dela também, e só o que consigo enxergar é o olhar dela perdido contemplando os montes que nos cercavam e protegiam do mundo. Olho para o tapete da sala e só consigo me lembrar das noites em que nos amamos iluminados apenas pela bruxuleante luz da lua. Olho para mim mesmo e tudo que consigo sentir é o peso do corpo dela sobre o meu. Por que eu ainda a carrego.

— Nicholas... – Vivian me chama e só então eu percebi que fiquei parado à porta.

— Desculpe... Eu estive perdido em pensamentos.

— Eu sei, mas você tem que entrar. Tomar um banho, comer, fazer alguma coisa para se distrair. Você me deu uma grande lição hoje no carro sobre não medir dores, e eu a entendi. Não quero ficar fazendo isso, e não consigo calcular o tamanho do vazio que você sente nesse momento, mas você tem que fazer exatamente o que estou dizendo. Pode ser?

Acenei positivamente e subi para o quarto. Cumprimentei com um sorriso triste o fantasma de Emily na minha cama e entrei no duche. Banho longo tomado, eu voltei para o quarto. Deitei-me na cama e fiquei pensando numa maneira de não ter que descer as escadas tão cedo. Vivian já tinha intimidade suficiente para vir me acordar, então levantei, tranquei a porta do quarto e voltei para a cama.

Estiquei o braço e alcancei o bloco de notas ao lado da cama. Estava ainda exatamente do mesmo jeito que ela deixou. Comecei a folheá-lo.

Emily tinha muito talento, não somente como poetisa, mas como escritora propriamente dita. Ela já tinha me mostrado alguns contos, que eram simplesmente encantadores. Aquele caderno, no entanto, era proibido. Alí estavam os poemas que ela tinha escrito enquanto ainda estava apaixonada por Trevor. Aquilo era veneno, e eu sabia, mas eu precisava que ele estivesse alí, pois ele tinha se tornado mais uma prova que Emily fora real.

Quando alguém morre, cada pessoa tem um sentimento diferente. Alguns criam um memorial com velas e fotos dentro de casa, em homenagem ao ente querido. Outros preferem guardar todos os pertences sem uso numa caixa apertada e fingir que aquele espaço nunca estivera ocupado. Eu não. Eu prefiro que tudo esteja alí, do mesmo modo que foi deixado, como se tivesse sido depositado há pouco naquele local. Assim a casa tem movimento, assim tudo comprova que minha amada ainda está viva, escondida, brincando nalgum lugar onde eu ainda irei encontrá-la. Basta que ela peça.

Abri aquele caderno e senti como se estivesse abrindo a lâmina que me iria imolar. Comecei a ler os versos delicados que o coração de Emily tinha criado para Trevor, e por mais que eu quisesse, eu não senti raiva, apenas tristeza. Na verdade eu senti raiva sim, mas de mim. Porque talvez se eu nunca tivesse me metido no caminho dos dois, talvez ela ainda estivesse viva. Emily não estaria comigo, mesmo que essa idéia me tirasse o juízo, mas estaria bem.

Eu sempre vou te expulsar, fugir e me esconder. Porque o que está dentro de mim é forte demais para te deixar ver. Você nunca entenderá. Porque não posso fugir do que levo em mim, mas posso tirar o motivo, a inspiração. Não quero pisar, machucar ou ofender, mas preciso de um jeito para viver.

Nada mais será por você. Nem para você... Eu nem mais existirei... Até que você entenda que minhas ilusões doem demais.

Frustra demais essa vivencia de olhar-te apenas. E nunca sequer poder sentir seu perfume ao longe...

O poema era datado de poucos dias depois de ela se mudar para meu apartamento. Li mais outro: Freei aqueles sentimentos. Não, Emily fora minha, e o seria assim eternamente. Nenhum outro homem teria a mesma profundidade de sentimentos por ela que eu tinha, nenhum jamais a amaria com tal devoção quanto eu. Nicole não teria existido se ela fosse de outro, e eu sempre sentiria falta dela, sem nem saber ao certo do que.

Ao toque leve, calmo, despercebido das mãos, um arrepio, um encontro de olhares... A consciência despertou...

Por que esperar de alguém algo que eu tenho aqui? Por que pensar e sofrer por tua indiferença?

Se eu tenho um "deus" por mim e confesso que ele mexe comigo bem mais do que fui tocada por ti.

Porque ele me vê, me toca e aos pouquinhos me invade...

A data era de alguns dias após ela ter me roubado um beijo. Naquele beijo, todo o tempo, eu fingi que estava dormindo. E tive que me controlar seriamente para não a corresponder, ali mesmo, no chão da sala.

Peguei o notebook de Emily e liguei, colocando ele bem ao meu lado da cama e coloquei como fundo de tela uma foto dela que eu tinha tirado logo ao

acordarmos, e que parecia que ela olhava exatamente para mim.

Foi encarando aqueles olhos azuis lindos como um mar e poderosos como um céu de tempestade, que eu adormeci.

Estávamos em Yellowstone Hill, James estava no hospital comigo, e eu estava perdendo sangue rápido demais. O corte profundo no meu braço lançava sangue longe quando alguém não o apertava. Se eu não recebesse sangue logo, eu entraria em estado de choque, e a morte poderia chegar facilmente.

Em vez da enfermeira comum, quem entrou na sala foi Emily. E eu não tinha entendido como ela já estava crescida daquele jeito se na verdade na época em que eu sofri o acidente ela não devia ter mais de dez anos.

— O que aconteceu? – ela perguntou e colocou o estetoscópio no ouvido para escutar meus batimentos. Fazendo um sinal negativo com a cabeça quando viu meu estado.

— Eu não sei, o encontrei assim no quarto – James disse – eu não sei o que fazer. Acho que ele tentou...

— Nunca mais diga isso – ela repreendeu James – eu o quero mais que tudo, mas não a esse preço.

Ela pegou uma agulha de costura, não uma de hospital, e fechou o corte, que na verdade não era no local da minha cicatriz do acidente, mas no pulso. E conseguia ver até a camada fina de gordura debaixo da tez ferida.

— Por que você fez isso, meu amor? – ela me perguntava. Eu não sabia do que ela estava falando, mas quando tentei falar qualquer coisa, percebi que meus lábios não se moviam.

— Eu tentei evitar – James disse – mas ele simplesmente não ouvia ninguém.

Eu comecei a me assustar, sem saber por que eu não me mexia. Quando tudo o que eu queria era pegar Emily nos meus braços e apertá-la até eu ter certeza que ela estava bem.

— Nicholas – ela olhou bem nos meus olhos – não faça mais nenhuma besteira, entendeu? Nenhuma. Se eu souber que você quis se machucar outra vez, eu dou um jeito de castigar você seriamente.

Fechei os olhos e ouvi a bronca dela apaixonadamente. Era a voz dela, o exato timbre da voz dela, nos meus sonhos. Até o jeito zangado que ela falava quando não gostava de algo, emburrada e delicada, nos meus sonhos.

Acordei com um sorriso nos lábios e lágrimas nos olhos. O quarto estava no escuro, a noite tinha chegado, e eu fiquei assim, quieto, por alguns minutos, até que meu coração se acalmou.

— Me escutas, Emily?

Eu a chamei, repetidas vezes, no escuro.

Apenas o silêncio

Nicole repousava quieta, tranquila, nos meus braços. Nada mais parecia ter importância quando eu a tocava. Não existiam pesadelos quando ela estava por perto, não havia tristeza, apenas uma gratidão profunda e sincera, e um amor incondicional.

A máscara da Hello Kitty tinha sido trocada por uma com desenhinhos de ramos de lavanda, e a fralda descartável não ficava mais tão enorme no corpinho de Nicole, sinal que ela estava ganhando algum peso depois desse mês que ela passou na incubadora.

Hoje, não Vivian, mas James me acompanhava. E por mais que ele tenha tentado disfarçar, eu pude perceber o quanto ele tinha se emocionado ao ver Nicole bem, e caminhando para ser saudável.

Assim que saímos da sala, depois de eu ter feito Nicole dormir por horas seguidas com o rosto colado ao meu peito. A doutora Maynard chamou-me para uma reunião na sala dela. Meu peito apertou um pouquinho, já que eu não sabia do que se tratava.

— Bom dia, Nicholas – ela me cumprimentou e indicou que eu sentasse numa das poltronas da área de reunião – Bom dia, senhor...

— Carter, James Carter – meu cunhado apresentou-se para ela, apertaram as mãos e também se sentou na poltrona ao meu lado.

— Senhores, eu precisei entrar em reunião devido a alguns problemas que podem acometer Nicole.

Eu não sei se fazia parte de algum método para me deixar nervoso, mas funcionou. Coloquei as mãos nos joelhos e ajustei minha postura para ouvi-la. James, comportando-se como uma sombra, fez o mesmo movimento.

— Devo preocupar-me? – perguntei, não sabendo ao certo se eu queria ouvir a resposta – Quero dizer, eu posso fazer alguma coisa? É com a minha filha?

A doutora, que parecia não perceber o pânico que estava me causando, virou o monitor do computador para que James e eu pudéssemos olhar um gráfico que ela nos mostrava.

— Nicholas, como o senhor pode ver neste gráfico – ela apontava para as setas que oscilavam na tela – que representa a evolução do quadro clínico de Nicole, ela ganhou bastante peso nas primeiras semanas de internação. O quadro foi avançando significativamente, porém, na última semana, como o senhor pode

notar, o ganho de peso de Nicole foi muito abaixo da média esperada.

Aguardei, em silêncio, que ela continuasse com a explicação. Ela tornou a virar o computador para si, cruzou as mãos sobre a mesa e falou, outra vez: — A dieta feita com leite artificial não tem surtido mais o efeito desejado, e estamos enfrentando uma crise no estoque de leite doado. O que significa que se alterarmos a dieta de Nicole, neste momento, ela não terá alimento suficiente...

— Espere, pode ir direto ao ponto, o que isso tudo significa? – James ataviou.

— Significa que estamos buscando uma doadora de leite para Nicole, no entanto, não estamos empreendendo sucesso. E isso é extremamente necessário, para que ela ganhe peso e especialmente para que o quadro dela não se agrave mais.

Levantei-me, não tinha como continuar sentado depois de ouvir tal notícia. Passei as mãos nos cabelos, frustrado, e quase me desesperei, mas não o poderia fazer, não agora. Não quando minha sanidade e juízo poderiam ditar o futuro da minha filha.

— O que a senhora sugere? – virei-me para ela e perguntei finalmente.

— Sugiro isto – ela estendeu um folheto explicativo para mim e outro para James – é seguro e costuma ser feito sempre que necessário. Os senhores podem conseguir uma doadora, por conta própria, ou então conseguir uma voluntária que será submetida a um tratamento para lactação.

Ela continuou explicando os pormenores de como funcionaria a alimentação de Nicole nos dois casos. Elencando quais as desvantagens e vantagens de cada um. Quando saímos da sala, já era quase tarde.

— Não fica assim – James colocou uma mão no meu ombro amigavelmente – nós conseguiremos passar por isso. Você não deixará nada acontecer a Nicole, por ser sua filha, e muito menos eu, já que ela é minha sobrinha. Vocês não estão sós nessa empreitada. E eu acho – ressaltou a palavra – acho – repetiu-a mais uma vez – que a solução para tal é muito mais fácil do que estamos pensando.

— Qual seria essa solução?

— Vivian.

Eu não poderia pedir que Vivian fizesse tal sacrifício. Os remédios que ela tomaria para produzir leite fazem mal, o corpo dela ficaria cansado, mudaria. Ela teria enjoos matinais, ganharia peso, teria dores de cabeça, e tudo o mais que

afeta uma mulher na gravidez. Ela continuava sendo uma das pessoas mais altruístas que eu conhecia, mas aquilo era extrapolar o limite da pessoalidade.

Por outro lado, aquilo era tudo que eu precisava agora. Eu, nem em um milhão de anos, poderia agradecê-la, suficientemente, caso ela decidisse por me ajudar. Eu já tenho um carinho especial por ela, aquilo aumentaria à decima potência.

— Agora – James continuou a dizer – você tem que se concentrar. Eu sei que Nicole tem tomado muito do seu tempo, e na outra parte do tempo você tem vivido seu luto. Mas estamos precisando de você no escritório.

— Eu não posso deixá-la agora, mesmo se eu for para o trabalho, eu não conseguiria me concentrar. Eu preciso de um pouco mais de tempo.

— Eu sei, mas eu estou me dividindo entre duas cidades, entre dois empregos. Estou fazendo o seu e o meu trabalho, e isso está me consumindo. Eu segurei o máximo que pude, mas estou te avisando que estou cansado. Nós, realmente, estamos precisando que você volte para o escritório.

James conseguiria ocupar até quatro empregos, ele era bom no que fazia. Não tanto quanto eu, mas ainda assim bom. Eu conseguia perceber, que mesmo

ele tendo dado toda essa explicação, o que ele queria na verdade era me fazer sair de casa. Ocupar minha mente com algo que não fosse o profundo vazio no qual eu mergulhava quando não estava com a minha filha.

Usando este argumento, o de que ele não conseguia ocupar meu lugar e fazer meus serviços, ele me deixava encurralado. Eu não o forçaria a fazer mais do que ele já estava fazendo. Eu nem mesmo poderia insistir que ele me desse mais algum tempo, eu já tinha protelado por tempo demais as minhas outras obrigações; — Você tem razão – eu disse por fim – mas eu preciso apenas cuidar do detalhe da alimentação de Nicole, depois eu voltarei com cem por cento de mim ao trabalho. Claro, se isso for possível.

— Totalmente possível.

Ele entrou no próprio carro e acelerou para o escritório da Prime Advogados e Associados, no centro da cidade. E eu andei até o estacionamento em frente ao hospital, onde tinha deixado o carro, para poder pegar meu veículo.

Assim que entrei nele, ainda parado, por alguns instantes, contemplando o nada através do para-brisa, tentei controlar minha mente para que ela não vagasse para o poço de tristeza no qual ela sempre estava indo beber.

— Não... Não... – sussurrei baixinho com a testa encostada no volante – só hoje não, eu ainda preciso de minha razão por algum tempo.

Como se me ouvisse, a capa de tristeza, que parecia estar vindo me envolver, recolheu-se. E eu pude ter mais algum tempo sem aquela dor excruciante no peito. Saí dali e deixei que minhas mãos guiassem o carro pelo caminho que elas bem entendessem. Minha mente, não, ela parecia estar vagando e travando uma batalha consigo mesma tentando não submergir outra vez.

Quando pisei no freio, estava em frente ao cemitério.

Saí do carro e andei até o túmulo de Emily. De joelhos, em frente à placa de mármore no chão, observei a estátua de um anjo chorando que tinha sido perto dela.

— Você tem que me ajudar. Eu estou realmente tentando com todas as minhas forças, mas isso tudo tem sido demais.

Eu não pedia para Emily, mas para Deus, que eu imaginava tê-la nos braços.

— O Senhor a levou de mim, por favor, não leve a minha filha também. Seria muito mais do que eu sou capaz de suportar, e o Senhor sabe.

Algumas pessoas que estavam num velório que acontecia, um pouco mais a frente, começaram a cantar uma música entristecida de despedida. Eu fechei os olhos e continuei pedindo, algo que eu não fazia a algum tempo (devo admitir) que me fosse concedida alguma misericórdia.

— Eu não consigo imaginar uma vida onde Nicole não exista... Ela tem sido a razão de tudo, de eu estar vivo e de eu estar aqui, diante de Ti.

Eu esperava algum sinal, mas nada. Nem um crepitar de galhos secos, nem uma gota de chuva, ou um vento reconfortante.

— Me avise quando não quiser mais ficar em silêncio.

Levantei-me, passei a mão sobre o mármore frio que tinha o nome de minha esposa, a data de nascimento e a de morte.

"Amada esposa, mãe, irmã e amiga, nossos braços sentirão eternamente a tua falta."

— Não se preocupe comigo, Emily. Se tudo der errado, eu sigo os teus passos.

Corra, querido. Corra!

Talvez uma das piores sensações que existe seja a de impotência num sonho. Mil e uma vezes não foram suficientes para que eu me acostumasse. Cada vez que o pesadelo recomeçava, eu me via no mesmo circulo vicioso. Alegria, desespero e vindo em seguida, tristeza. Porque por mais que eu lutasse, por mais que eu insistisse, cada vez que eu sonhava com a noite que eu perdi Emily, eu não conseguia mudar a história.

Eu estava acordado desde as quatro da manhã, que foi o exato minuto em que eu acordei do mau sonho, e não consegui pregar os olhos outra vez. Uma caixinha de remédios para dormir estava ao lado da cama, na mesinha de cabeceira, junto a uma cumbuca de água, mas eu não a usaria. Por nada no mundo eu iria querer ficar preso no vale dos pesadelos que eu não podia controlar.

Quando o relógio apontou seis da manhã, eu desci as escadas. Coloquei antes uma roupa de corrida e peguei o celular com a seleção de músicas que Emily sempre ouvia. E para minha surpresa, encontrei Vivian e James na sala, esperando por mim.

— Que bom que está acordado – Vivian disse, e via-se na ausência de maquiagem, uma palidez triste – nós queremos conversar com você.

James apenas sorriu de um modo não muito convincente e me fez sentar na minha poltrona favorita enquanto começava um sermão. (Às vezes eu acho que ele não lembra que é apenas poucos anos mais velho que eu). Eu queria correr, acabar com a adrenalina que tinha inundado meu corpo durante o pesadelo, e assim estar mais relaxado para o momento de encontrar Nicole, aquilo me frustrou um pouco, mas sentei-me. Afinal, eu também tinha um assunto a tratar com Vivian, e tudo ficaria mais fácil na presença de James.

— Estou ouvindo.

— Nicholas, sobre a terapia a que Vivian tem que se submeter para a amamentação de Nicole.

— Não é amamentação, apenas doação.

— Envolve isso também, quando ela estiver mais crescida – James disse.

— Diga – pedi prestando a atenção devida ao assunto.

— Eu andei pesquisando um pouco sobre o assunto – Vivian disse – e estou com medo. O remédio utilizado para induzir a produção de leite... Bom, ele tem um componente ao qual eu sou alérgica.

Meu mundo ruiu um pouco mais dessa vez, e apesar disso, minhas pernas permaneceram firmes e a razão intacta.

— Eu posso tentar tomar um antialérgico ao mesmo tempo, mas teríamos que consultar um médico especializado, ele teria que tentar fazer uma combinação de medicamentos que não fizesse mal a Nicole, e...

— Não, Vivian, está tudo bem – eu intervi quando percebi que ela estava a ponto de chorar – Eu vou dar um jeito.

— Me perdoa Nicholas – Vivian pediu.

Eu me levantei e andei até ela, ajoelhei ao lado dela, e acarinhei a cabeça loura dela.

— Está tudo bem. Não há o que perdoar. Se você pudesse, tenho certeza, que faria isso sem pensar duas vezes.

James sentou ao lado dela também e a envolveu num abraço carinhoso. Por mais que ele pedisse para ela não chorar, ela o fez.

— Eu sou uma imprestável mesmo!

— Não! Não diga isso! – James falou num tom moderadamente duro – se quiser chorar, chore. Mas não se deixe abater. Você ainda vai poder ajudar Nicole de outras formas.

Levantei-me e pensei que aquela era a deixa para dar-lhes alguma privacidade. Minha cabeça já estava descarregando uma boa parte da adrenalina que eu tinha acumulada num plano mirabolante para ajudar Nicole.

— Aonde vai? – James perguntou.

— Me exercitar, correr, pensar em alguma coisa. Eu volto antes do horário

da visita de Nicole. E à tarde irei ao escritório.

Aquilo tinha saído de última hora, na verdade eu nem sei o porquê de ter prometido tal coisa. De qualquer modo, eu já tinha falado, não adiantava querer voltar atrás agora. James, notando meu conflito interno, ainda sugeriu que eu não fosse hoje.

— Eu irei, eu estou bem – falei, e me surpreendi vendo o quão verdadeiro aquilo soava.

Fechei a porta atrás de mim e coloquei o contador regressivo no relógio. Em uma hora, eu voltaria para casa.

Comecei com um trote e depois aumentei a velocidade até que eu estava correndo. O ar inundava meus pulmões, o vento bagunçava meu cabelo, o som típico da floresta amanhecendo competia com a música em viva-voz no celular, e eu mergulhei naquela sensação por alguns instantes até me sentir centrado o suficiente para pensar numa solução para Nicole.

"Uma idéia, preciso de apenas uma idéia" eu ficava repetindo infinitas vezes. Esperando que as palavras fizessem sentido, que meu cérebro cansado funcionasse, ou que eu vislumbrasse uma solução.

Nicole estava frágil, a médica disse. O leite artificial não supria mais as necessidades dela. Também foi me dito que se ela não ganhasse peso suficiente nas próximas semanas, ela não teria alta da UTI neonatal no período certo. No ritmo que ela caminhava, ela passaria apenas três meses na terapia intensiva, agora, com a ausência de ganho de peso, não saberíamos precisar o tempo adequado.

Ela ainda não tinha aberto os olhinhos, que estavam fechados para proteger a visão ainda não totalmente desenvolvida da incidência direta de agentes nocivos. Alguma coisa, no entanto, me dizia que assim que ela os abrisse, ela teria os olhos da cor dos da mãe.

Um azul infinito, como um céu no final de tarde. Eu não conheci nenhuns outros olhos de um azul tão intenso e tão inocente.

Emily vivia tecendo vários comentários sobre como ela amava a intensidade no meu olhar, ao mesmo tempo em que eu não conseguia ver um olhar mais intenso que o dela. Eu sentiria falta dos olhos dela em mim como eternos vaga-lumes brilhando de alegria numa noite escura.

Eu soube que ela me amava muito antes de ela ter dito. Estava no olhar, no gesto, na forma carinhosa que ela falava comigo, e até mesmo na forma como ela se irritava comigo.

Eu percebi que era amor, quando ela me viu daquela vez na cama, quando ela tentou me seduzir, e eu tive que me virar do avesso para não possuí-la naquele dia mesmo. Eu percebi que era amor quando ela se deixou dormir nos meus braços. Eu percebi que era amor quando ela prometeu que me pediria quando quisesse ser beijada. Como as mais belas flores, eu adorei ver, a cada dia, o sentimento dela desabrochar. Quando enfim, eu poderia colhê-lo, com as próprias mãos, como uma flor durante a poda, eu preferi esperar que ela mesma revelasse os sentimentos. Ouvir que ela me amava, foi uma sensação de devastadora felicidade. Ela confiava em mim como se confia num amante, e aquilo não tinha preço.

— Eu não posso pensar muito nisso, eu preciso pensar em Nicole. Quando ela estiver bem, eu terei todo o tempo do mundo para pensar em Emily. Meu amor, eu espero que entenda – soprei as palavras para o nada, e elas ecoaram pelas árvores até espantar pássaros dormindo ao longe.

"Apenas uma idéia, uma idéia, uma idéia."

Foi então que a coisa que me surgiu foi ao mesmo tempo assustadora e inapropriadamente adequada. Um anúncio no jornal, indicando que se estava fazendo necessário cuidados de um bebê, e durante a entrevista, a idéia seria lançada. Após uma quantidade enorme de exames das mais variadas doenças, o processo poderia ser iniciado.

Ou ainda, poderia ser colocado no jorna um anúncio de uma busca por mães

que pudessem doar leite materno para Nicole. Eu estava disposto a pagar vergonhosamente bem por isso, e tenho certeza que após meu anúncio, muitas mulheres se apresentariam, bastava apenas buscar aquela que atendia as exigências médicas e psicológicas adequadas.

Era um plano de relativa boa execução, boa precisão e, ainda por cima, socialmente aceitável. Muito melhor que prejudicar Vivian e abalar minha relação com James após colocá-la em risco, assim como fiz com a irmã dele.

Corri com mais força do que eu já o fazia - rápido demais para meu ritmo normal. Sentindo um renovo de esperança e um toque de conforto. Imaginando, sem muito esforço, o sorriso de Emily após minha idéia na linha de chegada.

Talvez ela nem estivesse me esperando, talvez ela estivesse ao meu lado, agora mesmo. Acompanhando-me durante a corrida. Afinal, anjos sabem voar.

Quando cheguei à minha casa, tomei banho, tomei café, vesti um de meus ternos, peguei uma pasta e a enchi de papeis de anotações, desci as escadas e saí. Imaginei Emily despedindo-se de mim, ao longe, com um sorriso, e embora eu soubesse a verdade, eu fui feliz.

Começamos errado

Era incrível como uma pessoinha numa manta rosa podia mudar completamente o dia de alguém. A doutora Maynard avaliava com Nicole medindo-a e pesando-a com uma balança infantil de precisão. Ela não precisou olhar para mim para eu entender que ela não tinha gostado do resultado.

— Lamento, Nicholas – ela disse – o ganho de peso de Nicole continua ascendendo abaixo do esperado.

— Doutora Maynard, eu entendo que a senhora esteja tentando ao máximo me furtar detalhes importantes. Eu peço que não o faça, eu sou o pai de Nicole, e o mais interessado na recuperação dela.

Ela pareceu firme por ainda alguns segundos, mas quando notou minha firme resolução, desistiu e "abriu o jogo".

— Nicholas, sua filha está, como eu já disse antes, terminando o desenvolvimento dos órgãos internos e dos sistemas neste tempo na incubadora.

— Isso tudo eu já sei doutora – atalhei a conversa – Virei noites pesquisando sobre o assunto na internet, perguntando a médicos diferentes. O que eu preciso saber é se minha filha corre algum risco.

— Senhor Theodoridis – ela falou e passou a mão no cabelo como se estivesse tentando flertar – Os prematuros podem ter baixa estatura e estão mais propensos a doenças pulmonares, oftalmológicas, como miopia e estrabismo, e comportamentais, como hiperatividade. Nicole não precisa ganhar um quilo por mês, obviamente, mas a relação entre o peso e a altura dela não está sendo respeitada. A falta de nutrientes pode afetar esse desenvolvimento.

— Eu estou resolvendo isso, em no máximo dois dias eu conseguirei uma doadora.

— Como pode ter tanta certeza, Nicholas?

— Apenas tenho. Cuide de Nicole, é para isso que a estou pagando. E, por favor, tenha uma boa notícia boa para mim pelo menos uma vez. Parece que a senhora age deliberadamente para me entristecer.

— Lamento... Eu não estou tentando fazer isso senhor Theodoridis, eu apenas estou a tentar prepará-lo para o que vier a ocorrer, seja bom ou...

— Ou nada. Eu não trabalho com nenhuma opção que não seja a que Nicole sai comigo deste hospital em perfeito estado.

— Certo. – ela desculpou-se e, ao que me pareceu, eu tinha acertado em cheio no que tinha falado.

Meu horário de visita tinha acabado, e tendo em vista o clima entre o pai da paciente e a médica, eu decidi sair. Eu não podia fazer mais nada alí, não mais do que eu já vinha fazendo.

Sai do hospital e entrei no carro. Dirigi até o escritório, um caminho que eu não tinha pegado há algum tempo, e não gostei do vazio que aumentava à medida que eu chegava mais perto dali. Minha vontade era de dar meia volta e voltar para o conforto conhecido debaixo dos meus lençóis, mas eu não podia.

Ontem, durante a noite, eu pesquisei grupos de mães doadoras de leite materno, e obtive um relativo sucesso na busca. Marquei com algumas mães uma entrevista para esta tarde. Se tudo desse certo, até a manhã seguinte eu teria uma escolhida.

Mal entrei na minha sala e James surgiu na porta (ele não me tinha visto entrar), parou no umbral da porta e acho que ficou surpreso por realmente me

ver alí.

— Quando o manobrista me falou que você tinha chegado, eu precisei vir aqui conferir com os meus próprios olhos.

— Não seja tolo, eu falei que vinha – pareceu uma resposta ruim, mas eu sabia que ele me queria ver reestabelecido logo. E nada melhor para demonstrar isso do que o humor ácido que tínhamos um com o outro.

— Fico feliz que esteja melhor.

Melhor, eu não estava. No entanto, eu não tinha razões para arrastar mais pessoas para o meu buraco depressivo.

— Me avise se precisar de alguma coisa – ele disse.

— Aviso sim.

James ia saindo, mas voltou antes de dar dois passos para longe.

— Esqueceu alguma coisa? – perguntei tranquilamente.

— Esqueci. Há, creio eu, duas dúzias de mulheres te esperando na sala de reunião. Falam sobre uma entrevista contigo.

— Ah, sim – levantei-me e peguei uma ficha que eu tinha preparado com as questões que eu faria a cada uma delas – eu resolvo isso.

— Não sabia que estávamos precisando de pessoal.

— Não estamos.

Como se desconfiasse de alguma coisa, James perguntou com ar suspeito: — Então do que se trata?

Uma doação de leite materno deve ser feita exclusivamente aos bancos de doação. Claro, em condições normais, eu poderia contratar uma profissional para amamentar Nicole, mas somente em condições normais. Do modo que as coisas estavam acontecendo, com o banco de doação sem estoque, o leite doado iria direto para o banco passar por um tratamento e depois seria distribuído às crianças conforme a gravidade das situações. Nicole não era um dos casos mais graves, há outras crianças em estado ainda pior.

Estou parecendo um egoísta, mas eu tenho um motivo. Essa doadora a qual eu contratar hoje poderá doar exclusivamente para minha filha, fingindo ser uma espécie de parente. E às outras mães eu sugerirei um acordo com elas para que as mesmas recebessem uma recompensa pecuniária para uma doação "voluntária".

— Nicholas... Nicholas – James me chamou estalando os dedos na minha frente. Eu mal percebi o quanto minha mente tinha viajado.

— Desculpe, eu me distraí.

— Eu percebi.

— Estou procurando uma pessoa que possa passar por minha parenta. Ela poderá, dessa forma, doar exclusivamente para Nicole.

— O quê? Você pretende mentir para o plano de saúde?

— É por uma boa causa.

— Você não acha que poderia procurar ajuda com a Breastfeeding USA?

— Eu passei a madrugada inteira pesquisando sobre o assunto. Eles não podem me ajudar. O aconselhamento com eles é de mãe para mãe, crianças que nasceram no tempo exato. Prematuros, como Nicole, correm mais riscos e por isso eles doam apenas através de bancos legalizados.

James pareceu ponderar na decisão. Ele podia não saber como as organizações de apoio funcionam, mas ele devia saber que o que eu falava fazia sentido. Dessa vez não era mentira. A Breastfeeding USA, maior responsável americana pelas informações sobre aleitamento materno, não podia me ajudar.

Nicole precisava de leite materno. Precisava das células-tronco presentes no leite e de tudo que compunha o "suco da vida", como a Breastfeeding USA o definia.

— Eu estou com você nessa – James disse por fim – se precisar, nós trocaremos até os documentos da pessoa. O máximo que pode acontecer é que eu seja indiciado por fraude no seguro, mas faremos todo o possível para que isso não ocorra.

— Obrigado.

— Agora, por favor, comece logo as entrevistas com aquelas mulheres. Nenhum dos estagiários consegue aguentar o barulho de choro de tantas crianças juntas.

— Eu até imagino – disse e sorri de leve ao sair da sala e me encaminhar para o andar inferior, onde ficava a bendita sala de reuniões em que as mães me esperavam.

Comecei as entrevistas, de cara eliminei cerca de dez candidatas cujos filhos já estavam com mais de um ano. Para mim, a qualidade do leite devia ser inferior. Depois mais quatro, que não tinham o tempo livre para ficar ao meu lado e do de Nicole que sugeriram ter.

Dez candidatas.

Agendei naquela mesma tarde uma nova reunião para elas no dia seguinte. Onde eu estaria com os documentos autorizando as consultas delas, para verificar se estavam realmente saudáveis.

Mal eu tinha finalizado com elas e as estava liberando após o pagamento prometido (esperando que elas voltassem no dia seguinte), batem à porta.

— Nicholas – James me chamou após abri-la – temos uma candidata atrasada.

— Peça que entre – eu não toleraria um atraso desta magnitude num dia normal, mas aquela situação não tinha nada de normal, então autorizei a entrada da retardatária. James deu espaço para que ela entrasse.

As outras candidatas saíram dali e eu fiquei apenas com esta última candidata.

— Quantos anos você tem? – perguntei e anotei a resposta na ficha.

— Vinte e seis.

— Seu nome, por favor.

— Violet.

Olhei para ela esperando que ela me desse o sobrenome, quando ela não o fez, pedi.

— Você tem sobrenome ou algo do tipo?

— Corbel.

Anotei a resposta.

— Onde está seu filho?

— Não está comigo – ela falou e fez uma bolha enorme com goma de mascar que estourou bem na minha cara.

— Seu filho não está com você?

— Isso é importante? – ela perguntou de volta – o que você queria saber, pelo que disse no grupo, era se eu era saudável e se eu produzia leite. Bom, eu posso fazer todos os exames que quiser. E outra, eu produzo leite igual a uma vaca, se quiser eu mostro...

Ela disse e ia abaixar a alça da blusa que usava.

— Não, isso não será necessário – eu disse e estendi a mão a interrompendo – isso fica para após os exames. Eu vou precisar de seus documentos para fazer o agendamento deles. E também para fazer o cheque para o pagamento por ter vindo.

— Aqui – ela tirou a carteira com o número do seguro social da meia sob o coturno de couro que usava e me estendeu – de quanto será esse pagamento?

— Setenta e cinco dólares.

— Só isso? Achei que seria mais generoso.

— Eu serei, se você passar nos exames. Por enquanto estou dando apenas um valor que cobrirá as suas despesas do dia e um pouco mais.

— O... K... – ela soou irritada, diria até desinteressada, e ficou esperando por cerca de meia hora enquanto eu agendava os exames dela.

Enquanto eu falava com a telefonista, analisei a figura a minha frente. Ela era alta, tinha uma cabeleira loura até os ombros repleta de mechas multicoloridas. Usava uma roupa que parecia suja, de propósito, como se fosse uma roqueira punk, exceto pela parte que não tinha nenhum piercing, pelo menos não à mostra. Não parecia ter nenhuma doença aparente, mas eu não tenho olhos de raios-X. Então eu esperaria os exames para soltar algum parecer sobre ela.

Começamos errado, mas, por enquanto, Violet era uma das opções de Nicole, e mesmo que minha vontade fosse despachá-la, por Nicole, eu não o faria.

Uma luz no fim do túnel

Meus dedos tamborilavam sobre a mesa. Eu estava profundamente irritado, e se não fosse uma foto de minha esposa, que partiu tão jovem, me sorrindo, eu já teria perdido as estribeiras.

Das dez, na verdade onze, se contarmos com Violet, candidatas do dia anterior, apenas três voltaram. Uma senhora que tinha dois outros filhos crescidos e fora surpreendida por uma nova gravidez recentemente, e duas jovens mães solteiras. Nada de Violet.

Eu já tinha protelado por mais tempo que o necessário o início da reunião, então minha impaciência já estava num nível catastrófico. Levantei-me e andei até a primeira candidata, a senhora que tinha os outros dois filhos, e a cumprimentei.

— Senhora Smith, por favor, me acompanhe – pedi e a trouxe comigo até uma sala privada. De nenhum modo eu arriscaria um processo por ler os exames de saúde dela na frente de outras pessoas.

Esperei que ela sentasse e em seguida repeti o movimento. Estendi as mãos, com um sorriso gentil, e pedi os resultados dos exames. O que ela fez.

— Como a senhora tem passado, senhora Smith? – perguntei tentando ser gentil, já que minha cara enfezada não escondia minha irritação.

— Estou bem – ela começou a dizer – apenas cansada, pois como o senhor sabe, estou num hotel e com saudades de minhas crianças.

Enquanto a ouvia falar sobre as aventuras dela com o chuveiro elétrico estranho, li os exames, um a um. Claro, eu não sou enfermeiro, médico, ou nada do tipo. Meu conhecimento, portanto, estava limitado ao que eu tinha aprendido na internet e ao que um amigo meu, cirurgião, tinha dito que eu deveria procurar.

Os exames dela não apresentavam nenhuma irregularidade, na verdade a senhora Smith parecia ser a candidata perfeita. Se não fosse por um motivo – no meio da conversa ela soltou, quase que por acaso, que um dos filhos dela, que estava em idade escolar, teria que mudar de escola.

— Para qual escola? – questionei.

— Saint Stephen Junior – ela anunciou – meu irmão, que mora em Phoenix, conseguiu matriculá-lo esta semana.

— Ele irá morar com seu irmão?

— Não! Eu não seria capaz de me separar dele. Eu pretendo morar lá também.

Fechei os exames e cruzei os braços sobre a mesa à minha frente.

— Digamos que a senhora fosse escolhida – indaguei – como a senhora faria para se deslocar de Phoenix para East Valley, diariamente, para amamentar Nicole? Ou ainda, depois que ela sair do hospital, para cuidar dela?

— Eu darei um jeito. Eu não estaria aqui se realmente não precisasse. Eu não tenho marido, estou pelos meus filhos como eles estão por mim. Se precisar, eu durmo no ônibus, mas eu não deixo sua filha nem um dia sem leite.

Soou-me um apelo desesperado, e eu adoraria poder dizer que eu me comovi a ponto de relevar isso tudo e a contratar, mas a verdade é que eu não poderia. Digamos que houvesse um imprevisto qualquer, por exemplo, uma nevasca ou um acidente na estrada, Nicole ficaria sem alimentação.

— Senhora Smith, eu não tinha essa informação anteriormente – eu comecei a falar – se eu soubesse que seu plano era mudar de cidade, eu teria dispensado a senhora mais cedo. Evitando que passasse mais um dia longe de suas crianças.

— Não, senhor Theodoridis – ela começou a falar num tom exageradamente preocupado – eu é que não estaria aqui se eu não precisasse. Como já disse. Eu preciso cuidar dos meus filhos. Desde que meu marido nos deixou, eu tenho me virado para colocar comida na mesa, estamos indo morar com meu irmão porque fomos despejados pelo atraso no aluguel. Eu realmente, realmente, preciso...

— Acalme-se, senhora Smith – falei num tom compassivo – eu imagino como deve estar sendo sua luta, estou disposto a ajudá-la, mas não de forma que eu coloque a saúde de minha filha em risco.

Os olhos marejados da senhora à minha frente pareceram bastante sinceros. E eu me vi numa situação desconfortável. Precisava ajudar Nicole, mas também precisava ajudá-la agora.

— Espere. Não se desespere – eu pedi – eu vou pensar em alguma coisa.

"Alguma coisa... Alguma coisa...".

Nada. Não me surgia nenhuma idéia, eu não conhecia, milagrosamente, nenhum empresário na região.

— A senhora já sabe que não poderei contratá-la. Infelizmente, Nicole precisa de cuidados intensivos. Diga-me, porém, o que posso fazer para ajudar-te.

Calmamente, a senhora Smith respondeu:

— Eu não preciso de uma ajuda para mim. Eu posso trabalhar. Se eu puder pedir ajuda com alguma coisa, é para meus filhos. Meu filho mais velho está entrando no ensino médio e o outro, está indo para o primeiro ano. Se o senhor puder ajudar com algum material para a escola deles, isso sim, me seria de grande ajuda.

— Façamos assim – eu sugeri – a senhora deverá me mandar mensalmente uma lista de tudo que eles irão precisar. Material escolar, vestimenta, ou qualquer outra sorte de coisa. E eu me encarregarei de mandar essas coisas mensalmente para seu novo endereço. Se não for muito, também gostaria de oferecer uma pequena ajuda mensal, pelo menos até a senhora encontrar algum

trabalho.

Recebi um sorriso de gratidão e uma promessa de que tudo que eu viesse a precisar, se ela pudesse ajudar, ela o faria. Eu a despedi com um cheque gordo e um aperto de mão gentil.

Uma das duas candidatas seguintes tinha hepatite B. Então nem precisei me sentir inclinado a contratá-la. Deixei-a partir com um cheque para ajudar nas despesas do filho recém-nascido por alguns meses.

A outra candidata, senhorita Marlee, parecia ser a candidata ideal. Os exames médicos estavam perfeitos. Ela fazia parte de uma liga juvenil da igreja mórmon. Tinha engravidado e fora expulsa de casa pelos pais extremamente religiosos, e agora precisava de ajuda para criar a filha sozinha.

Agora que James e Vivian tinham devolvido a casa que eu tinha dado aos dois, já que eles compraram a deles, eu poderia deixar que ela morasse alí com a filha, quando precisasse sair para o hospital eu a levaria, e bancaria uma ajuda de custo enquanto Nicole precisasse dos serviços dela.

Eu estava a ponto de contratar Marlee para o serviço, quando Violet irrompe na sala. Eufórica, suada e respirando com dificuldade.

— O que é isso? – perguntei – você está bem?

Ela fez um gesto com o indicador para que eu esperasse ela recuperar o fôlego. Aguardei e peguei duas garrafas de água mineral do frigobar na sala, estendi uma para Violet e outra para Marlee.

— Valeu cara – Violet respondeu e pegou a água que eu estendia para ela.

— Senhorita Corbel, como percebe, estou numa reunião com a senhorita Marlee. Se for possível, aguarde lá fora um pouco, assim que finalizar com ela, converso com você.

Ignorando minha sugestão, ela sentou na cadeira ao lado de Marlee e apoiou os pés na minha mesa. Ela continuava mascando goma, feito uma vaca ruminando, e aquele som estava irritando, mas eu me controlaria.

— Acho que fui claro quanto a você esperar lá fora.

Ela descruzou as pernas e as tirou de minha mesa, mas não saiu da sala.

— Olhe só, eu sei que a Marlee aqui deve ter credenciais melhor que eu, mas eu quero te mostrar que você tem opções. Veja bem, eu posso não ser a melhor das mulheres, mas poxa, eu já disse que estou disposta a cuidar de seu bebê tranquilamente. Eu preciso da grana, eu não tenho nada que me impeça de me dedicar exclusivamente a sua filha.

— Eu também não tenho – Marlee respondeu irritada – aliás, você é muito mal educada. Por que não deixa que ele termine a entrevista comigo e depois você entra. Senhor Theodoridis – ela se dirigiu a mim – não entendo como suporta tamanho desrespeito.

— Peraê – Violet pediu – olha para mim, Marlee.

— Para que você quer que eu olhe para você? – Marlee respondeu, mas fez o que Violet pediu.

— Eu acho que não sou a pior candidata aqui – Violet recomeçou – está um calor de quase trinta graus lá fora, porque você está com blusa de manga e gola rolê?

— Acho que isso não é da sua conta – Marlee respondeu.

— Da minha não é mesmo, mas acho que é da parte do senhor – Violet olhou para mim. E eu já estava massageando as têmporas com aquela briga ridícula.

— Porque o modo como ela se veste me traria algum interesse?

— Achei que era mais esperto – ela deu de ombros – não vê que a senhorita aqui está com as pupilas dilatadas? Além disso, essa coriza incessante pode passar por resfriado, mas não para mim. Por que não sugere que ela erga as alças da blusa e lhe mostre a parte interna dos cotovelos?

— Violet...

— Se eu estiver errada eu mesma levanto e vou embora – ela disse.

Suspirei exasperado e pedi que Marlee fizesse o que foi pedido.

— Eu não vou fazer isso! Essa garota ridícula manda no senhor ou o quê?

— Apenas faça – eu pedi.

Minha cabeça já doía com a briga das duas.

Relutante, Marlee ergueu as mangas da blusa e mostrou a parte interna do braço.

— Rá! Como eu suspeitava – Violet disse – olha esses furinhos. Quando eu te vi, limpando o nariz, estava até cobrindo minha boca para não pegar uma virose, mas aí você me olhou com essas pupilas dilatadas e eu suspeitei. Agora, minhas suspeitas se confirmaram.

— Que suspeitas? Está louca garota?

— Violet, vá direto ao ponto.

— O ponto ainda não é certo, mas eu suspeito que seja cocaína.

Aquilo era uma grande coisa. Olhei para Marlee que balançava a cabeça em negação e perguntei se aquilo era verdade.

— O senhor não pode acreditar nessa doida!

Mas, infelizmente, o médico que me vinha orientando confirmou alguns dos sinais. Inclusive a irritabilidade. E indicou que o melhor a fazer era dispensá-la.

Marlee foi embora com um cheque. Eu me perguntei se aquilo era uma boa idéia, afinal, ela poderia usar o dinheiro com entorpecentes.

— Agora somos só você e eu – Violet disse e parecia orgulhosa como Sherlock ao desvendar um mistério.

— Primeiro: tire as pernas da minha mesa. Segundo: eu ainda não a entrevistei. Terceiro: não seja tão presunçosa.

— Tirar as pernas, ok. Entrevista, estou pronta. Quanto a ser presunçosa, isso não sou. Mas o senhor poderia deixar de ser orgulhoso. Aqui estão meus

exames.

Analisei tudo minuciosamente, ainda liguei para meu amigo para alguns esclarecimentos.

— Como pode ver – Violet falou outra vez – estou limpa. Tenho todo o tempo do mundo para cuidar de sua filha, e estou aqui.

— O que te leva a crer que eu a contrataria agora?

— Bom, eu sou a única aqui. Além disso, o senhor sabe. Precisa de mim assim como eu preciso desse emprego.

Eu tinha que admirar a atitude dela, pois, infelizmente, ela tinha razão. Violet era uma luz no fim do túnel. Mesmo que essa "luz" estivesse vestida com uns trapos, imundos e esfarrapados, ainda era uma luz.

Uma aceno para minha alma

— Então você não estuda?

— Não mais, quer dizer. Por enquanto não.

— Não trabalha?

— E por isso estou me candidatando a esta "vaga" – ela até desenhou as aspas no ar – digamos assim.

— E também não tem nenhuma pessoa para o qual eu possa ligar e conseguir referências?

— Bem por aí mesmo. Se eu der o número, você vai me querer me expulsar da sua sala, e aí eu vou ter que chutar seu pacote.

Era difícil saber se ela falava sério ou não.

— Violet, seus exames estão ótimos. Na verdade, sua saúde deve estar melhor até que a minha, mas não vou mentir para você. Estou repleto de temor.

— Por quê?

— Veja bem, você não me parece uma pessoa muito confiável. E eu não quero ofendê-la, mas sinto que há algo mais que você não quer me contar.

— Sempre há. Nossa conversa não tem durado dois dias, e não me leve a mal o senhor, mas tem coisas que eu não conto nem para meu pai, e eu o conheço desde que nasci.

— Isso dificulta as coisas.

— Eu sei, e acredite, se eu não conto é porque eu tenho meus motivos. Você não é o único a ter suas reservas com alguém, eu também não estou totalmente à vontade com isso tudo – ela gesticulou para o ambiente – então nós dois teremos

que respeitar o espaço alheio.

— Não sou eu quem importa nessa equação. Nicole, ela sim é a peça fundamental. Eu não preciso que confie em mim quanto a qualquer coisa que não seja seu pagamento, mas eu preciso confiar em você com cem por cento de minha vontade, e acreditar que você não deixará minha filha desamparada. Eu preciso – ressaltei a palavra – confiar em você.

— Você pode confiar em mim no que tange á sua filha. Eu vou me dedicar a ela com todo o meu tempo, e com todos os meus esforços. Não só pelo pagamento, mas por tudo. Eu farei isso por ela, por você, pela sua esposa e também por mim.

Fiquei algum tempo em silêncio absorvendo a falta que a palavra "esposa" me evocava sempre que era anunciada. Estendi a mão para selar o contrato com Violet.

Eu tinha todas as qualidades de uma candidata ideal numa pessoa nem tão ideal assim. Violet parecia ser o tipo de jovem insubordinada que me traria muitos problemas, e ao mesmo tempo, muitas soluções.

Eu já tinha discado o ramal de James e estava apenas esperando que ele

viesse à sala para mostrar a candidata selecionada. Violet continuava com a goma de mascar (provavelmente sem sabor) na boca. Admirando as paredes e os quadros pendurados nela. Curiosa, parou e ficou olhando um em especial.

— É ela a sua esposa? – ela perguntou e apontou o quadro.

O óleo sobre tela tinha sido presente surpresa de Matheo dias após o casamento. Emily parecia uma deusa onírica naquela peça. O cabelo esvoaçante, contra o vento, e os olhos e lábios em destaque. Ela parecia, inclusive, bem mais crescida do que era na realidade.

— Sim, minha esposa.

— Eu pensava que, com todo o dinheiro que vocês parecem ter, ela seria uma daquelas loiras de pernas longas e dez quilos de maquiagem na cara, que não quer amamentar para não deixar cair o seio. Já me tranquiliza saber que me enganei.

— E me tranquiliza saber que a idéia totalmente errada que você tem de minha Emily não está mais na sua mente.

Ela levantou da cadeira e foi até o quadro. Passou a mão na assinatura e leu em voz baixa o nome do artista. Fechou os olhos como se tentasse buscar alguma lembrança sobre o nome, mas creio que não surtiu efeito. Deslizou os dedos sobre a tela e analisou os tons rosáceos e violáceos do fundo do quadro.

— Lindo para caramba. Quem pintou o quadro deve ser apaixonado por ela. Não tem outra explicação.

— Não tem outra explicação para quê?

— Alguém não pode ser tão inumanamente fofo!

— A pessoa que pintou o quadro a tem como uma irmã ou uma protegida, eu diria, por isso a beleza sensível.

— Pensa o que quiser, eu tenho minha opinião.

Ela falou e deu de ombros se acomodando na cadeira outra vez. Abaixou-se para apertar um pouco mais o cadarço do coturno e ajustou o cabelo mais para o

alto. Ativa demais para comportar-se.

— Sabe – ela recomeçou a falar – são sete da noite, e eu tô cansada de ver em todo tipo de filmes que quando se está numa reunião, o mínimo que gente educada oferece é café.

— Eu já te ofereci café ou chá duas vezes.

— Eu não ouvi – ela falou – eu quero agora então. Mas melhore nessa oferta aí, eu tô com fome.

Ela tinha razão, estávamos desde as duas da tarde naquela sala. Apesar de ela ter recusado os cafés, já era noite. Eu estava sendo para além de deselegante. Peguei telefone e disquei o ramal de um restaurante conhecido, mas desliguei antes que atendessem.

— O que você prefere para jantar?

— Um McLanche feliz.

Olhei para ela em descrença, esperando que ela dissesse a qualquer momento que era apenas uma brincadeira, mas ela sorriu e apenas fez um gesto para que eu prosseguisse.

Fiz o pedido e mal eu tinha desligado o aparelho, James entrou na sala: — Oi, Violet – ele a cumprimentou assim que entrou na sala – como está?

— Estou bem. Eu te falei que iria conseguir esse negócio, não falei?

— Falou sim – ele a cumprimentou com um sorriso e sentou na cadeira ao lado dela.

— Vocês já se conheciam?

— Não, mas James parece ser bem legal. Apesar de ser mais velho que você não parece tão ranzinza quanto.

Ignorei o comentário e peguei alguns papeis que eu tinha separado do lado da mesa. Comecei a dispô-los diante dela na ordem que eu os apresentaria.

— Isto é um acordo de não divulgação, ou termo de confidencialidade.

— Um acordo secreto? – Violet perguntou.

— Sim, isso. Um contrato que ambos assinaremos para garantir que os termos do nosso acordo são confidenciais e que o compartilhamento para fim não disposto neste contrato é ilegal.

— Nossa, que sinistro.

— A própria existência deste acordo não deve ser publicada. No momento em que assinarmos, teremos um acordo entre nós. Este acordo será uma espécie de relacionamento confidencial para proteger o nosso segredo comercial.

— Eu não vou assinar nada sem falar com meu advogado primeiro.

— Sério? Não me leve a mal, mas você não parece ter muito dinheiro para contratar um advogado honesto o suficiente para não enrolá-la.

— Eu sei. Só falei isso porque eu tenho que mostrar que estou preparada para qualquer coisa e para te colocar na retaguarda.

— Não funcionou.

— Eu também o sei, gênio.

Ignorei outra vez o comentário e continuei explicando: — Sendo mútuo, significa que ambas as partes sofrem restrições no uso dos materiais providos. Você não conta a ninguém sobre nosso acordo e eu não conto a ninguém que você aceitou o acordo. Você terá todas as suas despesas básicas pagas por mim enquanto este acordo permanecer vigente, além de receber um pagamento mensal para fazer o que quiser. Você residirá na casa de hóspedes em minha propriedade. Em troca, peço apenas que esteja disponível para Nicole com exclusividade durante esse tempo.

— Parece plausível.

— Tem mais – nesse momento a secretária me liga anunciando que o jantar de Violet chegou, eu permito que entrem.

Enquanto ela come, prossigo com a explicação: — Você terá que se passar por minha parenta. Assim sua doação será exclusivamente para minha filha. Eu não poderia permitir que lhe faltasse qualquer coisa, não além do que tem faltado.

— Já disse, produzo leite como se o amanhã não fosse existir, alimento não faltará para ela.

Aquilo pareceu me tranquilizar um pouco. Eu sorri, confiante, pelo menos um pouco, para o portrait de Emily.

— Se não for pedir muito – ela disse – eu já quero ir hoje para o tal local que o senhor me ofereceu.

— Por mim tudo bem, alguma objeção James?

— Nenhuma, a casa está em ótimo estado, pronta para ser habitada. E tenho certeza que Violet se adaptará perfeitamente e ela.

— Já estamos de saída, você pode vir conosco. Podemos passar em algum lugar para pegar sua bagagem.

— Não tenho nada além do que já trouxe. E está lá fora, no corredor, me esperando.

— Tudo bem então.

Era estranho, mas eu estava cansado demais para entrar numa outra discussão sobre isso.

James a levou para a casa de hóspedes no próprio veículo. Eu peguei meu carro e antes de ir para casa passei pelo túmulo de Emily. Eu a tranquilizei um pouco sobre Nicole, expliquei que tinha conseguido a ajuda que Nicole necessitava e que agora nossa filha cresceria saudável. Joguei um beijo para os céus e esperei que ele tocasse a parte da minha alma que Emily tinha carregado consigo.

Excesso de irritação

Geralmente, as pessoas não são muito favoráveis a ter pesadelos. A sensação de aperto no peito, incapacidade e impotência eram esmagadoramente assustadoras para elas. Um pesadelo sempre vai te fazer enxergar aquilo que se tem mais medo, que não se pode mudar, mesmo que se deseje com toda a força do mundo.

No meu caso, eu odiava os sonhos.

A paisagem que se pintava, as cores, o som, por vezes o toque ou o cheiro, que reacende a falta de algo no coração. O gosto dos beijos tantas vezes experimentados e que se tornavam sempre tão familiares e tão inesperados, a sensação de pegar o ar e sentir um corpo. Aquilo era enlouquecedor.

Quando eu via Emily nos meus sonhos, ela sempre estava sorrindo, linda. Algumas vezes ela estava me esperando na porta da universidade, onde eu a buscava diariamente enquanto ela não tinha carro. Ou ainda, naquela festa em nossa casa, onde ela parecia uma Vênus emergida de enormes cascatas de tecido cor de sangue.

Eu era infinitamente feliz quando a via, eu a enchia de beijos e a apertava forte entre meus braços enquanto minha mente retornava à consciência ao

perceber que o sonho não se assemelhava à realidade.

Não foi diferente dessa vez.

O avião tinha pousado há pouco tempo no solo de East Valley, mas eu estava alí há pelo menos uma hora. Meu coração insistia em não nomear a sensação estranha que eu tinha no peito e eu me reservava. Ao longe, sentado numa cadeira na sala de espera de uma chocolataria, eu a observava.

Emily estava sentada nas cadeiras do saguão do aeroporto, absorta em pensamentos. Pensando em coisas que eu sequer imagino. E eu tinha que controlar aquela vontade insana de depositar aos pés dela toda a adoração desenfreada que eu escondia.

Quando eu a surpreendi, ela me sorriu e eu senti como se eu tivesse sido socado no estômago. Não havia para mim nenhuma outra beleza como a dela. Nem nunca haverá. A pele dela sempre parecia diáfana e eu tinha a sensação de que se eu estreitasse bem os olhos, eu poderia ver os vasos sanguíneos sob ela. Ela ainda tinha os mesmos olhos azuis curiosos dos dezoito anos, e estava bem mais mulher aos vinte. Eu conseguiria, se eu fechasse os olhos, desenhar num papel cada traço do rosto dela.

Ela me entregou nos braços um pequeno pacote que, quando abri, me surpreendeu pelo conteúdo. Uma bebezinha cabia naquela caixa de sapatos. Enrolada em plástico "bolha", ela parecia frágil.

— O que é isso? – eu perguntei, o sonho começou a não fazer mais sentido.

— Nossa filha. Eu devia ter embrulhado ela melhor, mas não tive tempo de prepará-la direito. Cuida dela para mim?

A pergunta se desenhou no ar e espalhou-se pelo ambiente.

— Sim... – eu disse olhando para o pacote de conteúdo estranho em minha mão.

Quando ergui os olhos para procurar Emily mais uma vez, ela não estava mais lá. Corri os olhos por aquele saguão que agora parecia mais movimentado e notei traços de Emily em cada uma das passageiras. Ou pelo cabelo, ou pela cor dos olhos, ou pelo desenho dos lábios. Todas elas eram Emily e ao mesmo tempo não eram.

Acordei.

Apesar do final do sonho, ainda era um sonho. Por que diferente dos pesadelos, Emily não morria nos meus braços.

Um novo dia se desenhava para mim. Cheio de esperança e de um luto que eu fazia questão de carregar. Hoje, finalmente, Nicole poderia começar a nova dieta. Agora, com leite materno, e ficar mais forte em um tempo mais ágil.

Levantei-me, iria correr antes de ir ao hospital, e me vesti em tempo recorde e desci para a sala, ansioso que a hora de visita de Nicole chegasse rápido. Nem James e nem Vivian estavam de pé, e era hora de abraçar a tristeza que eu tinha dentro de mim, mantê-la controlada e tentar agir normalmente.

Fiz o café da manhã (que no meu conceito é montar uma tábua de frios, separar o pão e deixar o café na cafeteira) e saí para correr.

Algum tempo mais tarde, quando voltei para casa, todos estavam se servindo na sala de jantar.

— Bom dia, Nicholas – James me cumprimentou – quanto fez hoje?

— Pouco, apenas oito quilômetros.

— Já foi melhor.

— Eu sei.

— Esquece esse moço e vem comer alguma coisa – Vivian intrometeu-se – senta aqui – ela bateu na cadeira ao lado dela – você não toma banho antes de comer algo.

Ela nem precisava pedir isso, eu realmente estava faminto, não tinha comido direito na noite anterior. Então, sentei-me ao lado dela e fiz um sanduiche para mim.

— Eu já mandei uma mensagem de texto para Violet – James disse – ela chega aqui logo.

— Ela vem tomar café com a gente? – Vivian perguntou, eu dei uma mordida no sanduiche.

— Sim.

— Que bom, finalmente irei conhecê-la.

— Achei que a tivesse conhecido ontem – comentei.

— Ontem?

— Sim, James a trouxe para casa assim que saímos do escritório.

— E por que raios eu não soube disso?! – Vivian perguntou irritada. James, por sua vez, deu de ombros e respondeu.

— Fizemos algumas coisas antes, e quando a trouxe para casa você já estava dormindo.

— Mas que tipo de coisas vocês fizeram? – Vivian perguntou levemente mais irritada.

— Nada demais – James continuou a comentar com o mesmo ar de provocação para Vivian -

— Você tem muito mesmo o que explicar – Vivian falou num tom duro que mostrava que ela estava no auge da irritabilidade estável, e uma palavra a mais e ela perderia o equilíbrio.

— Eu imagino que ele se refere a fazer compras para que Violet tenha materiais básicos em sua casa, artigos de higiene, essas coisas – comentei tentando salvá-lo da situação, mas ao que parece, ele não queria ser salvo.

— Não, fomos comprar roupas, e também algumas roupas íntimas – ele olhou para Vivian com um olhar de desafio e eu senti vontade de sair dali para deixar os dois sozinhos, mas mais uma pessoa chegou a casa e eu não podia ser mal educado.

— Bom dia – Violet nos cumprimentou.

Com um banho tomado, uma roupa decente, e o cabelo penteado, ela parecia muito mais apresentável do que nas vezes anteriores em que a vi.

— Bom dia – cumprimentamo-la James e eu, Vivian ficou quieta analisando a visitante.

— Sente-se, tome café conosco – James ofereceu, solicito demais, e com certeza querendo briga.

— Claro, é para já – Violet sentou na cadeira ao lado dele, para o desespero de Vivian que quase entortou a colher de sobremesa que tinha nas mãos.

— Então, você é a Violet – Vivian sondou a concorrente.

— Sou sim, e você quem é?

— Vivian Carter – ela se inchou para falar – até onde eu o sei, esposa desse ser do teu lado.

— Por que você não me disse que era casado?! – Violet comentou sorridente e deu um soco no ombro de James – Ela é tão...

— Linda? – sugeri a palavra esperando que Violet a usasse, mas ela não o fez.

— Pequenininha – Violet falou e gesticulou com as mãos para mostrar o tamanho de Vivian. Era óbvio que ela não estava fazendo isso por maldade, mas mesmo assim não consegui deixar de me preparar para segurar Vivian se necessário.

— E você parece um varapau – Vivian se levantou e olhando diretamente para James falou – eu fiquei sem fome, aproveitem a companhia um do outro.

Violet continuou enfiando os filetes de presunto na boca como se nada tivesse acontecido. Eu falei: — James, me ajuda a levar essas bandejas vazias para pia.

James pareceu entender que eu queria falar com ele e se levantou.

— Olha, que bonitinho! Parece até um casal! – Violet falou divertida.

Sorri para ela e andei ao lado de James, ficamos disfarçadamente de costa para a mesa.

— O que foi isso?

— Nada demais.

— Não pareceu nada demais, Vivian parece furiosa. Eu não quero dizer como você deve tratar sua mulher, mas não deveria tratá-la desse jeito. Parece que a provoca deliberadamente.

— Eu sei o que estou fazendo.

— O quê? Ruindo seu casamento?

— Não, e não se preocupe com isso, eu tenho tudo planejado, diria mais, diria que tudo está acontecendo do jeito que deve e do jeito que eu quero.

— Me desculpe, mas não parece.

— Mas está. Ontem, eu vi que Violet tinha apenas aquela bolsa de roupas, e tomei a liberdade de levá-la para comprar algumas roupas decentes. Ela não entraria com as que ela estava usando no hospital nem com suborno. Depois, a levei para comprar suplementos vitamínicos e algum material para casa, além de alimentos para quando ela não vier ter conosco.

— Então por que não falou isso para Vivian? Pouparia a ela uma irritação desnecessária.

— Eu não sei. Achei melhor assim.

— Se continuar fazendo isso, ela cansará de você. E ela é uma ótima

pessoa. Vê se toma juízo nessa merda de cabeça e a trata direito. Você está parecendo um adolescente imbecil.

— Nicholas, eu não quero ser grosso, mas não se mete na nossa vida. Eu já disse, tenho tudo controlado, se não acredita nisso, azar.

James falou e me deu as costas. Ele não parecia em si nestes últimos dias, e foi a primeira vez que notei isso com mais clareza.

Eu estava tão focado em mim que não estava prestando atenção ao ambiente ao meu redor. Quando essas brigas tolas entre os dois tinham começado? Eu não sabia. Mas, pela primeira vez em séculos, eu fiquei preocupado com o estado emocional dele.

Uma menina perfeita

Vivian não saiu do quarto até o momento em que eu saí de carro com Violet. James ficou no escritório, quieto. Eu interpretei que ele não queria ser atrapalhado.

— Sério que eu tenho que ficar no banco de trás como uma criança? Só faltou me colocar numa cadeirinha – Violet reclamou pela ducentésima vez só no primeiro quilometro – aqui é desconfortável para caramba, porque mesmo que você comprou um carro tão desconfortável?

Estávamos na minha Dodge, de todas as qualidades que ele tinha, espaço interno era uma das melhores.

— Você é alta demais – comentei – e só está faltando espaço porque você quer colocar sua perna no encosto do banco da frente.

— Como se isso fosse algum defeito – ela deu de ombros e eu vi pelo retrovisor quando ela ajustou a postura.

— Vamos repassar o texto.

— Ok, vamos lá.

Ela respirou fundo, ajeitou-se outra vez, desta vez ficando mais aprumada e então falou num tom calmo: — Meu nome é Violet Nella Sue, eu tenho vinte e seis anos, eu sou sua prima em primeiro grau. Eu morava em Nova York, mas vim para a cidade assim que soube que você precisava de ajuda. Sua mãe, Adria Theodoridis, com quem eu morava, e seu pai, Stefano Theodoridis, estão me custeando durante minha estadia na cidade. Minha mãe se chama Helena, e ela ficou em nossa casa...

— Continue.

— Esqueci o sobrenome dela.

— Briseus.

— Isso, minha mãe se chama Helena Briseus. E meu pai...

— Você é adotada.

— Não, eu não sou.

— Claro que não, mas na nossa estória, você é. Além disso, nos passaremos por parentes facilmente, você é quase tão alta quanto eu. Loira, e temos um tom de pele parecido.

— Somos almas gêmeas – ela comentou sem maldade.

— Não. Não somos.

Parei a conversa alí e fiquei concentrado na estrada à frente. Para mim, ouvir de qualquer outra mulher que ela seria minha "alma gêmea", "cara-metade", ou outros nomes correlatos, me parecia com a mesma sensação que se deve ter ao profanar um local sagrado.

O deserto que tinha se tornado meu coração, ainda tinha dona. Mesmo que não houvesse nenhuma esperança de habitação para esse "templo", ele ainda

seria dedicado a ela.

Violet respeitou meu silêncio no resto do caminho. Quando chegamos ao hospital, fomos direto para a sala de troca de roupas. Deixei que Violet se trocasse primeiro e fui falar com a doutora Maynard.

— Eu posso entrar, doutora Maynard? – bati à porta, abri um pouco, esperando que ela me autorizasse.

— Entre, senhor Theodoridis – tínhamos voltado algumas casas na relativa intimidade que tínhamos construído.

— Doutora, eu gostaria de avisar que a consegui uma pessoa para ajudar Nicole. Violet Nella Sue, minha prima. Ela nem mesmo precisa fazer a terapia para lactação, eu acho, ela teve filho recentemente.

— Isso é fantástico, senhor Theodoridis – ela soou feliz, mas continuava sem mostrar essa tal felicidade que pretendia mostrar – teremos alguns exames para fazer, o senhor sabe...

— Não, eu falei com um amigo meu. Inclusive, ele se especializou na mesma instituição que a senhora. O doutor Leon Warsaw, que tem a mesma especialização que a senhora. Ele me listou todos os exames que Violet teria que fazer, e para que não perdêssemos tempo, eu já pedi que ela os fizesse todos.

— Conheço o doutor Warsaw, ele é um amigo muito querido. Espero que o senhor compreenda que os exames terão que passar por perícia. Os resultados podem ser facilmente modificados e, eu não quero que o senhor pense que eu desconfio do senhor, eu apenas estou pensando no melhor para a paciente.

— Em quanto tempo a perícia estará finalizada?

— Creio que dois ou três dias.

— Isso é muito tempo! – falei irritado, as emoções que eu tentava guardar para manter o raciocínio pareciam estar prestes a romper esta represa que eu tinha erguido.

— Fique calmo. É o melhor tempo que conseguiremos. Na verdade, sua prima já poderá retirar o leite que será doado, depois é que será autorizado seu uso, ou não.

— E Nicole, nesse meio tempo, do que ela se alimentará?

— Com a mesma dieta, eu espero que entenda, é para o bem da sua própria filha que retardaremos a inclusão da nova dieta.

— O que posso fazer para que isso se apresse?

— Temo que não esteja em suas mãos apressar isso. A não ser que o senhor consiga subornar algum de nossos peritos.

— Qual deles é o mais subornável?

— Senhor Theodoridis, foi apenas uma colocação casual. Nenhum deles faria isso, e nem eu mesmo sei por que sugeri isso. Ainda que o senhor pagasse uma soma avultosa, os testes tem um tempo para reação.

— Tudo bem... Tudo bem... Eu não irei me preocupar. Posso ver Nicole?

— Claro.

— Sua prima está aqui?

— Sim, está.

— Ela pode visitá-la, caso o senhor queira, seria muito bom que ela já se acostumasse com o cheiro dela e o toque, assim, quando mudarmos a alimentação de Nicole de mecânica para oral, ela não irá estranhar.

— Perfeito, eu já a deixei trocando de roupa, e farei o mesmo agora. Com licença.

— À vontade.

Saí da sala e sinto que deixei minha esperança lá dentro. A doutora Maynard era excelente no que fazia, mas parecia estar sempre disposta a nos tirar qualquer sombra de esperança que surgisse.

Eu visitaria minha filha e quando saísse falaria com a direção do hospital. A doutora Maynard sempre parecia dura demais, quase como se não estivesse gostando do trabalho que executava e eu, bom, eu estava pagando alguns milhares de dólares por mês para custear a internação de Nicole, eu sinto que por isso, mas não apenas por isso, ela merecia um melhor tratamento.

— Estou pronta – Violet me disse assim que entrei na sala de troca – eu posso esperar lá fora, se quiser.

— Eu apenas vou tirar o paletó e a camisa, não se incomode.

— Na verdade, eu me incomodo sim. Vou lá para fora.

Violet saiu e eu retirei minha roupa. Lavei as mãos conforme fui ensinado e o peito, e vestime. Saí da sala. Caminhei com Violet pelo corredor até a UTI neonatal e a enfermeira responsável autorizou nossa entrada.

— Por aqui... – peguei a mão de Violet e a trouxe até o local exato onde Nicole dormia.

— Uau! Ela é linda, senhor Theodoridis!

— Nicholas.

— É estranho.

— Não, não é – falei baixinho – você é minha prima.

Coloquei a mão pelo buraco da incubadora e massageei a costinha de Nicole, que estava pendurada numa espécie de rede feita com fraldas naquele pequeno espaço.

— Amor da minha vida – eu comecei a conversar com Nicole – como você está hoje? Papai anda tão preocupado com você, sabia? Você ainda nem está na idade de namorar e já está me dando trabalho. Eu quero te apresentar uma pessoa. Essa é Violet, ela vai ajudar você a ficar forte e saudável, e a sair daqui logo.

Eu não mentiria para minha filha dizendo que Violet era tia dela, não

mentiria para minha filha nunca. Aquilo devia ser clausula do contrato entre pais e filhos, nunca mentirem um para o outro, por isso, eu não o faria. Acarinhei a cabecinha dela e continuei conversando.

— O quarto que sua mãe fez, todo decorado, está te esperando ansiosamente. Na verdade toda a casa está te esperando ansiosamente. As paredes mal podem esperar para que você as rabisque, o quintal mal pode esperar para que você corra nele. Até meu quarto, ele mal espera pelas noites em que você vai levantar e ir deitar-se comigo.

Meus olhos encheram de lágrimas, eu não queria chorar. Ao mesmo tempo, porém, em que eu falava estas coisas, se desenhava um assombro de como seria minha vida se isso não se realizasse.

Limpei os olhos, disfarçando, e ouvi apenas a voz de Violet: — Não precisa esconder seus sentimentos. Isso só te torna um sujeito mais legal. Eu posso? – ela perguntou se aproximando do vidro da redoma.

Acenei que sim para ela e a vi colocar com cuidado as mãos pelo buraco do vidro e pegar na mão pequena e delicada de Nicole. Eu poderia jurar que havia algumas lágrimas nascendo nos olhos dela também, mas do ângulo que eu via o rosto dela, eu podia estar enganado.

— Ela é perfeita, Nicholas – Violet disse – veja! Todos os dedinhos perfeitos, quase não tem unha neles ainda – ela sorriu e olhou para mim. Definitivamente eram lágrimas nos olhos dela.

— O que foi? – eu perguntei preocupado.

— Nada, é que... – ela começou a falar, mas não terminou – quer dizer, não tem importância.

— Então quer dizer que apesar de todo o jeito durão você é emotiva.

— Eu sou durona, não um robô sem sentimentos. Achei que soubesse a diferença – ela respondeu atrevida.

Não falei nada. Como pai, estava convencido do fato de ela ter achado Nicole tão linda quanto eu quando a vi pela primeira vez.

— Olá! – a enfermeira, a que eu mais gostava, interrompeu-nos, por uma boa razão – senhorita...

— Violet Nella Sue – respondemos em uníssono para a enfermeira.

— Apenas Violet – minha "prima" acrescentou.

— Violet, eu trouxe os materiais para a fazermos a coleta do seu leite. Posso levá-la a uma sala especial para isso...

— Não. Eu faço aqui mesmo, quero olhar minha sobrinha mais um pouco. Claro, se não tiver problemas.

— Não, nenhum problema – a enfermeira sorriu para Violet – eu vou pegar o material e o trago para cá. Você já doou leite alguma vez?

— Não, nunca.

— Já amamentou?

— Também não.

Aquele fato me surpreendeu, guardei-o na mente para questionar sobre ele mais tarde.

— Tudo bem, eu já volto.

Quando a enfermeira voltou, arrastando um carrinho com alguns materiais, ela fez Violet sentar-se e ergueu a blusa dela um pouco.

— Primeiro, vamos limpar o local – a enfermeira passou algodão embebido em algum líquido e limpou a área ao redor da auréola dos seios de Violet – agora, colocamos esse bico aqui e você segura com as duas mãos – a enfermeira mostrou como Violet deveria segurá-los mais um minuto e ela perguntou – está pronta?

— Acho que sim.

A enfermeira apertou dois botões no aparelho e os bicos que estavam

encaixados nos seios de Violet, começaram a simular um movimento de sucção.

— Essa parada é muito estranha! – Violet comentou sorrindo com a mulher.

— No começo é um pouco, mas logo você acostuma. Se precisar parar, me chame, eu venho imediatamente.

— Ok.

— Eu volto logo – a enfermeira piscou um olho para mim e saiu.

Sorri para Violet, mas na verdade eu nem sabia o que estava fazendo. Estava apenas feliz em ver o líquido branco-gelo que alimentaria Nicole brotando abundantemente.

— Nicholas – Violet chamou minha atenção – você tem noção que está olhando pros meus peitos né?

Foi apenas o lembrete que eu precisava para dar acordo de mim e perceber o que estava fazendo. Desculpei-me, virei para Nicole e concentrei minha atenção apenas nela.

Uma sugestão desastrosa

A sala do diretor do hospital não era exatamente como eu imaginava, tomando por base que eu tinha apenas os filmes como referência, ela era colorida e não branca e estéril como na minha imaginação. Claro, as condecorações e diplomas estavam pendurados na parede logo atrás da mesa para que qualquer um que entrasse no ambiente ficasse admirado, mas o restante era até um tanto incomum para um homem de meia-idade.

— Olá, senhor Theodoridis, sou o doutor Eddie Clinton, diretor da UTI neonatal do hospital, minha assistente me avisou que o senhor está interessado em conversar comigo. Sente-se, por favor.

Sentei-me, como ele sugeriu, e recusei o café que me foi oferecido.

— Sim, estou – ajustei-me na cadeira desconfortável e apoiei os cotovelos nos joelhos para falar – minha filha está internada neste hospital. Nicole Anne Carter Theodoridis, ela está na UTI neonatal, prematura.

— Sim, senhor Theodoridis, conheço o caso de Nicole, é um caso conhecido em todo o hospital, devido às circunstâncias que trouxeram Nicole a este mundo. De antemão, gostaria de oferecer meus préstimos pela sua perda.

— Obrigado – agradeci e imediatamente já senti alguma simpatia pelo homem à minha frente.

— Mas diga-me, em que eu poderia melhorar o atendimento de Nicole nesta unidade?

— Bom – depois de parecer tão solicito, a raiva que eu sentia, e que pretendia descarregar sobre ele, pareceu se dissolver e eu fiquei algum tempo sem reação, até verbalizar – na verdade, doutor. Nada tem faltado a Nicole, ela tem enfermeiras maravilhosas cuidando dela, toda a equipe médica tem sido excelente.

— Mas... – ele insinuou para que eu continuasse.

— Mas uma pessoa apenas têm me trazido algumas reservas, e eu não quero sentir isso por alguém que está cuidando do meu tesouro mais precioso.

— Quem, senhor Theodoridis?

— A doutora Maynard.

— Vejo – ele falou calmamente, parecia mais um pai falando com um filho, não pela idade, mas pelo tom pacífico na voz – o senhor poderia dizer em quais aspectos o senhor não a tem apreciado?

— Sempre que tento marcar alguma reunião com ela, para conversar sobre minha filha, ela parece ocupada demais. Quando consigo algum espaço na agenda dela, ela me atende apressadamente, me despeja uma tonelada de problemas e então me manda embora sem uma solução.

— O senhor já tentou falar com ela sobre isso.

— Sim, já reclamei uma vez, mas não pareceu adiantar, e eu não quero que a falta de simpatia que tenho por ela afete o relacionamento profissional dela com minha filha. Não que eu a esteja acusando de falta de profissionalismo, mas apenas não a quero mais cuidando da minha filha.

Agora, que eu tinha atingido o cerne da questão, ele recostou-se um pouco mais na cadeira dele. Pegou o bloco de notas de sobre a mesa e começou a rabiscar algumas figuras aleatórias enquanto falava.

— Nicholas, eu posso chamá-lo assim? – quando eu assenti ele prosseguiu – a doutora Maynard, apesar do jeito sério, é uma das profissionais mais competentes deste hospital. Sua reputação como médica é invejável...

— Do que adianta ela ser uma excelente profissional se ela não tem tato com o ser humano?

— Compreendo que esta é a forma que o senhor se sente, mas devo preveni-lo que a troca de médicos só pode ser feita uma vez. Talvez eu tenha a pessoa perfeita para substituí-la, mas devo alertá-lo dos contras nessa troca.

— Que seriam?

— A doutora Maynard é responsável por Nicole desde o seu nascimento, ela tem todo o conhecimento da evolução de Nicole e do estado que ela se encontra.

— Todas essas informações qualquer médico igualmente capacitado pode ler num prontuário.

— Muito bem, vejo que o senhor não quer ser convencido.

— Não, eu não quero. E estou resoluto na minha decisão.

— Pois bem, felizmente, temos outro médico igualmente capaz, como o senhor mesmo o disse, e que será realocado para cuidar de Nicole. Ele se tornará responsável pela sua filha até onde a medicina permitir.

— É tudo que eu queria ouvir no momento. Onde ele está? Gostaria de conhecê-lo.

O home ajustou-se numa posição confortável e fez um ar de mistério e autoconfiança antes de falar: — O senhor está olhando para ele.

— Isso é sério?

— Sim. Como eu disse antes, o caso de Nicole é grave, mas ao mesmo tempo é raríssimo. Eu me comprometo com sua filha e com o senhor. É um prestígio para um médico ter um caso como esse nas mãos.

— Obrigado, doutor Clinton.

— Eddie. Em no máximo dois dias eu finalizarei a papelada dos meus honorários e da troca de pessoal.

— Obrigado novamente.

Saí da sala com algum renovo nas minhas forças. Nicole estaria melhor tratada e, mesmo eu sabendo que o honorário de um diretor de hospital seria bem mais caro, eu estaria mais tranquilo.

Violet, que me esperava ao lado da porta de entrada, numa espécie de lounge de espera, veio até mim quando me viu sair da sala.

— Nossa!

— O que foi?

— Faça isso novamente.

— Fazer o quê?

— Sorria. É a primeira vez que o vejo sorrindo dessa forma. Você até parece menos ranzinza ao sorrir.

— Nada disso. Continuo o mesmo ranzinza de sempre, apenas tenho um motivo a menos para me preocupar agora.

— Não encare as coisas desse jeito – ela disse e começou a caminhar ao meu lado me acompanhando até o estacionamento – melhor dizer que é um novo motivo para sorrir.

— Obrigado pelo conselho.

Assim que entramos no veículo e ela entrou no banco de trás, eu liguei no viva-voz para minha secretária e ela me passou a agenda do dia.

— Nossa... – eu a ouvi reclamando baixinho assim que terminei.

— Qual o problema aí atrás?

— Nenhum. Apenas estou chocada com a quantidade de trabalho para um dia só. Você não come? Não dorme? Não toma banho?

— Obviamente faço o último. Os dois primeiros apenas quando meu corpo consegue relaxar. O que não é ruim, afinal, as contas não se pagam sozinhas.

Violet ficou me olhando por um tempo, quase como se quisesse que eu continuasse a falar, quando eu não o fiz, ela fez a sugestão mais descabida que eu já tinha ouvido no universo inteiro.

— Por que você não cancela tudo isso e aproveita esse momento de alegria que tem dentro de você?

— Como é?

Desviei os olhos do retrovisor quando a vi retirando a blusa comportada e recolocando a blusa xadrez envelhecida.

— Eu sugiro que comemoremos a troca daquela doutora que você não gostava e que façamos um brinde no barzinho mais próximo.

— Eu não quero beber.

— A situação pede, deixa de ser chato.

— Violet, eu não quero beber – Falei num tom sério, mostrando para ela que eu não iria fazer mesmo isso – E você também não pode fazer isso, amanhã visitaremos Nicole outra vez, e se for necessário, você fará uma nova doação.

A conversa levou o tempo necessário para que eu chegasse ao escritório que, convenientemente, não era tão longe do hospital.

— Eu fico aqui.

Eu disse e desliguei o carro.

— Sério? Você vai me deixar aqui no meio do centro da cidade e não vai me levar?

— Como você ouviu, minhas reuniões começam em menos de meia hora, eu não posso me atrasar – eu falei e fiquei colocando a gravata me olhando pelo espelho retrovisor – não tenho como levá-la.

— Sério? Por que não disse antes?

Olhei para Violet e a surpreendi me dando um olhar profundamente irritado, mas eu realmente não tinha o que fazer.

— Um táxi? – sugeri.

— Tá. E como farei isso se mal sei chegar a sua casa para dizer o caminho?

— Uber? Eu posso chamar alguém conhecido.

— Eu não confio em motoristas não registrados.

— Ok – pensei um minuto – que tal se você levar meu carro? Você tem carteira de motorista, não tem?

— Tenho, é claro.

— Está vencida? Ou cheia de multas?

— Não, eu apenas a tenho. Tirei, mas não tinha carro para dirigir.

— Então faremos isso. Você vai para casa com o carro, eu vou deixar o GPS configurado para te mostrar todo o caminho. Vivian, se não tiver ido ver os fornecedores da loja dela, estará em casa. É uma ótima chance para que você possa desfazer a primeira impressão que causou nela.

— Eu? Que primeira impressão que eu causei?

Pelo visto ela não tinha percebido nada durante o café-da-manhã. Não insisti para que ela não fosse para casa temendo um confronto com Vivian.

A melhor amiga da minha mulher, Vivian, é uma das pessoas mais leais e altruístas que conheci, como não canso de dizer, o problema é que eu não sei o que está acontecendo entre ela e James. Quer dizer, se eu soubesse até poderia tentar ajudar, mas ainda não sou adivinho. James tem se comportado como se tivesse quatorze anos, ao invés de trinta e quatro, e Vivian, bom, ela é jovem, ainda tem muito tempo para acertar e errar pela frente.

— Nada, apenas tome cuidado com meu carro e consigo mesma.

— Pode deixar.

Eu a vi acelerando a Dodge no caminho certo e sumindo algumas quadras mais longe.

Minha tarde atarefada passou num raio e eu mal pude notar o tempo passando. As reuniões intermináveis cessaram, por fim, e eu estava livre.

Saindo do escritório, e finalmente podendo sentir um pouco do ar gelado da rua, eu percebi que já era noite. Liguei para um amigo meu, que era motorista de Uber, e pedi que ele me levasse ao cemitério para entregar para Emily as flores que eu tinha encomendado mais cedo.

Depois que saí de lá (depois também de ter regado mais um pouco a saudade com as minhas lágrimas) pedi que ele me levasse para casa. O trajeto não durou mais que quarenta minutos.

Só quando cheguei a minha casa, quase onze da noite, e não vi a meu carro estacionado na garagem, é que eu pensei em quão estúpida tinha sido minha sugestão e em que espécie de problemas Violet poderia ter se metido e me metido também.

Tudo tem uma explicação

— Você confia demais nas pessoas, esse é o motivo. Como em sã consciência você pode dar seu carro a alguém que você mal conhece? Depois eu que sou o infantil.

— Eu cometi um erro, certo? Ninguém é perfeito que não cometa erros.

— E está cometendo um maior ainda agora – Vivian interviu – Liga logo para a bendita da seguradora de veículos antes que seu carro pare num desmanche.

— Eu não acredito que Violet seja capaz de uma coisa dessas.

— Como você pode não acreditar na capacidade humana para o mal? – James falou alto – não vê o que acabou de acontecer com minha irmã? Não acha que um roubo de carro é uma coisa muito mais leve e quase indolor de se fazer?

— Eu apenas não acredito que alguém que tenha se emocionado tanto ao

ver uma criança, seja uma ladra compulsiva.

— Não seja idiota. O cara que matou minha irmã esteve dentro de sua casa e você não notou nada. Vai dizer que confiava nele também?

Aquelas palavras atropelaram minha confiança como um veículo de dez toneladas. Até Vivian tinha se calado, levantei-me para sair do peso do olhar sério de James e fui até o telefone. Eu não queria mais nem olhar para a cara de James hoje. Se ele falasse mais alguma coisa eu provavelmente o faria engolir as tais palavras, então preferi ficar na minha. Não valeria a pena perder a compostura agora.

— Nicholas, desculpe...

— Cala a porra da boca – falei para ele antes que ele se desculpasse.

De canto de olho, vi Vivian falando alguma coisa para ele, porém não a entendi ou ouvi.

— Seguradora?

O rapaz de voz anasalada respondeu do outro lado.

— Sim, em que posso ajudar.

— Eu não sei onde está meu carro. O estacionei na frente do meu escritório depois do meio-dia e quando sai, eram quase dez da noite e ele não estava mais lá.

— O senhor pode me confirmar seus dados, por favor?

Depois de ter passado meus dados pessoais e os números do meu contrato de seguro, o homem prometeu me retornar em cerca de meia-hora com mais informações.

Sentei na poltrona ao lado da mesa de telefone e apoiei a cabeça nas mãos. Fiquei naquela posição por algum tempo, preocupado. Com o carro? Não, que se explodisse o carro. Eu estava preocupado com minha filha, sem doadora, sem

uma chance maior de curar-se mais rápido. Em menor grau, preocupado com Violet.

— Hei, fica assim não. Vai ficar tudo bem – Vivian já estava ao meu lado bagunçando meu cabelo – você vai ver que isso tudo deve ter sido um tremendo engano. Ela provavelmente está com medo do hospital ou coisa assim. Talvez tenha ido visitar a família – ela colocou a mão no meu ombro protetoramente – calma.

— Eu estou calmo com a situação – sorri levemente para ela e cobri a mão dela com a minha mão – estou apenas irritado comigo mesmo. Sou crédulo demais.

— Isso nem é ruim. Você sempre espera o melhor das pessoas.

— Eu tenho que parar de ser assim.

— Só um pouquinho.

O telefone tocou outra vez e eu o atendi apressadamente.

— Gostaria de falar com o senhor Nicholas Theodoridis – desta vez era uma mulher ao telefone.

— Pois não, é ele mesmo.

— Senhor Theodoridis, encontramos seu veículo.

— Graças a Deus, e onde está?

— Uma equipe nossa já está se deslocando para o endereço, se o senhor quiser, posso passá-lo para que o senhor encontre a equipe, ou então o senhor pode esperar em casa e um de nossos motoristas habilitados pode levar o carro para o senhor.

— Eu prefiro a primeira opção.

— Sim senhor, anote o endereço por favor.

— Um momento – peguei o bloco de papel e a caneta na mesinha do telefone e anotei o tal endereço.

East Valley é dividida em várias regiões. Temos: Mesa, Scottsdale, Handler, Tempe, entre outros. Minha casa fica na região montanhosa de Mesa, próxima a via Thomas, que fica próxima de rios e lagos. De alguma forma estranha, meu carro foi parar em Paradise Valley, que fica depois de Phoenix. O que é bem, mas bem longe daqui.

— Eu vou buscar meu carro, quer ir comigo James? – falei tentando voltar às boas.

— Sim, eu vou. Podemos ir todos no meu carro.

— Eu quero ir – Vivian adicionou.

— Eu sei, quando eu disse todos incluí você, loura – ele beijou o alto da

cabeça dela – e desculpa, amigo, eu não sei o que está acontecendo comigo esses tempos.

— Eu até te desculpo, mas tome cuidado com as palavras. Nunca se sabe qual delas vai te fazer quebrar o nariz.

James sorriu. Talvez essa fosse uma forma de nos tratarmos. Ameaças, palavras de baixo calão, *etc.*

— Então vamos.

Entramos no carro, James dirigiu. A cada cinco minutos a seguradora ligava nos atualizando sobre a situação do carro, que inexplicavelmente não saia do lugar. O caminho era estranho, eu nunca tinha traçado ele à noite antes, então estávamos tomando bastante cuidado com a pista à frente.

Quase uma hora depois, chegamos ao tal local. O Carro estava parado no acostamento de uma estrada completamente vazia. As luzes desligadas e as portas trancadas, vazio.

— Que merda essa garota veio fazer para cá? – Vivian perguntou irritada do banco de trás.

— Eu não sei – James disse e eu concordei. Ele continuou – e se ela tiver sido roubada e abandonaram o carro aqui quando perceberam que tinha rastreamento.

— E se ela tiver sido sequestrada? – Vivian sugeriu – ok, ela é meio doida, mas isso é muito até para uma inimiga.

— Será que vocês podem calar a boca? – falei – ficam enchendo minha cabeça que já não está muito boa com teorias e mais teorias descabidas.

— Não fica nervoso, é que eu tô com medo desse lugar – Vivian acrescentou – não tem uma alma viva em quilômetros. Olha só, pode ter lobos atrás daqueles pedregulhos enormes.

James estacionou um pouco mais atrás do carro, a equipe que seria mandada pela seguradora nem mesmo tinha chegado.

— Me dá alguma coisa para eu me defender – James pediu para Vivian, ela lhe deu um galho seco que encontrou no chão.

— Isso não será preciso.

Retirei do suspensório que eu usava sob o paletó uma pistola calibre trinta e oito.

— Desde quando você tem isso? – James perguntou e Vivian ficou me olhando assustada.

— Há algum tempo, depois de tudo que aconteceu.

— Você não vai ficar com essa arma, depois de hoje, eu irei guardá-la – James falou zangado – do modo que está se comportando, não devia nem ter rocas perto de você.

— Tá, agora cala a boca e me ajuda a circular o carro.

Andamos um de cada lado do carro. Eu com a pistola e James com o galho seco.

— Agimos no três – falei baixinho e contei – um... dois... três!

Nós dois pulamos na frente do carro. Apontei a arma e James o galho para o Veículo. Nada. Não tinha ninguém lá dentro mesmo.

— Mas que merda – James xingou – acho que não roubaram o veículo então.

— Não.

— Onde está aquela menina?

— Não sei, eu tenho que pensar.

Sentamos no chão, na beira da estrada, e Vivian ficou no outro carro. Ela se recusava a sair, dizendo que tinha medo de cobras.

Cinco minutos passaram e um grito feliz espantou até os morcegos das copas das árvores mais distantes.

— Finalmente! Que bom que me acharam!

Violet apareceu, vinda de detrás de alguns pedregulhos enormes, ela correu em direção a nós dois e se jogou no meio da gente.

— Eu nunca estive tão feliz em te ver, James. E nem em ver sua cara enfezada, Nicholas. Eu estava morrendo de medo aqui.

James a ergueu e se levantou e eu me levantei também.

— Onde você estava? Tem noção das coisas que pensei? Acha que isso que você fez foi bonito? O que estava pensando? – bombardeei-a com perguntas e não dei chance de resposta até ela me olhar com um ar ofendido.

— O que é? Do que você está falando?

— Você sumindo desse jeito – James disse – onde você estava?

A equipe da seguradora chegou e James foi atendê-los.

— Olhe só – Violet disse para mim – eu não sei o que pensou de mim, mas eu não iria roubar seu carro.

— E como explica ter sumido desse jeito? Sabia que me matou de preocupação?

— Comigo? Tá bom. Me engana que eu gosto. Eu sei que você estava preocupado que eu roubasse seu carro ou sumisse.

— Isso também...

— Isso também não, Nicholas. Era isso sim. Você achou que eu ia pegar seu carro sua grana e sumir? Não te preocupa, isso não é da minha laia.

— Vou acreditar, mas me diz o que você tinha na cabeça para vir para o meio do nada?

— Olha só, você configurou seu GPS, ok. E eu estava seguindo ele. Mas eu tinha que pegar a via E-121 com a F-152, mas eu entrei na Expressa 231. E eu pensei em segui-la direto e fazer o retorno assim que possível, mas olha só. Eu me perdi. Fiz um retorno onde eu achava que seria o certo, e continuei seguindo reto e quando vi estava sem gasolina no meio do nada, mais exatamente aqui.

— Por que não me ligou?

— Meu celular ficou na sua casa de hospedes, eu não sabia que eu demoraria tanto, e não o trouxe. E dá uma olhada ao redor.

Olhei na direção que ela apontava.

— Não tem um só estabelecimento aqui por perto – ela disse – nem mesmo passava uma só alma viva para eu pedir uma carona.

— E o que você fazia no meio das pedras quando chegamos? Estava se escondendo?

— Não.

— E o que estava fazendo.

— Eu estava fazendo xixi.

Deu até vontade de rir com a história toda. Emily me repreendeu por não ter confiado na providencia que ela tinha tomado. E eu me repreendi por me deixar levar pelas neuras de James e Vivian.

— Alguém me deve um pedido de desculpas.

— Certo, me desculpe – eu não sou orgulhoso para admitir quando estou errado.

— Desculpado – ela completou – mas o senhor terá que me desculpar também – ela mordeu os lábios nervosamente – vem comigo.

Ela me levou pela mão e me mostrou um enorme arranhão na calota dianteira do carro.

— Eu entrei errado numa via, e quando vi, estava assim.

— "Quando vi estava assim" – imitei a voz dela – você tem que ter mais cuidado. Lembre-me, por favor, de nunca mais emprestar um carro para você.

— Ah, mas não lembro mesmo. Eu parecia uma espécie de socialite. Acho que vamos repetir isso.

— Não mesmo.

James me chamou e eu fui explicar para a equipe da seguradora o que tinha acontecido. Contei como a minha prima irresponsável tinha pegado meu carro sem a minha permissão e tinha vindo parar no meio do nada. Também concordamos que era melhor não prestar queixa na delegacia.

Ficamos ainda alguns bons minutos alí, esperando o guincho. Eu, sentado ao lado do carro, e Violet com a cabeça encostada ao ombro de James, conversando baixinho.

Só quando voltamos para o carro, depois que o guincho chegou e já iriamos para casa, é que percebi o olhar furioso de Vivian em direção aos dois.

Mas que droga aconteceu?

James sentou-se no banco de trás com Vivian, Violet sentou no banco da frente, ao meu lado. O carro estava constrangedoramente silencioso e a tensão que emanava das duas era quase tangível.

Vivian estava tendo alguns problemas com James e ele não parecia mesmo disposto a fazer nada para ajudar. Eu, como já disse anteriormente, estava começando a ficar preocupado com o emocional dele. Porque, porra, ele tinha acabado de perder a única parenta viva. Emily partiu levando um pedaço enorme de minha alma, agora, imagina quanto deve ter levado da dele?

Eles pareciam confusos e distantes, mas ainda era possível ver, no modo como ela olhava para ele, meio zangada e meio suspirando, e no modo como ele olhava para ela quando ele achava que ninguém mais o via, que eles ainda tinham muito amor um com o outro.

Eu precisava fazer alguma coisa por eles. Difícil era saber o que fazer quando eu tinha um enorme fardo sobre mim também.

Por um lado, era bom estar ocupado com os problemas dos outros, já que assim eu não me afogava na minha própria solidão, e conseguia fazer algo produtivo. Por outro, eu sabia que essa emoção que eu tinha deixado de canto

durante esses momentos, viria com muito mais força quando eu tivesse algum tempo só, e a saudade que eu sinto de Emily roeria a carne dos meus ossos até não restar nada de mim, até eu ficar vazio de mim mesmo e só existir ela.

Até que a dor era uma companhia calma em alguns momentos. Eu a queria logo, em breve. Eu a queria perto de mim, mesmo quando não parecia. Por que a dor era uma das provas mais eficazes para fazer eu nunca me esquecer do amor da minha vida.

Quando, finalmente, chegamos à garagem diante de casa e eu desliguei o carro de James (que eu fizera questão de dirigir), todos estavam cansados, e logo cada um iria para seu lado.

James saiu do carro e estendeu a mão para Vivian, como um cavalheiro, mas ela saiu pela outra porta do carro. Enfurecido, por ter tentado ser gentil sem obter resultado, ele foi para casa.

Eu teria que esperar o guincho trazer o carro e isso levaria mais algum tempo, eu não iria dormir nada hoje.

Quando Violet saiu do carro, se espreguiçando, Vivian foi até ela, e temendo uma briga, eu andei para perto de Violet antes que Vivian a alcançasse.

— Então... – Vivian começou a dizer e eu parei do lado das duas – você se perdeu?

— Pois é, menina.

— Mesmo só tendo uma entrada para vir para cá, você não a pegou?

— Isso mesmo – Violet deu de ombros.

— Ah, que triste! Mas me diz uma coisa.

— Até duas – Violet não parecia entender que aquilo era um interrogatório. E eu fiquei apenas as ouvindo.

— Se você queria fazer o retorno, não precisava fazer isso quase quatro bairros depois. Qual é? Qualquer pessoa com metade de um cérebro consegue voltar à rota da rodovia expressa.

— Eu me perdi – Violet falou com um sorriso, e eu não soube interpretar se ele era provocativo ou amigável.

— Isso só torna as coisas um pouco mais engraçadas, por que pelo que James – ela acrescentou – você conhece James, o meu marido. Bom, ele me disse que você era de Phoenix. E onde você se perdeu? Em Paradise Valley, uma quadra depois de Phoenix.

— Por que não vai logo direto ao ponto? Eu detesto rodeios.

Realmente, aquilo que Vivian dizia fazia algum sentido e eu queria ver onde iria parar. Eu apenas não me preocupei com o fato no momento, porque a história que Violet tinha contado fazia total sentido. E eu também estava tão contente em vê-la, e em saber que Nicole não estaria desamparada, que a felicidade ofuscou meu raciocínio sagaz.

— Eu também, mas não estou fazendo rodeios – Vivian retrucou – Apenas desconstruindo cada uma das palavras que você disse. Já que, puxa vida, você cresceu em Phoenix, saberia muito bem onde estava. Você deve ter ido lá com algum objetivo, ia fazer alguma coisa, e eu não sei o que é. Não ainda, mas logo saberei.

Violet que parecia não se afetar por uma só palavra do que Vivian falava, sorriu para ela mais ainda, como se nada tivesse acontecido.

— Continua nesse rastro, quando descobrir qualquer coisa me avise, também sou muito curiosa. Bebê Driscoll.

Chamar Vivian de Driscoll era quase uma ofensa, daquelas que ela não tolerava. Saber como Violet tinha descoberto isso, era outro ponto a investigar, já que Vivian, desde que se casou com James, usava o sobrenome Carter.

— Se não fosse por Nicole – Vivian falou alto e iria para cima de Violet, eu a segurei para impedir uma briga boba entre as duas.

— Tenha uma boa noite, Violet. Sugiro que descanse, pois independente do ocorrido hoje, amanhã as oito estaremos no hospital ao lado de Nicole.

— Sim senhor! – ela prestou uma continência desnecessária.

— Durmam bem. Boa noite Nicholas, Vivian. E ah, dê boa noite para

James! – Violet provocou mais um pouco.

Segurei Vivian um pouco mais forte e a levei para dentro de casa. Violet foi em direção a casa dela. Quando o guincho chegasse, eles teriam que buzinar para me chamar mesmo.

— Acalme-se, Vivian. O que foi aquilo?

— Eu não sei. Céus, eu não sei. Eu só ando muito estressada, e agora me aparece mais essa daí, escorregadia como nem sei o quê, se atirando para cima de James. Obviamente escondendo alguma coisa de vocês. Juro, Nicholas, se não fosse por Nicole, eu já tinha escorraçado ela.

— Você está sendo temperamental demais. Eu sei que você deve morrer de ciúmes de James, mas não desconte nas pessoas. Quem tem um compromisso com você é James e não ela. Ele é quem tem que se comportar como um homem casado. Sugiro que os dois sentem e conversem direito sobre o que cada um sente, parece que os dois estão desconectados.

— Até você está percebendo? Então o negócio deve estar sério mesmo.

— Sendo o mais sincero e amigo possível, tenho que dizer. Você tem a sua parcela de culpa.

— Não! – Vivian me interrompeu – eu não quero ouvir bronca de madrugada, não sem uma taça de vinho no mínimo.

Andei até o bar da sala, peguei dois copos para uísque, já que as taças estavam numa cristaleira trancada à chave, e disse: — Então eu a acompanho, nessa. Você vai me ouvir de um jeito ou de outro.

Peguei na pequena adega da cozinha um vinho qualquer, sem me ater muito ao rotulo, e enchi os dois copos até a metade.

— Aos relacionamentos que não dão certo após o casamento – Vivian ergueu o copo para brindar.

— Aos conselhos que serão ouvidos por uma cabecinha de vento – eu sugeri e ela sorriu um pouco – vamos começar assim. Você fala tudo que está acontecendo, eu serei um bom ouvinte. E assim que ouvir tudo, pronto. Terei alguns conselhos a te dar.

Vivian tomou todo o líquido do copo e ergueu-o para que eu o completasse novamente. Despejei um pouco menos do que antes e a deixei falar.

— Eu nem sei como eu começo, na verdade. Sabe quando tudo parece que foi feito às pressas?

Acenei que não com a cabeça, para que ela continuasse a falar.

— Parece que só agora eu acordei. Parece que esse tempo todo eu estava dentro de um sonho maravilhoso e quando despertei minha casa estava sendo levada por uma enxurrada.

— Boa metáfora.

O tapete felpudo aquecia-nos um pouco na madrugada fria, liguei a lareira a gás e ficamos um perto do outro. Por um tempo, observando as chamas no carvão de vidro, e por outro tempo, olhando um para o rosto do outro.

— Obrigada – ela sorriu e continuou depois de pensar um pouco sobre o

que viria a seguir – James me disse que nos casarmos foi um erro.

Não tive como disfarçar o espanto que aquelas palavras me trouxeram, até engasguei com o vinho que eu bebericava calmamente.

— O quê? Por que ele diria uma coisa dessas?

— Eu não sei. Ele me pediu desculpas assim que disse essas palavras, mas você sabe como tudo isso deve ser para mim.

— Vocês estavam discutindo?

— Sim, estávamos.

Eu respirei, aliviado, pelo menos por algum tempo.

— Eu estava reclamando com ele – ela falou um pouco alto – eu disse: por que você não me toca? Puxa vida, desde que Emily partiu, ele não me toca. Já faz dois meses, dois meses! E eu nem estou falando de sexo, eu estou falando de um simples beijo. James fica no escritório até tarde da noite, até bastante tarde. E quando eu dou por mim, o dia já raiou e eu adormeci o esperando.

— Isso deve ser difícil – eu disse, sem saber exatamente o que dizer momentaneamente.

— Difícil até demais. Ele vive irritado, brigando, provocando. E isso reflete em mim.

— Pois então não seja um espelho para as emoções dele. Vivian, você ainda tem bastante coisa para aprender sobre a vida, uma delas é que não deve se deixar afetar pelo que as pessoas trazem dentro de si. Se fizer isso, acabará doente.

— Doente nada. O que acontece é que James não me acha mais desejável.

— Você é desejável, Vivian. Apenas dê um tempo para ele.

— Dois meses não foi tempo suficiente?

— Talvez tenha sido para você, mas não para ele.

Ela ficou em silêncio algum tempo.

— Olha para mim – Vivian pegou meu rosto entre as mãos e me fez olhar diretamente para ela – eu sou bonita, não sou? Eu sou desejável, não sou? O que tem de errado comigo?

— Não há simplesmente nada de errado com você.

— Só porque tenho todos os dedos não quer dizer que sou atraente.

— Vivian, você é linda e atraente, deveria confiar mais em si mesma.

— Então o que raios que está acontecendo com ele? Já que o problema não sou eu.

— Vivian, toda mulher sabe que não deve depender de um homem para estar de bem consigo mesma. Claro, aprovação social é fundamental, mas tenta deixar de refletir a personalidade odiosa de James por um pouco de tempo e ser você mesma.

— Eu acho que vou me sentir assim até ele voltar ao normal, ou até eu dar com um martelo na cabeça dele.

Sorri com essa, era impossível se manter sério por muito tempo quando ela fica falando essas besteiras.

Vivian se encostou ao meu ombro e colocou a mão no meu peito.

— Eu estou meio tonta, e morrendo de sono.

— Quer que eu te leve para dormir?

— Não. Eu não quero que ele me veja nesse estado. Também não quero brigar – ela cheirou minha roupa – nossa, você cheira tão bem. E é tão legal, por que James não consegue conversar comigo como você consegue?

Tentei me desvencilhar, mas Vivian já tinha erguido o rosto e cheirava perto do meu pescoço, puxou, por fim, meu rosto para me beijar. Afastei-me repentinamente, com força, antes que ela concluísse o movimento, e ela por pouco não bateu com o rosto na beirada do sofá em que estávamos apoiados.

— Que tal se vier dormir comigo, Vivian?

A voz de James demoveu o silêncio constrangedor que tinha se colocado naquela sala. Você deve estar cansada. Ele olhou para ela compassivamente, já que ela não estava querendo se aproximar.

— Vamos, está tudo bem.

— Nicholas, me desculpe, eu sinceramente não sei o que estava fazendo – ela falou com uma voz ligeiramente atropelada e cheia de "esses".

Não falei nada. Apenas fiquei quieto encarando o olhar de James que parecia querer me trucidar vivo.

Alguns muros derrubados

— Temos uma boa notícia, Nicholas.

— Diga-me, por favor – eu falei alegre. Era a primeira vez que eu chegava ao hospital e era recebido com semelhante entusiasmo. Isso era impagável. Até Violet, que estava sentada ao meu lado, pareceu entusiasmar-se.

— Os exames preliminares de Violet foram aprovados – ele sorriu para minha acompanhante – e hoje mesmo começaremos, aos poucos, a alterar a dieta de Nicole. Alternando entre o leite artificial e o leite materno, e depois, apenas o leite materno. Creio que essa transição se dará em menos de uma semana. O senhor verá o progresso de Nicole em breve.

Aquilo era tão bom de ouvir que eu tive que me segurar um pouco para não largar um sorriso de orelha a orelha na frente de todos.

— Agora, o senhor pode ir ver sua filha. Tenho certeza que está com saudades dela.

— Sim, muita. E outra vez muito obrigado.

— Até! – Violet se despediu dele também.

Saímos, andamos todo o corredor e alcançamos o elevador. Dalí, rumamos para a UTI neonatal. Como o doutor tinha feito questão que minha reunião com ele fosse durante a manhã, eu perdi algum tempo do horário da visita. Mesmo assim, eu ainda teria cerca de quarenta minutos com minha filha.

Violet estava quieta demais, pelo menos para os padrões que ela vinha apresentando. Mordendo os lábios e coçando a lateral da perna insistentemente, como se estivesse agoniada com alguma coisa. Eu até perguntaria se tudo estava bem, mas depois de ver minha filha.

Nicole, a coisa menor e mais valiosa do meu mundo, tinha esse poder. Mesmo sequer sabendo que o possuía. Ela conseguia transformar meu dia a tal ponto, que eu não conseguia enxergar mais nada além dela. Esses momentos que compartilhávamos juntos, como pai e filha, eram os momentos mais preciosos para mim.

Troquei de roupa rapidamente, e Violet fez o mesmo. Não esperei que ela ficasse pronta e fui logo ver minha filha antes que todo o meu tempo com ela,

nesta manhã, terminasse.

— Oi, minha vida – eu falei com ela assim que a alcancei, minha boca protegida por uma máscara cirúrgica e aquela roupa verde, desagradável, de hospital me cobrindo – como você está hoje, amor da minha vida?

Ela não me entendia, pelo menos é o que eu acho, e ainda não vi estudos médicos que comprovem que ela já me entenda efetivamente. No entanto, quando ela envolveu com seus dedinhos frágeis o meu indicador, eu encarei como se ela tivesse me reconhecido e estivesse me cumprimentando.

— Minha vida, você não imagina como o papai está feliz hoje. Violet, a amiga do papai, vai poder começar a te ajudar a crescer mais forte e saudável, e em breve você sai daqui. Eu mal posso esperar que você possa estar comigo, em nossa casa, brincando comigo. Acho que eu sou muito bobo, já comprei mais brinquedos para você do que você seria capaz de contar. Se bem que você ainda não conta, não é?

Eu parecia um bobo conversando com um bebê, mas eu precisava disso.

— Tenho certeza que sua mãe está muito orgulhosa de você, crescendo, e sempre se comportando tão bem. Ela te ama tanto ou mais do que eu.

— Violet – uma enfermeira que eu não conhecia chamou-a.

— Sim.

— Está pronta para mais uma doação?

Ela acenou positivamente e repetiu o procedimento de dias antes.

Fiquei mais algum tempo conversando com minha filha. Eu não teria tempo de segurá-la hoje, o doutor Eddie disse, ela estava descansando de uma noite terrível. Portanto, fiquei apenas memorizando cada pedacinho dela. Retirei mais uma foto para a coleção de algumas centenas que eu já tinha no meu celular e guardei-o no bolso.

Brinquei mais um pouco com a mãozinha de Nicole, a mão livre e não a que estava cheia de borboletas de soro, e a fiquei admirando por algum tempo.

— Senhor Theodoridis – uma voz me interrompeu, quando virei-me na direção dela, vi a minha enfermeira favorita ao lado do doutor Eddie –

infelizmente, o horário do senhor terminou.

— Eu quase não fiquei nada ao lado dela hoje.

— Compreendemos, mas o senhor tem que compreender também que Nicole não pode ficar tanto tempo cercada de tanto movimento, de tantas visitas, ela precisa de cuidado especial.

— Certo... – se era o melhor para minha filha, era o melhor para mim.

— Mas tenha um motivo a mais para ficar tranquilo – o doutor Eddie interviu – Nós vamos começar a inserir a nova dieta de Nicole. Em breve, como eu já disse, ela passará para a fase de translactação e logo poderá sugar o leite direto da mama.

Eram mais notícias boas para uma manhã do que eu era capaz de administrar. Dei o melhor sorriso que eu tinha guardado em mim e, meu corpo para balancear as emoções, me fez chorar de felicidade. Eu estava virando um velho chorão, era isso?

Saí, ainda olhando para trás, pela porta da sala. Vi o momento em que o doutor e a enfermeira trocavam a sonda de Nicole por uma ligeiramente mais fina e retiravam alguns dos fios ligados a ela.

"Quanto menos fios, melhor o estado de saúde dela" eu li uma vez em alguma matéria na internet, e aquilo me fez sorrir novamente.

Violet parecia uma sombra ao meu lado, só quando saímos do hospital e eu a levaria em casa, ela quebrou o silêncio.

— Nicholas, eu preciso conversar com você, mas não pode ser dirigindo. Há algum lugar que possamos ir para isso?

— Sim, vários. Está com fome?

— Não muito, apesar de já ser hora do almoço.

— Quer ir a uma chocolataria ou sorveteria? Não é almoço, mas podemos ter alguma privacidade. Escolhemos uma mesa longe das janelas.

— Sorvete, então.

Dirigi por quinze minutos até a sorveteria mais próxima, quando estacionei. Abri a porta para Violet e ela desceu do veículo. Andamos até o local e sentamos numa mesa discreta e um atendente anotou nossos pedidos.

— Pronto, temos alguma privacidade, siga adiante – eu não pude deixar de dar um olhar severo para ela, não para intimidá-la, mas por que eu sabia que quando uma pessoa pede privacidade alguma coisa muito boa não vem por aí.

— Eu acho que Vivian não gosta de mim.

— Como percebeu isso? Pelo modo como ela fala com você ou pela forma que vocês quase brigaram anteriormente?

Violet bufou e continuou:

— Eu sei, eu não sou uma flor de pessoa, mas eu não fiz nada deliberadamente para provocá-la. Ela não foi com minha cara desde que me viu.

— Bom, eu não a culpo.

Violet ergueu as mãos como se estivesse sem palavras, mas ainda falou: — Eu nem sei o porquê que eu estou me abrindo contigo. Claro que você vai defendê-la.

— Não estou defendendo ninguém, não ainda pelo menos. Apenas ponha-se na situação em que ela está. Acabou de perder a melhor amiga, o casamento está fragilizado e o marido se comporta como um idiota. Vocês poderiam ser amigas, na verdade eu nem sei o que impede as duas de serem amigas, e as duas preferem se comportar como meninas mimadas.

— Mimada, eu? Você não sabe nada de minha vida mesmo.

— Não, você mesma disse que tem coisas que não conta para seu pai e que não era para mim que iria contar.

— Usando o que eu disse contra mim, você é advogado ou policial?

— Por enquanto não sou nenhum dos dois, apenas um ouvinte.

Violet respirou profundamente antes de continuar.

— Eu não me perdi.

— Não? – perguntei surpreso, mas nem tanto.

— Não, Vivian estava certa. Eu realmente não sabia como chegar pras bandas da sua casa, porque você comprou um lugar no meio do nada. E estava meio perdida no começo, mas aí eu vi a expressa, e tive que ir a um lugar. Eu até cheguei lá, mas na hora de voltar, eu que não tinha notado quanto de gasolina tinha no carro, fiquei presa no meio do nada quando ela acabou.

Eu apenas ouvia tudo, tentando ser o mais imparcial possível e querendo que ela se abrisse comigo.

— Eu realmente não tinha celular, e tinha comigo apenas o dinheiro que usaria para abastecer o carro para que você não notasse nada. Tudo deu errado.

— Então, você mentiu para mim? Olhando nos meus olhos, mentiu para mim?

— Sim, menti, e estou admitindo isso agora, não precisa ficar irritado. Eu apenas estava com medo de como seria sua reação. Eu mal te conheço, qual é? E eu realmente, realmente mesmo, preciso do dinheiro que você vai me pagar.

— Violet, isso torna as coisa difíceis, como vou saber se você não está mentindo nesse momento.

— Quer que eu jure? Que eu assine um documento? Você pode redigir outro contrato, um que me faça ser obrigada a dizer sempre a verdade.

— Eu prefiro confiar em você.

— É o que mais quero.

— Então prove.

— Provar com o quê?

— Me diga o que você foi fazer em Phoenix, se disser, saberei que posso acreditar no que me falará de hoje em diante.

— Eu não posso dar muitos detalhes.

— Eu não pedi detalhes, pedi apenas que me dissesse o que foi fazer em Phoenix.

Violet pareceu quebrar um pouco antes de falar, eu nunca a tinha visto assim antes, ela falou baixinho: — Eu fui tentar ver meu filho.

Por trás da máscara

Violet não falou mais uma só palavra sobre o assunto. Eu respeitei temporariamente seu silêncio.

— Violet – eu disse – se você estiver com algum problema, pode me dizer. Eu não quero que pense que estamos numa relação de patrão e empregado. Para mim você significa muito mais que isso.

— Que bonitinho! – ela falou, mas não sei se foi ironia ou não.

— Não é para ser isso aí, é para ser verdadeiro. Estou te dizendo que, quando quiser conversar e se abrir, mas se abrir de verdade sobre o que está acontecendo contigo, eu estarei aqui disposto a ouvir. E se estiver ao meu alcance, ajudar.

Violet não disse nada por algum tempo, apenas ficou analisando meu rosto, talvez tentando discernir se o que eu falava era alguma armadilha, quando eu não desviei o olhar, ela sorriu de leve: — Puxa vida, não é que você é legal? Nem parece o velho ranzinza que eu conheci.

Sorri de canto e a acompanhei até a porta da casa de hospedes depois de termos terminado o trajeto de carro.

— Também me avisa quando faltar alguma coisa para você, na verdade, me avise antes de acabar.

— Farei isso sim. Obrigada pela carona e por ter sido compreensivo sobre, você sabe.

— Não se preocupe, eu já disse. Eu vou tentar confiar em você plenamente, mas nunca mais, por favor, faça uma coisa dessas sem avisar. Seja ao James ou a mim.

— Ok.

— Se precisar, eu posso cuidar para que você tenha tempo para visitar seu filho. Não quero te afastar dele, e se for preciso, ele pode vir morar aqui com você.

— É uma proposta adorável, cara. E não sabe como parece um céu de algodão doce, mas não é apenas esse o problema. Ele é bem mais complexo do que qualquer um imagina.

— Tudo bem. Quando quiser falar estou aqui.

— Obrigada, eu já disse. Agora me deixa quieta, só porque você é um viúvo galante, não significa que eu vou te convidar para entrar e tomar uma xícara de café.

— Eu não pedi...

— Cara, não insiste. Puxa vida, odeio dizer isso, mas, nós não combinamos. Eu não estou pronta para dar mais um passo.

Sorri de leve, e comecei a dar alguns passos para longe.

— Vê se não fica toda hora me ligando, ou me zapeando a cada cinco minutos – Violet gritou.

— Eu vou tentar – entrei um pouco na brincadeira.

Ela abriu um enorme sorriso e apertou um pouco mais o rabo de cavalo no alto da cabeça. Então, entrou na casa. Ela nem tinha percebido, mas eu tinha descoberto uma coisa sobre ela hoje: ela máscara seus sentimentos mais profundos com humor, é divertido, é, mas é apenas uma máscara, e um dia as máscaras caem.

Andei um pouco sob o tempo que começava a esfriar e entrei em casa, apesar de todo o trabalho acumulado eu estava cansado demais para voltar ao trabalho. Estava precisando dormir um pouco.

Entrei no quarto, retirei os sapatos e os coloquei ao lado da sapatilha de Emily, que ainda estava exatamente no lugar onde ela tinha deixado. Retirei a roupa e deitei-me sob os lençóis.

Fechei os olhos, cansado, lutando para abraçar um sono tranquilo, mas mesmo assim ele fugia de mim. Sem mais forças para lutar, levantei outra vez. Andei até o banheiro para lavar o rosto e voltar para o quarto, mas uma idéia me ocorreu.

Entrei no walk-in closet, e procurei a pasta de Emily, a mesma que ela

guardava o computador dela, o mais novo, que ela tinha ganhado do irmão quando ela começou a estudar em East Valley, e comecei a remexer nas pastas e arquivos.

As pinturas no paint, fotografias de nós dois juntos, músicas que ouvíamos juntos, tudo, absolutamente tudo, eram versos que compunham nossa história.

Deixei que uma música tocasse, uma música triste, e fiquei observando um slide show com as fotos de Emily.

Minha amada sempre foi razão para eu levantar de manhã. Adorava quando, ainda no apartamento, ela inundava a casa com o cheiro de perfume doce logo cedo. Ou quando a risada dela preenchia todo o ambiente, tropeçava nos móveis e vinha direto de encontro ao meu coração.

Um conjunto de palavras me saltou aos olhos, uma pasta que eu ainda não tinha me atentado antes e que agora parecia que já estava alí há algum tempo.

— Quando me disseres adeus – li baixinho o nome do arquivo.

Abri-o, e dentro tinha pelo menos duas dúzias de documentos do Word numerados. Minha curiosidade sobre os arquivos aumentou e eu abri um deles para ler.

Eu conheci tantas pessoas nesta vida. Pessoas que não valeram as poesias ruins que escrevi, nem mesmo mereceram as minhas rimas ruins... Tanta, tanta gente me conhece, sabe dos meus passos. Mil pessoas me rodeiam, mas me sinto sozinha.

Fico em frente a esta tela, trancada em meu quarto, escrevendo poesias pra você... Você que me roubou de mim, roubou-me a razão.

Diz-me:

— O que mais quer de mim? Eu serei qualquer coisa que você precise... Mesmo a escritora para as rimas que tu não lerás...

Você consegue perceber, Nicholas, que não há mais ninguém tão importante pra mim?

Você descobriu tantos pequenos segredos preciosos que eu achava que

tinha escondido bem, mas ali estava você, revirando a minha mente. Agora eu não sei se eu me sinto muito melhor.

Eu o venero em um lugar onde não existe nem tempo e nem espaço. Onde nada mais importa, onde não existem quilômetros os separando... Sinto que você é o pedaço que faltava em mim.

Abri o próximo, ainda não acreditando que aquelas linhas eram para mim.

Os segundos caem sobre mim como gotas de chuva...

De tanto que o tempo passa sobre mim Que já estou encharcada...

Os minutos caem sobre mim como beijos silenciosos...

Tão bom e senti-los que eu fecho os olhos para recebê-los...

Já disse que amo, por ti, ser beijada?

As horas caminham diante de mim uma a uma Como damas travessas e me sorriem...

Observo quando passam e me acenam com os dedos gentis...

Os dias passeiam e conversam entre si e já não me notam Eu os observo passar de soslaio, pois sabem do que falam.

Conversam sobre distância, ausência e presença...

Eu sento e observo passar uma a uma... Um apos um...

Enquanto os acompanho penso em ti, Nicholas.

Como tu estarás nestes dias, pensas em mim?

Pensas tu nas minhas silenciosas súplicas por ti quando anoitece?

Sentes os beijos doces que te dou nestas madrugadas?

Sentes como minha mão passeia por ti, ate não restar nada?

Apenas sento e aproveito um ultimo brandy...

Ergo a taca e brindo com todos que me rodeiam...

À esta alegre falta...

À chuva desta tarde que lavou minha alma...

Aos teus lindos olhos castanhos e aos doces lábios...

Aos teus lindos suspiros de saudades.

Terminei a leitura com lágrimas nos olhos. Ela tinha escrito para mim, eu sempre achei que eu não inspirava nenhum verso para ela, e mesmo sendo homem, sentia que isso me deixava ligeiramente em desvantagem. Ela tinha escrito, contudo, mesmo eu achando que não tinha feito nada que merecesse uma linha apenas, alí estavam dúzias de poesias para mim.

Fechei os olhos, deitei quieto, e respirei profundamente a saudade que me envolvia como névoa. Apenas não dormi calmamente naquele momento porque batidas fortes na porta do quarto me acordaram.

"James..." pensei.

Vesti um roupão e fui abrir a porta, ao abri-la, notei que não James, mas a esposa dele estava batendo.

— Vivian?

— Sim, posso entrar? – ela falou constrangida.

Minha cabeça me alertou "Não faça isso, você vai entrar em mais problemas. Pense na cena que James presenciou! Acha que ele interpretará alguma coisa boa com a mulher dele no teu quarto?", mas minha boca disse sim.

Vivian entrou, e eu fui meio grosseiro, mas pedi que conversássemos na antessala. Ela sentou no sofá grande, e eu numa poltrona em frente.

— Eu preciso me desculpar – ela disse – eu sinceramente não sei o que me deu. Eu fui muito desrespeitosa com você, com meu marido e comigo mesma.

— Não, Vivian. Você estava apenas confusa e embriagada. Não tem o que se desculpar, pelo menos não comigo – perguntei em seguida – você conversou com James?

— Não, ainda não. James está enfiado no escritório, como eu disse, desde bem cedo, e é bem provável que só volte quando eu estiver dormindo. Eu já te contei. Eu achei que ele teria conversado com você, no escritório, esse foi o outro motivo por eu ter vindo te atrapalhar.

— Não, não atrapalha. E não, ele não foi conversar comigo no escritório. Talvez ele pense que eu não fui para não encontrar com ele, só agora isso passou por minha mente.

— Eu não acho que ele pensaria isso.

— James está confuso, desnorteado. Eu não duvido de nada. Apenas espero que ele volte ao normal em breve.

— O que está fazendo? – ela me perguntou um pouco mais animada.

— Nada demais, apenas estava lendo alguns escritos de Emily que eu encontrei.

— Eu adoraria vê-los com você.

— Não, Vivian. Desculpe-me, mas até que eu converse com James e esclareça toda a situação de ontem, eu não quero que ele tenha mais motivos para suspeitar de nós dois.

— É... Você tem razão.

Segurei a porta para que Vivian saísse, eu sei, ela estava ferida e machucada, provavelmente abalada por tudo o que vinha acontecendo, mas eu não queria me meter em mais problema com os dois. Também não queria colocar outra mulher no espaço que era de Emily.

Se tudo fosse mais simples

Não tinha muito que eu falar. Minha vida parece estar uma bagunça por todos os lados e eu ainda consigo me manter em confusão. Li em algum lugar, uma vez que todos nós usamos máscaras, uns mais e outros menos. E me perguntei, até que ponto eu também vinha me escondendo.

Por fora, eu estava mantendo uma personalidade socialmente aceitável, mesmo quando minha vontade era deitar o dia inteiro na cama, fechar os olhos e abri-los apenas quando meus problemas sumissem, Nicole estivesse brincando no quintal, Violet cuidando dela, James e Vivian estivessem às boas outra vez, e eu estivesse com minha esposa ao meu lado.

Eu sinto que só ficarei bem quando eu perceber que os outros ao meu redor estão bem. Quando isso acontecer, aí sim, eu poderei afundar dentro de mim um pouco. Rememorar cada centímetro de uma pele alva tão adorada e refazer mentalmente os caminhos dos beijos que eu troquei com Emily em vida.

Quando essa máscara de tranquilidade que eu usava caísse, o que iria sobrar? Um rosto sem esperança de um homem machucado?

Dormi, um pouco, quando acordei era quase noite. Abri os olhos devagar, e por pouco não esqueci que estava perdido num turbilhão quando imaginei ver

Emily e seus olhos azuis ao meu lado.

Levantei-me mais frustrado do que fui deitar, minha mente, incapaz de desligar direito, apenas me deu uma dor de cabeça, e tomei banho.

James chegaria em breve e nós teríamos que conversar seriamente sobre o que quer que ele pense que viu algum tempo atrás. Coisas estranhas estão acontecendo e eu realmente não sei o que fazer.

Desci as escadas, peguei alguns itens na geladeira e preparei o jantar para todos. Salada e frango grelhado não era tão gostoso, mas ainda era comida. Jantei e fiquei esperando que James chegasse. O que não levou muito tempo.

— Eu gostaria muito de conversar com você – eu disse assim que ele abriu a porta e colocou o casaco no closet sob as escadas.

— É. Eu acho que temos alguns assuntos pendentes.

— Jantar primeiro? – perguntei tentando ser gentil.

— Não, não tenho fome.

Subimos para o escritório, para termos finalmente a tal conversa e eu sequer sabia como começa-la. Não era certo eu tomar parte na briga dos dois, mas os dois estavam errando, um mais que outro, e eram meus amigos.

— Estamos aqui – James disse e se recostou numa cadeira, enquanto esmagava entre os dedos da mão esquerda uma bola anti-stress – pode falar.

— Que porra está havendo entre você e sua mulher? Sério, vocês precisam dar um jeito nisso, já está me afetando.

— Acho que isso não é o começo certo para esta conversa – ele falou visivelmente irritado – acho que deveria começar explicando a razão de eu tê-lo surpreendido quase a beijando numa cena romântica perto da lareira.

— Eu não a estava beijando, foi o contrário. Mas isso nem mesmo é importante, você deve ter notado que tínhamos bebido.

— E isso justifica as coisas, Nicholas?

— Eu não estou tentando me justificar. Estou apenas querendo que você entenda o que aconteceu e que eu entenda o que está acontecendo ao meu redor.

— Você não deveria nem estar se metendo, isso não te diz respeito.

— Não teve nem como eu não me meter, vocês estão sob meu teto.

— Se isso for um convite para sair, sairemos tranquilamente.

— Eu achei que você estava se comportando como um adolescente, mas agora vejo que está se comportando uma criança. Pelo amor de Deus, eu estou tentando ajudar. Vê se te controla e entende o que estou querendo fazer, que nem é nada demais, apenas ajudar.

James, que se tinha levantado de onde se apoiava, sentou-se novamente. Cansado de tentar ser forte, ele praticamente desabou ao falar estas palavras.

— Eu estou destruído.

Foi um alívio ouvi-lo se abrindo. James era mais que um amigo, era um irmão para mim. Irmão de sangue, que tinha me salvado a vida uma vez, e que sempre poderia contar com meu apoio, bastava que para isso ele me dissesse o que estava passando na cabeça dele.

— Eu acabei de perder minha irmã. Eu a amava mais que tudo nessa vida, ela era a razão porque eu não virei um jovem rebelde quando podia. Você sabe, seus pais sabem. Desde sempre, eu procurei viver por e para ela; de repente a vi ser arrancada de mim.

Eu tinha algumas coisas para falar, como por exemplo: porque você desconta em Vivian essa frustração? Mas eu não iria falar nada no momento, eu queria que ele desabafasse por completo.

— Eu amo minha mulher, puta que o pariu, ela é uma alegria para mim, é uma das maiores alegrias que eu pude encontrar na velhice.

— Velhice? Trinta e quatro anos.

— Trinta e dois. Mas isso não importa.

— Então porque está fazendo isso com o próprio casamento, sabotando-o de proposito? – eu me apoiei na parede, e o questionei, como se fosse um psicólogo, queria entender a razão de tudo.

— Vivian não me ama.

— O que? – não consegui disfarçar a surpresa.

— Isso mesmo, não me ama. Casamos levados pelo calor do momento, ela tinha uma melhor amiga que iria se casar, elas queriam combinar vestidos e todas essas frescuras, e eu me deixei ser contagiado por esse ânimo achando que era amor.

— Isso é uma mentira, James. Vivian ama você, não só eu ouvi, mas todos nós ouvimos isso no casamento. Nos votos, em cada palavra, ela falou que o amava.

— Aquele discurso, eu sei. Pareceu lindo, mas na verdade foi um insulto à minha inteligência. Eu estava pesquisando na internet formas de escrever votos de casamento, e na primeira página do Google, lá estavam as palavras que ela me falou como se fossem dela.

— Isso não quer dizer que ela não o ame. Ela pode ter ficado nervosa, perdido o discurso, e se ela esqueceu o papel e teve que improvisar de última hora?

— Ela poderia falar uma receita de Martini, desde que falasse como coração. Todo "se" é uma nova história.

— Ela pode ter falado e você não ouviu. Existem mais maneiras de falar eu te amo do que com essas três palavras. Gestos, atitudes, tudo.

— Eu queria que fosse tão simples.

— James, Vivian brigou com a família, e exceto por Julianne, que a essas horas deve estar do outro lado do continente, ela não tinha mais nenhuma outra amiga, a não ser Emily.

— Ela está fragilizada, ela te falou isso – ele olhou diretamente para mim – Eu sei.

— Sabe?

— Sim, eu ouvi tudo. Naquela noite, eu tinha voltado para convidá-la para descansar, e quando vi a lareira acesa, ela estava falando sobre nós dois. Fiquei alí, no canto, parado, escutando tudo, até que ela ficou um pouco saidinha e eu interrompi os dois.

— Graças a Deus, então você sabe que eu não estava tentando ficar com sua mulher.

James deu um largo sorriso e comentou:

— Você sabe que não estaria vivo se eu suspeitasse disso. Já brigamos por muito menos.

Sentei-me na beirada da janela e perguntei: — O que pretende fazer?

— Saber se Vivian realmente me ama.

— E seu plano é?

— Ver até onde ela vai por mim.

— Nunca ouvi coisa mais mesquinha.

— Para mim faz todo o sentido.

— Me desculpe, mas você a acabará perdendo desse jeito. Vivian não é dessas moças que fica sofrendo por amor, ela vai cansar de você e é você quem vai ter que correr atrás dela.

— Isso não vai acontecer.

— Espere e verá.

Ele ia se levantar, para ir embora. Mas eu ainda tinha algo a tratar com ele.

— Espere, tem mais uma coisa.

— Sim?

— Marquei um horário para você com minha terapeuta. Ela pode te ajudar a lidar melhor com isso tudo que te sobreveio.

— Eu não sou louco, não preciso de terapia.

— Terapia não é tratamento para loucura, nem é mostrar sinal de fraqueza. Você pode ir uma vez pelo menos, se não gostar, sai de lá e nunca mais tocamos no assunto.

— Certo.

Agora sim, ele saiu. Senti que não tinha ajudado a resolver muito o problema dele com a esposa, apenas senti que agora eu sabia o que estava acontecendo.

Achei que agora eu poderia parar um pouco minha mente e que eu poderia descansar, voltei ao meu quarto. Liguei a banheira e fiquei alí, deitado. Apenas queria ficar naquela sensação acalentadora que era a água morna me cobrindo, mas também fui impedido disso.

— Nicholas... Nicholas... – me chamavam insistentemente na porta, e era a voz de Violet, à porta do meu quarto.

— Um minuto de descanso, é só isso que quero –reclamei olhando para o céu – é pedir demais?

Enrolei a toalha na cintura e fui abrir a porta.

— Pois não? – perguntei assim que a abri.

Violet, ainda com a mão suspensa no ar, me analisou uns bons minutos antes de falar.

— Mamma mia...

— Como é?

— Não acha que é muita falta de educação receber as pessoas dessa forma? – ela apontou para minha toalha enrolada.

— Eu estava na banheira.

— Hum, isso explica muita coisa – ela disse e riu um pouco.

— Qual é a graça? – perguntei, irritado, levemente constrangido também.

— Me bateu uma curiosidade boba, quando um homem toma banho na banheira, o treco boia?

— O quê, garota?

— Nada, eu só preciso que me empreste o carro, se puder – ela disse se recompondo.

— Para quê você quer o carro emprestado? – perguntei – e como é mesmo que você achou meu quarto?

— Eu perguntei para James. Ele me disse que poderia subir, e eu preciso realmente ir a Phoenix.

— Ver seu filho?

— Sim.

— Se quiser, me espera que eu te levo. Vou só trocar de roupa.

— Não! – ela falou rápido demais – se não quiser emprestar o carro, pode pelo menos me dar algum dinheiro para que eu pague um táxi? Juro que pago assim que receber, e também juro que só precisarei sair esta noite nesta semana. Não sei quando precisarei sair de novo.

— Tudo bem. Realmente não quer esperar para que eu a leve?

— Não mesmo.

— Muito bem, voltei ao quarto e abri a gaveta do criado mudo, retirei algumas notas dali e as trouxe novamente para ela – aqui está. Espero que seja o suficiente.

— É mais que o suficiente, obrigada! Eu volto logo, prometo! – ela se apoiou no meu peito e me deu um beijo no rosto.

Se eu queria saber que segredo Violet escondia, essa era a hora. Vestime apressadamente, esperei que ela entrasse no táxi, desci até a garagem, entrei no meu carro e comecei a segui-la.

Quando as máscaras caem

Eu tinha que me conservar a alguma distancia do táxi à frente. Cinquenta metros pareciam ser o suficiente. Claro, para não levantar tantas suspeitas, eu deixei a Dodge em casa e saí com o Cruze.

Todo o tempo Violet falava com alguém ao telefone, pelo menos é o que parecia a esta distância, e eu me perguntava quem seria essa tal pessoa. Eu nunca tinha feito isso antes, e tinha que me conservar mentalmente calmo.

O táxi à frente fazia um percurso que agora me era familiar, tendo em vista que eu o tinha feito na noite em que Violet sumiu.

Passamos por diversos bairros, Violet não parecia largar o telefone. Quando chegaram à Phoenix, achei que ela pararia, mas não, o carro continuou a seguir adiante, e apenas parou em Paradise Valley. Por sorte, não me notaram quando estacionei numa conveniência fingindo querer abastecer.

Todo o tempo eu não tirava os olhos deles. Deixei o carro estacionado na conveniência em troca de alguns dólares de consumo, assim eu poderia esperar para ver até aonde Violet iria.

Cinco minutos dentro do táxi, ela não saia. De onde eu estava, agora, eu não conseguia ver se ela realmente estava ainda falando no telefone ou não. O relógio de pulso apontava que era quase meia noite, mesmo assim ela continuava esperando.

Então, quando eu achei que tudo já era suspeito demais, um homem se aproxima do carro. Amigavelmente, bate no vidro e abre um imenso sorriso. Violet sai do carro e, de um salto, se joga nos braços dele. Confiante que ele não a deixaria cair. Dessa distância, é impossível reconhecê-lo.

Fiquei mexendo nas revistas do mostruário tentando disfarçar minha observação. Violet e ele conversam por algum tempo, mesmo sem estarem tão mais pertos, era quase possível sentir que eles eram íntimos pelo modo como ela olhava para ele.

Violet paga o táxi, que vai embora, e o homem saí um pouco de perto dela, deixando-a na beira da estrada sozinha. Quando volta, está numa moto vermelha cheia de bandeiras inglesas e segue na moto.

Imediatamente largo o que estou fazendo e corro para o carro outra vez. Esperando que eu não os perca de vista. Os dois seguem um pouco mais adiante e param diante de uma bela casa.

"Talvez esse cara more aí" eu até comecei a pensar, mas quando os vi escondendo a moto entre os arbustos da cerca e saltando o muro pela parte mais baixa, eu precisei mudar de idéia.

— O que essa garota está fazendo? – perguntei baixinho, para mim mesmo, enquanto tentava ver até aonde eles iriam. Sem sucesso, no entanto, decidi esperar o que quer que eles fossem fazer lá dentro.

Dez minutos... Meia hora... Uma hora... Duas horas...

Eram duas e quarenta e três quando o rapaz a ajudou a saltar o muro, desta vez, ele ficou do lado de dentro da residência. Eles se despediram através do portão.

Violet tinha uma enorme mochila na costa, e quando ela pousou no chão, depois de ter saltado, alguns objetos caíram no chão. Pareciam talheres e castiçais. Violet os arrumou apressadamente.

Quando Violet virou-se para pegar a moto que o homem que estava com ela tinha deixado escondida, e já subia nela. Aproximei-me com o carro e chamei a atenção dela.

— Agora sim, você tem muito a explicar – falei baixinho para ela e abri a porta do carro – entra.

— Não posso – ela respondeu nervosa, mordendo o lábio inferior no que só agora eu tinha percebido ser um sinal de nervosismo – eu preciso levar essa moto daqui, senão ele ficará em apuros.

— Até a conveniência, temos que conversar muito seriamente.

Ela andou na frente do veículo, e como Vivian tinha me dito, ela conhecia cada curva daquela estrada. Não tinha nada de estranho naquele território para ela. Logo, a teoria que ela tinha se perdido, comprovava-se mais mentirosa ainda.

Quando paramos na conveniência, saí do carro e fiquei sentado sobre o capô. Violet estacionou a moto na vaga paralela e veio para perto, com enormes olhos amedrontados como um filhotinho em perigo e tropeçando em seus próprios pés.

— Puxa, você parece meu pai me olhando desse jeito, estou muito enrascada? – ela tentou fazer graça para aliviar o clima.

— Primeiro, eu não sou seu pai. Segundo, isso não é engraçado. Você me disse que tinha vindo procurar seu filho, ver seu filho. Bom, a não ser que você seja mãe daquele rapaz que vimos há pouco, não imagino outra explicação.

— Claro que ele não é meu filho, quantos anos acha que eu tenho?

— Isso não vem ao caso. O que estavam fazendo alí?

— Coisas.

— Que tipo de coisas?

— Coisas particulares.

Ela estava começando a me irritar. Eu imaginava as piores teorias na minha cabeça, e ela, com seu jeito de serpentear entre as perguntas fugindo das explicações, apenas conseguia aumentar minhas suspeitas.

— Violet, por favor, me explique. Eu vou começar com perguntas simples. Quem é aquele cara?

Frustrada por ver que eu não cederia dessa vez, ela respondeu: — Um carinha que eu estou saindo.

— Ele tem nome?

— Dave.

— Muito bem, começamos bem. De quem é aquela casa?

— Da família do meu ex-namorado.

— Certo, e o que vocês estavam fazendo lá?

— Isso é particular.

Era impossível fazer mais de cinco perguntas seguidas que tivessem resposta com essa menina. Felizmente, eu estava resoluto no proposito de ir até o fim com isso.

— Violet, eu vi você saindo de lá com uma mochila. Você não entrou lá com uma, posso estar sendo muito injusto, e se eu estiver sendo me corrija, mas minhas suspeitas são que vocês furtaram algumas coisas daquela casa. E a não ser que você queira que eu a denuncie agora mesmo, é melhor começar a falar – eu falei num tom calmo, com os braços cruzados sobre o peito, mas firme – vou perguntar mais uma vez. O que estavam fazendo lá?

— Eu te falei, quando saí de sua casa, ver o meu filho. Eu fui ver o meu filho naquela droga de casa.

— Se seu filho mora naquela casa, por que não entrou pela porta da frente? Sério, vocês saltaram o muro.

— É uma longa história, Nicholas. E eu realmente não quero...

— Violet, eu tenho todo o tempo do mundo para ouvi-la. Amanhã é sábado, Nicole não pode receber visitas, e eu já estou acostumado com não dormir.

Violet andou até meu lado e sentou sobre o capô do carro exatamente como eu tinha feito minutos atrás, e pareceu preparar-se para contar tudo.

— Promete que não vai me julgar? – ela pediu.

— Prometo.

Ela pareceu livrar-se de um enorme peso das costas quando começou a falar.

— Meu ex-namorado realmente mora naquela casa. Ele e eu erámos tão felizes, não nos privávamos de nenhuma das liberdades que o outro queria, éramos um casal não convencional.

Apenas continuei ouvindo em silêncio.

— Eu engravidei duas vezes dele, duas. Na primeira, foi no nosso primeiro ano de namoro, eu não estava preparada para ser mãe, eu queria curtir bastante a vida, e puxa vida, as festas, a diversão, aquilo parecia ser tudo que me bastava para ser feliz, e eu era feliz naquela época. Eu não queria aquele filho e eu não tive aquele filho.

Aquela decisão não me dizia respeito, então eu não tinha por que julgá-la.

— Ano passado, eu engravidei a segunda vez. Meu relacionamento estava ótimo, parecia que combinávamos em tudo, os pais dele me adoravam e ele corria atrás de mim sempre, bastava eu estalar os dedos – ela respirou fundo, dolorido, e prosseguiu – engravidar pela segunda vez talvez tenha sido a melhor coisa que aconteceu na minha vida, mas teve um ônus enorme. Não foi fácil, todos diziam para mim: você se acostuma logo, você vai ver, não vai haver ninguém no mundo além de seu filho, mas eu não conseguia sentir isso.

Ajustei-me para melhor ouvi-la.

— Parecia que todo o tempo eu estava com uma coisa estranha dentro de mim. Então, chegou a hora do nascimento. Eu não esperava passar por tudo aquilo, eu estava tão feliz quando soube que estava grávida, tão contente, e quando eu vi que era a hora, eu queria sumir dali. Eu ficava em casa, cuidando do meu filho, o tempo todo sendo observada pelos meus sogros que diziam: por que você vive chorando? Tem um filho tão lindo, meu namorado só reforçava isso tudo.

— Ele não a ajudava?

— Não é isso, ele ajudava. Mas quando ele voltou a estudar e trabalhar, eu fiquei sozinha. Eu nunca consegui amamentar meu filho, eu não suportava vê-lo chorando, a babá o amamentou para mim. Meu seio doía de tanto leite, vazava, mas eu não conseguia ver o meu filho olhando para mim enquanto eu amamentava. Eu sentia desespero, medo, só ouvir meu filho chorando já me dava vontade de chorar também, eu sentia até um frio na barriga.

Aquilo devia ser muito dolorido para Violet, e eu me surpreendi com o quão forte ela era para não parar de falar no meio do caminho.

— Uma noite, ele estava chorando demais, demais mesmo. E eu me sentia desconectada do mundo, dele, de todos. Meus sogros estavam viajando e a babá estava de folga, não vinha amamentá-lo. meu ex-namorado tinha emendado o trabalho com o happy hour, e eu estava sozinha. Eu queria sufocá-lo com um travesseiro até que ele parasse de chorar, mas eu chorei descontroladamente quando tentei fazê-lo. Que espécie de mãe eu sou? Eu ficava pensando. Arrumei as minhas coisas numa bolsa e o deixei alí, chorando, morrendo de fome.

Ela olhou para mim, extremamente envergonhada antes de falar.

— Soube alguns dias depois, quando tentei voltar para casa, que ele ficou sozinho até às seis da tarde do dia seguinte. Tinha dormido de tanta fome, medo... Ele estava sozinho quando a babá chegou e o alimentou.

— Meu Deus... Violet...

Ela fez o gesto para que eu não falasse coisa alguma e continuou.

— Eles conseguiram uma medida judicial para que eu não me aproxime do bebê, trezentos metros. Também conseguiram a guarda dele na justiça, o que eu estou tentando reverter, por isso preciso tanto do trabalho. E sim, eu furtei um jogo de talheres de prata, pois preciso pagar os honorários do mês do advogado. Ele não é tão caro, mas também não é barato o suficiente para que eu pague.

— Por que nunca me disse isso? Como suportou esse peso todo por todo esse tempo?

— Talvez eu seja mais forte do que você imagina – ela me sorriu um pouco – aquele cara, eu não sou apaixonada por ele, nem temos nada sério. Ele apenas me ajuda a entrar na casa, quando não tem ninguém, ou a babá, com quem ele dorme de vez em quando, já está descansando. Eu vejo meu filho, Kevin, quando ele está dormindo, e são os melhores momentos que eu poderia ter durante

minha vida inteira.

— Você já sabe o que tinha? – eu perguntei tentando mostrar a ela que o que ela sentiu não era nada demais, mas parece que ela já sabia.

— Sim, depressão pós-parto. De alguma forma, eles conseguiram um médico que me diagnosticou com psicose pós-parto, por isso foi tão rápido o julgamento. Eles têm uma puta dinheirama, influência, não tinha como eu competir com isso. Além disso, abandonei o lar, um incapaz, a situação ficava cada vez mais feia para meu lado.

— Você não precisava ter me escondido isso esse tempo inteiro. Sofrer sozinha, quieta, quando eu poderia tentar ajudar.

— Você pode me ajudar?! – ela saltou do capô do carro e veio para minha frente, os olhos cheios de esperança e bondade, vontade de dar ao filho o amor que ele merecia, mas eu ainda não tinha um plano.

— Eu não posso, infelizmente, não sou especialista em vara de família, mas vou buscar uma forma de te ajudar. Pode ter certeza, farei o possível e o impossível para tentar ajudá-la.

— Puta que pariu! – ela deu alguns saltinhos com os olhos marejados, inquieta e ao que me parecia feliz – se você fizer isso eu não vou ter como na terra te pagar. Eu me apaixono, é sério!

— Não, não faça isso. Levantei e abri a porta do carro para que ela entrasse – vamos para casa, você descansa, eu descanso, e logo poderei tomar conta desse assunto.

— E a moto?

— Eu vou mandar que alguém a busque pela manhã.

— Ok. Se a roubarem, você vai pagar uma nova.

— Não acredito que isso aconteça, mas se acontecer, não se preocupe.

Seguimos de volta para casa, finalmente, depois de algumas semanas, Violet não era mais uma completa desconhecida.

Como se fosse real

Se os céus pudessem falar, eles estariam cantando sob a sola dos pés pequenos de Emily. Dançando sobre flocos de nuvens, cantando com sua voz maviosa, ela deve estar passeando sobre o pôr-do-sol.

Talvez ela sinta o meu abraço a cada vez que eu me imagino abraçando-a. Talvez a morte seja apenas uma parede de vidro nos separando. Talvez eu tente acreditar nisso tudo apenas para amenizar a minha dor.

Nesses momentos, eu queria ser hipócrita o suficiente para trocar minha fé e acreditar, por exemplo, que ela voltaria à vida num corpo diferente, com o mesmo espírito, num lugar que eu não saberia exatamente onde é, e como as almas gêmeas que sinto que somos, eu a encontraria nesta outra vida, destinado a cruzar seu caminho outra vez.

Por enquanto, a esperança de encontrá-la no paraíso teria que me bastar. E uma conversa com o Deus que eu acreditava, teria que acalmar meu coração. Mesmo que eu ainda estivesse inconformado com os planos dele que, tão drasticamente, divergiram dos meus.

Agora, eu tinha Nicole, eu seria dela para sempre, não a deixaria desamparada nunca e nunca, jamais, enquanto eu vivesse, eu a deixaria sentir

medo.

— Nicholas, eu não estou gostando muito disso – ela me disse, e eu não conseguia saber, exatamente, do que ela estava falando.

— Do que exatamente? – perguntei sob aquela imensa copa de árvore, sob todo um céu que parecia sorrir para mim indistintamente.

— Ela está tocando uma parte de você que eu nunca consegui e isso me preocupa.

— Não há nenhuma outra, Emily, eu serei para sempre seu.

— Tudo que temos são esses momentos, e veja – ela apontou para uma pessoa sentada a alguma distância de nós – ela está chegando perto demais de mim, e ela vai me retirar de você.

— Ela está apenas cuidando de Nicole, por você, por mim. Eu penso apenas nela, ninguém mais.

— Então me abrace forte, diga que será meu para sempre, por toda a sua vida, até que a morte nos junte novamente... – ela pediu e me abraçou.

Quando eu tentei envolvê-la num abraço, o corpo dela se desfez em uma nuvem de poeira que se dissipou tão rapidamente quando foi criada.

Abri os olhos, com o rosto banhado por lágrimas, e a procurei no espaço eternamente vazio da cama que um dia compartilhamos. Como eu já devia estar acostumado, ela não estava lá.

Esses eram os momentos mais difíceis, desejar que ela estivesse aqui, tê-la em sonhos, e vê-la desaparecer, evanescendo na escuridão.

Eu nem sabia exatamente quando eu tinha começado a sonhar, lembro que estava pensando sobre tudo o que me tinha acontecido e mais nada. Sequer lembro quando dormi.

Eu sofro, nestes dias, mais do que já sofri em toda a minha vida. Nenhuma dor se compara a que sinto dentro de mim o tempo todo, tentando engolir-me por inteiro, e contra a qual luto insistentemente para não sucumbir.

Ainda eram cinco da manhã de sábado, mas eu não conseguia mais dormir. E no quarto, a falta de Emily gritava com um barulho ensandecido, querendo me enlouquecer.

Desci para o andar inferior, incapaz de descansar a mente outra vez, e após preparar um café forte, sentei-me na Eames Lounge Chair, favorita de Emily, e que ela tinha praticamente tomado de mim com um só sorriso.

O sol não estava aparecendo, por detrás das nuvens mal se via um frouxo lumiar deles, e eu continuava quieto, controlando as serpentes negras de tristeza que insistiam em me sufocar e me manter vivo para senti-las.

Não fiquei tanto tempo solitário nessa solidão. A voz de James quebrou a quietude do lugar.

— Não conseguiu dormir?

— Dormi, mas não tanto. Eu tive um sonho, não consegui voltar a dormir, então vim para cá.

— Emily adorava fazer isso, eu vi vocês dois, diversas vezes, aqui mesmo – James olhou para o lugar – numa cena parecida com essa, mas ela estava descansando no seu colo.

— Sim, ela amava ficar aqui. Odiava dormir, achava perda de tempo.

Ficamos em silêncio algum tempo, ele questionou: — Você sente falta dela, não é mesmo?

— Se por sentir falta você quer dizer sentir que se está sendo amputado acordado e sem anestesia, então sim, sinto falta. Tanta que nem sei como estou aqui.

— Sabe o que você deveria fazer? – ele disse depois de algum tempo – viajar, tentar colocar a cabeça em ordem, tentar se afastar um pouco de tudo, voltar a normalidade.

— Eu? Por que eu faria isso? Viajar significa deixar Nicole aqui sozinha e, antes de tudo, significa tentar esquecer, e eu não quero esquecer nem um segundo com ela.

— Nicole não estaria sozinha, eu estou aqui, Vivian e Violet também.

— Eu não conseguiria deixá-la, aprecio a sugestão, mas não posso fazer isso.

— Tudo bem.

— E por que acordou tão cedo – Perguntei quando James se levantou para pegar um pouco do café que tinha sobrado na cafeteira para si.

— Quem foi o idiota que marcou uma consulta com a terapeuta às sete da manhã de sábado?

— Não foi de propósito – falei – era o único horário que ela tinha livre na semana.

— Não estou reclamando, bom, na verdade estou reclamando sim.

— Então porque acordou tão cedo? O escritório dela é bem perto daqui, e não precisava de todo esse preparo.

— Na verdade eu nem dormi – James disse e voltou para perto de onde eu estava, e parou perto das portas de vidro (que tinham sido reformadas depois daquela terrível noite) – eu tenho evitado dormir bastante esse tempo.

— Então é por isso que Vivian disse que você fica trabalhando até tarde?

— Sim, por isso também.

— Pesadelos?

— Não, nada. Eu não sinto nada, eu fico apenas lá deitado, olhado para o teto, esperando fechar os olhos, mas não consigo. E a cada vez que olho para minha mulher, do meu lado, dormindo tranquilamente, me sinto pior do que antes, pensando no quanto estou errado com ela, e aí eu não consigo ficar alí.

— Espero que quando conversar com alguém imparcial, isso te ajude a

reavaliar esse comportamento.

— Eu também – ele tomou o último gole do café da xícara e perguntou – por falar nisso, ontem a noite ligaram para você, por volta de meia-noite, mas você não estava. Vivian levou o telefone para você, mas o quarto estava vazio.

— Eu precisei sair.

— Meia-noite?

— E tem hora para sair?

— Não é isso, é que eu nunca vi você sair numa hora dessa, exceto quando saíamos com Matheo, que parece não ter hora para dormir.

E alí estava, uma pequena chama de solução numa situação aparentemente complicada demais.

— Matheo, porra, porque não pensei nisso antes.

— O quê?

— Matheo – parecia uma esperança de repente – por favor, me diz que eu não estou errado. Matheo era advogado de família antes de nos conhecer, certo?

— Não tenho certeza, desculpe. Mas creio que sim.

— Lembra, por favor, ele falava sempre sobre os casos de alienação parental para a gente, ele disse uma vez que era especializado em direito de família, até trabalhou na seguridade social, lembra?

— Sim, sim, acho que tenho uma lembrança distante sobre isso. Como eu disse, não posso dar certeza, vai saber se ele não estava só tentando impressionar alguém.

— Tomara que não.

Levantei-me da cadeira e peguei o telefone da casa.

— O que vai fazer?

— Ligar para ele.

— Cara, é sábado. Nem seis da manhã, Matheo deve estar na cama com uma mulher que ele nem lembra o nome, espera mais um pouco – larguei o telefone, ele tinha razão – me explica primeiro o que aconteceu para precisar falar com ele tão urgentemente.

— Não posso, preciso falar com Violet antes e, se ela aceitar, nós teremos muito tempo para conversar sobre isso aqui em casa.

— Nós quem?

— Matheo, Violet, você e eu.

Deixei-o na sala e subi para o escritório. Uma coisa que eu poderia fazer é já tentar conhecer sobre o caso. Questões de família sempre são difíceis de lidar, sempre correm em segredo de justiça, mas os jornais devem ter alguma coisa daquela época.

Violet não me disse quantos meses Kevin tem. Logo, eu tive que recorrer ao Google para buscar algum referencial sobre o assunto. Minhas buscas não retomaram nenhum resultado, eu teria que pedir que Violet me assinasse uma procuração para poder ter o direito de consultar os autos do processo.

Abri o Gmail e enviei um pedido encarecido para que Matheo entrasse em contato comigo assim que o lesse. Eu não o tinha visto desde o velório. Seria bom ter a casa cheia de gente outra vez, especialmente quando isso significava ajudar Violet a ter o filho dela outra vez.

Trabalhei um pouco numa pesquisa sobre a psicose puerperal e depois no caso dos meus próprios clientes, conseguindo finalizar alguns. Lamentei que Nicole não pudesse receber visitas quando o relógio acusou oito horas, e li mais um pouco dos escritos de Emily para mim.

Quando voltei para a cozinha, Violet estava me esperando com um sorriso que ia de orelha a orelha.

— Bom dia, moço bonito – ela me cumprimentou – café?

Observei a mesa que ela tinha preparado: panquecas tortas e sanduiche mal montado, além de café. Sentime um monstro por querer negar o convite, por isso aceitei.

— Dormiu bem? – perguntei.

— Maravilhosamente. O que faremos hoje?

— Não sei, eu não tenho nada em mente. Sábado geralmente eu trabalho até as duas da tarde no escritório, depois vou ler e ouvir música no quarto.

— Que programão – ela ironizou – felizmente eu estou aqui para te salvar dessa rotina de quem tá coberto de pó.

— Eu não quero sair hoje.

— Eu não perguntei se você quer. Eu também não disse que iríamos sair.

— Então?

— Pôquer a dinheiro? Seria uma boa, e eu vi a mesa de pôquer alí naquela sala que ninguém usa, seria demais.

Vivian desceu as escadas e parou perto de nós dois. Já imaginei que ela ficaria de mau humor ao ver Violet alí, mas parece que eu estava enganado.

— Violet, bom dia – Vivian a cumprimentou com um sorriso não tão convincente, mas educado.

— Bom dia, fiz panquecas com aveia para você, não sei por que, mas achei que iria gostar – Violet disse.

— Obrigada – Vivian agradeceu desconfiada – você não está tentando me envenenar não, né?

— Não, se eu quero matar alguém eu faço um alarde primeiro – ela sorriu – deixa eu te falar uma coisa, você precisa me ensinar a fazer essas ondas no cabelo, fica lindo realmente. Em troca posso te ensinar a fazer algumas mechas coloridas, meu segredo é: papel crepom.

Era uma tentativa, boba, mas válida, para tentar estabelecer a paz entre as duas.

— Jura? Se você não dissesse ia achar que você nasceu com ele assim – Vivian alfinetou – mas tudo bem.

— Sério?! – Violet sorriu animada.

— Sim, sim. Se isso te afastar um pouco do meu marido, ok.

— E lá vamos nós outra vez para a normalidade – as interrompi para não presenciar uma discussão pela manhã – Violet estava sugerindo que pôquer, daqui a pouco, a dinheiro. Quer?

— Seria legal – Violet comentou sorrindo, esperando que Vivian aceitasse, e olhando de mim para Violet com uma confusão que não soube interpretar – você sabe jogar né?

— Quando eu arrancar até sua roupa no jogo, veremos se eu sei jogar ou não – Vivian deu uma pequena mordida na panqueca, pelo visto, ela acreditou que não tinha veneno.

— É pôquer, não Strip-pôquer.

Naquele momento, fiz sinal para que as duas ficassem quietas. O telefone celular tinha acabado de tocar, e era Matheo do outro lado da linha.

Confusão de sentimentos

— Nicholas, mi amicci! Come stai? – a voz de Matheo era alegre e convencida.

— Estou bem, não precisa usar seu italiano comigo, não sou impressionável – eu sorri um pouco.

— E se non sei tu che io sto cercando di impressionare?

— Isso já não é mais nenhuma novidade. Se não sou eu, nem que você quisesse – fiz questão de ressaltar – quem está tentando impressionar?

— La donna più bella di Yellowstone Hill – ouvi um riso feminino ao fundo.

— Tudo bem. O que eu tenho a falar contigo, no entanto, é sério. E vou precisar que você pare de querer bancar o italiano e assuma sua nacionalidade americana.

— Attendere un minuto.

— Espero até dois – eu disse.

Ouvi ele se despedindo, em italiano, de quem quer que fosse a pessoa com ele. Alguns minutos depois ele disse que poderia falar.

— Pelo amor de Deus, me diz que eu não estou errado. Você é especializado em vara de família?

— Trabalhei nessa área antes de o escritório começar a dar lucro, mas não sou especializado. Você deve lembrar, eu costumava ganhar algum dinheiro com isso, mas nada como no direito comercial. Por isso troquei de área.

Aquilo minava um tanto as minhas esperanças.

— Entendo, mas ainda tenho que insistir, você se acha capacitado para defender um caso na área? Quero dizer, eu não sei se você tem as qualificações necessárias.

— Isso depende muito – ele disse – eu teria que avaliar todos os pormenores da situação.

Ele ficou um minuto em silêncio, mas continuou: — Por outro lado, sabe como isso soa como um desafio para mim.

— Infelizmente, Matheo, não é uma competição para ver se você tem coragem de saltar de bungee jumping, isso é sério. Trata-se de uma criança pequena.

— Nicole? – ele perguntou preocupado.

— Não, não é nada com minha filha.

— Oh, Grazzie Dio – ele agradeceu ao telefone.

— Ainda assim quero que se esforce por essa criança como se fosse seu próprio filho.

Como se percebesse, pelo meu tom de voz, a gravidade da situação, ele pareceu aprender a não fazer mais graça e levou finalmente o assunto a sério.

— Muito bem, me atualize sobre o assunto.

— Uma amiga, eu não sei se já falei sobre ela, chama-se Violet, é a pessoa que eu contratei para ajudar a cuidar de Nicole.

— Certo...

— Foi diagnosticada com psicose pós-parto e afastada do filho, é tudo que posso atualizar no momento. Há uma medida restritiva para que ela não se aproxime do filho, creio que deve ser a primeira coisa a ser derrubada. Pelo que ela me contou, a família do responsável legal pela criança, tem alguma influencia, isso deve ter sido a causa de uma ordem judicial ter saído tão rapidamente, e tão desfavorável à mãe, como não é de costume.

— Derrubar uma ordem restritiva nesses casos pode ser difícil. Precisaríamos de laudos de vários médicos, psicólogos e psiquiatras. Isso não é tão fácil assim, quero dizer, derrubar a medida restritiva não deve ser a coisa mais difícil, uma vez que ela como mãe tem o direito de visitar o filho, mas, me diga, o que ela quer realmente?

— Creio que conseguir a guarda do filho de volta.

— Put... Bom, eu teria que ler todos os arquivos do processo primeiro. Psicose pós-parto é uma coisa grave, põe em risco a mãe e o filho.

— Eu sei, andei lendo alguma coisa sobre isso. No entanto, prometi que tentaria ajudá-la, e farei isso. Mesmo que o resultado não seja dos melhores, eu preciso que me dê alguma luz sobre o caso, se não se achar capaz para defendê-la, procurarei alguém capacitado para isso. Pagarei o que você quiser.

— Somos amigos.

— Eu sei.

— Te cobrarei o dobro – ele sorriu.

— Desde que a ajude. Quando você poderá vir?

— Não posso sair hoje de Yellowstone Hill, mas farei todo o possível para estar em East Valley na segunda feira. Deixarei Eric responsável por tudo aqui, se ele não tiver nenhuma objeção, sabe como ele é. E se tudo der certo, saio amanhã à noite.

— Isso seria perfeito, muito obrigado.

— Não me agradeça, se sua amiga está ajudando Nicole, está me ajudando também. Indiretamente, Nicole é como minha sobrinha.

Mais alguns minutos de conversa, ele se despediu.

A conversa não tinha me deixado mais tranquilo, mas me ajudou a vislumbrar uma solução ao fundo. Se Matheo tinha algum conhecimento do assunto, se ele, mesmo se não conseguisse defende-la, me dissesse exatamente a quem eu tinha que procurar, aquilo já me ajudaria.

Voltei para a sala, pronto para contar tudo que tinha me acontecido na conversa com Matheo, surpreendi Violet sozinha alí.

— O que aconteceu? Onde estão todos?

— James disse que iria a uma consulta, Vivian foi com ele.

— O que temos para falar é particular mesmo. Acho que é até melhor assim.

— Sobre o que vamos falar? – Violet perguntou cruzando as mãos sobre o queixo, numa pose tranquila.

— Sobre o que falamos antes. Ainda restam várias dúvidas.

— Pode perguntar, sou um livro aberto – falou.

— Violet, eu sei que o seu namorado não a ajudou, os pais dele não deram também qualquer auxílio, e ao que me pareceu você não recorreu a qualquer outra pessoa para te ajudar.

— Correto – ela assentiu.

— Por quê?

— As pessoas que poderiam me ajudar não tinham meios de fazê-lo.

— Seus pais.

— Isso, mesmo que eles quisessem, nenhum deles conseguiria. Eu não sou rica, você conhece a melhor parte de Phoenix, não conheceu tudo. A casa dos meus pais era minúscula, e eu nunca gostei muito de ficar num quadrado de concreto, então saí para conhecer o mundo.

— Eles ainda estão vivos?

— Sim, mas perdemos contato há algum tempo.

Aquilo era triste. Quando conheci Violet, tive a impressão que ela era uma pessoa independente, não sabia, no entanto, que ela era tão solitária.

— Pare com isso! – ela ordenou, repentinamente, numa voz firme.

— Parar com o que?

— De me dar esse olhar de lado, esse mesmo – ela apontou para mim – como se você estivesse com pena de mim. Eu detesto isso, detesto que qualquer pessoa tenha pena de mim.

— Não estou com pena de você.

— Acho bom mesmo.

Violet parecia sinceramente ofendida quando se levantou e andou até a porta da casa, eu achei que ela pararia no meio do caminho, sorrindo, mostrando que estava brincando, mas não. Levantei-me e andei apressado até ela.

— Hei – travei-a do pulso, gentilmente, para não assustá-la, mas para não deixa-la sair – o que houve? Eu fiz alguma coisa? Por que está saindo desse jeito?

— Eu não sei! Você só... – ela se libertou do toque que parecia incomodar – você só agiu como todos eles. Olhando-me como se eu fosse um extraterrestre, como se eu estivesse precisando de ajuda.

— Não me compare com eles.

— Não tem como. Você tem que me prometer que não fará mais isso, eu não sou nenhuma incapaz.

— Qual é seu problema, garota? – eu perguntei e me afastei um pouco – o que foi que te deu? Estávamos normais a menos de um minuto.

— Isso até você olhar para mim daquele jeito.

— Qual o problema?

— Você não prometeu.

— Muito bem, prometo que não te olho mais daquele jeito e nem de jeito nenhum. Quer assim? Entenda, Violet – falei baixo, mas incisivo – eu estou vivendo os piores dias da minha vida, eu acho que o inferno seria mais fácil, e não estou nem um pouco a fim de joguinhos emocionais. Quando estiver pronta para ser adulta, falar sobre os problemas sem fugir deles usando desculpas esdruxulas, voltamos a nos falar.

— Ótimo! – ela disse e saiu, me deixando no meio da sala vazia.

Eu não iria ficar discutindo ou pensando sobre isso. Eu tinha muito a fazer, querendo ela ou não, eu iria ajudá-la, e minha pesquisa sobre aquilo que tinham diagnosticado no pós-parto, ainda não tinha acabado.

Comprei alguns e-books que tratavam sobre o assunto, e comecei a lê-los no meu leitor digital. Não queria ficar tanto tempo perdido alí, mas o tempo passou e eu não percebi.

— Nicholas... Nicholas... – era a voz de Violet, esperei que ela chamasse mais algumas vezes – Nicholas... Nicholas... Eu sei que você está aí, eu já te procurei a casa toda, acho que não tem mais nenhum lugar grande o suficiente

para te caber que eu não já tenha procurado.

Abri a porta e coloquei a mão impedindo a sua entrada – O que foi? – perguntei.

— Nada, só está quieto demais na casa ao lado, e eu não gosto disso.

— Apenas isso?

— Também tenho que me desculpar pelo comportamento anterior, Oh, senhor da razão – ela ironizou – eu não sei o que aconteceu comigo há pouco.

— Desculpada.

— O que está fazendo aí? – ela perguntou e passou por baixo do meu braço, entrando no escritório – aqui que você trabalha?

— Pode entrar, Violet – falei depois que ela já tinha entrado – que tal sentar-se?

— Achei que nunca convidaria – ela vasculhou o lugar com os olhos – poxa, isso aqui é quase um templo.

Ela comentou depois de olhar para as fotos na parede e os porta-retratos sobre a mesa.

— Me sinto uma intrusa aqui.

— Não precisa se sentir assim – eu disse – sinta-se à vontade na casa.

— Vou tentar. Os quadros, os móveis, tudo parece estar me vigiando.

— Talvez estejam – falei num tom soturno, pretendendo assustá-la.

— Sinistro – ela se aproximou de mim, sentando na beirada da poltrona e tentou espiar o que eu estava lendo, rapidamente desliguei o aparelho, disfarçando que estava prestes a ligá-lo. Se ela tinha se ofendido por tão pouco, como olhar para ela "com pena" imagine o que ela sentiria ao ver minha pesquisa sobre sua doença – o que está fazendo?

— Pretendo ler, isto se você deixar. Por favor, vá sentar-se numa outra cadeira, me deixe quieto.

Violet levantou-se e ficou andando de um lado para outro no local. Hoje ela estava quase uma incógnita. Um comportamento estranho, me cercando, esperando que eu falasse alguma coisa. Parecia que estava com medo de eu descobrir algo.

— Quer me ajudar? – perguntei para ela.

— Sim, acho. Se eu puder.

— Pegue aquela pasta azul sobre a escrivaninha – eu disse e ela o fez – organize essas contas para mim por ordem de vencimento.

— Vou ganhar hora extra por isso?

— Vai – me dei por vencido – e eu ganhe algum descanso, quem sabe.

Ela começou a remexer os papeis, lendo as datas em cada um e ajustando a pilha. Parecia até calma.

— Sabe... – ela começou a dizer – isso é bem diferente do que eu imaginei que faríamos hoje.

— Lamento frustrar seus planos.

— Não, não estão frustrados. Quando eu terminar aqui, você vai me levar para conhecer o lago que Vivian disse hoje de manhã.

Eu até falaria alguma coisa, mas ela não deixou.

— Isso é inegociável.

Pouco tempo depois, Vivian irrompia no escritório, o rosto vermelho, como se estivesse com muita raiva. Ela olhou para Violet e não precisou dizer nenhuma palavra, Violet entendeu que deveria nos deixar a sós. Saiu e Vivian começou a desabafar outra vez.

Reminiscências

— Aconteceu alguma coisa? – perguntei quando vi Vivian irritada.

Ela chegou até mais perto e, imediatamente, a careta que ela tinha foi substituída por um sorriso e o semblante mudou instantaneamente.

— Não. Eu só queria que Violet nos deixasse à sós – ela falou e se aproximou.

— Onde está James?

— Foi para o escritório – Vivian disse.

— Achei que ele viria falar comigo assim que saísse de lá.

— Não, ele tem uma audiência na segunda-feira, bem cedo, e foi repassar alguns documentos ou seja lá o que vocês fazem naquele escritório.

— Entendi – eu me vi outra vez sem minha privacidade que eu tanto prezava – e o que posso fazer por você?

— Nada demais, eu só não gosto de ficar sozinha. Sei que é uma bobagem, mas eu não gosto. Eu fico por aqui – ela disse olhando para o lugar e procurando um canto específico – fico alí, perto da impressora, prometo não atrapalhar.

— Pode ficar.

Vivian sentou-se lá, mas diferente do que prometeu, ela atrapalharia. Não no mal sentido, longe disso. Adoro essa menina como se fosse uma irmã, mas ser quieta era uma das qualidades que ela não tinha. Isso nem mesmo chegava a ser um defeito. Vivian sempre requeria atenção para si, fosse quando ela brilhava ou quando ela estava sendo dramática, de um modo ou de outro ela era notada.

— Esse é o computador antigo de Emily?

Ela apontou para o eletrônico. E eu confirmei. Não lembrando, no entanto, quando ou como ele tinha ido parar alí. Se bem me lembro, da última vez que o utilizei, eu estava no meu próprio quarto.

— Sim – eu respondi ainda um pouco confuso.

— Que foi? Por que essa cara?

— Nada, é que eu não lembro quando eu o trouxe para cá.

— Hum... – ela resmungou – eu posso mexer?

— Se tomar cuidado e prometer não apagar nada daí.

— Nem precisa pedir isso, moço.

Vivian ficou mexendo no computador. Depois ela virou para mim, com os olhos marejados: — Eu sinto tanta, mas tanta, falta dela. Sinto que não tenho sido eu mesma depois que ela se foi.

— Todos nós sentimos.

— Eu queria tanto tê-la conhecido antes, muito antes. Quem sabe no início da minha vida? – ela sugeriu – eu sinto que as coisas teriam sido bem diferentes.

— Como seriam diferentes?

— Não sei. É bem provável que para James eu nunca passasse de uma caçulinha, mas eu a teria conhecido muito melhor. Sinto até que eu conseguiria ter mais algum juízo na minha cabeça.

— Eu não acho que isso seja possível – eu brinquei com ela para tentar alegrá-la – Você e juízo são como água e óleo.

— Que é isso, senhor perfeição? Tirando uma comigo?

— Sim, tentando fazer você sorrir um pouco.

— Que gentil da sua parte.

— Não é gentileza, não é só por você. Sinto falta da Vivian que conheci há algum tempo, coroando meus ouvidos com um riso argentino, fazendo barulho até tarde da noite, e pelos céus, até invadindo meu quarto de manhã com um copo de água gelada ameaçando me acordar.

— Ela está ainda aqui, perdida no meio de uma bagunça que aos poucos se vai organizando.

Vivian fez silêncio de repente, voltou a olhar para o computador e depois para mim. Então, constrangida, pediu permissão para fazer algumas perguntas.

— Tantas quantas você quiser – eu disse sem tirar minha total atenção dos livros que eu tinha baixado.

— Quando percebeu que estava apaixonado por ela?

A pergunta me tinha pegado de surpresa. Eu imaginava que a pergunta seria sobre Emily, mas não sobre mim.

— Bom... – comecei, buscando na memória um momento exato – não sei se tem um tempo preciso. Não – me corrigi – acho que sei o dia exato.

— Me conta?

Fiz que sim com a cabeça.

— James e eu estávamos planejando a mudança de Matheo para East Valley. Era ele quem deveria ter vindo para cá, quando ocorreu a mudança do escritório auxiliar.

Vivian parecia verdadeiramente interessada na história.

— Num desses dias, depois de uma reunião tensa, que durou o dia inteiro. Nós tínhamos decidido ir assistir a um jogo da liga principal de baseball, depois do jogo, fomos para a casa dele.

— Isso foi há quanto tempo?

— Acho que há três anos e meio, por aí – agora eu tinha me concentrado tanto em contar a história, que eu tinha até deixado o leitor digital de lado – Emily tinha acabado de entrar em casa, batendo a porta, irritada com alguma coisa. Passou por nós, sem deixar nem um boa noite educado no ar.

Vivian arrastou a cadeira em que ela estava sentada para mais perto de mim.

— Bom, James, você sabe como ele é, brigou. – tentei imitá-lo – Emily, onde está sua educação? E que horas são essa? Achei que você estava em casa dormindo?

Vivian sorriu gostosamente, e eu acompanhei a risada.

— Emily gritou alguma coisa do quarto e mandou que ele ficasse quieto. Eu me ofereci para conversar com ela, ele estava muito irritado por ter sido contrariado, e fui até o quarto. Bati à porta, ela disse lá de dentro: se for James pode ir embora!

— E o que mais? – Vivian insistiu.

— Entrei no quarto, ela destravou a porta para mim. Parece que um namoro bobo juvenil tinha terminado, ela queria saber o que tinha de errado com ela.

— Nada, eu disse isso para ela tantas vezes!

— Eu sei, ela não tinha um só defeito. Ela era perfeita. E alí, olhando pela janela, banhada pela luz da lua, ela parecia uma miragem. Quando ela virou para me olhar, as pupilas dilatadas, pela escuridão, ela era tão linda e ao mesmo tempo tão proibida, eu tive que colocar alguma distância entre nós.

— Foi alí que você se apaixonou?

— Sim, embora eu negasse para mim mesmo. Eu estava me divorciando de Christie, o susto de ter sido traído não pareceu nada ao susto de me ver apaixonado pela irmã caçula do meu melhor amigo. Eu tive que sair da cidade. Deixei a minha casa para Christie, para ela acelerar o divórcio, trouxe apenas minha roupa e meu carro. Todo mundo achava que eu tinha saído dali por causa da traição, mas não, foi por ela. Para protegê-la de mim.

— Nossa, Nicholas, como você foi...

— Precavido?

— Não, idiota. Um sentimento assim não é de se jogar fora.

— Sim, mas ela tinha toda uma vida. Vivian, ela tinha dezoito anos. Dezoito – ressaltei a palavra – tinha acabado de terminar o ensino médio, não tinha nenhuma experiência com rapazes, e eu sou um homem. Os programas para os quais ela gostaria de ir, não eram os mesmos que eu gostaria.

— É, e James te mataria – ela riu outra vez.

— Meus pais sequer a conheceram...

— Eu sei, ela me disse que eles viriam no final do ano para conhecê-la, eu sinto muito que não tenha dado certo.

— Eles conhecerão Nicole, tenho certeza que ela suprirá uma saudade que eles ainda nem sabem que sentem.

Vivian se levantou e foi até o computador: — Ela estava escrevendo um livro sobre você. Ela te disse?

— Não, não disse. Eu descobri há alguns dias.

— Era para seu aniversário, que se não me falha a memória, será no dia dezenove de março, correto?

— Sim.

— Que tal se nós publicássemos mesmo assim?

— Não, sabe o verso: se tu me amas, ama-me baixinho, não o grite dos telhados...

— Ah, não! Mas que tal se fizesse um único exemplar? Para ti? Era o plano inicial dela.

Não tinha como alguém me dizer que Emily queria fazer alguma coisa e eu o negasse. Publicar uma obra póstuma seria algo muito estrondoso, eu preferia guardar a minha felicidade quieta, assim era como se ela estivesse sempre sussurrando aquelas palavras para mim.

— Isso sim, aceito – mudei um pouco de assunto – como foi a terapia?

— Hum, a terapeuta parecia entender o modo como James leva as coisas, pareceu entender o modo como eu levo as coisas. E bom, eu ainda não sei o que vai acontecer. Estou ansiosa para o dia que ela me colocar para quebrar algumas paredes com marretas, sempre vejo isso na tevê.

— Ela não é esse tipo de terapeuta.

— Sério? Que pena.

— Posso pontuar uma coisa?

— Claro.

— Você está bem melhor. Parece outra pessoa. Mais alegre.

— Sim, estou mesmo. Só o fato de James ter ido a uma consulta tentar resolver nossa situação já é uma prova que nós estamos indo pelo caminho certo. Prova que ele ainda quer que as coisas funcionem entre nós.

— Eu nunca achei o contrário.

— Bom – ela falou – vou lá para baixo, deixa o jantar por minha conta hoje. Prepare-se para comer muito mato rasgado e alguma coisa descongelada.

— Sinceramente, não precisa fazer isso.

— Todo mundo ajuda, só eu não? Não te preocupa, James já me ensinou algumas coisas na cozinha.

Tudo bem, eu estava quieto agora. Até esperei mais alguns minutos para voltar ao que estava fazendo, tudo para que eu tivesse certeza que não seria atrapalhado. Assim que me vi sozinho, pelo menos fisicamente, já que a sensação que Emily ainda me aguardava nunca passava, afundei-me nos escritos dela outra vez.

Quando Emily partiu, me deixando sozinho. Dias, noites infinitas, o céu sentiu a falta dela também. Os dias escureceram e perderam o encanto. Eu a amava demais! Amava como nunca deveria ter amado ninguém e ao mesmo tempo a amava como deveria.

Toda noite, em sonhos, a via. Sofri com a indiferença dela, quando ela ainda não tinha se percebido minha, sofri quando a vi naquele canto, quando o idiota que a levou de mim tinha partido seu coração.

Eu a vi se esforçar para não se deixar apaixonar por mim, para não me imaginar, mas ao mesmo tempo vi o amor sorrindo diante dela, como uma criança travessa pronta para saltar e nos assustar, espiando por detrás das cortinas.

Ela dormiu entre meus braços e eu afaguei seus cabelos, tão linda, tão preciosa, apaixonando-se aos poucos por mim. Eu sussurrava baixinho, durante toda a noite: "amo-te, amo-te..."

Tentei fugir, depois disso, tentei, como nunca! Mas sentia uma pontada no peito sempre que via um dos seus sorrisos, era a flecha do amor afundando-se mais na carne. Quando ela se declarou, naquela festa, linda como um anjo vestido de vermelho, eu ouvi tudo que eu precisava. Eu a apertei contra mim, a abracei, sussurrei: "amo-te mais!" e jurei que não a deixaria mais se afastar dos meus braços.

Eu não consegui cumprir minha promessa, e o espaço vazio entre meus braços ainda tem o tamanho exato dela. Por isso, sinto que ela sempre está por perto, me vigiando, cobrando a promessa que eu fiz um dia. Só há uma coisa no mundo me impedindo de partir nesse momento para encontrá-la.

Um dia para falar de saudade

Só percebi que tinha dormido no escritório quando acordei com uma dor no pescoço horrível. Mal podia virar a cabeça para o lado direito. Meu rosto inchado e uma irritação, advinda da dor, pareciam que não iriam passar. Pisquei duas vezes para ajustar meus olhos à claridade do lugar. Eu tinha até deixado as janelas abertas.

Massageei um pouco a cabeça e desci as escadas, algumas pontadas fortes não diminuíam nem com a massagem. Já tinha uma bagunça no andar inferior, James batendo nas panelas preparando algo para comer, e Vivian, no quarto, ouvindo música.

— Bom dia – James ia me cumprimentando e virou-se para mim, parando a saudação quase no meio – cara, você está péssimo. O que você tem?

— Dormi errado, eu acho, minha cabeça está a ponto de explodir.

Imediatamente James colocou a panela sobre o balcão e foi até o quarto, falou alguma coisa para Vivian e ela baixou o volume da música.

— Desculpe, eu não achei que você iria acordar tão mal – ele se desculpou – se eu soubesse, não estaríamos fazendo tanto barulho.

— Não, eu acho que não é nada que umas aspirinas não resolvam.

James abriu a gaveta no armário da cozinha, a que eu guardava remédios, e procurou por aspirinas – Cara, aqui não tem nenhuma – ele disse – espera aí, eu vou finalizar isso aqui e pego o carro para ir comprar alguma coisa.

— Não, não se preocupe – eu disse – eu vou tomar uma xícara de café e deito um pouco para ver se passa – levantei-me e andei sem olhar para o outro lado, já que estava com um torcicolo horrível.

— Você parece um velho andando desse jeito, completou setenta e não festejou?

Sorri um pouco, mas a cabeça doeu. Reclamei com ele: — Para de me fazer sorrir, merda. Minha cabeça vai doer mais.

Deixei um James sorridente na cozinha, provavelmente contente por ter arrancado uma reação positiva de mim, e fui para meu quarto. Deitei na cama e ajustei-me na posição em que meu pescoço não doía.

Cochilei mais um pouco, infeliz por não poder ver minha filha naquele dia, imaginando que ela devia estar sentindo tanta falta de mim quanto eu dela. Sonhei com ela, crescida, correndo no quintal com os pés na terra e acampando sob as cobertas na sala, junto a mim.

Percebi que dormir tinha sido uma idéia pior que ficar acordado. Meu pescoço doía mais e agora os meus olhos doíam. James batia à porta, e percebi que tinha sido isso, provavelmente, que me tinha acordado.

— Abre a porta, eu comprei remédio – ele falou, e apesar de ser mais novo, era ele quem estava tomando conta de mim.

— Tá aberta – eu disse não muito alto.

James entrou e, junto com um copo de água, me deu tandropitamol. Segundo ele, aquilo me ajudaria com a cabeça e a torcicolo.

Quando sentei, para tomar o remédio, percebi que tinha mais uma pessoa com ele. Violet, à porta.

— Violet, bom dia.

— Boa tarde, você dormiu a manhã inteira. Ele te trouxe remédio, eu trouxe comida. Vim te ajudar um pouco também.

— Entre – na minha cabeça, ela viria ao quarto, colocaria a comida sobre a mesinha que ficava na antessala, e sairia, mas ela se aproximou e sentou na beirada da cama.

— Vamos lá, você está movido à cordinha hoje. Eu vim alimentar você?

— Isso não é necessário – eu disse e sentei na cama, recostado ao espelho desta, e estendi as mãos para pegar o prato, percebendo o quão faminto estava.

— Sério? Vai me fazer essa desfeita? Estou aqui, de total boa vontade, tentando ser útil e você diz não na minha cara – ela falou num tom que simulava

estar ofendida – valeu! – fez "joinha" e me estendeu o prato.

— Tá bom – eu disse antes de pegar o prato – pode fazer.

— Eu sabia que você seria racional. Eu vim aqui antes, você não estava apenas com dor de cabeça estava morrendo de febre. Eu te cobri, por que você deve lembrar que não o fez ao deitar, e pinguei algumas gotas de antipirético na tua boca.

— Você fez isso tudo? Como eu posso não lembrar?

— Por que você estava dormindo, profundamente, cansado mesmo.

— Obrigado.

Violet começou então o ritual de alimentar outra pessoa. Pegava uma porção de comida na colher, limpava-a na beirada do prato e estendia para mim, com cuidado, colocando a outra mão em forma de concha sob a colher.

Peguei o primeiro bocado, meu corpo não estava mais tão dolorido, mas me sentia cansado. Então agradeci mentalmente pela gentileza de Violet.

— Sabe – ela começou a falar – você nunca me falou sobre Emily direito. Se não fosse por James, eu não saberia que ela faleceu. Eu lamento muito pela sua dor.

Falar sobre minha perda, naquela hora, seria um dos melhores inibidores de apetite do mundo, mas tentei negligenciar a parcela de culpa que eu sentia, e ser sociável.

— Achei que estivesse implícito.

— Não, – ela disse e me serviu de outra porção – posso ser sincera?

— Pode – falei de boca cheia.

— Eu sempre achei que ela tivesse deixado você. Sabe, é que você às vezes parece tão sério, e ela é tão alegre e vivaz em todas as fotos, tão feliz. Achei que

ela tivesse ido embora por não aguentar isso, me desculpe se estou ofendendo.

— Emily realmente era tão feliz quanto os retratos mostram – falei após engolir o bolo de alimento – aquilo sempre foi ela, ela foi e sempre será a alegria da minha vida, acho que quando ela se foi levou essa parte de mim para sempre com ela.

— Deve ser terrível, mas veja bem, Nicole está aí para te alegrar. Ela vai fazer cocô na sua cara e você ainda vai sorrir.

— Essa palavra e almoço não combinam. Sério.

— Erro meu.

Ela me deu outra porção do alimento e continuou a falar: — Eu queria ter te conhecido quando ela estava ao seu lado, não me leve a mal, você é lindo, mas acho que devia ser radiante ao lado dela. Dá para ver o quanto você a adorava pelas fotos nas paredes, pelos quadros. Por você mesmo.

— Você não teria me conhecido se ela não tivesse partido.

— Talvez eu nem lamentasse isso. Mas, sabe, as pessoas geralmente acham que quando uma coisa acontece, se fosse acontecer de outra maneira, algo não daria certo. Por exemplo, você acha que Emily e você não me conheceriam, mas conheceriam sim. Eu poderia estar passando na rua, olharia vocês dois. E pronto.

— Faz sentido.

— Você deve ser pisciano. Perfeitinho demais, apaixonado demais, movido pelos sentimentos. Sábio, sensitivo. A última casa do zodíaco, a última encarnação.

— Não sei o que isso quer dizer.

— São coisas em que eu acredito. Depois daqui, você finalmente encontrará o paraíso.

— Não faz o menor sentido para mim.

— Você tem que aproveitar a vida, você tem que viver e aproveitar cada dia como se fosse o último, porque é bem provável que será. Tem que se apaixonar, outra vez, tem que ouvir "eu te amo".

— O amor é mais que isso. Depois de Emily, eu não me imagino de nenhuma outra mulher. Não consigo ver nenhuma outra mulher como sequer desejável.

— Talvez com o tempo, tudo está tão recente.

— Como se fosse possível pertencer a Emily e depois a mais alguém.

— Eu quero te ver feliz, apenas isso.

— Por mais que não pareça, e eu sei que não deve parecer mesmo, eu sou. Estou apenas aproveitando a dor em toda a sua potência, deixando-a saquear toda a minha casa, derrubar toda a mobília que eu organizei, e quando tudo terminar, estarei pronto para me reorganizar. Amar outra mulher como a amei, isso é impossível, já disse.

Eu não entendi o olhar que Violet me lançou naquela hora, mesmo que eu quisesse. Minha mente estava leve do remédio, e eu não queria confundir os sentimentos que eu achava que tinha visto.

Terminei minha refeição, Violet não me deixou sozinho.

— O pescoço ainda dói muito?

— Acho que o remédio ainda não surtiu efeito plenamente.

— Que tal se eu te ajudar a relaxar um pouco? Eu posso apertar um pouco seu pescoço, eu não sei fazer massagem, mas sei esmagar as coisa entre minha mão como ninguém – ela parou e se corrigiu – nossa, isso soou muito estranho – ela disse – eu posso apertar seu pescoço e ver se você relaxa.

— Violet...

— Deita agora, rapaz.

Era difícil negar quando meu pescoço doía daquela maneira. Deitei-me na cama, de bruços, devagar, quase como se eu tivesse mesmo setenta anos, e esperei que ela começasse a "me apertar" como ela disse.

Violet deslizou a mão por minha cintura e segurou na beirada da camisa. Puxando-a para cima, me fez erguer os braços para retirá-la.

— Tem alguma coisa para eu usar? Hidratante ou spray para o músculo?

— Deve ter hidratante no duche, procura lá.

Violet saiu e voltou minutos depois com um frasco na mão.

— Shiseido, carinho hein?

Pareceu-me uma pergunta retórica, não a respondi.

— Por que não me fala sobre ela enquanto eu te aperto?

Ela deve ter percebido como eu estava tenso e sugeriu isto. Senti-a passar as mãos de leve no meu pescoço, na minha costa, e massagear de leve os lados da minha cabeça.

— Ande, fale.

— Sempre que me lembro de Emily ela é uma menina sorrindo. Seria impossível limitá-la num conjunto de palavras. O cabelo escuro, bem pretinho, lindo como a noite. Ela sempre me sorria como se eu fosse algo que a encantasse. Eu ainda a sinto: fugidia, risonha e faceira. Sua pele clara reluzindo sob o sol, seus olhos azuis querendo me levar para eles.

— Pelas fotos, pelos quadros, ela era realmente linda.

— Sim – continuei falando – o riso dela era perfeito! Nossa! Parecia música. Atraia, a cada minuto, como uma mariposa para a luz. Parecia, às vezes, que ela nem mesmo existia. Só quando a tinha de perto, os dedos tocando a face alva sob o sol, e ela erguia para mim o olhar. Aí sim, eu acreditava. Era como se um oceano azulado de derrama-se em meus olhos castanhos.

— Muito poético.

— Poético não, era simplesmente amor.

O remédio começou a surtir efeito, um sono leve começou outra vez a se depositar sobre mim, resisti o máximo que pude, mas quando fechei os olhos. Foram os olhos azuis de Emily que enxerguei por detrás de minhas pálpebras cansadas.

Pequenas notícias, enormes alegrias

Eu não precisava passar pelo aeroporto antes de ir ao hospital. Matheo já era bem grande para encontrar o caminho para o escritório, lá nos falaríamos. Eu não iria perder a visita à minha filha por nada neste mundo.

Quando cheguei ao hospital, depois de ter pegado um trânsito leve no centro da cidade, eu me troquei para ir para a UTI. Sabendo que a menina mais linda do mundo inteiro estaria me esperando. Meu cabelo já estava um tanto quanto comprido demais, e tive um pouco de dificuldade de ajustá-lo na touca, e minha barba foi a primeira coisa sobre a qual a enfermeira me repreendeu, mandando que eu a aparasse ou retirasse por completo.

Eu estava realmente descuidado. A barba estava malfeita, crescida, o cabelo não via uma tesoura há quase dois meses, e se aquilo era pelo bem de Nicole, eu a rasparia inteira se necessário.

— Nicholas! – o doutor Eddie me cumprimentou assim que notou que eu estava chegando – que bom que chegou, estava ansioso para dar a notícia.

— Que notícia? – eu perguntei com o coração já acelerando. Desta vez não parecia ser nenhum susto, não creio que o doutor Eddie seria tão monstruoso a ponto de me dar uma notícia ruim com o sorriso que ele tinha no rosto.

— A nova dieta de Nicole foi bem aceita, creio que em uma semana poderemos modificar a dieta dela para a translactação, sua prima terá que vir diariamente – ele falou e continuou explicando – a senhorita Violet tem o tipo exato de sangue de Nicole, está saudável e conseguirá suprir a fome da sua pequena.

— Verdade? – perguntei. Não que eu não acreditasse, mas porque aquilo era a notícia que eu vinha esperando há algum tempo. Eu precisava ouvir aquilo, saber que minha menina ficaria bem, saber que ela conseguiria crescer forte e saudável. Juntei as mãos e cobri a boca, minha vontade era gritar naquele momento.

— Sim – ele confirmou – obviamente ela ainda precisará de algum tempo de internação, enquanto ela não estiver plenamente suficiente para respirar por si mesma e deglutir corretamente, não poderei dar-lhe alta.

— O senhor não imagina como meu dia mudou com essa simples notícia – apressei-me para ele, apertei a mão dele como se o conhecesse de séculos – muito obrigado!

Era realmente incrível a evolução de Nicole depois que Eddie tinha ficado responsável por ela. Enquanto a doutora Maynard não conseguia me olhar aos olhos durante minhas perguntas (não sem parecer cansada pelo menos), o doutor Eddie conseguiu em poucas semanas fazer que o quadro de Nicole mudasse.

— Agora, por que não vai ver sua menina? – ele sugeriu – tenho certeza que está ansioso por vê-la, Violet estará na outra sala, coletando mais leite, e depois ela se juntará ao senhor. Iniciaremos o método canguru, ao qual o senhor já está habituado, em poucos minutos. Assim ela conseguirá repousar tranquila. O final de semana dela foi cheio de vacinas, ela precisa de algum carinho.

— Com certeza eu o darei – apenas andei, extasiado, em direção à incubadora que protegia a minha filha e sorri ao vê-la, já ao longe.

Minha alegria era tamanha que eu mal sabia como estava conseguindo não tropeçar em meus próprios pés. Não corri, por muito pouco, para esmagar aquela pequena menina entre meus braços.

— Minha princesa – eu a cumprimentei, exaurido de tanta saudade, depois de ter que ficar mais um final de semana sem vê-la – mal consigo esperar pela hora de você estar finalmente em meus braços, lá em casa. Tenho que construir um balanço para nós dois no quintal. Quero te mostrar a paisagem que a tua mãe tanto adorava.

Minhas mãos outra vez entraram pelos orifícios da redoma que a protegia, deslizei as mãos pela pele lisa da barriga dela, sentindo a respiração dela, rápida, num resfolegar rápido. A pele dela estava cada vez mais firme, lembro que quando a vi pela primeira vez, a cor dela parecia de um rosa avermelhado, agora não, ela começava a parecer mais clara. O tom de pele dela estava se normalizando, a pele ficando mais grossa. Agora, ela não precisava mais da

máscara para dormir. Apenas uma faixa de tecido fino que ajudava a filtrar a luz ambiente, a fim de que ela tivesse um sono pleno.

— Senhor Theodoridis? – a minha enfermeira preferida me chamou – está pronto?

Fiz que sim com a cabeça, estava ansioso para ter Nicole entre meus braços, depois de todo o tempo que fiquei longe, que parecia séculos, eu precisava de algum sinal que ela era real, minha pequena menina, perdida, entre meus braços.

Sentei-me na poltrona como a enfermeira pediu, ela limpou outra vez meu peito com alguma solução que retiraria qualquer traço de bactérias e agentes nocivos do exterior. Ela também fez sinal para que outra enfermeira se aproximasse. Esta última abriu a redoma e, com cuidado, trouxe Nicole e a depositou com cuidado no meu peito. Enrolaram as faixas ao redor de nós dois. A partir dali eu já sabia o que tinha que fazer: conversar com Nicole como se ela já me entendesse (e pelo modo que a mãozinha dela apertava meu dedo mínimo eu quase conseguia crer que sim) e cantar para que ela conhecesse minha voz.

Eu sempre achei que assustaria qualquer pessoa pela forma que canto. "Você tinha que ter algum defeito!" Emily sempre tirava sarro de mim, "Por favor, pare!" ela insistia, me fazendo ficar ainda mais constrangido quando a provocava. Eu sabia que ela brincava comigo, claro, mas não tinha tornado a fazer isso até estar com minha filha aninhada no meu peito.

— Vejamos, vamos ver o que eu canto hoje.

Pensei um pouco, talvez um pouco demais enquanto cantarolava, e comecei, bem baixo, para não assustá-la: — Oh, meu amor... Venha para casa comigo... Oh, meu amor... Apenas por enquanto ficaremos aqui... Meu amor, eu espero o tempo que for preciso, até que a chuva nos abrace, eu fico...

Respirei um pouco, constrangido, quando notei que Violet já estava ao meu lado, e eu sequer tinha reparado: — Oh, meu amor... Não vá embora... Não escape por entre meus dedos, não se vá... O sol já chegou quente, sobre nós... e se chover, não importa, eu não te deixo ir, minha querida...

A respiração acelerada de Nicole, começou a acalmar-se, e então ela passou a respirar, ainda rápido, mas mais tranquila. E parou de apertar meu dedo mínimo, eu sabia que ela tinha dormido.

— Você é um pai maravilhoso – Violet começou – eu queria ter tido alguém como você ao meu lado, sabe, quando foi a minha vez.

— Em breve você terá o seu filho ao seu lado, poderá recomeçar do zero, cuidar dele com a importância que ele tem.

— Eu sei – ela disse e deu um sorriso genuinamente feliz – e nem consigo me controlar frente a essa possibilidade.

— Psss – fiz o som para que ela falasse mais baixo – ela está dormindo.

— É mesmo, desculpa – ela disse – ei... – ela quase soprou as palavras – quando eu vou poder segurá-la?

— Não sei, ainda. Acho que logo vocês terão um momento para vocês, ela começara a translactação em alguns dias.

— Isso será maravilhoso, estranho, mas maravilhoso...

— Será sim.

Continuei cantando para Nicole, não sei quanto tempo eu consegui ainda ficar alí maltratando o ouvidinho dela com minha voz desafinada. Depois a enfermeira veio me avisar que era hora de colocar Nicole para descansar.

— Certo... – me despedi dela, já sentindo saudades, prometendo que a veria no sai seguinte, o mais cedo que eu pudesse.

Quando saímos do hospital, Violet e eu tínhamos que ir ao escritório, conversar com Matheo. Eu esperava que ele tivesse chegado bem á East Valley.

— Para onde vamos agora? – Violet me perguntou quando já estávamos no carro.

— Escritório – eu disse – e se diz aonde.

— Eu não me lembro de ter perguntado.

— Quer saber, não importa – eu disse – nós vamos falar com Matheo, ele irá ficar responsável por me dar um parecer melhor sobre seu caso. Espero que ele esteja no escritório nos esperando.

— Ele marcou com você lá?

— Mais ou menos, mandei um e-mail para ele esta manhã, pedindo que ele fosse me encontrar lá. Eu sei, ele deve estar cansado da viagem, mas eu preciso esclarecer alguns pontos com ele, além disso, precisamos conseguir uma procuração hoje mesmo, isso facilitará nosso acesso aos autos do processo, se conseguirmos revogar a medida restritiva, será um grande ganho.

— Nossa.

— O que?

— Sabe que eu não faço ideia do que você está falando.

— É verdade, mas não fiz por mal, é que estou realmente contente pelo andamento de Nicole hoje.

— Eu pude notar.

— Posso fazer uma pergunta?

— Duas, se quiser.

— O que está acontecendo com você?

— Como assim?

— Está comportada, obediente.

Violet desviou o olhar de mim e olhou pela janela para a paisagem lá fora. Pelo visto, eu tinha tocado nalgum assunto delicado.

— Vai responder?

— Bom, acho que é o mínimo que você merece, por estar me ajudando. Mas não quer dizer que eu vá ficar parecendo uma fanática obedecendo a tudo não, eu apenas estou querendo facilitar um pouco as coisas para você. Reparei que você não tem tempo para si, e não quero ser mais um estorvo.

— Muita consideração sua.

— Imagina, serei beneficiada por isso também, estou sendo até um pouco egoísta.

— Se fosse pelo bem da minha filha, como é pelo bem do seu filho, eu também seria.

Violet sorriu, mas não ficou me olhando por muito tempo.

— O que foi? – perguntei.

— O que foi o que, bicho chato?

— Nem vou levar isso como ofensa. Olha para mim – pedi, ela o fez, mas não durou muito tempo – por que não consegue olhar para mim por mais de dez segundos sem desviar o olhar?

Violet não falou nada.

— Violet? Pode explicar.

Nada, silêncio.

— Não vá me dizer que você voltou àquela casa, foi isso?

— Não, para de tentar adivinhar. Acontece que...

— Que?

— Sonhei com você.

— Pensei que iria me dizer alguma coisa ruim.

— Se soubesse o que eu sonhei... – ela resmungou, mas eu não entendi direito.

— O que?

— Não, nada, é uma bobagem.

Ignorei aquilo, concentrei-me na pista, resmunguei: — Espero que ele esteja lá.

— Por que ele não estaria?

— Você não conhece o Matheo.

Algumas mudanças necessárias

Procurei por todos os corredores, mas não encontrei Matheo. Sério, ele consegue ser, ao mesmo tempo, o melhor profissional do mundo e o cara mais irresponsável que existe.

— Matheo já chegou? – perguntei para Liz, minha recepcionista.

— Sim, senhor – ela disse depois de retirar o telefone do ouvido – ele disse que iria fazer algo importante, mas iria chegar logo, em cerca de meia hora.

— Há quanto tempo ele disse isso?

— Desde as nove da manhã... – ela falou quase como se estivesse se desculpando.

— Está tudo bem – eu agradeci e voltei para minha sala. Violet, sentada em minha poltrona, com os pés sob minha mesa, era uma cena que eu já estava quase acostumado. Quase.

— Dá para deixar minha poltrona em paz?

— Ela não parece incomodada – Violet falou e girou na cadeira, ao ver minha cara já não muito contente, saiu da cadeira e sentou na que eu indicava – Nossa, você é muito estressado, Nicholas, tem que aprender a relaxar – ela disse – por falar nisso, eu preciso de dinheiro.

— De quanto precisa? – perguntei e peguei o talão de cheques na gaveta.

— Nossa, você não vai nem perguntar para o que é?

— Não me diz respeito.

— Hummm... – Violet resmungou baixinho – então você faz o tipo que se estressa e se fecha para o mundo, tem que parar de ser assim. Você não perguntou, mas vou contar. Vou arrumar o cabelo.

— Que droga...

— O que foi? – Violet perguntou.

— Esqueci que a enfermeira mandou eu arrumar a barba e o cabelo.

— Ela está certa, você já está parecendo um mendigo hipster.

— Muito obrigado – ironizei.

— Ah, mas é um mendiguinho fofo – ela sorriu inocente.

— Você não disse de quanto precisa, isso que vai fazer no cabelo, quanto custará?

— Cem dólares.

— Vamos fazer assim, eu vou adiantar o seu pagamento do mês, e você pode fazer o que quiser com o dinheiro. Quanto aos custos do outro advogado, deixe comigo. Falarei com ele e tentarei negociar o valor que você deve.

— Não precisa fazer isso.

— Não preciso, mas quero.

— O valor não é tão alto, acho que devo uns quinhentos dólares para ele.

— Achei que o valor fosse maior, pelo menos foi o que você deu a entender.

— Eu não estava trabalhando, dez dólares já seria um valor mais alto do que eu poderia pagar.

— Certo, neste caso, entrarei em contato com ele hoje – estendi o cheque para ela – aqui está seu pagamento, por favor, tome cuidado. Não faça nenhuma besteira com esse dinheiro.

— Não confia em mim?

— Não é isso, não é que eu não confie em você. Apenas ainda não estou totalmente seguro sobre suas atitudes. Outra coisa – eu disse enquanto ela ainda tentava planejar uma objeção ao que eu tinha falado – onde está o conjunto de talheres que vocês pegaram naquela casa?

— Está na minha bolsa, junto aos castiçais, aos cristais decorativos, às pequenas esculturas chinesas e às moedas de colecionador.

— Junte tudo – eu disse ao ver que aquela não era a primeira vez que ela tinha feito aquilo – você não precisará mais disso para ter seu dinheiro, eu darei um jeito de devolver tudo sem que eles percebam, ou sem que eles cheguem até você.

— Obrigada.

— Violet, prometa que não fará mais isso.

— Eu prometo... Aff, que seja.

— Agora pode ir.

Ela voltou para perto da mesa, se encostou a ela e me analisou por algum tempo. Então disse: — Sabe... Eu estou indo a um salão de beleza, não muito caro, mas os profissionais são bons no que fazem. Você precisa cortar o cabelo e fazer essa barba – ela continuou – dá até para fazer trança, por que não vem comigo? Acho que não leva mais de uma hora.

— Matheo...

— Matheo nos está fazendo esperar, façamos que ele espere um pouco também.

Não sou vingativo, mas aquilo era uma ótima sugestão, além disso, era horário de almoço, logo eu poderia comer alguma coisa. Já que tinha saído de casa sem tomar café.

— Vamos.

— Que legal! Valeu por concordar, vai ser ótimo te ver sem esse cabelo todo na cara.

— Não exagera.

— Eu posso dirigir? – ela disse e colocou a mão no meu peito, me parando no meio do caminho – você não sabe onde fica, eu sei, estou em vantagem.

— Você não tem um carro, isso não é vantagem nenhuma – eu disse – eu dirijo, e você me indica o caminho.

Com uma cara enfezada ela aceitou, não tinha nem mesmo o que concordar. Avisei à recepcionista que sairia, perguntei se ela já tinha almoçado, a resposta foi positiva. Pedi que ela impedisse Matheo de sair até a minha volta.

Violet continuava com a cara enfezada no banco do carona, muito diferente de Emily que aproveitava para sorrir quando o menor dos ventos balançava os

fios do cabelo dela. Ou então ela ficava me olhando, apaixonada, não sabendo que cada segundo a mais que os olhos dela pousavam em mim eu era mais dela.

— É alí, na esquina.

Observei o pequeno estabelecimento que ela apontava. Estacionei em frente ao local e entramos. O cheiro ocre da madeira que forrava o telhado e o chão do ambiente invadiu minhas narinas. Uma profusão de químicas aumentava os odores característicos do local, barulho e conversa alta.

— Violet! Minha menina! – uma senhora de pele da cor de chocolate ao leite, de aparentemente quarenta anos, rechonchuda, com dreads por toda a cabeça num penteado longo, a cumprimentou – aposto que quer mudar outra vez, quem é esse?

— Nicholas Theodoridis – eu mesmo me apresentei, estendi a mão para ela – é um prazer.

— Mika, O prazer é meu, pode ter certeza – ela disse me dando uma boa olhada – o que eu posso fazer por vocês? – ela virou para Violet outra vez.

— Tenho que consertar esse ninho na minha cabeça, quero deixar tudo numa cor só, e o Nicholas tem que cortar o cabelo e fazer a barba.

— Violet, se você não fosse tão minha amiga, pode ter certeza, eu te deixava só para dar um trato no bonitão.

Desviei o olhar e, sem um ponto fixo para olhar, olhei meu próprio reflexo no espelho que cobria uma das paredes. Eu estava horrível. Um pouco mais magro, bem mais cabeludo e barbudo, nem parecia comigo mesmo.

— Para de babar no meu amigo e vem me ajudar.

— Victor! – Mika berrou para alguém nos fundos da loja – cliente para você, barba e cabelo.

Um rapaz, um tanto mais novo que eu, veio me atender. Indicou-me o lugar para que eu sentasse e começou os procedimentos.

Primeiro, ele me perguntou o que eu queria fazer com o cabelo, eu pedi que

ele apenas diminuísse o comprimento e ajustasse o corte. E a barba, desenhá-la e aparar bem baixa.

Relaxei um pouco enquanto ele terminava tudo. Violet, foi levada para a área mais no fundo do salão, onde ficava o lavatório, para aplicar os cremes no cabelo.

Quando Victor terminou de realizar os procedimentos em mim, uma hora depois, Violet ainda não estava pronta. Paguei a minha conta e a dela, e sentei no sofá de couro preto barato, pegando uma das revistas velhas sobre o balcão para ler.

Mais uma hora, finalmente Violet voltou para a frente do salão. O Cabelo agora, ligeiramente mais curto, completamente rosa, um tom pálido de rosa, que por incrível que pareça, caia perfeitamente nela.

— Você está bonita – eu disse e me levantei.

— Você também não está de se jogar fora.

Agradeci aos profissionais e saímos para o carro. Violet mordendo o lábio, nervosamente, naquele "tique" nervoso dela, evitando olhar para mim. Perguntei o que estava acontecendo com ela.

— Você está muito bonito – ela respondeu – isso é perigoso.

— Pelo menos não sou mais um mendigo hipster, não é mesmo?

Ela sorriu, e não falou mais nada. Eu não sabia o que ela quis falar com aquela frase, tentei, mas não me veio nenhum significado à mente.

Quando voltamos para o escritório, a recepcionista me avisou: — Senhor Theodoridis, Matheo acabou de chegar, ele está na sua sala, esperando.

— Obrigado – a agradeci e fomos para a sala.

Violet pediu licença, precisava fazer uma ligação, antes de falar com Matheo e comigo, deixei que ela fosse e entrei na sala.

— Matheo – falei num tom levemente sério – esperamos você bastante tempo, seu voo chegou desde a manhã, onde estava?

— Esperando a bagagem, eles a tinham perdido, estava quase embarcando de volta para Yellowstone Hill, quando vim para cá, você não estava, dei uma volta na cidade.

— A recepcionista disse que você acabou de chegar.

— Sim, acabei de chegar. Eu tinha que ir comprar mais café, já disse como o café dessa cidade é maravilhoso?

— Só umas vinte vezes.

— Trouxe para você. E para Violet, cadê ela?

— Já está chegando – disse e complementei – quero te pedir um enorme favor.

— Peça.

— Contenha-se, eu sei que você não consegue se controlar diante de uma mulher bonita que logo tenta conquistá-la, por Deus, foi assim até com Vivian, então só desta vez, o faça por consideração a mim, ok?

— Eu sou um santo, Nicholas. Nem sei por que disse isso. Não tem um só homem na terra que tenha mais autocontrole do que eu. Pode ser a mulher mais bonita do mundo, quando um amigo diz não é não.

Naquele momento, Violet entra na sala. Com a roupa comportada que James comprou, o cabelo novo, e alguma maquiagem, ela estava bem bonita. Matheo levantou-se da cadeira, numa pose de dom Juan, a cumprimentou com uma voz melosa: — Ciao, bela!

Dava para ver, ele não ia cumprir a promessa que menos de um minuto atrás tinha feito.

Ainda te sinto aqui

Como um tornado em plena rota de colisão com o litoral, assim era Matheo. Eu sabia, ele era incontrolável, achei que uma promessa o impediria de bancar o conquistador para cima de Violet, mas pelo visto, eu estava errado.

— Matheo – eu disse – conheça Violet.

— Piacere – ele falou com um sorriso no rosto, pegando a mão de Violet para beijá-la.

— Hei! O que é isso? – Violet retirou a mão, quase ofendida – eu não me lembro de ter dado autorização para você tocar em qualquer parte minha.

Bom, aquilo era novo, não apenas para ele, como para mim. Uma mulher que não se deixava levar pelo jeito de Matheo só podia se encaixar em duas categorias: ou ela já tinha dormido com ele, ou ela gostava de outro. Minhas suspeitas aumentavam um pouco quanto à segunda opção.

— Agora que nos conhecemos – Violet falou encarando o rosto de Matheo até que ele retirasse aquele sorriso de aprovação dele – Nós vamos aos trabalhos, eu não quero perder mais tempo do que já tenho perdido.

— Perfeito – eu disse – e Matheo, para com isso. Você tinha prometido, e eu sei que deve ser contra seus instintos, mas isto é uma reunião de trabalho. Contenha-se.

— Sim, chefe.

— Então, Violet, sente-se, por favor – eu apontei uma das cadeiras – Matheo conversará um pouco, para conhecer um pouco mais a fundo o caso.

— Por mim tudo bem.

Levantei-me, cedendo minha poltrona para Matheo, ele precisava de mais espaço. Ofereci: — Posso sair se você quiser, Violet. Isso a deixará mais à vontade?

— Não, por favor. Eu me sinto à vontade com você.

Aquilo era um sinal, um sinal que eu não queria interpretar, por isso minha mente o jogou de lado. Concentrei-me nas perguntas de Matheo, obviamente prestando atenção na história que Violet contava, esperando que ela não caísse em contradição, ou seja, que ela não tivesse mentido para mim.

— Violet – Matheo começou, deixando de lado o italiano, e assumindo uma postura profissional impecável – pelo que Nicholas pode me adiantar, você quer reaver a guarda do seu filho.

— Isso – Violet confirmou após notar que ele esperava uma reação.

— Por que não me conta um pouco sobre as circunstancias as quais seu filho foi concebido?

— Quer saber a posição em que ele foi feito? É isso?

— Não, a pergunta é séria. Quero saber sobre você, naquele momento, se

sentia segura sobre ter um filho?

— Sim, plenamente segura.

— Explique, por favor.

— Eu amava meu namorado, Dave. Eu sentia que só ele existia na terra, digamos que eu acreditava em um mundo cheio de arco-íris e unicórnios. Qualquer palavra que saía da boca dele era uma lei. Bom, eu estava apaixonada, me julgue. Eu não tinha muito dinheiro, então ele me ajudava como podia. Geralmente passava algumas compras no final da semana no cartão de crédito para mim. Eu servia num clube como bartender aos finais de semana, aquilo me ajudava a ter a grana do aluguel. Víamo-nos durante a semana e nos finais de semana éramos livres.

— Continue, por favor – Matheo pediu depois que ela fez uma pausa. Eu apenas ouvia ao diálogo dos dois. Creio que Violet se sentia mais segura de conversar com Matheo enquanto eu estava ao lado dela.

— Eu engravidei, o mundo parecia perfeito. Eu morava na casa dos pais dele.

— Você foi morar na casa dos pais do Dave antes ou depois de engravidar?

— Depois, quando eles souberam que eu estava grávida, me tiraram do quarto pequeno que eu morava e eu passei a morar na casa deles.

— Interessante – Matheo anotou algumas coisas no papel – conte, como era a relação entre vocês?

— Entre quem?

— Entre você e os pais do seu namorado.

— Respeitosa, eu acho. Eles quase nunca estavam em casa, viviam viajando, *etc*. Eles gostavam de aproveitar a vida. Só quando meu filho nasceu eles pararam em casa.

— Nunca houve nenhuma discussão entre vocês? Você não tinha um emprego fixo, não tinha um endereço fixo, não estudava... Não tinha nenhuma referencia de que era uma boa pessoa, aquilo nunca foi um problema entre

vocês?

— Só quando a mãe dele estava irritada com alguma coisa, ela discutia com ele, Dave, nunca comigo. Ela sabia que se viesse falar errado comigo eu falava mais errado ainda com ela.

— Então sua gravidez correu bem?

— Não, Matheo. Eu te mandei no e-mail, lembra? – eu disse – eu contei sobre o que aconteceu durante a gravidez da Violet – dirigi-me a Violet – eu contei exatamente como você me contou.

— Fez bem – ela disse – como você já leu, não. Minha gravidez não correu nada bem. Pelo menos nos meses finais. Eu me sentia desconectada do Kevin, sentia com se eu e ele fossemos estranhos no mesmo corpo. Quando ele nasceu... Você já sabe.

A mão de Violet tateou, às cegas, até encontrar a minha. Deixei que ela esmagasse minha mão entre os dedos longos e finos.

— Não precisa falar disso, Violet – Matheo disse – se não quiser – ele olhou alguns segundos para a mão de Violet, dentro da minha, e me olhou como se entendesse tudo – Acho que posso pegar as demais informações nos autos. Eu precisarei pedir que você me assine uma procuração para isso. Depois que o fizer e eu ler todo o processo, precisaremos ter esta conversa outra vez. Você, no entanto, deverá estar apta a falar.

— Eu farei isso.

— É bom que o faça mesmo – Matheo disse, esquecendo seu italiano por completo – eu não estou aqui para fazê-la sentir-se embaraçada, longe de mim tal coisa, eu quero que confie em mim como confia em Nicholas. Esquece minha tentativa ridícula de ser charmoso agora a pouco, e se concentra num fato. Eu posso ajudar você, mas para isso, você terá que me ajudar também. Capisce?

Violet concordou. Eu não iria obrigá-la a falar mais nada, ela teria que assinar os papéis. O que ela fez dali a meia hora, e preparar-se para ser questionada. Matheo estava sendo paciente, ele costumava ser bem mais ferrenho quando do direito comercial, como advogado de família, ele quase não parecia com ele mesmo.

— Eu acho que preciso de mais café - Matheo disse depois que terminou de guardar os últimos papeis numa pasta suspensa – eu não brinquei quando disse que amo o café dessa cidade.

Depois de alguns cafés, almoço que virou jantar e "gellato" de sobremesa, nós seguimos para minha casa. Matheo não ficaria num hotel mal instalado quando eu tinha dois quartos vagos em casa. Ele era meu amigo e seria tratado como um.

— Matheo! – Vivian o cumprimentou ao vê-lo, ela o adorava, e todos sabiam disso, inclusive James, que pareceu ficar inseguro quando ele chegou – como está?

— Bem, mas não tanto quanto eu gostaria.

Ele não precisou completar a frase para eu saber do que ele estava falando. E foi só ele sugerir o assunto, que lá veio ela. A sombra de tristeza me invadindo. Eu tinha passado o dia tão ocupado, que quando ela veio, me reivindicando para si, e eu não consegui disfarçar por muito tempo. Deixei-os alí para me recolher.

Entrei no quarto, que incrivelmente ainda guardava o cheiro doce do perfume de Emily, e tomei um longo banho. Deixei o cansaço escorrer para longe de mim junto com a poeira do dia e fechei os olhos para não ver as coisas que eu não queria enxergar.

Mesmo eu tendo sido forte o dia inteiro, as lembranças me acertaram em cheio e eu senti falta, tanta falta, que não pude me controlar. Chorei baixinho e controlado, enquanto a água ocultava as lágrimas de mim mesmo.

— Meus sonhos estão abertos para teus passos... – sussurrei baixinho - Os muros dos meus labirintos derrubados para teus pés...

Quando fui para a cama, o rosto cansado, senti o sono chamando por mim, e eu sabia que sonharia com Emily, era como se ela estivesse me chamando. Sorri, naquele espaço entre o sonho e a realidade, ao vê-la.

— Eu sinceramente não sei o que eu faço com você!

Ela estava zangada, muito zangada, mas tão viva em meus sonhos, que meu coração se enchia de alegria.

— Como pode? Como pode deixar outra mulher tocá-la?

Eu nunca tinha visto Emily zangada daquele jeito, na verdade tinha sim,

uma vez, quando Christie tinha feito aquela terrível maldade com ela, mas não com essa intensidade.

— Eu não sei o que sentir sinceramente – ela reclamava – eu penso que posso confiar no que você diz, mas então ela aparece e você se esquece de mim.

— Eu nunca seria capaz de esquecê-la, seria necessário que eu morresse para que você sumisse de mim, e tenho certeza que eu ainda iria correr atrás de tua presença no paraíso.

— Você está deixando que ela pise em meus sonhos.

— Eu jamais faria uma coisa dessas, Emily – eu toquei o rosto dela e a senti verdadeiramente alí, entre meus dedos – você é minha, para sempre, e eu sou seu, lembra? Eu serei tudo o que precisar de mim desde que eu possa estar com você.

— Mas estamos tão longe um do outro.

Como se para provar, ela se afastou um pouco de mim.

— Por que foge se me precipito para ti?

— Ah, Nicholas – Emily encostou a testa em meu peito e me envolveu num abraço leve e delicado – como eu queria te beijar mais uma vez, como queria você aqui, comigo. Cristalizado, parado, eternizado nesse momento em que ninguém nos atrapalha.

— Então me beije – eu praticamente implorei baixinho, esperando que o sonho não se dissipasse – eu estou aqui, e eu sempre, sempre, vou encontrar meu caminho para voltar para você.

Afastei uma mecha do cabelo escuro, e a apertei de leve. Ela existia alí, no meu sonho. Beijei-a, tão de leve, pensando que ela fosse sumir, que quando ela não desapareceu, eu a apertei mais forte entre meus braços.

Era o cheiro, o gosto, o encaixe perfeito dos lábios vermelhos dela aos meus, que me enlouqueceram uma vez, e me enlouqueceriam toda vez que eu deles relembrasse. Era aquele gosto que eu estava sentindo. A textura e o sabor dos lábios de Emily estavam tão reais, que me doeu o triplo me ver acordando de leve daquele sonho.

— Volta para mim... – ela sussurrou, mas eu não consegui ficar alí por mais tempo.

Eu precisava de mais dela, muito mais, eu precisava dela para mim, outra vez, nem que fosse apenas para continuar amando-a ao longe, desde que ela existisse no mesmo plano e na mesma realidade que eu.

Madrugada, a casa quieta, subi para o escritório, liguei o computador de Emily e comecei a ler, outra vez. Queria confirmar naquelas palavras dela que ela me amava.

Será que em algum momento o olhar dele vai parar de revelar o que sente?

Eu o vejo ali, tão envolto em seu próprio mundo, ele passa por mim, eu sorrio, mas ele não vê. Se ele soubesse quantas folhas amassadas de poemas inacabados ele tem se tornado... E como meus sonhos têm sido deliciosamente mais tristes quando atormentados por um belo par de olhos de âmbar e mel.

Que poderei eu fazer? Somente esperar que ele não perceba e que não veja o quanto é apetecível, e que não precisa ficar remoendo e revirando as latas de lixo do passado, quando pode ser o meu futuro.

Eu sei que ele precisa de alguém bem melhor que eu... Pode até não parecer, mas eu posso ser esse alguém melhor.

Talvez ele tente, ou talvez não, ele é tão decidido, tão dono de si, que fica difícil aproximar-se, especialmente depois de tantos erros passados.

Eu não sei o que devo fazer pra que ele perceba.

— Por favor, peça que eu a beije... – ele me sussurrou com voz terna e macia.

Como resistir à semelhante pedido?

Claro que eu o beijo, e beijo tantas vezes quanto necessárias forem. Sempre, mesmo distante, uma parte dele sempre foi minha, os beijos que ele trocou com outras, são diferentes dos que ele me devota agora, esses sim, são puros.

Por que mesmo depois de eu ter provado um beijo diferente, eu volto

para ele.

Teu beijo, Nicholas, ainda é meu preferido.

Li e reli, depois fechei os olhos. Imaginei a voz de Emily me ditando todas as palavras, e finalmente tive um pouco de paz.

Teorias sem sentido

Depois de uma noite, que por mais que tenha parecido agitada, foi uma das melhores que eu tive ultimamente, eu amanheci junto com o dia e desci as escadas para ver o sol nascer. No mesmo local em que aguardávamos juntos, ela, o nascer do sol, eu, o meu ocaso quando ela se aninhava entre meus braços.

Ouvi um barulho vindo do lado de fora da casa, levantei da minha posição e fui ver do que se tratava. Fora da casa, sentado num dos bancos feitos de madeira de cerejeira, Vivian fechava os olhos e deixava os primeiros raios do sol banhá-la.

Eu abri a porta e saí para apreciar o nascer do sol com ela.

— Vivian – chamei-a.

— Ah! Oi, Nicholas – Vivian falou depois do leve susto que eu causei nela.

— Posso sentar aqui com você? – pedi.

— Claro – ela disse e retirou a caneca metálica do lado dela, para que eu sentasse – eu não conseguia mais dormir.

— Eu imaginei – eu disse.

— Quer café? – ela me estendeu a caneca que conservava o líquido quente e prosseguiu – não é o melhor café do mundo, mas está quente e vai ajudar a espantar o frio.

— Quero, obrigado – peguei a caneca, provei o café. Realmente não era o melhor café do mundo, Vivian sempre exagerava demasiadamente no açúcar – está ótimo.

— Você mente muito mal – ela pegou a xícara de volta sorrindo – devia parar disso, só passa vergonha.

— Vou tentar – sorri um tantinho de volta.

Ficamos, nós dois, um tanto quietos, Vivian estava enrolada num cobertor

de lã grossa, ela viu que eu estava esfregando as mãos uma na outra e passando nos braços, por causa do frio, e abriu o braço, me convidando para ficar enrolado no tecido com ela.

Aproximei-me, enrolei melhor o lençol em nós dois e ela apoiou a cabeça no meu ombro, outra vez. Muito de canto de olho, eu a via quieta, com os olhos fechados, sentindo apenas a quentura tímida que o sol tentava nos dar.

— Sabe... – ela começou a falar – James está bem melhor, eu tenho que te agradecer por isso. A terapia foi a melhor coisa que aconteceu a ele. E isso com apenas uma sessão.

— Por que quando fala isso parece triste?

— Eu não sei.

Peguei o rosto dela, devagar e a fiz olhar para mim.

— O que foi? – perguntei quando vi os olhos dela cheio de lágrimas.

— Não é nada demais – ela disse e quis desviar o rosto – sério.

— Vivian, se não fosse sério você não estaria a ponto de chorar.

— Eu, sinceramente, não quero falar sobre isso agora.

— Quando quiser, então, me fale. Certo?

Vivian apenas balançou a cabeça positivamente. Continuamos alí, por algum tempo. Ela, com a cabeça encostada ao meu ombro, e eu passando de leve os dedos pelo braço dela. Eu adorava aquela menina, assim que ela me falasse o que tinha, eu moveria a terra do eixo, se necessário, mas a ajudaria.

Não ficamos muito tempo naquela quietude.

— Buongiorno – Matheo nos surpreendeu por ter levantado tão cedo – eu quero – ele pegou a caneca de café de Vivian e tomou um gole – Argh! O que é isso? Chá de açúcar com gotas de café?

— Vivian que fez – eu disse com um sorriso no rosto.

— E é por isso que está delicioso – Matheo se corrigiu e sorriu para Vivian da melhor forma que pode, fazendo-a sorrir um pouco.

— Me lembre de chutar você quando estiver fazendo menos frio.

— Não mesmo – Matheo disse – me deixa sentar aqui – ele sentou no banco do outro lado de Vivian e puxou o lençol para se cobrir também.

— Ai, fica quieto – Vivian reclamou e sorriu, e eu sorri com eles. De uma forma torta, eles conseguiram alegrar minha manhã.

— Cara, isso aqui é fantástico – Matheo disse depois de ficarmos parados alí por algum tempo – não é a toa que você quis morar aqui. Olha essa vista.

Toda a vista da casa era privilegiada, não tinha uma só janela que não surpreendesse pela exuberância da paisagem ao redor. De onde estávamos, víamos um conjunto de montes baixos, cobertos de grama baixa, com milhares

de árvores em sua base. No topo, por entre as brechas das ondulações, o sol vinha surgindo devagar.

Ficamos alí, os três, quietos, calados, apenas apreciando o silêncio e toda a angústia que vinha com ele, mesmo que ninguém fizesse menção disso.

— Dá para desencostar da minha mulher? – James disse, mas não estava tão zangado, estava apenas dando uma bronca leve em Matheo – cara, você não me dá uma folga?

Não tinha mais espaço para James sentar e Matheo, longe de querer sair daquele lugar, apenas sorriu para ele no seu melhor estilo "Matheo" de ser.

James deu um beijo rápido em Vivian e sentou entre as pernas dela, no chão, com a cabeça no colo dela. Vivian ficou passando os dedos de leve no cabelo dele.

Eu me sentia só, que droga, me sentia só como se fosse o último ser humano do planeta, mas em momentos como esse, com eles ao meu lado, eles que para mim eram a minha família, eu conseguia sentir uma nesga de felicidade.

Só quando o sol começou a nos machucar um pouco, levantamos dali. James fez um pão integral cuja massa tinha dormido na geladeira por uma noite. Nós tomamos café, bem quietos. Violet, incompreensivelmente, não entrou batendo os coturnos no carpete da sala naquela manhã.

Fui ao quarto, tomei meu banho e me vesti para ver minha filha. Pronto para ver minha alegria voltar, como acontecia toda manhã. Quando desci as escadas, apenas Matheo estava na cozinha.

— Onde estão todos? – perguntei enquanto ajustava o punho da camisa social, e depois o terno.

— James saiu com Vivian, não me disseram aonde iriam.

— Violet?

— Não a vi hoje ainda.

Aquilo era estranho. Ela não tinha vindo tomar café, não tinha sequer

invadido meu quarto como já estava se acostumando a fazer. Não tinha provocado Vivian e nem dado um esculacho em Matheo, aquilo era estranho mesmo.

Peguei um prato na cozinha, coloquei algumas fatias do pão, geleia, patê e suco, e saí pela porta lateral da casa, a que dava de frente para a casa de hóspedes. Chamei à porta, ela não respondeu.

— Violet? – insisti – Violet? Estamos quase encima da hora, precisaremos sair em pouco tempo. Espero que esteja arrumada.

Ela não respondeu, entrei na casa, que por sinal estava com a porta aberta e chamei novamente: — Violet?

Nada, nenhum sinal dela na pequena sala ou na cozinha. Entrei mais na casa em direção ao quarto. A porta estava entreaberta.

— Violet?

Naquele momento, ela saia do banho. Com a toalha enrolada no cabelo e mais nenhum tecido cobrindo o restante do corpo. Desviei rápido, mas ela me olhou e tentou cobrir as partes que não deveriam estar expostas.

— O que tá fazendo aqui – ela perguntou depois de um grito assustado – não sabe que susto me deu! Como vai entrando assim sem avisar?

— Eu avisei – falei totalmente constrangido – eu chamei diversas vezes, mas você não respondeu, achei que tinha acontecido alguma coisa.

— Se acontecesse alguma coisa eu avisaria – ela falou brava – nem pense em olhar para cá.

Eu não pretendia fazê-lo novamente, aquilo era um conselho inútil.

— Pronto – ela disse já mais calma – o que queria?

— É quase hora de irmos ao hospital, você não tinha ido tomar café. Achei que estivesse dormindo, vim chamá-la.

— Tá bom – Violet disseme desculpa pelo berro – ela veio para minha frente, apenas de toalha – eu achei que era não sei nem o que.

Ela pegou o prato da minha mão e falou:

— Vou me vestir agora, você pode me esperar lá. Ou pode ficar aqui se quiser.

— Eu vou te esperar lá em casa. Não demore.

Saí, assombrosamente constrangido. Matheo estava com o notebook no colo, digitando rapidamente algum documento.

— Ocorreu tudo bem lá? – ele perguntou.

— Sim, por quê?

— Porque a América inteira ouviu o grito de Violet.

— Foi apenas um susto, eu a surpreendi despreparada.

— Ah... – Matheo falou – sabe, Nicholas, eu gosto de ver que ela confia em você, gosto de ver que você está se recuperando aos poucos. Mas não é muito cedo?

Eu não sabia do que ele estava falando. Inquiri: — Cedo para que?

— Para entrar num relacionamento.

— Eu não estou tendo um relacionamento com Violet – eu falei estupefato, como se aquilo fosse um ultraje – Deus do céu, por que pensa isso?

— Nicholas – Matheo retirou o computador do colo e fez o gesto para que eu sentasse perto dele – sente-se.

Fiz o que ele pediu.

— Não é difícil – ele começou a dizer com cuidado – notar que essa menina está interessada em você.

— Ela tem vinte e seis anos, não é mais uma menina.

— Na mente ela é uma menina.

— O que isso tem a ver com tudo?

— Acho que ela está confundindo um pouco as coisas. Veja, eu não sou o melhor dos homens. Na verdade, acho que estou entre os cem piores caras para se namorar, mas tem algumas coisas que soam estranhas até para mim.

— Por exemplo?

— Por exemplo, você mal a conhece, e a coloca dentro da sua casa, a deixa entrar na sua casa, viver a sua vida, e a ajuda. Pelo que eu já pude ler nos autos, ela não teve uma estrutura familiar decente, uma mãe negligente e um pai ébrio habitual. Um namorado que não a ajudou, uma família que a escorraçou quando pode, e então surge você.

— E o que tem eu?

— Você a ajuda quando o mundo parecia dar-lhe as costas. Ela deve estar projetando sentimentos em você, e você parece estar alheio a tudo.

— Matheo, pelo amor de Deus, é claro que eu não sou burro. Eu noto que ela está interessada, mas eu procuro manter uma linha separando a intenção da ação.

— Você, mas e ela?

— Eu respondo por mim.

— Acho que você não está entendendo meu ponto de vista.

— Que seria?

— Eu acho que você vai acabar deixando-a entrar em sua vida, e esquecerá Emily. E está muito cedo para isso. Claro, eu quero que você se reerga, mas não faz nem dois meses. Eu amava aquela garota, não posso permitir que as coisas dela, junto com a memória, fiquem esquecidas em caixas no sótão.

— Hei – coloquei a mão no ombro de Matheo – isso não acontecerá. – eu notei que aquilo era uma reação atrasada do luto que ele sentia, mas não mostrava – Eu jamais a esquecerei, eu jamais colocarei outra pessoa em seu lugar, por que o lugar dela nessa casa, na minha e na sua vida, não tem nenhum modo de ser violado.

— Olha, eu estou bem aqui – Violet disse nos surpreendendo – eu não quero tomar o lugar de ninguém – ela estava constrangida – sério. Eu gosto muito do Nicholas, mas é só. Eu... puxa vida isso é constrangedor, eu o tenho como alguém que eu admiro. Eu não conheci Emily, e pode ter certeza, se houvesse um jeito eu a traria de volta apenas para deixar Nicholas feliz.

— Me perdoe, Violet – ele disse – mas eu não consigo acreditar – ele virou

para mim – e você tem razão, você não é burro, não haja como um.

— Matheo... – Violet disse – eu não sei por que está com essa impressão de mim.

— Violet, por favor, nos deixe à sós – eu pedi e ela saiu dali, contrariada – Violet não é isso que você está pensando, Matheo. E eu não sei como pode ser capaz de duvidar do amor que eu sentia por Emily.

— Eu não duvido disso. Apenas duvido da sua resolução, Violet é uma mulher bonita, mulher, como você bem ressaltou. Não acho que você esteja tão firme a ponto de resistir por tanto tempo.

Ele disse e se levantou, saindo sem se despedir para a garagem, onde pegou o carro de Vivian para usar. O que muito provavelmente ela tinha autorizado.

Não posso culpá-lo. Matheo sempre adorou Emily, diferente do meu amor por ela, ele sempre a tratou como uma irmã menor. Foi ele quem a ensinou a andar de patins quando ela tinha quinze anos. E foi ele quem ela escolheu para ser o padrinho dele na formatura do ensino médio.

Quando ela tinha um problema qualquer, era para ele que ela ligava. O próprio James, quando precisava, o chamava para cuidar dela. Aquilo era uma reação tardia que, acredito eu, foi causada por ele ter se inserido no meu mundo, um mundo do qual, fisicamente, ela não fazia mais parte.

Eu sei que ele tinha suas motivações para aquilo, mas, mesmo assim, ainda não fazia nenhum sentido para mim. Pensei que poderiam ser ciúmes de Violet, pelo fato de a pessoa que ele pensava em conquistar ter negado sua investida, mas quanto mais eu pensava, menos parecia plausível. Só sobrou uma opção, que eu não queria acreditar ser real: ciúmes de Emily.

Teorias sem sentido esquecidas

Visitei Nicole, não pude deixar de lado a sensação de que estava fazendo alguma coisa errada e aproveitar minha filha. Quero dizer, eu não quero amar ninguém agora, ninguém mesmo. Emily sempre vai ter de mim aquilo que ela conquistou. Para mim, ficar com qualquer mulher, agora ou depois, seria traí-la, e eu jamais faria semelhante coisa.

Enquanto tinha minha filha nos braços, não pude deixar de lado a impressão que as palavras de Matheo tinham me causado. Eu teria uma conversa séria com ele assim que o encontrasse, e uma conversa séria com Violet assim que chegássemos à minha casa.

Agora os sonhos estavam explicados, Emily sentia que estava perdendo espaço. Enquanto eu estava acordado, meu consciente não entendia (ou fingia não entender) o significado de toda a atitude de Violet em relação a mim. Em sonhos, meu subconsciente, mais ativo que nunca, me mostrava, através das palavras de Emily, o que estava acontecendo, sem nenhuma reserva.

Eu era um imbecil, Matheo estava certo. Pensei que tinha deixado bem claro que não queria me envolver com ninguém, e não sei exatamente em que ponto do caminho, até aqui, eu deixei as coisas ficarem estranhas entre Violet e eu.

— Boa tarde, Liz. Onde está o Matheo? – perguntei para Liz assim que entrei no escritório.

— Está na sala de reuniões, ele pediu para não ser interrompido.

— Qual delas?

— A sala b.

Andei até o final do corredor. Ele não queria ser interrompido, mas dane-se o que ele queria, eu tinha alguns assuntos para esclarecer com ele, e o faria agora.

— Matheo – chamei a atenção dele assim que abri a porta da pequena sala decorada apenas por uma mesa para quatro pessoas e algumas cadeiras.

Puxei uma destas cadeiras e sentei, de frente para ele, apoiei os cotovelos na mesa e falei calmo, mas num tom firme.

— Pode me explicar agora que palhaçada foi aquela de manhã?

— Sério que você não entendeu? – Matheo disse num tom debochado - vamos lá, vou explicar com calma. Ou melhor, vou perguntar com calma.

— Pergunte logo, deixa de rodeios.

— Pois bem, há quanto tempo está dormindo com a senhorita Nella Sue?

As palavras pareciam ter se embaralhado na minha cabeça. Eu não entendia ao certo o que ele quis dizer, e por algum tempo, duvidei da minha própria capacidade mental quando aquilo fez sentido.

— Está louco, Matheo?! Eu não dormi com a Violet, nem mesmo dormiria!

— Só ontem, enquanto estive na sua sala, presenciei alguns olhares furtivos dela em sua direção, dedos se entrelaçando, declarações verbais de confiança, dentre outros pontos e que não vale a pena citar agora.

— Espera – eu pedi, irritado agora – para de falar merda – respirei fundo, e recomecei a falar, calmamente, para que ele colocasse na cabeça dele algum juízo antes que eu colocasse com um porrete – pare de ficar falando isso, eu já disse que não dormi com ela. Não tenho culpa de alguém vir a gostar de mim, se eu responder, aí sim, eu estarei sendo culpado. E não estou respondendo ou correspondendo em nada.

— Você me faz duvidar de que você realmente amava Emily desse jeito.

— Matheo! – bati forte na mesa e me levantei realmente irritado – nunca mais, na sua vida, repita isso. Eu tenho lutado como um louco para tentar não perder o juízo e você não tem idéia do quanto tenho sido forte. O que eu preciso fazer para que acreditem que eu estou sofrendo? Morrer junto com ela? Tenha certeza que essa idéia já passou diversas vezes na minha mente.

— Depois eu que sou o louco, olha só?! Não sabe ser enfrentado? Quer deixar sua filha no mundo? Sem ninguém mais para amá-la como um pai o faria?

Virei o rosto e fechei os olhos forte quando tal possibilidade se desenhou num futuro triste. Matheo e sua mania de enfiar uma adaga na ferida, mesmo que esta já estivesse sangrando. Ele nunca para e pensa se aquilo vai doer ou não, ele simplesmente fala, fala outra vez, então escuta, e nos ensina com a dor.

— Cara, se eu estou falando isso não é para teu mal – ele disse – eu estou vendo o que está acontecendo de fora da situação, quero dizer, pelo menos uma parte de fora. Eu sei que você está triste pela morte de Emily, mas não precisa querer ser tão bom com todo mundo.

— Eu não sou sempre bom.

— É sim, mas isso não é mau. Você tinha um plano de encontrar uma mãe de leite para Nicole, depois disso, você decidiu coloca-la dentro da sua casa...

— Ela está na casa de hóspedes.

— Para de me interromper, filho da mãe.

Dei de ombros.

— Você começou a ajudá-la com essa questão do filho, o que não é ruim também, só mostra o quanto você consegue pensar nos outros, mas acho que a sua capacidade de dizer não está comprometida. Você deve estar tão pra baixo

que precisa fazer um bem para alguém para se sentir melhor.

— Você falou, falou, falou mais e não chegou à lugar nenhum.

— Certo, vou direto ao ponto. Acho que se Violet sugerir uma relação você não vai negar. Isso tudo por que você está pensando mais no bem dos outros que no seu próprio.

— Isso não vai acontecer – eu disse – agora, me esclarece uma coisa.

— Sim. Mas vamos sentar primeiro, estamos parecendo dois galos de briga, e vou pedir para a moça da copa ir comprar mais um café naquela loja que eu gostei. Cara, eu estou te falando. Aquilo é como crack.

— Larga de falar asneiras.

Ele falou com a minha funcionária (nossa, aliás, uma vez que ele é um dos meus três sócios) e pediu o bendito café.

— Matheo, pela manhã, uma coisa me chamou a atenção.

— O que? – ele falou depois de ter colocado os olhos no papel novamente.

— Aquilo foi minha imaginação, ou você estava com ciúmes pela manhã?

Matheo tirou os olhos do papel rapidamente e me olhou.

— Olha, Nicholas, não me leva a mal, você é bonito e tal, mas não faz meu tipo. Eu curto um tipo muito peculiar, e se chama: mulher.

— Não seja idiota, não estou falando que você estava com ciúme de mim.

— Que bom para nós.

— Estou falando que você estava com ciúmes de alguém, minha dúvida é se essa pessoa é Violet ou...

— Ou?

— Emily. Você a amava, não é?

— Amar a Emily?

— Sim.

— Amor não chega nem perto do que eu sentia por ela. Eu simplesmente a adorava. Eu a adorava, e ainda adoro, de um modo que um pai adora uma filha. Que um irmão adora uma irmã, eu a adorava, pura e simplesmente. Sei que você deve estar querendo manter seu posto à salvo, mas de mim, não precisa.

Aquilo punha um ponto final na minha raiva e machucaria um tanto mais meu orgulho.

— Eu não gosto das mais jovens, claro, muitas surpreendem, mas eu gosto de uma mulher que sabe o que quer. Prefiro os gemidos de uma mulher aos suspiros de uma menina. Você deveria saber disso melhor do que ninguém. Eu dei encima da sua mãe durante toda a faculdade.

— Lembro bem disso. De qualquer modo, você terá que pedir desculpas à Violet. Você a ofendeu pela manhã, e isso é simplesmente algo que não tolero dentro de minha casa.

— Você está falando como se eu tivesse dez anos. Eu sei o que eu fiz. Minha postura desarmou Violet. Pedirei desculpas, como você está dizendo. Posso ter soado um tanto grosseiro e hostil, mas tenho tudo andando conforme meu planejado.

— Espero que sim – eu disse – agora, vamos falar do trabalho.

Naquele exato momento, os cafés chegaram. Matheo pediu quatro, um para mim, três para ele, e avisou, de antemão, que só começaria a falar sobre o processo depois de um café inteiro.

Violet não se juntaria a nós hoje. Ela tinha dito que iria para casa, não se sentia muito bem. Não a impedi, era necessário que eu conversasse com Matheo

sozinho. O que pareceu aparar as arestas entre nós dois.

— Sobre o processo – Matheo começou depois de ter tomado todo o copo de café – Violet escondeu algumas coisas de nós.

— Por exemplo?

— Os estagiários selecionaram algumas partes importantes. Veja aqui – Matheo virou uma parte da informação compilada para mim - A mãe de Violet teve depressão pós-parto, num grau mais leve – ele explicou – esse foi um dos principais fatores que contribuíram para que Violet perdesse a guarda do filho, a hereditariedade.

— Você disse um dos fatores, quais seriam os outros?

— Do modo como você me explicou e que ela, muito provavelmente, deve ter explicado a você. Ela deu a entender que os pais de Dave Ferguson, o namorado dela, tentaram incriminá-la de algum modo, apenas para tomar a guarda da criança e afastá-la do meio deles.

— Sim, foi exatamente assim que entendi.

— Isso não é totalmente verdade, Violet realmente teve depressão pós-parto – Matheo disse – apenas não conseguimos avaliar a gravidade da situação. Se fosse psicose pós-parto, ela deveria ter sido internada numa clinica psiquiátrica, o que não aconteceu.

— Isso pode ter sido negligência deles. Quem sabe?

— Ou eles compraram o resultado e o utilizaram apenas enquanto lhes tinha alguma serventia.

— Matheo, isso é genial. Explica o porque ela não pode voltar para perto do filho, sem o acompanhamento adequado, ela se tornaria um perigo para a criança.

— Exatamente. Mas sem a avaliação de internação e o diagnóstico de melhora, ela seria afastada de Kevin para sempre.

— Nós não temos isso.

— Não, não temos. E os responsáveis no processo pela internação de Violet são os pais do ex-namorado dela. Se alguém tem que ter estes papéis, são eles.

— Sem esses papeis, Violet se torna vitima também.

— Isso. Ela terá que passar por uma bateria de testes psicológicos e os resultados influenciarão na batalha futura sobre a guarda de Kevin.

— E a medida restritiva?

— Sem a prova que Violet é mentalmente incapaz de cuidar do filho, eles não têm como afastá-la dele. Ela poderá, em princípio, realizar visitas assistidas. E isso só se o juiz for muito duro.

— Tão pouco tempo e já tem isso tudo.

— Não é a toa que eu sou muito caro, eu valho cada centavo. Mas isso é apenas para derrubar a medida restritiva, a grande luta acontecerá mesmo no que tange à guarda do menino. Essa guerra ainda não está vencida.

— Mas já é um grande trunfo.

Aquilo era uma notícia e tanto, e eu mal podia esperar para dá-la a Violet. Aquilo teria que ser o suficiente para trazer alguma alegria para ela por algum tempo.

Um ponto final na história

— Violet – dessa vez eu chamei desde a porta, não queria que se repetisse a cena do dia anterior – está aí?

Violet de uma vez abriu a porta, me deu um enorme sorriso e respondeu: — Onde mais eu estaria?

— Não sei – eu respondi – quando voltei do trabalho você não estava, achei que poderia ter saído.

— Não... – ela começou – eu precisei sair.

— Aonde foi?

— Entra – ela fez o gesto para que eu adentrasse a casa primeiro, eu sentei no sofá e esperei que ela se juntasse à mim, mas ela não o fez – Eu acho que você vai ficar um pouco zangado...

— Sobre o que? O que você fez?

— Eu não devia – Violet falou enquanto colocava uma mecha do cabelo rosa atrás da orelha – eu sei que Matheo me disse que eu não deveria ficar ansiosa, eu deveria esperar, eu deveria tentar fazer o possível para não fazer nenhuma besteira.

Minha posição já se tornou tensa imediatamente – o que você fez? – eu perguntei mesmo sabendo que ela teria feito alguma bobagem e que eu não gostaria do que estava vindo por aí.

— Eu – ela falou enquanto torcia os dedos nervosamente – eu fui até aquela casa outra vez...

— Oh, por Deus, Violet! – me levantei irritado – eu te pedi para não ir lá, Matheo te pediu também, você prometeu.

— Eu sei, eu sei! – Violet me interrompeu – eu sei o que vocês disseram, eu não sou burra – ela disse – é que os pais de Dave tinham viajado outra vez, eu achei que seria seguro.

— Achou que seria seguro... – comentei num tom de ironia – quer saber, tudo bem, me conta logo o que aconteceu.

— Eu acho que o voo deles foi cancelado, ou sei lá. Eles voltaram para casa, e me surpreenderam com Kevin nos braços. Eu estava tentando amamentá-lo, ele não queria, chorava muito – ela disse – e eu acabei ficando nervosa.

— O que você fez?

— Não precisa ficar preocupado, eu não fiz nada – ela disse soando ofendida – eu nem sei porque você pensou uma coisa dessas.

— Talvez por que eu não possa confiar em você? Por que você não pode passar um só dia sem fazer uma besteira?

— Você não está sendo justo!

— Não? – comentei irritado – mas esquece isso e me diz logo o que eles fizeram.

— Eles disseram que eu estava querendo pegar o menino, e agora estão muito zangados. Eu fugi pelo muro, como você viu daquela vez, e vim me esconder aqui.

Aquilo era um retrocesso e tanto. Agora Matheo teria um trabalho a mais para provar que Violet era capaz de estar ao lado do filho sem colocá-lo em perigo. O que os pais de Dave iriam inventar agora? Teríamos que estar preparado para qualquer coisa.

— Achei que você estivesse querendo que eu confiasse em você, aparentemente me enganei outra vez.

— É meu instinto, Nicholas – Violet lançou o contra-argumento irritada – o que eu deveria fazer? Ficar longe de Kevin enquanto isso está correndo na justiça? Sabe quantas vezes eu vi meu filho desde que ele nasceu? Ou melhor, sabe quantas vezes eu vi meu filho desde que me afastaram dele?

Não respondi, ela respondeu por mim.

— Cinco vezes – ela explicou – cinco vezes em quatro meses. Eu posso não ser a melhor mãe do mundo, mas isso é cruel até para mim.

Eu estava bravo, realmente muito bravo com a dimensão que aquilo estava tomando. Eu não me zangava fácil, pergunte para qualquer um que me conheceu há algum tempo atrás, mas ultimamente, tudo era um motivo para eu me irritar. Oito em cada dez motivos para eu me irritar eram sobre Violet.

— Certo, eu não vou discutir – eu disse – hoje eu não poderei ir ao hospital.

— Não vai querer ver sua filha? – Violet perguntou.

— Tudo que eu quero é ver Nicole, mas estou atolado de trabalho até o pescoço e uma das minhas audiências ocorrerá em poucas horas, eu tenho que estar no fórum com antecedência.

— Lamento por isso – ela tentou ser gentil – talvez agora sinta o que eu sinto. Impotência por não poder ver meu filho quando alguém mais poderoso me impede.

Fazia algum sentido, mas não daria o braço a torcer.

— Eu não precisei invadir nenhuma casa para isso.

— Quem vai comigo? Vivian?

— Não, ela está ocupada hoje, tinha marcado um compromisso antes de saber que eu não poderia ir.

— Matheo?

— Ele não, está ocupado agora com seu processo. James irá com você.

— James?

— Sim, algum problema?

— Para mim não, talvez para Vivian.

— Não acho que seja um problema. Espero que ela não leve como um, eu preciso ir agora. Tenho que sair em uma hora.

Saí dali, eu não tinha tempo de ficar me irritando quando em breve estaria diante de um juiz federal.

Voltei para casa, só quando já tinha subido as escadas notei que não tinha falado para ela sobre o progresso de Matheo. Teria que ficar para outra hora. Violet estava se comportando como uma adolescente rebelde no auge de seus vinte e seis anos, e isso não era minimamente aceitável. Se ela queria ser ajudada, teria que começar a se importar com o esforço que estávamos fazendo por ela e a se comportar como alguém que sabia os riscos de seu próprio comportamento.

Separei todo o material que levaria à audiência e procurei tomar meu banho. Hoje eu não poderia me deixar ficar perdendo em pensamentos, já que estava com muito trabalho para o dia.

Saí do banheiro secando o cabelo com a toalha, enquanto a outra me enrolava a cintura. Não tenho que explicar o susto enorme que levei quando vi

Violet sentada na minha cama.

— O que está fazendo aqui? – perguntei para ela e tratei de ajustar a toalha da cintura, para que não corresse o risco de cair – estou me arrumando, pode me dar licença por um momento?

Violet, que parecia sem palavras, apenas falou: — Olha, não tem maneira de eu descrever como essa cena é...

Ergui uma sobrancelha em desafio, ela não se atreveria a falar a palavra que eu imaginava.

— Hum... – ela notou minha reserva – não habitual.

— Certo, não é habitual. O que você quer?

— Eu vim me desculpar. Achei que já tivesse tomado banho, senão nem teria entrado – ela falava, se desculpava, mas não mostrava a menor intenção de sair dali – por ter colocado tudo a perder.

— Você não colocou tudo a perder, ainda – eu disse – e eu gostaria de me vestir, por favor, pode me dar licença.

— Posso sim – ela cobriu os olhos com as mãos.

Era hora da tal conversa.

— Violet.

Ela abriu os olhos outra vez.

— Ninguém pode se vestir tão rápido, não é mesmo?

— Não – eu poderia sentar do lado dela e explicar que aquela situação era errada por vários motivos, mas de toalha as coisa ficariam complicadas, pedi – me espera aqui, vou me vestir no closet, não saia daqui por nenhum motivo.

— OK – ela balançou a cabeça.

Andei até o closet, levando a roupa que eu tinha selecionado. Vestime e voltei para o quarto. Violet não estava mais sentada na cama, estava mexendo no delicado porta-joias de Emily que ficava sobre a penteadeira.

— Não mexa nisso –pedi a ela, pareceu mais uma ordem – não é seu, não mexa.

— Eu nem toquei, credo.

Ela recolheu a mão. Ela tinha mexido sim, ou isso ou estou tendo alucinações. Sentei na cama e indiquei que ela sentasse no pufe ao lado desta, Violet sentou, juntou as pernas e ficou me observando enquanto eu falava.

— Violet, eu não sou cego – eu disse – eu vejo que você está tendo algumas interpretações erradas daquilo que significa amizade para mim – eu respirei fundo, aquilo era mais difícil do que eu pensava – eu não estou interessado num relacionamento, eu amei e ainda amo minha mulher, não faz nem dois meses que ela faleceu e eu não estou pronto para nada. Na verdade, se não fosse o fato de ela ter partido, eu não precisaria dos seus serviços.

Violet arregalou um pouco os olhos e eu vi quando ela ficou com a pele avermelhada, não de vergonha, de raiva.

— Violet, eu gosto muito de você, você é uma mulher incrível e tenho um carinho especial por você, mas é só. Eu não vejo você com outros olhos, não me vejo me relacionando com ninguém por um bom tempo. Não quero parecer com o homem que esnoba uma mulher quando ela gosta dele, eu aprecio muito este sentimento, mas espero que entenda e respeite meu luto.

Violet não falou nada por um tempo, olhou para as próprias mãos, mexeu no canto das unhas e quando voltou a olhar para mim, disse: — Não acho que você esteja errado. E não acho que você seja cego. Na verdade, você enxergou tudo perfeitamente. Faz um tempo que eu comecei a confundir as coisas, mas no meio dessa confusão o que eu senti pareceu tão certo – ela continuou – eu gosto de você, não sei explicar quando ou como aconteceu, não sei que gatilho mágico foi esse que eu apertei contra a própria cabeça para gostar de um homem que ainda ama, visivelmente, a ex-mulher – ela respirou um fôlego entrecortado – mas eu gosto. E acho que esse... hum... carinho que eu sinto por você te faria bem.

— Violet...

— Não, eu ainda não terminei – ela disse – eu posso respeitar seu tempo, posso mesmo. Eu nunca forcei nada e olha que você não imagina a quantidade de vezes que já me imaginei roubando um beijo de você, como agora por

exemplo.

Ajustei minha postura, e me afastei um pouco. Realmente estávamos com o rosto próximo demais, nada alarmante, mas próximos.

— Nicholas, eu não posso parar de sentir o que acho que estou sentindo, puta que o pariu, você é gostoso para caramba, mas sei me colocar no meu lugar. Você não quer, não quer, beleza. Mas acho que está perdendo uma oportunidade enorme de ser feliz, por que eu estou aqui, eu posso te fazer feliz e Emily...

— Emily está morta – eu disse com a voz dura – era isso que iria dizer?

— Não com essa palavras, mas sim, era o que eu iria dizer.

— Acho que você não entende por que nunca amou ninguém de verdade – eu disse – se um dia amar alguém de verdade, irá querer essa pessoa acima de tudo, independente da circunstância que te rodeia, ela será o centro do seu universo. Nem mesmo a morte poderá tirar a falta dela que sempre ficará ao seu lado.

— Acha que eu nunca amei? – ela perguntou.

— Sinceramente, acho.

— Como pode ser tão burro... – ela comentou.

— A questão é – reiterei a palavra – espero que entenda a situação, eu preciso de tempo, muito tempo para me reestabelecer. Talvez um dia eu possa me relacionar, mas não sabe o quanto me soa repugnante e infiel a ideia neste momento.

— Uau – ela fingiu não estar desconcertada – repugnante é uma palavra bem forte.

— É a que melhor encontrei para descrever essa possibilidade.

Violet se levantou de repente, me assustando um pouco, olhei para ela e vi como ela parecia realmente constrangida.

— Quer saber – ela disse – esquece tudo que eu falei, esquece cada virgula, cada sentença, por favor. Acabamos de nos conhecer.

— Como é?

— Isso mesmo, acabamos de nos conhecer, eu sou simplesmente a moça recém-entrevistada que conseguiu a vaga para cuidar de Nicole, e você é o cara que está me pagando muitíssimo bem por isso.

Olhei para ela com as sobrancelhas juntadas com um pouco de desconfiança.

— É isso mesmo que você ouviu. Esqueçamos tudo. Foi uma bobagem de alguém que quer parecer ter dezoito anos em vez da idade que tem.

Sorri um pouco e estendi a mão para cumprimentar a mão que ela me estendia.

— Nicholas Theodoridis, muito prazer. Estou imensamente feliz que você

tenha se disposto a cuidar de minha filha.

— Violet Nella Sue – ela disse – será uma honra cuidar de uma criança tão linda. Obrigada por estar me ajudando e por ter feito tanto por mim em mais tempo do que todos os meus amigos em uma vida inteira.

— Não seja exagerada – eu disse e sorri um pouco.

— Olha, Nicholas – ela chamou minha atenção – vai ser mais fácil fingir que não gosto de você se você parar de sorrir desse jeito.

Ela disse e saiu do quarto, me deixando com uma cara de idiota na minha própria casa.

Uma visão do escuro

Acabava sendo estranho o fato de eu ter reclamado da atenção exagerada que Violet me destinava e, ao mesmo tempo, sentir falta dela durante o café da manhã. Matheo, que por sorte eu pude falar antes de sair de casa, estranhou também.

A casa tinha paz, estava quieta, sem discussões entre Violet e Vivian, sem atrito entre ela e Matheo, sem risos dela e James, isso tudo era estranho demais.

Mais um dia que eu não poderia ver Nicole, a audiência da semana passada foi adiada para a semana seguinte, isso porque o indiciado não levou sua defesa no prazo, e para não sofrer prejuízo, o juiz aceitou o documento atrasado marcando a sessão para dias depois. Isso tudo significava que eu teria que continuar faltando às visitas, para ler os documentos que fossem adicionados e só então, quando tivesse conhecimento de tudo, elaborar uma nova defesa para a empresa do meu cliente. Ok, até aí nada que eu não tenha feito antes, mas bem antes mesmo, antes do nascimento de Nicole, e isso não tinha problema nenhum. Mas agora, com minha filha hospitalizada, essa rotina vinha me pesando cada vez mais.

Quando eu tinha terminado o café, e já ia pegar a pasta para sair, Violet finalmente entra em casa.

— Bom dia a todos – ela diz – Matheo, James, Nicholas, Vivian.

— Bom dia – um a um os anunciados vão respondendo.

— Descansou bem, Violet? – perguntei.

— Sim, muito bem. Obrigada.

— Por favor, cuide de Nicole, eu não estou podendo ir ao hospital, mas quero acreditar que você está fazendo seu melhor.

— Não se preocupe – ela disse ainda da porta – eu estou sendo paga para isso, com certeza farei o meu melhor trabalho.

Certo, isso estava estranho mesmo.

— Toma café? – perguntei e comecei a mexer na minha pasta, checando se todos os materiais que eu precisaria estavam alí – Sirva-se.

— Não, obrigada – Violet respondeu outra vez, educada e mecanicamente – eu já tomei meu desjejum. Se não se importam, vou esperar James lá fora, eu achei que você já tivesse saído.

Não falei nada, apenas olhei para ela enquanto ela continuava.

— James – ela falou não se dirigindo mais a mim – eu estarei na varanda da casa ao lado, assim que for sair me buzine, e eu virei correndo. Ah, e Vivian?

— Oi? – ela perguntou com um ar de suspeita, como eu, do comportamento que Violet apresentava.

— Eu gostaria de falar com você um momento ou dois, pode ser?

— Agora?

— Sim, se puder.

— Eu vou só pegar minha galocha lá no quarto, pode ir em frente, te encontro lá.

Certo, a estranheza só aumentava. Eu sabia que Violet e Vivian não se bicavam no começo, e depois daquele dia em que elas tentaram fazer uma amizade, quase nenhum contato surgiu entre as duas. Bom, elas precisavam se acostumar com a presença da outra nalgum momento, mesmo assim era estranho vê-las "tricotando".

— Estou indo ao trabalho – eu disse quando vi que ninguém estava se importando comigo parado de pé no meio da sala – alguém quer alguma coisa da rua? Volto ao meio dia.

— Não – Vivian respondeu.

— Também não – James concordou.

— Café – Matheo disse – daquela loja longe do escritório, cara, aquilo é mágico.

— Já ouvi algumas vezes isso – eu concordei – Violet?

Ela me olhou com um olhar desinteressado e respondeu: — Não, já tenho tudo o que preciso. Valeu.

Deu-me as costas e saiu da casa, fazendo o trajeto que tinha explicado anteriormente.

Saí da casa também, fui até a garagem, mas aquilo estava na minha cabeça. Violet parecia ter perdido uma espécie de alegria que ela carregava. Fechei a porta do carro que mal tinha aberto e andei até a casa pequena. Bati à porta: nada. Chamei-a: nada. Chamei-a mais alto ainda: aí sim, ela veio abrir a porta.

— Nicholas? Que está fazendo? Vai se atrasar para sua audiência.

— Não muito – eu disse – eu ainda tenho algum tempo para chegar lá.

Fiquei alí, à porta, parado feito um retardado, até lembrar como se falava de novo depois de ela perguntar: — O que quer comigo?

— Nada, quero dizer, nada em especial. Quer dizer, você está bem? É que você parecia séria demais lá em casa, e agora está assim...

— Assim como?

— Não sei explicar... Acho que séria.

Violet, que não tinha me dado passagem para entrar na casa, encostou-se ao umbral da porta, cruzou os braços me analisando.

— Séria? Acha só isso mesmo?

— Foi o que me passou pela cabeça.

— Séria não é a palavra correta. Ontem, quando saí do seu quarto, e eu estava bem irritada com você, trombei com James no caminho. Ele viu que eu não estava bem, me explicou um pouco sobre como você e a sua ex se amavam e me disse para respeitar seu espaço.

— Não vi nada demais nisso, por que está tão zangada?

— Por que ele me mostrou que todo mundo, mas todo mundo mesmo, conseguia ver que eu estava interessada em você. Isso me deu nos nervos. Eu nunca corri atrás de ninguém, absolutamente ninguém, exceto meu filho. E isso me ofendeu como o inferno.

Escutei calado.

— Eu não vou mais ser essa caricatura idiota de uma adolescente querendo conquistar alguém. Vou me comportar como ele me sugeriu, de acordo com a minha idade. Eu não quero que você se ofenda e nem nada, mas a palavra "repugnante" ainda está ecoando aqui – ela deu dois toquinhos com o indicador na testa – por isso não vou mais ficar correndo atrás de ti. Vou fazer meu trabalho, seguir as dicas de James, obedecer às ordens de Matheo, ficar às boas com Vivian e só.

— Muito adulto da sua parte.

— Pois é, sou isso mesmo – ela deu de ombros e sorriu.

— Eu não te contei antes – eu disse – mas Matheo conseguirá reverter a medida protetiva, e assim que o juiz autorizar, você poderá voltar a ver seu filho.

Aquilo pareceu desarmá-la, por completo, a face endurecida que ela conservava se dissolveu até se transformar num olhar terno e um sorriso tímido. Observei a transformação com um tanto de alegria, afinal, aquilo era importante para ela. E fiquei um pouco mais tranquilo com a minha própria consciência.

— Sério? – ela perguntou – diz que não está brincando com a minha cara.

— Eu não brinco com a cara de ninguém – eu disse.

Violet, já com todas as defesas baixas, se aproximou e jogou contra mim, me dando um abraço forte. Soltei a pasta no chão e a abracei alí, na porta da pequena casa que foi de Vivian e James, onde eu dormi quando Vivian se

mudou, onde eu planejei às escondidas o passo-a-passo do meu casamento.

Olhei para dentro da casa, que não estava mais vazia, e a imagem de Emily, no centro da cozinha, me olhando, com um olhar ofendido e um ar zangado, se desenhou tão perfeitamente que eu soltei Violet repentinamente, e me afastei.

— Ai! Credo, que foi? – ela comentou enquanto tentava se reequilibrar – parece que viu fantasma.

Eu não falei nada por algum tempo, meu peito doía, meu coração parecia que estava desesperado dentro do peito.

— Nicholas – ela disse – o que foi? Você está pálido!

Eu me sentei ao lado da porta, as mãos tremendo e um pequeno lençol de suor gelado umidificando a testa.

— Nicholas, é sério – Violet disse – você está me assustando, o que foi?

Eu tentei falar alguma coisa, mas a minha mente foi escurecendo, escurecendo, até que eu só ouvia os gritos de Violet chamando-me no escuro.

— Nicholas! Nicholas!

Depois não era mais comigo que ela estava falando.

— James, Matheo! Ajudem aqui! Socorro!

Depois eu não ouvi mais muita coisa. Apenas alguns burburinhos indistinguíveis. Era escuro e eu estava com medo, meu peito estava queimando e eu não sabia o que fazer para aquela dor passar.

— Nicholas... – eu ouvi a vozinha me chamando, e eu a reconheceria em qualquer lugar – Nicholas...

— Emily... – eu tentei falar, mas não saiu barulho nenhum.

— Você tem que ficar bem. Você tem que se curar, eu preciso de você. Não deixe Nicole sozinha... James precisa de você também, ele é seu melhor amigo. E Vivian, ela considera você parte da nova família dela. Por favor, não os abandone.

Eu ouvia aquilo no escuro. No fundo, bem no fundo, eu ouvia o som de barulho característico das máquinas de um hospital, minha audição estava tão boa, que eu ouvia o som até das gotas de soro caindo na bureta e vindo pelo cateter até minha veia.

— Nicholas, por favor, fique bem – ela disse – eu não preciso dizer que gosto de você, se você ficar aqui, eu juro que me comporto.

Aquilo não fazia mais sentido, Emily sempre teve um comportamento exemplar. Um zunido na cabeça a fez doer, e eu senti quando ela beijou-me na boca.

— Nicholas, acorda – ela disse, mas a voz não era mais a de Emily.

O zunido na cabeça ficou tão forte que eu abri os olhos. Eu estava num quarto de hospital, procurei Emily ao meu redor, mas do meu lado, não era ela quem estava, era Violet.

— Finalmente! – ela jogou os braços para cima e veio mais para perto – você está bem? – ela perguntou e irritada continuou – você não imagina o susto que me deu!

Tentei levantar para me sentar na cama, mas o zunido voltou e com ele a dor. Era a minha cabeça que estava doendo daquele jeito.

— Nossa... – reclamei e coloquei a mão na testa para que a claridade do quarto não aumentasse a minha dor.

— Enfermeira, ei, enfermeira – Violet andou até a porta do quarto e chamou uma moça que estava passando – ele acordou!

Quando ela voltou para dentro do quarto, dois minutos depois, entraram com ela a enfermeira e uma médica.

— Senhor Theodoridis – a médica me chamou – está entendendo o que estou falando com o senhor? – ela perguntou e colocou aquela mini lanterna nos meus olhos, um de cada vez – olhe para a luz – ela pediu e colocou o indicador na frente do meu rosto.

— O que aconteceu? – eu perguntei.

— Senhor Theodoridis, o senhor desmaiou e bateu a cabeça um pouco forte – ela disse – o senhor ficou internado para que tivéssemos certeza que o acidente não incorreria em nenhum risco para sua saúde.

— O que? – eu perguntei, ainda um pouco confuso do sono – eu me apoiei na porta, eu não caí.

— O senhor não deve estar lembrando. É normal, alguma coisa dói?

— Minha cabeça – respondi.

— Ela anotou uma dosagem de algum remédio no papel e o entregou à enfermeira, que leu as anotações e se moveu para administrar a medicação.

— Você está atrasada para ver Nicole – eu disse para Violet enquanto a enfermeira aplicava uma injeção no soro – não acredito que não foi vê-la. Eu não sou importante, ela é. Deveria ter ido até e me deixado aqui, eu sou adulto e sei

me cuidar.

— Que é? Tá variando? Eu já visitei Nicole naquele dia, e no dia após aquele dia, e hoje.

— O que?!

— Isso mesmo, você ficou alguns dias dormindo direto. Você abria os olhos, mas voltava a dormir. E acho que não lembra disso. James ficou com você a manhã inteira, assim que eu saí da visita de Nicole, eu vim para cá.

— Mas está amanhecendo – eu disse considerando a cor alaranjada que os raios do sol projetavam na janela do quarto.

— Não, é final de tarde.

Olhei para fora e notei que não tinha idéia do que tinha acontecido nos últimos dias.

— O que foi que aconteceu com você? Lá?

— Não sei – eu disse – esperava que você pudesse me ajudar com isso.

— Eu também não sei – Violet explicou – você tinha me abraçado, então chamou o nome de Emily alto, e quando eu vi, estava caindo no chão. Eu não consegui te segurar, acabei caindo junto contigo.

— Me desculpe por isso.

— Por quê? Por desmaiar? Não é sua culpa. A médica disse que você estava fraco, anêmico.

— Verdade, havia alguns dias que eu estava apenas com café.

— Tinha que ser – ela falou exasperada – o mais adulto de todos se comportando como um idiota.

— Psssss – pedi que ela fizesse silêncio, o remédio ainda não tinha surtido tanto efeito.

— Ok, desculpe. Mas não repita isso novamente. Não imagina como fiquei preocupada... – ela falou, mas acrescentou – quero dizer, todos nós ficamos. Tamanho homem desses desmaiando, onde já se viu? Quem ia pagar meu salário? – ela sorriu ao final.

— Com certeza James o faria – eu disse.

Minha vista pesou um pouco, o remédio que aliviou minha dor de cabeça também dava sono, talvez por isso eu tenha ficado tanto tempo dormindo. Cochilei um pouco, mas nesse pouco tempo de sono, eu dormi bem.

Sonhei com Nicole, ela estava nos braços de Violet e eu ao lado delas. E Emily ao fundo observava a cena que parecia ilustrar uma família feliz, ela era quase uma mancha na parede, mas ainda estava lá.

Quebrando os hábitos?

OK, já era hora de colocar minha vida nos eixos. Como eu perdi a audiência, por ter sido hospitalizado, James foi designado para o caso às pressas. Eu sentia vontade de pegar aquilo tudo e jogar para o alto. Sinceramente não aguentava mais a pressão que aquilo estava exercendo na minha cabeça quando o que eu mais queria era pegar minha filha nos braços e não sair do lado dela.

Infelizmente a vida de advogado no escritório de Direito Comercial mais famoso de East Valley não era apenas brilho e honrarias.

Eu não poderia visitar Nicole no final de semana, que tinha chegado rápido e imperceptível, e então tive que ficar em casa, trancado com meus processos não lidos na semana, com a saudade e a presença de Emily por todos os lados.

Em pouco tempo eu falaria com Vivian, eu queria saber o motivo de ela ter ficado tão quieta esses dias. Também com Matheo e com Violet, para falarmos sobre o progresso no processo de retomada da guarda de Kevin.

Certo, minha vida nunca esteve rodeada por tantas pessoas como estava agora. Eu teria que tentar organizar uma agenda para ter espaço para conversar com todos.

— Onde está Vivian? – perguntei para Matheo assim que desci as escadas, apenas ele estava tomando café.

— Terapia – ele falou com a boca cheia de alguma coisa indistinguível – um casal tão recente já precisando de terapia.

— Eu concordo, isso é lamentável.

— A culpa é de Vivian.

— Sério? Tem o diagnóstico do que está acontecendo com eles em alguns dias também? – perguntei descrente.

— Claro! – ele falou sem tremer – Ela está passando por isso porque a escolheu James e não a mim. Eu faria da vida dela uma festa!

— Pelo amor de Deus! Come calado que calado tu ainda está errado.

Ele sorriu, mas acrescentou:

— Cara, eu não sei o que está acontecendo com eles. Sério, se eles se separaram o casamento dele vai durar menos do que muito dos meus namoros.

— Separar? – perguntei – por que falou isso?

— Pobre Nicholas, às vezes eu penso que você está a par de tudo e às vezes vejo que não parece estar neste planeta.

— Para de tentar fazer piada de tudo e me diz logo por que citou separação?

— Bom – Matheo deixou de lado o que eu notei ser um sanduiche de atum e tomou os últimos goles de um suco verde que definitivamente não combinavam – conversei com Vivian, ela está apagadinha esses tempos.

— Quando conversou com ela?

— Todos os dias, acho – ele deu de ombros e explicou – James está no escritório até tarde, e ela fica sozinha. Quando está sozinha eu e ela saímos sempre para dar uma volta pala propriedade. Eu adoro a visão daquele lago à noite.

— Vocês dois, sozinhos?

— Sim, qual o problema?

— E você não tenta nada?

— Que tipo de idéia faz de mim? – ele perguntou com um ar mais brincalhão do que ofendido – puxa vida, eu pareço tão não confiável?

— Parece.

— Certo – ele continuou – não fizemos nada de errado, e eu tenho me comportado como o gentleman que sou, ouvindo-a apenas, e aconselhando.

— Você dando conselhos? – perguntei incrédulo.

— Até caras como eu tem alguns conselhos para dar. Enfim, ela disse que eles lançaram a idéia na terapia. Sabe, eu acho que eles estão certos.

— Como se separar pode ser certo? – perguntei – você não deve fazer idéia do que significa um casamento para dizer uma coisa dessas.

— Ou, ou, ou – ele ergueu as mãos para que eu parasse de falar – eu ainda não terminei. Eu acho – ele falou num tom firme para que eu entendesse – que eles são melhores namorando. Você lembra bem, parecia que o fogo deles nunca acabava. A aliança foi o extintor que apagou essa fogueira. Eu acho que eles nunca deveriam ter casado. Se continuassem do modo que estavam, estariam melhores agora.

Apenas ouvi as frases de sabedoria que Matheo lançava, não é que de vez em quando ele tem algum juízo mesmo?

— O casamento deve ser uma coisa incrível, e tal – ele disse – mas não foi feito para eles. Eles deveriam ter namorado um bom tempo, se conhecido melhor, viajado, puta que o pariu, viajar é o máximo. Esse tempo iria construir algum elo entre os dois, e o casamento seria consequência que poderia vir ou

não. Agora, com esse pedaço de metal no dedo, eles têm a obrigação de gostar um do outro. Por quê? Por que tem um pedaço de papel assinado pelos dois que os obriga a isso.

Acho que o apocalipse se aproxima, ou alguma outra tragédia maior. Por que, pelos céus, Matheo tinha razão.

— Alguém está evoluindo – eu disse e ia saindo.

— Aonde você está indo?

— Vou chamar Violet, precisamos falar sobre o processo, você vai nos atualizar ainda hoje, não?

— Se quiser – ele deu de ombros – achei que faríamos isso depois do almoço.

— Tenho algumas coisas para fazer à tarde, prefiro terminar tudo agora.

— Como quiser, você está pagando.

Saí da casa e fui até a casa ao lado. Bati à porta.

— Violet?

— Nicholas – ela abriu a porta, parecia até que estava até me esperando – não adianta né? Eu tento te dar algum espaço, mas você sempre corre para mim?

Ela fez o gesto para que eu entrasse outra vez. Sentei no sofá e ela não sentou ao meu lado, puxou uma das banquetas da cozinha e se sentou, ficando um tanto mais alta que eu.

— O que o traz aqui? – ela falou e chutou os coturnos sujos de barro para longe de si, sujando o tapete da sala inteiro – espero que não tenha sido apenas a minha companhia agradável.

— Para agradável ainda falta um pouco.

— Tá bom. Então, todas as manhãs, você se dá ao trabalho de vir me chamar aqui, por causa da minha desagradável companhia. OK.

— Eu não descreveria melhor – brinquei e sorri de volta – Matheo quer se reunir com você daqui a pouco – eu disse – ele está com alguns avanços quanto ao seu processo, precisamos nos atualizar.

— Eu sei – ela disse apontando para mim – e a bela adormecida aqui achou de dormir três dias "in a roll" e não nos deu paz.

— Eu não fiz de propósito.

— Eu sei, relaxa.

— Estou relaxado como nunca – eu me levantei – agora vamos, Matheo está esperando, e aposto que você está com tanta ansiedade para saber como andam as coisas quanto eu.

— Preciso de uma opinião – ela disse-é uma coisa séria.

— Ok, prossiga.

— Matheo me disse que eu deveria mudar pelo menos um pouco minhas roupas para as audiências futuras. James e Vivian me levaram para fazer compras. E você é muito tapado para não notar que eu mudei o cabelo.

Era verdade, e eu realmente não tinha notado a mudança. A cor fora embora dando lugar a um louro natural, alguns tons mais claros que o louro do meu cabelo.

— Seu cabelo ficou ótimo.

— Ah, não seja mentiroso. Você não teria nem observado se eu não tivesse dito.

— Mas é verdade, ficou – mexi nalguns fios – bem legal nessa cor de louro alguma coisa. Você cortou ele também, não foi? O corte caiu bem em você.

— Nossa! Agora eu já vi porque você é direto com as pessoas, você não

sabe mentir – ela disse – eu não cortei nem um centímetro desse cabelo.

— Vamos sair daqui antes que eu passe mais vergonha.

— Não, ainda não – Violet disse e colocou a mão no meu peito me levando para trás – você ainda vai me falar o que achou do visual que eu montei – senta aí.

Ela me empurrou no sofá e foi para o quarto. Eu fiquei na sala, sozinho, não conseguindo parar de pensar no que tinha acontecido naquele dia, na porta da casa. Com o tempo, eu consegui montar o quebra-cabeças na minha cabeça, e lembrei do que tinha visto naquele dia.

Emily estava ofendida comigo, e o simples fato de eu estar aqui, agora, era um desrespeito a ela. Como eu poderia dizer que a amava do modo que amava se não sentisse a falta dela como nunca? Em duas semanas completaria três meses da morte de Emily. Três meses. O que era muito menos do que eu tive que esperar para ganhar o primeiro beijo dela.

Levantei do sofá antes que Violet voltasse e fui para minha casa. Matheo estava do lado de fora, tomando uma dose de uísque.

— Eu preciso – eu disse e ele me estendeu o copo. Eu não tinha tomado uma bebida em séculos, e o líquido quente desceu rasgando minha goela e aqueceu meu estomago vazio.

Estendi o copo vazio para ele.

— Vai com calma! – ele disse – só esse, não vou te deixar ficar bêbado.

— Eu não quero ficar bêbado, só quero espairecer.

— Onde está Violet?

— Está vindo – eu disse – estava se arrumando.

— Hum...

— O quê?

— O quê o quê?

— O que foi esse hum?

— Posso ser sincero mesmo? Mas sincero do tipo que você gostaria de mandar pastar depois de ouvir a verdade?

— Pode, é claro.

— Eu sei que você está me pagando para defender Violet, e tenha certeza, estou fazendo o meu melhor pela senhorita Nella Sue.

— Continue – pedi.

— Mas eu estaria sendo um puto de um mentiroso se dissesse que confio nela.

Virei de frente para ele e ele fez quase o mesmo movimento.

— Por que não confia nela?

— Não sei, ainda não sei ao certo. Mas Violet não me parece ser uma pessoa tão legal quanto quer parecer. Dizem que as mulheres tem um sexto sentido, vai que eu já dormi com tantas mulheres que adquiri um.

— Eu nunca ouvi tanta merda junta na mesma frase. – eu disse – Eu acho que você só está falando isso por que ela te deu um "passa para lá" no primeiro dia que a conheceu. Se fosse o contrário, quero dizer, o contrário não, mas se ela tivesse aceitado sua investida, ela seria a melhor pessoa do mundo.

— Cara, já reparou como você a defende? – ele perguntou – já viu como você quer que todos estejam de bem com ela, que todos a aceitem e que todos a vejam do mesmo modo que você?

— Eu não faço isso.

— Faz sim, e está tão envolvido com essa idéia que tem dela, que nem consegue notar que pode estar sendo manipulado. Só posso dizer uma coisa.

— O que?

— Eu não confio. Não sei, estou com as minhas reservas.

Matheo sempre se deu bem com todo mundo. Desde o presidente das empresas para as quais trabalhávamos até o courier, ele sempre se deu bem com todo mundo. Todas as pessoas que o conheciam também gostavam dele imediatamente. Para ele não gostar de alguém, a situação devia ser bem grave.

Eu ainda não tinha lido todo o processo de Violet, talvez existisse alguma coisa ali que o tenha feito ter essa opinião. "Dado" como era, Matheo nem mesmo tinha inimigos (exceto pelos maridos das mulheres casadas com quem ele dormia de vez em quando, do qual um deles ainda ficou amigo dele nesses clubes privados da vida) e quando tinha, era nos tribunais.

Eu me via tentado a crer na palavra de Matheo, que era meu amigo desde sempre, ou acreditar no que eu via, no quanto Violet vinha evoluindo.

Eu já estava dividido em muitos pedaços pequenos desde que Emily partiu, eu não queria ter que me dividir mais ainda. Por enquanto, eu conservaria a idéia que tinha de Violet, se eu conseguisse, mais tarde, antes de dormir, eu pegaria uma parte do processo dela para ler, e passaria nisso o final de semana.

Quem sabe as respostas que eu procurava não estavam alí?

Concede-me a honra desta contradança?

— Matheo disse que você queria falar comigo — Vivian disse após entrar no escritório — é verdade?

— Sim — eu disse – por favor, sente-se.

Vivian puxou uma cadeira e sentou ao meu lado; — O que está fazendo?

— Lendo o processo de Violet.

— E como está indo?

— Bem, se eu não desmaiar outra vez eu termino até a terça-feira.

— Não tem jeito de ler só apenas as partes importantes – ela perguntou

apontando para todo o material sobre minha mesa – isso é coisa demais...

— Todas as partes são importantes – expliquei – mas sou eu quem faço as perguntas aqui.

Deixei os papeis à minha frente em cima da pilha de papéis lidos, e me virei de frente para ela, fiz o mesmo com a cadeira dela (giratória) e então peguei nas mãos dela para falar.

— Vivian, você confia em mim?

— Claro, que pergunta sem sentido.

— Você sabe que eu confio em você também, certo?

— Certo – ela assentiu sem saber ainda aonde tudo aquilo iria nos levar.

— Você sabe que eu a adoro demais, não sabe?

— Uhum, sei.

— Sabe mesmo? — reiterei a pergunta.

— Claro – ela deu de ombros e me olhou com a cabeça um pouco virada para a direita, como uma criança curiosa.

— Então porque não me contou que a terapia com James não estava dando tão certo quanto quis fazer parecer?

Vivian retirou as mãos de dentre as minhas e se recostou de volta no apoio da cadeira.

— Quem te contou isso?

— Quem você acha que me contou isso?

— Matheo...

Ela falou baixinho, parecia realmente zangada.

— Não é que eu ache que você tenha que contar qualquer coisa para mim, mas é que eu realmente me senti ofendido por você ter mentido para mim.

— Eu não menti apenas para você, Nicholas — ela falou num tom estranho – menti para mim também. Eu achei que estava tudo bem, ou melhor, eu quis acreditar que estava tudo bem, mas não estava.

— E o que pretende fazer?

— Vou me divorciar – ela disse – James me perdeu há muito tempo. Eu posso parecer estar sendo dura, eu sei, mas eu acho que se ele quiser mesmo alguma coisa comigo, ele vai ter que começar do zero.

— Vivian, eu acho isso uma tremenda bobagem. Eu não acho que essa seja a melhor solução, vocês foram a quantas sessões? Não foi nem meia dúzia.

— Esse é o problema.

— Qual?

— Eu não estou casada nem há um ano e já está acontecendo isso tudo, ele já mostrou suas prioridades. Ele já mostrou que sempre vai colocar tudo antes de mim. Desde o trabalho até ele mesmo. E eu não quero ser a mulher que vai ficar esperando ele chegar na hora que bem entender para conseguir um ou dois carinhos – ela balançou a cabeça negativamente – não, eu não nasci para isso.

— Achei que não era tão grave assim.

— Mas é.

— Não há meios de você desistir disso? – eu perguntei – quero dizer, ele não pode fazer nada para se redimir?

— Eu já tentei tudo, agora vou tentar a distância. Eu tenho dinheiro agora, eu posso muito bem sair em viagem pelo mundo — ela se corrigiu — quer dizer, pelo mundo não, a loja ainda não está rendendo tanto, mas eu poderia ir até Seattle, eu sempre quis conhecer Seattle.

— Seattle, uma das cidades mais frias e chuvosas dos Estados Unidos — eu disse — e você, não parecem ter sido feitas uma para a outra.

— Quem sabe eu alegro aquela cidade, ou sei lá... Eu vou acabar não indo mesmo. Eu apenas gosto de pensar nessa possibilidade.

— Não há realmente nada que eu possa fazer?

— Bom, a não ser que você possa dar um pouco do seu jeito comprometido para James, eu não acho que tenha muito que você possa fazer.

Vivian não era assim, nunca foi assim. Mesmo com todos os problemas que ela teve na vida, e não foram poucos, ela nunca se deixou abater, e ultimamente parecia que ela nem mesmo queria lutar. Vivian estava calada, quieta demais, e eu não quero me fazer repetitivo, mas preciso ressaltar, menos alegre. Alegria era como Vivian poderia ser descrita, pelo menos era como eu a enxergava. "Uma bailarina se equilibrando e dançando entre brasas ardentes" foi assim que

Emily a descreveu numa poesia. E eu nunca consegui enxergá-la de outra forma.

— Sabe... — ela recomeçou a falar — quem sabe se eu pudesse entrar na cabeça dele, na mente dele... Quem sabe eu poderia entender o que ele sente, por que do jeito que tudo está andando, a tendência é piorar. Quando eu me casei, e para que droga eu fui fazer isso, eu queria o que você e Emily tinham. Eu queria ser venerada como você fazia com ela, queria me sentir amada como ela se sentia em todos os momentos, estando ou não você por perto, mas eu não tive. Eu achei que eu receberia de James aquilo que eu mesma precisava ter por mim.

— Eu lamento tanto por ouvir isso — eu disse — tem certeza mesmo — perguntei mais uma vez — que não há jeito?

— Ah, eu não sei — Vivian falou — eu não prevejo o futuro.

— Você ama James?

— Mais que nunca. Acho que se eu não o amasse eu não estaria sofrendo tanto.

— Se você o ama, Vivian, lute. Casamento é isso, é ter que suportar o outro quando sua vontade é jogar um tijolo na cara dele. É acordar todo dia e pensar "que porra eu estou fazendo aqui?" e olhar para o lado e ver o amor da sua vida com um fio de baba escorrendo da boca — continuei, meu plano de fazer Vivian sorrir estava funcionando perfeitamente — Amar é isso, é se controlar o tempo inteiro para não invocar Cerberus no meio da cozinha apenas para destruir a quem se ama.

— Para de falar besteira — Vivian pediu com um sorriso que ia de orelha a orelha — eu nunca vi você fazendo isso para Emily.

— Não, mas acho que ela fazia para mim. Não esquece, já fui casado antes dela, pode ter certeza, eu sei o que é um casamento acabar por falta de amor e garanto que esse não é o caso de vocês.

— Tudo bem — ela disse — eu não quero falar mais disso.

Quando os sorrisos cessaram, olhei no fundo dos olhos dela e não encontrei mais do que um corpo vazio e a abracei forte. Independente do que acontecesse, ela sempre teria meu carinho e meu respeito. Ela era como um ouro purificado que passou pelo fogo e que agora deveria estar resplandecente, mas não ficou.

Vivian não chorou, não esperneou e não se irritou. Apenas deixou que a verdade chegasse aos poucos e a abraçasse num gesto amigo. Ela acabou se rendendo a essa tristeza profunda que nasce no peito quando se tem o objeto amado, mas não a prova seu amor.

— Você quer me ajudar? — perguntei para ela tentando distraí-la.

— Que horror, Nicholas, eu aqui chorando as pitangas e você me dando trabalho.

— Isso vai te distrair — dei o meu melhor sorriso.

Peguei uma pasta e dei para Vivian, não tinha muitas folhas, só umas cento e cinquenta, e estendi uma lupa e um marcador de texto.

— O que eu tenho que fazer? Colorir figurinhas?

— Não — eu pedi — você vai ler as primeiras linhas de cada paragrafo, se estiver falando sobre Violet, você vai marcar um "x" para mim do lado da folha.

Entendeu?

— Mais simples impossível.

— Quer silêncio ou posso colocar uma música.

— Música? -Vivian disse — Espera, eu já sei — ela sugeriu — Debussy, Mozart, Bach ou Heinrich Schütz, Johannes Brahms?

— Muito bem informada — eu a elogiei — gostei de ver.

— Obrigada — ela piscou um olho para mim — então, o que vai ser?

— Surpresa — eu disse e conectei meu celular por bluetooth à saída de som do home. Assim que o som começou a se espalhar pelo ambiente vi um sorriso brotar novamente dos lábios de Vivian.

— Não é possível!

Estendi a mão para ela e assim que ela pegou minha mão a puxei de uma vez para perto — é possível sim, vamos esquecer o trabalho só um pouco, desde que você me prometa.

— Que eu prometa o que?

— Que vai tentar manter esse sorriso no rosto sempre.

— Eu posso tentar é não te dar uns cascudos nessa cabeça.

Sorrimos, e depois que Barry White começou a introdução da música, Vivian deu alguns saltinhos de alegria.

— É a música que dançamos no casamento! Não acredito, como sabia que precisaria?

— Um homem de verdade sempre anda preparado — eu disse e pisquei um olho para ela. Estendi o braço e a afastei um tanto de mim, puxando-a de volta para mim com um gesto delicado para que ela voltasse fazendo o giro à direita.

— Isso é incrível — ela disse.

Eu deslizei a mão pela costa dela, educadamente parando antes de chegar ao quadril e juntei a mão dela no meu peito e falei baixinho: — A mágica só acaba se você quiser que ela acabe.

Mais um giro, que Vivian não estava preparada e errou, puxei-a de volta para mim sorrindo.

— Você não sabe dançar — eu disse.

— Sei muito melhor que você, pode ter certeza.

Eu nem mesmo tinha notado quando James apareceu e ficou nos olhando da distância da porta. Apenas o notei falou depois que nós terminamos.

— Muito bem, quando cansar de flertar com minha mulher, poderemos falar sobre a vinda de Nicole para casa.

Não me deixei contaminar pelo mau humor dele. Baixei o volume da canção e fiz o gesto para que ele entrasse. Quando ele sentou ao lado de Vivian, ela, que estava ligeiramente mais contente, puxou o rosto dele para um beijo e depois sussurrou alguma coisa para ele que eu não ouvi.

— Então — eu disse — você falou sobre a vinda de Nicole?

— Sim — James confirmou e manteve-nos interessados — ela vai ficar apenas mais duas semanas no hospital. O corpo médico disse que ela esta deglutindo bem, não precisa mais de respirador e, cá entre nós, ela é uma Carter, ninguém nos derruba facilmente.

— Isso merece outra dança! — Vivian disse e se levantou, me levantei junto.

— Ok, amigo — James disse num ar brincalhão — se quer dançar agarrado de novo, vai ter que ser comigo.

Por que me importo tanto?

Para uma noite que terminou maravilhosa, o dia seguinte começou uma merda. Passei a madrugada lendo o material que Vivian, James e eu terminamos de compilar juntos, e as notícias não eram nem um pouco animadoras.

Violet tinha mentido outra vez, sobre muita coisa. Coisas que ela sequer tinha sugerido mencionar. Matheo e eu quebrando a cabeça com estratégias, redigindo documentos, pensando em defesas para ela, quando na verdade nosso maior trunfo estava fundado sobre areia.

Violet teve psicose pós-parto. Ela realmente quis matar o filho dela, Kevin. Mas, além disso, nada do que ela contou era verdade. Dave quis ajudá-la, pelo menos é o que consta nos relatórios. E os pais dela tentaram ajudá-la, bem como os sogros, mas ela não quis se submeter ao tratamento.

Eu tinha investido tanto do meu tempo e da minha vida para ajudar alguém que não conseguia parar de mentir, e isso era inadmissível.

Dessa vez não fui até a casa dela, pedi que Matheo a chamasse, quando desci com os papeis que eu tinha separado, ela já estava sentada na sala, me aguardando perto de Matheo, que massageava a têmpora sem parar (provavelmente tinha adquirido meu costume ao passar pelo mesmo tipo de

estresse que eu passo).

— Bom dia, Nicholas — ela começou com os cumprimentos — espero que seu dia esteja sendo melhor que o do seu amigo aqui.

Eu provavelmente iria fazer um buraco no chão de tanto andar de um lado para outro. Eu não estava apenas bravo, eu estava irado. Por isso, antes de perder a razão eu conferi mentalmente até cinquenta, o que me ajudou a ficar mais calmo.

— Não, Violet, não está sendo um bom dia.

— Que pena para você, eu dormi muito bem.

— Sabe por que eu não dormi bem, Violet? — perguntei, ela negou desinteressadamente — por que não dormi apenas lendo as quase três mil páginas do processo que envolve a guarda de Kevin, e sabe o que eu descobri?

— Não faço idéia.

— Descobri que você é uma mentirosa contumaz — falei irritado — todas essas páginas, todas essas aqui — eu joguei as folhas na mesa de centro, e elas se espalharam por todo a mesa, algumas caindo sobre o tapete felpudo sob esta — todas elas provam que você esteve mentindo para mim esse tempo todo.

— Eu não sei do que está falando — Violet disse — eu não sei o que esse monte de papel disse para ti, mas eu sei o que aconteceu comigo, e eu sei o que eu te contei.

— É mesmo? — eu peguei um dos papeis do chão, eu poderia ter escolhido qualquer um deles — então quer dizer para mim que esse papel aqui não fala sobre a primeira vez que você foi internada numa clínica psiquiátrica e fugiu para não se submeter ao tratamento? — eu amassei o papel numa bola e joguei na direção dela.

— O que?! — ela questionou não entendendo sobre o que eu falava.

— Ou esse aqui? — eu falei pegando um dos papeis de sobre a mesa - vejamos — eu li o paragrafo sublinhado e resumi — ele não diz que você fugiu da casa dos pais para não contar a eles que estava grávida, e por isso abortou o primeiro filho numa clínica clandestina?

— Essa parte é verdade, mas não foi por isso que eu fugi, eu fugi por que eu não queria ter aquele filho. Por isso eu fui a uma clínica clandestina, eu não tinha dinheiro para pagar uma clínica legalizada.

Eu não queria acreditar em uma palavra, mas ao mesmo tempo eu precisava ouvi-las. Eu não queria acreditar que eu tinha colocado tanta fé em alguém tão dissimulada.

— Muito bem, eu vou sentar e, por favor, faça o mesmo — eu pedi. Olhei para Matheo que apenas me olhava, com o rosto segurado na mão, com um olhar que sugeria "eu te avisei".

— Violet — ele começou a falar, finalmente — eu não quero me irritar tanto com você quanto Nicholas. Mas entenda, eu sou seu advogado de defesa, eu preciso saber contra o que exatamente estou te defendendo. Você precisa saber que sou eu quem vai tentar convencer um juiz a te dar o direito de estar ao lado do seu filho outra vez. Como eu poderei fazer alguém confiar em você se eu mesmo não confio?

— Isso já não é comigo.

— Como não pode ser com você?! — perguntei irritado. Matheo fez sinal

para que eu ficasse calado e deixasse o trabalho para ele.

— Violet, por favor, conte-nos a verdade, toda a verdade.

— Eu não sei que verdade vocês querem que eu conte, se eu já contei tudo o que sei.

— Violet, pelo amor de Deus, pare de mentir e assuma seus erros. Você achou...

— Achei o quê, Nicholas?! Achei o que? Se atreva a falar mais alguma coisa desrespeitosa sobre mim e sumo da sua vida para sempre.

— Então, por tudo que há de mais sagrado, por qualquer coisa que acredite, por que não contou que já tinha sido internada. E não uma, mas duas vezes? Por que não disse? Por que omitiu isso?

— Eu não omiti nada, Nicholas — ela disse — eu não tinha como omitir ou mentir sobre uma coisa que eu não lembro.

Matheo fez um rosto tão confuso quanto o meu. Olhamos um para o outro e então para Violet. Ela continuou a falar: — Eu me lembro da parte que fugi da casa dos meus pais, vocês tem razão, eu não era nenhuma santa. Eu interrompi minha gravidez, eu conheci os pais de Dave. Depois que os pais dele descobriram que eu não tinha pedigree, eles ficaram contra mim. Dave é um filho da mãe e um puto de um interesseiro, ele jamais iria ficar contra os pais por minha causa. E eu era quem? No tempo que namoramos, eu não morava com eles, então eles não tinham como saber quem eu era, eu só fui para lá quando eu engravidei a segunda vez.

— Que você mentiu sobre ao dizer para nós dois que tinha fugido e deixado seu bebê vários dias sozinho.

— Não, para mim eu não menti. Tudo que eu te contei é verdade, eu já disse. Eu fugi daquela casa, eu me lembro disso como se fosse hoje. Eu lembro de tentar voltar para lá, eu lembro que eu tentei ver meu filho algumas vezes, mas é só. Eu não me lembro de ter sido internada como vocês estão falando.

— Não, Violet — falei, meu tom irritado não tinha mudado nada — não estamos simplesmente falando, aqui — eu apontei para os papeis — são provas, tudo isso aqui é prova de que você foi internada por que não tinha capacidade de cuidar de seu filho.

— Isso é o que diz aí, mas como eu posso saber se é verdade se eu não lembro? Eu tentei várias vezes, várias e várias vezes provar que isso é um bloco

vazio na minha memória, mas ninguém acredita. Eu achei que você fosse acreditar em mim.

Ela me olhou com olhos de súplica, mas eu não estava nem um pouco com vontade de ser legal naquele momento. Eu queria saborear a decepção.

— Bom, Violet, — Matheo disse — tendo em vista o que nos foi exposto, eu preciso dizer que isso lança uma nova luz sobre o processo. Ele tornará as coisas mais difíceis.

— Quer dizer que eu não vou mais poder ver meu filho? — ela disse e não conseguiu conter o choro.

— Não — Matheo disse — quer dizer, qualquer mãe tem direito a ver seu filho. Infelizmente temo que as visitas não serão mais semanais, mas quinzenais, e todas supervisionadas.

Violet cobriu a boca com a mão e soluçou baixinho.

— Eu vou precisar de mais algum tempo, mas vou tentar te ajudar — Matheo disse, mas soava incrédulo.

Violet o abraçou forte e chorou um pouco contra a camisa dele, deixando uma mancha na camisa cinzenta de flanela.

— Nicholas... — ela virou para mim e começou a falar, mas eu a interrompi.

— Não, Violet. Por favor, eu preciso de um tempo para absorver isso tudo. Você poderia ter mentido para qualquer um, qualquer um mesmo, mas não para mim.

— Eu já disse...

— Não me importa, não me importa se você lembrava ou não lembrava, você tinha a obrigação de me contar o que sabia sobre todo o processo.

— Tá bom, Nicholas, já chega — Matheo disse — vai para o teu quarto, já

está esquentado demais.

Levantei emburrado e subi as escadas. Ouvi Matheo convidando Violet para o almoço, mas ela recusou. Eu também estava totalmente sem fome. Entrei no meu quarto, passando pela antessala e indo direto para a cama, tomando o cuidado de trancar a porta com chave, e fiquei alí deitado.

Eu nunca me senti mais imbecil em toda a minha vida.

Talvez eu seja apenas um soldado caído, que na guerra da confiança, perdeu o coração e quase não sentiu. Eu tentei lutar lutas que não eram minhas, por pessoas que não eram nada para mim, e para que? Para ver minha consideração ser vilipendiada desse jeito?

Talvez eu precisasse destas feridas, para que assim eu soubesse me fechar mais, não confiar tanto mais, e não ser mais o panaca que sentia que eu estava sendo.

— Oh, minta para todos, Nicholas, mas não para mim que sou sua outra metade. Seu coração se foi mas o sangue ficou como lembrança.

— Quantas mentiras ainda estão ao meu redor? — perguntei quando o sorriso de Emily se desenhou no meu devaneio — eu mesmo me perco em minhas próprias verdades. Se pelo menos você estivesse aqui.

— Eu estou contigo, tua insanidade me traz sempre — ela deitou na cama ao meu lado e colocou a cabeça sobre meu peito — no ápice da tua loucura eu sempre virei correndo para ti.

— Como eu pude acreditar em palavras vazias, Emily?

— Eu tentei avisar, ela não é boa, não é para ela que você deve correr, é para mim. Não viva por algo que só te enfraquece.

— Eu sinto sua falta, tanto... tanto...

— Eu estou aqui — ela sussurrou contra meu peito.

— Eu não posso te tocar...

— Como não? Meu sorriso sempre será teu, mesmo no escuro, sorrio para ti com minha alma.

Aquela sensação estranha

— Olha, você sabe que não sou um fã de carteirinha da Violet – Matheo me dizia – mas você não pode simplesmente ignorá-la. Você não sabe o quanto é horrível vê-la se aproximar de você, tentar cumprimentá-lo e você simplesmente dar as costas e sair como se ela não existisse.

— Eu queria não ter que fazer isso – eu falei sem lhe dar muita atenção. Eu queria terminar de ler a tonelada de papel que se amontoava na minha frente. Eu queria ligar para a decoradora para que ela adaptasse o quarto de Nicole para que ele a acomodasse bem, isto é, se tivesse alguma coisa para ser mudada, (já que os móveis, e todo o arsenal que Emily tinha comprado, estavam novos e intocados). Eu queria fazer qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, mas eu não queria ter que falar sobre Violet na manhã seguinte, bem cedo, quando eu sequer tinha dormido de tanta raiva que eu estava.

— Nicholas, eu estou falando com você, dá para olhar para mim?

— Feliz agora? – virei para ele com um ar irritado – não demora, eu quero e preciso terminar isso aqui.

— Não dá uma de zangado para cima de mim, primeiro. Segundo, eu tenho que me desculpar contigo por estar te atrapalhando. E terceiro, você está

zangado demais. Veja bem, eu sei que ela não agiu de forma correta, mas daí a rechaçá-la?

— Eu não estou rechaçando ninguém.

— Está sim. E você sabe, ou vai se fingir de doido agora?

— Ok, Matheo. Que merda você quer que eu faça?

— Temos que sentar, nós três, Violet, você e eu, e falar sobre esses pontos do processo. Eu não quero ficar feito um idiota tentando reconciliar vocês dois, e eu não vou ficar.

— Você é o advogado dela, você faz isso.

— Eu até faria, se não soubesse o quanto isso parece importante para você.

— Nada do que diz respeito a ela é importante para mim, não mais.

— Você tem noção que está agindo como uma pessoa que você não é?

— Não, Matheo, não tenho essa noção. Já terminou? Eu quero ficar só.

— Não, eu não terminei.

— Então o faça logo.

— Você não acha que se importa demais com o que ela fez ou não no passado? – ele perguntou – porra, Nicholas, dá para ver que você possui algum interesse nela. Eu sei o que te falei quando cheguei aqui, mas também não quero te ver desse jeito de agora. Se for preciso, se é para você ficar bem, dê uma chance a ela para se explicar. Ela diz que não lembra, e se for verdade? Eu vou assistir de camarote quando você for pedir desculpas a ela com uma cara de lesado.

— Isso não acontecerá, uma pessoa que mente uma vez, mentirá outras.

Você sabe, eu não suporto isso.

— Ninguém está pedindo para suportar, mas para ouvir. Precisaremos entrar em contato com as clínicas onde supostamente Violet esteve internada.

— Supostamente? Você viu os relatórios psiquiátricos. Ela se negava a tomar a medicação, tendo que ser feito á força diversas vezes, ela ficava chamando a noite inteira pelo filho, acordando a todos os internados. Ela não tentou asfixiar o filho dela, ela o fez, mas a impediram de terminar o que estava fazendo.

— É difícil até para eu acreditar, mas ela disse que não lembra.

— E o que quer que eu faça? Que eu deixe Nicole aos cuidados dela? Mesmo sabendo que ela não foi tratada corretamente? Que eu ponha a vida da minha filha em risco?

— Não, eu não sugeri isso.

— Pelo menos um pouco de juízo.

— E o que vais fazer?

— Vou não, já fiz. Já anunciei em outro grupo que estou precisando de ajuda, assim que eu conseguir, eu dispensarei Violet. Eu me comprometi em ajuda-la no processo do filho, e isso continuarei fazendo, mas desde que ela esteja longe. Longe da minha casa, longe da minha filha, e longe de mim.

Matheo continuou me olhando algum tempo, me olhando com aquele mesmo olhar de quem tem certeza de alguma coisa. Ele balançou a cabeça e inquiriu: — Quando isso aconteceu?

— Isso o quê, porra? – ele e as suas perguntas intermináveis.

— Quando foi que ela passou a apresentar-se como uma ameaça tamanha, que ela tem que ficar longe de você para que você não a queira.

— O que? – perguntei estupefato – ela não é nenhuma ameaça.

— Pobre Nicholas – ele balançou a cabeça – eu sou seu amigo, se você ainda não enxergou não sou eu quem vai tentar fazer. Deixe que as coisas andem a seu tempo, seja com passos de lebre ou de tartaruga. Eu apenas não vou mais me meter. Se isso vai te fazer sair do estado quase depressivo que você se encontra, eu não vou mais tentar impedir.

— Do que está falando?

— Nulla, il mio vecchio amico – ele falou antes de sair e me deixou sozinho.

Eu tinha passado o dia interior quase inteiro sem me alimentar, o que contrariava as indicações dos médicos. Apenas as capsulas de vitamina não eram o suficiente para me dar saúde. Deixei o trabalho de lado e fui até à cozinha. Com uma armadura de irritação pronta para me ajudar a repelir qualquer tipo de contato com os outros, mas eu estava só. Não tinha ninguém na cozinha, pelo menos. Fiquei me perguntando como Matheo, que saiu só dez segundos à minha frente, já tinha sumido tão rápido.

Tomei um gole de café com um biscoito recheado que achei na geladeira e sentei-me no sofá da sala. Peguei o controle remoto do cesto de vime sobre a mesa de centro e liguei o som ambiente. Rhye – the fall. Essa música tinha se tornado um vício.

Fiquei alí quieto, dois tempos, com os olhos fechados. Até que: — Nicholas! – a voz de Vivian me retirou do meu estado de relaxamento, num grito.

— Que susto, Vivian! – eu reclamei um pouco, mas ela estava feliz, e isso me importava mais que meu coração quase saltando pela boca.

— Cadê todo mundo? – ela perguntou.

— Eu não sei, achei que você soubesse – ela disse – eu estava no lago, pensando na vida, quando vim para cá te encontrei assim.

Ela deslizou pelo sofá e sentou ao meu lado, esticando as pernas sobre meu colo e apoiando a cabeça no braço do sofá.

— Eu estou com fome, o que tem para comer aí?

— Deve ter alguma coisa para descongelar – eu disse – também estou com fome.

— Pizza? – ela perguntou – eu ligo, você paga.

— Ok.

Ela se esticou e pegou o celular dela que ela tinha colocado sobre a mesinha de centro e eu segurei a perna dela para que ela não caísse. Ela fez o pedido, e ficamos os dois quietos, relaxando, ouvindo a música e deixando que o silêncio falasse por nós. Até ela quebra-lo novamente.

— Sabe...

— O que? – perguntei depois de abrir os olhos novamente e olhá-la.

— Você tem razão.

— Em que?

— Casamento, relacionamentos – ela disse – eu gosto dele, eu não vou desistir sem tentar mais uma vez. Por mais que ele tenha uma cabeça mais dura que pedra, ele tem suas qualidades.

— Fico feliz por ouvir isso. Eu sempre achei que vocês combinam tanto, mas tanto. Que a idéia, de vocês dois separados, é inaceitável.

— Eu também pensava a mesma coisa de vocês dois... Você e Emily – como se tivesse tocado nalgum assunto sério demais, ela cobriu a boca – Oh, Nicholas, me desculpe, eu não queria trazer este assunto à tona agora.

— Não se preocupe. Sei que você não o fez por mal. Mas gosto disso.

— Do que?

— De saber que as pessoas não conseguiam me ver com outra além de Emily, que nós tínhamos sido feitos um para o outro. E mesmo que você não fale, ou mesmo que ninguém fale, dê uma olhada ao redor, além da música, e de vocês, é claro, a casa tem permanecido quieta, a cidade inteira tem permanecido quieta, tudo tem ficado quieto. Era ela que alegrava esta casa para mim, era ela quem fazia esse lugar afastado parecer uma casa.

— Você pode vendê-la, comprar um lugar que te traga menos lembranças.

— Não, – respondi calmamente, eu sabia que ela não o falava por mal – eu gosto das lembranças. Gosto de tudo que me lembra dela – como se para provar apontei para a escada principal – vê, foi alí que eu a vi, ao pé da escada. Com um vestido vermelho exuberante e incrível, que a fazia parecer de porcelana. Uma escultura viva. E alí – apontei para a cozinha – onde ela me disse por tantas vezes que me amava, e alí – eu apontei para a mesa de jantar – onde James e eu vivíamos trocando farpas quando ele descobriu tudo.

— Eu achava que ele iria matar você – Vivian sorriu gostosamente.

— Eu também – sorri junto – ele estava muito puto.

Calei-me um pouco, uma sensação estranha se apoderando de mim.

— O que foi? – ela perguntou.

— Não sei – eu disse – de repente me veio à mente uma coisa.

— Diga o que foi esta coisa.

— Emily está se tornando uma lembrança muito rapidamente. Eu queria que sentir aquela sensação de que ela iria aparecer a qualquer momento, mas não consigo. Eu não quero perder isso.

— Você não a está perdendo, está apenas se conformando.

Eu não queria me conformar, eu queria ter a idéia distorcida que em algum lugar Emily estava viva, esperando por mim. E não que ela era um quadro na minha parede de alguém que marcou minha vida. Quanto mais tempo passava e essa sensação perdida não voltava, mais eu me sentia vazio. Como se estivessem arrancando de mim uma parcela importante de minha porção no paraíso, como se eu estivesse sendo expulso de minha própria terra.

Eu não queria te deixar

— Nicholas... Nicholas... – outra vez ela estava me chamando do outro lado da porta. Minha vontade era de não responder e ficar quieto, deixá-la chamar até se cansar e ir embora, mas ao mesmo tempo eu tinha que ouvir o que ela tinha a dizer. Eu tinha que saber o que ela teria para falar, eu me importava, e sequer sabia o porquê disso.

Violet continuava me chamando, insistente, por detrás do obstáculo que eu coloquei entre nós.

— Nicholas, por favor, você tem que me ouvir...

Eu levantei silencioso, não queria que ela soubesse que eu me aproximava. Minha mão até pegou a chave na maçaneta da porta, mas eu não tinha disposição para abri-la. Se eu olhasse para Violet, eu não tinha como saber qual seria a minha reação.

— Você mentiu – eu disse e encostei a testa contra a madeira da porta, fechei os olhos com força, eu não deveria sequer estar respondendo, mas era mais forte que eu.

— Eu não menti – ela disse num tom baixo, e eu a imaginei na mesma posição que eu do outro lado – eu não lembro... O que eu lembro é exatamente o que eu falei. É exatamente o que eu disse.

— Violet... Os papéis estão repletos de provas, elas não foram aceitas apenas por mim, mas por um magistrado.

— Eu não sei o que têm aqueles papéis, eu já disse. Puxa, Nicholas, eu achei que você fosse diferente deles, eu achei que você acreditaria na minha palavra.

— E eu achei que você fosse diferente de...

Não tive a coragem suficiente para completar a frase. Como eu ousava compará-las? Afastei-me da porta, me apoiando a ela com as palmas das mãos e falei com voz dura.

— Por favor, vá embora – era isso que eu tinha que fazer. Afastá-la de mim, mas mal o pensamento me ocorreu na cabeça ele foi logo mudado. Nicole precisava dela, ainda. Nicole precisava de cuidados especiais e eu não poderia ser tão egoísta a esse ponto.

Se eu queria uma relação saudável entre ela e eu, eu teria que entender o que se passava. Eu teria, sim, mas ainda não estava pronto para enfrentá-la.

— Abre a porta, por favor. Deixa que eu entre outra vez... – ela disse, talvez tomando consciência da distância que tinha se interposto entre nós.

— Me dê um motivo apenas para abrir essa maldita porta, um apenas que me faça acreditar em você outra vez.

— Você já sabe, mesmo sem querer admitir.

— O que eu sei?

— Eu estou apaixonada por você, e você está tão apaixonado por mim quanto. Admita.

— Não... – eu disse – Não! Me desculpe, me deixe só.

Voltei para a cama e fiquei sentado à beirada dela. As mãos apertando forte a cabeça, em sinal de um desespero cuja razão eu desconhecia. E tentei não pensar em Violet, não pensar nas coisas que eu tinha lido, não pensar em nada, nem em mim mesmo, mas pensar apenas no que era meu ponto de equilíbrio.

— Você voltou para mim... – os braços de Emily me abraçaram por trás, e ela beijou-me no pescoço, quase na altura do maxilar. Os cabelos dela, ainda longos, negros como o mais puro entalhe de ébano, deslizaram macio pelo meu braço.

— Eu sempre vou voltar pra você.

Meu coração doeu, eu sentia falta de Emily, mas tanta, que no escuro do meu quarto, a minha imaginação desenhava o seu rosto e minhas alucinações me deixavam sentir seu corpo. Repentinamente, o beijo cessou e ela já estava à minha frente, com os joelhos no chão, entre as minhas pernas, com os braços apoiados na minha perna e a cabeça reclinada sobre eles docemente, me olhando.

Ela não disse nada, seu rosto se fechou novamente e ela não parecia mais estar olhando para mim, mas para algum ponto mais longe, algo terrível e doloroso que só ela poderia ver, mas não havia tristeza em sua expressão, apenas um pesar.

Eu me sentia torturado pela culpa e pela solidão, e mais aquele olhar dela, aquele olhar perdido e assombrado, estavam me tirando a razão. Toquei o rosto dela de forma leve, temendo dissipá-la como se dissipa a fumaça com dois acenos, mas ela não sumiu.

— Emily... – chamei-a, mas ela estava á deriva em seus próprios pensamentos, me deixando só num mundo de infelicidade e de tédio.

Eu era um abismo, um abismo que já nem percebia o amor que sentia por ela, e ela talvez sentisse isso. Eu era assombrado por minhas próprias sombras se projetando, o homem que eu fui e o homem que eu me tornava. Eu olhava para o rosto dela, de Emily, e olhava a devastação que eu causava. Viver, amar e morrer não parecia mais uma idéia tão não desejada.

— Vem para mim, há um mundo inteiro do outro lado – ela disse – teremos um mundo para nós dois. Do outro lado também se vive, sem dores, sem saudades.

— Tão jovem... Tão jovem... – eu comecei a chorar outra vez, lágrimas pungentes e contadas. Tentando buscar alguma razão para ficar. Nicole seria uma filha para James, eu tinha certeza. E Vivian seria um sopro de vida na existência dela. Eles seriam pais e tios, e eu não seria mais que uma lembrança longínqua como a mãe dela era.

— Nicholas, você não chora por mim – ela disse com a voz baixa, não em constatação, mas como se estivesse me explicando – tua tristeza não engana o fogo que não mais existe. Mas tudo bem, isso acalma e deixa da ponte mais próxima o pulo.

— Fui eu quem te afastei de mim – eu peguei o rosto dela com as duas mãos e a trouxe para mim – fui eu quem destruiu nosso amor trazendo outra para nossa casa, e agora estou perdido nas ruínas dele.

— Ruínas são belas, instigantes. Eu caminho contigo por elas sem medo. Você é a minha alma reencontrada, e talvez tenhamos sido moldados no mesmo barro, talvez estivemos juntos em outras eras, e eu só saberei existir por e para ti. Ainda que meus passos se percam, eu caminho pelo caminho que quiseres seguir, e eles nunca estarão confundidos. Nós nos reencontraremos nesta ou na próxima vida.

— Não me abandone... – eu pedi enquanto ela se dissipava.

— Eu estarei sempre fazendo acrobacias na linha tênue que separa a sanidade e a loucura.

Eu mal percebi que tinha dormido. Eu mal percebi que tinha sonhado.

Quando abri os olhos, com uma dor de cabeça terrível por ter chorado durante o sonho, eu ainda tentei me consolar de minha dor com o cheiro de Emily que inundava o ambiente, mas ele não estava lá. De alguma forma, depois que eu acordei, eu não conseguia mais sentir a presença dela no aposento.

Eu tentei, de todas as formas, resgatar ou evocar a imagem dela, mas sempre que eu tentava era outra imagem que se delineava em minha mente. Era outro jeito, outra voz, outro perfume. Usei das cartas, das poesias, mas mesmo nelas Emily parecia ter se despedido de mim para sempre.

Não, ele não tem mais medo, quando sente que o proteges...

Os meus passos estão seguindo para o abismo daqueles meus tão amados olhos da cor das avelãs.

E ainda que eu caminhe para a escuridão... Eu sei que ele estará segurando a minha mão...

No escuro fui deixada, e eu sei que ele caminha para ti... Cada passo que deu foi para ti...

— Você a ama, Nicholas? Quer sentir como é amá-la?

Ah, Nicholas, você não quer ser mais meu?

Talvez, eu não tenha sido nada para você...

Não sentes que tua ausência dói em mim?

Eu chamo teu nome, eu grito, eu fico presa dentro de você...

E você não me ouve, não me vê e não me toca...

Não te aconchega em mim e não me envolve...

Estás nervoso exatamente por isso... Queres tocá-la...

Se queres, vá! Ela será teu apogeu e tua perdição.

Você se vai... Tão breve quanto veio...

Ainda me amará então?

Ainda amará quem eu fui para você?

Com um choro do fundo da alma a senti me deixando só, e minha maior dor, não for ser abandonado, mas saber que eu a tinha abandonado primeiro.

Finalmente

Violet não cruzava meu caminho, eu não cruzava o dela. Parecíamos estar bem firmes nesse acordo silencioso mútuo entre nós dois, até que finalmente o dia em que precisaríamos nos falar tinha chegado. Nicole viria para casa, pela primeira vez em quase três meses. Eu não quero parecer ingrato, a doutora Maynard foi simplesmente fenomenal no tratamento de Nicole, e ela era a mais excelente médica da área, e foi a responsável pela evolução e estabilização de Nicole no começo do tratamento, mas o doutor Eddie e eu nos demos bem, o que não aconteceu com aquela.

Havia praticamente uma comitiva na frente do hospital. Eu tinha alugado uma minivan e colocado o bebê conforto ajustado para o tamanho de Nicole. Apenas duas pessoas poderiam entrar para buscar minha filha, fomos Violet e eu.

— Olha, se você vai andar ao meu lado é melhor desfazer essa cara de emburrado – ela falou – você não está indo para a forca.

— Eu não estou emburrado – eu disse calmamente – apenas fingindo que não tem nenhum problema ao meu redor.

— Então agora eu sou um problema?

— Nenhum... Problema... Ao... Meu... Redor... – repeti as palavras devagar e longe de fazê-la aquietar, a vi sorrir e dar alguns passos mais rápidos para andar até a minha frente – O que é? – perguntei.

— Adoro ver você tentando desse jeito – ela deu de ombros – vai que você consegue.

Andando de costas, como estava, para ficar olhando meu rosto, eu sabia que ela iria cair em pouco tempo, e foi o que aconteceu algum tempo depois, quando um homem arrastando um baldinho de limpeza abriu uma porta e, esticando o equipamento de trabalho para fora dela, fez Violet tropeçar.

Me apressei e estiquei os braços, puxando Violet de volta para a posição original. Eu não a puxei com tanta força, mas ela aproveitou o desequilíbrio para se apoiar em mim.

— Oh, meu herói! – ela falou perto demais, e eu percebi que ela usava um perfume muito bom. Ela arfou um pouco pelo susto e eu arfei um pouco pela proximidade repentina.

— Prefere que eu faça assim para sentir melhor? – ela inclinou o pescoço um pouco como se oferecendo aquele pedaço de pele para mim e eu a soltei.

— Vamos buscar Nicole, não precisamos prolongar isso mais que o necessário – eu falei enquanto colocava uma distância segura entre nós dois – tudo que eu quero hoje é ver minha filha, tudo bem? Você sabe que nas últimas semanas eu só a vi duas vezes.

— Tudo bem, pai do ano – ela colocou as mãos nas costas e se balançou um pouco para frente e para trás – eu prometo que não te provoco mais – ela piscou para mim – por enquanto.

Balancei a cabeça em desaprovação e andei até o quarto em que Nicole estava. James já estava me esperando lá, por isso não poderiam entrar mais pessoas, o limite de visitantes era três.

— Olha só quem chegou – James disse enquanto brincava com o dedinho de Nicole – o palhaço do teu pai. Não liga não – ele continuou a falar baixinho – eu sou mais bonito que ele, mas a cara dele não assusta.

Nicole nunca tinha me visto (ok, sei que a visão dos bebês ainda não é toda essa definição HD), devido à máscara, por isso me surpreendi com a fala dele. Me aproximei do berço metálico de hospital em que ela estava e vi-a embrulhada num amontoado de lã que eu descobri que era um casaco, e com uma touca na cabeça.

— Quem a vestiu? – perguntei.

— Quem mais? O tio dela – James disse – ela não parava muito quieta, mas depois que ela dormiu foi mais fácil.

— Ela acabou de dormir?

— Sim – James respondeu – mas vamos, eu já peguei toda a documentação. Você já fez os cheques para o hospital?

— Desde ontem.

— Pois então vamos, não quero deixar Violet nesse hospital mais tempo que o necessário.

James se levantou e pegou uma bolsa de bebê amarela e cheia de detalhes rosa, e colocou-a no ombro. Violet, que parecia saber melhor como cuidar de um bebê do que nós dois, me viu tentando pegar Nicole do berço, mas me impediu.

— Não, você acabou de vir da rua, estava dirigindo um carro alugado – ela explicou quando fiz uma cara de quem não entendia nada – bactérias, alôôôu? Lava as mãos primeiro e então vem cá que eu te ajudo.

Fiz o que ela pediu, quando voltei para pegar Nicole nos braços, o doutor Eddie entrou no quarto.

— Nicholas – ele me cumprimentou – isso mesmo, é muito bom que tenha feito a assepsia das mãos antes de pegá-la. O sol está quente lá fora, já a protegeram com bloqueador solar de formula infantil?

— Sim – James respondeu quando olhei para ele.

— Perfeito, não esqueçam de usar um guarda-sol ou uma manta para protegê-la dos raios solares.

— Já está em mãos – Violet disse retirando um guarda sol e um pano colorido que usaríamos para proteger Nicole.

— Perfeito – ele disse e se aproximou do berço – vou sentir falta dessa menina, ela é uma super-heroína desde que nasceu, além de ter se tornado uma linda garotinha.

— Obrigado, doutor – eu disse e me aproximei dele – eu tenho que agradecer muito, o seu desempenho foi extraordinário. Nicole e eu agradecemos muito.

Mexi no meu bolso e retirei uma pequena caixa em que eu tinha mandado embrulhar um presente para o doutor Eddie.

— Isto é para o senhor, não é nada muito excepcional, mas descobri que a minha enfermeira favorita era sua esposa, e eu falei com ela um pouco sobre você. Eu achei que gostaria disso. É uma bobagem, eu sei, mas eu queria muito dar alguma coisa para que o senhor não se esquecesse de nós.

O presente não era lá essas coisas, eu tinha gastado praticamente cem vezes o valor dele com os custos do doutor Eddie, mas era uma coisa que eu não tinha planejado e ele foi tão fenomenal com Nicole, que eu quis fazê-lo. Uma caneta Bentley e uma pequena placa com umas inscrições bobas sobre ele ser o melhor médico do mundo, e o salmo 130, que Vivian tinha mandado.

— Muito gentil de sua parte – ele agradeceu, apertou minha mão e demos um abraço rápido – eu espero não vê-los em um bom tempo.

— Nós também! – eu respondi imediatamente.

Voltei minha atenção para Nicole, a quem eu queria retirar dali imediatamente.

— Agora, sou eu e você, minha pequena – eu deslizei com cuidado a mão sob o pescoço dela e a outra a pegou no quadril. Trouxe-a para perto de mim e apoiei a cabeça dela na curva do meu cotovelo e a segurei o corpo dela com a mão do mesmo braço – Meu Deus, você está enorme – eu disse – e pesada, Meu Deus! Você está pesada e linda!

Violet me ajudou a colocar uma manta sobre meu braço para ajudar a aconchegá-la, deixando apenas o rosto dela livre.

— Nicholas, ela é muito linda – Violet disse – não parece em nada com o pai – ela me deu língua e eu sorri. Estava contagiado pela alegria de estar levando minha filha para longe do hospital, tão contagiado, que eu nem liguei de ela estar tentando (frustrada) me ofender.

Andei com Nicole pelos corredores até a saída do hospital. Alí Violet abriu um guarda-sol assim que chegamos ao lado de fora e nos cobriu até chegarmos ao carro.

— Quem vai dirigir? – James perguntou.

— Eu não! – Vivian disse. Matheo se juntou a ela e James disse o mesmo.

— Vocês terão que se decidir – eu disse – sou eu quem vai com ela.

— Pokémon – Vivian olhou para James e fez um gesto com o polegar para que ele pegasse o volante – eu escolho você.

Ele sorriu e foi sentar-se ao volante. Vivian tinha vencido. Com cuidado, coloquei Nicole na cadeirinha e ajustei um cinto que mal a segurava.

— Meu Deus, ela é a coisa mais linda que existe nesse planeta – Vivian começou a "babar" ao meu lado – ela não parece com você, nem um pouco.

— É a segunda pessoa que diz isso, qual é? Eu não sou feio.

Matheo até tentou se espremer no banco de trás conosco, mas não caberia. Então fiquei eu, de um lado do bebê-conforto, Vivian do outro, Violet no banco da frente ao lado de Matheo e James dirigindo, sem ninguém ao seu lado.

Todos falavam animadamente e eu queria ter um pouco de silêncio, mas quanto mais eu pedia para eles pararem, menos silêncio eles faziam. Uma dada hora, Nicole não aguentou o barulho e se mexeu graciosamente no bebê conforto.

— Credo, Nicholas – Violet disse – tenta folgar mais um pouco esse cinto, olha, ela não consegue nem se mexer tadinha.

— Eu já disse, mas ele não ouve.

— Eu vou fazer, só sairmos da principal e entrarmos numa rua mais sossegada e eu folgo.

Mas Nicole não parecia concordar comigo. Ela se moveu mais um pouco, precisei folgar o cinto. Ela estava tão desenvolvida. Os dedos estavam roliços e o rostinho dela não mostrava mais os vasos (claro, apenas o considerado normal). Como se notasse que estava sendo percebida, ela abriu os olhinhos devagar, piscando algumas vezes para se adaptar à claridade. E quando abriu os olhos, senti-a olhando para mim, tentando distinguir meu vulto do dos outros, pelo menos era o que eu achava, e ficou assim por algum tempo.

Nicole tinha os olhos azuis tão lindos quanto aos da mãe dela. Eles eram azuis e tinham o circulo escuro ao redor, provavelmente advindo da coloração dos meus olhos, e o girassol ao redor da pupila era de um tom acastanhado.

Ela era simplesmente linda.

— Oh, meu Deus! Ela está acordando! – Vivian disse ao meu lado – Nicholas, olha que linda!

— Acho que o cabelo dela vai ter a mesma cor do teu – Violet disse. Quando olhei para frente ela estava olhando não para Nicole, mas para mim. Com uma expressão que não me era mais tão indecifrável, ela estava apaixonada. Eu nunca tinha reparado como os olhos dela também eram lindos. A maça do rosto dela, alta, e os lábios cheios pareceriam desproporcionais em qualquer outra pessoa, mas nela eles pareciam casar perfeitamente.

Violet ainda ficou naquela posição algum tempo, até que o choro de Nicole nos interrompeu.

— O que eu fiz? Eu não fiz nada – eu disse achando que sem querer eu tivesse apertado ela demais quando a acarinhava ou qualquer outra coisa – Nicole... O que foi, meu amor? – perguntei enquanto mexia no rostinho dela.

Ela sentiu o meu dedinho passando no rosto dela, mas não se acalmou. Continuou chorando.

— Ela deve estar com sede, ou fome. Bebês sentem fome várias vezes ao longo do dia.

— Você pode... – eu perguntei com o maior cuidado me esforçando para que meus olhos não descessem para os seios dela quando fiz a sugestão – amamentá-la?

— Não com o carro em movimento – ela disse.

— James, tem como encostar o carro em algum lugar? – perguntei quando o choro de Nicole ficou mais estridente – por favor?

— Só mais um minuto – ele pediu e encostou na curva da estrada algumas dezenas de metro mais à frente, onde o acostamento era mais calmo.

— Ok, agora é com você – eu disse.

Violet teria que vir para o banco de trás, Matheo deu algum espaço e segurou Vivian quando ela passou ao banco da frente. Violet, por ser mais alta, teve alguma dificuldade para vir ao banco de trás.

— Pronto, aqui estou – ela disse – retira o cinto como eu mandei, aposto que ela deve estar toda abafada com esse monte de tecido sobre ela.

Assim que ela estava livre, Violet a pegou nos braços, com cuidado, e a posicionou sobre as próprias pernas. Num modo que parecia tão certo quanto errado – aposto que está com calor, não é? – ela falou com uma vozinha baixa – vou retirar um pouco disso de você.

Ela retirou o casaco de lá e o gorro de Nicole, e depois o sapatinho de lã dos pés. Então a ajustou nos braços, quase da mesma forma que eu tinha feito, e retirando o seio para fora, colocou o bico na boca de Nicole.

— Opa! – Matheo disse – agora sim as coisas estão ficando interessantes.

Vivian fingiu chutá-lo e mandou-o sair do carro – sai daqui seu depravado! – ela disse – e James, é melhor você ir lá para fora também se não quiser apanhar quando chegarmos.

Eu ainda fiquei parado algum tempo, olhando com cuidado minha filha e brincando com o pezinho de Nicole. Violet sorria, enquanto passava o dedo sobre o bracinho dela, e olhava dela para mim.

— Ei, ou! – Vivian fez sinal para mim – você também, lá para fora!

Depois de umas e outras paradas na estrada, uma para troca de fralda e outra para revezamento de lugares, finalmente chegamos em casa.

Isso foi uma chantagem

Não tinha um retrato mais perfeito para descrever uma felicidade do que aquele que eu via agora. Nicole, dormindo, quieta (pelo menos enquanto durasse) no berço dela, com apenas uma clássica música calma tocando de fundo, num volume muitíssimo baixo.

Minhas buscas, no grupo, por alguém que pudesse cuidar de Nicole, não tinham dado resultados. De todas as moças possíveis para cuidar de Nicole, a maioria era de longe, ou não poderia dormir no trabalho. Uma parte, a parte que poderia trabalhar para Nicole, não poderia deixar os próprios filhos por muito tempo. Isso dificultava bastante minha resolução de me afastar de Violet.

James tinha acabado de ir dormir, e Vivian tinha ido junto, Matheo capotara no sofá desde cedo depois de passar a tarde inteira tentando causar um riso numa recém-nascida e não conseguido, e eu era o único acordado na casa.

Três e meia da manhã, e eu ainda estava aqui, de pé, encostado no umbral da porta, vendo minha filha dormir. Eu mal conseguiria ver a hora em que ela estaria aprendendo a rastejar os primeiros centímetros no tapete do quarto, ou ainda, vê-la dando os primeiros passos no piso de madeira da nossa varanda.

Eu estava cansado, mas não queria dormir. E se ela chorasse? E se ela

urinasse e ficasse incomodada e acordasse sozinha? E se ela fosse ainda mais longe e me obrigasse a trocar uma fralda recheada no meio da madrugada?

Decidi aproveitar que ela tinha dormido e tomaria um banho rápido, me vestiria e viria dormir na poltrona de amamentação que ficava ao lado do berço. Para o caso de minha filha precisar de mim. Eu ainda nem acredito que sou isso, sou pai, Pai!

O quarto de Nicole ficava onde era o quarto de solteira de Emily, ou seja, de frente para meu quarto. Deixei a porta aberta e tomei um banho rápido. Livrei-me da camisa suja e coloquei minha calça moletom cinza, peguei um livro e ia descer as escadas para pegar um café, mas ouvi o choro de Nicole.

Joguei o livro sobre a cama e corri para o quarto, Nicole estava vermelha de tanto chorar. E eu achando que ela tinha dormido profundamente. Peguei ela nos braços e comecei a balançá-la de um lado para outro, tentando confortá-la para ela parar de chorar. Adiantou muito pouco. Quando eu pensava que ela iria ficar quieta, ela retomava o choro dolorido.

— O que foi meu amor? – eu perguntei mesmo sabendo que ela não iria responder – está molhada? – a coloquei rapidamente sobre o trocador encima da cômoda – não, você não está – eu mesmo me respondi – e graças a Deus não fez coisa pior. Sério, como uma coisa tão linda consegue produzir uma coisa tão fedida? – eu sorri para ela.

Peguei-a de volta nos braços.

— Está com sono? Acordou por causa de um pesadelo? – eu perguntei, nem sabia se bebês sonhavam, mas vai que era isso – não né? Está com fome?

Coloquei-a de volta no berço, ela não parava de chorar. Peguei a mamadeira que Violet tinha deixado num refratário e tentei verificar a temperatura.

— Oh, Merda! – eu percebi que ainda estava quente, muito quente – desculpe filha, o papai não xinga assim normalmente, na verdade xingar é errado, muito errado! Não faça isso quando crescer, a não ser que estejamos assistindo a um jogo de hockey dos coiotes. Aí você pode xingar o quanto quiser!

"Oh, Deus! Manda uma ajuda, por favor! O que minha filha quer?" pedi rapidinho, mas minha oração não foi atendida. Ela continuou a chorar.

— O que está acontecendo aqui? – Vivian perguntou e entrou no quarto.

— Vivian, graças a Deus! – eu disse – me ajuda, eu não sei o que Nicole quer. Acho que é fome, mas a mamadeira está muito quente.

— Espera, eu vou tentar esfriá-la na pia do banheiro.

— Não, no banheiro não – eu disse – esfria lá embaixo, por favor, na água filtrada.

— Ok – Vivian saiu com o cabelo uma bagunça, com pressa.

Cinco minutos, Vivian voltou, e Nicole devia estar realmente com fome, pois estava tentando sugar o meu dedo mínimo.

— Aqui – Vivian estendeu a mamadeira para mim.

Sentei na poltrona e coloquei Nicole no meu braço, como os médicos tinham me ensinado, depois disso eu coloquei a mamadeira para que ela pegasse. Achei que era isso que ela queria, mas não. Ela pegou o bico e sugou apenas duas ou três vezes, mas não quis mais o líquido.

— Ainda está quente? – perguntei para Vivian.

— Não, de modo algum, eu esfriei no gelo.

— O que será que ela quer? – eu perguntei. Não queria minha filha chorando, não queria que ela ficasse se sentindo desprotegida, não queria mesmo que ela se sentisse desamparada, sentindo fome – Já sei – a idéia me surgiu à mente – chame Violet. Não, melhor – eu disse – fique com ela aqui, eu vou lá chamá-la. Não é bom que você saia nesse escuro e sereno.

Vivian pegou Nicole dos meus braços e eu desci as escadas apressadamente. Saí pela porta lateral da casa, a que dava de frente para a casa de Violet, e, descalço, corri até a porta.

— Violet! – eu chamei – Violet!

Ela não respondia. Andei ao redor da casa, pisando em algumas pedras que cortaram de leve o solado do meu pé, e bati na janela do quarto dela.

— Violet! Acorda, por favor!

Ela ligou a luz e veio até a janela, que ficava quase na altura do meu queixo, já que a casa era elevada.

— Oh, Romeu, não tinha uma hora mais legal para me acordar.

— Violet – eu arfava – por favor, Nicole está chorando muito, não consigo fazê-la parar de chorara, me ajude.

Eu pensei que ela sairia pela porta, como qualquer pessoa normal, mas ela se equilibrou na janele e pediu.

— Me segura.

Quando vi, ela já tinha dado um pequeno salto. A apoiei no chão e a coloquei em pé.

— Vamos lá – ela disse e andamos os dois no escuro da noite de East Valley com roupas de dormir.

Subimos a escada, Vivian balançava Nicole de um lado para outro, ela estava um tanto mais calma, mas ainda chorava.

— Ok, cheguei – eu disse.

— Cheguei também – Violet se anunciou ainda sonolenta – vamos ver o que essa linda menina tem.

Violet pegou Nicole dos braços de Vivian e a colocou sobre o trocador.

— Nada de xixi – ela disse depois de colocar o dedo pela lateral da fralda – e por sorte nada de cocô também. Ela comeu?

— Não.

— Ok, então não é gases.

Violet a pegou outra vez, sentou na poltrona e, com a maior destreza do mundo, colocou Nicole para mamar. Minha pequena filha sugava avidamente o seio que lhe era oferecido. Devia estar faminta.

— Au... – ela disse – vai com calma bebê.

— Puxa, Violet – eu falei e me encostei na porta, deslizando até o chão – obrigado, eu não tinha idéia do que fazer.

— Eu deixei duas mamadeiras, tinha uma aqui e uma na geladeira. Vocês deveriam ter dado uma para ela às dez da noite, e a outra às três da manhã. Assim, seis da manhã eu viria alimentar ela outra vez.

— Ela estava dormindo, eu não quis acordá-la.

— Mas precisa – ela disse e retirou um pouco o bico do seio da boca de Nicole para que ela respirasse – senão ela sempre vai acordar faminta. Ela vai

dormir muito Nicholas, ela é um bebê, eles são como coalas, dormem quase vinte horas por dia. Você precisa dar comida para ela na hora exara, ela não sabe pedir quando tem fome.

— Isso não se repetirá.

Em meu primeiro dia cuidando de uma criança eu já tinha sido um fracasso completo. Vivian, que eu nem tinha visto que tinha saído do quarto, voltou com dois cafés.

— Aqui, Nicholas – ela deu um deles para mim – e Violet, esse aqui é para você – ela colocou o outro sobre a cômoda – eu ficaria aqui com vocês, mas eu estou muito cansada. Se você não se importar...

— Não, de modo algum – eu disse antes que ela completasse a frase – descanse, por favor, e muito obrigado por tudo.

Vivian fez um cafuné na minha cabeça e saiu.

Nicole ainda mamou bastante. Devia estar morrendo de fome a minha filha. E eu fiquei sentado no chão, observando quando Violet a trocou de seio e depois quando ela viu que Nicole já tinha dormido.

— Ela dormiu?

— Sim – Violet disse.

— Que bom, vamos colocá-la para descansar.

— Não – ela falou baixinho – ainda não, precisamos colocá-la para arrotar primeiro, senão ela engasga e tem dor de barriga.

Violet levantou e colocou Nicole numa posição mais reta. Ficou dando alguns tapinhas leves nela até que ela soltou um "arrotinho" de nada.

— Agora sim – ela disse depois de algum tempo – agora podemos colocá-la para descansar.

Quando ela colocou Nicole no berço, ela já estava dormindo feito um anjo. Levantei-me e dei a xícara de café para que ela bebesse.

— Obrigado, muito mesmo – eu disse – eu estava totalmente perdido.

— Por mim tudo bem – ela falou – mas eu não vou mais tomar café, eu não quero perder o sono.

Ela disse e ia descendo as escadas. Fiquei um tempo parado, mas e se Nicole acordasse outra vez? E se ela precisasse se alimentar antes das seis da manhã? Corri atrás de Violet, que estava quase saindo da casa.

— Violet, espera.

— O que? – ela parou e voltou-se para mim. Estava cansada, dava para ver pelas olheiras.

— Eu seria muito egoísta se pedisse que você ficasse? – perguntei.

— Nicole está dormindo, por que eu ficaria?

— E se ela acordar? – perguntei – eu nunca fui pai antes, você é mãe, sabemos quem está em desvantagem aqui.

— Vocês homens são incapazes de fazer qualquer coisa sem pedir nossa ajuda, não é?

— Por favor? – pedi – eu posso aumentar seu pagamento, se quiser. Vou desfazer o escritório e fazer dele um quarto para você, assim você ficará mais perto de Nicole. Não quero vê-la chorando, como há pouco, outra vez. Eu não suportaria ver minha filha sofrendo daquele jeito.

— Ela não estava sofrendo, – ela disse – não seja exagerado. Nicole estava com fome por sua culpa, apenas isso.

— Muito obrigado por ressaltar minhas negligências – eu ironizei – mas, por favor, esqueça as nossas picuinhas, faça isso por Nicole.

— Hum – Violet disse – então, você faria qualquer coisa para me ter ao lado de sua filha?

— Qualquer coisa – disse sem interpretar as intenções dela.

— Qualquer coisa que eu pedisse?

— Qualquer coisa que esteja ao meu alcance.

— Bom, eu acho que está.

Eu não gostei do modo que ela falou, mas já tinha dado a minha palavra, não voltaria atrás.

— Peça.

Violet deu dois passos para dentro da casa, estava um tanto longe de mim, visto que eu estava perto do sofá. Ela enrolou uma mecha de cabelo no indicador.

— Eu não preciso do seu dinheiro, não mais do que você está pagando, pelo menos. E fico com sua filha com o maior prazer, se...

— Se? – perguntei.

— Se você me der um beijo.

Soltei uma lufada de ar, incrédulo, e não acreditei no que ouvia. Quando vi Violet sorrindo perigosamente, percebi que ela não tinha brincado.

— Isso é sério?

— Mais sério impossível.

Andei até perto dela, e não acreditava que estava sendo obrigado àquilo. Encostei meus lábios aos dela, de leve, muito de leve, e fiquei assim por alguns segundos antes de me separar.

— Então?

— Isso é um beijo para você? – ela sorriu com certa maldade.

Engoli meu orgulho e me aproximei dela de vez. Segurei o rosto dela entre os dedos da mão direita e a encostei à porta, fazendo que o impacto emitisse um som abafado quando a costa dela bateu na madeira. Com a outra mão segurei-a pela cintura, trazendo-a para mais perto. Esmagando os seios dela, sob o pijama, contra minha pele. E tomei o lábio inferior dela. Primeiro, apenas sugando-o avidamente, depois, invadindo a boca dela com minha língua. Violet respondeu à altura.

Nossas línguas se tocaram e ela respirou contra minha boca quando desci a mão mais um pouco na altura do quadril e a puxei mais ainda contra mim. Mordisquei de leve o lábio inferior dela e a deixei fazer o mesmo com o meu. Soltei a cintura dela e a esmaguei, contra a porta, com meu corpo.

Beijei-a, ainda mais profundamente, mal lhe dando espaço para respirar, e

só parando para desenhar com os dedos a curva do lábio inferior dela. Ofegando também. As mãos dela foram para minhas costas e ameaçaram invadir a calça moletom quando eu parei o beijo.

— É um beijo agora? – perguntei contra a boca dela...

"Uhum" Violet respondeu gemendo.

— Era isso que você queria? – perguntei com um tom de desprezo e me afastando de repente. Deixei-a ainda com a boca entreaberta, respirando com dificuldade. Ela não falou nada.

— Pode ir para o quarto da minha filha agora.

Eu falei num tom duro e, em silêncio, a observei subir as escadas.

Um beijo não evoca nada

Eu cochilei no sofá, resultado: dor de cabeça e no corpo. Era um pouco mais de seis da manhã, e eu acordei olhando para os lados, procurando minha filha. Lembrei que estava no meu quarto.

Andei até o quarto de Nicole e a vi deitada, quieta, no berço. Violet estava deitada no sofá forrado por edredons. Como eu tinha dito, eu retiraria minhas coisas do escritório e faria um quarto para ela, ou para a próxima moça que viesse cuidar de Nicole, e isso facilitaria um tanto as coisas.

Violet era diferente de Emily, em todos os sentidos. Emily sempre foi perfeita, almejada e idealizada. Ela era uma poesia em cada gesto, eu a amava com loucura e fervor. E Violet era rebelde, desajeitada, mentirosa, e ainda por cima, chantagista. Violet não chegaria a ser uma paixão fugaz, enquanto Emily tinha sido a mulher da minha vida. Se eu não estivesse tão necessitado de ajuda com minha filha, se ela não fosse tudo o que mais me importava no mundo, seu bem estar em particular, aquele beijo nunca teria acontecido.

O que leva uma pessoa a impor condições diante de um pai desesperado? A atitude de Violet apenas tinha me feito ter mais reservas com ela, e talvez ela nem imaginasse isso. Chantagear alguém em estado de desigualdade é simplesmente um dos maiores indicadores de caráter que existem.

Hoje, quando eu fosse com Matheo até o hospital psiquiátrico no Arizona, o St. Luke's Behavioral Health Center, eu teria uma grande parte do passado de Violet desvendado. Enquanto isso, eu não poderia simplesmente deixar minha filha sozinha com ela.

Desci as escadas e bati à porta de James, o próprio atendeu.

— O que houve? Por que tá me chamando tão cedo? Nicole?

— Não – eu disse – não há nada para preocupar-se, Nicole está bem. Ainda está dormindo. Eu queria pedir tua ajuda.

— Claro – ele disse e passou por mim, indo até a cozinha, para tomar água – pode pedir – ele tomou um copo cheio e o descansou sobre a pia.

— Hoje Matheo e eu iremos ao St. Luke a trabalho. E, você sabe, Violet estará cuidando de Nicole, eu ainda não estou cem por cento seguro sobre ela.

— Tá, deixa de enrolação e vai direto ao assunto.

— Eu preciso que fique o tempo todo perto de Nicole e de Violet. Elas estão no quarto. Em uma ou duas horas eu estarei de volta, espero.

— Não tem problema algum para mim – ele disse, e eu sabia que ainda tinha coisa para falar – não quero ser o cara chato sempre, Nicholas, mas você deve ter percebido que se eu não empurrar as pessoas para fazer as coisas nada acontece.

— De vez em quando, prossiga.

— Quando pretende voltar ao escritório?

— Não vou mentir – eu disse – eu quero ter certeza que Nicole está plenamente bem antes de voltar. Algum motivo especial para me perguntar isso.

— Eric.

— O que tem ele?

— Ele está reclamando, você sabe como ele consegue ser insuportável quando quer. Eric tem trocado alguns e-mails comigo, e não está muito feliz. Ele acha que você já poderia estar trabalhando outra vez.

— Ou ele vai fazer o que? – perguntei – me roubar outra mulher?

— Não, ele falou sobre cancelar os pagamentos do teu pró-labore.

— Se eu não estou trabalhando, nada mais justo. Eu não vou ficar pobre por causa de um salário a menos. Se for pelo dinheiro, que ele fique e enfie onde bem entender. Nicole é a minha prioridade no momento.

— Eu sei, tem mais.

— O que mais ele quer?

— Ele se ofereceu – ele ironizou a palavra – para comprar sua parte da empresa. Sugeriu que seria o melhor negócio que você poderia fazer no momento, já que com suas ausências ele poderia pedir formalmente seu

afastamento do quadro societário.

— Eu tenho trinta e cinco por cento da sociedade e ele também, ele precisaria do apoio de vocês dois para isso.

— O meu ele não tem.

— Matheo?

— Não cheguei a mencionar o assunto para ele.

— Faça isso o mais breve possível, assim que tiver a resposta dele nos reuniremos. Eu achei que estivesse tudo bem entre a gente.

— Isso me surpreendeu também.

— Não. Quer saber? – eu disse tomado de uma resolução repentina – deixe-o fazer isso. Se ele quer me retirar da sociedade, perderá toda a minha carteira de clientes. Eu fundo meu próprio escritório e atendo às pessoas que confiam no meu trabalho. Pelo menos eu não precisarei mais dividir meus custos com alguém como ele.

— Nicholas, tem certeza?

— Tenho – eu disse – eu mesmo redigirei meu pedido de saída da empresa. Não quero nada me impedindo de curtir minha vida plenamente.

— Você ficará bem? Quero dizer, financeiramente.

— Eu tenho dinheiro suficiente para viver confortavelmente até minha velhice. Além disso, não pretendo parar para sempre.

James, ainda surpreso pela minha decisão, não falou nada por algum tempo.

— Eu vou ver se Violet já acordou. Ela disse que teria que dar de mamar

para Nicole às seis da manhã. Já é isso. Posso contar contigo, daqui a pouco?

— Pode sim – James disse – vou apenas trocar de roupas.

— Obrigado.

— Ela é minha sobrinha, é o mínimo que posso fazer.

Voltei para o andar superior outra vez. Aproximei-me de Violet e a chamei. Eu achava uma tremenda falta de educação acordar as pessoas, mas não tinha alternativa. Ela tinha me dito que ela amamentaria Nicole às seis da manhã, e eu não iria deixar minha filha chorar de fome outra vez.

— Tem maneira melhor de acordar pela manhã? – Violet falou e tentou se pendurar no meu pescoço, mas eu me desvencilhei e me levantei antes que ela tentasse qualquer outra coisa.

— São seis da manhã.

— E?

— E que, você disse, que amamentaria Nicole às seis. Eu estou te chamando. Lembra-se do papo dos coalas?

— Lembro sim – ela levantou e bocejou – ai, Nicole, o que eu não faço por você.

— Eu vou fazer xixi primeiro – ela disse – por enquanto, vai vendo se a fralda dela está molhada.

— Ok.

Violet entrou no banheiro para fazer o que ela precisava. Eu fiquei cuidando de Nicole. Devagar, retirei a calça do conjunto de dormir dela, e depois rasguei a lateral da fralda. Ok, até aqui estava indo tudo bem. A fralda estava molhada, e eu não sei como ela não acordou mais cedo devido ao incomodo. Retirei a fralda usada, passei um paninho para secá-la, depois lenço umedecido. E depois a pomada contra assaduras. Por fim, fralda nova. E ela estava preparada para mais um dia. Claro, assim que eu mexi nela ela já estava acordada, mas pelo visto não estava com tanta fome, pois só soltava um choramingo baixo.

Carreguei-a e esperei que Violet voltasse do banheiro. Não demorou muito.

— Ok, aqui eu estou. Quem precisa de mamá? – Violet falou já com Nicole, pegando-a do meu braço com propriedade – é você, não é? Você mesmo – ela brincou com a menina.

Era nesses momentos, onde ela não parecia disposta a tudo para conseguir o que queria, que eu achava que ela poderia ser alguém especial.

Sentei no tapete mesmo, alí fiquei até que Nicole estivesse terminando de mamar, satisfeita. Violet repetiu o procedimento e trocou também a roupa com a qual Nicole tinha dormido.

— Não a deixe muito tempo com a mesma roupa. Vocês compraram roupas demais para ela, não dou um muito tempo para que tudo se perca. Então ou ela usa todas, ou você doa uma parte. Ah, e para que tantos vestidos? Aonde Nicole pode ir usando vestidos? Ela precisa de roupinhas que a protejam do frio que vem dos vales de Scottsdale.

— Certo – eu fazia uma nota mental com tudo o que Violet falava.

Nicole arrotou e Violet a colocou no berço. Então ligou o móbile que ficou girando e evocando uma música doce e enjoativa no ambiente.

— Nicholas, - ela começou a dizer pesarosa – sobre ontem... – ela coçou a cabeça. Acho que constrangimento era a emoção que aparecia.

— Não, Violet. Não quero saber nada sobre hoje mais cedo.

— Você é um teimoso, já te disseram isso?

— Eu não querer uma coisa é ser teimoso? Achei que teimoso significasse outra coisa.

— Você entendeu.

Levantei-me.

— Se quer conversar comigo, será lá fora. Minha filha não é obrigada a ouvir nossas discussões.

— Ok.

Violet saiu pelo local que eu indicava com o braço erguido, e se encostou à porta do meu quarto. Saí e encostei devagar a porta do quarto de minha filha.

— Pronto, estou aqui, fale.

— Está zangado comigo?

— Oi?

— Você está muito zangado comigo? Depois do beijo e tal?

— Estou.

— O que torna as coisas ainda mais intrigantes.

— Ai meu Deus do céu – reclamei – por que, Violet, diz isso?

— Você não pareceu zangado enquanto estava me beijando – ela deslizou o indicador sob a curva do lábio inferior – na verdade, pareceu bem animado.

— Você fez uma exigência.

— Não, não e não – ela negou veementemente – eu fiz um pedido.

— Você adora deturpar as coisas, não é?

Violet se desencostou da porta e andou de um lado para o outro. Depois parou na minha frente, juntando as mãos diante do rosto, quase como se tivesse constatado alguma coisa.

— Eu deturpo as coisas?

— Você sabe que sim.

— Então eu te obriguei a me beijar?

— Praticamente.

— Então eu tinha alguma arma para obrigá-lo? Pois pelo que vejo – ela desceu os olhos pelo meu corpo parando na linha do moletom e subiu outra vez – você é muito mais forte que eu.

— Aonde quer chegar com isso?

— Ao Shangri-la – ela sorriu e fez um gesto exagerado.

— Violet – eu a obriguei a olhar para mim – fala agora.

— Me solta – ela falou num tom severo – se for me agarrar assim é só se for para me beijar outra vez.

Soltei-a.

— Esse foi o primeiro, - ela disse – e segundo. Você poderia, desde o começo, ter dito não. Você não disse não para mim, Nicholas. Seu corpo já tinha dito sim muito antes de sua mente raciocinar – ela terminou a frase com um sorriso no rosto, um riso convencido.

— Está tudo bem aqui? – a voz de James interrompeu nossa discussão.

— Perfeitamente bem. Não é, Nick?

— Sim, está tudo bem – disfarcei para James e ia sair andando. Mas, se Violet queria ser má, dois poderiam muito bem jogar esse jogo – E, ah, Violet.

— Sim, Nick?

— Estou indo agora pela manhã com Matheo ao hospital psiquiátrico onde você foi internada. Torça para que sua palavra se confirme.

Apreciei por alguns instantes o rosto pálido de Violet antes de eu dar as costas para ela. Entrei no quarto, e comecei a me vestir, preparado para uma manhã de surpresa.

Uma visão da inocência

— Qual é o plano?

— Eu não tenho um plano!

— Porra, como você quer que a gente entre lá assim, sem nada? – Matheo perguntou.

— Eu? Você é o advogado civil aqui, achei que você teria pensado em alguma coisa.

— Tudo bem – discutíamos no carro – eu acho que vi em alguns filmes umas coisas legais. A gente pode entrar, eu distraio os seguranças e você entra na sala do arquivo. Ah? Que tal?

Olhei para ela, ele não tremeu um músculo.

— Eu espero, Matheo, sinceramente, que você esteja brincando sobre isso.

— Se você tem uma estratégia melhor diga. Foi você que não quis ficar apenas com os prontuários.

— Não, e eu nem sei o porquê. Sinto que existe algo mais.

— Então sente enquanto pensa.

— Cara, não vem nada. Nós simplesmente deveríamos entrar lá e perguntar.

— Iria dar muito na cara.

— Eu posso usar a mesma desculpa que dei sobre a doação de leite para Nicole. Violet é minha prima. Isso ajudaria a explicar por que nós dois estávamos com ela, seriamos parentes.

— Certo. Eu sou o primo boa gente e charmoso e você é o preocupado.

— Não – falei – acabei de desistir. Você é o namorado da minha prima. Eu sou o primo, normal.

— Ok.

— Ok.

O Saint Luke's ficava em Phoenix, Arizona. Não muito distante da casa dos ex-sogros de Violet. A construção se erguia no solo rochoso e sobressaia-se, pelas suas cores claras, das cores quentes da região. O verão tinha chegado e combinava com Phoenix perfeitamente.

Saímos do carro e entramos na recepção.

— Posso ajuda-los? – uma moça nos atendeu.

— Sim, Ah... Por favor – eu comecei – eu gostaria de falar com o responsável pelas internações. Gostaria de tirar algumas dúvidas sobre uma pessoa a quem pretendo internar.

— E o senhor? – e jovem perguntou para Matheo.

— Ah, não se importe comigo. Sou apenas o primo charmoso – ele piscou para a moça que fez uma cara feia para ele.

— É, não se pode vencer todas.

— Senhor, vou precisar ver se ele pode atendê-los.

— Ele?

— Sim, doutor Endersen, ele é o responsável pela área de internação.

— Obrigado – agradeci.

Sentamos alí, por algum tempo, e depois vimos um homem com um jaleco branco vindo na nossa direção. Ele estendeu a mão para mim.

— Olá, sou o doutor Endersen, em que posso ajuda-los?

— Doutor, sou Nicholas Theodoridis, este é Matheo. Estamos fazendo uma visita aos hospitais onde provavelmente internaremos minha prima. Eu tenho algumas dúvidas para tirar.

— Ok, venham comigo até minha sala.

Seguimo-lo por diversos corredores, aquele hospital era enorme, até chegarmos a outro corredor, que tinha portas com nomes de especialistas médicos de cada lado. Enquanto andávamos o doutor, que eu me esforçava para lembrar o nome, falava sobre o prédio e as instalações.

— Aqui no Saint Luke's Mental Health, nós acreditamos que os problemas

médicos que afetam a mente são tao importantes quanto os que afetam o corpo. Quando uma pessoa experimenta uma crise de saúde mental, nós lutamos para preservar a sua dignidade, enquanto, ao mesmo tempo, lutamos para manter sua saúde emocional a salvo.

O médico falava como se estivesse nos vendendo um plano de saúde. E era o que fingíamos estar fazendo.

— Quais são as especialidades da clínica?

— Deixe-me corrigi-lo, não somos uma clínica. Somos o maior hospital de saúde mental de East Valley, este escritório é apenas a representação em Phoenix.

Ok, isso dificultava um pouco as coisas.

— Nossas especialidades são: Depressão, Ansiedade, Desordens comportamentais e transtornos de humor, Problemas familiares, Hipnose clínica, e doenças psiquiátricas principais.

— Desculpe a falta de conhecimento da área – eu perguntei – em qual quadro desses se envolve a psicose pós-parto?

— Transtorno de humor.

— Como o senhor sabe, eu tive um caso de depressão pós-parto na família, felizmente não evoluiu para nada mais grave. Porém, minha prima está com este pequeno quadro evolutivo. Os médicos temem que o quadro evolua, eles citaram algumas características que não lembro agora, mas em caso de urgência, eu poderia internar minha prima aqui facilmente?

— Sim, tranquilamente. Temos uma equipe treinada para tal.

— De quanto tempo seria esse tratamento?

— Bom, é difícil precisar senhor – o médico disse – isso não é uma sutura que em uma semana estará sarada, tratamos de doenças da mente. As internações podem levar meses, anos.

— Até num caso de psicose puerperal?

— Sim.

— Certo – eu disse, Matheo discretamente gravava os áudios – então o senhor pode garantir que um paciente que passe por todo o tratamento, ao final deste, estará plenamente são?

— Para pacientes sem histórico de problemas psiquiátricos, a recuperação costuma ser completamente satisfatória.

— O que leva um paciente a isso, doutor? – Matheo perguntou – quer dizer, ela não é minha prima. Mas, veja, isso me preocupa também.

— A queda drástica nos níveis hormonais, isso faz com que a mulher experimente sensações de desespero, dentre outras. Ter reações emocionais após o parto é normal. Já a Psicose Puerperal é o caso de sintomas mais graves e agudos, e é considerado um transtorno de humor.

Ficamos os dois ouvindo atentamente.

— Para a mãe, tudo fica muito confuso, ela não consegue lidar com o bebê, nem tomar decisões e resolver problemas. Afinal, pela mãe não saber como lidar com o bebê, e até mesmo ser, de certo modo, insensível as necessidades dele, isso pode afetar o vínculo afetivo entre mãe e filho, prejudicando as relações interpessoais da criança no futuro. Por ser um quadro alucinógeno, em que a mãe não consegue distinguir a realidade e o principal motivo de suas preocupações é o bebê, existem casos em que a mãe acredita que tirando o bebê de sua vida todos os conflitos serão resolvidos.

— E o tratamento?

— Medicação controlada, apoio psicossocial, entre outras atividades.

— As mães são afastadas de seus filhos?

— Sim, são afastadas. Mas em todo o tempo elas são avisadas sobre o que está acontecendo.

— Os senhores trabalham com internações compulsórias? – Matheo perguntou, mostrando-se brilhante.

— Em casos extremos, a Justiça pode decidir pela internação compulsória do paciente. Médicos, psicólogos e psiquiatras apresentam o pedido ao tribunal e depõem os parentes perante o juiz. A pessoa que está internada involuntariamente, na maioria das vezes, nos Estados Unidos, tem acesso a um advogado. Existe um compromisso de um limite de tempo, que exige reavaliação em intervalos fixos.

— Doutor, uma pergunta – pedi outra vez – há chances de uma mãe que passou por um tratamento desta magnitude esquecer do tempo em que foi tratada?

— Em caso de acidente ou trauma Em consequência, perdem-se as lembranças recentes, ou seja, aquelas apreendidas há dois ou três anos. E deixam de ser assimiladas novas informações. Mas as de longa data, já consolidadas, nunca se apagam.

— Espera – eu insisti na pergunta – o senhor quer dizer que uma paciente, internada, pode esquecer todo esse período? Ou apenas partes desse período?

— Senhor Theodoridis, é muito possível. Veja, a mente humana é simplesmente um universo particular dentro de cada um. É muito possível que, dependendo do trauma que a internação cause numa mulher que sofre por psicose pós-parto, o cérebro crie formas de substituir as lembranças dolorosas por outras.

Aquilo mudava tudo, puta que o pariu, mudava tudo.

— Então, mesmo se uma pessoa fugir de um tratamento aqui, propositalmente, ela pode esquecer suas lembranças, não propositalmente?

— Me desculpe – o doutor que eu sequer tinha prestado o nome e que nem queria me dar ao trabalho de ler no paletó ou nos diplomas, pareceu suspeitar de alguma coisa – estamos falando de uma situação hipotética ou de um caso real?

— Uma situação hipotética – Matheo interviu – não ligue para ele, Nicholas está muito abalado com tudo que se passa com a prima dele. Pobre Violet, ela é uma menina tão espetacular.

— Desculpe, qual é o nome da sua prima? – o doutor questionou, suspeitando de alguma coisa.

— O nome de quem? – Matheo perguntou.

— Da sua prima – O médico falou apontando para mim.

— Violet Nella Sue – disse o nome para tentar ver qual seria a reação do médico. Quando o ouvi falando ao telefone "seguranças" percebi que não tinha sido a estratégia correta.

Corremos da sala até o lado de fora do hospital, desviando dos pontos onde tínhamos visto a segurança. Entramos no carro e Matheo acelerou para longe dali.

— Nicholas, mi amico, tu estás bem na merda.

— Eu? Por que, se já escapamos.

— não estou falando disso.

— Do que está falando então? – perguntei enquanto ele dirigia e olhava pelo retrovisor a cada cinco minutos, como se estivéssemos numa perseguição.

— Pronto, Violet não mentiu – ele disse – e você soltou os cachorros para cima dela à toa. Eu não queria estar na sua pele.

— Eu não irei pedir desculpas. Eu ainda não estou convencido.

— O que precisa para se convencer mais?

— Falar com os pais e os sogros dela.

Eu não queria admitir que estava errado, não ainda. Voltamos para casa, pesquisei mais um pouco sobre internação compulsória, sobre o hospital, e li mais algumas vezes os relatórios sobre a internação de Violet.

Terminando, fui ao quarto de Nicole. Como não era nenhuma novidade, ela estava dormindo. Violet estava mexendo num celular na poltrona de amamentação, e James estava deitado na cama auxiliar do quarto.

Voltei ao meu quarto. Deitei na cama. Tentei com todas as minhas forças chamar a imagem de Emily para mim outra vez, mas não consegui. Desde o dia em que ele tinha se despedido de mim, nunca mais ela tinha vindo me visitar.

Eu não imaginava o quanto doeria, mas estava doendo. A presença de Emily me deixava entristecido, a ausência, vazio. De um modo ou de outro eu continuava sofrendo.

Uma nova luz sobre a verdade

Eu tinha uma infinidade de coisas para fazer, tinha que ir ao escritório, ao fórum, ao supermercado comprar fraldas, mesmo assim uma idéia não saia da minha mente. Eu precisava falar com os sogros de Violet, eu precisava de uma nova luz sobre as mentiras dela. Eu precisava, e queria acreditar.

Mesmo que eu estivesse ao lado da minha filha, lendo um livro, enquanto ela dormia, eu sabia que eu não estava em paz com meus próprios pensamentos.

— Filha, o papai vai ter que sair outra vez – eu a informei, queria que ela soubesse que eu iria voltar – eu vou ter que procurar algumas coisas na rua. Comprar algumas coisas para você.

Beijei a testa dela de leve e chamei Violet para que ela ficasse com Nicole.

— Nicholas? – ela perguntou, a voz estava temerosa, muito diferente da voz firme de Violet. Não era que ela estivesse com medo de mim, ela estava com medo do que eu tinha descoberto.

— Eu vou precisar sair – eu disse com cuidado – eu preciso esclarecer algumas coisas.

— Sobre mim.

— Sim, sobre você.

— Então eu te preocupo? Tiro seu sono? – ela perguntou se aproximando um tanto de mim.

— Todas as coisas que me preocupam nesse momento tem sido sobre você.

— Eu não sei se posso levar isso num bom ou num mal sentido.

— Não sei.

— Isso é bom ou ruim?

— Eu também não sei.

Violet se aproximou mais ainda, passou a mão do meu queixo até o fim da maxila, pousando a mão no meu pescoço depois disso.

— Por que não descobrimos juntos?

Ela se aproximou mais ainda, dessa vez, foi ela quem me encostou à parede e tudo que eu fiz foi me deixar ser beijado.

— Isso também é um beijo – ela disse – e não me culpe por gostar, não se culpe por gostar, você sabe que quer tanto quanto eu.

Foi somente quando me desvencilhei dela que o sonho se dissipou. Era quase como se eu pudesse sentir o beijo dado no sonho. Ela estava invadindo demais meus pensamentos, minha vida, minha casa, e agora até meus sonhos. A pior parte, talvez nem tenha sido o sonho em si, mas acordar na cama-auxiliar do

quarto de Nicole, e me ver sendo observado por Violet.

Eu esperava não ter a mesma mania de Emily de falar dormindo, não sei nem se essa mania se podia adquirir, eu só sabia que Violet estava me olhando com um ar muito suspeito.

— Você é tão interessante dormindo quanto o é acordado – ela me disse – aqui – estendeu um copo de água para mim – toma, sei que deve estar com sede, estava suando.

— Obrigado.

Eu estava só com Violet, não fazia idéia de como tinha caído no sono, ou quando, e achei que aquela poderia ser uma oportunidade perfeita para entender o mistério que ela tinha se tornado.

— Onde está Nicole?

— James a levou para passear depois que ela mamou e tomou banho.

— Aonde foram?

— Acho que só até a varanda.

— Violet – eu falei ajustando minha postura – eu estive procurando uma oportunidade para conversarmos, não sei se esta é a melhor – eu disse enquanto alisava o cabelo para trás e coçava o rosto – mas é a que eu tenho.

— Aff, contigo sempre é isso né? – ela deu de ombros – preocupação, assunto sério, mais preocupação e depois mais assunto sério.

— Se eu não me preocupar, quem vai? – eu disse – Violet, tudo seria mais fácil entre nós, se eu pudesse confiar em você. Mas você não parece nem um pouco interessada em deixar que as coisas entre nós sejam minimamente claras.

— Eu não quero que você confie em mim, é você quem tem que querer isso.

— Então – eu perguntei – você não se importa nem um pouco com minha

opinião sobre você?

— Não, por que eu deveria? Você está pagando o processo para mim, mas isso eu mesma poderia fazer com o tempo. Eu não vou ficar te agradecendo de cinco em cinco minutos. Eu não preciso provar para você que eu estou certa.

— Violet, não estou pedindo sua gratidão. Eu nem mesmo citei esse assunto, é você quem o está trazendo à tona. Eu estou pedindo apenas, pelo nosso bem, que você seja honesta comigo por apenas uma maldita vez na vida.

— O problema é que eu já fui mais honesta do que sou capaz de ser.

— Vou fazer as perguntas, Violet, por favor, tente responde-las. Você já viu como sou quando algo não me sai da cabeça, eu vou atrás da verdade, e vou acha-la a qualquer custo. E eu quero que eu a encontre em você.

— Pergunta – ela disse – eu não sei se falarei mais do que já tenho dito.

— Obrigado – comecei – Violet, o que exatamente você lembra sobre sua

internação?

— Eu já disse. Não me lembro de nada disso – Ela se aproximou de mim e ficou perto de mim, pegou meu rosto nas mãos e me forçou a olhar para ela – Olha para mim, mas olha de verdade dessa vez – ele disse – acha que eu mentiria olhando nos seus olhos?

— Você já fez isso uma vez – lembrei-a, não queria me deixar ser afetado por aquela repentina proximidade.

— Por todos os deuses, Nick! Como pode olhar para mim e não me ver?

Ela se afastou e sentou na poltrona outra vez, frustrada, aparentemente cansada demais para tentar discutir.

— Conte-me tudo, eu poderei acreditar. E isso poderia mudar tudo... Absolutamente tudo, sobre nós. Sobre a forma que eu me sinto em relação a você.

Eu lancei a isca, quem sabe ela acreditaria e revelaria a verdade. Quem sabe? Violet me olhou então com um olhar firme e resoluto, não vacilando nenhum momento enquanto dizia as tais palavras: — Nicholas, por você, eu contaria cada dia da minha vida, e você sabe, não jogue sujo. Mas o que eu te contei, é a única verdade que conheço.

Pelo visto não iria adiantar nada me oferecer em troca de algumas meias verdades. No entanto, ela ficou balançada, muito balançada com a minha sugestão. Eu poderia usar disso para tentar penetrar nesse muro que Violet tinha construído ao redor de si, eu poderia tentar desvendá-la, abrir essa caixinha de mistérios que ela era, e se conseguisse, eu esperava não me decepcionar pelo que encontraria nela.

— Vem cá, Violet – eu pedi e a fiz sentar ao meu lado. Com cuidado, coloquei uma mexa de cabelo atrás da orelha dela e segurei o rosto dela com cuidado – como você mesma disse, eu não estou admitindo para mim muitas coisas, e você não facilita.

Ela me olhava com olhos enormes e tristes. Eu não sabia que gênio mal estava me fazendo usar deste artifício para arrancar algumas palavras dela, mas se era isto que eu precisava fazer, eu o faria.

— Nicholas, eu queria poder te contar tudo... – ela disse. E eu não sei se ela se referia ao fato de não lembrar-se, ou de não poder contar os fatos – você não me entender?

— Eu estou tentando isso, querida. Estou tentando entende-la, mas admita que não está facilitando muito as coisas para mim.

— Ah, Nick! – ela disse outra vez – era o que eu mais queria, facilitar essas coisas para você. Mas nem que eu abra minha cabeça com um machado, não vai sair mais nada daqui. Eu lembro de ter fugido de casa, eu lembro disso. Eu queria não lembrar, mas lembro.

— E o que mais, Violet? – A fiz olhar novamente para meus olhos, ela tinha desviado o rosto – diz para mim, por favor – falei num tom baixo e rouco perto dela. Violet parecia estar se confundindo toda na hora de falar, e olhava para minha boca sem conseguir deixar de morder os próprios lábios em ansiedade.

— Meu filho sempre foi o sol para mim. Eu era uma boa mãe, eu não sei quando tudo mudou, mas mudou. Todos eles sempre diziam o quanto eu era louca, louca por fazer parte de um grupo de gente da pesada, louca por ter interrompido uma gravidez, louca por ter fugido de casa, louca por morar sozinha num cubículo – ela se aproximou e me beijou a boca, eu deixei – eu não sou, eles estão tentando me fazer parecer isso, mas eu não sou.

— E o hospital no Arizona? – eu perguntei depois que ela tinha soluçado contra minha boca, num desespero e excitação fremente – o que se lembra de lá?

— Nada, eu não lembro nada do hospital. Nem dos internos, eu não lembro nada disso. Eu não me lembro de ter sido internada, eu não me lembro de ter sido tratada, eu não me lembro de fugir de lá, eu não me lembro de voltar para lá, eu não lembro nada. Só lembro que queria muito ver o meu filho, mas eles não deixavam.

Bingo.

— Violet, olha para mim – eu pedi mais uma vez, ela olhou-me ao rosto – quem não deixava?

— Eu não sei – ela falou séria outra vez. E como se tivesse notado o que tinha acontecido, levantou-se do meu lado e me olhou com um ar severo – Você... Você estava fingindo?!

Dei de ombros e lhe sorri.

— Você... Você é igual a todos eles! – ela falou soando verdadeiramente ofendida – como eu pude achar que você era diferente?! Como eu pude?

— Violet, você acabou de admitir, se lembra. Você também esteve fingindo este tempo todo – falei enquanto limpava meu lábio do beijo que ela tinha alí deixado.

— Você me manipulou!

— Você não fez diferente comigo.

— Mesmo se você não tivesse me beijado, eu teria vindo até sua filha. Você não entende?

— Não, Violet – eu sorri – é você quem não entende. – aproximei-me mais um pouco e completei – e talvez você tenha alguma razão sobre aquele outro beijo. Eu quis fazê-lo, quis mesmo. Assim você saberia exatamente o que tinha perdido com aquela exigência grotesca. Agora você sentirá falta, muita falta, e saberá do que é e saberá também o que fez para me afastar. E eu não me dediquei à ele nem um terço do que sou capaz.

— Você não é inabalável, Nicholas – ela disse, repentinamente mais firme e se aproximando de mim – do mesmo modo que eu te senti, você também me sentiu, e não negue, gostou e adoraria repetir. Você só teve nos braços uma menina, e eu não sou ela, eu sou uma mulher.

— Não fale de Emily na minha frente! - falei irritado – não ouse falar mais o nome dela.

— Não me fara falta! – Ela gritou de volta. Então, foi a vez dela de dar de ombros. Violet ia sair do quarto, mas, me dando um olhar o mais angelical possível, ela comentou com voz doce - Vamos ver quem chamará pelo outro primeiro. Você ou eu.

Memórias nunca morrem

— Você não vai sair daqui fingindo que nada aconteceu! – eu reclamei com Violet – Violet!

Ela me deu as costas, por um tempo, mas diante da minha insistência, ela virou para mim. Eu achava que ele estava furiosa, mas ela estava chorando. Chorando? Violet chorando? Doeu-me saber que tinha sido minha culpa.

— Violet...

— O quê, Nicholas? – ela disse – quer me fazer perder o restinho que eu tenho de sanidade? – ela limpou as lágrimas e falou num tom mais sério – Olha, acha mesmo que eu gostaria de você se soubesse que seria esse inferno todo? Acha que eu gosto de ficar desse jeito por causa de homem?

Eu me aproximei devagar, mesmo sabendo que ela provavelmente não o queria, e a abracei. Apoiei meu queixo no alto de sua cabeça e envolvi meus braços ao redor dela.

— Desculpe-me, desculpe-me... – repeti baixinho para que ela ouvisse.

— Eu não sou má, Nicholas. Só o que eu quero é te tirar disso, te tirar desse marasmo em que você se encontra. Tudo o que eu quero é você. E eu aceito toda a sua bagagem tranquilamente, por que você não aceita a minha.

— Por que eu não sei o que estou carregando.

— Eu não tenho culpa de ter gostado de você, eu não tenho. Se não fosse pela sua filha, que eu amo como se fosse minha, eu teria ido embora, teria ido sim. E daria um jeito de levar meu filho comigo.

— Oras, não diga bobagens – eu me afastei um pouco para olhar para o rosto dela – você fica horrível quando chora, não faça mais isso. – eu sorri tentando fazê-la rir também, mas ela não o fez.

— Você é péssimo consolando as pessoas, dizer que sou feia iria me fazer sorrir?

— Eu não disse que você é feia, eu disse que você está horrível.

— Não melhorou em nada – ela se afastou um pouco e então olhou para os próprios dedos, manchados pelo excesso de maquiagem que ela sempre usava – eu devo estar horrível mesmo.

— Violet, me desculpe pela cena que interpretei pouco antes, me desculpe mesmo, eu nunca fiz isso antes na minha vida – eu disse – espero que consiga me desculpar.

— Por que você me trata tão bem quando quer me afastar de você, isso não funciona.

— Violet, deixa de graça – eu disse outra vez – você quer conversar agora?

Ela pareceu ponderar na resposta, decidindo se iria aceitar o convite ou não, pesando o ônus e o bônus de cada ação. Ela não tinha escolha. Tínhamos chegado a um beco sem saída, sem nenhum caminho alternativo, ou melhor. Sem nenhum outro caminho que não fosse a verdade.

— Minhas chances com você serão dizimadas quando você me conhecer melhor.

— Violet, elas nunca existiram.

— Não foi isso que eu ouvi enquanto você dormia – ela falou sorridente outra vez. Eu vi uma faceta dela nesse momento que ela não conseguia esconder. Ela usava de seu poder de sedução para convencer as pessoas a fazer o que ela queria, e isso não era uma sensação muito boa. Sentime ainda pior por ter usado o mesmo artifício.

— Não – eu impedia de pendurar-se ao meu pescoço – precisamos chamar Matheo – eu disse.

— Não, deixe-o por lá mesmo, eu vou contar para você e só. Se quiser conte depois para ele. Pode contar até para o mundo depois.

— Ok.

— Ok.

Sentamos na antessala do meu quarto, Violet no sofá e eu na poltrona. Um retrato de uma Emily etérea nos observava.

— Quando Kevin nasceu, eu senti tudo o que eu te expliquei, absolutamente tudo. Eu me sentia culpada mais que um condenado quando eu o via chorar estridentemente procurando por mim, procurando por alimento, e eu não conseguia sentir nada. Eu até colocava uma mamadeira na boca dele, mas não aguentava fazê-lo por muito tempo.

Eu não tinha o que falar, eu precisava apenas.

— Um dia Dave me encontrou num canto do quarto, com os ouvidos tapados, ele me perguntou o que eu estava fazendo, e eu não consegui explicar. Eu queria dizer que o "maldito"... – ela até fechou os olhos envergonhada nessa parte – do filho dele, não me deixava em paz. Que ele não conseguia ficar calado por nem um momento. Mesmo que eu soubesse que ele estava apenas com fome, eu sentia aversão por ele, aversão real no mais puro e alto grau.

Ela continuou:

— Ele era só um menino indefeso, e eu não conseguia amá-lo, mesmo sabendo que era a minha obrigação. Eu não conseguia amamentar, mesmo sabendo que era minha obrigação.

— Amamentar um bebê não é obrigação, você pode mudar a dieta dele se quiser.

— Não é isso, amor – ela disse – eu queria. Eu queria muito, mas não conseguia. Naquele dia, eu realmente estava sozinha, e foi insuportável vê-lo chorando de fome perto de mim. Eu queria me livrar dele, me livrar do barulho que ele causava, me livrar de tudo, eu queria esquecer o que eu era e quem eu era. Eu só conseguia enxergar nele a imagem do filho que eu tinha tirado, e eu quis acabar com aquela imagem.

Ela não precisou completar a frase para que eu soubesse o que se vinha a seguir.

— Dave me viu, ele me pegou alí, com o travesseiro no rosto de Kevin, e essa foi a primeira vez que eu fui internada.

— Então você lembra que foi internada?

— Não, eu não lembro. Eu só sei que eu fui, afinal é o que aqueles malditos papeis dizem. Eu saí do hospital, eu fiquei aliviada, pensei que eu conseguiria ficar com Kevin sem achá-lo um estorvo, e eu consegui por um tempo. Mas eu interrompi a medicação e vieram novas crises. Kevin não tinha nem dois meses de vida e eu o odiava, é uma palavra forte, mas era o que eu sentia.

— E então?

— E foi quando eu tentei fazê-lo pela segunda vez. Mas eu não usei um travesseiro, usei meu próprio seio contra a boca dele. Fazendo que ele tapasse o nariz e a boca dele ao mesmo tempo. Ele se engasgou, por não poder respirar, os pais de Dave estavam em casa, eles subiram as escadas e viram o menino arroxeado no meu braço. E eu não sei o que aconteceu alí, o pai de Dave saiu com meu filho e a mãe dele me deu um forte tapa no rosto me chamando de doida – Violet sorriu – aquela maldita, ninguém tinha deixado uma marca em mim até aquele dia.

— E então você foi internada pela segunda vez?

— Sim, e dessa vez, eu apenas sei que pode ter existido, por causa dos meus pesadelos. Eles são tão reais, tão reais. Eu estou numa sala branca, cheia de lençóis azulados por todo lado. E um biombo com uma cortina velha está pendurado ao meu redor. A luz está piscando e eu consigo ouvir um barulho de inseto zunindo perto do meu ouvido, depois disso, um choro de bebê, idêntico ao do meu filho. Eu levanto e vejo ao longe uma banheira de criança, e eu corro por

que sei que fui eu quem esqueceu ele alí, mas eu encontro apenas um corpo boiando.

— Meu Deus, Violet – eu nem conseguia imaginar tamanho terror – eu sinto muito. Foi apenas o que eu consegui articular.

— Não, acabou – ela disse – os pais de Dave me deram dinheiro para me afastar dele, para que eu fosse embora para longe, e eu aceitei. Mas eu me arrependi, quis voltar para ele, mas eles já tinham se mudado. Para aquela casa onde moram agora. Eles não sabem que eu sei onde meu filho está. Apenas sabem que eu quero recuperá-lo. Eu gastei o dinheiro com advogados para tentar mostrar que eu não fui tratada corretamente, e que agora, com o tratamento certo, eu posso vê-lo, mas eles conseguiram fazer de tudo para me impedir. E eu fui taxada como louca, como uma pessoa que não tem simples lapsos de memória, mas amnesia frequente.

Quanto mais ela me contava, mais eu tinha certeza de que queria vê-la bem, vê-la restaurada, mas não à custa das promessas que eu tinha feito para Emily um dia.

— Me desculpa, Nicholas. Eu deveria ter contado.

— Sim, deveria – eu a interrompi – mas não importa mais, você falou a verdade agora. E é a isso que vamos nos ater.

— Ok.

— É a verdade, não é?

— Agora sim, é.

— Muito bem, agora é minha vez.

— De que?

— De colocar os pingos nos "is".

Violet puxou a perna mais de encontro contra o corpo, ficando quase em posição fetal, e me ouviu.

— Eu preciso me desculpar novamente, eu deveria ter sido mais sensível e tentado entender o quão difícil deveria ser para você falar isso tudo.

— De joelhos.

— O quê?

— Quero desculpas de joelhos – ela sorriu um pouco.

— Mas nem... – não completei – não vou fazer isso, você sabe o que fez também e eu não te mandei ficar de joelhos.

— Mesmo por que para mim... Se ajoelhou... Tem que rezar.

— Deus do céu, você não para?

— Não – ela disse – é ele lá e eu cá.

— Tá, Violet. Está bom. Então, continuando, eu prometo que tentarei ser mais compreensivo, mas entenda, não consigo ver nada além do que já aconteceu voltando a acontecer entre a gente.

— Mesmo? Por que eu consigo, e Uh! É quente.

— Mesmo! – eu disse – eu não estou pronto, eu sinceramente não estou pronto. Nem sei quando vou estar pronto para amar alguém de novo.

Violet gargalhou estrondosamente, repassei de memória minhas falas, não, eu não tinha contado nenhuma piada.

— Qual é o problema agora? – perguntei outra vez.

— Você, tão certinho, tão perfeitinho. Um bibelô de estante.

Arqueei as sobrancelhas, não entendendo onde ela queria chegar.

— Nicholas, olha para mim – ela pediu – você já viu como sou. Eu não sou uma pessoa assim, sentimental. Eu tenho sentimentos, mas não sou levada por eles. Eu tenho química. Eu não estou pedindo para ser amada, você pode deixar esse amor para sua esposa morta.

— Mais respeito, por favor – eu pedi – então, você está me dizendo, que todo esse tempo, suas investidas, e todo o mais. Eu interpretei errado?

— Interpretou certíssimo, estou interessada. Mas não quero amor, como já disse, você já tem a quem destiná-lo. O que eu quero de você é acordar esse teu corpo. Olha para você – ele apontou – tanto desperdício. Eu não estou prometendo te amar, estou te prometendo uma boa transa sempre que você quiser. Qualquer outro sentimento que surja a partir daí, será em consequência disso.

— Violet – eu disse desconcertado, qual é? Eu tinha trinta e quatro anos e ia ficar corando? – eu aprecio a oferta, mas eu não estou interessado, você é uma mulher belíssima, mas eu terei que recusar.

— Ai, Nicholas. Eu não estou te oferecendo coração de frango no espeto. Eu estou dizendo que quando estiver pronto, eu vou estar te esperando. Nem precisa pedir permissão para entrar.

— Violet...

— Não, amor. Para de falar, apenas está me dando mais coisas para jogar na sua cara quando estiver rolando na cama comigo.

Não tinha como conversar com ela sem que a conversa se desviasse para um caminho para adultos. Eu levantei e fiz o gesto para que ela saísse do quarto. Ela passou por mim fazendo questão de se esfregar um pouco e eu tranquei a porta após sair.

Era melhor eu buscar minha filha antes que ela ficasse com fome. Violet e eu estávamos às boas, por enquanto. Até brigarmos novamente, ou até que ela fizesse outra besteira. Como pedir que eu a beijasse em troca de cuidados para Nicole.

"Nem precisa pedir permissão para entrar".

Aquela maldita frase ficou ecoando a noite inteira na minha mente.

Que não seja isso!

A vida é curta e deve ser aproveitada em sua totalidade. A maioria das pessoas vive naquele pequeno espaço entre duas palavras "e se...".

Eu era um desses que vivia nesse pequeno espaço, eu estava pendurado no vão destas duas palavras "e se...". E se Emily não tivesse morrido? E se eu nunca tivesse conhecido Violet? E se eu nunca tivesse atravessado o caminho de Emily? Ela ainda estaria viva? E se eu tivesse chegado alguns minutos mais cedo naquele dia?

Eu odiava saber que tão cedo minha vida tinha se transformado, eu odiava saber que eu não tive tempo de aproveitar o amor de minha vida enquanto ela esteve ao meu lado. Eu sentia falta, muita falta. E Emily, meu subconsciente, não me tinha mais coroado com suas aparições repentinas. E eu sabia exatamente por quê.

Em algum lugar, no meio da poeira das estrelas, ela estava me odiando como se eu fosse seu pior inimigo. Eu não sabia o que fazer, eu simplesmente não sabia. Um único momento de desespero meu, um único, quando eu não sabia o que fazer por Nicole, e eu cedi. Eu cedi fraco e covarde que sou.

Eu simplesmente não merecia, nunca mereci toda a vida que ela me

dedicou. Ela morreu por mim, ela morreu tentando me proteger, ela ficou como coração batendo até que terminassem aquela cesariana e trouxessem Nicole ao mundo. Eu senti que ela sorria quando eu escolhi esse nome, ela queria que fosse o mesmo significado que o me: "Aquele que vence". Nicole também é aquela que vence, e tem vencido, diariamente.

O pai dela, este não merece o nome que tem. Emily venceu seus maiores medos por mim, eu me comportava como o mais infame dos homens em relação à memória dela.

Deixei os papeis que eu estava organizando sobre uma bancada. Eu queria ter encaixotado tudo, ter colocado nas caixas, como eu disse que faria cedo pela manhã, eu disse que organizaria tudo para que no dia seguinte a decoradora não tivesse nenhum trabalho, mas eu não iria conseguir. Eu mal conseguia saber qual era o meu próprio nome com a bagunça que estava a minha mente.

— Nicholas? – pronto, a voz de Vivian lembrou meu nome.

— Oi! – eu disse – estou aqui, atrás das prateleiras de livros.

— Que bagunça! – ela disse e veio andando equilibrando-se sobre os pés para não tropeçar em coisa alguma.

— O que aconteceu? – perguntei – James?

— Não. Tem um pessoal lá embaixo, eles vieram buscar um pagamento e eu não sei do que se trata.

— Pagamento? – perguntei – eu não solicitei nada. Fiquei fora de casa o dia inteiro.

— Eu sei, e James e eu fomos levar Nicole à consulta dela. Depois fizemos compras, e voltamos para casa.

— Matheo?

— Não sei dizer. Tem que perguntar para ele.

Agradeci Vivian e sai da bagunça que eu tinha montado. Eu queria saber sobre qual pagamento estavam falando. Antes de descer as escadas dei uma olhada para dentro do quarto de Nicole, ela estava dormindo e Violet não estava ao lado dela, provavelmente estava no banheiro.

James e Matheo estavam conversando no sofá da sala, enquanto jogavam pôquer. Nem sei para quê, Matheo sabia que iria perder.

— Boa noite – estendi a mão em cumprimento para cada um – em que posso ajudá-los?

Eram três homens, e eu sinceramente não lembro de tê-los visto antes na vida.

— Boa noite, senhor – ele olhou numa ficha que tinha na mão – Nicholas Theodoridis – ele esperou que eu confirmasse a informação, o que fiz.

— Finalizamos o serviço que o senhor mandou. Já deixamos as caixas no galpão da cruz vermelha. E como o senhor solicitou no pedido, viemos assim que terminamos o trabalho.

— Me desculpe, caixas? – perguntei confuso – eu sinceramente não sei do que estão falando. Deve estar havendo algum engano.

— Não senhor, veja – eles me mostraram um papel impresso com um e-mail e orçamento de serviço que supostamente teria sido enviado do meu e-mail.

Aquilo não fazia sentido nenhum.

— James? – virei para dentro da casa – sabe alguma coisa sobre isso?

— Deixe-me dar uma olhada – ele disse largando as cartas sobre a mês de centro – se espiar, eu te mato – ele ameaçou Matheo.

James se aproximou e leu o papel que estendi. Olhei para ele esperando uma resposta.

— Ah... Não, não sei nada sobre isso. Que volumes seriam esses? – ele já perguntou para os homens.

— Foram cerca de dezesseis caixas, o senhor pode ver na parte que numeramos os volumes.

— Não queremos confusão – outro homem com a camiseta de firma disse – estamos apenas cumprindo o nosso trabalho.

— Tudo bem, amigo – eu falei amistosamente – apenas quero entender – virei para Matheo – Matheo, sabe algo sobre isso?

— Não – ele disse – eu nem trouxe cuecas suficientes na minha bagagem, imagina ser organizado o suficiente para ligar para uma empresa.

— Certo, bom, eu não irei deixa-los sem o pagamento, apesar de imaginar que tenha sido um engano. Eu vou fazer um cheque.

— Só trabalhamos com dinheiro.

— Estou sem dinheiro em casa, aceitam débito?

— Não, senhor, colocaram no pedido que o pagamento seria à vista, em dinheiro, estamos despreparados.

— Deixa comigo – James disse e pegou a carteira do bolso de trás, puxou uma nota da carteira depois de ver o valor impresso no papel – aqui, podem ficar com o troco.

— Tudo bem, desculpe o inconveniente. Quando viemos pela manhã, sua prima nos atendeu. Ela disse que o senhor tinha nos autorizado.

— Prima? – falei intrigado – ah, sim, minha prima. Está tudo bem, tenham uma boa noite.

Observei os homens saindo. Eu não sabia o que Violet tinha feito, apesar de imaginar que eu não iria gostar. Senti um aperto no peito, uma ansiedade, quase como se eu estivesse vendo uma bola de tristeza enorme se construir aos poucos.

— Nicholas, o que foi? – James disse.

— Não, nada. Pelo menos não ainda.

Subi as escadas outra vez. Que merda Violet tinha feito, e que, por favor, a

teoria na minha cabeça não se confirmasse.

— Violet? – chamei baixo quando entrei no quarto de Nicole, para que eu não a acordasse – está aí?

Não, ela não estava. E notei o perigo que era ver que minha filha tinha ficado sozinha. Chamei Matheo e pedi que ele ficasse com ela enquanto ia á casa ao lado. Isto depois de ter vasculhado a casa atrás dela.

Violet estava sentada na varanda, se equilibrando numa cadeira de madeira e tomando sopa quente numa grande xícara. Me aproximei dela.

— O que você fez? – perguntei calmamente.

— Eu te ajudei.

— Me ajudou com o quê? – perguntei temeroso.

Violet se levantou da cadeira e reclamou quando derrubou a xícara com o líquido perto do pé dela.

— Oh, que merda! – ela ficou balançando o dedo que tinha entrado em contato com o líquido quente – au, meu dedo, me ajuda – ela estendeu o dedo para que eu o soprasse. Retirei a mão dela da minha frente de vez.

— O que você fez? – perguntei mais uma vez.

— Nicholas, você não entende ainda, eu quero que você consiga andar em frente, seguir em frente. Eu quero que você siga para mim.

— Violet! – eu falei mais alto dessa vez – que porra você fez? Que caixas eram aquelas que aqueles sujeitos levaram?

Ela não falou nada. Absolutamente nada. Apenas me deu um olhar tranquilo que, de algum modo, me revelou tudo o que eu não queria enxergar. Eu li as palavras que eles me ditavam em silêncio, eu vi tudo, absolutamente tudo, e não consegui respirar por um bom tempo. Dei dois passos para trás e arregalei os olhos, cobri a boca e com dificuldade consegui articular: — Você não fez isso... Pelo amor de Deus, você não fez isso...

— Eu fiz pelo seu bem.

Dei mais alguns passos cambaleantes para trás, eu mal conseguia olhar em direção à ela, virei na direção da casa e corri.

— Nicholas, o que houve? – ainda ouvi James, que estava apoiado ao lado da porta, me perguntar.

Não respondi, subi as escadas com pressa, vi de relance Vivian ao lado de Nicole com Matheo e entrei no meu quarto. Passei pela antessala e pelo quarto, então abri as portas do walk-in closet.

— Não! – eu falei deixando escapar o ar que eu tinha prendido há algum tempo e nem tinha percebido – não...

O closet estava ainda escuro, mas eu sentia o frio do local, eu senti que aquilo não tinha mais vida e nem perfume.

— Meu Deus... Meu Deus... – fiquei reclamando baixo enquanto o quadro

se desenhou para mim após eu ligar a luz.

O closet que se estendia no cômodo de pouco mais de seis metros quadrados, estava praticamente vazio. O lado direito, que era o meu lado do closet, estava devidamente organizado, do jeito que eu pedia que Mercedes fizesse sempre. Mas o lado de Emily, as gavetas os armários a penteadeira e todo o mais, estava completamente vazio.

Os moveis estavam despidos e estava despida a minha alma.

Como um louco, entrei no aposento, eu não queria acreditar no que os meus olhos viam, abri as gavetas, abri-as uma por uma, acreditando que por mágica Emily e suas cousas poderiam estar alí. Nada alí estava.

Eu respirava fundo, minhas mãos tremiam, voltei para meu quarto, e procurei sobre o criado mudo. Nada, absolutamente nada. Não tinha mais alí o caderno de Emily, não tinha mais o bloco de notas, nem a presilha de cabelo que eu tinha comprado na nossa lua-de-mel, a caixinha de joias, nada. Absolutamente nada.

De repente algo mais doloroso ainda me veio a mente.

— Não, Deus! Não, por favor – eu já estava com raiva de Violet, de mim, de Deus e do mundo. Me perguntando como ele tinha permitido uma coisa dessas, como ele podia ter sido tão injusto comigo e como eu ainda poderia acreditar num ser que não tinha permitido que uma mãe criasse a filha.

Voltei ao escritório e revirei ainda mais a bagunça, todas as coisas, todas as caixas, as gavetas. Revirei até o saco de lixo que eu tinha fechado pouco tempo atrás. Eu procurei ainda mais um pouco, mas não encontrei. Não encontrei os computadores de Emily.

Nada mais estava alí. Fora o quadro das paredes, não tinha mais um único pertence de Emily na casa. Emily tinha partido, e antes que ela me abandonasse eu a deixei só no outro mundo. Eu estava sendo consolado pelas palavras dela, mas nem isso eu tinha agora.

Eu tinha perdido tudo de Emily, inclusive as poesias.

Construindo barreiras

Eu precisei ficar parado algum tempo sozinho no quarto. Encostei-me à parede e fiquei contemplando aquele cômodo vazio. Eu me sentia tão impotente e tão enfraquecido. James, meu Deus, James não poderia saber o que tinha acontecido, eu não sei como ele reagiria. Matheo, então, ele não perdoaria Violet nunca. E Vivian, eu nem preciso falar dela, era capaz de as duas saírem aos tapas.

Coloquei a cabeça entre as mãos e fiquei sentindo quando a tristeza transformou-se em raiva. Agora, minhas mãos tremiam, mas não era mais pelo susto, era por minha própria inocência e boa fé, que me tinham levado a acreditar tanto em quem não merecia.

Levantei-me resoluto, eu precisava falar com ela, eu não imaginava sequer o que faria. James ainda tentou falar comigo antes de eu sair, me parando com os braços, ele precisou usar alguma força.

— Nicholas, o que há com você? – ele deve ter perguntado ao ver meus olhos vermelhos de choro, e o modo como eu andava pisando duro – Nicholas, para! – ele ordenou mais uma vez.

— James, eu não quero derrubar você – eu disse – é muito bom você me

largar – eu me desvencilhei da mão dele.

— Você não conseguiria nem se tentasse – ele ainda foi capaz de sorrir – me diz o que aconteceu.

— Quer fazer alguma coisa útil? – eu disse – liga para a cruz vermelha e tenta recuperar as caixas que foram para lá em meu nome hoje. Oferece o que eles quiserem, oferece até meu rim se for preciso, mas recupere aquelas caixas.

— Nicholas.

— Me deixa em paz.

Saí da casa, Violet não estava mais na varanda, provavelmente tinha entrado. E eu não bati, entrei girando a maçaneta da porta e a surpreendi, sentada no sofá, ouvindo música com os fones de ouvido. Quando me viu, ela os retirou e colocou o aparelho ao lado dela e se levantou vindo até mim.

— Eu sei que está doendo, Nick – ela disse – mas acredite, é o melhor para

você. Apenas você não vê isso agora.

Eu balancei a cabeça, não acreditando no que eu estava ouvindo. Mesmo contra minha vontade, eu vi mais lágrimas descendo. Muitas e muitas dela.

— Você simplesmente não tinha esse direito, Violet! – questionei – Como você pode fazer isso comigo? Você não percebe que isso foi de uma monstruosidade tamanha? Você jogou fora todas as coisas da minha mulher, da mãe da minha filha. Qual a lembrança que Nicole terá de Emily quando ela crescer? Ela não verá nada, absolutamente nada da mãe? Exceto quadros, quadros que retratarão um fantasma de alguém que não se tem provas para garantir que existiu.

— Nicholas – ela tentou se aproximar mais e pegar no meu rosto, mas ao ver meu olhar ela recuou.

— Não ouse se aproximar – eu disse com um tom frio.

— Ou o quê? Vai me bater também?

— Eu não sou esse tipo de homem com quem você teve um passado. Eu não faria isso.

— Nicholas... – ela continuou, mas de longe – você não precisa daquilo, tudo aquilo te prende a um passado que não vai fazer que ela volte, aquilo não vai fazê-la ressuscitar.

— Violet, meu Deus – eu disse, mesmo sabendo que era em vão usar o nome dEle – você não tem noção do faz? Você é o que? Você é...

— Louca?1 – ela me interrompeu – todos dizem isso, talvez seja verdade – ela deu de ombros – mas eu só quis te fazer ficar bem. Bem não só por você, mas para Nicole, para seus amigos, para seu cunhado, para mim... Eles não aguentam mais te ver andando por aí de ombro caído, eles querem te fazer feliz, como eu!

Palavras vazias que entravam no meu corpo vazio, ecoavam e saiam de mim sem surtir nenhum efeito.

— Eu duvidava de todos, duvidava da opinião que todos tinham ao seu respeito até agora, eu... – eu solucei com um choro dolorido – eu só quis te ajudar, e é assim que você me paga? Pegando as coisas de Emily e levando-as para longe? Você não entende o quanto aquilo tudo era importante para mim?

Você não entende o quanto aquilo era precioso?

— Ah, Nick... vem cá – ela estendeu os braços.

— E não me chame mais assim! – eu gritei – só ela me chamava assim! Nunca mais enquanto eu viver me chame assim!

— Nicholas... – ela deu mais um passo para perto – eu sei que está doendo, está doendo muito, mas vai passar. Sempre passa, e a dor e a raiva, você vai ver que foi à toa, você vai ver um dia que está apenas preso a uma pedra.

— Cala essa boca! – eu disse e limpei meu rosto que estava suado e sujo de lágrimas e poeira, sorri de mim mesmo ao ver meu próprio estado, o estado em que eu tinha me colocado – isso tudo vai mudar.

— Você não pode me mandar embora – ela disse como se adivinhasse o meu pensamento – você sabe que sua filha precisa de mim, e você não seria tão mau para ela a ponto de afastá-la de mim. Não é mesmo?

Ela falou, e foi como se eu visse um pequeno demônio enrolado em cada uma daquelas palavras. "Nicole, se não fosse por você..."

— Eu estou falando que – eu disse – a partir de hoje isso tudo vai mudar. Você não entra mais na minha casa sem pedir permissão, aliás, não entre mais na minha casa. Eu vou comprar o equipamento para retirar leite para Nicole, e assim que ela aceitar o alimento novo você estará dispensada.

— Nossa... Nick... Nicholas. A raiva é um ótimo combustível em você, ela é ótima não é? – ela perguntou ao longe – nos faz cometer loucuras, pensar imoralidades... – ela andou até a banqueta da cozinha e cruzou as pernas de forma provocativa.

— Isso é você tentando ser sedutora? – falei com desdém – por que o máximo que consigo sentir agora é ódio...

—Ódio não é tão ruim, seria pior se fosse desprezo – ela sorriu de leve.

Aquilo era demais. Eu não iria me deixar levar por um jogo de palavras. Eu a estava odiando naquele momento, talvez mais do que eu já tenha odiado alguém na vida. Exceto por Trevor, que ele esteja ardendo no inferno.

— Esqueça a idéia de dormir sob o mesmo teto que eu – eu disse – esqueça a idéia de um amigo, eu não vou mais ser isso para você. Matheo continuará trabalhando no seu caso, não por você, mas por Kevin, por que criança nenhuma merece ficar longe da mãe. Não desrespeite mais a minha mulher dentro da minha casa, não ouse falar o nome dela, não ouse sequer sonhar que um dia chegaria aos pés dela.

— Nicole precisará ser alimentada.

— Nem que eu não durma, mas não a deixarei ficar com fome para que eu não precise de você. Eu sou o pai de Nicole, eu sou o pai. Eu sou capaz de fazer por ela tudo o que você faz. Eu contrato os melhores nutricionistas, nem que eu fique pobre, mas ela não vai mais precisar de você.

— Ops, eu arruinei tudo né – ela disse colocando a mão na boca num gesto cômico – isso é o que você acha. Quando sua ficha cair, vai ser comigo, ao meu lado, que você vai vir se consolar.

— Eu já mandei você me respeitar – eu disse.

— Ok, Nicholas o que quer que eu faça? – ela perguntou – eu já disse que fiz isso para seu bem. Você estava apegado demais às coisas dela, isso traz

lembranças e isso só te afastaria mais de mim.

— Você, você mesma me afastou de você. E reze, reze muito para que eu consiga recuperar as coisa da minha mulher.

Eu disse e saí da casa. Eu queria tê-la mandado ir embora, eu queria muito, mas não poderia no momento. Não com Nicole tão pequena ainda. Ela mal tinha completado um mês de vida (o mês normal).

— O que aconteceu lá? – James me perguntou assim que eu entrei na casa.

— Discussão, mais discussões como sempre. E problemas, minha vida tem sido repleta deles. Não sei quem ou o que está brincando comigo assim. Está ficando difícil.

— Aonde vai?

— Vou ver minha filha. Por quê?! – eu respondi gritando.

— Não, não com essa raiva – ele disse – eu não vou deixar você pegá-la desse jeito. Você pode machucá-la. Espere você se acalmar, depois faça isso.

— Você tem razão – concordei – eu, eu vou fazer a mamadeira dela, peça, por favor, que Vivian dê a ela por mim. Eu não quero ver aquela outra garota na minha frente hoje.

— Certo.

Andei até a cozinha e coloquei uma xícara com água e leite em pó numa xícara. Depois coloquei o líquido dentro de uma mamadeira pequena e esfriei-o sob a água corrente.

— Você precisa se acalmar – James me disse – essa raiva não faz bem. Não precisa quebrar toda a cozinha.

Ele disse a me ver jogando a xícara utilizada na pia junto com a colher.

— Deixa eu esfriar isso – ele disse – eu vou cuidar dela. Vai tomar um

banho, vê se essa "coisa" passa. Depois você vai até Nicole. Se não estiver se sentindo bem, descanse, eu fico em vigília com ela.

— Eu nem sei como te agradecer – eu disse – mas eu quero ficar com ela um pouco hoje. Ok?

— Você é o pai.

James pegou a mamadeira da minha mão e ficou esfriando-a. Eu fui ao meu quarto, tomei um banho e fiquei deitado na cama. Por um longo tempo, admirando o quanto aquele quarto estava vazio sem as coisas dela. Meu Deus, como eu precisava dela aqui ao meu lado, agora. Como eu precisava do fantasma dela.

Cobri o rosto com o travesseiro e berrei com a alma, tentando esvaziar meu corpo que tinha se tornado casulo de uma raiva que queria evoluir.

Quando retirei meu o travesseiro e virei de lado da cama. Ela estava alí.

— Emily... – meu coração apertou e meu ser parecia ter simplesmente ter sido tomado de uma paz e vergonha sem tamanho.

— Eu esperava o dia em que você tomaria uma atitude – ela disse – eu nunca vi você tão bravo.

— É porque você nunca me deu motivos para ficar brava com você... Na verdade me deu, quando beijou aquele cara na porta da minha casa...

— Você disse que nem podia chamar aquilo de beijo... – ela disse e passou a mão no meu rosto, eu beijei a mão dela – me perdoe também...

— Você não imagina como aquilo doeu em mim...

— Sim, amor, eu imagino...

— Eu te perdoo, mesmo que meu coração tenha sido deixado de lado. Quero apenas buscar o que o seu ainda tem para mim.

— Você sempre terá meu corpo e a minha alma – eu disse.

— Você sabe que não. Sentirás o mais profundo necessitar em sua vida. Sentirás a suavidade de outros rostos, e eu serei mais uma de suas lembranças.

— Eu não quero que você vá...

— Eu sei, mas eu preciso. Eu só posso estar com você se você quiser ficar comigo, mas para isso, você tem que vir para mim. E você não quer...

— Nicole... Eu não posso deixá-la.

— Esperaremos por ela do outro lado.

— Emily, você está em meus pensamentos, em minha carne, em minhas veias. Eu vejo muitas coisas, vejo você em todas elas. Sinto falta da tua companhia em minhas noites, tua fala de menina, teu jeito meigo e todas as coisas que eu adoro em você. E tudo isso não deixa que eu me sinta em paz.

— Nicholas, todas elas são apenas espelhos que refletem o que mais há em minha mente.

Emily se moveu para cima de mim e sentou-se sobre meu corpo.

— Lembra-te da primeira vez? – ela perguntou – em que eu estive assim?

Eu sorri, e ela se deitou sobre meu peito. Descansando a mão em meu cabelo.

— Sei que você sente as minhas agonias por vezes sentia tua mão me acarinhando. Então eu punha os dedos em teu lábio o silenciando. A mão acarinhava teu cabelo...

— Eu sei. Eu ouvi você me chamando. Sei que senti teus lábios. Sei que eras tu me beijando.

— Você não cumpriu sua promessa. Você disse que eu seria o teu último beijo, assim como você foi o meu.

— Me perdoe... – eu pedi.

— Eu perdoo – ela consentiu com um choro.

— Guarda este pequeno segredo. E... Nicholas...

— Hum? – eu falei baixinho, já sabendo que ou eu deveria estar dormindo e eu acordaria, ou eu estava tão louco a ponto de realmente senti-la – Traga nossa filha para seu quarto. Não a deixe só. Ela pode dormir ao teu lado, assim ela não estará em perigo.

Emily soprou ainda algumas palavras que eu não entendi, e eu abri os olhos. Nem um minuto tinha passado, eu ainda estava molhado do banho, e mesmo assim sobre mim meu corpo estava quente.

Soluções iniciais

Assim que me vesti fui até o quarto de Nicole. Eu estava me sentindo mais calmo, melhor. Triste, obviamente, mas mais centrado. A vida não estava sendo justa comigo, se ela me queria endurecida, eu seria duro com ela também. Agora, eu iria trilhar o caminho que eu quisesse e não deixar mais ninguém guiar meus passos.

— E então? Melhor? – Matheo perguntou. Provavelmente sabendo que Violet tinha me torrado a paciência outra vez.

— Muito – eu disse e dei um beijo na minha filha, que estava deitada no braço de Vivian, e disse – você está grandinha, vamos ter uma longa conversa esta noite.

Eu esperava que ela atendesse meus pedidos, se é que ela conseguiria pelo menos entender o que eu falava.

— Matheo, levanta – eu praticamente ordenei – me ajuda a levar esse berço para o meu quarto.

— O que?

— É, isso mesmo. Nicole vai dormir comigo a partir de hoje.

— Ok, não vou questionar, só obedecer – Matheo disse – mas acho que ele não passa por essa porta.

— Nem que eu derrube uma parede, mas ela dormirá no meu quarto.

— Mas vocês são tontos, né? – Vivian disse – olha as grades laterais do berço. Elas são removíveis. Vocês podem baixa-la e passar o berço fazendo uma curva, ou vocês podem retirá-las e colocá-la lá depois.

— Obrigado – agradeci.

Talvez eu ainda estivesse com minha atenção no ocorrido e não tivesse prestado atenção nisso. Baixamos as grades e ele me ajudou a carregar o berço de madeira maciça para meu quarto.

Quando chegamos lá, vendo que ainda não tínhamos liberado espaço para ele, colocamo-lo na antessala e afastamos um pouco a minha cama e colocamos o berço ao meu lado.

— Precisa que eu traga mais alguma coisa? – Matheo perguntou.

— Não sei, eu acho que vou trazer as roupas de Nicole para cá, vou colocar, por enquanto, algumas coisas mais necessárias no meu closet. Acho que só vou precisar da sua ajuda para trazer a cômoda dela para cá, a que tem o trocador encima.

— Certo, vamos fazer isso logo.

— Ok.

Fizemos o que eu tinha dito. Quando voltamos para o quarto de Nicole, eu a peguei nos braços quando ela começou a choramingar.

— Pequena Nic, vamos conversar um pouco – eu disse e sentei com ela na

poltrona, colocando-a no meu braço e olhando bem para os olhos dela, que piscava observando a luz do quarto – eu vou cuidar de você melhor agora, eu estou sendo um pai muito relapso, e eu não vou mais repetir isso. Você vai ter que me ajudar, tá bom? – eu pedi – você sabe que você é a minha primogênita, e eu não sei nem por onde vai cuidar de uma linda menina, mas eu quero que você saiba que eu estou me esforçando muito.

Vivian sorriu e Matheo olhava para mim como se eu fosse um doido falando com um bebê.

— Eu vou começar a te dar a mamadeira, e por favor – eu a puxei para dar um beijo na testa dela e ela piscou com o atrito da minha barba – eu quero que você me ajude, tá bom? Toma pelo menos metade da mamadeira, tá?

— Nicholas, - Vivian disse – James trouxe aquela mamadeira para mim, e eu dei para ela. Ela está quieta assim porque tomou-a.

— Ela tomou tudo? – perguntei surpreso e alegre.

— Não tudo, mas quase dois terços. Basta que mais tarde a gente faça a mesma coisa, ela não vai ter fome daquele jeito outra vez.

— Meu amor, obrigada – eu falei com ela – você é a melhor menina do mundo, é a coisa mais preciosa.

Levantei com cuidado, pegando-a melhor.

— E a que se deve essa revolução toda? Nicole no seu quarto?

— Eu acho que ela vai dormir melhor quando ela estiver comigo – eu disse – e eu a quero perto de mim, posso estar sendo egoísta, mas deixo vocês entrarem no quarto para vê-la sempre.

Andei para meu quarto e Matheo veio atrás de mim, ele provavelmente iria querer saber o que tinha acontecido, mas eu definitivamente não falaria sobre isso hoje. No mesmo momento, me veio outra idéia à cabeça.

— Matheo, eu preciso falar com você.

— Eu estou aqui.

— E com James, é importante.

— Vou mandar uma mensagem para ele, espera... – ele pediu e digitou rapidamente no visor do celular – pronto. Ele já está subindo. Não entendo sua aversão a celulares.

— Não tenho aversão, apenas não sou uma adolescente de doze anos.

Não levou muito tempo, eu coloquei Nicole no berço, James chegou. Preocupado, já pensando que alguma coisa tinha acontecido, ele veio até Nicole, mas ao constatar que ela estava bem, ele respirou aliviado.

— Matheo, da próxima vez que mandar uma mensagem querendo atenção para mim, não mande apenas um "urgente", por favor – ele falou mais divertido que irritado.

— Você veio, não veio? – ele falou sorrindo.

— Qual a urgência? – James me perguntou depois que eu sentei na beirada

da cama.

— A sociedade.

— O que? O que tem a sociedade? – Matheo perguntou.

— Não está sabendo sobre o que Eric pretende fazer?

— Não, desculpe – Matheo disse.

— Bom, aparentemente, Eric, não satisfeito com as intrigas do passado, quer suscitar uma nova – James explicou sendo o mais polido possível.

— Obrigado James – eu disse – ele quer convencê-los a me retirar da sociedade por decisão judicial.

— Mas que puto! – Matheo falou após um segundo boquiaberto.

— Normal, não o culpo – eu disse – sinto que ele queria meu lugar, mas não pode. E tenta compensar com dinheiro o fato de ser curto.

— Isso é muita traição, você ajudou a levantar aquele escritório, ele sabe disso. Se você, seu pai e sua mãe, vida longa à sua mãe – ele ressaltou – não tivessem os contatos certos, a gente ainda estaria recebendo galinha de pagamento.

Revirei os olhos para o comentário, esqueci deste e continuei em frente com o que proporia desde o começo.

— Meu plano é vender as ações – eu expliquei – James fica com vinte por cento das minhas cotas, e você com quinze por cento.

O próprio James, que estava quieto, se espantou com minha oferta.

— Você está louco? – ele perguntou – como vai se desfazer do seu

patrimônio pessoal? Você sabe que a empresa rende bastante.

— Sim, eu sei. E quero um dia voltar a trabalhar com vocês, mas não com Eric por perto. Eu vou concorrer com vocês, mas não é agora, não tenham medo – eu sorri um pouco – eu vou esperar Nicole completar pelo menos um ano.

— Você terá dinheiro para se manter durante esse tempo?

— Sim, terei. Quanto a isso não se preocupe. Eu não sou milionário, mas tenho uma quantidade decente de dinheiro na poupança, e se eu precisar recorrerei aos meus pais. O que eu espero não precisar. Eu também tenho títulos do tesouro direto e outros investimentos.

— E a casa? – James perguntou – eu não me lembro de você ter me dito alguma coisa sobre a casa. Você sabe que ainda não terminou de pagá-la, não sabe?

— Claro, eu a tinha comprado por Emily, você sabe. Vou ficar com ela e deixá-la para Nicole. E, por favor, não me olhem como se eu fosse um mendigo de rua. Eu ainda tenho mais dinheiro que os dois juntos.

— Nossa, eu estava até começando a sentir uma coisa chamada gratidão e pena – Matheo disse – mas agora, saiba, eu vou demorar o dobro do tempo para te pagar, só por birra.

— Eu não me importo – eu disse – eu só não quero que Eric fique com as minhas ações. No futuro, caso queiram, eu posso chamá-los para trabalhar comigo. Claro, a não ser que me queiram como concorrente.

— Já pensou – Matheo disse – cada um concorrendo com o outro?

— Seria estranho – James disse – não sei se me acostumaria a derrotá-los no tribunal sempre.

— Temos um acordo?

— Sim, temos. – James disse – eu cuido da papelada. Você já sabe que burocracia é comigo mesmo.

O celular de James tocou e ele fez sinal para que esperássemos um pouco,

ele iria atender. Ele saiu. Matheo aproveitou a oportunidade para falar comigo.

— O que ela fez? – ele disse – o que tinha naquelas caixas?

— As coisas de Emily – eu disse baixo – ela mandou tudo fora, absolutamente tudo. Até os grampos de cabelo dela. Ela disse que era para meu bem.

Ele ficou me olhando em descrença, isto até conseguir articular algumas palavras.

— Ela não fez isso...

— Fez – eu disse – e eu invoco todo o teu profissionalismo para que você não te deixe afetar por isso e continue a defendê-la.

— Sabe que o que está me pedindo é quase humanamente impossível, não sabe?

— Sei, mas não o faça por ela. Faça pelo bebê, ele não tem culpa da mãe que tem.

— Eu achei que você a expulsaria de casa, é o que eu teria feito caso isso acontecesse.

— Eu poderia, mas ela não tem para aonde ir. O que eu faria com a alimentação de Nicole? Eu estava irado, mas ainda tenho coração. Eu não poderia deixá-la à mingua.

— Você se apaixonou por ela – Matheo perguntou de repente.

— Eu não sei – foi apenas o que eu pude responder.

James sobe as escadas. Me espanto com o rosto dele, que parece ter visto um fantasma. Ele está pálido como eu nunca tinha visto e ainda conserva o celular na mão.

— Era da cruz vermelha? – perguntei achando que ele tinha más notícias

sobre as coisas dela.

— Não... – saiu quase um sopro.

— E o que era? – Matheo perguntou ao chegar perto dele e notar que ele estava a ponto de falar mal.

— Nicholas – ele olhou diretamente para mim, quase em choque – era do hospital. Eles querem falar conosco sobre Emily.

Esperanças frustradas

O carro não conseguia ir mais rápido do que ele já estava indo. Felizmente, eu peguei uma via que não tinha limite de velocidade, se eu precisasse me conter agora, seria mais do que eu poderia, humanamente fazer.

— Calma aí – James disse – eu ainda tenho muito para viver. Quer saber, encosta esse carro, eu vou dirigir.

Eu, mesmo contra minha vontade, fiz o que ele pediu.

— Isso mesmo. Não vamos causar uma nova tragédia na família – James disse quando eu saí do carro, ele conseguia ser racional mesmo no centro de um vulcão.

Como um hospital, gigantesco, que se preza, consegue ligar para alguém em luto com apenas essa frase: "Queremos falar com os senhores sobre Emily". Quando tudo o que eles querem é tratar de assuntos relacionados ao tempo em que ela esteve internada e que o plano não cobriu?

Eles não gostariam de ser processados por mim, não mesmo. Eu fecharia a porta deles mais rápido do que eles conseguiriam redigir uma defesa. Estamos em processo de luto, puta merda, eles não podem simplesmente dizer isso.

James, branco como um fantasma, não conseguia nem articular uma resposta, e eu fiquei uns cinco minutos parado, meu cérebro não conseguia encontrar as terminações nervosas para me fazer falar. Eu sabia o que ele estava sentindo. Um fio de esperança nascendo, um fio de alguma coisa próximo de felicidade.

A frase tinha nos dado infinitas interpretações. E se ela estivesse viva? E se eles tivessem nos ligado para dizer que, de algum modo, trocaram os corpos e aquela que eu vi não era Emily?

O caixão nos foi dado lacrado, não vimos Emily em despedida por que eu não aguentaria. O único lugar que eu a vi foi naquela mesa fria, coberta por um lençol branco e fino, e ela ainda não tinha sido preparada. O que eu poderia esperar ouvir? Eu não vi minha esposa dentro do caixão fechado e talvez por isso eu ainda tenha esperanças de que ela esteja viva.

Sinto que estou ficando louco, mas é o desespero, o desespero que eu tenho de vê-la uma última vez, o desespero que tenho de que ela seja tão real quanto as minhas memórias. E a loucura de conversar com meu subconsciente que a imagina, mesmo eu sabendo que não ela não passa de um fantasma.

Chegamos ao hospital em plenas seis horas da manhã. Vivian tinha ficado em casa sozinha com Nicole, e eu esperava que tudo corresse bem. Eu confiava nela quanto a isso, mas sabia que ela não fazia o estilo de mãe instintiva que vemos nos filmes, ela não era tão boa com crianças.

Estacionamos o veículo e nem eu e nem James falávamos cousa alguma, apenas queríamos que quem nos mandou o recado perdesse alguns dentes. Era pedir muito?

— James Carter, Nicholas Theodoridis – ele nos apresentou ao balcão – ligaram para nós, querem falar conosco sobre dívidas.

— Não – eu disse zangado, mesmo sabendo que o balconista não tinha nada a ver com a coisa toda, eu estava zangado demais para que eu deixasse alguém brincar com meus sentimentos desse jeito – querem falar sobre Emily. Os psicólogos deste hospital de merda, ligam para falar que querem falar sobre minha esposa morta, quando na verdade eles queriam falar sobre dívidas. Eu não sei o que tenho que não quebro tudo nisso aqui – eu falei zangado.

— Nicholas, já chega – James colocou um braço para me impedir de avançar sobre o balcão – isso não é um teatro, não seja exagerado. Vamos resolver isso e saímos daqui.

O rapaz que não aparentava ter nem vinte e cinco anos, nos levou até uma sala cujas inscrições mostravam que estaríamos lidando com o diretor de finanças.

— Bom dia – o homem disse.

— Para quem doutor, para quem?

— Lamentamos o inconveniente – ele disse – já fui informado da situação que ocorreu durante a ligação. Realmente lamentamos.

— Por favor, - James pediu que fossemos direto ao assunto – o que nos trouxe aqui?

— Sentem-se, por favor.

Assim o fizemos. James parecia estar bem mais solicito que eu, e com uma maior disposição para dialogar. Estava numa postura relaxada, com um sorriso polido no rosto. Eu estava balançando a perna tentando descarregar minha tensão

e com os braços cruzados.

— Senhores – ele disse – eu entendo que como irmão e esposo da senhora Carter.

— Senhora Theodoridis – eu o corrigi.

— Desculpe, senhora Theodoridis – ele continuou – os senhores estejam cientes da dívida contraída com o hospital durante o tempo que precedeu o óbito dela o hospital recebeu um cheque caução em nome da empresa. Prime advogados e associados que seria descontado pelo menos quarenta dias após a data de saída dela do hospital.

— Sim, estamos cientes – James respondeu.

— Fui eu mesmo quem fez o cheque, quarenta e cinco mil e trezentos dólares – eu disse – Emily era minha dependente do plano de saúde empresarial, como minha esposa. O plano cobriria as despesas relativas e o cheque caução seria devolvido.

— Pois creio que houve um pequeno engano quanto a esta realização. O hospital tem uma política de duas tentativas. Na primeira tentativa feita, o hospital não conseguiu completar o pagamento. Na segunda, o hospital foi informado que o cheque não passaria, tendo em vista que um dos sócios negou o crédito.

— O que? – James e eu perguntamos em uníssono.

— É isso mesmo. E sabemos que isso nunca aconteceu, sendo que todo o pré-natal de Emily, bem como todas as suas consultas até aquele momento, foram realizadas aqui.

Eu nem precisava saber quem tinha sido o responsável do cancelamento do plano. Eric, ele estava se saindo exatamente bem como inimigo, e como a pessoa que eu sempre achei que ele era.

— Qual a conta do banco?

— Desculpe?

— Qual a conta do banco? – eu repeti a pergunta e já estava acessando o aplicativo do celular – eu posso fazer a transferência do dinheiro agora mesmo ou, se preferirem, eu posso passar o meu Amex. Escolha.

— Ah, senhor Theodoridis – ele comentou desconcertado – nós...

— Nós... Ah, vocês querem o dinheiro. Eu estou com o dinheiro, então não precisamos de toda esta enrolação sem sentido.

O homem pegou uma grossa pasta de papeis, e então ele foi até a última página, pegou um valor que alí estava expresso e uma calculadora.

— O que é isso? – James perguntou.

— Juros. Estou fazendo os cálculos dos juros até hoje.

— Certo – James assentiu.

Quando terminado, o homem mostrou o valor para mim, acrescido de cerca de três mil dólares, e anotou a conta do banco num papel. Matheo tinha razão, não se devem evitar as comodidades de um celular. Eu rapidamente transferi a quantia e mandei o recibo por e-mail para o hospital.

— Então? – perguntei – era apenas isso?

— Sim, senhor...

— Ótimo – eu me levantei, James fez o mesmo – agora, por favor, se algum dia forem entrar em contato com algum paciente. Que pelo amor de Deus, tenham o mínimo de tato para falar sobre um assunto tão sério. Eu poderia ganhar o quadruplo do que paguei ao hospital apenas por esta falta, então sejam profissionais.

Saímos da sala, mas logo o homem de visual aparentemente aristocrático e egoísta, disse: — Senhores, ainda há uma coisa.

— O que, Deus?! – perguntei irritado.

— Uma caixa, o arquivo da internação de Emily. Os senhores precisam pegá-la no arquivo, uma cópia, eu vou fazer uma ficha de retirada.

Eu queria aquilo? Eu realmente queria passar madrugadas relendo um prontuário médico que seria um engodo para as minhas noites solitárias, noites em que eu iria ficar preso a um passado com um mar de lágrimas?

Eu queria.

Depois de todas as coisas que perdi de Emily, aquilo me daria a prova que eu necessitava, a prova que eu precisava para ter certeza que um dia, se nossa filha perguntasse sobre ela, eu teria pelo menos uma pilha de papeis para mostrar. Além da minha aliança, que eu nunca tinha tirado, que um dia seria uma prova que eu nunca tinha deixado de amá-la.

E eu a esqueci, por alguns momentos, naquele dia. Enquanto eu beijei Violet, eu a esqueci completamente.

Por que mesmo depois de tudo que Violet tinha feito eu ainda me preocupava com ela? Eu não sei, mas eu ainda sinto que ela precisa muito de ajuda. Ela não foi tratada corretamente, ela não conheceu alguém que a ajudasse verdadeiramente antes.

Violet não era má, ela agia como se a vontade dela fosse superior à de todos, mas eu sabia que ela não tinha feito por mal. Eu conseguia sentir isso, eu conseguia sentir que ela realmente quis meu bem. Apesar de ter me feito odiá-la naquele momento mais que tudo, eu precisava entender o que ela era.

As coisa de Emily seriam doadas um dia, ela não tinha esse direito, realmente não tinha. Mas será que não fui injusto demais com ela? Ela é apenas uma pessoa ferida, que nem percebe que fere os outros quando quer atenção. Eu não posso culpá-la por me querer, assim como não posso me culpar por não querê-la quando fui eu quem dei liberdades demais fazendo que ela se confundisse.

Meu Deus, minha vida estava uma bagunça. Eu não queria vê-la por uns bons tempos, e ao mesmo tempo eu precisava entender a razão, isso para que ela não ficasse repetindo por todo o tempo "foi para seu bem".

— Chegamos – James disse.

Eu olhei ao redor, já estávamos em casa. Como assim? Eu sequer me lembro de ter entrado no carro. Eu devo ter ficado tão profundamente pensando nisso tudo que eu estive absorto da realidade.

Assim que James desligou o veículo e saiu do carro, eu fiquei alí, parado, pensando. Eu tinha que saber como Violet era antes de tudo isso acontecer com ela. Eu precisava saber o que a tinha feito ficar tão endurecida, por que eu sentia, aquele estado em que eu a vi ontem, não era o seu estado normal.

— Não vem? – James perguntou.

— Não, preciso ir a um lugar primeiro. Por favor, espero que esta seja a ultima vez que eu peça, mas cuida de Nicole por mim?

— Sim, cuido – ele disse – quer ir só? Tem certeza?

— Sim, não é longe – Mentira, era longe para diabo – eu espero que eu não demore tanto lá.

— Ok, se prefere assim – ele deu de ombros e ficou observando o carro partir.

Ainda fiquei olhando pelo retrovisor por diversas vezes e ele ainda estava

lá, na mesma posição. Parado e me olhando. Quando o carro saiu da propriedade, eu senti que ele sabia que eu iria fazer alguma coisa errada.

Eu iria saber quem era Violet Nella Sue, mas não pelos lábios ou palavras dela.

Talvez tenha sido engano

Eu corria atrás de verdades que eu não sabia se eu realmente queria encontrar. Quando Violet se tornou tão importante em minha vida a ponto de eu sacrificar minha raiva diante de algo que eu fiz e que fora realmente mau?

Deus do céu, é provável que Nicole também seja tomada de mim, eu estou ficando louco, louco e sem juízo, e tenho quase certeza que foi aquela doida que o retirou de mim.

Eu tinha que inventar uma desculpa realmente boa para quando eu chegasse à casa dos sogros de Violet. O que eles diriam ao me receber? Eles nem mesmo sabiam, segundo ela, que ela estava no estado. Eu precisava de respostas, mas também não poderia comprometer o disfarce dela. Eu poderia ir à casa dos pais dela, sim, e quando eu chegasse lá eu diria o quê?

"Oi! Vocês são os pais da doida da Violet? Ela simplesmente transformou minha vida numa bagunça e ainda diz gostar de mim!"

Não, acho que não ia dar muito certo.

Ok, nem que eu passe o dia inteiro na rua, eu irei até aonde eles. Os pais e os sogros, ou pelo menos eu tentaria ir.

Parei no meio do caminho para comprar algo para comer, eu realmente estava com fome, e nem me lembro da última vez que eu comi alguma coisa com sustância, depois continuei o caminho.

As ruas de Phoenix pareciam estranhas, até mesmo vazias para o horário de meio-dia, e eu não sabia nem se hoje era algum feriado. Virei mais algumas esquinas, parei nos semáforos vazios e pouco tempo depois, eu estava parando diante dos portões da casa de Violet. Sem qualquer plano, sem qualquer estratégia para tentar passar os portões.

Eu poderia falar sobre Kevin, mas isso entregaria de uma vez minha intenção, então eles iriam pensar que Kevin corria perigo. Eu poderia falar que tinha sido o responsável por recuperar os talheres, naquele outro dia, diria que era dono de uma loja de penhores e que quando eu vi o brasão da família impresso, eu logo soube que se tratava de roubo.

Sim, esse era o plano perfeito.

— Bom dia, em que posso ajudar? – a voz saiu com alguma interferência

do porteiro eletrônico.

— Olá! Me chamo... Hum... Alex Smith. Gostaria de falar com o senhor e a senhora Foster.

— O senhor marcou horário? – o homem perguntou, suspeitando que eu tivesse mentido, eu acho.

— Não, eu não marquei. Mas acho que tenho uma informação que pode interessar a eles. É sobre Violet.

Silêncio do outro lado. O próximo barulho que eu ouvi foi o do portão correndo sobre os trilhos, me permitindo a entrada. Eu nem mesmo tinha desligado o motor do carro, vai que eles saiam atrás de mim com uma arma? E apenas o guiei até a porta de entrada da casa, que por sinal, era magnifica.

Quando desci do carro, as portas da casa foram abertas, mas não pelos ajudantes. Um rapaz abriu as portas. Tinha quase a minha idade, cabelos castanhos que sob o sol ficaram alaranjados, e um olhar muito azul. Daqueles que te doem na alma de tão profundos.

— Olá, Alex – ele desceu as escadas da frente da casa e me veio estender a mão – você disse que tinha informações sobre Violet, onde ela está? – ele parecia ansioso.

— Olá! Desculpe, não me disse seu nome – eu apertei a mão dele.

— Sim, tem razão. Desculpe – ele disse – eu fiquei realmente espantado com uma visita assim, me chamo Dave, Dave Foster.

— Dave, muito prazer – eu disse.

— Mas, por favor, entre – ele ofereceu – o sol sempre nos castiga para essas bandas.

Entrei na casa, ele me levou até uma sala bem decorada e me ofereceu um assento. Assim que sentamos, e eu não sabia nem por onde começar a falar, ele quebrou o silêncio.

— Sobre Violet, o senhor tem alguma informação dela? Senhor Smith, não

sabe como minha família a tem procurado.

Aquilo acabava se tornando uma nova versão dos fatos.

— Por falar nisso, - ele disse – como a conheceu?

Puta que o pariu eu não tinha idéia do que falar.

— Bom... – comecei devagar para dar tempo para que meu cérebro agisse – eu sou dono de uma loja de penhores, eu vi a Violet no dia que ela me ofereceu alguns itens da coleção pessoal da família. E eu logo percebi que não era algo lícito, então tratei de devolvê-los. E tive alguma sorte de conversa com ela, e a conheci um pouco.

— Me desculpe – ele disse – o senhor não parece nem um pouco com um dono de loja de penhores, pelo menos não com aquele carro – ele se referiu ao meu Dodge – se for assim, o que estou fazendo que ainda não abri uma loja de penhores?

Ele sorriu um pouco e eu o acompanhei.

— Fale a verdade, o senhor é advogado da Violet, não é?

Pego assim? Sem mais nem menos? Eu devo ser o pior mentiroso do mundo. Como posso ser advogado?

— Não, eu não sou o advogado dela. Mas sou pessoalmente interessado no bem estar dela.

— Eu imaginei, o senhor tem um relacionamento com ela?

— Não – eu disse – não temos cousa alguma.

Dave pareceu se desarmar um pouco e até soltou um suspiro de alívio. Aquele alívio poderia significar que ele estava feliz que eu não era o advogado dela, mas também poderia significar alívio ao notar que eu não era íntimo de Violet.

— Graças aos céus – ele disse – eu não sei mais o que fazer, estamos buscando Violet há um longo tempo.

— Estão procurando ela?

— Sim, o senhor sabe onde ela está, não sabe?

— Não sei se posso revelar esta informação no momento – eu disse, afinal, ainda não sabia a intenção deles.

— O que o senhor quer então? – ele falou já meio sem esperanças – eu acho que não entende o quanto ela é valiosa para mim. Céus, ela simplesmente desapareceu e me deixou.

— Até onde sei, ela não o abandonou, mas o contrário aconteceu. Ela não foi internada para tratar da doença do pós-parto?

— Sim, foi – ele levantou, não aguentando muito tempo a ficar sentado – mas não queria o mal dela. Eu a amava como ninguém poderia amá-la. Eu tinha

que escolher, eu tinha que preservar meu filho e preservá-la, achei que meus pais estavam certos, e eu decidi aceitar a internação dela, mas ela não fugiu uma, mas duas vezes. E na segunda vez eu não consegui encontra-la mais.

— Você fala como se realmente se preocupasse com ela.

— E como eu me preocupo – ele disse – o senhor não imagina! Mas também não posso deixar meu filho correr qualquer risco. Ela não está tratada, eu não a deixaria perto de qualquer outra criança, ela precisa de remédios e cuidados. Ela não pode ficar psicótica, se ela se tratar, ela ficará normal.

Por que a possibilidade de ele ficar com Violet me deu uma sensação estranha no peito?

— Senhor – ele disse – eu realmente nem o receberia em casa se eu fosse inimigo dela.

Pareceu plausível, me pareceu algo em que eu poderia acreditar. E eu realmente queria.

— Me fale sobre ela, antes... quero dizer, antes...

— Antes dela se tornar um problema? – ele falou com um sorriso triste – ela era simplesmente incrível. A pessoa mais livre de espírito e de alma que eu já vi. Ela não se prendia a nada, para amá-la, como eu o fiz – ele salientou – você tinha que deixá-la solta. Só assim você tinha certeza que ela voltaria.

— Quando tudo mudou? – eu perguntei.

— Nunca mudou, ela sempre foi assim. Violet, ou Sue como ela prefere ser chamada. Tem seus altos e baixos, ela nunca foi normal. Quem quer ser normal? É tão chato – ele disse, mas a fala dele não combinava com a roupa bem passada e a postura – ela tinha transtorno bipolar desde sempre. Mesmo antes de eu conhece-la. Ela tinha dias em que parecia que ela correria uma maratona com um só folego, mas em outros dias ela não conseguia sequer levantar da cama.

— Ela nunca soube disso?

— Sim, ela soube. Mas ela não tinha excedido o comportamento em nada, exceto depois que Kevin nasceu. A bipolaridade é uma das maiores causas de psicose pós-parto.

— Ela me disse, que você não quis ajudá-la.

— Eu não a ajudava? – ele perguntou incrédulo – se minha vida era ao redor dela. Eu trabalhava feito um louco para que pudéssemos sair daqui, da casa dos meus pais, e morássemos nalgum lugar apenas os dois. Eu não sou tão velho, até conhecê-la eu só queria aproveitar a vida – ele completou – mas ela mudou tudo, ela me mudou, o que eu não esperava era que ela mudasse também.

Aquilo soava como alguém ainda apaixonado.

— Violet quer ver o filho, e eu acho que ela tem esse direito.

— Eu também – ele disse – e eu já tentei, muito, fazer que ela venha. Mas ela não aceitou minha ajuda. Ela acha que queremos interná-la outra vez.

— Eu não a culpo.

— Eu sei. Ela tem muita razão em reclamar, mas não queremos o mal dela.

Eu balancei a cabeça, isso me deixava confuso. Muito confuso.

— O senhor tem certeza que não tem qualquer coisa com ela? – ele perguntou – me soa um pouco interessado demais, a ponto de ter vindo arriscar tudo aqui. Quero dizer, sua reputação e tal.

— Tenho certeza – eu disse, e lembrei que precisava de mais alguma coisa – eu preciso de uma coisa.

— O que?

— Eu não sei se você poderá me ajudar – eu disse – eu gostaria muito, se você puder me dar, é claro, do endereço dos pais de Violet. Eu gostaria de conversar com eles sobre a filha.

— Senhor Alex, eu lamento muito – ele disse com um ar pesaroso – Violet é a filha caçula de oito irmãos. Morava num trailer no meio do nada quando a conheci, totalmente sem estrutura, eles viviam se mudando.

— Então, não sabe onde eles estão?

— Sei sim, estão mortos.

— O quê?

— Como eu disse, Sue é a caçula de oito irmãos, o irmão mais velho dela tem cinquenta e alguns anos. Os pais dela não viveram tanto tempo. Morreram sem encontrar a filha.

— Deus, isso é terrível. Violet sabe disso?

— Ela não sabe sequer o quanto eles a procuraram.

— E os irmãos dela? Onde eles estão? Ainda vivem no trailer?

— Senhor, eu não sei – ele falou respeitoso. Totalmente o oposto de Violet – eu perdi contato com a família assim que os pais de Sue morreram. Eu não sei dizer se o trailer ainda está no mesmo lugar, ou se eles se mudaram.

— Meu Deus, isso é muito para assimilar.

— Eu sei – ele disse se levantando – eu tenho uma reunião na empresa do meu pai em pouco tempo. Preciso sair, por favor, se Violet tiver mais alguma coisa daqui de casa e levar para seu penhor – ele sorriu – faça-a saber que eu ainda me importo muito com ela.

— Farei sim – eu disse – e me desculpe o incômodo.

— Não foi nada, quando puder. Volte outra vez, eu quero saber mais sobre ela. Saber se ela sente falta do filho, ou se sente falta, hum, de mim.

— Farei o possível.

— Obrigado – ele agradeceu e saiu comigo porta afora.

— Até a próxima – eu me despedi – Dave.

— Até a próxima, Nicholas.

Eu voltei por todo o caminho intrigado, como é que ele sabia o meu nome. Mas a sensação acabava dando espaço para uma coisa maior – Violet.

Se ela tinha bipolaridade, e eu começava a desconfiar que era verdade, isso explicava bem as mudanças de humor dela. Inclusive a frialdade que ela revelava em algumas palavras, mas também explicava o porquê de ela ser tão carinhosa com Nicole e, por Deus, até comigo!

Aquilo era ruim, muito. Eu teria sido injusto com Violet? A este ponto? Ela realmente era uma vítima das circunstancias? Se tudo fosse como Dave dizia, Matheo tinha razão, eu estava bem na... hum, enrascado.

Uma manhã ligeiramente diferente

O dia amanheceu e eu junto com ele. Assim que o sol estava surgindo alto por detrás das copas, eu já estava acordado. Na minha cama, deitado de lado, eu observava Nicole dormir. Eu não tinha conseguido dormir nada, absolutamente nada, na noite anterior. Nicole sofrera por cólicas a noite inteira, e o resultado tinha sido um pai aflito e um monte de olheiras. Precisei ver um tutorial no Youtube sobre como aliviar as cólicas com massagem. Infelizmente, descobri que o leite em pó pode causar essas dorezinhas.

Peguei meu notebook, ao lado da cama, o mesmo no qual eu tinha visto o vídeo e procurei os fóruns da internet de pai e filha, queria saber se nalgum deles tinham respondido sobre minha solicitação para uma nova cuidadora para Nicole, nenhum resposta.

Andei um pouco pela casa, aproveitei que Nicole finalmente estava descansando e tomei uma garrafa de energético do frigobar. Fiz a mamadeira para quando ela acordasse deixando-a numa temperatura morna. Não é que eu estava me virando bem nesse negócio de pai?

Nicole tomava o leite de Violet pela manhã e tarde e, à noite, enquanto ela dormia, eu dava o leite artificial. Por quê? Assim, meio sonolenta, ela não sentia tanto a diferença no sabor.

Violet era orgulhosa, provavelmente como eu, e não dava o braço a torcer. Ela devia estar esperando o momento em que eu iria lá. Eu ainda não estava pronto, não sei ao certo porque, eu ainda não estava pronto para encará-la. Pedir desculpas e exigir desculpas pelo que ela tinha feito com as coisas de Emily.

— Nicholas – James me surpreendeu – acordado tão cedo?

— Não – eu respondi – não dormi nem cinco minutos.

— Bem vindo à vida de pai – ele sorriu.

— Como você poderia saber? – falei agitando a mamadeira como se eu fosse algum bartender – até onde sei, sou eu quem é o pai aqui – rimos um pouco.

— É, você apenas esquece que eu criei Emily desde os dez anos, eu me sinto quase um pai dela também... Ou sentia... desculpe.

— Como você pode se desculpar? – perguntei – sente a falta dela como eu,

ela era tão importante para você quanto eu, não há o que se desculpar. Gosto da idéia que ela está viva, gosto que falem como se ela ainda estivesse viva.

— Eu também não acho essa idéia assim tão ruim – ele disse – eu sei tudo o que eu senti, eu sei tudo que ainda sinto. Mas essa idéia, Emily morta, eu queria que me doesse tanto quanto dói em você. Mas ela simplesmente parece não fazer sentido. Acho que é pela criação que tive, você já sabe, meus pais eram cristãos conservadores, eles sempre tentaram me ensinar que há algo mais.

— Eu sinto que há, todo tempo. Não sei explicar, e às vezes eu queria acertar as contas com Ele, mas eu acho que tenho que me conformar. E sinto que estou conformando.

— Você não parece mais um mendigo zumbi zanzando pela casa, isso já é um bom começo.

Nicole chora baixinho no quarto. E eu olho na direção que o som vem. Respiro fundo, aquilo me deixava tão cansado quanto me animava.

— Vou indo nessa – eu disse – o dever me chama.

Ele se deixou ficar com um sorriso no rosto. Nicole tinha alegrado os dias nublados dele assim como tinha alegrado os meus.

Peguei-a no braço um pouco, ofereci a mamadeira, mas não era isso que ela queria. Acho que ela queria um chamego apenas. Fiquei paparicando ela por uns longos minutos como se ela fosse um filhotinho, bem ao estilo "quem é a princesa do papai?", "Quem vai fazer curso de tiro comigo?", e eu sorria sozinho das minhas próprias bobagens.

Quando eu já estava quieto, com ela no braço, cantando (ou maltratando os ouvidinhos dela, como queiram) Matheo bateu na porta do quarto e pediu para entrar.

— Entra – respondi.

Ele veio até o quarto, até quis pegá-la no braço, mas ela começou a chorar e eu a peguei de volta.

— O que foi, princesa? – eu perguntei para ela – a cara feia do teu tio te assustou?

Matheo quase chegou a revirar os olhos, mas acho que o que ele tinha para falar era sério.

— Fala antes de eu te fazer falar – eu tentei soar divertido.

— Sobre a senhorita Nella Sue.

— Hum, diga – eu pedi – não estou mais tão zangado.

— Já a perdoou? – ele perguntou – rápido assim?

— Perdoei quem?

— De quem estamos falando, gênio?

— Violet?

— Não, da sua mãe – ele disse – que Deus a mantenha sempre firme – ele fez o gesto na altura dos seios.

— Por favor, dá para parar? – aquilo era brincadeira, eu não ficava zangado, mas, puxa vida, era minha mãe, né?

Ele deitou na minha cama e ficou mexendo no meu computador enquanto falava.

— Bom, me dê os parabéns, eu sou o mais incrível dos advogados – ele disse – e o mais bonito também, não esqueçamos – ele ressaltou – e o juiz aceitou meu pedido para anularmos a medida restritiva.

— Como é? – eu perguntei feliz, sem saber ao certo o motivo.

— Bom, o juiz aceitou que Violet faça as visitas ao Kevin, com uma ressalva.

— Que seria? – eu já perguntei ressabiado.

— Que ela se submeta voluntariamente a um tratamento. A partir da primeira semana de tratamento, ela já poderá realizar a primeira visita a ele.

Violet iria simplesmente ficar extasiada com aquela idéia. E eu mal poderia esperar para dar a notícia para ela.

— Vai contar para ela ou quer que eu conte?

— Eu conto – eu disse – acho que ainda tenho algumas coisas para esclarecer com ela.

— Sério? – ele perguntou – e pode ser aqui? No quarto? Enquanto ela amamenta Nicole? – ele acrescentou – preciso ver uns peitinhos.

— Oras, pelo amor de Deus – eu disse o e expulsei dali.

Certo, agora eu estava só, ou melhor, apenas com a minha filha. E ela não queria dormir. Eu iria leva-la comigo. Passei o protetor solar nela e vesti-a com um agasalho de panda que sempre me fazia rir como se aquilo fosse muito engraçado. Estava frio, e ela precisaria ficar protegida.

— Violet – a chamei – Violet – repeti o chamado.

Ela abriu a porta da casa e não sorriu, como de costume, ao me ver, mas sorriu ao ver Nicole.

— Posso entrar? – perguntei.

— A casa é sua – ela disse e entrou antes que eu tivesse passado pelo limiar – fique a vontade.

— Viemos visitá-la – eu disse – espero que esteja tudo bem.

— Bem – ela alongou a palavra – não está, mas está melhor agora.

— O que está fazendo? – perguntei sem me deixar ficar preso a um possível significado para a frase anterior.

— Estava fazendo algumas coisas – ela disse.

— Coisas? – perguntei – posso saber que tipo de coisas?

— Não, não pode não. – ela me deu um sorriso simpático.

— Eu tenho um assunto sério a tratar, mas não poderá ser hoje – eu disse – eu ainda tenho coisas para resolver antes, mas gostaria que fosses falar comigo mais tarde.

— Tem certeza que eu já posso entrar na sua casa sem permissão? – ela disse – Senhor Theodoridis?

— Oras, Violet, esqueçamos isso – eu pedi – você sabe bem que o que fizemos, e por fizemos me incluo também neste verbo, foi errado. Um destratou os sentimentos do outro. Não sei que espécie de bem acha que fez, mas eu acho

que podemos por uma pedra sobre isso.

— Fala baixo – ela disse – vai assustar sua filha.

— Eu estou falando baixo.

— Fala mais baixo ainda – ela disse – sua voz é forte para ela.

— Certo – ela tinha razão – Então, você pode ir mais tarde conversar comigo? – eu pedi – é realmente uma notícia boa. Aliás, algumas notícias.

— Poderia soltar uma prévia desta reunião, senhor Theodoridis? – ela estava falando séria demais, nem parecia com ela mesma, e eu soube que ela estava me dando um gelo.

— Eu explico melhor lá em casa, mas tem a ver com seu filho.

— Por que eu sinto que ainda tem mais aí?

— Porque tem – eu disse – eu andei conversando com Dave.

Ela mostrou outro rosto ao ouvir o nome dele. Uma sombra de sorriso foi logo substituída por uma face confusa.

— Peraê, você foi falar com Dave?

— Sim, fui.

— Por que foi falar com ele?

— Eu precisava de respostas.

— E por acaso eu nunca respondi às tuas perguntas? Precisava ir até outra pessoa para saber coisas que diziam respeito a mim? Está parecendo uma velha crente.

— Violet, eu acho que você há de concordar comigo que não é a interrogada mais verdadeira ou confiável do mundo. Por vezes eu quis acreditar.

Ela andou até perto de mim e passou a mão no meu cabelo, depois deu um beijo na testinha de Nicole.

— Eu sei – ela sorriu com o agasalho de panda que eu tinha escolhido mais cedo – eu perdoo você esta vez. Por todos os deuses, que roupinha é essa? Como ela está linda! – e ela gargalhou quando mexeu nas orelhas que faziam parte do conjunto.

Não tem um pai ou mãe no mundo que não se deixe ser levado por um elogio ao seu rebento.

— Eu peguei a primeira que vi – eu disse – mentira, eu vou colocar essa roupa nela sempre que o tempo permitir, ela fica muito linda.

— Fica sim – ela disse – parece o pai.

Eu não a recriminei desta vez, me deixei levar.

— Aposto que Kevin deve parecer com você – eu a elogiei – você é bonita, e tem uma personalidade única, forte demais, não acho que tenha sobrado espaço para qualquer coisa do Dave.

Ela sorriu um pouco, verdadeiramente, e foi um dos sorrisos mais lindos que ela já me deu, envaidecida disse: — Puxa, você sabe ser legal quando quer. Obrigada – por um momento ou dois os olhos dela pareceram ter enchido de lágrimas, mas ela virou o rosto para disfarçar.

— Olha, eu já estou indo. Quer almoçar comigo? – eu perguntei – acho que James está fazendo alguma coisa especial, ele levantou muito cedo.

Ela virou de volta para a porta, eu já estava do lado de fora.

— Olha, Nicholas, ou melhor, senhor Theodoridis, eu acho melhor não –

ela disse – eu ainda não me sinto totalmente à vontade.

— Ok, tudo bem então, eu acho – eu disse – não esqueça de ir mais tarde falar comigo.

— Não esquecerei – ela disse e ficou perto da porta, segurando o trinco.

Eu queria falar mais, mas não sabia exatamente o que dizer, e a tensão estava se tornando insuportável, Violet deve ter percebido antes de mim, por que disse: — Senhor Theodoridis, eu não quero parecer mal educada – ela disse – mas se você continuar na beirada da porta por mais alguns minutos, eu serei obrigada a fechar a porta na sua cara. E por respeito a Nicole, que está muito "fashion" nessa roupinha de panda, eu não quero fazer isso.

Me despedi e voltei para minha casa.

Realmente, a bipolaridade era uma coisa incrível. A Violet de hoje não tinha sequer um traço da Violet psicopata de dias atrás.

Uma festa peculiar

Nicole dormira, e eu não queria receber Violet outra vez no quarto de Emily, então achei melhor que conversássemos em outro local. Esperava que ela não se importasse. Sentei-me numa das cadeiras da varanda da casa, com o notebook, a babá eletrônica, e uma xícara de café, grande, na mão.

Eu sentia, no fundo de mim, que precisava ajudar Violet. Eu queria vê-la normal. Eu queria vê-la de pé, ao lado do filho. Eu queria, e como queria, que ela não tivesse mais estes altos e baixos. Eu só não conseguia imaginá-la com Dave.

Eu não tenho nada contra ele. Dave me pareceu um bom rapaz, senão ótimo, mas não posso achar que ele é o melhor para ela quando o vi apenas uma vez. Eu ainda não conseguia entender o fato de ele saber meu nome, sinceramente não sabia. E isso me deixava apreensivo, com uma energia advinda da adrenalina alta.

Esperei até quase nove da noite, Violet não tinha aparecido. Eu não sabia se conseguiria esperar mais muito tempo, Nicole dormira desde as sete e alguma coisa, ela poderia acordar faminta.

Felizmente, não precisei aguardar muito tempo mais. Violet chegou, veio

andando e se equilibrando em algumas pedras. Divertia-se com o que fazia. Ela estava absolutamente linda aquela noite. Um vestido branco leve, cujas mangas se abriam em borbotões nos punhos, além do coturno, característica única dela.

— Ah, oi! – ela disse quando viu que eu a estava observando a algum tempo – vim para conversarmos, você disse que queria falar comigo – ela subiu o degrau para alcançar o deque de madeira onde eu estava.

— Boa noite – eu disse – café? – ofereci a xícara para ela.

Ela pensou em recusar, eu tenho certeza, mas ela, como eu, adorava café. E pegou a xícara, tomando o cuidado de girá-la na mão para tocar com a boca exatamente onde a minha tinha estado há alguns momentos. Todo o tempo, olhando para mim.

— Obrigada – ela me deu a xícara de volta e sorriu de um modo leve e interessante ao mesmo tempo. E, puta que o pariu, deu uma vontade absurda de beijá-la nesse exato momento – o que quer comigo?

— Senta – eu retirei a babá eletrônica da poltrona de madeira ao meu lado e ela sentou – devo dizer que está muito bonita esta noite.

— Nossa... – ela disse – você não perde uma oportunidade de me cantar, não é? Contenha-se – ela brincou, mas aceitou o elogio – então, o que tinha para falar de tão importante comigo sobre meu filho?

— Kevin poderá receber visitas suas.

— O que?! – ela colocou as mãos no rosto em descrença – sério?! Não brinca comigo, Nicholas. Não brinca mesmo ou eu dou na tua fuça!

— Calma – eu disse me deixando contagiar pelo sorriso dela – é verdade, Matheo conseguiu reverter aquela medida restritiva absurda.

— Ai gente! Cadê aquele cara? Eu vou dar um beijo nele agora mesmo!

— Isso não será necessário – eu disse imediatamente – ele já está sendo bem pago para isso.

— Então acho que já sei quem merece o beijo, não é?

Não falei nada, disfarcei pegando a babá eletrônica e fingi ter ouvido alguma coisa.

— Gente! Não é possível – ela disse após ver meu embaraço – ele deve ser muito bom mesmo, aquele outro advogado, o meu de antes, ele nunca tinha conseguido. Ele simplesmente dizia ser impossível.

— Conheço bem esse tipo – eu disse – eles protelam o máximo possível, recebem dinheiro, e quando o cliente ameaça cancelar o contrato com eles, eles mostram um ou dois avanços.

— É, talvez eu tenha sido inocente demais nessa parte – ela disse e voltou a sentar, tinha se levantado pela animação descontrolada que lhe tinha sobrevindo.

— Violet, há uma ressalva do juiz – eu comecei.

— Ah, tinha que ser mesmo, estava bom demais para ser verdade! Qual é a ressalva agora? – ela falou exasperada.

— Calma – eu pedi.

— Não me manda ficar calma. Você não sabe que pedir a uma mulher que ela fique calma é o mesmo que mandar que ela vá quebrar tudo?

— Ok, então não fique calma, mas ouça antes.

— Vai lá.

— O juiz crê que o melhor a ser feito neste momento é: Você, submeter-se voluntariamente a um tratamento psicológico, ou outro, indicado pelo juiz, e então, em uma semana já poderá realizar a primeira visita supervisionada.

— Só depois de uma semana?

— Sim, mas...

— Puxa vida, Nicholas – ela disse e se levantou – você não imagina como eu estou tendo que me controlar aqui para não invadir aquela casa outra vez. Desde que eu vim para cá, e que você pediu, eu não invadi mais aquela casa. Mas está ficando difícil!

— Você nunca tinha me dito que sentia tanta falta dele assim.

— Você é burro ou o quê? Como eu não poderia querer ver o meu filho? Eu apenas tenho me contido. Se eu ficar te perguntando direto, todos os dias, sobre ele, vai parecer que estou te cobrando.

— Você tem esse direito, poderia perguntar a qualquer momento – eu levantei e segurei-a nos braços para acalmá-la.

— Mas não a você. Eu tenho o direito de perguntar a Matheo, ele é meu advogado. Você é apenas o loiro bonito que paga as contas.

— Então pergunte a ele.

— Ele não parece ir muito com a minha cara.

— Bom, eu acho que talvez você tenha deixado uma ligeira má impressão – eu sorri e ela sorriu de volta.

— É, acho que você tem razão – ela disse – mas eu não gosto de coisas fáceis – ela olhou para mim – eu prefiro as difíceis. Elas valem mais a pena.

— Desculpa eu perguntar, parece que está pronta para ir a algum lugar.

— E estou – ela disse – e você vai me levar.

Olhei-a surpreso, ela sabia que eu não poderia.

— Eu não posso sair, tenho que cuidar de Nicole, você sabe.

— O lugar que você vai me levar pode ser alcançado de qualquer lugar – ela falou se aproximando sugestivamente – poderíamos alcançá-lo da varanda, da sala, do quarto, ou melhor, podemos fazer isso em qualquer lugar, mesmo diante de olhos desavisados.

— Violet...

— Sim, isso mesmo – ela disse sorrindo maliciosamente – nós vamos fazer um piquenique.

— O que? – perguntei confuso.

— O que achava que eu estava sugerindo? – ela perguntou virando rosto para o lado – está tendo pensamentos errados comigo, senhor Theodoridis?

— Não Violet, não tive nenhum pensamento errado – eu disse e virei o rosto para não olhar para os olhos dela, ou para os lábios, que estavam muito perto dos meus — Então, você quer um piquenique, no meio da noite?

— E tem hora para um piquenique? – ela deu de ombros – eu comprei suco, também fiz panquecas tortas, vai ser muito legal.

— E a que devo esta honra? – perguntei – um piquenique no meio da noite na minha varanda?

— Na sua varanda não, na minha – ela disse – hoje é meu aniversário.

— O quê? Sério? – eu perguntei – está brincando?

— Não, estou falando sério pela primeira vez na minha vida em séculos – ela sorriu.

— Eu não posso me afastar muito, o alcance da baba eletrônica não é tão longo. Mas vamos fazer assim, trazemos a coisa e ficamos perto da piscina, pode ser?

— Pode sim – ela disse – mas eu tenho a impressão que Nicole não vai acordar agora.

— Tomara, ela não dormiu nada durante o dia.

Pegamos as coisas na casa dela e então Violet seguiu andando comigo, demos a volta na casa e chegamos ao gazebo perto da piscina.

— Isso aqui é lindo, não é? – ela perguntou.

— Sim, é – eu disse - não sabia que já tinha visto a piscina.

— É, eu dou as minhas escapadas durante a noite. Eu achei que não se importaria. Eu já dei uns mergulhos pelados maravilhosos nessa piscina.

— Como é?

— É, isso mesmo.

Sentamos no chão, sob o gazebo, e ela sentou um tanto afastada de mim. Olhou para o espaço vasto que se desenhava depois da piscina e ficou alguns momentos perdida naquela contemplação interna.

— Sabe – ela disse – eu realmente tenho que me desculpar com você. Eu não sei o que deu em mim, eu achei realmente que estava fazendo uma coisa boa. Eu não fiz por mal – ela disse – eu fiz isso quando perdi Kevin, eu achei que se eu tirasse as coisas dele de perto de mim eu conseguiria esquecê-lo, e até consegui, por um tempo, para ser mais exata por nove dias, e eu tive que procurá-lo de novo.

Não falei cousa alguma, ela continuou:

— Eu não queria te machucar tanto. E eu realmente não queria te afastar de mim, ou afastar Nicole de mim. Eu amo aquela guria, eu jamais faria mal algum a ela. Quando você falou que ela não teria lembranças da mãe, eu percebi a burrice que fiz.

— Eu não vou mentir – eu disse – eu sei que você achou que fazia algo certo, mas realmente não tinha o direito. E eu ainda não consegui perdoá-la verdadeiramente.

— Eu sei.

— Mas eu não sei viver com raiva de qualquer pessoa – eu disse – eu sinto raiva, e eu tento permanecer com ela, mas eu não o faço. Eu não consigo. Parece que ultimamente eu não tenho muito controle sobre as minhas ações. Eu queria ter, mas é como se eu não fosse eu mesmo.

— É um comportamento aceitável para alguém em sua condição.

Ela disse e eu a servi de um pouco do suco, notei que ela não tinha separado guardanapos para segurarmos as panquecas tortas, como ela chamava.

— você não trouxe pratos, guardanapo, ou qualquer outra coisa para segurarmos a comida.

— Não, acho que esqueci – ela disse – mas você não vai morrer se segurar com as mãos vai?

— Não – eu disse e me levantei, lavei as mãos na beirada da piscina, achei

que ela faria o mesmo mas ela não o fez – você?

— Não, eu não sou tão fresca – ela disse entendendo a minha pergunta.

Não tínhamos vela, e ela exigiu os parabéns, então ela me mostrou um aplicativo de vela no celular e colocou sobre uma panqueca.

— Que pena... – ela disse – eu não vou poder soprar, meu pedido não vai se realizar.

— Qual seria seu pedido? – perguntei.

— Ser beijada por você outra vez.

— Eu acho que posso providenciar isso.

Aproximei-me dela e segurei o rosto dela entre as mãos.

— Eu só quero que você faça isso se quiser fazer – ela disse – se for para fazer só por que estou pedindo é melhor nem começar.

— Eu quero – eu disse e a beijei.

Dessa vez não tinha ódio, não era um beijo de raiva. Eu realmente queria. Não sei, queria resgatar algo que senti um dia nos beijos que eu troquei com outra pessoa, mas eu não senti. Tudo que eu consegui sentir foi Violet. E foi apenas quando a vontade de aprofundar o beijo se tornou uma coisa fora deste mundo, que eu parei.

— Isso foi... hum...

— Bom? – ela perguntou.

— Sim, feliz aniversário – eu disse.

Ela me sorriu e novamente curvou a cabeça para o lado como se me analisasse profundamente.

— Você gosta das comportadas né, safado?

Ela me fez sorrir por um ou dois tempos.

Uma comemoração encerrada

Eu tinha que falar Violet sobre os pais dela. Mas não tinha encontrado uma oportunidade perfeita. E com a chegada do aniversário de primeiro mês de vida de Nicole, e com as surpresas que todos tentavam esconder de mim, eu não sabia se eu encontraria um momento para tal. Como eu poderia dizer-lhe que os pais dela tinham falecido sem saber falar qualquer outra coisa a mais? Como, por exemplo, onde eles estariam enterrados.

Minha vida seria uma bagunça esta semana. Nicole em casa, apesar de eu ter feito as pazes com Violet, eu ainda não a queria perto da minha filha, tinha um mau pressentimento sobre isso. Ao mesmo tempo, não queria deixá-la isolada na outra casa. Isso era totalmente deselegante e desrespeitoso.

Com todo o barulho que eles estavam fazendo no andar inferior, já sabia que estavam aprontando alguma coisa. A preguiça de levantar era enorme, como de costume, Nicole passou a noite inteira com os olhos abertos, não conseguiu dormir toda a noite e eu fiquei fazendo graça para ela até às cinco da manhã. Não, ela não tinha sentido cólicas, ela apenas tinha perdido o sono.

E agora, mal tinham dado oito horas, e ela já tinha acordado outra vez, não me permitindo ter um segundo verdadeiro de descanso. Peguei a mamadeira que eu tinha preparado assim que ela descansou e, notando que estava numa temperatura agradável, peguei minha filha nos braços e sentei na cama, colocando ela no meu colo e a alimentei. Ok, primeiro passo concluído, como Violet tinha ensinado, coloquei-a apoiada no meu ombro e fiquei dando alguns

tapinhas na costa dela enquanto ela arrotava, passo dois concluído.

O próximo passo, banho. Abaixei-me com ela nos braços e liguei a torneira de água quente numa altura boa na banheira da suíte, depois completei com água fria. Quando a água ficou numa temperatura perfeita, retirei a roupinha dela e devagar a coloquei na água, balançando-a de um lado para o outro. Tudo teria dado certo, se no meio do procedimento eu não tivesse visto uma mancha esverdeada colorir a água.

— Oh, não.... Você não fez isso – eu fiquei sorrindo do atrevimento dela ao mesmo tempo em que a retirava e esvaziava a banheira. Ela tinha empesteado o banheiro inteiro com aquele cocô azedo.

— Ok, eu realmente não esperava por isso – eu continuei sorrindo para ela – agora você terá que usar a sua banheira pequena. Viu? Agora não poderá mais brincar de nadar.

Coloquei-a enrolada numa toalha sobre a cama e voltei ao banheiro para encher a banheira dela, passei uma vassoura na banheira para retirar os resquícios que alí tinham sobrado. Depois, finalmente, consegui terminar de dar banho nela, vesti e fomos encontrar os outros na cozinha.

Havia algumas bolas coloridas por todos os lados, e um bolo cor-de-rosa sobre a bancada da cozinha, além de alguns doces e salgados típicos de festas. Eu tinha vestido Nicole com um macacão rosa e uma tiara de renda que combinava com a decoração e nem tinha idéia.

— Nicole! – Matheo veio na direção dela e a pegou nos braços. Agora, sem sono e sem fome, ela não chorou com ele – Olha só, como você parece com o tio!

Talvez fosse a primeira vez que eu tinha notado, e era verdade, o cabelo de Nicole, ainda um pouco ralo no alto da cabeça, e que no começo parecia bem louro, começava a escurecer e ficava num tom castanho semelhante ao dele.

— Sim, ela parece muito – eu disse – mas felizmente, puxou ao pai.

James tinha comprado uma piscina de bolinhas enorme para Nicole, tão grande, que quase ocupava o tapete da sala inteiro, e eu sequer sabia onde poderia coloca-la. Vivian, tão mais delicada quando o assunto é presente feminino, comprara para ela algumas sacolas de vestidos infantis, que ela não tinha.

— Em breve ela os usará.

Ela explicou quando um dos vestidos ficou quase com o dobro do tamanho dela.

Matheo comprou uma pulseirinha de ouro com o nome de Nicole inscrito a laser. O presente não era para agora, era para a sempre, ele tinha dito quando a pulseira tinha ficado folgada no pulso dela.

— Obrigado, a todos. Isto tudo está realmente lindo. Onde está Violet? – perguntei quando notei a ausência dela.

— Não a convidamos – Matheo disse – eu achei que talvez você não a quisesse aqui.

— Não, está tudo bem – eu disse.

Matheo chamou-a para vir nos acompanhar. E eu notei que ela já estava pronta há algum tempo, provavelmente esperando apenas ser convidada. E ela também tinha um embrulho nas mãos.

— Isto, Nicole – ela passou a mão no cabelinho dela e ajustou a tiara que eu tinha colocado errado – é uma lembrança apenas, não estranhe o fato de eu não te encher de mimos, apesar de você merecer, eu apenas não sabia o que dar que poderia se comparar a isso tudo que você já tem – ela olhou para a casa.

— O que é? – eu perguntei.

— Não é para você, é para ela, não se meta – ela fez uma careta para mim e abriu o embrulho.

Uma escultura de duas pequenas meninas se abraçando, entalhadas em madeira, como se fossem duas grandes amigas, se desvendou aos meus olhos. Estava delicado e muito bem feito, e eu sentia que já tinha visto aquele objeto, ou um objeto semelhante, em algum lugar. Meu cérebro, porém, não quis lembrar-me o local exato.

— É muito linda, – eu a agradeci – obrigado mesmo. Puxa, você tem talento, deveria fazer essas coisas para vender, ganharia um bom dinheiro.

— Eu sei, guarde a sua, em breve valerá milhões. E olha que você recebeu das mãos da artista!

James fez um som de irritação e saiu da sala. Eu ainda o olhei indo em direção ao corredor e depois entrando no quarto. Eu sabia que ele tinha percebido o que acontecia naquele momento.

Vivian, que tinha ficado ao meu lado, pegou o objeto da mão de Violet de repente e o analisou por todos os lados.

— O que é isso? – ela perguntou – onde viu isso antes?!

Eu não tinha entendido como o sorriso delicado de Vivian tinha se transformado numa careta de pavor e raiva.

— Ande, Violet – ela sacudiu Violet pelos ombros – onde viu isso antes? Por que fez isso para Nicole?

Eu não entendi nada por algum tempo, virei-me em direção à Vivian que, com seus gritos, começava a assustar Nicole.

— Ei, calma – não insisti, Violet tinha dito que ela surtia o efeito totalmente

contrário – me explica o que está acontecendo, por favor?

Vivian olhou para aquele pequeno objeto como se estivesse vendo uma serpente deslizando entre os seus dedos. Ela ergueu-o e mostrou a mim.

— Você realmente não lembra Nicholas? Tem certeza que não lembra?

Nada, nenhum detalhe naquele entalhe me fez lembrar coisa alguma.

— Como você pode estar tão cego, Céus? – Vivian se irritou comigo – olha aqui – ela ergueu a escultura para mim – tem certeza que não lembra? Não lembra que eu dei uma escultura exatamente igual a essa para Emily pouco antes dela morrer? Não lembra? Era exatamente assim, e ela ficava alí – ela apontou para o aparador da cozinha – sobre aquele móvel. Era de porcelana, tinha os mesmos entalhes, tinha o mesmo contorno, tudo.

— Desculpe, eu não sabia – Violet disse – eu devo ter visto essa escultura nalgum lugar, não sei. Eu quis fazer alguma coisa semelhante. Eu realmente não sei do que está falando.

Aquilo tinha sido muita informação, mas Violet não teria por que mentir. Eu esperava, pelo menos não outra vez.

— Até onde sei – Violet continuou – você não patenteou a forma para que tivesse apenas uma delas para você única e exclusivamente.

— Isso é estranho – Vivian disse – eu não sei se posso realmente confiar em você.

— Seu marido confia, por que não faz o mesmo? – ela falou num tom sem maldade, pelo menos para mim, mas Vivian ia partir para cima dela do mesmo jeito.

Matheo segurou-a e a impediu.

— O que é isso?! – Violet perguntou – não tem educação garota? Eu não estou fazendo nada para você! Eu já disse que devo ter visto essa escultura de relance, sei lá, e quis reproduzi-la.

— Você não me convence – Vivian disse e arrumou o cabelo que se tinha desalinhado – na próxima, eu espero te ver quando não tiver ninguém por perto. Ah, e não se espante se eu mandar embalar as suas coisas como você embalou da minha melhor amiga.

Olhei para Matheo, ele tinha dito, e me deu um olhar culpado do tipo, eu não consegui me controlar, uma mulher me pede e eu faço.

— Muito obrigado – ironizei a discrição dele.

O aniversário da minha filha tinha sido estragado quando Vivian decidiu ir acompanhar James em seu retiro. Matheo ajuntou a escultura que Vivian tinha jogado no chão e quebrado sem querer.

— Me desculpe – Matheo disse ao dá-la nas mãos de Violet outra vez – eu lamento muito mesmo.

— Tudo bem – ela disse e observou o objeto quebrado nas mãos.

— Nicholas, eu realmente... realmente não fiz por mal. Se eu soubesse, eu nem teria trazido nada.

— Não, eu acho que Vivian deve estar enxergando coisas, eu não lembro bem dessa escultura – eu disse, mas o desenho já se tinha formado em minha mente e realmente eram muito parecidas – quer saber, vamos dar uma volta na propriedade, ok? Espairecer um pouco.

— Tudo bem – ela disse.

Saímos de lá e eu comecei a caminhar em direção ao lago que ficava só um pouco distante da casa. Nicole tinha se alimentado, tinha feito as necessidades, e bom, se ela quisesse alimento ela teria Violet. Esta ficou olhando para os próprios pés por todo o caminho.

— Você não acredita em mim, não é mesmo?

— Eu posso ser sincero?

— Sempre.

— Isso foi no mínimo estranho, e você tem que concordar comigo.

— Sim, muito, mas como já disse antes, não fiz por mal. Eu inclusive fiz outras, fiz uma pequena girafa e um gato, mas não ficaram tão bons, por isso decidi dar aquela.

— Tudo bem, eu acredito em você.

— Não parece acreditar em mim.

— Mas já disse que acredito.

Alcançamos a beira do lago. Ficamos alí sentados, deixando que um sol fresco nos banhasse. Deixando que nossos olhos fossem inundados pela beleza do local. Aquele local era lindo, e eu o amava, mas em breve me despediria dele.

— Posso perguntar uma coisa?

— Pode – eu disse – mas já perguntou, pode perguntar outra.

— Qual o motivo de ela ter ficado tão zangada comigo? Puxa, foi um presente. Eu não conheci Emily, eu não sei se aquela imagem significava alguma coisa para ela.

— Eu sei, mas é que...

— Que? – ela olhou meu rosto, talvez adivinhasse que aquilo era importante para mim.

— Aquela foi a escultura que Vivian deu a Emily em sinal da amizade delas.

— Só isso? – ela questionou perplexa – só por isso ela a quebrou?

— Não, é que também foi com essa escultura que Emily tentou se defender de Trevor, o assassino dela.

— Puta merda – Violet cobriu a boca outra vez, surpresa, e passou a mão nervosamente nos lábios e depois no cabelo – como eu pude ser tão insensível? Mas também, como eu poderia saber? Me desculpa Nicholas, eu também vou pedir desculpas a Vivian, eu não sabia, eu realmente não sabia disso. Espero que esteja tudo bem.

— Sim, está tudo bem – eu disse, mas não sabia se realmente estava – Vamos mudar de assunto, por obséquio.

— Obséquio – ela ironizou – agora mostrou a idade que tem.

Dei um sorriso de canto não muito convincente.

— Ei, é sério – ela se aproximou de mim – desculpa tá? Eu não sabia, e eu vou fazer outra coisinha dessas. Meu pai me ensinou a esculpir quando eu ainda era uma garota, fiz com canivete – ela disse – eu acho que levo jeito para a coisa.

— Leva sim – eu disse. E a oportunidade de contar que os pais dela já tinham falecido surgiu, mas eu não quis aproveitá-la. Não quis retirar o sorriso de Violet quando eu elogiei a habilidade dela com escultura.

— Obrigada por me desculpar – ela se aproximou e se ergueu só um pouco para deixar outro beijo na minha boca – olha só! – ela observou – está ficando mais fácil arrancar as coisas de você.

Corpos sem controle

James ainda estava zangado comigo, mas mesmo assim ele aceitou levar Nicole ao hospital para tomar as vacinas. Eu não pude, mesmo querendo muito, ir. Tive que sair mais cedo com Matheo para assinar os documentos de transferência de ações, e também levar a alteração do contrato social da empresa na Junta Comercial. Eu poderia tê-lo feito pela internet, mas o sistema deles estava com uma indisponibilidade.

Nada de novo sob o sol.

Quando terminamos, e acertamos que os rapazes iriam me pagar em até um ano o valor correspondente às minhas cotas de ações, eu tinha apenas que organizar os próximos passos. Era como se aos poucos eu estivesse me despedindo de uma vida que eu não mais teria de volta. Eu deixei o trabalho, deixei as coisas de Emily, deixei as poesias, e em breve deixaria também a casa onde fui feliz.

Eu precisava voltar a um lugar onde o passado parecia ainda não ter seu brilho ofuscado pelas minhas memórias. Eu precisava, e muito, de um lugar que não me lembrasse de Emily caída, com uma enorme mancha de sangue no peito, nos meus braços.

Eu tinha que apagar essas memórias, eu tinha que esquecer para não sofrer. Eu nunca tinha perdido alguém a quem eu amasse tanto, e eu não aguentava mais sofrer. Emily fora forte, mas eu não, eu não sou, eu tenho defeitos, eu tenho um verme na carne que me faz ser indigno e cruel, eu tenho pecados, eu não a merecia completamente. Não diante do que eu estava prestes a fazer.

Apoiei as mãos na bancada do gabinete do meu banheiro. Eu me olhava no espelho e não me conhecia, quando eu tinha me tornado alguém a quem eu mesmo odiava? Quando, Deus, quando eu tinha perdido o controle sobre mim? Eu precisava reavê-lo e eu só conseguiria quando satisfizesse um desejo que me vinha cegando desde que a vira pela primeira vez.

Eu precisava acabar com esse desejo, eu precisava de Violet.

Com raiva de mim mesmo eu me vi ser levado pelos meus pés até aquela pequena casa. Os móveis pareciam estranhos, as arvores estavam estranhas. O tempo estava parado, sem um vento sequer, era quase como se ele tivesse mesmo congelado e eu estivesse me movendo numa velocidade semelhante à da luz.

Eles voltariam apenas no final da tarde, e ainda era uma hora. Eu teria muito tempo para me perder e tentar me encontrar outra vez.

— Violet... – eu a chamei, quase num sussurro, ela abriu a porta, estava me esperando, sabia que eu viria. Sabia que ela tinha razão desde sempre, eu a procuraria. Ela tinha acabado de sair de um banho e, apenas de toalha, sorriu para mim.

— Você não sabe o quanto eu a odeio por isso – eu disse.

— Não tem problema – ela disse – eu só quero você, sua vida, não seu amor...

Ela abriu a toalha e a deixou cair aos pés. Ela tinha um corpo incrível. Não era um corpo virginal e delicado como o de Emily, era um corpo de mulher. Um corpo daqueles que te permitem executar cada uma das posições lascivas que sua mente conseguir criar.

Entrei na casa já a pegando pela cintura e colando minha boca à dela. Aquele gosto era tão familiar e ao mesmo tempo tão perigoso. Eu sentia que já tinha beijado aquela boca outras vezes, mas não sabia explicar como ou onde.

Violet sorriu orgulhosa do próprio encanto que possuía, sorriu ao me ver saciando minha sede de outro corpo nos seios dela. Sorriu ao me ver mordendo o pescoço dela, com vontade, e deixando um arrepio por aonde minha barba

passava.

— Isso... – ela repetia num quase gemido, mas soava como ordem – eu sei que você me quer tanto quanto eu te quero.

Eu me sentia um animal, um homem que tinha se rebaixado aos seus instintos mais primitivos, a necessidade de afogar nas carnes dela toda a minha raiva, desejo e frustração. Eu precisava, porém, precisava disso, e sabia que tinha que ser com ela. Não poderia ser nenhuma outra.

Violet sorria do meu desespero, e entregava o corpo para que eu movesse minhas mãos por ele inteiro, para dentro dela, testando sua lubrificação, e testando o quanto ela estaria pronta para mim.

Ela começou a desabotoar a minha roupa, me fazendo mover junto a ela para o sofá pequeno daquela sala. Violet se livrou da camisa com facilidade e me sorriu com um olhar perverso ao descer pela linha do abdômen até a linha da calça.

Damas primeiro, eu sempre segui essa linha de raciocínio. Peguei-a pela cintura e a fiz sentar no balcão da cozinha, integrada à sala, onde a lambi, faminto, até que ela tivesse seu prazer contra a minha boca.

— Pronto para mim, senhor Theodoridis? – ela perguntou e abriu o fecho écler da calça. Ao ver o volume sob o jeans me empurrou no sofá – pronto até demais... – ela sussurrou contra meu ouvido e então se ajoelhou entre as minhas pernas.

Quando ela colocou a boca ao redor de mim, e começou a realizar os movimentos de subir e descer, sabendo exatamente o que fazia, eu encostei minha cabeça no sofá e soltei uma lufada de ar que fez meu peito subir e descer. Aquilo era bom como uma gota de água no inferno. A boca dela deslizava ao redor de mim, fazendo uma massagem e pressão precisas. Havia muito tempo, bastante tempo, ela não poderia acabar comigo alí, seria uma vergonha. E eu não conseguiria retirar o sorriso de convencimento do rosto dela por um bom tempo.

— Vem cá... – eu falei puxando-a pelo cabelo para cima do sofá.

Coloquei o corpo dela contra o sofá. Os seios sendo belissimamente esmagados contra o braço de apoio e, o quadril dela, formando uma curva deliciosa enquanto ela se mostrava para mim.

Aquilo não seria amor, seria apenas sexo animalesco. Eu não tinha camisinha, teria que ser por trás. Pressionei-me contra ela, primeiro devagar e depois com mais força. Até que os movimentos e as estocadas começaram a ter certo ritmo.

Puxei o cabelo de Violet na mão e a puxei para perto de mim. Ela afundou as unhas na carne das minhas coxas e eu curvei o pescoço dela para trás, para beijá-la.

A sensação de estar dentro dela, a sensação de estar fazendo algo errado e que parecia tão certo, foi me levando e me levando. E eu precisava muito me liberar dentro dela.

— Goza para mim – ela pediu. E foi quase uma ordem. Ela era apertada, e puta que o pariu, gostosa demais. Quando ela falou aquilo, eu simplesmente não dei mais acordo de mim. Mais uma, duas, três, quatro estocadas. E eu tive um dos orgasmos mais intensos da minha vida.

Violet continuou na posição até que eu saísse dela. Os corpos suados e as pernas trêmulas, a respiração ofegante. Ela deitou-se no sofá e deixou que os seios exuberantes ficassem à mostra. Começou a se abanar com a própria mão, fazendo que o vento frio deixasse os bicos eriçados.

— Mais? – ela perguntou.

Eu estava de olhos fechados e respirando cansado, nem abri os olhos e respondi.

— Sempre mais, Emily.

Puta merda.

Olhei na direção de Violet, mas ela já tinha colocado aquela máscara de sarcasmo que ela sempre usava. A mesma máscara de quando eu a conheci, aquela que a protegia do mundo, e ela respondeu: — Fico muito feliz que tenha trocado meu nome uma hora dessas.

Naquele mesmo momento meu celular tocou. Ele estava no bolso da minha camisa há algum tempo atrás e eu tive algum trabalho para encontra-lo na bagunça que tinha se tornado a sala depois de termos jogado as almofadas e a manta do sofá no chão.

— Sério que você vai atender mesmo? – ela perguntou.

— Pode ser importante – eu disse – eu já volto.

Levantei e ela veio até perto de mim. Ergueu minha roupa e fechou o zíper

da calça. Depositando um beijo alí quando terminou.

— Alô? – respondi assim que atendi o celular.

— Senhor Nicholas? Nicholas Theodoridis?

— Sim – eu respondi, olhei no visor do celular e procurei por uma identificação para o número, mas eu não o tinha registrado – quem fala?

— Aqui é o detetive Rod – ele respondeu – do FBI, temos uma informação que pode interessar ao senhor.

— FBI – eu falei e me afastei um pouco de Violet, tomado por uma emoção repentina – do que se trata?

— Estamos no condado de Yellowstone Hill, Senhor Theodoridis, precisamos que venha para o estado imediatamente – ele continuou – estamos com a sua esposa.

O meu olhar azul perdido

Eu tinha desmaiado, não tinha? Puta que o pariu eu tinha realmente desmaiado outra vez? Tudo estava escuro ao meu redor e eu simplesmente não conseguia ter acordo de mim.

— Não, Nicholas, você não desmaiou – eu ouvi a voz de James me chamando – já é a terceira vez que você pergunta isso, fico feliz que tenha acordado.

Ele falou com um jeito sério. Olhei ao redor. Matheo e Vivian estavam com Nicole, e até Violet tinha vindo junto, apesar de ela estar um tanto mais longe. Estávamos num avião, e eu sabia que estávamos a caminho de Yellowstone Hill.

— Fretamos um avião para chegarmos imediatamente, recusamos o avião que o FBI tinha mandado, pois ele não acomodava Nicole. Eles também queriam levar apenas duas pessoas, e eu não iria discutir com ninguém sobre a chance de rever a minha irmã.

Ajustei a postura na cadeira, meu corpo inteiro doía e eu sequer sabia como eu tinha entrado naquele avião. Se eu lembro bem, a última imagem definida na minha mente foi a de Violet nua no sofá e eu atendendo ao telefone. Depois disso, toda a minha vida tinha se tornado um borrão.

Eu até me esforço, mas eu não consigo me lembrar do momento em que eu fiz as malas, ou do momento em que eu embarquei no avião. E céus, como eu queria poder lembrar.

Violet não olhava em minha direção, eu não sei até onde ela sabia sobre as coisas que tinham ocorrido depois que eu tive esse apagão, mas acho que ela já tinha sido informada sobre o suficiente para ficar zangada. Se não zangada, deslocada, completamente desnorteada como eu me sentia.

Ao longe, o sol iluminava a pequena cidade de Yellowstone Hill, e eu a observava em silêncio da janela. Emily esteve aqui todo esse tempo? Ela não pensou em me procurar? Deus, eu a tinha enterrado! Eu a vi sobre aquela pedra fria. Eu a vi com o coração partido e eu não tinha conseguido juntar os pedaços dele até agora, e quando eu achei que estava ficando sarado, ela me invadia outra vez.

Nicole chorou e eu ia levantar para pegá-la, mas James fez um gesto empurrando meu peito e eu fiquei sentado na poltrona.

— Fique aí mais um pouco – ele disse – não queremos que se canse, não é mesmo?

Vivian olhou para ele e para mim, e até ela tinha um olhar de total raiva de mim. James e ela estavam zangados comigo. Isto significava que: eles sabiam.

Matheo, mais apaziguador, como sempre, trouxe Nicole para mim, e colocou-a no meu braço.

— Ela acabou de comer – ele disse – dei bem pouco para ela, ela não pode comer muito na altura para que não passe mal. E Violet já a alimentou também, antes de decolarmos. Ele só se alimentará outra vez quando estivermos em solo.

— Obrigado – foi tudo que eu tive para dizer.

Yellowstone Hill é tão pequena que não tem um aeroporto próprio. Para chegarmos a ela, temos que desembarcar na cidade vizinha e então pegar um táxi que levaria cerca de quatro horas para chegar alí. Era muito longe.

Assim que o avião pousou e estávamos em táxis, eu notei que não tinha participado da reserva do avião, dos carros, do traslado até o aeroporto em East Valley, não me lembro de absolutamente nada.

Violet, Nicole e eu fomos no primeiro carro e os outros foram no segundo. Eu ficaria na casa de James, a que eles tinham comprado quando casaram. Ela não tinha tanto espaço quanto a minha, mas era confortável.

À medida que chegávamos perto da sede do Federal Bureau Investigation, ou o Departamento Federal de Investigação, como queiram. Eu vi um quadro ser traçado aos poucos na minha mente.

Os Mustangs que ficavam a cada lado da entrada do edifício mostravam que estávamos num dos locais mais seguros da América.

Assim que saímos dos carros, Nicole foi colocada no carrinho de bebê. E eu arrastei o mesmo até a entrada. Eu sentia que meus passos oscilavam a cada momento, eles tremiam, minhas mãos suavam, e pelo amor de Deus, eu sentia que eu ia desmaiar como uma jovenzinha raquítica.

— Olá, sou o detetive Rod. Quem dos senhores é Nicholas Theodoridis?

Um dos homens que nos esperavam à porta, com seus ternos pretos e óculos escuros característicos, perguntou.

— Sou eu – me apresentei – Nicholas Theodoridis.

— James Carter?

— Eu – James ergueu a mão.

— Os outros, quem são? – ele perguntou enquanto pegava a identificação que tínhamos erguido para ele.

— Matheo, Vivian e Violet. Amigos da família.

Expliquei.

— Apenas parentes podem entrar.

— Esta é minha esposa, ela pode entrar? – James perguntou.

— Sim, ela poderá entrar. Os outros dois, se não tem nenhum vinculo com a família não podem. A criança também não pode entrar.

— Mas é minha filha.

— Lamento, poderemos deixá-la estar numa sala, acompanhada, mas ela não poderá entrar no local ao qual os levaremos.

— Está tudo bem – Vivian disse – eu acho que eu posso ficar com Nicole, vocês entram.

— Tem certeza? – James perguntou.

— Sim, se eu entrar agora, nesse exato momento, eu poderei pular no pescoço de alguém, e não quero espantar ninguém.

— Senhores, nós não podemos perder muito tempo – o detetive disse – acompanhem-me.

Para quem assiste séries policiais na televisão, entrar no prédio do FBI pode ser decepcionante. Algumas salas, ok, parecem com aquelas salas pequenas envidraçadas que vemos nos seriados, mas a maioria é feita com divisórias de MDF.

Entramos numa dessas salas e o detetive Rod nos pediu que entrássemos. Sentamos em cadeiras desconfortáveis, o ambiente abafado auxiliava ainda mais o desconforto, ele sentou do outro lado e nos estendeu dois copos de água mineral com gás.

— Desculpem não poder recepciona-los num ambiente melhor, mas todas as outras salas estão abarrotadas de processos.

— Não há problema – eu disse – por favor, vá direto ao assunto. O senhor disse que precisava de nós aqui para falar sobre minha esposa.

— Sim, senhor Theodoridis – ele disse – o FBI tem informações sobre sua esposa. Estamos desvendando uma rede internacional de tráfico de mulheres. Há seis anos, as investigações correm sob sigilo federal, chegamos a um dos

responsáveis pelo ponto de partida inicial do tráfico.

— Desculpe, isso não faz nenhum sentido para nós – James disse – enterramos Emily, enterramo-la e Nicholas a viu no necrotério.

— Senhores, eu não estaria brincando com o meu trabalho. Estou elencando o fato apenas superficialmente, não podendo dar maiores detalhes. No entanto, devo esclarecer, no necrotério do hospital o senhor viu Emily sendo preparada.

— Não, é... Eu não lembro – eu disse – creio que os médicos disseram que ela seria preparada.

— Então, neste intervalo de tempo, sua esposa foi trocada. O hospital é um dos investigados, descobrimos que não é apenas o tráfico de mulheres, mas também o tráfico de órgãos.

— Isso é impossível, eu fui lá não tem duas semanas fazer um pagamento.

— Conseguimos fechar as portas do hospital na semana passada. Os jornais

têm noticiado que ele foi fechado por irregularidades com a vigilância sanitária. Não queremos alarmar as pessoas.

— O que estamos fazendo aqui? – perguntei exasperado – por que a gente pode ter alguma coisa a ver com isso tudo?

— Nicholas Theodoridis, num dos nossos cercos policiais conseguimos prender cerca de doze pessoas, todas elas envolvidas direta e indiretamente com o tráfico de mulheres. Um navio clandestino, de origem ainda desconhecida, partiria com cerca de trinta e seis mulheres para o Suriname, dentre elas, Emily Carter Theodoridis.

James olhou para mim totalmente surpreso, eu olhei para ela com um olhar atônito. As palavras deslizaram para dentro de mim e tentaram fazer sentido, demoraram uns dois minutos para fazer sentido.

— O que quero dizer – ele continuou – é que a senhora Theodoridis esteve sob nossos cuidados pelo menos no último mês, considerávamos um risco dar a qualquer pessoa uma informação sobre o paradeiro desta, para fim de manter sua segurança. Como é considerado que, agora, o cerco está se fechando, nós estamos liberando as primeiras mulheres para que estas possam encontrar com os seus parentes.

— Meu Deus, vocês ocultaram de nós que Emily estava viva? – eu perguntei desesperado – Isso é de uma crueldade tamanha!

— Senhor Theodoridis, eu sou um detetive, não um psicólogo. Meu dever não é ser gentil, é zelar pela segurança dos processos de segurança nacional, e este, é um processo de segurança nacional. Não poderíamos mostrar aos líderes criminosos que estávamos perto de dar um fim nisso.

— Os senhores acabaram com isso por acaso? – perguntei – por que até onde sei, ainda deve ter milhares de casos semelhantes acontecendo bem agora enquanto o senhor está aí, parado, com essa bunda gorda nessa maldita cadeira!

James se levantou quando ele me viu se aproximando da mesa e batendo com os punhos sobre ela. Há um mês, há um mês eu teria sido poupado de tanto sofrimento, minha família inteira, meus amigos. Há um mês eu não teria transformado minha vida nesse inferno que eu habitava.

— O senhor deve se conter se não quiser se tornar um réu de justiça – ele disse calmamente – eu não hesitaria em prendê-lo por desacato se não soubesse o quanto sua senhora necessitará dos seus cuidados.

— De onde a levaram? – eu deixei meus ombros caírem, eu estava cansado

de suportar todo o peso do mundo – Meu Deus, onde eu não fui vigilante?

— Não se culpe – Rod disse e olhou para James que parecia ter esquecido para que as palavras funcionavam – neste momento o que deve importar é ela, a sua esposa. Emily passou por todo o tipo de atrocidades antes de ser resgatada. Ela precisará do apoio de todos. Absolutamente todos.

— Onde ela está? – perguntei com o desespero de ver meu peito sendo esmagado a cada palavra.

— Ainda está com os psicólogos, logo voltará para esta sala.

— Voltará?

— Sim, ela já esteve aqui hoje, fazendo um reconhecimento de um de seus possíveis estupradores.

— O que? – perguntei e não conseguia sequer colocar em palavras todo o bolo de sentimentos que me atravessou a garganta e quase não me permitiu

respirar – quem fez isso?

— Isso é serviço para nós. O FBI está no caso justamente para que isso não aconteça outra vez. Estamos fazendo todo o possível para que nada mais ocorra a sua família, sequer uma tragédia semelhante.

Meu peito estava apertado, parecia que eu teria um ataque fulminante a qualquer momento. Ela não merecia ter passado por tudo isso, ela simplesmente não merecia. Por mais que alguém não tenha gostado dela um dia, ninguém jamais deseja um mal deste ao semelhante, seja ele amigo ou inimigo.

O telefone da sala tocou e espantou James e eu com seu barulho estridente. Rod trocou algumas palavras com a pessoa do outro lado da linha e então encerrou a ligação com estas palavras: — Pode trazê-la – ele virou para nós – ela está vindo. Emily é testemunha, vou dar algum tempo para os senhores à sós. Assim que eu voltar, os levarei para casa em segurança. Os senhores deverão permanecer no condado, aqui estarão sendo vigiados pelo nosso programa de proteção à testemunha.

— Emily não deveria ir para um local seguro? – James perguntou – para outro endereço?

— Não, não há risco – Rod disse – o endereço de Emily na inscrição do seguro social é em East Valley.

Ele mal terminou de falar as palavras e saiu. Andei de um lado para o outro, atordoado.

— Como se sente agora? – James perguntou – espero que esteja se sentindo muito culpado pelo que fez a ela. Ela não merecia isso, e você a traiu.

— Eu achei que ela estava morta, como você!

— Não, Nicholas. Uma coisa era você achar que ela está morta, outra é colocar uma mulher dentro da casa dela, uma mulher que nunca respeitou o papel que ela significou na sua vida ou na minha, uma mulher que quer o lugar dela e que só você não percebe.

— O que? – questionei de volta – como pode estar querendo falar disso uma hora dessas? Emily já está vindo! Eu tenho consciência de tudo que fiz, e eu sei que o único errado nessa história sou eu, ninguém mais. Eu me redimirei por ela.

— Não, Nicholas, no que depender de mim – James disse – nunca mais você estará perto da minha irmã.

O olhar dele era sanguinário, eu tenho certeza que se ele pudesse me matar alí mesmo, ele mataria.

— Senhores? – uma jovem policial entrou na sala e perguntou – São os familiares da Emily?

— Sim, somos – dissemos os dois juntos.

Ela virou para atrás de si, e então trouxe uma menina franzina de olhos assustados para dentro da sala consigo. Deus do céu, era Emily! Ou o que tinha sobrado dela.

Uma calça de moletom azul e uma longa camisa de flanela cinza não conseguiam esconder a magreza que o corpo dela ostentava. Ela estava muito pálida, os ossos da face estavam ligeiramente saltados, e o cabelo tinha crescido bastante, mas não tinham a mesma vitalidade de antes. Ela ficava mexendo uma mão na outra, nervosa, amedrontada. Ela olhou para mim, e eu vi, que mesmo por debaixo de um corpo que devia ter passado por tanto sofrimento, ela ainda tinha os mesmos olhos que eu amava.

"Azuis como um céu no cair da tarde", eu tinha escrito isso em algum lugar, mas não lembrava agora onde era esse local.

James colocou a mão na boca, mas não segurou o choro que desceu pelo rosto. Meu próprio rosto estava embaçado de lágrimas, mas tudo que eu queria enxergar, eu já enxergava – Ela.

Emily não chorou quando me viu, não chorou quando viu ao seu irmão. Ela apenas se aproximou dele e envolveu-o pela cintura, o envolveu tão devagar e tão frágil, que James demorou alguns segundos para abraça-la de volta com medo de quebra-la.

— Emily... – ele sussurrou por fim e a abraçou.

Aproximei-me dela, devagar. E meus próprios olhos estavam querendo me trair ao criar um espelho de água que embaçava tudo.

— Emily? – eu a chamei, ela não respondeu.

Eu peguei o cabelo dela e afastei do rosto dela, tentei sorrir para ela, mas ela não sorriu de volta. Em vez disso, se afastou do meu contato e se abrigou ainda mais nos braços de James. As palavras seguintes que ela falou ecoam em minha mente, e eu sinto que ecoarão por toda a eternidade.

— Se afaste de mim! – ela falou com uma voz enfraquecida, porém firme – eu não conheço você!

Irreconhecível

— O senhor tem que entender, senhor Theodoridis, que a Emily sofreu grandes traumas. Não sabemos ao certo o que causou esta amnésia. Emily não esqueceu apenas o senhor, ela se esqueceu de uma boa parte da vida dela. O cérebro dela está a protegendo de traumas que a derrubariam neste momento.

— Eu não consigo compreender! – eu argumentei enquanto a psicóloga da polícia tentava me explicar – ela não poderia ter me esquecido. Eu... Eu achei que eu fosse importante para ela.

— Um filho consegue ser ainda mais importante que um marido, e ela o esqueceu. Não é algo pessoal, não leve isso como ofensa. O senhor, eu, ou qualquer outro aqui, não temos idéia do quanto isso a aflige em nível pessoal. Ela está se protegendo, protegendo a própria sanidade.

— Ela pode não lembrar-se?

— Tudo pode acontecer, senhor Theodoridis. Torceremos para que ela tenha uma recuperação o mais breve possível.

— Quanto aos... – a palavra mal queria sair dos meus lábios – estupradores. Ela os reconheceu.

— Não, senhor Theodoridis – ela disse – tentamos fazer um reconhecimento, mas ela não conseguia lembrar-se de coisa alguma. Na verdade, ela não lembra de um só dos dias na cidade de East Valley. Emily lembra-se muito mal do tempo em que viveu com o irmão aqui. Chegou, inclusive, a acreditar que os pais estariam vivos.

— E o que aconteceu?

— Conseguimos esclarecer isso quando tentamos procurá-los. A casa estava vazia, fomos até o endereço do irmão, mas ninguém soube nos dar informação.

— E a mim? Quando decidiram buscar a mim?

— Quando conseguimos identificá-la. Antes, procurávamos pelo rastro das informações que ela sabia – a mulher continuou – mas não se preocupe, o tempo provavelmente ajudará Emily. Ela tem dificuldade de confiar nas pessoas, ela não permite que a toquem, ela está machucada. Muito me surpreendeu que ela permitisse o contato com o irmão.

— Eu preciso que ela se lembre de mim – eu falei depois de passar a mão sobre o cabelo, exasperado, culpado e perdido – eu a amo.

— Não, senhor Theodoridis, o senhor precisa daquilo que é melhor para ela. E, por enquanto, é o esquecimento. Ela precisa estar forte para quando reviver todas as sensações e memórias do que ela passou. O senhor desejar que ela se lembre do senhor agora, seria torná-lo um egoísta. Ela lembrará tudo que a faz sofrer. Ela pode até entrar em colapso.

Ela tinha razão, muita razão. Eu simplesmente não poderia fazer isso. Eu tinha que fazer de tudo para que nada causasse mais mal a ela. Quando, finalmente, eu estava mais calmo, e poderia voltar a ter com Emily e James, eu saí daquele pequeno cubículo e fui procurá-los na sala de espera, a que a psicóloga tinha me informado.

— James – eu disse esperando que o mal estar entre nós dois estivesse menos intenso – podemos ir agora?

— Nicholas – James disse – eu acho que seria bom se fossemos em carros separados. Como você vê, Emily não te quer por perto. E acho que não podemos impor a ela uma presença não desejada.

Emily estava sentada um pouco mais longe, conversando com a mesma psicóloga que minutos atrás tinha conversado comigo. Ela balançava a cabeça positivamente, como se estivesse dizendo que iria obedecer a alguma ordem.

Ela parecia tão fragilizada, mas ao mesmo tempo o olhar dela estava tão endurecido, como se ela tivesse passado por muitas coisas que apenas os olhos azuis dela lembravam. Emily não parecia a mais ser a mesma, mas ainda era a minha outra metade. A metade que eu tão ridicularmente tinha abandonado.

Agora os sonhos se explicavam, ela esteve chamando por mim, chamou por mim todo este tempo, eu ouvi, mas achei que fosse o fantasma da mulher que amei, quando, na verdade, era o coração dela que falava comigo. Era a parte dela que ainda me pertencia que pedia por socorro, eu não ouvi. E ao não ouvi-la, ela se calou e eu a perdi.

— James... – ela chamou já próxima de nós dois. Com a mesma voz que tantas vezes tinha me jurado amor durante nossas noites. Ela olhou ainda para mim, mas o olhar dela não mostrou por nenhum segundo uma sombra de reconhecimento – vamos para casa... Eu preciso dormir.

— Se importa se eu for com vocês? – eu perguntei, eu tinha que tentar. Eu tinha realmente que tentar.

Emily me olhou com um olhar ferido, não apenas por minha causa, mas por causa de todas as dores esquecidas, todas as dores que ela insistia em recusar lembrar.

— Ele é seu amigo, certo? – Emily perguntou para James, e a voz dela era firme, não parecia mais a menina delicada de antes, a vida a tinha tornado uma mulher endurecida.

James poderia recusar, e ele o faria, eu sabia disso. Mas ele não o fez, ele olhou para mim como se ele olhasse para um pedaço de lixo e falou calmamente: — Eu não sei se devemos aceitá-lo perto de nós agora, mas sim. Ele é meu amigo – ele falou a última palavra quase com desdém – além disso, a filha dele precisa ficar num espaço confortável. E enquanto não conseguirmos um hotel para ele, ele ficará na nossa casa. Está tudo bem para você?

Ele passou a mão no rosto dela e ela assentiu e disse para mim.

— Desde que não me traga problemas.

Emily começou a andar seguindo aos policiais. Eles nos levariam até a casa dele em carros descaracterizados. Vivian, Violet, Matheo e Nicole seriam levados diretamente para lá.

Os carros saíram em tempos diferentes, com intervalos variados. O primeiro carro com James, Emily e dois policiais, saiu primeiro. Eles foram por uma rota até a casa dos Carter, eu fui no segundo carro, uma rota diferente que me levaria para o mesmo ponto de chegada. Durante todo o caminho eu me admirava da minha vida estar tão confusa quanto estava agora. Eu não sabia, nem sei ainda, como eu pude sucumbir. Eu não estava errado, estava? Eu achei que Emily tivesse morrido, eu achei que ela realmente não mais existia neste plano. Estava cedo para recuperar minha vida, eu sei. Eu não queria um novo amor, mas eu precisava de consolo. Eu não fui forte, eu não sou sempre forte, eu nem tento. As casas de Yellowstone Hill pareciam vazias, as ruas também não tinham movimento, as pessoas deviam estar escondidas no fundo de suas casas para não me ver passando.

Quando o carro estacionou na frente da casa que James comprou assim que terminou de decidir-se quanto a casar com Vivian, os policiais me acompanharam até dentro da casa. Algumas, na verdade, muitas instruções depois, eles nos deixaram.

Apenas Emily, James e eu tínhamos chegado. Não sabiam onde estava minha filha, mas sabia que eles chegariam em breve.

— Bom... – James começou – eu vou fazer a divisão dos quartos. Minha casa não é grande, Nicholas, você sabe. Vivian e eu ficaremos no nosso quarto e Emily dormirá no quarto do lado do nosso.

— Você, Nicole e Violet – ele sugeriu com um ar diferente – podem ficar no quarto aqui debaixo. Matheo disse que vai ficar no apartamento dele, mas virá sempre que puder. Além de ele ter que ficar indo e vindo sempre para a East Valley, ele tem que terminar a defesa de Violet, não é mesmo?

— Matheo está aqui?! – Emily perguntou surpresa imediatamente – onde ele está?

Ela se lembrava de Matheo, mas não de mim? Matheo tinha sido tão mais importante que eu ao ponto dela lembrar da vida que teve com ele antes de mim?

— Ele está vindo, ele está trazendo a filha de Nicholas, Nicole – James falou numa esperança que o nome que ela tinha escolhido suscitasse alguma lembrança.

— Desculpe, não a conheço – Emily disse num tom sério – mas fiquem á vontade na casa do meu irmão. James – ela falou para James – assim que Matheo chegar peça que ele venha me ver.

— Peço, mas aonde vai? – ele perguntou para ela, repentinamente preocupado.

— Não vou a lugar algum, eu quero apenas ficar deitada um pouco. É muito triste não lembrar quando seu corpo está cheio de marcas que não te deixam esquecer.

Aquelas palavras me pesaram, eu estive todo o tempo com pena de mim mesmo, eu não pude protegê-la.

— Eu vou subir – ela disse a James, e eu não sabia como ela já sabia se situar na casa – não esquece, James?

— Não esqueço – ele disse e a observou subir.

— Quer que eu a acompanhe? – eu pedi, queria tanto que ela lembrasse, mas ao mesmo tempo não queria.

— Eu não me lembro de ter pedido nada a você. Não se ofereça.

James e eu vimos quando ela continuou a subir as escadas, pouco tempo depois ela já tinha entrado no quarto, visível de onde eu estava, e trancado a

porta.

— Então, como vê, a amnésia de Emily a poupou de um sofrimento ainda maior... – James começou – vê-lo com outra mulher quando, eu aposto, tudo o que ela pedia era por nós, pela filha dela.

— Fale baixo – eu pedi – ela pode ouvi-lo.

Ele não argumentou por que sabia que eu tinha razão.

— Você está na minha casa – James disse – e vai seguir as minhas regras. Eu não serei capaz de esquecer a forma como você foi insensível com as memórias dela. Queria trepar com aquela garota, deveria pelo menos fazer isso longe da casa que foi dela, longe do lugar onde vocês tiveram uma história. Ou, pelo menos, respeitar a casa onde vivia a sua filha.

— Eu não tinha como saber que ela estava viva – eu disse – eu já expliquei isso diversas vezes.

— Isso não importa agora. Você não tinha como saber, nem eu, nem ninguém, mas você tinha a obrigação de zelar pela memória dela naquela casa. Violet pareceu-me ser uma pessoa no começo, ela pareceu ser boa, mas quando ela começou a mostrar as unhas, você simplesmente colocou um toco no ouvido e não quis mais escutar ninguém.

— Eu nunca achei que ela realmente fizesse as coisas por mal. Ainda não acho.

— Isso, continue defendendo o caso de vocês.

— Eu não estou defendendo, eu simplesmente não consegui resistir. Foi mais forte que eu, mais forte que minha própria razão e autocontrole.

— Ah! Tá bom – ele já estava muito irritado – a culpa é dela agora? Você não soube se controlar, ela não te violentou. Você quis, e deixou isso bem explícito.

— Deixei explícito? Quando?

— Ah, agora não lembra? – ele pareceu não acreditar na minha palavra.

— Você disse quando achamos Violet nua naquele quarto com você, ela pediu socorro quando você apagou, agora quer dizer que não lembra? Você passou duas horas no hospital com uma dor forte no coração. Agora não lembra mais?

— Realmente não lembro.

— É, ele disse, você realmente não sabe lembrar as coisas que são importantes.

Ele ia para o quarto organizar as coisas para quando Matheo chegasse com as meninas.

— Ah, e você tem que tomar cuidado.

— Com o que? – perguntei.

— Matheo me disse que os documentos que Violet nos apresentou são falsos. Pergunta para ele, acho que isso importa para você.

— Falsos? Como podem ser falsos? Checamos diversas vezes.

— Eu falei grego, idiota?

Não, não falou, porque mesmo se ele falasse eu entenderia. Sem paciência, ele continuou.

— São falsos, Matheo te explicará melhor. O verdadeiro sobrenome dela é Collins.

Quando tudo mudou?

— Chegamos! – Matheo disse assim que passaram pela porta. Tinha começado a chover e eles estavam verdadeiramente atrasados. Vivian trazia Nicole nos braços e Violet vinha um tanto mais atrás.

Quando eu enxergava Violet, apesar de saber tudo o que ela fez, eu não conseguia ter raiva dela. Mesmo eu querendo sentir isso no fundo de mim. Quando ela levou embora as coisas de Emily, e eu não conseguia enxergar nada além de raiva, mesmo assim não consegui odiá-la o quanto eu queria.

Mas agora, o sobrenome dela – Collins – mudava toda uma história. Eu não conseguia tirar da minha cabeça isso. Eu queria, mas eu não poderia. Sentados no sofá, James e eu, um de cada lado, nós esperávamos que Emily acordasse e viesse jantar, mas isso não tinha acontecido. Nada além de gritos aconteceram, absolutamente nada além de pesadelos que James correu para acalmá-la.

— Eu posso ir – eu disse – eu quero que ela saiba que sou um amigo.

Em meio ao desespero, James ainda pareceu o meu amigo de sempre, o amigo que me salvou do abraço da morte uma vez, ele olhou para mim com os olhos vermelhos de um choro contido, e disse: — Eu queria, eu queria muito que você fosse, mas você não merece que ela se lembre de você e ela não merece

lembrar.

Ele subiu as escadas diversas vezes antes que minha filha estivesse comigo, em meus braços.

— Onde estavam? Fiquei preocupado! – reclamei, insensível a todo o esforço que eles tinha feito para cuidar dela ao longo do dia.

— Nicole estava irritadiça, não parava quieta, acho que não se acostumou ao clima seco de Yellowstone e a levamos ao hospital, ela apenas precisou de alguns momentos no nebulizador.

— Ok... Obrigado – agradeci.

Naquele momento, a porta do quarto abre com um som baixo e James vê Emily surgindo da porta. Ele sorri de leve, contente que ela finalmente tinha decidido sair. Eu esperei que ela tivesse vindo para a sala por causa de James, ou mesmo por minha causa, mas quando eu vi ela esboçar um sorriso triste ao ver Matheo, meu coração parou por alguns segundos dentro do peito.

— Matheo... – ela sussurrou o nome dele e aquela palavra soprada cortou minha alma como mil facas amoladas.

Matheo, que a esta altura já tinha deixado as coisas de Nicole ao pé da porta, pareceu congelar no tempo. Olhando, pasmo, para a sombra de uma Emily que por muito tempo parecia morta.

— Emy – ele a chamou pelo apelido carinhoso – Dio Mio!

Ele correu até ela e Emily, sem medo de contato nenhum, se deixou abraçar por ele por muito tempo.

— La mia piccola principessa – ele a esmagou contra si, e parecia que eu iria morrer – eu pensava que a havia perdido... – ele beijou o alto da cabeça dela.

— Eu não lembro... Matheo – ela disse – eu não me lembro de nada, eu queria lembrar – ela olhou diretamente para mim – mas ao mesmo tempo sinto que eu irei morrer se eu conseguir.

— Não lembre, então, lembre apenas do que te faz bem – Matheo disse – se lembre de mim, do seu irmão, e tem mais uma coisa que você precisa saber.

— Que eu estou feia como o inferno, eu nem lembro quando envelheci tanto – ela disse.

— Você continua tão bela quanto os quadros que pintei, apenas está deixando a tristeza te colocar uma máscara que não é sua – ele a puxou pela mão – vem cá – ele disse – você tem que conhecer uma pessoa que não lembra, mas que ela sente muita falta de você...

Emily olhou para mim, mas eu sabia que Matheo não estava se referindo a mim. Ele a levou para Vivian, e apontou nos braços dela Nicole. Emily franziu o cenho por um tempo ou dois, mas levou a mão ao ventre. Eu vi quando os olhos dela encheram de lágrimas, eu senti que ela tinha reconhecido aquele laço que o tempo não consegue desfazer.

— Filha... – ela falou – eu sabia, eu sabia que eu tinha você! – ela pegou Nicole nos braços, tomando-a dos braços de Vivian – Eu não enlouqueci! Eu sabia, eu sabia que havia um espaço vazio entre meus braços, e ele era do teu tamanho! – Emily deixou-se embeber no cheiro dela. Aquela fragrância de talco e um cheiro que apenas os bebês tem, e apenas não a esmagou mais forte por que ela precisava tomar cuidado, e sabia.

— Nicole... – ela disse – eu tinha escolhido esse nome. Vocês a batizaram com esse nome?

— Sim, Nicole – Matheo disse – como você pediu.

Emily parecia estar quebrada, mas ao mesmo tempo tão forte. Ela não era mais a menina que eu amei, ela tinha se tornado mulher à força, e ela mostrava isso em cada um de seus gestos, e até pelas lagrimas que não derramava. Matheo não sabia qual seria o nome de batismo da nossa filha.

— O pai dela? – Emily perguntou – quem é o pai dela?

— Uma coisa de cada vez – James chegou e a abraçou devagar – apenas quero que saiba que estamos aqui com você, e que todos, absolutamente todos – ele olhou para mim – iremos respeitar o seu tempo.

— E vocês? Quem são?

— Eu sou Vivian – a esposa de James falou um tanto envergonhada, ela

sentia aquela mesma esperança que eu de ser reconhecida – eu sou... hum...

— Ela é a minha esposa – James disse.

— O que? – Emily perguntou com o rosto numa careta – James, ela tem o que?! Metade da sua idade? Tá louco?

James sorriu um pouco e não ligou para o comentário, apenas comentou com um sorriso maior ainda.

— Quase, e ela deve ter me tornado uns bons anos mais velho.

Emily olhou para Violet e buscou na sua memória qualquer coisa que trouxesse uma lembrança da imagem dela, mas não encontrou. Precisou perguntar.

— Você?

Violet e Emily, frente a frente. Como se houvesse um sexto sentido apurado, Emily olhou para ela como quem olha para uma rival.

— Não vai me dizer que ela é sua namorada também, Matheo. Os homens dessa família são loucos ou o que? Não sabem se relacionar com mulheres da sua idade?

— Não, ela não é minha namorada – Matheo disse – eu sou advogado dela, e ela ajudou a cuidar do seu bebê. Nicole precisou de cuidados, ela precisava ser alimentada, e Violet ajudou a cuidar de sua filha e – ele acrescentou com algum sarcasmo – de seu marido.

— Meu marido?

— Sim, você é casada ainda – James salientou bem a palavra ainda.

— Não me diga que eu casei com você? – Emily perguntou para ele – não é de se estranhar – ela continuou – Nicole tem a cor de seu cabelo e tem os meus olhos.

— Me sinto honrado, - disse Matheo – mas não sou o pai de sua filha. Seria uma verdadeira graça ter uma pessoa tão linda quanto Nicole com meu sangue.

— Quem é o pai dela?

— Ni...

— Ah, quer saber – Emily disse – não importa. Eu só quero saber de você agora.

— Certeza? – ele perguntou.

Matheo, como sempre, falando mais do que deveria. Emily não correu os olhos pela sala para buscar a mim. Ela apenas assentiu com a cabeça e olhou para James.

— Minha filha é simplesmente linda... Ah, Nicole... – ela disse enquanto a beijava na testa – eu sempre soube que eu iria te ver. Eles me diziam que você não existia, mas eu sentia, dentro de mim, que um dia eu tinha sido sua casa.

Você é a coisa mais linda que há no mundo.

— Ela é sim – James disse.

— A psicóloga disse que você não lembra, Emily. Como pode lembrar o que te diziam? Como pode lembrar que te diziam que não tinha uma filha, e como pode lembrar que ficou esperando por ela?

— Há coisas que meu cérebro luta para não lembrar, há outras que ele luta para esquecer – ela olhou para mim outra vez. Eu tinha permanecido calado todo o tempo, mas eu sabia que ela falava comigo. Violet também observou o momento em que Emily me olhou, e soltou o ar preso quando me percebeu ainda irreconhecível.

— Ela está com fome? – Emily perguntou.

— Não, ela acabou de mamar – Violet respondeu à pergunta que lhe tinha sido direcionada.

— Ótimo. Violet, eu acho que é esse o seu nome, não? – ela perguntou com um tom rude.

— Isso.

— Você está dispensada. Não precisa cuidar mais da minha filha – Emily a olhou de alto a baixo – e nem de meu marido.

— Mas...

— Não, não há "mas" e nem "mais". Quem quer que a tenha contratado pode demiti-la, Nicole terá os cuidados da mãe. James, por favor, pague a ela um bom dinheiro, um dia eu terei como reembolsar.

— Emily... – James falou surpreso pelo tom duro que Emily tinha usado – precisamos ver isso direito.

— Eu sou capaz de cuidar da minha filha.

— Você é totalmente capaz, mas... – James olhou para mim – há mais pessoas que querem vê-la, não é apenas por Violet.

— Eu não quero desconhecidos em sua casa – Emily disse – sei que é sua, mas não acredito que negaria uma coisa dessas a mim.

Emily olhou para mim:

— Isso vale para você também. Matheo, acho que não se importa de hospedar este homem na sua casa, não é?

Matheo não disse nada.

— Não posso ter sob o mesmo teto que eu pessoas em quem eu não posso confiar.

Uma estátua sem vida

Agora eu entendia o que Violet sentia. Agora eu sabia exatamente o que era ter horário para visitar uma criança. Por mais que eu tivesse errado, e mesmo com o meu erro, eu sentia que não merecia toda sorte de tratamentos que me estava sendo dispensado.

Vivian não iria ficar contra James, mas eu sinto que até ela achou um absurdo a proposta que me fora imposta. Eu iria ver Nicole à noite, somente à noite. Depois que James voltasse do escritório e que Emily não estivesse mais sozinha, ou apenas com Vivian e Nicole. James tinha dito que inventaria uma desculpa para que Emily me permitisse vê-la. Disse que eu poderia inclusive me passar pelo pediatra dela.

Antes de Matheo ir ao trabalho, eu já tinha levantado. Violet o acompanharia à tarde numa viagem de volta à East Valley, afinal, ela teria a visita a terapeuta. Ela começaria a ser tratada, ela teria horas de conversa pela frente, e isso a ajudaria a tentar não oscilar tanto nas mudanças de humor.

Quanto tempo Emily precisaria para voltar a ser quem era? Ela ainda iria voltar a ser quem era? Eu a amava, do meu jeito torto e errado, mas ainda amava. Eu não amava Emily por quem ela tinha sido, eu não a amava por pena agora depois de tudo, eu a amava pela parte em minha alma que sempre era tocada quando ela surgia. Eu a amava pelas noites de desespero que eu senti na minha cama sozinho. E, por Deus, eu a amei até quando estive com outra, tentando ressuscitar a sensação de estar com ela.

Eu não consegui aguentar nem um ano... Um ano por respeito. Se bem que, eu nem sei quanto tempo se tinha passado. Por vezes me pego pensando e pensando e, quando vejo, o tempo parece ter escorrido por entre meus dedos.

— Eu sempre vou achar meu caminho de volta para você...

Eu prometi a Emily uma vez e, querendo todos ou não, eu ainda era casado com ela. Prometi quando ela acordou de um pesadelo sonhando que tinha me perdido. Se eu soubesse que eu é que iria perdê-la.

— Violet, eu preciso falar com você – eu disse quando a vi acordar. O apartamento de Matheo era de solteiro, e tinha apenas dois quartos, o dele e um de hóspedes. Violet ficou instalada nele e eu estava dormindo numa cama dobrável na sala. Ou melhor, eu fiquei acordado numa cama dobrável na sala, pois não consegui dormir.

— Estou aqui – ela disse.

A maquiagem pesada tinha voltado ao rosto dela, as roupas escuras, e o jeito fechado de quando a conheci. Ela estava tentando se proteger das duras que estava levando. Assim como eu. Eu tinha sido expulso por Emily da vida dela, e ela também tinha sido expulsa. Sem nem tê-la conhecido direito.

Emily estava mudada, com um rosto sofrido e um aspecto ríspido, mas uma coisa que nunca falhou nela foi a intuição. Quando ela não gostou de Violet de primeira, eu percebi que aquela era uma dica clara para que eu estivesse sempre desavisado.

— O que? – ela perguntou assim que sentou e eu fiquei calado.

— Violet, eu lembro que você me disse que seu sobrenome era Nella Sue.

— Sim... Por quê? – ela perguntou sem mostrar alteração alguma no comportamento.

— James esteve me apontando que você não consta com este sobrenome nos registros. Nella Sue não é seu sobrenome no seguro social. E você me apresentou um documento, aliás, vários documentos que não me pareceram falsificados.

— Sim, lembro perfeitamente bem disso.

— Eles são falsificados?

— O quê?! Nicholas, eu não sou uma criminosa. Eu não ando por aí com documentos falsos. Se eu quisesse ser presa eu faria algo grande, sei lá, sequestrar a família de um milionário, assaltar um banco, não utilizar um documento falso.

— Muito bem – falei com a maior calma do mundo para que ela não se irritasse e se trancasse mais ainda – seu sobrenome no sistema aparece como Collins.

— Collins? – ela pareceu surpresa – Collins? Oh, merda.

— O quê?

— Então eu sou tão adúltera quanto você.

— Não entendi – insisti, confuso – por que diz isso?

— Por que esse é o meu nome de casada. De quando eu fui casada há algum tempo, eu acho que não foram nem dois meses, aquela vida definitivamente não era para mim.

— Ok... Ok... – perguntei – Espera. Você é casada?

— Pelo visto, eu sou. Ou fui, eu não sei. É assim: quando eu me casei, há muito tempo atrás, tempo que nem vale a pena contar. Eu assinei os documentos pedindo que eu alterasse meu nome para o nome de casada. O nome do meu marido... Argh!

— Você entrou com um pedido de divórcio?

— Assim que ele aprontou a primeira vez.

— Assinou os papeis e levou para o advogado no cartório?

— Claro – ela disse – eu sou doidinha, não burra.

— Espera, o seu nome de casada era Violet Collins?

— Sim, ué.

— E você herdou o nome do seu marido, obviamente. Isso quer dizer que você deveria ter tirado documentos novos com seu sobrenome, mas não o fez. Então os documentos que tem em mão não são falsos, apenas carecem de atualização.

— Claro, eu odeio esse nome. Por quê?

— Quem foi ele?

— Quem foi quem, Nicholas? – ela perguntou irritada.

— Quem foi seu marido? – eu perguntei – me diga imediatamente.

— Eu... Eu não posso dizer... Lamento.

— Violet, não me faça perder a paciência com você. Quem foi seu marido?

— Ok... – ela disse não deixando a postura defensiva que tinha usado – Dave. O sobrenome dele é Collins.

Isso era uma informação que jogava uma nova luz sobre tudo. Levantei da banqueta da cozinha onde eu estava, e andei de um lado para o outro.

— Espera... – eu pedi, tentei evocar a imagem de Trevor á minha cabeça, mas ela não surgia. Se surgisse, eu poderia comparar os dois. Que merda, por que porra meu cérebro parecia não funcionar quando eu queria?

— Nicholas... – Violet chamou – o que houve? – ela perguntou ao ver-me a quase a ponto de esmurrar a própria cabeça a fim de lembrar.

— Nada, mas me diga uma coisa. Violet, como Dave sabia meu nome?

— Mas... Como eu vou saber? – ela perguntou com um olhar confuso – vai que você é muito famoso em East Valley, ou vai que ele já te conheceu antes.

— Quando eu fui vê-lo, eu me apresentei como Alex alguma coisa, ele me tratou o tempo inteiro como Alex, e quando eu me despedi ele me chamou pelo meu nome, ele queria deixar bem claro que me conhecia.

— Aí, Nicholas, não é mais comigo, você vai ter que perguntar a ele.

— Certo, mas... – finalmente meu cérebro pareceu voltar a funcionar – quando você estava pulando o muro, daquela casa em que eu te surpreendi, você me disse que era Dave quem a estava ajudando a ver seu filho.

— Sim – ela confirmou de maneira meio duvidosa.

— Violet, quem é o pai do seu filho? Aliás, quem é seu filho? Eu nunca o vi, nunca vi uma só foto ou sinal que ele existe.

— Achei que os papeis do processo eram suficientes.

— Violet, você sabe a que me refiro.

Violet não falou nada.

— Violet, onde está Kevin?

Ela apenas balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Violet, quem verdadeiramente é Dave?

Ela levantou da cadeira, passou a mão no cabelo e falou num tom baixo, mas sério.

— Dave me mata se eu contar.

Matheo me emprestou a moto para que eu fosse até a casa de James, que não era tão longe dali. Violet tinha me implorado que não fosse atrás dele agora por informações. Ela tinha ficado realmente alterada quando eu tinha falado sobre Kevin. Soava estranho, muito estranho, e mesmo tendo prometido que não faria nada, eu tinha que ir atrás de mais informações.

No momento, porém, eu tinha que ver minha filha. Estacionei a moto bem ao lado do veículo de James e retirei o capacete, andei até a porta. Tudo estava mecânico demais, até meu respirar parecia mecânico. Dave tinha deixado de ocupar lugar na minha mente e a cada passo que eu dava, apenas Nicole e Emily importavam.

Toquei a campainha.

— Nicholas... – Vivian abriu a porta para mim, eu vi no sorriso dela quase que um gesto de desculpas pela forma como James estava me tratando, mas ela não tinha muito que fazer. Ela não queria se meter na dor que ele sentia por tudo o que tinha acontecido.

— James ainda não chegou.

— Eu achei que sim, desculpe – eu disse – eu vi o carro dele lá fora.

— Eu sei, ele foi de táxi, o carro deu problema e ele só poderá levar pela manhã numa loja de reparos.

— Está tudo bem, - eu disse – eu vou esperar aqui fora por ele. Quando ele chegar, eu entro.

— Desculpe, eu queria te fazer entrar, puxa, muito mesmo, mas...

— Quem está aí? – Emily perguntou vindo da cozinha. A cena que eu tinha sonhado em ver tantas vezes se desenhando à minha frente. Emily com nossa filha nos braços. Uma emoção forte apertou meu peito. Eu queria que aquele segundo congelasse e se eternizasse, e eu apenas pudesse me mover, eu as abraçaria tão forte, para nunca mais deixá-las sair de perto de mim.

— Hum, é o amigo do James – Vivian disse.

— Ah, sim. O pediatra – Emily disse – entre. Eu vou colocar Nicole no berço, o senhor poderá ver se ela está melhor.

"Nicole estava doente?" não. Logo me veio à cabeça que era parte do que James teria inventado no momento.

— Emily, seu irmão disse que era para recebermos visitas apenas quando ele chegasse – Vivian disse.

— Eu sei o que meu irmão disse, - Emily respondeu – mas eu não vou deixar minha filha sem a consulta só porque ele não está.

Vivian me viu entrar na casa. Eu subi as escadas da casa e segui Emily que me indicou o caminho até o quarto dela. Por incrível que pareça, a casa era simplesmente idêntica à casa da infância deles. A casa onde eu vi Emily ainda aos dezoito anos.

— Vem – Emily falou num tom duro – eu vou apenas trocá-la, ela acabou de fazer xixi e não quero que ela fique assada.

— Certo – eu concordei e não sabia onde colocar as mãos, não sabia se sentava na cama dela ou na cadeira de apoio, ou se eu ficava de pé no quarto de teto baixo com meus cerca de um metro e oitenta de altura.

Emily realizou o procedimento da troca da fralda com destreza. Ela nunca o tinha feito antes de conhecer Nicole, e eu lembro que ela sempre assistia tutoriais sobre isso no quarto, comigo, enquanto imaginávamos a divisão das tarefas. Claro, eu não deixei de notar que ela deixou a porta aberta.

— Então, pronto! – Emily disse e sorriu para a filha um pouco – ela está trocada. Aqui – ela a estendeu para mim – pode ir com o seu pai um pouco.

Se ela me desse mais um susto daqueles, eu não sei o que eu faria. Eu peguei Nicole e a coloquei no meu braço, com a cabecinha no meu ombro. E fiquei olhando para ela, esperando uma explicação: — Não é difícil de notar pelo jeito que você olha para minha... É, nossa filha, que ela é especial para você. Eu confundi o tom do cabelo dela com o de Matheo, mas na verdade é um louro dourado escuro, como se fosse uma mistura do seu e do meu.

Eu ainda fiquei calado, estava pasmo.

— Me desculpe por não deixar vê-la de imediato, espero que entenda que eu ainda temo tudo.

Agora sim, eu sentei na beirada da cama dela e olhei para minha filha, de quem eu tinha passado um dia inteiro longe, e a beijei na testa.

— Sim, ela é nossa filha – eu disse.

— Eu estava certa, então – ela falou – você não é médico, acho que médico nenhum vem fazer uma consulta de rotina numa criança a noite. A não ser que não seja rotina, e sim emergência.

— Então... – eu perguntei – você lembra de mim?

— Não, desculpe – ela disse – nesse momento, aqui – ela apontou o local. Veja, isso não parece familiar? – ela me mostrou o cenário muito parecido com o de dezoito anos antes, a mesa atropelada de papeis de revistas, o mural com fotos da escola, tudo. James tinha conservado o quarto dela?

Ainda estava olhando para o ambiente quando ela falou, olhando para mim. A luz que entrava pela janela revelava nela uma beleza dramática como só as estátuas de Michelangelo o poderiam. E ela era simplesmente igual, por um minuto ou dois, à Emily que me amava.

— Eu queria me lembrar de você – ela continuou – eu queria muito. Mas sempre que tento, meu coração aperta. Dói, e eu não quero mais sentir dor. Eu acho que você foi importante para mim, mas não ao ponto de me fazer sofrer ainda mais.

Ela andou até perto de mim, passou a mão no meu rosto e falou: — Você não imagina como a tua imagem tem me perturbado em meus sonhos. Você simplesmente não imagina como teu rosto aparece neles, sempre me olhando com alguma coisa pura, mas quando eu comparo o quadro dos meus sonhos com o homem à minha frente, eles não são iguais.

— Sim, Emily, nós somos – eu me deixei recostar o rosto contra a mão dela, esperando que a minha pele, meu cheiro, ou qualquer energia dentro de mim, evocasse nela as lembranças do que juntos vivemos.

— Não, você não é, Nicholas – ela disse – um homem que ama a esposa como você diz amar nos meus sonhos. Ele não a trairia tão cedo em sua própria casa.

Emily disse e eu fiquei atordoado com a informação alguns segundos.

— Isso mesmo, eu sei seu nome, – ela disse – você me traiu com a babá da nossa filha na casa onde morávamos. James falou isso para você, não foi? E você não negou. Eu ouvi tudo.

— Emily...

— Não o culpo – ela disse – eu estava morta. Para todos, para meu irmão, para meus amigos, para você e até para minha filha. Se você foi feliz, isso que importa. Eu não consigo sentir nada, nem ciúmes, nem raiva, nem mágoa. Por que se eu sentisse, significaria que eu sei quem você é.

Ela falava num tom calmo e frio, e eu sentia o peso de suas palavras sobre mim.

— Significaria que eu lembro do grau de importância que você teve. E por mais que eu tente, eu não consigo. E disso eu só posso tirar duas coisas: Ou quem você é não foi importante para mim, ou eu não sei quem você é, pelo menos, não mais.

Ela voltou a pegar Nicole nos braços e me deixou alí, parado, feito uma estátua sem vida. Sem ela.

— Pode vir ver Nicole amanhã. Eu jamais o impediria de ver a filha. Eu não lembro tudo sobre mim, mas sei que esse tipo de pessoa eu não sou.

Abençoei minha filha e saí daquela casa com o peito em chamas, de tantas emoções que o incendiavam.

Mais um dia no esquecimento

Violet e Matheo não tinham voltado para casa. Recebi uma mensagem num aplicativo, enviada por Matheo, que dizia que o voo deles tinha sido cancelado por causa do mau tempo em East Valley, eles ficariam num hotel, mas que amanhã, bem cedo, eles voltariam.

Eu tinha acabado de me vestir, estava apenas esperando que fossem oito da noite, assim eu poderia ver minha filha, James já teria chegado. Eu sentia que estava pagando por todos os pecados do mundo, mas não, eu sabia que estava pagando pelos meus.

Eu amei Emily com loucura, quando ela partiu, roubou completamente minha sanidade, eu sentia que estava ficando louco, eu a via, eu a tocava, eu a amava em meu delírio. Eu morri mais um pouco quando a imagem dela tinha sumido, e eu revivi quando ela voltou a aparecer. Eu a amei, e ainda amo, do meu jeito torto. E sinto que isso tudo é uma espécie de teste ao qual eu tenho que passar. Sinto que eu tenho que me tornar merecedor do amor dela outra vez.

Eu preciso ser merecedor dela, assim como de Nicole, eu preciso buscar um modo de me redimir.

Ao mesmo tempo tem Violet, como eu posso não ajudá-la quando não tem

nada que ela faça que não me prejudique de alguma forma? Como eu ainda posso insistir em confiar depois de todas as mentiras que ela contou? Eu sinto que há alguma coisa de bom nela, sinto como se eu tivesse a obrigação de ajudá-la, fosse por ela ou por minha própria consciência pesada.

Outra vez a moto, outra vez o mesmo caminho, outra vez aquela esperança que quando eu chegasse lá ela tivesse lembrado e nós pudéssemos tentar construir a família que um dia sonhamos. Outra vez a dor no peito por estar tão longe da minha filha.

Quando bati à porta da casa, foi James quem me recebeu desta vez.

— Nicholas – ele acenou para que eu entrasse – Emily está vindo, está apenas vestindo Nicole.

— Achei que elas já estariam me esperando – comentei.

— É, mas Nicole resolveu que era hora de um presente de última hora.

Sorri um pouco e James me convidou para sentar no sofá, aceitei. Ele parecia querer falar alguma coisa, ao mesmo tempo parecia querer calar, e eu fiquei na ansiedade pela segunda opção, mas ele preferiu ficar em silêncio.

— Nicholas – Emily me chamou do alto da escada, outra vez, e ela fez o gesto para que eu fosse até ela – pode vir, ela acabou dormindo.

— Se ela dormiu – James sugeriu – você pode voltar amanhã cedo. Ela estará acordada já que já está dormindo outra vez.

— Não, James – Emily disse repreendendo-o – Nicholas é o pai da minha filha, ele tem o direito de vê-la. Vem, Nicholas – ela repetiu o gesto – Nicole gostará de saber que você veio vê-la mesmo dormindo.

Pedi desculpas a James com o olhar, mas Emily estava certa. E eu precisava ver minha filha. Já não bastasse o tempo em que eu não pude tê-la ao meu lado quando ela estava no hospital, ainda vinha mais esta agora. Eu precisava vê-la, precisava ver as duas. Nicole, minha filha, minha e isso ninguém mudaria, e Emily, a mulher que me levou do paraíso ao inferno apenas com algumas palavras, mesmo que para ela eu não passasse de um esboço de alguém que ela não sentia mais prazer em amar.

Entrei no quarto. Nicole não tinha berço nesta casa. Ela dormia numa espécie de cesto gigantesco sobre a cama de Emily, e ela dormia ao lado. Eu tinha que providenciar alguns móveis para ela.

— Emily – eu disse – posso trazer um berço para Nicole? Uma cômoda pequena com algumas roupas? Uma cadeira de amamentação?

— Não, obrigada – ela olhou para mim – James já pediu essas coisas. Estamos apenas esperando que a loja venha entregar. Também comprei uma cama de solteiro. O berço vai ficar ao meu lado. Cadeira de amamentação não precisa, eu tenho uma poltrona. Na verdade, - ela sorriu – Nicole só está no cesto porque eu queria descer com ele para o andar de baixo, mas era pesado. Ela está enorme.

— Sim, ela está – eu disse e sorri também, bem de leve – ela tem seus olhos, você já notou?

— Obrigada – ela disse – os olhos que eu herdei do meu pai.

Sentei outra vez na beirada da cama e acariciei o rosto alvo de Nicole, ela estava absurdamente encantadora dormindo. Ela era uma criança linda.

— Eu acho que o cabelo dela vai clarear – Emily disse outra vez, me roubando da contemplação em que eu estava – eu comprei xampu de camomila para ela, e o seu cabelo é bem claro, é bonito... Quer dizer, você é o pai dela, ela tem que ter alguma coisa de você.

Sorri um tanto, convencido, pelo elogio involuntário. E tornei a olhar para Nicole.

— Sabe, Nicholas – ela chamou minha atenção outra vez – isso é tão estranho.

— O que é estranho?

— Você, aqui... Eu sei que você e eu tivemos uma história. Quer dizer, Nicole é a prova disso, mas eu não lembrar. Eu queria, mas eu não consigo, como já disse. E ainda mais agora que tem o seu caso com a babá.

— Eu não tenho um caso com a babá – eu me apressei a explicar – eu achei que teria, eu achei que era o certo, mas não era. E você apareceu outra vez.

— Eu entendo – ela falou – eu já disse, eu entendo que você não lembrava mais de mim, e ela é bem bonita, quer dizer, um baita de um mulherão. Acho que vocês combinam.

— Não, Emily – eu disse e me levantei para chegar perto dela, ela não se afastou, deixou que eu pegasse as mãos dela com as minhas – nunca houve outra pessoa, apenas você. E mesmo quando eu estive com ela, foi o teu nome que eu chamei, era você quem eu procurava.

Emily passou o polegar contra a pele da minha mão, a minha mais grossa contra o dedo dela delicado. Ela fechou os olhos um pouco e se deixou ouvir aquelas palavras, talvez, buscando um modo de acreditar.

— Eu nunca amei outra mulher que não fosse você – eu continuei – você não tem idéia, eu fiquei feito doido, eu não era eu mesmo. Eu te via em todas as coisas, em todos os lugares, eu te lia e lia o quanto você me amava nas suas poesias, e aquilo me permitia continuar. Eu pensei em morrer para me juntar a você – eu falei num tom mais baixo – eu achei que a encontraria, não fiz por Nicole, não fiz por causa da nossa filha.

— O que é engraçado... – Emily respondeu – é que eu realmente sinto que isso já aconteceu. Você tem um toque tão familiar, um cheiro tão único que me faz querer me lembrar de coisas que minha cabeça esqueceu, e seus olhos... – ela encarou meu olhar – eu tenho vívida a imagem deles sobre mim durante a noite. E eu lembro de você aos pedaços, suas mãos, seu cheiro, seu olhar, até este toque

– ela disse, mas retirou as mãos das minhas – mas eu não posso amar os pedaços de um homem, eu tenho que amá-lo por inteiro. Talvez quando eu me lembrar do que aconteceu, aí sim, eu consiga ou não.

— Emily, eu preciso de você... – eu disse – eu preciso que lembre...

— Tudo o que eu preciso agora, eu tenho – ela disse – me desculpe. Talvez, quando resolver o conflito em que se colocou com a babá de Nicole, talvez eu consiga comparar o homem que vejo com o homem que eu sonho.

Não falei nada, eu sabia, ela tinha razão.

— Despeça-se de nossa filha. Eu estou muito cansada, e eu gostaria muito de dormir.

— Eu posso ficar mais um pouco? – pedi – eu não fiquei com Nicole um bom tempo, as horas do dia parecem longas demais, e eu não quero que ela sinta minha falta, eu quero que ela saiba que o pai dela precisa dela e pensa nela todo o dia.

— Eu...

— Emily, por favor.

Ela sabia que eu não estava brincando. Ela sabia que eu realmente sentia falta dela. Nicole foi o último consolo que eu achei depois que eu achei que estava sozinho, agora ela estava sendo afastada de mim.

— Tudo bem – ela colocou o cabelo atrás da orelha e disse – mas eu realmente tenho que descansar. Ela não me deu sossego a noite inteira.

— Tudo bem, eu posso descer com ela e você descansa.

— Não, eu não quero que ela se afaste – ela disse – eu não tenho pesadelos quando ela está aqui. Eu não sei, acho que ela me protege. Fique aqui – ela apontou a poltrona – pode pegá-la nos braços.

— Eu não vou levá-la a qualquer lugar então, mas ela está dormindo.

Eu imaginava o quanto aquilo devia ser estranho para ela. Dividir um quarto com um homem que você não se lembra de nada, mas que é o pai de sua filha. Isso deve embaralhar o juízo de qualquer um — Por que não fazemos assim? – perguntei – você deita, eu deixo Nicole ao seu lado, e eu fico na beirada da cama, como fiz antes. E então você poderá descansar com ela ao seu lado. E eu saio em pouco tempo.

— Senta no chão.

— Tudo bem, eu sento no chão.

Emily realmente estava com olheiras, cansada. Ela entrou no banho e voltou com um calção folgado e uma camisa longa de time de hóquei, de James. Ela deitou na cama e encostou a cabeça no travesseiro, ela ficou me observando acarinhar Nicole e então, menos de cinco minutos depois, ela tinha dormido.

Observei-a respirar tranquilamente por algum tempo, ela estava juntando as sobrancelhas, um sono inquieto, mas não eram pesadelos. Eu já sabia que os pesadelos vinham acompanhados de gritos. Eu queria tanto tocá-la, mostrar a ela que eu estava ao lado dela e ela não tinha o que temer, mas não poderia. Não tinha esse direito.

Emily se moveu na cama, virando de frente, e a manga folgada da camisa de time subiu, subiu também um pouco do tecido da cintura. E eu tive que cobrir a boca quando as vi, uma a uma, as saliências de diversas cicatrizes.

Emily tinha marcas nos pulsos e até na curva perto do osso da bacia, pareciam mordidas, também pareciam marcas de queimaduras. Várias delas, num tom mais claro que a pele dela, outras nuns tons mais escuros ou avermelhados. Eu estiquei, involuntariamente, os dedos e deslizei as mãos sobre as cicatrizes do pulso esquerdo, que estavam mais perto de mim.

Aquilo era muito, muito para assimilar.

— Emily... – eu falei baixinho – por favor, me perdoe... me perdoe por não ter estado lá para salvá-la...

A dor que aquilo me causou foi tão grande que lágrimas não seriam capazes de mostrar a proporção dela, então eu as guardei. Apenas deixei meu olhar passear por aquelas marcas, sem acreditar que eu não fui capaz de impedi-las.

Eu estava sendo tão burro e tão egoísta. Como eu poderia pensar em ajudar todos e não via que a pessoa que mais precisava de ajuda era Emily o tempo todo? Tudo iria mudar, sim, tudo iria mudar. Eu precisava, eu precisava dar um

basta em tudo, meu Deus.

Coloquei uma coberta sobre Emily e ajustei a postura de Nicole no cesto. Beijei as duas na testa, ouvi Emily sussurrar meu nome quando o fiz e saí.

Eu tinha que organizar minha vida, eu tinha que eliminar a carga desnecessária. Eu tinha que descobrir quem realmente era Violet e o que ela realmente era para Dave.

Primeiras verdades perfeitas

East Valley já tinha sido mais receptiva. Lembro-me dos momentos em que, tantas vezes, eu me perdi nas ruas cheias de gente. Agora, as ruas pareciam sempre vazias. Tudo vazio, absolutamente tudo. Não havia pessoas, não havia nada. Tudo o que havia era o meu foco, o lugar até aonde eu tinha que ir.

Eu não tinha tempo de ir até minha casa, eu não tinha tempo de buscar o meu carro, peguei um táxi e pedi que me levasse ao endereço onde eu tinha visto Dave àquela vez.

O taxista era um velho conhecido meu, que sempre me buscava e trazia do aeroporto até em casa. Ele perguntou por Emily, eu disse que estava tudo bem, apesar de não estar.

Cheguei à propriedade, o portão estava aberto, e eu acho que ele estava me esperando. Dave estava na frente da casa, sentado numa cadeira de um conjunto de decoração fino, ele me sorriu ao longe.

— Dave Collins – eu chamei seu nome.

— Um verdadeiro prazer – ele disse – eu achei que você nunca chegaria.

— Quem é você?

— Isso você terá que descobrir — ele disse.

Quanto mais eu andava em direção á entrada da casa, mais as palavras dele ficavam mais altas.

— Nicholas Theodoridis – ele disse com um sorriso perigoso no rosto – Advogado da Prime advogados e associados, marido de Emily Carter, agora Emily Theodoridis, pai de Nicole. Nasceu na cidade de Salônica em doze de março de mil novecentos e oitenta e dois. Patrimônio pessoal orçado em onze milhões de dólares, ou um pouco mais se considerarmos as ações da bolsa de valores cujo retorno anual aumenta em dois virgula seis por cento seu capital investido.

— Então sabe quem sou.

— Todos aqui sabem quem você é. Mas venha, sente-se – ele disse – sei que está ansioso para esclarecer algumas coisas. E, me desculpe salientar outra vez, achei que viria bem antes.

Eu não me aproximei.

— O que você é para Violet?

— O que já descobriu. Ex-marido.

— Onde está o filho dela?

— Está em ótimos braços – ele disse – mas não acho que essa seja a pergunta certa. Você tem que perguntar as coisas corretamente, tente lembrar, Nicholas – ele disse – tente entender o porquê de Violet ser tão importante para você.

— Ela é minha amiga.

— Não, Nicholas, ela é bem mais que isso. Apenas descubra.

A cada palavra que ele falava eu me sentia mais e mais confuso, tonto mesmo, como ele sabia de tudo isso.

— Ah, e sua menina é uma criança adorável. Eu adoraria vê-la fazer companhia a Kevin.

— Miserável – eu me apressei até a varanda e me precipitei sobre ele – Nunca mais fale da minha filha – eu gritei enquanto o socava no canto da boca — Você esteve me espionando? – o peguei pela gola da camisa, a pose de resistência se desfez – O que quer comigo? O que quer comigo?! – perguntei enquanto o empurrava mais.

Ele tentava se sacudir para sair, mas eu era mais alto e mais forte. Consegui prendê-lo. Dave, contudo, me empurrou de volta e se livrou de minhas mãos, ele se equilibrou e olhou para mim com um olhar profundamente irado.

— Aquela vagabunda não serve nem para mentir – ele comentou enquanto retornava a posição aristocrática de antes – isso apenas dificulta as coisas para ela. Não serve para nada, nem para te iludir. O sexo com ela foi mesmo essa coisas que ela me contou? Por que duvido muito que ela tenha sido tão

agradável.

— O que? – questionei tomado pela certeza que Violet era a responsável por contar tudo que acontecia em minha casa para eles.

— Ela se apaixonou – ele disse – imbecil como é se apaixonou, e agora quer ser certinha, quer te proteger, vamos ver até aonde isso vai durar.

Então eu realmente tinha me enganado? Todos tentavam me abrir os olhos, mas nada me tirava da cegueira em que eu mesmo me coloquei? Nada que não fosse a imagem de mentira que ela tinha criado me convencia? Agora eu via que ela poderia ser má, mesmo assim ainda faltava o motivo, o motivo pelo qual ela tinha fingido todo esse tempo.

— O que é você? – questionei.

Eu tinha como me defender, eu tinha como ameaçar, eu tinha comprado ela quando quis dar cabo de mim mesmo, mas eu nunca imaginei que eu iria utilizá-la em defesa de outro.

— Fale! – retirei a arma do coldre oculto sob o meu blazer – e acho bom que dessa vez seja a verdade.

Recuei o cão da arma e apontei para ele.

— Todos nós sabemos que você não tem coragem de matar coisa alguma. Não finja ser esse homem corajoso. Gostou do presente que liberamos para você?

Ele se referia a Emily? Ele tinha sido responsável pelo sumiço de Emily? Atirei uma vez na altura da perna dele. Perto do joelho, ele caiu e apesar da dor, tinha um sorriso louco na cara.

— Se me matar, ela nunca saberá!

— O que ela não saberá? - apontei a arma no rosto dele – o que Violet não saberá?

No momento em que eu perguntei, as coisas ficaram claras na minha mente.

E eu fui inundado por um terror absurdo, por uma idéia que eu nem mesmo tinha cogitado antes. Era por isso que eu precisava ajudá-la. Eu sentia, ela precisava de ajuda, ela sempre precisou. Talvez ela tenha pedido ajuda todo esse tempo e só agora eu vi. Violet não era totalmente má.

— Onde está o filho dela? – perguntei e apertei mais o cano da arma contra a cabeça dele – onde está Kevin?

Ele apenas sorriu um pouco mais.

— Onde ele está, maldito? – questionei outra vez.

— A questão é... – ele perguntou – ela o quer encontrar? Ela não iria gostar do que vai ver.

Aquela frase me encheu de terror, mas eu não poderia vacilar.

— Eu juro, não vou hesitar em matar você como mataram o seu irmão. Eu farei pior.

— Você não sabe mesmo de nada, não é? E ainda se julga advogado. Uma bosta. Trevor não era meu irmão.

— Você sabe o nome dele – comentei percebendo que ele tinha mordido a isca – como o sabe? – eu salientei – eu não o disse em nenhum momento. Ande, conte!

Eu me levantei e o deixei no chão, ele nem mesmo apertava o ferimento para que não sangrasse.

— É melhor contar, ou eu juro que não irei mais ter pena de você.

Eu dei outro tiro no mesmo local, desta vez ele gritou de dor. Ele percebeu finalmente que eu não falava em vão. Ele mostrou uma ruga de preocupação e começou a falar.

— Aquela imbecil não serviu para nada, não é? Ela apenas deveria informar para mim quando Emily voltasse, sua "*esposinha*" sabe demais.

Eu não iria tolerar que ele falasse o nome de Emily daquela forma. Não com o tom de lascívia que ele tinha utilizado. Pisei sobre o ferimento, e quando ele gemeu, pisei-o ainda mais forte.

— O que você fez à minha mulher? – eu questionei ainda mais firme – o que você fez?

— Ela é muito, mas muito, gostosa. Apenas saiba que eu aproveitei muito a companhia dela. Sempre que pude.

Se ele não falasse eu iria atirar no exato espaço entre os dois olhos dele. Eu até o faria quando ele provocou, mas um grito desviou minha atenção.

— Nicholas, não! – era a voz de Violet – se você matá-lo, eu nunca vou encontrar o meu filho!

Olhei na direção em que a voz me tinha chamado e vi não apenas ela, mas Matheo. E ele também tinha uma arma apontada em nossa direção. Aquele susto me deixou desatento por um segundo, quando voltei à razão, Dave já tinha se lançado, com dificuldade, sobre mim, e tinha me tomado a arma.

Eu senti que morreria naquele instante, ele apontou a arma em minha direção fazendo que eu me afastasse. Eu não poderia morrer justamente agora que eu a tinha encontrado, justo agora que Emily tinha voltado para mim. Eu não poderia deixar minha filha e eu não poderia deixar os meus amigos.

O cano do revolver, porém, não estava mais em minha direção enquanto as cenas se desenrolavam diante dos meus olhos como se fossem de um filme.

— Senhores – Dave disse – eu não posso deixar um plano falho acabar com outros planos maiores, os segredos que sei sempre estarão comigo, aqui os tenho – ele apontou a arma para a própria cabeça – Violet, meu amor, minha querida, eu lamento – ele fechou os olhos e puxou o gatilho.

Do que você tem medo?

O mundo estava em chamas, ninguém poderia me ajudar. Eu nem sabia como minha vida tinha se tornado isto tudo, eu nem mesmo sabia como eu tinha chegado até aqui. Eu tinha perdido Emily, eu tinha perdido minha filha, a confiança nas pessoas, eu tinha até mesmo me perdido até me achar novamente. Agora, a única coisa que eu conseguia contemplar era um corpo caído ao meu lado, a cabeça fazendo uma curva estranha, os olhos ainda abertos.

Dave era um demônio, um homem pior que qualquer outro, um homem que foi capaz de acabar com a própria vida para que não revelasse as verdades que sabia.

Violet estava ao lado de Matheo, mas nada explicava o fato de ele ainda estar com a arma em punho, mais ainda, o que explicava o fato de ele estar com uma arma?

— Nicholas — ele disse — tem outra arma com você? Uma faca, qualquer outra coisa? — ele continuava apontando aquela coisa para mim.

— Não, eu não tenho — eu disse e ergui as mãos, vai saber o que se passava na cabeça dele — abaixa essa droga!

Matheo desarmou a pistola, eu tinha apenas um trinta e oito, ele tinha um calibre quarenta. Um tiro com minha arma atravessou a cabeça de Dave e ele apagou apenas com um buraco sangrento do lado da cabeça, um calibre quarenta iria simplesmente se fragmentar dentro do meu corpo e provocar múltiplas lesões internas apenas arrancando uma massa de carne pelo lado que saísse.

Matheo deu um novo golpe na arma para desarmá-la e a colocou numa posição semelhante à que os policiais utilizavam.

— Sai daí — ele disse — vem para cá, sai de perto do corpo — ele já estava com o celular na orelha, falando com alguém.

Saí de perto tomando o cuidado de não esbarrar em qualquer coisa que pudesse servir como prova. Tomando o cuidado de me conservar completo, eu também era uma prova agora.

— Mas que merda você está fazendo aqui?! — perguntei-lhe — e que porra você está fazendo aqui também? — eu perguntei a Violet, mas ela não conseguiu falar, estava parada, com os olhos arregalados olhando para o corpo caído, repetindo incessantemente: — Eu nunca mais irei vê-lo, eu nunca mais irei vê-lo...

Eu achei que ela se referia ao próprio Dave, por um ou dois tempos, eu achei que ela realmente queria que ele ainda estivesse vivo, até que consegui entender que ela falava do próprio filho.

— O que você fez?! — ela virou para mim agora, furiosa, com uma raiva que mal se continha — O que você fez, Nicholas?! Por que fez isso? Eu tentei te proteger esse tempo inteiro, por que você não continuou acreditando nas minhas mentiras? Por que você tinha que tentar ser um herói? Por que você atrapalhou tudo?

Ela se deixou cair por uns momentos, e ficou de joelhos no chão. A meia-calça cheia de rasgos sob a saia jeans ganhou mais alguns rasgos quando isso aconteceu. Ela colocou as mãos na cabeça e apertou forte o crânio, quase como se ela estivesse sentindo uma dor que estava prestes a lhe partir a cabeça.

— Matheo... Ele sabia de tudo — ela disse.

Olhei para Matheo, espantado, a que tudo ela se referia? Matheo chamou o nome do detetive Rod algumas vezes durante a ligação que não se tinha encerrado. Assim que ele o fez eu ia partir para cima dele, o que ele sabia?

— Ei! — Ele disse quando viu meu olhar furioso — não queira dar uma de

corajoso para cima de mim, eu não sou James. Se bater vai levar — ele continuou — vê se te controla, tua adrenalina está demais. Eu sabia de tudo, sim, quando James contou que você tinha vindo para cá, falar com Dave, Emily ficou preocupada, ligou para nós. Ela já sabia que você ou tinha descoberto ou iria descobrir alguma coisa. Eu tive tempo apenas de ligar para a polícia e de correr para cá, eu tinha que tentar impedir a morte de Dave — ele respirou fundo, parecia que tinha falhado em alguma coisa — ele tirou o filho de Violet da casa, e não temos idéia de onde ele está.

— Achei que a briga na justiça era verdadeira; Tudo era uma mentira então?

— Não! — Matheo continuou — claro que era verdade, Kevin estava sob a guarda da família do pai. Estávamos quase revertendo isso, quase...

— O que Dave era para Kevin?

— Nada, absolutamente nada.

— Violet? — eu perguntei para ela — o que Dave era par Kevin? — não era que eu não acreditasse em Matheo, mas eu precisava ouvir dela.

— Ele não era nada, Matheo já disse a verdade. Ele apenas assumiu o filho quando casamos. Eu já estava grávida antes.

— Vem, levanta daí — eu a peguei pelo braço e ela temeu por um momento, mas eu não iria machucá-la, além de não fazer parte de minha índole e criação, ela estava mais ferida que qualquer arma na terra poderia fazer — nós temos uma conversa enorme pela frente.

Numa cena grotesca, sentamos nos degraus da entrada principal da casa, o corpo de Dave a apenas cinco passos de nós. Matheo estava balançando a perna, nervoso, e olhando para os portões da propriedade, em pouco tempo a polícia chegaria.

— Violet, pelo amor de Deus, eu nunca poderei confiar em você? — questionei — quando você vai parar de mentir para mim? Eu sempre soube que você precisava ser ajudada, nunca a julguei má, sempre achei que havia mais em você do que os outros julgavam. Mas, Deus, por que porra você não me contou cousa alguma?

— Se eu contasse, eles matariam meu filho — ela respondeu com uma angustia na voz — ele não tinha amor por ele, não era filho dele, ele o usava apenas para me chantagear. Ele me fez as piores coisas, ele me fez fazer as piores coisas para consegui-lo. Quando eu conseguia, ele sempre pedia coisas mais, coisas piores... — a palavra morreu na boca — ele nunca me amou. E, — ela acrescentou — eu nunca achei que eu fosse me apaixonar por você e colocar

tudo a perder.

— Violet... — o desespero dela me deu medo, me deu uma apreensão, eu não queria que ela sofresse o quanto estava sofrendo, eu não queria que ela ficasse se sentindo mais perdida do que já estava — não há culpados ou inocentes nessa história.

A sirene da polícia foi ouvida ao longe, Matheo que estava quieto ao nosso lado, enviando mensagens pelo celular para alguém, se adiantou para ir até eles.

— Emily sabe — Violet disse — ela sabe de tudo. Ela sabe de cada coisa que aconteceu entre nós. Ela sabe que você me perdoou por mandar as coisas dela embora, apesar de ela saber o motivo, eles achavam que ela estava trocando informações com alguém.

— O que? — perguntei outra vez — Emily lembra tudo?

— Sim, ela sabe quem sou eu, ela sabe quem é todo mundo, ela está fingindo ter esquecido tudo o que sabe para que não corra perigo, ela é muito inteligente. Fingir ter esquecido foi o que a manteve viva até agora.

Eu tinha uma pergunta no olhar e Violet a leu.

— Sim, Nicholas, ela sabe bem quem é você.

Ao mesmo tempo em que aquilo me lançava uma nova esperança, aquilo me espantava para mais longe dela. Era por isso então que ela sempre dizia que ela se lembrava do homem que eu fui, mas não do homem que eu tinha me tornado.

— Você contava tudo...

Não foi uma pergunta, foi uma afirmação, mas ela respondeu.

— Eu precisava, eu realmente precisava — ela disse — eu tinha que contar. Eu sei bem pelo que Emily passou, Nicholas, eu já estive no lugar dela. Quando eu fugi de casa eu achei que essas pessoas eram as minhas amigas, eu fui idiota e burra, eu não conhecia nada do mundo.

Violet apertou um relicário no pescoço e o beijou, continuou: — Emily tem

que continuar fingindo que esqueceu, e você tem que continuar fingindo que não sabe. É o melhor para ela, e é o melhor para você. Isso irá protege-la, ela não precisa de mais um problema, e você já sabe que ela não hesitaria em morrer por você. Eu me pergunto se você faria o mesmo por ela, se você morreria por ela.

— Não diga tolices, Emily está aqui. Eu não vou morrer por que preciso dela ao meu lado, e eu morreria, sim, por ela. Violet, não diga que sabe o que é melhor para mim, você não sabe!

— Ah, Nicholas, eu sei sim. Eu sei o que é melhor para você, e pode até não parecer, mas eu posso ser esse melhor.

Uma pontada de inteligência em meio a tanta burrice que eu vinha fazendo me clareou a mente.

— Violet, você sempre está com esse relicário no pescoço, me deixe ver.

— Para que?

— Me deixe ver agora!

Ela não queria me dar, mas eu o tomei assim mesmo. Abri-o e dentro haviam duas fotos. Uma era de um bebê que eu assumi ser Kevin, ele era loiro e estava olhando para a câmera com uns olhos pequenos e castanhos. Do outro lado havia a foto de um rapaz que eu não lembrava quem era.

— Quem é esse?

— Kevin, — ela disse — meu filho.

— E este outro?

— Alguém quando mais jovem.

Eu sentia que ela estava mentindo, eu sabia. Mas meu cérebro não quis raciocinar para desvendar mais sobre aquela foto. Eu não tinha mais comando da minha mente e do meu corpo, eu parecia uma coisa que era jogada de uma situação para outra e não podia reagir.

Os policiais estavam se aproximando, e eu sabia que eles iriam realizar mil perguntas, eu sabia que eu estava com muitos problemas, eu tinha que perguntar mais uma coisa. Esforcei-me e consegui perguntar: — Por que ele disse que você era importante para mim? Por que ele insistiu que eu não me lembrava de você? — perguntei — por favor, desta vez, apenas desta vez... Você não tem mais nada a temer quanto a Dave...

— Não é mais dele que eu tenho medo, Nicholas — ela disse e limpou a maquiagem borrada por culpa do choro — eu tenho medo de outra coisa.

— Do que você tem medo, Violet?

— Eu tenho medo de você.

Um adeus definitivo

"Medo de mim?” pensei “por que Violet teria medo de mim?”.

Depois de horas de interrogatório na delegacia, fomos levados novamente pelo FBI para Yellowstone Hill, advertidos duramente por culpa da minha ansiedade em querer desvendar um mistério. Agora, Kevin estava perdido no mundo, a única pessoa que sabia onde ele estava, Dave, tinha morrido, e a polícia teria que recomeçar quase do zero.

Como minha vida tinha se tornado isso tudo? Eu não lembrava, eu simplesmente não conseguia lembrar. Eu me esforçava, mas meu cérebro parecia não estar trabalhando a favor de mim.

Eu já estava cansado desta conspiração que parecia estar ao meu redor, eu tinha mil teorias, todas elas fracassavam, quando eu achava que estava tudo bem, absolutamente tudo ruía.

“Eu tenho medo de você” essa frase não saia da minha cabeça.

Quando chegamos a Yellowstone Hill, minha mente já tinha se esquecido desse pensamento, por mais que eu quisesse me apegar. A única coisa que me vinha à mente era outro pensamento ainda mais importante. Um pensamento que mudava tudo em que eu vinha acreditando, eu queria, queria muito que ele não se concretizasse. Isso significava que Emily não lembrava apenas a dor que tinha sofrido, mas a que eu causei.

“Emily sabia”.

Ela sabia que eu fora infiel, ela sabia que eu tinha sido alguém que não teve o mínimo de consideração com ela. Ela sabia que eu tinha a traído na minha casa, nossa casa, apesar de não ter sido definitivamente uma traição. Ela se lembrava de tudo, Violet me dissera, ela lembrava cada uma das coisas que tinham acontecido, ela era atormentada por tudo o que acontecia na minha casa, nossa casa, assim como eu era atormentado pelas visões dela.

Emily se lembrava de tudo o que tinha causado aquelas cicatrizes, de quem as tinha causado, por que ela não os reconheceu? Por que ela não os deixou presos? Se a melhor forma para ela não ser pega era esquecer, por que ela fez questão de se lembrar de algumas coisas, de mentir para mim? Por que ela fingiu não se lembrar de mim?

O carro parou em frente à casa de Matheo, e eu desci, apesar de ter sido orientado a não sair mais de casa aquele dia para evitar represálias, eu tinha que ver Emily.

— Deixe Emily em paz – ele disse, irritado sem motivo – não vá mais atormentá-la, não acha que já fez mais do que deve?

— Ela é a minha esposa, ainda, e enquanto ela o for, eu tenho direito de falar com ela. Eu preciso vê-la, preciso convencê-la de que ela não precisa me odiar.

— Nicholas, eu não estou brincando, deixe-a em paz.

— Vá à merda, Matheo.

Peguei a moto outra vez, sei que era dele, creio que Matheo não se importaria quando a cabeça dele esfriasse e, se precisasse, eu compraria uma nova para ele. Quando cheguei à casa de James, derrubei a moto no chão e me precipitei para dentro da casa, cuja porta estava aberta. Vivian não estava, eu não sabia aonde ela tinha ido. Andei até o andar superior, Emily não estava no quarto.

— Emily! – eu chamei – Emily! – chamei-a outra vez, o desespero tomando conta do meu peito.

A casa parecia vazia, só depois de algum tempo em que minha cabeça já tinha formulado setecentas teorias, foi que eu consegui ouvir a voz dela cantando para nossa filha no quintal.

— Emily! – a chamei outra vez e andei na direção da música.

Quando cheguei no quintal, ela estava sentada numa cadeira de madeira cheia de almofadas, ela estava com um vestido que a cobria inteira, desde os pés até os punhos, e Nicole nos braços. Eu me aproximei, tonto, cansado demais de ser forte, me abaixei perto dela e me ajoelhei aos seus pés. Coloquei a cabeça em seu colo e deixei que minhas lágrimas banhassem o seu vestido.

— Nicholas... – ela sibilou meu nome enquanto acariciava meu cabelo e deslizava os dedos finos por entre os fios.

— Me perdoe, Emily... Me perdoe... – eu pedi e repeti diversas vezes – eu não a mereço, eu simplesmente não a mereço. Eu fui fraco... Doente...

— Nicholas... – ela repetiu meu nome outra vez – não há o que perdoar – ela disse – você julgava que eu estava morta, você não me traiu como um vilão, você é a vítima dessa história. Você não tem culpa de nada.

— Emily, por favor, diga – eu levantei meus olhos e tentei falar com aquela parte dela que eu sabia que ainda me amava – diga que se lembra de mim, diga que se lembra de tudo o que vivemos juntos...

— Nicholas, eu me lembro de tudo o que você era, de cada detalhe. Eu me lembro de tudo que vivemos, eu tenho isto nitidamente em meus sonhos, eu tenho tudo na minha mente e no meu corpo, quando eu estou perto de você eu ainda penso que sou capaz de sentir aqueles enlevos em que nos colocávamos.

— Nós ainda o somos, eu posso dá-los outra vez a você...

— Não, Nicholas... Eu te amei, eu te amei com o que eu tinha de melhor em mim. Eu te amei com tudo que eu poderia e te amei com o que eu não poderia também. Eu te amei por dias e dias antes mesmo de eu o saber. Amei-te quando eu achei que era errado e te amei o dobro quando vi o quão certo era.

Eu apenas ouvia as palavras dela sem poder argumentar.

— Nicholas, eu te amei com o meu melhor, mas o meu melhor não pareceu te bastar – ela continuava acarinhando meu rosto enquanto dizia – e, agora, que mataram o melhor de mim, eu não me sinto mais capaz de amá-lo com este corpo velho e machucado.

— Emily... – eu me aproximei mais dela, tomando cuidado de não assustar nossa filha – eu ainda a amo, eu também me sinto cansado, machucado, eu também sofri, claro que não o mesmo, mas eu também estou cansado de estar longe de você.

— Nicholas... Olha para mim... – ela pediu – acha mesmo que eu ainda sou a menina pura e boba que você amou? Você não vê? Não vê que ela morreu?

— Eu posso resgatá-la – argumentei.

— Não ainda, não assim... Eu preciso de tempo, de mais, não disso que você quer me oferecer. Eu preciso de um amor que seja mais forte que isso e, esse amor que você quer, eu não posso te dar. Nicholas, eu passei por coisas que eu não desejaria ao meu pior inimigo, e você nem imagina quem é o culpado, se eu pudesse, eu me esqueceria de tudo para estar com você, nossa filha.

— Emily, não...

— Ouça, Nicholas, você não é o culpado! – ela ressaltou a palavra, Nicole se mexeu um pouco no braço dela – Você não tem culpa de nada, nada disso aqui é sua culpa! Não é sua culpa... – ela repetiu mais baixo – você não tem como controlar o que acontece.

Ela estava me deixando? Ela estava realmente me deixando? Aquilo era uma despedida? Uma despedida verdadeira? Emily já não me amava mais, não mais eu a teria comigo.

— Fica comigo... Fica comigo...

Ela olhava para mim, e não dizia nada... Eu não queria que ela dissesse nada, ela nem precisava dizer nada... Só precisava continuar comigo... Com aquele jeito de anjo que não sujou as asas ao passar pelo mundo...

— Emily, eu a amo - eu disse, esperando não ser tarde demais.

De nada adiantou...

Emily se levantou da cadeira e a orla do vestido resvalou no chão. Era como se aquele pedaço de pano fosse a minha própria alma sendo arrastada por ela.

Emily era tudo que eu queria... Tudo. E agora eu não mais a teria, eu nunca

mais a teria.

Nunca mais, já não se encantarão mais os meus olhos naqueles olhos. Já não se encantará mais junto a ela a minha dor. Eu levantei e vi-me preso em meu próprio corpo, como um casulo, em desespero.

Para onde quer que eu fosse, eu sempre levaria o olhar, para onde eu fosse eu sempre levaria aquela dor.

“Fui teu, foste minha”.

Juntos nós fizemos uma curva na rota por onde o amor passou.

“Fui teu, foste minha”.

Agora ela seria daquele que a amasse após mim, daquele que corte em sua chácara aquilo que eu semeei. Agora preciso ir embora, deixá-la, quando o que eu mais quero é que ela esteja perto. Eu preciso ir embora, mas meus pés não se movem, meus pés não conseguem se mover e eu fico parado vendo ela virar

mais uma vez para mim, para me dar um sorriso triste.

O último sorriso que eu tenho dela é o que mais parte meu coração, eu julgava estar triste quando achei que ela tinha morrido, eu julguei que nunca sentiria uma dor igual, e vejo que realmente sou forte, porque meu coração parece estar sendo arrancado do peito com um alicate hidráulico, mas ainda estou de pé.

Agora que venho dos braços dela, eu não sei, simplesmente não sei para aonde vou. Minha Emily não é mais a mesma, não é mais a minha pequena, não é mais a mesma, não é mais... E eu? O que eu me tornei? O que eu sou?

Eu não sei mesmo para aonde eu vou.

“Do teu coração me diz adeus uma criança”.

Meu peito parece a ponto de explodir.

“E eu lhe digo adeus...”

Uma verdade esquecida

Aquilo realmente tinha sido uma despedida? Por que eu sentia que quando Emily me falava aquelas coisas tinha muito mais presente do que aquilo que eu queria enxergar? Ela pareceu ter se comovido com as minhas palavras, ela não parecia ser tão dura quanto quis parecer. Emily, apesar das cicatrizes no corpo e na alma, ainda tinha o mesmo brilho nos olhos sempre que me via. Ela tinha o gesto calmo que sempre amei. Apesar das palavras dura, eu ainda ouvia a alma dela em sintonia com a minha sempre que ela falava.

Talvez por isso eu tenha sentido tanto cada uma das coisas que ela falou, por que eu sabia que meu espirito ainda estava ligado ao dela e não conseguiria, tão cedo, se desprender.

Eu precisava ser o melhor para ela, eu precisava melhorar por ela. Eu realmente precisava controlar a minha fraqueza e busca-la, busca-la com toda a alma, mas eu sabia ao mesmo tempo em que ela só aceitaria quando eu tivesse deixado pelo caminho todas as minhas bagagens e acertasse todas as minhas pendencias.

Quando Emily fechou a porta da casa dela, ela simplesmente pareceu ter se fechado para mim, para sempre. Eu não sabia mais o que fazer para alcançá-la, eu tinha que ser merecedor, eu precisava ser. Eu tinha que encerrar todas as outras páginas abertas da minha vida e me focar apenas nela.

Eu tinha que achar Violet, eu tinha que entender o porquê de ela ter se tornado uma parte crucial de minha vida, eu tinha que entender o porquê de Dave ter dito aquelas coisas, eu tinha que entender todos os motivos que a levaram a agir como agiu. E eu sentia que precisava acabar com ela, finalizar minha dívida com ela, finalizar aquilo que eu achava que ainda me prendia a ela, eu tinha que descobrir o que eu tinha sido para ela.

Usei a moto de Matheo outra vez, e eu voltei pelo caminho que eu tinha vindo. Lutei contra a dor que invadia o meu peito e cheguei ao endereço que eu precisava. Entrei com tudo pela porta que estava apenas encostada. E chamei por Violet. Ela veio do quarto, estava com Matheo, eu não sabia sobre o que eles conversavam, eu queria apenas que ela me mostrasse aquele relicário outra vez, que eu olhasse aquela imagem outra vez, porque pela primeira vez, em séculos, meu cérebro parecia estar funcionando e aquilo não estava tão certo, não tão certo.

— Que porra está acontecendo aqui, Matheo? – perguntei-lhe tomando o cuidado de ficar um tanto quanto afastado.

— Nicholas... – Violet falou baixinho meu nome com certo alívio, mas não falou o restante das palavras por que olhou para Matheo, definitivamente com medo.

— Mi amici – ele me cumprimentou com um riso, mas ele não parecia realmente feliz em me ver – então, falou com Emily?

O olhar dele era nervoso, eu simplesmente não o reconhecia. Eu senti que não deveria falar sobre a minha conversa com Emily.

— Não, não consegui falar com ela – eu respondi – eu gostaria de conversar com Violet, à sós, se não se importar.

— Perfeito – ele disse – eu vou preparar um café para mim, gostariam de um?

— Não, obrigado – justifiquei-me – eu preciso dormir mais tarde, mal consegui descansar durante o voo.

Ele foi andando em direção à cozinha com um sorriso estranho, o olhar dele, na direção de Violet, era quase uma ordem disfarçada.

— Venha, vamos até lá fora – eu disse, ele ouviu.

— Não, Nicholas – ele disse – lembre-se que a polícia mandou-nos ficar longe das ruas durante a noite, e quando fossemos sair deveríamos avisá-los.

— Não, - eu disse – está tudo bem, não vamos longe, ficaremos aqui perto da varanda.

— Tome cuidado, amici.

Violet respirou ansiosa quando ela andou até a calçada comigo. Eu tinha que começar a agir, eu precisava começar a tomar cuidado, eu precisava começar a pensar nem que disso dependesse a minha vida.

— Vem comigo – eu puxei Violet para a moto de Matheo outra vez, quando ele correu para a porta, já estávamos virando a esquina da rua.

Eu acelerei até um prédio antigo que tinha a algumas quadras de lá, entramos na construção onde eu pensei que estaríamos seguros. Puxei Violet pelo braço até ela se soltar do meu gesto e me olhar temerosa.

— O que foi, Nicholas?

— Onde está seu relicário? – eu perguntei – Ande – estendi a mão para ela

– onde está seu relicário?

Ela não estava com ele no pescoço, era a primeira vez que acontecia desde que eu a tinha visto. Ela passou a mão no pescoço, como se sentisse a falta dele, mas não falou nada.

— Violet – eu pedi – pelo amor de Deus, se é que ele existe mesmo nesse inferno que está a minha vida, onde está o seu relicário?

— Não está comigo – ela disse – se estivesse eu já o teria dado a você. Eu juro.

— Nós dois sabemos que suas juras não valem merda nenhuma – falei irritado – Se aquele menino é Kevin, quem é o pai daquela criança? É o rapaz ao lado da foto? Quem é ele?

— Você não lembra mesmo, Nicholas? – ela falou e pegou no meu rosto – Olhe para mim, eu fui tão sem importância assim para você? Eu sou tão sem importância para você para que você não saiba quem eu sou?

Ela parecia estar falando em sério. Eu tinha que tentar lembrar, Deus, porque eu não conseguia me lembrar de mais nada? Havia vários rostos sumindo da minha mente, vários. Mas eu sentia que o dela eu precisava lembrar.

— Nicholas... Sou eu, sua metade, você me chamava assim antes de conhecer Emily, não lembra? Éramos tão bons juntos, tão bons... Mas ela chegou e mudou tudo. Como pode não se lembrar de mim?

— Violet, não diga mentiras – eu pedi – não consigo lembrar, não consigo me lembrar de você.

Eu não conseguia. Violet não surgia como alguém que eu conseguisse lembrar em mim, ela tinha um gosto familiar quando a beijei, ela tinha um jeito que se parecia com o meu próprio quando era mais jovem, e ela parecia estar sempre tão envolvida em problemas quanto eu estava.

— Nicholas... – ela chamava já com as esperanças abatidas – Por favor, lembre, lembre quem eu sou. Eu quero você, eu preciso de você comigo.

Quanto mais ela dizia aquilo, mais as minhas ideias se confundiam. Mais eu me sentia levado a crer que era tudo mentira.

— Eu vou fazer você lembrar – ela disse e me empurrou para trás quando jogou o corpo contra o meu, envolvendo as mãos ao redor de meu pescoço. Ela me beijou a boca de um modo que mostrava que ela já tinha feito aquilo tantas outras vezes. Eu tinha que lembrar, deixei que ela aprofundasse o beijo, contra a minha vontade, minhas mãos envolveram-na e a puxaram para mais perto. Ela era conhecida, aquele gosto era conhecido, e quanto mais eu a beijava, mais eu sabia que tinha provado do sabor dela outras vezes. Uma imagem longínqua começava a surgir e eu separei-me dela, aterrorizado pelo que me veio à mente.

— Você lembra agora? – ela perguntou – você e eu, juntos. Quando Emily mal tinha chegado à sua casa, você tentava fugir dela e vinha esquecê-la comigo.

Céus, aquilo era completamente estranho, eu não me lembrava disso e ao mesmo tempo aquilo parecia ser verdade. A imagem no relicário, eu não me lembrava dela, eu realmente não lembrava da imagem do rapaz no relicário, mas eu lembrava dos contornos do rosto de Kevin. Ele era loiro, tinha os olhos castanhos, e poderia muito bem ter passado apenas por filho de Violet e ter puxado a ela, se eu não soubesse que ele era realmente parecido comigo.

— Faz sentido agora? – ela pediu em seguida – por favor, Nicholas, diz que lembra. Diz que se lembra de mim, diz que me quer e que vai esquecer tudo. Emily não te ama mais, ela não te ama e não te quer por perto, ela não te quer como eu quero. Eu apenas quero você, quero que a sua vida me pertença e que a minha pertença a você. Eu quero ser sua, eu te quero para mim.

— Violet, quem é o pai de Kevin? – eu tinha que perguntar, eu tinha que acreditar que não era o que eu estava pensando, mas eu sabia exatamente o que ela diria a seguir.

— Por todos os deuses, Nicholas, como pode não saber – ela disse e pegou o meu rosto entre as mãos – Kevin é seu filho, seu filho! Ele é simplesmente nosso e de mais ninguém. Você tem que entender, queremos você, queremos ser uma família com você, quero que sejamos somente você, Kevin e eu.

Aquilo era simplesmente mais do que o que eu estava preparado para ouvir. Meu mundo pareceu ser abalado um pouco. Então, o filho de Violet não estava desaparecido, o nosso filho estava.

— Por que não me contou, Violet? Por que escondeu isso de mim? – perguntei irritado – se ele é meu filho como você está dizendo, como pode ser tão negligente a ponto de tê-lo colocado perto de Kevin?

— Quando você vai parar de ser tão burro, Nicholas! Você não vê o que está falando? Abra os olhos, se eu contar qualquer coisa Kevin pode morrer, ele está nas mãos de gente perigosa. Eles não o poupariam por ser uma criança.

— Violet – eu tive que dizer – por favor, diga quem é o culpado! Diga logo,

se ele é meu filho eu tenho que resgatá-lo imediatamente.

— Eu não posso, Nicholas, eu não posso...

Violet saiu de perto de mim, eu deveria ter corrido para buscá-la, mas ainda estava em choque pela informação que me fora dada. Eu tinha outro filho, eu tive uma vida com ela antes de Emily e sequer fora sensível o suficiente para lembrar.

Quando finalmente consegui sair do estado em que eu estava, fui para o lado de fora do prédio, Violet não estava mais em nenhum lugar onde a minha vista alcançava.

Culpados revelados

Era impossível acreditar em Violet, se fosse eu mesmo naquela foto eu me reconheceria não? Eu tinha que voltar para lá, eu tinha que falar com ela, tinha que falar com Emily, eu precisava terminar os meus laços com todos para que eu tivesse um pouco de paz.

Eu precisava recuperar Kevin, meu filho, eu precisava recuperar Emily e minha filha. Eu não conseguia me ver tentado a ingressar numa realidade onde não éramos uma família feliz. Eu precisava, e como precisava, de um pouco de sossego, eu queria que tudo isso acabasse o quanto antes. Se para que minha vida não estivesse no inferno que era nesse momento eu precisava morrer, era isso que eu iria fazer.

Peguei a moto outra vez, eu não poderia ficar apenas parado esperando minha vida ruir de uma vez. Eu tinha que coloca-la nos eixos. Eu tinha que finalmente conseguir fazer tudo o que era esperado de mim, não apenas como homem, mas como pai de não uma, mas duas crianças.

Fiz várias tentativas de ligar a moto, várias, mas o veículo não funcionou. Em vez disso, começou a disparar um sinal como se eu a estivesse roubando. Matheo sabia que eu estava com ela, por que ele faria isso?

— Filho de uma puta! – larguei a moto que ele devia ter ligado para a seguradora travar remotamente. E corri por várias ruas para conseguir fugir daquelas que estavam desertas. Não tínhamos ido tão longe, e eu não conseguia ver um único movimento nas ruas, não havia pessoas, veículos. Tudo era sempre estranho. Um pouco mais à frente quando eu ia atravessar a rua, sem olhar para os lados já que não tinha visto movimento algum. Um carro para ao quase alcançar minhas pernas.

— Nicholas?! – o ocupante coloca um pouco do corpo para fora para gritar meu nome – o que tem? Está parecendo um louco andando pela rua.

— James! – eu quase gritei de alívio – por favor, me leve para a casa de sua irmã, me leve para a sua casa, eu estou sentindo alguma coisa, não sei, acho que Emily está correndo perigo.

Foi apenas preciso ouvir o nome dela para que ele simplesmente abrisse a porta do carro. Entrei, ele percorreu as ruas até a casa dele. Mal estacionamos e simplesmente adentramos a casa. Emily não estava no andar inferior, apenas Vivian.

— Vivian – James perguntou – onde está Emily?

Enquanto ele questionou eu subi as escadas, procurando Nicole, achei que Emily teria saído sem ela. Ela não estava na cama ou no cesto, ela nem mesmo estava no quintal, como pude ver ao espiar pela pequena e única janela do quarto. Quando eu saí da quarto e desci para o andar inferior James já tinha vindo dos outros cômodos daquele pavimento.

— Ela não está aqui... – ele parecia tão desesperado quanto eu – ela não está...

— Deus... – eu tinha, eu tinha que pensar – eu já sei onde estão.

Corremos para a rua e entramos outra vez no veículo, disse nosso alvo e James pegou o caminho mais rápido e certo para chegar lá. Ele não acreditou em mim por algum tempo, eu sei, mas ainda assim me levou tentando entender à irmã.

Paramos em frente à casa de Matheo, o carro dele não estava na porta, e a moto que eu tinha mal deixado naquele lugar longínquo já estava alí. Entrei na casa, James após mim, e vasculhamos o andar de baixo inteiro. Quando subimos para o quarto, Matheo estava lá e junto dele Emily, com Nicole nos braços.

Emily, Matheo e Nicole.

Os dois primeiros abraçados enquanto Matheo passava a mão no rosto de Emily com certa intimidade. Ele passeou com o dedo pelo maxilar dela e depois passou os dedos pelo lábio inferior dela, que ainda tinha uma linha de uma cicatriz de uma mordida, e então se aproximou e a beijou. Um único beijo, leve e calmo, mas que revelava quase todos os mistérios do meu mundo.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi que eles estavam falando de mim, e Emily estava desabafando. Que ela tinha ido buscar consolo nos braços de Matheo. Eu iria dizer-lhe que ela precisava entender, e que eu não iria desistir dela assim tão fácil, Emily não poderia, ela simplesmente não poderia me abandonar, não depois de tudo o que vivemos, e não quando eu sabia que a falta dela me doeria tanto.

— O que está fazendo, Matheo?! – eu ia me aproximar dele, mas ele tinha um rosto transtornado, não parecia estar realmente em si quando me viu, e não parecia estar calmo quando viu que eu não estava sozinho.

— Não me faça terminar o que Dave não soube terminar Nicholas – ele disse – eu não vejo nenhum problema em acabar isso aqui agora mesmo.

Eu não conseguia formar as palavras, eu fiquei olhando para Emily, nos braços dele, com a minha filha, seria filha dele? Eles estavam fingindo naquele dia na sala de estar de James? Eles sabiam de tudo por todo esse tempo?

— Matheo, o que está fazendo?

— Reavendo o que é meu, – ele disse – minha filha e a mulher que eu amo e que aprendeu a me amar. Sabe, - ele começou aquela velha explicação que os vilões fazem antes de acabar com alguém - eu sempre achei que você realmente era o mais inteligente do grupo. Puta vida, o Erick é o cara do dinheiro, James é o mandão, e você tinha a sua inteligência, por que, convenhamos que o bonito aqui sou eu – ele continuou – mas eu acho que nem isso você tem mais. Fica por aí, zanzando, andando feito um lerdo, se deixando levar pelos acontecimentos, e eu não farei isso. Eu faço a minha história.

— Matheo, você é meu amigo – eu disse – eu sempre achei que poderia confiar em você.

— Confiar, confiar – ele disse – como você pode querer confiar em alguém que não pode confiar nem em si mesmo – ele olhou para Emily – nenhum de nós pode confiar em você, eu até poderia me deixar levar quando Emily parecia feliz, mas você não soube cuidar dela – ele disse – felizmente eu estou aqui, eu cuidarei dela como ela merece, como eu cuidei nos dias em que ela esteve longe, eu a guardei para mim como quem guarda uma caixinha de tesouro.

— Matheo, seu maldito, miserável! – James gritou – por que fez isso comigo? Com a minha irmã?!

Eu não queria acreditar no que ouvia, James também não. As palavras não fazia sentido para mim, Emily olhava para Matheo, enquanto este olhava para ela, com um olhar dolorido, mas um sorriso apaixonado. Eu não queria, eu simplesmente não queria que aquelas palavras fizessem sentido na cena em que eu estava inserido.

— Você ouviu, Nicholas – ela disse – você agora sabe com quem eu quero ficar. Eu não posso negar que Matheo me cuidou maravilhosamente bem quando todos pensaram que eu estava morta. Você não sabia? Ele é o pai da nossa filha, ele é o homem que eu sempre quis, ele é tão... Forte e viril – ela falou olhando para ele, mas o olhar dela a traia – ele sempre esteve cuidando de mim enquanto eu estava longe. Ah, e ele cuidou de Violet também. Ele é simplesmente o melhor homem que existe.

Matheo simplesmente parecia hipnotizado pelas palavras de Emily, o que ela falava fazia sentido, mas ao mesmo tempo não fazia. Ela estava me contando tudo, ela estava me mostrando o que eu tinha que saber. Ela estava me mostrando exatamente o que tinha acontecido com ela.

— Matheo... – James disse e ia entrar no quarto outra vez, desta vez avançaria até ele, ele não tem sangue frio como eu, que conseguia, até pouco tempo atrás, me conservar calmo diante de tudo, me conservar calmo diante das piores adversidades sem me abalar.

— Não ouse – Matheo disse e estendeu a mesma arma que ele tinha

apontado para mim naquele dia da morte de Trevor. Eu percebi alí, Matheo não tinha erguido a arma para me defender, ele tinha feito isso para que eu morresse se descobrisse a verdade – eu estouro os seus miolos aqui mesmo.

— Não... – Emily disse – Matheo, por favor, não queremos começar uma família com a nossa filha já andando num caminho ruim e de pés descalços. Nós queremos ser feliz.

— Emily? – eu chamei-a, mas não porque eu acreditasse no que ela dizia, eu a chamei porque as coisas não estavam mesmo fazendo sentido. Como ela poderia ter me trocado por Matheo assim? E quando?

— Dave Collins... – eu comecei – você esteve por trás dele o tempo todo?

Matheo sorriu e coçou a cabeça com o cano da arma antes de falar.

— Dave... Ele era um idiota, um imbecil – ele disse – se deixar ser pego. Ah, Nicholas, acho que as drogas estão mesmo fazendo efeito não é? Em breve você não saberá de mais nada – ele continuou – não vai passar de um vegetal, vai ficar cada vez mais esquecido, mais burro, até que apenas reste o fio de vida ligado pelos aparelhos.

Emily me olhava, mas o próprio sentimento dela em relação a mim não era definido.

— Como pode fazer isso, Matheo? – James deu um passo mais para dentro – como pode fazer isso? Nunca fizemos coisa alguma a você.

— Você é outro idiota – Matheo disse – não me via sempre rodeando Emily? Não via que ela era simplesmente o centro da minha atenção?

— Eu achei que ela era uma irmã para você!

— Ela sempre foi mais – ele disse e acarinhou o rosto de Emily – desde pequena.

James sentiu o significado daquelas palavras em si e, aflito por elas, correu para tentar avançar sobre ele, correu como nunca antes tinha conseguido e quis proteger a irmã mais uma vês em sua vida, ele realmente quis. Matheo foi mais rápido, James nunca foi o mais rápido do time, ou o mais rápido da escola, ele tinha um jeito sério e responsável que você jurava que nunca iria se quebrar, e que só se quebrava quando excedíamos os limites da paciência dele. Matheo tinha excedido todos eles.

James queria apenas salvar a irmã, ele queria apenas salvar Emily, mas Matheo foi mais rápido, ele moveu a arma e apertou o gatilho. Eu pude quase ver a cápsula balística sendo ejetada, eu quase pude ver o caminho que o projétil fez, e eu quase pude sentir o impacto como se ele tivesse sido em mim. Matheo fora certeiro, ele sabia que um tiro no peito não impediria James de chegar ao seu alvo, ele sabia que uma montanha não seria capaz de parar James quando o assunto era proteger a irmã.

James caiu de uma vez só no chão. O tiro fez um desenho no centro da testa. O calibre quarenta fora desenhado pelo FBI por um motivo, ele não deixava que o projetil atravessasse as vítimas, ele se desfragmentava e partia-se em diversos pedaços quando dentro do corpo humano, ele rasgava os músculos e os vasos sanguíneos causando dor. Na cabeça, dizem, a pessoa ainda sente o tiro e a consciência se esvaindo durante dez segundos após o impacto.

James fora derrubado, James era parte do passo, James agora seria como eu.

Eu iria morrer, puta merda, eu sabia que iria morrer, mas fui até ele. Emily não pareceu esboçar emoção, mas o rosto excessivamente pálido parecia em choque. Nicole chorava nos braços dela, assustada pelos gritos no quarto. Abaixei-me no chão ao lado de James e tentei fazer por ele o mesmo que ele tinha feito comigo. Tentei segurar seu sangue dentro do corpo, tentei fazer que ele ficasse quieto como ele me tinha feito há mais de dez anos antes. Enquanto ele fazia um torniquete nos meus ferimentos. Mas ele não tinha mais reação.

— James... James... – eu repetia – Matheo – virei-me para ele, por que fez isso? Não tinha que matá-lo! Não tinha! Meu Deus, você matou o meu irmão.

Era isso que eu sentia que James era para mim, mesmo com todas as nossas brigas, nossas discussões, era ele quem sempre me aconselhava quando eu estava perdido. Era ele quem me jogava à face todas as verdades que eu não queria enxergar.

— Ele era apenas um verme – Matheo disse e pegou Emily perto de si – Não pense em me seguir – ele disse – quer saber, eu vou dar um jeito para que isso não aconteça.

Ele poderia me matar bem alí, mas eu sabia que ele iria querer sair vitorioso, cantando todos os fatos que ele tinha feito.

— Ah, Nicholas... Pobre Nicholas... Primeiro Christie, porque se não sabe, qualquer um poderia dormir com aquela vadia, depois Violet, puta que o pariu, Violet, ela é até bem gostosa para uma traficante de quinta, e agora Emily, nossa pura, doce e angelical Emily, que se tornou uma mulher tão forte, tão deliciosamente resistente – ele mordeu o lábio dela num beijo doente – que se tornou minha cativa preferida.

— Você quer a minha vida... – eu falei.

— Não, - ele sorriu e jogou a cabeça para trás numa gargalhada – quem quer isso que você acha que tem? Porque acha que quero a vida que você está perdendo? Você não lembra, né, Nicholas? Você deve realmente ter bloqueado essas memórias, ou então o remédio está surtindo muito efeito.

Eu sabia que o que ele iria revelar poderia mudar toda minha vida.

— Você é tão culpado quanto eu nisso – ele disse – tão culpado quanto James. Todos nós, todos nós sabíamos disso. Você não lembra? – ele perguntou e fez Emily erguer o braço para a frente, quase derrubando Nicole – você também fez isso.

— O que?!! – eu sabia que não, eu sabia que ele estava tentando implantar memórias na minha cabeça, aquilo não fazia o menor sentido, eu jamais machucaria Emily, eu jamais faria isso com a mulher que eu amava.

Ele não queria mais discutir. Ele deu outro tiro, ele não queria me matar, senão o teria feito, a arma disparou e o impacto veio na altura do osso da minha bacia. Eu caí no chão e senti a dor queimando dentro de mim. Ele não queria que eu morresse, ele queria me ver lutar. Ele arrastou Emily e Nicole consigo, ele as

levou para longe. Quando Emily ia sumir, desaparecer pela porta, eu vi a lágrima finalmente rolando do rosto dela, eu vi a dor que ela tinha sentido pelo irmão e talvez por mim. Eu vi o movimento dos lábios dela me soprando baixo estas palavras.

— Ele está com Kevin.

As palavras não ouvidas

O olhar de Emily sempre traia os sentimentos que ela tentava esconder. Foi assim que eu descobri que ela tinha se apaixonado por mim muito antes de ela perceber, foi assim que eu descobri quando ela começou a me amar. Foi assim que eu vi a dor se espalhar pelo corpo dela quando ela viu James no chão, caído, mesmo que o gesto dela tenha sido contido. James sempre foi o norte dela, ele sempre foi absolutamente a pedra fundamental de toda a confiança de Emily.

Eu não podia ficar aqui parado enquanto eu via Emily saindo dali, arrastada por um verme que eu achei ser o meu amigo. Fiz pressão no ferimento que ameaçava sangrar e comecei a descer as escadas com alguma rapidez. A casa era vigiada pela polícia, mas eu nunca via os policiais, as ruas antes cheias de vida agora viviam vazias. Eu nunca conseguia saber como eu tinha entrado de um lado para outro, a única coisa que eu sabia era que eu era o responsável por tudo. Que eu era o responsável por cada uma das consequências das minhas atitudes.

Matheo no andar inferior, observava meus passos lerdos e ria do meu estado. Como eu pude tê-lo imaginado meu amigo por toda a minha vida? Como eu pude acreditar que eu vivia rodeado por coisas boas? Quando eu achei que minhas verdades eram absolutas e eu poderia acreditar que a felicidade era algo para mim, minha vida veio balançá-las e torná-las as minhas piores inimigas. Por mais que eu quisesse, aquilo tudo começava a não fazer mais sentido. Eu precisava, muito, precisava que tudo fizesse sentido logo.

— Nicholas, você não desiste não é? – Matheo me perguntou com um ar

completamente louco – não vê que pode resistir o quanto quiser? O mundo que você conhecia já acabou.

Aquilo era diferente de tudo, era estranho, era mais do que minha mente parecia conseguir suportar. Seria o efeito dos remédios que tinham colocado para mim? E quando o colocaram? Eu não tinha preparado minha comida há muito tempo, especialmente quando eu estive com aquelas visões nos primeiros dias. Especialmente quando eu achei que Emily estava vindo me ver sempre, naquela época que eu mal consigo lembrar apesar do esforço, naquela época era Vivian que me ajudava.

Vivian estava realmente estranha, mas eu não queria acreditar que ela estava envolvida com tudo, não. Vivian? Ela sempre fora a melhor amiga da minha esposa, eu não poderia simplesmente culpa-la, e onde ela estava? Aonde Vivian tinha ido por todo esse tempo? Parecia que eu simplesmente não tinha conseguido vê-la ao meu redor nos últimos tempos, parecia que ela não existia.

Não, Vivian simplesmente não era culpada. Ela era vítima também, ela devia estar sendo tão vítima quanto o éramos Emily e eu. Até Violet, mesmo sabendo que ela poderia ser uma traficante como Matheo quis insinuar, eu sabia que ela tinha algo de bom dentro de si. Algo com o qual eu teria que me encontrar para estar em paz. Talvez esse algo fosse Kevin.

— Ou, estúpido – Matheo falava e eu nem sabia há quanto tempo ele estava me chamando – Quando vai lutar feito homem?

— Matheo, onde está Kevin? – eu perguntei – me devolva Kevin, eu deixarei que vocês sejam a família feliz que querem, eu não amo mais Emily, na verdade, eu já cansei de usá-la como você mesmo disse – eu tentei fingir o melhor rosto de nojo que eu pude – essa criança insipida não me interessa mais. Não depois que eu provei de Violet, ela sim, é o que eu quero. Tanto, mas tanto, que eu não pude nem resistir ao meu luto por ela – eu disse e senti raiva de mim mesmo por que eu sabia que Emily sentiria por isso – ela me proporcionou prazeres que nenhuma jovenzinha seria capaz.

— Piacere... – Matheo sussurrou e virou o rosto para Emily – eu sei exatamente o que é isso. Eu sei perfeitamente o que é isso... não é minha... – ele beijou outra vez Emily e puxou o cabelo dela forte para trás quando ela não abriu a boca do modo que ele queria – vamos, beije-me amor.

Emily correspondeu ao beijo, Matheo não se controlava nem diante de tal situação. Ele a fez beijar-lhe o pescoço inteiro e então ele sorriu para mim.

— Viu só? – ele disse – quando bem treinadas as santinhas são as melhores – ele sorriu e afastou Emily – mas você sabe, não sabe? Foi assim com Violet, ela também era tão linda quanto a Emily quando você a conheceu. Ela mal tinha dezoito anos. Você sempre teve uma queda pelas mais novas, você sempre foi assim, louco por corpos inexplorados. Se fosse mais esperto teria uma fortuna um pouco maior.

Ele ficou girando por um tempo ou dois balançando a arma enquanto

falava. Eu só conseguia sentir certa repulsa, mas tinha que jogar o jogo dele. Comecei a andar para mais perto dos dois devagar, como se fosse algo casual, como se Matheo fosse um cão e que ele só morderia no caso de eu correr.

— O que estou esquecendo? – perguntei – o que quer que eu lembre, os remédios não tem permitido que eu tenha nenhuma memória. Só o que quero é meu filho, pode ficar com isso que te pertence.

Emily soltou um muxoxo e deixou que uma ou duas lágrimas vencessem a barreira que ela tinha criado ao redor de si. Ela olhou para Nicole, e mesmo ela dizendo com todas as palavras para Matheo, eu sabia que ela era minha filha.

Matheo ouviu o choro breve e, irado, deu uma bofetada no rosto de Emily. Berrando: — Por que está chorando, mia piccola principesa? Não vê que sempre fui o amor de sua vida e sempre serei. Eu te ensinei isso desde os dez anos.

Aquilo era simplesmente algo intolerável, ele era um monstro, mais monstro do que eu poderia supor. A raiva era simplesmente algo que estava me dando um novo animo na alma, eu precisava mata-lo, eu sabia disso, eu precisava acabar com ele. Eu tinha que esperar o momento certo, eu estava só, e por isso eu tinha que esperar o momento certo.

— O mais engraçado – Matheo disse – é o fato de você não lembrar mesmo. Você sempre esteve atarefado demais brilhando nos tribunais, sabe, brilhando – ele ironizou – e isso deixava os bastidores para mim e para Erick. Ah, Erick, outro filha da mãe que eu tenho que agradecer.

— Erick está por trás disso? – perguntei como se fosse casualmente.

— Erick?! – Matheo gargalhou – por favor, ele não serve nem para marido com o jeito dele de ficar calado. Se não fosse o dinheiro dele, ele serviria para absolutamente nada. Mas eu tenho que agradecê-lo, quando ele quis te tirar da sociedade, olha, eu não imaginei nunca que você aceitaria, ele te fez dividir as ações. E isso me deixou com uma boa porcentagem da Prime, mas, bom, eu não quero ser dono de uma parte, ou metade, eu quero ser o dono de tudo. Absolutamente tudo. Isso facilitaria muito as coisas para mim. Para um advogado, Nicholas, você não lê muitos documentos. Não via os papeis de recebimento de pagamentos que vinham de empresas fantasmas. Apenas exibia nos tribunais o que já tínhamos organizado nos bastidores.

— Acabe com Erick – eu disse após perceber que a empresa sempre esteve envolvida – mande-o ao inferno, James já não existe e ele é o único impedimento que você tem. Eu já te dei uma boa parte do valor dos meus bens, fique com a casa, Emily a adora, e eu vou ficar aqui com Violet e Kevin.

Uma sombra de alguém passou atrás do vidro da porta da sala, Matheo ou Emily não perceberam o vulto que tinha passado. Eu não fazia idéia de quem

era.

Emily estava mais pálida do que nunca, Matheo parecia olhar para Nicole como se olhasse para a própria filha. Ele estava tão burro quanto eu nessa história, ele parecia não perceber o que estava acontecendo. Ele parecia simplesmente não entender tudo o que acontecia naquela casa, ele parecia um boneco sendo manipulado o tempo inteiro.

— Matheo – eu chamei a atenção dele – Apenas me diga onde está Kevin – eu pedi, se ele era meu filho, eu precisava cuidar dele também – eu vou deixá-lo em paz, eu assumo o assassinato de James, eu posso argumentar legitima defesa, ele pode ter tentado me impedir de ver minha filha, e achando que eu a tinha pegado à força, - me referi a Emily – ele surtou e eu precisei me defender.

Matheo que parecia um descontrolado rindo a cada vez que minha boca falava qualquer coisa, falou: — Você ainda acredita mesmo que Kevin existe? – ele falou num tom humorado – amigo, se eu soubesse que era tão fácil te enganar eu já o teria feito há mais tempo. Não seja idiota, Kevin não existe, nunca existiu. Violet é tão louca quanto você, ela nunca teve um filho, se eu continuasse insistindo ela poderia acreditar que pariu a um elefante. Uma foto, um encontro com um bebê de alguém, "vitaminas para anemia", tudo, tudo isso a ajudou a ser a pessoa perfeita para você. Ah, - ele esclareceu para Emily – mas eles treparam enquanto você estava morando na casa dele, todo sábado, quando ele saia e te deixava só. E treparam feito loucos num sofá, Violet gravou o vídeo, ela sempre mantinha uma câmera, gravava tudo, me mandava, e eu mostrava a Emily, eu queria mostrar para Emily o quanto você a tinha enganado.

Aquilo levava a loucura de Matheo a uma categoria não estudada ainda. Ele conseguira sobrepujar todos os inimigos que tive em minha vida. Matheo continuava falando e repetindo que Kevin não existe, como eu era um tolo e crédulo. Como eu tinha acreditado tanto em mentiras que agora eu nem sabia mais o que era uma.

Ele não viu o momento em que Violet mostrou que era ela o vulto que tinha passado por detrás das janelas, ele não viu o momento em que o rosto dela pareceu completamente atordoado quando ouviu que Kevin não existia, ele não viu quando ela se armou e esticou o braço para tentar pegar o braço dele que tinha uma arma. Ele não viu quando ela parecia simplesmente transtornada e disposta a morrer pelo ódio de perder o filho que nem mesmo existia.

— Sua vagabunda! – Matheo era bem mais alto que ela, e apenas a empurrou para trás, perdendo o foco da sua atenção por alguns momentos. Perdendo o alvo que ele tinha em mente, Emily, Nicole, e até mesmo eu, e a arma que caiu no centro da cozinha, longe de nós.

Saltei sobre o sofá e o empurrei com força, ele caiu contra uma mesa de canto que guardava um telefone que não funcionava. Matheo era forte, ele bem tinha dito que não era James, que se eu batesse nele, ele revidaria. Ele conseguiu me empurrar e eu ouvi quando Emily chamou Violet para perto dela. Violet não quis ouvir, ela não quis mesmo. Emily se escondeu sob as escadas e envolveu os braços ao redor de Nicole. Matheo e eu rolávamos no chão, ele estava por cima e me imobilizava e Violet se levantou e se jogou sobre ele, e puxou com alguma força a mão que ele usava para me esmurrar e mordeu o braço dele com força.

Pela adrenalina, creio, Matheo quase não sentiu a dor. Utilizou o mesmo braço que estava sendo mordido para golpear Violet e a empurrou longe. Um fio de sangue escorreu do braço dele e da boca dela, e eu não sabia se ela o tinha cortado com os dentes ou se ele a tinha machucado os lábios.

Ele se levantou e iria partir para cima dela, mas eu o peguei pela perna e o puxei. Mesmo caído, ele ainda resistia. Matheo me chutou no maxilar, me fazendo ficar com a mente turva por alguns momentos, tanto pelo golpe, quanto pelo ferimento na barriga que doía e queimava, e esticou-se para alcançar a arma.

Violet tinha se levantado e pegara um cinzeiro de cristal que estava ao seu alcance, que tinha caído no chão perto de nós, e ia se precipitar para lançar sobre ele, mas ele se virou mais rápido e disparou duas vezes contra ela, sem mirar. Um dos tiros acertou a parede atrás de nós, e o outro a acertou no abdômen.

Violet sentiu o impacto e deixou que o cinzeiro caísse das mãos dela no tapete, quase perto dos próprios pés. Ela levou a mão ao local do ferimento que, estranhamente, era no mesmo local que o meu, e ergueu os dedos para ver o líquido vermelho vivo que agora banhava a sua pele clara.

— Nicholas... – ela olhou para mim e chamou meu nome, ela se deixou cair devagar e encostou-se ao sofá e ficou respirando com alguma dificuldade.

— Violet... – eu a chamei.

Maldito Matheo, porque ele queria estragar a minha vida? Por que ele queria destruir tudo ao meu redor. Aquilo me tinha enchido de uma nova energia e eu me esforcei para ir até ele. Ele ainda olhava para Violet com um olhar estranho, vendo o líquido que encharcava a camisa rosada dela. Ele parecia um doente. Eu me joguei outra vez sobre ele, desta vez segurando o braço que segurava a arma para longe da minha direção e consegui colocar um joelho sobre este braço. Eu sentia a dor se alastrar sobre meu peito, eu sentia tudo, absolutamente tudo queimando e latejando dentro de mim, mas juntei forças e comecei a golpeá-lo na cabeça com a mão fechada. Ele tentava se mover, mas o modo que eu prendia a mão dele ao chão quase o impedia, quando ele tentava se mover, eu o apertava mais. Peguei o rosto dele nas mãos e comecei a bater a cabeça dele contra o assoalho de mármore sem junta, e ele começou a vacilar um pouco a cada golpe.

Quando eu achei que ele tinha ficado tonto o suficiente, quis me esticar para pegar a arma, mas ele conseguiu me jogar um pouco mais para longe dela, não tanto. Ele a alcançou, mas eu já estava de pé, e pisara a mão dele fazendo-o soltar a calibre quarenta.

Um chute no rosto dele o deixou tonto por alguns segundos, com a mão no abdômen eu peguei a arma ao lado dele e a peguei.

— Essa é por Emily – eu dei um tiro no abdômen dele, no mesmo local

onde eu tinha tomado um tiro – esta é por Nicole – eu dei um tiro do outro lado do abdômen – este é por James – eu dei um tiro na altura do baixo ventre e ele urrou de dor – e este é por Violet!

Eu gritei e apertei o gatilho mirando na cabeça dele, mirando exatamente no espaço entre os olhos, o mesmo local onde ele tinha feito com James, eu apertei o gatilho seguidas vezes, muitas vezes, mas não tinha mais nenhum projetil no estojo balístico.

Ele apertou os olhos como se esperasse o impacto, quando nada aconteceu, ele ergueu as mãos para o ferimento e passou a mão nas manchas de sangue e nos orifícios da entrada dos tiros.

— Maldito... – ele tentou falar – você me matou, desgraçado!

Ele apoiou a cabeça no chão outra vez e ficou berrando feito um porco no abate. Eu peguei Violet que ainda olhava para a cena com um olhar cansado e fraco, com o seio subindo e descendo com dificuldade por culpa da dor e das tentativas de respirar. Eu sentia dor e não conseguiria carrega-la, eu a puxei para longe de Matheo e a coloquei sobre o tapete felpudo da sala, que já estava ondulado por causa do movimento que aconteceu. Emily também veio para perto, com Nicole, chorando, nos braços.

— Violet – eu a chamei – não feche os olhos, não feche... – eu pedi – não morra, você não pode morrer.

Eu deitei ao lado dela, minha barriga parecia estar endurecida e eu não sabia o motivo, mas eu sabia que estava morrendo devagar.

— Violet – eu a chamei e tentei sacudir o rosto dela quando ela quis fechar os olhos outra vez – fique acordada, fique! Fique viva! – eu pedia – não morra...

— Violet... – só então percebi que Emily estava chorando, e que apenas não pegava Violet porque tinha Nicole nos braços – não morra, minha amiga... Você não é má, você é parte de mim também – ela começou a implorar – Violet, eu aceito que você ame Nicholas, mas fique viva – Emily insistia – eu sei que não há nada nele para não amar, ele pode amar você também.

Eu entendi tudo. Encostei a cabeça no chão e fiquei me deixando ser levado pelas palavras de Emily. Eu coloquei a mão no ferimento de Violet e encostei meu rosto ao dela. Ela sentia a mesma dor que eu sentia.

— Violet... – Emily repetia, sabia que ela iria morrer – Violet... Você sempre me ajudou, você sempre me alimentou quando eu estive na casa de Dave, eu sempre prometi que iria te recompensar, eu sempre prometi que

deixaria Nicholas livre para você se você cuidasse de Nicole, Violet... – Emily chorou um pouco e apertou Nicole contra si – eu deixo você ser a mãe dela também, eu deixo... Seremos nós três. Nicholas você e eu, seremos uma família – ela propôs desesperada ao ver Violet perder a vida aos poucos – mas pelo amor de Deus, fique comigo. Eu sempre quis proteger a você também, você é minha amiga... Minha vida...

Violet esticou o braço e tocou em Nicole, ela sorriu de leve, tentou tocar a Emily, mas ela não conseguia mais do que isso, então ela baixou o braço. Minha mente começou a apagar aos poucos, e eu não sabia o que estava acontecendo. Eu não sabia.

— Violet... – eu chamei o nome dela e virei o rosto dela para mim – eu amo Emily, mas eu também... Também aprendi a amar você, minha amiga...

Ela me deu um sorriso fraco e eu colei meus lábios aos dela com cuidado, pois estavam machucados. Violet tossiu duas vezes contra minha boca, me manchando de seu sangue, e então ela não fazia mais parte do meu mundo.

Eu vi o rosto de Emily sumindo da minha visão, eu vi o rosto de Nicole desaparecendo das minhas lembranças. Eu estava sentindo frio, muito frio, eu estava sentindo a minha vida indo embora. Matheo não berrava mais como o porco que era e eu soube que Emily estava segura. Eu sorri para ela, mas eu tenho certeza que minha cara inchada não era das melhores, pois ela apenas chorou mais.

— Nicholas... Você tem que ficar comigo... Nicole não é filha de Matheo, ela é sua filha – ela pediu – eu nunca deixei de amar você, eu nunca deixei... Eu o amo, eu o amo mais que tudo... Fica comigo, fica comigo...

As palavras pareciam finalmente fazer sentido, meu mundo parecia começar a fazer sentido... Ou perder?

— Eu sei que você existe, Nicholas... Meus sonhos sabem... Meu corpo sabe... Meu delírio sabe bem quem é você... Meu medo de falar era só o de te perder... Era melhor mentir, fingir, guardar e sofrer só do que arriscar e falar e perder tudo...

Ela se arrastou de joelhos até mim e colocou Nicole sobre meu peito.

— Nicholas, você vive para isso, vive para fazer meninas sentirem-se especiais, você faz com que lhe amem e desejem... Isso é seu e não é difícil... Você faz tudo que amamos... É sensual, faz poesia, é amigo... Eu confesso... Não preciso mentir. Eu nunca esqueci você, e eu não preciso poetizar isso. Nicholas...

Ela chamava, mas eu não conseguia ouvir mais, eu nem sabia mais o que eram as palavras. Eu só podia esperar que minhas blasfêmias não tivessem sido ouvidas e que eu pudesse ter um minuto de paz depois de tanto inferno.

Uma visão do passado

Dois anos antes

EMILY

Eu corri, fui para o quarto de hospedes, que ficava no andar de baixo, o que tinha duas camas de solteiro. Quando eu entrei, eu percebi que ele estava sem a chave, só me restava prender a porta com alguma coisa, qualquer coisa pesada. Arrastei uma das camas até a porta, mas ela não era tão pesada, e eu percebi que eu mesma tinha me colocado num beco sem saída. Se eu tentasse escapar pelas janelas, corria o risco de ser pega lá fora, se eu ficasse eu seria pega aqui.

Eu já estava exausta, mal conseguia dar um passo, minhas pernas parecia que iam a qualquer momento perder as forças. Meu corpo estava exausto, mas eu tinha que me esconder, não só por mim, mas pelo meu bebê, por Nicholas, por James, por Vivian, ela estava caída no chão, desmaiada, eu tinha que ligar para ela.

Disquei o número da polícia.

- Departamento de Policia de East Valley, em que posso ajudar?

- Por favor, me ajuda, tem alguém na minha casa, atacaram minha amiga ela está desmaiada.

- Senhora, mantenha a calma, já rastreamos seu endereço, estamos nos deslocando para o local.

- Por favor, venham rápido - eu implorei.

Eu queria que ela ficasse ali e me desse uma direção, sobre o que eu deveria fazer, mas quando percebi o telefone tinha ficado mudo.

"A bateria, que droga!".

Eu não sabia o que isso significava, eu só queria me esconder. Corri para o fundo do closet, que era o lugar mais protegido que eu tinha para mim. Silencio mortal se instalou, eu pensava que o barulho de todos os telefones da casa fosse o pior pesadelo que eu poderia ter, mas não, o silencio de agora era muito pior, era uma tortura silenciosa, como se eu estivesse esperando que a qualquer momento alguém saltasse da escuridão para me pegar, envolvi meus braços ao redor do meu ventre, eu temia por mim, temia pela vida que estava dentro de mim mais ainda, e eu não sabia como eu faria para fugir daqui agora.

O silencio foi rompido, a porta do quarto provavelmente foi chutada com força, os pés da cama que tentavam prendê-la e mantê-la bloqueada começaram a arrastar. Os chutes prosseguiram, um barulho ensurdecedor de madeira

rangendo revelava que o bloqueio que tentei fazer na porta tinha sido em vão, e estava sendo arrastado com facilidade.

Eu não tinha mais saída talvez, comecei a implorar mentalmente para que Nicholas chegasse, mas também ao mesmo tempo eu implorava o contrário, por que se ele viesse e se ferisse; eu não iria suportar.

A porta do closet onde eu estava me escondendo abriu de uma vez, ali estava ele, finalmente, eu nunca poderia imaginar, depois de ter tentado por vezes, sem sucesso, culpar Christie pelas mensagens eu nunca poderia imaginar.

- Então, é aí que você está se escondendo... - disse, com um sorriso perverso no rosto.

- Trevor? - foi só o que eu pude articular.

Trevor estava com o rosto totalmente desfigurado, provavelmente estava sob o efeito de alguma coisa, entrou no fundo do closet onde eu me escondia e pegando meus cabelos arrastou-me para fora, enquanto eu gritava, ele só conseguia falar cada vez mais alto seguido de um sorriso de puro sadismo.

- Continue gritando, isso está ficando cada vez melhor.

Ele me arrastou para fora dali, eu lutava para tentar me desvencilhar, mas a cada vez que eu fazia isso, ele puxava-me com mais força, e uma vez chegou a desferir uma pancada violenta nas minhas pernas me forçando a me arrastar e facilitar o trabalho dele, como ele disse.

Ele me arrastou até o meio da sala, eu não sabia o que fazer, eu não tinha opção mais, era isso então? Eu iria morrer ali? Sem poder pelo menos me despedir de alguém?

Enquanto ele dava passos firmes na minha direção eu tentava me afastar mais dele, eu tinha que saber pelo menos o porquê, eu não poderia partir assim, quanto mais perto ele se aproximava, mais eu me afastava, minhas pernas estavam bambas de pavor, mas eu não poderia me deixar vacilar, se eu caísse, seria um adeus sem ao menos a chance de me defender.

- Quanto mais você tentar fugir, princesa, mais difícil vai ser pra você quando eu te pegar.

Eu sabia que ele não estava blefando, o que ele tinha a perder? Insisti e dei mais dois passos para trás, até que bati na bancada da cozinha, o único jeito de

me esconder agora era dando a volta, mas quando eu olhei para o lado, e calculei o tempo que eu levaria para rodear o móvel e me abaixar atrás dele, foi o tempo necessário para que Trevor tirasse da parte de trás da calça, onde estava provavelmente escondido, um objeto metálico, cujo brilho mortal foi acentuado pela pouca iluminação que havia na sala.

"Uma arma".

- Você não vai querer fazer isso - disse ele para mim.

- Eu não vou fugir - eu disse, impressionada com a clareza na minha voz - eu vou ficar quieta, eu só preciso entender, por quê? Por que eu?

Trevor riu diabolicamente. Achando minha pergunta ridícula. Ele pegou o revólver, coçou a beirada da cabeça com ele e como se eu precisasse de mais detalhes ele disse.

- Você me arruinou desde que você se mudou para essa maldita cidade, você fez de tudo para que as coisas dessem errado para mim. Eu não sabia do que ele estava falando, eu nunca tinha feito isso, mas eu não iria confrontá-lo nesse momento, eu não queria que ele se irritasse ainda mais.

- As coisas não deram certo entre mim e você, o que você fez? Foi lá e mandou que a Vivian se separasse de mim. Eu tentei relevar, eu tentei ser teu amigo, mas o que você fez? Roubou meu trabalho de mim, só por causa do maldito do seu irmão, que foi lá me denunciar. Quando eu estava me reerguendo, tentando conciliar minha vida tudo de novo, pronto, a miss certinha achou-se no direito de defender a amiga me denunciando. Sabe o que está acontecendo comigo agora Emily? Tem ideia do quão perigoso é o pessoal que está atrás de mim?

Eu não fiz nada, não acenei, não concordei, não tinha ideia do que fazer. Ele olhou para mim como se esperasse alguma reação, quando eu não dei nenhuma, ele disse.

- Acha que não é um bom motivo?

- Não Trevor - eu disse - não é, por favor, se for dinheiro que você estiver precisando, se é isso que você quer, Nicholas pode dar para você.

- Não é isso que eu quero - ele berrou - o que eu tenho que fazer é acabar com você, e depois ele, e depois seja o que Deus quiser.

Atrás de mim minhas mãos tateavam cegamente algo que eu pudesse usar,

eu queria uma faca, alguma coisa, mas o máximo que eu encontrei foi uma estatueta pequena, a mesma que eu ganhei de Vivian no meu aniversário, uma obra barata de um artista de rua, mas que era única por que foi o primeiro presente que ela me deu com seu trabalho, então para mim valia muito, eu pedi desculpas a Vivian pelo que estava prestes a fazer, mas eu não tinha escolha.

Ao longe eu vi um farol entrar na propriedade e desligar.

"Nicholas não! Agora não!" eu pensei.

Se Trevor o visse sem duvidas iria mata-lo, eu não poderia permitir isso, se era a mim que ele queria, era a mim que ele teria, eu partiria daqui, e eu levaria o meu bebê comigo, a mãe dele seria o túmulo dele. Eu seria dele para sempre. Tentei me concentrar para não errar, Trevor continuava falando sobre os motivos pelos quais ele me tinha como sua inimiga principal. Eu não teria outra chance.

Eu vi Nicholas abrir a porta malas do carro, ele estava descarregando a mala, meus olhos encheram de lágrimas, eu não queria que ele se machucasse. Não, não meu Nicholas.

Meu olhar me enganou, Trevor olhou para a direção que eu estava olhando, ele moveu então o revolver para frente dele, fazendo mira, eu imaginei um dos

olhos dele fechado, mirando para acertar Nicholas de primeira. Foi ai que, com toda força, eu lancei a estatua na direção dele, eu não poderia errar a mira, não poderia.

A pequena e pesada porcelana girou no ar, o movimento dela parecia gracioso, as duas amigas esculpidas se abraçavam enquanto rodopiavam, Trevor engatilhou a arma, e quando ele ia apertar o gatilho, a escultura o atingiu na cabeça, gerando um pequeno corte, e fazendo com que ele cambaleasse alguns passos.

Eu aproveitei e corri a plenos pulmões, passando por ele, a única coisa que eu conseguia pensar era em proteger Nicholas, eu gritei o nome de Nicholas, que veio correndo na minha direção enquanto eu corria para ele, o olhar dele era assustado.

Eu pedi para ele se proteger, mas ele não me ouviu, em vez disso, continuou correndo para mim, apesar de que os olhos dele nesse momento pararam de olhar para mim, e se fixaram em alguma coisa além. Ele me alcançou, me envolveu e virou o corpo dele comigo, me colocando de frente para a casa, enquanto ele dava as costas para a direção em que Trevor estava.

Eu ouvi um barulho forte ecoando pelos montes que rodeavam a nossa casa em East Valley.

- Corra Nicholas, corra, ele está armado.

Mas Nicholas olhou para mim, o olhar dele estava anuviado e perdido, ele olhou para baixo, uma enorme mancha de sangue molhava o tecido do casaco dele, ele olhou para mim outra vez com um olhar amedrontado.

- Entre no carro Emily, e saia daqui... - ele disse enquanto ficava pesado em meus braços, caindo devagar, eu tentava lutar contra o peso do corpo dele para que eu conseguisse leva-lo comigo, eu não consegui movê-lo nem um centímetro. O olhar dele estava perdido, e o meu ainda mais, estava também dolorido, meu Nicholas estava machucado, eu não poderia perdê-lo, não assim. Deus! Eu sentiria tanto sua falta. Eu não corri, eu sabia que eu tinha que fugir, mas eu não poderia, não assim, não quando eu teria que deixá-lo para traz, ainda que eu fosse ferida também, ainda que eu morresse, eu jamais conseguiria viver sem ele, se ele partisse eu partiria também, seriamos uma família no céu.

Ajoelhei-me ao lado dele, coloquei a cabeça dele no meu colo, e minha mão fez pressão no local do ferimento, eu tentava a todo custo estancar o sangramento.

- Beija-me - Nicholas pediu - beija-me porque nunca mais poderás me beijar.

- Não diz isso seu estúpido - eu disse entre lágrimas, mesmo na morte era poético - nunca mais repita isso.

Eu olhei para o rosto de Nicholas, ele estava sofrendo, ele estava chorando. Eu nunca tinha o visto chorar antes. Não, eu tinha que buscar alguma coisa dentro de mim para dizer a ele. Qualquer coisa.

Tudo estava ficando tão frio. Nicholas chorava para mim pedindo-me que fugisse, por ele, por nosso bebe, mas Deus sabe que nem mesmo um exército seria forte o suficiente para tirar-me daqui. Eu estaria com ele. Meu Deus, como eu queria confortá-lo e dizer que tudo ficaria bem.

- Eu não queria estragar esse momento, mas eu não poderia estar mais feliz - Trevor disse, ele já estava ao meu lado, eu não podia parar de fazer pressão no peito de Nicholas, mas não pude me impedir quando Trevor me chutou para longe dele. Minha mão suja do sangue de Nicholas protegeu meu bebê. Nicholas tentou mover-se, mas quando ele tentou um fio de sangue escorreu pelo seu lábio.

"Não, meu amor" eu pensei. E quando Trevor estendeu outra vez o cano do revolver em minha direção, apontando diretamente para a área entre meus olhos, e recuou com o polegar o cão da arma, eu apenas fechei os olhos e pedi a Deus que me permitisse encontrar com Nicholas no céu.

O som de um disparo foi ouvido.

Novamente as aves gorjearam enquanto fugiam das copas das arvores das montanhas de East Valley. O Silencio que se seguiu me deixou amedrontada. Só foi partido quando ouvi um barulho de algo pesado caindo próximo a mim. Eu não senti dor, teria eu sido ferida?

Arrisquei-me, abri os olhos, eu estava viva, olhei para o chão. O corpo de Trevor jazia aos meus pés, os olhos abertos, frios, ainda olhavam para o vazio. Olhei para a direção de Nicholas, ele tinha os olhos fechados. Então eu ouvi a voz de várias pessoas, Não desviei o olhar dele para olhar para elas.

As pessoas pareciam fantasmas negros correndo ao meu redor, uma delas parou perto de mim, e gritou.

- Chamem uma ambulância!

-Ah! Meu amor! - eu dizia para ele - Como eu te amei desde sempre, como eu te amei desde o primeiro momento em que eu te vi! Eu te amei por séculos nestes dias, eu te amei por toda uma vida - dei um beijo em seus lábios.

Frio, ele estava frio. O frio estava ficando insuportável, eu o abraçava cada vez mais forte, eu podia jurar que eu estava escutando as batidas do coração dele de tão forte que o abraçava.

Nicholas reabriu os olhos para olhar para mim, ele parecia simplesmente lindo em seu desespero, ele conseguiu reunir forças, o frio tomando conta, ele não queria me deixar. Lutando, ele estendeu a mão para tocar-me o rosto. Ele parecia tão exausto, então eu vi uma certeza no olhar dele, uma certeza que eu não iria querer para mim no lugar dele. Foi como se eu pudesse enxergar através dos olhos dele, e me ver naquele momento.

— Eu estou morrendo...

O pensamento, junto com a palavra, passou fugaz, rápido e mortal como o mais potente dos venenos.

- Não, meu amor, você não está, você vai ficar comigo, eu e você e nosso bebe - disse, e eu vi que ele não estava acreditando no que eu dizia - por favor, fica comigo...

Eu pedi com uma voz tão partida que meu próprio ser partiu-se em mil pedaços, ele queria, ele realmente queria ficar ali comigo, para sempre, mas não

conseguia...

Ele estava tentando não fechar os olhos. Eu o movia, para que o sono não o abatesse, ele tinha o rosto cansado. Continuei olhando para o rosto dele enquanto o sono o arrebatava, eu não o deixei.

E quando os olhos de Nicholas se fecharam, o meu rosto entristecido, como um anjo de mármore sobre uma sepultura, tornou-se a última coisa que ele viu.

Não quebre sua promessa

Dois anos antes

EMILY

Eu não conseguia pensar mais nada, só conseguia chorar, até que eu percebi que tinha que ser forte, assim como Nicholas estava sendo. Mesmo naquele ultimo instante ele foi forte, como sempre foi em toda vida.

Quando a ambulância chegou imediatamente cortaram o tecido da camisa dele. Um dos enfermeiros deles ficou fazendo pressão no peito dele, depois de retirar minha mão. O outro enfiou algum aparelho por sua garganta. "ressuscitador" eu ouvi chamarem nome. Enrolaram-no em algum papel metálico e o colocaram em uma maca que imediatamente carregaram para a ambulância.

Eu corri para acompanha-lo, mas não me permitiram entrar com ele na ambulância, em vez disso a polícia me colocou em uma viatura e me levou para lá, as outras duas viaturas ficaram vasculhando o terreno. E colocando uma fita amarela e preta, ao redor de onde eles achavam que tinham evidencias, alguém cobriu o corpo de Trevor no chão. Eu o odiava naquele momento, era muito bom que ele não estivesse vivo, senão eu mesmo o mataria, com as próprias mãos.

Vi dois homens trazendo outra pessoa, eles a carregavam, era Vivian, ela estava desmaiada, eu pensei logo no pior, mas a policial que estava perto de mim colocou a mão o meu ombro e disse que eles a levariam para o hospital e que ficaria tudo bem.

Como iria ficar tudo bem? Nicholas não estava bem, eu nunca mais me sentiria bem na minha vida.

No hospital a mesma pergunta, toda hora, "você está bem?". Que droga! Eu parecia bem?

Eu odiava o modo como eles ficavam ao meu redor, me cuidando, meu marido estava ferido, Deus! Eu não queria pensar no pior, e eles continuavam ali, amontoando-se ao meu redor.

— Eu quero vê-lo! — Eu pedia, eu estava descontrolada.

— Senhora, a senhora não pode no momento, temos que avaliar a sua situação também, seu bebê — uma mulher vestida de branco, que eu acho que era médica me dizia — eu tenho certeza que está preocupada com seu bebê também.

— Eu tentei — eu dizia — eu tentei avisá-lo, eu tentei correr o mais rápido possível, eu queria dizer para ele fugir, mas não consegui.

— Senhora — outro médico chegou perto de mim dizendo — Senhora, sou o Dr. Lindbergh, eu estou responsável pelo centro cirúrgico que irá operar o paciente. Qual a sua ligação com ele?

— Sou esposa dele — eu consegui responder em meio a crescente agonia que me sufocava o peito.

— Qual o seu nome senhora? — disse ele olhando para mim como se eu estivesse doente. Eles não deveriam estar lá dentro? Cuidando dele em vez de estar aqui?

— Meu nome é Emily Theodoridis.

— Senhora, como parenta mais próxima no momento, temos que alertá-la sobre o estado do seu marido, a cirurgia dele é complicada, ainda não sabemos a intensidade do ferimento, estamos fazendo o melhor possível, para dar a ele e à senhora, o melhor atendimento.

— O que querem dizer com isso? — eu disse cheia de raiva.

— Sra. Theodoridis — o Dr. Lindbergh disse — o projetil que saiu da arma ainda está alojado no corpo do seu esposo, a cirurgia será delicada, temos que estar preparados para todo e qualquer resultado, sendo ele positivo — ele disse — ou negativo.

As palavras não queriam fazer sentido na minha cabeça, eu não queria acreditar no que ele estava me dizendo. Eu tentava, mas as palavras não faziam sentido para mim. Eu percebi dois enfermeiros se aproximando para ficar cada um de um lado, eu não sabia o que eles queriam, mas eu também não queria que eles se aproximassem de mim, não até ele terminar de falar, mas os enfermeiros se aproximaram ainda mais de mim, eu tentei lutar, por vários minutos eles tiveram dificuldade em me segurar, mas então eu senti uma espetada em meu braço, e comecei quase que imediatamente a relaxar.

Eu ainda estava tão brava, mas tão brava, com o mundo inteiro, comigo mesma, mas um sono me fazia querer dormir e eu apaguei.

Já era manhã quando uma enfermeira me acordou, eu ainda tinha uma esperança de que ao abrir os olhos eu veria Nicholas ao meu lado, com o cabelo dourado desalinhado no travesseiro, a pele dele dourada em destaque contra os lençóis brancos da cama, ele então abriria os olhos e me diria um bom dia sorridente, e então ele me sorriria como sempre, e eu perceberia que tudo tinha sido um pesadelo.

Mas não, as paredes brancas e estéreis me apontavam justamente o

contrario.

— Nicholas? Nicholas? — eu chamei.

— O Senhor James, foi avisado, ele deu a autorização para os procedimentos cirúrgicos, a senhora Vivian, a esposa dele, está com ele também.

Eu me levantei apoiando-me na cama, minha cabeça latejava, eu tinha que ir vê-los, eu precisava.

— Senhora! — disse a enfermeira se aproximando para segurar-me o braço — a senhora tem que descansar!

Desvencilhei-me dela, e berrei.

— Não me diga o que tenho que fazer! Meu marido está internado neste maldito hospital! Ferido! Não pense em me fazer ficar longe dele agora!

— Mas senhora... — ela se interpôs novamente.

— Se você tentar me impedir, juro, você não vai ficar viva pra contar.

Ela se afastou instintivamente, eu tentei forçar a vista para olhar o nome no crachá dela, mas não consegui, minha cabeça doía demais. Voltei-me para ela.

— Alguma coisa para dor de cabeça?

Ela rapidamente separou os copos com comprimidos que ela trazia na bandeja com meu café e me deu, a mão dela estava tremula. Eu os engoli em seco e pedi para que ela me levasse até onde eles estavam.

Quando eu me aproximei de um hall de entrada James foi o primeiro a me ver, ele se levantou e veio correndo em minha direção, abraçou-me forte, nós choramos ali por um tempo, chorei mais naquele momento do que já tinha chorado em toda a minha vida. Quando as lagrimas deram lugar ao silencio eu perguntei.

— Onde ele está?

— Ele está na UTI neste momento, os médicos fizeram tudo o que podiam, agora é com ele, ele tem que sair dessa, ele precisa sair dessa.

— Eu preciso vê-lo — eu disse.

— Os médicos não permitem — James me disse.

— Ninguém vai me dizer o que fazer ou não.

Eu comecei a andar pelos corredores, me guiando pelas placas penduradas nas portas e as setas que indicavam o caminho. Uma delas dizia UTI. Eu abri e entrei de qualquer modo. Os funcionários que trabalhavam no local me pediram para sair, mas eu implorei a eles, que me dessem algum tempo, que eu só precisava vê-lo, saber que ele estava bem, que ele estava à salvo. Um dos funcionários era mulher, e tocada, me deu cinco minutos, mas ficou na sala vigiando meu progresso.

— Venha comigo— ela chamou-me para segui-la até o leito de número 20, haviam vários outros leitos com cortinas fechadas, dois deles com cortinas abertas estavam vazios. Isso gelou meus ossos, os pacientes que ali estavam ou viveram, ou..., eu não queria pensar.

— aqui — ela disse abrindo a cortina para que eu visse Nicholas deitado numa cama com cobertas verde-claras — você tem cinco minutos, nada mais que isso, sob o risco de eu mesma ser demitida.

— Muito obrigada, muito obrigada — agradeci.

O choque me fez chorar forte. Era meu Nicholas ali, minha alma, minha vida, meu amor. Ele parecia estar dormindo. Em paz. Eu chorei sobre ela tanto quanto pude.

— Eu amo você, Nicholas — eu disse — eu nunca irei deixar de amar você — eu sussurrei contra ele, você me disse que sempre voltaria para mim, você prometeu, por favor, por favor, não quebre suas promessas agora — eu implorei — eu não saberei viver sem você, eu não sei mais, volta para mim, meu amor.

Eu dei um ultimo beijo que ficou imóvel em sua boca fria, para que ele pudesse ter para sempre o meu beijo durante o seu sono.

— Senhora — a mulher me chamou outra vez — os cinco minutos já passaram, a senhora não está nem usando proteção.

Eu não me movi, eu beijei-lhe a mão, em desespero, com cuidado para não bater na agulha que lhe transmitia soro e remédios.

— Senhora, acabou o tempo — ela disse.

Saí da sala triste, mas esperançosa. Meus passos pareciam estranhos, eu não os controlava, mas eu sabia que eu estava caminhando de volta para o local onde eu havia visto James antes. Agora James estava com um olhar derrotado, mas ainda assim com um pouco de esperança, ele sabia como eu o amava, ele não duvidou mais de mim por nenhum segundo, desde quando ele prometeu que me daria um voto de confiança, ele tinha se mantido fiel à sua palavra.

Vivian me abraçou, passando para mim a força que eu achei que eu não mais teria, ela não conseguia imaginar a intensidade e o tamanho do amor que eu sentia por Nicholas, mas naquele abraço que ela me dava, ela mostrava que eu sempre teria o apoio dela, incondicional, mesmo sem sua total compreensão.

Um dia a cada vez

EMILY

Eu precisei amadurecer muito. Agora, eu era praticamente a chefe da casa. Eu ainda tinha pesadelos e, com o tempo, eu precisei ser forte para não aguentar enlouquecer nas minhas noites longas e solitárias. Eu amei Nicholas com loucura, ainda o amo, e sinto que eu irei amá-lo enquanto eu existir.

Minha vida deu uma guinada de cento e oitenta graus. Quando eu achei que eu seria sempre a menina que precisava da opinião alheia para sobreviver, eu precisei tomar as rédeas de uma casa e de minha própria vida. Claro, eu ainda não era formada, eu nunca tive um filho antes, por muito tempo eu só sabia chorar e ficar sentindo pena de mim mesma. Mas não mais agora.

Nicholas precisava de mim e eu não tinha mais espaço para ficar me lastimando, e eu aprendi isso duramente quando peguei Nicole nos braços pela primeira vez. Nicholas não estava ao meu lado, ele ainda estava no hospital, ele não viu a filha dele nascer, mas eu tenho certeza que sentiu. Eu sentia que ele me ouvia sempre que eu falava com ele, os médicos me diziam isso.

Acordei no meio da noite outra vez, o suor, como uma camada fina de orvalho, me coroava a pele. Olhei para o meu lado da cama, vazio, e apenas vi a sombra das noites que compartilhei com Nicholas me acompanhando.

Levantei e andei pela casa quase escura. Eu sempre deixava entreaberta a

porta do meu quarto para que Nicole, caso acordasse, viesse dormir na cama comigo. Ela tinha crescido e virado uma linda menina. Beirando os dois anos, ela ainda tinha a centelha mais linda do mundo dentro de si, a pureza e inocência que me fazia querer esmagá-la entre meus braços.

Cheguei ao quarto dela e sentei-me ao lado da cama infantil. Ela já nem precisava mais de berço, apenas uma cama baixa no quarto Montessoriano. Além dos móveis ao alcance das mãos. Tudo para ajudá-la no desenvolvimento e autoconfiança. Pelas frestas da janela vi quando o sol começou a surgir. Vi quando os campos começaram a ficar iluminados e ouvi a voz após mim me chamando.

— Mamãe... – era uma vozinha rouca ainda de sono, e a pronúncia foi quase um "mamã".

— Minha princesa... – eu a chamei e esperei ela levantar e vir até mim, arrastando o urso favorito dela, para que eu a pegasse no colo.

— Vamos ver o papá? – ela perguntou enquanto coçava os olhos – eu quero ver o papá.

Peguei-a de frente para mim e olhei bem nos olhinhos dela enquanto falava:

— Amor, a gente só vai depois que dermos um jeito no seu cabelo – eu sempre falava isso e cheirava o cabelo dela e a fazia rir – e nesse cheirinho de ratinho – ela sorria novamente quando eu a cheirava no pescoço.

Nicole era a criança mais doce e mais linda que havia no planeta, claro, todas as mães dizem isso, e nenhuma delas está errada. Era só que Nicole sempre foi a uma menina de ouro. Creio que ela herdou a calma de Nicholas, menos quando o assunto era fazê-la escovar os dentes e o cabelo. Nesse caso, eu tinha que sair pela casa inteira chamando por ela até encontrá-la escondida (geralmente sob as pilhas de roupas bagunçadas do armário).

Levei-a para tomar banho no meu quarto e aproveitei para entrar no banho junto. Lavamos os cabelos e depois ficamos brincando um pouco na banheira. Ainda era bem cedo, a visita a Nicholas só acontece depois das dez da manhã. Vesti-a com um vestido rodado, apesar de ela ter escolhido pela ducentésima vez a camisa do homem de ferro que já estava velhinha, mas nunca jogávamos fora.

Eu tinha tomado conta da empresa, tá bom, eu não fazia o papel brilhante que meu marido executava, isto porque ainda não estava formada, então eu tinha que trabalhar mais com as estagiárias na leitura dos processos. Não era muito, mas era o que eu poderia fazer. Também tive que aprender sobre a carteira de investimentos dele e, puxa vida, eu mudei até o foco do meu curso. Comecei a estudar economia ao mesmo tempo. A casa agora ficava aos meus cuidados, eu tinha me transformado numa mulher mais responsável e isso era o que eu tinha que ter feito desde sempre.

Eu não poderia mais ser a menina que dependia dos outros para ser tudo, eu tinha que começar a trilhar meus próprios passos e aprender com os meus erros. Acho que isso tudo me levou a ser uma pessoa mais firme. Descemos as escadas e quando chegamos ao andar inferior já tínhamos gente nos esperando.

— Emily – Vivian sorriu e abriu os braços para que Nicole pedisse para ir ao chão e corresse para os dela – Nicole minha menina superpoderosa!

Nicole corria com passinhos curtos.

— Você está adorável – James disse e veio me dar um beijo na cabeça – uma típica mulher de negócios, minha irmãzinha cresceu.

— Você nunca vai parar de me chamar disso não é?

Vivian engatou Nicole à cintura e veio me dar um beijo. Ela estava lindíssima, como sempre. Tinha cortado o cabelo num corte menininho e isso ressaltava o rosto dela. Depois que saiu da faculdade, que os pais pararam de pagar, ela agora trabalhava exclusivamente na loja de roupas, antes brechó, e passou a desenhar os modelos para um dia chegar a ter uma marca.

— Está pronta? – James perguntou – eu vou te dar uma carona.

— Não, - eu disse – não precisa, eu vou no meu carro. Preciso passar num lugar antes.

— Ok.

— Ok.

Peguei Nicole da cintura de Vivian e a engatei na minha própria. Com a outra mão, a que não a apoiava, disquei os números do banco e pedi que autorizassem o pagamento do salário do contador da empresa. Coloquei Nicole na cadeirinha e esperei mais uns cinco minutos para que mais alguém se juntasse a nós.

Ela sempre surgia com uma roupa mais estranha que a outra, e eu realmente aprendi a gostar desse estilo dela. Agora que eu tinha quase vinte e três anos, tínhamos a idade quase parecida. Violet e seu longo cabelo até a cintura com mechas coloridas, não sei quantas vezes eu contei a Nicholas sobre ela.

— Desculpa o atraso – ela veio até nós – eu realmente, realmente, perdi a hora.

— Não tem problema – eu disse – dormiu bem?

— Sim, valeu perguntar chefa.

Mesmo já sendo minha amiga há quase um ano, ela ainda insistia em fazer isso, os cumprimentos militares. Nicole a adorava, e ela tinha sido simplesmente uma das pessoas que me ajudou a crescer tanto. Mesmo com apenas vinte e quatro anos, Violet era muito madura e autossuficiente, independente, e tantas outras qualidades, ela foi fundamental para a mudança da minha mente.

— Entra no carro antes que eu dê na sua fuça – eu sorri e a empurrei de leve.

— Olha, eu poderia processá-la por agressão, eu ganharia uma fortuna e você seria a chefa louca para todo mundo.

— Oras, cale a boca – eu comentei sorrindo e entrei no carro assim que verifiquei uma segunda vez a cadeirinha de Nicole.

Violet era quase do meu tamanho, e tinha um lindo rosto emoldurado pelo cabelo longo cortado em camadas. Os olhos azuis demais, tanto que ela poderia se passar por mãe de Nicole facilmente.

— E cadê a moça mais linda? – ela perguntou e se esticou do banco de trás para bagunçar o cabelo de Nicole e deixar igual ao dela.

Dei a partida no carro e saí dali.

Violet trabalhava com Nicholas no escritório. Ela era uma das estagiárias dele. E, pasmem, ex-namorada. Quando eu parecia uma pessoa perdida cheio de chororôs no escritório, ela me deu um tapa na cara. Sim, literalmente um tapa, não muito forte, claro.

— Isso não dói – ela apontou para os papeis – isso dói – ela ajeitou minha postura – Nicholas precisa que você fique firme para ele, e se não ficar me diz que eu fico.

Ela sorriu após a frase e disse:

— Não tem nada de difícil aqui – ela apontou a bagunça – só aqui – ela tocou minha cabeça – você é quem cria os próprios obstáculos.

Além de Vivian, eu tinha arranjado uma nova melhor amiga em East Valley. Vivian sempre me socorria quando eu estava à beira do abismo, mas foi Violet quem me empurrava do abismo e me mostrava que eu tinha asas e podia voar.

Quando chegamos ao hospital, desci do carro, e segui em direção ao local onde Nicholas estava.

Nicholas ficara em coma induzido por este longo período de tempo. O tiro que ele levou acertou o coração dele, mas a oxigenação no cérebro foi afetada, e isso comprometeu seriamente o estado dele, levando-o ao coma. Por muito pouco, ele não teve morte cerebral. Os médicos sempre disseram que depois de doze meses a possibilidade de voltar do coma era muito pequena, e que deveríamos sempre estar preparados para o pior.

Assim que estava com a roupa apropriada eu entrei na sala. A doutora Maynard já estava me esperando, ela me explicou o estado de Nicholas e eu fiquei ouvindo quieta a explanação. Eu não gostava muito dela, preferia quando

o outro médico, o doutor Eddie, estava aqui. Ele era sempre tão engraçado e adorava Nicole. Ele permitia inclusive que eu a trouxesse e que ficássemos não por dez minutos, mas por vinte, exatamente no limite do tolerável. E eu sempre o agradeci muito por isso.

— Você tem dez minutos – a doutora Maynard falou com aquele jeito arrogante dela, um dia eu ainda iria trepar encima dela e arranhá-la inteira se ela continuasse olhando para meu Nicholas com desprezo. Há médicos e médicos, e a doutora Maynard poderia ser muito inteligente, mas não merecia ser comparada ao doutor Eddie, por exemplo.

— Eu sei quanto tempo eu tenho, dá licença.

Ela foi para o caminho dela e eu estava com Nicholas, outra vez.

— Amor... – eu disse para ele – quanta saudade.

O cabelo dele estava crescido, eu teria que aproveitar que a próxima visita, que é quando o doutor Eddie estaria de plantão, para pedir os quinze minutos e conseguir cortar um pouco do cabelo dele do jeito que ele gostava. A barba era a enfermeira especializada que eu tinha contratado para cuidar dele no centro de terapia intensiva que fazia.

— O aniversário de Nicole está se aproximando – eu disse – ela vai fazer dois anos, que tal dar um presente lindo para ela esse ano? Você vai se apaixonar por ela tanto quanto todos da nossa casa, se já não está apaixonado – eu beijei a testa dele tomando cuidado para não balançar os fios que o ajudavam na ventilação mecânica – ah, e adivinha... Violet sumiu outra vez. Eu estava em casa anteontem e ela foi a uma festa, só me apareceu hoje. E ainda queria me levar – eu sorri um pouco – ela é ótima. Eu a amo muito, ela já é minha melhor amiga. E eu sei, eu sei que já estiveram juntos e que ela esperou um filho seu e o perdeu, mas isso não importa. Exceto por imaginar como seria Nicole com um irmãozinho mais velho, eu não lamento nada. Ela é linda por dentro e por fora e não me espanta que a tenha amado.

Violet apareceu com Nicole, elas duas já estavam com a roupa esterilizada, isso significava que já tinham passado cinco minutos e eu teria apenas mais cinco. Violet bagunçou o cabelo de Nicholas e o beijou no rosto e na testa.

— Hei, chefe – ela disse – tá cada dia mais gostoso. Vou te roubar para mim.

Eu revirei os olhos. E peguei a mão de Nicole com cuidado para ajuda-la a fazer um carinho delicado no pai.

— Papá – ela falou enquanto o tocava – acorda.

Eu sempre contava a ela como o pai dela tinha sido um herói para nos salvar, eu sempre disse que ele tinha feito de tudo por nós duas, e ela sempre saberia que ele tinha sido e seria para sempre o homem das nossas vidas.

— Nicholas, você tem que voltar para mim. Você tem que voltar para ver a sua filha num lindo vestido rosa bufante no aniversário. Você tem que encontrar seu caminho de volta.

Eu segurei Nicole melhor e me inclinei para beijar-lhe outra vez no alto da cabeça.

— Você disse que sempre encontraria seu caminho de volta para mim.

A porta fez um barulho. Eu juro, eu ainda dou na cara dessa mulher se ela continuar me olhando dessa forma arrogante.

— Senhora Theodoridis – A Maynard abriu a porta – acabou o tempo.

Caminho de volta

NICHOLAS

Eu abri os olhos, estava num lugar diferente, eu não conhecia o lugar, mas mesmo assim não me sentia perdido. Ao longe, eu ainda conseguia ouvir o som das sirenes dos carros de polícia e das ambulâncias. Eu tinha que pedir para que eles cuidassem dela, ela estava ferida. Mas, quem era ela?

Eu sentia falta de alguma coisa, eu tinha que voltar para algo, ou alguém, mas quem?

Comecei a caminhar por ali. Eu lembrei minha infância, quando meu pai ajoelhava ao meu lado no quarto e cruzava minhas pequenas mãos para que eu fizesse minha oração antes de dormir, ele me contava como era o céu. Um imenso campo verdejante, um céu mais limpo e mais puro do que o mais claro algodão. Toda sorte de cores brilhavam num ocaso eterno. Eu andei por ali, perdido, mas encontrado.

Bem no meio, daquele enorme campo, havia uma arvore, extremamente frondosa, eu caminhei até lá. Não sei quanto tempo passou, quando eu cheguei perto dela, percebi. Ela estava situada no meio de uma enorme clareira. Alguém sentado à sala sombra.

- Achei que você nunca viria - Ela disse para mim, ela sorria, mas ainda assim o sorriso não parecia verdadeiro - sente-se aqui - ela gesticulou para o

local vago perto dela.

- Você me conhece? - Eu perguntei. Olhando para ela, de modo que eu pudesse, de algum modo, recuperar no que havia em mim algo que eu associasse com a imagem dela. Nada me ocorreu. A pele dela era alva parecia leite fresco, os cabelos tão negros em contraste com sua cor faziam com que eles parecessem ébano sobre o marfim.

- Claro que eu o conheço Sr. Theodoridis - ela disse - e a voz dela tinha algo de mavioso e cadenciado que me fazia querer fechar os olhos para ouvir.

- E o que faz aqui? - perguntei curioso.

- Vim procurar você - ela disse - tenho que te cobrar uma promessa.

- De mim? Mas não a conheço.

- Uma vez você disse que sempre encontraria o caminho para voltar para mim, mesmo nos seus sonhos, que nunca me deixaria te perder.

Eu lembrava-me disso, mas eu não conseguia lembrar-me, não tinha um nome, ela não tinha um nome, mas eu sabia que esse nome importava.

- Você está feliz aqui? - ela perguntou.

- Feliz? - eu disse - eu não sei - e aquela afirmação me fez sentir terrivelmente só.

- Mãe! - uma voz chamou ao longe.

E eu vi uma vozinha chamando ao longe, uma pequena menina, vestida como uma pequena princesa, com um vestido rosa pálido bufante brincava no jardim.

- Quem é ela? - eu perguntei, a dor ficava maior em meu peito.

- Você tem que voltar para saber, Sr. Theodoridis.

- Voltar para onde?

- Voltar para mim.

Dito isto ela se levantou, pegou a mão da menininha e lançou um olhar para mim, que permanecia sentado sob a árvore, ela tinha lágrimas nos olhos, a roupa dela era clara, um longo vestido claro que parecia diáfano, tanto quanto a mais alva nuvem.

Eu procurava por um nome dentro de mim, minha cabeça ameaçava doer, eu tinha que lembrar, eu queria voltar, mas para onde? Para quem?

- Emily! - o nome saltou com um grito dos meus lábios quando ele surgiu em minha mente - Emily!

Chamei outra vez, ela tinha ido, eu tinha que sair daqui, eu não poderia ficar sem ela, eu preciso dela. Eu corri para o caminho onde ela tinha seguido, eu teria que encontra-la, demorasse quanto tempo fosse necessário, eu a encontraria, minha amada, minha pequena.

— Emily... – A chamei com meu último resquício de voz.

O que eu sinto?

EMILY

— Emily...

Eu mal estava saindo do centro de terapia intensiva e ouvi uma voz rouca, falha, chamando. Eu já tinha lido tanto sobre isso, eu já tinha visto os casos mais mirabolantes, eu já tinha visto as maiores histórias sobre isso. Eu tinha ouvido falar sobre o caso da garota croata que tinha acordado falando alemão, eu ouvi sobre o caso da menina que acordou do coma cantando "mamma mia", sobre o homem que acordou do coma depois de onze anos.

A doutora Maynard, que ainda nem tinha nos visto sair da porta, se aproximou da cama e apertou um botão que deve ter soado algum alarme. 'Imediatamente, uma multidão usando jaleco branco entrou naquele local e retiraram de lá, Violet, Nicole e eu.

Violet pegou Nicole do meu braço e eu quis ficar espiando o que acontecia pela janela de vidro que dava para o quarto, mas eles fecharam a persiana do quarto e eu não pude ver mais nada.

— Meu Deus... – eu disse, Violet que não tinha ouvido o que foi dito, estava confusa e me olhou preocupada.

— O que foi? Ei, o que houve lá dentro?

— Ele está voltando, Violet, ele está voltando! – eu a abracei e Nicole, meio assustada, quis chorar, eu a peguei nos braços e a fiz olhar para mim – não tenha medo, meu amor, não tenha – eu disse – O papai está acordando, nós pedimos e ele está acordando.

Outro médico veio até a gente e me convidou com voz calma.

— Senhora Theodoridis – ele disse – gostaria de conversar com a senhora, poderia nos dar um momento?

— Não, eu quero saber o que está acontecendo lá dentro.

— É justamente sobre isso que temos que falar – o médico disse, e eu vi no bolso dele o nome psicólogo Dave – seu marido está acordando, temos que falar sobre o que está acontecendo.

Ele me levou até uma sala, Violet tornou a pegar Nicole do meu braço.

"Você parece uma morta-viva" ela disse.

Quando eu já estava sentada, tinha parado de tremer um pouco e apenas tentava ouvir ao longe, de uma forma provavelmente não humana, o que os médicos diziam, foi que eu consegui entender finalmente o que estava acontecendo.

— Seu marido está acordando – o doutor Dave Collins disse depois de me ter acalmado por alguns tempos.

— Eu sei... Eu sei... – eu fiquei repetindo feito uma idiota, não era hora de confusão, realmente não era hora – me explica mais, por favor.

Eu já tinha lido por diversas vezes nos livros sobre o estado de coma, sobre o paciente, sobre as formas de acordar, todas elas, as mais diversas, todas as que eu queria e as que eu não queria também.

— Durante o coma – Dave se apressou a explicar – o paciente pode viver diversas experiências. Muitos médicos não concordam entre si com a explicação, mas as causas para o paciente acordar são variadas. Na linha de pensamento que eu sigo, os pacientes vivem o coma como se a realidade nunca tivesse parado. O Nicholas viveu uma história desenvolvida dentro da cabeça dele, viveu uma

história que o cérebro inteligente dele criou. Nessa história, os personagens tinham graus de importância diferentes conforme a participação deles na vida real. A senhora, por exemplo, pode ter sido alguém muito importante. Sua filha, seus amigos. Pessoas que não tinha um grau de importância grande para ele podem aparecer como personagens secundários. O que se sabe é: ele precisou acabar com cada uma dessas relações, com cada uma dessas pessoas e com cada uma das estruturas que sustentavam a realidade em que ele estava inserido até que ele tivesse se redimido. O mundo em que ele estava precisava não fazer sentido para que ele pudesse retornar ao mundo real. Esse é o choque real que acorda pacientes em coma: a falta de sentido. Ele poderia escolher ficar naquela história, na alternativa que lhe era oferecida dessa forma o coma culminaria na morte dele. Ou ele poderia, e foi o que ele fez, lutar contra a história que se desenvolvia. E acordar quando todos os alicerces e fundamentos da história que ele vivia tivessem sido sacudidos.

— Eu sei - eu disse.

— No coma sempre haveria duas entidades, uma pedindo sempre que ele acorde, que ele saísse daquele mundo, geralmente alguém que foi a pessoa mais importante para ele. E outra, totalmente nova ou não, que sempre lhe oferecia uma alternativa para ficar naquela realidade. Essa outra pessoa foi criada pela mente, ela não foi de todo ruim, ela sempre o forçava a ficar naquele local para que ele tivesse tempo de recuperar a mente, recuperar os danos que o cérebro tivera, e assim quando ele estivesse pronto, essa "entidade" deveria morrer, e como se fosse a própria mente dele dizendo que ele deveria sair daquela realidade.

— Entendo, entendo – eu disse – o que vai acontecer agora?

Violet parecia tão ansiosa pelas respostas quanto eu, mesmo que ela estivesse um pouco mais longe da mesa onde conversávamos e tentasse distrair Nicole com um objeto de decoração da sala de Dave.

— A partir de agora Nicholas será submetido a vários exames, terapias, fisioterapia, dentre outros. Avaliaremos ao longo dos próximos meses as sequelas do coma, o período de dois anos foi um longo ano, ele precisará se situar nesta realidade. Precisará, aos poucos, entender o que está acontecendo com ele.

Dave tinha sido uma das pessoas que mais tinha me ajudado nesse tempo. Como meu psicólogo, eu já tinha falado a ele sobre os meus piores medos e maiores vontades. Eu também tinha contado a Nicholas, enquanto ele esteve dormindo, que Dave já tinha se oferecido para tomar o lugar dele ao meu lado, e que era muito bom que ele acordasse já que eu estava tentada a aceitar. Claro, apenas uma chantagem maldita para tentar fazê-lo ter alguma reação.

— Ele ter acordado falando pode ser considerado um milagre – ele disse – especialmente depois de tanto tempo, depois de este tempo sem utilizar as cordas vocais. Claro, não foi uma palavra definida, foi mais um murmúrio pelo que a senhora contou.

Sim, não tinha sido uma palavra totalmente definida, tinha sido apenas uma coisa que eu entendi já que a voz dele sempre falava tão intimamente comigo. Era um murmúrio de uma voz cansada, como uma fagulha, mas que poria fogo

numa floresta inteira.

Conversamos por mais algumas longas horas, Nicole teria fome em breve, pedi a Violet que, por favor, fosse comer alguma coisa e que levasse a Nicole junto com ela. Ela já estava choramingando, sinal que estava com fome. Liguei para Matheo, na empresa, e pedi que ele desse a ordem aos funcionários, eles deveriam terminar a leitura de dois processos para mim e eu esperava que em breve me reunisse com eles.

— A senhora precisa descansar, - Dave disse – não há muito mais que possa fazer daqui, agora os médicos ficarão responsáveis por ele, a senhora deve repousar e só quando for autorizada poderá fazer uma nova visita.

— Sim, sim... – eu disse, apesar de não querer sair de lá – obrigada por tudo, eu vou voltar amanhã cedo, mesmo com sua palavra. Se Nicholas me quiser por perto, estarei aqui. Apenas não ficarei hoje por conta de minha filha, Violet é uma pessoa incrível, mas é bem capaz de querer levá-la para furar as orelhas.

Andei pelos corredores do hospital, antes de ir ver a minha filha, eu procurei o quarto de Nicholas outra vez. As cortinas continuavam fechadas, e a porta trancada, eu não tinha como entrar. Eles estavam fazendo alguma coisa com ele lá dentro, e eu precisava realmente vê-lo.

Voltei para o corredor que dava para a sala de espera, quase na entrada do hospital. Eu vi Violet com Nicole no colo, Nicole brincando com uma pistola "nerf" de pressão, Violet ensinando-a a atirar com aquilo. Ótimo que ela aprendesse isso desde cedo, assim ela conseguiria se defender como eu não pude ao pai dela.

Nicole correu para mim assim que me viu e jogou o brinquedo no chão. Ela estava amedrontada, eu a peguei e a engatei à minha cintura, e peguei o rostinho dela e a fiz olhar para mim: — O que foi?

— Medo... – ela falou com uma vozinha baixa.

— Não, você não tem que ter medo – eu disse – você é uma menina forte e não precisa sentir isso. Está tudo bem com o papai, ele está acordando, ele já dormiu demais, não acha? Ele quer te conhecer.

Violet veio para perto e guardou o brinquedo no cinto do short jeans rasgado que ela usava. Ela bagunçou o cabelo, como sempre fazia quando algo não saia como queria, e me disse: — Como o chefe está?

— Bem, Dave me disse que ele está acordando!

— Oh, puta que o pariu! – ela colocou a mão na boca – isso é muito incrível – eu vi quando os olhos dela marejaram e ela não soube controlar a boca pela surpresa.

— Isso... – eu sorri – ensina mesmo Nicole a xingar.

Ela beijou Nicole, marcando a bochecha dela com o batom vermelho que ela tinha pegado de mim na semana anterior.

— Só xingue quando te encherem o saco – ela fez cocegas na menina e virou para mim – ainda vai ao trabalho?

— Eu? – eu sorri – eu mal consigo saber como estou de pé, minhas pernas tremem, meu coração parece que vai sair pela boca e eu vou morrer a qualquer momento.

— Nada de papo de morte – ela me recriminou e puxou meu cabelo – como será que ele vai reagir quando ver o quanto você mudou? E mais, quando vir a cor do seu cabelo? – ela sorriu e quis me fazer sorrir também, ela apontou para meu cabelo agora num tom de marrom acobreado quase louro.

— Não sei – eu sorri e minha alegria mal conseguia se conter em mim mesma.

— Acho que ele vai te achar gostosa, até eu tô achando – ela sorriu e perguntou – como se sente? O que sente?

— Eu não sei nomear – eu disse e me deixei invadir por aquela sensação maravilhosa que estava fazendo meu peito quase explodir como se fosse fogos de artifício. Eu teria meu marido, Nicole teria o pai, eu teria a família com ele, a que eu sempre quis – acho que isto é... É a felicidade.

Eterna em minhas lembranças

No começo foi difícil, minha garganta doía sempre, e eu não poderia levantar para nada, eu estava fraco, muito fraco. Sentia-me sempre dolorido e confuso. Eu via rostos e mais rostos de pessoas ao meu redor, de todos eles eu não reconhecia nada, apenas um me era estranhamente familiar. Olhos azuis intensos como um céu no final de tarde, eu sei que já tinha visto aqueles olhos sobre os meus em algum lugar. E quando ela falava, sempre que ela falava, eu sabia que já tinha ouvido aquela voz em meus sonhos.

"Emily" eu ouvi quando a chamavam, e eu sabia que esse nome tinha sido o motivo por eu estar aqui, nesse quarto branco, cheio de equipamentos metálicos prateados, mas eu também sabia que esse tinha sido o motivo de eu acordar. Eu sabia, no fundo de mim, que ela era a coisa mais importante para mim, eu sabia que ela sempre tinha sido importante e que ela era simplesmente a razão de todo o meu existir, e de todos os meus sonhos e pesadelos.

Quando a fisioterapia começou, eu tive que reaprender a andar, eu tive que reaprender a falar, e eu tive que reaprender a lembrar. Eu sempre fazia isso sob o olhar vigilante dela, e eu sabia que o olhar dela para mim não era o mesmo das outras pessoas que me cuidavam, alí tinha muito mais, tinha amor.

Quando eu dei os meus primeiros passos, sozinho, foi ela com os braços estendidos me esperando que me fez caminhar. Ela sempre cuidou de mim, e eu tentava, tentava lembrar, mas eu não conseguia, não no começo. Ela cortou o meu cabelo quando ela disse que estava batendo no olho, ela raspou minha barba

e sorriu quando disse que eu estava branco feito um fantasma e que eu sempre tive a pele dourada.

— Vamos pegar sol – ela disse – vamos à praia, você sempre amou praias.

No começo, eu não sabia o que era praia, pedi que ela me explicasse. Então as coisas começaram a fazer sentido.

Quando eu me alimentei com algo sólido pela primeira vez, foi ela quem ofereceu o alimento para mim. Ela sorria, quando eu tinha qualquer progresso, e eu tinha os meus progressos por ela, porque era aquele sorriso que me iluminava e me fazia querer progredir mais, mais... Eu queria vê-la sorrindo sempre daquele jeito para mim.

Era ela, além de outras pessoas, mas especialmente ela, quem despendia a maior parte das manhãs comigo, era ela também quem cuidava dos machucados que o colchão fez na minha costa.

Eu gostei dela, alí, quando ela conversava comigo, ela nunca me contou quando nos conhecemos, um tal de doutor Dave disse que eu ainda não deveria ser enchido de tantas informações, eu poderia ficar traumatizado com o tempo que tinha dormido. Eu nunca fui de dormir muito, então não sabia sequer do que

ele estava falando.

Quando Emily tinha se tornado parte fundamental de minhas manhãs, sempre que ela vinha, eu já estava irremediavelmente apaixonado por ela. Eu não conseguia imaginar minhas manhãs sem ver aqueles olhos azuis e aquela boca que me sorriam quando eu conseguia organizar as palavras num tabuleiro.

Os médicos disseram um dia que o tempo em que eu estive dormindo, eu sei que eles usaram essa palavra para não falar algo pior, resultou numa sequela no meu cérebro, o que afetaria minha capacidade de memorizar as coisas à longo prazo.

Eu iria aprender as coisas, eu iria lembrar-me delas, eu teria que repeti-las sempre para não esquecê-las, especialmente no que tange às pessoas. Eu poderia esquecer rostos com o tempo. Minha memória mais antiga também tinha sido afetada, eu não me lembraria de algumas coisas do passado.

Um dia, Emily trouxe uma linda criança com ela para me ver. Ela disse que éramos uma família. Ela disse que aquela menina era um pedaço de mim, ela disse que eu era o pai dela e que eu era o marido dela, que Emily e eu éramos marido e mulher.

Puta que o pariu, minha mulher era gostosa demais!

A menina deitou com o rosto encostado ao meu peito, e eu sabia, sabia que em algum momento, eu já a tinha tocado assim antes. Eu passei a mão no cabelinho daquela linda criança, quando ela me chamou de pai, alguma emoção longínqua foi acesa, alguma coisa que era instintiva, eu chorei um pouco abraçado a ela.

— Somos uma família, Nicholas – ela disse – eu o amo com toda a minha alma e todo o meu coração, você é simplesmente o sol da minha vida – Emily falou com sua voz agradável que fazia meu peito apertar – eu o amo mais que achei que seria possível.

Eu sabia disso, eu sabia que ela me amava, e sabia que eu a amava também. E não de antes, não, porque eu não lembrava bem, de agora mesmo, destes dias que ela me cuidou, eu aprendi a me apaixonar pelos seus gestos, eu sonhava com o dia que ela me beijaria e eu diria que tinha me apaixonado, eu diria que ela era a minha vida desde que eu abri os olhos, e que imaginava que ela o tinha sido antes de fechá-los.

Eu não conseguia lembrar-me de tudo, não ainda, mas aos poucos a imagem dela me surgia quando eu dormia. Lembranças que meu inconsciente vinha fazendo ressurgir aos poucos, lembranças de noites longas e de dias acalentados pela presença dela. Lembranças dela ao meu lado e dela longe de mim. Lembranças de quando eu a beijei pela primeira vez.

Emily me beijou um dia desses, e ela tem simplesmente o melhor beijo do mundo. Não há outra boca que eu queira beijar além da dela. Quando elas saíram naquele dia, eu me senti terrivelmente só, mas eu sabia que era quase hora de eu voltar para casa.

James, meu melhor amigo, ele dizia, era quem me carregava de um lado para outro antes de meus pés se firmarem, e eu acreditei na sua palavra, por que apenas um amigo verdadeiro faria isso por outro.

Na minha última noite no hospital, a única coisa que eu conseguia pensar era na guinada que minha vida tinha dado. Eu amava Emily, eu a amava desde muito antes de eu simplesmente lembrar. Eu vivo por ela, se eu estou vivo eu sei que é por ela, por ela e por minha pequena Nicole.

Eu a tinha amado em tão pouco tempo, eu a tenho amado desde sempre, e mesmo que eu a tenha esquecido no meu passado, que eu não consiga lembrar-me de cada um dos dias que eu vivi com ela antes deste, eu sei que me apaixonaria por ela a cada dia que viria, e a cada dia depois desse, eu sei que a amaria ainda mais.

Ah, e não podemos nos esquecer, puta merda, como minha mulher é linda. Eu sou um filho da mãe de um sortudo!

Epílogo

Sob o sol de East Valley

EMILY

— Mãe, mãe - Nicole me chamava - olha o que eu tenho.

E ela estendeu o dedinho para mim com um tipo de besouro na ponta.

— É lindo - eu perguntei depois de elogiá-lo – que cor é ele?

— Verde brilhante - ela respondia apesar de ter soado mais como "vede bianti".

— Isso mesmo - eu sorri para ela.

Logo ela começou a correr por todo o quintal. Eu mal podia acreditar como dois anos e meio passavam rápido. Ela parecia uma pequena ninfa correndo por todo lado, o cabelo dela louro dourado brilhava sob o sol de East Valley, ela tinha o cabelo dele. E os olhos dela quase fechadinhos pela luminosidade mostravam seus tons de azul iguais aos meus. Logo ela perdeu o bichinho e se jogou na grama para procurar outro, sorrindo e me fazendo sorrir com ela.

— O que eu perdi? - Nicholas disse sentando ao meu lado, ele estava lindo com um moletom novo, cinza como de costume. E perguntando sempre, ele disse que sempre me perguntaria tudo, assim ele nunca mais iria esquecer.

— Só mais uma descoberta dela, outro inseto.

— Eu devia estar aqui, queria fotografar.

Desde que ele soube que não conseguiria lembrar-se das coisas, ele vivia enchendo a casa de fotos. Já tínhamos quase cinquenta álbuns, ele disse que não queria esquecer nenhum detalhe.

— Você já tem quase dez mil fotos, não acha que tá bom?

— Ainda não, me avise quando chegar a vinte mil.

Ele me sorriu com aquele mesmo sorriso torto que eu amei desde o primeiro dia e me deu um beijo leve.

— Pai! - Nicole correu e se jogou no pai que ficou rodopiando ela no ar enquanto ela balançava as perninhas e os bracinhos.

— Conta a história outra vez - ela pediu.

Então Nicholas colocou ela sentada ao meu lado no lençol sobre o qual fazíamos um piquenique, e deitou-se sobre o tecido, enquanto apontava para a cicatriz em seu peito e começou a contar a história sobre o ocorrido outra vez.

— Um dia, o papai se feriu, e ele dormiu por um tempo - ele disse fazendo voz de mistério - ele se perdeu de você e da mamãe, ele queria muito voltar, mas ele não sabia como.

— E? - ela perguntou ansiosa.

— E o papai teve que seguir esse caminho - ele disse deslizando o dedo sobre a cicatriz - para achar vocês duas, e ele só encontrou vocês quando ele entendeu que vocês eram tão especiais, mas tão especiais, como duas heroínas com superpoderes.

Nessa parte, Nicholas sempre fazia cocegas nela e a fazia sorrir, mesmo sendo para mim uma história triste.

Quando ela se desvencilhou outra vez e foi correr no quintal sob nossa vigilância atenta, eu deitei no braço dele, e disse-lhe: — Eu tive tanto medo...

— Hei - ele disse - eu prometi, não prometi? Eu voltei, e serei tão chato quanto eu puder para ser inesquecível.

— Não seja tolo - eu disse para ele - se fizer isso perderá todo o encanto.

— Ah! Então eu já estou perdendo o encanto?

— De maneira alguma - eu sorri e dei-lhe um beijo com uma mordiscada, do modo que ele gostava.

— Sabe que eu posso retirá-la, com cirurgia.

Olhei para ele confusa, ele apontou para a cicatriz.

— Ela não me incomoda Nicholas, para mim, ela é mais que uma marca, é a prova viva do quanto você me ama, do quanto você foi capaz por mim, e eu só posso agradecer por isso - eu disse tocando-a - quando eu olho para ela, para você, eu só consigo pensar em quão sortuda eu sou, e no quanto eu amo você, que chega a doer.

— Então acho que você está me devendo - ele disse brincando.

— Eu? Mas, o que?

— Não sei, há tanto a cobrar - ele disse olhando para meu corpo inteiro com um olhar malicioso e quente - há tanto a ensinar ainda.

— Acha que eu já não sei coisas suficientes? - respondi à altura com um olhar quente também.

— De modo algum - ele disse - eu terei prazer em ensinar todas essas coisas

novas e aprender.

— Não sei se conseguirá me surpreender mais - eu disse fingindo-me de inocente.

— Isso eu farei questão de tentar - ele disse se aproximando de mim e me dando um beijo, que era comportado e provocador ao mesmo tempo.

— Depois? Mais? - eu perguntei acenando para a nossa bebê que ainda se distraia com suas descobertas.

— Sempre mais, Emily... - Nicholas respondeu, um milhão de promessas em uma só palavra.

Ele ficou me encarando, um olhar quente, verdadeiramente amoroso e divertido, do homem que mudou minha vida (os cabelos dele sempre pareceriam como fios de ouro sob o sol? E os lábios dele, sempre pareceriam tão convidativos?).

E eu fiquei olhando para ele, com um olhar perdidamente devotado, honrado, e acima por tudo apaixonado, um olhar extremamente dedicado à ele, o amor da minha vida, que eu encontrei num romance qualquer em East Valley.

Para sempre ela

NICHOLAS

— Você nem mesmo faz idéia, eu te matei – eu dizia – eu te dei tiros no peito, aquilo foi muito real, real demais.

— Claro que eu seria o vilão – Matheo disse – os caras malvados sempre são os melhores e convenhamos que eu sou o mais gostoso daqui. Não tinha como colocar outra pessoa no meu lugar.

— O mais gostoso eu não sei, mas é o mais ridículo – Violet disse – posso ser sincera, você não está com essas bolas todas, meu querido. Para começar por esse seu italiano fajuto.

— Isso só pode ser o destino – Vivian disse enquanto balançava o cabelo curto – esses dois foram feitos um para o outro. Dois alfas tentando ser melhores um que o outro.

— Eca! – Violet disse e fez uma careta.

— Eca... Digo eu, mia cara – Matheo respondeu lançando um olhar de provocação para Violet, mas não pode deixar de analisar o corpo dela por inteiro.

Violet fez o mesmo.

— Continua – Vivian pediu ao perceber que dos dois estava a ponto de sair faísca – essa tua cabeça é muito louca!

— Bom, eu tive um caso com Violet – eu me apressei em dizer – nós tivemos, hum... Um envolvimento.

Emily me deu um soco no ombro.

— Hei! – eu sorri enquanto massageei o local. As aulas de Krav Maga que ela estava fazendo a estava deixando bem forte, e durinha – foi um delírio, eu não tinha controle de mim.

— Sorte sua eu não ter como saber, senão eu teria te socado dormindo.

— Faria isso com seu maridinho? – eu sorri e tentei beijá-la, ela me empurrou e não aceitou o beijo, pelo menos por dois minutos.

— É, até onde eu sei, - ela disse – eu também tive uns negócios com Matheo, não é mesmo?

É claro que eu não tinha como lembrar tudo, mas eu me lembro bem de algumas coisas, várias dolorosas. Às vezes, quando eu acordo no meio da noite, ainda recordo das cicatrizes em Emily, várias dela coroando a pele lisa de minha mulher, assim que acordo eu vou procurá-las, várias vezes, e ela sempre acalma meu caos com beijos.

— Nem pense nisso, mocinha – eu a impedi de continuar com esse pensamento – a partir de hoje eu irei bem vigiar minhas costas.

Eu olhei para Matheo e ele entendeu o recado.

— Não seja doido – ele balançou a cabeça – eu sou praticamente um irmão para Emily, praticamente um irmão. Além disso, eu gosto das loiras, tipo... Vivian – Matheo apontou para ela, que deu um sorriso – Ah... – ele olhou para Violet e a provocou – apenas Vivian.

Isso não iria dar muito certo, ou iria? Matheo bem sabe que ele tem um fraco para as mulheres, e Violet, bom, ela não parece ser do tipo que dá o braço a torcer facilmente, isso ainda ia dar muita confusão.

— Eu nem acredito que estou indo para casa – James disse – eu nem acredito que fiquei tanto tempo aqui, e eu nem acredito em todas as coisas que eu estou levando para Yellowstone – ele deu uma boa olhada para Vivian ao lado dele. Vivian o encarou de volta com um olhar apaixonado, eu não sei como eu pude pensar, ou imaginar, sei lá, que eles estavam se separando.

Como se lesse os meus pensamentos, ela sorriu ao falar: — Eu não gostei de eu não ter aparecido direito nos seus delírios, e quando eu apareci, eu parecia uma coisa sem graça, credo!

— Ah, Vivian – Emily disse – não brigue com ele, os médicos já disseram que as pessoas com quem ele não teve tanto contato seriam apenas caricaturas quase sem vida.

— Pois é, - foi a vez de Violet – eu tinha muita vida, fui protagonista, amei chefe! Sempre que quiser sonhar, pode me colocar lá – ela piscou – eu não me importo!

— Oras, Violet – eu precisei dizer – bem menos, bem menos.

James se levantou batendo na roupa, Vivian fez quase o mesmo movimento, eles pareciam em sintonia, o gesto de um refletindo o do outro. James olhava

para ela com uma verdadeira admiração, uma verdadeira profusão de sentimentos. Vivian, sabendo que era amada, se deixava embelezar pelos olhares dele.

— Eu levo vocês – Matheo disse e se levantou – eu tenho que passar num lugar, assim vocês não deixam o carro no aeroporto. Nicholas – ele virou-se para mim – posso trazê-lo pela manhã?

Ele se referia ao meu carro.

— Pode sim.

— Quero ir junto – Violet disse - eu tenho que ir para casa, me leva?

— Eu não sei se vai dar – Matheo disse.

— Ah, deixa de ser chato, vai dar sim – ela correu para ir ao veículo – se não quiser me levar vai ter que me arrancar de dentro do carro.

Eu levantei e os acompanhei até a porta. Emily pegou Nicole, que já dormia, e a levou para o quarto. Eu fechei a casa assim que eles saíram.

— Cuida de minha irmã – James disse – eu não quero precisar voltar aqui e te encher de porradas.

— Você não vai precisar – eu disse – obrigado por tudo, por cada dia, por cada cuidado e pelo presente que foi deixar sua irmã e eu formarmos uma família.

— Acho que esse coma te deixou fresco – James disse – isso é um péssimo sinal. De qualquer modo, eu tenho que ir, eu não posso perder o voo, assim que eu arrumar algum tempo, eu volto aqui.

— Ok – eu acenei positivamente.

Voltei para dentro de casa, fechei as cortinas da casa, e subi para o andar superior. Espiei o quarto de Nicole, ela estava dormindo sossegada na cama, sentei dois minutos ao lado dela. Emily a trocara desde cedo, ela já estava com o pijama de heróis que gostava. Ela tinha crescido tanto, era uma menina tão linda, que não tinha nada nesse mundo que eu quisesse mais do que fazê-la feliz, como pai amigo e o companheiro que ela precisaria durante o seu aprendizado.

A cobri, baixei a luz do quarto e fui para o meu próprio, retirei a camisa assim que entrei alí, eu já estava com vontade de ficar sem roupas há algum tempo. Meu físico estava se recuperando, eu tinha uma rotina de exercícios pesada, todos para reconstrução muscular, além de estar estudando e lendo muito para tentar melhorar a memória. Eu não estava mais esquecendo tanto, mas, de vez em quando, eu ainda tinha alguns lapsos de memória que me faziam esquecer as coisas. Eu esquecia, por exemplo, que eu já era casado, e Emily tinha toda a paciência do mundo para me fazer "reapaixonar" por ela. Com a esposa linda e gostosa que eu tinha, bom, isso não era muito difícil.

Entrei no banho, Emily não estava, ela provavelmente estava guardando mais uma de suas surpresas para a noite. Tomado o banho, vesti meu moletom e uma camisa de flanela, fui deitar-me na cama. Aquele quarto tinha o poder de ser tão novo e familiar ao mesmo tempo, que às vezes assustava.

— Deitado? – eu ouvi a voz de Emily me perguntando.

— Sim, deitado.

Eu já sorria em expectativa, muito bem, os homens são meninos nessa hora, mesmo com toda a pompa, eles apenas querem ver sua mulher encima ou embaixo deles.

Emily veio para o quarto. Ela estava tão diferente da menina das minhas lembranças. O corpo dela era o mesmo, o rosto, o cabelo, apesar de diferente ainda era o dela, mas agora ela tinha uma aura de feminilidade que a deixava como o ser mais provocante do planeta, e esse ser era meu, pasmem.

Eu ia me levantar para ir até ela.

— Não, não e não – ela falou com uma voz baixa e firme – eu mandei você fazer alguma coisa?

— Não, senhora – eu entrei no jogo – não pediu coisa alguma.

Cara, eu ia adorar isso.

— Retira essa camisa.

Ela pediu, nem precisava repetir, a camisa já tinha ido ao chão. Ela apontou para a calça. Ok, se é o que ela quer. Retirei-a, e ela sorriu um daqueles sorrisos maldosos e excitantes que mostrava que ela tinha aprovado o que via.

Emily, que ainda estava com um robe preto, cujo laço que prendia estava afrouxado, o retirou de si e o jogou ao lado do corpo. E, eu juro, eu nunca iria cansar de ver essa cena. Ela tinha a cintura esguia, e o quadril tinha uma curva primorosa, os seios pareciam sempre prontos para serem bebidos e o olhar dela, nesse momento, incubava um desejo absurdo, talvez fosse o meu próprio olhar refletido.

Ela andou até a cama e se equilibrou sobre ela. Quando chegou perto de mim, a parte que eu desejava a quase centímetros do meu rosto, ela se deixou sentar sobre mim. Ainda vestida, e me deu mais um daqueles beijos que sempre me deixariam sem ar. Não tinha como eu amá-la mais do que eu a amava agora.

Peguei o rosto dela nas mãos e aprofundei o beijo, como eu a queria, como eu a desejava, nenhum outro beijo se comparava ao dela. E o mais incrível, de tudo mesmo, é que sempre parecia novo, era como se fosse sempre a nossa primeira vez.

Minhas mãos deslizaram para suas costas, apertando-a de leve até chegar ao sutiã. Quando a peça caiu, eu matei a sede que eu tinha de seus seios e colo, de sua pele alva e do cheiro dela. Aquele cheiro me alucinava.

— Nicholas...

Eu adorava quando ela chamava meu nome, aquilo só me fazia lembrar que eu era dela, que eu sempre fui e que ela era minha.

— Diz pequena... – eu falei baixo, contra a boca dela, enquanto deslizava minhas mãos para dentro do tecido fino da calcinha – é isso que você quer? – perguntei e fiz uma leve massagem – assim...

Ela sabia bem o que queria e como buscar. Movimentando-se contra minha mão, lisa, como sempre, meu dedo escorregou para dentro dela. E era assim que eu a queria, quente contra minha pele.

— Eu não quero assim... – ela me sorriu de repente e me empurrou contra os travesseiros.

— Aprendeu novos truques enquanto estive fora, senhora Theodoridis? – perguntei quando a vi rasgar os lados da calcinha e puxá-la com cuidado jogando o tecido na minha cara e sorrindo de mim.

— Aprendi algumas coisinhas para você.

— Tenho que ficar preocupado?

— Deve, olha para mim – ela pegou o meu rosto em suas mãos enquanto se encaixava em mim, enquanto nos tornávamos apenas um – você gosta assim? – ela se movimentou devagar, primeiro, depois um pouco mais rápido.

Eu estava simplesmente hipnotizado pelos seios dela à centímetro do meu rosto, me concentrando em controlar o movimento contra o dela para que ela tivesse o seu prazer, seu prazer comigo, e apenas comigo sempre.

— Nicholas... – ela pediu – mais...

Eu aumentei um tanto da velocidade e dos movimentos, me desencostei dos travesseiros e enlacei um braço ao redor de sua cintura, assim eu a puxaria mais contra mim, com mais força, com mais precisão. Emily era simplesmente a mulher mais gostosa do mundo, ela se arrastou devagar até o prazer, enquanto eu sussurrava obscenidades ao ouvido dela, e se eu não tomasse cuidado, em pouco tempo ela me levaria consigo.

Senti quando ela contraiu e amoleceu sobre mim, senti quando o fio de um suor de prazer correu pela sua costa e tocou meus dedos. Ela mordeu os lábios e me olhou ainda com os olhos azuis anuviados pelo prazer e se moveu, sentando

na cama e abrindo as pernas para mim.

— Agora você... – ela me chamou com o indicador – não tenha pena de mim...

Movi-me sobre ela e me deixei afundar e ter meu prazer com ela alí. Os seios dela sendo esmagados contra meu peito, ela mordendo o músculo do meu braço quando as estocadas aumentaram de força, ela soltando baixos e deliciosos gritos quando eu mordia seu pescoço e entrava e saia de dentro dela de vez.

— Você é uma deusa gemendo... – eu sussurrei contra ela enquanto a fazia gemer outra vez.

— Você que é um deus fod... – ela não completou a palavra, meu movimento a fez fechar os olhos e soltar outro dos lamentos de prazer.

Era fácil, muito fácil, alcançar meu prazer com ela. Emily, porém, era minha menina, minha pequena. E eu seria muito malvado se acabasse alí e não a satisfizesse de todos os modos possíveis até que finalmente eu alcançasse o meu.

Ela era simplesmente a minha perdição. Em cada curva, em cada saliência e

reentrância, em cada um dos detalhes que compunham seu corpo, ela tinha sido moldada para mim, e eu sabia, sabia, bem no fundo, que não era simplesmente sexo o que fazíamos. Era arte, era poesia, era de tudo um pouco, mas era principalmente amor.

Para sempre ele

EMILY

Se me perguntassem o que é felicidade, eu não saberia responder. Talvez a felicidade estivesse em cada um dos momentos em que Nicholas se lembrava de alguma coisa do nosso passado, ou de quando ele me sorria quando voltava a me amar depois de ter me esquecido. Ou ainda dos momentos em que ele compartilhava comigo na cama. Poderia ser também os instantes em que éramos uma família, uma linda família, jantando no tapete da sala, quando ele beliscava a comida de Nicole, ou quando ela o acordava pela manhã, bem cedo, com beijos.

Eu tinha conseguido um contrato com uma editora, em breve, muito em breve, meu romance baseado na história do tempo que ele passou em coma seria lançado, junto com ele o meu livro de poesias, e eu mal podia esperar para lhe revelar a surpresa.

Eram os últimos dias do sol de East Valley, logo a temporada de frio começaria e, se tivéssemos sorte, Nicole teria o seu primeiro inverno com neve. Os pais de Nicholas, que eu só tinha conhecido no tempo em que ele estava doente, viriam visitar-nos na próxima semana, e nós tínhamos que aproveitar para "batizar" todos os lugares da casa enquanto eles ainda não tinham chegado, já que depois teríamos que nos controlar.

Eu tinha encontrado minha parcela de felicidade na terra, eu tinha realmente encontrado aquilo pelo que meu sangue cantava, e pelo que meu espírito clamava sempre que eu tinha orado, e isso tudo se resumia numa única cena que, se congelada, daria um lindo retrato.

A cena era linda, o homem da minha vida ensinando minha menina a nadar. Ela era simplesmente a cara dele. E ele sempre olhava para ela com um ar de apaixonado, com um ar devotado. Amávamos nossa pequena criação e ele a amava por dois, pelo tempo normal e pelo tempo que não esteve presente.

Quando Nicole deu as primeiras braçadas sem precisar do macarrão, eu vi o momento em que ele esteve orgulhoso. Nicholas tinha vendido a parte dele da empresa, um novo sócio chegaria, com o dinheiro que ele ganhou, meu trabalho e mais a carteira de investimentos que ele tinha, conseguiríamos ter uma vida confortável por um longo tempo. Por enquanto, ele ainda não queria voltar a trabalhar. Tinha pensado em ficar, por um tempo, apenas aproveitando a vida que lhe tinha sido roubada por algum período de tempo.

— Vem para cá, minha pequena – ele me chamou, me roubando de meus pensamentos – eu estou louco para te ver de biquíni – ele piscou para mim e Nicole continuou batendo os pezinhos segura á mão dele que não permitia que ela afundasse.

Levantei-me e tirei os óculos escuros e o chapéu que protegiam meu rosto dos raios do sol de quatro horas, e retirei a bata fina que eu usava. Nicholas me deu um daqueles olhares de "molhar calcinha" como eu chamava, que me fazia ter pequenas ondas de contração num lugar um pouco abaixo do umbigo.

Nicole queria ir para o colchão dela, um colchão rosa inflável que ela tinha ganhado de Vivian, e ficou alí sentada, a poucos metros de nós, atirando num

pato inflável com uma pistola de água. Ela tinha uma paixão por armas, desde pequena, e eu já sabia que isso tinha sido culpa de Violet.

Nicholas ficou segurando o colchão de Nicole, para prestar atenção caso ela caísse, e quando eu entrei na piscina, ele veio para perto de mim, me apertando contra a parede.

— Absolutamente linda... – ele disse com uma voz rouca perto de minha boca e me beijou, muito de leve, mas ainda assim me mandando uma carga de intensidade – minha... – ele me deu outro beijo – e minha dona.

Eu sempre sorria envaidecida com a frase, não adiantava, era um luxo poder se sentir dona de alguém. Eu o beijei mais um pouco, até que Nicole chamou nossa atenção. Por ter se jogado na água outra vez. Nicholas mergulhou atrás dela.

A tardinha estava caindo, entramos. Antes que esfriasse, coisa que já estava prevista pela previsão do tempo, mas, miraculosamente, ainda não tinha acontecido. Nicholas carregou Nicole e lavou o cabelo dela no chuveiro. Ela tomou uma sopa e quis dormir. Não era nem sete horas, e ela acordaria na madrugada agitada, mas ele não sabia dizer não para ela.

Desci as escadas, comecei a preparar um risoto e, algum tempo depois, ele se juntou a mim. Com seu moletom cinza que o deixava irresistível, a barba por fazer e o cabelo dourado caindo perto dos olhos, um olhar castanho intenso. Aquele homem era minha ruína. Eu tinha que fazer outro filho com ele ou, pelo menos, tentar, que era a melhor parte.

— Pare de me comer vivo com o olhar – ele disse e abriu os braços – não me ameaça, mas me devora – ele piscou para mim e sentou na cadeira em frente á bancada da cozinha quando eu apontei para a pia.

— São suas...

Ele fez uma careta e me sorriu:

— O que? O que são essas coisas? O que tenho que fazer?

— Lavá-las – respondi com um sorriso – e nem adianta fingir que esqueceu como se faz isso. Eu não caio mais nessa.

Ele veio para meu lado, mas longe de pelo menos tocar nas louças, ele segurou meu quadril e se encostou a mim por trás. Colocou, com cuidado o meu cabelo, atrás da minha orelha e começou a mordiscá-la devagar.

— Você vem sempre aqui? – ele perguntou baixinho, e a combinação de voz rouca e respiração quente, me fez encolher um pouquinho devido a um arrepio.

— Nem sempre, só quando meu marido não está em casa – eu brinquei e me arrebitei um pouco para ele.

— Como é um idiota... – ele falou outra vez e suas mãos apertaram minha cintura, ele sempre adorou fazer isso, e eu não me importava com as marcas que estariam alí no outro dia, o que eu queria apenas era sentir que era uma coisa dele – aposto que ele não sabe que estou aqui.

Eu sorri um pouco, mas não queria sair do espírito da brincadeira.

— Não, ele não sabe... Se ele souber, vai brigar feio com você. Como ousa me tocar desse jeito? Apenas ele pode.

— A senhora não está reclamando – ele disse e se inclinou mais sobre mim, me fazendo ter que apoiar sobre a bancada da cozinha. Que se dane o risoto, pediríamos pizza, mas eu queria sentir aquele homem.

— Acho que posso esconder isso dele, uma vez, apenas...

Ele sorriu contra minha orelha, e as mãos dele chegaram o tecido do biquíni para os lados, deixando apenas os seios expostos e encostando-se ao granito preto são Gabriel da bancada.

— Senhora... – ele pediu com aquela voz de novo, se ele continuasse sussurrando desse jeito ao meu ouvido, eu não duraria mais de dez minutos depois que ele estivesse dentro de mim – estou faminto.

Eu poderia me fazer de desentendida e tentar puxar uma piada, é, por que eu ainda não sei direito como me comportar às vezes, mas arruinaria tudo. Eu me inclinei mais um pouco e voltei meu pescoço num ângulo que nossas bocas quase se encostavam e pedi: — Então me come.

Nicholas inspirou profundamente, e desatou os nós da parte debaixo do biquíni. Ele sabia me fazer tanto uma santa quanto outra coisa quando estava com ele. Ele tinha um rosto de anjo, mas daqueles bem maus, que te querem

fazer pecar. Eu o ouvi cuspindo e depois ele afastou minhas pernas, e então ele já estava deliciosamente dentro de mim.

Ele tinha um ritmo, um gingado e uma força que iam aumentando conforme o tempo passava. Eu poderia apenas ficar de olhos fechados e sentir, como no começo, mas eu não queria que tudo terminasse e eu não olhasse o rosto simplesmente esplendoroso dele quando ele estava se movendo.

Eu voltei meu rosto e deixei que ele me beijasse, e que aprofundasse o movimento. Ele era tão forte, grande, que eu me sentia pequena demais perto dele, como se ele me pudesse partir num só dos movimentos, mas também não fosse capaz de fazê-lo pelo quanto que me adorava.

Eu podia ter terminado alí, ele sabe, mas ele não queria. Ele já me tinha dito uma vez, adorava o som e a sensação de ver meus seios sendo esmagados contra o peito dele, e de vê-lo entrando e saindo de dentro de mim. Nicholas me virou de frente e me carregou, me colocando na beirada da mesa de madeira da sala de jantar (desde o dia em que ele a comprou ele já me tinha dito para o que ela serviria) e se encaixou em mim.

— Agora sim... – ele urrou baixinho – e inclinou a cabeça para trás, primeiro, depois tornou a me olhar.

O que era o "L'appel du abyss" perto do chamado que eu sentia quando Nicholas estava me pedindo com uma voz quente que eu tivesse meu prazer para ele?

As mãos dele me travaram pelos ombros e ele aumentou o ritmo e a intensidade de seu desejo, assim como de seu movimento, depois os dedos dele desceram para completar o movimento com uma massagem deliciosamente convidativa. E eu fechei meus olhos inclinando minha cabeça para trás e me deixei levar por aquela sensação.

Ele sabia que eu estava perto, ele sempre se movia certeiro do jeito que ele sabia que me arrastaria mais rápido para perto dele. Ele sorriu quando eu gemi pela intensidade do prazer chamando o nome dele e depois terminou dentro de mim.

Ele estava lindo e suado me observando e correndo as mãos de leve pela minha cintura, próximo da costela, me fazendo sentir as ultimas reminiscências dos arrepios.

— Eu vou contar ao seu marido – ele disse – que você deu para mim na mesa de jantar dele.

— Conte, eu nego até o último momento – eu respondi sorrindo – Sabe, tem uma banheira lá encima que está pedindo para ser estreada. Além disso... Eu quero experimentar uma coisa.

Com o olhar animado que ele me deu, ele sabia exatamente do que eu estava falando sem precisar colocar em palavras.

Para sempre nós

James e Vivian estavam me esperando na frente da igreja. Matheo estava sentado num dos bancos, Violet estava cantando uma música de fundo e uma pequena orquestra de cordas acompanhava a canção.

Eu tinha voltado para ela, depois de tanto tempo perdido do meu amor eu tinha voltado para minha casa. Emily era, é, e sempre será a minha casa.

“Garotos trabalhando no vazio... É esse o melhor jeito de enfrentar o calor sufocante?”

Emily sempre fora a razão da minha vida, e ela tinha me dado outra razão para viver – a pequena Nic. Nicole entrara na igreja, primeiro, o trabalho dela era jogar pequenas pétalas de flores por todo o caminho por onde a mãe dela andaria, mas ela parecia mais empolgada com o som dos sapatinhos de guizo do que com suas tarefas, e acabou jogando o cesto fora antes do meio do trajeto.

Eu não me lembrava de como tinha sido o meu primeiro casamento com Emily, por isso fizemos um segundo. Eu casei com ela, da primeira vez, apaixonado, é o que todos dizem, e caso a segunda vez apaixonado também. E se precisasse, eu casaria ainda umas duzentas vezes a cada vez que eu esquecesse estas.

Nicole correu para o braço de James e ficou sendo carregada por um tempo enquanto a mãe dela entrava na igreja. Não tinham milhares de pessoas, apenas James e Vivian, Violet e Matheo, a pequena orquestra, Nicole, Emily e eu. Era um casamento para mim mais que para a sociedade. Emily surgiu com um vestido colado ao corpo. Ela estava esplendorosamente gostosa, a cauda sereia do vestido acabava deixando-a com a curva do quadril ainda mais acentuada. Emily estava se tornando a mulher mais linda que eu já tinha visto na terra. O cabelo preso por um diadema de diamantes reluzia num tom de louro acobreado. Ela tinha mudado a cor, mas ainda era ela, sempre seria minha Emily em cada detalhe.

Cara, ela estava com curvas maravilhosas, abençoado seja o Krav Maga.

Quando ela chegou perto de mim, e eu perdia um pouco de fôlego a cada vez que ela se aproximava, eu sorri para ela, convencido da mulher que eu tinha e de ter sido escolhido.

— Oi – ela piscou para mim.

— Olá, outra vez – eu pisquei de volta para ela.

Ajoelhamos e esperamos que o pastor começasse com os seus dizeres: —

Noivos caríssimos, viestes à casa da Igreja para que o vosso propósito de contrair Matrimónio seja firmado com o sagrado selo de Deus, perante o ministro da Igreja e na presença da comunidade cristã. Cristo vai abençoar o vosso amor conjugal. Ele, que já vos consagrou pelo santo Baptismo, vai agora dotar-vos e fortalecer-vos com a graça especial de um novo Sacramento para poderdes assumir o dever de mútua e perpétua fidelidade e as demais obrigações do Matrimónio.

Acenamos positivamente, ele continuou:

— Diante da Igreja, vou, pois, interrogar-vos sobre as vossas disposições.

— Nicholas e Emily, viestes aqui para celebrar o vosso Matrimónio. É de vossa livre vontade e de todo o coração que pretendeis fazê-lo?

— Sim – Emily disse.

— É, sim – eu concordei.

— Vós que seguis o caminho do Matrimónio, estais decididos a amar-vos e a respeitar-vos, ao longo de toda a vossa vida?

— Estou sim – Emily disse.

— Sim, eu estou – eu assenti outra vez.

— Estais dispostos a receber amorosamente os filhos como dom de Deus e a educá-los segundo a lei de Cristo e da sua Igreja?

Emily olhou para Nicole que observava-nos quieta dos braços de James, e eu fiz o mesmo.

— Sim, estou disposta – Emily disse.

— Sinto-me disposto também – eu disse.

— Uma vez que é vosso propósito contrair o santo Matrimónio, uni as mãos direitas e manifestai o vosso consentimento na presença de Deus e da sua Igreja.

O pastor fez um gesto para que levantássemos, assim o fizemos, eu tomei a mão direita de Emily.

— Eu, Nicholas Theodoridis, recebo-te por minha esposa a ti Emily Theodoridis, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida e por toda a eternidade.

Os olhos de Emily brilhavam de felicidade e emoção enquanto eu dizia as palavras para ela, ela repetiu os votos.

— Eu, Emily Theodoridis, recebo-te por meu esposo a ti Nicholas Theodoridis, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.

Colocamos a aliança em seguida, e eu não pude deixar de coroar a mão delicada de minha esposa com os meus beijos.

— Confirme o Senhor, benignamente, o consentimento que manifestastes perante a sua Igreja, e Se digne enriquecer-vos com a sua bênção. – o pastor continuou a benção – Não separe o homem o que Deus uniu. Pode beijar a noiva.

Beijamo-nos, de leve, verdade, mas era um beijo tão pleno de sentimentos que não havia outro no mundo que eu quisesse mais que aquele.

A orquestra começou a entoar um louvor e todos nós acompanhamos.

— Bendigamos ao senhor – o pastor disse – O sacerdote convida os presentes ao louvor de Deus. Bendigamos ao Senhor.

Todos respondem:

— Graças a Deus.

Violet aproveita o fim dos louvores e recomeça a canção de antes.

“Eu só penso no meu amor. Eu estou tão cheio de amor que mal podia comer. Não há nada mais doce do que o meu amor, nem ao menos quis o fruto da cerejeira porque meu amor é tão doce quanto pode ser. Ela me dá dor de dente só por me beijar.

Work Song, Hozier, era simplesmente perfeita para Emily e eu naquele momento.

— Concede-me a honra desta contradança? – eu sorri para Emily e estendi minhas mãos numa pose para a valsa.

— Concedo todas elas – Emily disse e me sorriu.

Começamos um movimento calmo, de um lado para outro. Ela olhava-me aos olhos, bem da forma que ela sabe que me apaixona mais e também me deixa louco e se deixou ser guiada. A música era nossa.

“Quando o meu amor me encontrou, eu estava há três dias numa bebedeira pecaminosa. Eu acordei com suas paredes ao meu redor, nada em seu quarto além de um berço vazio e eu estava queimando em febre. Eu não me importava muito o quanto vivi, mas eu juro que pensei ter sonhado com ela. Ela não me perguntou nem uma vez sobre meus erros”.

Emily recostou o rosto, graciosamente sobre meu ombro e eu apoiei meu

queixo em sua cabeça. Eu fechei os olhos e me deixei afundar naquele momento, afundar-me em todas as sensações que ele aflorava em mim. A música continuou:

“Meu amor não tema sobre o que as minhas mãos e meu corpo fizeram, Se o senhor não me perdoar, eu ainda teria meu amor e meu amor me teria. Quando estava beijando o meu amor e ela colocou seu amor embaixo, suave e docemente. No terreno do campo eu estava livre. Céu e inferno eram palavras para mim”.

Emily voltou a me olhar no rosto, e enquanto eu a girava devagar, ela sorriu, e foi com um sorriso no rosto que colamos nossos lábios outra vez. E a música, ah, a música era para nós dois!

“Quando minha hora chegar... Coloque-me gentilmente na terra escura e fria. Nenhum túmulo pode me segurar. Eu vou rastejar de volta até ela”.

E fora isso que eu fiz. Eu não consegui me deixar prender pelos braços da morte, não quando um amor como o de Emily me esperava do lado da vida. Eu a amava mais que a mim mesmo, e eu só confirmava isso a cada dia.

Quando os nossos lábios se separaram eu a vi, outra vez, com outros olhos, num reconhecimento antigo. Eu não parei de girar, mas dei um enorme sorriso.

— O que foi? – ela perguntou ao se aproximar do meu ouvido e soprar as palavras – do que ris?

Eu toquei o rosto dela e sussurrei:

— Por favor, peça que eu a beije...

Ela me olhou confusa, mas então um brilho de uma alegria veio ao rosto dela, um brilho de compreensão e mais felicidade do que nosso peito poderia caber. Beijei-a mais outra vez e encostei minha testa à dela enquanto dizia.

— Sim, meu amor – eu sorri para Emily que voltava à minha mente depois de emergir das memórias – eu estou lembrando... Eu estou me lembrando de tudo.

DEISY MONTEIRO

Redenção

EM EAST VALLEY

VIOLET

LIVRO IV

COPIRRAITE © 2016

DEISY MONTEIRO

Coordenação Editorial

Deisy Monteiro

Revisão

João Garcia

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de um revisor, que poderá citar breves passagens incorporadas em artigos críticos ou em uma revisão.

Nomes de marca registrada aparecem ao longo deste livro. Ao invés de usar um símbolo de marca registrada com cada ocorrência de um nome de marca registrada, os nomes são usados de maneira editorial, sem intenção de violação de marca comercial do respectivo proprietário.

As informações contidas neste livro são distribuídas "como estão", sem garantia.

Embora toda precaução tenha sido tomada na preparação deste trabalho, nem o autor nem a editora terá qualquer responsabilidade perante qualquer pessoa ou entidade com respeito a qualquer perda ou dano causado (ou supostamente causados) direta ou indiretamente pela informação contida neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Revisado conforme novo acordo ortográfico.

DEDICATÓRIA

Dedico este escrito ao poderoso Deus que me tem mostrado como é bom estar em suas mãos.

Ao meu amado, João Garcia, meu amor e meu melhor amigo.

Aos meus amados leitores, muitos tem se tornado meus melhores amigos, me inundam de uma alegria e uma força tão incrível, que eu nunca mais me senti entristecida.

Vamos fugir daqui, me dê sua mão e vem comigo, as pessoas me assustam e sei que você também não se sente em casa, vamos colocar tudo em uma mochila, sonhos, chocolates e gibis, leve um casaco pode ser que faça frio, vem comigo, o mundo parece menos sombrio se te tenho por perto!

Não olhe pra trás pode ser que mude de ideia, deixe um bilhete dizendo 'fui ser feliz' é clichê, mas sempre conforta.

Vem comigo vamos ver o mundo de outra maneira, vamos ser livres, andar descalços, se equilibrar no meio fio, tomar sorvete até se lambuzar e ficar grudentos, vamos apostar corrida, tomar banho de chuva ficar gripados, assistir desenhos sem se preocupar com o trabalho, vem comigo e se eu pensar em voltar me lembre o quanto os seres humanos nos amedrontam!

GLAUCIKELLI ROCHA

PRÓLOGO

Os segundos caem sobre mim como gotas de chuva... De tanto que o tempo passa sobre mim que já estou encharcada...

Os minutos caem sobre mim como beijos silenciosos... Tão bom e senti-los que eu fecho os olhos para recebê-los...

Já disse que amo ser beijada?

As horas caminham diante de mim uma a uma. Como damas travessas e me sorriem... Observo quando passam e me acenam com os dedos gentis...

Os dias passeiam e conversam entre si e já não me notam. Eu os observo passar de soslaio, pois sabem do que falam. Conversam sobre distância, ausência e presença...

Eu sento e observo passar uma a uma... Um após um... Enquanto os acompanho penso em ti...

Como estarás nestes dias, pensas em mim? Pensas tu nas minhas silenciosas súplicas por ti quando anoitece? Sentes os beijos doces que te dou nestas madrugadas? Sentes como minha mão passeia por ti, ate não restar nada?

Apenas sento e aproveito um ultimo brandy...

Ergo a taca e brindo com todos que me rodeiam... A esta alegre falta... À chuva desta tarde que lavou minha alma... Aos teus lindos suspiros de saudades

APACHE WELLS

— Cara, isso é apenas uma carona, você não vai demorar muito! – Eu tinha que dizer, Matheo estava com uma cara enfezada e ridícula, antes que eu soltasse os cachorros para cima dele, ele tinha que ser avisado – melhora essa cara aí, não sou obrigada a conviver com ela.

— O problema não é te dar uma carona, Violet – Matheo explicou – o problema é eu te dar uma carona quando sua casa fica do outro lado da cidade. Um aviso teria sido bom.

— Ah, mas aí você nem viria – eu me estiquei um pouco, odiava o modo como eu me sentia presa dentro de um carro – calma, está chegando. Só falta umas quadras.

— Quantas quadras?

— Algumas.

— Quantas.

— Cinc...

— Cinco?

— Umas cinquenta – olhei para ele e dei o meu maior sorriso.

Matheo parou o carro no acostamento e olhou para mim com um rosto incrédulo.

— Cinquenta?

— Por volta disso – eu dei de ombros – mas é sua culpa.

— Como pode ser a minha culpa?

— Quando eu te disse para me levar primeiro, você não ouviu. Seriam apenas algumas quadras, agora você tem que voltar todo o caminho e me levar.

—*Pirla!*

— Olha a boca, rapaz, eu não sou estúpida, e eu sei exatamente o que significa! *Stronzo!*

— Vai a cagare – ele disse, bom, isso não precisava de tradução. Sorri mostrando que não tinha me afetado nem um pouco.

Matheo iria ligar o carro outra vez, mas eu percebi que ele provavelmente tinha algum local para ir. Matem-me, ok, mas eu fiquei com peninha dele.

— Matheo – eu chamei – para aí! Diz-me aonde quer ir, tipo, você parece estar com pressa, tem algum lugar para ir?

— Eu vou te levar para sua casa, não se preocupe, eu só tenho que cortar caminho...

— Ei, pera – eu tive que colocar a mão sobre ele, para que ele parasse – eu vou fazer uma coisa por você – pensei um pouco, é, era o melhor a fazer – vai aonde?

— Eu tenho um encontro.

— Aff, por que não imaginei? – continuei – me leva, você chega ao seu encontro, eu pego o carro e vou para casa, na saída você pega um táxi.

— Nicholas pode não gostar disso.

— Eu me entendo com meu chefinho – eu disse – eu realmente acho que ele não se importará, qual é? Sou amiga da mulher dele.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ele nem pareceu ponderar, simplesmente fez uma curva perigosa com o carro e acelerou pelo caminho de volta. Dei adeus à idéia de sono tranquilo daquele dia.

— É assim que você vai a um encontro? – eu perguntei assim que paramos num sinal – quer dizer, não há nada demais, mas blazer? Parece até que está ainda se baseando nos encontros da sua época. Vem cá.

Levantei-me um pouco e retirei o blazer dele, aproveitei e abri dois botões da camisa e ergui as mangas até perto dos cotovelos.

— O que mais? – Matheo perguntou, mas estava olhando para meus peitos chacoalhando sob a blusa que eu sei.

— Primeiro, você tem que parar de olhar para minhas tetas, parece um tarado...

— São lindas, não pude evitar – ele me deu um sorriso de canto. Ele tinha um sorriso bonito, bem branco, contrastava com a pele dele, morena dourada, e uns olhos claros espetaculares, mas bastava eu lembrar que ele era um idiota que o encanto passava.

— Segundo – eu me inclinei um pouco sobre ele e comecei a bagunçar mais um pouco o cabelo dele, soltando-o de um penteado calculado e transformando-o numa bagunça – agora sim, perfeito.

— Estou gostoso o suficiente agora? – ele me perguntou dando um sorriso safado que pegaria qualquer outra garota despreparada, felizmente eu não era uma garota despreparada.

Dei uns tapinhas leves no rosto dele, sorrindo, e dizendo: — Bem menos, bebê, bem menos... Se concentre na estrada.

Era quase meia-noite, isso tudo que fizemos aconteceu no espaço de tempo em que o semáforo passou as cores e nos permitiu andar.

O carro deslizou pelas ruas, eu abri o porta-luvas do carro de Nicholas em busca de chiclete, mas ele não tinha. Só tinha a boa e velha bala de menta.

— Tem chiclete aí?

— Tenho.

— Me dá?

Matheo abriu a boca e me mostrou a bala mastigada sob a língua. Provavelmente pensou que eu não iria pegar, meti dois dedos na boca dele e peguei a maldita para mim.

— Você é louca, garota.

— E você gosta.

Quando eu vi o caminho o qual ele estava seguindo, meu queixo caiu, não apenas caiu, ficou totalmente arriado. Estávamos parando em frente ao Apache Wells Country Club, e a cada centímetro mais perto eu estava mais "Oh, my God!". Para entrar no Apache, você precisava de alguns pré-requisitos, dentre eles: Estar disposto a pagar cerca de duzentos dólares só de pedido mínimo, a

entrada que nunca era mais barata que cem dólares, ou, o que não anulava os dois primeiros, ser um membro VIP, um membro daqueles que não se importava em pagar uma anuidade caríssima para ter acesso direto ao local sem precisar enfrentar filas. Coisas que meu salário de estagiária ainda não permitia. Qual é? Duzentos dólares compra comida o mês inteiro lá em casa!

Quando Matheo abriu a porta do carro, e ia descer, a única coisa que me passou pela mente foi. Nem que eu precise implorar, mas preciso entrar aí! Me joguei sobre o banco do carona e peguei-o pelo Jeans, ele viu minha situação e voltou o rosto sorrindo.

— Já está com saudade?

— Não! Matheo, por favorzinho – eu pedi – me deixa ir contigo, nunca te pedi nada, nunca te pedi nada mesmo, me coloca lá dentro e eu sumo, não te atrapalho em nada. Meu sonho é dar vexame na Apache.

— Quer muito entrar assim? – ele perguntou com um sorriso safado.

— Aff, não quero mais – eu já ia me ajustar.

— Eu estava brincando – ele disse – vem, eu te coloco dentro, você some e não me atrapalha a noite inteira, pode ser?

— Ah! – eu saí do carro, dei a volta nele e me joguei contra Matheo, que mais parecia um muro de concreto – Eu vou adorar! Eu juro, não vou te atrapalhar. Oh my God, é a Apache!

— Eu sei o que é – Matheo disse – contenha-se, não vai começar a dar vexame da porta.

— Vexame maior é entrar aí com um chato feito você.

— O que? – ele colocou a mão no ouvido como se não tivesse escutado – estou sendo ofendido? Achei que você iria querer entrar...

— Quero, coisa linda – eu apertei a bochecha dele – quero muito entrar. Agora vamos!

Peguei-o pela mão para irmos ao final da fila, assim entraríamos lá pelas

duas. Matheo me segurou e não deixou que eu o puxasse por tanto tempo.

— O que foi? – me voltei questionando, "que ele não tenha se arrependido, que ele não tenha se arrependido..."

— Somos VIP – ele disse – não enfrentamos fila.

Eu quase gritei, não tinha como essa noite ficar melhor.

Matheo soltou minha mão e começou a andar até a porta. Ele tinha um gingado legal quando andava, e uma bunda fenomenal. Eu acho que eu poderia ficar andando um pouquinho mais atrás e só observar.

— Matheo, diz teu nome aí.

Eu me aproximei mais e disse a ele que se apresentasse.

— Não será necessário.

Mal ele calou a boca, o segurança da porta de entrada deu um sorriso para nós. Cumprimentando-o como se eles fossem velhos conhecidos.

— Senhor Barbieri! – ele retirou aquela trava da porta para que Matheo entrasse – muito bom vê-lo aqui.

Quando eu ia entrar junto, o segurança prendeu a trava outra vez.

— Seu nome, menina – ele pediu.

— Está tudo bem – Matheo disse – ela está comigo.

— Você podia ter dito isso antes, assim ele não precisava passar por esse constrangimento, ou eu.

— E perder a oportunidade de te deixar sem graça? – Matheo gargalhou de subir o peito – nem pensar.

Dei língua ao segurança quando passamos por ele e entramos no local. Cara, aquilo era simplesmente tudo! No começo, estávamos apenas em um corredor longo, mas lá no final dava para ver que o "tuts-tuts" estava acontecendo. Meus olhos brilhavam como se eu estivesse olhando uma AK-47.

Antes que eu entrasse pela porta, Matheo colocou a mão para me impedir de entrar.

— Nada de me atrapalhar.

— Ok – eu concordava, mas só olhava para as luzes que atravessavam as frestas da porta.

— Nada de beber feito uma louca.

— Ok... – cara, aquilo era simplesmente incrível, eu quase já conseguia

sentir a vibração da música.

— Nada de ciúmes.

— Ok... – eu nem estava ouvindo o que ele falava, só ficava repetindo "ok" até a hora que ele calasse a boca, eu estava doida para entrar alí.

— Pronto, estamos entendidos – ele disse – agora... – ele se aproximou mais da porta e os seguranças destravaram-na para abrir – bem vinda ao meu mundo.

As portas se abriram e eu só fiquei com uma cara embasbacada olhando para aquilo tudo. Cara, a gente já entrava pelo lado da festa, não tinha nem uma areazinha para os tímidos se esconderem, nós simplesmente estávamos de frente para o palco onde o DJ tocava o seu pendrive. Um jogo de luzes fazia as pessoas, pulando feito doidas, serem iluminados nos mais diferentes efeitos. Um palco de LED atrás do DJ projetava o nome dele e imagens aleatórias, o que me deixava quase hipnotizada.

A música estava numa frequência perfeita e me fez fechar os olhos dois segundos antes de ir me jogar no meio da multidão. Matheo aproveitou esse meio tempo e abriu a carteira, me deu cem dólares e falou perto do meu ouvido.

— Aproveite – ele andou mais um pouco e virou para mim, para avisar outra vez – e não me atrapalhe!

Eu sorri e joguei um beijo para ele.

Matheo desapareceu indo em direção ao que eu tinha notado ser um bar do lado direito do local. Aquilo seria totalmente demais!

"Prison Riot" (Sunday Service e 2fly remix) Flosstradamus, GTA e Lil jon. Cara, eu adorava essa música! Depois 'Yellow claw e Flux Pavillion, Catch me".

Eu podia ter um ataque no meio do povo a qualquer momento, morrer e eu nem ia ligar, já ia achar que estava no céu.

Músicas e músicas depois, e lá vinha ela, a sede de matar.

Eu já estava suada, de tanto dançar e pular, e dar uns foras nuns carinhas que pareciam querer me encher o saco, e saí do meio da multidão para ir procurar algo para beber.

Quando já estava um tanto longe, passei a mão no bolso em busca do dinheiro que Matheo tinha me dado. Onde estava o dinheiro? Evaporou. Provavelmente tinha caído no meio do povo enquanto eu estava dando um show na dança.

— Matheo, me perdoe, mas vou ter que te procurar.

Andei pelo bar, nada dele, andei até nas cabines privativas, nada dele, andei até um dos sofás numa área mais afastada, de onde se podia ver umas moças bem apessoadas dançando em jaulas, não estava lá.

— Se ele já tiver ido para casa, eu tô ferrada! – reclamei comigo mesma me repreendendo por não achar o dinheiro. Se eu voltasse para procurar a nota no meio do povo, eu provavelmente seria pisoteada.

Voltei ao bar, ao longe o vi, "minha salvação" pensei.

Minha salvação estava a ponto de engolir uma loira aguada, mas eu iria aparecer assim, repentinamente, não tinha problema.

Andei até eles.

— Oi! Brotei do nada! – eu falei e os dois se assustaram e se separaram por um tempo.

— O que está fazendo aqui? – Matheo perguntou com mil e uma repreensões no olhar.

— Quem é ela?

— Sou Violet – estendi a mão para a loura aguada, que até que tinha um rosto bonito – sou irmã dele.

— Irmã? – os dois perguntaram ao mesmo tempo, a loura olhou para ele – Sim, minha irmã.

— Vocês não se parecem...

"Não me diga, gênia".

— É que eu sou adotada, triste história – fiz beicinho.

— O que quer Violet? – ele perguntou, apesar do sorriso polido estava bem irritado.

— Perdi a grana que você me deu.

— Você perdeu cem dólares?! Como isso aconteceu, onde foi?!

— Se eu soubesse já teria voltado para buscar.

— Espera... – ele disse enquanto vasculhava a carteira – é o último da noite – ele me deu outra nota de valor semelhante – agora, some.

— Eu te adoro! – me ergui e dei um selinho rápido na boca dele – prometo que não atrapalho mais – virei para a loura e pisquei para ela – amor de irmão!

Comprei uma água, tomei, comprei uma dose de tequila, tomei, e voltei para curtir por mais tempo a pista e minha outra canção favorita "Levianth, Hades".

A noite não tinha como ser mais perfeita.

OPS, FOI MAL

Cara, o dia parecia que nunca iria acabar. Eu já me sentia mais feliz que pinto no lixo, mesmo assim a noite era apenas uma criança. Eu tinha bebido algumas doses de tequila, algumas águas, e beliscado uns petiscos que não desceram nada bem e já estavam na privada da Apache há muito tempo.

Eu não tinha, ainda, passado um vexame lá, e meu sonho teria que esperar mais um pouquinho. Até a próxima vez que Matheo me trouxesse, porque, querendo ele ou não, isso iria acontecer. Nem que eu me enfiasse no bolso da roupa dele.

Quando eu chegasse em casa, eu pegaria o dinheiro que ele tinha me emprestado, não gosto de dever as coisas a ninguém, especialmente a um homem que poderia querer cobrá-lo mais cedo ou mais tarde. Matheo era legal, muito, mas não deixava de ser um estranho. Um estranho gostoso, é verdade, mas um estranho.

— Oi, gata! – um cara chegou me pegando na cintura e ele tinha o pior bafo do mundo, uma mistura de álcool e cárie. E mais um jeito impertinente que pedia por um chute nas bolas – como você é gostosa. Que tal dançar aqui comigo? – ele fez um gesto obsceno.

Empurrei-o um tanto para longe, o fato de ele estar agindo feito um drogado ajudou que ele cambaleasse. Quando ele ficou um pouco atordoado, dei um perdido nele. Andei até mais para trás da multidão, onde tinha mais movimento, mas o filho da mãe era insistente e veio até mim.

— Não foge – eca, bafo de merda voltou – que tal esticarmos isso aqui no banheiro? Ele quis descer a mão pela minha cintura mas eu a tirei antes que ele me apertasse.

— Eita, que tremenda oferta! – eu ironizei – mas eu vou ter que recusar. Não quero, valeu.

Dancei um tanto mais para longe, lamentei ter deixado minha bolsa no carro, dentro eu tinha um spray de pimenta e um soco inglês que serviriam muito para um possível "round" com este sujeito irritante.

— Ei, ou, Vadia! – ele gritou quando eu estava me afastando, fingi que não era comigo, mas deixei-o de canto, apesar de minha vontade ser dar uns belos de uns socos lá onde iria doer.

Fechei os olhos, abri os braços, e comecei a rodar outra vez, música... Música sempre me deixava tão livre, eu estava sorrindo para mim mesma por

dentro, em êxtase. Senti as mãos de alguém me envolvendo outra vez. Ah, não, dessa vez o cara ia pegar o que merecia.

Estiquei o joelho e bati bem no meio das pernas do sujeito, juro que eu quase senti um "crac" quando esmaguei o negócio. Olhei para o cara no chão e já ia tripudiar sobre ele, quando.

— Oh, não...

— Violet... – Matheo estava com as mãos alí a ponto de cair de joelhos, sendo empurrado de um lado para outro pelo povo que pulava ao nosso redor.

— O que veio fazer aqui, seu idiota?!

Briguei com ele, como ele sai pegando as pessoas assim? Especialmente quando eu queria socar alguém. Ele só fez sinal para que eu esperasse um momento e firmou-se de pé, outra vez.

— O que veio fazer aqui? – perguntei – você me disse que eu não te

incomodava, e você não me incomodava.

— Você não cumpriu sua parte do contrato – ele disse – e eu vi um cara te assediando. Achei que poderia precisar de ajuda.

— Como você viu, – indiquei um local específico com o olhar – eu sei me defender. Não preciso de príncipes me resgatando.

— Eu estou indo embora – ele disse – achei que poderíamos ir juntos.

— O que está sugerindo, irmãozinho? – dei-lhe um sorriso malvado, culpa das tequilas.

— Estou sugerindo que você está bêbada demais, não quero te deixar aqui e ir para casa agora, vou ficar preocupado.

— Mesmo porque sua casa é em outra cidade.

— Aluguei um apartamento – ele estava se explicando, mas parou – quer saber, não importa. Quer vir comigo ou não?

— Que horas são? Você parece um velho, quer dormir às duas?

— Duas? Já são quase seis da manhã.

Parei de dançar um pouquinho, olhei para o povo ao redor, tentei procurar algum sinal de que Matheo falava a verdade. Nenhuma janela mostrava qualquer sinal sobre o dia lá fora.

— Você está mentindo – eu disse e toquei o peito dele com o polegar – você está mentindo.

Matheo retirou o celular do bolso e mostrou para mim o visor, e minha mãe, já eram cinco e vinte e sete da manhã.

— Oh, droga – eu reclamei – eu não vou dormir nada, amanhã tem trabalho, e eu vou estar pior que alguém que foi atropelado.

— Então vamos embora – Matheo disse – eu vou pagar o seu consumo, você e eu vamos dormir. Eu te levo para meu apartamento, sua casa é longe demais daqui.

— Mas você bebeu, não pode dirigir.

— Você não parece ser o tipo de pessoa que se preocupa com isso.

— Eu me preocupo com o que vai acontecer com o meu lindo corpinho.

— Ande, Violet – ele disse e me tomou pela mão – vamos, eu já estou cansado, já disse, não quero deixá-la aqui só. Você não está muito capacitada para cuidar de si mesma neste momento.

— Suas bolas dizem o contrário.

Ele me ignorou e continuou me puxando em direção ao bar. Pagamos a conta, e ele me puxou outra vez para o lado de fora. O sol ainda não tinha surgido. E foi quando eu parei alí, que eu percebi que realmente estava cansada.

Matheo esperou o carro e eu fiquei encostada ao braço dele, os olhos pesando de um sono que eu nem mesmo sabia que estava sentindo.

— Vamos – ele disse quando o carro parou e eu quase caí quando ele andou sem me esperar. Entramos no carro e eu reclinei o banco o máximo possível e fiquei deitada alí.

Matheo não parecia embriagado, na verdade ele parecia furioso, acho que eu peguei pesado com o meu chute. Ele dirigiu tranquilo e de vez em quando eu sentia que ele me lançava olhares furtivos. Embora eu estivesse cansada demais para abrir os olhos e xingá-lo por fazer isso. Acho que já era o rebote do Redbull.

Nem percebi que o tempo tinha passado, Matheo tinha parado num estacionamento de algum prédio. Eu subi com ele no elevador, apoiando a minha testa no espelho e vendo meu estado. Eu não estava cem por cento bêbada, eu estava apenas cansada, e com muito sono.

Quando o elevador parou no sétimo andar, Matheo me pegou pelo braço para me ajudar a andar.

— É aqui – ele disse quando a porta se abriu – entre.

O apartamento era pequeno, apenas um quarto e sala integrados, e um banheiro que devia ser pequeno.

— Quanto luxo, quase parece o meu – eu sorri e ele sorriu de volta.

— É temporada de eventos em Phoenix, Mesa e Scottsdale, todos os hotéis bons estão ocupados, me sobrou alugar um por temporada.

— Por que não fica na casa de seus amigos? – perguntei quando entrei e tranquei a porta.

— Eu não gosto de atrapalhar – ele disse – eu sou espaçoso demais, e eles precisam de, hum, um tempo para eles.

— Garoto esperto – bati no rosto dele e olhei para o local.

— Onde eu posso dormir?

— Pode ficar com a cama. Eu me viro no sofá.

— Não – eu tive que dizer – você é enorme, vai ficar todo quebrado quando acordar – olhei para a cama – você dorme lá, comigo. Dormir, apenas.

— Nunca dividi uma cama desse jeito com uma mulher.

— Que bom – eu disse e enfiei a mão por debaixo da blusa retirando o sutiã pela minha cintura – já era hora de aprender.

— Quer uma roupa emprestada? – ele disse e desviou o olhar de mim indo para um pequeno closet que ficava ao lado da cama – tenho algumas camisas enormes aqui.

— Quero, e uma cueca também, você tem alguma nova.

— Devo ter – ele disse – serve essa?

Uma cueca samba-canção de seda ia ter que servir. Ele as jogou para mim e eu pedi licença para ir ao banheiro. Me joguei água e me lavei com o xampu dele que estava sobre a pia. Vesti as roupas que ele me deu e voltei para o quarto.

— Nossa... – ele estava deitado na cama e riu da minha vestimenta, uma camisa que ia abaixo dos joelhos e uma cueca folgada na cintura – acho que nunca vi uma cena mais sexy na minha vida.

— Acostume-se, meu amigo – eu brinquei – sou um poço de sensualidade, é daqui para cima.

Andei até a cama e ele se levantou, foi ao banheiro e tomou algum tempo lá até voltar. Quando saiu do banho, eu estava a ponto de dormir, mas não era nenhuma boba para não ver Matheo apenas de calça de dormir.

— Isso tudo para mim?

Ele sorriu e veio para perto da cama.

— É, para você ter uns sonhos bem legais.

Ele abriu o closet e jogou um edredom para mim e pegou outro para si, se cobriu. Eu sabia que ele ia ficar me olhando algum tempo.

— O que você quer? – perguntei irritada, o sono quando chega me faz ser uma boa de uma boçal.

— Estou apenas tentando cair no sono, está difícil.

— Posso te ajudar com isso, tem clorofórmio?

— Uma vez na vida, leve as coisas a sério.

Ele ficou calado e eu consegui fechar os olhos por dois minutos. Quando os abri, era ele quem estava com os olhos fechados, não tinham se passado nem dois minutos.

— Stronzo...

Ele não respondeu.

— Matheo...

— Hum? – ele perguntou baixinho.

— Você não conseguiu arrastar a loura aguada para o abatedouro?

Ele abriu os olhos e coçou o rosto, adoravelmente sonolento, e respondeu: — Eu ia conseguir se quisesse. Porém não o quis.

— Por que não fez?

— Por que tinha uns caras cercando você e, querendo eu ou não, você era minha responsabilidade. Eu não podia sair com ela de lá e te deixar a Deus dará, e se você perdesse o dinheiro e não tivesse como ir para casa? Além disso, você poderia ficar por dias dançando sem parar, se eu não a tivesse chamado nem teria percebido que era tão tarde.

— Acho que ela te deu um pé na bunda.

— Mulher nenhuma me dá um pé na bunda.

— Admite, Matheo, ela te deu um pé na bunda – eu sorri de leve.

— Não, Violet – ele disse convencido – ela quis até terminar com tudo mais cedo, mas eu não quis, eu já disse que fiquei preocupado com você.

— Obrigada, irmãozinho – eu baguncei o cabelo dele.

— Por nada, irmãzinha.

Ele ficou quieto outra vez.

— Sabe... – eu comecei – se fosse o contrário, eu teria te deixado lá mesmo.

Ele sorriu e olhou para mim.

— Eu sei.

— Na próxima, eu te ajudo a conquistar umas moças. Sério, você acha que é o loucão, mas não é tudo isso. Se não fosse bonito ia ser um daqueles velhos antipáticos que ficam babando nos decotes.

— Acha que eu não sei pegar mulher?

— Acho que se fosse uma competição entre você e eu, eu a teria pegado primeiro.

Ele arregalou os olhos e ficou encarando meu rosto.

— É, stronzo, durma com essa imagem.

Eu me cobri, virei de lado e em menos de dois minutos tinha dormido.

EU SOU DO MAL

Quando eu abri os olhos, não reconheci o quarto de imediato, estava tudo estranho até que eu tive que piscar algumas vezes para ajustar minha visão. Ok, ainda era o quarto do Matheo. Eu estava vestida, mas onde estava esse italiano fajuto?

Me levantei e entrei no banheiro, ele não estava, Lavei o rosto e dei um jeito no cabelo com os dedos. Peguei um pouco de pasta de dente nos dedos, dei um jeito na boca e completei com o enxaguante bucal. Tirei a roupa e saí do banheiro outra vez, pegaria a roupa que tinha deixado sobre o banco e me vestiria.

Matheo tinha voltado.

— Ops... – ele virou de costa – desculpe, eu tinha levado o carro de Nicholas, voltei há pouco, comprei comida.

— Ah, que fofo – eu me vesti a calcinha e a calça – Matheo, me ajuda aqui – chamei-o, eu nem precisava de ajuda, só queria vê-lo mais constrangido – me ajuda a colocar o sutiã.

Eu ergui a peça para ele, meu cabelo longo ainda cobria meu seio, e ele tinha uma cara lindamente adorável tentando enxergar através dele. Virei de costas e ele veio para perto.

— Nunca que eu perderia essa chance – ele disse, e longe de estar constrangido, parecia totalmente à vontade com a situação – sou especialista em retirar essas coisas, mas não precisa de um PHD para saber colocá-las.

— Tá, cala a boquinha e faz logo.

Ele colocou o sutiã e me virou de frente para ele. Analisou o conteúdo e apertou um pouco seio ajustando-o no bojo.

— Agora sim, perfeitos – ele me sorriu com um brilho de diversão – eu não tenho nenhum equivalente disso para você me ajudar, então não vou pedir reciprocidade de favores agora.

Ele se esticou e pegou minha blusa jogando no alto da minha cabeça.

— Não há nada que você faça, Violet, que possa me deixar constrangido de alguma forma.

— Isso é um desafio?

— Não, é uma constatação.

Matheo foi até a sacola que ele tinha trazido e pegou dois potes de plástico, um para ele e o outro estendeu para mim.

— Que é isso? Cadê o café?

— Dá para olhar na sacola antes de reclamar. É quase cinco da tarde, eu não comi nada, nada mesmo... – ele ressaltou a palavra.

— Come então, eu quero café.

Peguei a sacola e um dos copos de café da Starbucks. Preto, forte e sem açúcar. Aquilo era perfeito. Quando terminei o café, Matheo ainda nem tinha terminado de comer. Levantei e bati na roupa, me calcei rapidamente.

— Eu já estou indo, Matheo – eu disse – eu preciso inventar uma justificativa para a falta do trabalho.

— Ei, calma aí – Matheo disse de boca cheia – eu vou te levar, e não se esqueça, você está na casa do chefe, ele vai entender seu atraso.

— Até onde sei o meu chefe é Nicholas.

— Não é mais, agora sou eu. E o novo sócio que vai chegar em alguns dias. Nicholas já vendeu a parte dele da empresa, enquanto eu estiver preparando as boas vindas, eu ficarei na cidade.

— Hummmmm...

— O quê?

— Não sei por que a idéia de você como chefe não me agrada.

— Acostume-se a ela. Espere mais dois minutos, eu vou levar você.

— Não me lembro de ter pedido.

— Não me lembro de ter perguntado se queria.

— Olha então eu mostrando o que quero – eu levantei e ia sair pela porta – tudo acaba se uma palavrinha mágica for dita.

— Por favor – Matheo disse.

— Agora sim, vejo que foi ensinado direito.

Algum tempo e discussões depois, estávamos indo para casa. Ele usou a Harley Davidson que tinha alugado, e eu acho que gostei um pouquinho mais dele naquele momento. Só um pouco, nada demais.

Ele tinha razão em ter ficado zangado antes. Minha casa é longe para caramba da dele, da Apache, de tudo. Por isso sempre chego atrasada nos locais. Meu amigo, Alex, sempre me dá uma carona quando sai para a faculdade. Eu vou pela manhã ao estágio e à tarde para a aula. Hoje eu não tinha ido para nenhum dos dois.

No meio do caminho, a chuva nos alcançou. Precisamos parar num posto e ele aproveitou para abastecer. Eu estava com a roupa encharcada, ele também, e essa combinação de Matheo e gotas de água caindo do cabelo dele e escorrendo sobre a pele, sumindo para dentro do colarinho, bom, aquilo era uma visão de uma tentação incarnada.

— Sabe... – eu cheguei para perto dele e não baixei o olhar – você não imagina o quanto está quente. E se não estivéssemos num local tão aberto, eu secaria essa água toda de você com a língua.

Terminei de dizer e coloquei as mãos para trás numa pose inocente.

— O que? – ele perguntou, e eu não soube dizer se ele estava surpreso ou se apenas estava querendo que eu repetisse.

— Que pena que não ouviu.

Eu bem vi as olhadelas que ele ficou me dedicando enquanto esperávamos a chuva passar. Ele era burro ou o que? Ele não via que eu estava querendo?

Quando a chuva passou e eu me apressei para irmos para a moto outra vez, ele me pegou a mão e me fez voltar e falou baixo perto do meu ouvido.

— Se eu te pegasse há cinco minutos, eu a teria partido ao meio.

Eu lhe lancei um olhar de desafio e respondi: — Se me pegasse, há cinco minutos, não seria a única a ficar acabada. Que pena que não entendeu o recado, stronzo.

Eu me soltei da mão dele e dei um sorriso enquanto vi-o sentar na moto outra vez e me dar o capacete. Subi em sua garupa e fiz questão de ficar me

segurando no cinto da calça dele. Bem de perto. Ele era muito grandão, e isso era meio doido, mas eu estava querendo.

Ele acelerou e em quinze minutos chegamos à minha casa. Que na verdade nem era casa, era um pequeno apartamento num prédio de dois andares. Havia dois apartamentos no andar inferior, e dois no superior mais dois, um deles o meu. Era um prédio que carecia de uma reforma por fora, mas dentro era bem confortável.

— É aqui?

— Sim, mas não se preocupe – eu disse – não é tão assustador quanto parece.

— Posso levá-la até a porta?

— Não estamos num encontro, não é necessário.

Eu fiz um pouco de manha, era bom que ele implorasse um pouquinho.

Entre nós dois uma realidade tinha se imposto: a atração era evidente. Metade do caminho para que eu o conquistasse já tinha sido percorrido, isso derrubaria os primeiros muros em relação a preconceitos de idade. Além disso, Matheo não é velho de alma, acho que dentro de si ele ainda é um menino. Trinta anos não é tão velho assim, e, cá entre nós, eu tenho uma quedinha por homens mais velhos.

— Por favor – ele pediu outra vez.

— Vem cá – eu o trouxe pela mão. Ele colocou os capacetes sobre a moto e pegou a chave. Ele corria o risco de ser assaltado pelos meus vizinhos perigosos, eu o alertei, mas ele não quis ouvir, problema já era dele.

Matheo entrou comigo no prédio, subimos a escada, mesmo de longe eu conseguia perceber que ele queria algo mais. Ele entrou no hall comigo, e quando chegamos perto da porta, eu me encostei nela, esperando que ele falasse alguma coisa. Ele não disse nada, apenas ficou me encarando com os olhos claros.

— Quer entrar? – eu pedi – eu não tenho café, mas sou igualmente quente.

Matheo sorriu e apoiou uma mão na porta, ele se abaixou um pouco, até minha altura, e eu pensei que ele ia me beijar. Ele disse: — Olha bem para mim,

eu já passei por isso várias vezes, eu sou bem mais experiente. Eu já passei por mulheres que jogam, como você, eu mesmo já joguei e "escrevi um livro". Só entre nessa se souber onde exatamente está entrando.

— E onde estou entrando?

— Não quero um relacionamento sério, não quero mesmo ficar preso a alguém.

— Ah, Matheo – eu falei baixinho contra a boca dele – olha bem para mim, acha que sou boba? Eu sei o que estou fazendo, não estou te propondo casamento, estou te propondo diversão. Mesmo porque, se você me quiser assim – eu fechei minha mão com um gesto firme – terá que me deixar assim – abri a mão, acho que ele entendeu a metáfora – eu sou um espirito livre, odeio rótulos e contratos.

— Alguns homens mais velhos estão apenas procurando por alguma companhia e não um relacionamento a longo prazo, então você terá que decidir se fica feliz com isso ou se quer mais.

— Matheo, você é velho bacana – eu sorri – mas tem que lembrar que eu não compartilho desses sentimentos sobre estarmos juntos em um

relacionamento exclusivo, você deve escolher entre seguir em frente sem mim, ou me aceitar pelo que sou.

— Certeza? – ele perguntou e já estava bem mais perto de mim.

— Absoluta – eu falei com a boca já a menos de um centímetro da dele – não se prenda a mim, eu não me prendo a você.

Ele me beijou finalmente, e eu respondi buscando um pouco de ar a cada vez que ele largava meus lábios. Como esse italiano fajuto beijava bem, mas bem mesmo! Parecia uma maquina de beijar, se é que isso existe. Se ele já beijava bem assim, imagina o resto!

Eu deixei que ele me carregasse e envolvi minhas pernas ao redor da cintura dele. Ele era enorme, quase conseguia me apoiar só com um braço. Ele desceu a mão para minha bunda e fez um movimento para cima e para baixo para me mostrar o quão excitado estava.

— Uou! Para mim? – perguntei com um sorriso.

— Com certeza... – ele sussurrou com um sorriso de canto e repetiu o movimento para confirmar o presente.

Ele me encostou com força contra a porta, e o que era para ser a cena mais sexy do mundo, quase se transformou numa catástrofe. A porta abriu e ele foi bem rápido para apoiar a mão na parede e nos impedir de cair. Meu amigo, Alex, estava dentro do apartamento e olhou para nós dois enquanto tomava um chá e assistia FRIENDS pela décima vez naquela semana.

— Upa-lê-lê.

Ele sorriu e deu uma boa olhada para meu estado e para o estado do Barbieri. Matheo me colocou no chão e cobriu o volume no meio das calças, disfarçadamente, com as mãos.

— Achei que tinha ido para o trabalho.

Falei como se aquela fosse a cena mais comum do mundo.

— E eu iria, mas pedi licença, estava preocupado com você, e com a minha jaqueta – ele apontou para a minha roupa – por falar nisso, onde está a minha jaqueta?

Eu apenas sorri e lancei um olhar de desculpas. Eu realmente nem lembrava onde ela estava.

— Olá, eu sou Matheo di Barbieri – Matheo acenou com uma mão para ele, a outra ainda cobrindo o dito cujo – sou amigo da Violet.

— Matheo di Barbieri – ele olhou para Matheo e continuou – eu sou o cara que divide o apartamento com Violet, ela ainda não se decidiu em que categoria eu devo me encaixar. Espero que escolha isso logo. Que tal um chá? Acabou o café e é o que tem, esperem, eu vou buscar um pouco para vocês e dou algum espaço, aí vocês continuam de onde pararam.

Alex saiu e quando Matheo não estava olhando para ele, ele fez uma careta de "OH, MEU DEUS" e um "MANDA VER". Eu ainda não tinha entendido porque ele bancou o machão com Matheo, estava na cara que ele estava chorando com o episódio.

— Bom... É, eu estou indo – Matheo falou de repente, e eu olhei para ele,

surpresa – eu ainda tenho que passar na empresa. Não se preocupe com a falta do dia, eu vou justifica-la perante o RH.

— Tá bom – ele tinha ficado diferente de repente, mas eu não ia ficar insistindo para que ele ficasse – até amanhã no trabalho. Obrigada – me lembrei de uma coisa – Ah, espera...

Corri até o quarto e abri meu cofre, peguei duas notas de cem.

— Aqui – eu estendi para ele quando voltei a sala – não gosto de ser bancada na balada.

— Esqueceu a entrada – ele argumentou sorrindo – e os seus drinks.

— Tá, te pago mês que vem – eu sorri e falei de volta – a propósito, mal vejo a hora de você me levar na Apache outra vez. Eu ainda não consegui dançar pelada sobre o balcão dos baristas.

— Vou dar um jeito de realizar esse sonho.

Ele me piscou, colocou as notas no bolso e saiu dali. E eu fiquei parada o observando, com a calcinha toda molhada. Da chuva, gente, da chuva.

SÓ MAIS UMA PROVOCAÇÃO

— Primeiro – Alex começou a reclamar – como pode trazer um cara desses aqui em casa quando não estou nem arrumado? Segundo onde está a minha jaqueta?

Eu sabia que bastaria que Matheo saísse para que ele viesse até mim em busca da tal jaqueta. Eu acho que esqueci no carro de Nicholas, ou no apartamento de Matheo, eu não sei.

— Estou muito feliz que você estava em casa, mestre do empata-foda, agora eu nem sei quando terei uma chance dessas outra vez.

— Você sabe bem que nossa lei interna manda avisar o outro quando formos a algum lugar ou fizermos alguma coisa – ele se referia á cena de pouco tempo antes – eu gostaria muito de ser avisado.

— Eu sei – eu me joguei no sofá e coloquei a cabeça no colo dele – foi repentino, eu não esperava, acho que nem ele. E ele é bem quente – Alex concordou – eu quero me divertir.

— Sua vida é diversão.

— Não é minha culpa, ela sempre vem ao meu redor, mesmo quando eu fujo dela.

— Já resolveu as coisas com aquele lá?

— Já, faz tempo.

Me levantei outra vez e peguei o demaquilante que estava em cima do home, e comecei a passar no rosto, para tirar os resquícios da maquiagem que o sabonete não tirou.

— Cê tá na dele, né? – Alex perguntou.

Eu sorri forte.

— Mais fácil ele rastejar atrás de mim do que eu estar na dele.

— Ok – Alex levantou e disse – então isso quer dizer que eu tenho chances, que eu posso investir.

— Fique à vontade, se conseguir ele é todo seu – dei de ombros.

— Quando vai me contar onde foram?

— Você nunca vai acreditar.

— Tenta.

— Apache!

— Put... – ele cobriu a boca – não pode ser verdade! Por que mesmo que você não veio me buscar ingrata?!

— Foi de ultima hora, eu quase precisei implorar para entrar naquele paraíso.

— Se eu te conheço bem, você implorou.

— Um pouquinho.

— Me conta tudo!

— Adoraria – eu disse – mas estou morrendo de cansaço. Dormir com aquele italiano na mesma cama foi a pior coisa que poderia me acontecer.

Quando acabei de falar isso, a campainha do apartamento toca, outra vez, eu e Alex nos assustamos com o barulho. Eu me joguei na cama, isso faria que Alex fosse obrigado a abrir a porta. Encostei a porta, assim ele ficaria à vontade com o seu visitante. E retirei a roupa, entrei debaixo das cobertas.

Quando penso que poderia dormir em paz, sinto o corpo pesado e forte do italiano fajuto sobre o meu. Ele me esmagou com os braços e deitou sobre mim.

— Eu não consegui nem ligar a moto.

— Por quê? – perguntei de volta.

— Não consegui não pensar em voltar aqui e continuar exatamente de onde paramos.

— Alex está em casa.

— E isso é problema?

— Não, não de verdade, desde que você seja bonzinho.

— Bonzinho... ser bonzinho é uma das coisas que não está no meu DNA.

— Alex pode ter ciúmes.

— Ciúmes? Seu amigo gay?

— Como soube?

— Do jeito que ele olhava para mim não é difícil perceber que ele tá me querendo também.

— Também... Que convencido – eu disse – mas sai de cima, você está me molhando. Fecha a porta – apontei com o pé para a chave sob a pilha de toalhas no canto do quarto.

Matheo fez o que pedi, ele então parou no meio do quarto e ficou me olhando.

— Tudo ficaria muito melhor se você retirasse essa roupa – eu disse – comece devagar, quero um espetáculo.

Matheo riu tão gostosamente, que a vontade que eu tive foi de ir lá eu mesma retirar. Ele retirou a camisa de mangas, depois o cinto, o sapato, a calça, e ficou apenas com a cueca.

— Isso, é uma visão do pecado – eu apontei para ele – retire tudo, não me impeça de ver o cosmos – eu sorri.

Matheo se deitou na cama primeiro e então retirou a cueca, ele deitou sobre mim e a única coisa que eu conseguia era pensar em apertar aquela bunda maravilhosa. Ah, desejo saciado.

— Camisinha? – ele perguntou.

— Sempre – estendi a mão até o criado-mudo, mas parei no meio do caminho, eu não tinha mais nenhuma alí. Bom, tinha, até dois dias atrás – quer saber, me chupa primeiro. Vamos ver se essa boca é tão boa fazendo outras coisas quanto é boa beijando.

Matheo pegou meu corpo com um braço e me colocou mais para o alto, depois puxou as cobertas de uma só vez e abriu minhas pernas, se encaixando entre elas. Eu já estava nua, o que mais ele poderia fazer? Matheo começou a intercalar algumas lambidas e beijos, algumas mordiscadas leves. Então, ele começou simplesmente a me chupar alí. A visão do rosto glorioso dele no meio das minhas pernas era de acabar com o meu psicológico.

Cara, isso estava muito bom, e seria rápido demais, eu não ia poder enfiá-lo dentro de mim, mas eu queria aproveitar.

— Deita alí – eu mandei que ele ficasse no local onde antes eu estava, assim que levantei – quero uma coisa.

Ele deitou, com certeza pensando que eu sentaria no colo dele, mas me sorriu com vontade quando viu o que eu ia fazer. Andei sobre ele e sentei na boca dele, exatamente na boca. E me movi sobre ele, deixando que a língua dele me penetrasse.

Matheo fechara os olhos e se deixava ser o objeto no qual eu encontraria o prazer. Ele segurou minhas pernas e começou a me chupar outra vez, me puxando contra a boca dele, alternando a boca e a língua e me fazendo escorregar naquela boca gostosa.

— Oh, puta que o pariu – eu falei alto, Alex ia saber que eu estava transando, mas eu não ligava nem um pouco, aquilo estava demais – que boca gostosa...

Ele ergueu as mãos e apertou meus seios que estavam balançando com o movimento que eu fazia, ele deslizou a mão de meus seios para minha bunda e a ficou esmagando. Quando eu dei por mim, aquela sensação já estava começando. Um arrepio leve que começa a percorrer a espinha, a cabeça fica leve, o baixo-ventre começa a ficar "gelado" e umas pequenas contrações te fazem querer buscar mais e mais daquilo. Matheo deu o "golpe de misericórdia" e começou literalmente a me penetrar com a língua.

— Oh... my... – eu fechei os olhos e me deixei levar pela sensação. Eu fiquei uns bons seis segundos sentindo aquela tortura maravilhosa, minhas pernas tremeram ao redor do rosto dele e o meu corpo já estava inteiro arrepiado. O meu seio estava ligeiramente inchado e os bicos intumescidos.

— Como me saí? – ele perguntou enquanto me deitava na cama.

— Você não quer uma nota mesmo, né? – falei com um sorriso no rosto que ia de orelha a orelha.

— Vou considerar esse teu sorriso besta um dez.

Ele ficou de joelhos na cama e me chegou para perto dele. Matheo nem precisava pedir para que eu soubesse o que ele queria. Pelo menos não com aquele negócio chacoalhando a centímetros do meu rosto.

— Quantas veias... – eu falei e comecei a lamber o seu comprimento – quanta pulsação... – eu dei uma lambida mais forte no topo – que sabor...

Eu me deixei saciar um tanto com aquela coisa na minha boca. Matheo tinha um comprimento generoso, e não tinha nenhum defeito alí. O sabor e a pele amorenada me deixaram meio doida desde que ele tinha tirado a roupa da primeira vez.

Eu fiz movimentos de subida e descida, círculos com a língua, e tentei colocar aquilo na minha boca de uma só vez, mas eu não consegui. Coloquei as mãos e calculei um movimento que o fez fechar os olhos por um segundo ou dois, mas eu já tinha percebido que ele é do tipo de cara que gosta de olhar até entrando.

— Fod... – ele soltou um palavrão quando fiz um movimento que ele gostou. Só mais um pouquinho e ele já estava se derramando em toda a minha

boca e seio. Ele queria mais, e eu sabia, me pegou pelo quadril e ia me colocar de quatro, mas eu fugi.

Eu me levantei e me sentei na cama. Os dois nus, as duas cabeças dele olhando para mim em incredulidade, e apenas uma delas com um lindo ar confuso.

— Sério, eu estou muito cansada, mas eu vou deitar aqui. Se quiser, pode dormir aqui ao meu ladinho. Eu te acordo com um carinho bem gostoso.

— Vai começar a jogar comigo agora? Nesse estado?

Ele apontou para baixo, eu vi que realmente o "estado" dele não era nada amigável, parecia estar a ponto de explodir.

— O que posso fazer? Você me fez cansar.

— Ok... – Matheo se levantou da cama – ok, você quer apenas brincar. Por que eu fui achar que se comportaria como uma mulher?

Ele pegou as roupas molhadas do chão, vestiu-as, exceto pela camisa, e apontou o dedo indicador para mim.

— Isso não vai mais acontecer – ele parecia realmente zangado.

— Você pode ficar se quiser, depois tentamos novamente.

— Violet...

— Eu só não posso fazer isso hoje, espere mais quatro dias, e pronto, poderemos fazer o que quiser.

Matheo me olhou com o rosto confuso, ele estava ainda com a íris dilatada, sinal que estava com desejo, e era só uma palavra minha que o impedia de ter.

— Dorme aqui, vai... – pedi – tira essa roupa molhada e dorme comigo. Você está zangado, mas eu tenho um motivo para não querer. Tá bom?

— Não sei, Violet.

— Vamos? Vai, não se zangue. Eu peço hambúrgueres com frita mais tarde para nós. Podemos conversar um pouco.

Matheo deitou-se e aceitou meu convite. Ele estava muito frustrado, eu sei, mas eu não tinha tomado a pílula corretamente no mês, e não tinha camisinha, eu não poderia arriscar uma nova gravidez, não quando a minha primeira foi tão traumatizante.

CAFÉ COM LEITE

Certo, eu estava só um pouquinho atrasada, não era muita coisa. Se eu corresse na velocidade da luz, eu só chegaria uns cinco minutos atrasada na empresa. O culpado foi Matheo, ele não podia me chupar daquele jeito e me pedir que acordasse cedo no dia seguinte. Isso simplesmente não combinava.

Quando acordei, ele já tinha saído.

Eu sei que devo ter torrado a paciência dele, mas eu realmente tinha um bom motivo. Hoje, eu tentaria me redimir.

Vesti uma saia preta e uma blusa de tachas. Coturno até os joelhos e prendi o cabelo num rabo de cavalo. Ajeitei meus peitos no sutiã. A blusa que ele provavelmente rasgaria com aquele ar faminto. Isto é, se ele não estivesse muito ocupado. E mais, zangado até o âmago.

Caprichei, como sempre, no lápis e no delineador. Olhei-me ao espelho, e repeti para mim mesma: — Você vai lá, e vai ser muito gostosa.

Na minha bolsa já descansavam duas camisinhas que eu roubei da bolsa de Alex, ele não iria se importar, eu acho.

Quando eu entrei no escritório, depois de uma longa jornada de carro até o centro da cidade, peguei minha bolsa de canto, e mesmo eu me sentindo um caco, quando passei pelo corredor de salas, e o vi através das divisórias de vidro, ele me olhava com um sorriso pecaminoso.

Matheo fez sinal para que eu entrasse, mesmo eu estando atrasada, eu o fiz. Ele me deu uma olhada da cabeça aos pés, e eu estava parada, me sentindo "A gostosa", e esperando que ele terminasse a análise. Quando os olhos dele alcançaram os meus, Matheo me deu um sorriso malicioso que cortou nossos lábios ao mesmo tempo.

Matheo pelado é lindo, mas Matheo embrulhado num terno fino, feito sob medida, era uma coisa de outro mundo. Se ele continuasse me olhando daquele jeito, cara, eu simplesmente iria cair no colo dele alí mesmo.

— Senhorita Nella Sue, acho que deveria informá-la que você foi resignada, não irá mais trabalhar no mesmo setor, a partir de hoje será minha estagiária e deverá me ajudar nas coisas que eu pedir, coisas simples, coisas mais, hum, elaboradas.

— Eu não sou uma pessoa muito subordinada.

— Vai aprender.

— Isso não pode ser verdade – eu reclamei – para que você iria me querer perto? Sou uma das funcionárias mais relapsas que existem aqui. E eu acho que me daria melhor naquele lugarzinho lá onde eu costumava trabalhar.

— A questão é que, eu e você formamos uma boa dupla, pelo menos eu achei, e eu acho que vou te levar comigo para alguns lugares pelo menos de vez em quando, e isso vai ajudar, já que você diz que eu sou tao ruim catando mulher, que tal me dar umas dicas de sedução?

— Que papo estranho, Matheo.

— Se fizer isso, te pago duzentos dólares para cada mulher que me ajudar a pegar.

— Mais fácil pagar uma prostituta, não acha?

— Fácil demais.

Eu ainda não tinha entendido onde Matheo queria chegar com essa história, desde a noite passada ele estava estranho. Será que queria apenas me irritar? Ficar me "castigando" pela noite anterior. Se fosse isso, e tudo que ele quer é pegar mulher, eu ajudaria fácil. Duzentos dólares são duzentos dólares.

Ele estava deslumbrante naquele terno. Senti um arrepio na espinha. Era um bônus do trabalho só de olhar. Subimos no mesmo elevador com mais três estagiários, se eles lessem minha mente não teriam entrado naquele elevador, ele parou bem a meu lado, senti sua mão roçar na minha e já sabia que ele estava querendo coisas proibidas. Para minha sorte os estagiários desceram todos no 4º andar.

"Maravilha", eu pensei, "terei mais nove andares a sós com ele, se tiver sorte".

Mal a porta do elevador fechou, virei para ele, sorrindo perguntei: — Então chefe, eu terei mesmo que fazer hora extra hoje?

Matheo me sorriu de um jeito que me fez senti-lo dentro de mim. Não deve ser de Deus um homem ter tanto gingado. Ele se aproximou e sussurrou ao meu

ouvido: – Talvez não precisasse fazer hora extra, se não tivesse me deixado de castigo ontem, aquilo não foi apenas mau, foi cruel.

Aproveitando a proximidade, Matheo beijou minha orelha e deslizou a mão para o meio das minhas coxas. Quando o elevador fez um bipe, ele rapidamente se afastou. A porta abriu e uma das secretárias da recepção entrou. Ela era linda, uma mulata deslumbrante, seios fartos, cintura fina, cabelos longos e encaracolados até a cintura. Para minha tristeza, ou nem tanto, ela se prostrou entre nós dois, sorrindo, jogando o cabelo, e procurando assunto com ele.

Enquanto ele achava que eu estava com ciúmes, morrendo de ódio, fingindo um sorriso, eu estava era rindo de suas habilidades de conquistas pelas suas costas. Fazendo uma careta para cada uma das coisas que ele dizia, e rindo quando ele começava a sorrir e ela olhava para traz.

Ela saiu no oitavo andar, não sem antes me dar uma boa olhada como se dissesse que eu estava no lugar errado. Matheo, que era supostamente o cara que iria me mostrar minha sala, virou para mim com um sorriso torto e um olhar sádico, e disse: — Prepare meu café e deixa na minha mesa, irei com Heleonora ate a sala dela e quando voltar espero que esteja tudo adiantado para a auditoria.

Suspirei fundo e o fuzilei com o olhar.

— Sim, chefe.

Comentei sarcasticamente. Ele achava que estava me causando ciúmes, mas como? Se eu só conseguia achar graça dele.

— Café... é isso que você quer? – eu sorri – vamos ver quem vai amar o café.

Matheo e suas manias de café, Matheo e suas manias de querer me subordinar. Ele realmente não sabia onde estava entrando. Todas as estagiárias sabiam que Matheo odiava café com açúcar, ele gostava de café preto, forte, e sem açúcar. Eu providenciei um café e enchi de açúcar até a metade do copo. Voltei para a sala dele segurando o copo nas mãos.

O corredor estava vazio, confesso que não gosto de ficar sozinha alí, sempre gostei de movimento. Os estagiários já tinham subido para o andar de trabalho, e ninguém passava alí. Dei uma cusparada no café e ia deixá-lo sobre a mesa assim que entrasse na sala.

Quando entrei na sala, pensativa, ouvi:

— Onde está o meu café?

Olhei na direção de onde vinha a voz, e apenas consegui me controlar para não sorrir ou derrubar o café com o susto. Ele estava com o cinto da calça aberto, o zíper baixado, e os botões do final da camisa fora de suas casas. Segurando o próprio membro na mão e manipulando-o para cima e para baixo, se tocando.

— Ah... Matheo... É... – eu fiquei constrangida num primeiro momento, mas, como todos os deuses sabem, aquela cena estava simplesmente quente.

— Vá buscar o café que te pedi agora.

O café que eu tinha deixado sobre a mesa, eu precisei pegar novamente. E sorrindo, levei-o até Matheo. O líquido quente seria uma surpresa ruim para ele, e eu estava rindo em antecipação. Matheo, ainda se tocando, fingiu que iria beber o café, mas, com a maior cara de safado do mundo, ele abaixou o copo em direção às suas partes baixas e derramou-se dentro do café.

— Matheo! – eu sorri para ele achando aquilo uma das maiores sandices que eu já tinha visto na vida, mas tinha gostado como nunca.

Acho que fiquei um minuto alí, parada, olhando para o que ele tinha feito, esperando uma explicação.

— O quê?

— Pronto, pode beber, pirla – ele pegou o copo e estendeu para mim – tome seu café da manhã, a refeição mais importante do dia. Rico em proteínas, vitaminas e açucares.

— Isso não pode ser sério – eu reclamei, mas, puxa vida, eu iria fazer aquilo.

— É um desafio – ele disse entre dentes.

Aquilo era novo e proibido. A cena de uma fantasia boba de patrão e empregada, uma cena que me dava ao mesmo tempo uma estranheza e me acendia. Peguei o copo de café, dei um gole, mas não o tomei todo. Coloquei-o na mesa ao lado e me aproximei de Matheo, um tanto mais, me encostando no meio das pernas dele.

— Agora, posso tomar o leite direto da fonte?

Matheo se ajeitou na mesa e mostrou o caminho.

Justo naquele momento, um barulho veio do lado de fora da sala, eu olhei para ele com o melhor ar de "eu não tenho culpa".

Esperei que ele se arrumasse e sai da sala, dando lugar para o contador entrar com umas pilhas de relatórios.

— Eu volto em breve – eu disse – vou deixá-los a sós.

OLÁ, BRASILEIRO!

Eu esperei Matheo por algum tempo, nada de ele vir. Fiquei organizando a documentação por ordem de proximidade dos julgamentos. Depois organizei todo o armário de documentação. Quando terminei, a sala dele não tinha mais nada a ser feito. Enquanto ele não vinha dizer quais coisas mais eu deveria fazer, eu saí um pouco da sala e fui até o setor onde eu trabalhava antes.

— Ei, gente! – eu acenei para todo mundo, Emily me olhou sorrindo por eu já chegar fazendo bagunça – ei chefe linda!

— Como está? – ela perguntou e me deixou dar um beijo no rosto dela.

— Muito bem, e você? Parece que foi promovida... – ela me deu um olhar que mostrava que sabia muito bem oque estava rolando.

— Culpada! – eu ergui as mãos quando entendi o olhar.

— Cuidado.

— Sempre tomo.

Mal íamos começar uma nova frase, a porta abriu, com força, era Heleonora, ela entrou no local e me deu uma repreensão com o olhar, por eu estar de pé. Olhei para os lados, não havia muito que eu pudesse fazer, não tinha uma cadeira vaga e nem mesmo um banquinho no qual eu pudesse pousar minha bunda.

— Senhor Andrade – Heleonora usou toda uma pompa na voz para citá-lo – este é o setor onde nossos jovens prodígios iniciam as atividades de inclusão nas rotinas do escritório. A grande maioria deles é de jovens com um futuro promissor – ela olhou para mim – outros são dispensados devido a não estarem em conformidade com as normas da empresa.

— O que não os faz piores – o senhor Andrade sorriu para nós todos, ele estava passeando com os olhares por todos os estagiários e entrou na sala. Apertando a mão de cada um.

— Olá, Guilherme Andrade – ele falava num inglês com muito pouco acento, provavelmente não era do país.

Ele cumprimentou um a um, até chegar à Emily.

— Emily Theodoridis – Emily se apresentou a ele.

— Senhora Theodoridis – ele a beijou no rosto – é um prazer conhece-la.

— É um prazer conhece-lo também, brasileiro – Emily sorriu e deu dois beijos no rosto dele – é assim que fazem, não é?

— Com certeza – ele sorriu – espero em breve poder conversar com Nicholas, agradecê-lo por tudo.

— Que tal se realizarmos um jantar no domingo?

— Seria maravilhoso, confirmarei o horário com a senhora em breve. – ele sorriu mostrando dentes muito alvos e caninos proeminentes, parecia perigoso, mas também muito sexy.

— Claro!

Por fim, me cumprimentou, já que eu era a única de pé. Eu dei uma boa olhada no louro de olhos de cor indistinguível na minha frente. Ele não era tão alto quanto Matheo, mas eu tenho um fraco para louros, fazer o quê?

— Violet Nella Sue – eu me apresentei – é um prazer senhor Andrade.

— Olá, senhorita Nella Sue – o homem falou me olhando aos olhos de um modo que parecia um desafio, mas ao mesmo tempo não se sabia se era um desafio e era só o jeito dele – sinto que deveria estar na sua P.A.

— Oi? O que? – eu nem entendia o que ele estava falando, só conseguia imaginar coisas loucas e agradecer pela variedade de sócios naquele escritório. Aquilo ia virar uma suruba internacional.

— Posto de atendimento – ele explicou.

— Ah, sim – eu disse – eu não trabalho neste setor, vim apenas cumprimentar minha amiga.

— Não se preocupe, Guilherme – Heleonora se meteu na conversa – ela será devidamente repreendida.

— Não, - ele disse – não será necessário, não é nenhuma falta grave. Violet – ele falou comigo outra vez – foi um prazer.

Guilherme saiu da sala e Heleonora, que não gostou de ser repreendida, me lançou um olhar irritado. Eu não tenho culpa de todo mundo gamar em mim.

— Violet... – era Emily me chamando – Violet...

— Oi? – eu virei o rosto da porta e olhei para ela – o que foi?

— Para de babar e vai para sua sala. Heleonora vai se irritar contigo, e eu nem poderei mais te defender.

— Matheo pode, meu chefinho me adora, em muitos sentidos. Apesar de eu sentir que às vezes ele quer me matar.

— Quem não quer te matar de vez em quando Violet? – Emily sorriu, dei um beijo na testa dela e eu baguncei o cabelo dela antes de sair da sala – Tchau, antiga chefinha. Para mim você sempre vai ser minha chefa favorita.

Eu saí da sala e segui para a sala de Matheo. Quando cheguei, ele estava ao telefone e apontou para a sala adjacente à dele. Um espaço pequeno, que tinha uma mesa de secretária, uma estante cheia de livros jurídicos, e uma poltrona perto de uma janela pequena. Um computador com acesso à internet e mais um pequeno armário com material de trabalho.

Era pequeno, um tantinho apertado, mas era lindo! E era meu.

— Que cantinho fofo!

— Sim – Matheo disse após desligar o telefone – eu pedi que os meninos da manutenção fizessem um arranjo rápido. Assim você fica perto de mim e não sai para nada.

— Desde que eu não tenha que tomar mais nenhum café.

— A não ser que queiras – Matheo deu um sorriso muito gostoso.

— Já conheceu o novo sócio? – eu mudei totalmente de assunto.

— Na verdade não, - Matheo disse – o estou aguardando. Já conheceu?

— Sim, eu fui ver Emily e ele foi conhecer o pessoal. Acho que ele quer ver o mais chato da empresa por último – eu disse enquanto sentava à minha mesa e começava a analisar os relatórios do que teríamos que fazer naquele dia. Me culpem, sou meio doida, mas adoro o meu trabalho, se ele tivesse um salário um tanto maior, seria perfeito – Acho que não demora muito a passar por aqui.

Mal eu fechei a boca, bateram à porta, e Heleonora não esperou que ele dissesse um "sim", antes de colocar o corpo para dentro. Ela anunciou: — Matheo, conheça o senhor Andrade. Ele é o novo sócio da Prime, vim fazer as honras entre os senhores.

— Claro! - Matheo se levantou com o seu jeitão imponente – Sou o Di Barbieri, mas pode me chamar de Matheo – eles apertaram as mãos – Guilherme Andrade.

— Isso, mas chame de Guilherme, por favor. Assim compartilharemos da mesma honra. É um prazer conhece-lo.

— Idem – Matheo soltou a mão dele e sentou, fez o gesto para que Guilherme fizesse o mesmo e ficaram conversando algum tempo.

— Esta é Violet, minha estagiária – ele me apontou.

— Oh, Violet Nella Sue – ele pontuou meu nome, como se quisesse mostrar que se lembrava bem quem eu era – como está? – ele virou para Matheo – nos conhecemos um pouco antes.

— Sim, nos conhecemos... – eu coloquei a mão no queixo e fiquei olhando, embasbacada, para o brasileiro. Gente, só ia dar homem bonito nessa repartição? Minha cabeça já estava analisando o que o Brasil tem de bom.

— É muito agradável vê-la novamente – Guilherme disse, outra vez com aquela incógnita no olhar que não me permitia saber se era uma cantada ou não. Ele se virou para Matheo – bom, preciso estar a par de todas as informações que me forem pertinentes. Por favor, me atualize.

— Absolutamente. Eu pedi que levassem os arquivos dos casos os quais ficará responsável para sua sala, vamos – ele se levantou e me lançou um olhar de repreensão – eu o levo até a sua sala.

— Não, não se incomode – eu disse e me levantei – eu posso levá-lo.

— Por favor, me acompanhe – ele abriu a porta e eu saí junto com ele, deixando Matheo na sala com uma cara irritada.

— Então, trabalha aqui há muito tempo? – Guilherme perguntou.

— Não, senhor Andrade – eu disse – estou no último ano da faculdade, este é meu estágio obrigatório dos últimos seis meses. Eu tive sorte de achar um que me pagasse.

— Seis meses, então?

— Quase isso, senhor Andrade.

Quando ele iria me pedir que o chamasse por Guilherme? Estava demorando um pouquinho. Eu queria ter intimidade logo com esse louro.

— É aqui – chegamos á sala dele e eu abri a porta com a chave que peguei das mãos de Matheo – espero que esteja à sua altura.

— Está sim – ele olhou o ambiente metodicamente decorado – muito obrigado, Violet.

— Por nada – eu já ia saindo e ele me chamou.

— Mais uma coisa... – virei para ele e esperei que ele continuasse – pode me chamar de Guilherme. Espero que possa me ajudar quando eu precisar.

— Ah, Claro – eu dei de ombros – vou adorar dar uma mãozinha para você de vez em quando – ok, Violet, controle-se.

Ele deu um sorriso e fez sinal de "joinha", eu saí com cuidado para não tropeçar nas próprias pernas. Entrei na sala de Matheo, outra vez.

— Gostou dele, então?

— Só eu e toda a ala feminina do edifício, não duvido que alguns caras também. É muito simpático aquele brasileiro.

— Espera, ele é o brasileiro, não nasceu no brasil, nasceu nos estados unidos, apenas foi criado lá. Eu sou o italiano fajuto, mesmo tendo nascido em Nápoles. Alguma coisa está errada.

— Ah, ele tem mais carisma – eu dei de ombros – agora, chefe – eu peguei o relatório da minha mesa – você precisa ler estas páginas antes de ir ao seu próximo cliente. Ele quer transformar a empresa dele, de investimentos, numa Holding, e essas são as respostas para algumas das perguntas que ele terá.

Matheo pegou o relatório e passou os olhos por ele rapidamente. Então ergueu os olhos verde água para mim.

— Você quem preparou?

— Quem mais o teria preparado, gênio?

Ele recostou-se na cadeira e colocou uma das mãos na boca, como se estivesse analisando aquilo profundamente, e então olhou para mim outra vez.

— Caramba, Violet, isso está incrível.

— É, eu sei, eu faço coisas incríveis mesmo – modéstia para quê? – eu não sou apenas um corpinho bonito.

Matheo sorriu e lançou a bomba.

— Quero que faça um deste para os dois outros casos do dia. Uma briga familiar por ações e um sobre sucessão.

— Ok – dei de ombros, minha parte inteligente adorava desafios.

— Ah, - ele completou – e não podemos esquecer. Quando eu voltar das reuniões, teremos uma noite de reis na Apache. Quero você deslumbrante.

Quero você deslumbrante, e isso lá é uma coisa que se peça a mim? Eu sempre arraso.

— Eu sempre sou deslumbrante.

Sorrimos um pouco, ele pegou a maleta e saiu do escritório, me deixando só com meus pensamentos.

ISSO É VIDA

Cara, eu disse que estaria deslumbrante, mas não tinha uma só roupa deslumbrante no armário, e fiquei pensando nisso até na faculdade, e até quando eu fui para casa de metrô. Depois do metrô, ainda andei por alguns metros. Eu realmente morava no fim do mundo.

— Alex! Me socorre! – eu comecei a gritar quando eu entrei em casa – Alex! – eu o chamei mais uma vez.

Alex veio da cozinha, ele estava lendo uma revista, provavelmente alguma matéria sobre as suas novas celebridades favoritas, e me olhou com um olhar calmo. Ele já sabia que meus gritos quase sempre significavam coisa alguma. Era o meu "dramazinho" particular diário.

— O que, filha? – ele comentou sem um pingo de preocupação na voz.

— Preciso de uma roupa, mas só tenho loucuras no guarda-roupa, eu vou voltar a Apache, hoje. E não quero parecer com a garotinha esquecida no meio do povo.

— O que quer que eu faça?

— Me ajuda, ué. Vamos personalizar alguma coisa, temos meia hora.

— Espero que consigamos terminar em meia, hora. Posso pensar em alguma coisa. Pega lá um jeans bem claro, e vamos tripudiar encima do cadáver dele.

Fui ao quarto, peguei o que Alex pediu. Depois peguei mais alguma coisas no armário. Eu tinha muita coisa preta, ficava tudo um bolo sem contornos, então carreguei tudo e joguei no carpete da sala.

— Aqui – eu disse – pronto, e esse é o jeans.

— Vou fazer um short curto com esse aqui – ele disse – pega uma meia-calça de arrastão, ou então uma preta grossa com bordados. Calça aquela ankle boot que te comprei faz um século e você nunca usou.

— E em cima?

— Eu já ia chegar lá – ele disse – você tem algum corpete?

— Devo ter uns mil – eu sorri.

— Pois então, usa um bem sensual, coloca um bolero por cima, enche o braço de pulseiras e carrega no olhão.

Alex falava como se estivesse explicando dois mais dois. E eu fiquei mais animada a cada peça que ele falava. Como assim? Ele tinha montado uma composição inteira para mim, sem precisar fazer coisa alguma. Sem precisar nem parar para respirar.

— Quando ele chegar, eu vou pedir que você vá conosco! – eu escolhi um corpete e coloquei contra o corpo enquanto falava.

— Hoje não vai dar – ele disse – tenho um encontro.

— Quem é o cara?

— Não, é uma garota. Ela parece bem legal. Se ela não fosse tão descolada simplesmente não teria chamado a minha atenção.

— É, tem que variar o cardápio um pouquinho.

Eu dei um cheiro no pescoço dele e fui para o banho. Lavei o cabelo, assim quando ele bagunçasse teria um pouco de volume, e fui pelada para o quarto. Calcei a meia e vesti uma calcinha, não necessariamente nessa ordem, e fiquei em frente ao espelho. O cabelo estava secando numa toalha, e eu aproveitei para fazer uma maquiagem pesada ao redor dos olhos.

Primeiro um traço de delineador, depois sombra preta no côncavo dos olhos. Um pouco de sombra amarronzada até perto da sobrancelha e um pouco de iluminador na ponta do nariz, na linha da sobrancelha, no queixo e no alto das bochechas. Blush e batom vermelho.

— Uau! – brinquei com meu reflexo – eu pegava você.

Não tenho culpa de ser uma leonina e ter puxado simplesmente tudo ao meu signo regente.

Não precisaria de sutiã com aquele corpete, então, agora era a hora do cabelo. Terminei de secá-lo, toscamente, com o secador, e usei pomada para deixar as mechas dele escorridas para baixo. Joguei o secador na franja uma última vez e meu visual estava quase pronto.

Calcei a Ankle boot e voltei para sala.

— Como estou ficando?

— Muito bonita – Alex disse – aqui seu shorts – ele me jogou o objeto que ele tinha desfiado no tempo que eu me arrumei – espero que agrade.

— Agrada sempre, você sabe – eu pisquei para ele.

— Agora cubra essas "tetinhas" murchas, não sou obrigado a vê-las chacoalhando por todo o apartamento, pelo menos não quando eu estou na seca há tanto tempo.

— Você nunca está na seca – eu disse e peguei o corpete – me ajuda aqui.

Virei de costas para ele pedi que ele me ajudasse com o zíper e os botões de segurança que travavam a vestimenta para que ela não caísse. Voltei ao quarto e enchi meus braços de penduricalhos. Voltei à sala.

— Então, como estou?

— Parecendo uma prostituta – Alex sorriu – e das mais baratas.

Ele me puxou para perto, retirou um tanto do excesso de batom, retirou uma dúzia de pulseiras e me deixou apenas com um bracelete preto de cada lado, e mais uma corrente de cruz bem longa no pescoço.

— Agora sim – ele disse – coloca isso no bolso – ele me deu uma camisinha – e coloca isso no cano da ankle boot – ele colocou meu pequeno frasco de spray de pimenta – e isso, vai te ajudar com as despesas – ele me deu uma graninha boa.

— Não, Alex – eu disse – Matheo vai pagar tudo, ele me chamou lá para ajuda-lo a pegar mulher, cada uma é um pagamento. Por mim, eu dou a ele umas dez só essa noite.

— Eu sei, mas é que nunca te vi assim – ele disse – está realmente animada, e não quero que se sinta mal quando vê-lo com outra mulher, o que pode vir a acontecer, se acontecer, você vem para casa ou me liga que eu vou busca-la, ok?

— Até parece que não me conhece – eu sorri um pouco – isso não vai mesmo acontecer.

— Se está dizendo – ele deu de ombros – caso não precise, me devolva quando chegar. Eu cobrarei uma pequena porcentagem de vinte por cento.

— Ah, cachorro! – eu sorri e fiquei esperando Matheo no sofá da sala.

Só precisei de mais meia-hora, Alex já tinha até saído para o encontro dele, e eu fiquei ouvindo musica no Ipod já me preparando para a noite. A campainha toca. Levanto de um pulo e abro a porta.

— Matheo di Barbieri!

— Violet Nella Sue – ele olha para mim e responde com um sorriso tão

gigante a me ver quanto estava o meu a vê-lo.

— O senhor está muito elegante, senhor Barbieri – eu apontei a roupa dele. Um jeans de lavagem escura, uma camisa preta e uma jaqueta preta por cima. Ele adorava cores escuras, e isso ficava realmente lindo nele. Matheo também pareceu analisar a minha composição, e parou um tanto no detalhe da ondulação dos seios.

— E a senhorita está muito perigosa – ele deu outro sorriso após elogiar. Aquela covinha do queixo dele ainda ia me matar um dia. Gente, e por que, puta que o pariu, a boca dele era tão provocativa mesmo de longe? Cara, eu ia estar em apuros se ficasse me lembrando dos lugares que ela passeou um tempinho atrás. Quando ele sorria, todo o rosto dele sorria junto com ele, e ele rejuvenescia uns quatrocentos anos, era impossível resistir e não sorrir de volta.

— Vamos, já é hora?

— Ainda temos uma hora, pelo menos – ele disse olhando para o relógio.

— Já esqueceu que temos um enorme e longo caminho de volta até o centro da cidade?

— Verdade – ele bateu na minha testa como se eu tivesse esquecido alguma coisa – esqueci de levar em consideração o fator fim do mundo.

— O que é isso?

— Sua casa fica no fim do mundo.

Nem dei bola, saí, tranquei a porta do apartamento e entramos na blazer preta que ele tinha alugado. Pelo visto, Matheo já tinha até pensado nas acrobacias que dá para fazer no banco de trás quando se tem espaço.

— Pensou em tudo né, safado?

— Dessa vez sim – ele disse – carro, hotel, camisinhas – ele sorriu para mim – e dinheiro.

— Cara, posso ser sincera?

— Seja.

— Você não precisa dessa pompa toda, pode ser apenas você mesmo, se desarma dois minutos, e eu seria totalmente desnecessária.

— Mas aí, - ele disse – eu não teria sua companhia, e eu achei bem legal aquela história lá no outro dia, de dar vexame e dançar nua na mesa do bar, eu não perderia essa cena por nada! Estou muito, muito mesmo, a fim de realizar esse sonho.

— Esperto nada, imagina.

Pouco tempo depois, pouco? Rá! Um bom tempo depois, chegamos à Apache. Eu nem acreditava que estava atravessando as portas do paraíso outra vez.

— Di Barbieri! – o segurança o cumprimentou – Nella Sue! Uma honra tê-los de volta!

Eu fiquei tipo "Ele sabe meu nome!", e cutuquei Matheo, que nem mesmo precisou explicar que tinha colocado meu nome na lista.

— Se divirta um pouco, - ele disse – depois partiremos para ação.

— Ok! – acenei ansiosa.

O corredor, depois do corredor a porta, e quando a porta se abriu, uma inundação de música em todos os meus sentidos.

"Too original (bowe remix) major lazer".

Eu poderia simplesmente deixar Matheo ir para o bar, e eu achei que era o que ele queria, mas quando o refrão de Too Original começou a tocar, justamente quando entramos, ele não se desviou, acabou me acompanhando até o local onde eu dançaria.

Primeiro, dançando olhando apenas para ele, apenas movimentando os quadris, sem tirar os olhos dele, ou daquela boca que, Céus! Era demais. Mas

logo a música ficaria agitada de novo, eu comecei com um rebolado e ia girando enquanto ele não baixava o olhar do meu rosto.

Então ele veio para perto, começou a dançar, devagar, ao meu redor, e eu já estava começando a ficar animada, bagunçando o meu próprio cabelo na mão. Matheo parecia fluído ao meu lado, era como se a cada vez que eu virava para ele, ou a cada vez que os flashes de luzes iluminavam o rosto dele, ele estivesse num local diferente.

— Eu adoro essa música! – eu dei um gritinho perto do ouvido dele.

"E eu adoro você" minha imaginação soprou o que eu queria que ele dissesse naquele momento, pelo modo que ele me olhava, eu não sabia dizer se ele realmente tinha dito ou não.

Matheo me pegou pela cintura, nossas pernas se tocando, eu olhando para cima, o cabelo dele um tanto despenteado pelo movimento, caindo na altura dos olhos, e nossas respirações cansadas dos jogos que nós dois fazíamos.

Balançamos de um lado para outro. A coxa dele apertando um local bem específico no meio das minhas pernas, e eu não poderia culpar a chuva pelas consequências, não desta vez.

Então ele me soltou e ficou ao redor de mim, sorrindo enquanto eu jogava os braços para cima e me deixava envolver pelo som que fazia meu peito bater exatamente na mesma batida. Isso era o meu mundo, era aqui que eu me sentia em casa. Ele começou a bater umas palmas ao redor de mim, e eu apenas curtindo aquela liberdade, aquela música. Fechei os olhos e mergulhei num escuro onde apenas o rosto dele me sorrindo me assombrava no escuro.

Quando tornei a abri-los, Matheo estava dançando grudado numa outra mulher, uma perua de vestido vermelho.

"Mas já?!" Acenei disfarçadamente para ele.

Ele apenas me deu um sorriso malvado, virou a loira mais de frente para ele, e começou a beijá-la alí, na minha frente, enquanto não retirava os olhos de mim.

Dois podem jogar esse jogo.

"Cadê os caras apresentáveis da pista quando se precisa deles?"

Uma idéia ainda mais forte me ocorreu, Matheo e eu estávamos dançando, a perua de vermelho nos tinha visto, e cá entre nós, ela até era apresentável. Me aproximei dos dois, e os separei.

Matheo a segurou de um lado do corpo, com um dos braços, e me segurou com o outro, o rosto com uma pequena interrogação no ar.

Eu olhei para a perua de vermelho. É, de perto, ela era bem fofa. O cabelo dela parecia branco naquela luz, se bem que os lasers, às vezes, o deixava colorido, e passei a mão no rosto dela devagar.

Inclinei-me um pouco e sussurrei algumas palavras ao ouvido dela.

— Mikaela – ela respondeu – um prazer.

Eu deslizei a mão no peito de Matheo e ela entendeu o que eu tinha oferecido um tempinho atrás. Eu olhei para ele, com uma carinha de inocente, ela fez o mesmo. Então, ela e eu inclinamos o rosto e pegamos a mão dele para segurar nossas cabeças, e nos beijamos bem alí, para que ele visse.

Matheo soltou um suspiro de surpresa, mas sorriu com a iniciativa. Quando nos largamos, ele estava com um sorriso muito, mas muito indecente.

— Aproveite o meu moreno – eu disse com um tom um tanto elevado na voz – ele é "criado".

Ela me sorriu em cumplicidade e eu saí de perto deles, deixando-a praticamente pelada para ele, bem alí mesmo.

Quando eu fui ao bar, sentei naquele espaço, e apenas vi, de longe, Matheo levando a moça de vermelho para uma cabine privativa.

— Duzentos dólares na mão – eu sorri um tantinho.

Uma moça trouxe a bebida que eu pedi, e eu apenas tinha tomado um gole quando alguém chama meu nome.

— Senhorita Nella Sue!

Eu viro e vejo um par de olhos claros me olhando, e um sorriso de arrancar o folego de qualquer um. Ele estava perto, e desacompanhado. O senhor Andrade parecia um tanto menos polido com a camisa vermelha aberta até o meio do peito, mas não menos espetacular.

Virei a cadeira na direção dele, cruzei as pernas e sorri ao cumprimenta-lo novamente: — Olá, brasileiro!

E QUANDO A NOITE TERMINA?

— Aceita uma bebida? – eu perguntei a Guilherme.

— Não deveria ser o contrário? – ele se aproximou um tanto de mim para falar.

— Não – eu estendi o copo de Vanilla Sky para ele – na minha história, é a princesa que resgata o príncipe.

Guilherme pegou o copo e entornou de vez, o drink não era forte, e nem precisava de tanta masculinidade para tomar, mas ele fez aquilo não soar nem um pouco forçado. Era quase como se aquele fosse o jeito de ele agir normalmente.

— Então, veio à caça? – eu perguntei.

— Eu não caço – ele disse – eu geralmente sou o alvo.

Tomei um gole do meu Vanilla Sky, eu realmente não consigo entender se as frases dele são uma porta aberta para eu entrar, ou se são uma porta fechada na minha cara.

— Dança? – ele perguntou já tomando minha mão.

— Dançar? – eu sorri e tomei o resto do Vanilla – eu arraso.

Voltei para a pista e estava tocando “Diamond Pistols, power moves”, absolutamente perfeita para dançar, mas não juntos. Guilherme ficou parado perto de mim, e era eu quem fazia o movimento ao redor dele. Ele sabia dançar, disso eu tinha certeza, mas, com certeza, ele estava adorando me ver dançando para ele.

Ele me pegou pela cintura e balançamos um pouco ao ritmo da música (definitivamente power moves não foi feito para se dançar junto). Eu me afastei um pouco quando ele deu a primeira oportunidade. Eu estava sentindo falta de uma coisa, uma coisa mais, e eu não sabia exatamente o que.

Talvez Guilherme tenha percebido, ou não, afinal, eu nunca sei interpretar os sinais dele, e ele me pediu um minuto. Ele me deixou alí, na pista, sozinha, e eu fiquei me sentindo tão feliz em vê-lo ir, quanto fiquei feliz quando eu o vi

chegar.

Eu queria muito dançar, eu queria muito dançar com alguém, mas não era com ele. E eu não queria admitir que era com quem eu estava pensando.

Flux Pavillion começou a tocar, e “Emotional” sempre me pegava de cheio. Eu até chorava quando ouvia essa música, e hoje, puta que o pariu, hoje ela estava me pegando de cheio, era como se ela tivesse sido feita para mim, para meu estado hoje, e para a confusão que eu sentia e que eu não conseguia nomear.

“Você não é bom para mim não mais. Nós não sabemos como amar sem uma guerra. Nós somos uma doença sem cura. Você só quer machucar um pouco, machucar um pouco mais...”

Eu fechei os olhos outra vez, mergulhei na música, mergulhei na letra, e fugi da imagem que meu cérebro criou. Eu não sabia, sinceramente, nomear o que estava sentindo. Abri-os, olhei na direção dos espaços reservados, o espaço onde Matheo tinha levado Mikaela algum tempo antes, e meu coração apertou.

“Somos casualmente cruéis. Você foi minhas rodinhas de treino e primeiro de abril. Mas nossa tolerância está cheia. Não quero machucar ninguém, machucar ninguém não mais...”

Cara, isso não podia estar acontecendo. Eu não podia sentir isso, eu realmente não queria sentir esse vazio justamente no meio do lugar onde eu era mais feliz. Olhei para o camarote outra vez, um vulto podia ser visto por detrás do vidro, as cortinas, antes fechadas, tinham sido abertas, e o vulto estava parado olhando na minha direção, direto do segundo andar.

“Isso não é uma pena, vendo o seu sorriso tão quente e eu já estou a meio caminho da porta. Me beije, diga que estava embriagado, Baby, eu perco minha calma... Quando eu me emociono”

Eu ainda o estava olhando quando eu vi o vulto sair daquele espaço. A mulher de vermelho ajustava o vestido quando saiu de lá, ela estava com um sorriso idiota no rosto que eu conseguia enxergar daqui, ela tinha sido belamente “comida” por Matheo, e isso era inegável, ela sentiu bem mais do que eu senti antes.

“Você é a detenção depois da escola. Você é novembro em uma piscina. Um carro em alta velocidade em chamas. Podemos dirigir um pouco, dirigir um pouco mais. Você é um trampolim com asas. Nós estamos pulando só por tendência. Porque agora nós dois precisamos de coisas diferentes. Então, eu vou estar saindo destas ruas”

Flux Pavillion sempre falava com uma parte de mim lá no fundo. Eu não queria, mas mergulhei outra vez no espaço escuro por detrás de minhas pálpebras. Matheo estava descendo as escadas e olhando em minha direção. Mesmo no meio de uma multidão, ele ainda conseguia me alcançar com o olhar, ele sabia exatamente onde me achar. Ele estava vindo, e eu não o queria perto, não com aquele sorriso que sempre me roubava dois dias dos meus dias na terra.

“Distância é uma pena, vendo o seu sorriso tão quente. E eu já estou a meio caminho da porta. E você vai... Me beije, diga que estava embriagado. Baby, eu perco minha calma quando eu me emociono. Eu me emociono... Você fica emocional, também. Estamos confortavelmente disfuncionais...”

— Violet... – Olhei para meu lado, Guilherme tinha voltado, ele me mostrou um copo de um drink azul e me ofereceu. Mergulhei minha unha (disfarçadamente) com o esmalte que mudava de cor em caso de um “boa noite, cinderela” e o bebi quando a cor não ficou alterada. Engoli o drink, e passei

meus braços ao redor de Guilherme.

“Que se danem os sinais, vai ser agora!”

Eu me pendurei no pescoço dele e o beijei na boca. Quando fechei os olhos, não era o rosto dele que estava alí, do outro lado do meu beijo, então os abri novamente, e fiquei observando-o me beijar de olhos fechados.

— Precisamos de um lugar mais reservado... – eu sussurrei contra a boca dele – o que eu quero fazer com você agora nos levaria para a cadeia se o fizéssemos aqui.

Quando a gênia aqui notou que ele não tinha entendido uma virgula do que eu tinha dito, eu apenas peguei a mão dele e mostrei o lugar com os olhos. O sorriso dele me mostrou que ele tinha compreendido.

Cara, esse negócio de chefes e empregada estava acabando comigo.

Puxei Guilherme pela mão, passamos por Matheo, que tinha ficado parado

ao pé da escada desde que viu o meu beijo, eu o cumprimentei com um sorriso leve.

— Divirta-se – ele me lançou entre dentes e tomou um gole de alguma coisa que eu não sabia o que era.

Não tenho certeza se o senhor Andrade o notou alí, ele parecia bem mais hipnotizado comigo.

Ele estendeu um cartão para um dos seguranças que controlava o acesso para aquela área, e depois que tivemos o acesso liberado, ele escolheu uma das primeiras cabines.

— Sente-se – eu disse quando ele entrou após mim.

Guilherme se sentou e eu fiquei observando-o por algum tempo, enquanto ele afrouxou um pouco mais dos botões, mostrando um abdômen bem definido e dourado.

Aproximei-me um pouco e sentei no colo dele, de frente para ele, com as pernas ao seu redor. Guilherme deslizou a mão pelas minhas costas até apertar minha bunda e começamos a nos beijar alí.

Ele tinha um beijo incrível, simplesmente fantástico, mas era só. Eu me esforcei para corresponder a cada um dos movimentos que ele fazia, eu me esforcei para parecer animada, mas talvez fossem as doses de bebida que eu tinha tomado na noite, aquilo não estava me acendendo o quanto eu queria. Eu precisava sentir mais, eu precisava de bem mais que isso, eu precisava acabar com o rombo que eu sentia dentro do meu peito.

Escorreguei do colo dele, e abri o botão da calça e o zíper, ele já estava endurecido.

— Se toca para mim – eu pedi enquanto eu me levantei. O vi se manipular enquanto eu abria o botão do short que Alex tinha feito. Eu rasguei a meia calça na altura do meio da coxa, e o fundo dela. A meia calça acabou virando uma meia 7/8 esgarçada. E a parte que me cobria a intimidade foi destruída e jogada fora.

— Agora em mim – eu pedi e cheguei perto.

Usando apenas o que sobrou da meia, uma calcinha e o corpete, eu parecia bem perigosa, e gostei do que vi no reflexo do espelho.

Ele quase não falava nada, não era necessário falarmos muita coisa nesse momento, não tinha o que falar mesmo, apenas precisávamos fazer e sentir, esquecer e enlouquecer juntos.

Guilherme chegou o tecido da calcinha para o lado e começou a me tocar. Primeiro por fora, depois dentro, e eu soltei um sopro de um gemido baixinho quando ele tocou no local certo. O senhor Andrade sabia brincar bem com o que lhe era oferecido. Ele se ergueu um pouco, e começou a beijar e mordiscar a minha cintura enquanto eu rebolava contra a sua mão.

Aquilo sim, agora sim, eu esqueceria.

Guilherme me virou de costas para ele, de repente, e mordeu minha bunda em vários lugares. Então me puxou para si depois que colocou a camisinha, e eu nem tinha percebido.

Deixei que ele entrasse em mim e preenchesse com sua carne o vazio que o meu corpo sentia naquele momento. Ele estava maravilhosamente enrijecido.

Ele se reclinou no sofá e ficou apenas me segurando enquanto eu me movia para cima e para baixo, para frente e para trás, deixando que ele deslizasse dentro de mim. Deixando que o movimento acendesse outra vez um tanto de minha alegria e deixando que eu me inundasse apenas daquilo, prazer, que era o que eu queria, e logo.

Guilherme deu algumas palmadas leve nas minhas coxas enquanto eu repetia o movimento de subir e descer, ele queria mais e eu também. Ele se aproximou e me abraçou pela cintura, então colocou as mãos pela frente do meu braço, me puxando mais enquanto ele se enfiava mais forte. Bem mais forte, tanto que eu soltava pequenos gritinhos de quão bom aquilo estava.

Eu precisava, precisava daquilo, e ele estava fazendo de um modo tão acertadamente bom, que eu iria alcançar o clímax alí, e ele sabia. Ele começou a deslizar o dedo para minha frente, puxou ainda mais de lado a calcinha e não demorou muito para que aquela massagem somada a todo o conjunto me fizesse ter prazer.

Ainda fiquei alí, parada, enquanto ele se movia mais um pouco dentro de mim, buscando a própria redenção. Me olhei ao espelho, eu tive um prazer ao me ver naquela cena, que foi indescritível.

Quando o senhor Andrade terminou, eu me levantei e me vesti. Ele se limpou sozinho, ele era bem grandinho para isso. E eu dei um beijinho nele, me despedindo, enquanto saí de lá e voltei para o bar.

Meu gesto ainda estava meio anuviado pelo que tinha feito pouco antes. Matheo estava sentado alí, me esperando, provavelmente.

— Você deu mesmo para aquele cara? – ele perguntou quando me viu.

— E daria para mais dez se eu quisesse – eu tomei um gole da água que pedi – você não tem nada a ver com isso. E eu não sei por que você está afetado, você fez o mesmo com aquela lá.

— Tínhamos um acordo.

— Sim, e eu o cumpri. Eu te arranjei mulher. Não tinha nenhuma clausula que dizia que eu deveria permanecer casta.

— É assim?

— Sim, Matheo. É assim.

— Ótimo – ele jogou os duzentos dólares na mesa.

— Ótimo – eu peguei o dinheiro.

Ele se levantou e foi até uma moça que estava encarando ele há algum tempo, eu também já tinha percebido. Ele soprou mais algumas palavras ao ouvido dela, palavras que eu não ouvi de onde eu estava, é claro. E a pegou pela mão para levar ao segundo andar.

— Stronzo – eu reclamei baixo. Paguei os meus pedidos e procurei pela saída. A noite tinha acabado para mim fazia algum tempo.

Eu realmente, realmente, não queria que ela tivesse terminado assim. Eu estava confusa, muito confusa, e isso não era nada bom.

SEM CONFUSÃO, PLEASE

Eu tinha ligado de um orelhão para Alex, ele disse que já imaginava que isso ia acontecer. Ele prometeu que estaria na porta de casa me esperando, e que ele seria o primeiro a dar na minha cara se eu o arrancasse de um encontro outra vez.

Quando o táxi parou na porta de casa, um tempo e uma boa grana depois, eu desci do veículo e Alex realmente estava alí. Sentado, enrolado num cobertor e com duas xícaras de chocolate quente. Ele abriu um pouco de espaço e me deixou sentar ao lado dele.

— Que merda você fez? – ele perguntou.

Eu nunca ficava assim quando eu estava bem, ele sabia, eu devia ter aprontado alguma coisa da qual eu deveria me envergonhar. Essa era a questão, eu não tinha feito nada de errado. Eu fiz o que tinha sido combinado, eu fiz até mais do que tínhamos combinado, nada explicava o porquê eu estava assim.

— Eu sei lá – eu disse – estava tudo bem, tudo bem mesmo! Peguei o chefe.

— Agora conta uma novidade.

— Não foi esse chefe, foi o outro chefe.

— Qual chefe? James? Nicholas?

— Claro que não, eu adoro Vivian. James e ela estão em outra cidade, e Nicholas e eu não temos nada há muito tempo, ele é parte do meu passado.

— Só sobra Matheo.

— Não, chegou um novo sócio, ele entrou no lugar de Nicholas, ele veio do exterior. Bem bonito, e eu acabei ficando com ele.

— Ficando... ou ficando... – ele entonou de duas maneiras diferentes as palavras.

— Ficando mesmo! Lá no privé da Apache, eu encontrei ele lá.

— Rápida no gatilho, como sempre – ele disse – e por que está assim? Ele brochou?

— Não, não aconteceu nada disso – eu bufei – ele foi ótimo, a questão é que eu não me senti bem quando acabou. Eu deveria, mas não me senti.

— Não me diz que ele foi um idiota com você – Alex levantou e até falou com uma postura mais agressiva e voz mais máscula – eu mesmo me acerto com ele.

— Não, - eu sorri um pouco do jeito dele – não é necessário. Eu é quem fui a idiota da vez. Eu deixei o menino lá, depois de tê-lo usado. Se bem que ele deve ter gostado, já que reclamou.

Ele sentou mais perto de mim e olhou direto para meu rosto.

— Eu ainda estou perdido.

— Matheo estava lá, como você já sabe, e ele pareceu magoado com minha decisão. Eu diria até irritado.

— E desde quando isso importa.

Ele tinha chegado num ponto crucial. Essa era a pergunta que me vinha martelando na mente, a pergunta que me fez sair da Apache e vir para casa, a pergunta que estava me estressando e não me permitindo apreciar meu chocolate quente direito.

— Eu não sei.

— É, acho que você está com problemas...

— Eu sei...

— Não, não é por isso – ele apontou com o queixo mais para frente – olha quem está chegando.

Ergui meus olhos da xícara e vi o carro entrando na rua, a luz de dentro do veículo estava ligada, e era possível ver o seu ocupante. Matheo espiou na direção onde Alex e eu estávamos sentados e estacionou o carro numa das vagas da rua.

— O que quer, amigo? – Alex se levantou e perguntou num tom firme – Não está muito tarde para visitas?

— Preciso conversar com Violet, se me der licença.

— Pergunte se ela quer conversar com você, não é apenas chegar aqui e já ir querendo cantar de galo... – puxa, ele estava zangado mesmo.

— Está tudo bem – eu puxei a bermuda que Alex usava um pouco, assim chamaria a atenção dele – eu vou conversar com ele.

— Tem certeza? – ele perguntou. E eu ainda não sabia o que ele queria com esse teatrinho todo. Eu só sabia que ele teria que me explicar isso direitinho mais tarde.

— Tenho sim.

Ele pegou as duas xícaras e o lençol, ajuntou tudo num braço e entrou em casa com um ar irritado. "Oi, como assim?".

Matheo se aproximou, assim que ele entrou, e sentou ao meu lado. Ele provavelmente tinha deixado a jaqueta no carro, e a camisa que usava, de tecido de algodão, normal, deixava à mostra aqueles braços que tinham me esmagado um tempo atrás.

Eu tenho que parar de olhar para ele e lembrar de cada coisa que ele já fez para mim. Se eu continuar olhando para ele, sentindo o cheiro dele de loção pós-barba e chiclete de menta, eu vou ter umas ideias que não irão dar muito certo.

— O que quer comigo? – perguntei.

— Você veio embora – ele falou baixo, para que apenas eu ouvisse – eu fiquei preocupado, achei que tinha saído com aquele... Aquele cara lá.

— E se eu tivesse saído, Matheo? Não fui a única a impor regras, na verdade foi você quem veio com aquele papo de perguntar se eu sabia onde eu estava me metendo.

— Eu sei bem disso.

— E então? Qual o problema se eu tivesse saído com ele, você saiu hoje não apenas com uma, mas duas mulheres. Duas, e eu não fiz nenhuma cena, fiz?

— Há uma diferença entre o que eu fiz com elas e o que eu você fez com ele.

— Qual seria a diferença, ó sábio?

— Eu não dormi com elas.

— Como iria dormir numa boate cheia.

Ops, a frase fez sentido. Eu olhei para ele, fiquei um minuto, pelo menos, sem reação, e quando se desenhou na minha mente o que tinha acontecido, bom, aí eu não consegui controlar o riso.

Matheo ficou esperando que meu ataque de histeria passasse e quando eu precisei recuperar o ar, depois de rir até a barriga doer, aí sim, ele falou.

— Acabou?

— Acho que sim – eu limpei uma lágrima que correu do lado do meu rosto, de tanto que eu sorri.

— Que bom.

— Então, o senhor brochou?

— Não, Violet, isso não aconteceu.

— E o que foi que aconteceu então? Suas qualificações de conquistador sempre foram falsas e você não soube continuar de onde parei?

— Não, Violet, não foi nada disso.

— E o que foi, homem de Deus?! Fala.

— Eu não consegui continuar, porque havia alguém que não saia da minha mente. E quando eu fui buscar esse alguém, lá na pista, ela já estava colada em outro alguém.

Parei por um minuto de fazer graça, e fiquei olhando para ele. Esperando que ele continuasse com o que quer que tinha começado a falar.

— Quer saber, esquece! – Matheo disse se levantando – está na cara que você não está ligando para o que estou falando.

— Matheo, senta aqui e deixa de show.

Ele, irritado, sentou-se outra vez.

— Eu não sabia que você tinha ido me procurar. Na verdade, achei que o sorriso daquela lá era porque ela tinha contemplado o cosmos, como eu.

— Oras, não seja besta – ele disse e sorriu de uma forma linda demais – ela ficou contente depois dos primeiros beijos e uma promessa de um novo encontro. Eu dei o número do meu primo para ela, e lancei o papo de que me sentia mal por estar sem a minha namorada junto.

— Ok, e a segunda.

— Beijos, apenas – ele virou para mim e disse – eu devo estar capado psicologicamente, porque eu só conseguia pensar em você.

Isso era fofo, mas nem tanto. Ele poderia muito bem estar mentido.

— Eu acho que você só está assim por que me viu com outro. Deve ter achado que eu ficaria sozinha a noite inteira, balançando meu traseiro de um

lado para outro enquanto te esperava, mas eu não sou assim.

— Eu percebi.

— Sabe, Matheo...

— O que?

— Eu não sou uma loucona, pelo menos não como você está achando, eu tenho meus defeitos, e um monte de qualidades. Ficar esperando por alguém não é uma delas. Se você for se divertir, eu vou me divertir também. Eu não te ligo, já percebeu? Eu não fico no seu pé. Quando você me quiser, quando quiser ficar comigo, tem que vir a mim. Eu não leio pensamentos, eu não vou saber se você está apenas querendo provocar ciúmes ou se está mesmo querendo ficar com alguém. Você tem que me dizer, do contrário, estaremos sempre nos desencontrando.

Ele pesou um pouco as palavras, balanceou-as com nossas atitudes, e ficou analisando-as por um tempo. Quando virou o rosto para mim, outra vez, ele já tinha um brilho diferente. Aquele brilho que o fazia ser único, um brilho que me dizia que ele estava pensando em duas mil obscenidades em apenas um minuto.

— Se lesse meus pensamentos agora, saberia que eu estou muito, mas muito louco para ficar com você.

— Agora? – eu perguntei com um sorriso leve.

— Sim, a não ser que aquele lá tenha te cansado.

— Não – eu pisquei – sempre haverá um pouquinho de mim para o meu pouquinho em você.

Dessa vez não foi forte e selvagem, não houve um grande alarde antes do beijo, mas ainda assim foi intenso. Matheo beijou-me a boca como se estivesse me despindo de todas as minhas reservas, e mordeu meus lábios como se estivesse arrancando a minha roupa. Quando ele sugou minha língua, eu já estava com o pensamento apenas nele.

— Você vai querer terminar isso aqui ou lá dentro? – ele perguntou baixo – eu adoro um pouco de voyeurismo.

— Só se seu brinquedo for de borracha para entrar pelo meu short jeans sem quebrar.

Eu me sentia tão à vontade com ele. Diferente de quando eu estive com Guilherme, e eu me concentrei apenas na sensação, com Matheo eu me concentrava nele, me concentrava em cada centímetro daquele rosto safado e em cada centímetro daquele corpo maravilhoso.

— Segure-se, cowgirl – ele pediu e se levantou enquanto me deixava presa à cintura dele. Cruzei as minhas pernas ao redor dele e encostei minha cabeça ao ombro dele.

Ele me levou para dentro do meu apartamento, quando passamos pela sala, Alex estava falando com alguém pelo Whatsapp, eu acenei para ele sorrindo: — Não me atrapalhe, eu vou dar uma... – eu pisquei e continuei – dormida.

Matheo sorriu junto comigo e entramos no meu quarto. Matheo me jogou na cama e ele ficou me analisando, acho que por diversos ângulos, ele queria, talvez, pensar em tudo que iria fazer.

— Sabe... – ele disse – você não parece estar muito em si.

O que?! Eu tinha tomado pelo menos umas quinze vanilla sky, mas nada demais. Meu sinal para parar era quando eu vomitasse.

— O que quer dizer com isso, Matheo?

— Quero dizer que – ele retirou a camisa, os sapatos, e deitou ao meu lado na cama – nós vamos namorar como um casal de adolescentes hoje. Quero que você sinta tudo quando estiver comigo, não quero ter a sensação que estou abusando de você.

— Ah, mas você pode abusar de mim quando quiser – eu sorri.

É, isso comprovava o meu estado de embriaguez.

— Que merda! – eu xinguei baixinho.

— Não, não é uma merda – ele me puxou para perto dele e colocou os dois braços ao redor de mim – é muito legal, ok, eu vou ficar com as bolas roxas, mas eu vou poder te apreciar aos pouquinhos.

— Matheo, você já me chupou, o que mais tem para apreciar que seja uma novidade.

Ele sussurrou uma torrente de impropérios no meu ouvido e eu gritei no final de tudo, sorrindo feito uma louca e batendo no peito dele.

— Gostou né, sem vergonha? – ele perguntou num tom baixo – vai gostar ainda mais quando eu estiver fazendo.

— Hoje?

— Ainda não – ele disse – mas... – ele deslizou a mão sobre o meu corpete e esmagou um dos seios – posso te fazer uma massagem preliminar.

— O outro tá com ciúmes – eu disse e ele foi apertar o outro seio – eu quero massagem.

Ele se sentou na cama e retirou meu short, minha calcinha suja, o resto da meia, meus sapatos, e me deixou apenas com o corpete.

— Tira tudo, vadio – eu pedi.

— Não, você já está absurdamente linda assim.

Ele sussurrou contra meu ouvido e começou com uma massagem que não tinha nada, mas absolutamente nada, de relaxante ou inocente. Desde a ponta dos dedos, subindo pelas pernas, e parando num local peculiar no meio delas. Matheo me mostrou o céu algumas vezes naquele resto de noite.

UM SHOW PARTICULAR

MATHEO

Violet estava transformando minha vida numa confusão. Eu não queria, não queria mesmo que ela tivesse se tornado uma parte tão importante das coisas que me prendiam a atenção. Se fosse no passado, num passado não muito distante, uma mulher que eu tivesse levado e que me deixasse sozinho nalgum lugar, simplesmente não teria me visto mais em nenhuma oportunidade na vida.

Eu sempre me gabei de conseguir a mulher que quisesse à hora que quisesse e do jeito que eu quisesse. Até aí, tudo bem, as coisas estavam indo conforme eu queria, as mulheres dançavam conforme a minha música, mas foi quando encontrei Violet, percebi, ela tinha um ritmo próprio. Não adiantava querer tocar o meu ritmo com ela, ela sempre acabaria guiando a nossa "dança".

Ela era linda, é linda, absurdamente linda. Diferente do tipo de mulheres que estou acostumado, mas não menos provocante ou feminina. Violet parece ser daquele tipo de pessoa que desabrocha quando livre. Como as flores noturnas desabrocham no sereno, era na noite, que ela mais brilhava.

Eu ainda fiquei me perguntando o porque eu menti que não tinha transado com aquelas duas, quando, evidentemente, eu tinha. E já vi que isso poderia ser motivo de uma futura discussão entre Violet e eu. Sabemos que ela é do tipo de mulher que preza a verdade, e acima da verdade, a lealdade. E eu não estava sendo leal a ela.

De lado, na cama minúscula, olhando para o rosto dela, minha vontade é de escapar daqui, porque eu sei que ela está me prendendo, mas ao mesmo tempo eu quero ficar e entender até onde isso tudo vai dar.

Eu nunca senti isso, e quando eu senti, bem, não foi a melhor coisa do mundo. Eu só me apaixonei uma vez na vida, para nunca mais. E ninguém, absolutamente ninguém, sabe disso.

Eu ainda estava na faculdade, então faz algum bom tempo, eu sempre gostei das mulheres mais velhas, uma coisa no corpo delas e na segurança destas, me encantava e me fazia uma vítima fácil. Eu precisava de notas, não poderia perder o financiamento da faculdade, era ele quem pagava o meu intercambio, e ela me chamou à sala dela.

Eu estava disposto a fazer qualquer coisa para passar naquela matéria, ela sabia disso. Quando ela abriu o zíper da blusa no meio da sala de aula, quando não tinha ninguém mais alí, eu uni o útil ao agradável.

Encontrávamo-nos sempre alí. Ela era uma linda "brunette". Cabelos negros até a cintura, olhos de mesma cor, e uma pele dourada avermelhada que ela herdou dos nativos americanos. Ela parecia uma das índias que foram encontradas no país ainda inexplorado.

Ela tinha um modo de simplesmente me fazer obedecer a tudo que ela mandasse, e que me deixava enlouquecido. Quando ela terminou tudo, eu era um idiota apaixonado que não conseguiu entender o que estava acontecendo, e ela me estragou para o amor para sempre.

Agora, com Violet deitada ao meu lado, eu estava sentindo as mesmas coisas que eu senti com aquela lá, naquelas vezes. Violet tinha a combinação perfeita de atitude, jovialidade e segurança que eram simplesmente a cópia exata do que eu tinha visto na primeira mulher que me apaixonei. E isso me deixava amedrontado como o inferno.

— Tá acordado? – ela perguntou quando eu fiz algum barulho me movendo na cama, eu queria me ajustar naquele espaço, minhas pernas ficavam do lado de fora da cama de solteiro.

— Sim, desculpe tê-la acordado – eu me desculpei – eu precisava fazer o sangue circular para meu braço outra vez.

— Tá me chamando de gorda? – ela perguntou abrindo os olhos de repente, irritada por eu ter me referido ao peso dela sobre o meu braço. Mas soava muito mais divertido que ameaçador.

— Bom, você tem umas gordurinhas aqui ou alí, mas eu não posso reclamar, elas estão distribuídas nos lugares certos.

Eu apenas a senti me empurrando da cama, e por muito pouco não caí no chão. Mas ela não estava brava, ela estava radiante.

— Sabe, - ela começou a falar novamente – eu acho que nós somos meio estranhos um para o outro ainda, e eu não gosto disso – ela sorriu – ok, você já me viu pelada e tudo, mas ainda assim não sabemos nada um do outro. Se não fosse pelo trabalho, ou pelo dia lá na Apache, meu primeiro dia, eu não teria nem sabido que seu sobrenome era Barbieri.

— Ok, então o que quer saber?

Ela tinha acordado no meio da noite, qualquer pessoa ficaria irritadiça ou com sono, mas não Violet. Ela já estava com a energia nas alturas, e eu que nem tinha dormido, tinha que acompanhar o ritmo dela.

— Tem café na sua casa? – eu perguntei – posso preparar uma xícara para nós dois?

— Eu acho que deve ter chocolate em pó – ela falou num tom de desculpas – Alex e eu geralmente só criamos coragem para fazer comprar quando estamos na pior das situações. Geralmente tiramos par ou impar, eu sempre venço e ele vai fazer compras, irritado.

— Acho que você poderia ajudar de vez em quando.

— Eu ajudo – ela disse – eu fico aqui linda para ele poder me olhar.

Eu sorri e nem percebi que estava me aproximando para beijá-la, apenas o percebi quando eu já o tinha feito. Violet se assustou pela proximidade repentina e ela tinha um olhar severo para mim, um olhar que dizia "não se apaixone por mim".

Levantei e fui até a cozinha, procurei nos armários o tal do chocolate, o encontrei e preparei o único copo que conseguiria com a quantidade que tinha. Dividiríamos aquele e pela manhã eu a levaria para fazer algumas compras. Nem que eu a arrastasse.

Eu ouvi barulho de impressora, olhei no relógio, quatro e vinte da manhã, e ela estava imprimindo alguma coisa numa impressora velha que fazia um barulho irritante que se espalhava na madrugada.

Quando voltei ao quarto, ela já estava sentada na cama, apenas com o corpete, do modo que eu a tinha deixado, mas descoberta. E com um papel na mão.

— Aqui – ela balançou o papel para mim – eu encontrei na internet uma lista de perguntas que devemos fazer para conhecer alguém melhor, também dizem que essas perguntas fazem as pessoas se apaixonarem.

— Ok, você realmente quer que eu me apaixone por você?

Eu não presto, eu realmente não presto. Eu nunca consegui ficar numa relação séria por mais de dois meses. Na verdade, a única relação séria que eu tive ultimamente não durou nem um mês.

— É um risco que estamos suscetíveis – ela balançou o cabelo – pode acontecer enquanto eu faço isso, ou enquanto eu faço isso – ela baixou o olhar de um modo "inocente", mas que, em conjunto com o traje que usava, resultava numa das coisas mais sensuais que eu tinha visto na vida. Eu precisava estar dentro dela logo.

— Como está a cabeça? – eu perguntei – dói?

— Só um pouco, mas eu acabei de tomar um analgésico.

Estendi o copo de chocolate para ela e esperei que ela se servisse primeiro. Ainda há um tanto de cavalheirismo em mim. Ela tomou alguns goles e me devolveu.

— Está horrível – ela sorriu.

— Eu não sou cozinheiro, eu já sou bonito – eu me justifiquei – se eu ainda fosse ser cozinheiro seria demais, não acha?

— Não.

Ela sorriu outra vez e eu sorri junto. Eu amava e odiava a forma como ela me fazia sorrir sem nem se esforçar.

— Vamos começar? – ela pegou o papel – qual é mesmo a primeira pergunta disso?

— Procura pela que tem o "um" como número ordinal.

— Engraçadinho nada – ela jogou o papel em mim e depois teve que ajuntá-los para perguntar.

— Vai lá, comece – eu tomei um gole do chocolate quente, que tinha pouco açúcar e estava horrível, e esperei que ela fizesse a primeira pergunta.

— Se pudesse escolher qualquer pessoa no mundo, quem convidaria para jantar? – ela leu a primeira.

— Hum, provavelmente a Catherine Zeta Jones, aquela mulher me acaba.

— É, eu acho que a convidaria também – ela sorriu da minha resposta e continuou - Gostaria de ser famoso? De que forma?

— Não, eu seria assediado demais, e não gosto de assédio – eu pisquei para ela.

— Eu queria ser cantora – ela respondeu à própria pergunta – eu canto bem, você ainda vai ter o privilégio de ouvir algum dia.

— Para você, como seria um dia perfeito? – eu perguntei quando tomei o papel da mão dela e li a pergunta.

— Você leu a pergunta errada – ela disse – mas, o dia perfeito para mim será o dia em que eu fizer o meu primeiro show. Você tem que estar lá.

— Eu estarei – eu prometi - Antes de fazer uma ligação telefônica, você ensaia o que vai falar? Por quê? – perguntei.

— Não, e você?

— Não também. – procurei a próxima pergunta - Quando foi a última vez que cantou sozinho? E para outra pessoa?

— Eu canto sozinha toda hora, - ela deu uma risada gostosa – não lembro a última vez que cantei para uma pessoa.

— Que tal cantar para mim?

— Você tem que prometer que não vai me chutar se eu desafinar.

— Prometo.

— Ok, - ela se levantou na cama e apontou uma cadeira perto da escrivaninha para que eu sentasse, eu obedeci, coloquei a xícara sobre uma cômoda alí perto – arrase.

Violet ainda usava apenas o corpete, e eu tinha que me concentrar com todas as minhas forças para que meu olhar não descesse para aquela parte que me apetecia. Ela pegou o papel das perguntas sobre a cama e enrolou, improvisando um microfone.

— Vamos lá, você pode bater palmas quando terminar, eu não me importo – ela sorriu.

Ela fechou os olhos, como se fosse um minuto de silencio, e quando voltou

a cantar, me deixou boquiaberto. Ela tinha uma voz ligeiramente grave quando cantava, ela não era soprano ou meio-soprano, ela alcançava as notas mais baixas e fortes, mas isso a deixava muito sensual.

"Minha amada tem humor, ela dá aquela risadinha no funeral. Ela sabe que todos desaprovam, eu devia ter venerado ela mais cedo. Se os céus alguma vez falaram, ela era a última profetisa verdadeira. Cada domingo fica mais triste, Um veneno fresco a cada semana".

Violet se balançava devagar enquanto o ritmo da música era calmo, e eu adorava o modo que os lábios dela delineavam as palavras. Que merda, eu não poderia me apaixonar, não agora, e não por ela.

"Nós nascemos doentes' É o que eles dizem. Minha igreja não oferece regras absolutas. Ela só me diz, 'Louve entre quatro paredes'. O único paraíso para onde vou ser enviado vai ser quando eu estiver sozinha com você. Posso ter nascido doente, mas adoro isso. Me ordene sarar".

Eu precisei acompanha-la no refrão, eu era um dos que adorava aquela música. Hozier, take me to church.

"Amém, amém, amém... Me leve à igreja, louvarei como um cão no

santuário de suas mentiras. Vou lhe confessar meus pecados, assim você pode afiar sua faca e me oferecer essa morte imortal. Bom Deus, me deixe te dar minha vida..."

— Tem gente querendo dormir! – ouvimos Alex reclamando do outro quarto. Sorrimos juntos um tanto mais e eu subi para a cama, derrubando-a comigo, quase quebrando os pés do móvel. Não me importava coisa alguma, não mais, eu a teria para mim naquele momento.

A respiração de Violet, quente e ansiosa, me mostrava que era o que ela também queria.

EU PRECISO DE AJUDA!

Era um show particular, e eu sabia que ao final de tudo ele não se conteria, assim como eu mesma não conseguia me conter. Matheo me derrubou na cama e me esmagou com aqueles braços fortes que eu adorava. O nosso contraste era simplesmente lindo. Dourado e pálido, a pele dele beijada pelo sol e a minha pela lua. Éramos lindos juntos. Eu o queria, e eu o chamei em silêncio durante toda a música, ele ouviu meu apelo e se lançou sobre mim.

— Onde estão as minhas palmas? – eu perguntei contra a boca dele, perto demais da minha.

— Eu prefiro te parabenizar com outra coisa – ele falou perto de meu ouvido. Rouco e visivelmente propenso a me seduzir.

Ele se levantou e me puxou pelos pulsos para que sentássemos juntos. Ele me virou de costas, não sem antes deslizar a mão pelo meu traseiro e desabotoou a peça, depois deslizou o zíper e começou a beijar-me do pescoço e por toda a extensão das costas. Voltando ao pescoço apenas para virar meu rosto para si, e para me beijar. O beijo dele era diferente de tudo que eu provei. Claro, podem dizer "é apenas um beijo", mas não. Era como se quando eu o beijasse, a minha boca tivesse uma ligação com a minha intimidade, e ele acordasse todo o meu corpo, absolutamente todo o meu corpo com aquela boca.

— Matheo...

— Oi? – ele perguntou contra a minha orelha, lançando um hálito quente que me deixava ainda mais extasiada.

— Eu preciso de um banho.

— Eu quero você sujinha – ele disse e eu sorri.

E ele recomeçou a me beijar. Ajustei minhas pernas ao redor de sua cintura e respondi o beijo outra vez. Aquilo não era difícil, não mesmo. Aquilo era simplesmente divino, de outro mundo, de outro espaço. Uma amiga disse uma vez que eu só queria sexo se fosse da estratosfera, ela não estava errada. Com Matheo eu era lançada para um universo longe de casa, um universo onde ele era minha casa.

Eu me virei na cama, e sentei sobre ele. Eu já estava nua, o que facilitaria as coisas, exceto pelo corpete, é claro, e beijei-o por todo o tronco nu até a linha que me afastava de sua intimidade.

Ele sorriu quando eu dei mordidas alí, não de cócegas, mas porque ele tinha gostado. Eu precisava colocá-lo na minha boca logo. Quando o fiz, Matheo soltou uma lufada de ar, outra vez, somada com gemido que me fez doida. Ele sentou na cama e ficou segurando meu cabelo enquanto eu lhe dava prazer com minha boca.

É obvio que eu tinha que olhar para ele para ver a cara dele de safado enquanto eu fazia isso. Eu tive que sorrir um pouco quando ele me pegou de vez e me deitou na cama não mais conseguindo se controlar.

Matheo me deitou na cama, e procurou nas coisas dele, que ele tinha deixado sobre meu criado-mudo, um pacote prateado. Dessa vez ele não tinha nenhum empecilho, nem eu. Ele deslizou o preservativo por seu comprimento, isso depois de ter retirado a roupa, obviamente, e ajustou minhas pernas de um modo que lhe daria mais fácil acesso. Meu corpo estava quase de lado, e eu precisei morder o meu próprio pulso quando ele entrou em mim.

Agora sim, isso sim. Eu me sentia realmente preenchida, em todos os sentidos. Desde o corpo até a alma, eu queria com ele, acho que desde que ele me provocou as primeiras vezes eu queria apenas com ele. Matheo soltou um muxoxo de prazer quando estava em mim, completo, e então começou a se mover.

Primeiro, devagar, calmo, para que eu me acostumasse ao seu tamanho. Depois, aumentando gradualmente o movimento, a velocidade e a precisão,

conforme a fome que surgia nele, e em mim, ia aumentando.

Inclinei meu corpo para trás e senti-o contra minhas costas, forte e enorme. Ele era simplesmente fantástico em cada pedaço. Ele deslizou as mãos para meus seios e se deixou naufragar em mim enquanto afundava o rosto em meu pescoço. O movimento era perfeito, dois corpos em sincronia, dois corpos que estavam aguardando por isso há muito tempo. Matheo deslizou as mãos de meus seios para meu pescoço e me fez me curvar ainda mais, um tanto mais, para que eu o beijasse. Ele continuava se movimentando em mim, mais e mais, enquanto eu lhe mordia o lábio inferior.

Quando ele estava prestes a se derramar em mim, e eu o notei pelo quão duro ele estava, ele trocou de posição. Ficou de joelhos na cama e me colocou para buscar o meu próprio prazer primeiro. Ah, eu ainda queria maltratá-lo um pouquinho.

Eu fiquei apenas me movimentando devagar, enquanto ele inclinava a cabeça e abria a boca, formando u "o" perfeito, ele gemia baixo e eu também, cada vez que nossos corpos se chocavam com o movimento.

Matheo me retirou de si e deitou na cama, me puxando para que eu sentasse sobre ele. E, cara, eu adorava essa posição. Ele pediu que eu parasse, e eu sorri da cara dele, quando, mesmo ele não querendo, eu o fiz alcançar prazer. E eu ainda fiquei me achando sobre ele. Ele urrou baixinho e bem gostoso quando isso aconteceu.

— Sua rebelde... – ele sussurrou contra minha boca quando me puxou para um beijo.

Eu me deitei na cama, conforme as mãos dele estavam ordenando, e eu me deixei amanhecer o dia assim. De pernas abertas, com o rosto de Matheo entre elas, me lambendo, faminto. E eu fui rendida assim, fechando os olhos e me entregando àquele momento no escuro. E era assustador como mesmo quando eu não o olhava, tudo que eu conseguia enxergar era ele.

Matheo veio para meu lado, beijando meu corpo até alcançar minha boca, e me fez deitar no seu braço.

— Quer continuar as perguntas? – eu perguntei.

— Se conseguir – ele disse enquanto me massageava de leve no pescoço – pode perguntar o que quiser.

— Vou perguntar então... – eu falei enquanto deixava minha mão deslizar pelo peito dele.

— Pergunte...

— Qual seu signo?

— Sei lá, acho que é sagitário.

— Bem vi...

— O que?

— Nada em especial.

— Mais perguntas?

— Por que não arranjou uma namorada até hoje?

— Hum, acho que meu coração veio com defeito de fábrica, como a sua música disse. Nós nascemos doentes, mas eu amo isso.

— Realmente.

— E você?

— O que? Se eu nasci doente?

— Não, por que não tem um namorado?

— Por que eu não presto para namorar.

— Idem.

— Quer alterar alguma clausula do nosso acordo?

Ele ficou olhando para meu rosto, mas tudo que eu conseguia pensar era se ele iria falar alguma coisa ou se só ia ficar olhando para mim à espera de respostas.

— Acho que não, gosto de minha liberdade.

— Ok – ele assentiu – então, sem nenhuma alteração.

— Nenhuma alteração – eu repeti não querendo dar o braço a torcer.

Eu não ia impor regras a ninguém, eu não estava pronta, não mesmo, para me relacionar. Eu sempre ficava com um pé atrás quando o assunto era ter alguém justamente por isso, regras. Eu não ia conseguir agir normalmente se me sentisse sufocada, se sentisse que alguém estava me esperando todo o tempo. Eu iria enjoar, e quando eu enjoo, eu simplesmente sumo. Foi assim que eu cheguei nesta cidade.

Eu odeio me sentir presa, eu não quero ter motivos para me sentir presa a um local ou a alguém. Eu não quero ficar me sentindo sempre em dívida. Se eu sentir que isto irá acontecer, cara, eu caio na estrada, canto em bares, faço pequenos serviços, mas eu precisarei sumir.

Matheo estava quebrando várias dessas barreiras que eu tinha construído, ele já estava mais dentro de mim que qualquer pessoa nos últimos anos, e isso meio que me deixava extasiada e assustada ao mesmo tempo.

Eu ainda estava pensando quando o ouvi respirando devagar. Olhei para ele, ele tinha dormido. Dormido lindo, como sempre, e olha que eu nem tinha reparado antes na beleza dele direito. Quando trabalhávamos, para mim, ele era o sócio que estava resolvendo as coisas de Nicholas enquanto ele não poderia trabalhar, agora que estava apresentando as dependências a Guilherme, e que depois iria simplesmente voltar para a casa dele.

Matheo talvez não estivesse se lembrando disso, mas ele tinha tempo certo para voltar para a casa dele, que não era aqui, que não era eu. E eu não queria me apegar demais a ele para não sentir tanto a ausência dele depois.

Retirei o braço dele de sobre mim, me levantei, ele se mexeu na cama e ficou de bruços. Até dormindo o bicho era gostoso, meu Deus. Eu entrei no banheiro, joguei uma água no rosto, vesti uma calcinha e uma camiseta grande, e fui para a sala. Liguei a televisão, fiquei assistindo criminal minds até que fui interrompida por Alex.

— Eita, mas você não sossega esse fogo, não é mesmo?

Ele estava com uma cara de cansado, provavelmente eu tinha deixado ele acordado com tanto barulho.

— Bom dia pra você também – eu brinquei – eu não tenho culpa, cê já viu o homem que estava comigo no quarto? Ele é a própria labareda. Não tem como eu me controlar não.

— Pode ter certeza que eu vi – ele vasculhou a geladeira e encontrou sorvete no fundo do freezer, acho que foi ele mesmo que escondeu, ele pegou duas colheres e sentou no sofá comigo, dando uma para mim e ficando com outra e abriu o pote.

— Escondendo o ouro, né amigo? – eu me referia ao sorvete.

— Se eu deixasse alí você teria comido tudo, eu te conheço.

É, ele me conhece mesmo.

— Você tem que comprar alguma coisa para aquele monstro comer quando acordar – ele disse – ele parece ser do tipo de cara que toma um shake de proteínas, batata doce e peito de frango no café da manhã.

— É, eu sei. Vamos comigo?

— Vamos.

Ele se levantou. Eu vesti apenas um short e coloquei um chinelo de dedo. Saímos na rua. O dia mal tinha amanhecido direito. E viramos algumas esquinas, eu levei a chave. Quando viramos numa destas esquinas, alguns meninos de gangue começaram a tomar gosto conosco, especialmente com Alex, eles faziam isso desde que o viram se beijando com um rapaz na varanda de casa há umas duas semanas.

Eles estavam se aproximando, e isso não era nada bom.

Quando eles puxaram Alex de perto de mim, de repente, ele apenas me disse, corra. Eu voltei correndo pelo caminho por onde eu tinha vindo.

— Matheo, Matheo! – eu gritei por ele enquanto pegava o celular, que eu tinha deixado em casa e ligava para a polícia. Entrei no quarto e ele já estava vestindo a calça, assustado com meus gritos que desta vez significava alguma coisa – eles estão batendo em Alex. Corre, ajuda, por favor! Eu preciso de ajuda!

— Onde?

— Alí, algumas quadras.

Matheo saiu correndo, sem camisa, descalço, ainda estava, inclusive, abotoando o jeans. Eu corri atrás dele levando um pequeno canivete nas mãos e o celular na outra.

SEM BRIGAS, OK? OK.

Eu estava correndo bem atrás de Matheo, ele era mais alto e mais rápido. Eu vi o momento em que ele arrancou um pedaço de uma cerca no caminho, e o colocou na mão como se fosse um taco de baseball para defender Alex, se necessário, e se defender.

Ele alcançou os rapazes, que não pareceram se amedrontar quando o viram chegando. Eu ainda vi, de longe, quando eles ainda estavam chutando Alex na barriga. Eu me aproximei, retirando o canivete do bolso e apertando o botão que abria a lâmina.

Um dos rapazes que usavam lenços na tentativa vã de ocultar sua identificação, já que eu conhecia a maioria deles só de olhar, já que sempre passava por alí, se aproximou de Matheo com um canivete, quase igual ao meu, na mão esquerda. Eu temi por um ou dois momentos, mas Matheo não teve medo e largou o pedaço de madeira no rosto do cara, que desmaiou no chão na mesma hora.

Os outros três, que estavam alí, não desistiriam tão fácil. Um deles se aproximou e deu um soco na barriga de Matheo, que respondeu empurrando-o para um pouco longe e depois deu com o pedaço de cerca na altura da perna dele, derrubando-o também, e deixando, provavelmente, uma nódoa roxa sob o tecido da roupa. Os dois que tentariam resistir, correram quando ouvimos o som da polícia chegando. Matheo ficou observando enquanto o rapaz que tinha apanhado nas pernas reclamava que provavelmente o joelho dele tinha sido

quebrado. Quanto exagero!

Matheo se aproximou de Alex, sacudiu-o um pouco, e sorriu quando Alex acordou. Foi quando eu me aproximei. O rosto de Alex estava inchado em vários lugares, e ele tinha uns hematomas no canto do olho. Além disso, ele colocava a mão na cintura, provavelmente tinha fraturado umas costelas.

— O que houve aqui? – um dos policiais se aproximou e perguntou.

— Briga, ainda não sei o motivo – Matheo se apressou em explicar – este rapaz é meu amigo e amigo da minha namorada, ele sofreu algumas agressões.

O outro policial, que nem tinha saído da viatura, discou um número, provavelmente da emergência, e pediu uma ambulância.

— Violet, pegue o documento de Alex, vamos ao hospital com ele. Traga meus sapatos e minha camisa, por favor.

— Ok – eu corri para a casa outra vez, eu já estava suada e fedida de correr

de um lado para outro. Quando peguei, voltei para o local onde eles estavam. A ambulância mal tinha chegado, Eles estavam colocando Alex numa maca alaranjada, e imobilizando ele. Alex foi colocado no veículo e eu perguntei se poderia ir junto, a resposta do médico foi que eu deveria encontrá-lo no hospital. Já que a ambulância tinha, além de Alex, os dois outros rapazes agredidos.

Ele me deu o endereço e eu o guardei na mente.

— Vamos, pegaremos meu carro – Matheo disse e voltamos outra vez pelo caminho. Entramos no carro e ele nos levou ao hospital.

O resultado de tamanha covardia e preconceito foram duas costelas quebradas, alguns pontos no lábio e pelo menos algum tempo em observação.

Eu não poderia entrar para vê-lo, não ainda. Matheo tinha conversado com os policiais, e se apresentou como advogado para defender Alex e, possivelmente, ser parte importante no processo contra aqueles outros caras.

— Vem, venha comer alguma coisa – Matheo não pediu, ele disse o que iriamos fazer.

— Não, eu não estou com fome.

— Ok, eu estou. Eu vou.

— Vá, eu vou ficar aqui esperando.

— Violet, não há nada que possamos fazer agora – ele disse irritado – por favor, facilite as coisas. Eu preciso de energia, e me acalmar, ainda estou eriçado pela briga de antes, e não quero brigar com você também.

Deixei que ele fosse para o refeitório sozinho, fiquei um tempo ao lado da porta, e por mais que eu não quisesse admitir, Matheo tinha razão. O que eu poderia fazer ali? Os médicos tinham mandado que deixássemos Alex descansar, e impediram visitas até o dia seguinte. Eu ainda estava nervosa por culpa de todo o ocorrido e não estava raciocinando direito. Andei até o refeitório do hospital também.

Matheo estava sentado numa das mesas vagas, tomando uma xícara de café e sendo observado por uma legião de mulheres, dentre enfermeiras e pacientes. Ele sequer erguia os olhos da bebida. Me aproximei e sentei na cadeira em frente a ele.

— Decidiu se juntar a mim? – ele perguntou.

— Pois é, você tinha razão – eu olhei bem para o rosto dele – feliz em ouvir?

— Não, eu não pedi que você dissesse que eu tinha razão. Comprei um para você. Mas não sabia quanto tempo iria demorar, então deixei pago no balcão. Pode ir lá pegar.

Levantei e fui até o balcão pegar o tal café. Voltei para a mesa e sentei outra vez.

— Isso aqui é para você. Eles não tem coisa alguma apetecível, então peguei duas tortas de manteiga daquela máquina alí. Espero que gostes, se não gostar, pode ir lá pegar outra coisa.

— Isso é o suficiente – eu disse – obrigada.

— Para aonde vai quando sair daqui?

— Não sei, acho que vou ficar aqui ainda algum tempo. Vai que ele precise de alguma coisa.

— Ok. Quer que eu te leve até em casa, será rápido, não estamos tão longe. Você troca de roupa e traz algumas roupas para ele também. O que acha?

— Pode ser.

— Ei, não precisa ficar assim – ele disse e apoiou os cotovelos sobre a mesa para ficar mais perto – aquelas pessoas serão punidas, nem que eu dê um rim para isso. Não precisa ir ao trabalho hoje, eu não descontarei isso do seu salário.

— Valeu.

— Por falar nisso, quanto pagam de aluguel alí?

— No apê?

— Isso.

— Cerca de cento e oitenta por semana, depende do quanto gastarmos em eletricidade. Por quê?

— Vocês vão se mudar.

— Não, nós não vamos.

— Ah, vão sim. Aquele lugar é um perigo. Eu não falei nada, mas no dia que fui lá de moto, eles levaram os meus capacetes.

— É, eu já imaginava isso.

— Pois é, eu vou pedir que, por favor, procurem um lugar melhor. Eu já vi que você odeia ajuda, odeia que te ajudem financeiramente, então posso emprestar algum dinheiro para que vocês se estabeleçam, depois, depois que estiverem situados melhor, de preferencia nalgum lugar próximos do centro da cidade, aí sim, você começa a me pagar.

Eu sorri um pouco.

— Você deve achar que eu sou uma garotinha pobrezinha que sempre precisa de ajuda né?

— Não entendi – ele disse antes de morder o último pedaço da torta de manteiga – explique.

— Matheo, eu não sou pobre. Eu tenho, inclusive, uma boa condição financeira. O estágio me paga pouco, é verdade, mas eu tenho uma boa quantia de dinheiro guardada e uma parte investida. Quando meu pai morreu, ele deixou separados os bens igualmente para os filhos, não foi tanto, mas me permite viver bem.

— Violet, se tem dinheiro, porque mora num espaço tão mal localizado? Longe de tudo, longe do trabalho, perigoso – ele ressaltou a palavra.

— Foi o local mais barato de dois quartos que a gente encontrou – eu expliquei – e só porque tenho dinheiro não quer dizer que eu posso sair esbanjando tudo em aluguéis. Eu estou esperando o dinheiro render para comprar um carro para mim, Alex vai dar parte do valor, e quando tivermos esse valor, aí sim, poderemos pensar em ir a um local diferente.

— Com certeza está aplicando seu dinheiro nos investimentos errados. Emily é ótima nisso, e Nicholas também, são dois ótimos investidores da bolsa. Eles podem te ajudar, eu sei muito pouco disso. Quando estiver com eles, peça ajuda.

— Pedirei.

— E você vai se mudar dali. Não poderei descansar enquanto não estiver num local mais confortável e seguro.

— Você ainda vai ficar quanto tempo na cidade? Quero dizer, quando terminar de explicar as coisas ao senhor Andrade, você terá que voltar para casa, não é?

Ele arregalou os olhos, lembrando do que aquilo implicava. Quando eu o lembrei que aquela cidade não era a casa dele, ele ficou atônito por algum tempo.

— Sim, eu tenho que voltar – ele falou baixo, olhando para meus olhos – eu ainda ficarei aqui pelo menos dois meses.

— Por que não fazemos uma coisa.

— O que? – ele perguntou, mas ainda estava perdido nos próprios pensamentos.

— Ficará mais fácil se dividirmos um aluguel de dois, em três pedaços. Você também está terrivelmente instalado naquele hotel. Procuramos uma casa térrea ou um apartamento no centro que tenha três quartos. Quando você for, eu já terei terminado o meu estágio obrigatório, e se tudo der certo, já estarei colocada num emprego bom. Eu poderei pagar as contas com Alex, e já terei o rendimento do meu dinheiro. Aí eu não vou precisar voltar para aquele lugar.

— Por mim tudo bem. Sabe que se quiser eu posso te realocar na empresa, há várias áreas que precisam de uma boa profissional.

— Não, quero encontrar um emprego por meus próprios esforços. Agradeço, mas você não está sendo imparcial.

— Talvez você tenha razão, eu não estou sendo. Eu vou ter que ir trabalhar agora, vou deixar o carro aqui, assim você tem como voltar para casa mais tarde. Eu justificarei tua falta, outra vez – ele sorriu – e se precisar de qualquer coisa me ligue.

— Tudo bem.

Ele se levantou e eu pensei por alguns segundos que ele viria até mim, me daria um beijo e então sairia. Mas ele apenas foi até o balcão, pagou a conta com algum dinheiro que eu sinceramente não sei de onde ele tirou, e o vi voltar até mim.

— Procure um bom lugar, não me importo em pagar metade e vocês dois a outra metade. Não quero te ver naquele lugar horrível outra vez.

— OK.

— Violet, estou falando sério.

— Eu sei, ok.

— Eu estou indo. Não esqueça de me ligar, eu passo para pegar o carro mais tarde. Vou passar no hotel e depois trabalho, então, na saída, vou te encontrar. Espero que fiques bem.

Ele só me deu um beijo na testa, um maldito beijo na testa, e saiu daquele espaço.

EU NÃO SEI AMAR E NEM VOCÊ

— Como está tudo por aí? – eu recebi a ligação com surpresa. Eu não esperava mesmo que ele me ligasse à esta hora da manhã.

— Bem, eu não sabia que você ligaria agora.

— Eu não iria, mas bati à porta de sua casa, você não estava.

— Estou viajando, não chegarei por algum tempo.

— Os vizinhos me contaram outra coisa.

Eu permaneci em silêncio, a pessoa do outro lado falou: — Eu sempre vou descobrir onde você está.

Encerrei a ligação e concentrei-me no caminho à frente. Eu estava com o carro de Matheo, isso me ajudava a me sentir protegida. Joguei o telefone para fora do carro, pela janela, já era o quinto celular no ano. E agora, meu endereço tinha sido descoberto.

Matheo e sua oferta por um novo endereço tinham chegado em uma excelente hora. Eu posso até fechar os olhos, eu sei, mas sempre serei encontrada, não importa o quanto eu fuja.

Eu dei a volta com o carro e não fui para casa, voltei para a cidade, eu iria ficar no apartamento de Matheo esta noite. Eu espero que ele não se importe, e pela manhã eu procuraria um novo lugar, um lugar bem mais escondido.

Na portaria do prédio, eu apenas precisei encostar o cartão que Matheo tinha deixado no porta-luvas do carro para que eu tivesse acesso ao elevador privativo. Quando eu entrei, subi pelo elevador que dava para a garagem até o andar que ele ficava. Abri a porta, entrei, ele ainda não estava lá.

Entrei e fui direto para o banho, tenho certeza que ele não se importaria, ou pelo menos, espero que não. Eu sei que eu estava saltando barreiras, as que tínhamos construídos para nós mesmos, a fim de proteger o terreno árido e rochoso que era nosso próprio coração, mas hoje eu simplesmente não teria paz sozinha.

Eu entrei sob o chuveiro, deixei que a água levasse minhas preocupações e fiquei de olhos abertos para vigiar as costas. Eu ainda tinha o cartão de Matheo comigo, ele disse que eu poderia usar no caso de ter alguma despesa não planejada, assim eu não estaria desapercebida.

Quando saí do banho, vestime numa das camisas dele, uma das pretas que ele sempre usava quando ia para a Apache, e provavelmente uma da que ele comeu uma daquelas louras lá, já que eu não acreditava nem um pouco na versão que ele tinha me dado sobre o que tinha acontecido naquela noite.

Pedi uma pizza, e dois refrigerantes. Eu sei que Matheo iria comer alguma coisa, mas eu estava morrendo de fome e queria dormir. Quarenta minutos, e a pizza chegou. Comi duas fatias e guardei as outras sobre o frigobar. Se ele quisesse, comeria alguma coisa quando chegasse, ou alguém.

Deitei sob as cobertas e fiquei alí, coberta da cabeça aos pés, me perguntando o porquê de ele ainda ser tão desconhecido e o lugar para onde eu corria quando precisava de ajuda nos últimos tempos. Provavelmente porque eu não tinha mais lugar nenhum para correr.

Ouvi a porta abrindo, e continuei alí. Ele já deveria saber que eu estava no quarto, provavelmente tinha sido avisado sobre a pizza que chegara. Ele ficou silencioso por um tempo, e então puxou as cobertas de uma vez, me assustando e me fazendo sorria ao mesmo tempo.

— Então, eu tenho uma visita surpresa? – ele me deu um daqueles sorrisos que eu já não sabia viver sem.

— Eu não sou uma visitante, eu já sou de casa – eu disse e puxei a coberta para cima de mim outra vez – quer que eu vá embora?

Ele retirou a camisa e os sapatos, o blazer (não nessa ordem) e veio para cima da cama enquanto eu falava.

— Eu não disse isso – ele afundou o rosto no meu pescoço e mordeu de leve minha orelha.

— e eu também nem cheguei a cogitar essa idéia – eu disse – eu vim trazer seu carro, e vim trazer sua comida, moço.

— Você é minha comida? – ele perguntou me dando uma boa olhada.

— Não, pizza é a sua comida.

Eu lhe dei o melhor e mais inocente sorriso que eu tinha, e deixei que ele se levantasse para procurar alimento. Matheo retirou a calça, ficando apenas de cuecas no apartamento. Ele encontrou a caixa de pizza e deu algumas belas mordidas numa das fatias, falando em seguida de boca cheia.

— Eu não comi nada o dia inteiro.

— Deu para perceber – eu respondi rindo de sua malcriação.

Matheo, de todos os sócios da Prime, era o que ainda tinha o jeito mais rebelde, num ar de juventude nunca finalizada. James era a seriedade em pessoa, Nicholas era todo sorrisos para Emily, mas atrás da mesa de trabalho era uma fera, Eric, eu nem sei como era, não o conheci. Matheo, por outro lado, era o sócio que chegava fazendo graça com a moça da cantina, que trazia trufas de chocolate para as recepcionistas, e a pessoa que sempre nos atendia quando tínhamos algum problema e não poderíamos ir ao trabalho no dia seguinte.

Ele sentou na cama, perto de mim, e me ofereceu outro pedaço de pizza, que eu mordi para não deixá-lo encabulado.

— O que foi? – ele perguntou ainda com a boca cheia – parece séria. Está sentindo falta...

Eu sorri e dei-lhe na coxa uma palmada.

— Não é nada disso, eu só passei por bastante coisa hoje, você sabe. E não estou muito legal.

— Entendo – ele tomou um gole do refrigerante e deitou na cama, ainda mastigando. Assim que engoliu me estendeu o braço – vem para cá.

Eu deitei no braço dele e ele perguntou.

— Quer conversar? Eu não sou o cara que tem os melhores conselhos, nem o que é melhor ouvinte, já que sempre me meto antes de terminar tudo, mas eu posso tentar.

Ainda não, Matheo. Ainda é cedo demais para você entender tudo.

— Não, eu quero só ficar aqui e esquecer as preocupações por um instante ou dois.

— Eu posso fazê-las esquecer destas tais preocupações em dois minutos.

— Nem se você fosse o mercúrio.

— Duvida?

Ele perguntou enquanto já deslizava as mãos por mim, obviamente eu não duvidada, e acho que não preciso descrever esta parte, vocês devem estar enjoados de conhecer toda a logística. Eu só posso dizer que vi estrelas.

Ou talvez eu descreva, descreva todos os nomes que ele me chama enquanto está dentro de mim, e que me fazem me sentir completamente fora de mim. Talvez eu descreva o modo como nosso beijo se encaixa e como o peso dele sobre meu corpo parece ter sido calculado com exatidão. Ou talvez eu descreva a linda linha profunda no meio de suas costas que se retesa cada vez que ele se afasta e se aproxima de mim com um movimento ritmado de sua ágil cintura.

Eu acho que ele gosta de mim, ele não me beijaria tanto na boca se não gostasse. Eu não quero, porém, não quero mesmo, machucá-lo. Eu até posso continuar no meu ritmo, seguir minha vida como tenho feito, mas eu quero deixá-lo inteiro.

— Matheo, mais... – eu pedi.

Ele se afunda mais em mim, dentro de mim, tão dentro que quase me falta o ar, ele sussurra mil obscenidades em italiano no meu ouvido. Ele não pode fazer isso, ele sabe, é golpe baixo, e eu não demoro muito.

Uma coisa diferente bateu no fundo do meu peito quando estivemos juntos pela primeira vez, e eu nunca senti isso, nunca. Eu tive vontade de sumir, de sair correndo, de voar para longe para um local obscurecido pela minha própria identidade, mas só de pensar que com isso eu nunca mais teria sentido isso novamente, eu desisti.

— Eu não gosto de você, Matheo, você sabe disso – eu sussurrei para ele enquanto ele se derramava dentro de mim, eu fui maldosa, eu sei.

— Não tem problema – ele disse quando veio outra vez buscar minha boca com a dele, perfeita – eu também não gosto de você.

Ficamos os dois alí, algum tempo. Ele deitado sobre mim, sem sair de dentro de mim, e eu fiquei olhando para o forro de gesso do quarto enquanto alisava o seu cabelo. Matheo, suado, era simplesmente a coisa mais tentadora do mundo. Matheo suado sobre mim era simplesmente um convite á uma nova

rodada.

Pedi que ele deitasse na cama e ficasse quieto enquanto eu deslizava sobre a carne dele. Enquanto eu o sentia deslizando pelo meio das minhas pernas.

Ele fechou os olhos e segurou meus quadris para ajudar no movimento, mas eu o impedi: — Fica quietinho, eu sei o que estou fazendo, não olhe para mim.

Eu continuei deslizando. Fechei os olhos. Um vazio do tamanho do mundo inundando o meu peito e tudo que eu conseguia sentir era medo por estar me equilibrando numa corda bamba entre duas montanhas.

Eu me sentia envergonhada pelo que estava fazendo com ele, porque ele é tão bonito, e mesmo sendo o homem mais galinha do mundo, ele era o mais puro, com suas preocupações quase infantis, com seu jeito feliz. Que eu estava mal porque eu iria deixá-lo quebrado como eu tinha feito com todos os outros homens da minha vida.

Quando ele estava duro, outra vez, eu o coloquei dentro de mim. Deitei sobre ele e apenas me mexi devagar, buscando mais um pouco daquele prazer que ele me dava e que era tão diferente de todos os outros. Matheo respirava pesado, acendendo-se também pelo movimento, mas controlado.

Ele ficou deslizando a mão sobre meu rosto e quando sentiu que eu estava bem perto, ele cobriu minha boca, me sufocando para que eu não gritasse, e esse sufoco me trouxe algum alívio. Algumas lágrimas encheram meus olhos, ele pensou que tinha sido pelo orgasmo e eu não o corrigi.

Eu estou simplesmente sem nenhuma barreira ao meu redor agora, eu estou sem nada. Eu estou totalmente desprotegida e ele está invadindo. Eu não quero ficar aqui, mas eu também não quero ir embora. O jogo de sedução dele parece ter sido mais forte que o meu, e ele está vencendo, e eu odeio perder.

Ele mente, eu sou hipócrita, somos imperfeitos. Talvez em nossas decepções nós sejamos um casal perfeito. Não, não o somos, casais perfeitos nunca duram, porque se é perfeito, não tem nada que faça melhorar. E eu simplesmente não me consigo ver sendo o melhor para ele, ou ele o melhor para mim, mas eu gosto das imperfeiçoes dele.

Hoje estou melosa demais, melosa demais... Não posso baixar assim.

— O que está pensando? – ele me perguntou quando eu passei algum tempo sem me mexer.

— Tati Bernardi.

— Quem?

— Uma moça que escreve muito bem.

— E em que estava pensando, dela?

— Eu teria que recitar todo a crônica.

— Recita a melhor parte.

— Porque eu sinto todas as hipocrisias de uma relação de uma maneira tão forte e alta e intensa que prefiro esse minuto... E você, porque já são sete da manhã e só sobrou eu, enfia seu vazio duro no meu vazio endurecido. E nós sentimos um vazio terrível que nos violenta e nos separa pra sempre.

Eu saio de cima dele, sonolenta e cansada, beijo a boca com gosto de pizza e eu, e sussurro os últimos versos: — Porque eu não sei amar, menino sujo, e nem você.

BACARTI 151

Foram dias até que eu Alex saísse do hospital, nesses dias eu fiquei no hotel, com Matheo. Encontramos um apartamento relativamente barato, que tinha três quartos perto do centro da cidade (apenas um deles era uma suíte). Eu tive apenas que tomar o cuidado de fazê-lo ser barato o suficiente para que, quando Matheo se mudasse, eu pudesse arcar com as despesas com Alex.

Matheo já tinha estranhado a quantidade de faltas que eu tinha na faculdade, mas eu expliquei. Eu estava no último ano, era adiantada, e precisava apenas apresentar a defesa do meu trabalho de conclusão de curso, e os relatórios do estágio, mensalmente. O que me permitia ter um bom tempo de folga destas atividades.

Eu tinha conseguido ficar bem, realmente bem nos dias que estive com Matheo, mas aquela sensação de vazio apenas continuava crescendo quanto mais eu me envolvia.

Eu tinha que parar com isso, eu realmente precisava, mas ficava sempre mais difícil de me despedir quando eu estava com ele. Eu não poderia iludi-lo mais, eu não queria, e eu não queria me iludir também. Quando a noite chegasse, eu faria aquilo em que sou boa.

Alex, que ainda estava sob licença médica e teria mais dois dias para não ir ao trabalho, estava no quarto que ocuparia, e já sabia que eu estava com cara de quem iria aprontar.

— Aonde vai?

— Sair – eu disse e entrei no quarto dele para pegar outra jaqueta emprestada.

— Achei que você e Matheo estivessem tendo alguma coisa séria.

— E eu tenho uma coisa séria com alguém? – eu perguntei irritada.

— Eu só não dou na sua cara porque meu braço ainda dói – Alex brincou – vê se pode, se está irritada não desconte em mim.

— Ok, Alex, me desculpe. Vou pegar essa jaqueta emprestada, posso?

— Pode – ele analisou minha roupa – vestido? – perguntou num tom sugestivo de quem sabia que eu iria fazer alguma coisa errada.

— Vestido – assenti.

Peguei algum dinheiro e escondi dentro do meu coturno e coloquei outra quantidade de dinheiro no sutiã. Eu não iria ao Apache, eu até tenho dinheiro para isso comigo, mas hoje eu não queria dar de cara com Matheo, se eu fosse para lá ele saberia onde eu estava, ou eu correria o risco de encontrar Guilherme, o cara que eu vinha evitando há dias.

Hoje eu iria a um daqueles bares de beira de estrada, um daqueles que eu conhecia, eu iria dar um show para os presentes e descolar alguém que me fizesse esquecer os olhos verdes água de Matheo.

Eu paguei um táxi e pedi que me deixassem no primeiro bar podre que encontrassem no limite da cidade. Eu precisava me sentir menos perseguida, eu precisava me sentir no controle outra vez, e eu não conseguia isso ao lado dele.

Desci do veículo e andei em direção ao bar. Os motoqueiros em suas Harleys, típicos ruivos lenhadores, estavam observando meu movimento. Estar num ambiente desse é perigoso como encarar um cão raivoso, se você

demonstrar medo, ele irá te morder.

— Ei! – chamei a atenção deles – quem é o chefe desse negócio?

— Lá dentro, procure por Joey – um dos caras, o que tinha a barba mais longa respondeu.

Eu andei até dentro do local e procurei o tal Joey. Ele estava atrás de um balcão servindo os fregueses com uma garrafa velha de rum, numa daquelas típicas cenas de filmes de faroeste.

— Joey – eu acenei para ele.

— Quanto eu ganho para cantar aqui esta noite?

— O que você não ganha é um pé na bunda – ele me jogou um copo de água – sai do meu bar, patricinha.

— Acho que você não entendeu – eu retirei uma nota de cinquenta dentre as que eu tinha no sutiã e estendi para ele – eu quero cantar aqui esta noite e eu vou.

O homem pegou a nota, mas não mostrou que iria honrar nosso acordo. Ele guardou a nota e sorriu da minha ingenuidade.

— Você não vai cantar, riquinha.

— Ok, vamos apostar então – eu disse – eu tomo uma dose dessa garrafa sem reclamar, e você diz para aquela guria sem sal no palco que sou eu quem vai brilhar agora.

— Uma dose? – o cara sorriu – duas.

— Duas.

Ele pegou dois copos pequenos detrás dele e despejou o líquido de qualquer modo, derrubando também no balcão. Os caras ao meu lado estavam rindo, um

deles já tinha até preparado a mangueira de água para que eu me refrescasse se necessário.

— Ok, duas, vamos lá – eu peguei um dos copos, mas falei antes – eu vou pegar minhas cinquenta pratas de volta?

— Se não te chutarem do palco você recebe ela e mais outra igual.

— Perfeito.

Peguei o copo e me preparei para engolir. Aquilo não deveria ser tão difícil, né? O que? Rum tem quantos por cento de álcool?

— Este é um Bacardi 151 – o homem explicou – só para teres noção, guria, ele tem um corta-chamas no gargalo. Teor alcóolico de setenta e cinco por cento. Se beber as duas, ganha uma melancia – ele sorriu.

Eu não entendi a piada, outro dia procuraria por ela na internet. Ok, setenta e cinco por cento de álcool, aqui vamos nós. Enchi minha boca de saliva e deixei

que o líquido avermelhado deslizasse por minha boca e rasgasse todo o meu interior até pousar no meu estomago. Eu nunca tinha bebido lava antes, mas imagino que deve ser bem mais agradável do que tomar aquilo. Eu fechei os olhos e me controlei para não pedir água, para não pedir nem por mais ar que o necessário.

— Uou! – os caras ao meu redor começaram a ovacionar e tomaram um gole de uma outra bebida que tinham à sua frente. Mais gente se reuniu ao meu redor para me ver desistindo, mas eu joguei o copo na parede e pedi.

— Me dê outra – minha voz era apenas um gemidinho, quase nem consigo falar e comecei a tossir um pouco.

— Calma, guria – o homem disse – isso não é brinquedo.

— Cala a boca, velho, me dá isso logo!

— Você quem manda.

Ele me deu o outro copo e este desceu ligeiramente mais fácil. Eu me abaixei um pouco e recuperei o ar que ele tinha me levado. Minha cabeça já estava começando a ficar leve e logo eu me arrependi da graça. Se tudo desse certo eu não vomitaria no palco.

— Me dá o microfone, vovô – eu estendi o braço para ele provocativamente e os caras que estavam ao meu lado urraram outra vez.

— Sai daí Diana, deixe a patricinha subir – ele conseguiu berrar mais alto que o som do local e a mulher jogou o microfone no chão, causando microfonia.

Subi no palco e bati com o pé para que começassem a me acompanhar com as palmas enquanto eu procurava não tropeçar nas palavras.

"Pegue-me, estou viva. Nunca fui uma garota com uma mente perversa. Mas tudo parece melhor quando o sol se põe".

Eu cantei "you make me wanna die" the pretty reckless.

"Eu tinha tudo: Oportunidades para a eternidade e eu poderia pertencer a noite, Mas então seus olhos, seus olhos... Eu posso ver em seus olhos, seus olhos..."

Os velhos já estavam babando quando eu cheguei ao refrão.

"Você me faz querer morrer, eu nunca serei boa o bastante. Você me faz querer morrer. E tudo o que você ama queimará na luz. E sempre que olhos dentro de seus olhos você me faz querer morrer".

Ok, esta parte era mais lenta, e a música era minha e para mim. Era simplesmente Violet Nella Sue nesses versos.

"Eu morreria por você, meu amor. Eu mentiria por você, meu amor, meu amor. Eu roubaria por você, meu amor. Meu amor..."

Oh, droga. Aquele tal de Bacardi era forte mesmo. Eu fiquei meio tonta, mais do que antes, e perdi a última nota e, de quebra, ainda esqueci o resto da canção. Eu ia acabar caindo a qualquer momento.

Eu pedi para descer do palco e um cara me ajudou. Começaram a ovacionar outra vez pedindo que eu subisse, mas não ia dar certo. Eu fiquei me equilibrando até chegar ao balcão. Joey me deu uma fatia de melancia e disse que ela ajudaria a diminuir a ardência do rum.

— Valeu – eu agradeci – e você me deve cem dólares.

Ele apenas sorriu e me jogou uma nota de cem sobre o balcão.

Peguei a nota e pedi uma dose de cerveja alemã quando um cara sentou do meu lado.

— Não e bom fazer isso, você já está tonta.

— E você é o que? A polícia do bar? – perguntei com a língua tropeçando. Que droga.

Ele até era bonito, provavelmente eu acabaria pegando ele no final da noite. Ou naquela hora mesmo.

— Você é casado? – perguntei e ele negou com a cabeça.

— Menos mal, tenho nojo de homem casado – eu nem sabia mais o que eu estava falando.

Puxei ele pela gola da camisa e comecei a beijá-lo alí mesmo. No meio do bar, perto do balcão.

— Podemos ir para um lugar mais quieto, o que acha? – eu perguntei.

Ele me pegou pela mão e me levou até o lado de fora, alí ele me levou para a parte de trás do bar e nós transamos alí mesmo, ele foi embora com um sorriso besta e eu fiquei alí, ajoelhada, com a costa colada á parede de tijolo e madeira, pensando se havia algum motivo para isso não ser mais o suficiente.

Minha noite tinha acabado e eu precisava ir para casa. Eu realmente precisava voltar para minha casa... mas não a que eu estava agora, a de antes, a de bem antes desta.

UM MENINO QUEBRADO

— Você tem noção do quanto eu estava preocupado?!

Matheo começou a berrar assim que entrei. Ele, na verdade, nem estava realmente gritando, mas o tom de voz dele firme parecia ser um tanto quanto forte demais para o que eu estava disposta a aguentar. Eu não queria brigas, eu não queria ter que pedir desculpas depois. Passei por ele e fui direto para o quarto, eu não queria olhar para ele. Eu não queria me sentir culpada.

Tranquei a porta, e fiquei um tempo pedindo que ele não viesse atrás de mim. Mas ele veio, não só veio como ele ficou batendo à porta por algum tempo.

— Violet – ele chamava repetidas vezes, era irritante e ele não pararia enquanto eu não respondesse.

— O que é, Matheo?

— Eu fiquei louco procurando por você. Você não tem noção do que faz?

Eu achei que tinha acontecido uma tragédia. Seu amigo também ficou feito louco atrás de você. Eu te procurei nos hospitais e até nos necrotérios. Onde você estava?

Não, essa pergunta não. Eu ainda não estava pronta para falar sobre isso. Não ainda, não com ele. Eu precisava afastá-lo só um pouco da bagunça que era minha vida e aí sim eu conseguiria raciocinar direito.

Abri a porta, devagar, e Matheo estava parado atrás dela. Com um braço apoiado no batente da porta, e um olhar preocupado. Eu não falei nada, foi ele quem falou primeiro.

— Você poderia ter ligado.

— Eu não tinha como ligar, eu... – rápido, pense Violet, pense – eu perdi o meu celular, o perdi há alguns dias. E ainda não tive tempo de comprar um novo.

— Você ficou fora de casa uma semana.

— Eu sei quanto tempo eu fiquei fora de casa – eu entrei no quarto e comecei a retirar a minha roupa, ele ficou alí mesmo parado, olhando para mim, mas ele analisava o meu rosto – o que? Vai ficar parado aí quanto tempo?

— Você está simplesmente menosprezando as noites de sono que eu perdi achando que tinha acontecido alguma catástrofe contigo – ele comentou num tom levemente irritado – eu acho que eu merecia pelo menos um pouco de consideração de sua parte.

— Ok, Matheo – eu disse e toquei a testa dele – aqui está a sua estrelinha, você foi um bom garoto. Agora, me deixa tomar um banho, eu tenho que descansar.

Eu o empurrei, mas ele não moveu um músculo. Eu fiquei quieta, esperando que ele dissesse algo mais. Ele não precisou falar, o olhar dele já revelava a pergunta sem nenhuma ajuda. E ele queria a resposta, qualquer que ela fosse.

— Não vai sair? – tentei despistar com uma pergunta.

— Não enquanto eu não ouvir a verdade.

"Me perdoe, Matheo" pensei.

— Eu estava traindo você – eu disse – não do jeito comum, desse jeito nós aceitamos, eu estava me apaixonando por outro nestes dias. E eu quase... – ressaltei a palavra – quase não voltei para casa.

Eu continuei encarando ele, esperando que aquelas palavras bastassem, mas ele continuou com o olhar fixo em mim, em busca de mais respostas, em busca de respostas de perguntas que ele não sabia fazer. Ele chegou um passo para dentro do quarto.

— O que você faz com seu corpo não me diz respeito, ele é seu para dá-lo a quem quiser. Eu sou homem o suficiente para entender isso. – ele disse e estava perto demais – Eu não irei acorrentá-la, ou proibi-la de coisa alguma, não faz parte de mim isso. Quando quiser alguma coisa, quando você sentir falta de alguma coisa, e eu não a puder dar, pode ir buscar onde bem entender.

Ele estava irritado como eu nunca tinha visto na vida. E eu soube naquele momento que eu o tinha quebrado.

— Apenas não minta dizendo que esteve se apaixonando por outro. Eu posso não ser o dono do seu corpo – ele disse e tocou o espaço no meio do meu

peito – mas disso aqui eu sou. Se é que há alguma coisa aí dentro. Do mesmo modo que eu achava que entendia que já era dona de uma parte de mim.

Não falei nada, não tinha o que falar. Ainda estava com medo do barulho do coração dele se partindo. Ou era o meu?

— Quer saber, esquece isso! Você pode dançar mais um pouco sobre meu orgulho ferido, sobre meus cuidados, sobre o carinho que eu tive por você, eu não me importo. Contudo, anuncio de antemão, Violet?

— O que Matheo?

— Vai ter volta.

— Eu não tenho medo de suas ameaças.

— Eu não a estou ameaçando. Estou avisando antecipadamente sobre as coisas que farei. Assim você não fica no telefone com a polícia por vários dias seguidos até às quatro horas da manhã por que a sua namo... – ele parou um

pouco e continuou – porque a sua conviva não deu notícias e você está preocupado.

Ele ia andar e sair do quarto, mas deu apenas um passo para longe e voltou cuspindo as palavras: — Eu espero que ele tenha conseguido te dar pelo menos um décimo do que eu te dou. Por que, pela sua cara de frustrada, eu sinto que não. Você sabe que o que a gente faz não é um simples ato. Não há ninguém que te toque com as pontas dos dedos como se de ti saísse música, ninguém.

Ele usou a melhor analogia que conseguiu encontrar. E eu fiquei parada uns dois minutos no quarto, feito uma idiota, analisando-a por todos os ângulos depois que ele foi embora.

Alex não estava em casa, provavelmente já tinha voltado para o trabalho. Ele era o único a quem eu ouvia. E eu era a única que não cumpria com suas obrigações direito. Ou seja, eu era a mais irresponsável da casa.

Entrei no banho, lavei o corpo, me vesti e deitei na cama (trancando antes a porta do quarto). Eu não poderia contar onde eu estava, eu realmente precisei mentir. Eu ainda não estava pronta para contar isso a ele, eu já tinha contado a apenas uma pessoa, e ela não tinha sido Alex. Essa pessoa, inclusive, teve a hombridade de não tocar no assunto nunca mais, e eu a admirei um tanto mais por isso.

Matheo sabe, eu não consigo mais ter o que ele me dá com ninguém mais. É bem como ele disse através dos versos de Tati que agora eu sei que ele andou lendo enquanto eu estive fora. Ele me toca de uma forma que ninguém mais consegue. E eu não quero ter que admitir isso em voz alta, mas, minha mãe, eu estou apaixonada.

Depois de anos construindo um muro ao meu redor, justamente ele, Matheo e seu jeito leve de levar a vida, consegue transpô-lo. Ele o transpôs tão sorrateiramente que eu nem percebi e, por isso, não pude criar novas defesas.

Quando ele voltasse para casa, à noite, eu pediria desculpas por isso. Eu pediria desculpas e explicaria o porquê de eu ter sumido, mas por enquanto, eu teria que me preparar, e muito, para encarar todos os fatos do meu passado, outra vez, à medida que eu os fosse falando.

Deitei para dormir, eu não dormia direito enquanto estive fora. Eu precisei de algum tempo para que o cérebro desligasse, ele não conseguia ficar calmo enquanto revivia todos os fatos que se tinham passado.

Acho que dormi bastante tempo, pois, quando acordei, o quarto já estava escuro. Eu estava congelando, o frio da noite tinha invadido o quarto e eu tinha dormido com as janelas abertas e sem cobertas.

Fechei as janelas e então percebi o barulho que me tinha acordado, ele vinha do corredor. Abri a porta, devagar, eu sabia que era Matheo. Dentro de mim eu sabia. E eu queria tanto poder explicar a ele todas as coisas que eu temia, e eu as explicaria uma a uma, mas a cena que se revelou congelou minha língua na boca mais do que o frio tinha tentado congelar meu corpo na cama.

— Violet! – Matheo disse com a voz embargada – você já conhece minha amiga Mikaela, Mikaela, você já conhece Violet – ele nos apresentou como se houvesse necessidade.

— Violet – ela disse – é um lindo nome.

— Por que não se junta a nós, querida? – ele disse com um sorriso, mas o olhar dele o traia em todo o tempo – quem sabe eu me apaixone também?

Ele estava com a voz embargada, cheirava a bebida, mas o jeito que ele falava comigo e me olhava mostrava que ele tinha total consciência dos próprios atos.

Eu dei um passo para dentro do quarto quando ela começou a beijá-lo alí, no meio do corredor, e tranquei a porta outra vez.

Eu me senti me fechando outra vez. Fechando-me devagar, como se eu fosse uma caixinha de música cuja canção não mais agradava e era dispensada. Eu senti quando os muros derrubados se ergueram de novo. Matheo não tinha culpa, fui eu quem começou esse jogo, mas ele não estava apaixonado, e eu já estava, tola e imbecil como sou, e ele não sentiu o golpe do meu ato tanto quanto eu senti o dele. Pelo menos é o que penso.

Eu voltei a deitar na cama e lamentei por não ter conseguido falar mais cedo, por não ter me aberto plenamente para ele antes.

Do outro lado da parede, ainda que abafado, eu ouvi o som dos gemidos que o casal dava. Ele estava sendo rude e até mesmo cruel. E eu sabia que ele o fazia para que eu ouvisse. Ele estava sendo perverso com ela e comigo. Ela estava sentindo, agora, o que eu sentia, ela estava possuindo um corpo que eu achava que era meu para eu brincar do modo que eu quisesse.

BEM VINDO AO TIME

MATHEO

Violet tinha me machucado, eu a tinha machucado de volta. E continuávamos nessa bagunça que era a vida de nós dois. Somos como duas crianças se espetando com agulhas e sabemos disso. Eu achei que ela seria uma redenção para mim, mas ela foi meu arco-íris partido. Mikaela já tinha ido embora há dias, e Violet tinha mudado completamente. Ela me tratava apenas como mais um.

Não, ela não me destratava ou soava deseducada, ela apenas me tratava normalmente, me tratava como um amigo, e esse tratamento era bem pior do que ser aquele a quem ela dedicava a sua raiva.

Um amigo meu, Richard, tinha me convidado para participar de um chá-de-bebê na residência dele. O maldito teria trigêmeos, trigêmeos! Eu não consigo nem saber o que se faz num chá-de-bebê, imagine ter um filho, e ele vai ter três!

Violet não era a melhor pessoa a se convidar, mas ela era a única que eu conseguia pensar para me acompanhar numa situação dessas. Quando eu entrei no apartamento ela estava sentada no sofá, conversando Alex. E me faltou ar por dois minutos quando a vi, isso sempre acontecia.

— Matheo – ela me deu um sorriso que não atingiu os seus olhos – como vai?

— Bem, e vocês?

— Eu estou bem – Alex disse sem olhar na minha cara. Ele provavelmente estava se doendo por causa do que tinha acontecido, mas não por mim, por ela, e isso era justificável.

— Violet, eu recebi um convite para uma festa, gostaria de ir?

Ela ficou quieta por dois minutos e respirou fundo antes de responder. Eu tive até vontade de dizer que ela não precisava ir se não quisesse, mas a verdade é que eu queria que ela quisesse.

— Claro, como devo me vestir?

— Normal, como quiser – eu coloquei as mãos no bolso enquanto eu falava – daqui a três horas, eu vou me vestir também.

A vontade de pedir para conversar como ela foi irresistível, mas ela não estava aberta. Violet tinha se fechado para mim. E eu não sabia mais como

alcançá-la.

Violet levantou e andou comigo pelo corredor, estávamos a menos um braço de distancia, mesmo assim a distancia parecia maior. Colocamos uma distancia maior ainda entre nós, e essa distância nos fazia ficar inertes diante de tanta mudança brusca que aconteceu na nossa vida.

Quando estávamos à altura dos quartos, ela colocou a mão na maçaneta da porta, mas não a girou. Ficou alí dois tempos, e eu, como se fosse a sombra do gesto dela, parei também. Ela virou para mim e me olhou com aqueles lindos e enormes olhos claros, e pensou um minuto antes de falar.

— Seria pedir muito que você me dê um beijo?

Eu queria tanto aquilo, eu tinha apenas medo de pedir.

— Nunca será... – eu me aproximei e a peguei pela cintura esmagando-a contra mim. Eu queria aquele beijo também, eu precisava daquele beijo.

Eu adorava o gosto dela, o cheiro, a pele. Eu a adorava em tudo, apenas era orgulhoso demais para admitir, orgulhoso demais para pedir perdão e voltar atrás. Coloquei-a no chão e me afastei um pouco. Ela não poderia brincar comigo assim, eu não poderia estar tão subjugado.

— Vou me vestir, te busco em breve.

*

O caminho foi tranquilo até a casa de Richard. A residência dele se sobressaia calmamente por entre um pouco de vegetação. Eu tinha parado com Violet no caminho em uma loja de artigos infantis e compramos um presente. Emily, a única mãe de bebê que eu conheço nas redondezas, além de ter me dito para levar muitas fraldas descartáveis, disse que eu deveria dar um carrinho de bebê triplo. Eu nem sabia que isso existia.

Quando chegamos à propriedade, estacionamos perto do hall da entrada principal. Foi Richard quem veio me receber à porta.

— Matheo di Barbieri – ele me cumprimentou calorosamente, mais pela amizade que tínhamos criado com o tempo do que com a nossa relação de trabalho, que se dava por ele ser cliente do nosso escritório.

— Como vai? – eu perguntei.

— Perfeitamente bem.

— Esta é Violet – eu a apresentei, mas ainda não sabia como deveria introduzi-la, então fui com o lugar comum – minha amiga.

— Olá senhor Castellar. Sou Violet Nella Sue.

— Senhorita Nella Sue – ele a cumprimentou.

— Devo parabenizá-lo, o senhor deve estar muito orgulhoso de ser pai, e três de uma vez não é para qualquer um.

Eu cutuquei Violet e ela me sorriu. Um riso realmente verdadeiro.

— Onde ela está, senhor Castellar?

— Quem? – Richard perguntou confuso.

— Sua buchudinha, ué? – Violet já tinha quebrado todas as regras de boa apresentação à estranhos – quero ver aquele barrigão.

Richard me deu uma boa olhada, com um ar desconfiado, ele sabia que não se traz "amigas" a um chá-de-bebê numa cidade diferente, mas ele não falou nada de imediato. Nem precisava, o olhar severo dele falou por ele.

— Entrem, por favor. Roxanne está na varanda com todos os outros.

— Espere um momento – eu disse enquanto retirava do porta-malas do carro o presente. Eu precisei deitar o banco do carro para que o carrinho coubesse, e olha que ele estava desmontado, eu o puxei, por ser mais pesado, e Violet carregou uma das sacolas com fraldas.

— Isso não era necessário – Richard deu um sorriso contido ao ver os

presentes, mas como um pai orgulhoso, ele não poderia deixar de se sentir lisonjeado pelo carinho com os filhos dele.

Entramos, eu empurrei o carrinho com as fraldas sobre ele até que uma das empregadas veio pegar o presente e o colocou numa área destinada para tais.

Eu peguei a mão de Violet e seguimos até o final da casa, onde Roxanne estava linda, rodeada de seus familiares e alguns poucos amigos. Os olhos dela, sempre lindos, brilhavam ainda mais. Sentia-se ao redor de toda ela que ela estava realizada.

Violet soltou minha mão, o que sinto que ela queria fazer há algum tempo, e foi cumprimentar as pessoas e a futura mamãe.

— Meu Deus, que barriga enorme! – Violet comentou sem papas na língua – mas está linda, puxa vida! – ela controlou a mão que iria estender – posso pegar?

— Claro, - Roxanne disse ao mesmo tempo se espantado com a hiperatividade de Violet e se sentindo elogiada pelas palavras dela – fique à vontade.

Violet se abaixou um pouco e passou a mão, de leve, sobre o vestido que Roxanne usava. Ela sorriu quando os bebês se moveram um pouco.

— Isso é incrível, não é?

— Sim, - Roxanne disse – diferente e incrível.

— E você tem três! Uau, eu não sei como consegue aguentar isso tão bem.

— Você é mãe? – ela perguntou para Violet.

— Não, não sou.

O tom que Violet usou pareceu contido, mas eu senti que tinha algo mais alí. Ela apenas não falou.

— Gente, eu nem me apresentei – ela falou se levantando e erguendo as mãos para se apresentar – eu sou a Violet, eu vim com... – ela olhou para mim e eu fiquei esperando que ela dissesse alguma coisa, assim como todos os outros – aquele cara chato.

— Mas Matheo não é chato – Alex disse – é insuportável.

Fiz sinal de "joinha" perto da boca para ele, o que em italiano é um xingamento. E sentei numa das poltronas de madeira da varanda. As mulheres começaram a ficar conversando entre si, e a fazer algumas pequenas brincadeiras enquanto as observávamos.

No final de um jogo de adivinhação de presentes, onde Roxanne tentava, apenas com o tato, descobrir o que eram as coisas que estavam embrulhadas com tanto papel e fita que era quase impossível distingui-las com o olhar.

Cada vez que ela errava alguma coisa, ela era pintada com uma tinta diferente, o mesmo acontecia com as outras meninas. Eu sei que no final da brincadeira Violet era quase uma coisa indistinguível de tanta tinta no rosto.

Ela me olhou no meio da brincadeira, e me sorriu, me sorriu do mesmo jeito de antes, e aquela tinha sido a segunda vez que ela sorria daquele jeito para mim

no mesmo dia, mas desviou o olhar.

Richard era um homem orgulhoso, via-se em cada um dos gestos. Ele estava transbordando de felicidade, apesar de ainda conservar o jeito sério, e isso era simplesmente algo que não podia se explicar.

— Vou pegar um babador das coisas dos seus filhos. – me aproximei e falei as palavras para Richard. Ele parecia simplesmente ter encontrado seu lugar na terra depois de tudo que passaram.

— Digo o mesmo pra você, Barbieri. A mulher é legal, doidinha, mas legal. Vale a pena.

Richard sempre me deu bons conselhos, ele é bem racional, calculista e frio quando necessário. Eu tenho que levar isso em consideração, afinal, ele é um dos meus muitos amigos que já "sossegou'.

— Violet é um mistério que eu me sinto atraído a desvendar. – eu digo.

Dentro de mim, eu sei, ela tem mil faces e todas elas me são agradáveis, ou pelo menos eu sinto que serão, afinal eu ainda não as conheço todas.

Richard deve ter sorrido do meu jeito idiota de ficar observando Violet.

— Bem vindo ao time, cara! – Agora ele me olha sem saber do que estou falando.

— Time do quê?

— Dos bobos apaixonados que precisam de um babador.

Rimos.

Não tinha outra coisa a fazer senão continuar a olhá-la leve e divertida entre eles. Eu era um dos idiotas mais imbecis do mundo. Isso era quase pleonasmo, mas eu não ligava. Eu realmente precisava controlar o que sentia, eu tinha que fazer as pazes com Violet.

Quando ela saiu para aquele bar, o que só depois de um tempo eu descobri, ela ficou com outro homem. Eu soube pelos caras que me disseram, um deles, inclusive, o que transou com ela. Se eu não tivesse muito juízo, eu teria cometido uma besteira, e eu cometi.

Depois que tudo terminou, e voltamos para casa, Violet estava cansada de tanto sorrir e brincar com Hope, a linda menina de três anos e energia para dez, que ela acabou dormindo no banco do carona.

— Violet... – eu a chamei.

— Hum... – ela murmurou apenas.

— Está muito tarde, e ameaça chover – eu expliquei – vamos ficar num hotel de beira de estrada, pela manhã eu termino de dirigir, tudo bem? Eu estou cansado.

— Tudo bem.

— Ficaremos em quartos separados.

— Não, eu quero que você durma no mesmo quarto, não comigo, mas no mesmo local.

Ela parecia amedrontada ao dizer tais palavras.

— Tudo bem – eu toquei o rosto dela, mas ela fugiu do toque.

Eu senti que estávamos nos reaproximando, devagar, estávamos. Ficar ao lado dela nesta tarde me fez ver uma face dela que ainda não conhecia, me fez ver uma face dela que talvez ela nem estivesse pronta para mostrar. Eu teria a noite inteira para conversar com ela, eu queria que ela me explicasse, eu teria que pedir perdão. Violet tinha se tornado uma pessoa dura depois de tanto ter levado baques da vida, disso eu poderia ter certeza agora. Já que ela simplesmente se tornou outra no meio das brincadeiras, até dançamos. Ela era ela mesma quando não estava cercada de preocupações.

EU FUI MÃE DE UMA ESTRELA

— Você fica na cama, eu durmo no sofá.

— Tudo bem – eu disse.

Dessa vez não ia oferecer o espaço ao meu lado para ele.

Matheo retirou apenas o blazer, afrouxou os primeiros botões da camisa e pegou um dos travesseiros da cama de casal, deitou-se no pequeno sofá. Ele estava desconfortável, mas ficaria ainda mais, eu não estava sentindo nem um pouco de pena dele. O hotel barato não tinha quartos vagos o suficiente para dormirmos separados.

Fiquei apenas de blusa sob a coberta. Matheo estava de olhos fechados, mas eu sabia que não estava dormindo. Ele respirava devagar, como se estivesse pensando.

— Matheo... – eu o chamei.

— O que? – ele ergueu o rosto para me olhar.

— Quer conversar?

— Sobre...

— Sobre nós.

— Achei que não existia mais "nós" – Matheo se ajustou numa posição mais confortável e colocou a mão sobre os joelhos – o que quer falar?

— Não é assim, Matheo. Você tem que estar aberto para o que vou falar.

— Eu estou aberto, Violet – Matheo disse – eu só não posso aceitar que você pise em mim mais do que já o fez.

— E por acaso você não o fez também? – eu precisei jogar isso na cara dele – quando eu acordei naquele dia disposta a contar tudo, absolutamente tudo. Puxa vida, não era mais você quem estava alí, era um ser totalmente diferente. Um bicho, um monstro ridículo, uma caricatura de homem.

— Eu já entendi – Matheo disse erguendo a mão para que eu ficasse em silêncio – eu me arrependo disso, muito, e eu já tentei te pedir desculpas um milhão de vezes, mas você não aceitou.

— Eu sei, e ainda não aceitei. Você não fez aquilo para se divertir, fez para me machucar, e machucou para caramba.

— Eu sei, eu também estava machucado.

— Matheo, o que você não enxerga é que eu me ap...

Eu parei a palavra, não era hora de dizê-la ainda. Eu continuei e não sei se ele percebeu a mudança.

— Eu me aproximei de você por que eu me sinto protegida ao seu lado.

— Protegida de que? De quem?

— Eu não sei...

Claro que eu sabia, mas eu estava fechada de novo, eu precisava confiar nele outra vez, e não seria agora.

— Você não quer que eu saiba, não quer que eu ajude você.

— Matheo, o que eu posso contar eu vou contar.

— Então conte.

— Vem para perto.

Ele se levantou, todo o tamanho dele, já que ele era bem alto, conseguia ser assustador e acalentador ao mesmo tempo. Eu sentia vontade de me jogar no peito dele e me abrigar, mas eu não conseguia esquecer o que ele tinha feito, não tão facilmente. Ele ainda teria que penar muito, mas muito, se quisesse me ter outra vez.

— Vamos lá, comece... – ele pediu com uma voz calma, e aquilo era um pedido para eu me abrir outra vez.

— Vamos lá... – eu disse – o que quer saber de mim?

— Achei que fosse você quem iria começar a clarear um pouco as coisas.

— Eu também, mas fiquei nervosa de repente.

— Então, o que quer que eu faça? – ele ameaçou pegar minha mão, mas eu a retirei do toque dele. Ele suspirou profundo quando eu o fiz.

— Eu não sei... – eu respirei, nervosa, controlando a ansiedade que ameaçava invadir meu peito – espera... – ele estava derrubando os muros outra vez – eu vou contar o que você precisa saber por enquanto.

— Ok.

— Eu já fui namorada de Nicholas.

Ele franziu um pouco as sobrancelhas, aparentemente não acreditando no que eu estava falando, mas depois acreditou quando minha expressão facial não mudou.

— Namorada de Nicholas? – ele perguntou surpreso – o certinho, coretinho Nicholas?

— Sim, não entendo a surpresa.

— Eu nunca imaginaria vocês dois juntos.

— Sim, mas ficamos juntos. E não foram dias, nem meses, foram dois longos anos. Terminamos pouco antes de ele ter conhecido Emily. Ainda nos encontramos duas vezes depois disso, mas foi apenas isso. Quando ele se apaixonou por ela, ele me disse que não poderia continuar comigo, e eu achei isso uma coisa muito honrada o que ele fez.

— Dois anos? – Matheo ainda parecia surpreso pelo que eu tinha contado. E isso não era nem uma parte do que eu ainda iria contar.

— Dois anos e alguns encontros – eu dei de ombros – nós tínhamos química, ele gostava do meu jeito maluco na cama, mas não fora dela. Foi uma coisa de pele, mas não virou amor.

— Então vocês dormiram juntos? – Matheo ainda parecia surpreso.

— Não, gênio, a gente bordava toalhinhas juntos.

Matheo ainda estava estupefato, eu jogaria outra bomba.

— E não apenas dormíamos juntos, como eu engravidei dele.

— O que? – ele fez uma cara de ainda mais surpreso – vocês tem um filho?

— Não, não chegamos a ter um filho. Eu perdi o filho.

— Sinto muito, Violet. Você seria uma excelente mãe, nem imagino todas as loucuras que você aprontaria com uma criança – ele disse carinhosamente e sorriu, e talvez eu tenha me apaixonado um pouco mais naquele momento por ele.

— Nicholas ainda tem até hoje o colar que seria do nosso filho. Ele disse que nunca o esqueceríamos, e ele foi verdadeiro, ele pagou um registro, desses baratos mesmo, de uma estrela, ele colocou o nome do nosso filho. E eu adoro a noite por isso, por que é quando eu o vejo no céu.

— Isso foi muito legal, quero dizer – ele se embolou todo – claro que ele com vocês seria melhor, mas ele agora batiza uma estrela, isso deve ter custado milhares de dólares.

— Não, não custou nem duzentos. Mesmo assim é o presente mais valioso que ele poderia dar para mim em memória de Kevin.

— Você o amava.

— Não! – me apressei a responder.

— Não foi uma pergunta. É possível ver pelo jeito que você falou dele, você o amava. Vocês não ficariam tanto tempo juntos á toa.

— Certo, eu o amava. Ele me fez sentir especial, ele me fez sentir que eu poderia ser boa, e que eu poderia sossegar. Eu sosseguei com ele. Convenhamos, Matheo, não há nada em Nicholas para não amar.

— Certo – ele travou o maxilar e perguntou – você ainda o ama?

— Não, não mais. O que eu tive com ele acabou quando o nosso filho se foi. Eu terminei tudo, ele conheceu Emily, e você sabe o resto. Quando ele esteve doente eu me aproximei dela, e hoje para mim ela é uma irmã, eu não

faria isso com ela. E ele a ama como se fosse morrer – eu sorri – nem que eu quisesse qualquer coisa. Além disso, não suporto homem casado infiel. Se querem ficar saindo, para que casar?

— Você tem razão.

— A questão é, este é um dos motivos que me fazem ser fechada. Pelo menos meu coração ser fechado. Eu já amei demais e perdi.

— Nicholas?

— Não, stronzo, meu filho.

— E não pode ter outro? – Matheo perguntou, se fosse outra pessoa eu teria rachado a cabeça, mas ele perguntou sem maldade.

— Um filho não substitui outro, querido. Imagine se você tivesse dois filhos, um deles morresse e você quisesse vestir o outro igual àquele?

— Nossa, que exemplo feio – ele disse e insistiu em tocar minha mão dessa vez eu deixei, e entrelacei meus dedos nos dele –você deixou... – ele não pode evitar observar.

— A questão é, eu ainda não sei se me julgo não merecedora de amor, ou se eu não sei amar. Eu sou complicada, muito mesmo.

— Já percebi.

— Não, Matheo, isso é apenas uma parte, ainda tem muita bagunça para descobrir.

— E será quando?

— Em breve, eu acho.

Matheo pegou a minha mão e levou à boca, e beijou a ponta dos meus dedos.

— Quando vai me mostrar a sua estrela? – ele perguntou contra os meus dedos, a respiração dele, quente, aqueceu um pouco meu corpo.

— Assim que formos para o apartamento, eu tenho uma luneta nas minhas coisas.

— A gente pode ir para o telhado, lá tem uma área limpa, eu acho que deve ter, e a gente vê.

— Espero que o céu esteja limpo.

— Vai estar.

— Violet – ele disse – agora é minha vez.

— O que?

— De dizer algumas coisas.

— Ok.

— Naquele dia, na Apache, eu fiquei com aquelas garotas.

— Só se eu fosse muito burra para pensar o contrário.

— Você sabia?

— Sim, eu sabia.

— Eu também descobri o bar onde você cantou, e vi o cara com quem você ficou.

Olhei para o rosto dele, ele não parecia mostrar que seria convencido do contrário. Então eu nem tentei.

— Eu sei que você não ficou com ele a semana inteira, você nem mesmo ficou na cidade, senão eu teria te achado pelo tempo que eu te procurei.

— E?

— E que eu gostaria, não agora, não quero forçar nada, mas quando estiver pronta, quero que converse comigo. Eu sei, você sabe e o mundo sabe que eu não presto, mas se tem uma coisa que eu sei que eu sou, é um idiota apaixonado, e isso me fará mover o mundo, se preciso, para te proteger.

Eu não falei nada, por um tempo. Matheo tinha dito mesmo o que eu tinha ouvido? Ele disse que estava apaixonado por mim? Como e por quê? Por todos os deuses, ele iria me odiar ainda mais quando eu saísse da cidade. Quando eu o deixasse longe, mais longe do que ele já esteve antes de nos beijarmos pela primeira vez.

Ele continuou me olhando, não daquele jeito que pede por uma resposta para uma declaração de amor, mas de um jeito que mostrava que ele estaria esperando pelo momento em que eu contaria todas as minhas verdades.

— Ok, Matheo. Quando eu estiver pronta, eu falo com você.

— Perfeito – ele disse – agora, eu vou tentar dormir. Por falar nisso, tem fome? Eu acho que vou pedir algo para comermos.

— Como quiser – eu disse – eu quero pizza, pode deixar que hoje eu pago.

— Então, se você vai pagar, eu vou pedir duas. Não é todo dia que eu sou bancado por uma loura dos olhos azuis.

— Não seja idiota, stronzo.

— Não, pirla, não seja você idiota.

Sorrimos um pouco. Eu acho que Matheo não esperou minha resposta, não porque ela não viria, mas porque ele já sabia. Eu acho que ele sabe, por tudo o que eu já tentei esconder e pelo tanto que eu fugi, que eu já estou irremediavelmente apaixonada por ele.

ELE ME ACHOU

Eu tive alguns problemas para me readaptar ao ritmo do trabalho, eu passei um bom tempo na rua, me concentrando nos meus próprios desafios, concentrar-me nos desafios dos outros, acabava sendo a pior coisa a se fazer. Especialmente quando se tinha um monte de problemas.

Alex também não estava parando muito em casa nos últimos tempos, eu realmente não entendo o que tinha acontecido com ele. Estava até um tanto sério, e Alex sério é sinal que o mundo estava prestes a acabar, qual é? Deve estar escrito em algumas fantasias.

Matheo estava numa das intermináveis reuniões dele, e eu mal conseguia me conter de ansiedade em ver aquele sorriso moreno na minha frente. Eu ia atentar um pouco o juízo dele nesta noite. Desde a noite do hotel, desde aquele dia, ele tinha mudado drasticamente. Obviamente, nós ainda saíamos para a Apache, o acordo dos duzentos dólares tinha sido quebrado, se ele quisesse ficar com alguém ele poderia ir lá ficar, se eu quisesse também. Um orgulho bom, porém, sempre me inundava quando eu o via ficar me cercando a noite toda.

Não éramos namorados, nosso relacionamento tinha mudado da água para o vinho, ou do vinho para a água. Passamos da fase de mil loucuras e comportamentos lascivos na cama, para a fase quase pueril que deveríamos ter antes disso. No máximo compartilhávamos beijos e "amassos" no banco do carro. Ele estava com medo, ele disse que tinha se apaixonado por mim, e não tinha ouvido uma resposta. Talvez ele não quisesse uma resposta sob o efeito das

endorfinas, que seria anuviada pelo prazer, ele queria uma resposta sincera e verdadeira, totalmente plena de consciência e de atos.

Eu já tinha um novo celular, e paz por algum tempo. A maioria deles era bem barato justamente porque eu sabia que poderia precisar jogá-los fora. Eu desisti dos celulares descartáveis quando os créditos acabavam no meio de uma ligação. Eu não tenho redes sociais, eu não tenho nem mesmo conta em banco. O dinheiro que eu preciso eu troco quando vendo os meus bitcoins. Eu investi todo meu dinheiro em bitcoins, uma das coisas que mais se valoriza hoje em dia. Quando preciso de grana, vendo. Isso me ajuda a permanecer com investimentos na "nuvem", apesar da liquidez do investimento não ser das melhores.

O único local que tinha minha documentação era a faculdade, e era o único local que exigia um número de contato pessoal, um número móvel e um de trabalho. Se não fosse por essa exigência, nem mesmo celular eu teria.

Agora que eu ia me formar em breve, eu tinha um tanto mais de receio. Eu estaria num local aberto onde eu não poderia reclamar ou fugir caso acontecesse alguma coisa. Eu já tinha pedido a faculdade para que eu não participasse da cerimônia. O próprio Nicholas me ajudou a mudar meu nome quando eu disse que eu não gostava do meu nome. Convenhamos, Susan não combina muito comigo.

Quando o celular, que eu não tinha ainda dado o número para ninguém, exceto Matheo e a faculdade, tocou, e não era o numero de nenhum destes no

visor, imediatamente meu peito apertou. Não era possível, o que esse cara tinha colocado em mim? Um chip? Como ele tinha conseguido me achar tão rápido? Não fazia nem dois dias que eu tinha comprado o novo aparelho, e desta vez foi Alex que tinha comprado, no nome dele, para que eu não precisasse assinar nada com meu nome.

— Você nunca cansa disso, não é? – perguntei irritada, eu queria poder matá-lo, assim eu teria paz.

— Não, nunca canso disso. É um jogo muito divertido, é um jogo divertido demais para ser abandonado.

A voz do outro lado da linha respondeu com um sorriso maquiavélico. Eu o odiava tanto, mas tanto, que se ele estivesse na minha frente, eu o mataria em dois tempos. Ele me jogou contra tudo e todos, ele me fez passar por louca, ele me fez sair de casa, ninguém me ouvia ou acreditava em mim, mesmo com todos os meus relatos e, agora, ainda tinha coragem de me perseguir.

— O que quer?

— O que eu sempre peço, que você venha à cidade, me veja, assine os papéis e depois caia no mundo, como sempre faz. Não é difícil não é,

menininha?

— Eu não farei isso, você sabe! – eu odiava quando ele me chamava por "menininha" era assim que ele me abordava sempre que eu estava só – Não adianta me ligar, me ameaçar, me mandar para o inferno, eu não farei isso.

— Ok, eu tenho toda a paciência do mundo. Eu não tenho pena de transformar sua vida num inferno, eu posso fazê-la ficar bem pior, e você sabe.

— Maldito... – eu o xinguei sem perceber, em voz alta, e depois baixei o tom para continuar – esse seu jogo não vai funcionar. Eu vou conseguir, você vai ver.

Eu poderia ligar para a polícia, eu até poderia, mas ele estaria sempre dois passos à frente. Ele poderia tocar naquilo que eu mais amava, ele poderia simplesmente acabar com tudo o que eu mais prezava no mundo. Se fosse apenas por mim, tudo bem, mas não era apenas eu envolvida nessa equação, nunca foi.

— Você até pode querer fugir, mas eu tenho aquilo que você mais apetece, eu tenho a senhora Nella Sue comigo. Que pena – ele falou num tom debochado – isso sempre a traz de volta. Por falar nisso, acho que terei que fazer uma

visitinha à sua mãe. Ela deve estar com saudades de mim.

— Não, deixe-a em paz. Você não vê todo o mal que causou a ela?! A todos? A mim?

— Não sendo comigo, pouco me importa. Eu vou adorar contar a ela sobre a puta que a filha dela se tornou. Vou adorar encher a cabeça dela com mais e mais teorias, vou adorar! Adoro vê-la ficando louca aos poucos.

— Você está precisando de dinheiro, é isso? Eu posso te arranjar algum. Eu posso mandar alguma coisa para você, deixe-a em paz apenas por hoje.

— Você sabe que não quero suas migalhas. Você sabe exatamente o que quero.

— Miserável – eu xinguei outra vez – anote o que estou escrevendo, eu ainda vou matar você.

— Isso se eu não te encontrar primeiro.

Fiquei em silêncio, o tom que ele tinha usado fora estranho, eu ainda não sabia se significava que ele sabia, ou se significava que ele estava chegando perto.

— Prime Advogados e associados... – ele sibilou – é um belo prédio esse em que você trabalha.

Ele sabe.

Ele desligou, e eu fiquei outra vez em pânico, mas controlada. Ele era um doente, um maníaco. Eu teria, teria que fazer isso outra vez, por ela. Eu não queria, mas não importava o quanto eu tentasse fugir, ele sempre me achava. Ele me tinha achado outra vez?

Saí da sala com a respiração acelerada e olhei pela janela do hall do prédio, a que dava direto para a rua, procurando a face dele entre as pessoas da rua, mas ele não estava alí. Não havia um só corpo ou rosto que parecesse com o dele, não havia um talhe que pertencesse a ele. Todos que alí estavam pareciam suspeitos e inocentes ao mesmo tempo. O homem que tinha acabado de entrar numa loja e que eu só pude ver o casaco e as costas, o homem com um boné e óculos escuros que tinha acabado de subir num ônibus. Um motorista de um carro escuro do outro lado da calçada, não, ele não, ele era moreno, e meu inimigo era louro, como eu. Eu procurei-o com afinco, e não o encontrei em nenhuma parte, ele alí não estava, ou pelo menos não estava ao alcance de minha visão. Eu estava concentrada demais na visão da rua à minha frente que não percebi quando

alguém se aproximou de mim e tocou meu braço.

Eu gritei e voltei minha atenção pra atrás de mim. Não era alguém que eu temia, era alguém que eu amava.

— Emily! – eu a abracei – você me matou de susto.

— Você que já parecia assustada antes, eu vim ver se você estava bem.

— Está há quanto tempo aí?

— Eu estava te vendo há algum tempo, o que há lá embaixo? – Emily se desvencilhou do meu abraço e foi procurar – o que te preocupa?

— Nada, nada importante. Eu achei que tinha ouvido um acidente, sei lá, um atropelamento.

— Eu vou fingir que acredito.

— Eu vou precisar sair, - eu disse – eu vou ter que sumir por uns dois dias – eu olhei no rosto dela, nem sabia porque estava fazendo aquilo – diga para Matheo não me procurar, tá? Eu vou voltar sã e salva em dois dias, eu só preciso resolver umas coisas.

— Eu sei, você sempre sumiu até quando estava comigo, tem certeza que eu nunca poderei ajudar?

— Tenho sim, se pudesse ser ajudada eu já teria pedido socorro, e as primeiras pessoas a quem eu teria pedido ajuda teriam sido vocês.

— Violet, eu vou descobrir o que é isso, mesmo você não querendo me falar, e eu vou encontrar um jeito de te ajudar.

— Eu amo você, sabia? – eu esmaguei um beijo em sua bochecha.

Quando eu saí dali, eu parei o primeiro táxi na rua. Eu tinha uma boa

quantia de dinheiro comigo, eu poderia ver minha mãe outra vez.

O táxi até a cidade vizinha fora bem caro. Deste táxi, eu peguei um outro táxi, mais barato, até o hospital mental central do Phoenix, Arizona. Eu precisava encontrar um alguém, eu precisava confortá-la um tanto e prometer que eu continuaria tentar tirando-a dali, tudo que estava acontecendo a ela era minha culpa também. Eu iria ver minha mãe outra vez.

ELA AINDA É A MAIS BELA

Quando eu entrei no hospital, eu já tinha sido extorquida algumas vezes. Uma das enfermeiras, a que sempre me deixava entrar quando eu dava para ela alguns dólares, exigiu uma quantidade maior desta vez, e ela foi atendida, eu não ficaria sem ver a minha mãe.

— Você terá um bom tempo, o doutor não está na sala dele, precisou ir ver um paciente que teve uma crise, então poderá ficar algum tempo lá, mas assim que eu chamá-la, você terá que sair imediatamente. Certo?

— Certo.

Ela me dizia enquanto me estendia uma sacola com uma roupa do hospital. Eu me passaria outra vez por técnica de enfermagem, e seria a responsável por administrar os remédios de minha mãe.

Vestime sob o olhar vigilante dela, que provavelmente achava que eu devia ser mais doida que os pacientes que alí estavam, e peguei o carrinho. Eu já sabia o caminho, mas ela me acompanhava. Talvez imaginava que eu iria tomar os remédios com os quais eles dopavam a minha mãe.

— Ei, onde está indo? – ela perguntou quando eu estava entrando num quarto, o que minha mãe ficava.

— Como onde estou indo? Não vê?

— Ela não está aí.

— Que?

— Ela saiu do quarto ontem, teve um ataque de pânico depois de uma visita, ela ficou descontrolada.

— Onde ela está?

— Na sala de sedação.

O que era apenas um nome bonitinho para solitária.

— Por que ela está lá?

— Não conseguiram controlá-la.

Eu já até imaginava quem tinha vindo vê-la para a deixar neste estado. Não tinha mais muita coisa que eu pudesse fazer, apenas tentar consertar o estrago que tinha sido feito.

— Eu vou ficar por aqui – ela disse – entre, mas não a desamarre, poderíamos ser descobertas, você já sabe que tem câmeras em todas as salas.

— Ok.

Entrei alí, e vi minha mãe deitada. Ela já estava olhando para mim, estava me esperando, era como se ela soubesse que e viria.

— Susan... – ela me chamou. Eu ainda não tinha dito o meu nome para ela, o nome novo. Aqui podemos mudar o nome quando quisermos, por no máximo duas vezes, mas ela não aceitaria o fato de eu ter trocado o nome com o qual o meu pai tinha me batizado – você veio...

Ela quis esticar o braço para me tocar, eu sei, mas ela estava com os pulsos amarrados ao braço da cama de hospital, e os pés do mesmo modo, ela estava inclusive despenteada. Eu sempre pedi que nunca fizessem isso com ela.

— Como a senhora está? – eu perguntei.

— Cansada. Eu quero ir para casa.

— Eu estou organizando as coisas para levá-la para casa – eu disse – eu vou fazer tudo o mais rápido possível, assim conseguiremos viver bem, nós duas, e ninguém mais.

— Você esqueceu dele.

— Ele não irá morar conosco, mãe.

— Como não? Ele é parte da família – ela disse – vocês terão que aceitar um ao outro algum dia.

Ele jamais seria uma coisa que eu aceitasse. Minha mãe não sabia, em breve ela saberia, mas não agora. Não enquanto ela estava tão debilitada.

— Eu prometo que irei pensar nisso – eu disse.

"Se eu não mandá-lo para o lugar a que ele pertence antes".

— Fico feliz que tentem se dar bem, por mim, ele é seu...

— Eu sei exatamente o que ele é.

Eu sempre tinha uma resposta na ponta de língua, eu poderia dizer mil coisas, mas eu não as diria para minha mãe. "Nem que dele dependesse minha vida", "só sobre o meu cadáver", "nem no inferno", foram algumas das coisas que passaram na minha mente.

Eu me posicionei atrás da cama de hospital e alisei o cabelo dela com os dedos, trançando de um modo que ela sempre gostava, e despejei os medicamentos, com alguma luta, na boca dela. Tapando a boca dela com um guardanapo até que ela engolisse todos.

— Onde está morando? – ela me perguntou com um sorriso melancólico no rosto depois que eu dei água para ela.

— Não muito longe daqui, East Valley é linda, uma cidade calma e agitada ao mesmo tempo.

— E o trabalho?

— Está indo bem. Ah, eu me formo em pouco tempo, se esforce para que consiga ir à minha festa.

— Eu vou tentar.

Ela sempre dizia que tentaria, mas as tentativas não duravam por muito tempo. Eu não era a responsável pela internação dela, portanto eu não tinha acesso aos prontuários. A enfermeira, a mesma que sempre me colocava dentro dos muros do hospital, me passava informações bem 'por alto", nada que fosse atrapalhar a segurança e estabilidade que ela tinha no emprego.

— Você parece feliz...

— E estou, um pouco, – eu disse – eu acho que estou apaixonada. Tem um rapaz, o Matheo, ele é um estúpido, mas eu sinto que ele está apaixonado também. Mãe, eu nunca senti o que eu sinto com ele com qualquer outra pessoa.

— Nem com Nicholas?

— Não, nem com ele.

— Explica... – ela falou com um tom tão calmo e saudável que parecia que

estava até normal.

— Matheo acaba com a minha razão, ele me irrita ao ponto de eu querer empurrá-lo numa piscina de álcool e tocar fogo, mas também é o único que não fica me cobrando pelo meu jeito, quero dizer, a gente já discutiu algumas vezes sobre isso, mesmo errando, ele me deixa livre. E... E eu não quero me sentir livre quando estou com ele, eu queria que ele me prendesse.

— Você gosta dele, espero que ele seja digno de ti.

— Oras mãe, esqueceu que eu digo que não há um só cara na terra digno de mim? Ele deve ser o que chega mais perto. Eu sinto coisas com ele que eu não sinto com mais ninguém, mesmo eu buscando, eu sinto que as coisas com ele sempre serão distintas das coisas que eu sentiria com qualquer outro.

— Ele gosta de você?

— Mãe, ele lambe o chão que eu piso – eu sorri – o ruim é que eu ando pisando num caminho que ele que está traçando. Então não sei ainda quem manda em quem. Só sei que eu o quero, mas ele não sabe ainda, não saberá ainda, só vai ouvir de minha boca quando merecer.

— Ou seja, nunca... – ela até fez uma piada.

Eu sorri, ela estava bem esperta hoje, ela sorriu também, e eu teria que arrancar o sorriso dela por um minuto ou dois, eu tinha que saber, eu perguntei.

— Mãe, quem veio vê-la antes de mim?

— Eu não posso dizer – ela começava a falar com alguma dificuldade, se alterando – eu não posso dizer – ela começou a respirar pesado e a ficar agitada.

— Está tudo bem... Tudo bem... – eu repetia enquanto alisava o rosto dela – vai dar tudo certo, não precisa me falar se não puder.

Minha mãe, apesar de estar abatida pelo tempo que estava no hospital (que não era muito), ainda conservava muito de sua beleza. Ela tinha os cabelos louros como os meus, apesar de o meu eu ter clareado ainda mais, e longos. Eles eram mais volumosos, acho que o tempo que ela tem passado sem trata-los está fazendo algum mal.

Ela me teve bem cedo. Ela e meu pai foram muito irresponsáveis e povoaram o mundo de filhos, não tantos, vai, apenas três além de mim. E eles já tinham se espalhado pelo mundo. Todos tão loucos quanto eu. Ficamos em casa apenas meu pai, ela e eu. Até que ele faleceu. Ele separou a herança igualmente entre os filhos, assim não teríamos brigas, e quando morreu, isso ajudou a não ter discórdia entre nós.

Ela tinha meros dezesseis anos quando eu nasci, e meu pai era dois anos mais novo que ela, ou seja, eles foram muito mais loucos que eu com a minha idade. E eu já tinha nascido quando eles começaram a ter juízo. Meu pai tinha uma loja de instrumentos artesanais, e isso dava a ele uma pequena renda mensal, o suficiente para sustentar a família. Isto até um homem aparecer interessado no "shape" que ele tinha configurado para violões. Me pai tinha uma forma de trançar as cordas que deixou o homem intrigado, ele comprou a idéia. Meu pai começou a ganhar dinheiro de royalties e depois das vendas dos instrumentos. Ele até ganhou alguma fama, acabava sendo convidado por alguns artistas para apresentar seus instrumentos às pessoas do meio, e isso foi sua ruína.

Quero dizer, isso era bom, claro, mas a vida que ele começou a levar acabou se tornando regadas de vícios, vícios e jogatina. Ele morreu de overdose, mais precisamente de isquemia do miocárdio que acabou o levando ao infarto. Todos nós sentimos muita falta dele, mas pelo menos ele não nos deixou desprevenidos, era como se soubéssemos que ele iria morrer. Foi justamente por ele ter partido que a nossa vida se transformou num inferno.

— Ei, deixe o quarto, leve o carrinho de medicamentos para aquela sala de onde viemos – a enfermeira disse – está vindo gente.

— Tá bom – eu disse.

Eu dei um beijo na testa da minha mãe, que já estava ficando sonolenta por causa dos remédios, e empurrei o carrinho para fora, tomando o cuidado de manter o rosto abaixado todo o tempo.

Alcancei a sala, troquei de roupas, e saí carregando um saco de lixos para a rua, era assim que eu alcançava a porta dos fundos sem problema.

Eu não tinha mais muito o que fazer na cidade, e eu nem poderia ficar alí por tanto tempo, então eu pedi um táxi para voltar a East Valley. Eu sempre sumia por dois dias, ou mais, porque a enfermeira teria tempo para me dizer a que horas eu poderia ver minha mãe no dia seguinte, neste caso isso não foi necessário por que a noite estava "calma" no hospital psiquiátrico.

Entrei no táxi e fiquei tentando me manter acordada por todo o caminho até chegar às cercanias do centro de East Valley outra vez.

ADEUS, MENINO QUEBRADO

Eu entrei no prédio e tive uma sensação estranha. Eu me sentia vigiada, eu tinha aquela sensação de ser observada que eu odiava. Meu peito tinha apertado, mas, por nada neste mundo, eu abaixaria a cabeça. Eu continuaria como a garota corajosa que eu sou.

Quando eu cheguei à porta, havia uma pequena encomenda em meu nome. A palpitação no peito começou, era como se eu já adivinhasse do que se tratava. Abri o pequeno embrulho e dentro não tinha nada além de duas polaroides minhas. Uma delas, eu estava ao lado de Alex, na entrada de uma boate de quinta chamada "171", e outra minha ao lado de Matheo. Através das janelas da antiga casa, enquanto eu estava sobre ele, com os seios expostos. Observei o verso da foto e tinha escrito com letra cursiva: "Eu sempre vou te achar. Meu amor, minha menina, minha sempre".

Eu rasgaria as fotos, mas eu não consegui. Eu precisaria delas para lembrar. Agora, Matheo e Alex estavam em risco, e eu não poderia fazer isso, eu não queria que eles sofressem por minha culpa.

Eu guardei as fotos no bolso do jeans e meti a maldita chave na fechadura da porta e entrei no apartamento. Matheo estava deitado no sofá da sala, dormindo, com a mão apoiada na testa e vestido com uma camisa, jeans e tênis, como se estivesse pronto para sair a qualquer momento.

Eu me aproximei devagar e deitei sobre ele, que se assustou de início e depois me apertou contra o próprio corpo.

— Violet... – ele disse – como eu estive preocupado com você, você sequer faz idéia, eu pensei as piores coisas.

— Ah, Matheo, você sempre pensa as piores coisas.

Eu disse e me deixei abraçar um pouco. Aquela seria a última vez. Eu inspirei fundo o cheiro dele, poros morenos e loção pós-barba, aquilo devia ser o melhor cheiro do mundo. Eu olhei para o rosto dele, tocando-o com cuidado, eu precisava que minha visão e meu tato memorizassem cada pedaço dele, para que, quando eu partisse, eu o levasse comigo.

— Onde estava? – ele perguntou.

— Não me pergunte isso – eu pedi e deitei um beijo na boca dele, aquela boca perfeita.

— Ok.

Ele pegou os dois lados do meu rosto entre as mãos e me beijou com uma emoção diferente. Era saudade, mas também tinha mais que isso. Eu respondi ao beijo calmamente. Eu o queria, queria tanto que doía e tornava tudo confuso, mas eu também queria o bem dele e daqueles que amo em primeiro lugar.

A boca de Matheo, colada à minha, era apenas mais uma prova de que as coisas estavam destinadas a acontecer nesta terra. Ela era tão perfeita que o nosso beijo me doía no estomago, me dava um frio na barriga bom toda vez.

— Onde está, Alex? – eu perguntei.

— Disse que iria dormir na casa de um amigo, e viria pela manhã. Ele parece não se preocupar tanto quanto eu quando você sai.

— Acho que ele sabe que é por que eu sempre volto – eu disse com um sorriso.

— Mas eu não sei se você volta – ele disse e aquilo me partiu um pouco por dentro.

— Vamos ao quarto? – eu pedi quando ele me deu algum espaço – eu preciso de você agora.

— Eu também preciso de você – ele sussurrou de volta enquanto ainda me dava alguns beijos.

Eu me levantei e o puxei pela mão até o quarto. Matheo se deixou ser levado. Eu o queria num local que ele não tivesse "profanado", eu o queria na minha cama, o local que eu tinha compartilhado apenas com ele. Matheo entrou no quarto e eu tranquei a porta, ele sentou à beirada da cama, e eu me aproximei dele.

— Deixa que eu conduza. – eu disse – Você só faz o que eu pedir, tá bom? – eu perguntei enquanto retirava alguns fios do cabelo dele que caiam de sobre os olhos e deslizei a mão sobre o rosto dele até os lábios.

— Tá bom – ele sussurrou e beijou a ponta de meus dedos.

Eu baixei um pouco e peguei a camisa dele pelas beiradas, retirando-a por cima (claro), joguei o tecido perto de uma pilha de roupas no canto do meu quarto e deslizei a mão pelo contorno bem desenhado dos ombros dele. Eu retirei, em seguida, minha própria blusa e sutiã e me aproximei dele, segurando o cabelo dele, mostrando que ele tinha que se embeber do meu colo.

Ele beijou e mordeu de leve cada centímetro do meu seio e por todo o busto até o pescoço, de onde ele deu outro salto gigantesco quando eu lhe ofereci outra vez a boca.

Eu sentiria falta deste beijo.

Eu pedi que ele deitasse na cama e retirei meu coturno e o jeans, também todos os penduricalhos que eu tinha nos pulsos e os anéis. Fiquei apenas de calcinha e abaixei-me, um pouco, para retirar o jeans que ele usava também. Ele poderia muito bem retirar, mas eu queria fazer aquilo. Tênis, Jeans, e por fim ele estava de cueca sobre a cama, deitado, lindo como lúcifer antes da queda, e eu estava cada vez mais apaixonada, sem nem perceber.

Eu andei sobre a cama, sobre ele, e ele deslizou a mão sobre minhas costas quando eu me apoiei no peito dele por uns minutos, esperando que meu peito desacelerasse outra vez. Levantei-me então, pegando as mãos dele e levando outra vez aos meus seios, em seguida à minha cintura, e então ele apertou aquele pedaço de carne gentilmente. Ele estava tão assustado quanto eu pelo que aquilo nos causava, eu conseguia ver isso no olhar dele.

Eu beijei o tronco dele, toda aquela faixa lisa e até a linha da roupa íntima, ele já estava pronto para mim, e eu iria querer senti-lo como da última vez, carne contra carne, um contra o outro, como se aquilo não fosse assim tão errado. Como poderia? Como uma coisa tão linda entre nós poderia ser julgada errada? Amar nunca é errado.

Eu rolei na cama e Matheo se ergueu sobre mim, ele retirou a própria roupa que faltava e em seguida a minha. Ele se posicionou no espaço entre as minhas pernas e se alojou dentro de mim, me invadindo e me fazendo perceber que era como se aquele espaço agora só pudesse ser preenchido por ele.

Matheo se moveu devagar, ele sabia que eu precisava sentir tudo em sua máxima potência, ele sabia que eu precisava daquilo demorado e intenso, ele sabia, não sei como, mas ele sabia, que aquilo era uma despedida.

Eu fechei os olhos e me concentrei apenas naquela sensação, tentando esquecer o mundo, tentando esquecer tudo. Somos errados, mas mesmo assim parecemos tão certo juntos. Ele e eu precisamos apenas acertar os nossos ponteiros, precisávamos, por que agora não há mais ponteiros a serem ajustados, não há mais tempo, esta é a última vez.

Matheo segurou meu rosto e me fez olhar para ele, ele queria ler o que eu não dizia, ele queria ler em mim as coisas que eu pensava, mas eu não poderia dizer, não ainda, seria quebrá-lo ainda mais. Ele se aproximou e me beijou, abrindo ainda mais as minhas pernas e se afundando com vontade dentro de

mim. Não resisti e gemi, gemi forte, enquanto ele puxava meu quadril mais de encontro ao dele.

Éramos bons juntos, ele tinha que aprender, eu sempre quebrava todos ao meu redor, por isso prefiro ser a mulher forte e independente sozinha do que a menina apaixonada que sou quando estou com ele.

Eu me ergui com os cotovelos e segurei o pescoço dele, ele sabia o que eu queria, ele se ajoelhou na cama e me levou num movimento de subida e descida sobre ele. Eu joguei meu cabelo para trás, ele quase arrastava na cama, e eu me deixei mergulhar naquela sensação. Matheo dentro de mim, e eu o envolvendo, aquilo era mágico.

— Me põe de quatro – eu pedi depois de ter tido uma pequena porção do prazer que ainda teríamos naquela madrugada.

Ele me obedeceu e me colocou como eu pedi. Encaixamo-nos e ele enrolou meu cabelo, com algumas voltas, na mão, para que o movimento dele fosse facilitado. Ele estava faminto, desejoso, desesperado, ele queria dar o melhor de si como uma forma de me prender, mas ele sabia que eu não estaria mais com ele. Ele deslizava as mãos por mim, ele em mordia, ele me amava com o corpo perfeito, ele me dava mil e uma sensações, mas eu não poderia ouvir o seu chamado.

— Deita na cama – eu pedi depois de algum tempo.

E eu voltei para cima dele. Dessa vez num movimento mais calmo, admirando-o e me movimentando para que ele sentisse um décimo do que eu sentia. Ele me tinha dito que eu não sentia com outros um décimo do que sentia com ele, e ele tinha uma maldita razão. Eu sei, porém, que ele também não sente com mais ninguém o que dou a ele. Senão ele não teria voltado para mim, como quem volta para o lugar a que pertence.

Eu deixei que as mãos dele brincassem com meu sexo até que eu o senti se retesando dentro de mim, eu o senti naquele ponto em que ele está duro como pedra, pronto para se derramar. Ele não saiu de mim, eu olhei para ele e pedi com o olhar que ele ficasse. Ele sabia, eu queria que ele ficasse dentro de mim. Como antes, como da outra vez.

Ele jogou a cabeça para trás e se deixou derramar então, eu fechei os olhos e também me perdi com ele, mais um pouco, apenas mais um pouquinho de Matheo para o pouquinho de Violet que era dele.

Eu deitei sobre ele e ele passou a mão no meu cabelo, suado, respirando pesado, e me pediu para olhar para ele outra vez. Ele tinha algumas lágrimas nos olhos.

— Por favor, não me deixe – ele pediu.

Eu vi tudo o que tinha causado, eu vi Matheo desprotegido assim como eu ficava quando estava com ele, eu vi que ele precisava ouvir as palavras, e eu sabia que isso era duro, mas eu tinha que dizê-las agora.

— Matheo, eu não posso mais ficar – eu disse – eu preciso ir.

As mãos dele tentaram me mover para um abraço, mas eu fiz que não e ele me obedeceu.

— Matheo – eu disse outra vez – eu tenho que ir.

— Você não se apaixonou por mim? – ele perguntou – não é o que parece quando estamos juntos.

— Matheo, você sabe que não. Eu não me apaixonei.

Eu era uma mentirosa muito boa, eu conseguia mentir olhando aos olhos dele.

— Tenta um pouco mais.

— Eu não preciso tentar – "eu já estou apaixonada", meu cérebro pensou, mas minha boca disse – eu não vou conseguir.

Ele não iria aceitar, não desse jeito, não quando os olhos verdes dele ficavam vidrados em meus olhos azuis. Não quando ele parecia enxergar todos os meus segredos. Eu me levantei e peguei uma bolsa, guardei dentro uma quantidade de dinheiro e documentos, coloquei algumas peças de roupa, eu não tinha muitas justamente para me facilitar durante as mudanças.

Matheo, nu, ainda olhava para mim, sentado na cama, apenas com um travesseiro sobre o colo.

Eu me vesti e me calcei, eu coloquei a bolsa na costa e eu olhei para ele. Eu estava despenteada, cheirando a sexo e a ele, mas eu não iria tirar o cheiro dele de mim tão cedo. Ele me olhava sem reação, me vendo ficar pronta para partir e sem poder fazer coisa alguma.

— Para aonde vai?

— Eu não sei – eu respondi.

— Eu estou comprando este local, eu vou sublocá-lo para Alex, eu não tenho motivos para ficar quando você não está.

— Você pode fazer isso.

— É pelo que eu fiz? – ele perguntou e eu soube que ele se referia ao dia que dormiu com aquela maldita na minha frente.

Eu precisava ser mais dura, eu realmente precisava. Ele não aceitaria assim facilmente.

— Sim, Matheo. É pelo que você fez. Você não vê que naquele dia você me perdeu para sempre? Não vê que aquilo foi o cúmulo? Eu até estava começando a me apaixonar por você, mas quando aquilo aconteceu, puta que o pariu, eu tive vontade de te matar.

— Eu já pedi perdão mil vezes.

— Eu não sei se algum dia eu serei capaz de perdoar você.

— Eu já a perdoei diversas vezes.

— Não é a mesma coisa.

Eu estava entrando em contradição, eu sabia, ele precisava se afastar de mim. Eu queria ir embora, mas eu tinha que deixá-lo inteiro.

— Matheo, eu preciso ir – eu me aproximei dele e dei um último beijo em sua boca – eu não poderia me apaixonar por você, tenta entender. Paixão não significa nada para nós dois.

— Violet...

— Não, Matheo, não me chame, senão eu nunca conseguiria partir.

Ele ficou em silêncio.

— Não me procure, se um dia eu quiser te achar, eu vou ao teu encontro.

Ele acenou positivamente, parecia um menino fragilizado, e eu o deixei no meu quarto enquanto sai pela porta. Sai daquele local, saí do bairro, e saí da cidade. Sentindo a tristeza por tê-lo deixado apertando meu peito, talvez para todo sempre.

NALGUM LUGAR EM GLENDALE

Eu não podia me afastar demais. Minha mãe estava em Phoenix, eu não poderia deixá-la só, o que eu precisava era afastá-lo dela. Se ele viesse atrás de mim, ela estaria em paz. Eu tinha que arranjar um meio de arrancá-la daquele hospital e coloca-la num local que tratasse os pacientes como pessoas e não como loucos. Eu achei que os "asilos mentais" fossem coisa do passado, mas quando eu estava alí, com tanta gente drogada e dopada ao meu redor, eu via que eles ainda existiam mais ativos que nunca.

Minha mãe não era louca, ela tinha sido vítima dele. Ele a fez se apaixonar, ela até traiu meu pai com ele, acho que meu pai nunca soube. Ele vivia enchendo a cabeça da minha mãe de ideias, ele vivia, dia após dia, contando mil histórias sem sentido para ela. Aos poucos ela foi perdendo o juízo. Eu tinha lido nos últimos dias que esse fenômeno se chama "gaislighting", é uma forma de abuso psicológico no qual informações são distorcidas, seletivamente omitidas para favorecer o abusador ou simplesmente inventadas com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade.

Quando eu quis explicar a ela o que ele estava fazendo, ela não acreditou mais em mim. Ela já acreditava apenas nas palavras dele. Ainda bem que ele não tem meu sangue, senão eu me sentiria culpada por desejar a morte dele. Eu queria, puxa, eu queria tanto ver o sangue dele derramar por todo o mal que causou, mas eu não tinha coragem de fazer isso enquanto minha mãe ainda está tão vulnerável.

Ele não é meu padrasto, apesar de ter tentado ser, minha mãe ficou doente antes. E foi isso que facilitou minha fuga. Eu via os olhares que ele me dava, eu via quando ele me olhava de um jeito distorcido. No dia que ele quis tentar me tocar na primeira vez, eu, bem, já era desenrolada, e eu enfiei o canivete na perna dele. Ele gritou feito um louco e eu corri de casa. Naquele dia, ele estava apenas de visita, e aquele tinha sido o dia do enterro do meu pai.

Ele não soube se controlar, haviam umas trezentas pessoas no quintal e ele ainda assim quis "mexer" comigo. Como sabemos, não sou nenhuma idiota. Comigo é: bateu, levou. Eu já andava protegida, eu sabia que aqueles olhares não eram normais, quando ele tentou eu o fiz. Eu queria aleijá-lo, pelo que ele estava fazendo com a minha mãe, mas não consegui. Eu arranquei o canivete de volta e o guardei nas minhas coisas quando eu fugi.

A ordem de prisão que ele tinha feito contra mim foi quebrada, minha mãe tinha pedido, soube disso muito tempo depois, e desde então eu vivo de local em local.

Quando eu conheci Nicholas, pouco tempo depois de chegar a East Valley, ele estava procurando estagiários na faculdade, eu me ofereci, mas expliquei a situação com meu nome. Ele entendeu e me ajudou. Ele sempre ajuda quem pede. E eu tive uns anos de paz. Ele me ajudou a entrar na universidade, eu tinha vinte anos, dois anos depois eu o beijei e passamos a namorar, ficamos juntos dois anos, e eu achei que eu estava em paz. Foi quando eu descobri que minha mãe tinha sido internada num hospital psiquiátrico, eu fui atrás dela, eu tinha que vê-la, e desde então eu não tive mais paz.

Como a única filha que ainda teve contato com a minha mãe, eu era agora a responsável por tudo. Por ela, e pelo bem estar dos meus irmãos, que nunca vinham me ver, então, eu acabei ficando responsável apenas por ela. E eu sou péssima nisso. Eu não posso lutar na justiça para tirar minha mãe das mãos dele, eu não posso, ele pode atormentá-la ainda mais. Eu nem mesmo posso tentar roubá-la de lá, já tenho uma denúncia, uma nova denúncia contra mim resultaria em prisão. Eu tinha que continuar fugindo pelas cercanias e pedindo que ele não me achasse.

De um modo ou de outro, eu estava fazendo isso pelos que eu amava. Por Alex, que eu tenho certeza que foi ele quem pagou àqueles gangsters para lhe darem uma surra, por minha mãe, que teve sua sanidade assaltada por ele, e por Matheo, meu homem e meu menino, ele era simplesmente "bom" demais para ser machucado por ele, eu não consigo nem imaginar as coisas que ele faria se descobrisse que eu tinha me apaixonado por Matheo.

Glendale foi o local mais próximo de East Valley e Phoenix que eu pude encontrar. Eu consegui encontrar, dois dias depois, um apartamento pequeno, um único cômodo com banheiro, para que eu morasse, na 75th Avenue. Alí não era o melhor lugar do mundo, mas era barato e seguro. Eu tinha acesso a uma lavanderia no final do corredor, e tinha uma minúscula cozinha numa bancada no quarto.

Pela manhã, bem cedo, eu levantei e fui até um mercado pequeno que tinha alí. Troquei os bitcoins por dinheiro e pedi que o valor fosse depositado direto no meu cartão de débito pré-pago. No supermercado, comprei um colchão inflável, uma coberta, uma toalha, escova de dente, creme dental, mais alguns artigos de higiene pessoal, alimentos. Bastante comida, que eu descongelaria, um micro-ondas, um violão, um caderno e alguns lápis, duas facas de churrasco e um novo

canivete. O meu canivete antigo eu deixei de presente para Alex.

Fui de táxi até em casa, passei o cartão de débito. O taxista aceitou me ajudar a carregar minhas compras até no apartamento por menos de dez dólares, o que eu considero um milagre. Aqueles caras não levantam por nada dos seus bancos de trabalho.

— Obrigada – eu agradeci e o paguei.

Ele foi embora e eu passei a ferrolho todas as trancas da porta.

Como eu me esqueci de comprar uma bomba para inflar o colchão, eu tive algum trabalho para deixá-lo no ponto de me deitar. Posicionei o aparelho de micro-ondas no local e descongelei uma lasanha e a comi com refrigerante.

Peguei o violão, o afinei do modo que meu pai tinha ensinado, e eu fiquei sentada por algum tempo dedilhando-o até que decidi compor a minha primeira canção.

Talvez o vazio seja este calor que assim consome...

O vazio seria esse latejar nas veias? Morrer de fome?

Quando os rostos conhecidos não mais lhe aprazem Quando não se lembra deles nem mesmo o nome...

Anotei os primeiros versos no meu caderno junto com algumas pontuações de acordes e continuei:

A ausência de sentimentos mesmo quando se sorri Quis jogar jogo de adultos e perdi...

Perdi em meu próprio jogo E foi me perdendo que perdi também a ti

Mais versos, e eu fingia que não sabia a quem eles se destinavam.

A saudade tem um rosto bem conhecido A saudade tem um nome engraçado...

A saudade me encontrou ainda ao teu lado Num delírio após um gole de rum esquisito

Com certeza isso iria para o caderno.

Ah, por favor, me diz que eu não sinto isso sozinha...

É em ti que me inspiro para criar estas e rimas Você sempre foi um sedutor barato e galanteador, Mas era tudo real nas minhas mentiras...

É, eu acho que um coração partido e um rum barato eram mesmo ótimos instrumentos de trabalho.

Eu queria você aqui, eu quis, a cada segundo...

Se eu te disse que eu ia embora para algum lugar no mundo É por que eu queria que você me pedisse pra ficar...

É por que queria que me dissesse que você é o meu lar

Histórias fracassadas de tentativas de amar frustradas.

Mas toda vez que paro pra te escrever...

Tenha certeza menino, toda vez que canto pra você...

Tua lembrança é a que me dói mais.

Acho que Matheo é para mim como Kalona é para A-ya, uma atração imperiosa e irresistível, e eu, bom, eu era para Matheo no mesmo estilo. Enquanto Kalona se apaixonou por A-ya e apenas a endeusou por sobre todas as mulheres, eu, como A-ya, o arrastei a um buraco profundo na terra, fazendo daquele local o seu túmulo. Eu fui uma armadilha, eu fui uma arapuca para os pés dele e quando o prendi eu o deixei alí.

Cara, eu definitivamente não presto, mas entendam, é para o bem dele. Ele merece ser feliz com alguém que não está sempre fugindo, com alguém que poderá dar a ele uma estabilidade que eu não posso, e que eu ainda não posso oferecer.

Continuei dedilhando as notas esparsas no violão barato tentando encontrar uma melodia exata para a música, e isso era difícil para caramba. Cochilei em seguida, e quando acordei eu tinha que procurar algum trabalho. Eu não podia ficar gastando o dinheiro sempre, senão eu ficaria sem nada. Eu tomei um banho e vestime de uma forma ligeiramente mais decente: jeans, tênis, casaco da GAP, camiseta. Prendi o cabelo num coque e coloquei uma maquiagem no rosto. Não

adiantava tentar maneirar, sem ela eu me sentia nua.

Andei pela avenida central e encontrei uma loja de tacos que tinha placa de "precisa-se de atendente", eu poderia viver bem com nove dólares por hora. Entrei, me candidatei, notei que a maioria dos trabalhadores era latino e o dono também, ele não me pediu muitos documentos, apenas me disse que pagava em espécie no final de semana, mais precisamente no sábado pela manhã, e que minha folga seria nas segundas e terças, já que o sábado e domingo são sempre lotados. Aceitei sem reclamar, e peguei a horrível roupa de atendente e comecei a anotar os pedidos e entregá-los aos clientes.

Claro, eu conseguiria uma colocação melhor, mas eu não poderia fazê-lo nesta cidade. Eu tinha visto alguns escritórios que me contratariam com certeza, mas não me candidatei. Qual é? As minhas notas são ótimas, eu sou bem esperta e, por mais que não pareça, eu já estudei muito! Eu sempre quis ser a oradora da turma, meu sonho era chegar lá e arrancar a beca, eu estaria com uma roupa bem "trevosa e sexy" por baixo, e eu começaria a cantar no meio de todo mundo. Infelizmente tive que desistir desse sonho.

A loja de tacos não era muito longe do prédio de apartamentos onde morava, eu poderia ir andando toda vez, mas preferi pegar ônibus, quanto menos tempo eu passasse na rua seria melhor.

Voltei para casa, liguei o rádio e fiquei ouvindo música por algum tempo. Eu acho que não preciso nem dizer em quem eu estava pensando.

ALGUMAS PISTAS

MATHEO

É, eu sou um ogro. Um homem que não prestou por algumas boas vezes. O que eu fiz com Violet não chega nem perto do modo que eu já parti corações por aí, eu sou cheio de defeitos e minhas qualidades quase nem conseguem cobri-los, e eu quase nem tento escondê-los mais. Para que? Para acabar sendo o cara que fingiu ser outra pessoa no primeiro encontro?

Eu achei que eu estava sendo mais forte que Violet, eu achei que eu era o cara que iria conquistá-la para poder exibila como um troféu na minha estante de mulheres e corações partidos, mas algo saiu muito errado.

Foi desde o primeiro beijo, eu acho, foi desde aquele dia que eu não consegui tirá-la mais da cabeça. Aquele beijo foi incrível, minha alma se ligou com a dela, e olha que eu sou bem "rodado", mas tinha algo de diferente alí, tinha muito mais do que duas bocas se tocando.

Eu me apaixonei feito um condenado por ela, eu me apaixonei pelo jeito louco dela de viver, pelo modo como ela fica muito quente naquelas roupas de roqueira sem noção, pelo modo que nos encaixamos e pelo modo sutil que ela tinha de me chamar de burro toda vez.

Bendita seja a hora que ela entrou no meu carro em busca de uma carona, maldita seja a hora que ela entrou no meu coração em busca de abrigo.

Violet tinha me virado completamente do avesso. Eu jurei por mim mesmo que nunca mais eu me apaixonaria na vida, não depois de todo o mal que eu tinha sofrido na primeira vez, e consegui cumprir a promessa até conhecê-la. Mulherengo, eu sou; idiota, parece até elogio; ogro, um apelido carinhoso, mas eu também era um imbecil de um romântico incorrigível, e talvez o seja até hoje.

Eu não conseguia pensar direito, eu realmente não conseguia entender tudo o que eu tinha que fazer para seguir em frente quando meu desejo era voltar um mês atrás e ter corrido atrás de Violet para impedi-la de partir.

Faz um mês que ela me deixou.

Não adiantou muito eu tentar encontrá-la, na primeira semana eu rodei toda a cidade de carro, fui até os confins de toda a cidade de East Valley, mas não a encontrei. Procurei pelo endereço dela através do seguro social, ela tinha que ter se registrado em algum lugar, mas não achei nada. A única coisa que achei foi uma passagem comprada uma semana antes de partir no nome dela. O destino? El salvador.

O que Violet iria fazer em El Salvador? Dio Mio!

Eu precisava de ajuda, eu precisava de uma mente estrategista, a minha não

era tanto. Eu era apenas o cara do carisma na empresa, eu era o cara dos bastidores, eu precisava da mente que brilhava.

Assim que saí do escritório peguei um carro e me dirigi à casa de Nicholas e de Emily. Eu precisava jogar fora tudo que estava me violentando o peito. Cara, eu estou muito ferrado.

Eu nem senti que estava dirigindo meu carro até chegar à propriedade dos Theodoridis. A casa de fachada de vidro e pedras antigas sobressaia-se por toda a região. Uma entrada circular e uma fonte à entrada ornavam o caminho dos chegantes. As luzes estavam ligadas, eram quase sete da noite, e eu sabia que eles estariam aptos a me receber a qualquer momento, especialmente quando a filha deles, Nicole, ainda não tivesse dormido.

Buzinei quando estacionei o carro na vaga de visitantes e saí do veículo. Emily veio abrir as enormes esquadrias de vidro que permitiam o acesso ao interior da casa.

— Matheo! – ela me sorriu quando me reconheceu.

Nicole estava engatada à cintura dela como um pequeno macaco e começou a esticar os bracinhos para mim quando me reconheceu também, me chamando

de "tio".

Peguei a menina nos braços e dei um beijo no rosto dela, depois um no rosto da mãe e a abracei de leve.

— Entre, por favor – Emily disse – Nicholas está finalizando o jantar, venha ter conosco.

Eu não tinha ido a comer, mas eu não recusaria um convite de Emily, ela era como uma irmã para mim. Entrei na casa e Nicholas, bem saudável, me cumprimentou com um sorriso.

— Matheo, que surpresa – ele disse – entre, sente-se, Emily me ordenou a terminar o jantar, e está querendo me obrigar a lavar louça, acho que ela está odiando me ter em casa de volta e quer me matar.

— Não reclame, - Emily se aproximou – senão você lavará a louça por uma semana.

Ele sorriu para ela e fez um aceno para Nicole que estava querendo se jogar para ele. Eu a segurei para que ela não mergulhasse nas panelas e a coloquei sentada na bancada da mesa, ao meu alcance para que ela não caísse.

— O que o traz aqui? – Emily perguntou – parece tenso, preocupado.

— Problemas, muitos problemas.

— E esses problemas foram causados por uma loira rebelde? – Emily perguntou. Nicholas ergueu os olhos da comida para analisar meu rosto.

— Sim, uma loira rebelde – eu confirmei – mais precisamente Violet Nella Sue.

— Vocês estão juntos? – Nicholas perguntou, mas não num tom que sugerisse ciúmes, mas descrença.

— Eu acho que nunca estivemos juntos totalmente – eu comecei a explicar – é uma história confusa. Confusa até para mim.

— Onde ela está? – Nicholas perguntou.

— Eu gostaria de saber, ela sumiu no mundo.

— Outra vez?

— Ela sumiu no mundo quando esteve com você? – Emily perguntou.

— Algumas vezes – Nicholas disse – ela geralmente volta, fica um tempo longe e então volta. Isso deve ter acontecido umas cinco vezes enquanto estivemos juntos.

— Ela me disse que eu não deveria procurá-la, ela disse que eu a tinha decepcionado muito e que não tinha se apaixonado por mim. Eu senti que foi uma despedida.

— Ela me pediu os documentos dela que estavam em posse do escritório – Emily disse – ela também pediu que eu enviasse à faculdade dela o último parecer sobre o relatório de estágio.

— Você falou com ela? – eu perguntei.

— Não, ela me pediu por recado. Ela anotou num bloco de notas e o colocou sobre minha mesa. Os documentos dela estão separados nas minhas coisas, lá no escritório, pelo menos as cópias autenticadas já que ela tem os originais, bem como relatório do estágio, que eu já enviei uma cópia à faculdade.

— Viu só? – eu expliquei – ela deixou tudo pronto. Ela deixou tudo organizado para apenas poder ir embora, se formar, e sumir por um tempo. Ela já sumiu duas vezes estando comigo, ou mais, sei lá. Ela sempre saia com coisas inacabadas, ela saia deixando as coisas por fazer e depois surgia para terminá-las, desta vez foi realmente uma despedida.

Nicholas desligou o cooktop e tampou a panela enquanto falava calmamente, e eu sabia que ele já tinha colocado a mente para raciocinar, assim ele a deixaria afiada para quando falasse, o que não demorou tanto tempo.

— Violet não tem contato com os irmãos, mas se não me falha a memória, e ela vive falhando, ela tem uma irmã adotiva, que a mãe não pode cuidar e eu não sei por que motivo. Essa criança vive com outra família agora.

— Fico feliz que esteja lembrando – Emily disse.

Nicholas lhe sorriu e continuou:

— Um dos irmãos dela mora em Mesa, não é longe daqui. Ou melhor, morava há alguns anos, não sei se ele continua morando alí. Você poderia buscá-lo na lista telefônica.

Emily levantou-se e pegou uma lista telefônica da mesinha de telefone que ficava perto da entrada da garagem que dava para o corredor.

— Aqui – ela disse e depositou o objeto pesado sobre a mesa – quem devemos procurar?

— Aí, é pedir demais – ele sorriu – mas tentem procurar pelo sobrenome dela.

— Nella sue... – Emily ficou repetindo enquanto deslizava os dedos pelos nomes dos contados de Mesa. Quando a lista com a letra "n" finalizou, ela procurou apenas por "Sue", não encontrando ninguém de Mesa com esse sobrenome – Não, não há nenhum Sue homem em Mesa.

Nicholas pousou as mãos sobre o balcão da cozinha e se esforçou um pouco mais. Ele até fechou os olhos para se concentrar.

— Collins! – ele falou repentinamente surpreso – esse é o sobrenome verdadeiro dela, ela mudou o nome enquanto esteve comigo, eu a ajudei. O sobrenome dela é Collins, procure por Collins.

Emily tornou a deslizar o dedo sobre os nomes a procura de alguém com este sobrenome.

— Collins? – eu perguntei olhando para Nicholas – então o nome dela é Violet Collins?

— Não, o nome dela é Violet Nella Sue, ela trocou de nome legalmente, juridicamente e para todos os outros efeitos, o nome dela é Violet Nella Sue, antes o nome dela era Susan Collins.

Ela nunca tinha me dito isto, ela nunca tinha me dito muitas coisas. Nicole tornou a ficar inquieta no balcão da cozinha, e eu a peguei no braço outra vez fazendo graça com o brinquedo que ela tinha. Uma pistola de pressão desmuniciada. Eu nem precisava pensar muito para descobrir quem a tinha dado de presente à garotinha.

— Encontrei! – Emily comentou repentinamente, chamando nossa atenção – há três Collins em Mesa. Phill Collins, Evan Collins e Gregory Collins.

— É algum destes Nicholas? – questionei.

— Agora eu não consigo lembrar – ele disse – eu lembro apenas do sobrenome. Ela não falava muito sobre a família.

— Pelo menos já é um grande avanço, eu estava totalmente sem rastros, agora tenho algum lugar para conseguir encontrá-la.

— Ou para começar a buscar por pistas.

Nicholas começou a separar os pratos e a dispô-los sobre a mesa de jantar, e então levou a panela de pedra sabão com um cozido a colocando sobre o jogo americano de madeira. Colocou ao lado uma panela com purê e pão caseiro. Pela elaboração do prato, já deu para ver que ele tinha apenas mexido e que Emily quem tinha preparado.

— Então, ela te pego de jeito? – Emily disse com um sorriso e pegando Nicole do meu colo para colocá-la num cadeirão.

— Quem? A comida? – eu perguntei com um sorriso.

— Não se faça de tonto, – ela disse e Nicholas começou a esfriar uma pequena porção da comida para dar a Nicole – Violet, quem mais?

— Ela está é acabando com meu juízo.

— O que você nunca teve de sobra, não é mesmo? – Emily questionou daquele modo adorável que me fazia gostar ainda mais dela.

— Adivinhona – eu pisquei para ela e continuei – eu me apaixonei por ela.

— Como é? – Nicholas perguntou com um ar de deboche – Matheo, que jurou pela própria existência nunca se apaixonar, o arrasador de corações, o cara que não pode ver um rabo de saia, está apaixonado?

— É, eu estou ferrado cara – ele disse – e vou me apaixonar logo por uma mais doida que eu.

— Ah, mas vocês parecem ter sido feitos um para o outro – Emily disse com aquele ar romântico – já até vejo os dois juntos.

Nicholas pegou o celular e ficou rindo enquanto mexia no visor.

— O que está fazendo? – eu perguntei.

— Avisando James da novidade, ele vai adorar rir da tua cara junto comigo.

Ele apertou o botão de enviar antes que eu pudesse impedi-lo.

— Eu estou achando lindo ser motivo de chacota.

Nicholas serviu mais um pouco de purê com um pedaço de carne para Nicole e então disse para mim.

— Cara, as chacotas estão apenas começando.

CIAO, AMICCI!

MATHEO

— Agora que Emily já foi deitar, conversaremos de homem para homem – Nicholas me disse.

Emily, como ele acabou de dizer, tinha ido colocar Nicole para dormir, e ela acabou pegando no sono junto, afinal, Nicole tinha acordado desde as cinco da manhã e sequer cochilara durante a tarde. Ele disse que depois a levaria para o quarto, mas precisava conversar comigo primeiro.

— Então você e Violet tiveram alguma coisa? – ele perguntou enquanto pegava uma cerveja preta da geladeira e oferecia para mim. Pegando outra para si.

— Sim, apesar de eu ter ferrado com a coisa toda.

— O que você fez?

— Eu me envergonho até mesmo de falar.

— Já sei que foi uma grande merda – Nicholas disse e tomou um gole da cerveja – pode falar.

— Tínhamos um contrato verbal, um acordo idiota – eu comecei a dizer – nós estaríamos juntos, mas não seriamos um casal. Seriamos livres para ficar com outras pessoas se quiséssemos, tanto ela quanto eu, e prometemos não se apaixonar um pelo outro.

— Parecia um bom plano – Nicholas disse – quando tudo começou a dar errado.

— Quando eu comecei a sentir ciúmes. Eu vi Violet com outro cara e eu percebi que eu mesmo tinha me colocado em posição de xeque-mate.

— Hum... – Nicholas aquiesceu.

— E então eu vi que eu era um idiota querendo não me prender a alguém tão maravilhoso quanto ela. Violet acabou se tornando uma parte extremamente importante das minhas noites, saíamos juntos para a Apache, e eu comecei a dividir um apartamento com ela e Alex, o amigo dela.

— Conheço – Nicholas assentiu – as coisas pareciam estar sérias, não vejo motivo para ela ter ido embora.

— Não é tudo – eu entornei a cerveja e reuni coragem para falar – ela sumiu e dormiu com outro, e eu descobri, e para castigá-la, eu fiquei com outra mulher na casa que dividia com ela.

— O que?! – primeiro Nicholas ficou pasmo depois chocado e depois enraivecido – você não fez uma merda dessas.

Eu dei de ombros, eu parecia uma criança que tinha sido pega em flagrante. Eu parecia um adolescente idiota e um adulto sem juízo.

— Você tem trinta anos, Matheo, você já devia ter mais juízo que essa menina. Como foi capaz de uma coisa dessas? – ele perguntou – não tem noção das coisas que faz?

— Eu percebi, eu já percebi o que fiz – ele disse – e eu já estou pagando bem caro por isso.

— Olha, você ainda não pagou nem metade – Nicholas disse, e então continuou – Violet não é uma garota impressionável, ela vai estar com você enquanto aquilo for bom para ela. Ela não teve uma vida fácil, por isso ela sempre buscou as coisas descomplicadas.

— Foi assim quando estiveram juntos? – indaguei.

— Sim, foi. Criamos uma amizade, em primeiro lugar, e então ela e eu ficamos juntos. Acabamos nos tornando um tanto que cumplices. Eu gostei dela, bastante, ela disse que chegou a me amar, mas de minha parte nunca foi amor.

— Vocês tiveram um filho.

— Ele não chegou a nascer, mas nunca vou esquecê-lo.

— Ela me contou a história da estrela e tal. – eu desconversei – cara, isso é estranho.

— O que?

— Você não acha estranho o fato de eu estar querendo sair com a mulher com quem você saia?

— Não, Violet e eu já não temos nada há um bom tempo. Quando eu comecei a sair com Emily as coisas com ela já estavam resolvidas. Eu quis ficar com Emily, eu não quis ficar com ela, se eu quisesse estar com Violet eu estaria.

— Você teria que brigar primeiro – ele disse – eu não iria desistir facilmente dela.

— Não teríamos sobre o que batalhar – ele disse – eu não sinto mais nada por ela além de uma amizade que durará enquanto ela assim quiser. Eu não preciso ficar explicando toda vez que eu amo a minha mulher, e que eu não consigo mais enxergar nenhuma outra além dela.

— Tá, tá... – eu me intrometi – eu não quero ficar ouvindo declarações de amor, eu quero ouvir conselhos.

— Nasce de novo, quem sabe você encontra algum juízo e decência no meio do caminho.

— Muito engraçado – eu quase revirei os olhos para ele.

— Sério, cara – ele disse – você tem que entender que errou. Pedir perdão e encontrá-la. Violet é uma mulher peculiar. Ela não vai te pedir ajuda, exceto se você oferecer. Ela não gosta de se sentir dependente de ninguém, apesar de, como todo ser humano, ela gostar de ser ajudada. Ela se esconde nos lugares por causa dos problemas. Ela se esconde por que não quer sentir-se como se estivesse incomodando.

Eu tinha que ouvi-lo, o cara era a voz da sabedoria, e eu queria que ele falasse todas as coisas que eu fui burro demais para notar.

— Violet tem medo de se apegar às pessoas, a grande maioria das pessoas que passou pela vida dela a machucou Até eu, de um modo ou outro, não correspondi às expectativas que ela tinha sobre mim. Violet precisa confiar em alguém para poder querer ficar, e acho que o que você fez, depois desse comportamento vergonhoso, ela não voltaria a confiar em você tão cedo. O que você precisa é encontrá-la e mostrar que você é digno de confiança.

Ele terminou de tomar a cerveja e ficou encostado ao balcão da cozinha, e eu fiquei esperando que ele falasse mais alguma coisa. O que ele não fez. Ele já tinha dito tudo que poderia me dizer, eu acho. E ela também não devia ter contado tantas coisas assim sobre o passado dela para nenhum de nós dois. Eu tinha que saber.

— Você conheceu os pais dela?

— Não, o pai dela já tinha falecido quando eu a conheci. E sobre a mãe ela me falou muito pouco, apenas falou que era por causa dela que ela tinha se decepcionado com os relacionamentos sérios em geral.

— Por quê?

— A mãe dela foi a responsável pelo divórcio dos pais. Mas não leve em consideração tudo que eu digo, pode ser ainda meu cérebro trabalhando para criar pistas falsas. Eu ainda não sei, às vezes, se as coisas que eu lembro aconteceram mesmo ou se eu assisti num filme ou li nalgum livro.

— Tudo bem.

— Você pode ficar e dormir – ele disse – os quartos de hóspedes estão organizados, e há lençóis limpos nos armários. Tenho certeza que eu não preciso arrumar a cama para você.

— Eu aprecio o convite – eu disse, e notei que já eram quase onze horas da noite – mas eu não vou ficar. Pela manhã eu vou organizar minhas coisas, e eu vou embora da cidade. Guilherme já está a par de tudo que acontece na empresa, eu já finalizei o meu parecer sobre os casos que estavam em minhas mãos, agora ficará tudo na mão dele, e eu poderei ir embora à tarde.

— Mas já?

— Sim.

— Eu vou contratar alguém para procurar por Violet, eu devo ter contato de alguns detetives particulares, se eu não tiver eu procuro por um.

— Não, Nicholas. Eu vou fazer isso por mim mesmo. Eu vou procurar alguém que me ajude, eu não quero que ela pense que eu não quis ajudá-la de alguma forma, eu não quero que ela tenha outra pessoa a agradecer senão a mim quando eu achá-la.

— Eu sei que gostaria disso, mas como amigo, que eu sinto que sou para Violet, eu vou ter que tentar encontrar notícias dela também. E não apenas por mim, mas por Emily também, que tem em Violet uma amiga.

Nicholas me levou até a porta e me viu entrar no veículo. E eu fiquei pensando em tudo que me tinha sido dito. Já que eu estava triste, eu iria ferrar tudo de vez. Eu coloquei música triste no rádio e fiquei pensando nela. Eu sentia falta dela, muita falta, e eu não ia conseguir esquecê-la facilmente. Eu não iria conseguir dormir durante toda a noite se ela não estivesse comigo.

Eu não deveria ter dirigido depois de beber, já estava começando a enxergar coisas. Por exemplo, eu tinha a nítida impressão de que havia um Accord preto atrás de mim por todo o caminho.

Parei num bar e me sentei para beber até esquecê-la. Não para sempre, apenas por uma noite, eu precisava ter paz. Eu já tinha tomado algumas boas doses quando fui interrompido momentaneamente.

— Posso acompanhar? – um cara colocou a mão no meu ombro e sentou na cadeira ao lado da minha.

— Senta – eu disse já com a fala afetada e a língua pesada.

— A que bebemos? – o sujeito perguntou retirando o chapéu da cabeça e revelando um penteado louro e grisalho. Chapéu ainda é uma coisa socialmente aceitável? Estou a fim de um de couro de crocodilo.

— Às mulheres.

— Às mulheres que desgraçam com a nossa vida e nos deixam loucos.

— Às mulheres que nos fazem perder o juízo.

— À Violet... – ele pareceu sorrir – Às mulheres que nos arrancam o juízo.

Ele tinha mesmo dito aquilo? Ou fora apenas impressão minha, eu tinha que não ter bebido tanto, assim eu estaria mais racional. Ele não poderia ter colocado em palavras melhores. Até o cara que nos estava servindo tinha erguido a garrafa para brindar juntos.

Eu nunca tinha bebido tanto na vida, de verdade. Violet tinha desgraçado meu coração e acabaria desgraçando meu fígado também.

"Eu não tô te obrigando a beber, não põe a culpa em mim".

Eu tenho certeza que é isso que ela falaria. Provavelmente ela me daria alguns cascudos também. Eu não estava mais em condições de dirigir, eu realmente não estava, mas eu tinha que ir para casa e eu sairia no dia seguinte para Yellowstone Hill.

Eu me despedi dos caras que eu tinha criado alguma amizade, paguei a conta com meu cartão e saí para ir até o estacionamento.

— Que tal uma carona? – o mesmo cara que tinha bebido comigo apareceu ao meu lado. Ele era ligeiramente mais baixo que eu, mas era mais encorpado, a aparência dele conservada, ou a minha visão turva, não sei, dificultou enxergar o rosto e diagnosticar a idade aproximada dele.

— Está tudo bem – eu disse e sorri – eu consigo me virar, não moro muito longe daqui.

Eu cambaleei e eu me apoiei nele um pouco.

— Eu insisto – ele disse e se aproximou rápido demais, e eu senti apenas uma dor excruciante na altura do estomago quando ele deu um soco forte alí. Eu tentei revidar, mas estava tonto demais, quando eu tentei acertá-lo na cara, eu cambaleei e caí. Eu o senti me chutando ainda duas vezes na barriga enquanto

ele falava: — Afaste-se dela, maldito, afaste-se dela.

Ele se ajoelhou e eu estava massageando o estômago por causa da dor, eu até tinha vomitado um tanto. Ele falou num tom baixo, mas firme: — Isso é só o começo. Toque nela outra vez, e eu mato você.

ADEUS, EAST VALLEY

MATHEO

Cara, minhas costelas pareciam ter sido esmagadas por um rinoceronte. E eu tinha marcas roxas causadas pelos nós dos dedos de algum filho da mãe miserável em meu abdômen.

Eu abri os olhos e Nicholas estava no quarto, ao meu lado. Eu senti um pouco de dor ao me mexer, mas tentei não arfar por causa dela. Ele desviou os olhos do livro que lia e olhou para mim.

— Ei, devagar aí, companheiro – ele se levantou e me impediu de levantar – não faça muita força, você apanhou bem legal ontem à noite.

— É, eu me lembro disso.

Eu realmente me lembrava das cenas da briga, me lembrava de um modo quase disforme a identidade do meu agressor. A única coisa bem delineada dele, para mim, era o cabelo, já que se assemelhava ao corte de Nicholas, porém mais claro, da cor do cabelo de Violet.

— Ele deve ser parente dela! – eu falei de repente.

— Quem? Do que está falando?

— O maldito, o maldito que me bateu no bar. Eu achei que tinha bebido demais, achei que tinha pensado ouvir a voz dele chamando o nome de Violet, mas ele realmente a chamou. E foi por causa dela que o nojento me socou no estomago. Ele falou alguma coisa sobre eu ter que me afastar dela.

— Matheo, você sabe que o que está falando é sério, não sabe?

— Obvio que eu sei. Eu estou falando sério, foi Violet que ele chamou.

— A polícia já está lá fora, eu vou chama-los outra vez.

— Por que a polícia está aí fora?

— Você foi agredido num bar, levaram seu carro e seu dinheiro, seu celular. Você foi roubado, cara, e agredido, eles tem que estar por perto.

Aquele cara não tinha "estilo" de alguém que precisa roubar para ter dinheiro. Ele parecia ter bastante dinheiro, a roupa dele não era formidável, mas os sapatos e o chapéu de couro de crocodilo branco eram uma coisa que não era qualquer um que poderia ter. A não ser que fossem falsos, o que eu não acredito.

Nicholas saiu pela porta e eu fiquei perdido em pensamentos. Violet explicava o motivo de ele ter vindo atrás de mim e, se ele foi capaz de fazer com um homem, seu igual, imagine o que ele poderia ter feito a ela?

Se ele estava procurando por Violet, devia ser esse o motivo de ela viver fugindo. Ela estava tentando se esconder dele. Isso jogava uma nova razão sobre tudo. Esse cara, que por nada eu consigo me lembrar do rosto, veio atrás de mim, talvez buscando uma pista de Violet. Ele devia saber que estávamos juntos, ele provavelmente sabia que eu era um tolo apaixonado por ela, e deve ter tentado encontrá-la através de mim.

Que porra! Isso me deixa sem alternativas, isso me deixa totalmente sem movimentos. Agora eu não posso procurar por ela, sob o risco de ele ir atrás de mim e, porventura, encontrá-la primeiro.

Mas que merda, que merda de situação. Se ele me encontrou nesta cidade, sendo que nem sou dela, se ele já sabe tanto sobre mim e sobre meus amigos, eu não posso deixar que ele saiba que eu estarei no encalço dele também.

Eu sei que isso implica manter Violet afastada, mas é pelo bem dela. Eu vou me sentir um trapo longe da minha loura, mas se é para protegê-la, eu até vou embora do país. E talvez essa seja a solução.

— Matheo di Barbieri?

— Sim, sou eu – respondi ao policial que entrou no quarto logo após Nicholas ter voltado.

— O senhor se sente bem para prestar um depoimento?

— Perfeitamente bem, apesar de não saber se meu depoimento será de muita valia.

— Isso somos nós quem o decidimos.

Fingi um esforço hercúleo para me levantar, os policiais notaram-no friamente, e Nicholas o notou com suspeita.

— O que precisam de mim?

— Faremos algumas perguntas, o senhor as responda da melhor e mais fidedigna maneira possível. Compreendeu?

— Compreendi.

— O que os senhores são?

O policial perguntou apontando com uma caneta para mim e Nicholas, qual é? a gente parece um casal é isso?

— Amigos – eu respondi olhando duro para ele.

— O que o senhor fazia no bar ontem a noite?

— Bebia e me divertia, nada além.

— Antes de ir ao bar, o que fez?

— Não consigo lembrar direito, espera... – eu estava apenas ganhando tempo.

— Ele saiu da minha casa, e acho que em seguida foi ao bar – Nicholas se apressou em explicar.

— Quando eu quiser uma resposta sua eu me dirijo ao senhor – o homem apontou para Nicholas e depois olhou para mim – e então, o senhor poderia refazer os passos de ontem á noite?

— Bom, como meu amigo disse – eu reiterei a palavra – eu sai da casa dele, eu tinha bebido uma cerveja e decidi complementar a noite num bar. Eu peguei meu carro e fui para lá.

— Bebendo e dirigindo, muito bem – o homem anotou alguma coisa.

— Posso continuar? – perguntei num tom de desafio.

— Você continua quando eu disser que continua – ele mascou um pouco a tampa da caneta e disse – agora sim, continua.

— Eu cheguei ao bar, bebi um pouco, sorri, bebi um pouco mais, paquerei umas moças, paquerei umas senhoras, e acho que nesse meio tempo eu devo ter me engraçado com alguma casada.

— Sobre seu agressor – o homem me cortou mostrando que não estava gostando do meu jeito de falar – o que poderia falar sobre as características físicas dele?

— Eu estava mais bêbado que um pirata, eu não lembro de muita coisa.

— Você pode tentar descrever um pouco das características, poderemos bater com o banco de dados.

— Eu lembro apenas que ele é louro, louro e um pouco mais baixo que eu.

— O senhor tem noção que estamos no estado do Arizona? Que mais de setenta e cinco por cento da população é loura?

— O que eu posso fazer? É a única coisa que me lembro.

E não era mentira. Eu não conseguia me lembrar, por mais que me esforçasse, do rosto daquele sujeito. Sempre vinha a mente apenas um borrão, eu precisaria vê-lo outra vez para lembrar.

Um policial entrou no quarto de hospital, e mesmo a contragosto, eu tive que tentar descrever o tal que me bateu para este. Ele era especialista em retratos falados, mas não era especialista em desvendar minha língua materna. Propositalmente trocava algumas palavras do inglês pelo italiano e ele acabou, por muito pouco, não perdendo a paciência. No final tínhamos um rosto bem parecido com o do Sean Connery quando mais jovem, exceto pelo cabelo, e o cara não suspeitou, ou pelo menos eu acho que não.

Naquele mesmo dia, depois de mais alguns momentos de questionamentos, eu tive alta. Nicholas me levou para a casa dele, mas eu não queria ficar alí por tanto tempo, eu tinha que despistar o tal que tinha me batido, eu tinha que voltar para Yellowstone Hill, e foi o que fiz. Pedi que Nicholas ficasse cuidando da documentação do apartamento, o que ele aceitou prontamente e apenas peguei a mala, que já estava pronta desde o dia anterior, e me apressei para o aeroporto.

Eu me despedi de East Valley, eu esperava não precisar voltar, e se eu voltasse, eu queria que fosse por ela, por Violet.

Fiquei repassando de memória todas as noites que estivemos juntos, e sorri quando o sorriso dela se desenhou na minha mente quando eu caí no sono durante o voo.

— É, eu estou fodidamente apaixonado – eu reclamei quando acordei.

Eu estava numa nova velha cidade, sem nenhuma vontade de estar nela. E me sentia quase como Violet se sentia, com vontade de sumir, com vontade de desaparecer, com vontade de qualquer coisa, apenas para que essa sensação de ser vigiado sumisse.

EU VOLTEI POR ELE

Eu acabei precisando comprar uma pequena televisão para mim. Eu já estava há um mês longe, consegui conversar com a faculdade e eles permitiram que eu não fosse defender meu trabalho de conclusão de curso, e apenas mandasse os documentos. Para eles, contei que estava cuidando de minha mãe, acho que eles acreditaram depois de ver o nome dela na lista de pacientes do hospital psiquiátrico.

Eu estava morrendo de saudades de Matheo, eu nunca senti saudade de uma pessoa como tinha sentido dele nesses dias. O jeito espaçoso e irresponsável dele acabaram me transformando numa mulher idiota que ficava suspirando pelos cantos, e isso me assustava como o coisa ruim.

Eu já nem sei quantas canções eu compus. Cada vez que eu escrevia uma nova, eu apagava a velha. Assim eu não ficaria tentada a ficar lendo e relendo aqueles escritos.

Minha vida tinha voltado a sua quase normalidade. Eu já tinha encontrado um lugar para jogar fora toda a energia e tensão acumulada dos últimos tempos, o La diosa Night Club. Eu continuava, noite após noite, especialmente nas sextas-feiras, já que pela manhã eu trabalhava, afogando todas as minhas mágoas em shots de tequila e vodca, ou ainda, beijando estranhos. Apenas beijando, eu nunca me animava para mais.

Numa dessas noites, eu tive um pressentimento, senti que algo ruim acontecia, e simplesmente entrei em pânico no meio da pista de dança. Os ataques de pânico são assim: primeiro, vem uma sensação de aperto no peito, ela não dói, mas te deixa com medo, e esse medo te leva a sentir um medo dessa sensação. E quando os dois medos se misturam, suas mãos começam a suar, o coração acelera de repente, a cabeça dói, a visão fica turva, e você quer apenas tentar entender o porque o mundo está acabando.

Acho que isso é uma explicação aproximadamente razoável.

Eu soube, naquele dia, que alguma coisa tinha acontecido com Matheo. E por isso eu decidi voltar, às escondidas, para East Valley. Pedi folga, o patrão não me deu, avisou que meu dia de salário seria descontado, eu mandei ele enfiar o emprego onde bem quisesse e o vi enrolar, por alguns dias, para me dar o meu pagamento final. Creio que foi esse tempo, o que eu perdi discutindo com ele sobre meu pagamento, que me fez perder Matheo. Por que, quando eu cheguei na cidade de East Valley, eu a senti vazia, imediatamente eu soube que ele já tinha partido.

Fui á cada de Matheo, a que ele tinha dito que iria comprar, e bati à porta, por diversas vezes, mas ninguém veio responder. Eu ainda chamei por algumas vezes, mas ninguém estava realmente em casa.

Eu cobri minha cabeça com o capuz, outra vez, e meti as mãos no bolso do casaco e me virei para sair de lá, mas vi Alex chegando e me precipitei para ele.

— Alex! – eu o abracei e deixei que ele se recuperasse do susto por algum tempo antes de falar.

— Violet – ele pegou meu rosto nas mãos para me olhar direito – você está aqui?! Nem acredito, eu achei que você tinha ido embora de vez.

— Eu também, mas eu precisava encontrar uma pessoa.

— Ah, você quer dizer: encontrar um italiano de um e noventa, moreno e de olhos verdes?

— Isso. Onde está Matheo?

— Ele já foi embora, Matheo foi embora há alguns dias, depois que ele saiu do hospital.

— Hospital?! – perguntei exasperada – o que ele tem ou tinha? Onde ele está agora? Por que ele foi ao hospital?

— Muitas perguntas, muitas perguntas – Alex disse – por que você não entra? Podemos conversar, podemos falar sobre Matheo, ele deixou algumas coisas que eu deveria entregar a você.

— Não, eu não quero entrar, eu preciso vê-lo. Eu vou procurá-lo aonde quer que ele esteja.

— Violet – ele me chamou – venha aqui – ele me pegou pelo braço, fique calma. Não foi nada de preocupante, ele se envolveu numa briga de bar, ainda não sabemos o motivo ou, pelo menos, ele não lembra.

— Briga de bar? – Ok, Matheo não bate muito bem das ideias, mas briga de bar não parece ser algo do feitio dele. A não ser que ele tenha dado encima de alguma mulher e o marido ciumento foi tomar satisfações.

— Tudo que ele lembra é de ter bebido com um sujeito no bar, e esse mesmo sujeito acabou brigando com ele na saída. A polícia tentou criar um retrato falado, mas Matheo não lembra de muita coisa sobre ele. Exceto que ele era um senhor loiro.

"Não!"

Eu já sabia exatamente quem tinha feito isso. Apesar de ter sido chamado de "senhor", ele não era tão velho. Teria a idade do meu pai se ele ainda estivesse vivo.

Eu tirei meu braço que estava preso em sua mão e me alinhei, eu iria procurar por ele, mas Alex veio atrás de mim, outra vez.

— Você esqueceu isso – ele me mostrou o canivete, e eu não entendi o que ele quis dizer com aquilo.

— Eu deixei para você.

— Eu sei, mas é que você herdou do seu pai, e eu não queria que se desfizesse das coisas dele.

— Foi um presente.

— Eu sei, mas são suas coisas.

Eu peguei o canivete, a contragosto, e guardei-o no bolso do jeans. Saí dali, e deixei Alex parado na frente da construção. Eu sequer sabia por onde eu poderia começar a buscar Matheo. Eu provavelmente tinha que ir à casa de Nicholas. Eles eram melhores amigos, não? Ele deveria saber onde o outro estava.

Eu poderia procurar direto no escritório da Prime, mas aí eu poderia ser facilmente rastreada. Ele deve estar pela cidade ainda, me procurando, com aquele ar nojento que me dá ânsia apenas em lembrar.

Eu tinha que ir à casa de Nicholas, naquela hora exata.

Peguei um ônibus, ele pararia bem perto do caminho que dava acesso à casa de Nicholas e Emily. Eu desceria e terminaria o resto do caminho à pé. Eu não tinha tanto dinheiro comigo para ficar gastando com táxi, não em espécie, e eu não queria usar o cartão pré-pago para não deixar rastros na cidade.

Eu não entendo por que o casal Theodoridis foi comprar uma casa no fim do mundo, quer dizer, minha casa é longe, mas eles moram num forte. Fora a cadeia de montanhas que circula as casas da região, eles ainda tem um muro cercando a bela casa, e a estrada que dá acesso à avenida principal, tem cerca de quinhentos metros (os quinhentos metros que teria que fazer à pé) e mais um pedacinho pelo mato.

Eu falei, fim do mundo.

Quando cheguei ao portão principal (suada e provavelmente fedida) toquei a campainha do porteiro eletrônico e a voz de Emily do outro lado atendeu.

— Quem fala?

— Emily, minha irmã, sou eu.

— Deus do céu, sua louca! Violet, como você some assim?

— Me deixa entrar, eu deixo você me xingar o quanto quiser depois de eu ter tomado um copo de água. Deixo até me bater.

— Ninguém vai te bater, sua louca – ela deve ter apertado alguns botões no painel, porque a chamada fez uns tons chatos e então ouvi um clique no portão e ele deslizou sobre as corrediças metálicas – entra, conversamos aqui dentro.

Entrei e o portão fechou logo após mim. Eu andei o pedaço de chão de pedras até a entrada da casa, e Emily já estava vindo ao meu encontro.

— Violet, meu Deus, você está bem? – ela me abraçou apertado.

— Eu estou bem, não me abraça, eu devo estar fedida – eu reclamei, mas não a larguei do abraço também.

— Sim, você está – ela se afastou e tinha algumas lágrimas nos olhos – eu pensei que eu nunca mais fosse ver você.

— Para ser sincera, eu também.

Eu a olhei, percebendo que eu sentiria realmente falta dela se eu tivesse ido para sempre.

— Onde esteve?

— Longa história. Onde está Nicole? E Nicholas?

— Nicholas saiu, foi fazer compras, ele volta mais tarde. Nicole está dormindo.

— Tão cedo?

— Não é cedo, são nove da noite, ela dorme desde as oito – ela me pegou pela mão – mas venha, entre. Venha comer, eu fiz sopa e temos pão assado, Nicholas foi comprar fast food, queríamos comemorar as cem mil leituras no meu livro, eu vou pedir que ele traga para você também.

— Não, Emily, não é necessário.

— Eu não vou ter que te bater mesmo, vou? – ela me ameaçou com um lindo sorriso, Emily não amedronta ninguém, mas eu me comportei.

— Tudo bem.

— Você dorme aqui hoje, não vou te deixar ir para Deus sabe onde a estas horas da noite, acho que você precisa descansar. Que olheiras são essas? – ela pegou meu rosto – e esse cheiro, estava rolando com porcos?

— Eu não tomo banho faz dois dias – eu sorri – desde que vim para a cidade, e eu dormi na rodoviária, então, já dá para ver que eu sou uma garota meio sujinha mesmo.

— Vamos dar um jeito nisso, vem – ela me puxou pela mão – eu te empresto uma roupa, vamos para meu quarto. Você e eu jantamos quando Nicholas chegar.

— Ok – eu me deixei ser levada.

Emily preparou um banho e separou um vestido para mim, branco de florzinhas rosas, cara, aquela sinceramente não era eu. Ela levou minhas roupas para o andar inferior e colocou na maquina de lavar roupas. Assim na manhã seguinte elas estariam limpas e secas.

Quando ela voltou ao quarto, eu já estava na banheira. Ela ficou sentada na cama, mas eu a chamei.

— O que? – ela perguntou assim que entrou no cômodo de paredes de mármore.

— Matheo... – eu comecei a falar, mas as coisas seriam mais fáceis de perguntar se eu não dissesse o seu nome – onde ele está?

— Voltou para Yellowstone Hill – ela disse – ele tinha que ir, o escritório precisava dele lá também. E, bom – ela ponderou antes de falar – ele achou que tinha perdido você.

Aquilo doía, ele nunca tinha me perdido, mas ele tinha que pensar que o tinha.

— Eu vim procurá-lo, eu tive um mau pressentimento, na verdade, eu me utilizei do mau pressentimento para vir atrás dele. Eu queria pelo menos vê-lo de longe, mas o Alex me disse que ele tinha sido machucado numa briga de bar, e que ele tinha ido embora após isso.

— É verdade – Emily disse enquanto ensaboava meu cabelo com o xampu – ele brigou, não lembra ao certo o que aconteceu, mas acha que bebeu demais e deve ter provocado alguém. Ele pegou umas porradas legais – ela sorriu e eu a acompanhei, mesmo a contragosto – acho que ele deve ter se engraçado com

alguém.

— Foi esta a primeira coisa que pensei.

— A primeira?

— Sim.

— Por que a primeira.

— Por que a segunda foi: eu acho que a pessoa que está atrás de mim, foi atrás dele.

Emily me deu um olhar preocupado e olhou no meu rosto. Ouvimos um barulho no andar inferior e ela foi ver quem era.

— Vista-se, é Nicholas. Acho ótimo ele ter chegado, vamos conversar seriamente sobre isso.

MINHA HISTÓRIA

— Olá, Violet – Nicholas me cumprimentou.

Ele não estava surpreso, provavelmente Emily já tinha dito que eu estava lá. Ele começou a colocar a comida sobre a mesa, depois os refrigerantes, e chegou a sopa para um canto.

— Nicholas – eu o cumprimentei – olha o que a doce Emily fez comigo? – eu apontei o vestido e ele sorriu.

— Ela está adoravelmente mandona de uns tempos para cá, firme e decidida, eu te aconselho que não a desobedeça, ela também está muito punidora – ele deu a volta na mesa e deu um beijo leve nela, dava para ver, nesses pequenos gestos, que os dois se amavam. Eu teria alguma coisa assim com alguém algum dia?

— Tentarei – eu puxei o cabelo de Emily, quando ela voltou para meu lado, eu adorava a careta que ela fazia depois disso.

— Violet me falou que suspeita que o homem que bateu em Matheo pode ser o mesmo que a tem perseguido – ela soltou na lata, Nicholas tinha razão, ela estava bem firme e decidida. E eu sentia uma parcela de orgulho por ver que esse amadurecimento teve uma parcela de minha contribuição.

— O que? – Nicholas juntou as sobrancelhas – Violet, isso é sério.

— Eu sei, - eu disse como se desculpasse – eu precisava resolver isso sozinha, se ele descobrir que estou envolvendo mais alguém nisso, ele pode levar minha mãe para longe, eu nunca mais irei encontrá-la.

— Espera – Nicholas sentou e pegou a mão de Emily para que ela fizesse o mesmo – o que quer dizer com isso? Conte-me toda essa história.

— Eu teria que contar dez anos de história – eu disse.

— Pois conte quinze – Emily falou com um jeito sério.

— Ok, eu vou.

Eu precisei pegar coragem, um pouco pelo menos, eu tinha que contar as coisas mas eu precisava que eles acreditassem em mim e não achassem que eu era culpada, não do modo que minha mãe achou. Minha mãe, oras, ela estava tão levada para fora da realidade que acreditaria em qualquer coisa que ele lhe contasse.

Emily e Nicholas ainda me olhavam com um ar de espera que começava a se tornar impaciente, eles precisavam saber, e eu já estava cansada de esconder, eu tinha que contar.

— Minha mãe se casou com meu pai depois que eu nasci, - eu comecei a contar a história – eles se conheceram num desses shows da vida, e eles tiveram uma conexão, dessa conexão nascemos meus irmãos e eu. Enfim, eles casaram depois que eu nasci, já éramos em quatro filhos.

— Ok, continue – Nicholas pediu.

— Meu pai foi demitido por várias vezes de vários empregos, ele não era uma pessoa muito fácil de lidar, ele tinha uma alma de artista incompreendido, e ficava sentindo as dores do mundo de uma forma quase poética durante o trabalho. Os donos dos estabelecimentos, que não sentiam essa personalidade do meu pai, não aguentavam muito as faltas dele e o punham para fora.

Emily acenou desta vez, esperando que eu continuasse: — Pois bem, meu pai decidiu não mais se empregar, pelo menos não legalmente, e abriu uma venda de esquina, ele fazia violões artesanais. Os braços dos violões eram trabalhados, e ele fazia desenhos à mão nos shapes do violão, tornando cada um deles uma peça única.

— Que incrível – Emily disse.

— É, eu também achei – eu expliquei – com o tempo ele passou a ter alguns clientes assíduos, especialmente aqueles que estavam alí para comprar os artigos para revenda, meu pai fazia um bom preço, apesar de ainda ser alto, já que cada peça tinha um valor inestimável para ele. As coisas começaram a melhorar, e começamos a frequentar a escola particular, eu fui aluna tardia, atrasada, mas sempre fui muito esperta, e logo fui aceita na escola pública com louvor, eu era bem adiantada.

— Sim, seu histórico escolar eu conheço – Nicholas disse – e esse homem?

— Estou chegando lá – eu disse – calma. – continuei a história – uma vez, quando eu vinha do colégio, eu vi um sujeito conversando com meu pai, ele me deu um olhar estranho, meus ossos gelaram alí mesmo, eu acabei recuando, apesar do chamado do meu pai para que eu conhecesse o homem. Eu fui para casa.

Eu tomei um gole do refrigerante que eu tinha me servido, minha garganta ficando seca de repente.

— Alguns dias depois, ele voltou à loja do meu pai, ele disse que tinha interesse em comprar a idéia do meu pai, e que meu pai ganharia um bom dinheiro.

Emily se aproximou de mim, como se soubesse que minhas lembranças estavam ficando pesadas.

— Meu pai aceitou, e ele começou a pedir grandes encomendas. Eles fundaram um negócio juntos, depois de comprar a idéia do meu pai, e quando meu pai começou a ganhar bastante dinheiro, eles começaram a ficar loucos, gastando o que tinham e o que não tinham com mulheres e drogas.

— Deus do céu... – Emily exclamou baixinho.

— Não, Deus não teve nada a ver com isso, foram aqueles dois pilantras mesmo. Meu pai vivia na rua, minha mãe ficava triste, minha mãe sentia que meu pai não mais a valorizava e foi buscar alguém que a valorizasse, esse sócio do meu pai vivia cercando a casa, ele vivia por perto, minha mãe achou que ele estava apaixonado por ela, mas eu sabia bem que não. Numa certa tarde, cheguei

da escola e flagrei os dois na cama. Eu fiquei em choque, ainda mais porque minha mãe, que sempre foi baixinha, e eu, que herdei a altura do meu pai, tínhamos um físico parecido, e ela usava minhas roupas, meu penteado.

— Que homem doente e, me desculpe, sua mãe também – Nicholas disse.

— Eu corri da casa e ela foi atrás de mim, me obrigando a guardar segredo – eu continuei sem me atentar ao que ele dizia – eu nem preciso dizer que comecei a andar sempre com o canivete que meu pai tinha me dado depois disso. Eu tinha medo, pela minha mãe, por que meu pai não a perdoaria, e ele iria embora nos levando com ele. Eu nem precisei guardar segredo por tanto tempo, ele faleceu um tempo depois e o sócio dele infiltrou-se dentro de casa, e não tinha nada que o fizesse sair. Foi quando eu comecei a fugir de casa, sempre que ele ia dormir lá, eu fugia de casa, voltando uma semana depois, ou mais.

— E aquela ordem Judicial que você tem que te ordena a se comportar bem? – Nicholas perguntou.

— Foi no enterro, a minha família estava no quintal e eu estava na sala. Eu odeio enterros e velórios, ele veio, com a desculpa que iria beber água, e quis sentar ao meu lado. Eu não me mexi, mas me afastei, ele quis me beijar. E eu, que já estava com a faca na mão, quis acertá-lo bem no meio das pernas, eu queria matá-lo, mas ele se moveu e o canivete pegou na coxa dele. Ele gritou e se fez de vítima, minha mãe, que já estava apaixonada pelas mentiras dele, acreditou quando ele disse que eu o machuquei propositalmente, ela já estava

começando a desvirtuar da realidade, e eu fugi definitivamente naquele dia. Eu concluí meu ensino médio à distancia, e quando eu fui procurar emprego, Nicholas me empregou – eu expliquei para Emily – e ele se tornou meu fiador na universidade, já que eu não era tão esperta para ganhar bolsa de estudos como você.

— Você é uma das pessoas mais inteligentes que conheço – Emily disse e pegou minha mão.

— Obrigada – eu disse – ele atentou tanto o juízo da minha mãe, que acabou por torná-la incapaz. Tudo o que ele falava para ela parecia ser uma oração que ela deveria seguir, e ela acabou ficando com o juízo debilitado.

— Então ele quer você? – Nicholas perguntou com um rosto preocupado.

— Não, acho que não é apenas isso. Ele sempre me manda assinar papeis. Acho que ele quer mais que apenas eu.

— Claro – Nicholas disse – ele deve estar com mais interesse. Ele era sócio do seu pai, pode ser dinheiro que ele quer. Ele pode estar querendo ser o único dono dos direitos dos royalties pela idéia do seu pai.

— Bem possível, mas eu já ofereci bastante dinheiro a ele, e ele não o quer. Eu já ofereci tudo que tenho.

— Ele não quer dinheiro, Violet, ele quer direitos. Isso é diferente. Ele me quer ficar com o dinheiro advindo da idéia do seu pai, e o dinheiro que vocês já tem com elas, claro, além de você.

— O que ele não terá.

— Por que?

— meus irmãos já caíram no mundo faz tempo, assim que descobriram que meu pai tinha deixado a herança dividida, eles pegaram sua parte e sumiram, apenas eu e a minha mãe ficamos com o dinheiro e por perto.

— Deus do céu, é isso! – Emily disse.

— O que?

— Ele a internou, ela está incapacitada – Emily explicou – os irmãos estão pelo mundo, e a única capaz, ou seja, a única que pode responder legalmente pela herança de seu pai, é você, Violet. Ele quer que você autorize já que sua mãe não pode. Ele provavelmente achou que ela cederia aos pedidos dele, digo isso pelo que ele fazia com ela, e não que ela fosse enlouquecer.

— Isso faz total sentido – eu disse – mas ela não é louca, ela está, quando ela não toma aqueles remédios, ela fica tão normal que até me assusto, parece com a mãe que eu tenho nas minhas memórias. Só quando ele a visita que ela fica perturbada.

— Eu lamento muito ouvir isso – Emily disse.

— E eu também – Nicholas concordou e pegou minha mão também, por sobre a mesa, mas apenas alguns segundos.

— Agora, ele está atrás de Matheo.

— Querendo ou não – Nicholas disse – isso é uma boa notícia, ele estando atrás de Matheo, significa que ele acha que você está com ele, ele deve ter ido atrás dele enquanto te busca. Matheo é adulto, ele saberá se defender.

— Ele apanhou bêbado num bar – cortei-o – ele não sabe se defender de nada.

— Isso é o que você pensa – ele disse e se levantou para pegar o celular – Matheo despistou dois policiais no hospital, eu achei que ele tinha enlouquecido, mas agora eu percebi que ele devia estar bem mais adiantado que eu.

— Como ele está?

— Ele deve ter o corpo tão duro quanto a cabeça, acabou com apenas alguns hematomas, além dos hematomas um pouco de orgulho ferido, mas somente isso.

— Ele é meu orgulho – eu sorri sem nem perceber, Nicholas sorriu de volta.

Ele discou os números de alguém no visor, e ele esperou por um minuto. Emily pegou um hambúrguer e estendeu para mim, jogou outro para Nicholas que pegou no ar e jogou um beijo para ela, e pegou um para si.

— Matheo – ele cumprimentou a pessoa do outro lado da linha quando ela atendeu – encontramos sua loira.

LA MIA BELLA

— Tome, ele quer falar com você.

Nicholas estendeu o telefone para mim e eu fiquei num estado de quase emoção quando percebi que eu iria falar com Matheo. Cara, eu estava ficando uma boba apaixonada mesmo.

Peguei o celular, o outro lado da linha estava em silencio e eu tive que quebra-lo.

— Ciao, Matheo – eu brinquei – come va?

— Ciao, la mia bella – ele falou com um calor e saudade na voz que eu quase fiquei emocionada - Mi sono sentito nostalgia per voi.

— Eu também senti saudades de ti, Matheo – eu concordei na minha própria língua.

— Onde você estava? Eu a procurei tanto, mas tanto. Você parecia ter sido engolida pela terra.

— Talvez eu tenha sido – eu sorri – nunca se sabe. Eu vou para aí, eu quero te ver.

— Não – Matheo disse – melhor que fique aí, enquanto estiverem no meu rastro eu poderei deixá-la segura.

— Eu não tenho medo dele – eu disse determinada.

— Se não tivesse medo não ficaria fugindo – ele disse – eu vou ter que ficar afastado por mais algum tempo, mas é por você. E quando eu voltar para ti, Pirla, você vai se arrepender do dia que me deixou naquele estado. Eu vou te comer tanto, mas tanto...

— Sabe, tá todo mundo ouvindo pelo viva-voz – eu disse olhando para o povo e com um sorriso idiota no rosto, Nicholas fingiu nem ter ouvido e Emily estava sorrindo – eu achei que você saberia se controlar.

— Eu nunca sei me controlar com você – ele disse – você sabe, eles sabem, eu estou apaixonado. Basta que eu conquiste você e ouça você dizer o mesmo, aí sim, eu sossego.

— Stronzo...

Ele me interrompeu.

— Eu vou precisar desligar, eu tenho uma reunião em alguns momentos. Compre um celular pré-pago e me ligue quando puder.

— Eu farei isso.

Eu sabia que ele não poderia me ligar, isso seria revelar o meu paradeiro, vai saber se o homem não tem acesso ao meu histórico de chamadas de algum jeito, ou chamadas dele.

— Me ligue apenas no telefone do trabalho, Nicholas pode te passar, assim sua ligação fica camuflada entre as ligações de possíveis clientes. Ei... – ele

chamou minha atenção – isso não vai demorar muito.

— Tudo bem.

— Ah, outra coisa – ele perguntou – por que tinha uma passagem em seu nome para El Salvador?

— El Salvador?

— Sim.

— Eu nunca nem cogitei conhecer El Salvador – eu falei com as sobrancelhas juntas, estreitando os olhos – tem certeza que estava em meu nome?

— Tenho certeza, sim.

A única coisa que me passava na cabeça era que provavelmente ele tinha feito isso para sumir comigo, sei lá.

— Eu realmente preciso ir, me ligue assim que puder.

— Eu farei isso.

— Beijo, pirla.

— Stronzo.

— Oi?

— Eu também me apaixonei por você.

Eu desliguei o telefone rapidamente, ainda não acreditando que eu tive coragem de admitir estas tais palavras. Ele ainda ficou surpreso antes de eu ter encerrado a ligação, mesmo eu já achando que ele sabia de tudo que acontecia dentro de mim.

— Vocês foram feitos um para o outro – Emily disse – não conseguiria compor um casal melhor.

— São perfeitos, mas é preocupante – Nicholas disse – Violet, fique aqui em casa, tudo bem? Não suma outra vez, por favor.

— Eu não farei isso – eu disse, e era incrível como eu não soava confiável nem para mim mesma.

— Eu vou dar uma olhada em Nicole, e já volto – ele disse – deixem comida para mim.

— Vou pensar no seu caso – Emily sorriu para ele e eu me senti uma intrusa – então, você se apaixonou por Matheo? – ela virou para mim.

— É, eu sei, eu tô ferradinha da silva.

— Ah, não está não – ela disse – do modo que ele falou – ela deu uma piscadela – ele parece estar louco por você.

— Não tinha como ele não ficar louco por mim, né? – eu precisei fazer graça – todo mundo me adora.

— Exatamente – ela disse – então não fuja mais. Se permita ser amada, não há nada de ruim nisso. Os homens não são todos doentes, eles podem amar desinteressadamente, e eu acho que Matheo já te provou isso.

— Ele já me magoou demais.

— E você fez o mesmo, não? Eu te conheço.

— É, eu peguei um pouco pesado.

— Então – ela disse – vocês podem se curar juntos, mas, para isso, você tem que deixar. Tem que se abrir de verdade e deixar que ele entenda o quanto você é importante para ele e ele o é para você.

— Você tem certeza que é mais nova que eu? – brinquei – você tem tanto juízo.

— Digamos que eu tenho por nós duas.

Emily se levantou, eu ainda estava comendo. Ela pegou um dos hambúrgueres e uma das latas de refrigerante, e saiu em direção às escadas.

— Aonde vai? – perguntei.

— Vou dar um pouco de carinho e comida para o meu homem.

Eu sorri e a vi subir as escadas. Terminei o hambúrguer e fui ao quarto de hóspedes. Ainda era dez horas da noite, o que, para uma pessoa normal, equivale às cinco da tarde, já que meu horário é todo alterado, e eu não tinha um pingo de

sono.

Eu até tentei, mas quando tinham se passado três horas e eu só conseguia girar de um lado para o outro da cama, eu desisti.

Levantei, silenciosamente, e andei até a lavanderia. Peguei minha roupa da máquina, mas ela ainda estava molhada, se eu queria sair, eu teria que sair com a roupa que eu tinha no corpo. Eu passei a mão no corpo e no rosto, com aquelas roupas e sem maquiagem eu me sentia totalmente despida. Peguei apenas a minha carteira de dinheiro e meu canivete e saí da casa pela porta da garagem. Não é que um vestido florido e um coturno ficavam bem graciosos?

Eu não conseguia ficar longe de Matheo por mais tempo.

— Aonde vai?

A voz me assustou, olhei para o lado, Nicholas estava sentado sobre o capô do carro dele, tomando uma garrafa de energético, ele acenou para que eu me aproximasse.

— Eu não vou mentir para você – eu disse – eu quero ir atrás de Matheo.

— É, eu imaginei – ele disse – por isso eu vim para cá. Emily está dormindo já – ele deu um sorriso bobo – e eu sentia que você iria fugir outra vez.

— Dessa vez não é fugir. Dessa vez eu estou indo a procurá-lo.

— Você não conhece Yellowstone Hill.

— Conhecerei pelos mapas.

— Violet, eu não posso te impedir de ir, eu nunca fiz isso antes nem com você e nem com ninguém, e não pretendo começar agora. Então, por favor – ele disse – pondere sobre esta decisão, analise-a friamente, e não tome nenhuma atitude que poderia colocar aos dois em perigo.

— Nicholas...

— Violet, se você ficar aqui estará segura. Eu mesmo tratarei de manter Matheo informado sobre tudo, inclusive sobre você. Emily não a desculparia se você saísse sem se despedir dela e, Nicole também sentiria sua falta.

— Ela nem me viu.

— Mas ela gosta de você, você sabe. E eu ficaria preocupado. Além disso, Matheo conta que você o ouça desta vez, eu sei que você quer ficar com ele, mas é o mais seguro a se fazer agora, ficar aqui. Se ficar, ele estará à salvo lá enquanto o homem achar que ele pode mostrar tua indicação.

— Isto é o que pensamos. Não temos como saber o que se passa na cabeça de gente doida. Ele pode estar dois passos adiantados.

— Se separar não é estratégia de guerra, permanecer juntos é.

Cocei a cabeça, era essa uma das coisas que eu detestava em Nicholas, ele sempre estava certo. Ele tinha uma personalidade forte e temida por muitos, talvez até justamente por isso. Ele analisava tudo, ele era muito calmo nesse aspecto, e no final mostrava tudo o que poderia acontecer. Era quase como se víssemos um cenário em 3D se desenhando para gente, e os caminhos com as suas consequências.

— Certo, eu fico – eu me dei por vencida – me dá um gole disso aí.

Ele me estendeu a garrafa de energético e eu sentei no capô do carro ao lado dele. Era reconfortante ficar ao lado de Nicholas, alguém em quem eu poderia confiar, e eu adorava ele, com uma adoração pura, mas eu sentia falta de Matheo. Muita falta mesmo, e agora eu via a diferença dos sentimentos que existiam de mim para com os dois homens.

Em Nicholas eu tinha um amigo e parceiro para as horas difíceis, ele era o marido da minha amiga, e eu respeitava isso. Ele tinha sido importante para mim e sempre seria, ele era um poço de tranquilidade e o cara para quem poderíamos correr.

Matheo era o cara que me metia em problemas e depois ainda me dava orgasmos múltiplos, ele era o cara. Ele simplesmente chegou na minha vida, bagunçou tudo, invadiu minha casa, me despiu de todas as minhas defesas e saiu, foi embora, deixando o seu cheiro em tudo, inclusive em mim.

— Vocês vão se acertar – Nicholas disse – Matheo é louco, mas tem um bom coração, ele a perdoará por tê-lo magoado – ele disse como se soubesse todas as coisas do mundo – e você não fica atrás, vocês saberão encontrar um ritmo que fique bom para os dois.

— Eu espero que sim – eu disse – e eu estou muito feliz que você e Emily estejam bem, quero dizer, ela teve muito medo quando você estava pifado.

— Todos nós tivemos.

— Você a ama né?

— Mais do que eu poderia por em palavras.

— Eu consigo ver.

E eu conseguia mesmo, e foi justamente por isso que eu me dei conta que precisava ir atrás de Matheo, eu queria ter o sorriso bobo e convencido que Emily tinha quando estava ao lado de Nicholas, mas é claro, com Matheo. Meu italiano fajuto, filho da mãe e Stronzo.

— Eu vou entrar – Nicholas disse – Emily sempre acorda me chamando, não quero que ela sinta minha falta.

— Ok, eu vou entrar em dois minutos.

— Eu espero que sim. Pense no que conversamos.

— Pensarei.

Ele olhou para mim e retirou algumas notas do bolso da roupa e mas deu. Eu olhei para o rosto dele sem entender.

— Eu não sou burro, Violet. Eu já sei que você não vai ficar aqui. Use esse dinheiro para chegar lá.

— Nic...

— É um empréstimo, eu sei que não gosta de ganhar dinheiro. Quando chegar lá, durma no hotel Bay View, ele fica em frente ao aeroporto e é bem seguro. De lá, me liga, eu vou te dar as instruções para que você chegue à casa do Barbieri.

Eu não neguei. Ele sabia, tivemos um tempo juntos, é claro que ele saberia a minha atitude. Eu dei um beijo no rosto dele e ele me deu a chave do carro.

— Deixe-o no aeroporto, esta é a chave do carro reserva – ele se referia a um Elantra – eu mandarei alguém apanhá-lo amanhã.

— Emily? Nicole?

— Eu explico o que aconteceu. Eu sei que se eu não cuidar de você na sua partida é muito capaz de você chegar a Yellowstone Hill de carona.

— Eu te adoro.

— Eu também.

Ele me observou entrar no veículo e sair pelos portões da propriedade. Ele, para ter me deixado sair, com certeza já tinha pensado alguns passos à frente. E, pelo modo que um carro vinha me seguindo atrás, na estrada, eu já imaginava que ele tinha contratado seguranças.

ESTRANHA SENSAÇÃO

O carro continuava acelerando, mais e mais, e eu tinha que controlar o peso do meu pé no acelerador de minuto a minuto. O carro insistente continuava no meu encalço, esses seguranças eram bons mesmos. Num dado momento, o carro pisca as luzes, como se estivesse pedindo que eu reduzisse a velocidade, mas no momento que as luzes baixam a segunda vez, e eu percebo que o ocupante não parece um segurança, aí que eu aperto descontrolada no acelerador.

As ruas estavam sem movimentos por aquelas bandas, o que era natural, como havia poucas casas na região, por ser uma área bem nobre cujas casas ocupavam extensos lotes de metros quadrados, eu quis fugir daquela área para uma com um pouco mais de movimento.

Um pouco mais à frente, se não estava enganada, teria um posto de gasolina com uma pequena conveniência. Se estivesse aberto eu poderia me abrigar alí. Eu sempre soube que esses caras, de loja de conveniência, carregam calibres doze sob seus balcões de atendimento (ou pelo menos o era assim na maioria dos filmes).

Parei o carro e entrei na loja esbaforida, correndo. O dono da loja até ia pegar alguma coisa sob o balcão, mas quando viu que era uma mulher ele parou o movimento.

— O senhor tem um banheiro?

— Lá fora.

Eu não queria sair.

— Onde ficam os pretzels?

— Alí no fundo – ele apontou para um balcão termoelétrico – junto com os pães.

Agora sim. Andei até lá, peguei uma cesta no meio do caminho e coloquei três sacos de pretzels. Olhando, vez ou outra, para o lado de fora. Eu voltei para o balcão, ainda olhando para lá, quando vi o carro preto parar, ele parou e ficou alí, em frente ao posto da loja, por uns minutos, e então saiu.

— Está com problemas? – o homem me perguntou ao me notar eufórica.

— Não, é... – eu tentei explicar – eu tenho fobia de carros pretos. Sei lá, eu tenho medo de ficar sendo seguida por um deles uma hora dessas. Que horas são? – eu perguntei quando não notei nenhum relógio pendurado nas paredes para os clientes.

— Quase uma da manhã – ele disse ao olhar no relógio – mais precisamente doze para as uma.

— Obrigada – agradeci e paguei-lhe a quantia devida pelos pretzels que eu não queria. Qual é? aquela foi a primeira coisa que me veio à mente.

Fiquei enrolando no mostruário de revistas enquanto esperava que o movimento lá fora não fosse mais tão suspeito. O homem, que poderia tanto ser o dono da loja quanto funcionário por seu aspecto rude, me perguntou se eu ia levar alguma das revistas, já que as estava amassando todas.

Peguei duas revistas Marie Claire, e paguei. O que eu queria com revistas Marie Claire? Eu devia estar muito nervosa mesmo.

Eu estava pagando as revistas quando senti duas mãos fortes me pegando nos ombros. Pelo susto, e pelo nervosismo que já estava adiantado, eu virei jogando a sacola de pretzels na cara de quem tinha me tocado, e já estava pronta

para correr, quando: — Puxa, senhorita Nella Sue, eu não tentarei mais surpreendê-la.

Guilherme começou a reclamar enquanto se desvencilhava dos pretzels assassinos.

— Que merda, por que você me assustou assim?

— Eu achei que seria uma surpresa agradável, pelo visto, estava enganado.

— Não, não é isso – eu disse e comecei a limpá-lo, mas ele evitou minha ajuda.

— Não, está tudo bem – ele olhou para mim – você parece assustada.

— Estou, achei que seria assaltada lá fora – eu disse – e vim me abrigar aqui.

O homem, que estava com uma cara feia por ver que provavelmente teria que limpar aquele chão, ficou mastigando um chiclete enquanto olhava para nós dois com desprezo.

— O que está fazendo aqui? – eu decidi perguntar.

— Eu tive que abastecer o carro, eu estava passando e parei para abastecer. Quando olhei o carro de Emily, eu parei, achei que era um dos dois, e tinha vindo cumprimentá-los.

— Oh, certo – eu disse – eu não vi seu carro.

— Não tem como ver daqui, ele está parado perto das bombas.

— Me desculpa outra vez – eu pedi, eu normalmente não sou assim.

— Eu acho que você é assim sempre, e não me pergunte o porque.

— É, você tem razão, eu sou assim sempre – eu sorri.

Ele sorriu de volta e ficou naquela postura de quem não sabe o que vai falar a seguir, mas que está louco para falar alguma coisa.

— É, está indo para aonde?

— Isso, meu querido – eu disse e sorri – não é da sua conta.

— Bola fora – ele disse – que tal dividirmos uma cerveja lá fora? – ele ofereceu – eu estou indo visitar uma amiga, e acho que não há mal nenhum em beber um pouco antecipadamente.

— Hum, uma amiga... – sugeri um tom de quem sabe muito bem que alí não há apenas amizade – que tal se eu e você dividirmos um suco? Daqui irei para longe, não posso beber, não muito.

— Acho que esse vestido de florzinhas te deixou um tanto comportada – ele disse – eu não imaginei que a Violet que dançou comigo na Apache é a mesma

Violet que não quer dividir uma gelada comigo.

— É, pode ser, fator Emily. Acho que está impregnando no meu DNA.

Sorrimos juntos, não dela, da minha piada. E eu peguei duas caixinhas de suco no congelador e dei dez dólares para o vendedor, ou dono, sei lá, ele ainda estava nos olhando com cara de poucos amigos.

Chegamos perto dos carros, eu me apoiei no accord azul marinho dele, e ele ficou me observando guardar as compras no carro.

— Sabe... – ele começou quando me aproximei – eu achei que, naquele dia, nós tivemos alguma conexão. Lembra? Aquilo foi – ele procurou as palavras – diferente.

— É, achou legal, mas não foi o que aconteceu, desculpe. Eu quis prazer, você estava alí, aceitou, eu fui lá e busquei. Apenas isso. Não houve uma paixão à primeira foda e nem nada, apenas uma... satisfação mútua.

— Nossa – ele fingiu se ofender – me senti usado agora, e não gostei da sensação.

— Acostume-se, as mulheres estão ficando poderosas, estão aprendendo todos esse joguinhos, se é que já não estão ensinando.

— Há jogos que ninguém conseguiu ainda solucionar, desvendar.

Ele se aproximou um pouco e, perdão Matheo, mas eu ainda tenho o direito de achar um homem bonito, ele estava bem bonito. No último segundo, antes de ele se aproximar muito, eu me desviei (um certo italiano ficaria chateado) e eu me coloquei um pouco mais distante, enrolei fingindo que iria colocar a caixinha de suco no cesto de lixo.

— Você me disse que estava indo ver uma amiga.

— Sim – como se lembrasse que era isso que ele deveria estar pensando, ele continuou – é verdade, eu disse. Tenho que ir visitar uma amiga.

— Então, quem é ela? – eu não deveria ter perguntado, pareceria ciúmes, não?

— Apenas uma amiga – ele disse – ela está saindo com um cara da cidade, eles parecem estar se gostando, ela me chamou para conversarmos.

— Uma hora da manhã?

Eu e minha língua de trapo.

— Sim, digamos que eu sou o melhor amigo dela.

Ele enfiou as mãos no bolso, mostrando, com isso, que não acreditava no que tinha falado, e me perguntou: — Parecia apavorada, aconteceu alguma coisa?

— Não, - eu disse – eu já expliquei que eu achei que seria assaltada, e entrei na loja. E ai você chegou, e aí, chuva de pretzels.

— É, eu não esquecerei disso por um bom tempo.

— Eu também não – eu sorri acompanhando a risada dele.

— Você saiu da empresa?

— Sim, eu já me formei.

— E está buscando recolocação profissional?

— Estou aproveitando um tempo sem tarefas e obrigações, depois disso eu vou procurar alguma coisa.

— Na cidade? – ele perguntou aparentemente desinteressado.

— Provavelmente não, eu já aproveitei tudo de bom que East Valley tem para oferecer, preciso de outros ares.

— Para onde?

— Não sei. Quem sabe outro país? Marrocos é um lindo lugar, quero conhecer a medina.

— Terá que se vestir de acordo com a tradição local.

— Cara, eu estou de vestido de florzinha cor-de-rosa, nada mais me assusta.

Sorrimos mais um pouco e ele olhou para o relógio.

— Eu tenho que ir – ele disse-foi muito bom te ver, espero que possamos sair algum dia.

— É, quem sabe, depois que eu voltar do Marrocos.

— Espero que não volte casada com um dos milionários dos países árabes.

— De maneira nenhuma – eu me justifiquei – eu não caso aqui, na China, e nem em país nenhum.

— Melhor para mim – ele sorriu.

Ele se aproximou e eu achei que ele me daria um abraço, mas ele colou rápido a boca à minha e sugou meu lábio inferior. Não é Matheo, mas ele beija bem, sem sentimentos, mas bem.

— Se quiser mais, basta me ligar – ele ofereceu – eu terei um prazer enorme em ser seu amigo.

— Não, não quero esse tipo de amizade – eu me afastei, entrei no carro, e esperei que ele saísse para que eu pudesse seguir meu caminho – Aeroporto de East Valley.

É, EU SEI, SOMOS QUENTES

Amo o modo como no escuro as cores se alteram. O vermelho fica preto, o azul fica preto, o amarelo fica branco. Talvez por isso eu já use, exceto por hoje que estou utilizando as roupas coloridas de Emily, apenas preto. Isso facilita as ilusões de ótica por aí.

Eu não gostei do modo que Alex insistiu para que eu pegasse de volta o presente que eu tinha lhe dado. Era quase como se ele quisesse me obrigar a fazer alguma coisa. Se não fosse pelo fato de eu ter um enorme apreço por aquele objeto, eu o teria jogado contra os vidros das janelas.

As caixinhas de som do avião anunciaram numa voz masculina que estaríamos perto de pousar e que deveríamos apertar os nossos cintos. Isso tudo apenas para facilitar o reconhecimento dos corpos em caso de acidente, claro, eles nunca diriam isso.

Yellowstone Hill era uma cidade estranha, pelo menos para mim que nunca a tinha visto antes, as pessoas eram estranhamente acolhedoras. Eu saí do aeroporto e até vi o hotel Bay View, pensei em não me registrar, mas no fundo eu quis ser pelo menos um pouco obediente. Ele, Nicholas, com certeza verificaria se eu me hospedei depois.

Antes de sair do aeroporto, no entanto, eu passei na loja da Forever 21 no aeroporto e comprei um vestido de renda preto, eu usaria no meu encontro de mais tarde, lápis de olho e muita, mas muita sombra preta e, claro, não poderia me esquecer de um batom vermelho.

Com as sacolas em mão, aí sim eu andei até o tal do Bay View, registrei-me, era obrigatório, e subi para o quarto. Tomei um longo e quente banho, lavei o cabelo, com aquelas amostras ridículas de hotel, e notei, com alguma tristeza, que já estava com alguns pelinhos na perna e tinha me esquecido de comprar creme depilatório.

— Matheo, você já me pegou no meu melhor, pegue-me no meu pior também – eu sorri com essa idéia.

Vestime com o vestido de renda preto, ele tinha uma linda saia rodada e mangas longas que apertavam nos pulsos. Felizmente eu me lembrei de comprar meia arrastão, então a coloquei em mim e calcei os coturnos. Penteei os cabelos e os deixei enrolados numa toalha enquanto fazia a maquiagem.

Primeiro, lápis preto em toda a pálpebra e um delineado para fora dos olhos puxando para cima, depois, eu ia depositando sombra preta por minha pálpebra até um pouco acima da pálpebra móvel. Delineei as sobrancelhas e batom.

— E é isso aí – me elogiei quando terminei de colocar a máscara de cílios – você está quente.

Passei outra vez a mão nos cabelos, bagunçando-os um pouco. Guardei o dinheiro que Nicholas tinha me dado no sutiã, e eu tinha me tornado uma Violet mais "delicada".

Saí pelas ruas, perguntei à primeira estranha onde ficava o escritório da Prime, ela não sabia. Fui até uma cabine de telefone e procurei na lista. E, caramba, era um pouco longe dali. Eu tinha que ir de táxi.

Meia hora depois, cheguei à entrada do prédio de tijolos vermelhos e muito vidro. O prédio era enorme, cara, eles deveriam ter muito dinheiro mesmo. Ou então fingiam muito bem que não eram tão ricos. Ok, eu não tinha muitos exemplos do que era ser rica na infância, ou na juventude, e se não fosse pelo dinheiro que meu pai tinha deixado eu não poderia nem mesmo ter feito faculdade até o final, mas aquilo era excepcional.

O prédio tinha algumas colunas em tijolos vermelhos, como eu já disse, quatro andares, ficava no centro da cidade, eu acho que não era só de direito aquele local, mas sabe-se lá que clientes eles tem.

Entrei no local, e me apresentei ao recepcionista.

— Olá, gostaria de falar com o senhor di Barbieri.

— O senhor di Barbieri está numa reunião, a senhorita tem hora marcada? – ele não perguntou em tom de ofensa, mas eu levei como uma.

— Eu tenho certeza que ele não se recusará a me receber. Anuncie Violet Nella Sue, sou a namorada dele.

Quase pensei tê-lo ouvido sibilar "mais uma" quando foi discar o número da sala dele, mas ignorei o comentário infeliz que eu não sei se veio da minha imaginação ou não.

— Senhor di Barbieri? – o homem perguntou, isso só mostrava um tantinho da genialidade dele, se ele tinha discado o número dele, claro que era ele quem atenderia.

Acho que Matheo falou alguma coisa do outro lado da porta.

— Estou com uma pessoa aqui, ela gostaria de falar com o senhor – ele disse.

Matheo parecia zangado, eu ouvi daqui os gritos que ele tinha dado para o recepcionista.

— Ok, sim senhor – ele repetia após cada ordem – sim senhor, sim senhor.

Ele desligou o telefone, visivelmente constrangido, e até eu o estava por ele, e me falou com um pouco menos de pose.

— O senhor di Barbieri não poderá recebe-la no momento, se puder aguardar mais alguns momentos, ele está realmente ocupado.

— Ok, desculpa aí qualquer coisa.

— Não se preocupe – ele disse – deseja uma água, um café?

— Não, não quero te dar mais trabalho.

Eu disse e sentei numa das poltronas da recepção e, cara, eu não fui feita para esperar. Eu fiquei agoniada aguardando que o tempo passasse ali, e no primeiro momento em que o meu "vigia" se distraiu, eu me lancei para o corredor e entrei no elevador.

A porta fechou e eu fiquei me perguntando "para onde mesmo que estou indo?", pensei um pouco e deduzi que as salas dos sócios deviam ficar no último andar, sei lá, pela sensação de poder que isso causa.

Quando o elevador parou no último andar, eu andei pelo corredor cheio de divisórias, algumas de vidro, e fiquei lendo os nomes nas plaquinhas nas portas.

"Eric Lancaster – Diretor Executivo". "Nicholas Theodoridis – Presidente". Ué, Nicholas ainda tinha uma sala aqui? Não estou entendendo mais nada. "James Carter – Diretor Financeiro", "Matheo di Barbieri – Chefe Executivo de Operações". Uau, quente.

Bati à porta, ninguém veio abrir. É, eu vou ter que invadir também. A porta estava apenas encostada, e por dentro vazia, entrei alí, naquele espaço, e andei mais um pouco. A sala era toda em madeira escura e mármore branco. A

decoração austera deixava o ambiente com um toque sério, mas lindo e limpo. Havia uma porta que dava para algum lugar, portas de correr, e eu comecei a mexer nela devagar, abri-a apenas para espiar para o espaço de dentro. Matheo estava conversando com uma moça dentro da sala. Ela era estupidamente linda, e anotava tudo que ele falava, vez ou outra erguendo os olhos para bater as pestanas para ele. E sorriam juntos, os desgraçados.

— Temos que finalizar ainda esta semana o orçamento econômico-financeiro, contate James e veja se ele tem alguma alteração a fazer, o plano de investimento empresarial já está pronto, Nicholas poderá dar o seu parecer em breve. A partir de semana que vem iremos alcançar os objetivos de rentabilidade, custos e crescimento, para podermos implementar e aplicar as políticas já estabelecidas nos processos da organização.

Uau, fiquei impressionada.

Sentei na poltrona da sala de entrada e esperei que ele terminasse o que tinha que fazer. Vinte e cinco minutos e eu ouvi a porta abrindo, a mulher saiu e, de perto, ela não era tão bonita quanto eu supus. Matheo sorriu para ela em despedida e então, finalmente, ele me olhou.

Ele piscou duas vezes, sei lá, talvez tenha pensado que eu era alguma aparição, e então ficou muito, mas muito zangado.

— Obrigado, senhorita Lopez – ele agradeceu à mulher e quase a empurrou para a porta. Então virou para mim.

— Meu Deus do céu, Violet, o que está fazendo aqui?!

Eu levantei e andei para perto dele. Ele ficou parado ao me ver me aproximando.

— Eu, bom, senti falta de um certo italiano fajuto, e decidi vir aqui buscá-lo, sabe, ele me prometeu uma transa muito louca, e eu tive que vir do outro lado da cidade para busca-la.

Eu terminei de falar e já estava com o rosto tão perto do dele, que apenas estendi minhas mãos e o "obriguei" a se curvar um pouco para me beijar.

— Você é louca, garota.

— Eu sei, você já disse isso, mas eu sei que gosta.

Eu aprofundei o beijo e ele me carregou para si, me prendendo com as pernas ao redor de sua cintura. Matheo estava muito quente, saudoso e gostoso com aquele terno. A boca dele tinha gosto de café, provavelmente o que ele dividiu com aquela lá. E ele sugava minha boca e minha língua como se daquilo fosse depender a vida dele.

— Calma... – eu sussurrei contra a boca dele – senão você vai ficar todo bagunçado e saberão imediatamente o que estamos fazendo aqui.

A boca dele já estava manchada com meu batom vermelho, e provavelmente a minha também, e ele admirou a cena com um olhar tão voluptuoso que me subiu um arrepio por toda a costa e parou perto da nuca. Aquele homem sabia me fazer arrepiar apenas com o olhar.

Ele me sentou na beirada da mesa dele, e eu nem percebi que tínhamos andado alguma coisa, e ele abriu as minhas pernas e se colocou no espaço entre elas. Vestido, ainda, para meu lamento.

— Sabe, eu estou apenas de meias, eu adorei aquela cena que protagonizamos, onde você me colocou de quatro e a rasgou para entrar em mim – eu falei enquanto ele mordia o espaço entre meu pescoço e minha orelha – eu adoraria repetir a cena.

— Agora mesmo... – ele disse – repita o que falou para mim.

— O que? – me fingi de desentendida.

— Diga o que me falou ao telefone.

— O que? – eu tentei falar enquanto ele deslizou dois dedos para dentro da minha boca, eu virei o rosto e sorri – assim eu não consigo.

Ele sorriu e retirou os dedos de minha boca.

— Pronto... – ele estava tão perigosamente gostoso que eu não conseguia nem raciocinar direito.

— Eu estou apaixonada por você, Matheo di Barbieri – eu disse – eu já tinha me apaixonado muito antes, sem eu nem perceber.

Ele deslizou os dedos para minha meia e a rasgou alí, pela frente, ele chupou os próprios dedos e quando eu percebi o que ele ia fazer, ele já os tinha colocado dentro de mim. Matheo ficou mordendo meu seio por sobre a roupa e vindo, vez ou outra, buscar meus lábios, enquanto pedia que eu repetisse.

— Eu... estou... – eu mal conseguia terminar a frase com o movimento que ele fazia.

Eu estava perto, tão perto, mas aí. Malditas batidas na porta.

— Puta que o pariu – ele xingou num sussurro, e foi o xingamento mais sexy que eu já ouvi.

— O que?

— Eu terei uma reunião agora – ele falou – vieram me avisar, assim como eu tinha pedido antes.

— Eu te espero aqui – eu disse e deslizei a mão sobre a roupa dele, bem no

espaço onde um bom volume se destacava – lamento muito que tenha que ir para a sua reunião assim.

— Ah, pode ter certeza – ele disse e me deu outro beijo – eu lamento também. Ele alisou a roupa e eu continuei de pernas abertas para ele, enquanto ele dava uma boa olhada naquilo que só poderia "comer" mais tarde.

— Me espera aqui – ele disse e saiu da sala.

OUTRA VEZ INTERROMPIDOS

Por pouco, mas muito pouco mesmo, não fomos pegos alí, sobre a mesa dele. Cara, eu teria que deixar para depois a minha fantasia de chefe e secretária por mais algum tempo. Assim que ele saiu eu me ajustei e abri o PAINT no computador de Matheo e fiquei desenhando um pouco. Eu tinha algum talento com aquilo, quero dizer, para uma pintura feita apenas com poucos recursos, eu tinha um bom traço.

Eu abri o google e joguei meu nome – Violet Nella Sue – na pesquisa e cliquei em notícias. Nenhum resultado. Eu adorava isso, não ter nenhum resultado de mim nas notícias, exceto por um certo livro cuja personagem tinha o meu nome, Violet Nella Sue era um nome único no mundo inteiro. Pelo menos é o que o senhor Google nos diz. Já quando eu procurava por Susan Collins, aparecia milhões de resultados, em especial sobre a senadora republicana americana.

Pesquisei pelo nome da minha mãe – Collete Collins, e não encontrei muita coisa também. Apenas alguns assuntos esporádicos e alguns resultados sobre o processo de interdição dela.

Matheo era especialista em sucessão, eu teria que contar a ele tudo que eu tinha contado a Nicholas, assim ele poderia me ajudar nessa parte. Ele poderia pelo menos me dar uma saída para que eu não precisasse assinar papel nenhum e ainda retirasse o maldito da linha de herança do meu pai. Eu também tentaria reaver a responsabilidade sobre minha mãe.

Eu estudei muito, feito uma louca, para isso. Eu queria buscar nos livros alguma coisa que me fizesse conseguir arrancar esse homem do meu convívio, e eu tentei várias coisas, todas elas foram derrubadas facilmente. Eu era iniciante, o dinheiro que eu tinha não pagava bons advogados, e eles eram facilmente derrubados depois de algumas horas de discussão nos tribunais. Depois disso, quando os advogados que eu contratava já não eram mais eficientes, foi que esse homem começou com as abordagens mais perigosas. Ele era um maldito que não me dava paz há muito tempo.

Agora, bom. Agora eu namorava com um dos melhores especialistas em sucessão desta área, e eu poderia tirar minha dúvida sem pagar horrores. Claro, eu esperaria um momento apropriado, não quero que ele pense que fiz isso apenas para que tivesse acesso ao conhecimento dele gratuitamente.

— Violet... – ele me chamou assim que entrou pela porta.

Eu fechei a aba de navegação anônima do Google onde eu lia sobre o processo da minha mãe e sorri para ele.

— Eu.

— Vamos.

— Vamos? Para aonde?

Ele pegou minha mão e me fez levantar, me deu outro beijo e falou: — Para minha casa.

— Eu tenho que ir buscar as minhas coisas no hotel, e ligar para Nicholas, ele pediu.

— Eu já liguei para ele.

— E ele?

— Disse que você deveria estar aqui há mais tempo, mas não brigou contigo. Ele também contratou um segurança para te vigiar enquanto você saia da cidade.

— Ah, então deve ter sido isso.

— Isso o que?

— Deve ter sido esse segurança que me assustou na noite antes de vir para cá. Ele estava num carro preto atrás de mim, quando eu saí da casa de Emily, ele me seguiu por um tempo, mas eu fiquei nervosa e me escondi numa conveniência, e o carro foi embora.

— Qual era o carro? – Matheo perguntou preocupado.

— Não lembro bem, pareceu-me ser um Honda, ou Hyundai, tinha um H na frente, mas eu não percebi direito porque estava em alta velocidade pensando em fugir.

— Você conhece de carros, Violet, eu tenho certeza, faça um esforço – ele pediu.

— Ok, eu acho que era um... – eu fiz um esforço – o desenho do farol dianteiro coroado por uma faixa de led, as sinaleiras nos retrovisores e a cor escura perolizada – acho que era um Accord.

Eu mal falei as palavras e Matheo me envolveu num abraço. Eu passei um tempo sem entender e então eu soube, era ele, ele esteve muito perto.

— Era ele...

— Sim, era... foi o mesmo carro que o cara que me bateu utilizava. O que aconteceu depois?

— Quando eu parei na conveniência, depois de um tempo, o carro parou diante do local e saiu, mas eu estava longe e não consegui ver quem era o ocupante. Depois Guilherme surgiu...

— Guilherme? O sócio?

— Sim.

— E o que ele estava fazendo lá com você?

— Não, ele não estava comigo. Ele apareceu. Estava indo ver uma amiga, me viu e decidiu que seria legal me dar um... um oi.

— Por que eu tenho a sensação de que foi mais que isso?

— Talvez por que ele... – eu abri os bracinhos como se estivesse me explicando para um adulto depois de cometer uma traquinagem – ele me beijou.

— É o que?!

— Eu não tive culpa, eu estava lá, conversamos, tomamos um suco de caixinha e, de repente, ele estava com a boca na minha.

— Isso não pode ser sério.

— Não se preocupa – eu sorri para ele com um ar inocente – você beija infinitamente melhor que ele.

— Gostou disso né?

— Não posso dizer que não estou te adorando ver com ciúmes.

— Eu imagino – ele me beijou outra vez e me provocou – eu não quero ver isso acontecer outra vez.

— Espero que seu querer coordene todo o futuro – eu sorri – porque eu não prevejo o que vai acontecer.

— Você consegue ser bem ousada quando quer.

— Isso é apenas o começo.

Ele me pegou pela cintura e me jogou no ombro até que entramos no elevador. Sozinhos, ele ficou olhando o reflexo da minha bunda no espelho e deu algumas palmadas nela.

— Eu vou adorar castigá-la por isso.

— Eu não vou castigá-la como se faz a uma criança – ele disse – eu farei com que esqueça que a qualquer coisa daquele homem já esteve no teu corpo. Eu vou te fazer se lembrar de mim, apenas de mim, e de mais ninguém, te dando prazer.

— Eu vou adorar isso... – ele já tinha me colocado no chão e estava me pressionando contra a parede do elevador enquanto olhava aos meus olhos e me "ameaçava".

— Ah... eu também – ele procurou meus lábios outra vez. E eu peguei a mão dele para que ele fizesse uma rápida massagem naquele lugar que implorava por ele.

O "tom" do elevador indicou que tínhamos chegado ao térreo. Matheo andou de mãos dadas comigo até o recepcionista.

— Eu sempre estarei para ela.

— Sim, senhor – ele concordou e nos viu sair do edifício, Matheo me puxando, uns bons passos à frente, para andar rápido.

Ele tinha uma Troller vermelho lava, como um advogado vai a uma reunião de Troller vermelho lava? Apenas Matheo mesmo. Entramos no carro e ele perguntou: — Qual hotel está registrada?

— Bay View.

— Longe demais – ele disse – vamos ao meu apartamento, quando terminarmos tudo o que temos para fazer lá – ele deu uma boa olhada em mim – e isso vai demorar um pouco, aí pagamos os gastos e você fica comigo.

— Você perguntou se eu quero? Você não pode sair assim fazendo planos para mim, eu posso ter planos, eu posso já ter planejado alguma coisa que não inclui você.

— Me desculpe.

— OK, peça direito.

— Você quer?

— Pelo inferno que sim.

Ele deu um lindo sorriso e ligou o carro.

Eu não conhecia nada da cidade, mas já estava encantada. Ela tinha vários lugares que pareciam ser bem legais à noite, e tinha uma boate LGBT que devia ser bem animada. Fora isso, o centro era repleto de restaurantes e bares. E, eu fui ao céu e voltei, tinha uma loja da BLACK FROST, meu pai, uma loja de artigos especializados em roupas góticas e de couro, o que eu poderia pedir mais?

Andamos pelas ruas da cidade, deslizamos com o carro enquanto Matheo deslizava com as mãos para um lugar quente no meio das minhas pernas.

— Você não se controla, não é mesmo, rapaz?

— Com você? – ele olhou para mim como se para comprovar que eu era desejosa demais para ele – nunca.

Depois de algum tempo circulando, ele parou em frente a um prédio de apartamentos. Bem vistoso o local, e bem localizado. Pelo ar das moças que saiam dali, devia ser uma área nobre de gente metida a superior.

— Vem... – ele me chamou quando eu fiquei parada olhando aquele local.

— Tô indo.

Ele me deu a mão. Era engraçado, ele era a única pessoa com quem eu já tinha andado de mãos dadas, exceto, é claro, pelos caras que eu era quem escolhia pegar.

A nossa "pegação" começou do elevador, e subimos até o último andar. A cobertura era toda dele. Entramos no apartamento, eu já estava retirando a gravata dele enquanto ele fazia o mesmo com o blazer, ele já tinha retirado meu vestido e amassava meus seios, quando uma mulher vem da cozinha em direção à sala.

Nenhum de nós dois a notou até que ela chamou nossa atenção com uma repreensão alta e raivosa: — Matheo! O que é isso?!

SAI DAQUI (MENTALMENTE)

Eu poderia correr e me esconder, eu poderia pegar as roupas do chão e fazer uma cabaninha, mas quando eu vi a moça no apartamento de Matheo me olhando com um ar de raiva, eu soube imediatamente que eu tinha uma rival. Então, deixei-a dar uma boa olhada na sua "inimiga".

— Quem é você? – eu perguntei dando uma boa olhada nela. Loira, quase da altura de Matheo, ou seja, uma cavalona, olhos castanhos, aparentemente trinta anos, e bonita que dava dó – eita, Matheo, mas você tem fetiche por louras mesmo, né?

Matheo parecia constrangido para caramba, e eu queria ver até que horas ele ia ficar olhando para nós duas e não ia falar nada. Finalmente, um pouco do choque tinha passado e ele pegou o blazer dele do chão e colocou sobre os meus ombros. Eu vi quando ele beliscou forte a própria coxa para cortar a excitação.

— Violet – Matheo coçou a sobrancelha antes de estender a mão de mim para ela – esta é Leah, minha... Assistente, ela trabalha comigo no meu ateliê. Leah, esta é Violet, minha namorada.

— Quase ex – eu comecei – se não me explicar direito essa história.

— Leah é minha modelo de nu artístico – Matheo começou a explicar e a cada palavra eu tinha mais vontade de socar a boca dele – ela sempre vem para cá às quartas e sextas, e ela posa para que eu pinte.

— Hum... – Eu comentei, enciumada demais – nu artístico?

Eu retirei o blazer e me mostrei para ambos.

— Acho que eu sou uma boa modelo, não acha?

Matheo me deu um riso que era ao mesmo tempo nervoso e sensual, a vontade de socá-lo ainda não tinha passado.

— Eu sou profissional – a tal da Leah se intrometeu na conversa.

— É, a julgar pela sua roupa – eu apontei para o vestido curto e decotado que ela usava – você tem cara de profissional mesmo.

— Como é? – ela me perguntou com um ar irritado.

Pelo ar de ciúmes que ela mostrou, era óbvio que ela estava dando encima de Matheo, e pelo olhar de desafio que me lançou, era claro como cristal que ela não iria desistir disso.

— Italiano – eu coloquei o dedo no peito de Matheo e o fiz tomar uma atitude – dispense a Leah, por hoje, que tal? O que faremos agora não exige público, claro, a não ser que ela queira participar.

Joguei a isca, se Matheo a pegasse era um soco na certa. Eu bateria na moça para que? O errado aqui era ele.

— Leah, hoje não precisarei dos seus serviços – ele disse.

— Volto na sexta? – ela perguntou enquanto pegava uma bolsa do sofá e a punha ao ombro.

— Ele te chama quando precisar, queridinha.

— Eu não sou sua querida.

— Ah, pelo visto não fui a única a ler A Seleção.

— A Seleção?

— Ah, bem vi. É apenas um corpo sem conteúdo.

— Olha eu não vou permitir que fique me insultando aqui...

— Aqui o que? Aqui onde? – me aproximei e questionei num tom autoritário – na casa do meu namorado?

Ela recuou dois passos. Por ser mais alta, achou que me intimidaria com sua altura. Eu tive vontade de dizer "filha, eu quebro você e ainda quebro Matheo junto, vocês não me metem medo".

— Você vai embora ou vai esperar que eu a retire com delicadeza? – estalei os dedos e alonguei o pescoço como um cão de briga.

Ela viu que eu não tinha mesmo, mas mesmo, medo dela e colocou o rabinho entre as pernas para Ela deu um beijo no rosto de Matheo e me deu um tchauzinho antes de sair. Matheo fechou a porta e ficou pensando um pouco no que iria falar.

— Isso, não era para ter acontecido...

— Não era mesmo.

— Eu sinceramente não lembrava que ela estaria aqui.

— Jura?

— Sim, eu estive preocupado demais com você para pensar em tantos detalhes.

— Vou fingir que acredito.

— Está zangada? – ele perguntou.

— Como nunca antes.

— Isso é ruim?

— Sim – eu me aproximei um pouco retirando o blazer dele por completo – eu fico muito má quando estou zangada.

Eu empurrei Matheo, que por ser mais forte que eu, simplesmente se deixou cair no sofá, e ficou me observando com cautela, esperando o próximo passo.

— Olha bem para mim, di Barbieri – eu dei uma volta para ele – você realmente acha que ainda precisa de outra modelo de nu "artístico" – eu desenhei as aspas no ar.

— Eu não sei, tenho que avaliar as modelos disponíveis...

Ele ainda me provocava com um sorriso. Não sabia ele que meu coturno é um ótimo esmaga-nozes e acaba-sorrisos.

— Você não ousaria – Eu sentei sobre ele e ameacei – Eu vou retirar seu troço de dentro da calça, e eu espero, para o seu bem, que ele já esteja duro.

Matheo me sorriu enquanto eu abri o zíper da calça dele e ele me ergueu com um braço para retirar o jeans com o outro, aproveitou e baixou a cueca junto. Quando ele me apoiou outra vez no colo dele, eu senti o quão duro ele estava.

Eu cuspi nos dedos e o lubrifiquei para aconchega-lo dentro de mim. Matheo sugou o ar entredentes quando me sentiu me encaixando nele. Eu esperei que eu ficasse acostumada com ele até começar a me mexer devagar.

— O senhor nunca decepciona, não é, senhor Barbieri?

— Você também não, senhorita Nella Sue – ele deslizou a mão da minha cintura para a minha bunda e esmagou-a com a mão enorme. Ele começou a coordenar o movimento.

— Você ainda não aprendeu, Matheo? – eu disse – quando eu estou por cima, sou eu quem manda.

Como se para provar, me movi do modo mais malicioso que eu sabia e ele gemeu um pouco.

— Você pode mandar sempre que quiser – ele disse.

— Posso mesmo? – perguntei quando comecei um movimento mais tranquilo.

Ele queria muito, e queria rápido, mas eu ia tortura-lo (e me torturar também) por alguns instantes.

— Sempre... – ele disse e eu adorava ver o jeito que ele me desejava.

Eu me estiquei e coloquei os seios na altura dos lábios dele, Matheo entendeu o recado e começou a lambê-los e chupá-los, por inteiros.

— Então manda essa tal de Leah ser profissional em outro lugar.

— O que? – ele perguntou, e eu não soube se foi porque ele não tinha entendido ou não tinha gostado da sugestão.

— Você – eu repeti enquanto esmagava meu seio contra a boca dele – vai tirar aquela rapariga da sua vida, entendeu?

Ele sorriu quando eu me afastei e puxou-me para perto, para sussurrar ao meu ouvido.

— Essa é a primeira surra que eu gosto.

— Ah, mas ainda tem mais – eu mordi o lábio inferior dele, com força, ele sentiu um pouquinho – você não disse que ia me obedecer – eu o soltei e comecei um movimento mais ritmado, rápido.

— Oh, puta que o pariu... – Matheo amaldiçoou baixinho, mostrando que estava gostando.

— Então, vai prometer ou não?

— Se eu prometer você para? – ele perguntou como um menino que recebia um presente e tinha que trocar por outro sem saber o que era.

— Não – eu sussurrei ao ouvido dele – se você prometer, melhora...

— Eu prometo... Prometo mil vezes... – ele me deu um lindo sorriso e esticou os braços para trás da nuca enquanto me deixava comandar o movimento.

Os braços dele ficavam lindos desse jeito, os bíceps flexionados, Matheo era uma escultura dos deuses. Creio que se Eros tivesse uma forma física, seria essa.

Matheo observava o meu movimento e então, quando não aguentava mais a

minha "surra", ele me pegou pela cintura e me jogou no sofá.

Cara, o corpo daquele homem esmagando meus seios contra si e entrando vigorosamente em mim, não era algo deste mundo. Matheo sorria, convencido, enquanto ele me arrastava para o meu primeiro orgasmo da noite.

Eu odeio admitir, mas a experiência dele deve ter sido bem vasta, porque ele era muito bom no que fazia.

— Mas já? – ele sorriu contra minha boca pouco antes de beijá-la, e então falou outra vez – agora, fica de quatro para mim.

Eu estava molenga já, com todo o stress da viagem, aliado às preocupações dos dias anteriores, um simples orgasmo tinha me drenado as forças. Ou pelo menos eu achava que tinha. Já que quando ele terminou de rasgar a minha meia-arrastão, eu me assustei e sorri e ele se encaixou em mim como um belo de um filho da mãe que era, me acendendo outra vez e sussurrando milhares de palavrões em italiano ao meu ouvido.

— Come si sono stretti!

— E você é grosso! – eu sussurrei em resposta.

Ele se movimentou ainda mais contra mim, com força, com vontade, e eu só conseguia responder ao movimento com a intensidade do seu desejo. Matheo era meu e "profissional" nenhum iria mudar isso.

Eu saí e me virei de frente, ele entrou em mim outra vez e continuou o movimento, à ponto de me rasgar de tão duro, ele teve seu prazer comigo. E eu sorri quando ele me carregou para o quarto, nos ombros, para um bom banho e para, como ele chamou, o segundo round.

EU ESTOU EM SEUS RETRATOS

— Violet... Violet...

Acho que ainda não inventaram uma forma melhor de começar o dia do que com um inglês carregado de sotaque perto do seu ouvido.

— O que italiano? - perguntei enquanto me espreguiçava - me dá uma folga.

— Acho que você já está bem folgadinha - ele deu um sorriso e um beijo na boca. Eu provavelmente estava comum pouco de bafo, mas que se dane, foi ele quem quis.

Só então eu notei que ele já estava vestido, tinha se arrumado, estava penteado e cheiroso, de terno.

— De saída?

— Sim, trabalho, trabalho e mais trabalho, reuniões intermináveis, depois almoço com você, depois do almoço mais trabalho, então academia e casa.

— Hum, um rato de academia - eu ironizei - bem vi. Não tinha como você ter sido abençoado com tudo isso - eu apontei para ele dos pés a cabeça - apenas por ter ganhado um bom lugar na fila.

— Ah, Violet - ele se apoiou outra vez na cama e falou perto de minha boca - eu tenho que me cuidar, tenho que deixar as mulheres sem fala e sem ar, assim como deixei você.

— Você não me deixou sem ar... - eu disse - você me deixou sem fôlego.

Eu puxei-o para cima da cama e ele se moveu sobre mim de forma maliciosa, mas pouco depois se levantou. E eu sabia que ele não poderia se atrasar mais, apesar de o volume na calça dele pedir o contrário.

— Me faça uma visita mais tarde.

— Isso é uma ordem ou um pedido?

— Pedido, obviamente.

— Vou pensar - expliquei - tenho que me preparar psicologicamente para falar com você tudo que ainda tenho para falar, e vou comprar algumas coisas que estou precisando.

— Eu te ofereceria dinheiro, mas já sei que não gosta.

— Acertou em cheio - eu disse - desde ontem eu devo ter recebido um depósito da venda dos meus bitcoins.

— Bitcoins, é? Que moça moderna.

— Com certeza.

Eu o observei sair e recebi um beijo depois que ele anotou a senha do elevador para o apartamento. E me apressei para tomar um banho e me vestir. Eu queria dar uma volta na cidade, não sei, comprar algumas coisas, comprar frutas da região e, quem sabe, dar um jeito no cabelo.

Saí do edifício, depois de molengar por ainda uns momentos no sofá, e então comecei a conhecer as ruas de Yellowstone Hill. A cidade era bem calma, pelo menos o era durante o dia. As pessoas, claro, ficavam me olhando dos pés à cabeça "quem é essa louca com roupa preta sob o sol de onze horas?" elas deviam pensar, mas eu não estava nem ligando. A sensação era tão boa, pela primeira vez em séculos, eu me sentia livre.

Um salão de beleza, pequeno e muito mimoso, se desvendou depois de um corredor de lojas de roupas de renda.

— Oi? - chamei e cumprimentei ao mesmo tempo quando entrei.

— Olá! - um rapaz, aparentemente da minha idade respondeu - em que posso ajudá-la?

Ele nem tinha jeito afeminado, era bem bonito e tinha trejeitos másculos.

— Preciso arrumar tudo aqui - eu disse mexendo no cabelo - não quero tirar o cumprimento, só quero deixá-lo mais leve e ajustar a franja.

— Sente-se, por favor - eu me sentei e ele me ofereceu água e refrigerante, aceitei o primeiro, recusei o segundo.

Ele fez todo o trabalho e ainda ajustou minha sobrancelha de brinde.

Cara, minha língua estava coçando, ele era bonitinho demais e eu estava muito curiosa.

— Posso perguntar uma coisa, Chris? - esse era o nome dele, que eu aprendi nas nossas conversas de salão.

— Pode, é claro.

— É íntima.

— Já até sei.

— Então?

—Não, eu não sou gay. E não vejo nenhum problema se o fosse, mas eu não sou.

— Obrigada por responder. Seria muito triste não poder competir.

— Não por isso.

Eu estava mesmo dando encima do cabeleireiro que eu mal tinha conhecido? Que é isso, Violet?

Paguei o menino e o deixei em paz, meu cabelo ficava muito bonitinho na escova, então eu pedi que ele o chapasse. Assim ficaria escorrido.

Comprei as frutas, e me surpreendi pelos preços, Yellowstone Hill era uma cidade cara. Andei um pouco pelas ruas, comprei bombons artesanais, comprei outras coisas mais na rua e depois voltei ao apartamento.

Apertei a senha e subi para o andar de Matheo. Eu não tinha muito o que ficar fazendo alí, exceto por esperar Matheo. E, como eu já disse, esperar não é meu ponto forte. Saí outra vez, resolvi fazer uma visita a um estúdio de tatuagens que eu tinha visto no caminho, não custava nada tentar fazer um ou dois riscos.

Minha resolução acabou quando eu cheguei a dois metros do local. Agulhas e eu era uma coisa que não combinava. Pensei um pouco mais, só um pouco, e uma idéia brilhante me surgiu. Matheo, ontem à noite, me tinha dito que tinha um ateliê nas ruas mais distantes do centro da cidade, perto da área que tinha um lago, e eu iria lá.

Táxi, outra vez. Eu tinha que comprar pelo menos uma moto para ficar me locomovendo de um lado a outro, assim não ficaria gastando dinheiro com táxi sempre.

O estúdio de Matheo, se é que podemos chamar assim, era um galpão reformado. Não muito grande, mas ainda assim não era tão pequeno. Ele caberia, por exemplo, quatro carros sedãs estacionados em fileiras de dois.

As portas de vidro permitiam olhar as obras em exposição, mas não as que estavam sendo produzidas. Como ele tinha me dito na noite anterior, um rapaz ficava recepcionando as pessoas.

Eu toquei a campainha antiga, em formato de sino, assim que entrei. O rapaz veio em minha direção com um enorme sorriso no rosto. E parecia, pelo modo que ele me olhava, que ele me conhecia de séculos.

— Oi! É, eu estou apenas dando uma olhada... - eu disse.

— Oras, Violet - ele me abraçou e eu fiquei tipo "que que é isso? Te conheço ou já te peguei?" - eu imaginava o dia que a musa inspiradora das pinturas chegaria ao local onde ela é endeusada.

— Oi?

— Mil perdões - ele se afastou e se desculpou - eu me chamo Gus, eu faço faculdade de história da arte, e eu consegui um trabalho aqui, Matheo diz que é provisório e que quando eu me formar ele me ajudará a conseguir uma colocação no museu da cidade.

— Que legal... - eu comentei, mas ainda estava estranhando o fato de ele me conhecer - não quero parecer rude, nem nada, mas de onde eu o conheço?

— Ah, não, é muito provável que não me conheça - ele se explicou - mas eu já ouvi falar de você, alí - ele apontou para uma parede cheia de telas cobertas - é a exposição inspirada em você. Matheo disse que se você partisse o coração dele, ele a inauguraria, mas pelo visto, isso não aconteceu, o que é uma pena.

— Queria o coração do seu chefe partido, Gus?

— Oh, não! - ele apressou-se a se explicar - é que eu sou um fã incondicional do trabalho do senhor di Barbieri. Na Itália, ele tem algum renome, nos Estados Unidos ainda não é tão conhecido, infelizmente.

Olhei para ele de um modo a mostrar que não tinha entendido aonde ele queria chegar.

— A questão é, Violet Nella Sue, que Matheo di Barbieri, pinta estas obras quando está feliz - ele apontou paisagens floridas, casas de campo com sombras de crianças quase na linha do horizonte, algumas telas sobre natureza morta, e incríveis ruas de paralelepípedos e casas de azulejos portugueses - mas pinta estas aqui quando está triste - ele descobriu uma das telas da minha parede,

como ele disse, e o retrato que se desenhou para mim, foi um choque e ao mesmo tempo um assombro.

— Pelos deuses!

— Sim, até os deuses se curvariam diante de um quadro desses - ele sibilou com um sorriso.

A tela fora pintada em aquarela, uma técnica relativamente simples, muitos diriam, mas era uma das coisas mais lindas que eu já tinha visto. Olhei para os outros quadros, os de natureza morta, feitos apenas para mostrar que ele tinha da técnica, enquanto estes outros. Os de aquarela, mostravam espírito e sentimento. Era o Portrait de uma mulher, numa explosão de cores. Apenas os traços do rosto se delineavam, os olhos marcados, e os lábios num tom forte.

Ela olhava diretamente para mim, e era possível ver no fundo dos olhos dela a sombra de um homem. A pintura era tão apaixonada, linda, simplesmente obra de um grande artista.

— É uma das coisas mais lindas que eu já vi na vida!

— Não se preocupe, Violet, você é tão linda nas telas quanto o é na vida real.

— Obrigada - eu só consegui agradecer e ficar mais um pouco de tempo olhando para aquele lindo trabalho.

— Esse é o Matheo quebrado pintando - ele disse - é quase inconcebível pensar que o cara que pintou aquilo - ele apontou para um quadro de cestas de maças - tenha pintado isso.

— Verdade - eu disse e me sentei num pufe que estava disposto alí, esperando que não fosse nenhuma obra de arte, e fiquei simplesmente me olhando naquela pintura.

— Eu posso olhar os outros? - pedi.

— Seria assinar minha demissão - ele disse - eu já o fiz por demais apenas mostrando.

— Eu sei, imagina, foi um pedido bobo, eu agradeço o que fez.

— Me agradeça tomando uma xícara de café - ele disse - Ah, e não se preocupe, eu não estou dando encima de você, eu tenho uma namorada e sou louco por ela.

— Eu nem pensei isso.

— Fico feliz, não quero confusão com o chefe.

O café forte estava delicioso, assim como a conversa, e eu precisei ser muito forte para voltar para o apartamento sem roubar uma daquelas pinturas.

PORTRAIT EM TINTA D'ÁGUA

MATHEO

Era quase hora do almoço, eu tinha que ir para o apartamento, tinha prometido almoçar com Violet, mas ainda tinha um lugar para passar primeiro. O Centro de Investigação Criminal da polícia privada local. CIC, como era conhecido. Eu tinha contatado uma amiga de anos, precisava do direcionamento dela sobre como proceder com Violet, ela tinha que ficar segura, eu não me perdoaria se alguma coisa acontecesse a ela.

A detetive Perellon era simplesmente uma das mais eficazes investigadoras da região. Desde que eu tinha conversado com ela, a primeira vez, sobre o que tinha acontecido naquela noite antes de eu vir para a cidade, ela tinha tomado conta dos registros de entrada e saída da cidade, sempre em busca de alguém que não costumasse visitar muito o local. Assim limitaríamos os números de suspeitos.

- Boa tarde, - cumprimentei o oficial à recepção - gostaria de falar com a detetive Anali Perellon.

- Sua identificação, por favor.

Estendi minha carteira de identificação social e o passaporte. Depois de ele checar os documentos por alguns minutos, ele ligou para a sala dela e permitiu a minha entrada.

- É a terceira sala depois de virar à esquerda - ele apontou o final do corredor, apesar de eu já conhecer o caminho.

Quando entrei na sala, a detetive Perellon estava atrás de uma pilha de livros e de uma enorme pasta de arquivos.

- Di Barbieri! - ela me cumprimentou de um modo gentil - entre, sente-se, por favor.

- Obrigado - agradeci e a cumprimentei com um aperto de mãos, em outra ocasião eu a teria abraçado, mas no ambiente de trabalho ela sempre era a austeridade em pessoa.

- Está aqui para falar sobre sua amiga?

- Sim, tem alguma novidade para mim? - perguntei ansioso, é verdade. Eu não conseguia conceber um mundo onde Violet estivesse em risco.

- Sim, tem entrado bastante gente nova na cidade ultimamente. Os hotéis

estão cheios, é a temporada de veraneio, e as pessoas que tem casa pelas redondezas estão voltando. Meus subordinados estão em pontos estratégicos da cidade, e estamos mantendo um olho aberto em qualquer atitude suspeita.

- Obrigado - eu só poderia agradecer - além disso, descobriu alguma coisa que precise saber?

- Infelizmente, Matheo di Barbieri, posso apenas alertar que encontramos dois familiares de Violet, um deles é a mãe. Não posso dar mais detalhes já que ela precisaria estar presente para autorizar isso.

- Eu entendo - eu disse.

A detetive Perellon se levantou e pegou um casaco que estava pendurado sobre o braço da cadeira dela e se vestiu.

- Eu preciso sair agora, Matheo - ela disse - eu tenho que conversar com alguns clientes que estão querendo firmar contrato com a CIC. Assim que eu voltar eu entro em contato contigo novamente, eu realmente não lembrei que tínhamos horário marcado hoje.

- Não, não tínhamos - eu me desculpei e a acompanhei até a rua.

Entrei na Troller e senti falta de Violet do meu lado. Parei num restaurante indiano no caminho e comprei comida para nós dois. Esperava que ela gostasse de comida indiana, por via das dúvidas, comprei uma pizza também.

Quando entrei no apartamento, ele parecia vazio, Violet não estava por perto e eu vi que sentiria falta dela quando ela não estivesse alí.

- Violet? - a chamei. Ela não respondeu.

Andei até a cozinha e coloquei as compras sobre a mesa de jantar. Separei as porções e coloquei-as na mesa, e a pizza no forno, para não perder o calor.

Retirei o terno, a gravata, a calça, os sapatos, a camisa, e fiquei apenas com uma boxer andando pelo apartamento.

- Violet? - chamei outra vez quando abri a porta do quarto. Ela não estava no quarto, mas o vapor que saia da porta aberta do banheiro, mostrava que ela

estava aproveitando o duche.

- Achei você - eu disse quando ela finalmente olhou para mim.

- Eu já estou terminando - ela avisou - só mais dois minutos, preciso ficar lisa para você.

- Fique à vontade - eu disse - estou apreciando absurdamente a vista.

Minha vontade foi a de me tocar bem alí enquanto a via. Violet era perfeita, absurdamente perfeita em cada detalhe. Violet tinha seios redondos, uma cintura fina, um quadril arredondado e as pernas torneadas. Eu conseguiria passar um dia inteiro apenas olhando para ela sem cansar.

Ela desligou o duche e andou até o piso de madeira, ainda pingando, e eu levantei para colocar o meu roupão ao redor dela.

- Obrigada - ela me sorriu quando eu terminei de envolvê-la e fechei o laço do roupão.

- Comprei comida, Rogan Josh, cordeiro e molho cheio de especiarias. Você gosta?

- Não sei, nunca comi.

- Comprei pizza também.

- Vou experimentar o cordeiro, se eu não gostar como pizza.

- Certo.

Ela correu de mim para ir para a sala de jantar e pegou uma das caixinhas para abrir e ver seu conteúdo.

- A cara é ótima - ela disse e pegou um garfo para espetar a carne, passou-a no molho e a comeu - cara, isso é forte - ela tossiu um pouco e eu sorri - mas é delicioso!

- E olha que é um dos pratos mais suaves.

Sentamo-nos à mesa e ela falou despreocupadamente.

- Eu fui à sua galeria hoje...

Parei a comida no ar, se eu bem conhecia Gus, ele não tinha se contido e tinha mostrado as pinturas dela.

- Ele te mostrou as aquarelas?

- Uma apenas...

- Estão horríveis!

- Não! - ela se apressou em dizer - aquilo é uma das coisas mais fodas que eu já vi! E eu estou diante do cara que as pintou. E eu falo isso por que eu gosto de desenhar, não sei fazer um circulo perfeito, nem uma linha sem entortá-la no final, então eu sei que aquilo deve ter sido muito trabalhoso.

- Aquelas pinturas estão cheias de raiva - eu me apressei a explicar, era por isso que as telas estavam cobertas - eu as pintei quando estava te odiando. Quando você tinha sumido e eu me sentia um brinquedo.

- Não, Matheo - ela disse - aquilo está cheio de paixão. Aquelas cores fortes, os traços fortes, tudo! Absolutamente tudo está perfeito! Você tem talento, muito talento.

- Eu sei, quando pisam no meu coração eu acabo criando umas coisas “bonitas" - ele ironizou a última palavra.

- A arte não é somente sobre o que é bonito, mas pelo que encanta, pelo que fala. E aquilo tem as duas coisas. Eu vi o quadro rosáceo, ele tem encanto e fala com qualquer um que o veja.

- Pois bem, é seu.

- Não brinca comigo, filho de uma putana!

- Não precisa me xingar - eu tive que dizer - é um presente.

- Mas... - ela pareceu pensar um pouco, escolheu as palavras, e disse - aqueles quadros, como você disse, tem ódio. E eu não quero isso. Que tal se fizer um novo? Eu posso estar pedindo demais, esteja livre para negar, mas é que eu quero te mostrar que você consegue fazer aquelas coisas incríveis mesmo não estando triste.

- Eu posso tentar - eu falei num pedido de quase desculpas, eu poderia decepcioná-la, poderia sair uns rabiscos muito mal-acabados.

- Precisa que eu pose?

- Apenas se quiser, eu seria capaz de pintar um retrato de cada centímetro do seu corpo até com os olhos fechados.

- Onde? - ela perguntou com o rosto vermelho.

- Aqui - eu a puxei pela mão até o quarto onde eu colocava folhas de ficheiro e telas em branco.

- Olha só, a caverna secreta de Matheo - ela brincou - você tem drogas aqui?

- Não, mas tenho bastante álcool - eu apontei para um armário e ela viu garrafas e mais garrafas de vinho e de destilados.

- Posso? - ela pegou uma das garrafas.

- Deve - eu disse - se prepare para ficar algumas horas paradas.

- Você disse que não precisava - ela brincou - que decepção.

- Ok, então, que tal se ficar aí, quietinha, se embebedando, e me deixar fazer o meu trabalho?

- Tentarei.

Eu peguei um cavalete, coloquei um flipchart de telas sobre ele e comecei a separar os materiais que eu usaria. Por mais que Violet dissesse que não, sempre que eu a imaginava numa de minhas pinturas, ela estava em tons de rosa. Rosa e azulado eram as cores que eu via a alma dela. Os tons de azul escuro eu tinha usado num momento de raiva.

Ela merecia cores e vida, e paixão e amor, era simplesmente o que ela oferecia, e eu sou um menino quebrado, não consigo amá-la com o meu coração cheio de defeito, mas posso amá-la com as minhas pinturas.

Eu comecei a rabiscar, devagar, traços e mais traços que eu não sabia aonde chegariam. Eu imaginei Violet em paz, quieta, sem medo e sem ninguém a perseguindo. Eu a imaginei livre de tudo o que a fez se fechar e disposta a amar outra vez. Eu queria fazer um quadro onde a alma dela saísse por cada um dos traços de tinta d'água, e sei que mesmo se eu pintasse por dez anos, aquilo não faria jus ao que ela merecia.

Violet tomou um gole do vinho, sorriu para mim e eu fiquei sorrindo para ela, como o tolo apaixonado que sou. Ela não conseguia enxergar, claro, mas ela tinha meu coração nas mãos para fazer o que bem entendesse. Ela poderia cuidá-lo ou destrui-lo, tudo seria bendito por que viria dela.

- Um pintor sexy me pintando de cuecas, isso é uma coisa que eu vou poder a contar aos meus netos...

- Seus netos a chamarão de louca! - eu sorri.

- E não estarão mentindo.

- Agora fica quieta, antes que eu a prenda nessa cadeira.

- Ok, eu vou tentar de novo.

Eu sabia que aquilo não ia durar muito tempo. Ela se levantou da cadeira onde estava sentada e quando eu vi, ela tinha caído no sono na poltrona perto da janela. Arranquei o quadro que eu tinha começado e comecei outro, com aquela imagem.

Cinco longas horas depois, eu já estava sentado, observando a minha criação. Violet estava em paz na minha realidade, Violet tinha paz no meu portrait. Eu ainda a pintaria a óleo algum dia, usando apenas a memória como

referencia, por enquanto, uma aquarela iria bastar para lhe presentear. O quadro precisaria ficar imóvel por um tempo, para que a tinta fosse absorvida pelos fios de algodão, e depois ela poderia ser colocada numa moldura.

- Matheo? - ela se remexeu quando eu derrubei a palheta de cores no chão, a não utilizada, e se levantou - me desculpe, eu dormi.

- Eu vi.

- Você não foi trabalhar?

- Não, eu liguei para que pegassem o que eu já tinha feito, e cancelei a reunião que teria à tarde.

- Você não pode fazer isso.

- Tudo bem, não era importante.

Ela se levantou, a alça do roupão caiu, revelando um dos seios perfeitos, e então ela observou os meus rascunhos. Violet cobriu a boca com as mãos e eu senti uma onda de orgulho quando ela ficou sem palavras por alguns instantes.

- O que achou? - forcei uma resposta.

- É simplesmente perfeito - ela disse e alisou meu cabelo para trás enquanto me dava um beijo na boca - como você.

- E como você - eu respondi ao beijo.

EU JÁ SEI O QUE SINTO

Eu tinha que conversar sobre todas as coisas que eu temia, com Matheo. Eu tinha que me abrir com ele e, neste momento, enquanto estamos em sintonia, e eu sinto que eu não conseguiria esconder qualquer coisa dele.

Matheo está sentado, atrás de uma mesa de trabalho, e eu estou na cama. Deitada, quieta, observando-o silenciosamente e guardando na mente cada um dos contornos do corpo dele, para mais tarde.

Ele é simplesmente lindo. Tem um corpo que me faz acreditar que existe o céu em algum lugar. Os olhos verdes, quase da cor da água de uma lagoa parada, são sempre brilhantes, cheios de vida. A cor dele, de caramelo, era de um tom tão lindo e limpo que me fazia querer desvendá-la com o tato e o paladar. A boca dele, perfeita, e apesar de eu não estar olhando para ela da posição em que estava, eu sabia que ela estava pronta para ser beijada.

Ele conseguiu derrubar minhas muralhas, ele derrubou as paredes do labirinto que eu tinha ao redor de mim e agora andava sobre essas ruínas. Ele não invadiu, foi convidado, e eu me surpreendi porque fui eu mesma quem lhe fez o convite.

Eu estava apaixonada por ele, e ele o tinha dito que também estava por

mim, e isso me dava um medo absurdo, pois eu não sabia qual seria o próximo passo.

Eu já tinha lido sobre isso milhares de vezes, quando eu achava que nunca a sentiria. A paixão dura de três a quatro meses. Ela não vê limites, ela endeusa e retira todos os defeitos do objeto a que se destina. Ela não permite que o mundo seja visto por outra lente que não aquela cor de rosa.

Depois que ela acaba, você tem dois destinos: o primeiro, que o sentimento se torne amor e que você consiga ser amada também para acontecer sabe-se lá o que. Ou segundo, que o sentimento não tenha sido forte o suficiente para mudar a química do cérebro e cada um vá para um lado.

Não faz nem dois meses completos que Matheo e eu nos conhecemos, e isso me assusta. Por que, eu já sei, eu saberia viver sem ele caso ele não me quisesse mais, mas mesmo assim doeria até que eu o esquecesse. Ele tinha se tornado alguém que eu não compartilhava apenas de umas boas horas na cama, mas alguém com quem eu queria compartilhar tudo. Desde meus segredos e sonhos, até meus devaneios e fantasias.

Por falar nisso, deixa eu ter um pouco de paz para que eu lhe mostre tudo o que ele ainda não sabe sobre mim. Matheo diz que não gosta de morenas, eu sorri. Ele vai ter que se virar quando eu o convidar para um ménage na nossa cama.

Eu quero que ele tenha tudo comigo, que ele tenha liberdade comigo. Que ele se sinta a vontade para pedir qualquer coisa, e que eu tenha essa mesma liberdade para pedir qualquer coisa, já que assim eu não precisarei fingir ser o que não sou para agradar.

E é isso que eu gosto quando estou nos braços dele. Eu sou livre. E mesmo quando eu não estou, quando, por acaso, eu canto um cabelereiro desconhecido numa cidade desconhecida, eu sei que é para ele que eu preciso e quero voltar.

Ai, eu estou ficando uma louca meio ridícula.

Como se sentisse que eu o olhava, ele olhou para atrás da cama e eu fechei os olhos, fingindo que estava dormindo.

— Você é uma péssima atriz – ele disse e veio para a cama, se jogando nela ao meu lado.

— Eu estou dormindo – eu repeti ainda de olhos fechados.

— Estou vendo – ele falou e me puxou para ficar no espaço perfeito entre os braços dele.

Eu me deixei inebriar pelo cheiro dele e reuni coragem para dizer as coisas que tinha que falar.

— A gente precisa conversar – eu disse quando reuni coragem suficiente.

— Eu sei... Está pronta? – ele perguntou de modo calmo, não querendo me forçar a falar.

— Estou sim.

— Se está pronta, me conte tudo que tenho que saber.

Respirei, calma, e comecei a contar a ele: — Esse homem que está atrás de mim, foi amante da minha mãe. O nome dele é Isaac Riley. Quando meus irmãos sumiram e eu sumi, deixando minha mãe sozinha, eu não sei o que droga ele fez, mas ele conseguiu interditar minha mãe. Alegando incapacidade, e ele ficou

sendo o responsável por administrar a parte dela do percentual correspondente aos royalties do meu pai.

Matheo ficou ouvindo silencioso, eu quase conseguia ouvir as engrenagens do cérebro dele entrando em ação.

— Ele acabou com o juízo da minha mãe.

— Gaislighting?

— Isso mesmo. Ele a fez acreditar numa realidade totalmente diferente. Ele mentia para ela, e se ela duvidava, ele a chamava de louca. Ele a fez pensar em mil coisas, a jogou contra mim, isso tudo apenas enquanto eu estive morando com ela.

Ele tornou a ficar apenas ouvindo.

— Um dia, eu soube que meu pai morreu, e eu fui atrás dela, para ver como ela estava e velar meu pai. Ele estava lá. O enterro acontecia no quintal e ele quis

me abusar na sala.

— O que?! – Matheo questionou, num tom irritado. Ele já tinha me dito antes, não sabe fazer silêncio quando as coisas o surpreendem.

— Verdade, mas não aconteceu nada, absolutamente nada, por que eu o esfaqueei alí mesmo. E eu faria outra vez, se ele tentasse novamente.

— Deveria tê-lo matado.

— E ir para a cadeia? Minha mãe não acreditou na legítima defesa, e repetiu como uma burra que meu comportamento com ele era agressivo e hostil. E que eu tinha tendências suicidas. Onde já se viu? Adoro viver.

Eu engoli um bolo que se tinha formado na minha garganta e continuei: — Eu seria presa, mas eu consegui pagar, com o dinheiro que meu pai deixou, uma parte dele, um advogado que conseguiu me fazer não ir para uma cadeia. Eu saí de lá, fiquei um tempo fora, e eu soube que minha mãe e ele ficaram "brincando de casinha", ela era a boneca. Ele fazia com ela o que bem entendesse e ela só ficava lá feito uma idiota aceitando tudo.

— Ela é sua mãe, não fale assim... – Matheo pediu, e ele estava certo, eu estava transferindo a minha raiva.

— Tem razão – eu disse – quando eu voltei, quase um ano depois, para vê-la, foi que soube da interdição. Ela já estava num hospital psiquiátrico de quinta categoria. Um que trata os pacientes como bichos, apenas sedando-os quando eles estão agressivos, e eu não poderia mais retirá-la de lá, já que a responsabilidade sobre ela estava nas mãos dele e eu não tenho bons antecedentes.

Matheo me abraçou um pouco mais, e eu encontrei força para continuar.

— Ele quer que eu assine os papeis que passam a detenção de toda a possessão que meu pai deixou em vida para ele. Desde o dinheiro, que é pouco comparado ao que o meu pai ainda vai ganhar em royalties até o final dos setenta anos do registro da patente, até o controle sobre todos os bens que ele adquiriu com o dinheiro que veio disso. Ele quer reverter o testamento, que menciona ele como beneficiário, e a mim como espólio, e quer tudo...

— E isso o que ele quer, no final das contas? – Matheo perguntou ao me interromper – Se isso tudo é uma questão de sucessão. Sucessão, ou seja, herança, é a minha especialidade. E ele vai ter que encontrar um advogado melhor que eu para roubar um único centavo de você. E isso não há.

Eu me deixei cair sobre ele um pouco, fazendo-o deitar de costas na cama e eu fiquei com o queixo apoiado ao peito dele.

— Eu tenho que resolver isso, e eu quero ter a guarda da minha mãe.

— Eu vou reunir os meus funcionários, amanhã cedo, e vou conversar com todos. Mandarei que dois deles fiquem focados nesse caso. Vou precisar que me passe algumas procurações.

— Certo, passo tudo que você quiser.

— Deveria ter me contado antes.

— Eu sei.

— Fico feliz, de todo modo, que confie em mim para contar agora.

— E eu também.

— Por falar nisso – ele ajustou minha postura e se sentou na cama, eu sentei junto com ele – eu tenho conversado com uma amiga, ela é detetive particular. E ela tem me ajudado a rastrear possíveis estranhos nessa área. Ela é muito boa no que faz.

— Qual o nome dela? E por que eu sinto que ela não foi apenas sua amiga?

— Detetive Perellon. Anali Perellon. E você tem razão, já saímos juntos algumas vezes. Foi com ela que eu tive um namoro de quase um mês.

— Hum...

— O que?

— Você disse que ela é boa no que faz. O que ela achou que possa me surpreender com o trabalho dela.

— Ela disse que encontrou um familiar seu.

— Ah, mas isso não é difícil. Eu tenho uma mãe e três irmãos, eles todos estão por aí, pelo mundo, mas não estão perdidos para serem encontrados.

— Não, você não entendeu.

— Ok, me faça entender.

— Ela já sabe sobre sua mãe e seus irmãos, acho que até mais do que eu e você sabemos agora. Ela encontrou outro parente seu, um parente que você não conhece.

LAÇOS DE SANGUE

Eu finalmente conheceria a detetive Perellon. Matheo e eu passamos o dia conversando com advogados, depois fomos à cartórios para assinar mil e uma procurações.

Eu não conhecia o CIC da cidade, na verdade eu não conhecia quase nada da cidade. E me surpreendi ao ver a estrutura de organização de tudo. Aquilo era bem mais do que eu achei que seria possível para um centro de investigação particular.

— Di Barbieri! – uma mulher veio em nossa direção. E Matheo ainda me disse que não gostava de morenas. Ela era linda, pele clara, cabelos negros na altura dos ombros, e uma postura firme além de um olhar determinado – que bom que veio. Vamos à minha sala – ela apertou a mão de Matheo e então olhou para mim – suponho que seja Violet Nella Sue – ela disse.

— Supôs corretamente, detetive Perellon.

Ela me estendeu a mão que eu apertei. Ela tinha um aperto de mão firme, eu gostei disso. Matheo andou o caminho até a sala dela segurando minha mão, enquanto a seguíamos.

— Sentem-se, por favor – ela disse e apertou um botão que chamou alguém – Café, bastante café para três – ela falou com alguém que a atendeu e em poucos minutos o café chegara à sala.

Ela ainda estava organizando um milhão de papéis sobre a mesa quando finalmente ela quebrou o silêncio.

— Senhorita Nella Sue – ela disse.

— Violet, por favor, detetive Perellon.

— Muito bem, Violet – ela continuou – chamame Anali.

— Certo Anali.

— Você está de acordo que o senhor di Barbieri esteja na sala enquanto a atualizo dos fatos que foram descobertos.

— Sim, estou de acordo.

Matheo entrelaçou os dedos na minha mão e então ele deu um beijo nos nós dos meus dedos. Anali buscou um papel dentre aquela enorme quantidade de papéis que tinha sobre a mesa e, no final, me estendeu um para que eu assinasse. Nele, eu me comprometia que era responsável por aceitar que os dados fossem revelados na frente de testemunhas.

— Uau, você não brinca em serviço – eu exclamei com um sorriso nervoso.

— Não posso brincar, é o que faço.

— Certo – eu assinei o papel e Matheo também.

— Então, senhorita Nella Sue, contarei o que tenho descoberto – à medida que ela ia falando ela ia pegando os papeis com documentos que provavam o que ela falava – Violet Nella Sue, antes Susan Collins.

Eu acenei positivamente com a cabeça.

— Isaac Riley, o atual responsável por sua mãe incapacitada. Ele tem uma vasta ficha de empresas com as quais ele participava de licitações e, após receber o dinheiro, declarava falência.

— Mas isso é impossível com a lei atual.

— Sim, Matheo, é impossível. Mas Violet talvez não tenha contado que ele tem cinquenta e seis anos. E as empresas que ele abriu ainda funcionavam segundo a antiga lei de sociedades limitadas e por ações.

— Erro meu – ele disse e se calou.

— Ele já vinha aplicando o mesmo golpe, seguidamente, com vários outros pequenos inventores e negociantes locais, digamos que essa foi a forma de se sustentar que ele encontrou.

Ela me mostrou várias fichas de empresas em nome dele que já tinham sido extintas.

— Reconhece esta pessoa? – ela me mostrou uma foto que era exatamente igual a mim, no entanto usava um vestido alegre, de estampa geométrica, rosa e lilás. E eu nunca usaria rosa e lilás. O cabelo era longo como o meu, e se não fosse pelo detalhe da roupa e da falta de maquiagem, eu diria que ela era eu quando mais nova – Não, eu não sei quem é. Parece a minha mãe, quando mais nova.

— Sim, parece – Anali disse – mas não é. Veja bem, sua mãe não tem olhos claros, lembra? – ela apontou para a foto – esta tem. Ela é sua irmã.

— O que?

— Sim. Sua irmã. Ela estava morando com Isaac até pouco mais de um mês atrás, mas agora está desaparecida.

Eu não conseguia articular uma só palavra, Matheo parecia tão boquiaberto quanto eu.

— Sua mãe teve filhas uma outra filha. Sim, Violet – ela me explicou quando eu arregalei os olhos – você tem uma irmã menor. Um dos fatores para sua mãe ter achado que a realidade em que ela se inseria era diferente da que ela acreditava existir, foi esse. Ela lembrava que tinha outra filha, mas aquele

homem fez questão de fazê-la acreditar que ela não a tinha.

— Mas se eu tivesse uma irmã, eu iria lembrar. Ela estaria nas fotos da família, em tudo! E eu nunca a vi.

— Na verdade, ela não foi criada por sua mãe. Nessa época, a de seu nascimento, seu pai andava relapso, você lembra bem. Foi justamente quando ele começou a receber algum dinheiro dos royalties e passava meses fora, apenas consumindo o dinheiro com vícios.

— Sim, eu lembro.

— Ela é filha dele. Isaac Riley e sua mãe tiveram uma filha juntos, das noites em que ela foi adúltera. E ele a afastou da filha.

— Eu deveria saber!

— Você não tinha nem oito anos, não teria como saber.

— Então quantos anos ela tem agora?

— Praticamente acabou de completar dezoito anos.

— Qual o nome dela?

— Olívia Andrade – ela disse – ela foi criada na América do Sul, pela mãe adotiva. Veio aos Estados Unidos faz pouco tempo, quase três meses, com o irmão materno, já que a mãe de ambos morreu e eles não tinham contato com o pai. Ele se tornou responsável por ela.

— Mas como eles vieram para cá? Eles precisariam de visto, não?

— Eles nasceram em solo americano, isso já lhes confere automaticamente o direito de ir e vir ao país.

— Eu não estou entendendo mais nada – eu disse.

— Não é difícil de entender. Violet, Olívia é sua irmã, filha de sua mãe e Isaac Riley.

Eu não sabia nem o que falar.

— E onde ela está agora? – Matheo perguntou – onde está a irmã de Violet?

— Desapareceu, como eu disse. Estamos buscando informações sobre ela, acrescentei isso às tarefas da minha equipe.

— Já procuraram pelo irmão dela?

— Sim, ele também não sabe onde ela está.

— Quem é ele? Eu quero saber, se ele é irmão dela, isso faz dele meu irmão também. Ainda que de consideração.

— Eis a questão – Anali olhou desta vez para nós dois e colocou uma outra foto sobre a mesa – Matheo, acho que você sabe quem é este homem.

A foto era recente, um homem atravessando a rua, de terno escuro. Ele estava falando ao telefone, e não parecia saber que alguém tirava uma foto sua naquele momento. Ele era loiro, pelo porte parecia ser bem alto, e olhos claros. Meu rosto praticamente virou uma pedra quando reconheci o rapaz na foto.

— Guilherme Andrade, seu sócio – ele disse para Matheo – e seu irmão.

Deus do céu. Eu transei com o meu irmão. Olhei para Matheo que tinha a mesma surpresa que eu estampada no rosto.

— Espera – ele disse – você disse que ele é irmão de Violet, mas como? Por acaso o tal do Riley também é filho do Isaac?

— Tudo leva a crer que sim. E é exatamente o que estamos investigando. Sua mãe – ela falou olhando para mim – foi a primeira vítima de Isaac, aos doze anos. Ela engravidou, descobriram isso na escola, mas ela não voltou à escola e mudou de endereço.

— Dio mio – Matheo exclamou esquecendo do inglês fluente - quel maledetto miserabile!

— Sim, ele é um maldito miserável – a detetive Perellon esqueceu um pouco da postura.

— Mas esses são fatos que ainda precisam ser confirmados, ao que tudo indica, ele não sabe que vocês tem alguma ligação.

— Então – Matheo se lembrou da língua inglesa – ele entrou na sociedade já sabendo disso? Ele já sabia que Violet estava lá?

— Ainda não posso afirmar tal coisa.

— Esquece ele! Guilherme está em East Valley! – eu precisei intervir – eu tenho que saber da minha irmã... Ela nem é maior de idade e pode estar nas mãos daquele maldito.

— Estamos trabalhando nisso, Violet. Estamos procurando informações

sobre ela. Estamos buscando qualquer detalhe que possa nos levar ao local onde ela está.

De repente, Matheo se levantou buscando a foto de Olívia sobre as coisas na mesa e a observou com cuidado. Outra, não a que ela estava de vestido.

Ele pareceu ficar pensando alguns minutos, primeiro friamente, depois calculadamente, e então falou num tom sério quando chegou a uma conclusão.

— Violet, ela é idêntica a você.

— Sim... – concordei, queria saber onde ele queria chegar. A detetive ouvia a mesma coisa.

— Ela poderia facilmente se passar por você com roupas iguais e alguma maquiagem.

— Sim...

— Ela poderia inclusive ir a outro país se estivesse de posse dos seus

documentos.

— Aonde quer chegar, senhor di Barbieri – a detetive sempre o chamava por senhor nas horas críticas, apesar de eles já terem um passado juntos, e a respeitei um pouco mais por isso.

— As passagens, Violet – ele disse – as passagens que eu encontrei na internet em seu nome. Ele deve tê-las usado para ir a outro país com sua irmã. Eu não sabia o nome dele, por isso não consegui encontrá-lo antes.

— Qual o destino das passagens? – a detetive já estava com o telefone na mão discando números aleatórios.

— Estou tentando lembrar... – Matheo fechou os olhos e pensou um pouco.

— Por favor, Matheo, lembre-se – eu pedi – faça um esforço, por mim!

Ele forçou o cérebro, ele apertou os olhos, em desespero, e então, finalmente soltou: — Lembrei! As passagens tinham destino para El Salvador.

PROMESSAS FALSAS

— Como se sente?

— Como eu me sinto? – eu perguntei de volta, mas respondi – eu me sinto como se alguém tivesse me sacudido muito e eu ainda estou tonta.

Eu estava com dor de cabeça, era a primeira vez em séculos que eu tinha dor de cabeça. E isso se devia a enxurrada de novos fatos que me surgiram. Eu estava preocupada, preocupada demais, com essa minha irmã até então desconhecida. Ela estava nas mãos de Isaac? Ela teria sido levada para El Salvador, assim como Matheo tinha visto nas passagens? E, puta que o pariu, Guilherme era mesmo meu irmão? Se existisse inferno, cara, eu estava nele.

E se não fosse pela massagem que Matheo estava fazendo no meu pescoço, enquanto ficava em pé atrás de mim, e eu sentada numa poltrona, mesmo que ele estivesse tão preocupado quanto eu, eu já teria sucumbido há mais tempo.

Segundo a detetive Perellon, não havia muito que eu ou Matheo pudéssemos fazer agora. Ela ligou para alguns dos contatos dela da INTERPOL, eles disseram que o caso sairia das mãos dela para ir para as mãos dele, apesar de, civilmente, ela ainda estar trabalhando no caso para Matheo.

— O que está pensando, Violet? Diz-me, para que eu tente te confortar.

— Ah, Matheo – eu falei baixinho – mil coisas.

— Você pode ir dizendo-as, uma a uma, eu tenho paciência para ouvi-las.

— Não, Matheo, você não tem não.

Eu estava em paz, nestes dias. Nenhuma ameaça, nenhuma forma de mensagem dele. O que me levava a crer que, ou ele não sabia onde eu estava, ou ele estava planejando algo maior. Eu tinha que ir encerrar a minha conta no hotel Bay View, senão eu ficaria devendo uma pequena fortuna lá. E eu até achei que já tinha feito isso, mas só quando eu senti falta das minhas outras roupas e do meu canivete, foi que eu me lembrei deste detalhe.

Matheo de maneira alguma iria querer que eu saísse sozinha de casa, e eu não iria querer brigar com ele, já que ele não pode me proibir de fazer qualquer coisa. Então, depois que ele dormiu, eu levantei bem devagar e peguei minhas roupas. Me vesti na sala e saí do apartamento silenciosamente.

Pedi que o chefe da portaria pedisse um táxi e dei uma gorjeta para ele quando ele o fez prontamente. Entrei no táxi e me vi sendo levada pelas ruas de Yellowstone Hill até o hotel Bay View. Eram quase duas da madrugada, e eu sei que se Matheo acordasse e não me visse ao lado dele quando ele acordasse iria soltar todos os cachorros para cima de mim, mas, mesmo assim, eu precisava resolver logo isso.

Eu posso estar parecendo uma doida, mas eu queria que ele estivesse lá, não Matheo, o outro, eu queria saber o que ele queria em troca de deixar minha irmã em paz.

O hotel estava tranquilo, eu pedi que o vigilante noturno avisasse ao responsável pela entrada e saída de hóspedes que eu iria fazer o check-out.

— Avisarei, senhorita – ele disse – aguarde uns minutos, ele já virá atendê-la.

— Eu vou esperar no quarto – eu disse – ainda deixei algumas roupas aqui, gostaria de pegá-las.

— Fique à vontade.

Eu subi até o meu andar, pelo elevador, e entrei no quarto com o cartão que o mesmo moço que me atendeu me deu. Liguei as luzes, tudo estava silencioso, e isso era tão pacífico.

Peguei minhas roupas e coloquei numa sacola grande, uma qualquer que eu encontrei no pequeno armário do quarto. E guardei a roupa que eu usei no dia em que cheguei à cidade, mais algumas coisas que eu tinha deixado no quarto.

Ainda fiquei, uns bons minutos, sentada, quieta, esperando que me ligassem no telefone do quarto para que eu descesse e pudesse pagar minha conta e ir embora.

Eu não consigo nomear essa sensação estranha que sinto. Num dia, eu tenho três irmãos perdidos no mundo. Três apenas, todos homens, que sumiram para gastar o que herdaram do meu pai, no outro, Isaac Riley é o pai da minha irmã, Olívia Andrade, e, possivelmente, do meu irmão (OH, DEUS!) Guilherme Andrade.

Eu não sabia, eu sinceramente não sabia disso, se eu pudesse imaginar, mesmo que fosse uma possibilidade remota, que nós éramos pelo menos primos, eu teria ido embora sem nunca mais olhar na cara dele, não teria permitido um único beijo.

Se ele conhecia minha irmã, Olívia (isso ainda é muito estranho), então ele conhecia a mim bem de antes. Já que ela é um retrato fiel meu. Ele sabia bem com quem estava se metendo, e não é possível que ele seja tão louco a ponto de ter cometido incesto deliberadamente. E se ele fosse mais uma vítima? Mais uma vítima das loucuras de Isaac?

Eu acabei cochilando sobre a cama, de tanto ter permanecido pensando e pensando, meu cérebro precisou hibernar um pouco, quando acordei, acho que uma hora depois, foi com o telefone do quarto chamando.

— Olá?

— Violet Nella Sue?

— Sim? – respondi ainda sonolenta.

— Achei você.

Apenas estas duas palavras e a ligação fora encerrada. Depois disso, eu já

não sabia o que fazer. O sono tinha ido embora, tão rápido quanto veio, e eu fiquei em um estado de alerta imediato.

— Não, não! – eu fiquei pegando o telefone e tentando discar de volta, de volta para o número que me tinha ligado, mas não conseguia – por favor, atenda! – o desespero era tamanho, se ele tinha uma irmã minha em mãos, eu seria capaz de qualquer coisa para tê-la de volta.

Eu tentei, repetidas vezes, descobrir o número que me tinha ligado, mas não consegui.

O telefone tocou outra vez, corri para atendê-lo: — Onde você está? Eu vou até você!

— Senhorita Nella Sue, estamos na recepção, fechamos a sua conta. A senhora pediu para ser avisada. Além disso, - o homem disse – há alguém a esperando.

Eu desliguei o telefone apressadamente. O elevador estava parado no quarto andar, e ele não subia, apressada, eu desci pelas escadas, carregando a minha sacola e meu dinheiro nos bolsos do jeans que eu usava e, cansada e suada, cheguei à portaria.

— A conta? – perguntei arfando.

— Aqui.

O mesmo rapaz que me tinha atendido quando eu fiz o check in no hotel foi o responsável pelo meu check out. Eu paguei um valor acima do que estava naquele papel e não esperei o troco.

— Onde está a pessoa que me procurava?

— Na sala de espera – o homem disse e ainda me chamou a atenção quando eu saí andando – fica naquele lado.

Agradeci e andei naquela direção. Quando abri a porta, minhas esperanças se frustraram, não tinha ninguém alí. Eu me vi novamente na estaca zero, longe da minha irmã, longe do rastro daquele monstro que era o Isaac, e longe de qualquer esperança de encontrá-la.

— Encontrei você! – uma voz me chamou a atenção e pousou uma mão no

ombro. Eu gritei, inicialmente, mas ao me virar, vi um dos homens que trabalhavam para a detetive Perellon me dando um olhar de repreensão.

— O que estão fazendo aqui?

— Viemos buscá-la a mando da detetive Perellon – ele disse, e eu não lembrava o nome dele – O senhor di Barbieri ligou para ela informando sobre seu sumiço, ela nos mandou procurar em alguns lugares por você. Felizmente – ele ressaltou bem a palavra – a encontramos aqui.

— E o que irão me fazer? Prender-me? – eu perguntei irônica – eu não posso sair então?

Outra vez eu estava transferindo a minha raiva, e eu não deveria.

— Não, - ele disse – temos ordens para levá-la, em segurança, de volta ao apartamento do senhor di Barbieri. Ele a aguarda.

É, eu estava encrencada. Matheo tinha acordado e dado por minha falta. Se

ele soubesse o que eu tinha cogitado fazer, ele ficaria muito decepcionado. Eu não contaria sobre a ligação, não ainda. Eu esperaria por um contato de Isaac, ele já sabia onde eu estava, ele tentaria me ver, eu sei disso, e eu responderia ao seu chamado.

Entrei no carro, a contragosto, e fui levada de volta por todo o caminho de volta até o apartamento. O cara que trabalhava para a Perellon ficou na frente do prédio até que eu entrasse. Apertei a senha que levava para o andar de Matheo e me vi ficando mais nervosa cada vez que a luz alaranjada mudava de círculo.

As portas abriram e eu estava no hall de entrada do apartamento. Quando entrei na sala, Matheo estava sentado no sofá da sala, olhando em direção à porta, com um olhar irritado e preocupado ao mesmo tempo. Eu tentei sorrir para ele, mas ele não me sorriu de volta quando eu o fiz. Ele apontou para o local ao lado dele e eu soube que ele queria sentar, mas eu não queria discutir. Então permaneci de pé.

— Violet – ele disse – eu serei rápido.

— Pois não. – eu disse ainda de pé.

— Eu estou com os nervos à flor da pele, eu costumo ficar a noite inteira

acordando em intervalos repetidos, por que estou preocupado demais com você para dormir.

Fiquei apenas ouvindo enquanto ele se abria.

— Eu estou fazendo tudo o que posso para te ajudar, estou mesmo – ele disse – mas eu não vou ficar louco por isso.

— Não entendi.

— O que quero dizer é: eu não vou ficar matando a minha cabeça para te ajudar, se você vai ficar se comportando feito uma criança saindo escondida no meio da noite quando há um louco, maníaco e perturbado, atrás de você.

Ele respirou um pouco, e continuou a falar: — Eu só posso te ajudar se você quiser ser ajudada. Você tem idéia do que eu senti quando abri os olhos e você não estava ao meu lado? Eu achei que você estava sob algum tipo de chantagem e tinha ido encontrá-lo. Eu achei – ele se aproximou, finalmente e tomou meu rosto nas mãos esmagando um beijo nos meus lábios – eu achei que eu tinha perdido você.

— Não tem como você me perder, Matheo – eu disse.

— Por favor, não cometa nenhuma loucura. Não tente resolver as coisas sozinha outra vez. Se algo acontecer a ti, eu não conseguirei me perdoar.

— Ok.

— Me prometa.

— Eu prometo – eu disse e ele me abraçou.

— Jure!

— Eu juro.

Felizmente ele não era Nicholas, que sempre sabia quando eu estava mentindo. Por que eu tinha jurado em falso, e minha consciência me repreendia por isso.

O FIM DE UM SONHO?

MATHEO

Pelo modo fraco e sem verdade que ela tinha jurado, eu já sabia que ela não cumpriria com sua promessa. Violet estava escorregadia, não literalmente, eu a sentia fechando-se outra vez. Tentarei fazer uma analogia sincera: parece comigo quando aprontava, ou ia aprontar, e minha nonna estava de olho em mim. O modo que eu tentava esconder-me do castigo dela, era a forma que ela tentava se esconder de mim, neste momento.

Violet me deu um dos melhores sexos da minha vida antes de dormir, e eu não sabia o que deveria fazer para mantê-la ao meu lado. Violet, outra vez, parecia estar se despedindo, e eu odiava essa sensação. Eu sentia quando ela estava fazendo sexo comigo para me agradar, assim como sentia a diferença que era quando ela estava apenas querendo buscar seu prazer, e, a enorme diferença que era, quando ela queria que aquilo fosse apenas nosso.

Eu já conseguia distinguir as diferentes personalidades dela, apenas uma não me agradava. Essa que, insistentemente, me ordenava a ficar de fora enquanto ela mentia para mim e para si.

Eu tinha que redobrar o meu cuidado, eu tinha que estar sempre com um olho em Violet, mas eu também tinha que ir acertar as contas com Guilherme. Eu tinha que saber até onde ele sabia das coisas, até onde ele estava envolvido com o miserabile que estava perseguindo minha Violet.

Nicholas sabia que eu não ligava sempre para ele, e James estava envolvido demais com os próprios problemas com a infertilidade de Vivian para que eu os deixasse com mais coisas para pensar, então eu fui atrás do cérebro pensante.

— Vá para o Team Viewer – pedi-lhe.

— Dois minutos.

Eu conectei o aplicativo no notebook e o levei à minha "caverna" como Violet apelidou.

Nicholas já estava esperando.

— O que foi? – ele perguntou.

— Violet tem uma irmã, ela está desaparecida.

— Meu Deus do céu – Nicholas coçou um pouco a cabeça – pelo que eu sabia ela tinha apenas irmãos. Essa irmã é de ambos os pais?

Parece até que ele já sabia onde as coisas iriam parar.

— Não, ela é irmã de Violet apenas por parte de mãe.

— O pai é Isaac Riley? – Nicholas perguntou.

— Isso mesmo.

— Aquele maldito – ele disse – ele nunca deixou Violet em paz. Nem mesmo quando namorávamos, ele começou a persegui-la quando ainda estava com ela. Foi por isso que eu tratei de deixá-la sempre sob guarda intensiva.

— Eu já contratei os seguranças que me indicou. Eles estão sempre andando atrás de Violet, também contratei a CIC.

— Eu sei, a detetive Perellon entrou em contato comigo como você pediu. Ela me deixou a par de tudo.

— Estou preocupado – eu precisei dizer – eu tenho que deixar Violet pensar que as coisas estão bem, sempre bem, mas não estão tanto assim.

— Ela não pode saber que ele já está na cidade – Nicholas disse – ela ficaria desesperada, e frustraria todos os planos.

— Nicholas – eu tinha que perguntar – quando você vendeu as ações para Guilherme Andrade, sabia que ele era irmão de Violet?

— O que? – Nicholas pareceu confuso – irmão?

— Sim – eu expliquei – Guilherme Andrade, ao que tudo indica, é irmão de Violet. E também é irmão da meia-irmã de Violet, Olívia Andrade.

— Espera – Nicholas disse – eles tem o mesmo sobrenome. Eles se conhecem? Foram criados pela mesma mãe?

— Sim, criados pela mesma mãe. Ainda não sabemos quem é a mãe biológica de Guilherme. A Perellon diz que pode ser Collete.

— A mãe de Violet? Isso é impossível – Nicholas disse com o rosto perplexo pela verdade que a informação ocultava – isso significaria que Collete era uma criança quando foi mãe dele.

— E isso é uma das coisas que mais me deixa em choque.

— Eu vou cercar Guilherme – Nicholas disse – eu vendi uma parte das minhas ações, mas ainda tenho o cargo simbólico de presidente da empresa. Eu vou usar da autoridade que ainda me resta para ficar sempre perto dele.

— Ele irá desconfiar, não quero que se meta em mais problemas do que os que já te afligiram.

— Você é meu amigo, bem como Violet – ele disse – qualquer problema que seja o de vocês, também se torna meu. Além disso, foram as minhas ações que ele comprou para se aproximar da empresa e do seio do nosso convívio.

— Eu sei – eu parei um pouco – só me resta agradecer então.

Eu ouvi a voz de Nicole o chamando ao longe, ele se despediu.

— Preciso ir, minha filha está chamando, ela está com febre, não quero que se sinta triste e com falta do pai.

— Tudo bem.

— Ah, só mais uma coisa – Nicholas disse – mantenha Violet na ignorância, isso é segredo.

— Sim.

— Perellon me disse que as passagens não foram utilizadas. Onde quer que Olívia, irmã de Violet, esteja, é nos arredores da cidade.

— Então ela realmente está nas mãos de Isaac?

— Ou de outra pessoa.

— Guilherme?

— Ainda não o sabemos – ele se levantou e estendeu a mão para o notebook – eu realmente preciso ir. Você sabe o que tem que fazer.

Eu encerrei a conexão.

Me levantei, eu iria voltar para o quarto, deitar-me com Violet, mas assim que abri a porta, ela estava de pé, atrás dela, me ouvindo. Eu fiquei em choque, algum tempo, eu não sabia o que dizer.

Violet estava apenas com uma camisa enorme, minha, que ela tinha vestido antes de dormir, e um olhar que tinha raiva, decepção e tristeza ao mesmo tempo. Ela se aproximou de mim, dois passos apenas, e eu vi que ela estava com uma raiva profunda de mim. Eu nem pisquei e senti uma queimação no rosto.

Violet tinha um bom braço, e a mão firme, senti isso com o tapa que ela me deu.

— Você não tinha o direito de esconder isso de mim! – ela falou com uma emoção bem intensa na voz, raiva, ódio até – por que não me disse que ela estava na cidade?

— Violet, eu não podia falar – eu tentei me aproximar dela – eu tinha que te manter segura.

— E dane-se a minha irmã?

— Eu não disse isso.

— Ela está perto – ela falou horrorizada – e ele também. Já pensou se ele está fazendo com ela as coisas horríveis que queria fazer comigo?

— Violet, até ontem você nem mesmo sabia da existência de sua irmã.

— Essa é a questão, Matheo – ela disse – você sabia!

— Eu não poderia te colocar em perigo, - eu quis me explicar – você não me ouviria se eu pedisse para não ir atrás dela.

— Há quanto tempo sabe disso?

— Há algum tempo.

— Quanto tempo?

— Alguns dias.

— Então aquela cena na sala da detetive Perellon foi encenação? – ela falou – aquela surpresa ao ver a foto de Olívia? Aquela cena sua querendo lembrar do destino das passagens?

— Não, Violet – eu me apressei a falar – aquilo foi verdade, eu não lembrava. Eu só soube mais cedo que ela não tinha sido levada para o exterior.

— Cara... – Violet virou o rosto para não me ver – eu não sei nem quem é você direito. Eu achei que poderia confiar em você. Eu achei que você não me esconderia nada. Você é um mentiroso.

Eu não ia deixá-la fugir de mim, me ofender, quando o que eu estava fazendo era das tripas coração para mantê-la por perto. À salvo.

— Violet – eu a fiz olhar para mim pegando nos ombros dela – olha para mim! Você pode olhar nos meus olhos, agora, e dizer para mim que também não está escondendo nada? Pode prometer para mim, mas desta vez de verdade, que não há nada para me dizer que eu deva saber?

Violet olhou para mim assustada. Sem maquiagem ela parecia bem menos durona, mas não menos determinada. Ela não estava chorando mais, ela estava era com raiva, muita raiva.

— Não, Matheo – ela disse – eu não posso jurar, não posso prometer, não posso nada.

— Eu sabia.

— Você não sabe de tudo.

— Talvez por que você insista em me deixar no escuro.

Violet balançou a cabeça e começou a olhar para mim, de alto a baixo, e então falou como se estivesse se atentando ao fato somente naquela hora: — Sabe, eu achei que realmente daríamos certo – ela disse – eu achei que realmente eu poderia confiar em você. E eu me apaixonei, porque eu gosto de você como nunca antes eu gostei de qualquer outra pessoa – ela parecia estar me odiando com aquele olhar severo – e todos sabem o quanto eu lutei contra isso. Isso que eu ficava sentindo dentro de mim todo dia, dia após dia, querendo tomar conta de mim, me sufocando. Eu tentei resistir, mas cara, eu realmente me apaixonei por você.

— Violet, não faça nada de que possa se arrepender – eu disse – dessa vez não haverá mais volta.

— Eu não me arrependerei, Matheo. Eu me arrependeria se deixasse que isso acontecesse por mais tempo e enganasse a nós dois. Eu não posso mais, eu não posso dormir com um homem que está sempre mentindo para mim.

— Violet, eu nunca menti para você.

— Sobre aquelas moças? Sobre a sua modelo de "nu artístico" que eu sei bem que era uma de suas amantes? Sobre minha irmã estar por perto? Sobre Nicholas saber de tudo?

Eu não tinha o que falar.

— Eu não sou burra, Matheo – ela disse – eu seria burra se continuasse com um homem que eu não posso confiar.

Ela começou a andar em direção ao quarto e pegou uma bolsa de costa, que tinha comprado alguns dias antes, e colocou as coisas dela dentro. Pegou um papel sobre a escrivaninha e também algum dinheiro em espécie.

— Eu posso te arranjar mais algum, Violet.

— Não, eu não quero mais nada de você.

Ela jogou quatro cédulas de cem no meu rosto, com raiva, e esbravejou: — Isso é para compensar as mulheres que ganhei para ti.

Ela jogou mais outra cédula de cem.

— E isto é pelas minhas despesas.

Violet vestiu um short jeans e colocou um casaco grande sobre a roupa. Ela sairia do prédio parecendo uma mendiga, parecendo uma louca bagunçada desse jeito, e isso era um claro sinal de desespero.

— Você não está sendo justa comigo, Violet.

— E você nunca foi comigo, Matheo.

— Aquilo mais cedo – eu me referi ao sexo que ela tinha me proporcionado – foi uma despedida, não foi?

— Foi sim. E eu fico feliz que tenha entendido.

Ela andou em direção à porta do apartamento. Eu poderia amarrá-la na cama, mas ainda estava aéreo com tudo o que acontecia.

— Violet, se sair deste apartamento, nunca mais me verá na sua frente.

— Que bom, Matheo! – ela respondeu – por que é exatamente o que quero.

A porta do elevador se fechou. Indiretamente, a ordem de Nicholas tinha sido cumprida. Eu tinha terminado meu relacionamento com Violet. E isso foi a parte mais difícil da minha vida até então. Aceitar que ela fosse embora.

NÃO É O FIM, NÃO AINDA!

VIOLET

Eu não poderia permitir que Matheo se machucasse, eu não poderia. Assim que ele entrou no quarto, sabe-se lá como, mas Isaac sabia que eu estava sozinha. O telefone pré-pago que eu tinha comprado para ligar para Matheo quando eu ainda estava em East Valley tocou. O número não identificado no visor só poderia ser dele.

— Venha me encontrar.

— Quem é?

— Eu sei onde Olívia está – ele disse – eu sei para onde ele a levou. Eu vou atrás dela.

— Guilherme?

— Sim.

— Eu não posso sair, Matheo...

— Matheo corre risco de vida se você continuar com ele aí. Acha que Isaac o pouparia se ele não poupa a própria filha das atrocidades?

— E nem o filho.

— É, e nem o filho.

Matheo estava quieto. Eu achei que ele estivesse assistindo algum filme na sala, e eu ia levantar para ir atrás dele, mas Guilherme alertou: — Não o avise, se ele vier atrás de nós ele pode ser vítima também.

— Eu sei.

Por incrível que possa parecer, e mesmo que eu estivesse sendo burra como o inferno, eu sabia que o que ele estava me falando era verdade.

Eu ainda me perguntava, no entanto, como ele sabia minha localização.

— Como me achou?

— Não é muito difícil.

— Como me achou, Guilherme? – eu falei baixo para que Matheo não ouvisse.

— Isso não interessa – ele disse – o que importa é que estou do teu lado, e do da minha irmã, obviamente.

— Que merda, dá para falar as coisas para mim.

— O canivete. Ele colocou um rastreador no canivete.

O canivete do meu pai estava com um rastreador? Como isso aconteceu e quando?

— Eu estou esperando do lado de fora da rodoviária, Susan – ele me chamou pelo meu nome verdadeiro – por favor, não me faça esperar. Olívia precisa de nós.

Eu me levantei, minha vida parecia ainda mais confusa do que antes. Primeiro, Guilherme, em momento algum, pareceu achar que eu era irmã dele. Exceto, é claro, pelo elo entre nós dois, Olívia.

Ele estava com medo, assim como eu, por ela. E ela estava vulnerável também. Levantei-me e andei a procura de Matheo. A porta estava fechada, e ele lá dentro conversava com alguém. Por alguns minutos eu suspeitei dele, mas ouvi a voz de Nicholas e entendi tudo. Eles sabiam que Olívia estava na cidade, e tentaram me proteger.

Meu Matheo, sempre tentando me proteger. Ele carrega os meus problemas nas costas e mesmo assim faz com que eles pareçam um par de asas. Ele faria tudo por mim, eu sei, pelo modo que ele me olha, pelo modo que me toca e me protege, ele não está mais apenas apaixonado por mim. Eu não posso, todavia, estragar um futuro com ele. Eu preciso que ele esteja a salvo. Eu vou quebrá-lo outra vez, mas é para o bem dele.

Ouvi passos, e eu sabia que ele estava vindo em direção à porta. Enfiei o dedo no olho, para que produzissem alguma lágrimas e me ajustei para espera-lo. Ele perdoaria qualquer coisa que eu fizesse, eu sei. Mas ele nunca toleraria uma agressão. Aproximei-me, fingindo uma raiva exacerbada, e desferi um sonoro tapa em seu rosto.

— Você não tinha o direito de esconder isso de mim!

Matheo me olhou decepcionado, mas engoliu seu orgulho. Deus do céu, ele me amava mesmo.

— Violet, eu não podia falar. Eu tinha que te manter segura.

— E dane-se a minha irmã? – joguei com as palavras.

— Eu não disse isso.

— Ela está perto e ele também. Já pensou se ele está fazendo com ela as coisas horríveis que queria fazer comigo?

— Violet, até ontem você nem mesmo sabia da existência de sua irmã.

— Essa é a questão, Matheo. Você sabia!

"Que ele acredite nesse teatro ridículo, por favor".

— Eu não poderia te colocar em perigo, você não me ouviria se eu pedisse para não ir atrás dela.

— Há quanto tempo sabe disso?

— Há algum tempo.

— Quanto tempo?

— Alguns dias.

— Então aquela cena na sala da detetive Perellon foi encenação Aquela surpresa ao ver a foto de Olívia? Aquela cena sua querendo lembrar o destino das passagens?

— Não, Violet – ele queria tanto se justificar, e eu o entendia, como o entendia! Mas a vida dele corria perigo, e eu não poderia permitir que o meu passado causasse a mim uma perda igual a que Emil teve que passar. Trevor era um marginal de quinta. Isaac era um psicopata perigoso – aquilo foi verdade, eu não lembrava. Eu só soube mais cedo que ela não tinha sido levada para o exterior.

— Cara... – eu não poderia olhar seu rosto, eu cairia em contradição – eu não sei nem quem é você direito. Eu achei que poderia confiar em você. Eu achei que você não me esconderia nada. Você é um mentiroso.

— Violet, olha para mim! Você pode olhar nos meus olhos, agora, e dizer para mim que também não está escondendo nada? Pode prometer para mim, mas desta vez de verdade, que não há nada para me dizer que eu deva saber?

Eu não poderia falar, não para ele. Matheo iria até o fim do mundo se

soubesse que Guilherme tinha me ligado, ele o mataria, eu sei, eu sinto. E eu não queria mais mentir para ele, porém o fazia agora para seu bem.

— Não, Matheo. Eu não posso jurar, não posso prometer, não posso nada.

— Eu sabia.

— Você não sabe de tudo.

— Talvez por que você insista em me deixar no escuro.

Eu tinha que ser mais dura, ele estava vencendo. Ele não poderia acreditar que eu estava em perigo, ele precisava achar que eu estava indo realmente embora.

— Sabe, eu achei que realmente daríamos certo. Eu achei que realmente eu poderia confiar em você. E eu me apaixonei, porque eu gosto de você como nunca antes eu gostei de qualquer outra pessoa e todos sabem o quanto eu lutei contra isso. Isso que eu ficava sentindo dentro de mim todo dia, dia após dia,

querendo tomar conta de mim, me sufocando. Eu tentei resistir, mas cara, eu realmente me apaixonei por você.

— Violet, não faça nada de que possa se arrepender. Dessa vez não haverá mais volta.

Ele ameaçou, e eu titubeei por uns segundos. Ele queria, queria que eu ficasse, e usava as armas. Ao mesmo tempo me afastava de si.

— Eu não me arrependerei, Matheo. Eu me arrependeria se deixasse que isso acontecesse por mais tempo e enganasse a nós dois. Eu não posso mais, eu não posso dormir com um homem que está sempre mentindo para mim.

— Violet, eu nunca menti para você.

— Sobre aquelas moças? Sobre a sua modelo de "nu artístico" que eu sei bem que era uma de suas amantes? Sobre minha irmã estar por perto? Sobre Nicholas saber de tudo?

Eu joguei tudo o que sabia, embora eu mesma escondesse muitas coisas.

— Eu não sou burra, Matheo. Eu seria burra se continuasse com um homem que eu não posso confiar.

Peguei as minhas coisas. Ele tinha que achar que eu estava decidida.

— Eu posso te arranjar mais algum, Violet.

— Não, eu não quero mais nada de você.

— Isso é para compensar as mulheres que ganhei para ti.

Joguei cédulas no rosto dele, queria que ele me expulsasse, que ele tivesse raiva de mim, isso facilitaria muito as coisas.

— E isto é pelas minhas despesas.

Eu me vesti de qualquer forma para sair.

— Você não está sendo justa comigo, Violet.

Eu sei italiano fajuto. Eu sei, me perdoe. Eu vou resolver isso e volto para você, por você.

— E você nunca foi comigo, Matheo.

— Aquilo mais cedo, foi uma despedida, não foi?

— Foi sim. E eu fico feliz que tenha entendido.

Andei em direção à porta do apartamento, sem olhar para ele, pois eu desistiria no meio do caminho se o fizesse.

— Violet, se sair deste apartamento, nunca mais me verá na sua frente.

— Que bom, Matheo! Por que é exatamente o que quero.

A porta do elevador se fechou.

Eu estava fora da vida de Matheo, não sei por quanto tempo, talvez para sempre, dependia do que o destino me reservava.

Joguei o celular e o bilhete no elevador assim que saí Apertei todos os botões do elevador e o código do apartamento de Matheo por último. Quando o elevador abrisse no andar dele, ele veria as chamadas e o recado que eu deixei, explicando tudo. Ele entenderia que eu nunca quis deixá-lo, mas que eu precisei. Era a minha irmã, a vida de minha irmã, e ela era tão importante para mim quanto o era ele.

MATHEO

— Detetive Perellon – eu liguei para minha amiga.

— Diga di Barbieri – ela atendeu ao telefone no primeiro toque. Estava alerta sobre qualquer movimentação que aconteceria.

— Ela acabou de sair – eu disse, e minha voz estava triste, ela deve ter percebido.

— Achei que demoraria mais a conseguir – ela disse – está tudo bem?

— Sim, eu acho.

— Não se preocupe – ela disse num tom amigável – ela ficará bem. Meus homens já estão no encalço dela.

— E onde ela está?

— Pegou um táxi, a seguiremos.

— Eu odeio fazê-la de isca.

— É a única opção para conseguirmos atraí-lo no momento. Isaac Riley está na cidade, precisamos que ele se afaste de você, não sabemos o que ele seria capaz de fazer.

— Eu me importo com Violet, apenas, não mais comigo.

— Não se trata apenas de Violet e você – Anali disse – agora Olívia também está nessa equação.

— Eu sei, me desculpe.

— Não se desculpe – Anali explicou – Violet é inteligente, ela não sairia desse modo da sua casa se não tivesse um plano.

— Eu espero que sim. E se ela não tiver?

— Nesse caso meus homens e eu estaremos a postos.

— Agradeço.

Ela encerrou a ligação. Antes, quando conversamos à sós, e ela me tinha explicado que eu precisava me afastar de Violet, dar por encerrado a nossa relação para que Isaac pensasse que ela estava vulnerável. E eu tinha que ficar aqui, no apartamento aparentemente seguro, e ficar olhando as paredes enquanto outra pessoa cuidava de Violet, ou então outra pessoa a deixava desprotegida.

Eu não poderia ficar assim, eu não poderia. Era me sentir impotente enquanto eu precisava, verdadeiramente, precisava ir atrás dela.

Isso seria assinar a não conclusão do plano. Isaac era inteligente, ele saberia

se eu fosse atrás dela, ele tem que pensar que ela realmente foi deixada, ele tem que pensar que ela não está armando coisa alguma. Isso seria deixá-la em perigo.

O telefone toca novamente:

— Alô? – atendo ao primeiro toque como ela o tinha feito antes.

— Violet não foi encontrar com Isaac como tínhamos previsto.

— Então?

— Ela entrou num carro, depois que chegou ao aeroporto.

— Um carro?

— Sim. O registro do carro está em nome de Olívia Andrade. Da distancia em que estávamos não conseguimos ver o seu ocupante.

— Era Guilherme?

— Como disse antes, não sabemos quem era o ocupante. Continuamos no encalço deles, voltaremos a nos falar em breve.

— Detetive Perellon – eu chamei-a antes que desligasse.

— O que, di Barbieri?

— Cuide dela, por mim, ela é minha vida.

— Farei o que for necessário, não se preocupe.

ESCAPADA

— Para aonde estamos indo?

— Para minha casa.

— Certo, eu não sei onde fica sua casa.

— Em East Valley – ele disse – onde mais?

— Isaac saberá que eu estou com você.

— Não, Isaac acha que eu estou seduzindo você para torná-la fraca.

— Como é que é?

— Era isso que ele queria desde o começo, e eu até tentei, mas, convenhamos, não dá para olhar para você sem pensar na minha irmã.

— Você transou comigo, e eu sou sua irmã também.

— Não! – ele me olhou horrorizado mas tornou a olhar para o caminho – você não é minha irmã, você é irmã de Olívia, somente. Por parte de mãe.

— Você é irmão dela, mas não meu?

— Isso.

— Obrigada Universo! – eu olhei para o alto – finalmente alguma coisa para me redimir – eu bati no braço dele – e por que aceitou transar comigo então se viu que eu era parecida com sua irmã, seu louco?

— Você é gostosa – ele deu de ombros.

Eu estava a ponto de arrancar o volante e jogar na cabeça dele. Como ele se atrevia?

— E por que o plano não deu certo?

— Que plano?

— O que você tinha com Isaac?

— Eu gostei de você.

— É, definitivamente você é louco.

— Não estou falando desse tipo de gostar, estou falando de simplesmente gostar. Você não se parece com a garota assombrosa que ele me descreveu. E eu percebi, tarde demais, que eu estava sendo manipulado.

— Eu não sou assombrosa.

— Quando eu te vi a primeira vez eu te achei assombrosa sim – ele disse – mas então eu fiquei te vigiando, e você não fazia as coisas que ele me disse que você fazia.

— Que tipo de coisas?

— Ele disse que você foi a responsável pela doença da Collete, e que se não fosse por isso, Olívia não teria que ser adotada pela minha mãe.

— Espera, quem é sua mãe mesmo?

— A ex-mulher de Isaac, Elisa, ela era uma imigrante ilegal, ele ofereceu trabalho, e então ficou com ela. Eles casaram assim que a primeira mulher dele morreu, creio que sempre tiveram um caso.

— Espera, então é por isso que você foi criado no Brasil?

— Por ela ser brasileira? Sim. Um dia ele chegou com um bebê nos braços e mandou que ela criasse, eles registraram a criança no nome deles, como se fosse adotada.

— Existem leis para isso – eu interrompi.

— Collete assinou documentos passando a guarda da criança, foi bem antes de ela ser interditada. Minha mãe percebeu que ele começou a ficar estranho, ele dava atenção demais à pequena menina, e então fugiu com ela para o Brasil. Eu já morava lá, na casa da minha avó materna.

— E como sabe disso tudo?

— Minha mãe me contou, tínhamos uma boa relação, quando ela levou Olívia para o Brasil, eu já tinha quatorze anos. Ela se abria comigo.

— Entendi.

— Quando ela morreu, eu e minha irmã ficamos morando no Brasil, eu

terminei meus estudos, eu completei a maioridade, esperei depois que ela completasse dezesseis anos e se formasse no ensino médio – ele virou para mim com um orgulho no olhar – ela é bem adiantada – ele olhou novamente para frente, para o caminho – se eu soubesse que isso tudo aconteceria, eu teria deixado vocês aqui, com os seus malditos problemas, e nunca teria voltado para cá. O Brasil parece o paraíso perto do inferno que estou passando aqui.

— Bem vindo ao primeiro mundo, brasileiro.

— Você gosta mesmo do Barbieri?

— Por que tá perguntando?

— Por que aquele cara é um tremendo de um mulherengo e descompromissado.

— E quais são minhas demais alternativas? Você? Com seu ar criminoso e meu meio-irmão? Meu melhor amigo bissexual Alex?

Assim que falei aquilo, lembrei-me do que Guilherme tinha dito momentos atrás. Meu canivete tinha um rastreador. Aquela cena, na entrada do apartamento que Matheo tinha comprado e, agora, alugado para ele. Ele insistindo para que eu o pegasse, para que eu levasse o canivete comigo.

— Alex? – eu perguntei atônita para Guilherme. Nem precisei completar essa pergunta, ele olhou para mim e confirmou apenas com um aceno de cabeça.

— Alex.

— Eu não consigo acreditar... Alex? Meu Alex? – eu falei ainda em descrença – o cara que eu beijava quando não tinha ninguém mais para beijar.

— É, esse cara aí mesmo.

— Você está mentindo.

— Eu já te tenho no mesmo carro que eu, eu poderia te entregar para Isaac e pegar a minha irmã de volta, se eu quisesse, para que eu mentiria?

— Vai ver é sua índole.

— Ou a sua...

— O que?

— É, Violet, você mente demais. Para todos, para si, para Matheo, que você diz gostar. Esconde demais as coisas, quer dar uma de mulher maravilha, mas você é apenas uma pessoa comum que não quer aceitar ajuda. Alex foi espancado por aqueles caras da gangue, não porque ele era uma bicha, mas porque ele está devendo a eles. Aquilo era uma forma de cobrar a dívida.

— Oras, cale a boca.

— É a verdade. Isaac se ofereceu para pagar a dívida em troca de ajuda.

— Que mentira... – eu não estava mais tão segura assim.

— Ouça, finja que sou seu irmão mais velho.

— Você já é meu meio-irmão.

— Não, eu sou seu irmão de consideração. Ou nem isso, caso não queira. Collete não é minha mãe.

— E eu já agradeci o universo por isso.

— Merda! – ele xingou de repente e eu me perguntei por que ele estava xingando.

Quando eu olhei pelo retrovisor do carro, notei que, há alguma distancia, tinha um carro nos seguindo. Minha teoria se confirmou quando, duas quadras depois, Guilherme já tinha feito várias retornos e ele não sumia.

— Coloque o cinto – ele disse e eu obedeci, instintivamente.

Assim que o fiz Guilherme pisou no acelerador com força, os pneus cantaram no asfalto e ele pegou uma das ruas principais. O carro atrás de nós repetiu o movimento que Guilherme começou, mas um pouco atrasado. Nós já tínhamos ganhado alguma vantagem, estávamos um pouco mais distantes visto que o carro de Guilherme era bem mais veloz do que a pick-up preta.

Eu, que estava tentando me esticar no banco para espiar o carro atrás, me desequilibrei quando Guilherme fez uma curva repentina e entrou numa rua escura, parando um bom espaço à frente, num corredor entre dois depósitos de bebidas e levando o carro até o fundo do terreno. Ele desligou todas as luzes e o carro.

— Fique em silêncio – ele mandou.

Eu já estava em silêncio, mas não iria discutir, eu estava assustada para caramba e precisava urgentemente fazer xixi. Sim, eu precisava mesmo. Ficamos alí um bom tempo, longos minutos, até que Guilherme achou que seria seguro para nós sairmos.

— Era Isaac?

— Não, ele nem deve sonhar que eu estou com você!

— E quem era então?

— Como vou saber? Provavelmente era um dos caras que o seu namorado pagou para ficar no seu encalço.

— Ele não pagou ninguém, que eu saiba – o olhar que ele me deu após o que falei, mostrou que ele me achava inocente demais.

— É, ele pagaria um exercito, se ele mesmo não o fizesse.

— Ele não tem que querer fazer nada agora, não vou aceitar que uma imprudência dele coloque em risco tudo que já conquistei. Eu estou muito perto de ter minha irmã de volta.

— Naquele dia – eu perguntei – naquele posto – lembrei-me – era você no carro? Atrás de mim? Você estava indo ver Olívia?

— Eu não sei onde Olívia está. Ele está com ela, se eu soubesse já a teria arrancado das mãos dele há mais tempo.

— E ele? Onde está?

— Ele estava no Bay View – ele disse – ele sabia que você estava lá.

— Pelo canivete?

— Isso mesmo.

— Que merda, como ele conseguiu isso?

— Não pergunte para mim. Só muito recentemente eu acordei.

— O que te fez acordar?

— Bom, isso não é da sua conta.

Ele levou o carro até um heliponto particular num clube de golfe. Lá tinha um helicóptero libélula nos esperando.

— Você não espera que eu entre nisso com você, né?

— Cobriremos a distancia até meu apartamento mais rápido. A não ser que queira ir de avião ou ônibus, neste caso esteja livre para ir só e correr o risco de Isaac pegar você.

Eu precisei pensar um pouco.

— Está com medo de que? Não parece ser o tipo de pessoa que tem medo de altura.

— Eu não estou com medo de altura, estou com medo de entrar aí com você e você me empurrar lá de cima.

— Isso desestabilizaria o aparelho, acha que sou louco?

— Sinceramente, acho.

— Bom, eu não sou esse tipo de louco. Eu gosto de estar vivo.

Ele me estendeu a mão e eu entrei no pequeno helicóptero. Ele também entrou e começou a ajustar todas as parafernálias tecnológicas que nos deixariam seguros, antes de fechar a cápsula.

A partir daquele momento só nos comunicaríamos pelos fones.

— E o carro?

— Um dos manobristas deixará na minha vaga do clube de golfe.

— Isto aqui é seu?

— O clube de golfe? Não.

— O helicóptero?

— Também não, é de Olívia.

Ele já estava ganhando altura, e pediu que eu não o distraísse até ele dar sinal que poderíamos conversar. Quando isso aconteceu, eu já tinha uma pergunta na ponta da língua.

— Quem você estava indo ver naquele dia, quando você me beijou?

— Qual dos beijos?

— Não se faça de desentendido – eu briguei – sabe bem que dia estou falando. No posto.

— Eu estava indo ver sua mãe. Collete Collins.

PLANOS, MUITOS PLANOS ...

VIOLET

— Qual é o plano?

Eu tinha que perguntar. Guilherme parecia estar agindo tão impulsivamente quanto eu. Ele não tinha uma coisa organizada, esquematizada, preparada para que surpreendêssemos Isaac. Na verdade a decepção foi grande quando ele respondeu um calmo e sem vontade: — Não tenho... – ele completou – não ainda.

Ele tinha pousado o "libélula" no heliporto de um hotel no topo de um hotel. Não dormiríamos nesta noite na casa dele. Assim evitaríamos um encontro repentino com Isaac. Tínhamos, portanto, a noite inteira para conversar.

— Eu ainda não consigo acreditar que Alex fingiu ser meu amigo todo esse tempo.

— Eu creio que ele acabou se tornando seu amigo, mas não poderia deixar o lado de Isaac, ele crê que o lado dele é o mais forte.

— Naquele dia – eu perguntei quando me lembrei do dia em que Matheo

retirou Alex das mãos daqueles gangsters – que Alex foi espancado, foi Isaac?

— Não sei do que está falando.

— Uma manhã, Alex e eu estávamos caminhando pela rua, normais, e uns caras apareceram e começaram a socá-lo.

— Não sei, acho muito pouco provável, Isaac não deixa rastros.

— Mas você me disse, no helicóptero, que conhece todos os passos de Isaac.

— Sim, mas nem sempre ele me deixa por dentro das coisas que ele faz por impulso.

— Sua mãe não é a minha, você realmente tem certeza, não é?

— Absolutamente. Meu nascimento foi gravado, minha mãe guardou a fita por um bom tempo.

— Poderia ser outro bebê?

— Impossível.

— Qual a impossibilidade?

— Esta – ele estendeu a mão para mim e mostrou sobre o pulso, um sinal amarronzado, não tinha uma forma definida, mas era único – é um sinal de nascença, eu o tenho no mesmo lugar que a minha mãe.

Indiscretamente procurei a mesma marca no meu pulso, mesmo eu já tendo olhado mil vezes e sabendo que ela não estava alí, ou que nunca houve uma dessas alí.

— Olívia tem uma igual a esta – ele acarinhou a marca de nascença – acho que ela a herdou de mim.

— Você gosta muito dela né?

— Minha irmã – ele explicou – eu não gosto dela, eu a amo.

— Sabe o que eu me pergunto, Guilherme?

— O que?

— Até onde você estaria disposto a ir por ela.

— Eu iria até o fim do mundo por ela.

— Ela sabe de mim?

Guilherme ficou me olhando por um tempo, e eu jurava que ele diria que

não. Mas ele piscou e respondeu: — Sim, agora ela sabe.

Ficamos um pouco em silêncio, foi ele quem começou a falar sem que eu perguntasse.

— Eu morria de ódio de você. Isaac tinha enchido a minha cabeça com as piores coisas. Ele dizia que você tinha sido a culpada por Olívia não ter sido contemplada no testamento, que foram as coisas que você aprontou que acabaram deixando-a naquele estado. Ele disse que você sempre se interpunha entre os dois. E eu fui manipulado por um bom tempo, até que eu acreditasse na verdade que minha mente sempre me soprava "ela é inocente, ele é louco".

— Inocente eu não sou, eu realmente causei problemas, mas, puta que o pariu, ela é minha mãe. Se eu nunca fiz nada contra Isaac até hoje, é porque ele tinha minha mãe em mãos, e sempre que eu a encontrava, ele a mudava de lugar, e eu tinha que vasculhar as redondezas para encontrá-la outra vez.

— Ele nunca vai longe – Guilherme disse – ele sempre fica pelas redondezas do Arizona, eu ainda não sei o motivo. Suponho que ele tenha uma família, ainda não sei. Suspeito de tantas coisas.

— Ele também pode estar encurralado, imagina se ele fez coisas erradas em

outros estados?

— Ele não faz coisas erradas – Guilherme me corrigiu – ele é um criminoso, ele comete crimes.

— Ok, erro meu.

— Eu tenho que pensar no que faremos.

— E eu também... – completei – não pense que me engana.

— Como assim?

— Eu sei bem que eu sou a sua moeda de troca, que você é capaz de me entregar a Isaac para obter Olívia.

Guilherme não falou nada e, por algum motivo, aquilo me lançou um arrepio que percorreu a espinha, mas me controlei para não parecer amedrontada.

— A questão agora é: eu estou tão interessada no bem estar dela quanto você. E eu seria capaz de blefar por ela, eu fingiria que me entregaria. E se não fosse o suficiente, eu assinaria qualquer papel para que ele tivesse tudo, mas devolvesse Olívia a você.

— Eu sei – ele me deu um sorriso de canto e pegou minha mão, a guardando entre as dele – mas espero que isso não seja necessário.

— Pode crer, amigo, eu também.

Ele me sorriu e o serviço de quarto do hotel trouxe comida para nós dois, já era quase manhã, e não teríamos muito tempo para descansar antes de sair. A única coisa que Guilherme deixou bem explicita, foi que ele continuaria agindo como se nada tivesse acontecido. Como se ele tivesse ido ao clube de golfe, como fazia a cada quinze dias desde que tinha chegado à cidade, e que voltaria ao escritório na manhã seguinte.

Também tinha deixado claro que eu deveria ficar no apartamento, e não

abrir a porta para ninguém ou sair para qualquer lado. Eu não gostei muito desta parte, odeio me sentir presa a qualquer coisa.

Guilherme se levantou e pegou minhas coisas, levando-as para por perto da cama, onde eu dormiria, ele ficaria na cama dobrável. Eu até quis descansar, mas não consegui. Eu esperava, sinceramente, que Matheo encontrasse logo as coisas que deixei. Eu sabia que ele faria exatamente o que eu faria se estivesse lá. Ele é esperto, muito inteligente e perspicaz, eu acho que não há como sermos mais conectados que estamos.

Olhei para a sala, Guilherme tinha dormido, ele estava com os pés para fora daquele móvel pequeno, mas tinha conseguido dormir. Eu estava numa cama enorme, confortável, mas minha mente não parava. Eu estava preocupada com tudo, com o mundo inteiro, eu precisava pelo menos ter certeza que Olívia estava bem, que Matheo estava bem, e que eu mesma ficaria bem. Eu preciso disso para poder raciocinar melhor.

MATHEO

Quando o telefone tocou após alguns longos vinte minutos, eu sabia que eles a tinham perdido de vista. Eu nem mesmo atendi ao telefone, eu só quis sair daquele local e procurá-la, que se dane o que ele ia fazer comigo, ele não a tomaria de mim sem uma boa briga. Maldito Isaac Riley, como posso odiar tanto uma pessoa que sequer conheço?

Vestime rapidamente e sai pelo elevador. Eu não queria ficar perdendo mais tempo alí. Eu sabia que os homens da detetive Perellon continuariam a procurar por Violet, do modo deles, mas eu iria procurá-la do meu jeito.

Entrei no elevador, e estava distraído demais pensando num plano para encontrar Violet, que quase não notei o celular dela aos meus pés. Peguei-o, embaixo dele tinha um papel amassado. Violet era esperta, eu sabia que aquilo era um recado.

"Eu jamais conseguiria não gostar de você, não acredite em nada do que eu disse, e, por favor, não venha atrás de mim, eu vou até você quando chegar a hora. Havia um rastreador no canivete.".

O modo que o papel fora amassado, para passar a impressão de que era lixo, me fez pensar que Violet achava que estava sendo vigiada. Peguei o celular, travei o elevador, e verifiquei o histórico de chamadas. Havia uma chamada de

poucos minutos antes de discutirmos. O número não tinha identificação.

Apertei o código para voltar ao apartamento e procurei o notebook.

— Ok Google – eu dei o comando e o navegador da web abriu – Como descobrir quem me ligou de um número privado.

O primeiro resultado me mostrava seis aplicativos para quebrar a segurança e rastrear o número. Cliquei nele e baixei o primeiro deles no aparelho. TrapCall que me permitiria conhecer o nome, endereço e o bendito número do telefone celular usado para receber a chamada desconhecida.

Meia hora, foi necessária apenas meia hora para eu conseguir o endereço do maldito celular, que ficava na cidade de East Valley, e depois conseguir o nome do maldito.

"Guilherme Andrade".

Ele quem tinha ligado para Violet, e fora ele o culpado por ela ter saído

daquele jeito. Eu ficaria com o celular dela, assim quando alguém mais ligasse, e por "alguém" me refiro a Isaac, eu conseguiria saber a localização dele.

Eu precisava manter a sanidade, eu precisava ficar calmo, eu precisava pensar em tudo friamente e não agir de forma precipitada, isso seria por tudo a perder. Guilherme estava com Violet, isso me deixa numa situação menos complicada. Guilherme não seria tão tolo a ponto de sumir com ela, nós temos todos os dados dele na empresa, isso significa que poderíamos rastreá-lo e denunciá-lo facilmente.

Preciso apenas ter uma idéia, algo que faça com que Isaac continue pensando que não estou mais interessado em Violet enquanto eu, ainda assim, corro atrás de Guilherme para não perder o rastro daquela.

Eu tinha que ir para East Valley, eu tinha que voltar àquela cidade outra vez, mas precisava de uma boa desculpa para isso. Talvez James pudesse pensar em alguma coisa.

— Não seja idiota, Matheo – repreendi a mim mesmo – James está totalmente fora desta confusão, não lhe meta nisso.

Arrumei algumas peças de roupa numa maleta de trabalho, e uma

quantidade razoável de dinheiro. Assim que amanhecesse, eu voltaria a East Valley, eu estaria onde Violet estivesse, assim poderia protegê-la, e se bem pensei direito, Guilherme não seria tolo a tal ponto de levar Violet para a casa dele, ele devia estar com ela nalgum lugar por alí, e eu iria descobrir.

SÓ UMA DISCUSSÃO A MAIS

MATHEO

Eu via tudo vermelho, absolutamente tudo. Até eu conseguir um voo para East Valley se tinham passado dois dias. O tempo estava mudando, e os ventos pareciam estranhos. Nenhum piloto particular quis se aventurar em tais condições. Ainda mais com a chuva que chegava. Eu também lamentei o fato de ter dormido com a minha professora, a que me dava aulas de pilotagem de mono e bimotores, eu acabei ficando meio sujo na praça e não pude concluir meu curso.

Por isso tudo, quando eu cheguei à East Valley, eu, além de cansado, estava muito puto com a vida e comigo mesmo. O plano inicial era ir à casa de Nicholas, e falar com ele, ver o que ele tinha descoberto analisando a documentação de Guilherme, mas eu acabei não indo. Eu tinha certeza que se ele tivesse descoberto alguma coisa eu seria o primeiro a ser avisado.

Meu plano era o seguinte: ir ao escritório da Prime Advogados e Associados, e socar a cara de Guilherme até ele pedir arrego.

Eu não tinha dormido direito durante esse tempo, não tinha sequer conseguido me alimentar direito, um homem com fome, sono, saudade da mulher que adora, não é um homem normal.

Corri até um ponto de táxi e consegui chegar ao escritório.

— Bom dia, Senhor di Barbieri... – As palavras das recepcionistas morriam na boca por causa da surpresa – não o estávamos esperando, posso ajudar em alguma coisa?

— Onde está o senhor Andrade?

— Numa reunião – a mais antiga delas me alertou – chega em quarenta minutos, quer que eu o avise quando ele chegar?

— Não, eu vou esperar na sala dele.

— Sim, senhor.

Eu andei pelos corredores, com certeza elas tinham notado meu mau humor, pois não sugeriram qualquer alternativa (nenhum dos sócios gostava de ter sua sala invadida, mesmo que fosse por outro sócio). Entrei na sala do Andrade e até quis mexer nas gavetas em busca de pistas de Violet, mas eu não costumo subestimar meus oponentes. Peguei o celular descartável que eu tinha comprado, e o coloquei dentro de uma das pastas que Guilherme tinha, assim eu conseguiria descobrir seu endereço.

Sim, afinal, todo homem tem que ter seus truques.

Fiquei sentado na cadeira dele, e esperei que ele voltasse. Foram os trinta minutos mais longos da minha vida (não quarenta como as recepcionistas disseram). Ouvi a voz dele no corredor, e, logo em seguida, ele entrou pela porta.

Assim que me viu, o sorriso que ele tinha no rosto sumiu: — Di Barbieri?

— Onde está Violet?

— E como eu vou saber onde a puta da sua namorada está?

Eu me levantei imediatamente e me aproximei dele pegando-o pelo colarinho da camisa e o empurrando contra a parede.

— Não brinca comigo, Guilherme, você está mentindo e você não sabe o que sou capaz de fazer – eu falei bem perto do rosto dele empurrando-o mais contra a parede a cada palavra – onde está Violet?

— Eu já disse que não sei! – ele quis me empurrar de volta.

— E eu já disse que você está mentindo! – minha raiva se tornou maior do que eu e não consegui controlar meus instintos. Desferi um soco no rosto de Guilherme e ele piscou algumas vezes para desanuviar a mente.

Ele conseguiu se soltar e me deu um soco que pegou na maxila, dei outro de volta perto dos olhos. E ele me empurrou para trás, eu bati na mesa e por pouco não a derrubei com a minha altura.

— Seu miserável – ele reclamou quando o larguei assim que ele foi secar com as costas das mãos o sangue que pingava da maça do rosto para a camisa branca bem passada – ainda se acha inteligente. Não vê que estou do lado de vocês?

— Então foi esse o papo que você jogou para cima de Violet para fazê-la sair daquele apartamento contigo depois de receber a tua ligação?

— Ele está com Olívia, e se você realmente for esperto, já sabe quem ela é.

— É óbvio que sei quem é Olívia.

— E se colocar o cérebro para raciocinar mais um pouco, saberá que Violet quer encontrá-la tanto quanto eu. E que ela, assim como eu, seria capaz de qualquer coisa por Olívia.

— Esse é o ponto, Guilherme – nos enfrentamos com um olhar como se estivéssemos prontos para um novo combate – eu sei exatamente do que você seria capaz por ela.

Guilherme não falou nada, e isso apenas acendeu ainda mais o meu medo e dúvidas. Sim, por que, por dentro, eu estava amedrontado. Violet estava longe, havia um Stalker atrás dela, a irmã dela corria perigo, a mãe dela corria perigo, e eu poderia nunca mais vê-la.

— Você vai me dizer onde Violet está, e ela não está no seu apartamento, disso eu tenho certeza.

— Muito esperto – ele respondeu – estamos num hotel, iremos ao meu apartamento à noite.

— Isso não é seguro.

— Nada é, pelo menos não cem por cento, seguro com ele por perto.

— Não esqueça que Collete também está vulnerável, vocês não lembram dela, mas eu sim lembro.

— Se está preocupado porque não vai vê-la?

— Eu não sei onde ela está, idiota.

— Ela nunca saiu dos arredores de Phoenix, lá só há três hospitais mentais, procure.

— O que você quer é me despistar, acha que não percebo? Quer que eu fique longe.

— Sim, é o que quero.

— E para que quer isso? Se você está do meu lado como diz, saberia que dois contra Isaac é bem melhor do que um.

— Esse não é o problema!

— E qual é a porra do problema?

— Ele precisa acreditar que eu a conquistei.

— O que? Você é louco? Você é irmão dela.

— Não, eu não sou. Ela e Olívia tem a mesma mãe em comum, são irmãs, Olívia e eu temos o mesmo pai, portanto é minha irmã. Eu e Violet não temos o mesmo pai ou mãe, não somos irmãos.

— Quem te disse isso? – Ele pareceu pensar um pouco na resposta, eu continuei – porque, me desculpe o que vou dizer, mas vocês dois são parecidos, ambos loiros, dos olhos claros, altos.

— Não entendo aonde quer chegar com isso.

— Não entende ou não quer entender? – perguntei – você já parou para pensar que Isaac é um louco? Um doente? Que ele manipula a verdade e faz com que ele pareça sempre o certo? Collete é a prova viva disso. Ele pode muito bem ter feito você acreditar que não era irmão de Violet, ele pode ter te manipulado também apenas para conseguir aquilo que ele quer.

Guilherme ficou sem reação por algum tempo, por dois tempos. O olhar dele mostrava uma dúvida que o fez parecer perder o chão por dois segundos. E eu esperei que as palavras fizessem exatamente o sentido que eu queria.

— Ele não é tão louco assim... – Guilherme balançava a cabeça – ele não seria capaz...

— Você deve ser muito burro mesmo – eu disse – ele é capaz de sumir com a própria filha, extorquir o filho, no caso você, enlouquecer uma ex-mulher, e perseguir feito um sem-juízo a meia-irmã de vocês. E você ainda diz que ele não

seria capaz? Guilherme, acorda para a vida, ele seria capaz de qualquer coisa.

Ele começou a respirar profundamente e de forma nervosa, eu até fiquei preocupado, mas aí ele esmagou um pouco a cabeça com as mãos e falou olhando para mim: — Se isso que você está dizendo for verdade, eu o matarei com as minhas próprias mãos.

— É mesmo, e por quê?

— Porque ele vai ter me contaminado com a sua doença, pois, por mais que eu não queira e tenha lutado contra isso, eu estou interessado em Violet.

— E você fala isso assim?! Na minha cara?! Não tem apreço pelos próprios dentes?! – eu me aproximei outra vez pegando no seu colarinho mas o empurrei contra uma poltrona.

— Eu estou fodido, di Barbieri, se você me quebrar agora, não vou sentir um décimo do que estou sentindo por dentro – ele disse – se isso que você falou for verdade, eu não vou conseguir viver com isso, e nem Isaac vai.

O olhar dele era sanguinário, e eu tentei segurá-lo na poltrona por mais tempo, mas ele pegou a maleta dele do chão, e o paletó que estava sobre o encosto da cadeira dele.

— Do que está falando? – foi minha vez de perguntar.

— Estou falando que, se Isaac me induziu a dormir com a minha própria irmã, eu o matarei. Eu o matarei nem que me mate depois.

— Ele é seu pai, e a morte é muito pouco para o que ele merece, ele tem que sofrer ainda, e muito, por tudo o que fez.

— Eu sei, e ele vai, porque, se ele fez isso, eu o farei pagar por tudo, eu farei companhia para ele no inferno.

Guilherme disse e saiu pela porta, carregando alguns presentes meus: uma camisa esgarçada, um corte na maçã-do-rosto, uma mente perturbada, e o celular para seu rastreio.

EU FALEI QUE IA TE ACHAR

Quando Guilherme entrou pela porta, ele tinha um olhar furioso. Eu olhei para ele e não entendi direito a que aquilo tudo se devia, mas quando desci só um pouco mais os olhos e vi que ele tinha um machucado no rosto e cara de quem tinha brigado. Bom, uma das duas coisas tinha acontecido: Ou Isaac tinha pegado ele, ou Matheo o tinha.

— Ande, se arrume – ele disse – nós vamos sair daqui.

— O que? Mas Já, por quê?

— O seu namorado quer dar uma de super-herói, e isso é perigoso.

— Matheo? Foi ele que fez isso? – eu apontei para o rosto dele, minha vontade foi de sorrir, mas ele estava irritado demais, e eu não queria ter que brigar com ninguém hoje.

— Sim, foi ele que fez – Guilherme disse e jogou a pasta dobre a cama,

despejando sobre ela o seu conteúdo e procurando alguma folha específica, no meio dos papeis, tinha um celular, mas ele não notou, acho.

Disfarçadamente (e por disfarçadamente quero dizer que eu me joguei sobre a cama e coloquei o celular debaixo de mim) eu falei: — Para aonde vamos?

— Ainda não sei...

Ele não tinha cara de que não sabia aonde estava indo. Aproveitei a primeira oportunidade em que ele virou, e peguei o celular enfiando-o no cós da calça jeans.

— Ande, vai ficar aí deitada? – ele disse – seu namorado está fodendo com tudo, precisamos sair daqui antes que ele encontre o nosso rastro.

— E porque ele não pode nos encontrar, Guilherme? Matheo é inteligente, ele poderia pensar em alguma coisa. Nós três somos bem espertos, poderíamos pensar num modo de distrair ou atrair Isaac e então o cercaríamos.

— Ele já está atraído, Violet – Guilherme disse, e o olhar que ele me deu, não pareceu mais como o que ele me tinha dado pela manhã, não parecia mais ser o do cara querendo bancar o sequestrador e que estava se apaixonando por sua vítima, ele parecia legitimamente preocupado comigo desta vez – eu tenho que proteger Olívia, eu tenho que me proteger e eu tenho que proteger você.

Não, não... tinha alguma coisa aí que eu não estava conseguindo assimilar. Eu precisava entender os pormenores. Ele dizendo que precisava me proteger? Ele querendo fugir?

— Guilherme, - eu o fiz olhar para mim – o que foi que aconteceu? O que você tem? Parece desesperado!

— Eu estou a ponto de enlouquecer, Violet. E agora mais...

— Mais o que?

— Mais a possibilidade que Matheo jogou na minha mente.

— Que seria?

— Não, agora não, por favor.

O modo que ele me pediu me deu até pena. E eu pensei que poderia ser algo sobre Olívia, mas não foi isso que meu subconsciente quis entender. Eu tentei buscar alguma forma de interpretar essa irritação de Guilherme, mas não consegui.

— Olha aqui! – eu dei a ordem – fica calmo, fazer as coisas neste estado em que está não é a melhor alternativa. Primeiro, senta aí – eu o levei pelo braço até o sofá – segundo, me diz que merda está acontecendo.

— Já pensou na possibilidade de sermos irmãos de verdade?

— Mil vezes, mas você disse que não tinha chance de isso acontecer, você falou sobre as marcas de nascença, sobre a sua mãe, sobre você ser filho somente de Isaac e não de meu pai e nem de minha mãe.

— Eu não sei, eu não sei... – ele apertou a cabeça entre as mãos, parecia em desespero – e se isso tudo for uma mentira de Isaac? Ele é doente, nós sabemos disso, você sabe disso mais do que ninguém.

— Não, ele não é doente. Ele é simplesmente mau. Um homem mau que não tem nenhum escrúpulo.

— Exatamente – ele se levantou e falou com o rosto a centímetros do meu – ele não tem escrúpulos, ele pode ter mentido, ele pode ter mentido para mim todo esse tempo.

— Ah, não, de novo não. Isso outra vez? Que merda.

Eu entendi o ponto. Ele achava que Isaac poderia ter mentido sobre sermos irmãos.

— Vou te falar hein – eu comecei – você, para um advogado, é bem inocente nas coisas.

— Não é isso, Violet. Ele é meu pai, até eu saber que ele era louco, eu acreditei nele a vida inteira, eu achava que tudo que ele falava era certo, eu queria ser igual a ele quando crescer. Eu só fui descobrir o que ele verdadeiramente era quando ele levou Olívia de mim.

— Sabe, - eu comecei ao me atentar sobre o que ele falava – você nunca me contou como ele a levou.

— Quando eu voltei aos Estados Unidos, como eu contei antes, eu fui procurá-lo. Eu queria religar os laços que minha mãe tina cortado, eu fui idiota. Eu achava que ele seria o mesmo cara que falava comigo ao telefone, à distância. Ele mentiu, ele começou a manipular a realidade a favor dele, e ele começou a contar mil coisas desconexas, e, aos poucos, eu fui acreditando. Quando eu comecei a trabalhar em prol do que ele queria, exatamente duas semanas depois de termos chegado, eu fui sair contigo, àquela noite, lembra?

— Na noite em que transamos?

— Por favor, não repita isso.

— Ok, erro meu. Mas foi naquela noite?

— Sim. Ele já a tinha levado, o que aconteceu um pouco antes de eu ter comprado a parcela de ações da Prime. Eu tinha que me aproximar, Isaac já sabia que você trabalhava lá, ele só estava esperando uma oportunidade, mas você sempre estava com alguém. Sempre estava com amigas, ou com homens, ou mesmo com Matheo, quando começou a sair com ele. E ele não queria ser reconhecido.

— Ok, agora as coisas começam a fazer sentido.

— Eu deixei de acreditar num dia. Ele já tinha Olívia, e eu comecei a duvidar de tudo que ele me pregava. Foi assim que um dia o segui até o hospital psiquiátrico onde sua mãe está internada. Ele foi vê-la, e o maldito sempre leva flores, refiz o caminho várias vezes até que um dia consegui entrar com um pedido em nome de Olívia, para que ela visse a mãe dela, ele descobriu e a mudou de hospital. No novo hospital a enfermeira, a mesma que te faz entrar, me permite entrar, ela só pede algumas coisas em troca.

— Você transa com ela – resumi.

— Também.

— E eu falei com sua mãe. Ela me reconheceu, ela disse que eu tenho os

mesmos olhos e cabelos do meu pai, e ela disse que eu sou tão bonito quanto ele o era na juventude. E ela não parece estar tão doente quanto ele quer fazê-la parecer.

— Isso! É isso mesmo! – eu disse – eu tenho certeza que quando isso tudo acabar, com algum tratamento psicológico, e não psiquiátrico, ela poderá melhorar.

— Acredito na mesma coisa. Ela me falou bem de você, ela contou que você me adoraria, e que eu faria o mesmo. Que nós éramos dois teimosos e cabeças-duras, e que conseguiríamos fazer as coisas funcionarem depois de algum tempo.

— A que ela se referia?

— Ela quis dizer que quando saísse dali, ela me levaria para morar com vocês.

— Então era de você quem ela estava falando quando a visitei?

— Provavelmente. E, eu estou, desde então, buscando uma oportunidade. Na verdade, nem é uma oportunidade, mas o melhor momento para contar a ela sobre Olívia. A oportunidade eu já tive diversas vezes.

A campainha do apartamento toca, nós dois, ao mesmo tempo, olhamos para a porta. Ele, mais que eu, parece nervoso Já que só vê, em sua mente, uma pessoa atrás de nós. O celular que eu peguei, e que eu pensei ter sido de Matheo, poderia ser de Isaac e, de repente, eu me senti uma idiota. Mas também achei naquele momento, que poderia ser o telefone que Guilherme usava para falar com Isaac, e assim eu chegaria nele antes que ele chegasse em mim.

Guilherme se aproximou pelas paredes, e quando chegou ao quarto, cometeu o primeiro erro que nunca se deve cometer quando se está sendo perseguido. Ele perguntou quem era atrás da porta.

Não houve nada, apenas silêncio. Ele se ajustou e cometeu o segundo erro que se comete quando se está sendo perseguido, olhar pelo olho mágico. Àquela altura eu já estava me escondendo atrás do armário para o caso de ele levar um tiro bem alí.

— Maldito, miserável! – ele reclamou um minuto antes de abrir a porta.

Quando ela se abriu, meus olhos foram de um susto leve a uma não contida alegria. A pessoa atrás da porta, charmosamente encostada ao peitoral desta, alta, morena, com um sorriso de garoto-propaganda, correu os olhos pelo apartamento até me ver saindo de atrás do móvel.

— Olá Guilherme – ele cumprimentou e entrou no apartamento trancando a porta após si – ele deu mais alguns passos para perto de mim e estendeu os braços para receber um abraço – não tem como eu não gostar de você também, Violet, eu disse que iria te achar.

— Matheo...

Eu corri e me joguei no braço dele, e ele me apertou forte, verdadeiramente me esmagando entre seus braços. Eu ainda estava desnorteada por ele ter, tão facilmente, descoberto as pistas que deixei.

— Nunca mais fuja de mim deste jeito – ele me ordenou antes de me dar um beijo com aquela boca perfeita.

MAIS PLANOS AINDA

— Tá, tá bom – Guilherme nos interrompeu – já chega.

Ele se sentou na mesma cadeira que ele estava sentado antes e ficou observando quando Matheo limpou meu lábio dos resquícios de batom com o polegar e depois fez o mesmo com o dele.

— Ok, qual o plano? – Matheo perguntou.

— Não é você o esperto? – Guilherme questionou – não é você o inteligente que conseguiu chegar aqui? Diga você.

— Não seja irônico. Eu estou falando sério – Matheo andou até a cama e sentou na beirada dela, e eu sentei ao seu lado, cruzando as pernas quase numa posição de ioga sob meu corpo.

— Eu não cheguei a pensar direito – Guilherme disse – eu estava pensando apenas em despistar você, em seguida eu pensaria em uma forma de atrair Isaac.

— Utilizando Violet, suponho.

— Supôs corretamente.

— Pois bem, desta vez ela até pode ser a chave do nosso plano – ele disse – mas ela não estará apenas com você. Eu estarei perto dela, e não admito qualquer resposta negativa. Eu vou com vocês. Se Isaac quiser pegá-la, terá que acabar comigo primeiro.

— Muito bem, teremos então uma pessoa sequestrada e um corpo.

— Não seja idiota. Se Isaac quisesse matar alguém, creio que ele já o teria feito contigo, depois ficaria com Olívia. E então ele estaria apenas com Violet como alvo.

Guilherme pareceu ponderar, e eu ficava apenas ouvindo os dois, inebriada pela presença e segurança que Matheo me passava.

— Ele não mataria um filho.

— Você cogitou matar ao seu pai, porque ele não faria o mesmo? – Matheo pensou por dois segundos – talvez tenha até sido isso que ele fez. Ele quis que você atraísse Violet, ao entregá-la, você se tornaria um alvo fácil. Ele tiraria você do caminho e ficaria com as duas.

Guilherme pareceu analisar os fatos sobre a nova luz que Matheo tinha lançado, e eu só queria que eles parassem logo de tentar brincar de mais inteligente, e ficassem sossegados, pensando apenas no que deveríamos pensar: acabar com Isaac Riley.

— Ei, vocês dois – Guilherme olhou para mim, Matheo virou o rosto e me analisou com cuidado, esperando o que quer que eu fosse falar.

— Diga Violet... – ele pediu.

O que eu ia dizer ele não aceitaria facilmente, e eu acho que ele até já sabia o que era que eu ia falar. Pelo modo que ele me olhou e a impressão do seu olhar passou de questionamento para surpresa e negação, eu vi que tínhamos nos comunicado quase que telepaticamente.

— Sim, é isso que tenho que fazer, Matheo.

— Eu não vou permitir! – ele se levantou – você não vai ficar sozinha com esse homem. Isaac não vai te ter vulnerável.

— O que você está sugerindo, Violet? – Guilherme perguntou.

— Não! – Matheo quis me impedir de falar, mas ele sabia que, assim que eu bolasse minha teoria, ele seria voto vencido.

— Eu vou precisar fazer – eu disse – ele tem que pensar que estou desprotegida. E vocês dois aqui, por favor, são dois cavalos fazendo minha guarda. – respirei e continuei após pensar direito no que faríamos – eu tenho que terminar com você em público, Matheo.

— Outra vez?

— Sim, mas desta vez será apenas mentira, você sabe que sou viciada em você.

— Bom saber.

Ele sorriu e eu continuei:

— Guilherme, eu farei isso depois que eu tiver fugido de você. Vejam bem. Se Isaac já sabe onde eu estou com você, ele vai querer que você me leve para ele. Como você não o fará, pois isso te coloca em risco, eu vou fingir que fugi daqui. Você fingi que tenta me procurar, mas desiste. Matheo, é aí que você entra em jogo. Eu vou à rodoviária, lá você me encontra, terminamos, e eu entro num ônibus. Ele vai me encontrar, eu sinto. Assim que ele entrar no ônibus, ele não terá mais como vigiar vocês. Vocês vão rastreá-lo. Você, Guilherme, procura Olívia.

— Eu não faço idéia de onde ela está.

— Você é inteligente, vai pensar em alguma coisa, eu não posso pensar em tudo. E você, Matheo – eu falei olhando para ele – vai dar um jeito de tirar minha mãe do hospital.

— Sua mãe? Não acha que ela está mais segura lá que conosco?

— Não, eu sinto que ele poderia facilmente mandar matá-la se ela estiver vulnerável como agora.

— OK, eu vou tentar, isso vai ser difícil.

— Falsifique documentos.

— O que?!

— Em meu nome, falsifique em meu nome, eu assumo toda a responsabilidade.

— Violet...

— Não, nem adianta negar isso. Eu vou me resolver depois, eu vou conseguir colocar minha vida em ordem.

Eu fiz um coque com o cabelo no alto da cabeça, e fiquei pensando mais um pouco.

— Eu vou comprar a passagem encima da hora, provavelmente vou voltar para Glendale. Ele já acha que eu tenho um local para viver lá.

— Isso, e nós conseguiremos te achar alí facilmente.

— Eu não estou muito confortável com esse plano, Violet – Matheo disse e ele tinha uma certa angustia no olhar. Eu peguei a mão dele com as minhas e beijei o nós dos dedos e tentei acalmá-lo – tudo vai dar certo, e assim que tudo terminar, eu tenho uma coisa para falar a você.

— Por que eu tenho a sensação de que eu não vou gostar nada disso?

— Por que eu acho que não vai.

Ele não perguntou mais nada. Do jeito que ele me olhou, eu sentia que ele tinha entendido tudo. Eu agradeci, internamente, por isso. Não queria ter que me explicar com Matheo nesse momento. Eu queria que ele ficasse bem, que ele conseguisse se recuperar de toda essa tensão que, por minha causa, tinha se alastrado por sobre a vida dele. Eu precisava que ele fosse feliz, eu precisava dizer-lhe que minhas "regras" (oh, coisa antiga) tinha atrasado, e que nossas loucuras na cama poderiam ter resultado em um bebê, mas não agora.

Se eu contasse agora, ele ia me amarrar na cama e não ia me deixar nem por um pé na rua. E também tinha mais coisas em questão. Eu achava que Matheo não iria ficar comigo, eu queria um filho, para mim, não para nós, e eu achei que ele seria um ótimo par de genes para combinar com o meu (poxa, dá uma olhada nele!). Aí eu me apaixonei, Isaac reaparece, e tudo foi por água abaixo.

Também há outro fator que não estou levando em conta nessa equação. Matheo nunca me disse que queria um filho, nem se queria um filho. Eu o utilizei ao meu bel prazer, mas depois eu conseguiria criar o meu filho, sozinha, sem ajuda. Agora, que eu queria ficar com Matheo, eu tinha literalmente ferrado com tudo.

— Onde pretende dormir?

Guilherme perguntou e esperou pela resposta, Matheo pareceu esperar mais algum tempo antes de responder, ele ainda queria que eu falasse qualquer coisa.

— Na cama, com Violet. Não se preocupe com a conta do hotel, se precisar eu pago.

— Você vai dormir aqui comigo? – eu sorri, feliz em pouco tempo. Guilherme olhou para mim em incredulidade e Matheo com um sorriso em

resposta ao meu.

— Apenas dormir – ele respondeu, mas o olhar dele era quente.

— É o que eu espero – Guilherme disse – de qualquer modo, eu já estava dormindo fora dela mesmo.

— Eu vou pedir jantar – eu disse e peguei o telefone.

— Não, deixa que eu faço isso – Guilherme andou até a mesinha e tomou o telefone da minha mão – não posso fazer parecer que você está numa colônia de férias.

Matheo assentiu e ficamos os três, falando sobre tudo que tinha que acontecer e sobre todos os nossos planos, repassando os pormenores, não uma e nem duas vezes, mas bem mais, para que nada saísse de nosso controle.

Montamos uma lista das coisas que compraríamos e, infelizmente, outra vez, eu seria a única desarmada, já que com a minha restrição, eu não poderia

chegar nem perto de uma loja de armas de fogo. É, meu nome está no sistema.

Depois de jantar, a noite caiu, Guilherme dormiu na cama desconfortável e Matheo estava sentado, ao meu lado, com os olhos abertos, sem sono. Eu estava deitada, tinha até cochilado, mas acordei quando ele veio verificar os meus lençóis pela décima vez.

— Não consegue dormir? – eu perguntei com a voz sonolenta.

— Não sei o que é dormir direito faz tempo, mas você já sabe disso.

— Aposto que se fosse na Apache nós nem veríamos o tempo passar. Alí, no meio das luzes, com nosso coração batendo conforme a música, parece que a noite nunca acaba, nem a nossa energia.

— Sim – ele abaixou um pouco e me aconchegou no espaço entre seus braços fortes – e por falar em Apache, quando isso tudo acabar, você ainda me deve uma coisa.

— Que seria? – ergui uma sobrancelha em confusão.

— Um vexame – ele disse – você prometeu um vexame na Apache, mas ele nunca aconteceu.

— Ou talvez tenha.

— Aconteceu? – ele perguntou tentando lembrar-se de alguma cena específica.

— Sim – eu disse e puxei o rosto dele para um beijo – eu me apaixonei por um italiano fajuto.

Ele sorriu contra minha boca e ficamos num beijo esquisito por algum tempo.

— Não adianta me enrolar... – ele mordiscou meu lábio inferior – você ainda vai dançar pelada encima daquela mesa para mim.

DIA D: FUGA

Meus passos para fora do edifício eram nervosos, eu tinha que fingir uma briga com Guilherme, isso não seria tão difícil, a parte difícil para mim era fingir brigar outra vez com Matheo. Ele não dormiu durante toda a noite, eu sei. Toda vez que eu acordava ele estava lá, com os olhos abertos, me vigiando e se vigiando também. Ele não confiava em Guilherme, eu também não, pelo menos, não mais.

Coloquei minha bolsa na costa, com algumas coisas dentro, dentre elas meu soco inglês, eu nem sabia se eu iria precisar dele, mas vai que eu precisasse, eu não queria estar desapercebida.

— Vai ficar tudo bem – Matheo tentava me tranquilizar, e eu sabia que ele estava tão nervoso quanto eu. Ele era um artista, Matheo tinha, apesar do jeito mulherengo e dado, uma alma sensível. E ele captava as emoções no ar, ele sentia muito profundamente as coisas, e era por isso que ele estava desse jeito, afetado por este plano, porque ele sabia que poderia não dar certo.

— Vai sim... – eu repeti para ele e ele me deu um beijo na testa antes de eu sair. Ele sairia primeiro, e eu tinha tratado de fazer alguma maquiagem nele para que parecesse que ele brigou. Bom, eu não sou a melhor nisso, mas acho que fiz um bom trabalho.

Conferimos, quinze minutos, que seria o tempo necessário para que ele saísse dali, pegasse seu carro e sumisse, e depois eu entrei no elevador, enquanto Guilherme desceu as escadas.

Quando eu cheguei ao térreo e alcancei a porta de entrada e saída, Guilherme já estava correndo atrás de mim, o que permitiria que fizéssemos uma cena na rua.

— Violet! – ele me gritou – você não pode ir assim, eu não sabia que Matheo nos encontraria.

— Não seja idiota – eu respondi de volta aos berros – com certeza foi você quem avisou a ele que eu estaria aqui. Agora ele descobriu tudo! Quer saber... – eu acenei dramaticamente – eu vou embora, é melhor você me largar, eu não acredito que eu pude achar que você realmente gostava de mim.

Virei-me para a rua e acenei para um táxi.

— Violet, não faça isso – ele disse.

— Observe-me a fazer.

O táxi parou, eu entrei nele e fechei a porta. Pedi ao motorista que me levasse ao terminal rodoviário. O plano teria que sair perfeito. Eu não poderia chorar, e era o que eu estava querendo. Eu estava com tanto medo, mesmo eu sabendo que Matheo correria atrás de mim numa cena dramática na rodoviária, eu sabia que depois de lá eu estaria só.

O táxi parou no local pedido, eu paguei e desci. Pedi no guichê uma passagem para Glendale, e fui prontamente atendida, o ônibus sairia em alguns minutos, e são dois dias de viagem até lá, com diversas paradas pelo caminho. Numa delas eu esperava que Isaac subisse.

— Violet, você não pode ir! – Matheo apareceu, conforme o combinado. Ele me abraçou e tudo que eu senti naquele abraço foi uma saudade do tamanho do universo.

— Me desculpe... eu preciso... – eu respondi.

— Você não se apaixonou por mim?

— Talvez seja justamente por que o contrário ocorreu que eu tenha que ir embora.

— Violet... – ele disse – eu amo você, eu nem percebi como ou quando aconteceu, mas eu a amo, você não pode ir.

Eu fiquei sem reação por uns instantes, por uns bons minutos. Eu sei que era tudo encenação, eu sei, mas o modo que ele falou, só se ele fosse um muito bom ator para coroar as palavras com tanta profusão de sentimentos.

— A gente também te ama – eu disse.

O ônibus buzinou e eu andei em direção ao veículo. Matheo ficou confuso dois minutos, tempo suficiente para que eu entrasse no veículo, e então as palavras fizeram sentido. O ônibus estava partindo, porque faltavam apenas algumas pessoas entrarem e, pelo que sei, ele já estava atrasado.

Eu ainda vi Matheo caminhando em direção à janela, o rosto dele era surpreso e em choque ao mesmo tempo. Ele ainda não tinha assimilado todo o sentido da frase, disso tenho certeza, senão ele teria parado o ônibus com as próprias mãos.

Eu já tinha sentado, como outros passageiros que alí estavam, e coloquei fones de ouvido, qualquer um pensaria que era música, com meu novo celular descartável, mas não, era apenas um fingimento para que qualquer um que me visse me julgasse uma garota distraída.

— Matheo... – chamei baixinho o nome dele – eu acho que essa coisa doida que sinto por você deve ser amor também, puta vida, eu tô ferrada mesmo.

Não é apenas o jeito que ele fala, que ele anda, ou por ele ser um pedaço enorme da estrada que pavimenta o mau caminho, não. Matheo era simplesmente uma pessoa adorável, eu comecei a me apreciar as noites ao lado dele, me apaixonei quando compartilhamos madrugadas juntos e acho que o amei quando a presença dele passou a alegrar meus dias. A gente combina em tudo, absolutamente tudo. Ele sabe respeitar meu espaço, eu sei respeitar o dele, claro, e ele me deixa livre, tão livre que eu sinto medo da liberdade e sempre quero voltar.

Ele não me liga, ainda bem, eu odeio esse tipo de coisas, nem fica com aquele tipo de declaração melosa e irritante a cada cinco minutos e nem flores. Para que flores? Para elas morrerem fedendo na casa dois dias depois? Nada disso, o presente dele para mim sempre sãos os beijos dele e uma pizza compartilhada.

Ele gosta de me ver sorrir, eu sei, e mal sabe ele que é a razão de pelo menos dois terços dos meus sorrisos ultimamente.

Comecei a cantarolar uma música à meia voz e fiz um esforço enorme para que eu não dormisse durante a viagem. Fingir que estava ouvindo música era fácil, a música sempre esteve dentro da minha cabeça. O problema era fingir que essa música não me causava arrepios.

O ônibus fez a primeira parada cinco minutos após sair de East Valley, num posto policial para checagem de documentos. Quando uma policial feminina se aproximou e pediu minha bolsa para vistoria, eu devo ter mostrado que estava um pouco nervosa.

— Seu documento.

— Aqui – eu ergui o documento para ela. Tentei controlar minhas mãos, mas eu estava realmente nervosa.

— Está tudo bem? – ela perguntou com um ar desconfiado.

— Tudo perfeito, policial. Quer saber de alguma coisa especificamente?

— Dê-me sua bolsa – ela pediu – há drogas ou qualquer outro entorpecente em sua posse?

— Não, senhora.

Ela revisou minha bolsa. Quando analisou o meu numero de identificação social impresso naquela cédula, ela deu um sorrisinho de reconhecimento.

— Violet Nella Sue – eu nunca a tinha visto na vida, mas vai ver que eu era famosa no sistema.

— Sim?

— Você já está encrencada – ela olhou bem para meu rosto e ergueu o soco inglês – acho que não vai procurar mais confusão se eu confiscar isso.

— Isso nem mesmo é crime!

— Resistir a uma ordem direta de um policial é.

Ok, eu não queria confusão. A vontade que eu tinha era de fazer ela engolir aquele pedaço de metal moldado, mas ser presa seria simplesmente acabar com tudo o que eu, tão arduamente, Matheo, Guilherme e eu tínhamos matado a cabeça para planejar.

— Desculpe, não quis dar a entender isso.

— Perfeito.

Ela me devolveu o soco inglês (que por sorte não era o meu modelo que tinha lâmina) e meu documento e advertiu: — Se estiver pensando em se meter em problemas, o faça duas vezes, pois eu chegarei lá.

— Não se preocupe, oficial – eu falei ao notar a patente de tenente no uniforme dela – não pretendo me meter em qualquer problema.

Os homens que tinham descido do ônibus e que foram vistoriados e

apalpados pelos policiais masculinos, subiram de volta, e foi nesse segundo, exatamente nesse segundo, que meu coração gelou.

De cabeça baixa, com um boné e óculos escuros, ele não tomou cuidado e não viu quando alguns fios de um loiro apagado e grisalho caíram para fora de sua proteção. Ele olhou em minha direção, eu tenho certeza, apesar dos óculos escuros, e veio andando para perto de mim.

— É melhor ficar quieta – ele ordenou com aquela voz falha e esgarçada, e que me enojava da cabeça aos pés – um movimento errado seu e ela morre.

Ele estendeu um celular e no visor estava uma foto que fora recebida há pouco de um número desconhecido. Olívia estava sentada numa cadeira, com as mãos amarradas para trás, e ao lado dela um homem sorria um sorriso cínico. Ele até dava um "tchauzinho" singelo para a câmera. Ele estava com uma arma nas mãos e eu reconhecia aquele local de algum lugar, embora eu não lembrasse exatamente de onde.

Um aperto no meu peito foi sentido quando eu reconheci o rosto naquela foto. O homem de pé, ao lado de Olívia, era Guilherme.

DIA D: CAPTURA

Medo, pela primeira vez essa era a única sensação que eu sentia. Não era apenas por mim, era por outra pessoa também, por Matheo e pelo meu italianinho que crescia dentro da barriga (eu ainda não tinha certeza, mas sentia que sim). Eu não tinha uma hora melhor para engravidar, não? Tinha que ser justo quando toda a minha vida estava de cabeça para baixo?

Minha mente parecia ver um filme de toda a minha vida em frente aos meus olhos, e as cenas ruins sempre eram abafadas pelas cenas em que Matheo tinha aparecido. Ele tinha me conquistado de um jeito que eu nunca achei que eu seria conquistada, e meu maior medo, agora, era perder isso, perde-lo, perder a sensação que eu sempre tinha quando estava alí, entre os seus braços morenos.

"Eu não gosto de você, Matheo, você sabe disso..." eu tinha sussurrado na noite em que ele se derramou em mim pela primeira vez "não tem problema, eu também não gosto de você...". Ele respondeu, e aquela tinha sido a declaração mais fofa que eu já tinha recebido na minha vida.

Eu queria que ele não tivesse invadido tanto, eu queria que ele não tivesse tomado tanto conta de mim como ele o tinha feito. Sei lá, eu só queria que ele pudesse não estar envolvido na bagunça que era a minha vida, queria que eu o tivesse encontrado num momento melhor.

Guilherme, o maldito Guilherme, com todo aquele papo e cara de preocupado comigo não tinha negado ao gene que herdara. Ele tinha se saído muito melhor que a encomenda.

Que Guilherme era traíra, eu até já desconfiava, mas não desconfiava que ele o faria assim tão rápido. Achei que pelo menos ele não soubesse onde Olívia estava. Agora, que ele já tinha a irmã dele em mãos, bom, eu estava literalmente ferrada. Ainda mais por ter pedido a Matheo que fosse buscar a minha mãe.

Por todo o caminho, Isaac ficou sentado ao meu lado. Claro, ele não teria outro lugar para ir, não quando eu já era o alvo perfeito para ele. Sozinha e vulnerável.

— Assim que chegarmos ao próximo ponto de parada – Isaac disse enquanto tocava meu rosto de um modo que me fazia querer dar um tiro nele – nós iremos descer. Já tenho um local perfeito para irmos. Lá ninguém mais conseguirá roubar de mim a sua atenção.

— Então, Guilherme está do seu lado? – eu perguntei – ele realmente é um dos seus?

— Guilherme é apenas um peão, Violet. Poderia ter sido ele, poderia ter

sido qualquer outro. Eu conseguiria chegar até você no final de tudo. Até aquele sujeito impertinente me ajudou, indiretamente, quando saiu daquela cidade.

Isso era um fato novo, Guilherme um peão. Então isso significava que ele estava sendo tão enrolado e manipulado quanto minha mãe, ou quanto Olívia ou eu.

— E Olívia? Está tudo bem com ela? Guilherme não vai machucá-la?

— Olívia está com o irmão. Ela não deveria ser uma preocupação para você. Guilherme é simplesmente louco por ela, ele faria qualquer coisa por ela, e é dessa forma que estamos aqui – ele me sorriu e o dente de ouro branco dele reluziu contra o sol que entrava pelas janelas de vidro temperado – finalmente você voltou para mim. Nem consigo pensar em todo o tempo que se passou, mas pode acreditar, valeu cada segundo.

— Você é um porco impotente.

Ele, discretamente, apertou minha mão e eu mordi a minha própria bochecha, por dentro, para abafar um grito.

— Isso é o que sua mãe dizia quando não conseguia me acender com o corpo caído dela, mas a culpa não era dela. Era sua, que tinha invadido minha mente. Não finja que não gosta, eu consigo ver no seu olhar que está tão apaixonada por mim quanto eu estou por ti.

— Você é louco. Um louco sem salvação nenhuma.

— Por ti, eu sou – ele falou e pegou minha mão de forma mais leve, desta vez para deslizar para a intimidade dele. Maldita hora que eu guardei meu soco inglês na bolsa. Eu faria que ele engolisse essas palavras – você se tornou uma mulher linda – ele arfou com o toque que ele mesmo provocava – Claro, não aspira mais os perfumes da inocência, mas agora é bonita de um jeito diferente, dramático e rebelde.

Cada palavra ele se aproximava mais de mim. E ao final, estava apoiado ao meu pescoço como se fosse um namorado. A agonia que aquilo me causou foi tamanha, que eu precisei me controlar para não gritar e tentar rachar o pescoço dele ao meio. Isto se eu não o estrangulasse com minhas próprias mãos. Guilherme estava com Olívia, e ele poderia facilmente matá-la, foi isso que Isaac disse, e mesmo que meu interior me mandasse acreditar nas palavras dele, no fundo, eu ainda queria acreditar em Guilherme.

Eu teria que jogar o jogo de Isaac.

— Sabe – eu inclinei o pescoço um pouco para que ele ficasse um tanto mais alí – eu realmente seria uma pessoa muito mais grata se eu fosse agradada de vez em quando. Por que acha que eu fujo sempre? – eu perguntei – você me dá medo, você poderia ser sempre assim, calmo, eu já teria sido sua faz muito tempo.

— Não brinca comigo – ele disse mostrando que não acreditava no que eu falava, mas ao mesmo tempo querendo acreditar – eu não sou o idiota dos seus namorados.

— Eu não estou brincando – eu precisei continuar fingindo – você me achou. Por que acha que eu sempre me escondo? Esse jogo é divertido demais para pararmos assim.

Quando ele ergueu o olhar para mim eu vi o jeito que ele me olhava. Nojento, repugnante, me dava vontade de vomitar, mas eu forcei um sorriso.

— Eu mereço um presente, não acha? – ele disse.

Eu jurava que ele ia querer algo mais alí na frente dos passageiros, mas ele encostou a boca na minha para roubar um beijo. Ele queria que eu respondesse, mas eu não o fiz, e ele continuou mesmo assim, tentando forçar um movimento.

Quando ele terminou meus olhos estavam marejados do mais puro asco, mas eu fingi um sorriso, e ele, louco como era, achou que eu tinha gostado.

— Para aonde vamos?

— Para qualquer lugar longe daqui, um lugar onde ninguém mais vai poder tirar sua atenção de mim. Um lugar onde seremos apenas você e eu. Nada de Barbieris ou Andrades.

Eu precisava que ele me falasse um pouco mais, falasse sobre Olívia, sobre qualquer coisa.

— E a minha mãe?

— Ela continuará exatamente onde está. Você sabe que ela faria qualquer coisa que eu quisesse. Ah, e não esqueçamos que você ainda precisa assinar os papeis passando a posse da propriedade sobre os direitos das patentes do seu pai e dos royalties advindos deles para mim. Eu preciso que isso aconteça, rapidamente, para que eu possa transferir os lucros para uma conta fora do país, e assim a gente possa ir embora tranquilo.

OK, fora do país era uma coisa nova para mim, mas isso explicava aquelas passagens que Matheo achou. Ele já esteve perto de me conseguir alcançar antes, mas algo aconteceu e ele não o pode fazer, ainda não sei exatamente o que.

— El Salvador? – perguntei não conseguindo frear a curiosidade, eu tinha que melhorar um pouco mais, ser fria. Eu estava me deixando levar pelas emoções, então continuei a falar, mais calmamente – encontrei passagens na internet em meu nome. Além das praias, o que aquele país poderia oferecer?

— Esconderijo. É um dos poucos países da América do sul que não precisa de visto para entrar. Depois, dali iriamos para porto príncipe, e então para a Europa. Longe de tudo e todos, onde teríamos apenas um ao outro.

— E é para lá que estamos indo agora?

— Violet – ele olhou para mim com aquela cara asquerosa e me sorriu, ele tinha rugas ao redor dos olhos e exatamente o mesmo rosto que eu imagino que Guilherme teria em alguns anos – não duvide de minha inteligência.

— Eu não estou fazendo isso.

Virei-me para frente e por um momento, senti aquela sensação de ser vigiada outra vez. Desta vez não era Guilherme, ou Isaac, eu sentia que havia outra pessoa atrás de mim. Eu queria poder olhar pela janela para trás, para confirmar se tinha ou não alguém a minha procura, mas não poderia fazer isso sem despertar o interesse de Isaac também.

Não era Guilherme, ele estava com Olívia, não podia ser Matheo, ele estava com a minha mãe, pelo menos eu acho que estava. Quem seria?

DIA D: A ARTE DA GUERRA

MATHEO

O problema das pessoas que se julgam mais astutas que outras, é simplesmente subestimar seus oponentes. E esse tinha sido o erro crucial de Guilherme, ele achava que eu tinha sido convencido pelo seu teatro de bandido arrependido.

Sun Tzu já diz "Se você conhece o inimigo e a si mesmo, não tema o resultado de cem batalhas. Se se conhece, mas não ao inimigo, para cada vitória sofrerá uma derrota. Se não conhece nem o inimigo nem a si, perderá todas as lutas".

Digamos que Guilherme não me conhece, pelo menos não como eu o conheço. Ele já mostrou tudo o que faria, tudo o que seria capaz para ter Olívia em mãos, e eu, bom, eu só mostrei um terço do que seria capaz para conseguir Violet.

Eu não tinha conseguido dormir durante toda aquela noite justamente porque eu queria proteger Violet. Ele poderia muito bem ter aquelas vacinas que te fazem dormir, ele me faria capotar e levaria Violet para Deus sabe onde.

A segunda estratégia de Sun Tzu a ser usada: "Preparar iscas para atrair o inimigo, fingir desorganização e depois esmagá-lo... Quando perto, fazê-lo acreditar que estamos longe. Quando longe, vice-versa... Se ele for superior,

evite combate. Se ele for temperamental, procure irritá-lo. Finja estar fraco, ele se tornará arrogante. Se ele estiver tranquilo, não lhe dê sossego. Ataque onde e quando ele se mostrar despreparado. Apareça quando não estiver sendo esperado".

E era exatamente o que eu iria fazer.

Quando Violet sugeriu que nos afastássemos, eu notei o brilho no olhar dele. Ele tinha arquitetado uma ação, ele tinha arquitetado o seu passo-a-passo até o momento em que ele teria Olívia e entregaria Violet, mas achou que eu não notei.

Outra questão era: por que ele sempre parecia tão interessado em resgatar Olívia, mas não ia atrás do sequestrador? Ele amava Olívia e conseguia dormir bem enquanto ela estava nas mãos de um tirano? Não, havia alguma coisa errada. Ou ele sabia que a sua moeda de troca era valiosa demais para que o "tirano" pudesse machucar a peça que ele tinha em mãos. Ou ele sabia que o "tirano" não seria capaz de machucá-la, e tudo por quê? Porque eles tinham os mesmos objetivos.

Guilherme estava sendo lisonjeiro demais, desejando trégua até quando não precisava. Por exemplo, quando brigamos, ele poderia muito bem ter chamado a segurança do edifício e eles teriam me posto para fora, ou então nós poderíamos ser levados até a delegacia para que ele prestasse ocorrência, mas não o fez, e devia ter uma boa razão para isso. Guilherme estava arquitetando alguma coisa,

ele tinha as vantagens, e não avançou, ele estava cansado, ou seja, ele iria desistir sem lutar.

Eu me despedi de Violet e peguei o meu carro. Segui até um estacionamento privativo e deixei meu carro alí. Eu peguei um táxi e esperei há alguns metros da frente do hotel onde Guilherme estava. Quando Violet desceu, poucos minutos depois, e ela entrou num táxi, assim como eu, e este acelerou em direção ao ponto que ela tinha pedido. Eu vi Guilherme sacar um celular e falar com alguém. Foi exatamente alí, naquele momento, que eu soube que ele nos tinha traído.

Ele esperou só dois minutos e entrou num carro que parou em frente ao hotel. Eu não sabia quem estava ao volante, mas eu imaginei, imediatamente, que era Alex. Não sei por que, eu tive essa impressão. Olívia não era, ou pelo menos eu não queria acreditar que poderia ser ela guiando pelas ruas de East Valley tão tranquilamente, sendo que, ela não conheceria a cidade.

Pedi que o taxista seguisse o carro de uma distancia segura.

Assim que o veículo que seguíamos foi guiado pelas ruas e parou exatamente no endereço de Guilherme na cidade, ou seja, no apartamento dele.

E, assim como eu supus, saíram do veículo os dois: Guilherme e Alex. E mais uma pessoa, que eu nem mesmo tinha notado. Uma linda garota, baixinha, de aparentemente um metro e sessenta, e com os cabelos longos e lisos iguais aos de Violet. Ela olhou para a paisagem ao seu redor, assustada, e foi aí que eu soube que Guilherme esteve com ela esse tempo todo. Guilherme ou Alex.

Saquei meu telefone e mandei o endereço de Guilherme para Nicholas, ele saberia o que fazer. Pedi que o motorista me levasse para perto da rodoviária, eu não poderia perder Violet de vista.

Quando a polícia parou o ônibus que ela entrou, e eu já estava devendo cerca de sessenta dólares ao motorista, que sorria a cada vez que íamos mais longe, eu vi um homem estranho entre os passageiros. Ele era não muito alto, e o modo que ele andava, puxando um pouco de uma perna, e o cabelo louro e grisalho, gorduroso, pendendo para atrás do boné, eu o reconheci imediatamente.

— Isaac Riley...

Eu falei comigo mesmo.

— Falou alguma coisa, senhor?

— Não, eu estou apenas pensando alto – eu o vi parando o táxi assim que o ônibus saiu – Ei, o que está fazendo?

— Temos que parar no posto policial, é rotina – ele disse – assim que o fizermos poderemos seguir viagem.

— Nós iremos perder a porcaria do ônibus de vista.

— Eu lamento, se não pararmos seremos perseguidos.

Eu não tinha como saber se Isaac estava armado até antes de a polícia ter parado o veículo para que os passageiros fossem revistados. Ele, provavelmente, não estava, senão a polícia o teria detido para ver a documentação da arma quando a avistassem.

Os dois carros na nossa frente foram liberados e então foi a vez do táxi. Eu tinha os meus documentos comigo, apenas tinha esquecido o passaporte na mala, estando comigo apenas o meu Greencard e precisava apenas apresentá-los, mas o soldado para satisfazer o seu ego, creio eu, começou a pedir a documentação do taxista que era imigrante, assim como eu.

Dez minutos perdidos, e mais alguns minutos para que eles nos liberassem para seguir viagem. Quando finalmente estávamos no carro, eu pedi que ele acelerasse o máximo possível. Felizmente aquela era uma via cujo limite de velocidade era bem confortável, e o taxista acelerou como pode.

Bem mais, bem mais mesmo à frente, eu recebi uma ligação.

— Matheo?

— Nicholas? O que foi?

— Recebi seus textos, eu já avisei a detetive Perellon, eles irão tentar entrar no ônibus de viagem. Se eles não conseguirem, bloquearão a rodovia.

— Ok, e Olívia?

— Estou indo ao apartamento, acompanhado dos seguranças que eu tinha contratado para Violet, e também já avisei à polícia. Agora sim eles estão sabendo de tudo.

— Obrigado, muito mesmo.

— Eu vou desligar. Espero trazer boas notícias em breve.

— E eu também.

Ele encerrou a ligação. Não passou muito tempo e o ônibus foi avistado outra vez. Eu não poderia atrapalhar agora, eu tinha apenas que continuar seguindo-o. Peguei o telefone e liguei para a detetive Perellon.

— Di Barbieri?

— Em que parada vocês tentarão se infiltrar?

— Na parada perto de Peoria.

— Isso é daqui a duas horas.

— Sabemos, mas ele tem que pensar que está em vantagem.

— Eu continuarei seguindo-os.

— Seguindo-os? Matheo, onde você está?

— Na cento e um com a dezessete, eu acho – eu tentei me lembrar das placas que tinham passado por mim há um tempo atrás – estou seguindo o ônibus.

— Não, Matheo, não faça isso, se ele descobrir que alguém o está seguindo as coisas podem sair de controle.

— Se saírem de controle será a desculpa perfeita para que eu estoure os miolos dele. Agora não é mais apenas por Violet, por Olívia, agora também tem mais coisa envolvida.

— O que, Matheo?

— Nada que precise ser falado agora, vou desligar, me mantenha informado de qualquer progresso.

Parecia até que era eu quem dava as ordens, mas eu estava era preocupado demais para conseguir parar e relaxar. A frase de Violet ainda ecoava na minha cabeça. Especialmente o pronome que ela tinha utilizado.

"Nós..."

À noite, enquanto ela dormia e eu ficava acordado vigilante, eu notei quando ela levou, inconscientemente, a mão à barriga, e não foram poucas estas vezes. Numa delas, quando ela retirou a mão e se ajustou perto de mim, me veio à mente a explicação para tal ato.

No começo, claro, nós tínhamos utilizado preservativos, mas à medida que nos envolvíamos, precisávamos nos sentir por completo. Quando, das vezes em que não utilizamos camisinha, ela acordava e tomava a pílula do dia seguinte, eu não me preocupei. Naquela vez, porém, que ela se despediu de mim, eu vi que ela não tinha levado os remédios na bolsa, e eu vi que ela não foi se lavar no banheiro, ela deixou que eu permanecesse dentro dela.

Quando ela falou aquilo pela manhã, eu entendi, entendi que ela suspeitava conceber uma criança e eu temi um pouco mais. Eu apenas não poderia deixar que Guilherme soubesse disso, ele poderia contar a Isaac, assim como eu suspeitava que ele tinha contado todo o restante.

Como? Ainda não sei, mas suspeito que ele tivesse algum aparelho celular ligado enquanto conversávamos. Sei lá, talvez eu esteja assistindo séries policiais demais, mas acho que ele passava toda a informação para Isaac de alguma forma.

Um sorriso ainda conseguiu me brotar no meio de todo o caos que minha vida estava enquanto eu pensava.

"Um filho... ou filha..."

DIA D: CAÇADA

VIOLET

Como fora planejado pela rodoviária, o ônibus fez sua última parada antes de chegar à entrada de Glendale. Isaac estava tão seguro de si que se comportava diante de todos como se eu fosse a sua namorada.

— Você não tem uma arma... – eu disse baixinho – ou a polícia teria averiguado tudo com você, você não teria subido no ônibus.

— Você tem razão – ele disse contra minha pele – eu não tenho uma arma. Apenas não esqueça, eu nunca ando sozinho.

Instintivamente passeei meus olhos por todos os outros passageiros, todos eles pareciam suspeitos, todos. Isaac continuou a falar: — Não sou burro, Violet – ele disse – eu não vou cair em qualquer armadilha que vocês tenham pensado para mim. Um ônibus de rodoviária, com ponto certo de saída e destino certo de chegada? Vocês poderiam ter pensado um pouco melhor.

— Nós não pensamos em coisa alguma, eu saí da cidade, fui pega desprevenida.

— Eu acho que você não está sendo verdadeira comigo.

Ele passou as costas da mão no meu rosto como se fosse um carinho.

— Você nunca foi comigo – respondi fingindo ter gostado.

— Assim que você saiu do hotel, Guilherme me avisou de tudo, absolutamente todo o plano. Ele contou que você queria me atrair para Glendale, mas, eu sou bastante precavido.

Ele esperou que todos os passageiros descessem, então me pegou pelo braço e andou comigo pela multidão que se tinha formado alí fora. Isaac estava andando normalmente com os outros passageiros, até que num dado momento, enquanto íamos para a rota do restaurante, ele simplesmente desviou do caminho e entrou mais à frente, numa porta que parecia dar para uma sala onde ficavam os materiais de limpeza daquele local. Quando entramos alí, havia um homem lá dentro, que eu nunca tinha visto na minha vida, junto com uma garota de cabelos loiros e longos, nada parecida comigo, mas que, ao longe, poderia ser confundida.

Isaac retirou o casaco, o boné, os óculos, e deu para aquele homem, pegando o casaco que ele tinha, mais colorido, no lugar. E eu nem precisei fazer

coisa alguma. A garota que, como eu tinha entendido, se passaria por mim, já tinha uma roupa escura que poderia ser qualquer uma das minhas.

— Agora, vamos para o carro – Isaac disse – deixe que seus amigos se divirtam um pouco com esta caçada frustrada.

Isaac deu ao homem uma quantidade de notas, que nem tinham tanto valor assim. Recebendo no lugar destas uma arma. O homem e a garota saíram de lá, com o objetivo de tomar o nosso lugar.

Quando ele me guiou para um dos carros no estacionamento atrás do restaurante, sem sermos vigiados por ninguém, ele me mandou entrar. Agora ele estava armado e eu não poderia esboçar reação. Ele contornou o carro para entrar pelo outro lado, nesse segundo, nesse segundo que parecia ser decisivo, pouco antes de ele entrar no carro e minhas mãos estarem num ponto cego, eu retirei o soco inglês do bolso e o joguei no chão, assim, se me procurassem, ainda, saberiam que eu tinha passado por alí.

MATHEO

— Matheo, você precisa parar de dar uma de herói! – a detetive Perellon dava mais uma repreensão em mim. Ela queria que eu me afastasse, mas como eu poderia fazer isso?

Quando o ônibus parou para os passageiros almoçarem, eu tinha a chance, mas ela me impediu, ela iluminou meus pensamentos, mostrando outra vez a possibilidade de Isaac estar armado, e isso seria perigoso para Violet e para mim.

Eu precisei parar um pouco a distância, na verdade nem eu, o taxista, que já começava a mostrar sinais de nervosismo ao notar que estava numa perseguição, ele não queria mais seguir em frente, o que o convenceu foi a promessa do dobro do pagamento.

— Eu não posso, detetive – eu disse – eu realmente não posso me afastar dela agora, Violet está precisando de mim, eu tenho que ficar no rastro dela.

— Matheo, sua abordagem inexperiente poderá colocar tudo a perder.

— Eu não me aproximarei, mas ficarei por perto.

— Há uma barricada policial na linha de Glendale, ônibus precisará passar por esse caminho, não há outra alternativa de rota, assim que ele parar entraremos no ônibus.

— Ele poderá usar Violet como refém.

— E se o fizer os atiradores estarão prontos para apagá-lo da face da terra.

Eu estava nervoso, e isso não poderia acontecer. Eu pensei um pouco e decidi ficar no carro, como a detetive mandou. Assim que o motorista voltou ao ônibus, e os passageiros começaram a voltar também. Vi Isaac e Violet subindo outra vez no veículo. Quando o ônibus saiu, finalmente poderíamos passar à sua frente, já que ele não tinha nenhuma outra parada para fazer. Eu o esperaria junto à detetive Perellon.

Quando chegamos à frente, realmente havia uma linha de espera. Algumas viaturas policiais estavam paradas ao lado da entrada da cidade, e alguns policiais estavam à paisana, sentados à beira da estrada, ao lado do posto. Pareciam mesmo com turistas tirando fotos ao lado do portal de entrada da cidade. Eu, no entanto, os tinha reconhecido de quando visitei a instalação de trabalho da detetive Perellon.

— Matheo! – ela chamou minha atenção, estava com um grande pedaço de Flipchart sobre o capô do carro. E dois homens ao lado dela pareciam prestar atenção às ordens que eram dadas antes de ela quebrar as instruções para me chamar.

Antes de eu ir, o taxista pediu seu pagamento, obviamente, e eu passei meu cartão de débito na máquina permitindo que ele arredondasse a quantidade que eu lhe devia.

— Perellon! – eu me aproximei assim que ele me liberou.

— Dez minutos para que ele chegue, você tem que se proteger. Vá para dentro do posto de polícia, assim que nós terminarmos tudo, o chamaremos.

— Sim, senhora – eu disse como se fosse mais um dos policiais.

— Matheo – ela me chamou a atenção outra vez, não como a oficial, mas como uma amiga – tudo ficará bem.

— Espero por isso – eu disse – espero pelo momento que essa frase finalmente terá sentido.

Fui levado até uma sala que não permitia olhar para o que acontecia, devido à ausência de janelas. Não aguentei ficar alí, eu tinha que saber se tudo ficaria bem com ela.

A área de entrada estava vazia, os policiais tinham ido ao lado de fora para esperar o ônibus, como os homens da detetive Perellon o faziam, e eu fiquei vendo como tudo acontecia.

Primeiro, o ônibus chegou. Ele fora obrigado a parar, como de costume, e os passageiros a descer para que uma revista ocorresse. Quase que aos pares, os passageiros foram saindo de dois em dois para uma fila que era formada. De um lado homens, do outro lado mulheres. Quando, finalmente, Isaac saiu de lá, segurando Violet pela mão, os policiais à paisana o cercaram e o derrubaram ao chão, enquanto outros dois retiravam Violet de perto daquela bagunça.

— Finalmente! Acabou! – eu exclamei para mim mesmo, achando que tudo estaria tranquilo finalmente.

Não durou nem um minuto essa nesga de felicidade. Quando colocaram

Isaac de pé, algemado, e retiraram dele o boné e os óculos escuros, que já estavam tortos em seu rosto pela truculência com que fora tratado, o rosto que se revelou era mais jovem, o cabelo mais escuro.

Olhei na direção de Violet, mas ela não estava mais ao alcance do meu ângulo de visão. Eu vi quando a detetive Perellon estava caminhando na direção de onde eu estava. Ela tinha um olhar frustrado no rosto. E então tudo fez o maldito sentido "não são eles" minha mente ecoou o desespero que saiu dos meus lábios.

— Não, Matheo – a Perellon respondeu assim que me alcançou – vamos refazer o caminho de volta, saber em que ponto da estrada nós o perdemos.

— Eu quero ir junto.

— Isso não é trabalho para você.

— Você pode me levar, ou não, mas de qualquer modo eu estarei perto de você, e o mais importante, perto de Violet.

Ela pareceu notar que minha firme resolução não seria abalada. Se deu por vencida e me fez sinal para segui-la. Assim que entramos no carro, ela começou a dirigir de volta.

Paramos no restaurante onde o ônibus tinha feito a parada, justamente o local onde perdemos nosso alvo de vista. E ela deu a volta no local, de arma em punho. Chegamos ao estacionamento e eu vi, ao longe, o soco inglês de Violet reluzindo sob o sol do Arizona. Corri até lá e o peguei para mostrar a Perellon.

— Eles passaram por aqui!

— Ela utilizou o Walkie-talkie e informou à polícia sobre uma possível fuga de carro.

Corremos de volta ao carro e ela acelerou para a direção contrária da que viemos. O rádio instalado captava a frequência da polícia e informava que, há algumas centenas de metros dali, um carro tinha acabado de furar uma barreira policial.

Perellon pegou o rádio e falou com a central: — Perdemos o suspeito. A vítima continua com ele. Fechem todas as saídas da avenida. E parem os carros, cautelosamente. QSN?

— QSL – o operador do outro lado da radiofrequência respondeu.

— QRU? – Perellon perguntou.

Eu não entendia patavinas, e me arrependi um pouco de não ter prestado um pouco mais de atenção no Código Q quando eu me alistei nas forças armadas.

— Sim, temos – a voz respondeu – carro suspeito, placa: Mike, Papa, Foxtrote, segundo, nono, negativo.

Agora sim, eu entendi alguma coisa. Placa do carro MPF-290.

— QRB? – Perellon perguntou.

— Três quilômetros e acelerando.

Soube imediatamente que essa era a distância que estávamos do carro onde Violet estaria.

— TKS – ela agradeceu e encerrou o contato.

— E então? – eu perguntei à Perellon já que tinha me perdido plenamente na conversa.

— Já há uma bandeira reversa, Matheo. Meus homens estão cercando as saídas da avenida, ele está indo de encontro ao nosso cerco.

DIA D: FIM DA LINHA

VIOLET

O carro acelerava e eu sabia que se eu não fizesse alguma coisa ele conseguiria fugir. Isaac, ao meu lado, no banco do motorista, estava com o olhar fixo no caminho à frente. Como um louco, ele mal piscava, apenas concentrado em escapar. Eu tinha que ser a heroína da minha própria história, nunca fui muito de esperar príncipes me salvarem.

Agora, que ele tinha uma arma em mãos, fugir era um pouco mais complicado. Eu precisava, realmente precisava, pensar em alguma coisa, escolher o melhor momento. Ele não podia simplesmente escapar assim.

Eu sabia que qualquer distração para ele, poderia causar um acidente automobilístico, e era exatamente isso que eu precisava. Pode soar louco, eu sei, mas eu precisava que ele perdesse o foco da pista, que ele perdesse o controle do carro. Ele tinha as duas mãos no volante, uma delas segurando a arma, a outra sem nada, que vez ou outra ele deslizava para acarinhar o meu cabelo.

A sensação de ser vigiada não passava, de maneira alguma passava, e eu sabia que estávamos indo para um "beco sem saída".

— Nós ficaremos bem – ele dizia como um fanático – ficaremos juntos, você irá adorar o litoral da Europa, alguns locais específicos são quentes, eu sei que você não gosta de frio.

"Seu verme ridículo" eu pensei, mas eu não poderia falar, apenas sorri de volta, como se estivesse acalentando a idéia de ficar ao lado de Isaac numa das praias europeias. Virei meu corpo meio de lado como se estivesse Foi naquele momento, justamente naquele momento, que eu vi o instante ideal para agir. Ele tirou a mão do meu cabelo e colocou-a no volante, e então os olhos dele se focaram no caminho mais a frente. As pistas estavam vazias, quase como se tivessem sido evacuadas, e bem lá na frente, havia uma fileira de viaturas policiais. Pelo menos quatro, todas elas atravessadas na pista e esperando que Isaac se aproximasse. Instintivamente, olhei para trás, e lá estava um carro se aproximando, com tudo, do nosso carro, apesar de ainda estar há alguma distância.

Quando ele reconheceu a barreira policial e se desconcentrou, eu estiquei minha perna e, devagar, segurei com o braço que Isaac não via no meu cinto de segurança, e rapidamente dei um chute no volante, na mão de Isaac.

Diferente do que eu pensei que aconteceria, ele não largou o volante, na verdade, o que ele fez foi perder o controle do carro que começou a derrapar na pista enquanto Isaac me xingava de todos os nomes possíveis e imagináveis. E apertou o freio, que por algum motivo estúpido, falhou. Isaac enfiou os braços pelos buracos do volante e apertou o volante com o peito, perdendo a arma, que eu comecei a procurar enquanto ele direcionava o carro para bater no canteiro do lado da pista. Soltei meu cinto de segurança e me joguei sobre o consolo central do carro para pegar a arma que tinha caído para o banco de trás.

O air bag do carro foi ativado e eu ouvi um grito de Isaac enquanto ele tentava desinflar aquele aparato.

— Sua vagabunda! – ele me xingou e me puxou pelo cabelo quando eu estava a centímetros de alcançar a arma – queria capotar o carro, sua merda?! E eu achava que você me queria!

— Ninguém te quer, seu maldito! – eu comecei a empurrar os braços dele com as pernas e ele vacilou por dois instantes, me largando e secando o sangue que pingava do nariz dele. Quando o air bag foi ativado, provavelmente quebrou o nariz dele devido ele não estar a uma distancia segura.

Igual a um cachorro Isaac continuava me puxando pelas roupas, e até mordeu minha perna para que eu parasse de chutá-lo. Eu finalmente consegui, depois do que pareceu uma eternidade, mas não foi nem um minuto, alcançar a arma. Empunhei-a voltando minha mira para a direção de Isaac e ele recuou por um minuto.

De relance, eu vi o carro que vinha atrás do meu se aproximando e parando a uma pequena distancia de nós.

— Fica quieto aí seu grande pedaço de merda! – eu o ameacei apontando a arma na direção do rosto dele – destrava a porra dessa porta.

Isaac começou a sorrir e a cena dele sorrindo com uma faixa de sangue

secando do seu nariz, lábios e até dentro da sua boca, foi uma das cenas mais doentias que eu já tinha presenciado em vista.

— A trava – ele falou com a voz alterada – você esqueceu a trava! – Ele enfiou a mão sob o banco dele e voltou com uma pequena Peggy Sue em mãos e apontou direto para meu rosto – e a munição.

Puxei a trava rápida, não querendo acreditar no que ele me dizia, e apertei o gatilho diversas vezes, muitas vezes, e em nenhuma dessas vezes o cérebro estourado dele pintou o vidro da janela.

— Vem comigo – ele me puxou e colocou a arma na minha cabeça. Não me arrastando ainda para fora do carro, mas para funcionar como um escudo humano para ele.

— Me larga... – eu ainda tentava me desvencilhar dele.

— Fica quietinha! – ele pediu e abriu a porta do carro, tomando o cuidado de manter sempre a arma encostada do lado da minha cabeça.

Eu vi o carro que vinha atrás de mim e minhas pernas tremeram um pouco quando eu conheci os seus ocupantes. A detetive Perellon segurava uma arma empunhada na direção de Isaac e, ao lado dela, Matheo, olhava toda a cena aturdido, querendo fazer alguma coisa e não podendo fazer coisa alguma.

Os policiais do outro lado, atrás das viaturas, com as luzes dos carros ligadas, pareciam congelados num milissegundo. Isaac estava desnorteado pelas luzes, como um rato que se vê encurralado por um gato, ele estava procurando uma saída enquanto fingia-se de medroso, eu sentia.

Todos estavam com medo de reagir, a Peggy Sue é pequena, mas é potente, e cara, eu ainda tinha muito para viver. O dia era quente e a luz cegava a todos, Isaac era o mais cego de todos, pelo seu devaneio e pelo ódio que carregava.

MATHEO

Observar Violet naquela situação e não poder fazer nada era a pior coisa que poderia acontecer para mim. Era como uma visão do inferno.

Do meu lado, a detetive Perellon falava com os policiais do outro lado por um walkie-talkie: — A situação está estática, não permitir que passe a móvel – ela olhou para mim e me mandou abaixar atrás do carro.

— Eu vou lá! Eu tenho que conversar com ele, eu vou ficar no lugar de Violet.

— Não, você não vai à porra de lugar nenhum, Matheo – ela disse – não se faz troca de reféns, e não se permite que um não policial se envolva na negociação.

Ela falou mais algumas coisas no walkie-talkie com os policiais do outro lado, e eu soube que eles não hesitariam em apagar Isaac se fosse necessário, a qualquer momento, estavam apenas esperando o melhor momento para isso.

— Haverá negociação? – perguntei.

— Sim, mas não serei eu a fazê-la – Perellon disse – o comandante da operação nunca comanda a negociação.

VIOLET

Um dos policiais com o megafone começou a falar, exatamente como eu tinha visto em todos os filmes Hollywoodianos. O sangue do nariz de Isaac pingando no meu rosto devido a proximidade que ele conservava do meu corpo combinava com a dramaticidade da cena. Que droga, eu era realmente refém?

— Isaac Riley, você está cercado, se entregue à polícia de Phoenix!

Isaac apertou um pouco mais a arma contra a minha cabeça e eu já estava prevendo o momento em que ele ia apertar o gatilho.

— Sou eu quem está com Violet – Isaac gritou de volta – eu quem faço as exigências.

A polícia estava envolvida, então significava que eles tinham o controle de tudo, significava que eles tinham Olívia, ou pelo menos eu esperava que isso significasse, mas o mais importante: Isaac não conseguiria dar ordens a ninguém agora. Mesmo que Guilherme ainda estivesse com Olívia, ele não poderia fazer nada agora, já que Isaac não lhe pediria coisa alguma.

"Ok, Violet..." eu pensei comigo mesma "concentre-se, você e Emily sabem como fazer isso, nosso mestre do Krav Maga disse que éramos boas nisso, e você estudou esse movimento por dez horas seguidas, não ferre com tudo!".

Eu iria correr o risco, eu sei, mas Isaac estava alucinado, louco pela fuga, louco pelo cerco, eu tinha que fazer isso, e eu tinha que fazer agora. Olhei alarmada para a detetive Perellon e ela sabia que tinha que agir.

Estiquei o braço direito e peguei a mão que Isaac tinha a arma, mas antes, cheguei o braço esquerdo com força e velocidade, dando uma cotovelada nas costelas de Isaac. A Perellon disparou na direção das costelas dele, esse movimento rápido o fez vacilar por dois segundos, e cair. E eu consegui sair da mira da arma. Com o golpe do tiro, a mão de Isaac amoleceu e a arma caiu no chão, eu a chutei para fora do alcance dele e finalmente consegui tomar a Peggy Sue dele.

— Agora você vai me pagar seu lixo humano! – eu peguei a arma enquanto dava alguns passos para atrás – eu mal consigo acreditar que finalmente posso acabar com você!

Eu abaixei um pouco a mira do revolver e atirei no meio das pernas dele, eu quase consegui sentir o som das bolas dele estourando. Ele soltou um urro e caiu ao chão.

A polícia, ao ver Isaac desarmado e caído, se aproximou e eu estava engatilhando a arma outra vez, eu queria atirar no centro dos olhos dele e acabar com tudo, mas eu não queria, ao mesmo tempo, ser igual a ele.

— Vamos, me mate... – ele ficou pedindo, implorando, na verdade, para que eu acabasse com a vida dele – seu pai não teve coragem, e você é exatamente igual a ele. Fraca... – ele cuspiu, deliberadamente, um bolo de cuspe e sangue.

Eu deixei minha mão pender do lado do meu corpo. Eu não poderia me deixar contaminar por ele, pela imundície que era a personalidade dele.

Eu vi quando Isaac deu um sorriso quando eu não consegui atirar para mata-lo, eu vi quando ele achou que ainda conseguiria, de algum modo, escapar. Eu vi quando ele ainda conseguia me dar um olhar lascivo, apesar da dor.

Ele apenas abriu os lábios, quase sem emitir som, mas eu li as palavras como se ele as tivesse gritado: — Eu ainda vou achar você...

Eu recoloquei o cão da arma na posição e a polícia me alcançou, me envolvendo num pano preto e grosso e me afastando daquela cena. Retirando a arma da minha mão e me impedindo de terminar com aquilo tudo. Ele não poderia fugir assim, sem sofrer. Eu o faria pagar caro por isso, eu o faria se

arrepender. Eu o queria ver fritando numa cadeira elétrica.

Eu vi quando os homens à serviço da detetive pegaram Isaac e o jogaram de qualquer modo no baú de uma das viaturas, e arrancaram com ele para um hospital. Porque, o maldito homem, ainda inspirava cuidados médicos.

O que ninguém viu, foi quando a detetive Perellon se aproximou de mim e soprou essas palavras: — Do lugar para aonde ele vai, ele ou qualquer outra pessoa, nunca conseguirão te achar.

Ela apontou a enorme mancha de sangue na pista e eu notei, ele tinha perdido sangue demais, o hospital estava longe, ele provavelmente morreria no meio do caminho, isto se os homens da detetive Perellon, junto aos policiais, não terminassem com ele durante o trajeto, caso ele sobrevivesse.

— Violet...

Ergui o rosto quando o ouvi me chamando. A voz dele trouxe uma onda de calmaria por todo o meu ser, eu me senti nas nuvens e eu nem precisava mais ter medo.

Meu Moreno se destacou no meio da multidão, ele veio em minha direção, não correndo, como nos filmes com final feliz, mas devagar, me permitindo ter uma visão dele por completo.

A cada passo dele meu coração apertava mais um pouco e eu me sentia sendo esvaziada de todo medo e restando, ao fim, apenas o bom sentimento que eu tinha por ele e mais nada.

UM ABRAÇO APÓS TUDO

— Ainda não acabou – Matheo disse – ainda falta Olívia.

— Eu sei!

Ele pegou meu rosto nas mãos e me beijou, tão forte, mas tão forte, que eu senti como se ele fosse me engolir alí mesmo na frente de todo mundo, e aquilo tinha sido maravilhoso. Tinha, por alguns momentos, acabado com todo o estresse que tinha no meu corpo.

Entramos, Matheo e eu, numa das viaturas de polícia que nos levaria para o distrito de polícia do estado do Arizona. Todo o tempo, exatamente todo tempo, Matheo punha um braço protetor ao redor de mim e não me deixava nem mesmo respirar direito, aquela agonia era muito boa.

— Foi Guilherme quem entregou nosso plano para Isaac – ele disse – eu desconfiei dele, do jeito dele, e fiquei lhe seguindo, quando saí daquele prédio, foi ele quem ligou. Alex e Guilherme foram ao apartamento dele, eles estavam com Olívia.

— Não – eu neguei com a cabeça – Isaac disse que Guilherme era um peão, ele estava sendo usado também.

— Violet, eu estou apenas lhe contando as coisas por que não quero que você se decepcione.

— Isso não acontecerá, não há nada nessa vida que eu já não tenha vivido e que me possa decepcionar mais do que as coisas que já passaram por mim. Primeiro Alex, minha mãe, depois Guilherme, enfim, tantas pessoas acabaram apenas deixando marcas ruins em mim. Eu não quero mais esperar tanto delas – olhei para ele – e nem de você.

Matheo não entendeu minha frase no final, eu deixei que a palavra ficasse pendurada no espaço de ar entre nós até que ela se dissipasse.

Quando o carro chegou ao distrito, já haviam outras duas pessoas esperando na sala em que fomos colocados. Matheo, por instinto, me colocou atrás do corpo quando viu quem estava alí, esperando.

— Guilherme? – chamei um tanto quanto assustada, eu sinceramente não o esperava ver alí.

— Violet! Graças a Deus! – ele veio na minha direção e Matheo não o deixou me alcançar, colocando a mão no peito dele.

— Eu estou do seu lado, idiota.

— A cada hora você parece estar de um lado diferente – Matheo falou com um tom de ameaça na voz.

— Eu realmente precisava fazer isso, eu tinha que ter Olívia em mãos, aí sim, eu poderia traí-lo, poderia trair Isaac.

— Você está mentindo!

— Não, cara – ele disse – eu não estou. Eu precisava pegar Olívia, Alex estava com ela, a mando de Isaac, eu não sei o que ele ofereceu para Alex em troca de sua lealdade, provavelmente a polícia descobrirá mais à frente.

— Espera – eu me intrometi – quer dizer que era Alex quem estava com Olívia?

— Sim, ele era o único, além de Isaac, que sabia o local onde ele estava.

— Onde ele está? – perguntei.

— Com muita sorte, está no inferno – arregalei os olhos e ele explicou – quando a polícia entrou no apartamento, ele tentou atirar na direção dos policiais, mesmo depois do alerta, e deles terem atirado no joelho dele para neutralizá-lo, ele ainda atirou na direção da polícia, eles não hesitaram em abatê-lo dessa vez.

— Alex está morto?

Por mais que me doesse saber que ele era um traidor, saber que alguém além de Isaac estava ferrado nessa história, era saber que de um modo estranho, Isaac tinha conseguido uma vitória.

— Venha aqui, Olívia – Guilherme chamou a menina sentada numa das cadeiras da recepção – venha conhecer sua irmã.

A menina era minha cópia viva. Idêntica, exceto pela coloração dos olhos e o tom de cabelo, o dela natural e o meu platinado, eu finalmente estava conhecendo a irmã que eu nunca soube que tinha.

— Olívia... – eu chamei o nome dela – puta merda, eu nem te conheço direito e você já me deu trabalho que vale por toda uma vida.

— Posso dizer o mesmo – ela me sorriu de uma forma que era tímida e amigável ao mesmo tempo. Ela era impossivelmente linda. Tinha que ser, ela é minha cara.

— Cara, eu quero muito te abraçar, posso? – pedi.

— Acho que pode – ela deu de ombros e eu me aproximei devagar e a abracei. Era um abraço estranho, afinal, eu nunca a tinha visto antes, mas ao mesmo tempo algo cantava dentro de mim mostrando um sentimento conhecido. Talvez fosse o sangue, talvez fossem as almas, de algum modo, nos reconhecíamos no abraço uma da outra.

Quando eu a soltei, tanto ela quanto eu tínhamos um par de lágrimas nos olhos.

— Violet – Guilherme chamou a nossa atenção – você terá que cuidar dela.

— Como assim?

— Meus advogados conseguiram fazer com que eu pudesse aguardar sua chegada. Eu serei preso, provisoriamente – ele disse.

— O que?

— Independente da motivação, no caso, resgatar Olívia, eu cooperei com Isaac para seu sequestro, e eu estava com Alex quando estouraram o cativeiro de Olívia, no meu apartamento. Até que tudo seja esclarecido é muito provável que eu fique detido.

— Eu cuidarei dela.

— Eu não sei quando eu vou voltar – Guilherme virou Olívia para si e só então eu notei os policiais ao lado de nós – obedeça Violet em tudo. Ela é sua irmã. Ah, e não se transforme numa rebelde sem causa como ela.

— Ei! Ou! Eu tive causa!

— Não importa – Guilherme olhou de mim para Olívia – nada de piercing, tatuagem, alargadores, e todas essas coisas do tipo.

— Esqueceu-se de mencionar o pacto com o coisa ruim.

— Isso aí também.

Apenas um abraço forte e os policiais pegaram Guilherme e o levaram para uma sala onde ele prestaria esclarecimentos.

Matheo, de quem eu tinha me esquecido por uns minutos, olhou para nós duas e ele me deu um sorriso como quem diz: "viu, Violet, valeu a pena". Ele me puxou para um abraço e bagunçou o cabelo de Olívia à distancia.

— Estão com fome? – ele perguntou olhando de mim para ela outra vez.

— Eu estou morrendo... – exagerei como sempre.

— Vi um Domino's Pizza do outro lado da rua, vou comprar algo para trazer para nós.

— Perfeito.

Ele saiu e eu peguei Olívia a trazendo para perto de mim. Sentamos nas cadeiras e eu quebrei o silêncio.

— Eu tenho muito para falar com você, tanto... tanto... Sabe, tem uma pessoa que vai ficar muito feliz em te conhecer.

— Quem?

— Collete, nossa mãe. Eu sei, deve ser informação demais – eu comecei a falar sem ter o que me fizesse calar a boca – eu sei que você nem deve estar pensando nisso uma hora dessas, está preocupado demais com seu irmão, consigo, com tudo, para pensar nisso, mas ela a ama, e tanto, que eu tenho

certeza que o mundo dela fará sentido quando ela te conhecer. Puxa vida, você deve estar com fome, ele já vem, tá? Ele vai trazer comida para nós.

— Ei... – ela me silenciou - calma, ainda há muito tempo para tudo.

Eu sorri sem mostrar os dentes e ela comentou.

— Aquele é seu namorado? – ela falou quando Matheo entrou de volta pelas portas da delegacia.

— Sim, ele é lindo, não é?

— Não sei, prefiro os loiros.

Ela se referiu a Nicholas, que vinha um pouco mais atrás. Emily não ia gostar tanto disso. Matheo não trouxe pizza, pois ainda levaria cerca de quinze minutos para ficar pronto, mas trouxe café e donuts.

— Violet! – Nicholas me cumprimentou e eu me levantei para lhe dar um abraço – estou muito feliz que tudo tenha acabado. Como se sente?

— Ainda não sei – eu disse – sinceramente ainda não sei – eu apontei Olívia e a apresentei a ele – esta é minha irmã, Olívia.

— Eu já o conheci antes – Olívia disse – ele estava com os policiais que foram ao apartamento do meu irmão.

— Sim, eu já estava aqui há algum tempo – Nicholas disse e eu esperei a explicação – eu estava prestando esclarecimentos à polícia. Eu saí para ligar para Emily, ela estava preocupada.

— Entendi.

— Ela disse que se quiser, e eu também o estou oferecendo, vocês podem ficar na nossa casa. Matheo, num quarto e vocês duas no outro.

— Eu aceito, por um tempo.

Matheo, que estava silencioso desde aquelas palavras que tínhamos trocado no quarto, olhou bem para mim quando falei o "por um tempo".

— Coma Olívia – eu sugeri e ela, que estava faminta, aceitou o convite. Sentou-se com a caixa de donuts no colo e começou a comer um deles.

— Que história é essa de por um tempo? – Matheo perguntou.

— Eu tenho que ir procurar minha mãe, eu vou tirá-la daquele hospital. Agora, com Isaac preso, eu sou a única responsável por ela.

— E depois?

— Não sei, Matheo. Eu não quero nem lembrar de East Valley por um bom tempo. Eu quero esquecer tudo dessa cidade.

— Isso me inclui? – ele perguntou – por que você não para de fugir, Violet? Não vê que acabou? Admite logo nessa droga de delegacia que me ama e que quer ficar comigo, isso não é mais um jogo. Eu quero ficar contigo. Porra, eu te

amo! Não dá para você facilitar as coisas para mim por um tempo?

Nicholas pegou Olívia e entrou numa das salas vazias da delegacia, eu vi que ele queria deixar que Matheo e eu nos ajustássemos, que conversássemos.

— Violet, - Matheo insistiu – você não teria coragem de mentir outra vez para mim. Eu sei, você sabe, você me ama também.

— Até os cegos notam que eu te amo, Matheo – eu retruquei – eu preciso apenas ter um pouco de paz na minha vida, pelo menos por um pouco de tempo.

— Eu posso ser sua paz.

— Matheo, você é fogo vivo, como eu poderia ter paz quando mal consigo ficar do teu lado sem ver o que essa boca linda é capaz de fazer?

Ele me roubou um beijo daqueles de tirar o fôlego, até que o policial nos repreendeu.

— Eu posso fazer muito mais, se ficar comigo.

— Matheo, não me peça isso. Eu preciso me encontrar para poder me dar para você.

Ele não falou nada. Talvez não tivesse nada a ser dito por um tempo. Eu pegaria a minha mãe, eu sairia definitivamente da cidade, eu colocaria minha vida nos eixos e, só então, se ele ainda me quisesse, eu voltaria para ele.

DIAS DE CALMA

Tinha acabado, o pesadelo tinha acabado. Fazia mais ou menos dois meses que tudo tinha acabado. Eu ainda tinha que ir ao tribunal sempre que os juízes solicitavam. E eu ainda tinha intermináveis conversas com advogados que estavam conseguindo, finalmente, retirar Isaac Riley da minha vida.

Pelo que tudo mostrava, ele pegaria prisão perpétua.

Olívia tinha começado a ter aulas particulares, isso a prepararia para as provas de SAT, o exame de avaliação popular para entrada nas escolas e/ou universidades americanas.

Guilherme aguardava o julgamento dele, os advogados tinham esperança de que ele seria solto, e se não o fosse, de que ele pegaria uma pena relativamente pequena, pelo seu envolvimento com os crimes de Isaac.

Depois de muito tempo, eu tinha uma casa, um lar. Tinha comprado uma dessas casas geminadas americanas estreitas, de quatro andares. Não fora tão cara, visto que ela precisava de uma boa reforma, mas quando tudo terminou, ela ficou bem agradável.

Olívia tinha o quarto dela, Guilherme teria um quarto quando ele saísse, Collete teria o quarto dela quando ela saísse do tratamento. Sim, por que finalmente ela tinha ido para uma casa de auxílio psicológico onde ela seria tratada com um pouco mais de dignidade. As visitas eram sempre aos domingos, e ela ainda confundia, às vezes, o nome de Olívia com o meu, mas os sinais mais graves dela, como o descontrole e os ataques de melancolia, estavam diminuindo.

Eu também tinha meu quarto, com uma enorme cama de casal que nunca antes pareceu tão solitária do que nos momentos que eu lembrava que tinha um corpo moreno que preencheria com perfeição aquele espaço.

E eu tinha um espaço para o meu bebê. Um espaço que eu estava decorando aos poucos, já que eu ainda não tinha completado nem três meses de gravidez, embora já estivesse enjoando bastante. Ele estava sendo pintado e eu o decoraria todo de bege e ocre, cores que eu adoro. Isso depois de ter brigado um pouco com Olívia, já que ela achava que seria muito estranho ter um jogo de cama preto, lindo, que eu vi numa loja exclusiva gótica.

Olívia tinha se tornado uma grande amiga, mesmo nestes dois meses, e tenho de admitir, ela não puxou a mim apenas na aparência, ela tinha meu gênio. Isso me dava um orgulho louco.

Até que Seattle não era uma cidade tão ruim, exceto pela calmaria que se abatia sobre ela de vez em quando. Não sei se era a área que eu morava, ou se

era a própria cidade, que era calma demais. Minha vida parecia estar entrando nos eixos e, se não fosse aquela saudade que vez ou outra se acendia dentro de mim por culpa de certo italiano, eu não sei o que eu faria.

Olívia e eu estávamos a visitar um tatuador. Sim, porque, independente do conselho de Guilherme, ela já mostrava que seria um pouco rebelde, tipo eu. E ela queria tatuar pássaros no pulso. Era uma coisa delicada, ela tinha completado dezoito anos e eu achei que seria um belo presente.

Enquanto o tatuador da Haze and Glory desenhava os pequenos pássaros no pulso dela, como se eles estivessem se sentindo livres, o sentimento de saudades se intensificou. Talvez fosse a gravidez, talvez fosse qualquer outra coisa, talvez fosse mesmo frescura, mas eu me lembrei de Matheo outra vez.

— Ei, está tudo bem? – Olívia perguntou enquanto fazia uma pequena careta por causa das agulhas.

— Está sim.

— Você prometeu que não mentiria para mim – ela disse, e era incrível como ela já me conhecia.

— O Di Barbieri tá invadindo outra vez minhas lembranças.

— E por que mesmo que você não liga para ele?

— Eu enchi a vida dele de problemas, quero dar um tempo de folga para ele.

— Talvez esse tempo de folga já esteja longo. Já pensou se você volta lá e ele já está com uma loira com três metros de perna? Uh, não quero nem pensar.

— Isola! – bati na madeira.

— Acho que você já deu muito tempo para ele e para si também.

— É, acho que é hora de ir pegar meu italiano na unha.

Sorrimos um pouco. Eu deixei Olívia finalizando a tatuagem dela enquanto fui até o lado de fora. Eu não tinha o telefone da Prime anotado, na verdade, eu não tinha o telefone de ninguém, só o de Guilherme, e o único telefone que eu me lembrava de cabeça era o de Nicholas. Disquei o número dele.

No segundo toque atenderam:

— Nicholas Theodoridis. Quem fala?

— Violet Nella Sue – eu falei num tom divertido – ainda não sei porque você tem a necessidade de atender desse jeito, nome e sobrenome.

— Meu Deus! Violet – ele comentou com uma alegria na voz – você sumiu! Onde está? Está tudo bem? Emily! – ele chamou a mulher que devia estar perto dele – um beijo que você não adivinha quem está me ligando.

Eu sorri um pouco quando ouvi o beijo do casal depois que Emily errou o chute.

— Violet, sua louca, filha da mãe, sua quenga! – Emily me cumprimentou divertida.

— Bom dia para você também, gata! – respondi.

— O que você está fazendo? Como você está? Onde você está? Meu Deus, eu te adoro tanto, eu vou te matar quando eu te ver!

— Nossa, muito amor – eu comentei sarcasticamente – eu estou em Seattle. Olívia está comigo. Eu quero distancia de East Valley por muito tempo. As ruas daí me dão arrepio.

— Eu vou te obrigar a vir me visitar, nem que eu precise te amarrar para isso – Emily falou e eu ouvi Nicholas ao fundo perguntando alguma coisa para ela – Nicholas mandou eu perguntar se pretende vir para a cidade, ele disse que os quartos de hospedes sempre estarão de portas abertas para sua família.

— Não sei, tudo depende.

— De que?

— Você sabe.

— Não, eu não sei não.

— Matheo di Barbieri.

— Oh, Matheo... – ela hesitou um pouco antes de falar – ele não está em East Valley.

— Yellowstone Hill? – perguntei.

— Não, ele encerrou sua participação na Prime. Depois que ele conseguiu reaver a herança do seu pai e deixar toda na sua possessão, ele se desligou da sociedade.

— Achei que Nicholas tivesse feito isso, como ele tinha dito.

— Não, Nicholas não é especialista nessa área. Foi Matheo.

E eu tinha mais uma coisa para ser grata a ele.

— Ah, Emily...

— Sim.

— Qualquer dia desses, você vai ter que vir me ver em Seattle.

— Vou sim, mas qual o motivo?

— Você vai ser tia.

— Santa mãe de Deus!

— Não, não, mãe de um Barbierinho, e nem um pouco santa – Emily sorriu um pouco e contou a novidade para Nicholas, que pegou o telefone.

— Ninguém esperava por essa, está tudo bem aí? Está tudo bem com a criança?

— Nem é uma criança ainda, deve estar parecendo mais um feijãozinho, sei lá, mas está tudo bem sim. Eu liguei por outro motivo.

— Que seria?

— Onde Matheo está?

— Eu lamento dizer, Violet, mas depois que aquilo tudo aconteceu, ele foi para casa. Não a de Yellowstone Hill, que ele vendeu para mim, ele foi para casa mesmo.

— Itália?

— Sim.

— Eu vou buscá-lo onde ele estiver.

— Eu sei. Pega papel e caneta, eu passo o endereço.

— Uau, garoto esperto.

— Sempre.

Entrei na loja outra vez e pedi um papel e caneta. Enquanto Nicholas me falava o endereço de Matheo, eu ficava mais e mais nervosa.

— Isso ao fundo é uma máquina de tatuagens?

— Exatamente.

— Você?

— Não, Olívia está recebendo seu presente de aniversário.

— Violet, nos faça um favor?

— Sim, até dois.

— Não vá tatuar seu bebê.

Sorrimos um pouco e me despedi deles. Prometi que um dia, ainda não sei

quando, eu voltaria a East Valley para visitá-los. Eu sou muito grata aos dois, que me ajudaram muito quando eu precisei.

Eu tinha que ser mais grata ainda a Matheo, que, quando minha vida estava um inferno, acabou sendo a minha redenção. Me libertou de uma situação que eu achava que não tinha mais solução, e eu nem me refiro àquele maldito, o Isaac, eu me refiro aos muros que eu tinha construído ao redor de mim. Aos muros pichados com os dizeres "você nunca vai amar ou ser amada". Ele chegou, devagar, e me mostrou que sim, eu era capaz de ambos. Eu precisei de um tempo longe, como eu sempre fazia, para entender o sentimento na primeira vez, e na segunda, agora, eu entendi a profundidade deles.

Eu tinha que encontrá-lo, provavelmente eu chegaria dizendo: — Ei, tá vendo essa barriga aqui? É seu filho.

Ele poderia enfartar, mas era um risco que eu teria que correr.

Entrei na loja outra vez e Olívia já sabia que eu tinha um plano.

— Está com outra cara, Vi! – ela comentou – que tá aprontando? Ou o que vai aprontar?

— Está tudo "OK" com seu passaporte?

— Sim.

— Muito bem.

— Por quê?

— Se tudo der certo, em poucos dias, neste mesmo horário, estaremos em Nápoles, na Itália.

O LUGAR A QUE PERTENÇO

Nápoles, mais especificamente na região da Campânia. Era um lugar quente, absurdamente quente, e por isso mesmo, mas não somente por isso, lindo. Não era a toa que Matheo tinha aquele tom de moreno dourado na pele. Se ele pegava esse sol desde menino, e eu, com certeza, conseguia imaginá-lo correndo pelo litoral e sendo beijado pelo sol, só poderia ter resultado no tom lindo de caramelo da pele dele.

Olívia já tinha colocado o rosto para fora do carro, bem como metade do corpo, para aproveitar o vento que vinha dos enormes campos verdes da via Posillipo.

Não faltava muito, eu tinha passado e repassado de memória o endereço diversas vezes. Eu estava indo procurar por ele em todos os lugares prováveis, em qualquer lugar que ele pudesse estar. Poxa vida, eu o amava, e eu o tinha deixado escapar pelos meus dedos.

A família de Matheo tinha uma puta de uma propriedade na Privata Villa Maistro. Uma das travessas da Posillipo. A casa estilo Adam Federal (ou georgiana, eu nunca sei se são diferente realmente ou não) despontava, branca com suas janelas azuis, de toda a vegetação num tom de verde queimado.

Olívia e eu descemos do carro que tínhamos alugado e caminhamos até o portão de entrada principal, que estava aberto, assim como algumas das portas da casa que parecia receber o verão europeu como se ele fosse um amigo íntimo.

— Bom dia! – cumprimentei uma das senhoras que estavam sentadas em cadeiras ao lado da entrada principal – eu procuro pela residência dos di Barbieri.

— Che cosa sta parlando? – uma das senhoras perguntou à outra.

— Quello che ha addosso? – a outra senhora respondeu com uma pergunta sobre minha roupa.

Como assim? Eu sei que minha roupa preta e meu coturno não eram a melhor combinação para o calor escaldante de Nápoles, ainda mais com a minha maquiagem escura que estava ficando completamente borrada e derretida sob tamanho calor.

Eu tinha que utilizar, finalmente, o italiano que eu estudei na adolescência.

— Buongiorno! Cerco la residenza di Barbieri.

— Questa è la residenza di Barbieri! – uma das senhoras, a que usava um chapéu disse.

— Encontramos, Olívia – eu me virei para Olívia (claro) e disse.

— Finalmente! – ela ergueu as mãos para o alto – depois de batermos três vezes nas portas erradas.

Virei-me novamente para as mulheres e perguntei: — Guardo di Matteo Barbieri. Il mio nome è Violet Nella Sue. Lei è Olivia, mia sorella.

As duas mulheres começaram a falar uma com a outra, como se estivessem tentando me reconhecer.

— O que você disse a elas? – Olívia soprou ao meu ouvido.

— Eu apenas disse que estou procurando por Matheo, e que nos apresentei. Disse que você é minha irmã.

Olívia acenou a cabeça positivamente.

Uma das mulheres levantou-se, depois a outra, e quando eu notei, as duas já tinham vindo para perto de mim e me enchiam de um abraço caloroso, e beijos no rosto, fizeram o mesmo com Olívia e começaram a nos levar para dentro da casa, chamando um tal de Enzo seguidamente.

Um rapaz de aproximadamente vinte anos surgiu correndo, assustado com o berreiro, mas ao mesmo tempo ele parecia acostumado com aquilo tudo. Ele não era tão alto quanto Matheo, e tinha o cabelo num tom de louro dourado, creio que devido ao sol, mas a pele e os olhos tinham os mesmos tons de Matheo. Eu soube imediatamente que devia ser parente dele, mais precisamente irmão.

— Questo è Violet. Lei è alla ricerca di Matheo! Violet! Violet! – a mulher falou num escarcéu.

— Violeta! Violeta! – a outra repetia e eu sentia que elas já tinham ouvido falar bastante sobre mim.

— Olá! – o rapaz se aproximou de mim e me pegou pela mão num cumprimento formal – sou Enzo di Barbieri, irmão de Matheo. Você é Violet? – ele perguntou com um pouco de uma suspeita que parecia mais uma surpresa.

— Sim – confirmei – estou procurando por Matheo. Essa é minha irmã, Olívia.

Ele estendeu a mão para Olívia e lhe deu um sorriso caloroso. Olívia achou que disfarçou, mas eu bem vi o momento que ela corou ao ver o belo sorriso que ele tinha. Ok, ela já ganhou o louro dela.

— Matheo não está – ele disse – quer dizer, ele estava aqui até ontem, mas teve que ir para Lazio, não é muito longe daqui.

— Lazio?

— Sim, – ele confirmou num inglês com muito pouco sotaque, e vez ou outra colocando os olhos em Olívia – ele foi cuidar da exposição.

— Exposição? Onde?

— Fuorigrotta – ele respondeu – fica há pelo menos duas horas daqui, dependendo do carro. Fica na Via Dioclesiano, perto da Chiesa di Santa Maria Solitaria e dei Santi Antonio e Isidoro.

— Ok, eu vou precisar de ajuda para chegar lá.

— Nonna! lei vuole me di prendere il Fuorigrotta! – ele berrou para a mais velha das duas, como se eles estivessem distantes.

— Lei non si spegne se non il pranzo prima!

— O que esse povo tá falando? – Olívia perguntou outra vez – e por que estão berrando tanto?

— Aparentemente, - respondi – estamos sendo intimadas a comer alguma coisa, primeiro, antes de sairmos.

— Isso vai ser bom, estou morrendo de fome.

Levaram-nos para a cozinha, onde nos serviram todo tipo de comidas possíveis e imagináveis. Tudo muito delicioso, especialmente um doce feito das laranjas colhidas da propriedade, que depois de muita conversa e gritaria eu descobri que era uma das produtoras de laranja da região.

Quando a noite caiu e, eu juro, se eu tomasse um copo de água eu iria explodir. Eu fui convidada a pernoitar. Olívia estava cansada, ela me disse, e uma moça que ajudava no cuidado da casa a instalou num quarto de hóspede do primeiro andar. Eu ainda teria que ir a exposição de Matheo, que começaria às nove da noite. Eram seis horas e meia, ainda.

Eu não sabia que iria precisar de uma roupa para exposição, mas eu também sabia me virar. Eu tinha uma bota de salto e cano longo na mala. Também tinha um vestido preto sem correntes e adereços e que tinha um bom caimento. Eu poderia só caprichar no esfumaçado do olho, colocar uma ou duas pulseiras, e pronto. Eu estaria perfeita para ocasião (espero).

Enzo me esperava no andar de baixo, a avó e a tia dele, e de Matheo, claro, já tinham ido deitar. Ele estava com uma camisa branca, leve, e um jeans escuro. O que me fez sentir arrumada demais para a ocasião. Mesmo assim ele me cumprimentou: — Está muito bonita, senhora Nella Sue.

— Me chama de senhora de novo e eu racho tua cabeça! – eu sorri.

— Senhorita? – ele parecia a ponto de desculpar-se.

— Não, apenas Violet.

— Violet – ele disse e sorriu – vamos, o carro já está ligado, nos esperando.

Saímos da casa e ele, apesar dos dezenove anos, que só durante a infinidade de lanches da tarde eu perguntei a idade, foi cavalheiro para abrir a porta do carro, elogiar meu vestido, e todas essas coisas que encantam as garotas impressionáveis. Como sabemos, eu não sou uma. Dava para ver que ele tinha aprendido alguns truques com o irmão mais velho.

Ele dirigiu por todo o caminho, a uma velocidade razoavelmente boa, e o trajeto de duas horas foi encurtado para uma hora e meia. Ele, o caminho inteiro, me fez perguntas sobre Olívia, algumas ela também já tinha feito para mim. Por exemplo: será que ele tem namorada? Será que ele se interessou por mim? *Etc.*

Quando as luzes de Fuorigrotta se acenderam no caminho, e a avenida estava mostrando que aquela região também tinha vida a noite, ele me avisou que estávamos perto da galeria onde Matheo estava expondo seu trabalho, que ele só iria procurar um local para estacionar.

— Ok.

Eu estava nervosa.

— Ei, vai ficar tudo bem – ele disse num tom compassivo – ele vai levar um susto, mas o coração dele aguenta.

— Espero que aguente.

Assim que ele parou, saímos do carro. À porta, ele se identificou como o irmão de Matheo e o segurança o autorizou a entrar. Quando eu faria o mesmo, uma das moças que estava trabalhando como hostess na porta da galeria, olhou bem para meu rosto e não foi muito discreta quando me reconheceu.

— OH MIO DIO! E 'LA MUSA DELLE IMMAGINI DI MATTEO!

OK, que eu era uma peça nos quadros dele, eu até acreditava, daí a me tornar musa, era outra história. Enzo chamou a atenção dela para o fato de que eu entenderia melhor a conversa se ela usasse língua inglesa. Agradeci por esse toque, apesar de não precisar.

Ela me fez entrar, e lamentou o fato de não poder me levar até Matheo, já que ela estava ocupada demais recebendo os outros convidados. Eu disse que ficaria tudo bem. Enzo disse que Matheo, muito provavelmente, estaria perto do local das bebidas, e foi procurá-lo lá me deixando uma piscadela que mostrava que quem estaria perto do local das bebidas seria ele.

"Como se desse para se embriagar com Champanhe (o verdadeiro)".

Passeei um pouco pelo local, observando minha face em vários daqueles quadros pintados em aquarela na parede. Matheo era um artista magnífico, não era a toa que seus quadros mostravam tanto sentimento. Ele tinha levado, inclusive, o quadro que tinha feito de mim dormindo, já que naquele dia eu não o pude levar.

A profusão de cores nas telas tinha tonalidades que iam desde o azul escuro

até o amarelo vivo, e eu adorava ver nuances de meus sorrisos em cada uma daquelas cores. Algumas pessoas começaram a burburinhar, ou me reconhecendo, ou me achando louca por ficar sorrindo sozinha para as paredes e figuras inanimadas.

Não era isso, não era rir sozinha, eles é que não entendiam. Cada quadro em que meu rosto estava, ou algum detalhe meu, me lembrava de um dos momentos que eu estive com ele. Tinha um quadro que era apenas uma tela azul, e uma metade de um rosto pintado em tinta branca, como se ele estivesse parcialmente iluminado por uma luz. E ele me remeteu à noite que nós dançamos juntos na Apache. Um outro quadro era mais sensual, e mostrava uma mulher nua, ela tinha linhas longilíneas e oscilava sob seus pés uma cor escura que poderia ser facilmente confundida com uma sombra, mas eu lembrava daquela cena, e a "sombra" era na verdade minha meia arrastão.

Ele tinha me imaginado e me querido tanto, que precisou me desenhar alí, como o fantasma que habitava a mente dele, para que ele ou eu, agora que as tinha visto, não esquecesse nenhum de nossos momentos.

Andei um pouco mais, e vi um amontoado de meia dúzia de gentes em círculo, ao redor dele. Ele respondia às perguntas que eram feitas, algumas fotos eram tiradas, e ele acenava para as pessoas que acenavam para ele.

Bem que aquele rapaz que trabalhava na galeria de Matheo em Yellowstone Hill tinha razão, ele tinha certo prestigio na terra natal.

Foi num desses lances que só as ligações entre duas mentes que nunca se separaram poderia explicar, que ele sentiu que alguém o observava e olhou em minha direção.

Primeiro, ele ficou parado, por um tempo, ignorando as perguntas de uma repórter ruiva insistente. Depois, ele sorriu um pouco, juntou as sobrancelhas em confusão, e saiu daquele circulo de pessoas para se vir em minha direção.

Com aquele terno preto feito sob medida e mais aquele andar que tinha um gingado que era só dele, ele era simplesmente irresistível. Se só andando o homem era gostoso, imagine quando ele terminasse o resto.

— Olá, você vem sempre aqui? – ele perguntou e tomou um gole do Champanhe que tinha nas mãos.

— Nem sempre, eu geralmente procuro os artistas que usaram minha imagem indevidamente – eu disse num tom de falsa seriedade – eu poderia conseguir muito, como hoje, quando eu achei meu retrato em vários dos quadros do artista.

— E o que acha dele? – Matheo ainda brincou, mas mordeu os lábios e eu sabia que ele sentia o mesmo frio na barriga de saudade que eu sentia, e que

Deus me perdoe, mas eu estava a ponto de rasgar a roupa dele e pegar ele no meio do povo mesmo.

— Acho que ele é muito bom usando as mãos, mas tem uma parte do corpo dele que me conquistou desde que foi usada pela primeira vez.

— Minha mente está viajando demais para tentar descobrir o que é – ele disse e deu dois passos para mais perto.

— Deixa-lhe viajar um pouco mais, é exatamente disso que estou falando.

— Violet.

— Matheo...

— O que está fazendo aqui?

— Eu sai de outro continente para encontrar um italiano fajuto que é perfeito até em suas imperfeiçoes. Eu precisava, sabe... Dizer para ele que o tempo passou e eu nunca deixei de amá-lo. E que eu tive medo, muito medo, de continuar a enchê-lo de problemas, afinal, eu sou um imã de problemas, mas que eu sou egoísta o bastante para querer continuar na vida dele.

— Ele adorará ouvir isso – ele brincou.

— Ele já ouviu.

Matheo me pegou pela cintura e me apertou contra si, ignorando qualquer outra pessoa nos arredores, e jogou a taça que tinha no chão. Ele me segurou pela cintura com uma das mãos e deslizou a outra pelo meu braço, subindo, até alcançar meu rosto. Ele aprofundou o beijo e respirou forte contra minha boca quando nossos lábios descolaram.

— Essa boca... – eu falei contra a boca dele enquanto limpava o borrado do batom vermelho.

— Ela é tua para brincar como quiser – ele voltou a me dar um beijo jogando o meu trabalho de limpá-lo fora – nunca mais fuja de mim.

— Toda vez que você me ameaça eu fujo – eu sorri em provocação.

— Desta vez eu te amarro e você não conseguirá escapar.

— Oh, me amarrar... Isso deve ser bom...

— Não brinca comigo, Pirla – ele pegou meu queixo e me fez olhar para ele. Eu tentei, com esse olhar, passar toda a profundidade de minha adoração por ele. E, eu acho, que ele percebeu.

— Não é brincadeira... – eu sussurrei contra a boca dele antes de mordiscá-la e colar-lhe outro beijo – dessa vez eu não preciso mais fugir, é com você, stronzo, que eu quero ficar.

EPÍLOGO

A viagem da minha mãe estava pronta, ela viria para a casa dos di Barbieri em menos de um mês, que é quando toda a estrutura para ela se mudar ficaria pronta. A mãe e a tia de Matheo, Francesca e Elisa, respectivamente, não aceitaram a minha negativa e me obrigaram, sim, deliberadamente obrigaram, a não alugar um apartamento e morar com eles.

Matheo ainda fazia alguns "bicos" como advogado, mas esta não era mais a ocupação principal dele. Agora ele era um artista, e tinha contrato com uma galeria conceituada para que ela negociasse os quadros dele. Ele até estava conseguindo um dinheiro razoável.

As coisas boas de morar naquela região, como eu já tinha percebido dos dois dias que tinha dormido em Posillipo. Não tenho que ficar enumerando as qualidades de Matheo na cama, mas posso dizer que era simplesmente lindo vê-lo sobre mim quando os ventos da Campânia sacudiam as cortinas e abriam as janelas.

— Eu estou grávida – eu disse.

— Eu já sabia – ele respondeu– você está engordando.

— Ah, seu filho de uma putana! Me chamando de gorda?

E foi assim que ele recebeu a notícia.

Naquela manhã, especificamente, depois de ter passado até as quatro da manhã acordada, já que Matheo não me dava descanso, quando não era transando comigo era alisando minha barriga que começava a se tornar protuberante, acordei às dez.

Observei o espaço ao lado da cama, vazio, Matheo provavelmente já tinha levantado para ajudar os trabalhadores da colheita. Não fiz maquiagem nesse dia, não estava muito a fim de parecer um urso panda sob o sol de Nápoles. Vesti uma das roupas de renda que Matheo pediu que a tia dele fizesse para mim. Um vestido solto e que ia até o meio das pernas, já que ele disse que amava minhas pernas longas, e, pasmem, branco.

Descalça, desci as escadas. As duas mulheres mais velhas da família, Elisa e Francesca, tinham saído para ir à missa de sábado de manhã. Peguei uma maça da cesta de frutas sobre a cozinha e saí pelo quintal. Olívia estava conversando com Enzo ao lado da porta, ele estava se alongando todo numa tentativa de conquistá-la, não sabendo que nem precisava disso. As irmãs tinham uma queda pelos di Barbieri.

— Bom dia, Violeta! – ele ainda confundia meu nome de vez em quando. Eu não me importava.

— Bom dia, Enzo. Olívia, tomou café?

— Sim.

— Daqui a pouco o seu professor chega, não se atrase.

— Não vou – ela piscou para mim. Agora, que moraríamos em outro país, ela precisava estudar italiano, assim conseguiria passar no teste admissional das escolas da região. Depois disso, iria à faculdade, já que ela só precisaria fazer um intensivo para se adaptar ao tipo de ensino local.

— Onde está Matheo? – perguntei olhando desta vez para Enzo.

— Está lá embaixo, nas laranjeiras, está ajudando os homens com a colheita.

Exatamente como eu tinha imaginado.

— Valeu – eu disse e saí descalça pelo chão de terra batida e grama do quintal.

— Ei, calce chinelos! – Olívia me repreendeu, mas eu não liguei. Continuei andando até encontrar Matheo no meio do laranjal.

O vento, o cheiro de terra, os toques cítricos dos aromas das frutas, começou a se intensificar à medida que eu ia me aproximando do local onde as laranjas já estavam no ponto de colheita.

Havia várias pessoas trabalhando alí. Conforme Matheo tinha me explicado no dia anterior, quando ele me mostrou o terreno, elas ficavam hospedadas na casa de serviço, uma área no fundo do terreno cheia de quartos, na época da colheita. Elas viajavam de todas as áreas do país para vir procurar trabalho aqui nesta época.

Fui saudada com vários "Bons dias" em italiano até ver meu moreno se destacando no meio do povo. Em parte por causa de sua altura, em parte por causa das suas costas nuas suadas pelo calor, em parte porque uma das gotas de suor escorreu por sua costa, deslizou na sua cintura e entrou na linha da calça

jeans.

— Stronzo! – eu o chamei, causando riso nas pessoas que alí estavam.

Ele virou para mim, o cabelo despenteado pelo trabalho, suado, grudava de um modo gentil na testa. A pele dele estava mais dourada, quase num tom de vermelho, linda que eu tinha vontade de ir lá lambê-la. Ele sorriu aquele sorriso que eu adorava e derrubou as frutas que tinha na mão no cesto grande aos seus pés. Ele se aproximou e eu senti outra vez aquele frio na barriga, na verdade um pouco mais abaixo da barriga, bem naquele ponto que ele sabia acender muito bem.

— Imagino que Sandro Botticelli teve uma visão dessas para pintar as suas ninfas.

— Nossa, que coisa brega – eu sorri.

Ele me abraçou, suado, e me deu um beijo rápido e quente na boca. Os trabalhadores até uivaram um pouquinho, mas quando ele deu para eles um olhar zangado, aos risos, eles se dispersaram por um momento.

— O que está fazendo aqui? Deveria estar em casa, não deveria estar pegando esse sol, aposto que não passou protetor solar.

— Apostou certo – eu disse – mas eu vim te chamar. O consultório vai fechar em algumas horas, e, a não ser que você não queira saber o sexo do seu rebento, bom, aí pode ficar aí se divertindo.

— Espera, já é sábado?

— Sim, por mais que nossa vida esteja parecendo um feriado eterno, já é sábado.

Matheo me pegou pela mão e assoviou para os homens, chamando sua atenção.

— Ragazzi, ho intenzione di portare mia moglie in ospedale. So quello che ha nel suo ventre!

— Põe no jornal logo que você tá me levando ao hospital para ver o sexo do

nosso filho.

— Se eu quiser eu ponho – ele disse.

Dei língua para ele e deixei que ele me levasse para a casa grande. Parando, uma ou outra vez, para me roubar beijos me encostando aos pés de laranja.

Não, o pé de laranja não tinha espinhos. Ele só dá espinho se você plantá-lo a partir da semente. Na propriedade dos di Barbieri, as laranjeiras são plantadas por enxertia, e reproduzem frutos de acordo com a parte escolhida da laranjeira doadora. Em geral planta-se limão bravo, que será o suporte que vai receber a parte a ser enxertada. Fica assim, a parte de raízes é do limão bravo e a parte de cima ou seja a laranjeira reproduz exatamente a planta doadora, que pode ser de qualquer tipo de laranja.

É, eu estava aprendendo um pouco sobre cultivo nestes dias.

Matheo me levou até o banheiro e tomamos banho juntos. Claro, nem preciso dizer que aproveitamos o banho para nos curtir. Quarenta minutos depois eu já estava no carro com ele, à caminho de uma clínica perto do litoral. Eu tinha pegado o Ray-ban de Olívia escondido e coloquei meu rosto no sol para pegar um pouco de cor. Matheo disse que eu já estava um pouco bronzeada, menos

americanizada e mais europeia.

No hospital, ele me levou para dentro da construção me segurando pela mão. Ele estava nervoso, eu conseguia notar.

— Meninas dão muito trabalho, não quero ter que por os namorados dela para correr quando eles quiserem avançar o sinal com minha filha.

— Acho que porque você disse isso será uma menina, igualzinha eu, já pensou? – eu disse.

— Eu vou amá-la de qualquer forma, apesar de ter que protegê-la dos caras como eu.

— Vamos ensiná-la a se defender sozinha.

Este tinha sido outro trecho de nossa conversa numa das duas noites passadas. Ele não tinha vontade de escolher entre um filho ou filha, ele só tinha medo. Ele nunca pensou em ter um filho, mas agora que a idéia tinha se

apresentado, ele estava atônito diante da situação. Assim como eu.

— Bom dia – o médico nos retirou do nosso nervosismo ao nos cumprimentar.

— Bom dia – respondemos, primeiro ele e depois eu.

Depois que ele já tinha me colocado na cama de hospital, ele passou o gel na minha barriga e começou a deslizar aquele aparelho, ele disse.

— Exatamente como eu disse há dois dias – ele continuou passando aquele troço na minha barriga – a posição dele está propícia ao reconhecimento do sexo. Vocês tem certeza?

— Tenho – eu disse.

— Tenho... – Matheo respondeu relutante. Ele até ia roer a unha, mas eu dei um tapinha na mão dele.

— Pelo que vejo – ele apertou um pouco mais aquele negócio em mim – é uma menina. Veja – ele apontou na tela a ausência de sexo masculino no meio das pernas.

Virei para Matheo e disse-lhe.

— Eu avisei que você não devia ficar falando sobre o trabalho que viria.

Ele ainda estava calado, olhando para a tela, ouvindo o coração do nosso filho batendo, num barulho que era ao mesmo tempo ensurdecedor e reconfortante.

— Puta merda... – Matheo exclamou – eu sou pai.

— É sim.

Foi nas nossas longas noites de conversa que eu soube que ele sempre se imaginou tendo uma família grande. Deixar que as crianças corressem pelas ruas de Nápoles. Eu apenas ouvi o sonho dele, claro, eu não ia me encher de filhos,

mas eu o deixei ficar falando e me senti apaixonada pela idealização que ele tinha na mente.

— Temos que escolher um nome.

— Pode falar.

— Bernardina – ele falou e eu esperei que ele estivesse brincando. Quando ele não falou nada por um tempo eu reclamei.

— Eu não vou por esse nome louco na minha filha, ela vai achar que eu a odiava.

— Era o nome da minha bisavó.

— Deixa esse nome para sua bisavó. Ela merece um nome maneiro, que combine com os pais.

O médico sorriu um pouco de nossa discussão.

— Qual então? – ele perguntou, estou sem ideias.

— Eu também.

Sorrimos um pouco e ele disse:

— Vamos enfeitar um pouco quando nossa filha perguntar como escolhemos o nome dela.

— OK.

Ele pensou um pouco e eu também. Então lembrei um sonho que eu tive, em que eu tinha não uma, mas duas irmãs caçulas.

— Eu já sei!

— Qual?

— Tory!

— Tory?

— Sim, é um nome latino, bonito. Eu adoro, e era o nome da minha outra irmãzinha, a que não era Olívia.

— Tory... – Matheo brincou com o nome um pouco na língua – Tory di Barbieri. É, eu acho que combina.

Ele me deu um beijo e me mostrou, com aquilo. Apenas um centésimo da felicidade que ainda nos sobreviria.

ATÉ A VISTA, EAST VALLEY

MATHEO

Era a última vez que veríamos East Valley este ano. Nicholas aproveitou que iriamos buscar a mãe de Violet naquele final de semana, e planejou a renovação dos votos dele para esse dia, quando estaríamos todos naquela casa.

James e Vivian também tinham saído de Yellowstone Hill. Esperávamos na igreja. Não tinha sido uma renovação tradicional, cheia de pompa, era uma coisa mais íntima. Quase como se Nicholas precisasse daquilo para se lembrar.

Havia uma pequena banda de cordas que iniciou a tocar o preâmbulo e uma canção. Violet estava alí, perto deles, ela cantaria naquele dia. Assim que chegasse a vez dela, ela entraria com a voz que me arrasava sempre que ouvia.

Ela tinha até conseguido uns trabalhos num restaurante perto de Fuorigrotta, ela cantava aos finais de semana. Já era um começo para a carreira dela. A barriga dela não estava tão grande, nem tinha completado quatro meses, mas eu, como o pai besta que estava sendo, conseguia ver o seu delineado sob o vestido que ela usava.

Violet começou a introdução da música:

"Garotos trabalhando no vazio... É esse o melhor jeito de enfrentar o calor sufocante?"

Violet tinha sossegado, claro, ainda passávamos algumas noites nos clubes italianos, ela não bebia, e ela dançava para quebrar, mas agora éramos apenas nós dois.

Acho que era hora de eu meter um anel no dedo dela. Antes, claro, eu tinha que ter certeza que ela estaria bem amarrada nalgum lugar sem chance de fugir, eu não poderia arriscar perdê-la de novo. Apesar de, desta vez, eu ter quase (eu disse: Quase) certeza de que ela não escaparia. Qual é, ela está grávida, ela não pode correr tanto!

Emily entrou na igreja, Nicholas ficou com um olhar idiota e emocionado no rosto. Eu queria ter esse olhar idiota e emocionado também.

Eles se ajoelharam no local certo e eles começaram a fazer toda aquela lenga lenga de casamento. Não é que eu não gostava, mas é que eu tentava ver Violet se ajoelhando e ficando uma noiva comportada e bonita tipo Emily em frente ao pastor, mas a imagem não acontecia. Se eu quisesse surpreender Violet, eu teria que fazê-la fugir comigo para casar em Las Vegas. Quem sabe por um dos muitos covers de Elvis Presley que tinham certificado para tal?

— Noivos caríssimos, viestes à casa da Igreja para que o vosso propósito de contrair Matrimónio seja firmado com o sagrado selo de Deus, perante o ministro da Igreja e na presença da comunidade cristã. Cristo vai abençoar o vosso amor conjugal. Ele, que já vos consagrou pelo santo Baptismo, vai agora dotar-vos e fortalecer-vos com a graça especial de um novo Sacramento para poderdes assumir o dever de mútua e perpétua fidelidade e as demais obrigações do Matrimónio.

O casal acenou positivamente.

— Diante da Igreja, vou, pois, interrogar-vos sobre as vossas disposições.

O pastor olhou para todos e depois para Nicholas e Emily, perguntando: — Nicholas e Emily, viestes aqui para celebrar o vosso Matrimónio. É de vossa livre vontade e de todo o coração que pretendeis fazê-lo?

— Sim – Emily disse.

— É, sim – Nicholas concordou.

— Vós que seguis o caminho do Matrimónio, estais decididos a amar-vos e a respeitar-vos, ao longo de toda a vossa vida?

— Estou sim – Emily disse.

— Sim, eu estou – Nicholas assentiu.

— Estais dispostos a receber amorosamente os filhos como dom de Deus e a educá-los segundo a lei de Cristo e da sua Igreja?

Emily olhou para Nicole que observava-nos quieta dos braços de James. Ela sorriu, Nicholas também. E eu imaginei como seria quando Tory estivesse nos meus braços.

— Sim, estou disposta – Emily disse.

— Sinto-me disposto também – o noivo pela segunda vez concordou.

— Uma vez que é vosso propósito contrair o santo Matrimónio, uni as mãos direitas e manifestai o vosso consentimento na presença de Deus e da sua Igreja.

O pastor fez um gesto para que eles se levantassem.

— Eu, Nicholas Theodoridis, recebo-te por minha esposa a ti Emily Theodoridis, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida e por toda a eternidade.

Os olhos de Emily brilhavam de felicidade e emoção enquanto ela repetiu os votos.

— Eu, Emily Theodoridis, recebo-te por meu esposo a ti Nicholas Theodoridis, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.

Depois das alianças, e do beijo. Eu percebi, finalmente. Violet não teria paciência para isso. Quando ela estava impaciente ela ficava se coçando, tipo agora (eu a notei inquieta) ela olhou em minha direção e eu abri a boca formando as palavras, sem nenhum som.

— Casa comigo?

Ela não entendeu, e fez uma expressão confusa.

— Você – eu gesticulei – casa comigo?

Ela arregalou os olhos ao entender o que eu tinha dito, antes que ela tivesse tempo de negar, eu completei.

— Em Vegas!

— Confirme o Senhor, benignamente, o consentimento que manifestastes perante a sua Igreja, e Se digne enriquecer-vos com a sua bênção. – o pastor continuou a benção – Não separe o homem o que Deus uniu. Pode beijar a noiva.

— Em Vegas? – ela falou e abriu a boca em incredulidade.

— Pelo Elvis Presley!

— Puta que o pariu! – Violet era capaz de aceitar um convite de casamento e de xingar dentro da igreja – caso!

A orquestra começou a entoar um louvor e acompanhamos com as fichas que o diácono nos tinha dado.

— Bendigamos ao senhor – o pastor disse – O sacerdote convida os presentes ao louvor de Deus. Bendigamos ao Senhor.

Todos respondem:

— Graças a Deus.

Violet aproveita o fim dos louvores e recomeça a canção de antes. Desta vez, ela canta não para encantar o público, que se resumia a mim, James e Vivian, Nicholas e Emily, e Nicole, nos braços de James. Ela canta somente para mim, e cada palavra dela é uma promessa, cada palavra dela é uma declaração e

eu sinto o olhar dela em mim, cheio de uma coisa boa, cheio de um sentimento que parecia querer explodir dentro do meu peito.

"Eu só penso no meu amor. Eu estou tão cheio de amor que mal posso comer. Não há nada mais doce do que o meu amor, nem ao menos quis o fruto da cerejeira porque meu amor é tão doce quanto pode ser. Ela me dá dor de dente só por me beijar".

Work Song, Hozier, era simplesmente perfeita para a voz de Violet, doce e triste ao mesmo tempo para ela, com sua beleza gótica e dramática.

"Quando o meu amor me encontrou, eu estava há três dias numa bebedeira pecaminosa. Eu acordei com suas paredes ao meu redor, nada em seu quarto além de um berço vazio e eu estava queimando em febre. Eu não me importava muito o quanto vivi, mas eu juro que pensei ter sonhado com ela. Ela não me perguntou nem uma vez sobre meus erros".

Sentei-me enquanto os casais dançavam. Nicole veio sentar ao meu lado enquanto James e Vivian dançavam na igreja ao som da voz da minha mulher.

"Meu amor não tema sobre o que as minhas mãos e meu corpo fizeram, Se o senhor não me perdoar, eu ainda teria meu amor e meu amor me teria. Quando

estava beijando o meu amor e ela colocou seu amor embaixo, suave e docemente. No terreno do campo eu estava livre. Céu e inferno eram palavras para mim".

Eu estava feliz, eu também tinha sossegado, eu seria dela. Claro, ainda cometíamos umas indecências na cama, ela gostava de me ver trepando, era o que ela dizia, e eu a achava linda quando me dava um daqueles olhares safados que só ela sabia. Mas, no geral, tínhamos sossegado. Já que nossas diversões, nossas loucuras e pecados, sempre eram cometidos com a aprovação do outro.

"Quando minha hora chegar... Coloque-me gentilmente na terra escura e fria. Nenhum túmulo pode me segurar. Eu vou rastejar de volta até ela".

Não tinha nada, nesta terra ou fora dela, que pudesse me arrancar de Violet neste momento. Enquanto eu tinha a certeza, a que ela seria minha, não tinha mais nada que pudesse ter mais valor.

Minha garota-problema tinha se tornado uma mulher, ela ainda me trazia alguns problemas, é claro, mas eu adorava ter que acabar, para ela, com todos eles. Acho que isso é justamente a cola que nos une. E não posso esquecer, claro, ela ainda me deve uma dança pelada sobre as mesas da Apache.

DEISY MONTEIRO

Adeus

EM EAST VALLEY

JAMES

SPIN OFF

Dedicatória

Primeiro, ao meu Deus. YHWH que me deu a capacidade de contar e inventar histórias. Eu não consigo me imaginar sem os Teus cuidados, papai.

Ao meu marido, com sua infinita paciência comigo quando estou escrevendo concentrada e tudo me irrita. Aos meus leitores do wattpad, que me ajudaram a descobrir minha paixão por escrever e me ajudaram a desenvolver diversas histórias para ter o prazer de ser lida.

Aos amados leitores da Amazon. Obrigada pelo seu investimento. Obrigada por terem acreditado e dado uma chance ao meu trabalho e, acima de tudo, obrigada por tornar a minha paixão o meu trabalho.

Adoro vocês!

O passado está extinto. Estes onze meses, não fomos nós que os vivemos, mas aqueles que se acabam de separar, e para sempre. Não sou mais sua mulher; o senhor já não é meu marido. Somos dois estranhos. Não é verdade?

JOSÉ DE ALENCAR

Prólogo

Dê-me uma razão pra crer que você foi embora Vejo sua sombra, aí eu sei, estão todos errados Luz da lua leva-me pra onde ela repousa Levaram você pra longe de mim, mas agora, Eu estou te trazendo de volta pra casa.

Alguns dizem que eu sou louco pelo meu amor, Mas não há cadeia para me prender longe de ti Oh, meu amor!

Eles não sabem que você não pode me deixar Eles não sabem que você está aqui, ao meu lado!

Eles não ouvem você cantando pra mim...

Vou ficar aqui para sempre com você, meu amor!

As suaves palavras faladas que você me deu Mesmo na morte o nosso amor vai durar E eu não posso te amar mais do que eu já te amo (As pessoas morrem, mas o verdadeiro amor é para sempre).

(Adaptação)

Ela é um sonho

— E para onde vamos agora? – Vivian me perguntava. Ela estava absolutamente animada com o modo como eu tinha decidido lhe mostrar a cidade onde cresci e de onde decidi nunca sair.

— Surpresa.

— Sério?

— Absolutamente.

— Eu vou enfartar.

— Vai nada, você tem o coração bom.

Estávamos andando de mãos dadas pela cidade. Vivian já tinha visitado comigo o shopping, afinal ela tinha perdido muitas das coisas dela quando se desentendeu com os pais, ela tinha ainda visitado uma parte do mercado central, um local adorado pelo povo daqui. Onde você pode comprar muitas coisas antiquadas num mercado de pulgas, ou então vegetais orgânicos cultivados nas localidades.

A cidade era pequena, mas não era o suficiente para guardar o tamanho do sorriso que enfeitava o rosto de Vivian. E tudo que eu queria ser capaz, era de sempre deixar o sorriso dela desse modo. Vivian tinha sempre pedido tão pouco da vida, tudo que ela queria em troca de todo o passado sofrido era um pouco de amor, e, pelo inferno, eu daria isso a ela. Mesmo que eu precisasse fingir que tudo estava bem.

— Está com sede? – perguntei.

O sol em Yellowstone Hill pode ser maravilhoso para quem está acostumado com a temperatura abafada e quente, mas um pesadelo para quem sempre viveu no frio da Europa ou no calor tímido de East Valley.

— Eu acho que sim. Vai me colocar para comer mais?

— Provavelmente – eu disse – que tal um milk-shake?

— Não teria sugestão melhor. – Ela disse e apoiou os braços ao redor do meu pescoço. E me deu um beijo tão cheio de um sentimento bom, que era impossível resistir. Beijei-a de volta. Meu carinho por ela é simplesmente sem medidas, e eu não sei se serei capaz de um dia conseguir agradecer pelo modo como ela vem me tratando todo esse tempo, com tanta paciência e amor enquanto eu fui um monstro, mas também dói fingir que tudo está bem sempre.

Entramos na pequena loja de sorvetes perto de nós. À beira da avenida principal, o estabelecimento parecia ter parado no tempo. Desde sua fachada em um vidro amarelado, até os enfeites giratórios de listras vermelhas, brancas e azuis. A neta do criador da sorveteria, Daisy, nos atendeu e me cumprimentou depois de tanto tempo sem visitar o local.

Vivian pareceu adorá-la de imediato. Pela personalidade de Vivian, ou ela adorava alguém de uma vez, ou ela odiava de uma vez. E dessa vez ela realmente tinha gostado da garota uniformizada atrás do balcão.

Depois que Vivian terminou de tomar sua bebida, saímos da loja. Tínhamos passado a noite inteira rolando na cama como dois pagãos, e depois de dormir até muito tarde, eu a estava fazendo conhecer pedaços importantes daquele local para mim.

Andamos pelas ruas do centro, até pararmos perto de um galpão recém-pintado. Os tijolinhos vermelhos da fachada tinham sido lavados e polidos, depois receberam uma camada de proteção e agora pareciam simplesmente novos. O vidro antigo, tinha sido substituído por um com proteção ultravioleta. E a madeira dos degraus que levava para dentro da estrutura, tinha sido polida e o tom de madeira avermelhada tinha sido renovado.

— Este lugar é adorável, não entendo por que não está vazio – Vivian falou num tom pesaroso – é simplesmente gracioso. Veja – ela colocou as mãos no vidro e fez um túnel para enxergar dentro da loja – as prateleiras, todas branquinhas. Há biombos brancos também.

— Verdade, por que será que está vazio?

— A pessoa que não alugou este espaço até hoje é muito tonta. É um ponto estratégico.

— Então, se fosse por você. Compraria esse local?

— Sem dúvida.

— E se eu disser uma coisa – disse vasculhando meu bolso e retirando duas chaves, as duas amarradas num chaveiro simples com uma fita de cetim fazendo o laço – e se eu disser que isso é para você?

— O que? – Ela ergueu uma sobrancelha confusa – As chaves?

— Não, tonta, a loja.

As palavras pareceram pingar gota-a-gota dentro de Vivian até fazerem sentido. E eu vejo o momento em que o sorriso dela começa a aparecer até retomar conta do rosto confuso dela.

— Não brinca!

— Verdade. Você me pediu uma loja, eu estou te dando uma loja. Eu não sei o que você vai vender, mas se sorrir assim para todos os homens de Yellowstone Hill, pode vender até ar poluído em garrafas.

— Talvez eu use esse truque – ela piscou para mim e tomou a dianteira para

entrar na loja. – isso aqui é lindo. Olha esse acabamento, olha esse papel de parede. Eu adoro girassóis. E eu adoro tons de verde e amarelo, gosto desses tons pasteis dos cabides. E dos detalhes das prateleiras...

Vivian elogiava tudo o que tinha gostado. Juro que ela elogiou até uma mancha do respingo de tinta no balcão que algum operário descuidado acabou por derramar. Enquanto pintava o gesso do revestimento do teto.

Eu tinha me sentado num dos pufes que enfeitavam a loja. Minhas mãos apoiadas nos joelhos enquanto eu analisava a felicidade instantânea dela. Vivian se contentava com tão pouco, talvez seja por isso que ela tenha me escolhido. Felizmente, eu não irei ocupar esse lugar ao lado dela por tanto tempo.

— Acho que deveríamos batizar esse lugar.

— Batizar?

— É, batizar. Pelo amor de Deus, me diz que você nasceu neste século e que sabe o que minhas gírias significam.

— Vivian, você escolheu um carinha velho e antiquado. Eu vou ter que aprender muita coisa ainda.

— Tudo bem. Eu não me importo em ensinar.

À essa altura ela já tinha me levantado. E seu sorriso contagiante, cheio de segundas intenções, estava sempre me arrastando para ela novamente. Ela retirou minha camisa, eu retirei o cardigã dela. E antes que pudéssemos continuar e cometer mais indecências à vista de todo o povo tranquilo de Yellowstone Hill, ela me levou para trás do biombo onde continuamos de onde tínhamos parado.

Vivian era um frescor na minha vida, ela era minha vida. E eu era malditamente abençoado por tê-la. Ela não foi convidada a entrar no meu peito, ela invadiu, e eu não tive como afastá-la, apesar de tentar.

Depois de tudo o que aconteceu com Nicholas, com o modo como a doença dele fez Emily sofrer, do modo como precisamos ficar juntos para passar força necessária uns para os outros, eu aprendi muitas coisa sobre o que é estar incapacitado de consolar alguém. E eu não quero que uma coisa assim aconteça comigo e eu precise fazê-las sofrer.

Mas vou deixar para me preocupar com isso depois, vou me preocupar com

isso bem mais tarde. Não tem como pensar em coisas tristes enquanto Vivian olha para mim desse jeito, não tem como pensar em coisas ruins enquanto ela me devora a boca e nos tornamos um em carne e espírito.

— Obrigada, James...

— Por?

— Por tudo. Você é muito bom para mim.

— Você me faz querer ser bom.

Deslizamos um pouco mais os lábios no corpo um do outro e ela deitou sobre mim. Lembrei da música, ela dormiu, no calor dos meus braços, e eu acordei sem saber, se era um sonho...

Eu já sabia que ela era um sonho. E, se eu tivesse escolha, pode ter certeza, eu escolheria jamais acordar.

Manhã seguinte

Estávamos doloridos quando a manhã seguinte se abateu sobre nós. Dormimos no chão da loja e isso não é assim tão romântico quanto parece pela manhã. Vivian dormiu sobre mim, então ela não sentiu tanto os efeitos quanto eu.

— Bom dia... – ela reclamou ainda confusa pelo sono quando eu me mexi um pouco despertando-a – para onde você vai?

— Tomar alguma água, minha garganta está muito seca. – olhei para o rosto dela sorrindo enquanto ela se levantava de sobre mim – tentei não te acordar, mas foi impossível. Você estava babando.

— Eu não babo.

— Essa mancha – apontei para o molhado na minha camisa – diz que você está mentindo. Mas venha, vamos lavar o rosto e tomaremos café. Ainda temos que mandar buscar suas coisas na cidade e então você pode começar a pensar no que fazer com seu espaço.

— Eu já decidi.

— Já?

— Sim, vou fazer um brechó. Não vi nenhum por aqui, e eu tenho muita coisa ainda. Lembra das caixas que papai mandou com minhas coisas? Eu tenho bastante estoque inicial.

Os pais de Vivian não aceitaram nosso casamento. Na verdade, eu não entendo por que. Eu posso ser tão bom para Vivian quanto qualquer partido bom da cidade. Eu a amo, e eu tenho um nome respeitável no mundo dos negócios. Obviamente eu não sou rico como eles o são, nem mesmo como Nicholas é, mas eu nunca vou deixar faltar nada a Vivian. Dois dias antes do nosso casamento eles mandaram todas as coisas do quarto de Vivian para um depósito no centro de East Valley. Desde porta-retratos até as roupas, desde toda pequena joia que ela recebeu na infância, até os colares sofisticados que ela recebeu nos quinze anos.

Eu esperei que estivéssemos em Yellowstone Hill para contar tudo o que eles tinham feito, não iria aguentar o olhar de tristeza dela no casamento. Vivian chorou, chorou muito, mas entendeu que isso parecia ser até mesmo um velório. Eles tinham se desfeito das coisa de Vivian muito antes de ela verdadeiramente falecer.

— Melhor assim. Apenas não venda as joias, guarde-as num cofre forte no banco, podem ser úteis quando precisar.

— Por mim eu as venderia, mas você está certo. Venderei apenas um ou dois colares para ter capital de giro.

— Você está certa.

Vivian lavou o rosto e tirou a maquiagem borrada da nossa pequena aventura. Eu já tinha lavado o meu rosto e fiquei observando-a. Vivian era linda, Deus do céu, ela era linda demais. Os pequenos cacos fragmentados que os pais dela deixaram para trás, bem como todos as dores do passado, apenas a deixaram ainda mais bonita. Mais ainda agora que ela estava inteira novamente.

Tínhamos apenas mais um dia livre. Logo minha licença do trabalho terminaria e eu teria que voltar. Eu não podia, nem tinha como, me dar ao luxo de tirar um ano de folga como Nicholas tinha feito. Eu não tinha passado muito além da classe média alta laboriosa, então ainda precisava trabalhar muito para não ficar na penúria.

— Está tão pensativo.

Vivian comentou. Nem percebi que eu não estava comendo, quando chegamos a uma lanchonete e pedimos um café/ almoço caprichado. Só o percebi quando ela me roubou dos meus pensamentos.

— Eu, desculpe... eu estava distraído.

— Uma mordida da minha panqueca por seus pensamentos – ela estendeu um pedaço de panqueca no garfo e eu o comi. Sorri um pouco.

— Temos só mais um dia até eu voltar ao trabalho.

— Não é o fim-do-mundo – Vivian explicou – você não vai para nenhum lugar onde eu não possa te ver. Eu estarei te esperando em casa, ou então na minha loja, sim. Eu sou dona de uma loja agora. E comeremos alguma coisa preparada por mim, se eu conseguir, claro, afinal, você é o cozinheiro aqui, e depois você pode massagear meus pés enquanto assistimos um filme.

A ideia era tão malditamente atraente quanto a ideia de passar a noite sobre ela.

— Parece brilhante. Quem diria, Vivian Driscoll se tornando uma garota pacata em uma cidade pacata.

— Nada disso. Vivian Carter. Tornando uma cidade pacata um pouco menos pacata. Não seja tão otimista.

Ela piscou para mim e terminamos o café. Fomos para minha casa, nossa casa agora. Vivian não quis gastar dinheiro redecorando-a, eu já tinha explicado a ela minha situação financeira antes, então além de comprar uma cama maior e trocar o sofá da sala por um mais moderno, o sobrado de dois andares não viu maiores mudanças senão na organização dos móveis.

Felizmente, não era uma casa empoeirada. Era uma casa agradável, bastante clara, com detalhes em verde-musgo e um generoso quintal onde eu tentei por várias vezes cultivar meus próprios legumes. Sem sucesso.

Vivian tinha pegado algumas das coisas dela e distribuído pela casa. Tínhamos agora um quadro de recados ao lado da porta. Tínhamos um aparador de vidro, bem mais bonito que o antigo de madeira, onde repousavam felizes nossos sorrisos em fotos emolduradas, tínhamos “um milhão” de almofadas novas no sofá e na cama e novos jogos de toalhas nos banheiros e para as camas.

Era tudo muito colorido, como Vivian, e eu adorava isso.

— Quer comer alguma coisa decente à noite, ou vamos pedir pizza outra vez?

— Coisa decente, por favor – ela disse e eu a senti ligeiramente mais distante, eu captei isso como se fosse uma borboleta numa rede pequena, e eu iria querer saber o que era isso – Algum problema? – andei até ela e coloquei as mãos em seu rosto, depois em seus ombros.

— Não, é que. É uma besteira.

— Besteira ou não, quero saber.

— Certo. Eu não sei cozinhar. E eu vou ter que aprender, então enquanto eu não aprender, peço que tenha um pouco de paciência comigo.

— E quando eu perdi a paciência com você por causa disso?

— Nunca. É que, isso é o que eu deveria saber fazer.

— Vivian – a fiz olhar para mim – não se preocupe com isso. Não se sinta mal por não saber cozinhar. Se quer aprender, eu a ensinarei, mas nunca pense que eu gostaria menos de você por causa disso. Eu não casei para ter uma mulher que cozinhe para mim, e tenho certeza que você também não casou para ser a mulher que cozinha para o marido e só. Nos casamos por que não conseguimos ficar longe do corpo um do outro e por que eu te amo e você me ama. Isso são detalhes. Enquanto houver restaurantes com delivery e fast-food no mundo, nosso casamento nunca estará ameaçado.

Vivian sorriu um pouco e então colocou as mãos sobre os meus ombros. Ela era mínima perto de mim, e eu adorava essa fragilidade dela, me perguntava sempre como cabia tanta força ali dentro.

— Gostei disso, mas sabe qual parte eu gostei mais?

— Deixe-me adivinhar – brinquei – a parte que eu digo que comemos muita porcaria?

— Tente de novo – ela sorriu e eu já estava me inclinando para aproximar os lábios dela.

— A parte em que não conseguimos ficar longe um do outro?

— Perfeitamente. E, olhando para você assim. Cabelo despenteado, barba por fazer, hálito de panqueca e todo fedido de não tomar banho na noite anterior, sabe o que me dá vontade?

— De me obrigar a tomar banho? – eu brinco.

— Não, de aproveitar um banho contigo. Um banho bem demorado.

— Eu não teria ideia melhor.

Carreguei-a ao redor da minha cintura até a nossa suíte e retiramos apressados nossa roupa no banho. O sexo entre nós sempre foi muito arrebatador, isso é bom. Por que para nós dois, a paixão é um ingrediente fundamental para o amor.

Um dia sem sol

Antes mesmo que Vivian acordasse, eu já tinha me levantado. Minha consulta no hospital seria às sete da manhã. Eu tinha marcado um dos primeiros horários para que ninguém desconfiasse. Minha vida não poderia ser abalada por nenhum diagnóstico, então eu continuaria me esforçando o dobro para que as pessoas não ficassem enchendo meu saco com preocupações descabidas.

Tudo começou quando eu passei pelo menos dois dias com uma febre de mais de trinta e oito graus. Então vieram os outros sintomas. Diminuição do volume da urina, inchaço, dor nas articulações e músculos.

Eu tinha deixado meus exames de rotina de lado apenas uma vez. Meu check-up anual nunca tinha falhado, mas dessa vez eu deixei que as coisas fossem sendo empurradas com a barriga. Quando meu amigo e médico, George, veio com um rosto sério me dar a notícia, eu não acreditei de imediato.

— Você só pode estar brincando.

— Eu gostaria de estar, mas isso é sério. James, você vai ter que passar por uma série de exames, e o tratamento medicamentoso irá ajudar, mas não irá sarar de vez seu problema. É crônico e progressivo.

Eu já tinha passado das fases iniciais da doença renal crônica sem perceber. Eu já tinha chegado à terceira fase silenciosa e destruidora. Eu estava no início da perda da função dos rins. Os níveis de ureia e creatinina plasmáticos ainda estavam normais, não havia sinais clínicos importantes de insuficiência renal. Por isso eu precisaria passar por um método acurado de avaliação dos rins.

Bom, eu passei. E o método de depuração indicou uma anormalidade. Meus rins ainda conseguiam manter razoável controle do meio interno. Então as coisas ainda pareciam estar boas para mim. O sussurro da morte no meu ouvido não passava disso, um sussurro. Eu não precisava ter medo, a partida parecia ser algo longe, algo distante.

Eu estava na quarta fase agora, nesta fase, embora os sinais e sintomas da uremia possam estar presentes de maneira discreta, o paciente mantém-se clinicamente bem. Na maioria das vezes, apresenta somente sinais e sintomas ligados à causa básica (lúpus, hipertensão arterial, diabetes mellitus, infecções urinárias, etc.).

A avaliação laboratorial mostrou que meus níveis de ureia e de creatinina plasmáticos estavam aumentando e a filtração dos rins estava se tornando piores. E que, com o tempo, eu iria ter falência dos rins. Isso significa que eu vou morrer. Métodos paliativos em nada me ajudarão, há apenas um fim para isso. Eu nem considero a hipótese de receber o órgão de alguém, a fila de recebimento de órgãos é quilométrica e eu não quero me apegar a vãs esperanças.

Uma parte de mim sempre quis evitar casar para evitar sofrimento a alguém quando isso acontecesse, outra parte não conseguiu afastar essa ideia quando Vivian surgiu.

Eu tentei afastá-la de todas as maneiras, mas eu mais nos machucava quanto mais eu queria lançá-la para longe. Vivian já sofreu tanto, tanto. Ela não merece viver tantos dias ao lado da vida de um moribundo. Ela não merece me ver cada vez mais precisando visitar um hospital até que ele se torne a minha segunda casa.

Eu mantenho meus remédios escondidos de todos, meus horários sempre são agendados de forma a não atrapalhar minhas consultas. Pelo menos a cada dois meses eu preciso fazer uma rotina complexa de exames para verificar se preciso ou não aumentar as doses dos medicamentos.

Se não fosse por Vivian, por achar que ela merece um pouco mais de mim, eu já não estaria mais lutando contra a maré, apenas me deixaria ser levado pela correnteza até não saber onde eu iria parar.

Falta muito pouco para eu entrar na quinta fase, e não quero que Vivian esteja comigo para me ver definhar. Eu devia ter cuidado de mim muito bem antes. Eu devia ter cuidado melhor, mas eu acabei esquecendo de mim nesse espaço de tempo que pareceu do tamanho de um milênio quando Nicholas esteve ausente.

Emily precisou ficar forte, mesmo estando em pedaços, e Vivian e eu estávamos ao lado dela para segurá-la caso ela viesse a desmoronar. Nicole também precisava de cuidados. Tanta, mas tanta coisa aconteceu, e eu fui me deixando de lado.

Agora estou pagando por isso.

Eu saio do hospital e vou até o trabalho. Erick está insuportável nos últimos tempos. E, embora todos trabalhemos e nos esforcemos para conseguir os frutos que temos conseguido, ele não consegue admirar nosso conjunto e sempre parabeniza-se a si mesmo por causa do esforço.

Desistimos de retirá-lo da sociedade quando finalmente Nicholas entendeu que o que tinha acontecido com Erick não tinha nada a ver com a realidade e que embora Erick ainda fosse um pé-no-saco, ele não era participante de falcatruas na empresa.

Minha manhã de trabalho foi corrida, minha vida estava sendo corrida. Eu tinha agora três poupanças nas quais eu guardava dinheiro mensalmente, nenhuma delas conhecida de Emily, Vivian ou meus amigos.

Uma poupança para deixar algo para Emily.

Uma poupança para deixar algo para Vivian.

Outra para Nicole. Embora eu saiba que Emily e Nicole não precisam, eu quero saber que deixei algo para elas.

Tomei meus remédios no escritório e consegui ir ao banheiro três vezes nesse dia. O que foi uma pequena vitória. Meus remédios me causam dor de cabeça e eu me sinto lerdo e enjoado por uma boa parte da tarde, depois que os enjoos passam eu sinto muita fome, mas sei que não posso exigir demais dos meus rins sobrecarregando-os de trabalho.

Outro efeito adverso dos meus remédios é uma irritação fremente. Ela não vem apenas por causa do remédio, creio que o remédio derruba minhas barreiras e eu posso demonstrar a minha raiva. E eu sei que um dia não irei conseguir controlá-la e isso afetará a todos ao meu redor.

Eu tomo dois copos gigantescos de água e saio do trabalho. Volto para casa e esqueço a dor que senti no dia quando vejo a tentativa frustrada de Vivian de tentar fazer um guisado. Está horrível e nós sorrimos enquanto engolimos o primeiro pedaço da carne salgada antes de desistir.

Comeremos na rua novamente, mais tarde eu prometo ensiná-la a fazer um

macarrão para o dia seguinte, mas eu sei bem que ela não vai ter tempo de fazer isso enquanto estiver cuidando das coisas da loja.

Na manhã seguinte Julianne, a amiga colorida dela, vai chegar, e elas irão cuidar de organizar a loja dela. A loja ainda não tem um nome, mas Vivian quer chamá-la de “A Day Without Sun”. Ela diz que é por causa do colégio interno onde ela cresceu, e que isso é uma metáfora para o tempo que ela viveu lá.

Um dia sem sol.

Isso é exatamente como Yellowstone Hill parecerá para ela depois que eu partir.

Um abraço feliz

VIVIAN

Acordei bem antes do que o necessário. James ainda dormia tranquilamente. Beijei-lhe o rosto e andei até a cozinha. Eu tinha comprado pão de queijo congelado na noite anterior, e – graças a Deus – Emily tinha me ensinado a usar o fogão e o micro-ondas.

Quando Nicholas esteve ausente, eu prometi ajudá-la em tudo, mas a cozinha foi uma área onde ela fazia questão que eu não ajudasse. Exceto por preparar uma ou outra salada de folhas, em tudo eu era um desastre. Eu sou um desastre.

Peguei o carro de James e fui buscar Julianne no aeroporto. Havia tanto a conversar, tanto a falarmos. Desde o meu casamento, eu nunca mais a tinha visto. E isso significa que foram pelo menos dois anos sem que eu tivesse o paradeiro dela. Julianne aceitar sair de Hong-Kong para vir ficar comigo alguns dias, era muito mais do que eu poderia pedir da prova de sua amizade.

Eu devo ter cochilado um pouco enquanto a esperava no saguão, pois quando eu dei por mim, ela estava me sacudindo pelos ombros alucinada num abraço feliz muito estranho.

— Anda, levanta, dorminhoca! A vida de casada está te deixando molenga? Acorde, mulher. Não estou nem aí se você fez sexo selvagem a noite inteira, vem me amar que eu tô precisando.

Como se não fosse uma convite, mas uma ordem. Me pus de pé e abracei Julianne mais apertado do que qualquer dia antes. Eu sentia tanta falta dela, tanta falta de uma amiga. Emily esteve tão centrada no mundo dela – mundo que se resumia ao coma de Nicholas e a criar Nicole e administrar as finanças da família, que eu me sentia muito mais um estorvo do que uma amiga. Ela nunca falou isso, mas partindo do pressuposto de que até minha mãe se encheu de mim, eu sempre achava que qualquer pessoa enjoaria mais fácil ainda.

— Nossa, como eu senti sua falta.

— Eu sei, eu causo esse efeito nas pessoas – Julianne piscou para mim – mas não pense que não estou brava contigo, te escrevi e liguei milhares de vezes, você nunca atendeu.

— Você escrevendo? – falei enquanto a ajudava a pegar a mochila de costas para carregar. – E uma carta?

— Claro, um dia ela valerá milhões. Pode ter certeza, e você terá alguns dos

meus rascunhos.

— Eu vou guardar com chave de ouro. Está com fome? – perguntei mudando completamente o assunto.

— Quando é que eu não estou com fome? Vamos comer alguma coisa, eu quero te contar as novidades.

— Não vai pegar suas malas?

— Essa é a minha bagagem – ela deu de ombros. Desprendida, livre, como um dia eu achei que iria ser, até perceber que estava apenas vivendo os sonhos dela.

Comemos hambúrguer com fritas, muitas fritas. E tomamos mais refrigerantes em meia hora do que em um mês juntas. Julianne tinha conhecido uns carinhas, mas nenhum fora sério. Ela achou até que estava apaixonada, mas nunca achou alguém por quem valesse a pena se amarrar.

— Às vezes eu te invejo, mas, às vezes, eu sinto pena de você – ela deu de ombros.

— Pode me dizer em que situações.

— Bom, você tem sexo todo dia.

— Mas você tem quase todo dia.

— É, mas no meu sexo não há tanta intimidade. Por isso te invejo.

— E quando exatamente sente pena de mim?

— Quando sei que você tem que lavar louças.

— Ah, minha querida. Mas, nesse caso, há uma enorme e linda ferramenta chamada lava-louças.

— Garota esperta.

Julianne bocejou com a boca cheia de batata-frita, achei que era minha deixa para voltar para casa antes de James voltar.

— Quer ir para casa? Descansar? Eu realmente estou precisando dar um beijo no meu homem antes de ele ir ao trabalho.

— Por mim tudo bem. Eu estou mesmo morrendo de sono. Eu nunca tinha ficado tantas horas num voo.

Fomos para casa, Julianne dormiu todo o restante da manhã. Ela ocupou o antigo quarto de Emily, agora transformado num quarto de hóspedes simples. Nem preciso dizer que quando cheguei em casa James não estava mais. Então eu peguei o celular e mandei um bom dia para ele do banheiro de casa com uma foto dos meus seios.

Ele respondeu com uma carinha de língua para fora e uma piscadela.

Quando Julianne acordou, levei-a para conhecer minha loja. MINHA LOJA. Eu nem conseguia acreditar. As caixas que tínhamos conseguido trazer estavam ainda lacradas, eu precisaria de ajuda, e ninguém como Julianne para me ajudar.

Fechamos a porta e pedimos pizza, claro, para o caso de querermos beliscar enquanto organizávamos tudo. Julianne me deu pelo menos dois cascudos por estar fazendo-a trabalhar quando ela achou que estaríamos curtindo o campo com galochas para nos proteger da lama. Eu expliquei que esse não era o tipo de interior que vivíamos, e que Yellowstone Hill tinha suas vantagens.

— Por exemplo?

— Temos um time de futebol, e eles passam sem camisa na frente da minha casa no horário de saída da escola.

— Sua tarada. E você olha?

— Cega, eu não sou.

Sorrimos um pouco mais. Era bom ouvir as aventuras de Julianne. Quanto mais ela falava, mais eu percebia que aquela vida não era para mim. E eu fiquei feliz por ter essa opção. A opção de escolher se eu iria querer fazer isso ou não.

No tempo em que todos estavam centrados em seus próprios mundos e James parecia muito mais preocupado com o amigo e a irmã do que com o próprio casamento, eu investi em mim. Procurei o instituto de estudos econômicos de East Valley e fiz pelo menos dois cursos gratuitos até concorrer a uma bolsa para um curso de empreendedorismo. Eu esperava que meus estudos me ajudassem a lidar com meu primeiro negócio agora.

A noite já tinha caído quando decidimos ir para casa. Julianne queria ir para um hotel, para poder explorar a noite, mas eu implorei que ela ficasse comigo esse dia. Ela iria só no dia seguinte para algum lugar. Ela já sabia que eu não iria deixar.

James chegou muito tarde. Julianne, com seus horários bagunçados já tinha dormido, e eu cansei de esperar por James. Talvez ele tenha tido alguma emergência no serviço. Talvez isso aconteça mais frequentemente com advogados do que eu pensei. Por que quando ainda morávamos na casa de Nicholas, isso acontecia com frequência.

Quando eu o senti deslizar para meu lado, eu rolei e me abracei a ele. James hesitou, mesmo sonolenta, eu senti que ele hesitou em me abraçar. Ele não tinha cheiro de outra mulher, ele não tinha cheiro de aventura, não tinha cheiro de bebida e muito menos de traidor. Ele tinha o cheiro do meu James, depois do banho. O cheiro de loção pós-barba e pasta de dentes que eu adoro. E eu consegui descansar envolta por esse cheiro conhecido.

Pequeno desastre

Eu não precisava trabalhar hoje, mas era o melhor a fazer. Sábados não eram assim tão movimentados na empresa. Mesmo assim levantei cedo e decidi que o melhor a fazer seria trabalhar. Vivian tinha companhia, então eu não me preocupava tanto. Eu precisava organizar minhas finanças. Deixar tudo organizado para quando as coisas ficassem difíceis, eu não dar trabalho a ninguém.

Quando cheguei à empresa, minha mesa de trabalho estava organizada. Minha assistente sempre deixava tudo pronto para que eu apenas precisasse analisar a documentação de tudo. Se estava tudo em dia, ou não. Eu adiantaria uma boa parte do trabalho da segunda feira já que tinha me adiantado em mais de quarenta e oito horas.

Me concentro no jogo de futebol que deixei como som ambiente com a televisão ligada. Meu time está perdendo por três a zero, eu nunca liguei demais para futebol, mas esse monte de gols levado parece ser alguma forma de presságio.

A porta da minha sala se abre e vejo Erick observar com curiosidade para dentro. Como se estivesse procurando alguma coisa. Ele me vê e não sabe ao certo o que falar. Então encontra as palavras depois de algum tempo.

— Desculpe atrapalhar, eu estava ouvindo um barulho. Achei que fosse algum dos estagiários escondidos. Esses jovens são como ratos, sempre aprontam quando os gatos não estão por perto.

— Ok.

Ele ia sair, mas tornou a virar o corpo para dentro da sala e comentou: — Trabalhando no sábado?

— Por que, não posso?

— Ultimamente você não tem conseguido cumprir muito bem os próprios horários. Suas reuniões estão caindo todas para mim e eu tenho resolvido seus problemas inacabados, então muito me surpreendi ao te ver trabalhar.

— Você não perde uma oportunidade.

— Na verdade, - Erick comentou – eu perguntei sem provocação. Você quem respondeu cheio de maldade. Eu vou te deixar trabalhar.

Erick saiu e deve ter ido para a sala dele. Era melhor assim. Colocar uma distância entre eu e o homem que causou uma discórdia nos laços amistosos que havia entre os sócios da Prime advogados e associados. Qual é? Eu não ia vacilar como Nicholas vacilou. Eu sei manter distância de alguém falso quando é preciso.

Almocei sozinho, lanchei sozinho. Por muito pouco, não jantei no trabalho antes de ir para casa. Eu tinha tomado bastante água, mesmo assim ainda sentia que não conseguiria ir ao banheiro sem um pouco de esforço.

Comprei um peixe assado no restaurante perto do trabalho e o estava levando para casa. Dirigi e eu estava ainda na esquina de casa quando notei que havia algo errado. Um caminhão dos bombeiros estava à porta, e Julianne e Vivian se abraçavam tentando acalmar uma à outra. Vivian estava mais nervosa, Julianne até sorria.

Estacionei e me precipitei para perto das duas.

— O que está havendo?

Não havia sinal de fumaça vinda da minha casa, então eu sabia que não havia fogo.

— Senhor, o senhor tem que se manter afastado... – o sargento do corpo de bombeiros parou antes de continuar – Oh, é você James? Você emagreceu. Pode passar.

Vivian me abraçou pela cintura e Julianne ficou flertando com um dos bombeiros enquanto o sargento me explicava o que tinha acontecido.

Aparentemente, Vivian e Julianne quase colocaram fogo na cozinha, e se minha casa não ficasse perto do posto de atendimento rápido do corpo de bombeiros, minha cozinha teria ido embora em pouco tempo.

— O que foi que vocês tentaram fazer mesmo?

— Vimos uma receita na internet, utilizava o micro-ondas, Julianne me encarregou de colocar no micro-ondas o chocolate para derreter, mas eu deixei a colher dentro.

— Tome cuidado! Eu não quero nem imaginar o que aconteceria se não chegassem rápido.

— Eu acabo de passar por uma experiência de quase morte e você tá me dando bronca?

— Sim, estou. Eu te amo, mas fique fora da minha cozinha por um tempo.

— Pode deixar.

Depois que os bombeiros foram embora, pude notar os estragos. O micro-ondas totalmente inutilizável. O armário no qual ele ficava embutido, jogado no quintal molhado e completamente destruído. Uma parte da comida também tinha sido jogada fora e o fogão não deveria ser utilizado ainda, só no dia seguinte, o sargento do corpo de bombeiros alertou.

— Desculpa outra vez, James, eu não sabia mesmo que Vivian era incapaz de fazer alguma coisa certa – Julianne veio sorrindo atrás de nós, Vivian e ela pareciam já ter esquecido o que tinha acabado de acontecer.

— Isso não é engraçado – intrometi-me na alegria das duas – vocês não percebem o que poderia ter acontecido? A partir de hoje, por favor, não tentem mais cozinhar sozinhas. Eu achei que já tínhamos conversado sobre isso, Vivian – olhei para Vivian em tom de reprovação – você não precisa cozinhar para mim. Você não sabe cozinhar. Eu vou pedir que o restaurante mande as refeições

prontas para quando eu não estiver em casa, e quando eu estiver em casa eu cozinho.

— James...

Me afastei rapidamente. A merda do efeito colateral do remédio para ajudar na filtragem do sangue estava agindo e eu estava começando a ter dor de cabeça, isso destruía meu humor.

— Me ouça, é melhor. Eu trouxe peixe assado, parece que eu estava adivinhando. Eu vou fazer uma salada, vocês comem.

— E você? Não vai comer?

— Não tenho fome.

Eu estava morrendo de fome, mas a cabeça doendo não me permitiria apreciar a refeição, não sem comentários sarcásticos e sendo uma companhia desagradável.

— Tem certeza? – Vivian disse. – não se preocupe, vamos organizar tudo aqui.

— Eu tenho certeza – atalhei – vão buscar o peixe e eu faço a salada.

— Ok.

As duas saíram, uma olhando para a outra, depois para mim. Eu devia estar parecendo a pessoa mais insuportável do mundo, mas não fazia mal. Era melhor criar essa distância breve entre nós dois.

Fiz a salada rapidamente e subi para meu quarto. Forcei-me a dormir para tentar ter um animo melhor no domingo, a manhã seguinte, isso me permitiria não ser um pé-no-saco com as duas. Elas não mereciam.

Promessas

Eu e Vivian convivemos por exatos dois anos na casa de Nicholas. Minhas viagens de ida e vinda de uma cidade para a outra tinham se tornado minha rotina. Meus domingos nos últimos dois anos tinham se resumido a dormir até tarde, ou então revezar o final de semana entre os cuidados com Emily, Nicole ou Nicholas no hospital.

Acho que essa vai ser a primeira vez que eu vou estar com o domingo inteiro disponível para mim. Eu dormiria até tarde, isso se Vivian não tivesse outros planos. E isso era exatamente o que ela tinha.

— James! James! – ela estava tão animada, que foi impossível não abrir os olhos para ver minha mulher com um sorriso lindo e uma camisola quase transparente mostrando bastante do seu corpo olhando para mim.

— Bom dia, isso tudo é para mim?

— Podemos fazer isso depois. Há um monte de gente que diz que te conhece tocando a campainha, Julianne veio me avisar. Eles estão cheios de pratos de comida e querem fazer um churrasco no quintal.

— Droga!

Eu gostava dos meus vizinhos, mas eles estavam me roubando a oportunidade de devorar o corpo de Vivian de manhã bem cedo. Me vesti e pedi que Vivian fizesse o mesmo. Tínhamos que atender essas pessoas.

Quando desci, meus vizinhos já arrastavam a velha churrasqueira para o quintal. Fui saudado com um tapa nos ombros pelo velho Joe, vizinho de longa data com quem eu compartilhava jogos no final de semana antes de minha vida virar esse turbilhão. A mulher dele, gravida pela terceira vez, finalmente de uma menina.

— Eu ainda estou esperando aquela revanche que você me prometeu há dois anos – ele brincou.

— Eu espero que já esteja preparado.

Vivian desceu pouco depois. Não posso fingir que não vi o olhar de julgamento que algumas das minhas vizinhas deram para mim. Também não posso fingir que não vi os olhares de inveja de alguns homens pela bela mulher que eu tinha na minha casa.

Julianne estava muito à vontade, Vivian também estava. Parecia que ela tinha sido feita para eu observá-la nesse momento. Ela tinha sido feita para que eu pudesse olhar para ela dessa forma apaixonada que eu olho sempre que ela não está vendo.

Quando o almoço terminou, pouco antes de uma chuva fina começar a cair apenas para abafar um pouco do calor, Vivian já tinha conversado com praticamente todas as mulheres do condomínio e tinha conseguido pelo menos uma dúzia de futuras compradoras em sua loja.

Vivian me olhou amorosa pela terceira vez enquanto lavamos os pratos no quintal numa bacia, já que só conseguirão reformar a cozinha na quinta-feira, e eu tenho que fingir que isso não me deixa triste feito um louco recuperando a noção. Vendo a minha realidade. Vendo que em breve talvez eu não possa mais estar com Vivian ao meu lado, enrolando meus braços ao redor dela.

Puxo-a para um beijo e em poucos minutos estamos entrando em casa, apalpando os móveis às cegas, buscando o caminho para o quarto. Eu tenho que aproveitar que ainda não tomei o remédio que me causa mau-humor, tenho que aproveitar enquanto o mundo do lado de fora parece não existir e admirar a visão da minha mulher com as pernas ao meu redor.

— Prometa que me amará para sempre. – eu sussurro aos ouvidos de Vivian, tento criar um momento dramático no meio do sexo, mas ela apenas sorri e me belisca.

— Para de ser abestado – ela brinca e eu sorrio contra o pescoço dela.

Quando terminamos de fazer nossas sem-vergonhices sem nos importar do sol estar entrando pelas janelas abertas, tomamos um banho. Vivian lavou meu cabelo, eu lavei o cabelo dela. Em todos os lugares onde eles nasciam.

— Está com olheiras, James. Tem que dormir mais cedo hoje.

— Não posso, estou em lua-de-mel com minha mulher.

— Casamos há dois anos.

— Está reclamando por eu querer prolongá-la?

— De maneira alguma, apenas me preocupo com você – ela falou enquanto eu passava a bucha vegetal embebida em sabonete líquido em suas costas. — Não quero ficar viúva cedo. Você não vai morrer de trabalhar.

— Eu não vou te deixar dando sopa para alguém vir colher o que eu semeei.

— Que provençal.

— Eu tenho dessa coisas de vez em quando.

— Agora vira, é sua vez.

Virei de costas e Vivian esfoliou minhas costas. As mãos dela eram uma massagem aprazível e delicada. Eu sentiria falta delas. Vivian abraçou-me por trás e eu senti os seios dela esmagando em minha costa enquanto ela lavava meu peito e braços. Ela beijou minha costa coberta de espumas e ergueu o rosto para o chuveiro para que ele lavasse o creme do cabelo dela e a espuma que ficou em seu rosto.

Eram trivialidades, eram coisas pequenas essas que eu notava, mas eram momentos que eu levaria para sempre. Eu já as tinha no fundo da memória para nunca perdê-las.

Então voltamos à realidade. Uma mão me arrastando para o abismo de dúvidas e medo que minha fachada endurecida e forte oculta facilmente. Vivian foi conversar com Julianne que chegou sabe-se lá de onde. Eu aproveitei para tomar meu remédio. Meus remédios.

Liguei o videogame no escritório e esperei que ficasse um pouco mais tarde para pedir o jantar. Duas horas passam rápido, Vivian vem me chamar para tomar o suco verde que Julianne fez.

— Não, estou ocupado – respondo secamente.

— Fala sério, você não é um desses viciados em jogo que não pode pausar por um segundo esse troço. Vamos... – ela ia desligar o jogo. Talvez fosse minha grosseria, ou o efeito adverso do remédio, mas antes que ela mexesse, eu peguei a mão dela pelo pulso.

— Não, eu estou ocupado. Eu quero ficar só, vai conversar com sua amiga, mais tarde vou pedir um jantar.

— Eu posso preparar algo, com Julianne.

— Você não sabe cozinhar, Vivian. Não força.

— Credo, que bicho te mordeu? Vou te deixar sozinho então. Quando meu marido voltar, diga a ele que eu estou com minha amiga lá na sala de estar.

Ignorei o comentário e continuei olhando para a TV. Olhando-a sair pelo reflexo na tela da sala de tv. Eu não queria admitir que estava errado, ao mesmo tempo sabia que eu tinha que fazer isso. Eu devia afastá-la aos poucos. Devia ser terrível, assim ela não sentiria falta de mim quando eu partisse.

Quebrando regras

— Arrume-se – eu falo para Vivian quando chego do trabalho. Acabo de quebrar uma regra minha que aprendi com meus pais. A de sempre dar um beijo em minha mulher quando eu chegasse em casa. Eu me repreendo por isso, mas não é o marido de Vivian que está aqui agora. É o James sério e irritadiço que está com a cabeça doendo pelos remédios e que precisa descansar depois de um dia exaustivo de trabalho.

— Arrumar para que? Boa noite para você também.

— Teremos um jantar de negócios em uma hora, acha que consegue fazer isso nesse tempo? Eu devia ter ligado mais cedo, mas estava muito atarefado.

— Não se preocupe, eu consigo. Eu vou me vestir.

Vivian ia saindo da sala, mas o James que a amava pareceu emergir por alguns segundos das águas profundas de desespero que me rodeavam e eu a puxei para um beijo faminto e desesperado. Quando eu finalmente soltei os lábios dela, quando ambos estávamos ficando sem ar, ela ainda tinha os olhos anuviados quando eu disse: — Não demora, não precisa se enfeitar muito, é um jantar de negócios.

Vivian sacudiu a cabeça e respondeu num tom decepcionado: — Esquece de que lugar eu vim? Não se preocupe, James, eu não vou envergonhar você.

— Vivian, eu não quis...

— Estou pouco me lixando. Acho melhor encontrar um tom adequado para falar comigo, não vou ficar lidando com suas grosserias quando ninguém está olhando. James, eu te amo, mas não vou suportar esse tratamento por que você está tendo um dia ruim.

Eu vi Vivian andando em direção ao quarto. Ela tinha deixado o cabelo crescer novamente, mesmo assim ele não estava passando das orelhas. O corte moderno lhe caia como uma luva, e emoldurava o rosto gracioso dela. Eu poderia passar mais tempo admirando essas pequenas coisas nela do que brigando. Vivian não merece isso.

Meu globo ocular começa a doer, isso sempre acontece quando a pressão aumenta. Efeito do remédio, e para isso eu tenho que tomar um comprimido que me relaxa, mas ele me dá sono. Eu não o tomei quando sai do trabalho por que não queria ficar com sono durante o jantar. Bocejar na cara dos clientes não é a melhor forma de celebrar novos negócios.

Eu apenas tomo um banho rápido no meu banheiro, troco o terno do dia inteiro por um blazer simples com jeans e vou esperar Vivian na sala. Quando ela vem, eu não creio que a tenha visto mais bonita em toda minha vida.

Vivian está usando um tubinho preto que parece ser de seda, ressaltado na cintura por um cinto Hermes. Ela colocou um brinco e um colar de pérolas e está segurando uma bolsinha de mão preta em formato de flor. Os sapatos Loubotin com suas características solas vermelhas aparecem para mim quando ela gira para que eu a possa analisar por inteiro. Suas pernas estão uma tentação.

— Você está linda. – eu digo me aproximando dela e retirando um pouco do cabelo que está na altura dos olhos e lhe nubla o olhar.

— Que é isso, James? Eu sempre estou linda.

— Eu sei. Está pronta para ir.

— Estou sim. Vou pegar uma barrinha de cereal antes de ir.

— Tudo bem.

Meia hora depois estávamos entregando as chaves do carro para o manobrista estacioná-lo. Eu sai do carro e abri a porta para Vivian. Ela segurou minha mão e entramos no local que tinha sido reservado apenas para o pessoal da Prime nessa noite de segunda feira. Como eu já disse antes, tinha que ser muito, mas muito cego para não perceber os olhares para Vivian. A garota urbana extremamente refinada em seu tubinho preto.

Vivian andou com maestria a noite inteira. Infelizmente, para nós dois, sempre haveria olhares ressabiados para minha relação com uma garota mais jovem. Mais jovem em idade, apenas, por que a sua história de vida deve ter envelhecido a alma dela uns bons duzentos anos. Infelizmente, as pessoas não olham para a alma dela, apenas para o exterior.

Quando o jantar acabou, ainda vi o olhar de reprovação de Erick antes de entrar no carro. Voltamos para casa. A dor de cabeça tinha passado de tolerável para insuportável, e os meus olhos pareciam estar sendo arrancados das orbitas.

— O jantar foi bem agradável – Vivian falou quando o silêncio estava praticamente insuportável dentro do carro.

— Foi sim... – pisquei os olhos afastando a dor.

— Quer que eu dirija? Parece tão cansado.

— Não, Vivian. Eu dirijo. Eu estou bem.

— Tem certeza?

— Eu vou mesmo precisar repetir? Não entende as coisas de primeira? Quantas vezes vou ter que repetir que eu estou bem, porra, eu dirijo.

Primeiro uma onda de choque, depois uma de raiva passaram pelo rosto de Vivian. E ela é bastante impulsiva. Então essa combinação ia dar merda.

— Pare o carro agora.

— O que?

— Para essa droga de carro.

Parei o carro. Vivian tirou o cinto e abriu a porta, antes de ela sair eu a segurei de volta.

— Para onde vai?

— Não vou compartilhar o carro contigo se continuar parecendo um lixo desse jeito.

— Me desculpe.

— Enfie suas desculpas você sabe onde. Eu vou de táxi. Pode dirigir, isso é, se você mesmo aguentar sua companhia. O que é que você tem, James? Por que está me tratando feito um lixo ultimamente? O que eu te fiz?

— Você...

— Quer saber, eu não quero ouvir.

— Ok, Vivian. Se não entrar nesse carro agora, eu vou sozinho para casa.

— Pode ir, eu não vou entrar.

Acelerei e deixei uma Vivian sozinha num ponto de ônibus e tentei não pensar nessa cena até chegar em casa.

Visitante indesejada

— Posso entrar?

— Fique à vontade.

— Eu vim trazer os papéis que você me pediu, eu não encontrei sua secretária lá fora, então eu tomei a liberdade de vir diretamente à sua sala.

— Mil desculpas, - respondi à mulher entrando na sala – ela já deveria ter retornado do almoço, acho que deve ter se atrasado. Em que posso ajuda-la?

— Eu gostaria de sua ajuda, James. Eu estou precisando muito de aconselhamento, e não tenho ninguém a quem pedir apoio. Bom, você sabe, eu acabei afetando bastante a relação entre os amigos, e sua irmã nunca aceitaria conversar comigo de mulher para mulher.

— Não pode culpá-la, não é Christie? Emily me contou o que quis fazer quando esteve na casa dela.

— Eu estava confusa. Agora...

— Isso é passado, não importa mais – coloquei minhas mãos sobre a mesa esperando a resposta – o que eu posso fazer por você, Christie?

— Eu quero que você analise o meu contrato de casamento. Eu queria que você visse para mim tudo o que eu tenho direito. Minha relação está acabando e eu não quero ser surpreendida por uma... Má sorte. Quando eu me divorciar.

Sem esperar que eu falasse alguma coisa, Christie me deu os papéis que deixaria com minha secretária. O contrato pré-nupcial, e o contrato de casamento. Eu ainda fingi ler por algum tempo, mas logo eu estendi-os para ela novamente.

— O que está fazendo não é certo, Christie.

— O que? Do que está falando.

— Eu não vou entrar com esse processo contra Erick. Por alguns motivos

bastante óbvios. O primeiro, por que ele, embora não seja mais, já foi meu amigo. Eu não seria imparcial. E eu não poderia abrir um processo contra meu próprio sócio, a reputação do escritório seria bastante mazelada por isso.

— Não seja tolo, James. Eu sei disso, apenas quero que me ajude. Eu sei o que tenho passado com Erick, e uma indenização é o mínimo que ele pode me pagar por tê-lo suportado tanto tempo.

— Você não está me convencendo, pelo contrário, está me fazendo enxergar essa ideia como repugnante.

— James, você não sabe de nada do que acontece comigo. Olha para mim. Eu sou uma mulher bonita, atraente, e mesmo assim infeliz. Eu não sou obrigada a viver assim pelo resto de minha vida.

— Eu não estou dizendo que é obrigada, estou dizendo apenas que não posso aceitar este caso.

— Você acha que eu mereço ficar na rua, isso sim.

— Christie, não seja tola. Eu não disse isso em momento algum, e não desejo o seu mal nem o mal de ninguém. Nem mesmo do filha da puta do Erick. Não posso aceitar este caso, e esse é o ponto final desta história.

— Não há exatamente nada que eu possa fazer que mude sua decisão?

Uma bola de asco subiu à minha garganta. A ideia de trair Vivian me embrulhava o estômago. E vinda dela, as coisa pioravam demais. Ela destruiu a vida do meu melhor amigo, e ainda tentou abalar o relacionamento da minha irmã. Erick era um filho da mãe, mas ele realmente não merecia uma mulher dessas. Até eu tinha pena dele.

— Você pode fechar o zíper que abriu para mostrar os peitos. Eu não estou interessado.

Pelo modo como Christie engoliu em seco o orgulho, vi que isso doeu bastante nela.

— Christie – continuei – você é linda. Absolutamente linda. Todos nós invejávamos Nicholas quando ele mostrou quem era a esposa dela. Talvez Matheo e eu tenhamos babado um pouco nas suas fotos seminuas na Sports Ilustrated. Porém as coisas mudaram bastante de lá para cá. Não somos mais

esses garotos impressionáveis de antes.

— Eu não quero ouvir lição de moral, quero ajuda.

— Como eu dizia. Você é bonita, mas é só. Quem olhar para você por mais de dois minutos, vai observar apenas um corpo vazio, sem nada que atraia profundamente. Agradeça por ter sido eu quem te fala estas coisas, se fosse Nicholas, ele teria ido correndo contar tudo para Erick.

— Ele não suporta ter me perdido.

— Ah, ele suporta sim. Você não conviveu com os dois. Até eu que não suportava os dois tive que admitir que os dois foram feitos um para o outro. Erick não merece o que quer fazer com ele. Se quer se separar, separe, mas não faça isso pensando apenas em si. Uma vez, uma vez só, pense na mágoa que isso poderia causar-lhe e pense nos outros antes de si.

— Já acabou?

— Acabei. Espero que tenha entendido.

— Entendi sim. Infelizmente, você é apenas outro colega de trabalho de Erick que tem medo dele. Achei que tivesse mais... Bom, mais atitude.

— As coisas não mudaram de cinco minutos para cá, eu continuo não aceitando ajudar você a depenar meu sócio.

Christie saiu da minha sala pisando duro. Me deixando tão confuso com sua saída como me deixou com sua entrada. O que era uma bosta. Havia meia hora que eu tinha tomado meus remédios. E eu não estava sentindo efeitos colaterais hoje. Era como ganhar na loteria. Mandei uma mensagem para Vivian, perguntando se ela queria jantar comigo.

Depois de responder com uma dúzia de palavrões, entendi que ela ainda estava muito zangada. Era melhor dar o tempo que ela precisava.

Vivian, eu não te mereço, mesmo assim não consigo te deixar. Não ainda. Embora a hora se aproxime a passos rápidos como se tivesse pressa em me alcançar.

Desastre ambulante

VIVIAN

Meu voo pousou em East Valley no mesmo horário em que James chega em casa. Como ele estava um porre, eu decidi vir visitar minha amiga. Sem avisar mesmo, por que sou dessas. James precisa de um pouco de solidão para refletir sobre a má educação dele e tentar ser um garoto mais comportado.

O táxi pediu autorização para entrar na propriedade e eu fiquei feliz por não ter avisado que viria, pois Nicholas, metódico do jeito que é, adoraria ligar e avisar para James que eu estou aqui. E eu quero que James sofra um pouquinho antes de me achar.

— Vivian! Meu Deus do céu, está tudo bem? – Emily veio me receber quando eu mal tinha descido do táxi. Ela estava vestida de pijamas, então eu soube que tinha atrapalhado os dois.

— Sim, sim. Está tudo bem. Eu preciso revisar as caixas no depósito e eu vi para cá para ir amanhã lá bem cedo.

— Sério? Tenta de novo, não me convenceu – ela sorriu. O cabelo na altura dos ombros cortado reto, elegantíssimo, tinha deixado Emily mais sábia do que eu pensava ou eu estava um caco e qualquer um podia notar.

— Seu irmão, ele vai me deixar louca.

— Agora sim, podemos começar a conversar.

O taxista buzinou impaciente. Eu tinha esquecido de pagá-lo.

— Ah, Oh... É mesmo! – Virei-me para Emily – me ajuda com o taxista? Minha carteira está no fundo da mala, eu estava muito irritada e não separei nenhum trocado para pagá-lo.

— Claro!

Ela mal tinha virado para a direção da casa, Nicholas apareceu e veio em direção à nós duas. Ele tinha um olhar preocupado. Meu irmão, como eu o chamava, também se preocupava comigo. Era bom ter pessoas se preocupando

comigo.

— Nick, pague o taxista, por favor? Eu vou instalar Vivian lá no quarto de hóspedes. Ah, e traz a mala?

— Pode deixar.

Ele passou por nós para conversar com o motorista e eu acompanhei Emily até dentro de casa.

— Cadê minha princesinha? – perguntei por Nicole.

— Nossa princesinha está dormindo. Ela dormiu cedo hoje.

— Eu estou louca para dar um cheiro nela.

— E ela para dar um cheiro em você. Mas para de me enrolar, o que foi que aconteceu para você fugir de casa assim?

— Como sabe que fugi?

— Por que eu te conheço – ela me puxou para sentarmos na beirada da cama. Emily tinha amadurecido tanto com tudo o que aconteceu, que eu nem sei como ela ainda tem forças para ajudar os outros. Um coma, uma gravidez inesperada, e comandar uma casa por dois anos sem ajuda, tendo que aprender tudo sozinha, não é para qualquer um. Obviamente, James e eu, Matheo e Violet a ajudamos, mas ainda assim ela era uma espécie de heroína.

— Seu irmão é um idiota. Ele está me tratando feito um estorvo há uns dias. E como eu tinha mesmo que vir para a cidade, eu tenho que pegar o restante das coisas no depósito, eu decidi deixar James se afogar na poça de ignorância dele sozinho.

— Eu teria feito o mesmo. Já comeu alguma coisa?

— Nada, saí de lá à tarde. E eu não queria abrir minha mala antes de chegar aqui. Eu estou morrendo.

— Não vai morrer não. Eu vou fazer um queijo quente para você. Quer que eu traga.

— Vou contigo.

Íamos saindo do quarto para ir à cozinha, Nicholas entrou com minha mala. Ele procurou meus olhos, querendo ver se eu estava bem. Sorri o melhor possível. Eles tinham que acreditar que eu estava bem. Eu não precisava contar tudo, mas precisava mostrar o suficiente de minhas feridas para mostrar que eu estava precisando de colo.

— Onde vão?

— Vamos fazer um lanche rápido. Queijo quente. Quer? – Emily falou enquanto olhava o progresso de Nicholas.

— Quero, mas eu vou deixar as duas ficarem à vontade. Qualquer coisa podem me chamar. Eu vou ao quarto ver se está tudo bem com Nicole.

— Tá bom – Emily disse. Deus, os dois estavam tão sincronizados, por que as coisa não podiam ser leves e descomplicadas assim para mim também? – te chamamos quando tudo estiver ok.

— Ok, amor.

Nicholas deu um beijo na minha bochecha e um na boca de Emily e virou para mim para dizer antes de subir ao quarto da filha: — Estamos muito felizes em receber sua visita, fique à vontade como sempre ficou. Nicole sentiu muito sua falta.

Respondi com um “também senti falta dela” antes dele subir. Emily e eu andamos em direção à cozinha. Eu fui lhe contando tudo o que estava acontecendo. Como James estava agindo estranho. Contei que Julianne até foi para um hotel, estava se sentindo mal vinda em casa. E contei sobre como quase incendiei a casa. Eu estava com uma hemorragia verbal, falava tanto que nem conseguia calar a boca. Quando Emily colocou o queijo quente à minha frente com um copo de suco de abacate, eu continuei falando de boca cheia. Eu achei que estava sendo forte, mas agora, diante da minha amiga que eu tanto amava, eu percebi que na verdade estava apenas reprimindo as emoções.

— Ele tem um gênio terrível, Vivian, você sabe disso desde sempre. Mesmo assim, isso não justifica a forma como ele está te tratando. Ele é meu irmão, mas se for necessário eu vou dar na cara dele.

Sorrimos. Eu quase me engasguei. Emily deu uns tapinhas na minha costa.

— Viu só? O que seria de mim sem você?

— Não sei. Acho que você iria estar rodando o mundo com Julianne – Emily disse – duas loucas por aí.

— Fico feliz que as coisa tenham acontecido como aconteceram. Claro, se eu pudesse reescrever nossa história eu mudaria algumas coisas. Daria a James um pouco mais de educação e o coma de Nick nunca teria acontecido. Mas fico feliz de estarmos onde estamos hoje.

— Eu também.

— Você não vai chamar Nicholas? O sanduiche dele está esfriando.

— Eu vou chamá-lo. Não percebeu que ele só foi lá para cima para nos dar um pouco de privacidade? Olha só – ela pegou a babá eletrônica que estava sobre a mesa da cozinha. – ele até desligou do lado de lá. Quer testar?

— Aham.

— Nicholas, vamos fazer um sessenta e nove hoje?

— Sua doida! – Sorri de Emily. Sim, ela tinha mudado bastante. A maturidade caia bem nela. E a sem-vergonhice também – E se ele ouviu?

— Ouviu nada. Ele já estaria descendo as escadas me apressando para irmos dormir. Vou chamá-lo.

— Tudo bem. Também estou com saudade do meu irmão de alma.

Esperei Nicholas chegar para poder abraçá-lo. Eu realmente tinha sentido falta dele. Nunca sofri tanto por alguém quanto sofri pelos dois enquanto ele se recuperava. Quando achei que todo o pesadelo tinha acabado e que eu poderia ter um pouco de descanso, nunca poderia imaginar que a munição estava carregada em outra arma.

Agora era eu quem estava vivendo um pesadelo. East Valley deve ter a

população mais azarada do mundo.

Uma garota fugida

— Julianne? Você sabe onde Vivian está?

Eu esperei ansioso a resposta da amiga. Julianne decidiu ir para um hotel, ainda não sei bem o motivo. Vivian saiu antes de me explicar e eu só recebi o recado numa nota de papel pendurada por um imã à geladeira.

— Vivian? Não, ela avisou se iria me encontrar?

— Eu cheguei ontem em casa, ela não estava. Achei que ela poderia ter saído com você, mas eu estou tentando ligar para o celular dela e não consigo contato.

— E só me ligou agora?

— Eu já liguei para um mundo de gente, você é a próxima da lista.

— Ok, você parece estar bem perdido. Vamos conversar.

— Eu preciso encontrar Vivian.

— Até eu que não sou casada com ela sei que ela deve estar em East Valley. Na casa da sua irmã. Vamos conversar. Eu e você precisamos falar sobre Vivian.

— Eu não estou com cabeça, Julianne.

— Tudo bem, se não quer sair, eu vou aí, mas vamos conversar sério, James. Vivian é minha amiga, eu preciso saber que ela estará bem. E eu preciso saber se você pensa no bem dela tanto quanto eu. Por que nestes dias que estive aí, eu duvido muito.

Julianne não me deixou falar mais nada. Antes que eu pudesse pensar numa resposta, ela desligou e tudo o que eu poderia fazer era aguardá-la e ligar para Nicholas para confirmar se ele estaria mesmo em East Valley. Quanto mais eu pensava, mais eu sabia que ela poderia estar. E no quão burro eu tinha sido para não pensar nisso antes.

Liguei para Nicholas, mas ele não atendeu. Meia hora depois tive duas surpresas. Uma mensagem de Emily informando que Vivian estava lá e que estava bem. E que se eu não tratasse ela direito eu acabaria apanhando até criar juízo seguida de uma carinha feliz. E o som da campainha anunciando que Julianne tinha chegado.

Levantei-me e abri a porta. Eu mal tive tempo de comer nada, apenas troquei de roupa depois de chegar em casa no horário do almoço esperando encontrar minha mulher em casa. Infelizmente isso não aconteceu.

— Oi, James? Pronto para ter uma conversinha séria comigo?

Eu ainda tinha bastante educação para não mandar Julianne ir catar coquinho. Então eu fiz o gesto para que ela entrasse. Vivian gostava muito dela, então não valia a pena causar atrito entre nós com um tratamento frio e hostil.

— Fique à vontade.

Julianne entrou e tirou a sapatilha que calçava deixando perto da porta de saída. Eu sentei na poltrona perto do enorme sofá chesterfield e Julianne sentou de frente para mim, no sofá. Eu esperei que ela começasse. Os remédios não estavam mais me causando tantos efeitos colaterais, além do sono. Eu não sei se

isso é uma boa notícia.

— James, eu não convivi tanto tempo com você para conseguir entender o porquê de Vivian querer casar tão cedo quando ela tinha todo um futuro brilhante pela frente. O problema é que você está fazendo ela lamentar o fato de ter se casado contigo com esse comportamento.

Doeu um pouco, mas eu não iria me abalar.

— Ela reclamou sobre isso com você?

— Não, ela não precisa reclamar comigo. Eu consigo lê-la como ninguém. Nós convivemos por muito tempo. Não tinha ninguém que eu amasse mais no mundo do que ela, e o contrário também era verdade. Eu nunca tive uma amiga como Vivian. Contávamos tudo uma para a outra e na criação rígida do colégio interno católico que mal permitia conversas em voz alta, aprendemos a nos comunicar apenas com o olhar.

— E?

— E que Vivian está triste. Seu relacionamento recente não te permite ver, mas eu vejo. Vivian está triste e a culpa é sua.

— Eu estou com Vivian há mais de dois anos.

— Sim, mas vocês não se conheceram direito. Longe de mim querer bancar a retrograda, mas vocês deveriam estar namorando ainda. Vivian é muito complexa, rica de detalhes. Parece que você está querendo diminuí-la para colocá-la na sua vida, e não está deixando ela ser ela mesma.

— Eu nunca fiz isso, Julianne, e, com todo o respeito, não acho que você está capacitada para me falar sobre como devo levar meu casamento. Você nunca foi casada.

— Por causa de homens como você, é que eu pretendo nunca me casar. Eu não quero me sentir como Vivian.

— Vivian não reclama.

— Não, James. É você que não ouve. Ela reclama todos os dias, todas as horas. Os ombros caídos dela falam muito de seu estado interior.

Bufei, eu sabia que ela estava certa, muito certa, mas meu gênio terrível me dizia para não ouvi-la. Meu comportamento infantil não a impediu de falar, e eu precisei continuar ouvindo o que eu sabia que precisava ouvir.

— Eu estou vendo Vivian murchando, James. Ela nem parece a mesma mulher feliz do dia do seu casamento. E eu sinto que isso é muito culpa sua. Ela me conta sobre como, no começo, você parecia muito mais interessado. Não conte a ela que eu te falei, mas ela sempre se contentou com tão pouco. Pouco amor dos pais, pouca atenção dos rapazes, não me espanta que ela esteja com você agora.

— Eu sinto que isso deveria me doer mais, se eu já não soubesse que isso é verdade antes.

— Você não pode continuar assim James. Está acontecendo alguma coisa com você? Algo que eu possa ajudar? Algo que Vivian possa ajudar? Você a está traindo?

— Eu nunca trairia Vivian.

— E então? Que cocô tá acontecendo com você para você estar afastando ela de você desse jeito.

Levantei-me. Retirei a camisa e mostrei minhas costas para ela.

— É isso que está acontecendo.

Julianne soltou uma lufada de ar de espanto, então ela levantou-se devagar. Eu olhava para o chão, de costas para ela. E eu senti quando ela levantou e deslizou as mãos devagar por minhas costas. Ela fungou baixo, e eu não sei dizer se ela estava ou não chorando.

— Quem fez isso com você, James? Quem te causou todos estes hematomas?

— Deus? A vida? Não sei. Eu só sei que eles irão piorar cada vez mais. Estas marcas são de locais onde os meus rins não conseguem filtrar direito e o líquido se acumula. Elas estão por todo o meu corpo.

Virei-me de frente para Julianne. Ela estava definitivamente chorando. Eu sentei e ela fez o mesmo. Disfarçadamente, ela enxugou uma lágrima que nasceu e então respirou fundo para falar sem que sua voz vacilasse.

— O que é isso James?

— Eu estou morrendo.

— Quanto tempo você ainda tem?

— Eu não sei. Anos? Meses? Dias? Nunca sei quando meus rins vão parar de funcionar completamente e eu terei que morar no hospital.

— Você não pode fazer um transplante?

— Posso, mas não é tão rápido quanto parece. Sem contar que para eu receber um rins, vou precisar que alguém morra.

— Ou que te doe em vida.

— Eu nunca aceitaria que alguém comprometesse a sua vida por minha causa.

— Isso é injusto. Essa situação toda é muito injusta. E o que pretende fazer? Como tem escondido isso dela?

— De início, eu vou fazer Vivian me odiar, até que ela me deixe. Então eu vou me isolar e começar tratamentos mais fortes no hospital. Eu não sei. Alguma coisa tem que acontecer. Para me esconder eu a evito o máximo possível. Eu apenas fico com ela quando estou sem marcas.

— Deveria dar mais credibilidade a ela. Vivian é muito forte.

— Eu sei que ela é, apenas não quero que ela esteja perto quando eu estiver fraco.

Julianne respirou outra vez. Absorvendo todas as notícias. Ela olhou para

meus braços. Eu senti quando ela se condoeu ao ver os inchaços no meu pulso. Inchaços e hematomas. Marcas que eu escondia bem quando usava meus moletons e suéteres. Mesmo no calor absurdo de Yellowstone Hill.

— Você me deixou muito triste, James. Eu... Eu não podia imaginar.

— Eu sei. Ninguém imagina. Quer almoçar comigo?

— Só se você comprar uma dose cavalar de chocolate. Eu sempre como chocolate quando estou triste.

— Tudo bem. Quanto chocolate quiser.

— E também vamos conversar sobre isso. Agora que eu sei seu segredo, eu não vou te abandonar nessa. Mesmo que você não queira, eu vou sempre estar com um olho em você.

Onde é meu lar?

VIVIAN

Eu precisei ficar dois dias em East Valley. Aproveitei minha “pequetuxa” Nicole e me despedi dela com o coração na mão. Esse tempo longe de casa me ajudou a colocar um pouco a cabeça no lugar. Minhas caixas chegariam no dia seguinte. Consegui separar tudo o que precisava e destinei o que não iria precisar. Uma parte dos meus móveis, que meu pai me deu, seriam utilizados na decoração de casa, outros eu iria reformar e revender.

Quando cheguei em casa, James não tinha ido trabalhar. A casa estava desarrumada, os pedreiros e marceneiros tinham chegado para reformar a cozinha e James estava ajudando a lixar as tábuas de madeira que ficaram manchadas com a explosão do micro-ondas. Ele não estava me esperando como eu achei que ele ficaria.

Eu mal tinha entrado, um rapaz passou por mim derrubando um pouco de cimento no meu vestido branco florido. Eu já estava um desastre e nem tinha dado dois passos para dentro de casa. James me ouviu reclamando e ele ergueu o olhar na direção do hall de entrada. Eu estava me limpando e ele sorriu de leve. Mas, tão breve quanto o sorriso veio, ele foi embora.

James tornou a se concentrar no trabalho. E começou a falar com os

pedreiros para tomarem mais cuidado comigo.

— Então, eles não viriam apenas na quinta-feira?

— Consegui adiantar o trabalho – James disse para mim. Eu tinha me aproximado de onde ele estava e observava seu progresso. O calor estava horrível, e ele era o único trabalhando no piso da cozinha com uma camisa de algodão de manga longa – então me dei folga para terminar tudo. Achei que você demoraria mais, não sabia quando iria voltar, então eu queria deixar tudo pronto para quando voltasse.

Ele falava e arfava. Estava cansado pelo esforço que fazia. Eu tinha vontade de brigar com ele por não ter se dignado a se levantar para nem me dar um abraço quando eu cheguei e mostrar que sentiu minha falta, mas ele não seria o James se não desse nos meus nervos e fizesse exatamente aquilo que eu não esperava.

— Está com sede? Está suando muito.

— Eu estou sim, daqui a pouco pararíamos para comer algo. As instalações elétricas estão desligadas, estão trocando a fiação perto de onde ficava o micro-ondas e o forno.

— Entendi. Eu vou na conveniência no final da rua comprar alguma coisa gelada para vocês. Eu já volto.

— Ok.

— James.

— Oi? – Ele ergueu outra vez o olhar para mim. De perto, notei seus olhos tristes e a sua aparência abatida. Ele deve ter sofrido bastante quando eu estive fora. Não há outra explicação para tal fenômeno.

— Que tal você se levantar e me dar um beijo de boas-vindas.

James se levantou e veio. Suado, agarrou-me pela cintura e me deu um beijo suave. Rápido, mas certeiro. Me fazendo sentir falta dele, mesmo quando ele cheirava a suor seco e cerejeira.

— Achei que ainda estava zangada comigo... – ele sussurrou depois de sair do beijo.

— E eu achei que era você quem estava zangado.

— Não sei se estou mais. Quando voltar, quero que vá para o quarto. Não pegue essa poeira, sei que seu nariz se irrita com facilidade. Assim que terminar aqui eu vou te ver.

— Vou comprar as coisas, quando eu voltar eu vou dormir. Estou exausta da viagem.

— Certo. Assim que terminar aqui eu vou te fazer companhia. Precisamos descansar, depois que estiver melhor, iremos conversar.

— Ok.

Enquanto eu comprava dúzias de refrigerantes gelados e água gelada, além de alguns pacotes de biscoitos recheados, eu só conseguia pensar em como James tinha falado comigo de uma forma estranha. Parecia até que ele estava tentando se livrar de alguma coisa. A tensão que emanava dele era tangível, e a apreensão que se instalou em mim não era páreo para ela.

Eu me sentia amedrontada. Eu senti um presságio absurdo de que nosso relacionamento estava chegando ao fim, e eu nem sabia explicar por que. Entreguei os refrigerantes e a água aos rapazes com um sorriso, fiz o mesmo com James. O único que não sorriu de volta para mim foi a pessoa que deveria ter mais motivos para sorrir. Meu marido.

James foram um péssimo namorado, por que eu achei que ele seria um bom marido? Por que eu não desisti quando percebi o quanto a ideia de unir nossa vidas era louca?

Quando caiu a tarde, e ele entrou no quarto indo direto para o banheiro dele. Eu fingi estar dormindo, embora tenha ouvido todo o tempo a água correndo do duche lavando o corpo dele. O corpo que eu aprendi a amar e que agora não importava o quanto eu me esforçasse, parecia sempre escapulir dos meus dedos.

James banhou por longos minutos, os rapazes já tinham organizado as ferramentas e terminariam tudo no dia seguinte. Ele deitou na cama ao meu lado. Passou o braço por cima de mim. Minha respiração confusa e batimentos acelerados devem ter me denunciado, pois ele falou baixinho ao meu ouvido: — Eu sei que está acordada. Vire para mim.

Fiz o que ele pediu. Olhei para ele. Medo demais havia no meu rosto. Medo demais nos meus olhos. Um medo que eu não consegui disfarçar. Ele leu muito bem este pavor em meus olhos. Ele deve ter notado o quanto isso iria me machucar, por que, o que quer que ele fosse dizer, ele mudou de ideia no último

minuto e me beijou apaixonadamente como no começo da nossa história.

— Eu amo você, Vivian.

— Eu o amo também... – sussurrei de volta.

James estava tão distante, tão distante. Eu não entendia nada, eu não entendia o que estava acontecendo. Eu não tinha mudado tanto assim, tinha? Eu não tinha mudado tanto quanto James. Eu tinha que saber o porquê da distância. Eu tinha que entender.

— James?

— Fale...

Eu tinha que aspirar bastante ar para perguntar. Eu precisava perguntar antes que minha coragem fosse embora.

— James, você está me traindo?

Eu o senti retrair. Ele parou o beijo que me dava no pescoço e ficou tenso repentinamente. Ele olhou nos meus olhos, mesmo com tristeza, ele falou num tom firme: — Sim, Vivian. Eu estou traindo você.

Amores que doem

VIVIAN

Eu não creio que tenha sentido uma dor maior do que a que sinto agora. Eu nunca achei que James seria capaz. A voz dele era fria, cortante. A voz dele me trouxe memórias de quartos escuros e ossos quebrados.

Eu senti o chão balançar sob meus pés, senti a decepção contaminando minha alma como se fosse um veneno intragável. Senti Raiva, mas senti tristeza acima de tudo. Isso significava adeus. Adeus a todos os planos que eu tinha construído nos últimos meses. Adeus East Valley, adeus Yellowstone Hill, adeus James.

Eu achei que eu amei uma vez, e esse amor torto foi minha ruína. Ele me destruiu por dentro e destruiu minha capacidade de confiar em alguém. Ele destruiu toda a minha vontade de acreditar num amor de verdade outra vez. Quando ele violentou meu corpo, eu senti ele violentando também a minha alma. Ele não arrancou só minha pureza, arrancou toda esperança de um amor perfeito no futuro.

Por culpa disso, eu sempre senti que deveria me contentar com o que viesse, que eu deveria aprender a zelar pelo que eu tinha, já que poderia perder. Eu ouvi tantas mentiras, que agora eu não sabia mais o que era ou o que não era

verdade.

Dessa vez, eu senti que tudo acabava completamente. Não senti apenas o meu coração se partindo, senti minha alma descolando novamente, pedaço por pedaço e saindo de mim. Agora eu sabia o que era uma dor de verdade. Eu hesitei bastante em me abrir, por que eu sabia que poderia me machucar. Mesmo nosso amor sendo louco, eu aprendi a confiar. E agora toda confiança e nada eram a mesma coisa.

Eu me pergunto apenas, por que eu não choro? Por que eu não estou sofrendo como da primeira vez? O sofrimento de antes teria anestesiado meu ser para este de agora?

Eu sei a resposta. No fundo do meu ser, muito no fundo, eu sinto que James está mentindo. Ao mesmo tempo em que as provas, a exemplo do comportamento estranho dele, afirmam que isto é verdade, meu coração leu alguma mensagem subliminar sabe que é mentira. Ou então eu é que sou burra demais e capaz de perdoar até uma traição.

— Você está falando sério?

— Eu não tenho por que mentir para você.

— James... Por favor, diz que isso não é verdade.

James me abraça e ele parece estar preocupado comigo. Ele chora baixinho contra meu cabelo e neste momento, eu sei. Talvez o que ele esteja falando, não seja verdade. Mesmo assim, o que ele me esconde o faz sofrer. E ele pensa em mim. Senão não me confessaria enquanto se abraça comigo como se eu fosse tudo o que ele precisa ter no momento.

— É verdade, Vivian. Eu não sei o que eu estava pensando, eu apenas cai em tentação. Eu não sei o que posso fazer para consertar isso.

— Até para uma traição existe perdão, James. Se foi algo físico, talvez eu ainda seja capaz de perdoar, mas eu não sou capaz de perdoar você e estiver apaixonado por outra pessoa. Pois isso significa que abriu o espaço que deveria ser apenas meu em seu coração e outra pessoa o ocupou.

James fica em silêncio. Eu tenho vontade de pular encima dele e dar nele até que ele conte toda a verdade, mas ele não quer mais falar, e eu também não sei se eu quero mais ouvir.

— Acho que você pode dormir no quarto de hóspedes hoje.

— Tudo bem.

James pega o tablet dele e sai pela porta. Quando a porta se fecha e eu percebo o que está acontecendo. Quando percebo que realmente estou sozinha no meu quarto ouvindo os passos do meu marido indo para o quarto de hóspedes ficar sozinho por que talvez ele tenha me traído. Eu finalmente aceito. Eu fiz tudo errado.

James deu todos os sinais de que não queria entrar nesse relacionamento, mas eu insisti. Eu o seduzi, eu fiz de tudo até ele ficar louco por mim. Eu não sabia que ele talvez não estivesse pronto. Os últimos dois anos foram tão consumidos em ansiedade e um luto velado por causa do estado de Nicholas, que nós não pudemos parar para olhar para nós mesmos e pensar – Tem algo errado aqui! – nós deixamos que o espaço entre nós ficasse maior e quando tentamos chegar do outro lado estávamos perdidos no abismo.

Pego meu celular, eu preciso conversar com alguém, mas ele está desligado. Pego o notebook de James e logo no meu Facebook. Emily não está online, Julianne não está online e eu não tenho mais ninguém para conversar.

Eu queria poder gritar, queria poder socar as coisas e quebrar tudo, mas todos os sentimentos estão represados dentro de mim e eu espero que a barreira colapse e a confusão deles me inunde.

Nada acontece.

Continuo de pé, continuo esperando. Estou quieta demais até para mim mesma.

James está preocupado, eu sei. Quando eu levantei para pegar o notebook, ouvi os passos dele vindo até perto da porta. Sei que ele está com o ouvido colado à porta esperando que eu tente alguma loucura, mas eu não vou fazer nada.

Sei que se eu chorar ele vai entrar e cuidar de mim, mas não quero que ele me veja assim. Não quero olhar para ele e imaginá-lo beijando outras bocas quando tudo que eu quero é que a boca dele grude à minha me arrebate e me faça pensar que tudo que ele falou nos últimos minutos foi uma enorme e muito perigosa mentira.

A janela de mensagens do Facebook abre. Ainda estou com o notebook no meu colo. É Julianne. Ela me pergunta se está tudo bem.

“Está tudo péssimo” respondo.

“Quer conversar?” Ela me pergunta.

“Por favor”.

“Desabafe, eu estou aqui”.

E então eu conto tudo a ela. Agradeço por ela ter sentido que eu precisava dela e por ter aparecido no momento em que eu estava mais necessitada. Eu digito enquanto o teclado do notebook não dá defeito, pois estou molhando todo ele de lágrimas.

Que bom que estou chorando. Eu ainda sinto alguma coisa.

Tratamento de gelo

Eu não estranhei quando Vivian começou a me dar o tratamento de gelo. Eu meio que já esperava isso. Então eu apenas me acostumei a irritá-la com minha presença menos que o necessário. Trabalho, hospital, casa. Dormir no quarto de hóspedes. Tudo isso foi necessário para não tornar a vida de Vivian mais aborrecível.

Quando cheguei em casa, achei que a rotina com a qual eu tinha me acostumado nos últimos dias não iria mudar. Foram pelo menos duas semanas em que Vivian não me dirigiu a palavra, então vê-la sentada à mesa de jantar me esperando tarde da noite, foi uma surpresa.

— Boa noite... – fui educado. Minha vontade era a de cortar o espaço entre nós dois com apenas uma passada e agarrá-la como minha imaginação mandava. Beijar essa boca que tanto me tem feito falta e pedir perdão enquanto conto-lhe toda a verdade. Mas a inverdade que inventei ainda consegue ser melhor que a verdade que vivo.

— Boa noite, James. Sente-se, por favor, temos que conversar.

Coloquei minha pasta sobre o aparador e retirei os sapatos, as meias e o terno. Coloquei tudo no closet ao lado da porta de entrada e andei até a mesa. Os

pés descalços sentiram o chão frio em cada uma de minhas passadas.

Nossa mesa de jantar tinha sido trocada por uma maior. A cozinha reformada agora estava menor, mais compacta. Afinal de conta, não a utilizaríamos tanto e tenho minhas dúvidas se Vivian iria querer ficar com a casa depois que eu fosse embora. Tentei deslizar minhas mãos por sobre a mão de Vivian, mas ela retirou. Talvez, se eu tivesse recebido este pequeno gesto de carinho, eu tomasse coragem de falar. Talvez.

— James, quando começamos a namorar. Quando noivamos, quando casamos. A única coisa que eu te pedi, foi que você não permitisse que nosso relacionamento se tornasse minimamente igual ao de meus pais. Eu não queria viver na mesma casa com alguém que sequer me dirige a palavra.

— Vivian...

— Eu ainda não terminei. Esses dias... esses últimos dias, tem sido os piores da minha vida. Eu não te vejo sair de casa, eu não almoço com você, não janto com você, não vejo você chegar, não durmo com você, não faço amor com você... – ela respira fundo e pausa por um minuto para falar, sei que ela está colapsando, mas me agarro à ideia de que é melhor assim. Que nossa vida será melhor se eu não deixar que minha doença a arraste para o mesmo lugar onde eu estou. – James... – ela continua – eu te amo muito. Eu aprendi a te amar quando vi sua solidez, sua força. Eu amei o fato de me sentir protegida por você quando eu precisei, eu amei o fato de que você se sacrificou por mim enquanto vivia

entre duas cidades.

O cabelo de Vivian batia nos olhos. Ele estava tão elegante nela. Ela tinha amadurecido tanto em tão pouco tempo. A alegria que tinha nela quando nos mudamos para Yellowstone Hill parecia ter fugido e fui eu quem deixou a porta aberta.

— James. Eu não quero pensar que tudo acabou. Se você me traiu, se realmente me traiu, eu creio que sou capaz de te perdoar. Mas eu quero que me trate como sempre me tratou a partir de agora. Não quero me sentir um estorvo, não quero me sentir preterida, não quero me sentir como estou me sentindo agora, como se tudo o que vivemos foi uma grande mentira e só eu não tinha percebido.

— Vivian, tudo o que vivemos, nunca foi e nunca será uma mentira. Eu quero que você saiba, independente do que acontecer, que você foi a única pessoa que eu já amei na vida. Que eu nunca nem tinha pensado em me casar, isso até você chegar. E eu sei que eu não sou o melhor marido do mundo, eu nem sei se sou um marido razoável, eu acho que sou um dos piores até, mas eu lutei muito para me tornar alguém melhor para você... Eu só...

— Você o que, James?

— Eu só não consegui. E eu... – eu estou a ponto de contar tudo. Estou a ponto de revelar minhas fraquezas e angustias e comprometer todo o futuro e sanidade de Vivian – E eu não sei se algum dia eu irei conseguir.

Levanto-me da mesa e sinto outra vez as solas dos meus pés no piso de madeira. É quente e frio na medida certa. Muito parecido com meu coração nesse momento. Eu dou passos apressados para ir ao quarto de hóspedes, mas Vivian foi mais rápida. Ela envolveu os braços ao redor de mim e apoiou o rosto em minhas costas. Eu parei de imediato.

— James... Eu sei, eu sei que ainda me ama. Por favor, não me torne uma mulher como minha mãe. Eu não quero ser fria. Eu não quero ser ela. Me ame, me ame como eu achei que faria. Ou finja se quiser. Finja me amar, mas não me tire dessa ilusão.

Ouvi de cabeça baixa o desespero de Vivian. Eu planejo virar devagar para ela, mas não e lhe dar outra resposta dura, mas quando vejo seu rosto tão perto de mim, tão sedento de carinho, tão desesperado, (Somos duas crianças brincando com alfinetes, ela já disse isso uma vez) eu envolvo meus braços ao redor dela e a carrego para mim.

Vivian enrola as pernas ao meu redor e minha mão repousa na curva gentil que ela tem na cintura. Eu a aperto ainda mais contra mim e ela arfa. Nossos lábios apenas se roçam, nenhum dos dois quer começar o beijo e romper a tensão e angustia que nos envolve. Foram duas semanas infernais em que eu não pude

estar dentro dela, e todo meu corpo está implorando pelo seu toque, sinto que o mesmo acontece com ela, pois seus olhos castanhos estão nublados de tanto desejo.

— Eu preciso de você, James... Agora...

Ela não precisa dizer mais nada. Eu não preciso fingir, eu não preciso de artifícios. Meu desejo por ela é o mesmo de sempre. Eu não sei se já desejei alguém tanto quanto eu a desejo. Também não sei se tornarei a desejar alguém. Eu espero também, no fundo de mim, que eu seja inesquecível para ela.

Nossas bocas se colam finalmente e a explosão de sempre acontece. O fogo que sempre nos envolve quando estamos juntos se reacende e eu não sou capaz de lidar com ele racionalmente. Quando estamos juntos, eu me perco. E não existem problemas, não existe nada. Somente nossos corpos se encaixando no escuro, somente a sensação de estar dentro dela, de ser um com ele. Pelo menos até quando o meu corpo permitir eu vou amá-la de luzes apagadas.

Cumplices e rivais

VIVIAN

— Eu preciso da sua ajuda.

— Gata, nem quero saber para o que é, já estou dentro.

— Então vem aqui em casa. James vai viajar em meia-hora. E a Prime vai ficar fechada o final de semana inteiro.

— Estou gostando. O que vamos fazer?

— Conto quando chegar aqui.

O tratamento de James tinha melhorado bastante. Apesar de ainda ser distante. Eu sabia, eu sentia, no fundo de mim, sem uma razão para explicar, que ele não tinha me traído. Eu sabia que ele não seria capaz, não quando ele ainda

olhava para mim com olhos tão cheios de paixão. Ou isso, ou James era um ótimo ator. E, se fosse isso, eu iria descobrir.

Julianne chegou uns vinte minutos depois de James ter saído. James iria à Califórnia. Alguma coisa relativa ao seu trabalho. Voltaria em três dias. Tempo suficiente para eu descobrir o que estava acontecendo.

— E então? Onde vai ser a desova?

— Ai, credo – recebi Julianne – não vamos matar ninguém, muito menos ocultar algum cadáver.

— Ai, que pena! Até vesti minha roupa especial de cometer crimes.

Uma camisa com uma estampa que diz “Eu sou inocente!” não parece ser algo que um criminoso usaria, muito menos parece capaz de encobrir alguma possível culpa.

— Entra logo, vamos conversar.

— Ok.

Julianne entrou e sentou-se no sofá. Quando James não estava, ela não se importava em usar seu salto alto no piso da sala. Um mármore líquido que riscava muito, mas muito fácil. Eu não me importei, que riscasse tudo, desde que isso arrancasse alguma reação de James.

— O que vamos fazer? Vivian, eu já imagino que é alguma coisa errada, pois seu adorado James não pode saber.

— Ah, é sim. Mas não é tão ruim quanto parece.

— E o que seria?

— Vamos ao escritório dele revirar tudo. James me disse que está me traindo.

— Como é que é? Eu vou matá-lo!

— Não, não... Eu não acredito que isso aconteceu. Mas sei que ele está me escondendo alguma coisa. E eu ouvi ele falando ao telefone com alguém, que tinha esquecido algo muito importante no escritório. E eu vou lá antes que alguém vá pegar o que quer que seja.

— Acha que pode ter uma mulher escondida no escritório dele? – Julianne sorriu divertida.

— Não, sua doida. Mas acho que, o que quer que ele esteja me escondendo. Haverá pistas no escritório.

— Nos deixarão entrar?

— Eu sou a esposa dele, terão que me deixar entrar.

— Estou gostando. E quando vamos?

— Agora mesmo.

Peguei Julianne pela mão e saímos em direção à garagem. Entramos no carro e eu dirigi por algumas quadras até a Prime. Durante todo o caminho o som do carro tocou Crazy do Aerosmith. Sim, eu sou louca, mas é James que está me deixando assim com seu comportamento duvidoso.

Quando chegamos na portaria do edifício onde fica a sede da Prime advogados e associados, notamos o pouco movimento na rua. O edifício estava fechado. Eu deveria ter pensado nisso antes de sair. Nos sábados, o prédio só funciona até o meio dia — Está fechada essa droga...

— O que? – Perguntou Julianne concentrada demais na música para ouvir o que eu dizia. Aerosmith tinha dado lugar a 3Lau e isso apenas deixava-nos mais elétricas.

— A porra do prédio está fechada.

— Hum, que chato. Ei, mas você não pode dizer que seu marido pediu que você buscasse alguma coisa? E aí você pode entrar tranquilamente.

— Não sei. Aqui tem muitos documentos importantes. James já falou uma vez que só entram nas salas dos diretores com autorização por escrito. Mesmo as mulheres.

— Por que?

— Sei lá. Acho que é por que, como eu disse, tem muita documentação de empresa grande por aqui.

— Faz sentido.

— Acho melhor voltarmos.

— Não! Que voltar o que? Se quer tanto descobrir o que está acontecendo, vamos invadir.

— Jura?

— Claro. Você já veio aqui antes, não veio?

— Sim, na sala de James.

— Há uma porta dos fundos?

— Deve haver. Na área lateral, do corredor, por onde o pessoal da limpeza entra. Foi por ali que ele me disse que sai sempre que Erick quer fazer reuniões até as dez da noite.

— Então vamos por lá.

— Eu ainda acho mais fácil eu pedir para usar um banheiro, quem sabe isso toca o coração de alguém?

— Pode ser. Vamos tentar do seu jeito, se não conseguirmos, vamos pela porta lateral.

— Ok.

Estacionei um pouco mais à frente. Chegamos perto da porta de vidro de correr e ela abriu automaticamente. Aproximamo-nos do balcão e o segurança que estava ali não pareceu me reconhecer. Ele não sorriu, não lançou um “olá, esposa do chefe” nem pareceu estar muito a fim de parecer educado. Será que James nunca falou sobre mim?

— Em que posso ajudá-las?

— Desculpe incomodar. Minha amiga e eu estamos num passeio de final de semana, mas não sabíamos que o centro estaria tão vazio assim. Agora – eu disse – não conseguimos encontrar nenhum lugar que tenha um banheiro público.

— E o banheiro do restaurante do outro lado da rua, está um horror. Será que poderíamos usar o banheiro daqui?

— Senhoritas, isso complica um pouco as coisas para mim, eu sou novo aqui.

— Por favor, não há ninguém. E eu realmente, realmente, estou apertada.

— Muito bem, mas eu terei que acompanhá-las.

— Certo... – falei um tanto desanimada.

— Eu vou primeiro! – Julianne se intrometeu – você tem coisas a fazer enquanto eu vou lá. E depois de mim você entra. Eu estou muito mais apertada que você.

Com esse comentário, entendi que ela iria primeiro pois isso despistaria o segurança e eu poderia escapar dele e ir até a sala de James. Que eu só sabia que ficava no último andar por causa das plaquinhas metálicas logo atrás do balcão de atendimento com os nomes dos advogados e suas respectivas salas.

Sentei-me no sofá de espera e o homem acompanhou Julianne até o banheiro. Ele não entrou, ficou há alguns passos da porta, mas isso já era o suficiente para eu conseguir correr. Eu não estava mais ao alcance da visão dele.

Aproveitei esse descuido e me lancei em direção às escadas. O Elevador não funcionava, então eu me apressei. Quando cheguei ao último andar, suada e cansada pelo esforço repentino, me apressei para a sala de James. Estava trancada. E a fechadura eletrônica tinha milhares de combinações possíveis.

— Que merda... Que combinação é essa? Ah! Já sei!

James, metódico como era, devia usar a mesma senha para tudo. Ele tinha a mesma senha para todos os e-mails. Eu já tinha lhe alertado sobre o perigo disso. Tomara que dessa vez ele não tenha me ouvido.

Digitei a senha universal e a porta abriu. Dei um gritinho abafado quando consegui. Eu já me sentia uma criminosa. Entrei na sala. Eu sabia que não teria muito tempo para procurar o que eu quisesse. Então fui direto para a mesa e o armário pessoal dele. Vasculhei as gavetas da mesa de trabalho, não havia nada. No armário, remexi as prateleiras, nada também. Somente roupas e seus pertences pessoais.

Então entrei no pequeno banheiro particular da sala. Um generoso lavabo com uma prateleira cheia de vasinhos com cactos. Nada também. Talvez se eu soubesse o que eu estava procurando, as coisas ficassem mais fáceis. Voltei para a sala dele, e olhei sobre a mesa um envelope fechado. Passei os dedos sobre a escrita de James. Uma recusa formal ao processo estava presa com um clipe de papel. E era endereçada a Christie.

Não poderia ser a mesma Christie que eu pensava. Se bem que, qual outra Christie eu conhecia? Abri o envelope com cuidado e dentro havia um cheque e vários papeis que eu não me dei ao trabalho de ler. Também havia um bilhete de Christie dizendo: “Espero que isso te faça pensar melhor. Não podemos terminar nossa relação antes mesmo de ela começar”.

Eu senti um enjoo e uma vertigem. Não era possível que isso significasse o que poderia significar.

“Não, não... não é nada disso” meu subconsciente me alertava.

— Largue os papeis, senhorita.

Ergui meus olhos rapidamente. O tal segurança que estava na portaria tinha vindo atrás de mim e olhava para mim com cara de poucos amigos enquanto falava com alguém do outro lado da linha. Só quando a viatura chegou minutos depois dele me ter pego invadindo uma propriedade particular, foi que eu soube que ele tinha ligado para a polícia.

Mudança de cenário

VIVIAN

— Bom, isso é uma enorme mudança de cenário.

— Isto é uma cela de cadeia.

— Eu estava sendo sarcástica, Vivian.

— Eu sei. Que droga, será possível que ninguém dessa merda de cidade sabe que eu sou esposa de um dos donos daquele escritório?

— Podem até saber, mas você e eu invadimos. Isso é crime. Eu não achei que estaria acordando no domingo numa prisão. A culpa é sua Vivian.

— Eu sei, de nada.

— Você me conhece tão bem.

Uma policial feminina trouxe-nos um saco de papel com o que eu notei ser o café-da-manhã pelo logotipo de uma rede de fast-food na embalagem. Lhe agradeci pela comida, a primeira desde que fomos pegas no dia anterior, e comemos apressadamente.

A policial era gentil, o delegado foi gentil. Apenas precisaria nos manter até confirmar com James que eu era realmente a esposa dele. Como não tinha ninguém por perto para vir trazer a documentação e James, Erick e Nicholas não atendiam os seus celulares, eu tive que esperar até eles conseguirem contato com James. O que só aconteceu às dez da manhã.

Eu só poderia sair quando James chegasse. Por que ele precisaria retirar a queixa aberta em nome da empresa por invasão de propriedade comercial.

Quando James chegou, era quase final de tarde. Eu achei que ele estaria infinitamente zangado, mas assim que saímos da cela e fomos nos encontrar com ele na sala onde assinaríamos os papeis de saída, notei que ele estava se divertindo com toda a situação.

O delegado pediu desculpas quando saímos, disse que realmente precisava

seguir à risca toda a parte burocrática. Eu queria encher ele de porrada até ele aprender a falar sem cuspir os outros e a ouvir quando eu pedir para ele ligar para minha amiga.

— Vamos para casa. Você vem conosco hoje, Julianne. Descanse e pela manhã você volta para onde quer que esteja hospedada.

— Normalmente, eu não receberia uma ordem direta assim sem reclamar, mas estou exausta demais para discutir.

James nos levou no meu carro, que eu não sei como ele pegou, para casa. Ao entrarmos, ele começou com as palhaçadas dele.

— Então agora, sou casado com uma criminosa? Não achei que poderia acontecer coisa mais sexy para mim.

— Ah, James. Vai catar coquinho.

— Eu estou com fome... – Julianne reclamou quando se jogou no tapete

felpudo. Eu acompanhei e deitei com a cabeça apoiada nas costas dela.

— Eu estou morrendo de fome. Eu nunca mais vou cometer outro crime novamente – reclamei mais exagerada ainda.

— Larguem de ser dramáticas. Façam o seguinte. – James falou quando chegou perto de nós, empurrando-nos de leve com o pé descalço enquanto sorríamos e reclamávamos – vão tomar banho, vistam alguma coisa que não esteja fedendo, por que vocês estão fedendo. E eu vou preparar um macarrão, coisa rápida, até vocês voltarem.

— Macarrão... Eu acho que eu quero macarrão... – Julianne falo sorrindo.

— Eu também... Com muito queijo e muito molho... – acompanhei a fantasia.

— E uma porção grande...

— Enorme... – eu completei. Hoje quero comer sem pena até meu estomago

dilatar.

— Quanto drama, meu Deus. Andem, levantem-se. Eu vou fazer o mais rápido que puder. Encho de molho, encho de queijo, coloco tudo o que tiver na geladeira.

— Perfeito.

James nos ajudou a levantar e fomos tomar banho. Voltamos depois de uns vinte minutos. Aquela cela fedia a suor e urina, e o cheiro parecia ter se impregnado em nossa pele. Voltamos e James tinha feito uma enorme panela de macarrão e tinha preparado o molho bolonhesa mais rápido que eu já tinha visto na vida.

Comemos os três. James perguntou o que tínhamos ido fazer no escritório dele, eu estava envergonhada, mas admiti que tinha ido buscar provas sobre suas amantes. Ao que ele sorriu. E falou que eu teria que ser muito esperta para encontrar essas tais provas.

O jantar foi tão normal, tão normal. Que James talvez nem tenha percebido. Nós brincamos, nós sorrimos. Ele me deu bronca, eu dei bronca nele por não ter atendido o celular. Ele brincou com Julianne dizendo que ela era uma péssima

influencia até descobrir que eu que tinha sugerido tudo.

Aconteceu tudo tão normalmente, que talvez nem ele tenha percebido. Ali, naquele momento, ele era o velho James. Não parecia nem que tínhamos nos afastado nem um centímetro.

Mais tarde, no quarto, quando ele deitou o corpo sobre o meu na cama. Não havia reservas. Nos amamos com as luzes ligadas, como há bastante tempo não o fazíamos. E ele pode não ter falado, mas demonstrou. Com o próprio corpo, com seus beijos. Que ele ainda era perdidamente apaixonado por mim.

Emergência

Eu tinha passado a manhã ajudando Vivian. A loja dela seria inaugurada hoje, então, antes de ir ao trabalho, quis ter certeza que ela e Julianne estariam bem lidando com o movimento dos clientes sozinhas.

As prateleiras estavam recheadas dos mais diversos tipos de coisas. Sapatos, bolsas gigantes, carteiras de mão. Miudezas em cristal para decoração, e outros artefatos. Precisei convencer Vivian a não vender um lindo jogo de xadrez de marfim para um cliente interessado e o ganhei para mim como presente de casa nova.

Vivian não sabia que eu gostava de xadrez, — Não se esqueça de fechar às seis, - avisei-lhe entre beijos enquanto saia para ir ao meu próprio trabalho – tem certeza que não quer que eu passe por aqui para ajudá-las?

— Certeza absoluta. Você tem bastante trabalho para se ocupar. Já te arrancamos de uma viagem, não queremos te arrancar da empresa também.

— Eu vou ligar para confirmar mais tarde. A cidade é pacata, mas não se deixem confiar demais.

— Vai, James – Julianne falou enquanto me empurrava para fora da loja – pode deixar que nós vamos conseguir nos virar, não somos crianças no primeiro dia de aula.

— Ah... Por favor, não me façam buscá-las na delegacia outra vez.

Comentei alto, rindo. Os clientes riram também. Já tinha vazado para a comunidade local que o segurança novo da Prime tinha confundido minha esposa com uma invasora e ela precisou passar a noite na cadeia por isso. Só nos restava fazer piada de toda a situação e notificar o jornal, o que já fizemos, para que corrigissem o escândalo. Vivian não se importou, pediu apenas que o homem não fosse demitido, pois ele não tinha culpa de nada. Apenas ajudou duas moças que precisavam urgentemente de um banheiro.

Voltei para o trabalho com um sorriso no rosto. Os remédios não estavam me causando tanto mau humor e, não posso mentir, a confiança que Vivian depositou em mim, me lisonjeou de alguma forma. Saber que estou com uma mulher que me conhece bem a ponto de saber que jamais seria capaz de traí-la, só mostra que eu devo estar fazendo alguma coisa certa na minha vida.

O trabalho em minha sala corria normalmente. Meu humor não tinha piorado, eu parecia estar navegando um mar de tranquilidade. Era quase como se os efeitos colaterais tivessem sumido e, exceto por uma dor muito fraca nas costas quando eu ficava sentado por muito tempo, não havia nenhum outro sintoma que me fizesse sentir um homem doente.

Minha paz só foi roubada quando a porta abriu de uma vez só e meu sócio, Erick, abriu a porta da frente com um olhar furioso. Ele tinha vontade de entrar gritando, eu percebi, e não sei que força ele encontrou para refrear o impulso, mas ele o fez. Fechou a porta devagar após si, mesmo sabendo que o mecanismo de fechamento não permitiria um estrondo muito forte, e controlou a respiração antes de questionar.

— Quando pensava em me contar?

— Em contar? – eu sabia exatamente do que ele estava falando, apenas ganhava algum tempo. Queria que ele se acalmasse.

— Em contar que Christie o procurou – ele falou alto num tom irritado, logo em seguida diminuiu o tom ao perceber que poderiam ouvir-nos caso passassem pelo corredor.

— Eu não achei que precisasse contar a você qualquer coisa sobre o que sua mulher faça ou deixe de fazer. Além disso, desde que ela veio eu não tenho encontrado você no escritório. Não que eu sinta que lhe deva alguma satisfação, mas eu não tive tempo de deixar de me preocupar com meus problemas para me preocupar com os seus.

— Você poderia ter me ligado.

— Eu não achei que seria uma boa dizer a você que sua mulher quer se separar por telefone.

A irritação dava lugar a um sentimento que eu não sabia discernir. Ele parecia chocado? Ou outro sentimento, parecia perturbado, decepcionado até com minha confirmação. Falo confirmação por que sinto como se ele já tivesse suas suspeitas.

— Está mentindo...

— Eu sinto muito se essa notícia o deixa entristecido, mas Christie deixou Nicholas por sua causa, quanto tempo achou que se passaria até ela te trocar por outro? Não quero ser desrespeitoso, mas você foi meio tolo por acreditar que ela valeria tanto a pena.

— Vai defendê-la?

— Não tenho interesse de desestabilizar mais nossa firma. O coma de Nicholas já foi o suficiente Chega de clima de insegurança por um tempo. Nós dois, porém, sabemos que mesmo que eu a defendesse, ela não ganharia nada com isso. Além de uma pensão de dois mil por um ano, você não deu nenhum outro direito para ela em caso de divórcio. Christie gasta bem mais que isso por mês. Não irá conquistá-la de verdade deixando-a sem escolha. Ela não vai mudar só por que você está ameaçando não dar dinheiro para ela. Christie é muito bonita, pode arrumar um homem mais rico que você se quiser.

— Isso não é da sua conta, James.

— Bom, foi você quem entrou na minha sala querendo dar uma de macho para cima de mim, agora vai me ouvir.

— Ouvir. Faça-me o favor, quem pensa que é? É incapaz de conquistar uma mulher de verdade e tem que apelar a garotinhas indefesas, você já foi melhor que isso.

— Eu não lhe permito que fale de minha mulher. Eu não lhe dei abertura para falar dela e, pelo resto de respeito que me resta por você, não torne a fazer isso. Se não quer que as coisas piorem, eu peço educadamente que se retire de minha sala. Eu já respondi aos seus questionamentos, se não há mais nenhum, deixe-me só.

— Não posso falar da sua...

— Erick, eu sugiro que cale a boca.

— Ou o que?

Erick se levantou e eu fiz o mesmo para não ficar abaixo dele. Não queria levantar seus insultos para casa. Ele estava irritado e queria briga. Talvez fosse isso mesmo que acontecesse se minha companheira não voltasse à toda quando eu me levantei repentinamente.

— E então, James? Vamos resolver isso ou não?

— Sua raiva não é de mim, Erick – falei disfarçando a dor – sua raiva é de si mesmo e de Christie, por tê-lo feito chegar ao ponto de precisar brigar com os outros para mostrar sua masculinidade. Eu dispenso, Erick. Você pode procurar quem quer que esteja ajudando Christie, por que eu não estou.

— Está recuando? – Deus do céu, ele não iria desistir?

— Eu não estou recuando Erick... Eu só... – a dor veio mais aguda e eu precisei me apoiar à mesa e colocar as mãos perto da região lombar para tentar acalmar o ponto onde eu parecia estar sendo perfurado com agulhas – Merda...

— Vai apelar mesmo, James? Não achei que fosse tão covarde. É obvio que está tendo alguma coisa com Christie, por que ela o procuraria?

— Erick... – falei gemendo – você está louco. Eu sou casado, e tenha certeza, Christie não me desperta nenhum interesse. Eu já disse isso antes e vou repetir. Eu não estou ajudando-a.

A dor ficou ainda mais forte. Eu gemi baixo. Eu não queria pedir ajuda, não queria mesmo, mas eu não vi alternativas.

— Erick... Por favor, ligue para meu médico. George. George Craven. Eu preciso falar com ele.

— Faça isso você mesmo, não tem mão?

Erick saiu da sala como a criança insolente e mimada que sempre foi, mesmo que estivesse preso dentro do corpo de um adulto. E eu ainda consegui discar o número do doutor George e pedir por ajuda pouco antes de cair desmaiado no chão do meu escritório.

Péssimas notícias

Eu estava com uma máquina acoplada ao meu corpo quando acordei. Eu reconheci o barulho da máquina dos meus pesadelos, o dia tinha chegado rápido. Rápido demais para meu gosto.

Hemodiálise.

Agora eu era um homem cujo rim não funcionava mais. Embora ele não funcionasse direito há bastante tempo, desta vez eu precisava de uma máquina para ajudar a manter meus sistemas funcionando direito.

A enfermeira que estava ao meu lado me sorriu amigavelmente e disse que iria chamar o doutor. Ele precisava conversar comigo. Ela tinha aquele sorriso aprendido depois de anos de trabalho. Um sorriso que precede um grande choque. Um sorriso que tenta passar calma, mas que eu já conhecia e portanto não surtia efeito em mim.

Foi um sorriso parecido com esse que eu recebi quando eu ouvi a notícia sobre meu estado de saúde a primeira vez.

— Ora, James. Acordou, hein?

Mexi minha mão, queria passar a mão no meu próprio rosto. Eu teria ficado em coma como Nicholas? Minha barba teria crescido tanto que eu precisei que alguém a tivesse retirado para mim para não me tornar uma bola de pelos? George parou minha mão no ar e brigou de leve comigo.

— Não queremos arrancar as agulhas das suas veias, ou você vai ter que ser furado novamente.

— Há quanto tempo estou aqui?

Eu já tinha aceitado a realidade que viria, mas não imaginei que as coisas aconteceriam tão rapidamente mesmo. Eu não pensei que eu teria um colapso no trabalho. Imagine a cena que tinha acontecido, todos devem ter se assustado. Eu apenas espero que não tenham avisado Vivian. Ela não precisa desse tipo de preocupação agora.

— Não se assuste, não está há tanto tempo aqui. Na verdade, faz menos de dez horas. No entanto, você deverá ficar pelo menos mais dois dias em observação. Quer que eu ligue para alguém?

— Não, eu já disse para o senhor muitas vezes. Eu não quero que ninguém saiba.

— Ainda com essa história, James?

Não falei nada. Olhei para o outro lado. Não queria ver George notando toda a minha frustração e teimosia, também não queria ver ele lendo o meu prontuário ao pé da cama. Eu tinha medo do que iria ver.

— As notícias não são boas, James.

Respirei fundo. Eu não tinha medo de morrer, na verdade, eu não tinha mesmo medo da morte. Eu não gostava de saber que causaria dor àqueles que ainda estão vivos. Eu não gostava de saber que outras pessoas sofreriam por que os meus rins, meus malditos rins, não sabiam fazer a única coisa que deveriam fazer – filtrar a porra do meu sangue.

— O senhor disse que não seria assim tão rápido.

George andou até o meu lado da cama, então apoiou-se na parede atrás dele, exatamente ao lado do tubo por onde corria o ar puro para emergências e nebulização e cruzou os braços diante do peito. Falou olhando para mim.

— A medicina não é uma ciência exata, James. A expectativa era de que você ainda teria pelo menos dois anos antes de um de seus rins falhar completamente, já que estava mais debilitado que o outro. Como eu avisei diversas vezes, a sobrecarga de trabalho e de preocupação deve ter agravado a situação. A perda das capacidades renais ainda não é total, um de seus rins está em noventa por cento ainda. E você conseguirá viver normalmente por um longo tempo, desde que você venha às terapias de hemodiálise sempre que necessário e não descuide de sua medicação.

— Isso não deveria acontecer comigo...

— Não, não deveria. Não deveria acontecer com qualquer pessoa, mas está acontecendo. E você tem que parar de ser teimoso feito uma mula, precisa compartilhar isso com alguém, precisa de ajuda, e não só minha, mas de sua própria família. Precisa de ajuda especializada também. Eu aconselho que aceite minha indicação de um psicólogo...

— Eu não quero psicólogo. – falei duramente – o que eu disse antes, continua de pé. Ninguém deverá saber sobre meu estado. Eu não quero preocupar ninguém mais. Meus amigos estão vivendo suas vidas, eu devo viver minha morte.

— Falando assim está se entregando, sem lutar.

— Eu não quero lutar. Eu já lutei bastante. Eu já fiz todas as terapias que o senhor pediu, que todos os meus médicos pediram, mas não obtive resultado. Eu não quero mais ser invadido por uma multidão de medicamentos toda vez.

— James, você precisa entrar na fila para o transplante.

— Eu não quero transplante, George. Minha ideia não mudou.

— Como eu disse, teimoso como uma mula.

Ele desencostou da parede e pegou um bloco de notas do bolso dele. Depois percebi que era um receituário. Ele anotou pelo menos meia dúzia de medicamentos ali. Todos deveriam ser tomados e o meu plano de saúde apenas abatia uma boa parte do valor deles. Felizmente eu já tinha uma poupança destinada apenas aos valores que eu deveria gastar com remédios, então ninguém mais conheceria os meus gastos. Esta conta era secreta.

— James, eu não te falo como médico agora, mas como um amigo. E você sabe que eu realmente sou seu amigo. Alguém mais precisa saber, isso é peso demais para uma pessoa sozinha carregar. Sua vindas ao hospital agora serão mais frequentes. Você acha que conseguirá esconder isso sempre? Seus remédios o deixarão mais irritadiço, nauseado. Também causarão estados de mania e de depressão. Isso só para citar alguns dos efeitos colaterais deles. Você precisa de alguém para o ajudar nisso.

— Eu não quero mais ninguém sabendo disso, George. Não insista, por favor.

— Muito bem, James. Apenas não pense que faz isso para o bem de todos. Sua esposa, por exemplo, pode não ser capaz de perdoá-lo quando souber que escondeu isso dela todo esse tempo.

— Vivian não precisa desse tipo de preocupação, eu já disse. Saberei lidar com isso sozinho, como sempre fiz. E espero que o senhor respeite isso.

— Tudo bem. A enfermeira virá acompanhá-lo até o final do procedimento. Eu preciso ver outros pacientes. Pense no que conversamos, peço encarecidamente.

De volta para casa

Eu voltei para casa dois dias depois. Obviamente, era melhor omitir do que mentir. Vivian estava preocupada, mas eu já tinha avisado minha secretária que se Vivian ligasse perguntando por mim, eu sempre estava trabalhando. Ou, se alguma emergência acontecesse, eu teria viajado.

Desta vez eu não sabia o que ela tinha falado. Saí do hospital ainda era final de tarde. Eu não sabia o que tinham falado pelos corredores e faria questão de acabar com qualquer boato sobre minha saúde com uma justificativa qualquer. Eu poderia ter me estressado, ou desmaiado por não ter comido o dia inteiro. Eu precisava de alguma desculpa se ouvisse comentários nos corredores.

Entrei em casa e Julianne estava na sala de estar. Ela olhou para mim esquadrinhando tudo e compreendendo muito antes de eu ter falado qualquer coisa. O olhar dela era cheio de condolências e amizade. Eu interpretei tudo como pena, e odiei sentir que tinham pena de mim. Fechei a porta e o barulho chamou a atenção de Vivian que devia estar em algum cômodo dentro da casa e surgiu apressada para a sala vindo do corredor. Ela estava com olheiras, tantas que o seu rosto parecia ter envelhecido uns cinco anos. O cabelo dela estava despenteado e isso era uma coisa que ela não deixaria de fazer num dia normal. Não que ela fosse super vaidosa, mas eu sabia que ela tinha muito cuidado consigo mesma.

— James... – a palavra saiu fraca, ela estava aliviada por me ver. Muito aliviada até. — James... Eu estava tão preocupada... Onde você estava? – ela

veio para perto de mim – eu não tive notícias suas por dois dias. Ninguém me falou o que estava acontecendo. Sua secretária disse que você saiu de viagem, mas eu tentei ligar para seu celular e nada. Eu fiquei tão assustada, ninguém me dizia onde você estava.

— Ninguém? Ligou para quem?

— Na verdade, liguei para bastante gente. Eu estava preocupada.

— Não deveria ter ligado.

— James... Você sumiu de casa por dois dias, queria o que? Que eu esperasse você voltar e bater milagrosamente na nossa porta?

— Não foi exatamente o que aconteceu?

— Bom... – Julianne disse – eu acho que vou sair. Eu tenho que descansar mesmo, eu tenho que fazer bastante coisa.

— Não precisa ir, Julianne.

— Ah, eu preciso sim. – Julianne disse – você e sua esposa devem ter bastante coisa para conversar. Se precisarem de mim, tem meu número. Basta me ligar.

Julianne passou por nós. Eu nem mesmo tinha dado alguns passos para dentro de casa. Eu estava cansado, dolorido em diversos lugares e me sentindo fraco. Eu precisava descansar, mas Vivian queria conversar. Ela tinha todos os motivos para isso, mas eu estava exausto demais para qualquer conversa.

— James, não vai me contar onde esteve? Por que não atendeu seu celular? Por favor, não sinta que eu estou te cobrando. Não sinta que eu estou querendo invadir seu espaço, mas eu criei uns bons fios brancos esses dois dias, então eu mereço pelo menos uma justificativa.

Vivian merecia uma justificativa? Claro que ela merecia. Eu iria dar alguma? Claro que não. Se eu começasse a falar agora, provavelmente não me calaria até contar tudo o que eu estava sentindo e pelo que eu estava passando.

— Vivian, eu estou exausto, preciso descansar.

— James, eu preciso de uma resposta.

— Eu não quero discutir, Vivian. Estou cansado de discutir com você. Eu vou descansar. Eu... Eu realmente preciso descansar.

Passei por ela em direção ao quarto. Não queria ficar mais tempo olhando seu rosto lavado de preocupação. Eu estava a ponto de desabar. O choque da notícia de que eu tinha avançado mais um estágio para perto da morte estava me deixando vulnerável. E eu não queria que Vivian me visse fraco. Não queria me sentir fraco.

Deitei no quarto de hóspedes. Ela entendeu o meu recado não verbal e não me incomodou quando eu fechei a porta implorando por um pouco de paz e sossego.

Madrugada

VIVIAN

Eu ouvi uma espécie de choro durante a madrugada, e foi isso que me despertou. Eu não sabia que os instintos podiam ser tão intensos até o momento em que corri certeira para o quarto onde James dormia e usar toda a minha força para abrir a porta e vê-lo suado e gemendo de dor sobre a cama.

Minhas mãos procuraram o rosto dele, limpei um pouco do suor do seu rosto com a colcha da cama e notei que ele ardia em febre.

— James... Meu Deus... James!

Eu gritei para que ele acordasse, mas ele parecia estar a ponto de convulsionar de febre e não acordava do seu sono.

— James, pelo amor de Deus! James! Acorde, por favor!

Eu fui obrigada a dar-lhe tapas no rosto para que ele despertasse. James não parecia bem. Ele gemia de dor, e estava ardendo em febre. Eu não sabia o que fazer. Eu tive vontade de chorar, muita vontade de chorar, mas eu não podia cair em desespero agora.

— James, eu vou ligar para um hospital! Onde está seu celular?

— G... George... George... – James falou com voz baixa. Os lábios dele tremendo por causa do esforço e pelo frio que a febre devia estar lhe acometendo. Eu procurei o nome George na lista telefônica e liguei enquanto andava até o banheiro e molhava uma toalha na água fria para tentar baixar a temperatura dele. Emily fez isso uma vez quando Nicole pegou uma virose, talvez funcionasse com James também.

Descobri-o e segurei o telefone ao ouvido com o ombro. James gemeu mais um pouco quando a toalha fria entrou em contato com o seu corpo e eu passei outra vez a colcha de cama no seu rosto. O suor tinha voltado depois de menos de um minuto.

— James? Está tudo bem?

O homem atendeu. A voz dele era calma, parecia até que ele sabia como

lidar com a situação.

— Não, não é James. É Vivian, a esposa dele. James está passando muito mal. Ele está ardendo em febre. Eu ia ligar para o hospital, mas ele pediu que eu ligasse para o doutor George. É o senhor, não é mesmo? O que eu tenho que fazer? Por favor, me ajude... – minha voz estava calma, mas meu interior era puro desespero.

— Você deve administrar... – ele me passou as instruções como nome do remédio. Eu nem sabia que tínhamos remédios em casa, nada além da vulgar aspirina e um ou outro xarope para tosse. Repeti o nome do remédio e George o confirmou. Então pediu que eu mantivesse a calma e que ele estaria em minha casa em cinco minutos.

Revirei os criados-mudos em busca do remédio. Não o encontrei ali. Busquei a cômoda onde haviam algumas peças de roupa de James, nada também. Entrei no closet e revirei as caixas das prateleiras vazias, nada. Nenhum rastro do remédio.

Voltei até James. A temperatura da toalha amenizou um pouco os tremores, mas ele ainda estava muito quente. E agora, um sono o vencia. O torpor causado pela febre lhe causava esse sono. Ele queria dormir e eu precisei sacudi-lo com força para poder despertá-lo e perguntar sobre o tal remédio.

— James! Acorde! – ele abria os olhos, mas mal conseguia deixá-los aberto cinco segundos. — James, me diga onde está o remédio para febre! James, por favor!

Eu precisava gritar, mesmo assim, James não conseguia se esforçar o suficiente para falar. Ele nem mesmo parecia conseguir ter forças para sequer abrir os olhos. Desisti de tentar acordá-lo e procurei outra toalha no banheiro e a molhei na água fria. Cobri James com a nova camada de roupas enquanto vasculhava as estantes do quarto. Procurei nas caixas de miudezas perto dos livros, nada. Não havia nada.

Ouvi a porta da sala abrindo e fechando com força e passos apressados vindo em direção ao quarto. Era só o que me faltava agora, ser assaltada. Peguei a primeira coisa que achei ao alcance das mãos e a empunhei esperando que o invasor entrasse no quarto para acertá-lo na cabeça, mas assim que notei o jaleco branco e a maleta preta com um símbolo que remetia ao caduceu da medicina, eu relaxei.

— James tomou o remédio? – ele perguntou enquanto se aproximava de James e começava a medir seus sinais. Auferiu-lhe a pressão e iluminou os olhos dele com uma lanterninha minúscula. Abriu a maleta e apoiou um joelho sobre o braço de James para diminuir o tremor enquanto lhe administrava um medicamento por via intravenosa.

Eu me sentia impotente. Absolutamente impotente. Eu nunca tinha

presenciado James tão debilitado. Na verdade, nunca tinha presenciado alguém tão debilitado assim. Então eu não sabia o que fazer. Foram necessários pelo menos cinco minutos de trabalho silencioso de George para que os tremores de James parassem. Ele o tinha virado de lado e James estava finalmente respirando tranquilamente, e não mais com os guinchos de dor que ele estava soltando antes.

Eu passei a mão no meu rosto, que estava grudado, e então percebi que não era suor que o lavava, eram lágrimas. Eu estava chorando feito uma desesperada e não percebia. Adeus determinação de nunca mais chorar, bem vindas lágrimas. Hoje eu aceito sua presença.

Só quando a situação com James parecia estar controlada, foi que eu pude ver o estado em que eu mesma e o doutor George estávamos. Ele deve ter sido pego mais preparado do que eu. Digo por que eu estou apenas com um short folgado de dormir e uma enorme camisa de James cobrindo a parte superior do corpo, enquanto George, apesar da calça moletom e da camisa de algodão simples, além do jaleco, parece muito mais calmo e controlado do que eu.

— Venha comigo, Vivian. – ele me segurou delicadamente pelos ombros enquanto tentava me levar para fora do quarto – Precisamos deixá-lo descansar agora.

— Doutor, eu...

— Apenas George, por favor. Ele realmente precisa descansar, e nós precisamos conversar.

Saí do quarto a contragosto. Eu queria saber o que tinha acontecido a James, por que ele estava tão mal. Eu tinha um milhão de perguntas, mas a única coisa que George fez foi verificar se eu estava bem. Medir meu nível de estresse e perguntar se eu queria tomar um calmante e me mostrar onde estavam os remédios de James.

No final do corredor, ao lado da porta do banheiro, onde ficava um compartimento que tinha virado um depósito para os artigos de James como o jogo de tacos de golfe que ele não usava e um lançador de bolas de tênis que ele também não fazia uso, havia uma maleta de ferramentas. Ou era para ser uma maleta de ferramentas. Repleta de medicamentos.

— Como o senhor sabe?

— Eu tenho cuidado de James há bastante tempo, inclusive entrei aqui com a cópia da chave que ele me deu. Somos amigos há algum tempo.

— E como eu nunca o conheci? – perguntei confusa.

— Acho que ele preferiu assim. Eu vou voltar à tarde para ver se está tudo bem. Por favor, se ele tornar a se sentir mal, não esqueça dos remédios que lhe indiquei.

Ele anotara tudo para mim e eu ainda tinha o bilhete dobrado nas minhas mãos. James tomava muitos remédios, muitos mesmo. E eu tinha que cuidar dele, apesar de não saber nem contra o que ele estava lutando.

— O senhor vai me falar o que ele tem?

— Creio que essa conversa não deve ser tida num momento como esses. James e eu marcaremos o melhor horário para conversarmos. Garanto que não demorará muito, eu tentarei persuadi-lo outra vez.

— Outra vez?

— Sim, você sabe, James é teimoso como uma mula.

Sorri de leve.

— Sim, o senhor tem razão. Eu preciso cuidar dele agora.

— Faça isso. Eu realmente gostaria de falar tudo o que está acontecendo, mas James me fez assinar uma documentação para me obrigar a contar tudo o que está acontecendo apenas quando ele autorizasse.

— Eu sinto muito...

— Eu também, Deus me livre de advogados.

— Obrigada outra vez, doutor George. Perdoe o horário.

— Estou acostumado. Não hesite em me ligar se qualquer coisa parecer anormal.

— Farei isso.

George se foi e eu olhei para minha casa. Ela parecia uma pilha de segredos agora. Quantas coisas mais escondidas por trás das portas? Quantas coisas mais haveriam escondidas por detrás da fachada forte de James?

Não chore por mim

VIVIAN

Obviamente, depois de tudo, eu não consegui fechar os olhos. Eu até tentei, mas era difícil descansar depois de notar James tão enfraquecido. Tão frágil debilitado por algum monstro que eu ainda não conhecia.

Seu rosto parecia cansado e eu só pude notar detalhes de seu sofrimento quando o dia raiou do lado de fora. Eu ainda estava sentada ao lado da cama, na poltrona rosa que um dia pertenceu a Emily, quando o sol revelou as marcas de James para mim.

Eu devia ser uma mui péssima esposa para não ter notado tantas coisas antes. James ainda dormia, então eu tinha alguma liberdade para cuidar dele direito. Havia mais de um mês que não dividíamos a mesma cama. Ele continuava indo ao trabalho e eu até tentei, mas ele evitava de todos os meios possíveis diminuir o tempo de contato comigo.

Só agora eu percebia o porquê disso tudo.

O rosto de James estava mais magro. As olheiras estavam escondendo um pouco do brilho de seus olhos azuis, tenho certeza, pois agora elas estavam mostrando com força que se apoderavam de um corpo débil. O braço dele, o mesmo onde o doutor George aplicara a vacina na noite anterior, não tinha apenas uma marca de furo de agulha, como eu imaginei, mas haviam diversas marcas de vacinas em todo a dobra do cotovelo, no pulso, na parte superior da mão que eu virei cuidadosamente para buscar. Haviam marcas roxas, marcas esverdeadas, azuladas em sua pele. Marcas que eu não notava. Marcas que eu nunca me atentei a procurar.

Em outra situação, eu poderia achar até mesmo que ele estava se envolvendo em brigas, mas agora noto que eu não fui apenas relapsa comigo mesma nesse tempo, me afundando em comiseração e auto piedade, eu estava sendo relapsa com James. Eu deveria saber que ele estava precisando de ajuda.

James estava mal, ele estava muito mal.

Minha busca minuciosa se aprofundou. Ergui de leve a camisa dele. As marcas roxas se espalhavam pelo abdômen também, além de nódulos. Nódulos que eu não sabia do que se tratava. Eu toquei de leve seu abdômen e cobri a boca quando notei que ele tinha emagrecido ainda mais do que eu pensava.

Abafei um choro triste com as mãos. Devo ter chorado silenciosamente por uns minutos, pois não percebi quando James acordou. Tampouco percebi quando ele estendeu uma das mãos devagar e a depositou sobre meu cabelo num carinho

contido.

— Não chore por mim, Vivian.

A voz de James era fraca, combinava com a aparência dele. Eu não consegui me conter. Ele não sabe que quando se pede para uma mulher chorar é aí que ela chora? Praticamente joguei-me sobre ele e envolvi meus braços ao redor de seu pescoço. Ele me abraçou de volta de leve. Não que ele não quisesse me abraçar, mas ele se sentia fraco. Muito fraco, que qualquer esforço era um enorme esforço.

— Oh, James... O que quer que eu faça? Eu nunca o vi tão debilitado quanto ontem. Eu tive tanto medo. Tanto medo, você não tem ideia. Eu tive tanto medo de perder você... – me levantei para olhar em seus olhos – parecia que estava morrendo, James...

James não falou nada. Não com os lábios, não com palavras, mas seu olhar mostrou uma décima parte da dor que ele sentia. Uma décima parte de todo o sofrimento que eu não sabia que ele ocultava. Havia tanto medo em seus olhos quanto nos meus.

— James... Se isso for uma brincadeira, não tem a menor graça. James, não

tem graça mesmo. Pare com isso...

James respirou fundo e tossiu, felizmente quando notei que ele estava bem eu consegui raciocinar minimamente e enchi uma cumbuca de água. Agora ele tinha água fresca para tomar, não apenas isso, mas eu tinha pedido que a padaria perto de casa entregasse nosso café da manhã às sete horas, faltava pouco tempo para o alimento chegar.

— Eu queria que fosse uma brincadeira, Vivian – ele tomou mais outro copo de água – eu não estou bem. Eu jamais queria que me visse nesse estado, mas ontem parece que as coisas fugiram ao meu controle. Eu mal lembro de seu rosto de desespero, eu lembro vagamente de ser medicado, mas eu não consigo esquecer mesmo é da dor que te causei.

— Eu me assustei um pouco, mas foi só...

— Vivian, eu não queria assustá-la. As coisas irão piorar agora. Eu tenho uma doença, grave. E eu não sei se quero partilhá-la com você. Eu não quero arrastá-la para isso comigo. Eu não quero que você murche ao meu redor do mesmo modo que eu vou acabar murchando num leito de hospital.

— O que você tem, James?

— Insuficiência renal crônica.

— Isso é muito grave?

— Grave é apelido para o que tenho. Não há outra forma de eu sair disso, senão morto. Eu tenho seguido o tratamento que me foi prescrito, mas não vou conseguir segui-lo em casa para sempre. Em breve terei que ficar num hospital, os custos serão caríssimos, mas não se preocupe. Eu jamais a deixaria desapercebida. Já tenho guardado bastante dinheiro, desde que descobri tudo, e você não precisará trabalhar outra vez na vida.

Eu levantei da cama, eu não queria ficar perto dele quando falava tanta besteira. Eu não queria ter que dar um tapa na cara dele para ele calar a boca.

— Eu sei que deve estar assustada – ele disse – eu sei que isso é mais do que você pode suportar e não a culpo se quiser ir embora, eu já disse. Eu vou facilitar bastante as coisas, eu já até tenho a documentação do divórcio pronta, não queria apresentá-la neste estado, mas basta uma assinatura e você não precisará ficar atrelada a mim neste estado. Eu vou ser bastante generoso com sua pensão, não se preocupe. E quando eu morrer, você é a minha herdeira universal.

— Tem razão, isso é demais para mim...

— Não posso culpá-la.

Respirei fundo para não perder a paciência, quando mais calma, continuei falando.

— É demais para mim que você seja tão egoísta a ponto de calcular isso tudo tão friamente, e nem uma única vez ter pensado que eu gostaria de saber. Você fazer tão pouco caso de mim e do meu amor, que preferiu sofrer calado a partilhar sua dor comigo. Você tem razão, isso é demais para mim. Eu não estou interessada no seu dinheiro, James. Eu nunca estive, você já esqueceu que antes de te conhecer eu já tinha abdicado de uma fortuna apenas pelo prazer de casar contigo?

— Não, Vivian. Acontece que...

— Acontece o que? Você simplesmente iria me dispensar sem se preocupar com o fato de que isso me machuca muito mais do que qualquer outra coisa que você faça? – eu tinha me exaltado, então retomei a fala pelo menos algumas oitavas mais baixo – James, como pode fazer tão pouco caso do meu sentimento? Como pode achar que meu amor não é mais forte do que isso?

Como pode achar que eu iria preferir ir embora.

— Não, Vivian. Eu é que prefiro que você vá embora. Eu não vou aceitar que se sacrifique por mim. Por isso o divórcio.

— Você pode enfiar seu divórcio no rabo, James. E aproveita e enfia o que você prefere também. Será que nesse tempo inteiro que vivemos juntos você não percebe que eu nunca iria desistir de você?

Eu me aproximei da cama e toquei o rosto de James com as mãos, ele parecia em choque com minha raiva e minha determinação.

— Eu nunca, ouviu bem? Nunca irei abandonar você. Eu não me importo com o quanto as coisa estejam difíceis. Eu não vou sair do seu lado. Mesmo que as coisas se tornem terríveis, você é meu marido e vai continuar sendo. Passaremos por isso juntos. Passaremos por isso, e eu vou cuidar de você até que esteja bem.

— Vivian, eu não ficarei bem...

— Então eu acho que vou ter que cuidar de você até que você morra. É isso que quer ouvir? – James permaneceu em silêncio – por que eu não penso em ir embora. Não penso em abandoná-lo quando você mais precisa de mim. E não, eu não estou com pena de você, eu simplesmente o amo como à minha própria alma, e não penso em deixá-lo só nem um único momento a partir de agora.

— Eu não quero que se sacrifique por mim.

— Eu já disse que não estou interessado em saber o que quer. Eu vou cuidar de você, e, se minha presença se tornar insuportável, então vai ter que fugir dessa casa, mesmo assim, aviso, eu vou te encontrar e te arrastar de volta.

James ficou calado. Deve ter entendido que eu estou firme no que digo. Jamais o deixarei. Nunca, jamais, o abandonarei.

— Será que agora eu posso chorar um pouco no seu braço? Eu ainda estou em choque com tudo o que sei agora.

— Vem...

James abriu os braços e eu me lancei neles. Era difícil imaginar que as coisas em breve não seriam mais assim. Era difícil imaginar que ele não estaria comigo em pouco tempo. Mas, se ele pensava que eu agiria como ele, simplesmente abaixaria a cabeça e aceitaria o destino sem lutar, ele estava muito enganado.

Pedidos de ajuda

VIVIAN

— O que James não queria, aconteceu. E eu estou preocupada? Nem um pouquinho. Agora ele é o centro das preocupações de duas cidades, e vai ter que aprender a se acostumar com isso. Quando voltou à tarde, George estava feliz, na medida do possível, em saber que ele tinha conseguido se abrir comigo. Que, finalmente, ele não precisaria esconder as coisas e desistir de diversos tratamentos apenas para manter as aparências.

Doutor George tinha falado sobre a possibilidade de um tratamento mais agressivo, o transplante. Ele tinha contado sobre o quanto isto custaria – o que foi muito desanimador – mas isso não me abateu. James já sabia que custaria muito, por isso tinha desistido dessa possibilidade há muito tempo.

Ele tinha desistido, mas eu não desistiria tão facilmente de ajudar-lhe. Eu não permitiria que ele desistisse de ajudar a si próprio. Nem que para isso eu precisasse engolir meu próprio orgulho e ficasse cara-a-cara com duas das pessoas que mais me magoaram na vida. Elizabeth e Sergei. Não necessariamente nessa ordem. Pois meu pai, a pessoa que eu mais amava, foi quem mais me magoou.

A entrada da casa não tinha mudado muita coisa, embora os portões

tivessem recebido uma nova camada de tinta específica escura, ele ainda conservava o mesmo desenho clássico que emoldurava o brasão da família. O muro de pedras também era meu velho conhecido, embora agora uma camada de plantas estivesse cobrindo o seu tom, eu ainda sabia exatamente onde era o canto que eu me encostava quando eu precisava ficar esperando o táxi que me levava para a faculdade.

Tentei discar o antigo código de entrada na propriedade mas tudo que recebi de volta foi uma mensagem de acesso negado. Os seguranças vieram até a porta para tentar ter certeza do que estava acontecendo e, exceto por um deles, uma boa parte da equipe tinha sido trocada. Eu não conhecia quase ninguém. Então não foi surpresa que eles me olhassem com uma certa dose de admiração quando descobriram quem eu era.

— Desculpe, senhorita. Não podíamos imaginar.

— Não, não é culpa de vocês. Eu também não imaginaria que a filha voltaria um dia para uma mansão dessas com essas roupas e com esse aspecto de cansada.

Entrei na casa, e não tenho certeza se meu ser vacilou um pouco enquanto eu me aproximava. Tudo parecia tão estranho e tão familiar. Era tudo tão diferente e tão igual que eu ainda me pegava sentindo diferentes deja vus enquanto analisava tudo cautelosamente.

Entrei na sala e a empregada também tinha sido trocada, ela me trouxe uma água alcalina e eu já tinha me desacostumado do seu gosto estranho quando ela preencheu minha boca. Seu “amargor” foi uma novidade para mim após tanto tempo sem poder me dar ao luxo de bebê-la.

— Meus pais estão em casa?

— Não, mas já foram avisados que a senhorita... Desculpe, que a senhora está esperando-os aqui. E prometeram não demorar. A senhora precisa de mais alguma coisa?

— Imagina, está tudo bem. Não se preocupe.

— Desculpe, mas é estranho para mim. Sei que é a filha dos senhores Cristall, mas não sei se devo ficar fazendo sala para a senhora.

— Não, não é necessário. Se eu precisar de alguma coisa, chamarei.

— Sim, senhora. A senhora ficará para almoçar?

— Duvido muito, mas agradeço a preocupação.

Com um cumprimento antiquado, a jovem empregada saiu para os seus afazeres. Eu não entendia ao certo por que, mas ela parecia um pouco nervosa. Ela tinha sido a responsável por avisar aos meus pais que eu estava aqui, talvez eles não tenham recebido a notícia muito bem. Exatamente como eu esperava.

Eu esperei por pelo menos uma hora até que os meus pais chegassem. O barulho do helicóptero pousando no nosso quintal foi suficiente aviso. Minha mãe entrou de braços dados com meu pai. Eu já sabia dos problemas do meu pai, sabia que ele não sentia atração por minha mãe, que na verdade ele nem mesmo se atraia por mulheres, então vê-lo encenando que eram um casal feliz para a própria filha, enganou apenas a eles mesmos e mostrou quem ainda estava no comando de tudo – Elizabeth.

— Vivian, - minha mãe falou – sabia que iria desistir de seu estilo de vida medíocre e limitado, mas não imaginei que fosse demorar tanto. Vejo que os anos não foram tão bons para você, parece ter envelhecido uns bons anos.

Sim, Elizabeth tinha razão. Os últimos tempos não foram bons para mim, mas não foram por conta da falta de cuidados, de maneira alguma. Na verdade, foram por pura preocupação. James tem precisado cada vez mais de cuidados constantes, e eu tenho sido a primeira a ficar ao seu lado.

Também não ajuda nada viver sob a constante pressão de que ele precisará ser internado repentinamente para ficar ligado a uma máquina que cuidará de funções básicas do seu corpo.

— É um prazer vê-la também, mãe.

— É incrível que quando o filho pródigo volta ao lar, ele sempre está numa postura submissa – ela comentou – veio desculpar-se e pedir para voltar?

— Não, mãe. Eu gostaria de pedir ajuda. Meu marido, ele... James está doente. E ele precisa de cuidados especiais. E não tenho condições de ajudá-lo.

— Veio pedir dinheiro? – ela sorriu venenosa – não parece que sua resolução em afirmar que nos esqueceria durou muito tempo. Na verdade, se não fosse por Sergei ter insistido bastante, garanto que não me retiraria de minha festa facilmente.

— Já chega, Elizabeth! – meu pai finalmente se intrometeu – Vivian veio até nós, devemos ouvi-la.

— Oras, se quiser, ouça você. Eu fui arrancada do jantar de empreendedores oferecido pelo senador. Acha que seu descuido passará despercebido pelos fotógrafos que estavam ali? Já basta a mancha na reputação que tivemos que apagar no passado.

— Chega, Elizabeth. Eu não quero discutir na frente de Vivian. Eu irei ouvi-la, se não quer ouvir o que ela tem a dizer, saia. Seu veneno está nos sufocando.

— Você é apenas um frouxo levado pelas emoções.

— Mãe, eu não vou discutir. Se quiser que eu saia, irei sair. Eu não quero que briguem mais por minha causa.

— Eu quero que saia.

— Tudo bem – peguei minha pequena bolsa lateral e ia me dirigir até a saída, mas meu pai intercedeu.

— Vivian, você não sai desta casa até conversarmos. Elizabeth, esta casa é tão mais minha que sua. Se não quer ouvir, sugiro que saia, mas Vivian ficará e eu ouvirei o que ela tem a dizer.

— Você não vai me desautorizar na frente de ninguém.

— Você já não tem autoridade sobre mim há algum tempo, não lembra, Elizabeth? Agora, se quiser ficar comigo e tratar nossa filha com o respeito que ela merece, será bem-vinda, mas se não aceitar se comportar decentemente, então sugiro que saia pois sua presença não é requerida neste momento.

— Pai...

— Não, Vivian. Deixe-me. Sua mãe precisa ouvir algumas verdades há algum tempo, e já que minhas indiretas não tem sido o suficiente para que ela perceba, minha atitude será mais direta a partir de então.

— É um fraco. Não passa de um fraco. Não é à toa que está aqui hoje, Vivian. Por que seu pai foi fraco. Se fosse por mim, não teria conhecido a luz do dia.

Com estas palavras ela saiu. Nem eu, nem ela sabíamos, que esta seria a última vez que veríamos a face uma da outra.

Laços reatados

VIVIAN

— E ele está morrendo, pai. James não quer lutar, e eu não quero que ele desista da vida. Ele pode ter uma vida boa em casa, pelo tempo que lhe resta. Mas ele precisa de cuidados especiais. É tudo muito caro, mas sei que o ajudará muito.

— Eu lamento muito, querida, pelo seu marido. James parece ser um batalhador, pelo que me conta, não entendo por que ele está se entregando.

— Por que está com medo. Tem medo de ser um estorvo e eu não quero que ele se sinta assim. Eu não quero mesmo que ele sinta que é pesado demais para mim ou para os amigos.

— Todos já sabem?

— Quase todos, na verdade. Como falei, os Theodoridis já o sabem, estão tentando ajudar, mas é quase impossível conseguirmos que James aceite pagar para que o transplante dele corra mais rápido. Ele diz que a vida dele não vale

mais que a dos outros que já esperam há tanto tempo.

— É uma atitude corajosa dele, está sendo muito altruísta num momento desses.

— Não, pai. Ele está sendo egoísta, por que sabe que eu morro se ele morrer. Eu não vou me recuperar fácil da dor de perder as pessoas que eu amo outra vez.

Meu pai se aproximou um pouco mais e, timidamente, ele passou os braços ao meu redor num carinho há muito tempo negligenciado. Meu pai continuava o homem bonito que sempre foi, por dentro e por fora, apesar da crueldade de Elizabeth ter ofuscado isso, ele nunca foi totalmente apagado.

— Eu vou ajudar seu marido, como eu puder. Apenas me diga o que eu preciso fazer. – ele falou com lágrimas nos olhos – você sabe que eu nunca quis me afastar de você. Eu fui levado a crer nisso, mas eu nunca realmente senti uma dor maior do que a que senti quando notei que você tinha realmente ido embora. Sua mãe é manipuladora demais, nunca fui forte o suficiente para contrariá-la, e não vou mentir, eu adorava aumentar minha fortuna com ela, assim como da companhia dela, ela é uma mulher linda. Apenas não achei que fosse tão vingativa ao ponto de recusar um pedido de ajuda da própria filha.

— Eu não me importo com isso, ela mesma me disse que ela nunca me quis.

— É verdade, ela não quis. Até tentou... Deus, até tentou tirá-la – ele falou com dor, eu sabia exatamente o que significava – quando nasceu, ele quis dá-la para a adoção, ela não queria, nunca quis, ter uma filha ou filho. Ela temia ser uma mãe igual a mãe dela foi para ela. Ela acabou se tornando uma mãe ainda pior.

— Isso não importa mais. Eu não vim esperando a ajuda de Elizabeth, pai. Eu vim aqui por que sabia que o senhor me ajudaria.

— Eu fico feliz que tenha vindo – ele disse se levantando e sacando o celular do bolso – preciso fazer algumas ligações. Vou pedir ao nosso advogado que redija um documento para autorizar o acesso ao prontuário de James. Eu mandarei cópias aos melhores especialistas do mundo, não importa o quanto isto custe, mas iremos ajudar seu marido.

— Eu vou precisar voltar para casa, não posso deixar James tanto tempo sem mim.

— Há algum problema se eu for? Será melhor que eu fique ciente de toda a

situação, quero saber como você tem vivido.

— Minha casa não é cheia de luxos, pai. Não somos pobres, mas precisamos nos preocupar com as contas no final do mês, por exemplo.

— Não quer que eu vá?

— Não é isso. É que eu me preocupo que o senhor não se sinta confortável.

— Eu também não tenho me sentido confortável aqui. Não há calor humano nesta casa.

— Se for este caso, então pode arrumar suas coisas. Lhe encheremos de calor humano e o senhor poderá me ajudar a cuidar um pouco de James, talvez isso ajude a entender melhor por que eu me dispus a procurá-lo.

— Pode me procurar sempre que precisar, filha.

— Agora eu sei.

Especialistas

VIVIAN

O doutor George conversava concentrado com dois dos maiores especialistas do mundo sobre a insuficiência renal de James. Os termos técnicos eram difíceis demais para que eu os pudesse entender, então apenas captava uma ou outra palavra solta que pudesse fazer sentido para mim. “Tratamento inovador”, “nova técnica”, quando ouvia palavras desse tipo, eu imaginava que pudesse ter uma esperança, mas em seguida vinham novas palavras soltas “tratamento tardio ineficaz”, “talvez se tivesse começado antes”, “sobrevida limitada”, e eu murchava outra vez.

Eu estava sentada com meu pai num dos sofás da sala de espera do consultório particular do doutor George, e os sons que ouvíamos eram arrastados de alguma forma desde a saleta do final do corredor até onde estávamos. Meu pai, que devia estar ouvindo as mesmas palavras soltas, tinha passado um braço protetoramente ao redor do meu ombro.

— Tudo vai dar certo, querida. James está nas mãos dos melhores especialistas do país. Não creio que conseguiríamos colocá-lo em mãos melhores.

Meu pai ainda me olhava de forma estranha. Não o posso culpar. Ele ainda

não tinha superado o choque de ter entrado no novo mundo em que eu estava inserida. Contei-lhe sobre minha loja, contei-lhe sobre minha nova vida um tanto mais limitada. E ele pode notá-la um pouco melhor quando conheceu a casa onde James e eu vivíamos.

A casa de maneira alguma era ruim. Tínhamos duas suítes, além de duas salas – uma de estar, outra de TV – uma bela e compacta cozinha, sala de jantar e um quintal maravilhoso. O problema era que em comparação com meu padrão de vida anterior, eu tinha descido uns ótimos trinta degraus. Eu não podia me dar ao luxo, por exemplo, de decidir passar um final de semana na polinésia francesa sem um bom planejamento. Coisa que antes eu nunca nem pensaria em fazer.

Passou-se pelo menos mais meia-hora. Finalmente os doutores Flynn e Michaelson saíram da sala, vindo pelo corredor com o meu já amigo doutor George. Era impossível tentar descobrir qualquer emoção no rosto profissional deles. Eles não deixavam transparecer nada.

— Por aqui – George disse e dirigimo-nos a uma sala bem maior. Sentamos de um lado da mesa, meu pai e eu, e Michaelson e Flynn, bem como George, sentaram do outro lado. Esperei que eles falassem alguma coisa, pois eu estava tremendo de ansiedade, e temia que minha voz falhasse quando eu fosse perguntar.

— As notícias não são muito animadoras, Senhora Carter e Senhor Cristall. – Michaelson tomou a palavra. – Estivemos estudando o caso de James,

passamos alguns bons dias analisando casos ao redor do mundo, tentando encontrar terapias alternativas, tentando encontrar algum tratamento que tenha se mostrado eficaz, mas não o encontramos. Lamentamos muito.

Eu prendi um choro no fundo do peito e respirei fundo até falar, minha voz tinha que sair firme. Mesmo que a verdade me partisse.

— Isso significa que James irá morrer?

Houve um momento de tensão antes que ele pudesse retorquir.

— Vivian, a única coisa impedindo que James tenha uma sobrevida com qualidade, é a própria resolução do seu marido. Pelo que pudemos notar, ele assinou uma documentação para impedir qualquer tentativa de transplante. Essa é a única alternativa que ele tem no momento. Ele poderá continuar com suas idas e vindas do hospital, continuará com as hemodiálises por tempo impreciso, mas isso é apenas um paliativo, a solução para o caso dele é o transplante.

— Coisa que ele se recusa a fazer terminantemente – George disse.

— George, eu sei que ele é seu amigo e que você está querendo cumprir com seu papel de médico – disse eu – mas o seu julgamento do que é certo e do que é errado, difere totalmente do meu. O que é preciso fazer para que ele entre na fila de transplante?

— É preciso que ele assine toda a documentação.

— Pois, prepare-a. Eu o farei assinar, nem que tenha que dar na cara dele para isso. O caso dele não está perdido, enquanto houver esperanças, eu vou lutar por James. Mesmo que ele tenha desistido de lutar por si mesmo há bastante tempo.

— É uma mulher admirável, senhora Carter – Flynn falou.

— Não é admirável lutar pelo homem que se ama, é o que deveria acontecer.

Houve um momento de silêncio. Eu detestava estes momentos de silêncio. Eu já imaginava uma notícia devastadora após isso, mas o que aconteceu foi melhor do que eu esperava.

— Também temos a obrigação de falar, senhora Carter. O tratamento de James pode ser mais eficaz e menos fatigante, se ele conseguir uma máquina de hemodiálise particular. É uma grande excentricidade, na verdade uma enorme excentricidade, mas essa máquina irá limitar as vindas de James ao hospital, ela deve ser operada por um profissional capacitado.

— Uma grande excentricidade? – meu pai perguntou.

— Sim, o preço dela é algo bastante intimidador.

— Não temos dinheiro para isso – eu disse. – Nem para o profissional particular que deverá operá-la.

— Eu tenho, filha. – meu pai disse – Conversaremos sobre os valores em particular, doutores, e quanto ao profissional que irá operá-la, preciso de uma indicação. Eu arcarei com os custos.

— Pai, James nunca aceitará.

— Acho que ele não está com a opção de aceitar agora, sei que o convencerá do contrário.

— Obrigada...

— Tudo por você. Uma forma de me redimir por todos os meus erros.

— O senhor já tinha se redimido há algum tempo.

Possíveis esperanças

— James! – Era a voz de Erick outra vez. Se ele entrasse em minha sala querendo briga, eu não iria conseguir me defender. Então deixei que ele entrasse em minha sala irradiando fúria. A pior parte, desta vez eu não sabia o que eu tinha feito.

— Entre, Erick. Quer sentar-se? Do que me acusa esta vez?

Erick andou na frente da minha mesa. Ele tinha papéis em suas mãos, e eu não sabia o que era aquilo. Esperei que ele se acalmasse, Erick realmente devia ter algum problema com relação à raiva que sentia. Quando ele o fez, jogou os papéis na mesa com desdém. Imediatamente reconheci o logotipo do hospital onde eu me tratava e peguei os papéis jogados em minha mesa.

— Pode me explicar do que isso se trata? James, está precisando de um transplante? Como isso pode ter acontecido? Como não pode me contar isso tudo?

— Espera! – respondi irritado – em primeiro lugar, quem te deu autorização para abrir a minha correspondência? Isso é crime federal! Eu poderia mandá-lo à cadeia – escondi os papeis na primeira gaveta da minha mesa, como se de algum modo esconde-los pudesse ocultar toda a verdade.

— A correspondência estava endereçada ao escritório. Eu não podia imaginar do que se tratava até que a abri. Talvez tenham trocado por engano, mas ela chegou à minha mesa e não tinha seu nome ou qualquer coisa que mostrasse que estava aos seus cuidados. Eu não cometi crime abrindo-a – Erick falava de forma calma, quase complacente. Ele estava com pena, e eu odiava pena – eu só pude imaginar que se tratava de uma correspondência sua quando encontrei seu nome dentro.

— Erick, isso não te diz respeito. Agradeço por fazer estes papéis chegarem às minhas mãos, e lamento que isso tenha te aborrecido desta forma. De qualquer modo, espero que este assunto não se espalhe pelos corredores da Prime.

— Agora está me confundindo com o que? Com uma das secretárias fofoqueiras? – Ele passou a mão na testa, não estava suado, parecia apenas uma forma de ganhar tempo para se acalmar – Quando foi que eu me tornei esse vilão ruim a ponto de não ter o direito de participar de um fato desses?

Isso iria demorar mais do que eu achei que iria.

— Erick, não se coloque no lugar de vítima. Acho que já basta eu para isso. Eu não achei que isso deveria ser algo de seu interesse. Nós não somos melhores amigos há algum tempo e nem mesmo as pessoas mais próximas a mim sabiam disso até algum tempo atrás.

— James, isso é sério. Eu me preocupo com você, por incrível que pareça.

— Não pareceu estar preocupado quando brigou comigo da última vez em que esteve em minha sala.

— Não? Quem você acha que ficou aqui contigo até a ambulância chegar? – ele estava se irritando novamente – que merda, James! Eu precisava saber disso, eu queria saber disso. Eu não sou tão ruim assim, obviamente eu já irritei feito um louco todos vocês, mas eu ainda tenho muito respeito por você, eu diria até que ainda tenho muito carinho por vocês, independente de como a situação esteja.

— Christie sempre vai estar entre todos nós, Erick. Ela sempre vai ser a mulher de Nicholas que você roubou, e a ex-mulher louca que quase matou minha irmã. Não podemos esquecer que ela ainda quis ganhar mais um posto quando veio até mim para representá-la num divórcio e ainda se ofereceu em troca da minha, digamos, mão-de-obra.

— Eu não sou burro, James. Claro que eu sabia que ela faria isso quando chegasse. Eu e Christie estamos enfrentando uma crise desde que isso aconteceu, eu tentei salvar o relacionamento de todas as formas, mas não consegui. O que começou errado não poderia terminar de outra forma.

— Que legal, Erick, mas, como eu disse antes, isso não é da minha conta. Eu não quero saber sobre suas lamúrias de dom Juan arrependido. Eu já tenho o suficiente para me preocupar, não quero mais coisas para encher minha cabeça.

— Nunca serei perdoado então?

— Acho que tem que fazer as coisas certas primeiro. Há Nicholas, o maior prejudicado de todos. Matheo, que foi acusado injustamente de ser o canastrão que roubava Christie quando na verdade era você, minha irmã. A lista só vai aumentar quanto mais tempo você ficar nesta sala.

— Tudo bem, não irei insistir. Já que não quer conversar comigo, eu vou para minha sala. Eu tentei me inteirar, por que, por mais que não acreditem, minha vida tem sido uma merda desde aquele dia de merda, e eu queria mudar as coisas. Infelizmente ninguém acredita em mim.

— Não é culpa nossa, você não é confiável.

— Tem razão.

Erick saiu da sala e assim que a porta fechou eu disquei imediatamente o número do doutor George.

— James? Algo aconteceu? Está tudo bem? – ele perguntou preocupado.

— Que merda de papéis foram esses que recebi? E que falta de cuidado foi essa de eles terem chegado ao meu trabalho e caírem em mãos erradas?

— Então está se sentindo bem?

— Sim, por incrível que pareça. Só fazem dois dias desde a última hemodiálise, eu ainda me sinto perfeitamente bem.

— Certo, então não tenho motivos para me preocupar. Quanto aos papéis terem caído em mãos erradas, isso não me compete. Enviamos para o seu endereço, minha assistente sempre é muito cuidadosa, tenho certeza que o erro foi na Prime. Sobre o conteúdo dos papéis, Vivian pediu que os fizesse e mandasse para você. O olhar determinado dela não deixou dúvidas, ela vai fazê-lo assinar esses papéis de um modo ou outro.

— Eu falei diversas vezes que isso não é necessário, que isso está totalmente fora de cogitação.

— Sua esposa trouxe advogados, médicos, o pai e um oficial de justiça. Eu não tinha como resistir a todo esse aparato.

— Ela é impossível... Vivian...

— Ela é uma mulher fascinante. É egoísmo demais de sua parte se permitir perde-la. Não vou mentir, amigo. Quando estiver longe desse mundo, já que é o que você está querendo, eu mesmo tratarei de fazer companhia à sua viúva.

— Eu puxo teu pé. Merda, isso não tem graça.

— Eu sei, brincar com a vida dessa forma também não. Assine os papéis e evite uma discussão com ela. Vivian está lutando muito mais por você do que você mesmo está fazendo.

— Eu sei.

— Então dê a ela a chance de tentar. Dê a ela a chance de pelo menos esgotar a busca de todos os lados possíveis. É o melhor a fazer por ela no momento.

— Eu sei. Obrigado.

— De nada. E não esqueça que estou sempre ao alcance de uma ligação.

— Eu sei.

Encerrei a ligação e me preparei para ir para casa. Sabia que quando eu chegasse haveria uma revolução. O pai dela em minha casa limitava muito meu poder de discussão com Vivian, não que isso não nos impedisse de brigar de vez em quando, mas eu sabia que ele seria apenas mais um a lutar ao lado dela.

Você é importante

— Quando eu cheguei em casa, uma revolução tinha se instaurado no local. Não apenas Vivian e James me esperavam, mas também Nicholas, Emily, Nicole, e George estavam ali. Achei que eles sacariam um bolo de algum lugar e começariam a cantar “parabéns para você” a qualquer minuto, mas aquilo não era uma festa surpresa. Pelo menos a cara de poucos amigos de Nicholas não parecia ser a de alguém pronto para comemorar.

— Boa... Noite? – comecei cauteloso – Estamos comemorando alguma coisa?

— Até poderíamos estar – Vivian começou – mas vai depender muito de você, James. Aqui estão todas as pessoas que se importam com você. Todo mundo aqui te ama de diferentes maneiras e todas querem o seu bem. Todas estas pessoas sabem pelo que você está passando – olhei para Vivian assustado, ela tinha contado... – Sim, James. Eu contei, todas essas pessoas conhecem o problema pelo qual está passando. Quando eu te pedi, você não quis nem discutir sobre as formas de te ajudar. Agora eu sei que ainda há uma esperança, ser transplantado. E se quiser me dizer não, vai ter que fazer isso diante de todo mundo aqui.

Vivian parecia tão mulher, nesse momento. Não que antes ela não fosse, mas é o nível de maturidade dela que simplesmente pareceu atingir algum nível altíssimo muito maior do que o meu.

— James, - Nicholas falou e veio até mim. Tomando a pasta de minhas mãos, ele me fez andar até o sofá. Eu não estava fraco, mas agradeci-lhe o apoio. Era sinal de preocupação. Preocupação evidente – todos nós aqui queremos seu bem. Ande, sente-se. Precisamos conversar.

— Ao que parece, não há muito o que discutir. Eu sou voto vencido.

— Nada disso. Você é o voto que mais importa. – Vivian falou. Então começou um falatório na sala que eu não estava preparado. Todos, desde o menor até o maior estavam envolvidos na explicação do doutor George sobre meu estado, sobre como minha vida melhoraria muito depois que eu fosse transplantado. Sobre como a máquina que chegaria – que o pai de Vivian tinha comprado – mudaria a minha vida e aumentaria muito minha qualidade de vida, já que eu não precisaria ir aos hospitais.

Nicole tinha deslizado do colo de Emily e tinha vindo para o meu. A pequena garota de olhos azuis iguais aos de Emily, por consequência iguais aos meus, e de cabelos loiros, tinha recostado o corpinho pequeno ao meu corpo e caído no sono, mesmo com tanta conversa em alto som por toda parte.

Eu deslizava o dedo cuidadosamente pelas bochechas rosadas, uma delas com uma cicatriz recente de uma das estripulias dela enquanto corria no quintal e eu senti uma pontada de uma dor no fundo de mim. Eu estaria deixando aquelas pessoas em breve. Eu não conseguiria ver Emily se tornar uma mulher de cabelos grisalhos, também não conseguiria ver Nicole se tornando uma linda

garota em seu primeiro dia de aula. Eu tinha tanto, mas tanto medo disso.

Eu sei que deveria ter prestado atenção no que me falavam, mas eu apenas olhava as pessoas se movendo, olhando para mim, seus lábios articulando as palavras, mas quase não ouvia nenhum som. Eu não estava interessado nas palavras por que tudo que eu conseguia fazer naquele momento era sentir. Sentir meu peito apertando por saber que em breve, talvez, eu não estaria mais olhando aquelas pessoas. Que eu não teria a chance de ir com Vivian ao orfanato e ao fórum para adotar uma criança, como tínhamos prometido um ao outro, que eu não conseguiria cumprir a minha palavra e envelhecer ao lado dela. Isso era uma droga.

Não é a melhor coisa do mundo ter um relógio sobre sua cabeça em contagem regressiva. Obviamente eu não o tinha, mas era assim que eu me sentia. Cada vez que eu me levantava, eu sabia que eu estava um dia mais perto da morte. Pode ser assim com todos os mortais, mas eu sabia que minha “ampulheta da vida” tinha uma vazão bem maior.

Quando eu consegui convencer a todos com os meus sinais de que eu estava cansado demais, a casa foi esvaziando. Como o quarto de hóspedes, antigo quarto de Emily, estava ocupado, a família Theodoridis precisou ir a um hotel. Mesmo com a insistência de meu sogro para ceder-lhes o lugar e sair da sala, eles preferiram ir, pois precisavam de um bom espaço para Nicole, já que ela estava bastante travessa.

Quando entrei no quarto, deitado na cama, depois de ter tomado um banho com minha esposa, observei-a fazer seu ritual de beleza noturno. Era sempre a mesma coisa, e não estou reclamando. Há algo de fascinante em ver uma mulher cuidar de si mesma que eu não sei explicar. Havia cinco cremes sobre a penteadeira dela, cada um com um número diferente, e ela ia fazendo o passo-a-passo como foi ensinada talvez desde muito cedo.

— O que foi? – Vivian perguntou quando me surpreendeu olhando-a.

— Estou admirando minha mulher, com licença – eu sorri – não sabia que era proibido.

— Olhar não é de maneira alguma – ela guardou os cremes depois de ter terminado o seu cuidado – eu me pergunto se as outras coisas estão proibidas.

— Coisas? – perguntei animado, captando seu humor.

— Sim. Eu estou sentindo um pouco de falta, sabe do que? – ela sussurrou uma obscenidade ao meu ouvido.

— Posso adivinhar. Não pode me culpar, estava bem mal estes dias, mas estou pronto para redimir meu erro agora mesmo.

Girei-a sobre a cama. Eu me senti ligeiramente cansado com o esforço, mas de maneira alguma eu me impediria de amar Vivian como ela merece ser amada.

— Há uma frase... – Vivian sussurrou entre beijos – uma frase que me faria ter um orgasmo quase instantâneo.

— Posso adivinhar qual seja – brinquei enquanto deslizava meus lábios por seu pescoço e seu colo. Embebendo-me em sua pele antes de voltar e sussurrar ao seu ouvido – Seria eu te amo?

Vivian suspirou enquanto respondeu de volta – tente novamente.

— Seria... – mordi de leve o lóbulo de sua orelha e brinquei com a pele entre meus dentes – você me deixa louco?

— Nada, tente outra vez – ela pegou meu rosto e aprofundou o beijo da

forma que queria. Eu correspondi conforme nosso desejo mútuo. Vivian me causava sensações tão diferentes, tão distintas, todas elas tão boas, eu não sei como um dia conseguirei viver sem tê-las.

— Eu vou assinar os papéis – falei num tom mais baixo, quente, porém sério. Vivian respirou profundamente e parou as carícias para me fazer olhar para ela. Minha mão impertinente ainda não obedecia ao seu comando, bem como partes específicas do meu corpo.

— Não brinca comigo, James...

— Eu não estou brincando. Eu poderia deixá-la para viver com alguém inteiro, mas já que me quer quebrado, bom, eu espero que isso dê certo e que eu ainda te incomode por muito tempo.

— Não imagina o quanto eu estou feliz em ouvir isso.

— Ah, imagino sim. Estou esperando seu orgasmo instantâneo... – eu sorri.

Vivian fez uma careta enquanto simulava um orgasmo arrancando risos de nós dois. Eu a amava, era muito difícil pensar que algum dia eu tinha cogitado a possibilidade de não estar ao seu lado.

— Agora, - eu disse – vamos tratar de lhe dar um orgasmo de verdade...

Paredes brancas e frias

Desta vez eu não precisei vir ao hospital por causa de um mal estar repentino ou por que precisava fazer a hemodiálise. Desta vez eu tinha vindo por livre e espontânea vontade (pressão) e estava disposto a começar a enorme bateria de exames que eu teria pela frente para conseguir, ao final de tudo, talvez, um rim novo, ou o par se eu tivesse sorte.

Exames dos mais diversos tipos foram feitos, todos levando em conta coletar a maior quantidade de dados possíveis sobre meu estado para meu futuro doador. Para tanto, eu precisei ficar internado por alguns dias.

O pai de Vivian tinha feito questão de suprir uma parte dos gastos, já que eu não aceitei que ele pagasse tudo por inteiro. Meu plano de saúde tinha me proporcionado algum conforto. Eu tinha direito a um quarto privativo e visitas dos meus acompanhantes diariamente, quando eu quisesse. O que acabou tornando a rotina de todo mundo um caos. Nicholas, Emily e Vivian se revezavam entre os cuidados com os negócios, com Nicole e comigo. Meus pesadelos tinham se tornado realidade, eu tinha me transformado num estorvo.

Eu tinha passado por uma nova série de exames nesta tarde e estava aproveitando para ver o sol se esconder da noite que chegava enquanto observava Vivian dormir na cama auxiliar ao lado da minha cama hospitalar. Ela estava oculta por uma tonelada de lençóis e travesseiros, talvez seja esse o motivo de minha visita não tê-la visto quando entrou e ter entrado numa conversa tão íntima como se ninguém mais estivesse lá dentro.

— James, gostaria de conversar.

— Erick? O que faz aqui?

— Eu tinha procurado você na sua casa, mas o seu sogro me disse que estava aqui. Eu consegui entrar, mas ainda vou precisar da sua autorização para permanecer. Eu posso ficar?

— Você já está aqui. Pode falar.

— Eu quero ajudar, James. Eu quero saber o que está acontecendo. Eu odeio que eu esteja sendo excluído, odeio que eu mesmo tenha me excluído desse círculo de convivência. Eu sei que as coisas estão complicadas demais para você e.... Porra, você era meu amigo. Vocês eram meus amigos, além de vocês, eu não tive ninguém mais em quem eu pudesse confiar.

— Christie.

— Eu já dei a Christie o que ela quer. Assinei a droga do divórcio, ela vai

receber o que é justo, nem um centavo a mais.

— E o que quer que eu faça?

— Não sei. Me diz o que eu posso fazer.

Olhei para mim mesmo, olhei discretamente para Vivian deitada no chão. Ela estava de olhos fechados, dormindo. Descansando de todo o trabalho que eu lhe dava. E eu bateria em mim mesmo se eu pudesse, mas eu tinha que falar algo que já estava engasgado no fundo de mim há algum tempo.

— Eu vou ter que esperar um transplante de órgãos. As filas são imensas, Erick. E eu não sei se eu conseguirei sobreviver a essa espera. Testes foram realizados, Vivian não é compatível comigo. O pai dela também não. Emily não pode doar, ela ficaria muito comprometida com o hospital e não conseguiria cuidar de Nicole direito, e eu jamais exigiria tal coisa dela. Eu vou para a fila, o que pode durar anos. E eu não sei se aguentarei eles.

— Não fala uma coisa dessas, você é forte. Você vai conseguir.

— Eu tento ser, mas isso não depende apenas de mim. Depende de muitos fatores. E é ruim demais saber que seu próprio corpo não coopera com você.

— Eu não consigo imaginar.

— Eu sei. Por isso, eu preciso da sua ajuda também. Já que quer entrar nessa comigo, eu quero que saiba que vou precisar do seu apoio com Vivian. Quando eu estiver ficando cada vez pior, ela precisará de consolo e eu quero que ela tenha alguém com quem contar.

— E quer que esse alguém seja eu?

— Se não for você, será meu médico.

— Você está brincando, não é?

— Isso não tem graça, tem que ser uma brincadeira.

— Eu queria que fosse, mas não é. Eu não vou deixar que Vivian esteja desamparada, eu preciso do melhor para ela. Mesmo que eu consiga o transplante, minha expectativa de vida estará reduzida.

— Cala a boca, James. Não fale essas coisas. Todos estão te ajudando, eu vou te ajudar também. Não seja idiota. Eu posso ajudar vocês com o que for preciso, mas nisso não. Se há alguém que vai ficar com sua esposa, é você mesmo. Vamos dar um jeito nisso e você vai estar com setenta anos e lembrando dessa história e eu vou rir da sua cara.

— Eu não estou tão forte quanto pareço.

— Não importa. Está precisando de dinheiro? De uma casa maior? Uma casa mais confortável onde você terá os cuidados adequados?

— Não... Erick... Não – respondi – eu estou tendo todo o suporte necessário do pai de Vivian. Sergei Cristall. Ele tem me ajudado com tudo o que preciso e já comprou até uma casa maior para a filha perto do centro da cidade, aqui mesmo em Yellowstone Hill. Ele quer fazer uma surpresa. Eu não posso aceitar mais dívidas que eu não possa pagar.

— O que é uma pena. Por que minha ajuda é de coração, não estou

esperando nada em troca. Eu apenas quero voltar aos tempos antigos. Eu preciso de um amigo, eu preciso dos meus amigos de volta.

— Tudo bem, eu aceito sua amizade.

— Senhores, eu permiti, mas os senhores sabem que não é possível que fiquem dois acompanhantes no quarto por tanto tempo – a enfermeira-chefe responsável por aquele andar entrou no meu quarto e falou calmamente, então virou-se para mim e me deu uma bronca – James, por favor, coloque a sua máscara. Eu não quero entrar aqui outra vez e ter que brigar com você.

— Tudo bem, Harriet, eu vou fazer isso.

— Eu posso voltar, James?

— Por favor.

Observei Erick sair e Harriet fechar a porta. Ela consegue parecer bem durona quando quer. E me deu uma nova bronca antes de ir esclarecendo os

motivos de eu não poder tirar minha máscara.

Fiz um sinal de positivo para ela e tornei a prestar atenção ao meu quarto. O sol tinha se posto quase totalmente, ainda havia alguns raios afogueados bem longe no horizonte, e eu comecei a prestar atenção à televisão que passava um jogo de basquete. Isto até ouvir a voz de Vivian.

— James, eu não quero que faça isso de novo – ela se levantou e se colocou de pé ao meu lado, seu olhar parecia não apenas irritado, mas triste – nunca mais decida minha vida, nossa vida, sem me consultar. Eu não quero ninguém, eu quero você. Nunca mais me ofereça como se eu fosse um móvel que você vai deixar em herança para alguém.

— Vivian, não foi essa minha intenção – eu falei retirando a máscara rápida.

— Coloca a bosta da máscara, James. Eu não quero te deixar, eu realmente não quero, mas quando você faz esse tipo de bobagens, eu fico com vontade de fazer exatamente isso.

Triste partida

VIVIAN

A vida tinha se tornado aparentemente normal. A nova rotina de James permitia que ele ficasse menos tempo no hospital e a máquina que meu pai comprou para James, tinha se tornado uma companhia da qual ele se envergonhava.

James odiava ser cuidado, odiava se sentir frágil, mas, desde que o esforço dele tinha que ser evitado e a mobilidade dele tinha se tornado reduzida por causa da máquina que ajudava a filtrar o sangue dele, ele tinha se tornado ainda mais dependente de todos ao seu redor.

Meu pai ajudava James a entrar na banheira, e eu lhe despia para dar-lhe banho. Quando Emily estava na cidade, o que ela fazia todo final de semana, ela ralhava com James para que ele comesse a dieta correta, rica em nutrientes que lhe tinha sido passada. Nicholas barbeava James e cortava o cabelo dele quando necessário. James estava se sentindo muito abatido para sair. E as dores abdominais aumentavam gradualmente à medida que ele mais se esforçava. Os médicos estavam lhe dando a medicação correta, mas, mesmo assim, a situação dele parecia se agravar cada vez mais.

Quando eu acordei, era madrugada. Eu tinha ouvido gemidos leves ao meu

lado, logo soube que James estava sentindo dor. A cabeça dele doía muito, talvez por causa da medicação, talvez por causa da preocupação, mas ele costumava acordar trincando os dentes de tanta dor.

Desta vez foi diferente. Muito diferente. Eu peguei os remédios para lhe administrar, mas James parecia fraco, fraco demais para que ele conseguisse ao menos engoli-los. Eu precisei trocar a medicação por uma de via intravenosa e apliquei-lhe da forma como o doutor George tinha me ensinado.

— James, está sentindo alguma dor? – era uma pergunta idiota, mas ele soube que eu me referia apenas à outras dores que não a dor de cabeça.

Ele moveu a mão com cuidado para a cabeça e o esforço o fez arfar. Eu entendi que era apenas a cabeça que doía. James ainda mantinha os olhos fechados e quando os abriu, um pavor encheu meu corpo. Um pavor que eu não consegui esconder, pois lágrimas correram do meu rosto sem que eu pudesse contê-las.

Os olhos azuis de James tinham mais escuridão que quaisquer olhos negros que eu tenha visto antes. Os cílios dele escondiam um pouco dessa escuridão, mas ela ainda estava lá, latente. E eu posso jurar que naquele momento a morte se aproximava faminta a passos largos.

Abracei James pela cintura, tomando cuidado de não bater nos fios que o ajudavam a manter vivo. Os fios que o ligavam à máquina portátil que lhe ajudava a filtrar o sangue e dispensavam sua urina. E eu descansei um pouco sobre ele, com meu rosto colado ao seu peito, ouvindo a frágil batida de seu coração e o som de sua respiração que ia acalmando devagar enquanto o remédio surtia efeito e aplacava a dor.

Ele conseguiu descansar novamente.

Quando notei que ele não precisaria de mim por algum tempo, desci para preparar o café-da-manhã. Eu tinha que fazer uma sopa leve para James, e já tinha os legumes picados desde o dia anterior. Meu pai não sabia cozinhar, e hoje eu estava sozinha. Então fiz o meu melhor possível. Emily tinha me ajudado bastante, mas não era como se o meu nervosismo por conta de toda a situação me permitisse ficar lembrando a receita sem erros.

Meu pai apareceu na cozinha. Deve ter ouvido a minha luta com as panelas e veio para perto de mim. Me abraçou tão forte, que eu senti que ia desmanchar no abraço dele e foi tão bom. Então ofereceu sua ajuda. Lutamos os dois com as panelas e o fogão e ao final a sopa até que ficou com um gosto agradável. Levando em conta que James não podia comer sal, óleos ou qualquer tipo de gordura por enquanto, ela tinha um bom sabor.

Batemos o cozido de legumes no liquidificador e eu congelei uma porção da sopa, colocando a outra num pote que eu levaria para James comer assim que

ele acordasse.

O celular do meu pai tocou e eu vi o rosto dele, que me passava confiança, ficar mais alvo que a cor das paredes atrás dele e o seu corpo musculoso buscar apoio com alguma relutância.

— Pai...

Ele fez um sinal para que eu fizesse silencio enquanto eu ouvia o seu respirar ficando acelerado. Quando a pessoa do outro lado da linha terminou de falar, ele deu uma ordem: — Faça os exames de compatibilidade. Não podemos deixar que isso aconteça.

Ele guardou o celular no bolso da bermuda que usava. Não era que ele fosse viciado, mas, não importava a hora da noite, meu pai sempre recebia ligações para autorizar ou desautorizar compras de ações, ou para ser questionado sobre possíveis movimentações em seus negócios nas filiais do outro lado do mundo. Desta vez, porém, eu soube que a situação não tinha nada a ver com negócios no momento em que vi seu ser inteiro praticamente colapsar.

— O que houve, pai?

Sergei precisou respirar fundo antes de conseguir falar num tom calmo e saudosista: — Sua mãe. Acabei de ser informado que ela faleceu.

— O que?! – eu falei alto demais, então controlei meu tom de voz, James não precisava desse tipo de preocupação – Como isso aconteceu? Isso só pode ser uma brincadeira de má gosto. O que está querendo dizer com isso, pai?

— Não, não é brincadeira. Sua mãe estava saindo de uma das festas as quais ela não podia deixar de frequentar nos últimos tempos. Ela estava chegando em casa... Bom, não me explicaram muitos detalhes, como pode ver a ligação foi rápida. Ela sofreu uma espécie de acidente.

— De carro?

— Não sei, vou ter que confirmar.

— E sobre o que o senhor falava? Sobre que exames de compatibilidade se referia?

— Vivian...

— Pai, por favor, me fala.

— Sua mãe morreu, Vivian. Ela sempre a tratou com desprezo toda a sua vida. Acho que é hora de ela tentar se redimir pelo menos um pouco. Farão os exames de compatibilidade com James. Ela é uma possível doadora.

Eu devia estar triste, e eu estava triste. Minha mãe tinha morrido, não tivemos a possibilidade de nos despedir, de ficar de bem. Mas, essa pequena esperança que me sorriu agora, parecia sobrepujar a tristeza e em meio a esse inferno que tinha se tornado a minha vida, eu consegui sorrir.

Fechei os olhos e encomendei a alma de minha mãe ao Senhor enquanto lhe agradecia pela possibilidade de dar salvação ao meu marido.

Uma nova esperança

VIVIAN

James tinha sido levado ao hospital. A vida parecia estar me sorrindo novamente, minha mãe era compatível. Os exames comprovaram que tudo poderia estar caminhando para dar certo. James tinha se enchido novamente da esperança que ele tinha perdido e eu estava adorando ver meu marido animado.

Minha mãe, estava saindo de um desses eventos os quais meu pai tinha me falado e estava chegando em casa, quando teve um mal súbito. Levaram-na ao hospital mais próximo de carro, já que o helicóptero não recebeu autorização para voo naquela noite, este o motivo de ela não ter voltado para casa em sua libélula gigante, mesmo assim os médicos não puderam fazer muita coisa. Elizabeth tivera um AVC hemorrágico e faleceu seis horas depois de dar entrada no hospital.

Eu deveria estar triste, claro que deveria, e sinto que estou. Em alguma camada debaixo de toda a minha camada de raiva eu estou, e de decepção talvez. Afinal de contas, minha mãe não seria minha mãe se ela não tivesse nos surpreendido com uma notícia de última hora que chocou-nos todos.

James já estava na sal de cirurgia, pronto para receber os órgãos, já que meu pai com seus contatos conseguira a autorização para uma doação direta, quando

precisaram parar a cirurgia. Um advogado chegou, com papéis em mão, mostrando que há certo tempo, para ser mais específica, desde o dia em que eu fui à casa dela e contei sobre James a meu pai, ela tinha mudado seus documentos e feito uma alteração do seu status. Ela tinha proibido, em documento, terminantemente, a doação de seus órgãos.

O choque que eu sofri, bem como de toda a equipe médica, eu acho, foi imenso. James já estava sedado e já estavam a ponto de fazer-lhe a incisão, quando o informe foi dado e a cirurgia foi parada.

Meu pai pareceu também não acreditar que minha mãe tinha conseguido ser cruel a esse ponto. Ele também não chorava, disse que lamentava a morte de Elizabeth, mas que não a sentia. Que achava que jamais seria capaz de sentir.

Nicholas, veio ao hospital. Ele queria estar perto de James num momento complicado como esse, e estava tão perplexo quanto o resto de nós. Ele não sabia o que dizer, na verdade nenhum de nós sabia. Apenas conseguíamos sentir essa onda de tristeza misturada à impotência por não podermos ajudar.

Passaram-se algumas horas, James já estava no quarto. Os médicos o tinham tirado do efeito da anestesia, e agora ele dormia esperando o cansaço do corpo que não conseguia manter a si mesmo sumir para poder despertar.

Eu estava ao lado dele na cama, deitada com ele em seu leito. Minha mão repousando de leve sobre seu braço cheio de hematomas e inchaços. Minha pele parecendo tão saudável contra a dele pálida e quase sem vida, num tom azulado, mas mesmo assim quente.

Senti a respiração de James alterar e soube que ele estava acordando.

— James... Achei que fosse dormir o dia todo.

— Eu dormi muito tempo?

— Sim, sim. Umas dez horas.

— Deve ser por isso que me sinto tão mal. Estou enjoado.

— Pode ser, quer sentar?

— Quero.

Apertei o botão da cama, depois de descer dela, e James ficou numa posição bem melhor que a que estava antes. Agora, meio sentado, ele conseguiu vencer o enjoo.

— Como foi a cirurgia? – ele perguntou. Mesmo tendo dormido dez horas, ainda conseguia perceber que ele estava meio grogue.

— Oh, James. Não ouve cirurgia, infelizmente.

— Por que? O que houve? – perguntou tentando fazer um esforço, mas ao não conseguir sentar, recostou-se outra vez na cama – O que deu errado?

— Nada, absolutamente nada deu errado. Apenas acharam que não é o momento certo. Haverá novas oportunidades.

— Eu não sei se aguentarei, Vivian.

— Ah, mas vai ter que aguentar. Eu não casei para ser viúva – brinquei – agora coloca a sua máscara. Há gente lá fora querendo te ver.

— Vocês não vieram se despedir de mim, né? Eu não estou morrendo, ainda não.

— Não fale besteira. Claro que não. Apenas gente ansiosa querendo conversar contigo.

— Quem?

— Nicholas, meu pai, Erick.

— Oh, e Emily?

— James, não se passaram dias. Apenas horas, Emily está com Nicole, você sabe. O resfriado era na verdade catapora e de maneira alguma você pode entrar em contato com qualquer vírus agora.

— Eu sei. Por que tenho a impressão que dormi dias?

— É apenas uma impressão. Vou chamar os visitantes. Como só pode ficar uma pessoa aqui, eu vou ter que sair. Mas, se precisar de mim, me chama. Eu vou estar aqui do outro lado da parede.

— Ok. Me dá um beijo.

— Quantos quiser.

Eu lhe beijei por sobre a máscara e ele reclamou, então baixei de leve a máscara e lhe beijei. Colocando-a no lugar antes de tentar sair. Eu digo tentar, por que eu mal tinha dado um passo em direção à porta, e uma equipe médica entrou na sala quase me empurrando para o lado.

— Ei, ei – eu reclamei – o que está acontecendo? Para onde irão levar James?

— O senhor Carter está recebendo um transplante direto. Achamos alguém

compatível.

— Como assim? Não estou entendendo.

— Um doador vivo. Alguém vai doar um dos rins para seu marido, senhora Carter.

Estou com você

Há algo diferente em estar andando por estes corredores agora. Algo como uma premonição, por que eu sei que tudo acabará bem. As luzes do corredor parecem estar passando por cima de mim em câmera lenta. Eu vejo o rosto de Vivian tentando acompanhar os maqueiros. Ela chora, mas também sorri. Ela me olha com olhos de amor, e é a coisa mais linda que eu já vi na vida.

Eu lhe dou um sorriso sincero, e espero que ela o veja por detrás da máscara de oxigênio que eu estou usando. Acho que ela vê, por que se inclina sobre mim e me dá um beijo apressado antes que eu passe pelas portas vai-e-vem que dão para a sala de cirurgia.

Eu sou despido e os médicos me colocam lateralmente na mesa de cirurgia. Eles me explicam novamente o que vai acontecer e eu confirmo que entendi. O som das portas é ouvido novamente e meio minuto depois o meu doador é colocado numa maca ao lado da minha. Meu peito arde de emoção e felicidade, de gratidão e de toda sorte de sentimentos que se pode ter por alguém que está salvando sua vida.

— Erick... – Eu tento ainda falar, mas sou tomado por um sono que me arrasta devagar e percebo que estou sendo anestesiado novamente. É a mesma sensação que senti antes, porém desta vez consegue ser melhor. Por que sei que meu amigo está me ajudando.

O amigo que eu achei que havia perdido, voltou por mim.

Erick estende a mão e segura a minha com força antes que eu caia no sono da cirurgia.

— Eu estou com você nessa, irmão.

As luzes se apagam. Eu estou anestesiado. E eu sonho. Acho que os médicos colocaram música clássica para tocar, por que no meu sonho eu estou valsando com os anjos e Vivian é um deles.

Sim, Vivian é um dos anjos. Ela me salvou, ela só pode ser um deles. Espero que ela consiga me explicar e me levar a ver a oitava cor do arco-íris. Por que eu vou me recuperar agora. Por causa dela. Para ela.

Epílogo

Minha recuperação está sendo progressiva. Mesmo assim, minha vida já está infinitamente melhor do que a que eu tinha antes. A máquina de hemodiálise portátil está aposentada por uns tempos. A medicação que eu tomo para que o órgão não seja rejeitado não me causa tantos efeitos colaterais quanto as que eu tomava antes.

Erick estava fazendo tudo às escondidas. Quando ele me visitou no hospital a primeira vez, ele já tinha ido fazer os testes de compatibilidade. Ninguém ficou sabendo. Na verdade, ele esperava que ninguém soubesse, mas eu o vi na sala de cirurgia.

Esta foi uma ótima forma de redenção para ele e também para mim. Que recebi ajuda de onde menos esperava. Em algumas horas eu estarei indo para casa. Eu consegui vencer esta batalha, com a ajuda de tanta gente que eu nem imaginei que gostasse de mim, eu consegui.

Quando esta história começou eu tinha três possíveis finais. Ou eu deixaria Vivian, ou ela me deixava. Ou ainda, eu morreria. O que eu não poderia contar, era que eu tinha um quarto final que não dependia de mim. Este final dependia totalmente dela. A mulher que me provou em todos os momentos o que é o amor verdadeiro. Que me provou, em todos os momentos, que sua confiança em mim e no meu sentimento era ainda maior do que eu poderia contar.

Vivian tinha um final na manga que não seria desperdiçado e este era o seguinte: Nós viveríamos juntos, felizes até onde o sempre fosse permitido, e não iria desistir sem lutar.

Eu agora sei por que ela entrou em minha vida. Para me dar forças, para me ensinar a ser menos teimoso, para cuidar de mim e, acima de tudo, por que ela tinha escrito o melhor final.

Bônus

VIVIAN

— Eu preciso conversar contigo, Vivian – Julianne me chamou quando eu estava contando pela terceira vez a quantidade de sacolas de papel com o logotipo, eu não podia ser pega desprevenida como tinha acontecido na última semana.

— Fala...

— Você precisa parar de contar isso, está me dando nos nervos...

— Vinte e seis, vinte e sete....

— Vinte e oito, vinte e nove, trinta! – Julianne tomou as sacolas de minhas mãos e terminou o trabalho para mim. – pronto, tem que encomendar pelo menos mais cinquenta sacolas antes da promoção de natal que está chegando.

— Eu sei. E então, que papo é esse que está te deixando aflita, por que eu já estou ficando nervosa também.

— Ok, não há meios de contar isso de maneira fácil.

— Pois pode contar da maneira difícil, eu sou uma rocha, descobri isso recentemente.

— Eu sei.

Julianne deu a volta no balcão e então veio para perto de mim. Ela pegou minhas mãos e falou gentilmente.

— Eu já pensei muito, e não quero ser egoísta com ninguém.

— Pois conte, mulher, já está me dando nos nervos.

— Vivian, eu estou grávida.

— Oh... Meu... Deus! – comemorei – Oh, Deus! Você está grávida?! Eu vou ser titia?

— Não, Vivian. Você não vai ser titia.

Julianne me deu um olhar que poderia dizer muitas coisas, talvez choque tenha passado pelo meu rosto. E ela entendeu que eu compreendi o que ela quis dizer.

— Julianne, você vai tirar esta criança?

— Ainda é um monte de células...

— Eu sei, mas vai virar uma criança. Não pode fazer isso.

— Vivian, eu não tenho estrutura para ser mãe. E eu nunca achei que seria. E para falar a verdade, eu não quero ser. Eu sei exatamente quem é o pai, e ele também já me disse que não quer um filho. Para falar a verdade, eu comprei estes brincos com o dinheiro que ele me deu para procurar uma clínica especializada.

— Não pode fazer isso, meu amor. Pense em tudo, tente olhar a situação de fora. Olha para mim! Eu também não estaria aqui se minha mãe tivesse ido em frente em sua resolução. Pense que um dia seu baby vai estar sendo a melhor amiga de alguém como eu sou a sua agora.

— Eu sei, não fale assim. Eu... Droga, eu tô chorando. Tá vendo o que isso faz comigo? Eu não sirvo para estar grávida. – ela enxugou as lágrimas e continuou – é por isso que eu tenho que falar com você. Eu não vou tirar esse baby, não quando...

— Quando...

— Quando eu vejo em seus olhos a frustração por não poder ter um filho.

— Não, nada disso! Você vai ser a mãe desse pequenino.

— Vivian! Me escute – Julianne não quis ouvir minhas objeções – eu não quero ser mãe. A única chance de eu não tirar esta criança, é se a mãe dela for você. Eu não vou tê-la para que ela viva jogada num orfanato qualquer.

— Julianne...

— Eu já me decidi. Podemos conversar com seu marido hoje. Ele é advogado, poderá fazer toda essa palhaçada da documentação. Eu estou grávida, Vivian, mas de um filho que será seu.

— Julianne... Você pode se arrepender um dia.

— Eu sei que posso, por isso quero que seja você. Sei que nunca me proibirá de ver o nosso filho. Oh, Deus, eu tenho que parar de falar assim. Parecemos um casal de lésbicas gostosas que vão ter um bebê de proveta.

— Quase isso – eu sorri – eu te pegava fácil.

— Ah, eu também. – Julianne brincou – mas estamos falando sério, vamos

voltar ao assunto. Eu tenho que decidir isso. Por que estou trabalhando com você há um tempo, e eu sei que minha barriga vai começar a aparecer e vai me prejudicar com o tempo, e eu preciso decidir. Por que depois que esta criança nascer, eu vou cair no mundo outra vez.

— Eu imagino... Julianne, mas James iria querer ter um filho dele também.

— Um dia conversaremos sobre barriga de aluguel, no momento eu tenho uma proposta a te fazer.

— Qual?

— Vivian, aceita ser a mãe do nosso filho?

— Julianne, sua louca. É claro que eu aceito.

Abraçamo-nos e eu acho que meu peito estava explodindo de felicidade nesse momento.

— Sabe que vai ter que fazer esse pedido para James também, né?

— Eu sei, estou nervosa. E se ele não aceitar?

— Impossível.

— E o pai dele?

— Ah, é um lutador de MMA. Eu tive um caso rápido, não conseguiria imaginar que as consequências seriam assim tão grandes.

— Eu fico feliz que elas tenham sido assim tão grandes. Deus, eu vou ser mamãe.

— Vai sim.

— Eu vou ter um treco.

— Vai nada. Que tal fecharmos a loja e irmos passear naquela loja de bebês no final da rua?

— Eu não teria ideia melhor.

SOBRE A AUTORA

BIOGRAFIA

DEISY MONTEIRO É Ludovicense, cristã, formada em Ciências Contábeis. Casada com João Garcia e mãe orgulhosa de Xansgudi e Xangudanga, um casal de gatinhos.

Poetisa por natureza, romancista por sorte. Escreveu seu primeiro livro de poemas aos quinze anos, mas só veio a publicá-lo mais tarde.

Seu primeiro romance foi Romance em East Valley, com o qual ganhou o prêmio internacional do “The Wattys” no ano de 2015 na categoria maior sorte de principiante. A série East Valley já conta com mais de meio milhão de leituras na internet.

Além destes, Deisy ainda publicou a série Escarlate, Cartas para Daniel, Fogos Surdos, O livre Arbítrio, Apostasia, entre outros.

Conheça as redes sociais da autora e leia seus livros inéditos.

Facebook

Facebook Page

Instagram

Twitter

Wattpad

Skoob

Wordpress

Pinterest

Como posso ser salvo? Por que preciso ser salvo?

Somos todos infectados com o pecado (Romanos 3:23). Nascemos com o pecado (Salmos 51:5), e todos nós pessoalmente escolhemos pecar (Eclesiastes 7:20, 1 João 1:8). O pecado é o que nos tira a salvação por nos separar de Deus e nos colocar no caminho para a destruição eterna.

Como posso ser salvo? Salvo de quê?

Por causa do nosso pecado, todos nós merecemos a morte (Romanos 6:23). Enquanto a consequência física do pecado seja a morte física, ela não é o único tipo de morte que resulta do pecado. No fim das contas, todo pecado é cometido contra um Deus eterno e infinito (Salmo 51:4). Por causa disso, a penalidade justa para o nosso pecado também é eterna e infinita. Precisamos ser salvos da destruição eterna (Mateus 25:46, Apocalipse 20:15).

Como posso ser salvo? Como Deus providenciou a salvação?

Já que a justa penalidade para o pecado é infinita e eterna, só Deus poderia pagá-la porque só Ele é eterno e infinito. No entanto, Deus, em Sua natureza divina, não podia morrer, por isso tornou-se um ser humano na pessoa de Jesus Cristo. Deus assumiu a carne humana, viveu entre nós e nos ensinou. Quando as pessoas rejeitaram a Ele e à Sua mensagem, ao ponto de procurarem matá-lo, Ele voluntariamente se sacrificou por nós, permitindo que o crucificassem (João 10:15). Porque Jesus Cristo era humano, Ele podia morrer; e porque Jesus Cristo era Deus, a Sua morte tinha um valor eterno e infinito. A morte de Jesus na cruz foi o pagamento perfeito e completo para o nosso pecado (1 João 2:2). Ele tomou sobre Si as consequências que merecíamos. A ressurreição de Jesus dentre os mortos demonstrou que a Sua morte foi realmente o sacrifício perfeitamente suficiente para o pecado.

Como posso ser salvo? O que preciso fazer?

"Crê no Senhor Jesus e serás salvo" (Atos 16:31). Deus já fez tudo o que precisava ser feito. Tudo o que você deve fazer é receber, em fé, a salvação que Deus oferece (Efésios 2:8-9). Totalmente confie somente em Jesus como o pagamento por seus pecados. Acredite nele e você não perecerá (João 3:16). Deus está lhe oferecendo a salvação como um dom. Tudo que você tem a fazer é aceitá-la. Jesus é o caminho da salvação (João 14:6).